



SISTEMA FARIAS BRITO DE ENSINO

PRÉ-UNIVERSITÁRIO TURBO 6.0

- LINGUAGENS E CÓDIGOS
- CIÊNCIAS HUMANAS

VOLUME
2



LIVRO
I

 MODERNA



SISTEMA FARIAS BRITO DE ENSINO

PRÉ-UNIVERSITÁRIO

VOLUME

2

TURBO 6.0 – LIVRO I

- LINGUAGENS E CÓDIGOS
- CIÊNCIAS HUMANAS



SISTEMA FARIAS BRITO DE ENSINO

Direção-geral: Tales de Sá Cavalcante, Hilda Sá Cavalcante Prisco, Dayse de Sá Cavalcante Tavares

Direção administrativa: Patrícia Teixeira

Direção técnica: Fernanda Denardin

Gerência executiva: Danielle Cabral

Direção de ensino: Marcelo Pena

Gerente editorial: Rafael Craveiro

Supervisão pedagógica: Dawison Sampaio

Iconografia: Amanda Pinto, Kelly Lopes, Tatielly Farias

Projeto visual: Felipe Marques, Franklin Biovanni, Paulo Henrique dos Anjos, Raul Matos

Projeto gráfico, revisão e editoração: Gráfica FB

EDITORA MODERNA

Diretoria-geral de educação: José Henrique del Castillo Melo

Diretoria de negócios: Francisco Ribamar Monteiro

Diretoria de operações editoriais: Ricardo Seballos

Gerência de design e produção gráfica: Everson Laurindo de Paula

Coordenação de conteúdo: Jones Brandão

Coordenação de produção: Rafael Mazzari

Design da capa: Mariza de Souza Porto, Patricia Malízia

Foto: IR Stone/Shutterstock

Impressão:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:

Bibliotecárias responsáveis: Raquel Hernandez Silva – CRB-3/950,

Lianna Cláudia Barbosa Costa – CRB-1/391, Lúcia Mara Nogueira Braga – CRB-3/880

Autores:

Adriano Rodrigues Bezerra, Alexandre Andrade de Lima, Ana Paula Soares Ramos, Anquisis Moreira Silva, Antonio Ademilton Pinheiro Dantas, Dawison Ponciano Sampaio, D'Laías Moraes de Oliveira, Francisco Erionilton Ivo de Sousa, Francisco Souza Nunes, Hermeson Carvalho Veras, Paulo Sérgio Lobão da Costa, Pedro Antonio Queiroz Fernandes, Victor Alan Andrade Marques, Zilfran Varela Fontenele.

Os textos aqui veiculados são de inteira responsabilidade de seus autores.

Fica proibida a sua reprodução total ou parcial, sob pena de detenção.

Lei nº 9.610/98 e art. 184 do Código Penal.

P397p
CDD 373

Pena, Marcelo

Pré-universitário: turbo 6.0, volume 2: linguagens e códigos, ciências humanas, livro I / Marcelo Pena, organizador. – 4. ed. – Fortaleza: FB Editora, 2020.

2 v. (várias paginações) : il.; 29 cm. – (Pré-universitário turbo 6.0; v. 2. Linguagens e Ciências humanas; livro I)

Obra em 6 volumes

ISBN 978-85-8420-152-5

1. Educação (Ensino Médio). 2. Enem. 3. Linguagens e códigos. 4. Ciências humanas. I. Título: Turbo 6.0, volume 2, linguagens e códigos, ciências humanas, livro I.

Caro Estudante,

Este material didático, estruturado segundo as Matrizes de Referência do Enem, segue o seu principal eixo norteador, que é aproximar os conteúdos teóricos de sua aplicação em nosso cotidiano.

Aqui, você encontrará exercícios direcionados ao exame, além da interação com outros importantes recursos pedagógicos, como a resolução dos exercícios propostos e de fixação no Portal SFB. Tudo parte integrante de um Projeto maior de Pré-Vestibular pensado para garantir o seu ingresso na Universidade.

E, com a evolução dos processos seletivos, mais do que nunca, faz-se necessário ir muito além da aquisição de informações. É preciso apropriar-se delas, saber com clareza quando, como e para que finalidade elas servirão e reconhecê-las nas mais simples situações do nosso dia a dia, ou seja, transformá-las em conhecimento.

Por isso, as competências e habilidades referentes a essas Áreas do Conhecimento foram distribuídas de maneira a facilitar o seu estudo.

Da mesma forma, o quadro-síntese, apresentado abaixo, foi elaborado para que você entenda melhor, e de maneira bem objetiva, a estrutura do Enem.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA MATRIZ DE REFERÊNCIA PARA O ENEM

EIXOS COGNITIVOS (comuns a todas as áreas de conhecimento)

- I. **Dominar linguagens (DL):** dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica e das línguas espanhola e inglesa.
- II. **Compreender fenômenos (CF):** construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.
- III. **Enfrentar situações-problema (SP):** selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.
- IV. **Construir argumentação (CA):** relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.
- V. **Elaborar propostas (EP):** recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

MATRIZES DE REFERÊNCIA (ÁREAS DO CONHECIMENTO)	ENEM										
	EIXOS COGNITIVOS										
	I DL DOMINAR LINGUAGENS	II CF COMPREENDER FENÔMENOS	III SP ENFRENTAR SITUAÇÕES-PROBLEMA	IV CA CONSTRUIR ARGUMENTOS	V EP ELABORAR PROPOSTAS						
	COMPETÊNCIAS DE ÁREA										
LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS	HABILIDADES	C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8	C9	
		H1 a H4	H5 a H8	H9 a H11	H12 a H14	H15 a H17	H18 a H20	H21 a H24	H25 a H27	H28 a H30	
MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS		C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7			
		H1 a H5	H6 a H9	H10 a H14	H15 a H18	H19 a H23	H24 a H26	H27 a H30			
CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS		C1	C2	C3	C4	C5	C6				
		H1 a H5	H6 a H10	H11 a H15	H16 a H20	H21 a H25	H26 a H30				
CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS		C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8		
		H1 a H4	H5 a H7	H8 a H12	H13 a H16	H17 a H19	H20 a H23	H24 a H27	H28 a H30		

* 5 EIXOS COGNITIVOS

* 4 MATRIZES DE REFERÊNCIA

* 6 A 9 COMPETÊNCIAS POR MATRIZ DE REFERÊNCIA (COMPETÊNCIAS DE ÁREA)

* 30 HABILIDADES POR MATRIZ DE REFERÊNCIA = 120 HABILIDADES

SUMÁRIO

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA PORTUGUESA I

AULA 06: O PERCURSO DA ARTE I: DA PRÉ-HISTÓRIA AO GÓTICO	2
AULA 07: O PERCURSO DA ARTE II: DO RENASCIMENTO AO NEOCLÁSSICO	16
AULA 08: TRABALHANDO A COMPETÊNCIA ARTÍSTICA EM EXERCÍCIOS DIVERSOS	31
AULA 09: A LINGUAGEM E A ESTRUTURA DA NARRATIVA CURTA	36
AULA 10: COMPREENSÃO TEXTUAL II – VESTIBULAR EM ANÁLISE.....	46

LÍNGUA PORTUGUESA II

AULA 06: ARCADISMO I.....	52
AULA 07: ARCADISMO II.....	59
AULA 08: ROMANTISMO I.....	67
AULA 09: ROMANTISMO II	75
AULA 10: ROMANTISMO III	82

LÍNGUA PORTUGUESA III

AULA 06: A CARTA, A CARTA ABERTA E O MANIFESTO.....	88
AULA 07: ANATOMIA DE UMA REDAÇÃO NOTA 1000	98
AULA 08: COMO SELECIONAR E RELACIONAR IDEIAS E ARGUMENTOS	109
AULA 09: COMO FAZER UMA CITAÇÃO EFICAZ.....	118
AULA 10: COMO INTERPRETAR O TEMA E OS TEXTOS MOTIVADORES	129

LÍNGUA PORTUGUESA IV

AULA 06: PRONOME II	144
AULA 07: PRONOME III – EMPREGO DO PRONOME RELATIVO	150
AULA 08: PRONOME IV – EMPREGO DO PRONOME DEMONSTRATIVO.....	157
AULA 09: FUNÇÃO COESIVA DOS PRONOMES.....	164
AULA 10: TEMPOS E MODOS VERBAIS – CORRELAÇÃO DOS VERBOS	169

LÍNGUA PORTUGUESA V

AULA 06: O PATRIMÔNIO LINGÜÍSTICO.....	180
AULA 07: AS MODALIDADES ARTÍSTICAS ANCESTRAIS	187
AULA 08: A INTERTEXTUALIDADE E A METALINGUAGEM.....	193
AULAS 09 E 10: O IMPRESSIONISMO, O PÓS-IMPRESSIONISMO E A ARTE BRASILEIRA NO SÉCULO XIX.....	201

LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

LÍNGUA INGLESA

AULA 06: A RESOLUÇÃO DE QUESTÕES ESTILO ENEM	214
AULA 07: INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS ESTILO ENEM.....	218
AULA 08: INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS ESTILO ENEM.....	222
AULA 09: INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS ESTILO ENEM.....	226
AULA 10: REVISÃO DE GRAMÁTICA – PRONOMES RELATIVOS	230

ESPAÑHOL

AULA 06: ACENTUAÇÃO GRÁFICA	234
AULA 07: COMPREENSÃO DE TEXTO	236
AULA 08: APÓCOPE	240
AULA 09: COMPREENSÃO DE TEXTO	242
AULA 10: DIVERGÊNCIAS LÉXICAS.....	244

SUMÁRIO

CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

HISTÓRIA I

AULA 06: SOCIEDADE COLONIAL I – ÍNDIOS	2
AULA 07: SOCIEDADE COLONIAL II – NEGROS E BRANCOS	9
AULA 08: INVASÕES ESTRANGEIRAS	16
AULA 09: EXPANSÃO TERRITORIAL	22
AULA 10: CRISE DO SISTEMA COLONIAL	31

HISTÓRIA II

AULA 06: CIVILIZAÇÃO PERSA	40
AULA 07: FENÍCIA E CRETA	44
AULAS 08 E 09: CIVILIZAÇÃO GREGA	49
AULA 10: CULTURA GREGA E HELENISMO	60

HISTÓRIA III

AULA 06: MOVIMENTOS EUROPEUS DO SÉCULO XIX	70
AULA 07: UNIFICAÇÕES TARDIAS	79
AULA 08: ESTADOS UNIDOS NO SÉCULO XIX	80
AULA 09: EMANCIPAÇÃO DA AMÉRICA LATINA	101
AULA 10: IMPERIALISMO E NEOCOLONIALISMO	109

TEMAS E ATUALIDADES

AULA 06: A FORMAÇÃO DOS ESTADOS NACIONAIS	122
AULA 07: REGIMES POLÍTICOS E FORMAS DE GOVERNO	129
AULAS 08 E 09: OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	140
AULA 10: O MUNDO VIRTUAL	151

GEOGRAFIA I

AULA 06: CARTOGRAFIA II: ESTUDO DAS ESCALAS CARTOGRÁFICAS	160
AULA 07: CARTOGRAFIA II: PROJEÇÕES CARTOGRÁFICAS	167
AULA 08: GEOLOGIA I: ESTRUTURA DA TERRA	176
AULA 09: GEOLOGIA II: ROCHAS	185
AULA 10: ESTRUTURA GEOLÓGICA DO BRASIL	191

GEOGRAFIA II

AULA 06: COMPLEXOS REGIONAIS	202
AULA 07: MOVIMENTOS DA TERRA	212
AULA 08: FUSOS HORÁRIOS	219
AULA 09: GEOMORFOLOGIA I (AGENTES INTERNOS DO RELEVO)	224
AULA 10: GEOMORFOLOGIA II (AGENTES EXTERNOS DO RELEVO)	236

GABARITOS DOS EXERCÍCIOS PROPOSTOS	245
--	-----



LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

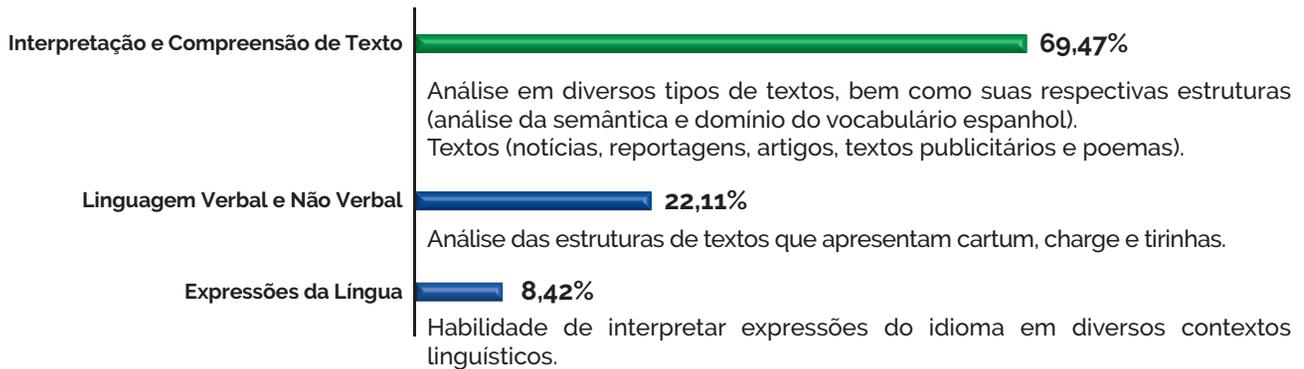
- LÍNGUA PORTUGUESA
- LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

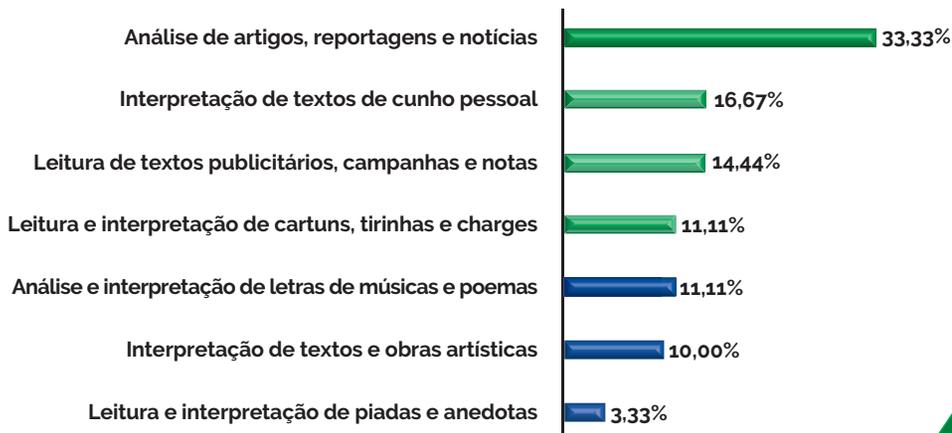
LÍNGUA PORTUGUESA



ESPAANHOL



LÍNGUA INGLESA



COMPETÊNCIAS, HABILIDADES E CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

COMPETÊNCIA DE ÁREA 1 – Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida.

- H₁ – Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação.
- H₂ – Recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens dos sistemas de comunicação e informação para resolver problemas sociais.
- H₃ – Relacionar informações geradas nos sistemas de comunicação e informação, considerando a função social desses sistemas.
- H₄ – Reconhecer posições críticas aos usos sociais que são feitos das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação.

COMPETÊNCIA DE ÁREA 2 – Conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais*.

- H₅ – Associar vocábulos e expressões de um texto em LEM ao seu tema.
- H₆ – Utilizar os conhecimentos da LEM e de seus mecanismos como meio de ampliar as possibilidades de acesso a informações, tecnologias e culturas.
- H₇ – Relacionar um texto em LEM, as estruturas linguísticas, sua função e seu uso social.
- H₈ – Reconhecer a importância da produção cultural em LEM como representação da diversidade cultural e linguística.

COMPETÊNCIA DE ÁREA 3 – Compreender e usar a linguagem corporal como relevante para a própria vida, integradora social e formadora da identidade.

- H₉ – Reconhecer as manifestações corporais de movimento como originárias de necessidades cotidianas de um grupo social.
- H₁₀ – Reconhecer a necessidade de transformação de hábitos corporais em função das necessidades cinestésicas.
- H₁₁ – Reconhecer a linguagem corporal como meio de interação social, considerando os limites de desempenho e as alternativas de adaptação para diferentes indivíduos.

COMPETÊNCIA DE ÁREA 4 – Compreender a arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.

- H₁₂ – Reconhecer diferentes funções da arte, do trabalho da produção dos artistas em seus meios culturais.
- H₁₃ – Analisar as diversas produções artísticas como meio de explicar diferentes culturas, padrões de beleza e preconceitos.
- H₁₄ – Reconhecer o valor da diversidade artística e das inter-relações de elementos que se apresentam nas manifestações de vários grupos sociais e étnicos.

COMPETÊNCIA DE ÁREA 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

- H₁₅ – Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- H₁₆ – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

- H₁₇ – Reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional.

COMPETÊNCIA DE ÁREA 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

- H₁₈ – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- H₁₉ – Analisar a função da linguagem predominante nos textos em situações específicas de interlocução.
- H₂₀ – Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

COMPETÊNCIA DE ÁREA 7 – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

- H₂₁ – Reconhecer, em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos.
- H₂₂ – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.
- H₂₃ – Inferir em um texto quais são os objetivos de seu produtor e quem é seu público-alvo, pela análise dos procedimentos argumentativos utilizados.
- H₂₄ – Reconhecer no texto estratégias argumentativas empregadas para o convencimento do público, tais como a intimidação, sedução, coação, chantagem, entre outras.

COMPETÊNCIA DE ÁREA 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

- H₂₅ – Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.
- H₂₆ – Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social.
- H₂₇ – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

COMPETÊNCIA DE ÁREA 9 – Entender os princípios, a natureza, a função e o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida pessoal e social, no desenvolvimento do conhecimento, associando-o aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte, às demais tecnologias, aos processos de produção e aos problemas que se propõem solucionar.

- H₂₈ – Reconhecer a função e o impacto social das diferentes tecnologias da comunicação e informação.
- H₂₉ – Identificar, pela análise de suas linguagens, as tecnologias da comunicação e informação.
- H₃₀ – Relacionar as tecnologias de comunicação e informação ao desenvolvimento das sociedades e ao conhecimento que elas produzem.

COMPETÊNCIAS, HABILIDADES E CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Estudo do texto: as sequências discursivas e os gêneros textuais no sistema de comunicação e informação – modos de organização da composição textual; atividades de produção escrita e de leitura de textos gerados nas diferentes esferas sociais – públicas e privadas.
- Estudo das práticas corporais: a linguagem corporal como integradora social e formadora de identidade – performance corporal e identidades juvenis; possibilidades de vivência crítica e emancipada do lazer; mitos e verdades sobre os corpos masculino e feminino na sociedade atual; exercício físico e saúde; o corpo e a expressão artística e cultural; o corpo no mundo dos símbolos e como produção da cultura; práticas corporais e autonomia; condicionamentos e esforços físicos; o esporte; a dança; as lutas; os jogos; as brincadeiras.
- Produção e recepção de textos artísticos: interpretação e representação do mundo para o fortalecimento dos processos de identidade e cidadania – Artes Visuais: estrutura morfológica, sintática, o contexto da obra artística, o contexto da comunidade. Teatro: estrutura morfológica, sintática, o contexto da obra artística, o contexto da comunidade, as fontes de criação. Música: estrutura morfológica, sintática, o contexto da obra artística, o contexto da comunidade, as fontes de criação. Dança: estrutura morfológica, sintática, o contexto da obra artística, o contexto da comunidade, as fontes de criação. Conteúdos estruturantes das linguagens artísticas (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), elaborados a partir de suas estruturas morfológicas e sintáticas; inclusão, diversidade e multiculturalidade: a valorização da pluralidade expressada nas produções estéticas e artísticas das minorias sociais e dos portadores de necessidades especiais educacionais.
- Estudo do texto literário: relações entre produção literária e processo social, concepções artísticas, procedimentos de construção e recepção de textos – produção literária e processo social; processos de formação literária e de formação nacional; produção de textos literários, sua recepção e a constituição do patrimônio literário nacional; relações entre a dialética cosmopolitismo/localismo e a produção literária nacional; elementos de continuidade e ruptura entre os diversos momentos da literatura brasileira; associações entre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário em seus gêneros (épico/narrativo, lírico e dramático) e formas diversas; articulações entre os recursos expressivos e estruturais do texto literário e o processo social relacionado ao momento de sua produção; representação literária: natureza, função, organização e estrutura do texto literário; relações entre literatura, outras artes e outros saberes.
- Estudo dos aspectos linguísticos em diferentes textos: recursos expressivos da língua, procedimentos de construção e recepção de textos – organização da macroestrutura semântica e a articulação entre ideias e proposições (relações lógico-semânticas).
- Estudo do texto argumentativo, seus gêneros e recursos linguísticos: argumentação: tipo, gêneros e usos em língua portuguesa – formas de apresentação de diferentes pontos de vista; organização e progressão textual; papéis sociais e comunicativos dos interlocutores, relação entre usos e propósitos comunicativos, função sociocomunicativa do gênero, aspectos da dimensão espaço-temporal em que se produz o texto.
- Estudo dos aspectos linguísticos da língua portuguesa: usos da língua: norma culta e variação linguística – uso dos recursos linguísticos em relação ao contexto em que o texto é constituído: elementos de referência pessoal, temporal, espacial, registro linguístico, grau de formalidade, seleção lexical, tempos e modos verbais; uso dos recursos linguísticos em processo de coesão textual: elementos de articulação das sequências dos textos ou a construção da microestrutura do texto.

LÍNGUA PORTUGUESA I

COMPREENSÃO TEXTUAL

Objetivo(s):

- Entender o percurso de diferentes modalidades de arte.
- Exercitar a competência artística em exercícios diversos.
- Reconhecer as potencialidades da narrativa curta.
- Exercitar a compreensão textual em uma prova de vestibular.

Conteúdo:

AULA 06: O PERCURSO DA ARTE I: DA PRÉ-HISTÓRIA AO GÓTICO

A arte pré-histórica: a eficiência naturalista do homem primitivo.....	3
A arte egípcia: uma arte para os mortos.....	4
A arte grega: em função da beleza e do equilíbrio.....	5
A arte romana: o realismo e a grandiosidade.....	7
A arte bizantina: a valorização da cor e dos adornos.....	8
A arte românica: a Igreja em foco.....	8
A arte gótica: a arte das ogivas e dos vitrais.....	10
Exercícios.....	11

AULA 07: O PERCURSO DA ARTE II: DO RENASCIMENTO AO NEOCLÁSSICO

A arte renascentista: o retorno à arte clássica.....	17
Analisando a produção de alguns artistas.....	17
A arte maneirista: o excesso artístico na expressividade.....	20
A arte barroca: a tensão entre razão e emoção.....	21
A arte rococó: o exagerado ornamento.....	23
A arte neoclássica: o valor da cultura greco-romana.....	24
Exercícios.....	25

AULA 08: TRABALHANDO A COMPETÊNCIA ARTÍSTICA EM EXERCÍCIOS DIVERSOS

Exercícios.....	31
-----------------	----

AULA 09: A LINGUAGEM E A ESTRUTURA DA NARRATIVA CURTA

Discutindo a diferença entre ficção e realidade.....	37
Conversando sobre a importância dos elementos narrativos.....	37
Compreenda melhor os elementos da narrativa.....	37
A ficção é uma arte.....	39
Os textos narrativos.....	39
Exercícios.....	41

AULA 10: COMPREENSÃO TEXTUAL II – VESTIBULAR EM ANÁLISE

Exercícios.....	46
-----------------	----

Aula
06

**O Percurso da Arte I:
da Pré-História ao Gótico**

C-4	H-12, 13
	H-14

Observe o seguinte quadro-resumo. Ele mostra o percurso da história da arte desde a Pré-História até o Neoclassicismo.

As artes plásticas: das origens ao século XVIII



Chris Poley/123RF/EasyPix

Pré-História



olling/123RF/EasyPix

Arte grega



mareandmare/123RF/EasyPix

Arte egípcia



Anthony Baggett/123RF/EasyPix

Arte romana



Zou Jun/123RF/EasyPix

Arte românica



Saith KA/123RF/EasyPix

Arte gótica



Rosa Frey/123RF/EasyPix

Arte islâmica



Lucian Milasari/123RF/EasyPix

Renascimento



Museu de Belas Artes Budapest Hungria

Maneirismo



Chris Hill/123RF/EasyPix

Barroco



Domínio Público

Neoclassicismo



Jose Ignacio Soto/123RF/EasyPix

Rococó

CÓDIGO CROMÁTICO

Amarelo – Pré-História / Vermelho – Idade Média
Verde – Idade Antiga / Laranja – Idade Moderna

A arte pré-histórica: a eficiência naturalista do homem primitivo



Deborah McCague/123RF/EasyPix

Vênus de Willendorf

A arte pré-histórica (gravuras rupestres, estatuetas, pintura, desenhos etc) compreende a produção artística do homem das cavernas, pois é, nos últimos estágios do Paleolítico, que teve início há cerca de trinta e cinco mil anos, que encontramos as primeiras obras de arte conhecidas, embora se saiba que muito antes o homem já havia desenvolvido suas habilidades artísticas.

É importante frisar que é quase impossível definir a relação que o homem pré-histórico tinha com esses objetos. O que se sabe é que o homem utilizava suas expressões artísticas como forma de comunicação, talvez, até mesmo com o intuito de deixar uma mensagem para a posteridade. Reconhece-se, ainda hoje, esse fato porque alguns povos, em condições tribais, como os índios mantêm esse tipo de relação com a dita "arte" primitiva.

Aspectos que se devem considerar em relação à arte pré-histórica:

- A produção artística daquela época não apresenta registros em documentos escritos, ou seja, trata-se de uma produção que antecede ao aparecimento da escrita.
- Nota-se a proeminência de uma arte naturalista, uma vez que era comum ao "artista pré-histórico" retratar, sobretudo em cavernas, as cenas de caça, os animais que o rodeavam, os homens em atividades domésticas e o modo de viver das pessoas daquela época.
- Devido à técnica do carbono 14, é possível ao homem moderno saber em que período cada uma dessas obras foi produzida.



Pedro Antonio Salaveria Calahorra/123RF/EasyPix

Pintura rupestre de um bisonte encontrada numa das grutas de Altamira, na Espanha.

Um monumento que intriga estudiosos de todo o mundo:



Chris Pole/123RF/EasyPix

Stonehenge.

Existem diversas lendas e mitos a fim de explicar a construção do *Stonehenge*. Sabe-se, porém, que sua realização está diretamente relacionada aos povos da Antiguidade. Chamado de "pedras suspensas" pelos saxões e referido como "dança dos gigantes" em escritos medievais, o *Stonehenge* chama a atenção por sua estrutura composta: círculos concêntricos de pedras que chegam a ter cinco metros de altura e a pesar quase cinquenta toneladas.

Para alguns, a estrutura foi usada para determinar o ciclo agrícola; para outros, o *Stonehenge* serviu para observações astronômicas ou para rituais religiosos. A verdade, no entanto, é que, no movimento dos corpos celestiais, observa-se, do *Stonehenge*, o nascimento do Sol em perfeita exatidão com a pedra central no dia 21 de junho, ou seja, no solstício de inverno.

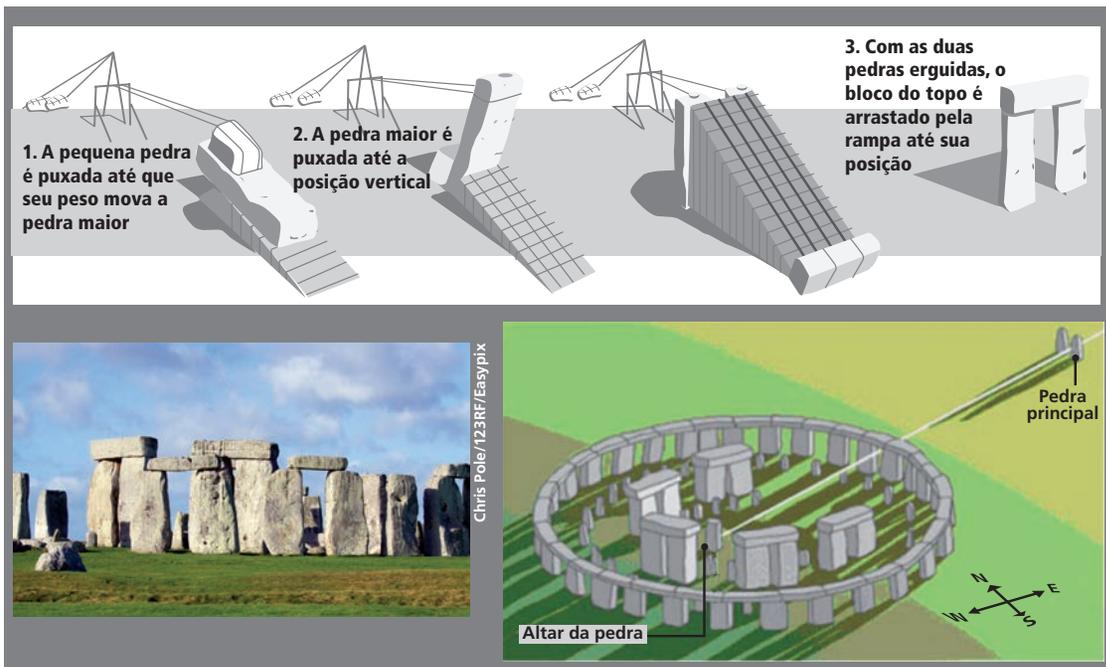
Estudos mais recentes procuram uma resposta plausível para o *Stonehenge*. Destaca-se a que afirma ter sido esse monumento o local escolhido por peregrinos que estavam em busca de cura. Embora existam indícios que podem, finalmente, decifrar a finalidade do *Stonehenge*, as respostas ainda são incertas, restando ao homem contemporâneo o mistério que o envolve e o desejo de se fazerem novas descobertas.



Giancarlo Liguori/123RF/EasyPix

Sol sobre o *Stonehenge*, durante o solstício de inverno.

Nesta reprodução, veja como, provavelmente, foi a construção do *Stonehenge*. Observe como ele está hoje e como, de fato, foi no passado. Nas palavras de Sir Fred Hoyle, "O *Stonehenge* é um computador pré-histórico, programado para prever os eclipses do Sol e da Lua".



A arte egípcia: uma arte para os mortos

Originária das civilizações históricas do Egito e da Mesopotâmia, a escrita apresenta-se como um marco que separa o homem pré-histórico do histórico. Ou seja, é com a escrita que a história das civilizações antigas e modernas passa a ter uma nova forma de ser.

Nesse contexto, insere-se a civilização egípcia, que apresenta uma arte que oscila entre o conservadorismo e a inovação. Sabe-se, inclusive, que muitas de suas realizações tiveram influência sobre a Grécia e a Roma antigas. Daí a importância de se entender a arte do Antigo Egito para que possamos compreender as bases de nossa cultura ocidental, enraizadas nas artes grega e romana.

A história da arte egípcia liga-se à produção artística desenvolvida pela civilização do Antigo Egito, localizada no vale do rio Nilo, no Norte da África. É fato que a manifestação artística o Antigo Egito teve a religião como fonte inspiradora durante um longo período de tempo, aproximadamente pelos últimos 3000 anos a. C. Essa produção marcou diferentes épocas, que auxiliam na classificação das diferentes variedades estilísticas, como Período Arcaico, Império Antigo, Império Médio, Império Novo, Época Baixa e Período Ptolemaico, e nos vários períodos intermédios, mais ou menos curtos, que separam as grandes épocas e que se denotam pela turbulência e obscuridade, tanto social e política como artística.

O forte senso de continuidade e a importância avassaladora do faraó (rei), que não era apenas um regente supremo, mas um deus na Terra, irão ditar a arte do Antigo Egito. Servindo a políticos e a religiosos, as produções artísticas representam, exaltam e homenageiam o faraó e as divindades da mitologia egípcia.

No Egito Antigo, a arte era imprescindível na criação de peças e espaços relacionados ao culto dos mortos. Isso ocorria porque a transição da vida à morte era vista como um momento sublime, pois a vida eterna era suprema. Sendo imortal, o faraó, todos os seus familiares e os altos representantes da sociedade têm o privilégio de poder também ter acesso à vida além da morte. Nesse tocante, os túmulos são elementos representativos da arte egípcia, pois lá foram depositados as múmias e os bens necessários à existência após a morte. Vale ressaltar que a produção de bustos, de máscaras, de pinturas e dos mais variados objetos de arte também estavam a serviço do faraó, como uma forma de enaltecer a importância do deus supremo (o faraó) na vida e na morte.

Na arquitetura, as mais expressivas construções são, sem dúvida, os túmulos, sendo eles divididos em: Pirâmide (túmulo real, destinado ao faraó); Mastaba (túmulo para a nobreza); e Hipogeu (túmulo destinado à gente do povo).

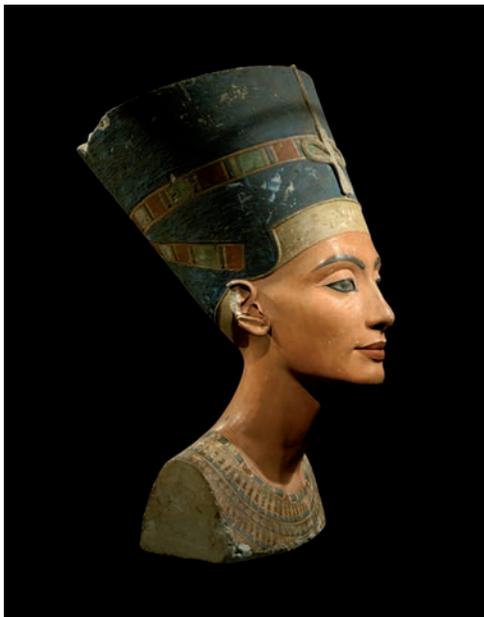


Esfinge que representa o faraó Quéfren, na planície de Gizé, no Egito (século XVII a.C.).

A Lei da Frontalidade, ou frontalismo

É uma arte estilizada. É também uma arte de atenção ao pormenor, de detalhe realista, que tenta apresentar o aspecto mais revelador de determinada entidade, embora com restritos ângulos de visão. Para esta representação são só possíveis três pontos de vista pela parte do observador: **de frente, de perfil e de cima**, que cunham o estilo de uma forte componente estática, de uma imobilidade solene. O corpo humano, especialmente o de figuras importantes, é representado utilizando dois pontos de vista simultâneos, os que oferecem maior informação e favorecem a dignidade da personagem: os olhos, ombros e peito representam-se vistos de frente; a cabeça e as pernas representam-se vistas de lado.

- Observe as imagens a seguir:



A Rainha Nefertiti. c. 1360 a.C. Cálciário, altura: 0,51 m. Museus do Estado, Berlim.



Pintura na câmara tumular de Nefertari, mulher de Ramsés II.



Máscara funerária de Tutankhamon.

A arte grega: em função da beleza e do equilíbrio

Se, no Egito Antigo, a arte está ligada ao espírito; na Grécia Antiga, liga-se à inteligência. Isso ocorre porque, diferentemente da relação que os egípcios tinham com os faraós (seus reis) e com a vida após a morte, os gregos tinham reis que não eram deuses, mas seres dotados de inteligência, muitas vezes justos, que se preocupavam com o bem-estar do povo.

Sabe-se que a arte grega se voltava para o gozo da vida presente, pois as manifestações artísticas surgiam da contemplação de tudo que os cercavam, sobretudo a natureza. A busca pela perfeição em tudo, sem se afastar de uma arte intelectual, na qual o ritmo, o equilíbrio e a harmonia prevaleciam, caracteriza o cotidiano da arte grega.

A razão, o belo, o humano e a democracia fizeram parte da construção da arte grega que, juntamente com a romana, é a base da cultura ocidental. Algumas modalidades de arte chegaram até nós, outras nem tanto. Destacaram-se o **teatro**, a **escultura**, a **arquitetura** e a **cerâmica**. Acredita-se que a pintura tenha tido grande expressividade, mas, infelizmente, quase nada chegou até nós.

A arquitetura grega: o Partenon e o Teatro

Muitos foram os monumentos erguidos pelos gregos na Antiguidade, mas nada se compara à exuberância do **Partenon de Atenas**, templo da deusa grega Atena, erguido sobre uma base de três degraus, e à grandiosidade do espaço cênico, o **Teatro grego**, que era frequentado por multidões para assistir às encenações das tragédias e das comédias dos dramaturgos gregos.



Partenon de Atenas.



deemazay/123RF/EasyPix

Desenho de Partenon.

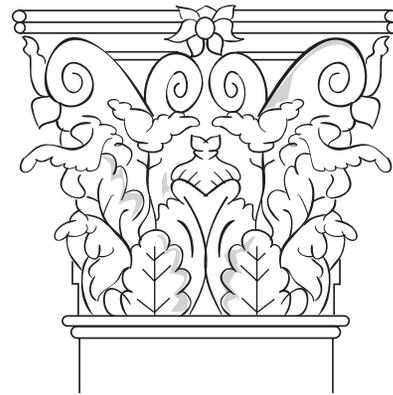
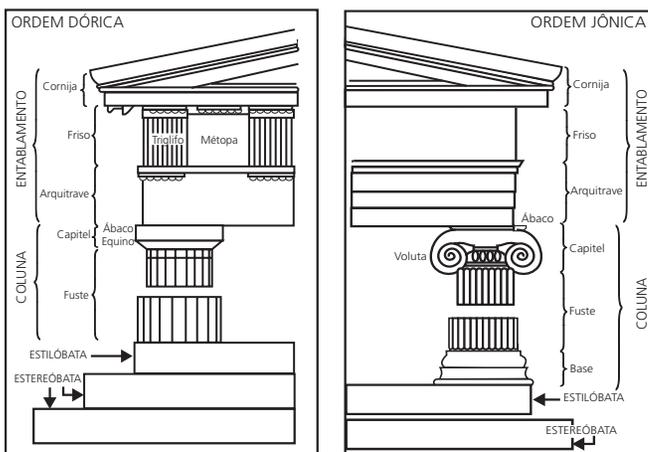


mareandmare/123RF/EasyPix

Réplica do Partenon em Nashville, Tennessee, Estados Unidos.

As colunas da **arquitetura grega** destacam-se, sobretudo, em três ordens: dórica, jônica e coríntia.

- **Ordem dórica** – era simples e maciça. É a mais antiga das ordens arquitetônicas gregas. A ordem dórica, por sua simplicidade e severidade, empresta uma ideia de solidez e imponência.
- **Ordem jônica** – representava a graça e o feminino. A coluna apresentava fuste mais delgado, mas sobre uma base decorada. A ordem dórica traduz a forma do homem e a ordem jônica traduz a forma da mulher.
- **Ordem coríntia** – muito usada no lugar do capitel jônico, de um modo a variar e a enriquecer aquela ordem. Sugere luxo e ostentação.



Capitel Coríntio

A pintura grega em cerâmica

A pintura grega está associada, sobretudo, à cerâmica. Os vasos construídos na época tinham diferentes funções, pois serviam de armazenamento de água, para tomar vinho e, também, para serem usados em rituais. Sabe-se que as pinturas realizadas nos vasos representam pessoas em suas atividades diárias e cenas da mitologia grega.



Karel Miragaya/123RF/EasyPix

Cerâmica grega

A escultura grega: o antropomorfismo em perfeição

Fala-se que a escultura grega apresenta os mais altos padrões de beleza já atingidos pelo homem. Por meio dela, o ofício de criar formas humanas perfeitas através da arte foi insuperável, pois as estátuas antropomórficas revelam, além de beleza, equilíbrio e movimento. É importante frisar, porém, que a maioria das esculturas gregas, atualmente conhecidas, são cópias realizadas durante o período romano.

Alguns nomes importantes da estatuária grega são estes: **Praxíteles**, que foi o primeiro artista a esculpir o nu feminino; **Policleto**, que cria padrões de beleza por meio do tamanho das estátuas, já que estas deveriam ter sete vezes e meia o tamanho da cabeça; **Fidias**, que esculpiu Zeus e decorou em baixo-relevo o Partenon; **Lisipo**, que introduz a proporção ideal do corpo humano com a medida de oito vezes a cabeça; e **Miron**, que esculpiu o Discóbulo.

- Observe as imagens a seguir:



Leocarés: *Apolo Belvedere*, c. 350-325 a.C.



Laocoonte e seus filhos, c. 200 a.C., Museus Vaticanos.



Vênus de Milo, de fins do século II a.C.



Athena Giustiniani, cópia romana de original grego atribuído a Fídias. Museus Vaticanos.

A arte romana: o realismo e a grandiosidade

Como os romanos eram práticos e se preocupavam com a utilidade de tudo que faziam, as grandes edificações arquitetônicas, como o Coliseu, destacam-se, sobretudo, por conter senso de realismo. Para sua produção, os artistas buscavam a funcionalidade imediata da arte. A grandeza material é outro destaque, pois as obras costumavam realçar a ideia de força.

Sabe-se que a arte romana sofreu duas fortes influências: a da **arte etrusca**, popular e voltada para a expressão da realidade vivida; e a da **greco-helenística**, orientada para a expressão de um ideal de beleza. Dois dos legados culturais mais importantes que os etruscos deixaram aos romanos foram **o uso do arco e da abóbada nas construções**.



Imagem do arco.



Abóbada da Basílica de São Pedro.

A arquitetura: a força de um império

Na arquitetura romana, observam-se a valorização de energia e sentimento e o predomínio do caráter sobre a beleza. Ela servia como comprovação do poder do imperador em realizar feitos grandiosos, desde que tivesse alguma utilidade prática para os romanos.

Podem-se considerar como características gerais das edificações romanas a busca do útil imediato, o senso de realismo, a grandeza material – realçando a ideia de força, energia e sentimento e predomínio do caráter sobre a beleza.



Coliseu de Roma.

A pintura: o mosaico e a técnica do afresco

Deve-se entender que a maior parte da pintura romana que hoje conhecemos vem de Pompeia e de Herculano, cidades que foram soterradas devido à erupção do vulcão Vesúvio em 79 a.C. Na pintura romana, valoriza-se o uso do mosaico e a técnica do afresco. Ambos foram bastante utilizados na decoração dos muros, dos tetos e dos pisos da arquitetura em geral, o que reforça a tese de que a pintura era um elemento da valorização da arquitetura, pois não tinha independência enquanto modalidade artística.

Outra forma de arte que está diretamente ligada à arquitetura romana é o relevo, que costumava narrar os episódios bélicos ou outros acontecimentos importantes. Um bom exemplo disso é o Arco do Triunfo de Tito, construído em 81 d.C. após o seu triunfo sobre os judeus, pois, no interior do arco, se representa o cortejo vitorioso do príncipe.



Dominio Público

Safo, Palácio Real de Capodimonte Nápoles Itália.

A escultura: a fidelidade às formas reais

Já na escultura romana, há a representação fiel das pessoas, sendo, inclusive, mais realista do que idealista. Os romanos eram grandes admiradores da arte grega, mas, por temperamento, eram muito diferentes dos gregos. Por serem realistas e práticos, suas esculturas são uma representação fiel das pessoas e não a de um ideal de beleza humana, como fizeram os gregos. Retratavam os imperadores e os homens da sociedade. Mais realista que idealista, a estatuária romana teve seu maior êxito nos retratos.



Aster Villafraanca/123RF/EasyPix

Augusto de Prima Portas, Museus Vaticanos.

A arte bizantina: a valorização da cor e dos adornos

A arte bizantina foi essencialmente uma arte cristã, dedicada ao serviço da Igreja e utilizada para ilustrar e desenvolver a liturgia. É importante ressaltar que essa arte também se expandiu para regiões fora do Império Bizantino, devido às influências político-religiosas.

Depois que o imperador Constantino I transferiu a capital do império para Bizâncio – que mais tarde passa a se chamar Constantinopla, a expressão artística religiosa ganha impulso. Porém, a arte bizantina vive seu verdadeiro apogeu no século VI (quando o imperador Justiniano estava no poder), depois do período

denominado Iconoclasta, que consistia na destruição de imagens santas, em consequência dos conflitos políticos entre imperadores e o clero. Depois da crise, vê-se uma nova era de ouro da chamada arte bizantina, que se estendeu até o fim do império, no século XV.



Wikimedia Foundation

Retrato do imperador Justiniano (mosaico de São Vital de Ravena).

A arte românica: a Igreja em foco

Já perto do milênio, o Ocidente europeu tinha avançado muito no caminho iniciado após o fracionamento do mundo romano tardio. As estruturas feudais, o estabelecimento de um sistema de governo unitário, que proporcionou uma paz relativa, e a consolidação de alguns reinos criaram um clima favorável à renovação das manifestações artísticas. Surge aí a chamada arte românica, que se desenvolve na Europa entre os séculos XI e XIII.

Trata-se de um estilo artístico que se vê principalmente nas igrejas católicas, que foram construídas após a expansão do cristianismo pela Europa. Foi também o primeiro, após a queda do Império Romano, a revelar traços comuns em várias regiões, pois, até aqui, a arte havia se fragmentado em estilos, sendo o românico a retomada de uma unidade artística.

Existe uma série de elementos que nos leva a reconhecer uma obra românica, sobretudo nos traços arquitetônicos. Entretanto, isso não significa que não encontremos variantes desse estilo, pois, embora diferentes, são românicas tanto a catedral de Santiago de Compostela quanto a igreja de São Clemente de Tahull (Lérida).



adamgregor/123RF/EasyPix

Catedral de Santiago de Compostela, estilo românico. Construída entre anos de 1075 e 1128.



Vista exterior da catedral de São Clemente de Tahull, Llérida.



Portal românico.

A arquitetura românica destaca-se, entre outras coisas, por apresentar: arco semicircular; abóbada de meio canhão; muros potentes; o uso de naveas nas igrejas; abóbadas em substituição ao telhado das basílicas; pilares maciços que sustentavam a estrutura das paredes espessas; aberturas raras e estreitas, que eram usadas como janelas; torres, que aparecem no cruzamento das naveas ou na fachada; arcos, que são formados por 180 graus.

A edificação românica apresenta uma novidade que vai transformar a sua fisionomia: a escultura monumental. São impostas, capitéis e portais que fazem parte do processo decorativo desse estilo novo. Tendo a escultura integrada à arquitetura, no românico, os escultores exercem também papéis importantes, como o de narrar acontecimentos, passagens bíblicas ou cenas apócrifas.



Imposta românica.



Capitel românico.

Um dos grandes questionamentos que se faz acerca da escultura românica é este: a escultura românica trata-se de um elemento meramente ornamental para a arquitetura? *A priori*, sim, pois a escultura era responsável pelo enfeite da arquitetura, que era feito por meio das estátuas-colunas e dos relevos nos pórticos e nas arcadas. Porém, quando se percebe a função didática e moralizante das obras, vê-se que a escultura (e mesmo a pintura, com as iluminuras) cumpre o papel de transformar a casa de Deus num "livro de pedra", onde se possam reconhecer as mensagens bíblicas. Para tanto, era preciso que o espaço em branco dos frisos, capitéis e pórticos fosse coberto por uma profusão de figuras apresentadas de frente e com as costas grudadas na parede. As imagens encontradas são as mais diversas, desde representações do demônio, até personagens do Velho Testamento.

A pintura românica teve pequena expressão. Em alguns casos, as cúpulas das igrejas possuíam pinturas murais de desenho cujos temas mais frequentes abordavam cenas retiradas do Antigo e do Novo Testamento e da vida de santos e mártires, repletas de sugestões de exemplos edificantes.

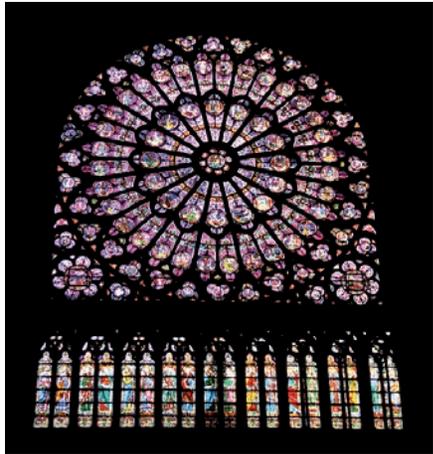
Outro tipo de arte que está diretamente associado à Idade Média, período em que a arte românica se desenvolveu, são as iluminuras, que eram os tipos de letras usadas no início dos capítulos, ocupando normalmente as margens, como barras laterais na forma de molduras. Posteriormente, a palavra "iluminura" passa a designar as imagens sacras que acompanham os livros produzidos, à mão, pelos monges copistas. Nesses livros, as iluminuras eram coloridas, com letras ricamente ornamentadas. Usava-se uma variação de pigmentos, inclusive, o ouro e a prata eram usados como tinta. É necessário ressaltar que nelas ainda estão ausentes os princípios da perspectiva e da proporção, que serão retomados no Renascimento.



Iluminura de Paulo, Biblioteca do Congresso Washington Estados Unidos

A arte gótica: a arte das ogivas e dos vitrais

Surgida na Europa, principalmente na França, a arte gótica, durante a Baixa Idade Média, é identificada como a **Arte das Catedrais**. Do século XII em diante, a França passou por transformações importantes, como o desenvolvimento comercial e urbano e a centralização política, que marcam o início da crise do sistema feudal. É nesse contexto que irá se desenvolver a arte gótica, embora o termo “gótico” só tenha sido usado posteriormente pelos italianos renascentistas. Estes consideravam a Idade Média como a Idade das Trevas, época de bárbaros. Para eles, os godos eram o povo bárbaro mais conhecido, por isso utilizaram a expressão gótica para designar o que até então se chamava “Arte Francesa”.



Catedral de Notre Dame – vitral em rosácea.

A primeira diferença que notamos entre a igreja gótica e a românica é a fachada. Enquanto, de modo geral, a igreja românica apresenta um único portal, a igreja gótica tem três portais que dão acesso a três naves do interior da igreja: a nave central e as duas naves laterais. Outro dado que se pode acrescentar é que, na arte românica, sobressai o caráter religioso, tomando como referência os mosteiros, já, na arte gótica, nota-se, além do aspecto religioso, uma preocupação em demonstrar o desenvolvimento das cidades.

A arquitetura gótica expressa a grandiosidade, a crença na existência de um Deus que vive num plano superior; tudo se volta para o alto, projetando-se na direção do céu, como se vê nas pontas agulhadas das torres de algumas igrejas góticas.

A rosácea é um elemento arquitetônico muito característico do estilo gótico e está presente em quase todas as igrejas construídas entre os séculos XII e XIV. Outros elementos característicos da arquitetura gótica são os arcos góticos ou ogivais e os vitrais coloridíssimos que filtram a luminosidade para o interior da igreja.

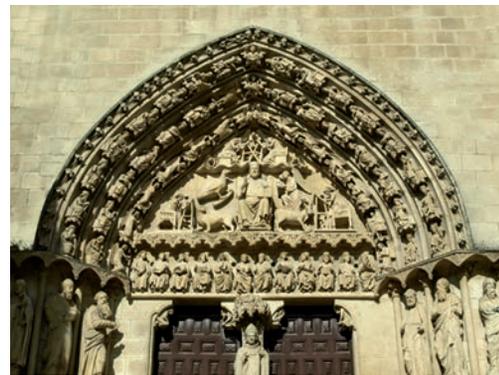
Sabe-se que a primeira das catedrais construídas nesse estilo foi a de Saint-Denis, em Paris. A partir dela, várias construções de características similares são erguidas em toda a França. Cada catedral passou a representar a grandeza da cidade em que era erguida. Um exemplo claro disso é a catedral de Notre Dame, de Paris.

Sabe-se também que a escultura gótica desenvolveu-se paralelamente à arquitetura das Igrejas e está presente nas fachadas, nos tímpanos e nos portais das catedrais, que foram o espaço ideal para sua realização. Caracterizou-se por um calculado naturalismo que, mais do que as formas da realidade, procurou expressar a beleza ideal do divino; no entanto, a escultura pode ser vista como um complemento à arquitetura, na medida em que a maior parte das obras foi desenvolvida separadamente e depois colocada no interior das Igrejas, não fazendo parte necessariamente da estrutura arquitetônica.



Catedral de Notre Dame, Paris, 1163-1345.

É correto afirmar que, a princípio, as estátuas eram alongadas e não possuíam qualquer movimento, com um acentuado predomínio da verticalidade, o que praticamente as fazia desaparecer. Depois, a rejeição à frontalidade é considerado um aspecto inovador e a rotação das figuras passa a ideia de movimento, quebrando o rigorismo formal. Em decorrência disso, as figuras vão adquirindo naturalidade e dinamismo, as formas se tornam arredondadas, a expressão do rosto se acentua e aparecem as primeiras cenas de diálogo nos portais.



Tímpano do Portal do Sarmental, Catedral de Burgos.

É fato que a pintura gótica teve também um papel importante, pois pretendeu transmitir não apenas as cenas tradicionais que marcam a religião, mas a leveza e a pureza da religiosidade, com o nítido objetivo de emocionar o expectador. Caracterizada pelo naturalismo e pelo simbolismo, utilizou-se principalmente de cores claras: “Em estreito contato com a iconografia cristã, a linguagem das cores era completamente definida: o azul, por exemplo, era a cor da Virgem Maria, e o marrom, a de São João Batista.”

Os principais artistas na pintura gótica são os verdadeiros precursores da pintura do Renascimento (Duocento): **Giotto** e **Jan Van Eyck**. A característica principal do trabalho de Giotto foi a identificação da figura dos santos com seres humanos de aparência bem comum. E esses santos com ar de homem comum eram o ser mais importante das cenas que pintava, ocupando sempre posição de destaque na pintura. Assim, a pintura de Giotto vem ao encontro de uma visão humanista do mundo, que vai cada vez mais se firmando até ganhar plenitude no Renascimento.



Basilica de São Francisco de Assis Itália

Giotto (1266-1337). São Francisco pregando para os pássaros.



Reprodução/Capela de Pádua Itália

Giotto (1266-1337). Entrada de Jesus Cristo em Jerusalém.



Exercícios de Fixação

01. Arquitetura gótica é um estilo arquitetônico que, segundo pesquisas, é evolução da arquitetura românica e que precede a arquitetura renascentista. Teve seu início no norte da França entre os anos 1050 e 1100, originalmente chamando-se “Obra Francesa” (*Opus Francigenum*). Embora a Catedral de Dublin, na Irlanda, fundada no ano 1030, já possa ser classificada como pré-gótica. O termo “gótico” só apareceu na época do Iluminismo nos séculos XVII e XVIII como um insulto estilístico, já que, para os iluministas, a arte gótica era bárbara, sendo tipicamente Medieval. A palavra “gótico” se refere aos godos, povo bárbaro-germano. Suas características mais proeminentes incluíam o uso do arco em ogiva, da abóbada em cruzaria e do arcobotante. Esses detalhes estruturais permitiam que o peso do teto fosse melhor distribuído para pilares mais esguios, dando maior altura e retirando a função estrutural das paredes, possibilitando espaços para grandes janelas. Essa liberdade possibilitou uma característica importante das igrejas góticas, que foi o uso extensivo de vitrais e a rosácea, para trazer luz e cor para o interior.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitetura_gótica>. Acesso em: 17 out. 2019.

Segundo o texto, a arquitetura gótica é uma evolução da arquitetura românica. Sabe-se, ainda, a partir da leitura desse texto, que a identificação desse estilo arquitetônico perpassa pelo uso de

- A) ogivas e rosáceas. B) relevos e afrescos.
C) iluminuras e gárgulas. D) vitrais e iluminaras.
E) afrescos e gárgulas.

02. (Mackenzie/2017)



zechal/123RF/EasyPix

Catedral de Notre-Dame, Paris

A partir do século XII ao XV, na Europa, algumas catedrais passaram a ser construídas adotando um novo estilo arquitetônico: o gótico. Ao contrário do estilo românico, tais igrejas primavam pela verticalidade, leveza, harmonia dos traços e luminosidade, através dos vitrais coloridos. O surgimento do estilo gótico está ligado ao

- A) movimento cruzadístico que, ao tentar retomar Jerusalém do domínio muçumano, permitiu o contato com esse estilo mais decorativo, de características orientais.
B) fortalecimento do sistema feudal e à necessidade de valorização dos feudos por meio de tais construções monumentais, reafirmando o poder do senhor das terras.
C) advento do trabalho servil, em detrimento do trabalho escravo, o que deve ter estimulado a criatividade dos construtores da época, possibilitando utilizar novas técnicas de construção.
D) aumento da riqueza e à autonomia das cidades, que competiam entre si para edificar catedrais mais altas e decoradas, sinal de prosperidade do novo núcleo urbano.
E) reavivamento da fé e à necessidade dos senhores feudais demonstrarem sua devoção à Igreja Católica e ao movimento das Cruzadas, financiando novas igrejas a cada vitória alcançada no Oriente.

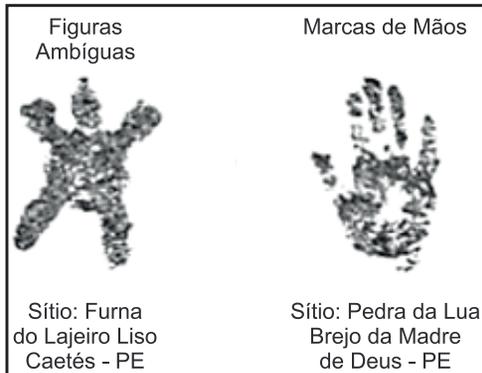
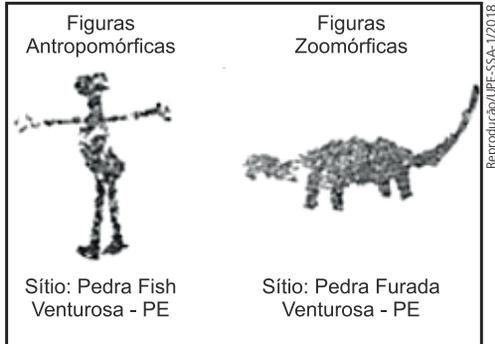
03. Arte rupestre é o conjunto das representações gráficas (desenhos e pinturas, principalmente) feitas pelos seres humanos pré-históricos nas rochas. Estima-se que os mais antigos registros da arte rupestre datem de 40 mil anos a.C., durante o período Paleolítico Superior. Existe uma grande polêmica sobre o uso do termo “arte” para se referir aos desenhos feitos pelos humanos durante a Pré-História, pois muitos especialistas questionam se a natureza das pinturas daquela época teriam a intenção artística. A arte rupestre é dividida em dois grupos: as pinturas rupestres, quando são utilizados pigmentos; e as gravuras rupestres, que consistem nas figuras que eram gravadas nas rochas através de incisões.

Disponível em: <<https://www.significados.com.br/arte-rupestre/>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

Pela leitura do texto, notamos que a arte pré-histórica tanto é questionada em relação ao seu real valor artístico quanto apresenta variações em relação à forma como foi executada. Sendo assim, infere-se do texto que

- A) o conceito de arte pré-história atende aos preceitos renascentistas de arte.
- B) a arte pré-histórica encontra resistência em relação à sua natureza artística.
- C) a pintura rupestre é considerada arte porque houve intenção estética.
- D) os artesãos pré-históricos tinham consciência de sua produção artística.
- E) as gravuras rupestres são consideradas unanimidade em valor estético intrínseco.

04. (UPE-SSA-1/2018)



In: Perazzo; Pessis; Cisneiros. *As pinturas rupestres da Tradição Agreste em Pernambuco e na Paraíba*. Revista FUMDHAMENTOS XII 2015, p. 33.

Observando os grafismos, assinale a alternativa correta.

- A) Não havia animais nesse período específico.
- B) Essas manifestações culturais não podem ser consideradas arte.
- C) Nada sabemos sobre essas populações humanas.
- D) Inexistiam técnicas para produção de pigmentos.
- E) Há grande relevância histórica e artística.

05. (Unesp/2017) Examine duas pinturas produzidas na Caverna de Altamira, Espanha, durante o Período Paleolítico Superior.



Disponível em: <<http://ceres.mcu.es/pages/Main>>.

Tais pinturas rupestres podem ser consideradas

- A) manifestação do primitivismo de povos incapazes de representações realistas.
- B) expressão artística infantilizada e insuficiente para fornecer qualquer indício sobre a vida na Pré-História.
- C) comprovação do pragmatismo de povos primitivos, despreocupados de sua alimentação.
- D) representação, em linguagem visual, dos vínculos materiais de um povo com o seu ambiente.
- E) revelação da predominância do pensamento abstrato sobre o concreto nos povos pré-históricos.



Exercícios Propostos

01. (Uel/2015) Leia o texto a seguir.

A arte pré-histórica é uma arte de linhas e croquis; é uma etapa além da percepção, um artifício que ajuda a reter a imagem na mente. Na arte pré-histórica, encontramos figuras humanas, geralmente armadas, em ação, seja perseguindo animais, lutando ou dançando. Os animais são representados de forma naturalista, ou seja, reproduções de imagens perceptíveis. As figuras humanas, pelo contrário, estão muito estilizadas; se estão em movimento, os braços e as pernas são alargados. O objetivo do artista foi indicar o movimento; as formas são ditadas por sensações internas mais que observação externa. Os dois principais estilos pré-históricos são vitalistas e se acham determinados pela imagem captada exteriormente e pela sensação internamente sentida. A arte pode haver estado associada com ritos, com a intenção de exercer os poderes mágicos através de um retrato fiel que apresenta naturalismo nas representações animais. Já o símbolo estilizado e dinâmico da forma humana é determinado por um sentimento interno.

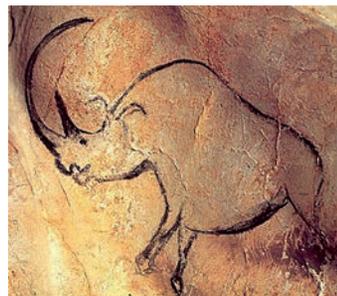
READ, H. "Imagem e Ideia". *La función Del arte en el desarrollo de la conciencia humana*. México: FCE, 2003. p.23-31. Adaptado.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, assinale a alternativa que apresenta, correta e respectivamente, as imagens da arte Pré-Histórica que representam o estilo animal naturalista (reprodução de imagens perceptíveis) e os símbolos estilizados e dinâmicos da forma humana determinados mais pela sensação que pela observação e que buscam indicar o movimento.

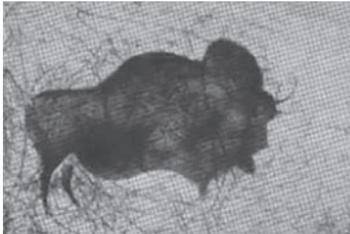
A)



B)



C)



Reprodução/UUEL 2015



Reprodução/UUEL 2015

D)



Reprodução/UUEL 2015



Reprodução/UUEL 2015

E)



Reprodução/UUEL 2015



Reprodução/UUEL 2015

02.



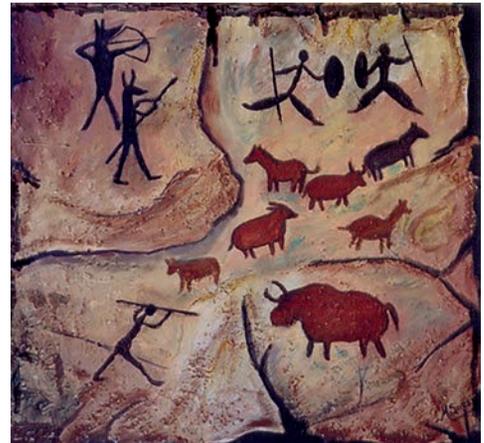
wikimedia Foundation

Discóbolo de Miron. Museu das Termas, Roma.

A arte grega contempla o teatro, a pintura, a arquitetura, a escultura, entre outras modalidades de arte. O estilo da estatuária grega evoluiu ao ponto de atingir a perfeição tão desejada, como se pode observar em Discóbolo, de Miron. Sobre essa escultura, é aceitável apontar, entre as várias possíveis, a função estética, a qual

- A) renega valores próprios da cultura pagã.
- B) explora a textura e elimina movimento.
- C) foge ao equilíbrio e explora o Belo artístico.
- D) apresenta traços típicos da arte grega.
- E) tematiza práticas esportivas da Grécia Antiga.

03. (Uema 2015) Arte rupestre é o mais antigo tipo de arte da história. Também é conhecida como gravura ou pintura rupestre. Esse tipo de arte teve início no período Paleolítico Superior e é encontrada em todos os continentes. O estudo da arte rupestre favoreceu o conhecimento de pesquisadores em relação aos hábitos dos povos da Antiguidade e à sua cultura. As matérias-primas utilizadas para a expressão artística dos povos da antiguidade eram pedras, ossos e sangue de animais. O sangue, assim como o extrato de folhas de árvores, era utilizado para tingir, constituindo o que devem ser as mais primitivas expressões artísticas, conforme a imagem a seguir.



Reprodução/Uema 2015

Disponível em: <<http://vivendo-historia.blogspot.com.br/2010/03/arte-rupestre.html>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

Adaptado.

Durante muito tempo, os povos que assim se expressavam foram conhecidos como – “pré-históricos”. Essa denominação, hoje em desuso entre a maioria dos historiadores, mas ainda presente nos livros didáticos, está diretamente relacionada ao fato de esses povos

- A) desconhecerem a escrita.
- B) manterem relações comerciais.
- C) viverem sob a forma de Estado.
- D) dominarem as técnicas agrícolas.
- E) ocuparem as margens dos grandes rios.

04. (Enem – Adaptado) A pintura rupestre a seguir, que é um patrimônio cultural brasileiro, expressa



Nico Smil/123RF/Ereypix

- A) o conflito entre os povos indígenas e os europeus durante o processo de colonização do Brasil.
- B) a organização social e política de um povo indígena e a hierarquia entre seus membros.
- C) aspectos da vida cotidiana de grupos que viveram durante a chamada Pré-História do Brasil.
- D) os rituais que envolvem sacrifícios de grandes dinossauros atualmente extintos.
- E) a constante guerra entre diferentes grupos paleoíndios da América durante o Período Colonial.

05.

Texto I

Arte rupestre é o termo que denomina as representações artísticas pré-históricas realizadas em paredes, tetos e outras superfícies de cavernas e abrigos rochosos, ou mesmo sobre superfícies rochosas ao ar livre. A arte rupestre divide-se em dois tipos: a pintura rupestre, composições realizadas com pigmentos, e a gravura rupestre, imagens gravadas em incisões na própria rocha. Em geral, trazem representações de animais, plantas e pessoas, e sinais gráficos abstratos, às vezes usados em combinação. Sua interpretação é difícil e está cercada de controvérsia, mas pensa-se correntemente que possam ilustrar cenas de caça, ritual, cotidiano, ter caráter mágico, e expressar, como uma espécie de linguagem visual, conceitos, símbolos, valores e crenças. Por tudo isso, muitos estudiosos atribuem à arte pré-histórica funções e características comparáveis às da arte como hoje é largamente entendida, embora haja uma tendência recente de substituir a denominação “arte” rupestre por “registro” rupestre, considerando a incerteza que cerca seu significado. Permanece, de todo modo, como testemunho precioso de culturas que exercem grande fascínio contemporaneamente, mas são ainda pouco conhecidas.

Wikipédia, a enciclopédia livre.

Texto II



Domínio Público

Animais pintados na Gruta de Lascaux, um dos sítios de arte rupestre mais famosos do mundo.

Tanto o texto I quanto o texto II exploram a arte pré-histórica. O que é dito no texto I pode ser exemplificado no texto II, embora neste

- A) não haja manifestações abstratas e incisões na própria rocha.
- B) se encontrem manifestações típicas da arte conceitual e abstrata.
- C) se reconheçam deuses da mitologia pagã e animais silvestres.
- D) não haja animais com contornos e desenhos figurativos.
- E) se encontrem imagens surreais e elementos pictóricos da arte grega.

06.



Livianafronzo2013/Wikimedia Foundation

Vênus de Milo. 200 a.C.
Mármore, 2,02m.
Museu de Louvre, Paris.

A escultura *Afrodite de Milo*, conhecida como *Vênus de Milo*, datada do período helenístico da arte grega, representa a perfeição que era tão defendida por escultores da Grécia Antiga. Um olhar mais atento sobre essa escultura nos permite inferir que

- A) a ausência dos braços revela despreparo do artista para compor a obra.
- B) a túnica escorregando pelo corpo da estátua expressa sensualidade.
- C) a forma como o rosto é posicionado desvia a atenção do observador da obra.
- D) o corpo em espiral reproduz a quebra de perspectiva do olhar do leitor.
- E) o ideal de beleza e suavidade pretendido pelos gregos inexistente na estátua.

07. (Unesp)

JESUS PANTOCRÁTOR¹

Há na Itália, em Palermo, ou pouco ao pé, na igreja De Monreale, feita em mosaico, a divina Figura de Jesus Pantocrátor: domina Aquela face austera, aquele olhar troveja.

Não: aquela cabeça é de um Deus, não se inclina.
À árida pupila a doce, a benfazeja
Lágrima falta, e o peito enorme não arqueja
À dor. Fê-lo tremendo a ficção bizantina².

Este criou o inferno, e o espetáculo hediondo
Que há nos frescos³ de Santo Stefano Rotondo⁴;
Este do mundo antigo espedaçado assoma...

Este não redimiui; não foi à Cruz: olhai-o:
Tem o anátema⁵ à boca, às duas mãos o raio,
E em vez do espinho à frente as três coroas de Roma.

DELFINO, Luís. *Rosas Negras*, 1938.

- (1) **Pantocrátor:** que tudo rege, que governa tudo.
- (2) **Bizantina:** referente ao Império Romano do Oriente (330-1453 d.C.) e às manifestações culturais desse império.
- (3) **Fresco:** o mesmo que afresco, pintura mural que resulta da aplicação de cores diluídas em água sobre um revestimento ainda fresco de argamassa, para facilitar a absorção da tinta.
- (4) **Santo Stefano Rotondo:** igreja erigida por volta de 460 d.C., em Roma, em homenagem a Santo Estêvão (*Stefano*, em italiano), mártir do cristianismo.
- (5) **Anátema:** reprovação enérgica, sentença de maldição que expulsa da Igreja, excomunhão.



Guin Powder Ma CC BY-SA 3.0/Wikimedia Foundation

Neste soneto de Luís Delfino ocorre uma espécie de diálogo entre o texto poético e uma impressionante figura de Jesus Cristo Pantocrátor, com 7 m de altura e largura de 13, 30 m, criada por mestres especializados na técnica bizantina do mosaico, na abside da catedral de Monreale, construída entre 1172 e 1189. A figura de Cristo Pantocrátor, feita em mosaicos policromos e dourados, pode ser vista ainda hoje na mesma cidade e igreja mencionadas na primeira estrofe. Colocando-se diante dessa representação de Cristo, o eu lírico do soneto

- A) sustenta que a figura humana ali representada provém de uma religião anticristã, com ligações estreitas com as divindades infernais que martirizavam cristãos.
- B) questiona a qualidade plástica e os fundamentos formais de origem bizantina da imagem como destituídos de maior valor estético.
- C) utiliza o caráter assustador do mosaico para negar a divindade de Jesus Cristo, servindo-se do poema como um meio de argumentação.
- D) entende que a combinação da atitude e dos traços da figura do mosaico mais parecem as de um ídolo pagão oriental do que de um deus cristão venerado pela humanidade.
- E) sugere que a figura do mosaico não condiz com a imagem que a tradição cristã legou de um doce e divino homem com feições marcadas pelo martírio e sofrimento na cruz.

08. Em Roma Antiga, a escultura servia como elemento de decoração e também como propaganda política, visando o aumento do prestígio dos imperadores. Na escultura Augusto de Prima Porta, datada de 200 d.C., o escultor optou por retratar o imperador vestido, com uma toga curta e uma armadura, esculpida de maneira que se percebesse as formas musculosas do corpo, simbolizando força e virilidade. Os pés descalços e ausência do capacete militar significam a personificação do imperador como um deus. O braço direito, em vez de se posicionar junto ao corpo, ocupa espaço. Há dúvidas sobre a real intenção do artista: o braço estendido poderia representar que o imperador discursasse ou ainda que segurasse uma coroa de louros. O braço esquerdo, com o bastião, segura o manto *paludamentum*, vestimenta usada pelos generais romanos. A cabeça levantada revela altivez. O queixo é pequeno, o crânio é mais largo, e os olhos, profundos. A seus pés, a figura de Eros sobre o golfinho, considerado o animal símbolo de velocidade.

ROSA, Nereide S. Santa. *Retratos da Arte*. História da Arte. Leya. P. 55.

O texto anterior faz a descrição de uma das esculturas mais importantes da arte romana, a conhecida escultura *Augusto de Prima Porta*, que leva esse nome por se referir ao local onde ela foi encontrada em Roma, na Vila de Livia. De posse dessas informações e de outras que possa ter, é possível perceber que a escultura sobre a qual o texto fala se encontra na alternativa:

A)



B)



C)



D)



E)



09. (UEM-PAS/2017) Desde a Antiguidade até o presente, as obras de arte foram interpretadas de diferentes maneiras, de acordo com seu valor e sua função no interior de uma cultura e de uma época. As obras de arte poderiam representar figuras políticas, ser objeto de adoração religiosa, servir para a educação dos cidadãos ou para rememorar importantes acontecimentos.

Sobre as funções da obra de arte, assinale o que for correto.

- 01) O interesse pelos elementos por meio dos quais a obra de arte se apresenta, percebidos sensivelmente ou intelectualmente, tais como cor, luz, composição, desenho e símbolos, caracteriza a função formalista.
- 02) Para a perspectiva pragmática, a obra de arte é valorizada de acordo com sua utilidade para atingir um determinado fim, como a educação religiosa ou a propaganda política.
- 04) A função da obra de arte é necessariamente determinada por seu criador, que comunica ao público sua intenção.
- 08) Porque as obras de arte não podem ter mais de uma função para uma mesma comunidade, sua interpretação e seu valor podem mudar somente em diferentes épocas históricas.
- 16) A função naturalista da obra de arte é percebida quando ela retrata fielmente seu objeto, como é o caso das pinturas e esculturas de figuras historicamente importantes.

10. Texto I

O termo “arte rupestre” é usado para descrever a prática que os povos antigos tinham de pintar e entalhar a rocha e empilhar pedras para formar grandes desenhos no chão. As mais antigas obras de arte conhecidas – dois pequenos bastões entalhados em ocre, encontrados na caverna Biombos, no litoral sul do Cabo, na África do Sul – foram feitas há 77 mil anos. Estas peças simples são decoradas com linhas cruzadas riscadas na pedra, a fim de criar um desenho geométrico.

Farthing, Stephen, 1950. *Tudo sobre arte*.

[tradução de Paulo Polzonoff Jr. et al]. Rio de Janeiro: Sextante, 2011. P. 16.

Texto II



Wikimedia Foundation

O valor da diversidade artística manifesta-se em vários grupos sociais e étnicos. Se relacionarmos o que o texto I diz com a imagem que aparece no texto II, podemos afirmar que a inter-relação entre os textos I e II se dá porque a imagem

- A) reproduz os bastões em ocre mencionada.
- B) exemplifica um tipo de pintura em rocha.
- C) destoa da descrição que o texto procura fazer.
- D) inviabiliza o conceito de arte contido no texto.
- E) dialoga com os bastões em ocre descritos no texto.

tempo para estabelecer-se definitivamente e assentar as bases de uma estética própria com a qual se identificassem.

Ao fazer isso, inevitavelmente devem ter absorvido traços estilísticos dos povos conquistados, que souberam adaptar muito bem ao seu modo de pensar e sentir, transformando-os em seus próprios sinais de identidade. Foi assim que as cúpulas bizantinas coroaram suas mesquitas, e os esplêndidos tapetes persas, combinados com os coloridos mosaicos, as decoraram. Aparentemente sensual, a arte islâmica foi na realidade, desde seu início, conceitual e religiosa.

No âmbito sagrado, evitou-se a arte figurativa, concentrando-se no geométrico e abstrato, mais simbólico do que transcendental. A representação figurativa era considerada uma má imitação de uma realidade fugaz e fictícia. Daí, o emprego de formas como os arabescos, resultado da combinação de traços ornamentais com caligrafia, que desempenham duas funções: lembrar o verbo divino e alegrar a vista. As letras lavradas na parede lembram o neófito, que contempla uma obra feita para Deus.

Na complexidade de sua análise, a arte islâmica se mostra, no início, como exclusividade das classes altas e dos príncipes mecenas, que eram os únicos economicamente capazes de construir mesquitas, mausoléus e mosteiros. No entanto, na função de governantes e guardiães do povo e conscientes da importância da religião como base para a organização política e social, eles realizavam suas obras para a comunidade de acordo com os preceitos muçulmanos: oração, esmola, jejum e peregrinação.

MARTINS, Simone R.; IMBROISI, Margaret H.

Disponível em: <http://www.historiadaarte.com.br/linha/islamica.html>



jedwo1/123RF/EasyPix

Fachada do Domo da Roca, Jerusalém.



Fique de Olho

A ARTE ISLÂMICA



ostill/123RF/EasyPix

O Taj Mahal, Agra, na Índia.

No ano de 622, o profeta Maomé se exilou (hégira) na cidade de Yatrib e para aquela que, desde então, se conhece como Medina (Madinat al-Nabi, cidade do profeta). De lá, sob a orientação dos califas, sucessores do profeta, começou a rápida expansão do Islã até a Palestina, Síria, Pérsia, Índia, Ásia Menor, Norte da África e Espanha. De origem nômade, os muçulmanos demoraram certo

Aula
07

O Percurso da Arte II:
do Renascimento ao
Neoclássico

C-4	H-12, 13
	H-14



Santa Maria delle Grazie Milão Itália

VINCI, Leonardo da (1452-1519). *A Última Ceia*, 1495-1498. Têmpera no gesso.

Considerado um de seus mais brilhantes trabalhos, *A Última Ceia*, de Leonardo Da Vinci, esbanja perfeição. Ele a declarou como concluída, embora eternamente insatisfeito, por isso continuou, durante anos, trabalhando nela. Após sua exposição ao público, Da Vinci tornou-se um dos primeiros mestres da Itália, quiçá o primeiro. É fato que muitos artistas chegavam ao convento de Santa Maria delle Grazie para analisar cuidadosamente a pintura. Quase sempre a copiavam e discutiam sobre a obra. Diz-se que o rei da França, ao chegar a Milão, teve a ideia impossível de remover o afresco da parede para levar para o seu país.

A arte renascentista: o retorno à arte clássica

Embora os historiadores não cheguem a um consenso, fala-se que, entre o fim do século XII e meados do século XVII, a história da Europa é revestida de inovações no campo da ciência e das artes. Esse período ficou conhecido como Renascimento, Renascença ou Renascentismo.

É fato que o período foi marcado por várias transformações nas áreas da vida humana, assinalando, com isso, o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna. Essas mudanças ficaram evidentes na cultura, na sociedade, na economia, na política e na religião, caracterizando a transição do feudalismo para o capitalismo, o que significa uma ruptura com as estruturas medievais. Floresce, nesse período, uma arte que busca inspiração nos valores clássicos, a arte renascentista.

Gênova, Veneza e Florença são cidades italianas que, durante os séculos XIV e XV, acumularam riquezas provenientes do comércio. Os ricos comerciantes, que ficaram conhecidos como mecenas, começaram a investir nas artes, o que contribuiu para o desenvolvimento artístico e cultural da Itália. Esse movimento cultural não se limitou à Península Itálica, na verdade, espalhou-se para outros países europeus, como Inglaterra, Espanha, Portugal, França, Polônia e Países Baixos.

É importante destacar que, em relação à pintura, duas grandes novidades marcam a arte renascentista: **a utilização da perspectiva**, através da qual os artistas conseguem reproduzir, em suas obras, espaços reais sobre uma superfície plana, dando a noção de profundidade e de volume, ajudados pelo jogo de cores que permitem destacar na obra os elementos mais importantes e obscurecer os elementos secundários; e **a utilização da tinta a óleo**, que possibilitará a pintura sobre tela com uma qualidade maior, dando maior ênfase à realidade e maior durabilidade às obras.

CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DA ARTE RENASCENTISTA

- Valorização da cultura greco-romana. Para os artistas renascentistas, os gregos e os romanos possuíam uma visão completa e humana da natureza, diferentemente dos homens medievais;
- Exploram-se a inteligência, o conhecimento e o dom artístico;
- O homem passa a ser o centro de tudo, pois se valoriza o antropocentrismo;
- Explora-se a perspectiva e a harmonia;
- Desenvolve-se pintura de cunho religioso e mitológico;
- A pintura retratista assume importante papel;
- Utiliza-se a tinta a óleo;
- Exploram-se as formas anatômicas nas esculturas etc.

PRINCIPAIS ARTISTAS

1. **Michelangelo Buonarroti** (1475-1564): era um artista de múltiplas faces, pois se destacou na arquitetura, na pintura e na escultura. Obras-primas: *Davi*, *Pietà*, *Moisés* e as pinturas do teto da Capela Sistina.
2. **Rafael Sanzio** (1483-1520): pintou várias representações da Virgem Maria com o menino Jesus, conhecidas como madonas.
3. **Leonardo Da Vinci** (1452-1519): um exímio representante do Renascimento, pois foi pintor, escultor, cientista, engenheiro, físico, escritor etc. Obras-primas: *Mona Lisa* e *A Última Ceia*.
4. **Sandro Botticelli** (1445-1510): grande pintor italiano; suas obras trazem temas mitológicos e religiosos. Obras-primas: *O nascimento de Vênus* e *A Primavera*.
5. **Outros nomes:** Giotto di Bondono (1266-1337), considerado precursor do Renascimento; Tintoretto (1518-1594), considerado importante pintor veneziano da fase final do Renascimento; Veronese (1528-1588), pintor maneirista do Renascimento Italiano.

Analisando a produção de alguns artistas

Michelangelo Buonarroti

“O amor é a asa rápida que Deus deu à nossa alma para que ela voe até o céu.”

Patrocinado pela família Medici de Florença, Michelangelo, durante setenta anos, desenvolve seu trabalho artístico, entre as cidades italianas de Florença e Roma. De aprendiz dos irmãos Davide e Domenico Ghirlandaio a protegido dos Medici de Florença, esse artista ganha fama muito rapidamente. Em Roma, está a maior parte de suas obras mais importantes. Inserido na transição do Renascimento para o Maneirismo, o estilo de Michelangelo revela as ideias do Humanismo e do Neoplatonismo, centrado, sobretudo, na representação do nu masculino, que o retratou com enorme talento.

Quando se fala em arte ocidental, não se pode esquecer Michelangelo, pois suas obras estão entre as criações mais célebres. Entre elas, podem-se citar as esculturas de *Baco*, *Pietà*, *David* e *Moisés*, as pinturas feitas no teto da Capela Sistina e os afrescos na Capela Paulina. Além disso, o artista trabalhou como arquiteto da Basílica de São Pedro, remodelou a praça do Capitólio romano e projetou vários edifícios.

Obras representativas da produção artística de Michelangelo



Michelangelo (1475-1564). *Juízo Final*, 1534-41, Afresco. Detalhe mostrando Maria e Jesus.



Basilica de São Pedro Vaticano/foto: Pkruger/123RF/Esaypix

Michelangelo (1475-1564). *Pietà*, 1499.



Asier Villafrañca/123RF/Esaypix

Michelangelo (1475-1564). *David*, 1501-04.

Leonardo da Vinci

“A simplicidade é a máxima sofisticação.”



Biblioteca Real de Turim, Itália

VINCI, Leonardo da (1452-1519). *Autorretrato*, 1510-15.

Considerado um dos mais importantes pintores italianos, Leonardo Da Vinci simboliza a própria renascença cultural. Era um gênio, pois desempenhava várias funções e, em todas, obteve sucesso. Foi anatomista, engenheiro, matemático, arquiteto, músico, naturalista, inventor e escultor.

Da Vinci fez estágio no estúdio de Verrochio na cidade de Florença. Viveu em Milão, onde trabalhou para a corte de Ludovico Sforza. Até 1506, realizou trabalhos principalmente em Florença e tudo indica que, nessa época, tenha pintado sua obra mais famosa: a enigmática *Gioconda*. Trabalhou para o rei Francisco I da França, onde realizou belos trabalhos. Morreu na França em 1519.

Principais características das pinturas de Da Vinci:

utilização da técnica artística da perspectiva, uso de cores próximas da realidade, figuras humanas perfeitas, temas religiosos, uso da matemática em cálculos artísticos, imagens principais centralizadas, paisagens de fundo, figuras humanas com expressões de sentimento, detalhismo artístico. Além disso, Leonardo da Vinci é considerado o pai da técnica do *sfumato*, que consiste em criar gradientes perfeitos numa pintura, criando luz e sombra.

Obras representativas da produção artística de Leonardo da Vinci

Também conhecida como *Gioconda*, esta é a mais famosa pintura de Da Vinci. O que mais chama a atenção é o sorriso misterioso da figura feminina. Será que ela está mesmo sorrindo? Note também o efeito de profundidade e de luminosidade obtido pelo artista. Observe a impressão de profundidade dada pelos contornos cada vez menos nítidos das montanhas, à medida que se distanciam do primeiro plano. A água também se torna menos nítida, quando se afasta do primeiro plano. A paisagem de fundo, com traços e cores menos precisos, cria contraste com a figura feminina em primeiro plano. Observe a fisionomia com traços bem nítidos, as mãos e o colo. Veja como a pele reflete bastante a luminosidade em contraste com as roupas escuras. Tudo isso mostra a capacidade de Da Vinci como pintor. Ainda assim, o que intriga o observador é que, embora os traços da figura sejam nítidos, os sentimentos expressos em seu rosto são imprecisos.



Museu do Louvre, Paris, França

VINCI, Leonardo da (1452-1519). *Mona Lisa*, 1503-06



Museu do Louvre, França

VINCI, Leonardo da (1452-1519). *A virgem dos rochedos*, 1483-86.



Galeria Uffizi Florença Itália

VINCI, Leonardo da (1452-1519). *A anunciação*, 1472. Óleo sobre papel.

Rafael Sanzio



Galeria Uffizi, Florença, Itália

SANZIO, Rafael (1483-1520).
Autorretrato, 1506.
Óleo sobre papel.

Importante artista plástico italiano da época do Renascimento, Rafael Sanzio nasceu na cidade de Urbino em 6 de abril de 1483 e morreu na cidade de Roma no dia 6 de abril de 1520. Destacou-se principalmente nas áreas da pintura e arquitetura. Sua arte foi reconhecida graças à suavidade e à perfeição de suas obras.

Quando tinha seis anos de idade, o pai de Rafael o levou para ser aprendiz no estúdio de Pietro Perugino (importante pintor italiano). Em 1501, termina sua primeira obra, um altar para a Igreja de San Nicola da Tolentino. Em 1504, Rafael pinta sua principal obra de sua primeira fase artística: *O Casamento da Virgem*.

Foi morar na cidade de Siena no ano de 1504. Logo após, foi morar na cidade de Florença, onde passou quatro anos. Em Florença, recebeu grande influência artística de Fra Bartolomeu e Leonardo Da Vinci. Em 1508, o papa Júlio II contratou os serviços artísticos de Rafael para que fizesse a decoração dos apartamentos do papa no Vaticano. Em 1515, tornou-se arquiteto oficial do Vaticano. Assumiu a responsabilidade pela continuação das obras na Basílica de São Pedro. Neste mesmo ano, foi designado para supervisionar as pesquisas arqueológicas que ocorriam na cidade de Roma. Entre 1513 e 1517, trabalhou para o papa Leão X. Nesta época, produziu muitos retratos, desenhos de tapeçaria, cenografias e decorações sacras. Rafael morreu com 37 anos de idade, no ano de 1520. Relatos da época indicam que o pintor estava com uma grave febre.

Obras representativas da produção artística de Rafael Sanzio



Museu de Arte de São Paulo

SANZIO, Rafael (1483-1520). *Ressurreição de Cristo*, 1499-1502. Óleo sobre papel.



Museu do Vaticano, Cidade do Vaticano, Itália

SANZIO, Rafael (1483-1520). *A Escola de Atenas*, 1510-11. Afresco.

Em *A Escola de Atenas*, estão Platão e Aristóteles no centro da cena; à sua volta se agrupam outros sábios e estudiosos. Depois que o olhar do observador passeia pelo conjunto de figuras e procura identificar outras personagens, sua atenção volta-se para o amplo espaço arquitetônico representado na pintura. São admiráveis a sugestão de profundidade e a beleza monumental de arcadas e estátuas. É, aliás, nesse modo de representar o espaço e ordenar as figuras, com equilíbrio e simetria, que reside o valor artístico da pintura serena, mas eloquente de Rafael.

Sandro Botticelli

Considerado um dos mais importantes artistas do Renascimento, o italiano Sandro Botticelli nasceu no ano de 1445 e morreu em 1510. Desde muito jovem, dedicou-se à pintura e mostrava muito talento para as artes. Em suas obras, seguiu **temáticas religiosas e mitológicas**.

Sandro Botticelli resgatou vários aspectos culturais e artísticos das civilizações grega e romana. Como muitos de sua época, o artista chegou a fazer retratos de pessoas famosas da época. Suas pinturas são marcadas por um forte realismo, por movimentos suaves e por cores vivas.

O Nascimento de Vênus, de 1485, é considerada uma de suas obras mais conhecidas na história da arte ocidental. Nela, se observam a valorização das forças da natureza e o resgate da mitologia romana.

Principais obras de Botticelli (pinturas): *O Nascimento de Vênus*; *A Primavera*; *A Adoração dos Magos*; *A Tentação de Cristo*; *Retrato de Dante Alighieri*; *A Coroação da Virgem*; *O Inferno de Dante*; *Virgem com o Menino e dois Santos*; *As provações de Moisés* etc.



Galeria Uffizi, Itália

BOTTICELLI, Sandro (1445-1510). *A primavera*, 1482.
Têmpera sobre madeira.

A *Primavera* ou *Alegoria de Primavera* é um quadro de Botticelli que utiliza a técnica de têmpera sobre madeira. Na revista *Cultura e Valores*, em 2009, o quadro foi descrito como “um dos quadros mais populares na arte ocidental”. Nessa pintura, veem-se seis figuras femininas e duas masculinas, juntamente com um anjo de olhos vendados, numa plantação de laranjas. À direita, uma figura feminina coroada de flores num vestido de estampa floral espalha flores, recolhidas nas dobras do seu vestido. Seu companheiro mais próximo, uma mulher de branco diáfano, está sendo tomado por um homem com asas. Suas bochechas estão inchadas, sua intenção de expressão e contemplação natural separa-o dos restantes. As árvores ao redor dele sopram na sua direção, assim como a saia da mulher que ele está aproveitando. Agrupado à esquerda, um grupo de três mulheres também em branco diáfano unem as mãos a dançar, enquanto um jovem coberto de vermelho com uma espada e um capacete levanta um pedaço de madeira levantando algumas finas nuvens de cinza. Duas das mulheres usam colares bem destacados. O cupido a voar tem uma seta voltada para as meninas dançando. Central e um pouco isolada das outras figuras está uma mulher vestida de vermelho e azul com olhar de espectadora. As árvores atrás delas formam um arco quebrado em forma de dois olhos.

A arte maneirista: o excesso artístico na expressividade



Pinacoteca de Volterra, Itália

FIORENTINO, Rosso (1494-1540).
A descida da cruz, 1521.
Óleo sobre painel.

Entre as tendências que acompanham o Renascimento clássico, a mais discutida é o Maneirismo. O alcance e o significado do termo continuam problemáticos, pois seu significado original era preconceituoso e sarcástico, já que designava um grupo de artistas de Roma e Florença que tinha um estilo “artificial”, derivando de certas características de Rafael e Michelangelo. Recentemente, reconheceu-se o Maneirismo como parte de um movimento mais amplo, subjetivo e fantástico.

Em Roma, o Maneirismo se desenvolve do ano de 1520 até por volta de 1610. Nesse estilo, há uma evidente tendência para a estilização exagerada e um capricho nos detalhes que começa a ser sua marca, extrapolando, assim, as rígidas linhas dos cânones clássicos.

Para alguns historiadores, o Maneirismo é a transição entre o Renascimento e o Barroco, enquanto outros preferem vê-lo como um estilo, propriamente dito. O certo, porém, é que o Maneirismo é uma consequência de um renascimento clássico que entra em decadência. Os artistas se veem obrigados a partir em busca de elementos que lhes permitam renovar e desenvolver todas as habilidades e técnicas adquiridas durante o Renascimento.

Uma de suas fontes principais de inspiração é o espírito religioso reinante na Europa nesse momento. Não só a Igreja, mas toda a Europa estava dividida após a Reforma de Lutero. Carlos V, depois de derrotar as tropas do sumo pontífice, saqueia e destrói Roma. Reinam a desolação e a incerteza. Os grandes impérios começam a se formar, e o homem já não é a principal e única medida do universo.

Em consequência disso, pintores, arquitetos e escultores são impelidos a deixar Roma com destino a outras cidades. Valendo-se dos mesmos elementos do Renascimento, mas agora com um espírito totalmente diferente, criam uma arte de labirintos, espirais e proporções estranhas, que são, sem dúvida, a marca inconfundível do estilo maneirista. Mais adiante, essa arte acabaria cultivada em todas as grandes cidades europeias.

QUADRO-SÍNTESE DA ARTE RENASCENTISTA

<p>Arquitetura</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Uso de ordens arquitetônicas; • Arcos de volta perfeita; • Construções simplificadas; • A escultura e a pintura se desprendem da arquitetura e passam a ser autônomas; • Tipos de construções: palácios; igrejas; vilas; fortalezas (com funções militares); praças; casa de descanso fora da cidade etc.
<p>Pintura</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Utilização da perspectiva; • A técnica do <i>sfumato</i>; • Senso de realismo; • Individualismo artístico; • Modelo retratista; • Antropocentrismo; • Temas religiosos; • Feições anatômicas; • Mitologia (valorização da cultura greco-romana); • Uso do claro-escuro etc.
<p>Escultura</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Temas religiosos; • Perfeição anatômica (estudo do corpo humano); • Harmonia artística; • Profundidade e perspectiva; • Representação fiel ao modelo representado; • Proporção da obra mantendo sua relação com a realidade etc.



Galeria Skoklosters Slott Bålsta, Suécia

ARCIMBOLDO, Giuseppe (1527-1593). *O bibliotecário*, 1570. Óleo sobre tela.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA ARTE MANEIRISTA

- É comum a presença de multidão em que figuras se comprimem em espaços arquitetônicos reduzidos, o que forma planos paralelos, irrealis, e gera tensão permanente;
- Apresenta corpos de formas esguias e alongadas, em substituição aos membros bem-torneados do Renascimento;
- Os corpos costumam apresentar contorções absolutamente impróprias para os seres humanos;
- Apresenta rostos melancólicos e misteriosos que surgem entre as vestes, de um drapeado minucioso e cores brilhantes;
- A luz se detém sobre objetos e figuras, produzindo sombras inadmissíveis. Os verdadeiros protagonistas do quadro já não se posicionam no centro da perspectiva, mas em algum ponto da arquitetura, onde o olho atento deve, não sem certa dificuldade, encontrá-lo.

Principal artista: El Greco (1541-1614), ao fundir as formas iconográficas bizantinas com o desenho e o colorido da pintura veneziana e a religiosidade espanhola. Na verdade, sua obra não foi totalmente compreendida por seus contemporâneos. Nascido em Creta, acredita-se que começou como pintor de ícones no convento de Santa Catarina, em Cândia. De acordo com documentos existentes, no ano de 1567, emigrou para Veneza, onde começou a trabalhar no ateliê de Ticiano, com quem realizou algumas obras. Depois de alguns anos de permanência em Madri, ele se estabeleceu na cidade de Toledo, onde trabalhou praticamente com exclusividade para a corte de Filipe II, para os conventos locais e para a nobreza toledana. Entre suas obras mais importantes estão *O Enterro do Conde de Orgaz*, a meio caminho entre o retrato e a espiritualidade mística. *Homem com a Mão no Peito*, *O Sonho de Filipe II* e *O Martírio de São Maurício*. Esta última lhe custou a expulsão da corte.



Igreja de São Tomé de Toledo, Espanha

GRECO, El (1541-1614). *O Enterro do Conde de Orgaz*, 1586. Óleo sobre tela.

A arte barroca: a tensão entre razão e emoção



Capela Contarelli, Roma, Itália

Caravaggio (1571-1610). *Vocação de São Mateus*, 1599-1600. Óleo sobre tela.

O estilo barroco e a Contrarreforma

Fala-se que a palavra “barroco” foi usada para denominar uma nova estética artística que surgiu na Europa. O auge desse estilo ocorre entre os séculos XVI e meados do XVIII. Sabe-se que essa nova arte está diretamente associada à Contrarreforma da Igreja Católica. Embora seja um estilo que se desenvolveu em muitos países do mundo, a força maior dessa arte concentra-se na Itália, na Espanha e na Áustria. Os países protestantes, como a Inglaterra, não tiveram uma expressividade barroca acentuada.



Chris Hill/12.3RF/EasyPix

BERNINI, Giovanni Lorenzo (1598-1680). *O êxtase de Santa Teresa*, 1645-52.

Essa escultura de Bernini retrata Teresa de Ávila, considerada uma das santas da Contrarreforma Católica. Diz-se que certa vez Teresa de Ávila havia descrito como um anjo uma vez trespassou o seu coração com uma flecha dourada.

As palavras ditas por ela foram estas: “A dor foi tão grande que gritei; ao mesmo tempo, porém, senti uma doçura tão infinita que desejei que a dor jamais acabasse”. Partindo dessa experiência visionária, Bernini criou uma escultura em que a contradição **dor** e **prazer** é posta em cena. Isso pode ser percebido quando se observam as feições antitéticas de Tereza diante da flecha do anjo, a qual remete o observador, numa perspectiva simbólica, tanto a arma que mata quanto o órgão sexual masculino que dá prazer.

Os traços regionais, individuais e subjetivos do Barroco

Como foi uma arte que se desenvolveu em diferentes partes da Terra, o Barroco costuma apresentar características regionais em cada localidade em que se desenvolveu. Sabe-se que a personalidade forte de alguns artistas, como Caravaggio e Velázquez, contribuiu para que esse estilo artístico deixasse margem à subjetividade.

É certo que, ao buscar emoção, o artista barroco provoca o observador. Para isso, explora a natureza e retrata-a de forma verossímil. Embora prime por uma perspectiva muitas vezes subjetiva, o artista desse estilo costuma, em suas obras, revelar **teatralidade cênica, dinamismo, conflito e apelo emocional**.

Atingir os efeitos desejados exige do artista conhecimento e habilidade em lidar com cores, com texturas e com o jogo de luz e sombra. Usam-se também diagonais e curvas, além de se demonstrar domínio no uso do espaço.

No Barroco, tanto os temas místicos quanto os profanos são explorados. Muitas vezes, as modalidades artísticas – pintura, escultura e arquitetura – se entrelaçam, gerando harmonia cênica. Convém frisar que, para o homem renascentista, a harmonia do todo estava garantida pela perfeição que vinha com o equilíbrio dos elementos retratados. Para o homem barroco, não, pois a harmonia poderia ser fruto da fusão dos diferentes componentes que fazem parte de uma obra. Aqui, o individual pode ser sacrificado em nome do todo. Isso fez que a unidade geral entrelaçasse arquitetura, escultura e pintura. Por tudo isso, o objetivo das construções passou a ser o inter-relacionamento dessas diferentes formas de fazer arte, já que o diálogo harmônico faz bem ao conjunto da obra.

Surgido na Itália, de onde extrai alguns elementos da arte renascentista para depois transformá-los, o Barroco artístico é considerado um clássico rebelde. Mesmo sabendo que a arte renascentista influenciou os artistas posteriores, não se pode dizer que o Barroco arquitetônico, por exemplo, não apresenta características peculiares, pois revela individualidade estética, embora se utilize de estilos diferentes, como a arquitetura clássica. Por toda essa diversidade estética, o Barroco é sim a arte da contradição de valores e de estilos.

O artista, a religião e a arte

Importante representante do catolicismo, a Espanha foi responsável imediata para que o estilo Barroco chegasse a diferentes partes do mundo. O artista era apoiado pela Igreja, que o patrocinava na realização de suas obras. Outro fato relevante para se entender esse período artístico é saber que o homem barroco era um ser dividido, conflituoso, místico e repleto de energia, que a expressava em suas convicções religiosas e em suas obras de arte. Exemplo desse comportamento é Bernini. Artistas como Rubens e Caravaggio também mostraram força e talento ao expressar seus valores em suas obras de arte.

Nomes representativos

Michelangelo Merisi de Caravaggio



Biblioteca Manuelli, Florence

LEONI, Ottavio (1578-1630).
Caravaggio, 1621.

Caravaggio foi um pintor italiano, nascido em Ducado de Milão, e, entre 1593 e 1610, atuou nas cidades de Roma, Nápoles, Malta e Sicília. Considerado um dos maiores representantes do Barroco, Caravaggio, nome adotado pelo artista em homenagem à aldeia homônima em que vivia sua família, era enigmático, fascinante e perigoso.

Fermo Merisi, seu pai, era administrador e arquiteto do marquês de Caravaggio. Após surgir na cena romana em 1600, comissões e patronos não lhe faltavam mais. Vivía de maneira atroz, pois chegara a matar um jovem em uma briga, tendo de fugir de Roma, já que sua cabeça estava a prêmio. Em Sicília, chega a pintar a obra *A ressurreição de Lázaro*, na qual, sob o pavor de um imenso espaço vazio, um raio de luz rasante parece imobilizar o drama sagrado.

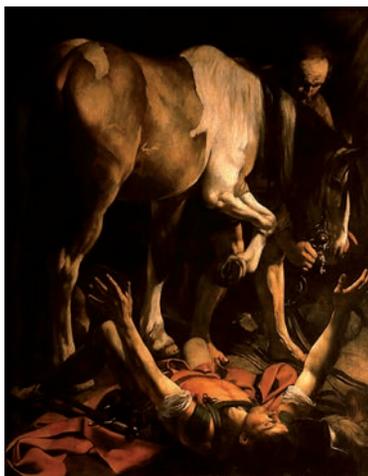
Sabe-se que Caravaggio usava pessoas comuns como modelos para retratar Maria e os apóstolos. Assim, comerciantes, prostitutas, marinheiros e outros tipos eram usados pelo artista na composição de suas obras. Talvez tenha sido o primeiro artista a conciliar a arte com o mitológico “Ministério de Jesus”, que, segundo a lenda, aconteceu entre pescadores, lavradores e prostitutas.

Fala-se que, para pintar *A Morte da Virgem*, Caravaggio chegou a usar como modelo o corpo de uma prostituta encontrada morta no rio Tibre. Talvez, por isso, as duas principais características das suas pinturas são estas: **retratar o aspecto mundano dos eventos bíblicos**, usando o povo comum das ruas de Roma, e **a dimensão e o impacto realistas que ele deu aos seus quadros**. Para conseguir este efeito, o artista usava um fundo sempre raso, obscuro, muitas vezes totalmente negro e agrupava a cena em primeiro plano com focos intensos de luz sobre os detalhes, geralmente os rostos. Os efeitos de iluminação criados por Caravaggio são conhecidos por **tenebrismo**.



Museu Regional Messina Sicília, Italia

Caravaggio (1571-1610). *A Ressurreição de Lázaro*, 1609. Óleo sobre tela.



Igreja Santa Maria del Popolo Roma, Itália

Caravaggio (1571-1610). *A Conversão de São Paulo, a caminho de Damasco*, 1600. Óleo sobre tela.

Peter Paul Rubens



Museu de História da Arte Viena, Áustria

RUBENS, Peter Paul (1577-1640). *Autorretrato*, 1923. Óleo sobre painel.

Considerado o maior representante do Barroco Setentrional, Peter Paul Rubens (1577-1640) tinha um estilo que envolvia uma rica e surpreendente mistura de cor, luz e movimento. Dono de uma personalidade afetuosa, emocional e amigável, esse artista revelou em suas obras muito de sua formação erudita e de sua religião católica.

Sendo a cor elemento valioso na pintura flamenca, Rubens soube usar e abusar delas, pois, em seus quadros, as cores fortes, como o vermelho, o verde e o amarelo, entram em contraste com a luminosidade da pele clara das figuras humanas, como ocorre em *O rapto da filha de Leucipo* e *A Caçada de leões*. Uma das telas mais coloridas de Rubens é *O jardim do amor*. Trata-se de uma cena em que realidade e alegoria se fundem. Nessa obra, a entrada de um palácio serve de cenário para um grupo de pessoas – homens e mulheres – cercado por alegres cupidos. Na parte superior, está Vênus, sob a forma de estátua, cuja presença reforça a sugestão do amor. Os tons quentes das roupas femininas, quebrados pelo vestido claro da mulher da direita, e o traje masculino vermelho criam um conjunto de figuras que atrai a atenção do observador. Os inúmeros detalhes da cena despertam-nos a curiosidade de identificar todos os indicadores do tema representado. Além de colorista vibrante, Rubens destacou-se por criar cenas que sugerem, a partir das linhas contorcidas dos corpos e das pregas das roupas, um intenso movimento.



Museu do Prado, Madrid, Espanha

RUBENS, Peter Paul (1577-1640). *O Jardim do Amor* (1632-34). Óleo sobre tela.

QUADRO-RESUMO DO BARROCO ARTÍSTICO

- As obras revelam o emocional *versus* o racional;
- Procura impressionar os sentidos do observador;
- Busca efeitos decorativos e visuais ao usar curvas, contracurvas e colunas retorcidas;
- Usa a técnica do ilusionismo nos tetos das igrejas;
- Muitas vezes, há entrelaçamento entre arquitetura e escultura;
- Há violentos contrastes de luz e sombra;
- Apresenta composições assimétricas, em diagonal, revelando um estilo grandioso, monumental;
- Há substituição da unidade geométrica e do equilíbrio da arte renascentista;
- Retratação de cenas em seu momento máximo de intensidade dramática;
- Antropocentrismo *versus* teocentrismo etc.

A arte rococó: o exagerado ornamento

Depois da morte de Luís XIV, na França, o Rococó se desenvolveu, mas obteve êxito em outros países, como a Alemanha e a Áustria. Conhecido como “estilo regência”, o rococó é o reflexo da elite francesa, sobretudo, de Paris, especialmente Versailles. O *rocaille*, de onde vem rococó, significa concha, que era um dos elementos decorativos mais usados pelos adeptos desse estilo, que se deu tanto na arquitetura quanto na pintura.

Valorizando o aspecto decorativo e ornamental, o estilo alcançou seu auge durante a regência de Filipe de Orleans, entre 1715 e 1730. Naquela época, havia uma alegria na decoração carregada na teatralidade, na refinada artificialidade dos detalhes, o que amenizava a dramaticidade pesada do Barroco. Trata-se de um estilo que comemora a alegria de viver, que se reflete no exagero das formas religiosas ou não. Nesse estilo, os anjinhos rechonchudos são explorados em demasia, o que deixa a vida muito mais leve, como eram as despreocupadas cortes de Paris e de Viena.

Na tentativa de valorizar um modo de vida individual e caprichoso, a arquitetura desse estilo se espelha na sensibilidade, que se percebe na distribuição dos ambientes interiores, quase sempre bem ornamentados. Há também valorização das fachadas das construções. Nas igrejas, multiplicam-se as cúpulas e as paredes ficam mais claras, com tons pastel e branco. É comum a presença de ramos, de flores, de anjinhos, que contorna as janelas ovais e quebra a rigidez das paredes.

A escultura se destaca, em decorrência do aspecto decorativo. Os escultores criam formas menores e fogem do estilo barroco clássico ao abandonar suas linhas. Embora os artistas usem mármore, preferem o gesso e a madeira, que aceitam cores mais suaves.

Na pintura, o rococó abandona os afrescos e, por meio da leveza do traço e da suavidade da cor, suaviza as tensões do homem barroco. Os quadros podem ter pequenas dimensões, o que possibilita a colocação ao lado das janelas ou mesmo nas entreportas. Por vezes, os quadros agora têm um lugar reservado: são os *cabinets* de pintura, onde se reúnem os entendedores para apreciar as obras. O homem do rococó é um cortesão, amante da boa vida e da natureza. Vive na pompa do palácio, passa o dia em seus jardins e se faz retratar tanto luxuosamente trajado nos salões de espelhos e mármore quanto em meio a primorosas paisagens bucólicas, vestido de pastorinho. Há uma particular tendência para as sedas e rendas que envolvem as figuras. Fragonard é quem melhor representa esse estilo.



Museu Lambinet Versalhes, França

FRAGONARD, Jean-Honoré (1732-1806). *O balanço*, 1767. Óleo sobre tela.

QUADRO-RESUMO DO ESTILO ROCOCÓ

- Na pintura, as cores vivas são substituídas por tons pastéis;
- Na arquitetura, a luz difusa inunda os interiores em decorrência das inúmeras janelas;
- O relevo abrupto das superfícies cede espaço a texturas suaves;
- A estrutura das construções ganhou leveza;
- É a arte que valoriza os anjinhos rechonchudos, dando leveza à cena;
- Ornamentação, detalhes, leveza, alegria de viver caracterizam o rococó.

A arte neoclássica: o valor da cultura greco-romana

O Neoclassicismo foi o estilo dominante na arte ocidental do fim do século XVIII até aproximadamente 1830. Nascido na Europa, teve como base os ideais do pensamento iluminista e a retomada da cultura da Antiguidade Clássica, valorizando os princípios da moderação, do equilíbrio e do idealismo como uma reação contra os excessos decorativistas e dramáticos do Barroco e do Rococó.

O impulso inicial do Neoclassicismo não veio de artistas, mas sim de filósofos, como Diderot e Voltaire, que eram os porta-vozes do Iluminismo na França. Esses pensadores lutaram contra a frouidão moral do estilo rococó e, por consequência, do regime que o gerara. Em substituição a isso, exige-se uma arte racional, moral e intelectualizada. Para tanto, seria necessário visitar a cultura do mundo clássico.

Na obra *O juramento dos Horácios*, por exemplo, tem-se inspiração na história da Roma Antiga e, com isso, revitalizam-se os valores estéticos da Antiguidade. Na obra, cidadãos livres agarram-se em armas, ou seja, tomam nas suas mãos o poder sobre o futuro da nação.



Museu do Louvre, Paris, França

DAVID, Jacques-Louis (1748-1825). *O Juramento dos Horácios*, 1784, Óleo sobre tela.

Na arquitetura, a arte do Neoclassicismo foi marcada pela simplicidade, embora, em alguns casos, o estilo romano se destaque, com marcas de severidade e monumentalidade. Há também influência do estilo grego.



Museu de Arte Metropolitano, Estados Unidos

DAVID, Jacques-Louis (1748-1825). *A morte de Sócrates*, 1787. Óleo sobre tela.

A pintura foi a modalidade artística de menor impacto no neoclassicismo. Caracteriza-se pela exploração de elementos mitológicos ou pela celebração de Napoleão. Nas obras, as imagens fazem parte de uma cena teatral e, quase sempre, são desenhadas em posição fixa. A busca do belo dá-se por meio da simplicidade na composição. As obras apresentam contornos bem delineados, cores puras e realistas e iluminação clara.

Em *A morte de Sócrates*, obra encomendada para um mecenas, Jacques-Louis David explora as formas clássicas típicas do Neoclassicismo. A obra mostra Sócrates na prisão recebendo a visita de seus discípulos pouco antes de tomar veneno. O tema da tela foi escolhido pelo patrono do artista, mas é lógico que a mistura de coragem e o autossacrifício da história interessaram o artista. Na cena, o gesto e a pose de Sócrates contrastam diretamente com os personagens desfaçaleiros que o cercam. Jacques-Louis David banha o protagonista com uma luz divina e ressalta o movimento com toques de luz e sombra. Para Sir Joshua Reynolds (1723-1792), essa obra foi a maior realização na arte depois da Capela Sistina.

QUADRO-RESUMO DO NEOCLASSICISMO

- As obras apresentam formalismo e racionalidade;
- Nota-se exatidão nos contornos das obras;
- Há certa harmonia no colorido das obras;
- Há retorno ao estilo greco-romano;
- Valorizam-se o academicismo e as técnicas apuradas;
- Cultua-se a teoria de Aristóteles;
- Na época, idealizava-se com a democracia;
- Usavam-se pinceladas que não marcavam a superfície.



Exercícios de Fixação

01. (Enem-PPL/2018)

Texto I



ATAÍDE, M. C. *Coroação de Nossa Senhora de Porciúncula*. Detalhe da pintura do forro da nave da igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto, 1801-12

Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br>
Acesso em: 30 out. 2015.

Texto II

Manuel da Costa Ataíde (Mariana, MG, 1762-1830), assim como os demais artistas do seu tempo, recorria a bíblias e a missais impressos na Europa como ponto de partida para a seleção iconográfica das suas composições, que então recriava com inventiva liberdade.

Se Mário de Andrade houvesse conseguido a oportunidade de acesso aos meios de aproximação ótica da pintura dos forros de Manuel da Costa Ataíde, imaginamos como não teria vibrado com o *mulatismo* das figuras do mestre marianense, ratificando, ao lado de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, a sua percepção pioneira de um surto de racialidade brasileira em nossa terra, em pleno século XVIII.

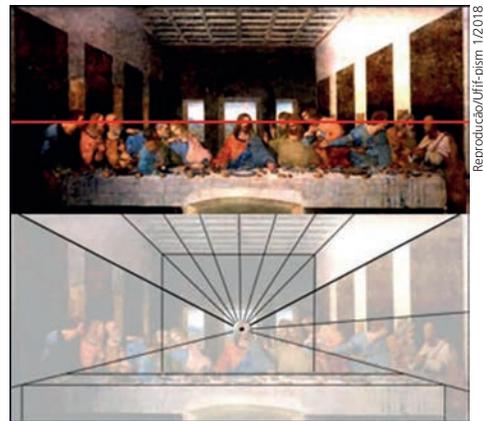
FROTA, L. C. *Ataíde: vida e obra de Manuel da Costa Ataíde*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

O texto II destaca a inovação na representação artística setecentista, expressa no texto I pela

- reprodução de episódios bíblicos.
- retratação de elementos europeus.
- valorização do sincretismo religioso.
- recuperação do antropocentrismo clássico.
- incorporação de características identitárias.

02. (UFJF-Pism-1/2018) Leia atentamente os documentos a seguir:

Documento 1



A *Última Ceia*, de Leonardo Da Vinci, em seu esquema gráfico indicador do ponto de fuga e linhas do horizonte. Disponível em: <http://goo.gl/2kvRg7>.

Documento 2



Fotografia de Sebastião Salgado, no Projeto *Outras Américas* (1977-1983).

Documento 3

“Foi no Renascimento que se sistematizou uma forma de representar o espaço real e tridimensional (realidade) partindo de uma abstração matemática que ficou conhecida como perspectiva. Na Renascença, quase toda pintura obedecia a esse método de representação. A perspectiva era um expediente geométrico que produzia a ilusão da realidade, mostrando os objetos no espaço em suas posições e tamanhos corretos. A perspectiva capta os fatos visuais e os estabiliza, transformando o ponto fixo de um observador para o qual o mundo todo converge.”

Disponível em: <https://goo.gl/814GFE>.

Ao comparar os três documentos apresentados, é correto afirmar que:

- Os pintores do Renascimento desconheciam as correlações possíveis entre a geometria e a produção artística.
- A busca da tridimensionalidade realista foi a tônica da arte usada na construção de igrejas durante a Idade Média, aspecto perpetuado pela Renascença.
- A técnica da perspectiva inventada no Renascimento encontra-se ainda presente em recursos atuais de produção de imagens, tais como a fotografia e o cinema.
- Durante a Renascença, a fotografia era uma técnica disseminada enquanto recurso voltado à representação de lugares, pessoas e paisagens.
- As técnicas utilizadas na pintura de tipo renascentista originaram-se na América e expandiram-se para a Itália e França após o século XIV.

03. (Enem (Libras)/2017)



Reprodução/Enem-Libras 2017

Disponível em: www.wga.hu
Acesso em: 31 jul. 2012.

A exploração dos contrastes entre o claro e o escuro é própria da arte barroca, como é o caso da obra *Judite e Holoferne*. O tratamento de luminosidade empregado por Caravaggio nessa obra

- A) cria uma atmosfera de sonho e imaginação, por deixar algumas regiões do quadro na obscuridade.
- B) oculta os corpos na penumbra, eliminando do quadro qualquer traço de sensualidade.
- C) produz um envolvimento místico e distanciado da experiência cotidiana.
- D) enfatiza o drama e o conflito, conjugando realismo e artificialidade.
- E) recorta as figuras contra o fundo escuro, negando a profundidade.

04.



Wikimedia Foundation

Jean-Honoré Fragonard. N Grasse, FR, 1732.
M Paris, FR 1806. *O Balanço*. C. 1768. Óleo sobre tela.
81 x 64,5cm. Wallace Collection, Londres, RU.

Com uma expressão de abandono sedutor, uma bela jovem chuta seu delicioso sapatinho enquanto balança num jardim luxuriante. Quase podemos ouvir o farfalhar provocante das saias enquanto seu amante a observa de um lugar estratégico, entre a vegetação rasteira. Banhada por um glorioso raio de sol, a garota é o foco da composição. Esse tipo de quadro, com sua frivolidade e leveza, caracteriza o

- A) rococó, estilo de época que foi levado ao apogeu por Fragonard.
- B) neoclassicismo, estética que Fragonard defendeu no século XVII.
- C) gótico, técnica de composição desenvolvida por Fragonard.
- D) realismo, estilo de época em que Fragonard ganhou fama.
- E) impressionismo, estética na qual Fragonard conheceu a fama.

05.



Wikimedia Foundation

SÂNZIO, Rafael. *Ressurreição de Cristo*, c. 1499/1502
Museu de Arte de São Paulo, São Paulo

Rafael, artista renascentista, compôs a *Ressurreição de Cristo*, revelando, em uma perspectiva temática, corrente natural e sobrenatural. Esse aspecto sobressai na obra em questão porque o artista

- A) fundiu, na mesma imagem, o plano terreno ao celestial.
- B) explorou a perspectiva linear, própria dos renascentistas.
- C) sobrepôs imagens a partir da técnica de colagem moderna.
- D) incorporou o teocentrismo na composição de sua obra.
- E) dividiu a tela em formas geométricas ao pintar as imagens.



Exercícios Propostos

01. (Unesp/2019) Analise a tela *Marat assassinado*, pintada por Jacques-Louis David em 1793.

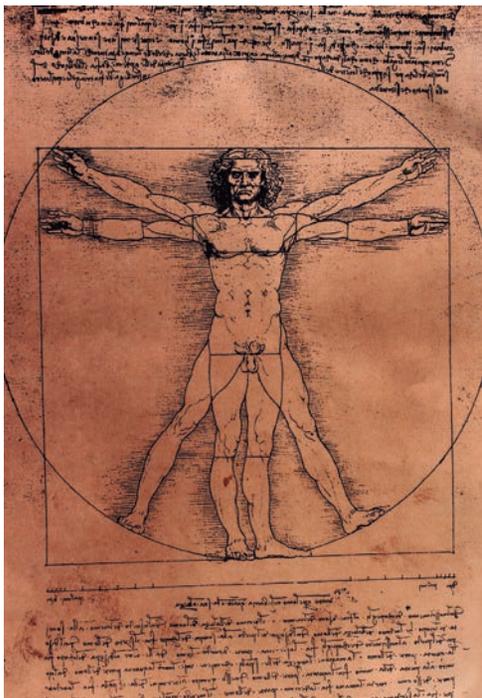


Reprodução/Unesp/2019

Ernst Hans Gombrich.
A história da arte, 2015.

- Essa pintura apresenta estilo
- gótico, expresso no confronto entre claro e escuro, e representa uma importante passagem bíblica.
 - barroco, expresso no contraste entre os objetos retratados, e valoriza a importância da leitura e da escrita.
 - romântico, expresso no conteúdo religioso da cena, e representa o predomínio da emoção sobre a razão.
 - neoclássico, expresso na modelação da musculatura do corpo, e representa um episódio político da época.
 - moderno, expresso na imprecisão das formas e dos contornos do desenho, e representa o cotidiano do homem da época.

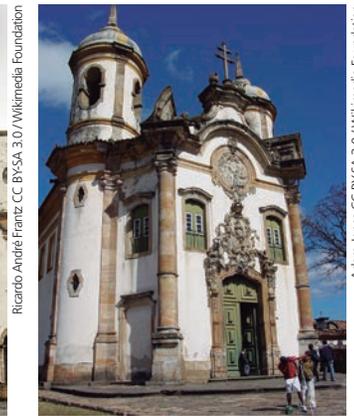
02. (Ufes) A imagem do *Homem Vitruviano* é uma representação elaborada no final do século XV por Leonardo Da Vinci e exprime o antropocentrismo e a harmonia das formas que caracterizaram as obras artísticas do Período Renascentista.



Janaka Dharmasena/12.3RF/Getty Images

- Sobre o Renascimento, não é correto afirmar que
- um dos seus principais fundamentos intelectuais foi o Humanismo, concepção segundo a qual o homem deveria ser valorizado como o epicentro do mundo e da história, como havia ocorrido na Antiguidade Clássica.
 - o estudo do homem e da natureza, nesse período, fundamentava-se no espírito crítico, o que possibilitou o desenvolvimento do pensamento científico, como se comprova na defesa da teoria heliocêntrica por Nicolau de Cusa e Nicolau Copérnico.
 - os homens da época tenderam a valorizar a produção artística e intelectual das civilizações do Oriente Médio, especialmente a egípcia e a mesopotâmica, pela conexão que estas guardavam com a história hebraica descrita na Bíblia.
 - um dos seus maiores expoentes foi Leonardo Da Vinci, um modelo do intelectual renascentista, pelo fato de se ter dedicado a múltiplas áreas do conhecimento como, por exemplo, à Anatomia, à Física e à Botânica, além da Pintura.
 - o termo “Renascimento” designa uma modalidade de expressão intelectual urbana e burguesa originária da Península Itálica, que se constituiu a partir do sincretismo entre a cultura clássica e a tradição judaico-cristã.

03. (UEL) Observe as figuras a seguir.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Recife-PE.

Igreja de São Francisco de Assis. São João del Rey-MG.

Com base nas figuras anteriores, é correto afirmar que se referem à arquitetura

- moderna brasileira, particularmente às Igrejas Católicas projetadas pelo arquiteto Oscar Niemeyer.
- eclética, própria do século XIX, cuja mescla de estilos variados é a marca de sua linguagem arquitetônica.
- barroca, realizada no Brasil no século XVII.
- neoclássica brasileira, regras arquitetônicas foram determinadas pela Missão Francesa que chegou ao Brasil na segunda década do século XIX.
- religiosa de estilo *Art Nouveau*, desenvolvida no Brasil nas primeiras décadas do século XIX.

04.



Museu do Louvre, Paris, França

DAVID, Jacques-Louis. *O Juramento dos Horácios*, 1784.

A obra *O Juramento dos Horácios* ilustra os ideais artísticos do neoclassicismo, embora tematize algo comum à sociedade romana. Nessa obra, três irmãos fazem a saudação romana, o que constitui juramento de que lutarão pela República Romana. Essa pintura simboliza o princípio de que o dever público, o sacrifício pessoal e o patriotismo são valores superiores à própria segurança. Produzida poucos anos antes da Revolução Francesa, essa obra

- tematiza o ódio que a população francesa tem ao poder absolutista.
- explora o estado conceitual da arte, uma vez que permite releituras.
- revela técnica em que a perspectiva linear entra em sua composição.
- distorce fatos, pois o período que representa é anterior ao século XVIII.
- explora o estado figurativo, ainda que de forma confusa e imprecisa.

05. Para compreender a evolução da História da Arte, é importante que se saiba reconhecer o valor da diversidade artística e das inter-relações de elementos que estão presentes na criação de obras artísticas de diferentes grupos sociais e étnicos.

I



Galleria degli Uffizi, Itália

BOTTICELLI, Sandro (1445-1510). *O Nascimento de Vênus* (1485-1486). Óleo sobre tela.

II



Coletagem particular.

Nascimento de Vênus (1940), Óleo sobre tela de Di Cavalcanti. Dimensões: 54 cm x 65 cm.

Comparando as obras I e II, respectivamente, dos artistas plásticos Sandro Botticelli e Di Cavalcanti, é correto afirmar que

- A) ambos os artistas recorreram à mesma estética, o Expressionismo, para reproduzir o padrão de beleza feminino em diferentes épocas.
- B) o ideal de beleza feminino está reproduzido somente na tela de Sandro Botticelli, já que o pintor recorre ao padrão escultural grego para dar forma a sua tela.
- C) Di Cavalcanti parodia a tela do renascentista Sandro Botticelli, porque não se pode atribuir o ideal de beleza a um corpo obeso.
- D) ambas as telas reproduzem padrões de beleza que refletem o contexto social em que elas foram produzidas, ampliando, assim, o conceito de Belo.
- E) o isolamento da Vênus, de Botticelli, e a brasilidade da Vênus, de Cavalcanti, demonstram que a arte pode refletir tanto a solidão quanto alegria de viver.

06. Entre as obras acabadas de Leonardo Da Vinci, ocupa uma posição de destaque um retrato de uma senhora da aristocracia, que segura nas mãos um arminho: o retrato de Cecília Gallerani, mundialmente conhecido como *Dama com Arminho*.



Museu Czartoryski, Cracóvia, Polônia

VINCI, Leonardo da (1452-1519). *Retrato de Cecília Gallerani, Dama com Arminho*, 1483-90. Óleo e têmpera sobre papel.

- Considere o contexto da arte renascentista e observe atentamente a obra *Dama com Arminho*, de Leonardo Da Vinci. Portanto, é possível ler, a partir dessa imagem, que o artista
- A) foge de seu estilo ao compor essa obra, uma vez que não costumava valorizar a centralização da imagem no quadro.
 - B) recorre a uma estrutura helicoidal, ao pintar Cecília de rosto virado em uma posição de três-quartos.
 - C) mostra Cecília estática, já que não é possível inferir a ideia de que o movimento da cabeça de Cecília possa ter se dado ao reagir ao estímulo de um chamado.
 - D) põe o arminho indiferente ao movimento de Cecília, o que caracteriza falta de sintonia entre modelo e animal.
 - E) desvaloriza o estilo renascentista de fazer arte, uma vez que a técnica do claro-escuro utilizada na obra liga-a ao estilo barroco.

07. Durante a História da Arte, são vários os momentos ou as obras que estabelecem diálogo entre si, seja no âmbito temático, seja no estético, seja no sociocultural.

Imagem I



José Luiz/Wikimedia Foundation

Vênus Capitolina, autor desconhecido. Período Antonino. Escultura em mármore. Museus Capitolinos, Roma.

Imagem II



O Nascimento de Vênus, de Sandro Botticelli, 1485. Têmpera sobre tela. 172,5 x 278,5. Galleria degli Uffizi, Florença.

Nas duas representações da deusa Vênus, nota-se que há um diálogo temático por parte dos artistas que as produziram. Esse diálogo fica evidente quando o leitor percebe que

- ambas as imagens revelam o pudor e a timidez associados à deusa Vênus.
- tanto a imagem I quanto a imagem II exploram a mesma modalidade de arte.
- a Vênus apresenta-se extrovertida e despuída, conforme a mitologia romana.
- o Belo distorcido que ambos os artistas imprimiram nas imagens da Vênus.
- a imagem I está inacabada enquanto que a imagem II extrapola perfeição.

08. (Enem)

LXXVIII (Camões, 1525–1580)

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra um paraíso;
Entre rubis e perlas doce riso;
Debaixo de ouro e neve cor-de-rosa;

Presença moderada e graciosa,
Onde ensinando estão despejo e siso
Que se pode por arte e por aviso.
Como por natureza, ser fermosa;

Fala de quem a morte e a vida pende,
Rara, suave; enfim, Senhora, vossa;
Repouso nela alegre e comedido;

Estas as armas são com que me rende
E me cativa Amor; mas não que possa
Despojar-me da glória de rendido.

CAMÕES, L. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.



SANZIO, R. (1483-1520) *A mulher com o unicórnio*. Roma, Galleria Borghese. Disponível em: www.arquipelagos.pt. Acesso em: 29 fev. 2012. (Foto: Reprodução/Enem)

A pintura e o poema, embora sendo produtos de duas linguagens artísticas diferentes, participaram do mesmo contexto social e cultural de produção pelo fato de ambos

- apresentarem um retrato realista, evidenciado pelo unicórnio presente na pintura e pelos adjetivos usados no poema.
- valorizarem o excesso de enfeites na apresentação pessoal e na variação de atitudes da mulher, evidenciadas pelos adjetivos do poema.
- apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela sobriedade e o equilíbrio, evidenciados pela postura, expressão e vestimenta da moça e os adjetivos usados no poema.
- desprezarem o conceito medieval da idealização da mulher como base da produção artística, evidenciado pelos adjetivos usados no poema.
- apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela emotividade e o conflito interior, evidenciados pela expressão da moça e pelos adjetivos do poema.

09. (Enem-2ª Aplicação/2017)



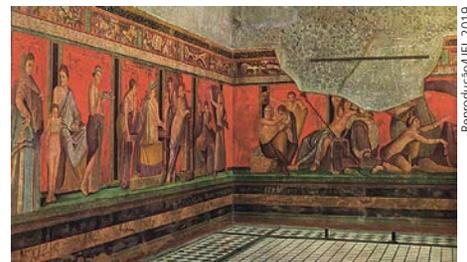
DAVID, J. L. *Napoleão cruzando os Alpes*. Óleo sobre tela. 271 cm x 232 cm. Museu de Versalhes, Paris. 1801.

A pintura *Napoleão cruzando os Alpes*, do artista francês Jacques Louis-David, produzida em 1801, contempla as características de um estilo que

- utiliza técnicas e suportes artísticos inovadores.
- reflete a percepção da população sobre a realidade.
- caricaturiza episódios marcantes da história europeia.
- idealiza eventos históricos pela ótica de grupos dominantes.
- compõe obras com base na visão crítica de artistas consagrados.

10. (Uel/2019) Relacione as imagens às manifestações artísticas a seguir.

I.



PROENÇA, Graça. *História da Arte*, 2009. p. 49.

II.



Disponível em: ensinarhistoriajoelza.com.br

III.



Reprodução/UUEL 2019

PROENÇA, Graça. *História da Arte*, 2009. p. 49.

IV.



Reprodução/UUEL 2019

Disponível em: caleidoscopio.blog.br

- (A) Representa a natureza e o cotidiano, bem como a visão do homem na captação de formas simples.
- (B) Ocupa espaços públicos, por meio de intervenções e performances artísticas, estabelecendo a relação entre arte e cidade.
- (C) Utiliza a pintura para causar efeitos ilusórios por meio da perspectiva arquitetônica das cenas.
- (D) Expressa o poder, respeitando as convenções, como a frontalidade e a indicação do lugar das personagens na composição.

Assinale a alternativa que contém a associação correta.

- A) I – B, II – D, III – A, IV – C.
- B) I – C, II – A, III – D, IV – B.
- C) I – C, II – B, III – A, IV – D.
- D) I – D, II – A, III – C, IV – B.
- E) I – D, II – C, III – A, IV – B.



Fique de Olho

Mona Lisa ("Senhora Lisa"), também conhecida como *A Gioconda* (em italiano: *La Gioconda*, "a sorridente"; em francês, *La Joconde*) ou ainda *Mona Lisa del Giocondo* ("Senhora Lisa [esposa] de Giocondo"), é a mais notável e conhecida obra de Leonardo da Vinci, um dos mais eminentes homens do Renascimento italiano.

Sua pintura foi iniciada em 1503 e é nesta obra que o artista melhor concebeu a técnica do *sfumato*. O quadro representa uma mulher com uma expressão introspectiva e um pouco tímida. O seu sorriso restrito é muito sedutor, mesmo que um pouco conservador. O seu corpo representa o padrão de beleza da mulher na época de Leonardo. Este quadro é provavelmente o retrato mais famoso na história da arte, senão, o quadro mais famoso e valioso de todo o mundo. Poucos outros trabalhos de arte são tão controversos, questionados, valiosos, elogiados, comemorados ou reproduzidos.



Museu do Louvre, França

VINCI, Leonardo da (1452-1519).
Mona Lisa (1503-06).

Muitos historiadores da arte desconfiavam de que a reverência de Da Vinci pela *Mona Lisa* nada tinha a ver com sua maestria artística. Segundo muitos afirmavam, devia-se a algo muito bem mais profundo: uma mensagem oculta nas camadas de pintura. Se observarem com calma, verão que a linha do horizonte que Da Vinci pintou se encontra em um nível visivelmente mais baixo que a da direita; ele fez *Mona Lisa* parecer muito maior vista da esquerda que da direita. Historicamente, os conceitos de masculino e feminino estão ligados aos lados – o esquerdo é feminino, o direito é o masculino.

EXPRESSIVIDADE DO MODELO

O sorriso

A última análise à enigmática *Mona Lisa* confirma que a personagem desenhada por Leonardo da Vinci está feliz. O quadro foi interpretado por um computador da Universidade de Amsterdam, recorrendo a *software* apropriado para reconhecimento de emoções.

De acordo com esta análise, *Mona Lisa* estava 83 por cento feliz, 9 por cento angustiada, 6 por cento assustada e 2 por cento chateada. As conclusões da investigação vão agora ser publicadas na próxima edição da revista *New Scientist*.

O computador cruzou variantes como a curvatura dos lábios e as rugas em torno dos olhos, para chegar a este "veredicto". O projeto foi conduzido conjuntamente com alguns pesquisadores da Universidade norte-americana de Illinois, que ajudaram na construção de uma base de dados de rostos de mulheres jovens com expressão "neutra", que serviu de apoio ao *software*. O programa recorre, na fase de análise, a este *standard* da base de dados para fazer comparações.

O quadro de *Mona Lisa*, pintado entre 1503 e 1506, tem intrigado a comunidade científica e artística ao longo dos tempos. Em 2003, uma teoria apresentada na Universidade de Harvard, defendia que o enigmático sorriso associado a este quadro era apenas aparente e visível a partir de determinados ângulos da pintura. No entanto, a especulação em relação à história desta famosa pintura continua, e por certo, não vai terminar nesta análise.

O olhar

Análises geométricas mostram que a grade estrutural da pintura obedece a rígidas divisões, as quais situam os olhos da figura no eixo que parte do centro horizontal e nas subdivisões áureas ali existentes. Como consequência dessa composição, o olhar de *Mona Lisa* parece acompanhar quem a observa.

Wikipédia, a enciclopédia livre.

Aula
08

**Trabalhando a
Competência Artística
em Exercícios Diversos**

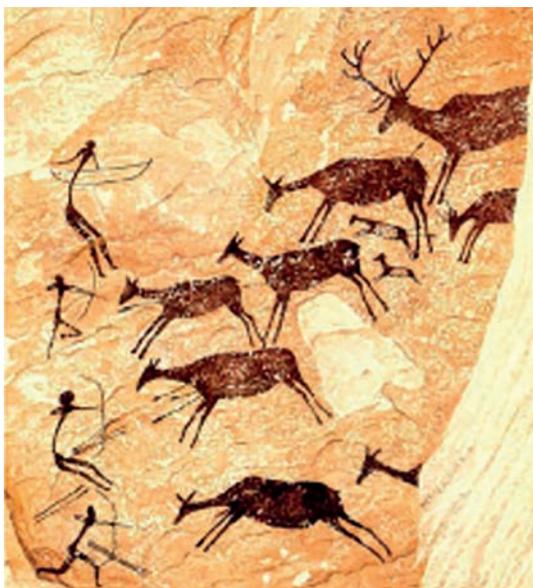
C-4 / H-12, 13

H-14



Exercícios de Fixação

01. (Enem)



Pintura Rupreste. Disponível em: <<http://www.fashionbubbles2.com/wp-content/uploads/2008/12/cena-de-casa-pre-historica.jpg>>. Acesso em: 2 mai. 2009.

A arte é quase tão antiga quanto o ser humano. A função decisiva da arte nos seus primórdios foi a de conferir poder mágico: poder sobre a natureza, poder sobre os inimigos, poder sobre o parceiro de relações sexuais, poder sobre a realidade, poder exercido no sentido de um fortalecimento da coletividade humana. Nos alvares da humanidade, a arte pouco tinha a ver com a “beleza” e nada tinha a ver com a contemplação estética, com o desfrute estético: era um instrumento mágico, uma arma da coletividade humana em sua luta pela sobrevivência. Por exemplo, a figura apresentada de uma pintura rupestre comprova que as pinturas de animais nas cavernas tinham a função de ajudar a dar ao caçador um sentido de segurança e superioridade sobre a presa.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Guanabara, p. 45. Adaptado.

Com base nas informações do texto, conclui-se que a arte, nos seus primórdios, tinha a função de

- dar ao homem a sensação de domínio da natureza e no desenvolver as relações sociais.
- dotar o ser humano de ferramentas de trabalho que servissem para caçar presas, na luta pela sobrevivência.
- guiar o ser humano em suas atividades de trabalho coletivo.
- transformar magicamente a natureza pelo esforço do trabalho coletivo, como uma arma de defesa da coletividade humana.
- desenvolver uma atividade individual, por meio de signos, imagem e palavras, destacando a importância do artista em relação ao grupo social.

02. (Famema/2017) Johann Moritz Rugendas esteve no Brasil entre 1821 e 1825, inicialmente como membro da Expedição Langsdorff. Desenhista e documentarista, produziu obras sobre paisagens, cenas cotidianas e tipos humanos, como a representada a seguir, denominada *Família de fazendeiros* (1825).



Disponível em: www.portugues.seed.pr.gov.br

Nessa obra, observam-se

- a influência da arquitetura colonial portuguesa e a simplicidade dos trajes usados em público.
- a presença de símbolo religioso e a convivência de senhores e escravos em um mesmo espaço.
- as relações escravistas de produção e a riqueza e diversidade do mobiliário das casas de fazendeiros.
- o patriarcalismo na organização familiar e a importância da educação para a ascensão social.
- o vestuário como forma de eliminação das distinções sociais e a incorporação de costumes alimentares indígenas.

03. (Enem)

Texto I



Toca de Salitre – Piauí. Disponível em: <<http://fumdham.org.br>>. Acesso em: 27 jul. 2010.

Texto II



Arte Urbana. Foto: Diego Sing. Disponível em: <<http://www.diaadia.pr.gov.br>>. Acesso em: 27 jul. 2010.

O grafite contemporâneo, considerado em alguns momentos como uma arte marginal, tem sido comparado às pinturas murais de várias épocas e às escritas pré-históricas. Observando as imagens apresentadas, é possível reconhecer elementos comuns entre os tipos de pinturas murais, tais como

- A) a preferência por tintas naturais, em razão de seu efeito estético.
- B) a inovação na técnica de pintura, rompendo com modelos estabelecidos.
- C) o registro do pensamento e das crenças das sociedades em várias épocas.
- D) a repetição dos temas e a restrição de uso pelas classes dominantes.
- E) o uso exclusivista da arte para atender aos interesses da elite.

04. (Unesp/2014) A efervescência que conheceram nas Minas [Gerais, do século XVIII] as artes e as letras também tiveram feição peculiar. Pela primeira vez, na Colônia, buscava-se solução própria para a expressão artística.

VERGUEIRO, Laura. *Opulência e miséria das Minas Gerais*, 1983.

São exemplos do que o texto afirma:

- A) a pintura e a escultura renascentistas.
- B) a poesia e a pintura românticas.
- C) a arquitetura barroca e a poesia árcade.
- D) a literatura de viagem e a arquitetura gótica.
- E) a música romântica e o teatro barroco.

05. (Uemg/2015)



Reprodução/Uemg 2015

Santuário do Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo Obra prima de Aleijadinho.
Disponível em: <<http://ozorioalex.blogspot.com.br/2014/06/algumas-esculturas-barroco-brasileira.html>>.
Acesso em: 10 ago. 2014.

Em 2014, foram comemorados os 200 anos da morte do criador das belíssimas peças em pedra sabão, uma das quais é apresentada na imagem acima, sendo a mesma de autoria do mais importante artista brasileiro do período colonial: Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (1737-1814). Ele nasceu em Vila Rica, atual Ouro Preto, e antes dos 50 anos, foi acometido por uma doença degenerativa que atrofiava seu corpo. Mesmo assim, tornou-se um dos maiores mestres do Barroco no Brasil.

O Barroco teve terreno fértil para a expansão em Minas Gerais, pois

- A) o enriquecimento provocado pela mineração e a forte religiosidade dos povos das Minas, conjugados com a intensa vida cultural ligada ao catolicismo, favoreceram o desenvolvimento desse estilo artístico na região.
- B) a pouca presença de protestantes na região, por causa da distância do litoral, fez com que não houvesse forte influência desse ramo religioso, deixando caminho livre para a expansão do Barroco, tão ligado ao catolicismo.

C) fortaleceu-se com os altos investimentos feitos pelo governo português na região, já que por causa da produção aurífera, buscava-se fazer de Minas, e principalmente de Vila Rica, a referência americana para a Europa.

D) a decadência da produção açucareira no Nordeste e a descoberta do ouro em Minas levaram os principais artistas da Colônia a migrarem para Vila Rica, em busca de financiamento para suas obras e apoio para novos empreendimentos.



Exercícios Propostos

01.

Texto I

São Francisco de Assis em Êxtase (ou *O Êxtase de São Francisco*) é uma pintura do mestre do barroco italiano Michelangelo Merisi da Caravaggio.



Museu de Arte Wadsworth Atheneum/Wikimedia Foundation

São Francisco de Assis em Êxtase, de Caravaggio.
1595, óleo sobre tela, 92,5cm x 127,8 cm.

Texto II

Em 1224, Francisco retirou-se para o deserto com um pequeno número de seus seguidores para contemplar Deus. Na encosta da montanha, durante a noite, o irmão Leo viu um serafim de seis asas (uma das ordens de anjos mais elevadas) descer até Francisco em resposta à oração do santo para que ele pudesse sentir tanto o sofrimento de Cristo quanto seu amor: De repente havia uma luz deslumbrante. Era como se os céus estivessem explodindo e espalhando adiante toda sua glória em milhões de cachoeiras de cores e estrelas. E no centro desse turbilhão estava um núcleo de luz ofuscante que brilhava das profundezas do céu com uma velocidade aterrorizante até que subitamente parou, imóvel e sagrada, acima de uma rocha pontiaguda na frente de Francisco. Era uma figura de fogo com asas, pregada a uma cruz de fogo. [...] Era a face de Jesus, e Jesus falou. Então, de repente, correntes de fogo e sangue lançaram-se de Suas feridas e perfuraram as mãos e os pés de Francisco com pregos e seu coração com o golpe de uma lança. Conforme Francisco soltou um poderoso grito de alegria e de dor, a imagem de fogo gravou a Si mesma em seu corpo, como um reflexo espelhado de Si, com todo Seu amor, Sua beleza, e Sua tristeza. E desapareceu dentro dele. Outro grito rasgou o ar. Então, com pregos e feridas por todo seu corpo, e com sua alma e espírito em chamas, Francisco caiu, inconsciente, em seu sangue.

Wikipédia, a enciclopédia livre.

Caravaggio é o principal nome do barroco artístico italiano. *São Francisco de Assis em Êxtase* é uma de suas obras de tema religioso. Em II, tem-se uma descrição do momento em que Francisco tem contato com o espírito santo. Esse momento é retratado em I, embora

- A) a pintura seja menos dramática que o cenário descrito em II.
- B) se perceba fuga ao estilo barroco de se fazer arte na Itália.
- C) a tensão dramática do anjo elimine a presença de Francisco.
- D) o teor intimista dado pelo artista prejudique o valor da obra.
- E) se notem contrastes estéticos e temáticos na imagem em I.

02. (Uepb 2013) “A arte mineira caracterizou-se pelo estilo barroco que esteve em voga na Europa até princípios do século XVIII.”

José Alves de Freitas Neto e Célio Ricardo Tasinafo. *História Geral e do Brasil*. HARBRA. p. 325.

Sobre o Barroco, é correto afirmar:

- A) Como forma única de expressão, as imagens barrocas são uniformes e regulares, conforme o pensamento religioso católico.
- B) O barroco expressava o racionalismo da época moderna, condenando as expressões metafísicas e o sentimento religioso.
- C) Era um estilo intimamente ligado à Contrarreforma, pois expressava os fundamentos da devoção religiosa por meio de construções, esculturas e iconografias que enalteciam os princípios da fé católica.
- D) O barroco esteve intimamente ligado ao protestantismo, condenando as iconografias e dando ênfase apenas ao estilo arquitetônico.
- E) O barroco mineiro desenvolveu características universais evitando as especificidades e o regionalismo.

03. Esta é, talvez, a pintura mais conhecida de Botticelli e mostra a chegada de Vênus à costa de Citera, levada por Zéfiro e Aura. A bela deusa do amor, de pé sobre uma concha, com gestos recatados e os cabelos soprados pelo vento, é saudada pela Hora da primavera.



BOTTICELLI, Sandro (1445-1510). *O nascimento de Vênus*, 1483. Tempera no painel.

Considerando seus conhecimentos sobre padrões de beleza, é correto afirmar que a obra *O Nascimento de Vênus*, do renascentista Sandro Botticelli,

- A) foge ao ideal de beleza da época, pois busca inspiração na mitologia clássica.
- B) repercute os valores medievais por transmitir a sensação de harmonia e equilíbrio.
- C) distorce tudo aquilo que, até então, era conhecido como arte renascentista.
- D) atende ao preceito de beleza artística, buscando a perfeição e o equilíbrio.
- E) insurge contra qualquer manifestação artística e religiosa da arte renascentista.

04. (Enem)



Michelangelo, *Pietà*, século XV.



Vicente do Rego Monteiro. *Pietà*, 1924.

Vicente do Rego Monteiro foi um dos pintores, cujas telas foram expostas durante a Semana de Arte Moderna. Tal como Michelangelo, ele se inspirou em temas bíblicos, porém com um estilo peculiar. Considerando-se as obras apresentadas, o artista brasileiro

- A) estava preocupado em retratar detalhes da cena.
- B) demonstrou irreverência ao retratar a cena bíblica.
- C) optou por fazer uma escultura minimalista, diferente de Michelangelo.
- D) deu aos personagens traços cubistas, em vez dos traços europeus, típicos de Michelangelo.
- E) reproduziu o estilo da famosa obra de Michelangelo, uma vez que retratou a mesma cena bíblica.

05. (UEL/2010) Observe a imagem a seguir.



DA VINCI, L., *Cinco Cabeças Grotas*, 1490. Pena e tinta, 261 x 206 cm. Windsor, Castelo de Windsor.

No Renascimento, arte, ciência e vida cotidiana guardam estreita relação. Nesse sentido, Leonardo da Vinci é considerado um dos mais representativos artistas deste período, uma vez que ele:

- I. concebe a arte como representação de universos imateriais e simbólicos;
- II. substitui os temas religiosos comuns na pintura medieval por temas laicos;
- III. acredita no valor da experimentação e da observação metódica da natureza;
- IV. entende a pintura como uma ciência, que utiliza a matemática e a geometria.

- A) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- B) Somente as afirmativas I e III são corretas.
- C) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- D) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.
- E) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

06. (Ueg/2013) Analise a imagem.



Reprodução/UEG 2013

AUGUSTO PRIMA PORTA, 19 a.C.
In: PROENÇA, Graça. *História da arte*.
São Paulo: Editora Ática, 2008. p. 51.

Augusto de Prima Porta, esculpida por volta de XIX a.C., é uma típica escultura da Roma Antiga. A diferença dessa escultura em relação às gregas do período clássico está

- A) na monocromia, indicando maior austeridade dos costumes romanos em comparação com os dos gregos.
- B) na postura ereta e estática, demonstrando que as esculturas gregas retratavam o movimento dos corpos.
- C) no caráter político, já que as esculturas gregas priorizavam temas da mitologia religiosa.
- D) no uso da indumentária militar na composição da obra, uma vez que as esculturas gregas valorizavam o corpo humano.

07.



Galeria Uffizi, Itália

BOTTICELLI, Sandro (1445-1510).
A primavera, 1482. Têmpera sobre madeira.

Sandro Botticelli é um dos principais artistas da arte renascentista. *A Primavera*, sem dúvida, é uma de suas mais importantes obras. Analisando-a, atentamente, vê-se que essa obra é exemplo do padrão de beleza renascentista, pois

- A) utiliza-se de uma técnica rudimentar, como a têmpera sobre madeira.
- B) retoma, tão-somente, valores da cultura greco-romana, como a Mitologia.
- C) representa a chegada da Primavera, que forma um semicírculo de laranjeiras.
- D) traz a deusa Vênus – ser soberano e símbolo do amor – como uma das Graças.
- E) revela harmonia entre homem e natureza e acentua o valor greco-romano.

08. (UnB-Cespe-PAS) Embora o estudo da figura humana – que, ao longo da Idade Média, tornou-se naturalista – tenha-se intensificado no século XIII, foi somente a partir do século XV, com o Renascimento italiano, que a pintura de retratos afirmou-se como gênero autônomo. Os mecenas, patronos dos artistas, foram retratados para a posteridade, como haviam sido há alguns séculos as personalidades políticas do Império Romano.



Reprodução/UnB-Cespe-Pas

VINCI, Leonardo da (1452-1519).
Mona Lisa (1503-1506).



Domínio Público

Retrato de Fidalgo. Ticiano. 1511-12
(1485-1576)

Analise os dois retratos anteriores e assinale (V) verdadeiro ou (F) falso nas afirmativas a seguir.

- () No *Retrato de Fidalgo*, com a posição da cabeça e o detalhamento das vestes da figura, atenua-se a rigidez da pose do retratado.
- () Em ambos os retratos, percebe-se que o fundo não é importante para a compreensão da imagem.
- () A posição das mãos é diferente em cada um dos retratos e, nesse gênero de pintura, seu ocultamento reflete um aspecto da personalidade do retratado.
- () O tratamento da luz na pintura de Ticiano torna o resultado final plano e bidimensional.

09. A mais conhecida obra de Leonardo da Vinci, *Mona Lisa*, encanta os apaixonados pela arte em todo o mundo. Tímida e introspectiva, *Mona Lisa* apresenta sorriso restrito e, ao mesmo tempo, sedutor. Trata-se do quadro mais famoso e valioso em todo o mundo. Embora esteja exposto no Museu do Louvre, ele tornou-se pop e ganhou o mundo, já que sua imagem é reproduzida em camisetas, na publicidade, nas HQs, nos videogames e no cinema.



Leonardo da Vinci/Wikimedia Foundation

Leonardo da Vinci, *Mona Lisa* (1503-1506).
Pintura a óleo sobre madeira de álamo.
Dimensões 77 x 53. Museu do Louvre.

Considerando seus conhecimentos sobre a História da Arte, é possível afirmar que Leonardo Da Vinci, ao pintar a *Mona Lisa*, recorreu à

- A) quebra da perspectiva e ao excesso de cores.
- B) estética surrealista e ao acentuado ilusionismo.
- C) técnica do *sfumato* e ao uso da perspectiva.
- D) geometrização estética e à quebra da perspectiva.
- E) quebra da perspectiva e à técnica do *sfumato*.

10. As esculturas gregas transmitem uma forte noção de realismo, pois os escultores gregos buscavam aproximar suas obras ao máximo do real, utilizando recursos e detalhes. Nervos, músculos, veias, expressões e sentimentos são observados nas esculturas. As temáticas mais usadas eram as que se relacionam com deuses e deusas. Cenas do cotidiano, mitos e atividades esportivas (principalmente relacionadas às Olimpíadas) também foram abordadas pelos escultores gregos. A escultura grega é destaque na Arte por sua beleza e expressão.

Considere as características apresentadas acerca da escultura grega no texto que você acabou de ler e as informações que você tem sobre a produção da arte grega na Antiguidade, para que se possa apontar, a seguir, a escultura que representa a arte grega:

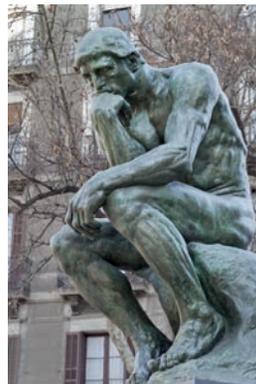
A)



Wikimedia Foundation

Discóbolo, de Miron.

B)



Carlos Soller Martinez/123RF/EasyPix

O Pensador, de Auguste Rodin.

C)



Autvis

Torso, de Victor Brecheret.

D)



legacy 1995/123RF/EasyPix

Moisés, de Michelangelo.

E)



Ricardo André Frantz/Wikimedia Foundation

Carregamento da Cruz, Aleijadinho.



Fique de Olho

Por meio da arte, o ser humano expressa suas emoções, seus sentimentos, sua cultura, sua história de vida. Ao fazer uso da arte, o artista evoca valores estéticos como a **beleza**, a **harmonia** e o **equilíbrio**. Para conseguir esse feito, há várias formas de representação artística, ou de modalidades artísticas, tais como: teatro, cinema, pintura, escultura, dança, arquitetura, literatura, desenho e fotografia.



Desde os primórdios, a arte evolui e ocupa espaço fundamental nas sociedades, uma vez que as representações artísticas são fundamentais para o desenvolvimento do homem. Sabe-se, por exemplo, que uma boa música é capaz de transformar o estado emocional de alguém. Embora muitas pessoas digam que não apreciam a arte, isso não é verdade, pois é impossível viver sem que se tenha contato com alguma manifestação artística, mesmo que indiretamente.

As modalidades artísticas são praticadas em todo o mundo e, por isso, atingem bilhões de pessoas. Seja qual for a forma de se fazer arte, desde as artes plásticas ou belas artes, até um simples desenho feito por alguém que não tem grandes pretensões artísticas, há sempre um público a contemplá-la. Por tudo isso, pode-se dizer que a arte é essencial à formação humana e que ela pode e deve transformar para melhorar as sociedades.

Aula 09

A Linguagem e a Estrutura da Narrativa Curta

C-5 / H-15, 16

H-17



Era uma vez uma cigarra que vivia saltitando e cantando pelo bosque, sem se preocupar com o futuro. Esbarrando numa formiguinha, que carregava uma folha pesada, perguntou:

— Ei, formiguinha, para que todo esse trabalho? O verão é para a gente aproveitar! O verão é para a gente se divertir!

— Não, não, não! Nós formigas, não temos tempo para diversão. É preciso trabalhar agora para guardar comida para o inverno.

Durante o verão, a cigarra continuou se divertindo e passeando por todo o bosque.

Quando tinha fome, era só pegar uma folha e comer.

Um belo dia, passou de novo perto da formiguinha carregando outra pesada folha.

A cigarra então aconselhou:

— Deixa esse trabalho para as outras! Vamos nos divertir. Vamos, formiguinha, vamos cantar! Vamos dançar!

A formiguinha gostou da sugestão. Ela resolveu ver a vida que a cigarra levava e ficou encantada. Resolveu viver também como sua amiga.

Mas, no dia seguinte, apareceu a rainha do formigueiro e, ao vê-la se divertindo, olhou feio para ela e ordenou que voltasse ao trabalho. Tinha terminado a vidinha boa.

A rainha das formigas falou então para a cigarra:

— Se não mudar de vida, no inverno você há de se arrepender, cigarra! Vai passar fome e frio.

A cigarra nem ligou, fez uma reverência para a rainha e comentou:

— Hum!! O inverno ainda está longe, querida!

Para a cigarra, o que importava era aproveitar a vida, e aproveitar o hoje, sem pensar no amanhã. Para que construir um abrigo? Para que armazenar alimento?

Pura perda de tempo.

Certo dia o inverno chegou, e a cigarra começou a tiritar de frio. Sentia seu corpo gelado e não tinha o que comer. Desesperada, foi bater na casa da formiga.

Abrindo a porta, a formiga viu na sua frente a cigarra quase morta de frio.

Puxou-a para dentro, agasalhou-a e deu-lhe uma sopa bem quente e deliciosa.

Naquela hora, apareceu a rainha das formigas que disse à cigarra: — No mundo das formigas, todos trabalham, e se você quiser ficar conosco, cumpra seu dever: toque e cante para nós.

Para a cigarra e para as formigas, aquele foi o inverno mais feliz das suas vidas.

Fábula de Esopo.

Fábula

Narrativa inverossímil, com fundo didático, que tem como objetivo transmitir uma lição de moral. Normalmente, a fábula apresenta animais como personagens. Quando os personagens são seres inanimados, objetos, a fábula recebe a denominação de **apólogo**.

Com as características anteriores, a fábula é das mais antigas narrativas, coincidindo seu aparecimento, segundo alguns estudiosos, com o da própria linguagem. No mundo ocidental, o primeiro grande nome da fábula foi **Esopo**, um escravo grego que teria vivido no século VI a. C. Modernamente, muitas fábulas de Esopo foram retomadas por **La Fontaine**, poeta francês que viveu de 1621 a 1695. O grande mérito de **La Fontaine** reside no apurado trabalho realizado com a linguagem, ao recriar os temas tradicionais da fábula. No Brasil, Monteiro Lobato realizou tarefa semelhante, acrescentando às fábulas tradicionais curiosos e certos comentários dos personagens que vivam no Sítio do Picapau Amarelo.

Discutindo a diferença entre ficção e realidade

		Quanto às informações contidas no texto	Quanto ao gênero	Quanto às tonalidades discursivas do texto
O texto pode ser	Real	Pode trazer informações verdadeiras e/ou inverídicas	Gêneros exemplificativos: carta, notícia, receita, editorial, artigo etc.	As tonalidades predominantes: irônica, mórbida, trágica etc.
	Fictício	Traz informações verossímeis e/ou inverossímeis	Gêneros exemplificativos: romance, novela, conto, poesia etc.	As tonalidades predominantes: épica, lírica, trágica, fantástica etc.

Conversando sobre a importância dos elementos narrativos

Narrador

Tempo

Espaço

Enredo

Personagens

Compreenda melhor os elementos da narrativa

Sabemos que a narrativa ficcional é um relato que se centra num **fato** ou **acontecimento**. Nela, há **personagens** que atuam e um **narrador** que pode ser personagem ou observador. O **tempo** e o **espaço** são outros elementos importantes para a estrutura narrativa.

Quando escrevemos uma narrativa de ficção, devemos ficar atentos aos elementos que a compõem, pois, dependendo do enredo, o autor deve dar mais ênfase a um determinado elemento em detrimento de outro.

Vamos entender, agora, a máxima expressividade que esses elementos podem desempenhar dentro de uma estrutura narrativa.

O narrador

É dele a voz que nos conta os fatos de uma narrativa. Sua posição em relação ao fato que nos conta determina se a narrativa será feita em primeira ou em terceira pessoa do singular. O ponto de vista do narrador determina o foco narrativo pelo qual são contados os acontecimentos ao leitor.

Quando a narrativa é feita em primeira pessoa, o narrador participa dos acontecimentos, exercendo duas funções, a de narrador e a de personagem; por isso, falamos em narrador-personagem. Nesse caso, ele pode ter importância secundária, dando ênfase ao papel de narrador, mas também pode se destacar enquanto personagem, dando ênfase às ações do personagem. É comum a escolha de narradores em primeira pessoa, quando o autor tem a intenção de penetrar e desvendar a riqueza psicológica de um personagem.

Vale ressaltar que, numa narração de primeira pessoa, nem tudo que o narrador diz pode ser considerado como “verdadeiro”, pois, como participa dos fatos, ele tem visão pessoal, individual e parcial dos fatos. Por isso, falamos em visão subjetiva para esse tipo de narrador, já que o que é narrado, é filtrado pelas suas emoções e percepções. Isso pode ser comprovado com o narrador-personagem Bento Santiago, do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Nesse romance, a dúvida paira no ar, pois, embora Bentinho acredite na traição de Capitu, o leitor não tem a mesma certeza de que isso ocorrerá, uma vez que é o marido, Bento Santiago, quem narra os fatos da narrativa.

Agora, quando temos narradores em terceira pessoa, aquele que nos conta os fatos a distância do que está acontecendo com as personagens, falamos que ele está acima de tudo e de todos, podendo revelar onisciência narrativa, pois tanto o passado como o futuro das personagens podem ser revelados ao leitor. O romance *Senhora*, de José de Alencar, é um belo exemplo de narrador-observador que tem onisciência narrativa.

Leia este fragmento do romance alencarino: “Aurélia concentra-se de todo dentro de si; ninguém ao ver essa gentil menina, na aparência tão calma e tranquila, acreditaria que nesse momento ela agita e resolve o problema de sua existência; e prepara-se para sacrificar irremediavelmente todo o seu futuro”. Vê-se que o narrador penetra nos sentimentos e nos desejos mais íntimos da personagem, pois ele demonstra ver o que ninguém tem o poder de enxergar: o interior da personagem.

O enredo

O enredo, também conhecido como **trama** ou **intriga**, é o que vai sustentar a história, a narrativa. É por meio dele que o leitor tem acesso aos acontecimentos. É o que permite que os fatos se entrelacem, formando o texto como um todo.

O enredo centra-se num conflito, a fim de estabelecer as tensões que envolverão a narrativa. Sabe-se que um bom conflito prende o leitor, pois dá-lhe motivos para que continue a leitura e procure saber mais e mais sobre o que está sendo narrado. Pegue como exemplo a telenovela brasileira: quando o conflito é interessante, o telespectador acaba acompanhando o enredo até o último capítulo. Por isso, a escolha de um bom enredo é fundamental para que se desperte o interesse do público leitor, espectador ou telespectador.

Os personagens

Os personagens participam do desenrolar dos fatos. São eles que vivem a trama. A construção de um bom personagem, com traços psicológicos e físicos, pode ser determinante para o sucesso de uma narrativa.

Eles podem ser identificados pela profissão, pelo comportamento, pela classe social, por algum traço distintivo ou mesmo por suas ações ao representar tipos humanos. São assim representados no romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Lá encontramos o Barbeiro, a Parteira, os Meirinhos, o Major etc., que são nomeados pela função que exercem. São, portanto, os **personagens-tipo**. Uma variante desse tipo de personagem são aqueles caricatos, que são comuns às novelas de televisão.

Há também os **personagens lineares**, que não sofrem muita mudança de comportamento ao longo da narrativa. Eles são comuns aos romances românticos, como, por exemplo, *O Guarani*, de José de Alencar. Nesse romance, os protagonistas, Peri e Ceci, não sofrem muitas investigações psicológicas por parte do narrador e não revelam complexidade de comportamento, o que os torna fácil de analisar e de tecer qualquer comentário certo sobre suas personalidades.

Agora, há ainda os **personagens não lineares**, complexos, que sofrem mudanças de comportamento no desenrolar da trama. Esses personagens parecem que escapem do entendimento do leitor, pois são psicologicamente ricos, não permitindo, por isso, ao leitor traçar um único perfil de personalidade. Como exemplo, podemos citar Bento Santiago (em *Dom Casmurro*), Brás Cubas (em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*), Paulo Honório (em *São Bernardo*) e Macabéa (em *A Hora da Estrela*).

Por último, vale lembrar que bons personagens ficam para sempre no imaginário popular e parecem transbordar da ficção para a “realidade”.

O espaço

O espaço ou o ambiente é por onde as personagens transitam e onde se desenvolvem os acontecimentos que compõem o enredo. Em romances como *O Ateneu*, de Raul Pompeia, e *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, o espaço é tão importante que protagoniza a cena narrada, transformando-se em personagem.

Vale ressaltar que o bom leitor deve ficar atento não só ao espaço físico, lugar onde as personagens vivem, mas também ao espaço social, espaço sócio-político e cultural em que transcorrem as ações dos personagens.

Segundo Antônio Dimas, “... o espaço pode alcançar estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa, tais como foco narrativo, personagem, tempo, estrutura etc. É bem verdade que, reconhecemos logo, em certas narrações esse componente pode estar severamente diluído e, por esse motivo, sua importância torna-se secundária. Em outras, ao contrário, ele poderá ser prioritário e fundamental no desenvolvimento da ação, quando não determinante. Uma terceira hipótese ainda – esta bem mais fascinante! – é a de ir-se descobrindo-lhe a **funcionalidade** e a **organicidade** gradativamente, uma vez que o escritor soube dissimulá-lo tão bem a ponto de harmonizar-se com os demais elementos narrativos, não lhe concedendo, portanto, nenhuma prioridade. Em resumo: cabe ao leitor descobrir onde se passa uma ação narrativa, quais os ingredientes desse espaço e qual sua eventual função no desenvolvimento do enredo.”

DIMAS, Antônio. *Espaço e romance*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994. Série Princípios, n. 23.

Como se pode perceber, a escolha do espaço onde o autor irá inserir suas personagens deve ser criteriosa, pois, muitas vezes, é o ambiente que inspira o autor a criar peripécias que podem prender a atenção do leitor.

O tempo

O tempo pode ser cronológico, psicológico ou mesmo misto numa narrativa. Em relação a esse elemento, o posicionamento do narrador pode ser de diferentes maneiras, pois os fatos narrados podem aparecer no passado, no presente ou mesmo no futuro. Há várias possibilidades em se explorar o tempo. Por exemplo: o autor pode contar fatos que já estão concluídos, pode misturar o presente e o passado por meio da técnica do *flashback*. Em *Dom Casmurro*, o autor mistura o tempo presente com o tempo passado. No presente, o narrador já se encontra na velhice e resolve escrever um livro de crônicas sobre o subúrbio, no passado, o narrador retorna à adolescência por meio das memórias e vem em ordem cronológica narrando os fatos em sua vida até chegar ao presente novamente.

No tempo psicológico, as angústias, as agruras, as ansiedades, as dúvidas e as memórias complexas de personagens são exploradas pelo narrador. Não é comum identificar marcadores temporais precisos quando há tempo psicológico. Muitas vezes, o leitor tem a sensação de que tanto a história pode estar acontecendo no passado, quanto pode estar acontecendo no presente ou mesmo no futuro. A romancista e contista Clarice Lispector costumava usar perfeitamente o tempo psicológico em suas narrativas.

Por último, é importante chamar atenção para que o leitor não confunda o tempo do narrador com o tempo da ação das personagens dentro da trama.

A ficção é uma arte

A história e a biografia são narrativas de fatos reais, mas a ficção, que se encontra nos mais variados gêneros literários – romance, conto, crônica etc. – é uma arte, pois é fruto da criatividade de um artista, o escritor, que pode ou não se espelhar na realidade que o circunda.

O que distingue a ficção das outras formas de narrar é porque ela transfigura a realidade, pois, quando recriada pela imaginação do artista, apresenta formas naturais ou sobrenaturais. A ficção é uma representação da vida real, é um olhar diferenciado do artista com relação ao mundo lá fora.

Os textos narrativos

Oriundo do gênero épico, o texto narrativo pode estar presente em obras escritas em prosa ou em verso. Dependendo da extensão, da unidade dramática ou da multiplicidade de dramas, ou mesmo dos relatos, o texto narrativo, quando artístico, pode ser classificado como **romance, novela, conto, crônica, fábula e apólogo**.

Em relação ao romance, vale salientar que a extensão e a presença de multiplicidade dramática é o que vai determinar o gênero. Ele se diferencia da novela em quase nada, embora se diga que esta costuma apresentar os fatos de forma linear. O conto é uma unidade dramática, já a crônica é um texto leve, breve, um flagrante, sem profundidade psicológica. A fábula e o apólogo costumam revelar moral e apresentar seres inanimados – animais e objetos – como protagonistas dos fatos narrados.

É bom lembrar também que a narrativa não está presente apenas em textos literários. Ela pode estar em diferentes gêneros textuais, como, por exemplo, piadas, histórias em quadrinhos e tirinhas.

Para finalizar, chama-se atenção para o fato de que, em qualquer um dos gêneros apresentados, a vida comum é a inspiração maior dos artistas, pois o personagem particulariza o ser, diferentemente das histórias épicas, em que o mundo maravilhoso, povoado de heróis e deuses, sobressai.

- Com a palavra, a crônica de Tom Dantas.

MOÇA DE LÁGRIMAS NOS OLHOS

Chorava. Estava ela sentada ao lado do namorado e mesmo assim continuava a chorar. Era um choro contido, silencioso, imperceptível para alguns, mas visível aos meus olhos que eram cúmplices aos do namorado da moça de lágrimas nos olhos. Continuei a falar. Por alguns instantes, tentei disfarçar aquela dor sentida por aquela moça. Mas minhas palavras passaram a ser pronunciadas sem emoção, pois esta já havia sido sugada pelo drama vivido pela moça de lágrimas nos olhos. Vez por outra, o namorado a beliscava e as lágrimas em vez de se conterem transbordavam mais e mais... por um instante, fitei-a feito um Bentinho enciumado. Nada eu poderia fazer para salvar aquela moça, nem sei se o que aconteceu realmente com ela é um sério problema, talvez sim, talvez não, mas que me incomodava me incomodava aquele namorado imprestável que não sentia compaixão em relação à moça. Por alguns minutos meus pensamentos desandaram, não sabia mais o que falava, era sem sentido para mim aquele assunto debulhado em palavras. Comovi-me com a moça de lágrimas nos olhos. Por que chorava, afinal? O que faz alguém derramar tantas lágrimas assim, em público? Era como se ela não estivesse ali. Tentei de

alguma forma solucionar o problema da moça de lágrimas nos olhos. Imaginei que ela corria num descampado alucinadamente. Na minha imaginação, ela sorria, não chorava. Havia muito verde, muitas árvores, o céu estava límpido e ela estava toda de branco, usava um pequeno véu que muito lentamente caía de seu rosto. Eu continuei a observá-la como um anjo que, sem escolha, se torna guardião de alguém, senti-me simplesmente designado a acompanhar a moça. Ela dançava sozinha, girava, o seu vestido esvoaçava e ela sorria, sorria, sorria... Mais um beliscão. Dessa vez, foi em mim. Alguém me perguntava se estava acontecendo algo comigo. Receei em dar alguma resposta, ela me olhava, ela e o namorado, os olhos dela estavam vermelhos, muito vermelhos, mas ela não chorava mais. As pessoas começaram a cochichar baixinho. Ele pirou de vez, escutei uma voz distante. Baixe a cabeça, as pessoas começaram a sair lentamente, depois mais rápido, mais rápido, mais rápido... até que pensei que já estava sozinho naquele recinto, mas, ao levantar a cabeça, meus olhos fisgaram os da moça de lágrimas nos olhos que insistiam em olhar para mim. A imagem dela no descampado alternava-se com a moça de lágrimas nos olhos em minha frente. Seu namorado apenas acenou da porta, saiu. Ela sorriu cúmplice para mim e depois o acompanhou.

- Leia agora algumas considerações sobre o gênero crônica.

A palavra crônica deriva do radical grego *crono*, que significa tempo. Seu caráter contemporâneo – relatar acontecimentos cotidianos – deriva desse fato. A história da crônica é antiga, pois, já no início da literatura da língua portuguesa ou mesmo no Brasil-Colônia, a crônica designava narração de fatos históricos conforme a cronologia ou os relatos de viagem, como se percebe nas crônicas de Fernão Lopes, no fim da Idade Média, e nas crônicas de caráter informativo que foram produzidas no Brasil entre os séculos XVI e XVII.

Ainda no Romantismo, a crônica ganhou as páginas de jornal e aqui continua até hoje, analisando o dia a dia das pessoas. Para Antonio Candido, a crônica “é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha”.

Talvez, por isso, a crônica durante muito tempo foi considerada um “gênero menor”. Muito se discute a fronteira entre o jornalismo e a literatura. Eduardo Portela, professor e crítico, percebe na ambiguidade a principal virtude desse gênero textual: “A estrutura da crônica é uma desestrutura; a **ambiguidade é a sua lei**. A crônica tanto pode ser um conto, como um poema em prosa, um pequeno ensaio, como as três coisas simultaneamente. Os gêneros literários não se excluem: **incluem-se**. O que interessa é que a crônica, acusada injustamente como um desdobramento marginal ou periférico do fazer literário, é o próprio fazer literário. E quando não o é, não é por causa dela, a crônica, mas por culpa dele, o cronista. Aquele que se apegue à notícia, que não é capaz de construir uma existência além do cotidiano, este se perde no dia a dia e tem apenas a vida efêmera do jornal. Os outros, esses transcendem e permanecem”.

No Brasil, desde a implantação da imprensa, no início do século XIX, tivemos cronistas importantes, como José de Alencar, Machado de Assis e Olavo Bilac. Na segunda metade do século XX, a crônica conheceu o seu *boom* com a adesão de escritores de primeira linha, como Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto), Rachel de Queiroz, Luís Fernando Veríssimo, Lourenço Diaféria, entre outros.

- Com a palavra, o conto de Tom Dantas.

A PEDRA DE PEDRO

“tinha uma pedra no meio do caminho”
Carlos Drummond de Andrade

De longe, ouve-se o canto desafinado da esposa naquela casa. É noite de lua cheia. Margarida mostra-se em silhueta à janela. A luz pisca. Neste momento, já deve ter preparado o jantar. Pedro caminha pela rua. Vem bêbado. Cambaleando. Um rapaz bem aparentado – por que fizera isto? Margarida canta novamente. Ele bebe goles e mais goles de vodka. Da fresta da minha janela, há dias que acompanho a vida desse casal, sempre tão apaixonados, coisa de recém-casados. Por que Pedro se comporta dessa forma? O canto de Margarida dessa vez me soa triste. Nunca ouvira cantar assim. Aprecio as suas melodias, mas hoje... hoje não. Fico apreensiva. O que acontecerá dessa vez? Ultimamente, tenho dado um tempo na vida deles, tenho procurado deixá-los em paz. Mas hoje não, hoje preciso vê-los amarem-se.

Pedro bate à porta. Entra.

Demorou, meu amor.

Estou chegando no horário de sempre.

Foi o suficiente para que o silêncio dominasse aquele lar. (pausa) Eles não falam nada há vários minutos, não se comunicam. O que poderia ter acontecido, meu Deus? Eles sempre se mostraram felizes no amor. Margarida orgulhava-se sempre em falar aos vizinhos do quão gostava de Pedro. Ele se gabava nos bares. Minha mulher é a mais bela, casei com a moça mais bela da vila, a mais doce, a mais tudo. Encontrei o amor da minha vida e Deus me deu ela virgem. Eu notava que as pessoas riam discretamente quando Pedro falava isso. Olha que o acompanho desde que chegara aqui na vila quando criança, vindo do sertão, os meninos debochavam da cara dele, meu filho mesmo chamava ele de matuto. Mas eu gostava daquele jeito simples de Pedro, gente do sertão, sempre calado, todos os domingos, fizesse chuva ou sol, Pedro ia à Missa. É devoto de São Francisco de Assis. A mãe dele me contou isso quando veio aqui na vila uma vez, uma senhora tão simples, mas tão amorosa com o filho. Ah, era isso que eu estava tentando lembrar: uma vez Pedro foi vestido de franciscano e tudo pagar uma promessa lá pras bandas de Canindé. Acho que ele nem sabe que eu o observo desde que ele chegou aqui. Não me interpretem mal, sou muito idosa para ele. Ele tem apenas 19 anos, é muito jovem ainda, um garoto que poderia ser meu filho, apenas gosto de acompanhar a vida alheia, a distância, aqui da fresta da minha janela. Assim ninguém me chama de fofoqueira, aliás, não gosto de fofocas, gosto de espiar a vida dos outros daqui. (pausa) Ele bebe muito. Goladas fortes. Muita sede. (pausa)

Quarenta minutos se passaram. Nem uma palavra sequer. Por que, meu Deus? Se meu filho estivesse aqui ia pedir a ele que fosse conversar com Pedro, eles sempre foram tão amigos, desde que Pedro chegou à vila. Nessa noite, num me parece que aquela casa será hoje um ninho de amor.

As nuvens começam a se carregar. Logo hoje que é noite de lua cheia.

Quer jantar?

Não.

Quer fazer amor? A lua tá cheia hoje, podemos deixar a janela aberta, como você gosta.

Não.

Será que escuto bem esse diálogo. Não entendo mais nada. Eles sempre se mostraram tão felizes. Dois meses de casados, só. Não há motivos para brigas. Meu velho e eu passamos a vida toda com o fogo da paixão, sempre que a chama do amor queria se apagar, a gente fazia algo novo, é esse o segredo das relações duradouras.

Por que foge de mim?

Agora ela não quer mais. Por quê?

Não estou fugindo.

É o Fernando, né?

Que tem o Fernando? Pare com esse ciúme, Pedro.

Você anda ficando com ele, eu sei.

Não. Ele só anda aqui. Ele sempre foi meu amigo. E seu também.

Minha mãe sempre me dizia pra eu escolher a mulher certa na hora de casar. Dizia que você não era pra mim, que você não prestava, que era vagabunda, que eu não deveria me casar com você.

Daqui vejo que Margarida não sabe se portar numa briga de casal. É muito jovem ainda. A Estela não soube educar a filha. Pedro não está no seu estado normal. Está alterado. Ele é sempre amoroso, carinhoso, atencioso com Margarida. Testemunho isso quase todos os dias, em quase todos os lugares, inclusive quando estão na cama. A lua e eu fomos testemunhas do desabrochar do sexo desses jovens. Ele, por ser religioso demais, não ousou muito, foi respeitoso demais, quer dizer, acho. Não sei se estou sendo injusta com ele, mas meu velho era diferente.

Vou para a casa da minha mãe.

Não vai não, sua vagabunda.

Você não me ama mais.

Não vai!

Agarre-a, Pedro. Mulher gosta de ser agarrada nessas horas. (pausa) Não faça isso, meu filho, ninguém dá bofetada em mulher, beije-a, não machuque sua esposa. Ah, se eu pudesse intervir. Ninguém na vila sabe que eu assisto eles transarem toda noite aqui da janela. Nunca abro a minha boca pra ninguém, nem a janela. Apenas olho da brecha.

Por que me bate, seu covarde? Homem que faz isso não é homem.

Vagabunda! Vagabunda!

Pedro, você não me ama mais, é isso?

Vagabunda.

Ela não se controla mais. Não faz isso Pedro, não espanque a sua mulher. Meu Deus, por que sou tão covarde? Por que falo tão baixo atrás de uma janela? Por que não a abro e grito para quem quiser ouvir que o casal mais feliz da vila está brigando, estão se esbofeteados, não se amam mais, que tudo é uma farsa, uma mentira. (pausa) Luzes?! Os vizinhos acordaram. Os moradores acendem lâmpadas, uma a uma, como se as casas estivessem acordando em série. Que legal! As luzes clareiam a rua agora.

Que barulho é esse? O que está acontecendo na casa de Pedro? Não sei não, seu Genésio. Também não consigo dormir. Já foi lá? Fui não. A vila toda parece que acordou.

Pedro e Margarida brigam intensamente. Outra vizinha põe a cabeça fora. Moço, eles estão brigando? Falta de respeito isso aqui na vila. Aqui só mora gente honesta, pobre, mas honesta. Seu Genésio, vá lá homem. Vou sim, deixa só eu me vestir.

A porta da casa abriu bruscamente. Margarida sai às pressas. Chora bastante. O que está acontecendo Margarida? Nada, senhora. Vem logo, seu Genésio. Margarida tá mal. A rua está cheia de pessoas e fico aqui me escondendo. Acho que vou descer. Afinal, a vida do casal agora não é só minha, a essa altura todos já devem saber da briga que ocorre com o casal mais feliz da vila.

A lua parece chorar envergonhada desse incidente no amor, enquanto as nuvens cobrem-na lentamente.

Pedro, bêbado, sai à procura de Margarida.

Vagabunda, volta aqui. Você não vai continuar me traindo. Ele mesmo me contou no bar. Disse: “transei com a sua mulher, seu moleque.” E você disse que me amava, sua vagabunda.

Rapaz, se acalme.

Não se meta, senhora. Vou dar-lhe uma surra que você nunca mais vai esquecer, vagabunda.



Exercícios de Fixação

Não faça isso, Pedro. Margarida é moça de família. Casou virgem. Isso senhora, fala, fala pra esse imbecil. Eu sei o quanto ela é honrada, Senhora. Só uma mulher honrada se comporta como ela se comportou na noite de núpcias.

Naquele instante Pedro ficou paralisado. Não sabia mais se deveria agir ou não. Seria ela mesma uma moça de família? Ainda mais virgem? Será que ele num fora enganado. A palavra VIRGEM mexia com a sua cabeça. Não sabia mais se realmente havia casado com uma mulher virgem. Seria ela realmente santa como outrora pensara? Como poderia saber? Não tinha provas. Como descobrir se ela era ou não virgem? Pedro também era virgem quando casou, nunca teve uma experiência antes de Margarida e, como disse, foi respeitoso demais. Pedro era desses garotos à moda antiga que a gente pensa não existir mais, mas eles existem sim, estão rondando por aí.

Margarida resolve voltar e terminar logo de vez com essa história. Desta vez veio brava. Desconheço a minha vizinha. De adolescente, passou a mulher destemida e forte. Enfrenta cara a cara o marido que mais parece um frangalho seco e fraco a sua frente.

Se não me querias, por que casou comigo?

Eu te queria tanto Margarida, não quero mais. – uma dor profunda acompanha a fala de Pedro. Queria, não quero mais.

Margarida desespera-se, pois sabe que não será feliz ao lado de outro homem. Só Pedro a interessava. Eu te amo! – disse ela fracamente. Transei, mas não por amor. Amar mesmo, só você.

Essa é minha pedra, Margarida. Pedro desespera-se. Feito uma fera parte para cima da esposa e espanca-a sem piedade.

Os vizinhos, atônitos, assistem à cena sem nada fazer. Ela reage, mas, inexplicavelmente, agora é inferior ao peso do braço de seu marido. (pausa)

Os dois choram. Cansados de se espancarem, caem fracos e dormentes ao chão. Margarida dá uma última tapa, agora leve. Pedro segura-a pela mão. Choram. Os vizinhos sorriem. As lágrimas de Margarida misturam-se as gotas de sangue que escorrem no canto de sua boca. Beijam-se.

Beijo quente, falou Pedro.

É sangue. Nosso beijo tem gosto de sangue. Cuspa, Pedro.

Não. Quero sentir gosto de saliva, de lágrima e de sangue.

Nesse ruído de noite, onde cães se amam lá fora, só há algo verdadeiro aqui: a chuva intensa.

Tom Dantas, conto inédito.

- Leia agora algumas considerações sobre o gênero conto.

O conto é uma narrativa centrada em um episódio da vida. Em seu livro *O conto brasileiro contemporâneo*, o crítico Alfredo Bosi afirma que o caráter múltiplo do conto “já desnordeou mais de um teórico da literatura ansioso por encaixar a forma-conto no interior de um quadro fixo de gêneros. Na verdade, se comparada à novela e ao romance, a narrativa curta condensa e potencia no seu espaço todas as possibilidades da ficção”.

Já o professor Afrânio Coutinho ensina-nos que “o contista oferece uma amostra, através de um episódio, um flagrante instantâneo, um momento singular e representativo. Procura obter a unidade de impressão rapidamente, à custa da máxima concentração e economia de meios”.

Como se pode perceber, o conto é uma narrativa, em prosa, de menos extensão e apresenta como características fundamentais **a concisão, a precisão, a densidade, a unidade de efeito ou impressão total**. Para Poe e Tchekhov, o conto precisava causar efeito singular no leitor, muita excitação e emotividade.

Na história do conto brasileiro, destacam-se importantes escritores, tais como: Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Lima Barreto, Otto Lara Resende e Lygia Fagundes Telles.

01. (Enem/2017)

Garcia tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-a na testa. Foi nesse momento que Fortunato chegou à porta. Estacou assombrado; não podia ser o beijo da amizade, podia ser o epílogo de um livro adúltero [...].

Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver, mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.

ASSIS, M. *A causa secreta*.

Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br>.

Acesso em: 9 out. 2015.

No fragmento, o narrador adota um ponto de vista que acompanha a perspectiva de Fortunato. O que singulariza esse procedimento narrativo é o registro do(a)

- indignação em face da à suspeita do adultério da esposa.
- tristeza compartilhada pela perda da mulher amada.
- espanto diante da demonstração de afeto de Garcia.
- prazer da personagem em relação ao sofrimento alheio.
- superação do ciúme pela comoção decorrente da morte.

02. (Enem/2017)

O EXERCÍCIO DA CRÔNICA

Escrever prosa é uma arte ingrata. EU digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo.

MORAES, V. *Para viver um grande amor: crônicas e poemas*.

São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

Nesse trecho, Vinicius de Moraes exercita a crônica para pensá-la como gênero e prática. Do ponto de vista dele, cabe ao cronista

- criar fatos com a imaginação.
- reproduzir as notícias dos jornais.
- escrever em linguagem coloquial.
- construir personagens verossímeis.
- ressignificar o cotidiano pela escrita.

03. (Enem/2017)

Chamou-me o bragantino e levou-me pelos corredores e pátios até ao hospício propriamente. Aí é que percebi que ficava e onde, na seção, na de indigentes, aquela em que a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável. O mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social.

BARRETO, L. *Diário do hospício e O cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

No relato de sua experiência no sanatório onde foi interno, Lima Barreto expõe uma realidade social e humana marcada pela exclusão. Em seu testemunho, essa reclusão demarca uma

- A) medida necessária de intervenção terapêutica.
- B) forma de punição indireta aos hábitos desregrados.
- C) compensação para as desgraças dos indivíduos.
- D) oportunidade de ressocialização em um novo ambiente.
- E) conveniência da invisibilidade a grupos vulneráveis e periféricos.

04. (Enem 2018)

- Famigerado? [...]
- Famigerado é “inóxico”, é “célebre”, “notório”, “notável” ...
- Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?
- Vilita nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos ...
- Pois ... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia de semana?
- Famigerado? Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito ...

ROSA, G. *Famigerado. Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Nesse texto, a associação de vocábulos da língua portuguesa a determinados dias da semana remete ao

- A) local de origem dos interlocutores.
- B) estado emocional dos interlocutores.
- C) grau de coloquialidade da comunicação.
- D) nível de intimidade entre os interlocutores.
- E) conhecimento compartilhado na comunicação.

05. (Enem/2017) A lavadeira começou a viver como uma serviçal que impõe respeito e não mais como escrava. Mas essa regalia súbita foi efêmera. Meus irmãos, nos frequentes deslizes que adulteravam este novo relacionamento, geram dardejados pelo olhar severo de Emilie; eles nunca suportaram de bom grado que uma índia passasse a comer na mesa da sala, usando os mesmos talheres e pratos, e comprimindo com os lábios o mesmo cristal dos copos e a mesma porcelana das xícaras de café. Uma espécie de asco e repulsa tingia-lhes o rosto, já não

comiam com a mesma saciedade e recusavam-se a elogiar os pastéis de picadinho de carneiro, os folheados de nata e tâmara, e o arroz com amêndoas, dourado, exalando um cheiro de cebola tostada. Aquela mulher, sentada e muda, com o rosto rastreado de rugas, era capaz de tirar o sabor e o odor dos alimentos e de suprimir a voz e o gesto como se o seu silêncio ou a sua presença que era só silêncio impedisse o outro de viver.

HATOUM, M. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

Ao apresentar uma situação de tensão em família, o narrador destila, nesse fragmento, uma percepção das relações humanas e sociais demarcada pelo

- A) predomínio dos estigmas de classe e de raça sobre a intimidade da convivência.
- B) discurso da manutenção de uma ética doméstica contra a subversão dos valores.
- C) desejo de superação do passado de escassez em prol do presente de abundância.
- D) sentimento de insubordinação à autoridade representada pela matriarca da família.
- E) rancor com a ingratidão e a hipocrisia geradas pelas mudanças nas regras da casa.



Exercícios Propostos

01. (Enem/2016)

L.J.C.

- 5 tiros?
- É.
- Brincando de pegador?
- É. O PM pensou que...
- Hoje?
- Cedinho.

COELHO, M In: FREIRE, M. (Org). *Os cem menores contos brasileiros do século*. São Paulo: Ateliê Editorial. 2004.

Os sinais de pontuação são elementos com importantes funções para a progressão temática. Nesse miniconto, as reticências foram utilizadas para indicar

- A) uma fala hesitante.
- B) uma informação implícita.
- C) uma situação incoerente.
- D) a eliminação de uma ideia.
- E) a interrupção de uma ação.

02. (Enem)

A HISTÓRIA, MAIS OU MENOS

Negócio seguinte. Três reis magrinhos ouviram um plá de que tinha nascido um Guri. Viram o cometa no Oriente e tal e se flagraram que o Guri tinha pintado por lá. Os profetas, que não eram de dar cascata, já tinham dicado o troço: em Belém, da Judeia, vai nascer o Salvador, e tá falado. Os três magrinhos se mandaram. Mas deram o maior fora. Em vez de irem direto para Belém, como mandava o catálogo, resolveram dar uma incerta no velho Herodes, em Jerusalém. Pra quê! Chegaram lá de boca aberta e entregaram toda a trama. Perguntaram: Onde está o rei que acaba de nascer? Vimos sua

estrela no Oriente e viemos adorá-lo. Quer dizer, pegou mal. Muito mal. O velho Herodes, que era um oligão, ficou grilado. Que rei era aquele? Ele é que era o dono da praça. Mas comeu em boca e disse: Joia. Onde é que esse guri vai se apresentar? Em que canal? Quem é o empresário? Tem baixo elétrico? Quero saber tudo. Os magrinhos disseram que iam flagrar o Guri e na volta dicavam tudo para o coroa.

VERÍSSIMO, L. F. *O nariz e outras crônicas*. São Paulo: Ática 1994.

Na crônica de Veríssimo, a estratégia para gerar o efeito de humor decorre do(a)

- linguagem rebuscada utilizada pelo narrador no tratamento do assunto.
- inserção de perguntas diretas acerca do acontecimento narrado.
- caracterização dos lugares onde se passa a história.
- emprego de termos bíblicos de forma descontextualizada.
- contraste entre o tema abordado e a linguagem utilizada.

03. (Enem)

NEGRINHA

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, a mimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma – “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva.

[...]

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual.

LOBATO, M. “Negrinha”. In: MORICONE, I. *Os melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000 (fragmento).

A narrativa focaliza um momento histórico-social de valores contraditórios. Essa contradição infere-se, no contexto, pela

- falta de aproximação entre a menina e a senhora, preocupada com as amigas.
- receptividade da senhora para com os padres, mas deselegante para com as beatas.
- ironia do padre e respeito da senhora, que era perversa com as crianças.
- resistência da senhora em aceitar a liberdade dos negros, evidenciada no final do texto.
- rejeição aos criados por parte da senhora, que preferia tratá-la com castigos.

04. (Enem)

O NASCIMENTO DA CRÔNICA

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjecturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*, está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldado ao naípe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

ASSIS, M. In: SANTOS, J. F. *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007 (fragmento).

Um dos traços fundamentais da vasta obra literária de Machado de Assis reside na preocupação com a expressão e com a técnica de composição. Em *O nascimento da crônica*, Machado permite ao leitor entrever um escritor ciente das características da crônica, como

- texto breve, diálogo com leitor e registro pessoal de fatos do cotidiano.
- síntese de um assunto, linguagem denotativa, exposição sucinta.
- linguagem literária, narrativa curta e conflitos internos.
- texto ficcional curto, linguagem subjetiva e criação de tensões.
- priorização da informação, linguagem impessoal e resumo de um fato.

05. (Enem-2ª Aplicação/2016)

DO AMOR À PÁTRIA

São doces os caminhos que levam de volta à pátria. Não à pátria amada de verdes mares bravios, a mirar em berço esplêndido o esplendor do Cruzeiro do Sul; mas a uma outra mais íntima, pacífica e habitual – uma cuja terra se comeu em criança, uma onde se foi menino ansioso por crescer, uma onde se cresceu em sofrimentos e esperanças plantando canções, amores e filhos ao sabor das estações.

MORAES, V. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987.

O nacionalismo constitui tema recorrente na literatura romântica e modernista. No trecho, a representação da pátria ganha contornos peculiares porque

- o amor à pátria que a pátria oferece é grandioso e eloquente.
- os elementos valorizados são intimistas e de dimensão subjetiva.
- o olhar sobre a pátria é ingênuo e comprometido pela inércia.
- o patriotismo literário tradicional é subvertido e motivo de ironia.
- a natureza é determinante na percepção do valor da pátria.

06. (Enem/2016)

DE DOMINGO

- Outrossim...
- O quê?
- O que o quê?
- O que você disse.
- Outrossim?
- É.
- O que é que tem?
- Nada. Só achei engraçado.
- Não vejo a graça.
- Você vai concordar que não é uma palavra de todos os dias.
- Ah, não é. Aliás, eu só uso domingo.
- Se bem que parece mais uma palavra de segunda-feira.
- Não. Palavra de segunda-feira é “óbice”.
- “Ônus”.
- “Ônus” também. “Desiderato”. “Resquício”.
- “Resquício” é de domingo.
- Não, não. Segunda. No máximo terça.
- Mas “outrossim”, francamente...
- Qual o problema?
- Retira o “outrossim”.
- Não retire. É uma ótima palavra. Aliás é uma palavra difícil de usar. Não é qualquer um que usa “outrossim”.

VERISSIMO, L. F. *Comédias da vida privada*.
Porto Alegre: L&PM, 1996. Fragmento.

No texto, há uma discussão sobre o uso de algumas palavras da língua portuguesa. Esse uso promove o(a)

- A) marcação temporal, evidenciada pela presença de palavras indicativas dos dias da semana.
- B) tom humorístico, ocasionado pela ocorrência de palavras empregadas em contextos formais.
- C) caracterização da identidade linguística dos interlocutores, percebida pela recorrência de palavras regionais.
- D) distanciamento entre os interlocutores, provocado pelo emprego de palavras com significados pouco conhecidos.
- E) inadequação vocabular, demonstrada pela seleção de palavras desconhecidas por parte de um dos interlocutores do diálogo.

07. (Enem/2014)

Em todas as datas cívicas a máquina é agora uma parte importante das festividades. Você se lembra que antigamente os feriados eram comemorados no coreto ou no campo de futebol, mas hoje tudo se passa ao pé da máquina. Em tempo de eleição todos os candidatos querem fazer seus comícios à sombra dela, e como isso não é possível, alguém tem de sobrar, nem todos se conformam e sempre surgem conflitos. Felizmente a máquina ainda não foi danificada nesses esparramos, e espero que não seja.

A única pessoa que ainda não rendeu homenagem à máquina é o vigário, mas você sabe como ele é ranzinza, e hoje mais ainda, com a idade. Em todo caso, ainda não tentou nada contra ela, e ai dele. Enquanto ficar nas censuras veladas, vamos tolerando; é um direito que ele tem.

VEIGA, J. J. “A Máquina extraviada”. In: MORICONI, I. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000 (fragmento)

A presença do inusitado ou do fantástico na vida cotidiana é frequente na obra de José J. Veiga. No fragmento, a situação de singularidade experimentada pelas personagens constrói-se a partir do

- A) afastamento da religião tradicional.
- B) medo crescente diante da tecnologia.
- C) desrespeito político em âmbito municipal.
- D) impacto sociocultural das inovações.
- E) conflito entre diferentes classes sociais.

08. (Enem/2015)

Tudo era harmonioso, sólido, verdadeiro. No princípio. As mulheres, principalmente as mortas do álbum, eram maravilhosas. Os homens, mais maravilhosos ainda, ah, difícil encontrar família mais perfeita. A nossa família, dizia a bela voz de contralto da minha avó. Na nossa família, frisava, lançando em redor olhares complacentes, lamentando os que não faziam parte do nosso clã. [...]

Quando Margarida resolveu contar os podres todos que sabia naquela noite negra da rebelião, fiquei furiosa. [...]

É mentira, é mentira!, gritei tapando os ouvidos. Mas Margarida seguia em frente: tio Maximiliano se casou com a inglesa de cachos só por causa do dinheiro, não passava de um pilantra, a loirinha feiosa era riquíssima. Tia Consuelo? Ora, tia Consuelo chorava porque sentia falta de homem, ela queria homem e não Deus, ou convento ou o sanatório. O dote era tão bom que o convento abriu-lhe as portas com loucura e tudo. “E tem mais coisas ainda, minha queridinha”, anunciou Margarida fazendo um agrado no meu queixo, Reagi com violência: uma agregada, uma cria e, ainda por cima, mestiça. Como ousava desmoralizar meus heróis?

TELLES, L. F. *A estrutura da bolha de sabão*. Rio de Janeiro: Rocco, 199.

Representante da ficção contemporânea, a prosa de Lygia Fagundes Telles configura e desconstrói modelos sociais. No trecho, a percepção do núcleo familiar descortina um(a)

- A) convivência frágil ligando pessoas financeiramente dependentes.
- B) tensa hierarquia familiar equilibrada graças à presença da matriarca.
- C) pacto de atitudes e valores mantidos à custa de ocultações e hipocrisias.
- D) tradicional conflito de gerações protagonizado pela narradora e seus tios.
- E) velada discriminação racial refletida na procura de casamentos com europeus.

09. (Enem 2016)

O HUMOR E A LÍNGUA

Há algum tempo, venho estudando as piadas, com ênfase em sua constituição linguística. Por isso, embora a afirmação a seguir possa parecer surpreendente, creio que posso garantir que se trata de uma verdade quase banal: as piadas fornecem simultaneamente um dos melhores retratos dos valores e problemas de uma sociedade, por um lado, e uma coleção de fatos e dados impressionantes para quem quer saber o que é e como funciona uma língua, por outro. Se se quiser descobrir os problemas com os quais uma sociedade se debate, uma coleção de piadas fornecerá excelente pista: sexualidade, etnia/raça e outras diferenças, instituições (igreja, escola, casamento, política), morte, tudo isso está sempre presente nas piadas que circulam anonimamente e que são ouvidas e contadas por todo mundo em todo o mundo. Os antropólogos ainda não prestaram a devida atenção a esse material, que

poderia substituir com vantagem muitas entrevistas e pesquisas participantes. Saberemos mais a quantas andam o machismo e o racismo, por exemplo, se pesquisarmos uma coleção de piadas do que qualquer outro corpus.

POSSENTI. S. *Ciência Hoje*, n. 176, out. 2001 (adaptado).

A piada é um gênero textual que figura entre os mais recorrentes na cultura brasileira, sobretudo na tradição oral. Nessa reflexão, a piada é enfatizada por

- A) sua função humorística.
- B) sua ocorrência universal.
- C) sua diversidade temática.
- D) seu papel como veículo de preconceitos.
- E) seu potencial como objeto de investigação.

10. (Enem)

O PERU DE NATAL

O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai acontecida cinco meses antes, foi de consequências decisivas para a felicidade familiar. Nós sempre fomos familiarmente felizes, nesse sentido muito abstrato da felicidade: gente honesta, sem crimes, lar sem brigas internas nem graves dificuldades econômicas. Mas, devido principalmente à natureza cinzenta de meu pai, ser desprovido de qualquer lirismo, duma exemplaridade incapaz, acolchoado no medíocre, sempre nos faltara aquele aproveitamento da vida, aquele gosto pelas felicidades materiais, um vinho bom, uma estação de águas, aquisição de geladeira, coisas assim. Meu pai fora de um bom errado, quase dramático, o puro-sangue dos desmancha-prazeres.

ANDRADE, M. In: MORICONI, I. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. São Paulo: Objetiva, 2000 (fragmento)

No fragmento do conto de Mário de Andrade, o tom confessional do narrador em primeira pessoa revela uma concepção das relações humanas marcada por

- A) distanciamento de estados de espírito acentuado pelo papel das gerações.
- B) relevância dos festejos religiosos em família na sociedade moderna.
- C) preocupação econômica em uma sociedade urbana em crise.
- D) consumo de bens materiais por parte de jovens, adultos e idosos.
- E) pesar e reação de luto diante da morte de um familiar querido.



Fique de Olho

Com a palavra, Machado de Assis!



Wikimedia Foundation

UM APÓLOGO

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:
— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: — Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Machado de Assis.

Aula
10Compreensão Textual II –
Vestibular em Análise

C-5	H-15, 16
	H-17
H-7	H-21, 22
	H-23



Exercícios de Fixação

- Texto para as questões 01 a 04.

ENVELHECER

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer

A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer

- 5 Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer

Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer

Não quero morrer pois quero ver

- 10 Como será que deve ser envelhecer

Eu quero é viver pra ver qual é

E dizer venha pra o que vai acontecer

Eu quero que o tapete voe

No meio da sala de estar

- 15 Eu quero que a panela de pressão pressione

E que a pia comece a pingar

Eu quero que a sirene soe

E me faça levantar do sofá

Eu quero pôr Rita Pavone

- 20 No ringtone do meu celular

Eu quero estar no meio do ciclone

Pra poder aproveitar

E quando eu esquecer meu próprio nome

Que me chamem de velho gagá

- 25 Pois ser eternamente adolescente nada é mais démodé

Com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não para de crescer

Não sei por que essa gente vira a cara pro

- 30 presente e esquece de aprender

Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr

Arnaldo Antunes.

Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/arnaldoantunes/envelhecer.html>>. Acesso: 22 set. 17.

01. (Uece/2018.1) O autor do texto “Envelhecer” tem o propósito de
- mostrar que a velhice pode ser um período cheio de vivacidade no qual não é preciso se submeter às imposições físicas da idade.
 - ressaltar que, na velhice, as pessoas ficam mais preguiçosas e, por isso mesmo, têm que se manter sempre estimuladas à prática de exercícios domésticos.
 - destacar que, ao chegarem à velhice, as pessoas temem a morte.
 - sugerir que a velhice torna as pessoas mais sábias e mais experientes.

02. (Uece/2018.1) No enunciado “Eu quero que o tapete voe” (linha 13), tem-se

A) uma estrutura sintática e semântica semelhante à do enunciado “Eu quero estar no meio do ciclone” (linha 21), o qual apresenta, na ordem, uma oração principal, outra subordinada substantiva reduzida, expressando a ideia de que, mesmo na velhice, é possível ainda querer realizar e aproveitar certas atividades.

B) uma estrutura sintática formada por uma primeira oração, chamada de principal, e por uma outra, denominada de oração subordinada substantiva, que serve como sujeito da primeira, para ser transmitida a ideia sobre quem o enunciador está falando.

C) uma estrutura sintática formada por uma oração principal e por uma outra oração subordinada substantiva, a qual funciona como complemento direto da primeira oração, para o enunciador enfatizar o objeto do seu querer e, assim, mostrar sua vivacidade.

D) uma estrutura sintática diferente da dos enunciados “Eu quero que a panela de pressão pressione” (linhas 15) e “Eu quero que a sirene soe” (linha 17), que apresentam uma oração principal seguida de uma oração subordinada objetiva direta, em que se mostra a possibilidade de o desejo do enunciador se realizar.

03. (Uece/2018.1) Os versos da canção “A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer (linhas 01 e 02); “Eu quero pôr Rita Pavone no ringtone do meu celular” (linhas 19 e 20); “Pois ser eternamente adolescente nada é mais démodé” (linhas 25-26) têm em comum

A) a presença de definições sobre o que é envelhecer.

B) a utilização de termos e ideias que ressaltam a relação entre o antigo e o novo.

C) o emprego de noções que negam a velhice e afirmam a juventude.

D) o uso de estrangeirismos como forma de mostrar um vocabulário arcaico próprio de pessoas idosas.

04. (Uece/2018.1) Sobre as locuções verbais presentes na primeira estrofe da canção (“vai descendo”, “vão caindo”, “vão crescendo”, “vai dizendo”, “vão morrendo”), não é lícito afirmar que

A) nestas locuções verbais formadas com o verbo “ir”, é comum que elas expressem algo que ocorrerá antes do momento da fala.

B) são locuções formadas pelo verbo auxiliar “ir” somado a um verbo principal no gerúndio.

C) o último verbo destas locuções representa a ação que se quer expressar, enquanto o primeiro verbo exprime o modo e o tempo em que ela se realiza.

D) o verbo auxiliar, além de expressar o modo e o tempo em que a ação se realiza, faz também referência à duração da ação verbal.

05. (Uece/2018.1)

GESTOS AMOROSOS

Dei-me conta de que estava velho cerca de 25 anos atrás. Já contei o ocorrido várias vezes, mas vou contá-lo novamente. Era uma tarde em São Paulo. Tomei um metrô. Estava cheio. Segurei-me num balaústre sem problemas. Eu não tinha dificuldades de locomoção. Comecei a fazer algo que me dá prazer: ler o rosto das pessoas.

Os rostos são objetos oníricos: fazem sonhar. Muitas crônicas já foram escritas provocadas por um rosto – até mesmo o nosso – refletido no espelho. Estava eu entregue a esse exercício literário quando, ao passar de um livro para outro,



Exercícios Propostos

isto é, de um rosto para outro, defrontei-me com uma jovem assentada que estava fazendo comigo aquilo que eu estava fazendo com os outros. Ela me olhava com um rosto calmo e não desviou o olhar quando os seus olhos se encontraram com os meus. Prova de que ela me achava bonito. Sorri para ela, ela sorriu para mim... Logo o sonho sugeriu uma crônica: “Professor da Unicamp se encontra, num vagão de metrô, com uma jovem que seria o amor de sua vida...”

Foi então que ela me fez um gesto amoroso: ela se levantou e me ofereceu o seu lugar... Maldita delicadeza! O seu gesto amoroso me humilhou e perfurou o meu coração... E eu não tive alternativas. Como rejeitar gesto tão delicado! Remoendo-me de raiva e sorrindo, assentei-me no lugar que ela deixara para mim. Sim, sim, ela me achara bonito. Tão bonito quanto o seu avô... Aconteceu faz mais ou menos um mês. Era a festa de aniversário de minha nora. Muitos amigos, casais jovens, segundo minha maneira de avaliar a idade. Eu estava assentado numa cadeira num jardim observando de longe. Nesse momento chegou um jovem casal amigo. Quando a mulher jovem e bonita me viu, veio em minha direção para me cumprimentar. Fiz um gesto de levantar-me. Mas ela, delicadíssima, me disse: “Não, fique assentadinho aí...” Se ela me tivesse dito simplesmente “Não é preciso levantar”, eu não teria me perturbado. Mas o fio da navalha estava precisamente na palavra “assentadinho”. Se eu fosse moço, ela não teria dito “assentadinho”. Foi justamente essa palavra que me obrigou a levantar para provar que eu era ainda capaz de levantar-me e assentar-me. Fiquei com dó dela porque eu, no meio de uma risada, disse-lhe que ela acabava de dar-me uma punhalada...

Contei esse acontecido para uma amiga, mais ou menos da minha idade. E ela me disse: “Estou só esperando que alguém venha até mim e, com a mão em concha, bata na minha bochecha, dizendo: “Mas que bonitinha...” Acho que vou lhe dar um murro no nariz...”

Vêm depois as grosserias a que nós, os velhos, somos submetidos nas salas de espera dos aeroportos. Pra começar, não entendo por que “velho” é politicamente incorreto. “Idoso” é palavra de fila de banco e de fila de supermercado; “velho”, ao contrário, pertence ao universo da poesia. Já imaginaram se o Hemingway tivesse dado ao seu livro clássico o nome de “O idoso e o mar”? Já imaginaram um casal de cabelos brancos, o marido chamando a mulher de “minha idosa querida”?

Os alto-falantes nos aeroportos convocam as crianças, as gestantes, as pessoas com dificuldades de locomoção e a “melhor idade”... Alguém acredita nisso? Os velhos não acreditam. Então essa expressão “melhor idade” só pode ser gozação.

Rubem Alves

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2705200804.htm>>. Acesso em: 22 set. 2017.

É correto afirmar que, no texto, o autor

- narra a história de pessoas velhas que são, comumente, desrespeitadas por pessoas mais jovens.
- mostra-se indignado com as precárias condições de transporte público e aéreo que a cidade grande, como São Paulo, oferece aos anciãos.
- sugere que a velhice é a fase da vida em que as pessoas costumam dar mais atenção às outras.
- reflete sobre como, em situações cotidianas, as atitudes gentis com as pessoas mais velhas podem, na verdade, revelar, para estas, um certo desprazer.

- Texto para as questões de 01 a 03.

GESTOS AMOROSOS

Dei-me conta de que estava velho cerca de 25 anos atrás. Já contei o ocorrido várias vezes, mas vou contá-lo novamente. Era uma tarde em São Paulo. Tomei um metrô. Estava cheio. Segurei-me num balaústre sem problemas. Eu não tinha dificuldades de locomoção. Comecei a fazer algo que me dá prazer: ler o rosto das pessoas.

Os rostos são objetos oníricos: fazem sonhar. Muitas crônicas já foram escritas provocadas por um rosto – até mesmo o nosso – refletido no espelho. Estava eu entregue a esse exercício literário quando, ao passar de um livro para outro, isto é, de um rosto para outro, defrontei-me com uma jovem assentada que estava fazendo comigo aquilo que eu estava fazendo com os outros. Ela me olhava com um rosto calmo e não desviou o olhar quando os seus olhos se encontraram com os meus. Prova de que ela me achava bonito. Sorri para ela, ela sorriu para mim... Logo o sonho sugeriu uma crônica: “Professor da Unicamp se encontra, num vagão de metrô, com uma jovem que seria o amor de sua vida...”

Foi então que ela me fez um gesto amoroso: ela se levantou e me ofereceu o seu lugar... Maldita delicadeza! O seu gesto amoroso me humilhou e perfurou o meu coração... E eu não tive alternativas. Como rejeitar gesto tão delicado! Remoendo-me de raiva e sorrindo, assentei-me no lugar que ela deixara para mim. Sim, sim, ela me achara bonito. Tão bonito quanto o seu avô... Aconteceu faz mais ou menos um mês. Era a festa de aniversário de minha nora. Muitos amigos, casais jovens, segundo minha maneira de avaliar a idade. Eu estava assentado numa cadeira num jardim observando de longe. Nesse momento chegou um jovem casal amigo. Quando a mulher jovem e bonita me viu, veio em minha direção para me cumprimentar. Fiz um gesto de levantar-me. Mas ela, delicadíssima, me disse: “Não, fique assentadinho aí...” Se ela me tivesse dito simplesmente “Não é preciso levantar”, eu não teria me perturbado. Mas o fio da navalha estava precisamente na palavra “assentadinho”. Se eu fosse moço, ela não teria dito “assentadinho”. Foi justamente essa palavra que me obrigou a levantar para provar que eu era ainda capaz de levantar-me e assentar-me. Fiquei com dó dela porque eu, no meio de uma risada, disse-lhe que ela acabava de dar-me uma punhalada...

Contei esse acontecido para uma amiga, mais ou menos da minha idade. E ela me disse: “Estou só esperando que alguém venha até mim e, com a mão em concha, bata na minha bochecha, dizendo: “Mas que bonitinha...” Acho que vou lhe dar um murro no nariz...”

Vêm depois as grosserias a que nós, os velhos, somos submetidos nas salas de espera dos aeroportos. Pra começar, não entendo por que “velho” é politicamente incorreto. “Idoso” é palavra de fila de banco e de fila de supermercado; “velho”, ao contrário, pertence ao universo da poesia. Já imaginaram se o Hemingway tivesse dado ao seu livro clássico o nome de “O idoso e o mar”? Já imaginaram um casal de cabelos brancos, o marido chamando a mulher de “minha idosa querida”?

Os alto-falantes nos aeroportos convocam as crianças, as gestantes, as pessoas com dificuldades de locomoção e a “melhor idade”... Alguém acredita nisso? Os velhos não acreditam. Então essa expressão “melhor idade” só pode ser gozação.

Rubem Alves

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2705200804.htm>>. Acesso em: 22 set. 2017.

01. (Uece/2018.1) Os textos costumam manifestar simultaneamente diversas funções da linguagem, com o predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. Encontramos, na crônica de Rubem Alves, a presença marcante da função metalinguística. Atente aos excertos apresentados a seguir e assinale a opção em que essa função não se revela.
- A) "Foi justamente essa palavra que me obrigou a levantar para provar que eu era ainda capaz de levantar-me e assentar-me." (linhas 36-38)
- B) "Ela me olhava com um rosto calmo e não desviou o olhar quando os seus olhos se encontraram com os meus." (linhas 13-15)
- C) "Pra começar, não entendo por que 'velho' é politicamente incorreto. "Idoso" é palavra de fila de banco e de fila de supermercado; "velho", ao contrário, pertence ao universo da poesia." (linhas 46-49)
- D) "Então essa expressão "melhor idade" só pode ser gozação." (linhas 56-57)

02. (Uece/2018.1) Há várias características que definem o gênero crônica. Dentre elas encontram-se:
- a abordagem de aspectos do cotidiano, em que se apresentam episódios retirados da vida real;
 - a construção de um texto curto e inteligível, escrito em linguagem marcada pelo tom de oralidade e de coloquialidade;
 - a narração dos episódios em primeira pessoa em que predominam as reflexões pessoais do narrador;
 - a presença de trechos cômicos no relato das cenas narradas.

Considerando as características da crônica descritas anteriormente, é correto afirmar que está presente, no texto de Rubem Alves, o que consta nos itens

- A) I, II, III e IV.
 B) I e III apenas.
 C) I, II e IV apenas.
 D) II, III e IV apenas.
03. (Uece/2018.1) A presença, no texto, das formas diminutivas "assentadinho" (linha 32) e "bonitinha" (linha 43) expressa para quem as emprega
- A) pequenez.
 B) deboche.
 C) ironia.
 D) amabilidade.

- Texto paras as questões de 04 a 07.

VELHICE

Virá o dia em que eu hei de ser um velho experiente
 Olhando as coisas através de uma filosofia sensata
 E lendo os clássicos com a afeição que a minha mocidade não permite.

- 5 Nesse dia Deus talvez tenha entrado definitivamente em meu espírito
 Ou talvez tenha saído definitivamente dele.
 Então todos os meus atos serão encaminhados no sentido do tûmulo
- 10 E todas as ideias autobiográficas da mocidade terão desaparecido:
 Ficará talvez somente a ideia do testamento bem escrito.
 Serei um velho, não terei mocidade, nem sexo, nem vida
 Só terei uma experiência extraordinária.
 Fecharei minha alma a todos e a tudo
- 15 Passará por mim muito longe o ruído da vida e do mundo

Só o ruído do coração doente me avisará de uns restos de vida em mim.
 Nem o cigarro da mocidade restará.
 Será um cigarro forte que satisfará os pulmões viciados

20 E que dará a tudo um ar saturado de velhice.
 Não escreverei mais a lápis
 E só usarei pergaminhos compridos.
 Terei um casaco de alpaca que me fechará os olhos.
 Serei um corpo sem mocidade, inútil, vazio

25 Cheio de irritação para com a vida
 Cheio de irritação para comigo mesmo.
 O eterno velho que nada é, nada vale, nada vive
 O velho cujo único valor é ser o cadáver de uma mocidade criadora.

MORAES, Vinícius de. *Velhice*.
 Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/velhice>.
 Acesso: 23 set. 2017.

04. (Uece/2018.1) Os versos "Virá o dia em que eu hei de ser um velho experiente/ Olhando as coisas através de uma filosofia sensata/ E lendo os clássicos com a afeição que a minha mocidade não permite" (linhas 1 – 4) podem ser traduzidos pelo seguinte ditado popular:
- A) A velhice é a segunda meninice.
 B) Quanto mais idade, mais maturidade.
 C) A velhice é um tirano que castiga os prazeres com pena de morte.
 D) A juventude leviana faz velhice desolada.
05. (Uece/2018.1) Pela leitura atenta do poema *Velhice*, depreende-se que o autor, ao tratar do tema da velhice, constrói o seu texto com um tom
- A) melancólico.
 B) esperançoso.
 C) alegre.
 D) irônico.
06. (Uece/2018.1) Vários aspectos do poema *Velhice*, de Vinícius de Moraes, manifestam valores estéticos afirmados na poesia do Modernismo da década de 1930 ao qual o autor estava ligado, com exceção da
- A) adoção do verso livre (sem métrica) e do verso branco (sem rima).
 B) ampliação do campo temático, que contempla, dentre outras coisas, aspectos das inquietações religiosas.
 C) escolha de temas pautados na cultura e na identidade nacional.
 D) ênfase a temas como o sensualismo erótico, o amor e os prazeres da carne.

07. (Uece/2018.1) Sobre o uso da expressão verbal composta "eu hei de ser" (linha 1) no poema, é correto afirmar que
- A) não mantém, com a forma "virá" (linha 1), paralelismo de tempo verbal de indicação de futuro.
 B) poderia ser perfeitamente substituída pela forma simples "serei", em razão de esta forma manter equivalência de mesmo tempo verbal com a expressão "hei de ser".
 C) marca uma atitude de plena certeza do sujeito enunciador em face do que ele pretende ser quando se tornar velho.
 D) entra em desarmonia com o uso predominante do futuro como tempo verbal no poema para indicar que as ações e os estados do enunciador ainda irão acontecer quando chegar a sua velhice.

- Texto para as questões de 08 a 10.

**A IMIGRANTE ITALIANA QUE SE FORMOU EM
NUTRIÇÃO AOS 87 ANOS ESCREVEU
O TCC INTEIRO À MÃO**

Os cabelos brancos de Luísa Valencic Ficara contrastaram com a juventude dos colegas durante sua formatura. Nascida na Itália, Luísa imigrou para a América do Sul durante a Segunda Guerra Mundial, viveu em três países sul-americanos e se estabeleceu em Jundiá, no interior de São Paulo. Aos 87 anos, ela acaba de se formar em nutrição.

Dona Luísa, como é conhecida, vive na cidade há 40 anos. Após o falecimento do marido e de sua irmã, ela decidiu voltar a estudar para se manter ocupada. Foi assim que surgiu a ideia de se matricular no curso de nutrição do Centro Universitário Padre Anchieta. A graduação foi concluída após seis anos de estudos, com um TCC sobre a cana-de-açúcar no Brasil. Segundo informações do Grupo Anchieta, todo o trabalho foi escrito à mão. Colegas, professores e funcionários da instituição ajudaram com a parte da digitação, configuração e impressão do trabalho, para apoiar Dona Luísa. Mas a graduação não é o limite para a idosa. Ela, que também frequenta aulas de alemão, inglês e francês, já está pensando em ingressar em um curso de pós-graduação para continuar estudando, segundo contou ao G1.

Disponível em: <<http://www.hypeness.com.br/2017/09/a-imigrante-italiana-que-se-formou-em-nutricao-aos-87-anos-escreveu-o-tcc-inteiro-a-mao/>>. Acesso: 23 set. 2017.

08. (Uece/2018.1) O texto anterior, embora classificado como um gênero jornalístico “notícia”, apresenta muitas características do A) gênero biográfico, por narrar eventos históricos da vida de uma pessoa, fazendo um percurso cronológico dos momentos mais importantes de sua vida.
B) gênero literário “conto”, por se caracterizar por uma estrutura curta, apresentando uma trama central com narrador, personagens e enredo bem definidos.
C) gênero publicitário “anúncio”, por querer fazer propaganda de instituições de ensino superior no Brasil que aceitam idosos como aluno.
D) gênero de autoajuda, por procurar aconselhar as pessoas mais velhas a ainda terem esperança para realizar os seus sonhos a partir do seu esforço e persistência.
09. (Uece/2018.1) A notícia anterior apresenta elementos coesivos que ajudam na “costura” temática do texto. A partir dessa ideia, é correto asseverar que
A) o pronome “sua” (linha 2) se relaciona à “juventude” (linha 2).
B) “todo o trabalho” (linha 14) retoma “graduação” (linha 11).
C) “instituição” (linha 15) substitui “Grupo Anchieta” (linha 13).
D) “cidade” (linha 7) refere-se à “Itália” (linha 3).
10. (Uece/2018.1) O trecho “[...] Luísa imigrou para a América do Sul durante a Segunda Guerra Mundial, viveu em três países sul-americanos e se estabeleceu em Jundiá, no interior de São Paulo” (linhas 3-5) caracteriza-se por
A) não obedecer à narração dos eventos na ordem cronológica em que ocorreram.
B) encadear uma série de orações que se coordenam por um sentido de oposição entre as ações narradas.
C) mostrar que a anciã viveu em vários lugares do mundo em busca de realizar o seu sonho de se formar em nutrição.
D) associar, por meio, predominantemente, da soma de ideias, os eventos que se sucederam na vida de Dona Luíza desde quando saiu da Itália até chegar ao Brasil.



Fique de Olho

DICAS FUNDAMENTAIS NA HORA DE SE LER UM TEXTO

Considerada a complexidade da leitura, e o sem-número de elementos que interferem em sua realização, não se pode estabelecer uma lista fechada de itens que funcionem como um “programa” de leitura eficaz, mas é possível lembrar alguns procedimentos que podem ajudá-lo a se comportar criticamente diante da escrita:

- procure identificar que tipo de texto você está lendo;
- verifique a ocorrência de variação linguística e analise-a;
- julgue a adequação do texto à situação em que ele foi empregado;
- identifique as relações entre as partes do texto, que denunciam sua estrutura;
- identifique as estratégias linguísticas utilizadas pelo autor;
- relacione o texto à cultura da época em que ele foi produzido, comparando-a com a da atualidade;
- identifique termos cujo aparecimento frequente denuncia um determinado enfoque ao assunto;
- identifique expressões que o remetem a outro texto;
- localize trechos que refletem a opinião do autor;
- identifique traços que permitem relacionar o autor a certos grupos sociais e profissionais ou a correntes ideológicas conhecidas;
- procure evidências que permitem extrair conclusões não explicitadas no texto;
- relacione textos apresentados, confrontando suas características e propriedades;
- posicione-se diante do texto lido, dando sua própria opinião.

Bibliografia

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da literatura*. 7. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1980.
- COLI, Jorge. O que é arte. *Coleção primeiros passos*. Ed. 46. Brasiliense, 2004.
- CORAGEM, Amarilis Coelho & MAIA e SILVA, Sidmar Estevam. *Arte*. Belo Horizonte: Educacional, 2008.
- COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2001.
- _____. *Introdução à literatura no Brasil*. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2001.
- _____. *Notas de teoria literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- GARIFF, David. *Os pintores mais influentes do mundo e os artistas que eles inspiram*. Tradução: Mathias de Abreu Lima Filho. Barueri, São Paulo: Girassol, 2008.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2005.
- JANSON, H.W & JANSON, Anthony. *Iniciação à história da arte*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- LOBATO, Monteiro. *Viagem ao céu e O Saci*. São Paulo: Brasiliense, 1950. p. 266-8.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de textualização*. 3. ed. São Paulo: Context, 2001. p.41.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa*. 8 ed. Saraiva. Reformulada.

MOISÉS, Massaud. *O simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 1966.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

NIKOS STANGOS; tradução, Álvaro Cabral: *Conceitos de arte moderna*: com 123 ilustrações. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.

PROENÇA, Graça. *História da Arte*. Editora Ática. 16. ed. Ática. 6. impressão.

PUBLIFOLHA, *O livro da arte*. Tradução de Maria Anunciação Rodrigues.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 22.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira – seus fundamentos econômicos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1969.

SPENCE, David. *Grandes Artistas – vida e obra*. São Paulo: Melhoramentos, 2004.

SYLVESTER, David. *Sobre arte moderna*. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Cosacnaify, 2006.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954.

Bibliografia consultada:

ALBIN, Ricardo Cravo. *O livro de ouro da MPB – A História de nossa música popular de sua origem até hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

CABRAL, Sérgio. *No tempo de Ary Barroso*. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 1993.

Enciclopédia da música popular, erudita e folclórica. São Paulo: Art Editora/Publifolha, 1998.

MÁXIMO, João e DIDIER, Carlos. *Noel Rosa : Uma biografia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

SEVERIANO, Jairo e MELLO, Zuza Homem de. *A canção no tempo*. São Paulo: Editora 34, 1997.

VASCONCELOS, Ary. *Panorama da música popular brasileira*. Rio de Janeiro: Martins, 1965.

- <http://www.dicionariompb.com.br>
- <http://cifrantiga3.blogspot.com/-->
- <http://cliquemusic.uol.com.br>
- <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa>

Quanto às questões da apostila:

- Muitas foram catalogadas de vestibulares de diferentes universidades brasileiras, tais como: UFC, Uece, UFPE, UFPI, ITA, IME, UFBA, UFPB...
- Muitas são inéditas, e outras foram retiradas do Enem, do Enceja, do Enade...



Anotações



Anotações

LÍNGUA PORTUGUESA II

LITERATURA

Objetivo(s):

- Estudar o Arcadismo e o Romantismo, focalizando o seu contexto histórico e social, a sua produção literária, suas características e seus principais representantes.

Conteúdo:

AULA 06: ARCADISMO I

Esquema do Arcadismo	52
Autores	52
Arcadismo: século XVIII.....	53
Arcadismo ou Neoclassicismo	53
Exercícios	57

AULA 07: ARCADISMO II

Autores e obras.....	61
Exercícios	64

AULA 08: ROMANTISMO I

Características.....	67
Exercícios	71

AULA 09: ROMANTISMO II

Poetas da Segunda Geração Romântica.....	75
Exercícios	78

AULA 10: ROMANTISMO III

Poetas da Terceira Geração Romântica	82
Exercícios	83

Aula
06

Arcadismo I

C-5 / H-15, 16
H-17
C-6 / H-18

ARCADISMO

Início: Publicação de *Obras Poéticas*, de Cláudio Manuel da Costa.

Contexto histórico:

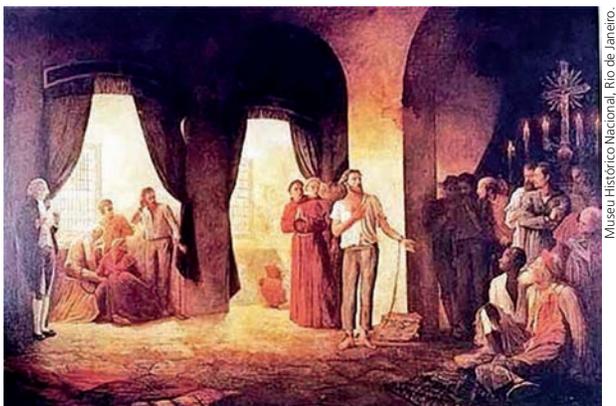
- A Inconfidência Mineira;
 - A Revolução Farroupilha;
 - A vinda da Família Real para o Brasil.
- Pastoralismo, bucolismo. Ideal de vida simples, junto à natureza (*locus amoenus*).
 - *Fugere urbem* ("evitar a cidade", "fugir da civilização"). Busca do equilíbrio e da naturalidade, no contato com a natureza.
 - *Carpe diem* ("aproveite o dia"). Consciência da fugacidade do tempo.
 - Simplicidade, clareza e equilíbrio. Emprego moderado de figuras de linguagem.
 - Natureza racional (é vista como um cenário, como uma fotografia, como um pano de fundo).
 - Pseudônimos.
 - Fingimento / Artificialismo.

Destacaram-se:

- **Tomás Antonio Gonzaga** – Poeta maior do Arcadismo brasileiro com suas líras *Marília de Dirceu*. Pseudônimo como poeta lírico: Dirceu; pseudônimo como poeta satírico: Critilo (*Cartas Chilenas*).

Autores épicos do Arcadismo brasileiro:

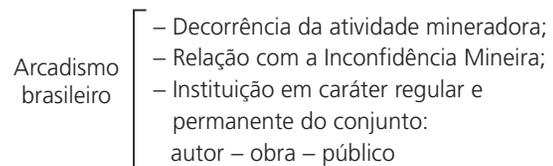
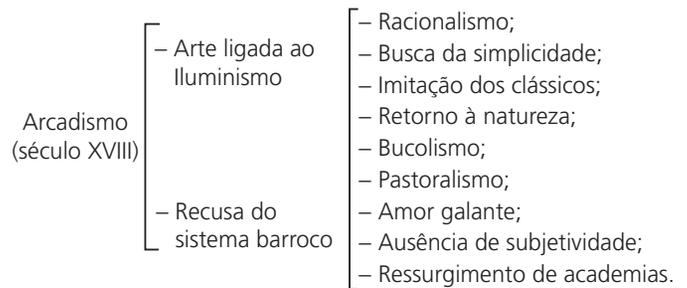
- **Cláudio Manuel da Costa** – Poeta lírico e épico. Seu pseudônimo é Glauceste Satúrnio. Seus sonetos são de imitação camoniana. Obra: *Vila Rica*.
 - **Basílio da Gama** – Obra: *O Uruguai*.
 - **Santa Rita Durão** – Obra: *Caramuru*.
- Obs.:** O índio antes de José de Alencar aparece nos poemas épicos *O Uruguai* e *Caramuru*. Portanto, o Arcadismo preparou o Romantismo.



SÁ, Eduardo (1866-1940). *A leitura da sentença* (1921). Óleo sobre tela.

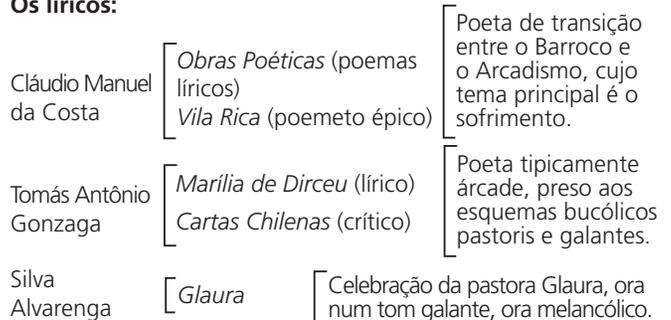
A frustrada Inconfidência Mineira foi um movimento decisivo para a emancipação política do Brasil.

Esquema do Arcadismo

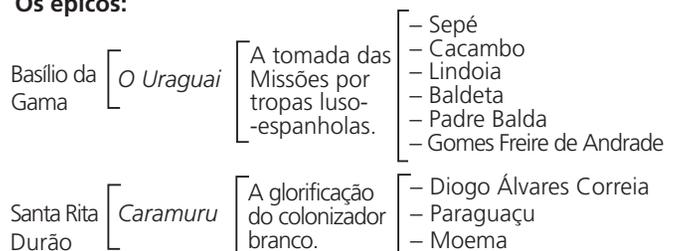


Autores

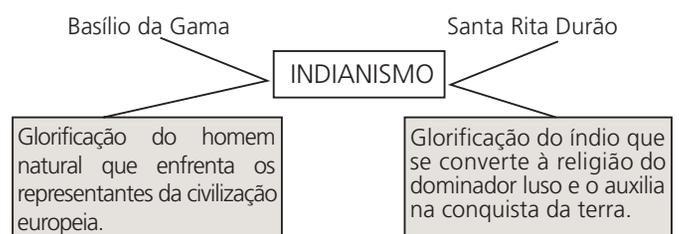
Os líricos:



Os épicos:



O **indianismo** de Basílio da Gama e Santa Rita Durão:



Arcadismo: século XVIII

Contexto histórico

- a) Na Europa:
- Ascensão política da burguesia;
 - Liberalismo econômico;
 - Primeira Revolução Industrial;
 - Despotismo esclarecido;
 - Iluminismo;
 - Revolução Francesa.
- b) Na América:
- Independência dos Estados Unidos.
- c) No Brasil:
- Ciclo da mineração;
 - Mudança do eixo econômico e cultural para Minas Gerais e Rio de Janeiro;
 - Inconfidência Mineira.

Características

- Novo interesse pelos clássicos;
- Racionalismo;
- Equilíbrio;
- Simplicidade;
- Desprezo aos exageros barrocos (*inutilia truncat*);
- *Aurea mediocritas*;
- *Fugere urbem*;
- Poesia épico-nativista (prenúncio do Romantismo).

Autores

- Cláudio Manuel da Costa (Glauceste Satúrnio); Tomás Antônio Gonzaga (Dirceu);
- Silva Alvarenga (Alcindo Palmireno); Basílio da Gama (Termino Sipião);
- Santa Rita Durão.

Barroco	Arcadismo
• Rebuscamento formal	• Simplicidade (<i>inutilia truncat</i>)
• Preferência por aspectos dinâmicos, dramáticos	• Retorno à estaticidade e sobriedade clássicas
• Cultos dos contrastes	• Equilíbrio, harmonia

Arcadismo ou Neoclassicismo



Escravos trabalhando na região dos diamantes. JULIÃO, Carlos (1740-1811). *Riscos iluminados de figurinhas de brancos e negros dos uzos do Rio de Janeiro e Serro do Frio.*

O século XVIII é considerado como século do ouro, graças à descoberta de ouro e pedras preciosas em Minas Gerais.

É hora de imitar os clássicos, de voltar à glória camoniana, de valorizar a natureza, a vida simples, o homem natural e o bucolismo.

A data em que se considera o início do Arcadismo no Brasil é o ano de 1768, no qual dois fatos relevantes ocorrem:

- a fundação da Arcádia Ultramarina, em Vila Rica, atual Ouro Preto;
- a publicação de *Obras*, de Cláudio Manuel da Costa.

O Barroco entrou em decadência ao longo da primeira metade do século XVIII. Seu estilo mecanizou-se, sendo repetido monotonamente por poetas e prosadores sem criatividade.

Assim, um novo estilo, criativo e despojado, vai ganhando espaço e marcará o século XVIII. Trata-se do Arcadismo, também chamado de Neoclassicismo (ou Setecentismo – a estética de 1700), que reagirá ao estilo barroco, então agonizante. É ainda importante frisar que o ambiente intelectual do século XVIII não era mais propício para que o Barroco continuasse. A doutrina desta revolução intelectual denominou-se Iluminismo, que começou na Inglaterra, difundiu-se pela Europa e teve repercussão por toda a América. É o século das luzes, o Iluminismo burguês, que prepara o caminho para a Revolução Francesa.

Eis os princípios iluministas:

- A razão é o único guia infalível da sabedoria;
- O Universo é a máquina governada por leis inflexíveis. A ordem natural não comporta milagres nem formas de intervenção divina;
- A religião, o governo e as instituições econômicas deveriam ser expurgados de todo artificialismo e reduzidos a uma forma coerente com a razão e a liberdade natural;
- Inexiste pecado original. O homem não é congenitamente depravado.

A produção poética do Barroco tornou-se desinteressante e obscura, em razão da fascinação de seus autores por uma linguagem ornamental (rebuscada), complexa e artificial. Contra esse artificialismo e complexidade, surge o Arcadismo com o propósito de resgatar a simplicidade e a naturalidade da poesia clássica. O novo estilo passa a privilegiar temas bucólicos (campestres, pastoris, idílicos), tomando a natureza como modelo de excelência pela sua harmonia e simplicidade. O nome Arcadismo provém de Arcádia, região que, consoante a mitologia grega, era um paraíso ou éden bucólico, onde pastores viviam sossegados com seus rebanhos, em campos abundantes e agradáveis. A letra da música “Casa no Campo”, de Zé Rodrix, é um exemplo clássico desse ideal de vida. Além dessa temática campestre renovadora, os árcades tinham como proposta revalorizar a razão em termos de linguagem poética. É importante lembrar que o Barroco, em seus exageros (hipérboles) e complexidades, decaiu em alucinações e afetações verbais, ou verborragias, a ponto de atingir o limite dos jogos de palavras (cultismo).

É nesse espírito que compreendemos a reação arcádica contra o Barroco e assim podemos sintetizá-la:

- Reaproximação com a arte clássica, nas versões greco-latina (versão antiga) e moderna (versão renascentista), daí a denominação Neoclassicismo;
- Gosto pela natureza, sinônimo de simplicidade e harmonia (ver Arcadismo/Arcádia);
- Revalorização da razão, considerada como atributo fundamental à linguagem poética e condutora do progresso da humanidade; daí falar-se também em “luzes da razão” ou Iluminismo, ou doutrina filosófica da “razão iluminada”.

No Brasil, o Arcadismo, ou Neoclassicismo, significou o começo de uma literatura autenticamente brasileira. Minas Gerais é o centro econômico e intelectual do país, onde surge o Grupo Mineiro: Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga, Basílio da Gama e Santa Rita Durão.

Manifestações artísticas

Guiado por uma visão científica e por ideias racionalistas do Iluminismo, o Neoclassicismo reagiu ao estilo extravagante do Barroco e representou um retorno à simplicidade, à sobriedade, à simetria e ao equilíbrio clássicos, com repercussão na arquitetura e na escultura.

A pintura buscou inspiração em motivos históricos e na mitologia clássica.

Aqui no Brasil, um fato curioso ocorreu. Ainda que estivéssemos no século XVIII e a produção artística da época estivesse ligada aos ideais iluministas, assistimos ao surgimento exuberante do Barroco, também chamado de Barroco brasileiro ou, ainda, Barroco mineiro. Em Ouro Preto, então Vila Rica, predominam esculturas em madeira e pedra-sabão do Aleijadinho e pinturas de Manuel da Costa Ataíde. Na Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco, destacam-se a arquitetura e a ornamentação de algumas igrejas. Eis os compositores notáveis da música barroca clássica desse período: Lobo de Mesquita e o Padre José Maurício.

No Brasil, houve uma sintonia forte entre vida intelectual e preocupações político-sociais: valorizou-se o selvagem, surgiu uma visão crítica da política colonial e um crescente nativismo. Pela primeira vez, desde “o descobrimento”, o momento histórico possibilitou uma relação sistemática entre escritor, obra e público, preparando o campo para a Era Nacional de nossa literatura.



DEMAXHY, Pierre-Antoine (1723-1807). Colocação Oficial da pedra fundamental da nova Igreja de Saint-Geneviève (1765). Óleo sobre tela



DAVID, Jacques-Louis (1748-1825). O Juramento dos Horácios (1784). Óleo sobre tela.



Escultura de Aleijadinho.

Literatura

O Arcadismo insurgiu-se contra os exageros do Barroco, produzindo uma poesia que retornou à simplicidade e equilíbrio clássicos e renascentistas.

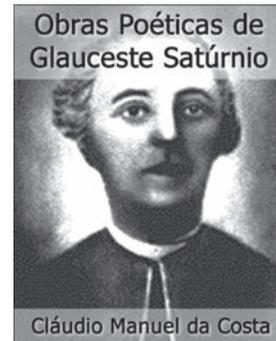
Três foram os princípios básicos do Arcadismo:

1. *Fugere urbem* (fugir da cidade) em busca do *locus amoenus* (lugar ameno, aprazível): o poeta voltava-se para a natureza, para o campo à procura de uma vida simples, bucólica, longe dos centros urbanos (todos os nossos poetas árcades, no entanto, foram urbanos, intelectuais e burgueses, daí falar-se em fingimento poético que se concretiza no uso de pseudônimos pastoris);
2. *Carpe diem* (aproveita o dia): máxima do poeta latino Horácio, com a qual o poeta convida a aproveitar o momento presente (este foi também um dos temas preferidos do Barroco);
3. *Inutilia trunquat* (cortem-se as inutilidades): os árcades queriam cortar todos os excessos barrocos, por isso usavam palavras simples, períodos curtos e mais comparações que metáforas.

Produção literária

Cláudio Manuel da Costa (Glauceste Satúrnio) (1729-1789)

Escritor de transição entre o estilo barroco cultista e as novas tendências, nasceu no Brasil, mas, como a maioria dos nossos escritores, foi para Portugal, tendo estudado Direito em Coimbra. Em 1768, lança o livro *Obras*, que iniciou o Arcadismo entre nós. Nesse mesmo ano, fundou a *Arcádia Ultramarina*. Participou da Inconfidência Mineira, foi preso e enforcou-se na prisão em 1789. Ele foi o primeiro e mais acabado poeta árcade. Suas poesias anteriores a *Obras* são ainda barrocas. Depois de 1768, voltou-se para motivos bucólicos e a natureza brasileira foi pano de fundo de seus textos e também sua confidente (traço que antecipa o Romantismo). Sua musa era Nise e seus sonetos têm nítida influência de Camões.



Destes penhascos fez a natureza
O berço, em que nasci! Oh quem cuidara,
Que entre penhas tão duras se criara

Amor, que vence os tigres, por empresa
Tomou logo render-me; ele declara
Contra o meu coração guerra tão rara,
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano,
A que dava ocasião minha brandura,
Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós, que ostentais a condição mais dura,
Temei, penhas, temei; que Amor tirano,
Onde há mais resistência, mais se apura.

Cláudio Manuel da Costa (Glauceste Satúrnio).

Escreveu também o poemeto épico “Vila Rica”, no qual exalta a aventura dos bandeirantes, descreve a fundação da cidade e os acontecimentos da época da mineração.

PRÓLOGO AO LEITOR

Das *Obras* (1768)

“Bem creio que te não faltará que censurar nas minhas *Obras*, principalmente nas Pastorais onde, preocupado da comua opinião, te não há de agradar a elegância de que são ornadas. Sem te apartares deste mesmo volume, encontrarás alguns lugares que te darão a conhecer como talvez me não é estranho o estilo simples, e que sei avaliar as melhores passagens de Teócrito, Virgílio, Sanazaro e dos nossos Miranda, Bernardes, Lobo, Camões etc. Pudera desculpar-me, dizendo que o gênio me fez propender mais para o sublime: mas, temendo que ainda neste me condenes o muito uso das metáforas, bastará, para te satisfazer, o lembrar-te que a maior parte destas *Obras* foram compostas ou em Coimbra, ou pouco depois, nos meus primeiros anos, tempo em que Portugal apenas principiava a melhorar de gosto nas belas letras. A lição dos Gregos, Franceses e Italianos, sim, me fizeram conhecer a diferença sensível dos nossos estudos e dos primeiros Mestres da Poesia. É infelicidade que haja de confessar que vejo e aprovo o melhor, mas sigo o contrário na execução.”

Nesta passagem do Prólogo de *Obras*, Cláudio Manuel da Costa pede desculpas aos leitores por não conseguir desligar-se da herança do Barroco. O desagrado dos seus poemas pastorais, segundo ele, se devia à “elegância de que são ornados” (barroquismo). Veja, porém, que ele afirma não desconhecer o estilo simples, que constitui característica arcádica. É de notar também a alusão que ele faz à sua formação em Portugal, tempo em que começava a distanciar-se do Barroco e a assumir o Arcadismo. Observe certo conflito que ele sentia do estilo relutante em seu espírito: “ver e aprovar o melhor (Arcadismo), mas seguir o contrário na execução (Barroco)”.

Cláudio Manuel da Costa

Tomás Antônio Gonzaga (Dirceu) (1744-1810)



Domínio Público

Tomás Antônio Gonzaga.

Nasceu em Portugal. Viveu a infância e a adolescência no Brasil. Voltou a Portugal e estudou Direito em Coimbra. Voltou ao Brasil já com 38 anos e apaixonou-se por Maria Doroteia Joaquina de Seixas, a Marília, com quem pretendia casar-se. Mas, durante a Inconfidência Mineira, foi preso e condenado ao degredo em Moçambique, onde se casou com uma rica viúva e morreu em 1810, sem ter voltado ao Brasil.



As líras de *Marília de Dirceu*, que idealizam a mulher amada, têm como tema o ideal da vida simples em que a honradez e o trabalho são essenciais, além do sentimento de transitoriedade da vida, que leva o poeta ao *carpe diem*. Elas dividem-se em duas partes:

- I. Na primeira, usando uma linguagem simples, quase ingênua, descreve a amada, fala sobre o namoro e traça planos de felicidade conjugal:

LIRA XXI

Não sei, Marília, que tenho
Depois que vi o teu rosto;
Pois quanto não é Marília
Já não posso ver com gosto.
Noutra idade me alegava,
Até quando conversava
Com o mais rude vaqueiro:
Hoje, ó bela, me aborrece
Inda o trato lisonjeiro
Do mais discreto pastor.
Que efeitos são os que sinto!

Serão efeitos de Amor?
Saio da minha cabana
Sem reparar no que faço;
Busco o sítio aonde moras,
Suspendo defronte o passo.
Fito os olhos na janela
Aonde, Marília bela,
Tu chegas ao fim do dia;
Se alguém passa, e te saúda,
Bem que seja cortesia,
Se acende na face a cor.
Que efeitos são os que sinto!
Serão efeitos de Amor?

.....

Tomás Antônio Gonzaga (Dirceu)

II. A parte final, escrita na prisão, quando seus sonhos foram desfeitos, revela amargura, abatimento e revolta:

LIRA XV

Eu, Marília, não fui nenhum Vaqueiro,
Fui honrado Pastor da tua aldeia;
Vestia finas lãs, e tinha sempre
A minha choça do preciso cheia.
Tiraram-me o casal¹, e o manso gado,
Nem tenho, a que me encoste, um só cajado.

Para ter que te dar, é que eu queria
De mor rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabelos
Ainda muito mais que um grande Trono.
Agora que te oferte já não vejo
Além de um puro amor, de um são desejo.

Se o rio levantado me causava,
Levando a sementeira, prejuízo,
Eu alegre ficava apenas via
Na tua breve boca um ar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto
De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sesta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoulas na floresta.
Julgou o justo Céu, que não convinha
Que a tanto grau subisse a glória minha.

Ah! Minha Bela, se a Fortuna volta,
Se o bem, que já perdi, alcanço, e provo;
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer um homem novo;
Romper a nuvem, que os meus olhos cerra,
Amar no Céu a Jove², e a ti na terra!

Tomás Antônio Gonzaga (Dirceu)

VOCABULÁRIO:

¹ **casal**: casa.

² **Jove**: Júpiter, principal divindade da antiga Roma.

O livro *Marília de Dirceu* (1792) é a história dos amores do Poeta, cujos sonhos de felicidade foram tão cruelmente cortados pelo processo em que se viu colhido. O crítico português Rodrigues Lapa assinalou com agudeza o ideal burguesamente familiar desses amores, tão bem ilustrados pela Lira III da parte III, na qual o Poeta se vê no futuro sentado à mesa de estudo, cercado de altos volumes de enredados feitos:

Enquanto revolver os meus Consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os fastos da sábia, mestra História,
Os cantos da Poesia.

Lerás, em alta voz, a imagem bela;
Eu, vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo.

Marília de Dirceu tornou-se desde logo a lírica amorosa mais popular da literatura de língua portuguesa e nenhum poema, a não ser *Os Lusíadas*, tem tido tão numerosas edições. Embora sejam encontrados na maioria de suas liras os recursos estafados da poesia arcádica, como sejam os fingimentos pastoris e as alusões mitológicas, há em muitas delas um tom de ingênua simplicidade que as coloca acima da produção dos arcades da metrópole; e como notou Rodrigues Lapa, “o sentimento vivo da paisagem, que busca o termo exato e concreto e não recua diante do vocábulo técnico”. Esta última característica é, sobretudo, visível nas primeiras estrofes da lira atrás citada, certamente uma das mais belas:

Tu não verás, Marília, cem cativos
Tirarem o cascalho e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada Serra.

Não verás separar ao hábil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharão os granetes de ouro
No fundo da bateia.

Não verás derrubar os virgens matos,
Queimar as capoeiras inda novas,
Servir de adubo à terra a fértil cinza,
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das secas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Observação:

Nessa lira, esqueceu o poeta a paisagem e a vida europeia, os pastores, os vinhos, o azeite e as brancas ovelhinhas, esqueceu o travesso deus Cupido, e a sua poesia reflete com formosura a natureza e o ambiente social brasileiro, expressos nos termos da terra – *cercos*, *bateia*, *capoeiras* – com um fino gosto que não tiveram em suas tentativas pedestres os precursores Botelho de Oliveira e Santa Maria Itaparica.

CARTAS CHILENAS

As *Cartas Chilenas* constituem uma diatribe violentíssima contra a pessoa e a administração do governador Luís da Cunha Meneses e seus favoritos. O governador aparece nelas representado sob os traços do herói burlesco Fanfarrão Minésio. Deriva o título da sátira do fato de ter o Poeta usado o disfarce literário de transportar a ação de Vila Rica para Santiago do Chile. Foram impressas pela primeira vez, em número de sete, na revista *Minerva Brasiliense*, no ano de 1845. O promotor dessa primeira edição, o escritor chileno Santiago Nunes Ribeiro, redator da citada revista, estampou como testemunho da autoria de Gonzaga uma declaração assinada por Francisco das Chagas Ribeiro, fornecedor do manuscrito: “Tenho motivos para certificar que o Dr. Tomás Antônio Gonzaga é autor das *Cartas Chilenas*”.

As *Cartas Chilenas* são poemas satíricos que circularam anonimamente por Vila Rica pouco antes da Inconfidência Mineira. Nelas, Critilo, o próprio Tomás Antônio, morador de Santiago do Chile (Vila Rica) satirizou o governador Luís Cunha de Meneses, o Fanfarrão Minésio, cujos desmandos administrativos e morais criticou. As cartas foram endereçadas a Doroteu, provavelmente Cláudio Manuel da Costa. Essas cartas são um importante documento histórico da época da mineração. Observe a descrição ferina que faz do governador:

Escuta a história de um moderno chefe

Que acaba de reger a nossa Chile:

.....

Tem pesado semblante, a cor é baça¹
O corpo de estatura um tanto esbelta, / Feições compridas e
olhadura feia,
Tem grossas sobranceiras, testa curta, / Nariz direito e grande, fala pouco
Em rouco, baixo som de mau falsete,
Sem ser velho, já tem cabelo ruço²
E cobre este defeito a fria calva
A força de polvilho que lhe deita.

Ainda me parece que estou vendo
No gordo rocinante³ escarranchado
As longas calças pelo umbigo atadas, / Amarelo colete e sobre tudo
Vestida uma vermelha e justa farda. / De cada bolso da fardeta,
pendem / Listadas pontas de dois brancos lenços; / Na cabeça vazia
se atravessa
Um chapéu desmarcado, nem sei como
Sustenta o pobre só do laço o peso.

Tomás Antônio Gonzaga (Criticô)

Vocabulário:

¹ **baça**: sem brilho.

² **ruço**: grisalho.

³ **rocinante**: cavalo ruim.



Exercícios de Fixação

01. *Marília de Dirceu* apresenta um dos principais traços do Arcadismo. A opção que contém essa característica temática, presente no texto, é:

LIRA XI

Não toques, minha musa, não, não toques
Na sonora lira,
Que às almas, como a minha, namoradas
Doces canções inspira:
Assopra no clarim que apenas soa,
Enche de assombro a terra!
Naquele, a cujo som cantou Homero,
Cantou Virgílio a guerra.

GONZAGA, T.A. *Marília de Dirceu*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, s/d. p. 30

- A) o bucolismo.
B) a presença de valores ou elementos clássicos.
C) o pessimismo e a negatividade.
D) a fixação do momento presente.
E) a descrição sensual da mulher amada.

- Texto para a questão 02.

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
que viva de guardar alheio gado,
de tosco trato, de expressões grosseiro,
dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal e nele assisto;
dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
das brancas ovelhinhas tiro o leite
e mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte:
dos anos inda não está cortado;
os pastores que habitam este monte
respeitam o poder de meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfonia,
que inveja até me tem o próprio Alceste:
ao som dela concerto a voz celeste,
nem canto letra que não seja minha.
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

Marília de Dirceu, Tomás A. Gonzaga

Vocabulário:

casal: pequena propriedade; granja.

assisto: moro, resido.

02. Nos versos iniciais da obra em questão, Tomás Antônio Gonzaga lança mão de vários recursos para conquistar o amor de Marília. Das alternativas a seguir, só **não** se pode constatar:
- A) Na 1ª estrofe, há um ostensivo propósito de autovalorização por parte do poeta (ser proprietário de gado e casa, vestir-se e comer bem), configurando o ideal burguês de vida.
B) Na 2ª estrofe, configura-se um narcisismo, ao confirmar sua juventude e ao sugerir certa virilidade.
C) Ainda na 2ª estrofe, o poeta destaca suas habilidades musicais: cantor, compositor e instrumentista.
D) Nos estribilhos, o poeta manifesta-se satisfeito com a própria sorte ou destino.
E) Paralelo a uma retórica equilibrada, perpassa pelo poema todo um discurso sentimental com conotações pré-românticas.

03. (Vunesp/2014) Examine a tela do pintor Alvan Fisher (1792-1863).



Reprodução/Vunesp 2014

Disponível em: <commons.wikimedia.org>.

É possível relacionar essa tela

- A) às cantigas trovadorescas de amigo, cujo tema principal é o deleite que as pessoas experimentam no campo.
B) ao ideal de distanciar-se das cidades – *Fugere urbem* –, típico das sátiras de Gregório de Matos.
C) aos sermões de Antonio Vieira, em que ele nega o acesso ao paraíso aos indivíduos que optam por viver isolados do convívio social.
D) ao Arcadismo, que valoriza a vida simples e a proximidade entre homem e natureza.
E) à tranquilidade dos cenários nas peças moralizantes de Gil Vicente, como *O auto da barca do inferno*.



Exercícios Propostos

- Texto para a questão 04.

Vês, Ninfa, em alva espuma o pego irado
 Que as penhas bate com furor medonho?
 Inda o verás risonho e namorado
 Beijar da longa praia a ruiva areia:
 Dóris e Galateia
 Verás em concha azul sobre estas águas.
 Ah! Glaura! ai, tristes mágoas!
 Sossega o mar quando repousa o vento;
 Mas quando terá fim o meu tormento?

04. O poema todo está centrado sobre um conjunto de metáforas criadas a partir da comparação entre
- A) o estado de espírito do eu lírico e a mágoa que envolve o coração da Ninfa.
 - B) a agitação do mar e o sofrimento amoroso do eu poemático.
 - C) o desejo de satisfação do eu poemático diante de sua condição de amante e da realidade.
 - D) a insatisfação perante o desprezo da amada e o sonho de reconquistá-la.
 - E) o desiderato não correspondido de ser amado e a consciência de uma perfídia.
05. (UFPE – Adaptada) O erotismo e o amor sensual podem estar presentes na poesia de vários movimentos literários, como se pode ver nos versos citados a seguir, exceto em:

A) Ornemos nossas testas com as flores
 e façamos de feno um brando leito
 Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
 gozemos do prazer de são amoros.

Tomás Antônio Gonzaga, árcade.

B) O amor é finalmente
 um embaraço de pernas
 um breve tremor de artérias
 uma união de barrigas
 Uma confusão de bocas
 uma batalha de veias
 um reboiço de ancas
 quem diz outra coisa, é besta.

Gregório de Matos, barroco.

C) Enfim te vejo! – enfim posso,
 Curvado a teus pés dizer-te,
 que não cessei de querer-te
 Pesar de quanto sofri.

Gonçalves Dias, romântico.

D) Carnais, sejam carnais tantos desejos,
 carnais, sejam carnais tantos anseios,
 palpitações e frêmitos e enleios,
 das harpas da emoção tantos arpejos...

Cruz e Souza, simbolista.

E) Nua, de pé, solto o cabelo às costas,
 Sorri. Na alcova perfumada e quente.

 Sobe... cinge-lhe a perna a longamente;
 Sobe... e que volta sensual descreve
 Para abranger todo o quadril.

Olavo Bilac, parnasiano

- Leia as estrofes seguintes para responder à questão 01.

“Pintam, Marília, os Poetas
 A um menino vendado,
 Com uma aljava de setas,
 Arco empunhado na mão;
 Ligeiras asas nos ombros,
 O tenro corpo despido,
 E de Amor ou de Cupido
 São os nomes, que lhe dão.”
 [...]

“Tu, Marília, agora vendo
 De Amor o lindo retrato,
 Contigo estarás dizendo
 Que é este o retrato teu.
 Sim, Marília, a cópia é tua.
 Que cupido é Deus suposto:
 Se há Cupido, é só teu rosto,
 Que ele foi quem me venceu.”

Marília de Dirceu. Tomás A. Gonzaga.

01. (UFRGS/2005 – Adaptada) Com base nos fragmentos anteriores, extraídos da Lira II, da obra *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, assinale a opção que não corresponde a uma análise correta.
- A) Na primeira estrofe, o poeta descreve uma figura representativa do amor na mitologia clássica.
 - B) Na primeira estrofe, a amada Marília é alertada sobre a violência que se esconde por detrás da superfície do amor.
 - C) Na segunda estrofe, o poeta transfere o retrato de Cupido para o rosto vencedor de Marília.
 - D) Na segunda estrofe, o poeta confessa à amada a sua rendição em relação aos poderes do amor.
 - E) A inversão sintática dos termos neste verso “E de Amor ou de Cupido” chama-se anástrofe.

02.

Quando, formosa Nise, dividido
 De teus olhos estou nesta distância,
 Pinta a saudade, à força de minha ânsia,
 Toda a memória do prazer perdido.
 Lamenta o pensamento amortecido
 A tua ingrata, pérfida inconstância;
 E quanto observa, é só a vil jactância
 Do fado, que os troféus têm conseguido.
 Aonde a dita está? aonde o gosto?
 Onde o contentamento? onde a alegria,
 Que fecundava esse teu lindo rosto?
 Tudo deixei, ó Nise, aquele dia,
 Em que deixando tudo, o meu desgosto
 Somente me seguiu por companhia.

O soneto anterior, de Cláudio Manuel da Costa, apresenta o seguinte recurso poético:

- A) A personificação (da saudade, do pensamento, do desgosto), que praticamente ocupa o lugar das personagens e que se materializa por força dos verbos (“pinta”, “lamenta”, “observa”).
- B) O uso abusivo de abstratos (“a saudade pinta a memória do prazer sentido”; “o pensamento lamenta a tua inconstância”), para enfatizar a ideia de que o sofrimento do poeta é moral e não emocional.
- C) A sistemática inversão da ordem sintática (dos termos e das orações), que sugere a insegurança e a instabilidade emocional que Nise sentia diante de um apaixonado tão confuso.
- D) O uso sistemático de metáforas (“a saudade pinta a memória do prazer sentido” etc.), que indicam o caráter abstrato do sofrimento do poeta, delineando a amada como um ser que existiu apenas em sua memória.
- E) A materialização das emoções (saudade, pensamento, desgosto), que corresponde à tentativa que o poeta faz para reconhecer objetivamente as razões pelas quais sua amada o abandonou.

03. (Enem/2008)

Torno a ver-vos, ó montes; o destino (verso 1)
Aqui me torna a pôr nestes outeiros,
Onde um tempo os gabões deixei grosseiros
Pelo traje da Corte, rico e fino. (verso 4)

Aqui estou entre Almendro, entre Corino,
Os meus fiéis, meus doces companheiros,
Vendo correr os míseros vaqueiros (verso 7)
Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto,
Que chega a ter mais preço, e mais valia (verso 10)
Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto,

Aqui descansa a louca fantasia,
E o que até agora se tornava em pranto (verso 13)
Se converta em afetos de alegria.

Cláudio Manuel da Costa. In: Domicio Proença Filho.
A poesia dos inconfidentes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 78-9.

Considerando o soneto de Cláudio Manuel da Costa e os elementos constitutivos do Arcadismo brasileiro, assinale a opção correta acerca da relação entre o poema e o momento histórico de sua produção.

- A) Os “montes” e “outeiros”, mencionados na primeira estrofe, são imagens relacionadas à Metrópole, ou seja, ao lugar onde o poeta se vestiu com traje “rico e fino”.
- B) A oposição entre a Colônia e a Metrópole, como núcleo do poema, revela uma contradição vivenciada pelo poeta, dividido entre a civilidade do mundo urbano da Metrópole e a rusticidade da terra da Colônia.
- C) O bucolismo presente nas imagens do poema é elemento estético do Arcadismo, que evidencia a preocupação do poeta árcaico em realizar uma representação literária realista da vida nacional.
- D) A relação de vantagem da “choupana” sobre a “Cidade”, na terceira estrofe, é formulação literária que reproduz a condição histórica paradoxalmente vantajosa da Colônia sobre a Metrópole.
- E) A realidade de atraso social, político e econômico do Brasil Colônia está representada esteticamente no poema pela referência, na última estrofe, à transformação do pranto em alegria.

- Textos para a questão 04.

[...]

Ornemos nossas testas com as flores,
E façamos de feno um brando leito;
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de são amoros.
Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo, que se passa,
Também, Marília, morre.

Com os anos, Marília, o gosto falta,
E se entorpece o corpo já cansado;
Triste, o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho sempre alegre salta.

A mesma formosura
É dote que só goza a mocidade:
Rugam-se as faces, o cabelo alveja,
Mal chega a longa idade.

Que havemos de esperar, Marília bela?
Que vão passando os florescentes dias?
As glórias, que vêm tarde, já vêm frias;
E pode enfim mudar-se a nossa estrela.
Ah! Não, minha Marília,
Aproveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as forças,
E ao semblante a graça.

Marília de Dirceu, lira XIV, primeira parte.

Leia agora o soneto de Gregório de Matos dedicado à sua futura esposa, Maria dos Povos:

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo claramente
Na vossa ardente vista o sol ardente,
E na rosada face a aurora fria:

Enquanto pois produz, enquanto cria
Essa esfera gentil, mina excelente
No cabelo o metal mais reluzente
E na boca a mais fina pedraria:

Gozai, gozai da flor da formosura,
Antes que o frio da madura idade
Tronco deixe despido o que é verdura.

Que passado o zênite* da mocidade,
Sem a noite encontrar da sepultura
É cada dia ocaso da beldade.

***zênite**: o ponto mais alto a que chega o Sol; auge, apogeu.

04. (UFSM – Adaptada) Comparando os dois poemas anteriores, escritos em séculos diferentes, o fragmento de uma lira de Tomás Gonzaga (século XVIII) e o soneto de Gregório de Matos (século XVII), constata-se que:

- A) os dois poemas versam sobre o mesmo tema, a fugacidade do tempo; decorre daí um motivo horaciano, também presente nos dois textos, o *carpe diem*.
- B) trata-se de duas composições dialogadas, impregnadas de sentimento amoroso, que remetem à vida campestre.
- C) no soneto, o referente fica mais explícito do que na lira, na qual o realismo das cenas não se impõe.
- D) ambos os textos privilegiam imagens visuais e se valem do jogo cromático entre luz e sombra.
- E) diante do inevitável, a reação de Dirceu é tranquila, pois celebra a vida; no soneto, o eu lírico se liberta da imagem da morte.

- Texto para a questão 05.

Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leito;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de são amores (...)
(...) aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças
e ao semblante a graça.

Tomás Antônio Gonzaga.

05. (Mackenzie) Quanto ao estilo, os versos de Tomás Antônio Gonzaga
- revelam a presença não só de formas mais exageradas de inversão sintática – hipérbatos –, como também de comparações excessivas, resíduos do estilo cultista.
 - comprovam a predileção pelo verso branco e pela ordem direta da frase, característicos da naturalidade desejada pelos poetas do Arcadismo.
 - denotam – pela singeleza do vocabulário, pela sintaxe quase prosaica – a vontade de alcançar a simplicidade da linguagem, em oposição à artificialidade do Barroco.
 - organizam-se em torno de antíteses, na busca de caracterizar, em atitude pré-romântica, o amor ideal e a pureza do labor da terra.
 - constroem-se pelo desdobramento contínuo de imagens, compondo um quadro em que a emoção é tratada de modo abstrato, de acordo com a convenção arcáde.
- Leia o poema do poeta arcáde Cláudio Manuel da Costa e responda à questão 06.

VIII

Este é o rio, a montanha é esta,
Estes os troncos, estes os rochedos;
São estes inda os mesmos arvoredos;
Esta é a mesma rústica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,
Rio, montanha, troncos, e penedos;
Que de amor nos suavíssimos enredos
Foi cena alegre, e urna é já funesta.

Oh quão lembrado estou de haver subido
Aquele monte, e as vezes, que, baixando,
Deixei do pranto o vale umedecido!

Tudo me está a memória retratando;
Que da mesma saudade o infame ruído
Vem as mortas espécies despertando.

06. A respeito da construção do poema, só não se pode afirmar que
- A métrica regular e a estrutura do poema, um soneto, são de inspiração greco-latina.
 - O jogo interior x exterior organiza o poema em duas partes: os dois quartetos x os dois tercetos.
 - Nas duas primeiras estrofes, as rimas são emparelhadas e interpoladas; nas duas últimas, cruzadas.
 - Apresenta períodos em ordem indireta, mas sem o radicalismo da escrita barroca.
 - Apresenta vocabulário erudito, com latinismos próprios à literatura clássica.

- As questões 07 e 08 referem-se ao texto a seguir.

Quando, formosa Nise, dividido
De teus olhos estou nesta distância,
Pinta a saudade, à força de minha ânsia,
Toda a memória do prazer perdido.

Lamenta o pensamento amortecido
A tua ingrata, pérfida inconstância;
E quanto observa, é só a vil jactância
Do fado, que os troféus têm conseguido.

Aonde a dita está? Aonde o gosto?
Onde o contentamento? Onde a alegria,
Que fecundava esse teu lindo rosto?

Tudo deixei, ó Nise, aquele dia,
Em que deixando tudo, o meu desgosto
Somente me seguiu por companhia.

Claudio Manuel da Costa.

07. O soneto anterior, de Cláudio Manuel da Costa, apresenta o seguinte recurso poético:
- A personificação (da saudade, do pensamento, do desgosto), que praticamente ocupa o lugar das personagens e que se materializa por força dos verbos (“pinta”, “lamenta”, “observa”).
 - O uso abusivo de abstratos (“a saudade pinta a memória do prazer sentido”; “o pensamento lamenta a tua inconstância”), para enfatizar a ideia de que o sofrimento do poeta é moral e não emocional.
 - A sistemática inversão da ordem sintática (dos termos e das orações), que sugere a insegurança e a instabilidade emocional que Nise sentia diante de um apaixonado tão confuso.
 - O uso sistemático de metáforas (“a saudade pinta a memória do prazer sentido” etc.), que indicam o caráter abstrato do sofrimento do poeta, delineando a amada como um ser que existiu apenas em sua memória.
 - A materialização das emoções (saudade, pensamento, desgosto), que corresponde à tentativa que o poeta faz para reconhecer objetivamente as razões pelas quais sua amada o abandonou.
08. De Nise, no mesmo soneto,
- podemos entrever apenas a ausência de qualidades morais e vagos resquícios de beleza – dados contraditórios, que fazem o poeta oscilar entre os extremos do ódio e do amor.
 - delineia-se uma imagem sempre fugidia e nebulosa, que o poeta não logrou caracterizar ou conhecer; daí a consequente separação e o abandono da amada.
 - fica uma figura nebulosa e terrível, personificação da maldade e da perfídia, em oposição à candura e ao desalento do poeta.
 - percebemos o lado ruim e destruidor, única face da amada que o poeta nos revela.
 - conhecemos apenas a face e a inconstância (beleza física e caráter); são sinais claros, porém exíguos, que sugerem a distância que a separa do poeta.

09. (UFPE – Adaptada) O Arcadismo foi um movimento literário que teve lugar em Vila Rica, Minas Gerais, acompanhando o Ciclo do Ouro, no século XVIII. Sobre as semelhanças e diferenças com o movimento que o seguiu historicamente, o Romantismo, analise as proposições a seguir e assinale a alternativa correta.

- A) Ambos portam as marcas de submissão e servilismo aos padrões estéticos europeus.
 B) Predominou, nestes movimentos, o plágio, a imitação e a cópia, sem nenhum traço de originalidade.
 C) Ambos propõem um retorno à natureza: o Arcadismo, no sentido de uma natureza equilibrada e bucólica, harmoniosa e pacata; o Romantismo, no sentido de uma natureza exuberante, selvagem e tropical, identificada com os estados de espírito, a grandeza e as potencialidades físicas do país.
 D) O indianismo, em ambos os movimentos, já surge como símbolo do povo brasileiro: o índio é o herói que paira acima dos valores dos colonizadores, feito à imagem e semelhança dos cavaleiros medievais.
 E) A obra dos poetas arcádicos já ganha contornos românticos, expressando a subjetividade dos autores, quando descreve os amores arrebatados, em linguagem sentimental e emotiva.

10. (FGV)

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,
 Em meus versos teu nome celebrado;
 Por que vejas uma hora despertado
 O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,
 Fresco assento de um álamo copado;
 Não vês ninfa cantar, pastar o gado
 Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pálidas areias
 Nas porções do riquíssimo tesouro
 O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro
 Enriquecendo o influxo em tuas veias,
 Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

Cláudio Manuel da Costa, *Obras*.

Considere as seguintes informações sobre o texto.

Nesse poema, manifestam-se as fusões entre:

- I. o reconhecimento da matriz marcadamente europeia do imaginário arcádico e a tentativa de sua transplantação para o Novo Mundo;
 II. o propósito nativista de louvar a própria terra e a percepção do caráter coisificado de sua condição colonial;
 III. configurações formais de ordem cultista e a utilização de elementos composicionais já mais típicos da poesia neoclássica.

Está correto o que se afirma em

- A) I, somente.
 B) I e II, somente.
 C) I e III, somente.
 D) II e III, somente.
 E) I, II e III.

Aula
07

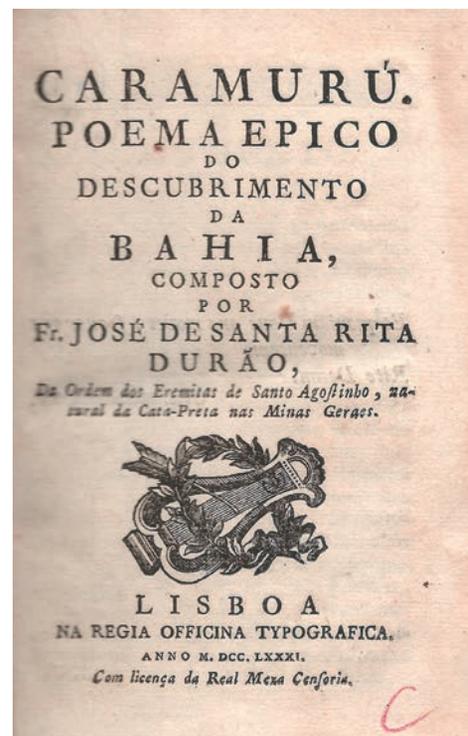
Arcadismo II

C-5	H-15, 16
	H-17
C-6	H-18

Autores e obras

Santa Rita Durão

José de Santa Rita Durão nasceu em Cata-Preta, nas proximidades de Mariana, Minas Gerais, em 1722. Após os primeiros estudos com os jesuítas no Rio de Janeiro, segue para Portugal, onde ingressa na Ordem de Santo Agostinho. Em 1759, quando da expulsão dos jesuítas, prega violento sermão contra os padres da Companhia de Jesus (mais tarde, arrepende-se de tal atitude). Peregrina pela Espanha, Itália e França. Em 1781, publica seu poema épico *Caramuru*. Falece em Portugal, a 24 de janeiro de 1784.



Capa da primeira edição de *Caramuru*, de Santa Rita Durão.

Caramuru – poema épico do descobrimento da Bahia é o título que consta da capa da edição original, já antecipando seu tema: o descobrimento e a conquista da Bahia pelo português Diogo Álvares Correia, vítima de um naufrágio no litoral baiano. O poema caracteriza-se pela exaltação da terra brasileira, incorrendo o autor em descrições de paisagens que lembram a literatura informativa do Quinhentismo. O elemento indígena é visto sob o prisma informativo e, no geral, Santa Rita paga um tributo ao século XVIII, valorizando a vida natural (mais pura e distante da corrupção). É evidente a influência camoniana na distribuição da matéria épica e na forma; por outro lado, Santa Rita não se utiliza da mitologia pagã, como Camões em *Os Lusíadas*, mas apenas de um conservadorismo cristão.

Quanto à forma, o poema é composto de 10 cantos, versos decassílabos, oitava rima camoniana. A divisão é a tradicionalmente usada nas epopeias, constando de proposição, invocação, dedicatória, narração e epílogo.

Seus heróis são: Diogo Álvares Correia, o Caramuru; Paraguaçu, com quem Diogo se casa e vai a Paris; Moema, a bela amante preterida no casamento e que morre nadando atrás de Diogo; Gupeva e Sergipe.



MEIRELLES, Victor (1832-1903). *Moema* (1866).
Óleo sobre tela, 167,5 x 250,2 cm.

Santa Rita foi o primeiro autor brasileiro a utilizar uma lenda nacional como assunto: o naufrágio de Diogo Álvares Correia, o Caramuru, na costa baiana, seu amor por Paraguaçu e a partida dos dois para a Europa, momento em que várias índias apaixonadas perseguem o navio a nado. Dentre elas, destaca-se Moema, a amante preterida no casamento. Leia um fragmento do episódio da morte de Moema:

Perde o lume dos olhos, pasma e treme, / Pálida a cor, o aspecto moribundo;
Com mão já sem vigor, soltando o leme, / Entre as salsas escumas desce ao fundo. Mas na onda do mar, que, irado, freme, / Tornando a aparecer desde o profundo,
—“Ah! Diogo cruel!”— disse com mágoa, / E sem mais vista ser, sorveu-se na água.

O poema é mais nosso do que *O Uruguai*, pelo assunto e pela intenção patriótica; mais extenso (dez cantos). Não tem, no entanto, a originalidade do outro. Como se disse anteriormente, Durão apegou-se em tudo ao modelo camoniano. A obra é escrita em oitava rima e abre com a exposição do argumento na primeira estrofe, a invocação na segunda, o oferecimento a D. José nas seis seguintes. A invocação é toda cristã:

Santo Esplendor, que do grão Padre manas
Ao seio intacto de uma Virgem bela;

Se da enchente de luzes soberanas
Tudo dispensas pela Mãe donzela;
Rompendo as sombras de ilusões humanas,
Tudo grão caso a pura luz revela;
Faze que em ti comece e em ti conclua
Esta grande obra, que por fim foi tua.

O oferecimento não se limita a uma simples lisonja: o poeta recomenda ao príncipe a situação miserável da gente indígena “sempre reduzida a menos terra”, rogando-lhe que ponha “aos pés do trono as desgraças do povo miserando”. Havia em Durão aquela crença na bondade do homem natural, característica dos humanistas do século XVI e de certos filósofos do século XVIII. Nas reflexões prévias ao poema, diz o poeta que o ordenou “a pôr diante dos olhos dos libertinos o que a natureza inspirou a homens que viviam tão remotos das que eles chamam ‘preocupações de espíritos débeis’ ”.

Caramuru foi o nome dado pelos indígenas da costa da Bahia ao português Diogo Álvares Correia, que ali naufragou nos primeiros anos depois do descobrimento. No primeiro canto do poema se conta como o náufrago se impôs ao cacique Gupeva, ao qual depois defende contra o ataque de outro chefe gentio, Sergipe. Ocupa quase todo o canto seguinte uma prática entre Gupeva e o Caramuru, expondo aquele as crenças dos selvagens, ao passo que o português instrui o aliado nos mistérios da religião católica. Nas últimas estrofes, aparece a índia Paraguaçu, filha de Taparica, o cacique da ilha do mesmo nome. Durão fala:

De cor tão alva como a branca neve,
E donde não é neve, era de rosa:

O nariz natural, boca mui breve,
Olhos de bela luz, testa espaçosa;

Paraguaçu fora destinada pelo pai para ser esposa de Gupeva. A índia, porém, não o aceitara. Gupeva cede-a ao Caramuru, que à primeira vista se apaixona pela princesa, no que é logo correspondido. Tão falso e convencional quanto o tipo atribuído pelo poeta à índia é o caráter desses amores. “Não se imagina”, escreveu José Veríssimo, “um rude aventureiro do século XVI, ardente e voluptuoso, na situação singular, descrita por Durão, com uma índia, moça e amorosa, em meio desta natureza excitante e dos fáceis costumes indígenas, e sem nenhum estorvo social, comportando-se qual se comportou o seu, isto é, como um santo ou um lendário cavaleiro cristão, e a reservando, num milagre de continência, para sua esposa segundo a Santa Madre Igreja”. No canto terceiro, Gupeva volta a falar das lendas dos aborígenes (versão do dilúvio, missão de São Tomé). Os dois cantos seguintes são dedicados a novas lutas, desta vez contra o chefe índio Jararaca, que vinha disputar a Gupeva a posse de Paraguaçu. Vencido e morto Jararaca, partem Diogo Álvares e Paraguaçu do Brasil numa nau francesa, que os leva à corte de França. É o assunto do sexto e sétimo cantos. O par casa-se em Paris, tendo por padrinhos os reis de França. *Caramuru* descreve o Brasil a Henrique II numa sequência de estrofes pitorescamente prosaicas relativas à flora e à fauna do país. Há na fala do português um bonito detalhe quando se refere ao ananás:

fruta tão boa,
Que a mesma natureza namorada
Quis como a rei cingi-la da coroa:

Na viagem de regresso à Bahia, estando Paraguaçu a orar diante da imagem da Virgem, cai em transe e, reabordada, conta as visões que teve durante o desmaio: artifício literário de que se vale o poeta para narrar sucessos posteriores da história brasileira – lutas contra os franceses e contra os holandeses. Enchem esses episódios os cantos oitavo e nono. Finalmente assistimos no último canto à chegada do primeiro governador-geral, Tomé de Sousa. A penúltima estrofe do poema insiste no nobre propósito de proteção ao aborígene:

Que o indígena seja ali empregado,
E que à sombra das leis tranquilo esteja;
Que viva em liberdade conservado,
Sem que oprimido dos colonos seja:
Que às expensas do rei seja educado
O neófito, que abraça a santa igreja,
E que na santa empresa ao missionário
Subministre subsídio o régio erário.

Pela correção da linguagem figura Durão entre os clássicos do nosso idioma.

Basílio da Gama (Termindo Sipílio) (1740-1795)

Basílio da Gama (1740-95) nasceu nos arredores de São José del-Rei, hoje Tiradentes, de pai português e mãe brasileira. Foi aceito na Companhia de Jesus em 1757. Concluído o noviciado no Colégio do Rio de Janeiro em maio de 1759, deve ter feito os votos perpétuos, e continuou os estudos. Mas nesse mesmo ano foi a Ordem expulsa do Brasil. Passou-se então o poeta a Portugal.

Não se demorou ali; seguiu para Roma, onde foi admitido à Arcádia Romana. Em fins de 1766, começos de 1767, veio ao Brasil, aqui ficando pouco tempo, e tornou a Portugal para estudar em Coimbra. Devido à sua condição de ex-jesuíta, foi então preso e condenado ao desterro em Angola. Livrou-se de cumprir a sentença escrevendo um epitalâmio para a filha de Pombal. E em 1769, publicava o poema épico *O Uruguai*, no qual procurou reabilitar-se mais completamente junto aos seus protetores por meio de comentários ferinos contra os jesuítas, aos quais devia a sua educação. Mais tarde foi nomeado oficial da Secretaria do Reino. Faleceu em Lisboa.



O assunto de *O Uruguai* é a guerra que Portugal, ajudado pela Espanha, moveu aos índios das Missões do Rio Grande do Sul, rebelados contra a execução do tratado de 1750, que os transferia do domínio dos padres jesuítas para o dos portugueses. O poema tem cinco cantos, e o seu herói é Gomes Freire de Andrada. O primeiro canto arrasta-se prosaicamente na descrição de uma revista de tropas prestes a iniciar a campanha e na narrativa das causas do conflito, feita por Gomes Freire ao anúncio do rei da Espanha. Quase todo o segundo canto é tomado pela entrevista entre o chefe português e Cacambo, o cacique dos tapes. Não se rende o índio às razões do branco, trava-se a luta e Cacambo, vencido, retira-se. Para amenizar a crônica histórica e também polêmica do poema, que no fundo é um verdadeiro panfleto contra os jesuítas, acrescentou-lhe o autor o elemento sentimental sob a forma dos amores de Cacambo. E o canto terceiro nos mostra Lindoia, a esposa do índio, vindo pelas artes mágicas de uma velha feiteiceira o terremoto de Lisboa, a reconstrução da cidade por iniciativa de Pombal, e finalmente as naus que a outros climas,

Longe dos doces ares de Lisboa,
Transportam a Ignorância, e a magra Inveja,
E envolta em negros, e compridos panos
A Discórdia, o Furor. A torpe, e velha
Hipocrisia vagarosamente
Atrás deles caminha [...]



MEDEIROS, José Maria de (1849-1925). *Lindoia*, 1882. Óleo sobre tela, 54, 5 cm x 81,5 cm.

Alusão aos padres da Companhia expulsos de Portugal. Envenenado Cacambo pelo padre Balda, que queria dar a esposa e a sucessão do chefe tape a Baldeta, seu filho natural com uma índia, Lindoia deixa-se picar por uma serpente venenosa e morre: é o único episódio emocionante do poema, terminando pelo verso famoso onde o poeta sobrepõe em beleza de forma o de Petrarca, de que é tradução: "Tanto era bela no seu rosto a morte!". O último canto consiste numa descrição de imaginadas pinturas na abóbada do templo principal do povo de São Miguel: a Companhia dando leis ao mundo, pretexto para novos ataques contra os jesuítas. E o poeta remata, falando ao seu poema:

Serás lido, *Uruguai*. Cubra os meus olhos
Embora um dia a escura noite eterna.
Tu vive, e goza a luz serena, e pura.

Não há grandeza de inspiração em *O Uruguai*: os seus méritos residem na beleza das paisagens, correção e brilho da forma, fino sentimento no episódio da morte de Lindoia. Não se lhe pode negar também a evidente originalidade: cinquenta anos antes de Garrett, compôs Basílio da Gama um poema nos moldes que deram ao *Camões* (1825) do poeta português o título de iniciador do movimento romântico – pôs de lado a mitologia e a oitava real; fugiu aos recursos gongóricos e arcádicos. Todavia, o espírito que anima o poema não nos autoriza a colocá-lo, como querem alguns, entre as obras precursoras do romantismo.

Leia este fragmento da morte de Lindoia, em que, estando todos reunidos para o casamento, estranham a demora da noiva.

Seu irmão, o índio Caitutu, vai procurá-la no jardim no qual se refugiara:

MORTE DE LINDOIA

Este lugar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a mísera Lindoia.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flores,
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um fúnebre cipreste, que espalhava

Melancólica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola em seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia, e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim, sobressaltados,
E param cheios de temor ao longe,
E nem se atrevem a chamá-la, e temem
Que desperte assustada, e irrite o monstro
E fuja, e apresse no fugir a morte.
Porém o destro Caitutu, que treme

Do perigo da irmã, sem mais demora
 Dobrou as pontas do arco, e quis três vezes
 Soltar o tiro, e vacilou três vezes
 Entre a ira e o temor. Enfim sacode
 O arco e faz voar a aguda seta,
 Que toca o peito de Lindoia, e fere
 A serpente na testa, e a boca e os dentes
 Deixou cravados no vizinho tronco.
 Açouta o campo coa ligeira cauda
 O irado monstro, e em tortuosos giros
 Se enrosca no cipreste, e verte envolto
 Em negro sangue o lívido veneno.
 Leva nos braços a infeliz Lindoia
 O desgraçado irmão, que ao despertá-la
 Conhece, com que dor! no frio rosto
 Os sinais do veneno, e vê ferido
 Pelo dente sutil o branco peito.
 Os olhos, em que Amor reinava, um dia,
 Cheios de morte; e muda aquela língua
 Que ao surdo vento e aos ecos tantas vezes
 Contou a larga história de seus males.
 Nos Olhos Caitutu não sofre o pranto.
 E rompe em profundíssimos suspiros,
 Lendo na testa da fronteira gruta
 De sua mão já trêmula gravado
 O alheio crime e a voluntária morte.
 É por todas as partes repetido
 O suspirado nome de Cacambo.
 Inda conserva o pálido semblante
 Um não sei quê de magoado e triste;
 Que os corações mais duros enternece.
 Tanto era bela no seu rosto a morte!

(Fragmento)

Outros autores do Arcadismo, porém de menor expressão, foram:

- Alvarenga Peixoto (1744-1793) – participou da Inconfidência Mineira e propôs o lema *Libertas quae sera tamen* (Liberdade ainda que tardia) que deveria figurar na bandeira republicana. Preso, é deportado para Angola. Em seus versos, de extremado apuro formal, combateu o colonialismo.
- Silva Alvarenga (1749-1814) – reorganizou a **Academia Científica** do Rio de Janeiro, que passou a chamar-se Sociedade Literária (1786). Acusado de propagar ideias subversivas, foi preso e depois perdoado pela rainha D. Maria. Para sua musa, escreveu os rondós e madrigais de *Glaura*. Compôs ainda *Poesias diversas* e *O desertor das letras*, poema herói-cômico, satirizando o sistema escolástico de Coimbra.



Exercícios de Fixação

01. Em *O Uruguai*, de Basílio da Gama, predominam as características do gênero:
- neoclássico.
 - dramático.
 - épico.
 - lírico.
 - satírico.

02. (UFSCAR)

Texto I

Eu quero uma casa no campo
 do tamanho ideal
 pau-a-pique e sapê
 Onde eu possa plantar meus amigos
 meus discos
 meus livros
 e nada mais.

Zé Rodrix e Tavito

Texto II

Se o bem desta choupana pode tanto,
 Que chega a ter mais preço, e mais valia,
 Que da cidade o lisonjeiro encanto;
 Aqui descanse a louca fantasia;
 E o que té agora se tornava em pranto,
 Se converta em afetos de alegria.

Cláudio Manuel da Costa

Embora muito distantes entre si na linha do tempo, os textos aproximam-se, pois o ideal que defendem é

- o uso da emoção em detrimento da razão, pois esta retira do homem seus melhores sentimentos.
 - o desejo de enriquecer no campo, aproveitando as riquezas naturais.
 - a dedicação à produção poética junto à natureza, fonte de inspiração dos poetas.
 - o aproveitamento do dia presente – *o carpe diem* –, pois o tempo passa rapidamente.
 - o sonho de uma vida mais simples e natural, distante dos centros urbanos.
03. (UEA/2016) Leia a estrofe XXVI (Canto X) de *Caramuru*, de Santa Rita Durão.

Em cuidadosa escola o temor santo,
 Antes das Artes a qualquer se ensina;
 Dão-lhe lições de ler, contar, de canto,
 E o Catecismo da Cristã Doutrina:
 Vendo-os o rude Pai, concebe espanto,
 E pelo filho a Mãe à Fé se inclina,
 Nem de meio entre nós mais apto se usa,
 Que aquela Gente bárbara reduza.

Caramuru, 2001.

Nessa estrofe, evidencia-se a(o)

- respeito ao ensinamento dos índios mais velhos.
- defesa da preservação da cultura indígena.
- elogio do comportamento obediente dos nativos.
- descrição da amizade entre portugueses e indígenas.
- exaltação do trabalho evangelizador dos portugueses.

04. Os quadros reproduzidos a seguir dialogam com duas obras da literatura brasileira. Com base em seus conhecimentos literários e nos motivos retratados pelos artistas plásticos, assinale a alternativa verdadeira sobre fatos relativos às personagens em foco.



MEDEIROS, José Maria de (1849-1925). *Lindoia*, 1882. Óleo sobre tela, 54,5 cm x 81,5 cm



MEIRELLES, Victor (1832-1903). *Moema* (1866). Óleo sobre tela, 167,5 x 250,2 cm.

- A) Victor Meirelles retratou, de modo realista, a personagem de *Caramuru*.
 B) As personagens retratadas tiveram um destino comum: foram abandonadas pelos seus companheiros.
 C) As duas obras constituem motivos árcades retratados por pintores românticos.
 D) O artista focalizou um momento prazeroso na vida de Moema: o banho de sol à beira-mar.
 E) O artista focalizou o corpo de Lindoia, ao pé de um cipreste, morta a flechadas por uma tribo inimiga.
05. O seguinte aspecto não é característica da poesia árcade:
 A) Bucolismo amoroso.
 B) Presença de entidades mitológicas.
 C) Exaltação da natureza.
 D) Tranquilidade no relacionamento.
 E) Evasão na morte.



Exercícios Propostos

01. (UFRGS/2006) Assinale a alternativa correta em relação a *O Uruguai*, de Basílio da Gama.
 A) Trata-se de um poema épico em que o autor ataca o governo português.
 B) O poema representa um marco importante na passagem do Arcadismo ao Barroco.
 C) No poema, o autor evidencia simpatia para com as atitudes intervencionistas do Marquês de Pombal.
 D) O poema segue a estrutura camoniana de *Os Lusíadas*, mantendo o teor tradicional das cinco partes da epopeia.
 E) O poema narra a luta entre os exércitos português e espanhol pela dominação do território das Missões jesuítas.

02. (Uespi/2008) Assinale a alternativa correta acerca do Arcadismo brasileiro e de seus autores.

- A) Foi um movimento literário posterior ao Romantismo, que teve repercussão em todo o Brasil, especialmente em Minas e São Paulo.
 B) A obra lírica mais divulgada foi *Marília de Dirceu*, longo poema de Tomás Antônio Gonzaga. Nele, o poeta se transforma em Dirceu, pastor que se enamora da pastora Marília, tendo como cenário um ambiente bucólico.
 C) Cláudio Manuel da Costa, também árcade, escreveu as *Cartas Chilenas*, uma crítica à colonização portuguesa.
 D) Silva Alvarenga é o autor do *Uruguai*, único poema épico do Arcadismo.
 E) Entre as características árcades estão: a volta aos padrões greco-latinos, a visão idílica da natureza, o uso exacerbado da linguagem figurada, das contradições e dos contrastes.

- Para responder às questões de 03 a 05, leia um trecho da obra *Cartas chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810).

Agora, Fanfarrão, agora falo
 Contigo, e só contigo. Por que causa
 Ordenas que se faça uma cobrança
 Tão rápida, e tão forte contra aqueles,
 Que ao Erário¹ só devem tênues somas?
 Não tens Contratadores², que ao Rei devem
 De mil cruzados centos, e mais centos?
 Uma só quinta parte, que estes dessem,
 Não matava do Erário o grande empenho?
 O pobre, porque é pobre, pague tudo;
 E o rico, porque é rico, vai pagando
 Sem soldados à porta, com sossego!
 Não era menos torpe, e mais prudente,
 Que os devedores todos se igualassem?
 Que, sem haver respeito ao pobre, ou rico,
 Metessem no Erário um tanto certo,
 À proporção das somas que devessem?
 Indigno, Indigno Chefe! Tu não buscas
 O público interesse. Tu só queres
 Mostrar ao sábio Augusto³ um falso zelo;
 Pougando ao mesmo tempo os devedores,
 Os grossos devedores, que repartem
 Contigo os cabedais⁴, que são do Reino.

Cartas chilenas, 2006.

Vocabulário:

¹**erário**: conjunto dos recursos financeiros públicos; os dinheiros e bens do Estado.

²**contratador**: aquele que negocia com mercadorias; negociante, comerciante.

³**augusto**: na Roma Antiga, título dado a alguns imperadores.

⁴**cabedal**: posses materiais ou recursos financeiros; bens, riquezas.

03. (UEA/2018) No trecho, o eu lírico
- louva a rapidez com que Fanfarrão cobra os devedores mais ricos.
 - elogia Fanfarrão por cobrar de modo imparcial todos os devedores.
 - acusa Fanfarrão de cobrar com pouco rigor os devedores mais ricos.
 - repreende Fanfarrão por não pagar corretamente seus impostos.
 - critica a indiferença de Fanfarrão para com os devedores mais pobres.
04. (UEA/2018) No trecho, referem-se ao mesmo personagem os seguintes termos:
- "Fanfarrão" e "Chefe".
 - "Chefe" e "Augusto".
 - "Fanfarrão" e "Rei".
 - "Rei" e "Chefe".
 - "Fanfarrão" e "Augusto".
05. (UEA/2018) O tom satírico verificado em *Cartas chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga, também está presente na seguinte estrofe de Gregório de Matos (1636-1696):
- Meu Deus, que estais pendente de um madeiro,
Em cuja lei protesto de viver,
Em cuja santa lei hei de morrer
Animoso, constante, firme e inteiro:
- Ardor em firme coração nascido;
Pranto por belos olhos derramado;
Incêndio em mares de água disfarçado;
Rio de neve em fogo convertido:
 - Ofendi-vos, meu Deus, é bem verdade,
É verdade, Senhor, que hei delinquido,
Delinquido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade.
 - Senhor Antão de Sousa de Meneses,
Quem sobe a alto lugar, que não merece,
Homem sobe, asno vai, burro parece,
Que o subir é desgraça muitas vezes.
 - À margem de uma fonte, que corria,
Lira doce dos pássaros cantores
A bela ocasião das minhas dores
Dormindo estava ao despertar do dia.
06. Sobre o Arcadismo brasileiro, só não se pode afirmar que:
- tem suas fontes nos antigos grandes autores gregos e latinos, dos quais imita os motivos e formas.
 - teve em Cláudio Manuel da Costa o representante que, de forma original, recusou a motivação bucólica e os modelos camonianos da lírica amorosa.
 - nos legou os poemas de feição épica *Caramuru* (de Frei José de Santa Rita Durão) e *O Uruguai* (de Basílio da Gama), no qual se reconhece qualidade literária destacada em relação ao primeiro.
 - norteou, em termos dos valores estéticos básicos, a produção dos versos de *Marília de Dirceu*, obra que celebrizou Tomás Antônio Gonzaga e que destaca a originalidade de estilo e de tratamento local dos temas pelo autor.
 - apresentou uma corrente de conotação ideológica, envolvida com as questões sociais do seu tempo, com a crítica aos abusos de poder da Coroa Portuguesa.
07. Há, no Arcadismo brasileiro, uma obra satírica de forma epistolar que suscitou dúvidas de autoria durante mais de um século. Assinale a seguir a alternativa que apresenta o nome correto dessa obra e seu autor mais provável.
- O reino da estupidez*, de Francisco de Melo Franco.
 - Viola de Gereno*, de Domingos Caldas Barbosa.
 - O desertor*, de Manuel Inácio da Silva Alvarenga.
 - Cartas chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga.
 - Os Bruzundangas*, de Lima Barreto.
08. (UFPE) Tanto a busca da simplicidade formal quanto a da clareza e eficácia das ideias se ligam ao grande valor dado à natureza, como base da harmonia e da sabedoria. Daí o apreço pela convenção pastoral, isto é, pelos gêneros bucólicos que visam representar a inocência e a sábia rusticidade pelos costumes rurais, sobretudo dos pastores.
- A. Candido & A. Castello.
- Esse excerto relaciona-se a um determinado estilo literário. Assinale, então, o autor que não pertence ao estilo em questão.
- Tomás Antônio Gonzaga.
 - Cláudio M. da Costa.
 - Santa Rita Durão.
 - Manuel Botelho de Oliveira.
 - Basílio da Gama.
09. O poema épico *O Uruguai*, de Basílio da Gama, é uma
- composição que narra as lutas dos índios de Sete Povos das Missões, no Uruguai, contra o exército espanhol, sediado lá para pôr em prática o Tratado de Madri.
 - das obras mais importantes do Arcadismo no Brasil, pois foi a precursora das *Obras Poéticas* de Cláudio Manuel da Costa.
 - exaltação à terra brasileira, que o poeta compara ao paraíso, o que pode ser comprovado nas descrições, principalmente do Ceará e da Bahia.
 - crítica a Diogo Álvares Correia, misto de missionário e colono português, que comanda um dos maiores extermínios de índios da história.
 - exaltação à índia Lindoia, que morre após Diogo Álvares decidir-se por Moema, que ajudava os espanhóis na luta contra os índios.
10. Das afirmativas a seguir, assinale a correta a respeito do "Caramuru", poema épico de Frei José de Santa Rita Durão.
- Possui inspiração devota e a vontade de celebrar em Diogo Álvares Correia um herói camoniano, capaz de dilatar a fé cristã e o império espanhol.
 - Moema, preferida pelo Caramuru em desfavor de Paraguaçu, apostrofa o ingrato herói e morre agarrada ao leme do navio que o levará, com sua eleita, para a França.
 - Emprega o verso branco, que o Neoclassicismo, em seu duplo afã de austeridade e naturalidade, valorizava.
 - O alarido da glória bélica perde importância ante a sensibilidade amorosa registrada nas cenas de namoro entre o herói e sua eleita.
 - Segue o modelo camoniano, dividido em dez cantos compostos em oitava rima.

Aula
08

Romantismo I

C-5 / H-15, 16
H-17
C-6 / H-18

Características

	Características
ROMANTISMO Início: publicação de <i>Suspiros Poéticos</i> , de Gonçalves de Magalhães.	Predomínio da emoção, do sentimento (subjetivismo); evasão ou escapismo (fuga à realidade). Nacionalismo, religiosidade, ilogismo, idealização da mulher, amor platônico. Liberdade de criação e despreocupação com a forma; predomínio da metáfora.
CONTEXTO HISTÓRICO	Primeira geração romântica: 1840/50 – indianista ou nacionalista. A temática era o índio, a pátria. Destacou-se: – Gonçalves Dias – Obras: <i>Canção do Exílio</i> e <i>I-Juca-Pirama</i>
	Segunda geração romântica: 1850/60 – byroniana, mal do século, individualista ou ultrarromântica. A temática era a morte. Destacou-se: – Álvares de Azevedo – poeta da dúvida, tinha obsessão pela morte. Recebeu influência de Byron e Shakespeare. Oscila entre a realidade e a fantasia. – Obra: Livro de contos <i>Noite na taverna</i> .
	Terceira geração romântica: 1860/70 – condoreira, social ou hugoana. A temática é a abolição e a república. Destacaram-se: Poesia: – Castro Alves – poeta representante da burguesia liberal. – Obras: <i>Espumas Flutuantes</i> , <i>O Navio Negreiro</i> , <i>Vozes d’África</i> . Prosa: – José de Alencar (representante maior) – defensor do “falar brasileiro” / dá forma ao herói / amalgamando a sua vida à natureza. – Joaquim Manuel de Macedo – Obra: <i>A Moreninha</i> . – Bernardo Guimarães – Obra: <i>A escrava Isaura</i> . – Manuel Antônio de Almeida – Obra: <i>Memórias de um sargento de milícias</i> .
	Modalidades do Romantismo: Romance de folhetim – Teixeira e Sousa, <i>O filho do pescador</i> . Romance urbano – Joaquim Manuel de Macedo, <i>A Moreninha</i> . Romance regionalista: Bernardo Guimarães, <i>O ermitão de Muquem</i> . Romance indianista e histórico – José de Alencar, <i>O Guarani</i> .

- A imprensa no Brasil;
- A crise do Segundo Reinado;
- A abolição da escravidão.



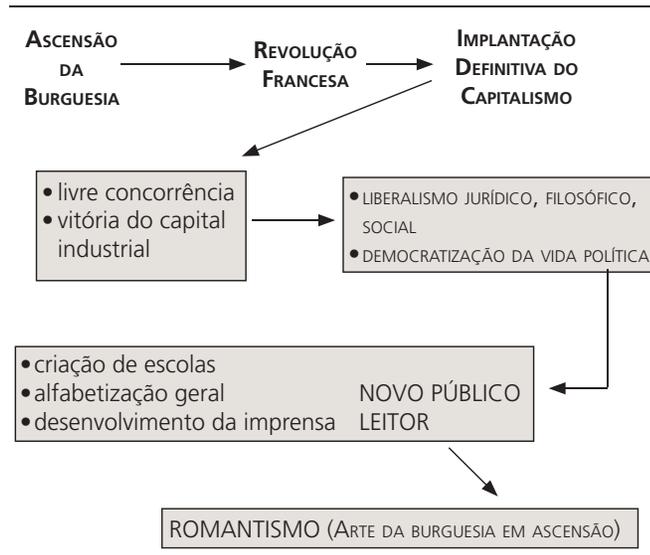
AMÉRICO, Pedro (1843-1905. *Independência ou Morte [O Grito do Ipiranga]* (1888). Óleo sobre tela, 415 x 760 cm.

O Romantismo, cuja palavra de ordem era liberdade, coincidiu com nossa independência política.

QUADRO COMPARATIVO

Arcadismo	Romantismo
• razão	• emoção
• convenções	• liberdade de criação
• universalismo	• nacionalismo (indianismo)
• mitologia pagã	• religiosidade cristã
• linguagem erudita	• linguagem popular

ESQUEMA DO ROMANTISMO



- Individualismo e subjetivismo
- Sentimentalismo (paixão, tristeza, angústia etc.)
- Culto à natureza
- Valorização do passado
 - histórico: medievalismo
 - individual: infância
- Sonho, fantasia, imaginação, idealização
- Escapismo
- Liberdade artística
 - desobediência às regras clássicas
 - mistura de gêneros
 - surgimento do drama
 - afirmação do romance

O Romantismo foi o primeiro movimento literário brasileiro da Era Nacional. Nosso país acabara de tornar-se politicamente independente e reivindicava, agora, uma literatura autônoma que refletisse nossa realidade. *Suspiros poéticos e saudades*, de Gonçalves de Magalhães, iniciou, em 1836, o Romantismo, que se encerrou em 1881. A estética romântica foi fértil em poesia e prosa e viu nascer o teatro nacional.

Contexto histórico

A Europa do século XIX assistiu a transformações radicais, resultado da Revolução Industrial (que fez surgir uma nova classe, o proletariado) e da Revolução Francesa, que, com seu ideal de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, subverteu as relações sociais. A burguesia, econômica e politicamente forte, impulsionou a livre concorrência e foi responsável por uma sociedade materialista.

Independente desde 1822, o Brasil, no entanto, conservou a mesma estrutura da sociedade colonial: patriarcal, assentada na mão de obra e nos latifúndios. Da independência até a abdicação de D. Pedro I, em 1831, o país viveu um período difícil. Cedo começaram os problemas resultantes da personalidade autoritária de D. Pedro: dissolução da Assembleia Constituinte por ordem do imperador; outorga da primeira Constituição em 1824; Confederação do Equador*; Guerra Cisplatina (e a criação da República Independente do Uruguai). Nesse período, o Brasil pediu um empréstimo de dois milhões de libras esterlinas à Inglaterra para pagar a indenização por nossa independência a Portugal. Todo esse quadro levou à abdicação de D. Pedro I em favor de seu filho de apenas cinco anos, em 1831.

* Liberais de Pernambuco não aceitaram a Constituição outorgada, que centralizava o poder nas mãos de D. Pedro I, e proclamaram a Confederação do Equador, que imitava o modelo federalista norte-americano. O movimento foi sufocado e seus líderes, entre os quais Frei Caneca, foram executados.

Seguiu-se o período da Regência, quando o Brasil foi sacudido por algumas revoltas: Cabanagem (1834), Guerra dos Farrapos (1835), Sabinada (1837), Balaiada (1838). Nesse quadro, surgiu, em 1836, o Romantismo brasileiro.

Manifestações artísticas

Na Europa, o Romantismo representou uma revolução na concepção de vida e de arte. Pregando a liberdade de criação, o predomínio do sentimento, o individualismo, insurgiu-se contra os valores clássicos: o equilíbrio, a sobriedade, a imitação da Antiguidade, o racionalismo, as convenções. A fascinação do exótico e os temas nacionalistas são uma tônica na pintura, mas a arquitetura e a escultura continuam sendo neoclássicas.



GOYA, Francisco de (1746-1828). O sono da razão produz monstros (1797).

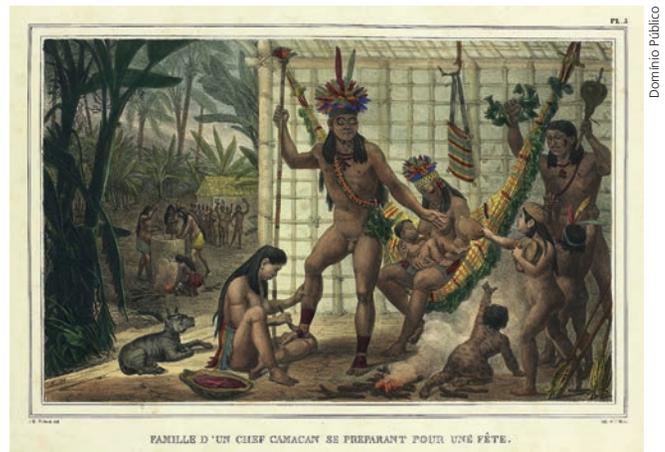
A música, marcada pelo individualismo, aproveitou as canções populares e refletiu preocupações coletivas relacionadas aos movimentos de unificação, que marcaram o período. Beethoven, Litz, Chopin, Schumann e Schubert foram alguns dos expoentes desse período.

No Brasil, a pintura e a arquitetura neoclássicas dominaram o Romantismo. Debret retratou em seus quadros os costumes e personagens da época. Vítor Meirelles, Almeida Júnior e Pedro Américo voltaram-se para temas históricos e mitológicos.

Na música, destacaram-se Carlos Gomes, que em 1860 tornara-se preparador de óperas na Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, e Elias Álvares Lobo.

Aquarelas brasileiras

“Um pouco d’água, um pincel, tinta. Alguns traços coloridos numa folha de papel branco e eis que surge uma aquarela.”



DEBRET, Jean-Baptiste (1768-1848). Família do chefe Camacã. Aquarela.

Assim trabalhava o pintor Jean-Baptiste Debret – o maior cronista visual do Brasil na época da Independência. Debret também foi um dos integrantes da Missão Francesa que veio ao Brasil em 1816 e muito contribuiu para revelar ao resto do mundo os usos e costumes de um país de cores, odores e sons tão diversos quanto o nosso.

Literatura

O Romantismo teve suas origens no final do século XVIII, na Alemanha e Inglaterra. Na Alemanha, o movimento pré-romântico *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), de acentuado caráter nacionalista, desencadeou o Romantismo. Goethe, com o seu *Werther*, romance que conta os sofrimentos amorosos de um jovem e seu suicídio, foi responsável por uma onda europeia de emotividade e imitações.

Na Inglaterra, Sir Walter Scott escreveu romances históricos, uma tendência fundamental no Romantismo, e Lord Byron é a expressão do ideal romântico: o poeta como libertador dos povos, pois, além de escrever poesia ultrarromântica, participou das lutas pela independência da Grécia.

Mas foi a França a responsável pela divulgação das novas ideias, influenciadas, em grande parte, pela teoria do bom selvagem de Jean-Jacques Rousseau, segundo a qual o homem nasce bom, mas a sociedade civilizada o corrompe.

O Romantismo coincide com a ascensão econômica e política da burguesia e expressa os sentimentos dos descontentes com as novas estruturas e relações sociais: de um lado, a nobreza que já não desfruta dos mesmos privilégios e, de outro, a pequena burguesia que ainda não ascendeu.

Esse movimento foi marcado por três fatos fundamentais:

- aparecimento de um novo público leitor, resultado de uma literatura mais popular, expressa em uma linguagem mais acessível a leitores sem cultura clássica;
- surgimento do romance como forma mais difundida e acessível de comunicação literária;
- consolidação do teatro, que ganha novo impulso e, abolindo a rígida estrutura clássica, cria o drama.

Principais características do estilo romântico:

- **sentimentalismo:** a valorização das emoções e dos sentimentos leva ao subjetivismo e ao egocentrismo (o “eu” é o centro do Universo);
- **supervalorização do amor:** o amor passou a ser o valor mais importante em relação àquele cultivado pela burguesia: o dinheiro;
- **mal do século:** o desajustamento do poeta sentimental, introvertido, em face da realidade gera uma sensação de angústia, melancolia, insatisfação e tédio, que o leva a buscar saídas, refúgios para seu mal;
- **evasão:** a saída para o mal do século é a idealização, um mecanismo de fuga da realidade que se dá por meio de:
 - evasão no espaço: exaltação da natureza concebida como extensão do eu do poeta: o cenário mimetiza os estados de espírito da personagem;
 - evasão no tempo: volta à infância, volta aos primórdios da constituição da nação na busca de heróis nacionais (no Brasil, essa busca concretizou-se no indianismo);
 - idealização: da sociedade, do amor, da mulher;
 - morte: a fuga mais radical e decisiva para todos os conflitos.

Formalmente, a ordem é liberdade: são usados o verso livre (sem métrica nem estrofação) e o verso branco (sem rima) ao mesmo tempo que renascem as formas medievais de estrofação, dando-se preferência a metros breves, de cadência popular (as redondilhas maiores e menores), usados ao lado de decassílabos.

No Brasil, o Romantismo inicia-se com Gonçalves de Magalhães, em 1836, com a publicação de *Suspiros Poéticos* e *Saudades*. Durante seu período de vigência, desenvolveram-se a poesia, a prosa e o teatro.

As gerações românticas

Primeira Geração (Nacionalista ou indianista): caracterizou-se, sobretudo, pela criação do herói nacional, pelo lirismo amoroso e pelo paisagismo. Os principais autores são: Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias e Araújo Porto-Alegre.

Segunda Geração (Byroniana ou do Mal do século): caracterizou-se pela obsessão à morte, sentimento de tédio, pessimismo, individualismo, melancolia e morbidez. Os principais autores são: Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e Junqueira Freire.

Terceira Geração (Condoreira): seu emblema foi uma poesia de caráter social – patriótica, antiescravagista, abolicionista. Seu mais importante poeta foi Castro Alves.

A presença do nacional nos motivos e na linguagem foi a característica comum às três gerações românticas.

Poetas da Primeira Geração romântica

Gonçalves de Magalhães (1811-1882)

Embora sua poesia tenha pouco valor literário, o poeta foi importante porque introduziu o Romantismo no Brasil, em 1836, com *Suspiros Poéticos* e *Saudades*, poesia religiosa publicada em Paris. Mais tarde, em 1857, lançou uma epopeia indianista: *A Confederação dos Tamoios*. Escreveu, também, a peça *Antônio José ou O poeta* e a *Inquisição* que, segundo o autor, era “a primeira tragédia escrita por um brasileiro e única de assunto nacional”.

Gonçalves Dias (1823-1864)



Domínio Público

Gonçalves Dias.

Gonçalves Dias é o poeta consolidador do Romantismo brasileiro. De sua obra lírica e indianista fazem parte: *Primeiros cantos*, *Segundos cantos*, *Sextilhas de Frei Antônio*, *Últimos cantos* e *Os Timbiras*, poema épico incompleto.

Nasceu Antônio Gonçalves Dias (1823-64) em uma fazenda dos arredores de Caxias (Maranhão), na qual se refugiara com a amante, brasileira de origem ainda não definitivamente apurada (Índia pura ou cafuza?), e o pai português, que ali buscara asilo contra as perseguições de nacionalistas exaltados. O primeiro infortúnio do poeta foi separar-se da mãe aos seis anos, quando o pai a abandonou para casar-se com outra mulher. Esta, aliás, sempre se mostrou carinhosa com o enteado. Cresceu o menino em Caxias, revelando viva inteligência nas aulas de primeiras letras e ao balcão da casa comercial do pai. Àquele tempo era comum verem-se em Caxias índios mansos que vinham trocar com os habitantes arcas, flechas e potes de barro. “Menino”, escreve Lúcia Miguel-Pereira em sua excelente *Vida de Gonçalves Dias* (1943), “há de ter brincado com esses instrumentos indígenas, há de ter aprendido muita palavra dos selvagens, que lhe eram familiares. Ouviria certamente falar em Tapuias, em Timbiras, em Tupis, em guerras de índios; saberia povoadas por eles as matas que avistava.” A frescura dessas primeiras impressões da infância persistirá na obra indigenista do futuro poeta. Em 1837, trouxe-o o pai para São Luís, a capital do Maranhão, a fim de embarcarem rumo à Europa. Gonçalves Dias ia completar os estudos secundários e seguir o curso de Direito na Universidade de Coimbra. Mas, falecendo o pai em São Luís, regressou o órfão acabrunhado a Caxias. Encontrou apoio na madrasta, que o mandou para Portugal.

Não poucas foram as dificuldades materiais que sofreu o estudante, porque nem sempre a madrasta, premida pelos embaraços de dinheiro, podia enviá-lo regularmente a mesada. Houve momento em que o poeta pensou tornar de vez à pátria, e tê-lo-ia feito, se não acudissem companheiros de estudos, alguns seus conterrâneos, os quais se cotizaram para garantir-lhe o

sustento, nessa e em outras ocasiões de aperto. Em 1845, terminou o curso e voltou ao Brasil.

Os anos de permanência em Portugal tinham-lhe sido de grande proveito. Afora o curso universitário, estudou a língua e a literatura da França, Inglaterra, Alemanha, Espanha e Itália; escreveu grande parte das poesias dos *Primeiros* (1846), *Segundos* (1848), *Últimos cantos* (1851), só mais tarde publicadas, o romance autobiográfico *Memórias de Agapito Goiaba*, que ficou inédito e foi queimado pelo poeta, e os dramas *Patkull* e *Beatriz Cenci*. Era querido e admirado no grupo dos românticos medievistas portugueses cuja influência sofreu, como atestam várias de suas produções.

Pequena foi a sua demora na província natal. Em 1846, veio para o Rio de Janeiro e nesse mesmo ano publicou os *Primeiros cantos*. Nada definirá melhor o seu conceito da poesia do que as próprias palavras no prólogo: “Gosto de afastar os olhos de sobre a nossa arena política para ler em minha alma, reduzindo à linguagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as ideias que em mim desperta a vista de uma paisagem ou do oceano – o aspecto enfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento, a ideia com a paixão, colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia – a Poesia grande e santa – a Poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir”. E é isto o que efetivamente se encontra em toda a lírica de Gonçalves Dias: uma funda nostalgia, a mágoa dos amores contrariados pelo destino, o consolo que tirava do espetáculo da natureza, do afeto dos amigos e da crença religiosa. Em tudo aquele sentimento de insatisfação, onde logo se identifica o famoso *mal du siècle*, por ele bem expresso mais tarde nestas quadras da poesia “Lira quebrada” dos *Últimos cantos*:

Uma febre, um ardor nunca apagado
Um querer sem motivo, um tédio à vida
Sem motivo também, – caprichos loucos,
Anelo doutro mundo e doutras coisas;

Desejar coisas vãs, viver de sonhos,
Correr após um bem logo esquecido,
Sentir amor e só topar frieza,
Cismar venturas e encontrar só dores;

Os *Primeiros cantos* foram saudados por Alexandre Herculano como “inspirações de um grande poeta”, e a opinião do mestre português resumia a impressão de toda a gente. Sobre a primeira parte do livro – “Poesias americanas” – lhe parecia exemplo da verdadeira poesia nacional do Brasil. “Quiséramos”, dizia ele, “que ocupassem maior espaço. Nos poetas transatlânticos há por via de regra demasiadas reminiscências da Europa. Esse Novo Mundo que deu tanta poesia a Saint-Pierre e Chateaubriand é assaz rico para inspirar e nutrir os poetas que crescerem à sombra das suas selvas primitivas”.

São cinco as “Poesias americanas” dos *Primeiros cantos*. A primeira é a “Canção do exílio”. Não há na poesia brasileira versos que tenham alcançado mais larga popularidade. “De uma simplicidade quase sublime”, disse deles Veríssimo. Poderia tê-lo dito sem o quase. Sublime significa alto, elevado: na “Canção do exílio”, o sentimento da nostalgia da pátria está expresso com uma serenidade que faz pensar na paz e silêncio dos altos cimos, a mesma que se respira em “*Wandrer*

Nachtlied Ein Gleiches”, de Goethe. Já notou um jovem crítico, Aurélio Buarque de Holanda, a ausência de qualquer adjetivo qualificativo nessas quatro estâncias, cuja força emotiva repousa na deliciosa musicalidade em parte resultante do paralelismo, do encadeamento e das rimas de fonemas iniciais (primores, palmeiras) e na segura escolha das palavras-temas (os substantivos “terra”, “sabiá”, “palmeiras”, e os advérbios “cá” e “lá”). Os outros quatro poemas são indianistas em dois deles – “Canto do Piaga” e “O morro do Alecrim” – vibra nota indigenista em defesa dos índios contra a usurpação dos brancos invasores. No “Canto do Piaga”:

Oh! quem foi das entranhas das águas,
O marinho arcabouço arrancar?
Nossas terras demanda, fareja...
Esse monstro... – o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher!
Vem trazer-vos cruzeza, impiedade –
Dons cruéis do cruel Anhangá;
Vem quebrar-vos a maça valente,
Profanar Manitôs, Maracá.
Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribo Tupi vai gemer;
Hão-de os velhos servirem de escravos
Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!

Fugireis procurando um asilo,
Triste asilo por ínvio sertão;

Os dois últimos versos, que ainda hoje representam a condição dos incolas, reaparecem na forte imprecação do “Morro do Alecrim”:

Teus filhos valentes causavam terror,
Teus filhos enchiam as bordas do mar,
As ondas coalhavam de estreitas igaras
De frechas cobrindo os espaços do ar.

Já hoje não caçam nas matas tão suas
A corça ligeira – o trombudo quati.
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça – no arco tupi.

O Piaga nos disse que breve seria,
Manito, dos teus a cruel punição;
E os teus inda vagam por serras, por vales,
Buscando um asilo por ínvio sertão!

Não foi Gonçalves Dias o introdutor do índio na poesia brasileira; soube, todavia, como ninguém, antes ou depois dele, insuflar vida no tema tão caro ao sentimento nacional da época. Idealizou-o, é verdade, não por desconhecimento da psicologia própria do índio, mas em parte por simpatia, em parte obedecendo aos cânones estéticos do tempo; sem prejuízo da emoção que palpita, bela e convincente, em poemas como “I-Juca-Pirama”, “Marabá”, “Leito de folhas verdes”, “Canto do Piaga”, “Canto do Tamoio” e na epopeia dos *Timbiras*.

Esta última obra, que seria, na intenção do autor, uma espécie de “*Ilíada americana*”, só ficou conhecida nos quatro primeiros cantos publicados em 1857. Sabe-se, porém, que o poeta continuou a trabalhar nela e a tinha pronta ou quase pronta quando voltava em 1864 da Europa; no naufrágio em que pereceu perderam-se os manuscritos.

A epopeia comportaria ao todo dezesseis cantos. Abre com uma introdução onde anuncia o argumento:

Os ritos semibárbaros dos Piagas,
Cultores de Tupã, e a terra virgem
Donde como dum trono, enfim se abriram
Da cruz de Cristo os piedosos braços;
As festas, e batalhas mal sagradas
Do povo Americano, agora extinto,
Hei de cantar na lira. [...]

Como cantará?
Cantor modesto e humilde,
A fronte não cingi de mirto e louro,
Antes de verde rama engrinaldei-a,
D'agrestes flores enfeitando a lira,
Não me assentei nos cimos do Parnaso,
Nem vi correr a linfa da Castália.
Cantor das selvas, entre bravas matas
Áspero tronco da palmeira escolho.

O primeiro canto começa apresentando o herói do poema, Itajuba, chefe dos Timbiras. O cacique matou em luta singular o chefe dos Gamelas, a tribo inimiga. Estes, não respeitando a palavra do chefe, segundo a qual haveriam de seguir a Itajuba em caso de derrota, prepararam-se para atacar os Timbiras. Itajuba despacha Jurucei a propor paz e aliança aos Gamelas. Entrementes convoca os seus guerreiros. Nota-se a ausência de Jatir, contra quem se levantam murmurações. Defende-o o pai. No segundo canto, meditam os guerreiros à noite às portas das tabas. Sai o Piaga de sua caverna e entoa um canto a Tupã, pedindo que sobre a tribo “os sonhos desçam como desce o orvalho”. Cala-se o Piaga, todos adormecem. Mas Itajuba vela. Preocupa-o a ausência de Jatir. Pede a Croá que cante. Este faz o elogio de Coema, a falecida esposa de Itajuba. Vela também Ogib, pai de Jatir, ao qual se chega o louco Piaíba, que entra a lastimar-se. O terceiro canto se inicia com uma bela descrição do alvorecer nas selvas.

Lamenta o poeta a ruína dos povos americanos em versos que terminam por esta apóstrofe:

América infeliz! – que bem sabia,
Quem te criou tão bela e tão sozinha,
Dos teus destinos maus! Grande e sublime
Corres de polo a polo entre os dois mares
Máximos do globo: anos da infância
Contavas tu por séculos! que vida
Não fora a tua na sazão das flores!
Que majestosos frutos, na velhice,
Não deras tu, filha melhor do Eterno
América infeliz, já tão ditosa
Antes que o mar e os ventos não trouxessem
A nós o ferro e os cascavéis da Europa?!
Velho tutor e avaro cobiçou-te,
Desvalida pupila, a herança pingue
E o brilho e os dotes da sem par beleza!

Rompe a aurora, e os de Itajuba vêm contar os seus sonhos. Interpreta-os o Piaga, pressagiando a vitória na luta em perspectiva. Só Japeguá, à parte, não participa da alegria geral. Interrogado pelo Piaga, narra o sonho de mau agouro que tivera. É interrompido por Caticaba, que o increpa de covarde. O incidente termina com a intervenção de Itajuba. Mojacá conta também o seu sonho e pede explicação ao Piaga: vira em taba inimiga um guerreiro timbira prestes a ser sacrificado. Ogid acredita que se trata do filho. O Piaga, consultado, queixa-se que o deixam em sua caverna sem dádivas e só se lembram dele nos momentos de aflição. Desculpa-se Itajuba e promete-lhe reparação. O Piaga recolhe-se à sua gruta. No quarto canto, assistimos à chegada de Jurucei à taba dos Gamelas. Servem-lhe suculento repasto.

O chefe Gurupema, filho do guerreiro vencido por Itajuba, reúne o seu conselho. Todos se inclinam à guerra. Fala um tapuia, sempre respeitado pelos seus prognósticos, ponderando que a lei de guerra dava ao timbira o direito de proceder como havia feito depois da vitória. Desaconselha a luta. Ouve-se Jurucei. Fala Gurupema e dá o pai como morto em combate desleal. Indigna-se Jurucei. Gurupema quer experimentar pelas armas o valor do mensageiro. Despede uma seta, que prostra um pássaro em pleno voo. Jurucei invectiva-o pela cruel ação. Uma seta partida da turba fere o timbira. Este, depois de exprobrar a deslealdade com que o tratam, parte proferindo ameaças. Gurupema procura apurar quem fora o autor do gesto criminoso, mas sem resultado.

Seria descabido julgar da epopeia apenas pela sua quarta parte publicada. Todavia, o espírito americano que informa os quatro primeiros cantos, os quadros da natureza descritos segundo a realidade local, o sopro épico a animar os episódios da vida selvagem colocam o fragmento dos *Timbiras* como a mais inspirada tentativa no gênero dentro da nossa poesia.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*.
Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1957.



Exercícios de Fixação

- Leia a parte transcrita do poema “I-Juca-Pirama.”

X

Um velho Timbira, coberto de glória,
Guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Dizia prudente: – “Meninos, eu vi!”
“Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Valente, como era, chorou sem ter pejo;
Parece que o vejo,
Que o tenho nest’hora diante de mi.
“Eu disse comigo: que infâmia d’escravo!
Pois não, era um bravo;
Valente e brioso, como ele, não vi!
E à fé que vos digo: parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!”
Assim o Timbira, coberto de glória,
Guardava a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Tornava prudente: “Meninos, eu vi!”

Gonçalves Dias.

01. A exemplo dos versos destacados, o poema de Gonçalves Dias é considerado épico por causa
- A) da coragem do índio Tupi e do senso de nacionalismo inerente ao tom de seu comportamento.
 - B) do depoimento do narrador e da garantia de que é uma história da tradição do povo.
 - C) do caráter narrativo e da tendência de voltar-se para o passado em tom heroico.
 - D) da imagem indianista do cenário e do teor de ambientação bélica da história.
 - E) da construção dialogada do texto e do tipo descritivo detalhadamente explorado.

02. (UEPG – adaptada)

CANTO IX – I JUCA PIRAMA

O guerreiro parou, caiu nos braços
Do velho pai, que o cinge contra o peito,
Com lágrimas de júbilo bradando:
"Este, sim, que é meu filho muito amado!
E pois que o acho enfim, qual sempre o tive,
Corram livres as lágrimas que choro,
Estas lágrimas, sim, que não desonram".

Gonçalves Dias. *Poesias Americanas*.

Com relação à obra indianista de Gonçalves Dias, e sobre este poema em particular, é correto afirmar que

- A) o herói do poema é apenas um índio tupi, um caso singular dentre todos de sua tribo.
B) o poeta, ao pôr em discussão profundos valores e sentimentos humanos, como a bondade filial e a honra, supera os limites da abordagem puramente indianista e ganha universalidade.
C) o índio de Gonçalves Dias não se diferencia do de Joaquim Norberto e Gonçalves Magalhães, pois é tão poético quanto os outros.
D) quanto aos aspectos formais, em "I-Juca-Pirama" Gonçalves Dias conservou a métrica de trecho em trecho, pois não admitia afastar-se do estilo clássico; era contrário à variação.
E) I Juca Pirama significa "aquele que é digno de viver"; o poema conta a história de um guerreiro timbira, aprisionado pelos tupis, que vai morrer em um festim canibal, mas é poupado.
- Leia a "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, para responder à questão 03.

CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá,
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Gonçalves Dias.

03. (Unifesp) Entre as figuras de sintaxe, como recursos que um autor emprega para obter maior expressividade, existe a zeugma. Uma das formas de elipse, a zeugma consiste na supressão de um vocábulo, já enunciado em frase anterior, por estar subentendido. No poema de Gonçalves Dias, a zeugma ocorre apenas em:

- A) "Minha terra tem palmeiras."
B) "Em cismar, sozinho, à noite."
C) "As aves, que aqui gorjeiam."
D) "Nossa vida mais amores."
E) "Nosso céu tem mais estrelas."

04.

QUADRAS DA MINHA VIDA

I

Houve tempo em que os meus olhos
Gostavam de Sol brilhante,
E do negro véu da noite,
E da aurora cintilante

Gostavam da branca nuvem
Em céu de azul espriada,
Do terno gemer da fonte
Sobre pedras despenhada. (...)

Gonçalves Dias.

Os versos anteriores compõem as duas primeiras estrofes de "Quadras da minha vida", de Gonçalves Dias. Pode-se perceber, por sua leitura, que se trata de

- A) considerações de um sujeito poético que contempla sua própria vida a fim de traçar planos para seu futuro.
B) um sujeito poético que relembra fatos de um tempo em que ele sentia gosto pelas coisas simples da vida.
C) lamento de um sujeito poético que se arrepende por não ter aproveitado a vida enquanto podia.
D) versos criados por um poeta romântico que vislumbra a vida de uma forma realista.
E) um poema que exalta o passado, apesar de esse tempo lhe ter sido hostil.
05. Cantor das selvas, entre bravas matas/ Áspero tronco da palmeira escolho/ Unido a ele soltarei meu canto/ Enquanto o vento nos palmares zune/ Rugindo os longos, encontrados leques.

Os versos anteriores, de *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias, apresentam como características da primeira geração romântica:

- A) apego ao equilíbrio na forma de expressão; presença do nacionalismo, pela temática indianista e pela valorização da natureza brasileira.
B) resistência aos exageros sentimentais e à forma de expressão subordinada às emoções; visão da poesia a serviço de causas sociais, como a escravidão.
C) expressão preocupada com o senso da medida; "mal do século"; natureza como amiga e confidente.
D) transbordamento na forma de expressão; valorização do índio como típico homem nacional; apresentação da natureza como refúgio dos males do coração.
E) expressão a serviço da manifestação dos estados de espírito mais exagerados; sentimento profundo da solidão.

**Exercícios Propostos**

- Texto para a questão 01.

ILUSÕES DA VIDA

Quem passou pela vida em branca nuvem,
E em plácido repouso adormeceu;
Quem não sentiu o frio da desgraça,
Quem passou pela vida e não sofreu;
Foi espectro de homem, não foi homem,
Só passou pela vida, não viveu.

01. (IFSP/2011) Este poema, de Francisco Otaviano, pertence à estética romântica porque
- sugere que o leitor, para ser feliz, viva alienado e distante da realidade.
 - são explícitas as referências a alguns cânones do Catolicismo.
 - expõe os problemas sociais que afetavam a sociedade da época.
 - nele se percebe a vassalagem amorosa, isto é, a submissão do homem em relação à mulher.
 - sugere que é importante viver, de forma intensa e profunda, as experiências da existência humana.

- Texto para a questão 02.

SE SE MORRE DE AMOR!

(...) Sentir, sem que se veja, a quem se adora,
Compreender, sem lhe ouvir, seus pensamentos,
Segui-la, sem poder fitar seus olhos,
Amá-la, sem ousar dizer que amamos,
E, temendo roçar os seus vestidos,
Arder por afogá-la em mil abraços:
Isso é amor, e desse amor se morre!
(...)

DIAS, Gonçalves. *Poemas de Gonçalves Dias*.

02. (UFRJ) O sofrimento amoroso é frequente nas obras dos poetas românticos, como se pode observar nesse poema de Gonçalves Dias. A característica que situa o fragmento dentro da poética romântica é:
- evasão no espaço, transportando o eu lírico para um lugar ideal, junto à natureza.
 - forte subjetivismo, revelando uma visão pessimista da vida.
 - idealização do amor, transcendendo os limites da vida física.
 - realização de poemas lírico-amorosos, valorizando o idioma nacional.
 - idealização da mulher, conduzindo o eu lírico à depressão.
03. Considerando Gonçalves Dias e sua produção literária, é descabida a seguinte afirmação:
- Embora Gonçalves de Magalhães seja considerado o introdutor do Romantismo no Brasil, na verdade foi Gonçalves Dias quem implantou e solidificou a poesia romântica em nossa literatura.
 - A obra de Gonçalves Dias pode ser considerada a realização de um verdadeiro projeto de construção da cultura brasileira. Criou uma poesia voltada para o índio e para a natureza brasileira, expressa em uma linguagem simples e acessível.
 - Além da poesia indianista, Gonçalves Dias também cultivou poemas religiosos, de fundo panteísta, nos quais Deus se manifesta pela natureza.
 - Sua obra poética apresenta os gêneros lírico e épico. Na poesia épica, canta os feitos históricos de índios. Na lírica, os temas mais comuns são a pátria, a natureza, Deus, o índio e o amor não correspondido.
 - Sua obra *O Uruguai* é considerada a melhor realização no gênero épico do Arcadismo brasileiro. Seu tema é a luta de portugueses e espanhóis contra índios e jesuítas, que, instalados nas missões jesuíticas do Rio Grande do Sul, não queriam aceitar as decisões do Tratado de Madri.
04. (UEL) Os textos a seguir fazem parte de duas obras clássicas do Romantismo brasileiro: o texto I é o início do romance *Iracema*, de José de Alencar, publicado em 1865; o texto II é uma estrofe do canto VIII do poema "I-Juca-Pirama", de Gonçalves Dias, do livro *Últimos cantos*, de 1851.

Texto I

"Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira..."

Texto II

"Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés."

Assinale a alternativa incorreta.

- O romance *Iracema*, de José de Alencar, ficou conhecido como "lenda da formação do estado do Ceará", que se deu pela união do homem branco português com a mulher indígena brasileira. O poema "I-Juca-Pirama", de Gonçalves Dias, é considerado um "hino" em louvor à tradição guerreira da civilização indígena brasileira.
 - A forma como o narrador localiza a história e descreve a personagem feminina, no primeiro texto, revela uma leveza de estilo que é própria da poesia; no segundo texto, ao contrário, há uma força dramática nos versos que se constrói pela fala exaltada do pai ao filho.
 - As duas obras idealizaram o índio enquanto uma raça forte que contribuiu para a formação da nação brasileira, num momento que se definia pela defesa do nacionalismo e pelo culto à natureza. Neste sentido, pode-se dizer que elas representaram autonomia estética no âmbito literário e autonomia política no âmbito social para um país em formação, como se apresentava o Brasil naquele momento histórico.
 - No primeiro texto, o discurso narrativo é pleno de metáforas e alegorias, a mostrar uma mulher meiga e cheia de encantos, pela comparação com elementos da natureza. No segundo texto, as sílabas fortes dos versos marcam a cadência do discurso poético, de forma a revelar a ira do pai contra o filho, o que mostra a bravura da raça indígena, em que é preciso ser guerreiro e vencer a luta contra o inimigo.
 - A mesma concepção idealizada e significação política atribuídas à raça indígena no Romantismo foi retomada pelos escritores modernistas e contemporâneos, que exaltaram a beleza e a força indígena em obras como *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *Máira*, de Darcy Ribeiro.
05. (UFPR/2018) A respeito dos poemas que compõem o livro *Últimos Cantos* (1851), do maranhense Gonçalves Dias, assinale a alternativa correta.
- O nacionalismo romântico se expressa no antológico poema "Canção do exílio", que abre o livro com um tom laudatório: "Nosso céu tem mais estrelas, / Nossas várzeas têm mais flores, / Nossos bosques têm mais vida, / Nossa vida mais amores".
 - O embate entre tribos indígenas, com a consequente prisão de um guerreiro, é narrado em "I-Juca-Pirama", poema marcado por variedade métrica: "O prisioneiro, cuja morte anseiam, / Sentado está, / O prisioneiro, que outro Sol no ocaso / Jamais verá!".

- C) A pureza racial dos indígenas brasileiros é exaltada no poema "Marabá" por meio da descrição da personagem-título: "— Meus olhos são garços, são cor das safiras, / — Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar; / — Imitam as nuvens de um céu anilado, / — As cores imitam das vagas do mar!".
- D) O aspecto fúnebre das lendas românticas é representado no poema "O gigante de pedra", em que se destaca a monstruosidade do personagem: "Gigante orgulhoso, de fero semblante, / Num leito de pedra lá jaz a dormir! / Em duro granito repousa o gigante, / Que os raios somente puderam fundir".
- E) O lirismo romântico prefere temas delicados, como as brincadeiras inocentes da criança em "Mãe-d'água": "Minha mãe, olha aqui dentro, / Olha a bela criatura, / Que dentro d'água se vê! / São d'ouro os longos cabelos, / Gentil a doce figura, / Airosa leve a estatura; / Olha, vê no fundo d'água / Que bela moça não é!".

- Textos para as questões de **06 a 08**.

Texto I

Esta gentilidade nenhuma cousa adora, nem conhece a Deus; somente aos trovões chama Tupane, que é como quem diz "cousa divina". E assim nós não temos outro vocábulo mais conveniente para os trazer ao conhecimento de Deus, que chamar-lhe Pai Tupane.

Manuel da Nóbrega.

No poema I-Juca-Pirama, um velho timbira conta a história de um índio tupi, prisioneiro de sua tribo, que, na iminência de ser sacrificado, pede clemência pelo fato de seu pai, cego, o estar aguardando na floresta. Assim, consegue a liberdade. Ao saber que seu filho chorara diante da morte, o pai o amaldiçoa e volta com ele à tribo inimiga, onde, repentinamente, é ouvido o grito de guerra do jovem que se põe a lutar contra todos. Demonstrada sua bravura, é reconhecido como guerreiro ilustre e acolhido novamente pelo pai, que chora lágrimas "que não desonram".

- Leia alguns versos desse poema de Gonçalves Dias.

Texto II

"Tu, cobarde, meu filho não és."
Isto dizendo, o miserando velho
A quem Tupã tamanha dor, tal fado
Já nos confins da vida reservara,
Vai com trêmulo pé, com as mãos já frias
Da sua noite escura as densas trevas
Palpando. — Alarma! Alarma! — O velho para.
O grito que escutou é voz do filho,
Voz de guerra que ouviu já tantas vezes
Noutra quadra melhor.

- 06.** Nos versos transcritos no texto II:
- A) a fala do pai renegando o filho antecede a descrição da figura do ancião, cuja fraqueza moral (caracterizada nos versos 5, 6 e 7) é atribuída à súplica indigna do filho.
- B) a caracterização dos indígenas é feita não só pela voz que está narrando os fatos, mas também pelo discurso direto das próprias personagens.
- C) o segmento "Vai com trêmulo pé, com as mãos já frias/ Da sua noite escura as densas trevas/Palpando" constitui uma metáfora da morte do ancião.
- D) ocorrem duas distintas formas de se citarem palavras, mas as aspas denotam também que a fala é autoritária e agressiva.
- E) tem-se um exemplo de poema lírico, no qual o eu que se expressa, falando sempre de si mesmo, comunica a intensa dor de uma experiência vivida.

- 07.** Considere as afirmações a seguir.
- I. Em I e II, o nativo é visto por olhos estranhos à sua cultura, motivo pelo qual, em ambos os textos, a figura de Tupã é vista como amedrontadora pelo enunciador;
- II. Em II, a figura de Tupã está associada ao destino; em I, às forças da natureza;
- III. Em II, a concepção de Tupã como divindade criadora, responsável pelo destino, assemelha-se à observada no lamento da mestiça de branco e índio nos seguintes versos de "Marabá": Eu vivo sozinha; ninguém me procura!/Acaso feita/ Não sou de Tupã?

Assinale:

- A) se apenas I e II estiverem corretas.
B) se apenas I e III estiverem corretas.
C) se apenas II e III estiverem corretas.
D) se todas as afirmativas estiverem corretas.
E) se todas as afirmativas estiverem incorretas.

- 08.** O assunto do texto I e a ideologia nele refletida revelam que pertence a um momento histórico-cultural em que
- A) escritores já nascidos e formados intelectualmente no Brasil Colônia revelam-se críticos contundentes do processo de colonização.
- B) a Bahia conheceu o espírito sagaz de Gregório de Matos, que, com seus improvisos e sua viola, caçoava de todos, inclusive das autoridades.
- C) os novos escritores buscam a simplicidade formal, intimamente ligada ao grande valor dado à natureza, como base da harmonia e da sabedoria.
- D) o ciclo do ouro propiciou o desenvolvimento da arquitetura, da escultura e da vida musical, principalmente em Minas Gerais.
- E) relatos manifestam não só as preocupações do colonizador, mas também o deslumbramento diante da paisagem brasileira.
- 09.** (ITA-SP) Assinale a alternativa que caracteriza o Romantismo:
- A) Valorização do eu. O assunto passa a ser manifestado a partir do artista, que traz à tona o seu mundo interior, com plena liberdade; esta liberdade se impõe na forma. Sentimentalismo.
- B) Literatura multifacetada: valorização da palavra e do ritmo: temática humana e universal.
- C) Literatura intrinsecamente brasileira; linguagem direta, coloquial, livre das regras gramaticais, imagens diretas; inspiração a partir da burguesia, da civilização industrial, da máquina.
- D) Literatura que busca inspiração no subconsciente, nas regiões inexploradas da alma: para isso, usa meios indiretos a fim de sugerir ou representar as sensações; funde figura, música e cor.
- E) Literatura que visa à perfeição da forma, à objetividade, ao equilíbrio, à perfeição absoluta da linguagem; prefere os temas novos e exóticos.

- 10.** (ESPM/2010) A respeito da produção literária de José de Alencar, o professor Antonio Medina afirma que "uma literatura que se pretendesse nacionalmente inicial e arquetípica só poderia mesmo enveredar pelo tom superlativo e apocalíptico". Todos os fragmentos a seguir retirados da obra alencariana confirmam a ideia apresentada, exceto um. Assinale-o.
- A) "Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema."
- B) "Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara."
- C) "Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido. (...) A mão que rápida ferira estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava."

- D) “Peri alucinado suspendeu-se aos cipós que se entrelaçavam pelos ramos das árvores já cobertas de água e, com esforço desesperado, cingindo o tronco da palmeira nos seus braços hirtos, abalou-o até as raízes.”
- E) “O índio fazia um esforço supremo para sustentar o peso da laje prestes a esmagá-lo; e com o braço estendido de encontro a um galho de árvore mantinha por uma tensão violenta dos músculos o equilíbrio do corpo.”

Seção Videoaula



Romantismo



Romantismo no Brasil

Aula
09

Romantismo II

C-5	H-15, 16
	H-17
C-6	H-18

Poetas da Segunda Geração Romântica

Álvares de Azevedo (1831-1852)



Domínio Público

Álvares de Azevedo.

Em sua breve existência, encerrada pela tuberculose, contaminado pelo mal do século, Álvares de Azevedo não apresenta o vigor nacionalista da geração precedente. Sua poesia é influenciada por Lord Byron e Alfred Musset. Morbidez, inclinação para o enigmático, aspectos sombrios e tenebrosos, a presença constante da morte caracterizam seus poemas cheios de melancolia e pessimismo. Sua dor só é aplacada pela lembrança da mãe e da irmã, como você verá no fragmento do poema “Se eu morresse amanhã”:

Se eu morresse amanhã viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

Álvares de Azevedo escreveu *Lira dos Vinte Anos* (poesia), *Noite na Taverna* (contos fantásticos) e um drama cujo título é *Macário*.

Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852) nasceu em São Paulo, mas passou a infância no Rio de Janeiro. Aos dezesseis anos, terminou o curso de bacharel em Ciências e Letras no Colégio Pedro II e seguiu para São Paulo, onde se matriculou na Faculdade de Direito. Não chegou, porém, a concluir os estudos, pois adoeceu de tuberculose pulmonar, vindo a morrer no Rio. O tédio de uma cidadezinha provinciana sem divertimentos e onde toda a vida intelectual se concentrava no ambiente liberal da academia, a saudade de família, sobretudo da mãe e de uma irmã ainda criança, que foram os afetos mais profundos de sua existência, a estranha ausência de qualquer sentimento amoroso bem definido e a impressão deixada no poeta pela leitura dos românticos europeus minados pelo “mal do século” explicam o caráter da sua obra, na qual as notas desabusadas, irônicas, a miúdo intencionalmente prosaicas, alternam com outras que lhe eram mais sinceramente pessoais – o seu erotismo entravado pela timidez, as suas afeições familiares, os pressentimentos melancólicos derivados de uma saúde precária, a obsessão da morte. Foi a primeira face que lhe trouxe, a princípio, maior renome, suscitando discípulos, criando em torno de sua figura uma auréola duvidosa de herói romântico. Álvares de Azevedo era em verdade um rapaz estudioso e morigerado a ponto de em São Paulo deixar de frequentar certa casa de família – “pois não é das melhores nem muito louváveis, pelo contrário, é bem nodoad a reputação dessas senhoras, que contudo vão a todos os bailes etc.!!”. Mas o que ainda hoje nos encanta em sua obra, o que lhe garantiu um lugar de destaque entre os primeiros líricos inspirados da nossa poesia é a frescura das suas confissões de adolescente naqueles “cantos espontâneos do coração”, consolo que foram de uma alma “que depunha fé na poesia e no amor”, amor que tardava e nunca chegou a se concretizar em uma dessas figuras de virgem tão frequentemente acariciadas em sonho:

Oh! ter vinte anos sem gozar de leve
A ventura de uma alma de donzela!
E sem na vida ter sentido nunca
Na suave atração de um róseo corpo
Meus olhos turvos se fechar de gozo!
Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas
Passam tantas visões sobre meu peito!
Palor de febre meu semblante cobre,
Bate meu coração com tanto fogo!
Um doce nome os lábios meus suspiram,
Um nome de mulher... e vejo lânguida
No véu suave de amorosas sombras
Seminua, abatida, a mão no seio,
Perfumada visão romper a nuvem,
Sentar-se junto a mim, nas minhas pálpebras
O alento fresco e leve como a vida
Passar delicioso... Que delírios!
Acordo palpitante... inda a procuro;
Embalde a chamo, embalde as minhas lágrimas
Banham meus olhos, e suspiro e gemo...
Imploro uma ilusão... tudo é silêncio!
Só o leito deserto, a sala muda!
Amorosa visão, mulher dos sonhos,
Eu sou tão infeliz, eu sofro tanto!
Nunca virás iluminar meu peito
Com um raio de luz desses teus olhos?

Esse desejo do coração inexperiente e, no entanto, de amores, é uma nota constante e a mais pura, a mais genuína da sua poesia. A realidade parecia desdenhar de tantos sonhos delirantes: a pálida donzela, a visão pensativa e lânguida, como ele a desejava, não aparecia. A própria distinção inata do poeta punha a isso o maior obstáculo.

A um amigo escreveu certa vez: “Sinto no meu coração uma necessidade de amar, de dar a uma criatura este amor que me bate no peito. Mas ainda não encontrei aqui (em São Paulo, onde viveu de 48 a 51, salvo os breves períodos de férias passadas no Rio) uma mulher – uma só – por quem eu pudesse bater de amores”. As moças de São Paulo, mesmo as bonitas, raras na opinião do poeta, pareciam-lhe com a sua beleza e os seus solecismos “estátuas estúpidas

e sem vida". O anseio insatisfeito se resolvia em funda nostalgia, num vago pressentimento de morte prematura, inspirador dos dois mais tristes, mais expressivos poemas de sua lírica – "Lembrança de morrer" e "Se eu morresse amanhã". No primeiro confessa que:

Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!

e pede como epitáfio (de fato gravado na lápide do seu túmulo) o verso:

– Foi poeta – sonhou – e amou na vida. –

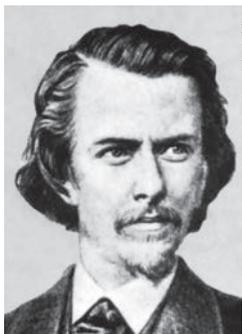
Essa a nota pessoal na *Lira dos vinte anos* (1853), título escolhido pelo poeta para a sua coleção de líricas, na qual, como no poema do frade, em cinco cantos, no *Conde Lopo* (1886), deixado incompleto em seis cantos, no drama *Macário* (1855) e nas novelas da *Noite na taverna* (1855) soam outras de empréstimo, que imitam o tom cínico e sarcástico de Byron e seus epígonos europeus. O terceiro canto do *Conde Lopo* abre mesmo com a invocação do nome do autor de *Childe Harold*:

Alma de fogo, coração de lavas,
Misterioso Bretão de ardentes sonhos
Minha musa serás – poeta altivo
Das brumas de Albion, frente acendida
Em túrbido ferver! – a ti portanto,
Errante trovador d'alma sombria,
Do meu poema os delirantes versos!

Mau grado o que havia assim de artificial na atitude satânica desse rapaz, que ao mesmo tempo dirigia à mãe versos e cartas de uma ternura quase infantil, há que reconhecer nos seus cantos certa força de invenção verbal, de calorosa imaginação que o fadava a criações originais em idade de maior experiência. Malogrou-se com a sua morte a esperança de uma carreira literária possivelmente genial.

Contemporâneos de Álvares de Azevedo, em São Paulo, foram José Bonifácio, o Moço (1827-86), sobrinho do Patriarca da nossa independência, e os mineiros Aureliano Lessa (1828-61) e Bernardo Guimarães (1825-84), este o mais importante dos três. Mais conhecido pelos seus romances, nele todavia o poeta é superior ao romancista. O seu poema em versos brancos, "O devanear de um cético", é uma das produções mais características do estado de espírito de sua geração. A obra poética de Bernardo Guimarães está contida nos livros *Cantos da solidão* (1876), *Poesias* (1852), *Novas poesias* (1876) e *Folhas do outono* (1883).

Fagundes Varela (1841-1875)



Fagundes Varela

Varela desenvolveu a maioria dos temas românticos: pessimismo, lirismo amoroso, exaltação da natureza e presença da morte. Seu poema mais conhecido é "Cântico do Calvário", escrito em memória do filho morto com poucos meses de idade, do qual extraímos o fragmento:

Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústias conduzia
O ramo da esperança.
– Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro¹.

Eras a messe de um dourado estio².

Eras o idílio de um amor sublime.
Eras a glória, – a inspiração, – a pátria,
O porvir de teu
pai! – Ah!

No entanto, Pomba, – varou-te a flecha do destino! Astro,
– engoliu-te o temporal do norte! Teto, caíste! – Crença, já não vives!
Correi, correi, oh! lágrimas saudosas,
Legado acerbo³ da ventura extinta,

Dúbios archotes que a tremer clareiam
A lousa fria de um sonhar que é morto!

VOCABULÁRIO:

¹ **pegureiro**: pastor

² **estio**: verão

³ **acerbo**: herança amarga

Suas obras mais importantes são: *Noturnas*, *O estandarte auriverde*, *Vozes da América* e *Anchieta* ou *O evangelho na selva*.

Casimiro de Abreu (1839-1860)



Casimiro de Abreu.

Seus temas são os mesmos dos outros poetas de sua geração, enfatizando a temática da saudade (da pátria, família, infância), marcada, portanto, pela evasão no tempo e no espaço. Leia esta estrofe de um de seus mais conhecidos poemas, também alvo de paráfrase de Oswald de Andrade no Modernismo:

MEUS OITO ANOS

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Casimiro de Abreu escreveu *Primaveras*, uma coletânea de versos, e o drama *Camões e o Jaú*.

Ao meio carioca, pertenceu também Casimiro de Abreu (1839-1860), natural de Barra de São João (estado do Rio), hoje Casimirana, em homenagem ao filho ilustre. Fez os estudos secundários na cidade fluminense de Friburgo e ainda menino começou a trabalhar no comércio, porque tal era a vontade do pai. Este não via com bons olhos o gosto do filho pelas letras. O poeta passou quase quatro anos em Portugal, de 1853 a 1857. Lá fez a sua estreia literária, aos dezessete anos, com a representação de uma cena dramática em verso intitulada *Camões e o Jaú* (1856). Regressando ao Brasil, voltou ao comércio, sem contudo abandonar a poesia, e até frequentando uma aula de matemática na Escola Militar. Em 1859, editou as suas poesias sob o título de *Primaveras*. Atacado de tuberculose pulmonar, faleceu em uma fazenda dos arredores de sua cidade natal.

Casimiro de Abreu é seguramente o mais simples, o mais ingênuo dos nossos românticos e isso lhe valeu o primeiro lugar na preferência do povo. A nostalgia da pátria, os primeiros sobressaltos amorosos da adolescência, os encantos da paisagem brasileira foram por ele cantados com um acento de meiguice inconfundível. Ninguém exprimiu melhor do que ele em nossa poesia aquilo que Mário de Andrade, num estudo sobre Álvares de Azevedo, chamou o “complexo do amor e medo”, sentimento comum a todos esses adolescentes da fase romântica. O crítico batizou o complexo precisamente com o título de uma das poesias mais estimadas das *Primaveras*:

Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh! bela,
Contigo dizes, suspirando amores:
“– Meu Deus, que gelo, que frieza aquela!”

Como te enganas! meu amor é chama
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bela – eu moço; tens amor – eu medo!...

Ninguém tampouco exprimiu melhor as saudades da infância que o fez o poeta fluminense nas oitavas dos “Meus oito anos”.

Formou-se a respeito de Casimiro de Abreu um juízo de todo injusto, a que infelizmente deu força a opinião de nomes prestigiosos como Carlos de Laet, o qual na sua *Antologia nacional* escreveu: “Não é escritor correto, mas poeta cujos maviosos acordes sabem o caminho do coração”. O filólogo Souza da Silveira, em sua excelente edição das obras do poeta, demonstra minuciosamente que, ao contrário, Casimiro de Abreu é escritor e poeta correto – pelo menos tão correto quanto os outros românticos tidos por corretos; e justifica um por um os pretendidos deslizes de linguagem e métrica apontados pelos críticos nas *Primaveras*.

À Segunda Geração romântica pertence ainda Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825-1889), o negociador, como enviado extraordinário e ministro plenipotenciário no Prata, do tratado da Tríplice Aliança do Brasil, Uruguai e Argentina contra o ditador paraguaio Solano López. Escassa foi a produção poética de Otaviano, mas distinta pela fluência e singeleza do verso, tanto nos poemas originais como nas belas traduções de Ossian. De um fato que não despertou atenção de ninguém se diz no Brasil que “passou em branca nuvem”. É metáfora tomada de uma graciosa sextilha do poeta – “Ilusões da vida”.

Quem passou pela vida em branca nuvem
E em plácido repouso adormeceu;
Quem não sentiu o frio da desgraça,
Quem passou pela vida e não sofreu:
Foi espectro de homem, não foi homem,
Só passou pela vida, não viveu.

Junqueira Freire (1832-1855)

Na Bahia, nasceu e viveu Junqueira Freire (1832-1855), o poeta das *Inspirações do claustro* (1855) e das *Contradições poéticas* (1855), livros nos quais palpita um sentimento fundo e sincero, nascido não da imaginação ou de leituras, mas de sofrimentos reais. Junqueira Freire era de constituição doentia e muito peculiar. Contou ele próprio numas páginas autobiográficas como em certa ocasião de desvario se entregou ao vício da cânfora: “O primeiro dos meus prazeres era fumar um bom charuto depois de ter enchido a boca de cânfora. Esta resina transparente costuma, como se sabe, deixar um suave frescor no órgão do paladar. Eu então sentia um gozo esquisito no tomar da fumaça, que parecia lutar, de quente que é, com essa substância ainda na maior parte desconhecida em seus efeitos. Eu gastava muitas horas em desvanecer-me poeticamente nesse sainete agradável, que sempre nos produz o gosto contrastado de fresco e ardente, de uma vez”. Igual sensação contrastada de fresco e ardente vamos encontrar na poesia desse espírito atormentado e contraditório que procurou abrigo no refúgio do claustro. Fez-se frade não por vocação, mas para fortalecer-se contra aquele “pensamento gentil de paz eterna”, o pensamento da morte: “Um mosteiro pareceu-me um ermo verdadeiro. Ali eu podia retrair-me tanto, que ninguém soubesse de minha existência. Eu acreditava que uma cela ocultava melhor que o interior da campa”. O seu desengano foi cruel, desde os primeiros dias de noviço, e assim no-lo descreve nos versos “À profissão de frei João das Mercês Ramos”:

Mas eu não tive os dias de ventura
Dos sonhos que sonhei:
Mas eu não tive o plácido sossego
Que tanto procurei.

Tive mais tarde a reação rebelde
Do sentimento interno.
Tive o tormento dos cruéis remorsos,
Que me parece eterno.
Tive as paixões que a solidão formava
Crescendo-me no peito.
Tive, em lugar das rosas que esperava,
Espinhos no meu leito.

Tive a calúnia tétrica vestida
Por mãos a Deus sagradas.
Tive a calúnia – que mais livre abrange
Ó Deus! vossas moradas!

Iludimo-nos todos! – Concebemos
Um paraíso eterno:
E quando nele sôfregos tocamos,
Achamos um inferno

O próprio estado monástico afigurou-se-lhe então instituição absurda e anacrônica, “espécie de ócio, no qual ele (o monge) não pode ser mais que mau e desgraçado”.

Os seus versos mais fortes, onde outro atormentado poeta, o português Antero de Quental, assinalou acentos geniais, são esses em que o frade sem vocação nos fala de sua revolta, de seu arrependimento, do fogo de uma paixão infeliz

não amortecido na cânfora da vida claustal; nesses poemas angustiados que ele costumava subtítular "Horas de delírio", "O monge", "Ao meu natalício", "Ela", "Desejo", "Morte", "Martírio", "Louco", "Não posso".

Deixou Junqueira Freire alguns escritos em prosa que revelam uma precoce capacidade crítica. Teve já naquela época a intuição do verso livre. "Pelo lado da arte", escreveu no prólogo das *Inspirações do claustro*, "meus versos, segundo me parece, aspiram a casar-se com a prosa medida dos antigos." E mais abaixo pergunta: "Chegará dia a literatura a um tal grau, que distinga a prosa e a poesia somente pela nuance dos pensamentos? Nascerá um dia destas expressões mais ou menos belas uma forma intermediária, que se tanto da singeleza da prosa, quanto do artifício da versificação?"

Após três anos de clausura, obteve o poeta um breve de secularização e voltou ao século. Saía do mosteiro dos Beneditinos com grave hipertrofia do coração, a que sucumbiu sete meses depois.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1957.



Exercícios de Fixação

- Texto para a questão 01.

PÁLIDA INOCÊNCIA

Por que, pálida inocência,
Os olhos teus em dormência
A medo lanças em mim?
No aperto de minha mão
Que sonho do coração
Tremeu-te os seios assim?

E tuas falas divinas
Em que amor lânguida afinas
Em que lânguido sonhar?
E dormindo sem receio
Por que geme no teu seio
Ansioso suspirar?

Inocência! quem dissera
De tua azul primavera
As tuas brisas de amor!
Oh! quem teus lábios sentira
E que trêmulo te abrira
Dos sonhos a tua flor!

Quem te dera a esperança
De tua alma de criança,
Que perfuma teu dormir!
Quem dos sonhos te acordasse,
Que num beijo t'embalasse
Desmaiada no sentir!
Quem te amasse! e um momento
Respirando o teu alento
Recendesse os lábios seus!
Quem lera, divina e bela,
Teu romance de donzela
Cheio de amor e de Deus!

01. Com base na leitura do poema de Álvares de Azevedo, é correto afirmar que
- A) trata-se de um poema pertencente à terceira fase do Romantismo, na qual prevalece a poesia de cunho social, caracterizada pelo uso de linguagem inflamada e grandiloquente.
 - B) trata-se de um poema pertencente à segunda fase do Romantismo, o que se pode perceber pela figura de mulher inacessível, virginal e infantilizada.
 - C) trata-se de um poema pertencente à primeira fase do Romantismo, o que se pode perceber pelas referências à natureza brasileira ("azul primavera", "brisas de amor", "tua flor").
 - D) trata-se de um poema pertencente ao Parnasianismo, o que se pode perceber pelo erotismo contido e pelo uso do metro de 10 sílabas.
 - E) trata-se de um poema pertencente ao Arcadismo, como revelam tanto a figura feminina acessível (mulher companheira) quanto à natureza estilizada, artificial ("azul primavera").

02. (Espm)

MINHA DESGRAÇA

Minha desgraça, não, não é ser poeta,
Nem na terra de amor não ter um eco,
E, meu anjo de Deus, o meu planeta
Tratar-me como trata-se um boneco...

Não é andar de cotovelos rotos,
Ter duro como pedra o traveseiro...

Eu sei... O mundo é um lodaçal perdido
cujo Sol (quem mo dera!) é o dinheiro...

Minha desgraça, ó cândida donzela,
O que faz que meu peito assim blasfema,

É ter por escrever todo um poema
E não ter um vintém para uma vela

Álvares de Azevedo, *Lira dos Vinte Anos*.

Sobre o poema, é incorreto afirmar que o eu lírico

- A) apresenta, em tom sarcástico, que a pior "desgraça" de sua vida é de ordem mais material do que espiritual.
 - B) tem como interlocutor uma mulher cuja caracterização se dá ora pelo vocativo "anjo de deus", ora por "cândida donzela".
 - C) sente-se marginalizado em relação ao mundo por não ter "vintém" suficiente para comprar uma vela.
 - D) faz crítica social contundente ao afirmar que o "anjo de deus" trata o homem como boneco e que o mundo é um "lodaçal".
 - E) expressa a subjetividade romântica a partir do uso dos verbos na primeira pessoa do singular e na confissão de sua desgraça.
03. (UEA/2018) Nos anos em que atuaram estes escritores, a poesia brasileira percorreu os meandros do extremo subjetivismo, à Byron e à Musset. Alguns poetas adolescentes, mortos antes de tocarem a plena juventude, darão exemplo de toda uma temática emotiva de amor e morte, dúvida e ironia, entusiasmo e tédio.

Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*, 2006. Adaptado.

O texto refere-se

- A) Segunda Geração do Romantismo.
- B) ao Barroco.
- C) ao Arcadismo.
- D) à primeira geração do Modernismo.
- E) ao Condoreirismo.

04. O texto a seguir reproduz duas estrofes de um dos mais conhecidos poemas do Romantismo brasileiro. "Se eu morresse amanhã!", de Álvares de Azevedo.

"Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!
Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perderei chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!"

Assinale a afirmativa em desacordo com o poema.

- A) Ele mostra de forma clara o forte teor subjetivo e emotivo da poesia romântica, pois é totalmente centrado no "eu", na interioridade subjetiva do poeta.
B) O egocentrismo romântico, ligado ao tema da morte, faz com que o poeta lamente de forma emocionada a própria morte, que imagina estar próxima.
C) A emoção excessiva, explicitada pelo uso recorrente dos pontos de exclamação, revela um desejo de fuga da realidade; o mergulho no "eu" é uma forma de opor-se ao problemático mundo exterior.
D) A obsessão com a morte, tão presente no poema, é uma das formas do escapismo romântico, comumente aplicado ao tema do amor, o qual também possibilita uma fuga da problemática existencial.
E) O poema explora, de modo sarcástico e irônico, a visão que o poeta tem da morte.

05. (Fuvest)

IDEIAS ÍNTIMAS

Em frente do meu leito, em negro quadro,
A minha amante dorme.
É uma estampa
De bela adormecida.
A rósea face
Parece em visos de um amor lascivo
De fogos vagabundos acender-se...
E com a nívea mão recata o seio...
Oh! quantas vezes, ideal mimoso,
Não encheste minh'alma de ventura,
Quando louco, sedento e arquejante
Meus tristes lábios imprimi ardentes
No poento vidro que te guarda o sono!

Álvares de Azevedo.

Esses versos de Álvares de Azevedo, da *Lira dos Vinte Anos*, apoiam a seguinte afirmação sobre o conjunto "Ideias íntimas", de onde foram extraídos:

- A) Em versos brancos e em ritmo fluente, o discurso poético combina notações realistas e fantasias amorosas.
B) A lascívia, combinada com a sátira, elimina a possibilidade de lirismo amoroso, reservado para a segunda parte do livro.
C) No espaço do quarto, o poeta vingava-se das frustrações amorosas, satirizando a imagem de sua amada.
D) Imaginando-se pintor, o poeta vai esboçando num quadro as figuras da virgem romântica e da amante calorosa.
E) Os decassílabos e o lirismo intimista são traços que já fazem antever as tendências poéticas da geração seguinte.



Exercícios Propostos

01. (Unifesp)

Roem-me atrozes ideias,
A febre me queima as veias,
A vertigem me tortura!...
Oh! por Deus! quero dormir,

Deixem-me os braços abrir
Ao sono da sepultura!
Despem-se as matas frondosas,
Caem as flores mimosas
Da morte na palidez:
Tudo, tudo vai passando,
Mas eu pergunto chorando
— Quando virá minha vez?

Esses versos de Fagundes Varela filiam-se ao estilo

- A) árcade, flagrado pela alusão à natureza como forma de fugir dos problemas.
B) ultrarromântico, influenciado pelo Mal do Século, e presentificam o pessimismo e a morte.
C) condoreiro, distanciado da visão egocêntrica, pois estão voltados aos problemas sociais.
D) parnasiano, cuja busca de perfeição formal é mais relevante que a expressão da emoção.
E) simbolista, em que o pessimismo e a dor existencial levam o eu lírico à transcendência.

02. (Cescem)

"O vento, quando parte em largas fitas
as folhas, que meneia com brandura;
a fonte cristalina,
que sobre as pedras cai de imensa altura;
não formam um som tão doce, como forma
a tua voz divina."

Como se pode deduzir do texto anterior, na poesia arcádica brasileira, muitas vezes a natureza

- A) é descrita de forma objetiva e vigorosamente realista.
B) forma o quadro convencional em que o poeta se apoia para enaltecer a beleza da amada.
C) é caracterizada por traços que a definem como natureza tipicamente tropical.
D) é, pelo contraste entre a vida que a anima e a sensação de fluidez que inspira, um motivo de reflexão sobre a efemeridade da vida humana.
E) torna-se motivo central, em decorrência de uma posição nacionalista do poeta.

03. (UEL-PR) Considere as seguintes afirmações sobre poetas do nosso Romantismo:

- I. O caráter intimista da poesia de Álvares de Azevedo não impediu que ele se manifestasse também na forma da sátira;
II. O tom declamatório da poesia abolicionista de Castro Alves está intimamente ligado à sua função: conclamar o público a assumir uma posição combativa;
III. Há, na poesia de Gonçalves Dias, interesse em exaltar a natureza tropical e o nobre caráter dos nossos índios.

É correto o que está afirmado

- A) somente em II. B) somente em I e II.
C) somente em I e III. D) somente em II e III.
E) em I, II e III.

04. (UFG) Leia os trechos do poema "I - Canção do exílio", da coletânea *As primaveras*, de Casimiro de Abreu.

I
Canção do exílio

[...]
Oh! que saudades tamanhas
Das montanhas,
Daqueles campos natais!
Daquele céu de safira
Que se mira,
Que se mira nos cristais!
[...]
Debalde eu olho e procuro...
Tudo escuro
Só vejo em roda de mim!
Falta a luz do lar paterno
Doce e terno,
Doce e terno para mim.

Distante do solo amado
— Desterrado —
A vida não é feliz.
Nessa eterna primavera
Quem me dera,
Quem me dera o meu país!
[...]

ABREU, Casimiro de. *As primaveras*. São Paulo: Martin Claret, 2009. p. 23-24.

A estética romântica, impulsionada pelo cenário histórico que vinha se desenhando no país, teve como projeto a busca do nacional pelos escritores, que passaram a dar uma nova significação para os elementos da natureza do Brasil. Dentro desse projeto, Casimiro de Abreu, no poema anterior, que abre o "Livro primeiro" da coletânea *As primaveras*, exprime o amor e a saudade da terra natal. Entretanto, o modo como o poeta canta a pátria diferencia-se da maneira como os demais românticos o fizeram, por evidenciar

- A) intimismo nostálgico. B) pessimismo acentuado.
C) lirismo amoroso. D) descritivismo paisagístico.
E) egocentrismo exaltado.

05. (UFG/2010) Leia os fragmentos do poema "Amor e medo", do livro *As primaveras*, de Casimiro de Abreu, e do romance *A confissão*, de Flávio Carneiro.

AMOR E MEDO

I
Quanto eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh! bela,
Contigo dizes, suspirando amores:
"— Meu Deus! que gelo, que frieza aquela!"
[...]

II
[...]
Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda a inocência que teu lábio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos paus da terra.
[...]
Oh! não me chames coração de gelo!
Bem vê: trai-me no fatal segredo.
Se de ti fujo é que te adoro e muito,
És bela – eu moço; tens amor – eu, medo!...
[...]

ABREU, Casimiro de. *As primaveras*. São Paulo: Martin Claret, 2009. p. 119, 121.

[...]

Uma das garotas queria escrever um musical um dia, quando desse, já tinha a ideia toda do roteiro, uma história de amor e medo, ela disse, alguém lembrou que existia um poema com esse título, amor e medo, de um poeta do romantismo, não se lembrava do nome, tinha o livro em casa, pegaria para ela [...]

CARNEIRO, Flávio. *A confissão*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p. 200.

No trecho transcrito do romance *A confissão*, o protagonista remete a um poema de Casimiro de Abreu, o qual tematiza a relação amor e medo. Diante do desejo pela mulher amada, o que aproxima o eu lírico do poema e o protagonista do romance é a

- A) vontade mórbida de atrair e subjugar mulheres.
B) ânsia de corromper a inocência da amada.
C) falta de escrúpulos no jogo da sedução.
D) consciência dos efeitos da realização amorosa.
E) satisfação momentânea do prazer erótico.

- Leia o trecho do poema "Lembrança de morrer", do poeta Álvares de Azevedo (1831-1852), para responder às questões de 06 a 08.

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento¹.

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto o poento² caminheiro³...
Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre⁴ de um sineiro⁵

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia,
Só levo uma saudade – é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia⁶.

Lira dos vinte anos, 1996.

Vocabulário:

- ¹passamento: falecimento.
²poento: que tem poeira, poeirento.
³caminheiro: andarilho.
⁴dobre: toque do sino.
⁵sineiro: aquele que toca sino.
⁶embelecer: tornar belo.

06. (UEA/2017) Constituem termos que reforçam a ideia de desagregação ou dissolução explorada pelo poema:

- A) "enlaça", "passamento" e "pesadelo".
B) "derramem", "matéria" e "fogo".
C) "vivente", "adormece" e "tédio".
D) "rebentar", "desfolhem" e "desterro".
E) "lágrima", "deserto" e "consumia".

07. (UEA/2017) Uma característica da chamada "Segunda Geração Romântica", bastante evidente neste trecho do poema, é o

- A) erotismo. B) subjetivismo.
C) satanismo. D) nativismo.
E) nacionalismo.

08. (UEA/2017) Os dois versos iniciais da 3ª estrofe (“Eu deixo a vida como deixa o tédio / Do deserto o poento caminheiro...”) constituem uma oração cujos termos não estão em ordem direta (fenômeno linguístico conhecido como “hipérbato”).

Uma compreensão adequada dessa oração implica a seguinte leitura:

- A) O tédio deixa o poento caminheiro do deserto como eu deixo a vida.
- B) Eu deixo a vida do deserto como o poento caminheiro deixa o tédio.
- C) Eu deixo a vida como o poento caminheiro deixa o tédio do deserto.
- D) Eu deixo o poento caminheiro como a vida deixa o tédio do deserto.
- E) O poento caminheiro deixa a vida como eu deixo o tédio do deserto.

09.

NAMORO A CAVALO

Eu moro em Catumbi. Mas a desgraça
Que rege minha vida malfadada,
Pôs lá no fim da rua do Catete
A minha Dulcineia namorada.

Alugo (três mil réis) por uma tarde
Um cavalo de trote (que esparrela!)
Só para erguer meus olhos suspirando
À minha namorada na janela...

Todo o meu ordenado vai-se em flores
E em lindas folhas de papel bordado,
Onde eu escrevo trêmulo, amoroso,
Algum verso bonito... mas furtado.

Morro pela menina, junto dela
Nem ousou suspirar de acanhamento...
Se ela quisesse eu acabava a história
Como em toda a Comédia – em casamento...

Ontem tinha chovido... Que desgraça!
Eu ia a trote inglês ardendo em chama,
Mas lá vai senão quando uma carroça
Minhas roupas tafuis encheu de lama...

Eu não desanimei! Se Dom Quixote
No Rocinante erguendo a larga espada
Nunca voltou de medo, eu, mais valente,
Fui mesmo sujo ver a namorada...

Mas eis que ao passar pelo sobrado,
Onde habita nas lojas minha bela,
Por ver-me tão lodoso ela irritada
Bateu-me sobre as ventas a janela...

O cavalo ignorante de namoros
Entredentes tomou a bofetada,
Arrepiando-se, pula, e dá-me um tombo
Com as pernas para o ar, sobre a calçada...

Dei ao diabo os namoros. Escovado
Meu chapéu que sofrera no pagode,
Dei de pernas corrido e cabisbaixo
E berrando de raiva como um bode.

Circunstância agravante. A calça inglesa
Rasgou-se no cair de meio a meio,
O sangue pelas ventas me corria
Em paga do amoroso devaneio!...

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos Vinte Anos*.

Em relação ao texto anterior, todas as afirmativas são verdadeiras, exceto:

- A) O poema desfaz a sublimidade da relação amorosa, acentuando aspectos vulgares e/ou grotescos.
- B) O envolvimento do poeta com a situação narrada não lhe permite qualquer tentativa de autocrítica.
- C) O discurso poético explicita uma espécie de investimento frustrado, através do tratamento dado ao tema romântico.
- D) A ironia é construída pelo distanciamento da voz poética, ou seja, pelo jogo entre presente e passado.
- E) Há uma dissonância entre o discurso romântico-sentimental e o tom jocoso que a linguagem assume.

10. (Cefet-PR) O excerto a seguir foi extraído da obra *Noite na Taverna*, livro de contos escritos pelo poeta ultrarromântico Álvares de Azevedo (1831-1852).

“Uma noite, e após uma orgia, eu deixara dormida no leito dela a condessa Bárbara. Dei um último olhar àquela forma nua e adormecida com a febre nas faces e a lascívia nos lábios úmidos, gemendo ainda nos sonhos como na agonia voluptuosa do amor. Sai. Não sei se a noite era límpida ou negra; sei apenas que a cabeça me escaldava de embriaguez. As taças tinham ficado vazias na mesa: aos lábios daquela criatura eu bebera até a última gota o vinho do leite...”

Quando dei acordo de mim estava num lugar escuro: as estrelas passavam seus raios brancos entre as vidraças de um templo. As luzes de quatro círios batiam num caixão entreaberto. Abri-o: era o de uma moça. Aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na frente dela, naquela tez lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal-apertados... Era uma defunta!... e aqueles traços todos me lembravam uma ideia perdida... — era o anjo do cemitério! Cerrei as portas da igreja, que, eu ignoro por quê, eu achara abertas. Tomei o cadáver nos meus braços para fora do caixão. Pesava como chumbo...”

São Paulo: Moderna, 1997, p. 23

Com relação ao fragmento anterior, afirma-se:

- I. Acentua traços característicos da literatura romântica, como o subjetivismo, o egocentrismo e o sentimentalismo; ao contrário, despreza o nacionalismo e o indianismo, temas característicos da Primeira Geração romântica;
- II. Idealiza figuras imaginárias, mulheres incorpóreas ou virgens, personagens que confirmam o amor inatingível, idealizado na literatura ultrarromântica. Desta forma, no 1º parágrafo, o amor platônico não é superado pelo amor físico;
- III. Tematiza a morte, presente em grande parte da obra do autor.

Assinale a alternativa correta.

- A) Apenas I está correta.
- B) Apenas II e III estão corretas.
- C) I, II e III estão corretas.
- D) Apenas I e II estão corretas.
- E) Apenas I e III estão corretas.



Fique de Olho

Filho de Inácio de Loyola Álvares de Azevedo e Maria Luísa Mota Azevedo, Álvares de Azevedo passou a infância no Rio de Janeiro, onde iniciou seus estudos. Voltou a São Paulo (1847) para estudar na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, onde desde logo ganhou fama por brilhantes e precoces produções literárias. Destacou-se pela facilidade de aprender línguas e pelo espírito jovial e sentimental.

Durante o curso de Direito traduziu o quinto ato de *Otelo*, de Shakespeare; traduziu *Parisina*, de Lord Byron; fundou a revista da *Sociedade Ensaio Filosófico Paulistano* (1849); fez parte da Sociedade Epicureia; e iniciou o poema épico *O Conde Lopo*, do qual só restaram fragmentos.

Não concluiu o curso, pois foi acometido de uma tuberculose pulmonar nas férias de 1851-52, a qual foi agravada por um tumor na fossa ilíaca, ocasionado por uma queda de cavalo, falecendo aos 20 anos. A sua obra compreende: *Poesias diversas*, *Poema do Frade*, o drama *Macário*, o romance *O Livro de Fra Gondicário*, *Noite na Taverna*, *Cartas*, vários Ensaís (*Literatura e civilização em Portugal*, *Lucano*, *George Sand*, *Jacques Rolla*), e a sua principal obra *Lira dos vinte anos* (inicialmente planejada para ser publicada num projeto – As Três Liras – em conjunto com Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães). É patrono da cadeira 2 da Academia Brasileira de Letras.

Machado de Assis publicou no jornal *Semana Literária*, em 26/06/1866 uma análise de *Lira dos Vinte Anos*.

Atualmente tem suscitado alguns estudos acadêmicos, dos quais sublinham-se “O Belo e o Disforme”, de Cilaine Alves Cunha (EDUSP, 2000), e “Entusiasmo indianista e ironia byroniana” (Tese de Doutorado, USP, 2000); “O poeta leitor. Um estudo das epígrafes hugoanas em Álvares de Azevedo”, de Maria C. R. Alves (Dissertação de Mestrado, USP, 1999); “Álvares de Azevedo: A busca de uma literatura consciente”, de Gilmar Tenorio Santini (Dissertação de Mestrado, UNESP, 2007).

Suas principais influências são: Lord Byron, Goethe, François-René de Chateaubriand, mas principalmente Alfred de Musset.

Um aspecto característico de sua obra que tem estimulado mais discussão diz respeito a sua poética, que ele mesmo definiu como uma “binomia”, que consiste em aproximar extremos, numa atitude tipicamente romântica. É importante salientar o prefácio à segunda parte da *Lira dos Vinte Anos*, um dos pontos críticos de sua obra e na qual define toda a sua poética.

No segundo prefácio de *Lira dos Vinte Anos*, o seu autor nos revela a sua intencionalidade e o vincula de tal maneira ao texto poético, que a gratuidade e autonomia perdem espaço e revelam a intencionalidade do poeta, isto é, explicação de temas, motivos e outros elementos.

O autor de *Lira dos Vinte Anos* estabelece valores e critérios a sua obra. Revela-se, assim, uma verdadeira teorização programada da obra, transformando-se numa verdadeira teoria do conhecimento dos textos poéticos apresentados.

É evidente a explicitação de Álvares de Azevedo nessa postura consciente do fazer poético, afinal em seus prefácios há um alto grau de conhecimento quanto à proposta ultrarromântica, a qual exhibe um certo metarromantismo marcada pelo senso crítico.

É o primeiro a incorporar o cotidiano na poesia no Brasil, com o poema “Ideias íntimas”, da segunda parte da *Lira*.

Segundo alguns pesquisadores, Álvares de Azevedo que teria escolhido o título “As Três Liras”, pois havia uma garota – que até hoje ninguém sabe a identidade, muito bem escondida pelo Dr. Jaci Monteiro – que tocava esse instrumento.

Figura na antologia do cancioneiro nacional. E foi muito lido até as duas primeiras décadas do século XX, com constantes reedições de sua poesia e antologias. As últimas encenações de seu drama *Macário* foram em 1994 e 2001.

Wikipédia, a enciclopédia livre.

Seção Videoaula



A Segunda Geração da Poesia Romântica Brasileira

Aula

10

Romantismo III

C-5 H-15, 16

H-17

C-6 H-18

Poetas da Terceira Geração Romântica

Castro Alves (1847-1871)



Domínio Público

Castro Alves

Castro Alves, criança verdadeiramente sublime, é glória que se revigora nos dias de hoje pela intenção social que pôs na sua obra. Nasceu Antônio de Castro Alves (1847-1871) na fazenda Cabaceiras, a sete léguas da vila de Currálinho, hoje cidade de Castro Alves. Passou a infância no sertão natal, e em 1854 iniciou os estudos na capital baiana. Aos dezesseis anos foi mandado para o Recife a estudar Direito e ali os seus talentos de poeta e orador, a sua ardente simpatia pela causa abolicionista criaram-lhe desde logo uma auréola de genialidade. Mas quase a meio do curso, em 1867, apaixonado pela atriz portuguesa Eugênia Câmara, parte com ela para a Bahia, onde faz representar um mau drama em prosa – *Gonzaga ou a revolução de Minas* (1875). Era sua intenção concluir o bacharelado em São Paulo, aonde chegou no ano seguinte. A sua passagem pelo Rio assinalou-se pelos mesmos triunfos já alcançados em Pernambuco. Conta Afrânio Peixoto que o poeta, para distrair as mágoas amorosas que lhe dava a atriz inconstante, cultivava assiduamente o esporte da caça. Em fins de 1868, teve a infelicidade de ferir o pé com um tiro casual, do que resultou longa enfermidade em que teve de se submeter a várias intervenções cirúrgicas e finalmente à amputação. O depauperamento das forças conduziu-o à tuberculose pulmonar. Sem poder terminar o curso, regressa o poeta, doente e mutilado, à província natal em 1870, a procurar melhoras para a saúde no clima do sertão. Mas a tuberculose progrediu sempre e no ano seguinte faleceu Castro Alves na cidade da Bahia.

Publicara em 1870 o livro *Espumas flutuantes*, cantos por ele definidos como rebentando por vezes “ao estalar fatídico do látego da desgraça”, refletindo por vezes “o prisma fantástico da ventura ou do entusiasmo”. Vulgarmente melodramático na desgraça, simples e gracioso na ventura, o que constituía o genuíno clima poético de Castro Alves era o entusiasmo da mocidade apaixonada pelas grandes causas da liberdade e da justiça – as lutas da independência na Bahia, a insurreição dos negros de Palmares, o papel civilizador da imprensa, que ele pinta como uma deusa incruenta, surgindo das brumas da Alemanha, surgindo “alva, grande, ideal, banhada em luz estranha”, e acima de todas a campanha contra a escravidão. Mas este último tema não figurava nas *Espumas flutuantes*. As composições em que o tratava deveriam formar o poema *Os escravos* (1883), o qual teria como remate *A cachoeira de Paulo Afonso* (1876), que foi publicada postumamente. E o poeta deixou

ainda outras poesias avulsas que era sua intenção reunirem outro livro intitulado *Hinos do Equador* (1921).

A *cachoeira de Paulo Afonso* conta a história da escrava Maria, violentada pelo filho do senhor, o qual escapa à vingança do escravo Lucas, noivo da moça, graças à revelação, que faz a mãe deste, de ser ele seu irmão; o desfecho é o suicídio do casal negro, que se precipita em um barco à voragem da cachoeira. Serve de fundo ao drama a paisagem sertaneja evocada em várias partes do poema (“A tarde”, “A queimada”, “Crepúsculo sertanejo”, “O rio São Francisco”) com raro vigor de sugestão poética, em que não faltam as notas de vivo realismo pitoresco. Segundo Afrânio Peixoto, autor da edição mais completa do poeta, ao livro dos *Escravos* pertenceriam “Vozes d’África” e “O navio negreiro”, os dois poemas em que o poeta atingiu a maior altura do seu estro.

As “Vozes d’África” são uma soberba apóstrofe do continente escravizado a implorar justiça de Deus:

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu’estrela tu t’escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...

O que indignava o poeta era ver que o Novo Mundo, “talhado para as grandezas, p’ra crescer, criar, subir”, a América que conquistara a liberdade com formidável heroísmo, se manchava no mesmo crime da Europa:

Hoje em meu sangue a América se nutre
– Condor que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão,
Ela juntou-se às mais... irmã traidora
Qual de José os vis irmãos outr’ora,
Venderam seu irmão.

No “Navio negreiro” evoca o poeta os sofrimentos dos negros na travessia da África para o Brasil. Sabe-se que os infelizes vinham amontoados no porão e só subiam ao convés uma vez ao dia para o exercício higiênico, a dança forçada sob o chicote dos capatazes. É aqui o clímax do poema:

Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar do açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças... mas nuas, espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vão.

E ri-se a orquestra, irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...

O poema conclui com três oitavas reais, num misto de revolta e tristeza ao assinalar que a bandeira emprestada “para cobrir tanta infâmia e covardia” era o pendão brasileiro:

Auriverde pendão da minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que à luz do sol encerra,
E as promessas divinas da esperança...

Tu, que da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

E depois o brado final:
... Mas é infâmia demais... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

Em Castro Alves cumpre distinguir o lírico amoroso, que se exprime quase sempre sem ênfase e às vezes com exemplar simplicidade, como no formoso quadro de “Adormecida”, do épico social desmedindo-se em violentas antíteses, em retumbantes onomatopeias. A este último aspecto, há que levar em conta a intenção pragmática dos seus cantos, feitos para ser declamados na praça pública, em teatros ou grandes salas, verdadeiros discursos de poeta-tribuno. E há que reconhecer nele, mau grado os excessos e o mau gosto, a maior força verbal e a inspiração mais generosa de toda a poesia brasileira.

Sousândrade (1833-1902)



Domínio Público

Sousândrade

O maranhense Sousaândrade foi um poeta originalíssimo para sua época, por isso morreu quase desconhecido. Seu estilo ousado – baseado em efeitos sonoros inusitados, plurilinguismo, construção sintática inovadora – revela-se em *Obras poéticas*, *Harpa selvagem* e *Guesa errante*. O poeta, que viveu muitos anos nos Estados Unidos, conheceu um mundo totalmente diferente da realidade brasileira – grandes concentrações urbanas, capitalismo (feroz e competitivo) em ascensão – que transportou para seu livro *Guesa errante*. Nesse livro, retomando uma lenda quíchua, o autor narra o sacrifício de um adolescente indígena cujo coração é extraído pelos sacerdotes e seu sangue recolhido em vasos sagrados. A novidade é que os sacerdotes estão disfarçados de empresários e especuladores de Wall Street, em Nova York, onde Guesa refugiou-se. Sousaândrade só foi redescoberto recentemente pelos críticos de vanguarda.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1957.



Exercícios de Fixação

- Texto para a questão 01.

Era uma tarde triste, mas límpida e suave...
Eu — pálido poeta — seguia triste e grave
A estrada, que conduz ao campo solitário,
Como um filho, que volta ao paternal sacrário,

E ao longe abandonando o murmúrio da cidade

— Som vago, que gagueja em meio à insinuação,
 — No drama do crepúsculo eu escutava atento
 A surdina da tarde ao sol, que morre lento.

A poeira da estrada meu passo levantava,
 Porém minh'alma ardente ao céu azul marchava
 E os astros sacudia no voo violento
 — Poeira, que dormia no chão do firmamento.
 A pávida andorinha, que o vendaval fustiga,
 Procura os coruchéus da catedral antiga.
 Eu — andorinha entregue aos vendavais do inverno,
 la seguindo triste p'ra o velho lar paterno.

Castro Alves, "Boa Vista". In: *Espumas Flutuantes*.

Vocabulário:

coruchéu: torre pontiaguda.

múrmur: ruído, burburinho.

01. (Insper) Embora tenha se notabilizado pela poesia de caráter social, Castro Alves também se destacou por sua obra lírico- amorosa, na qual se encontram resquícios da chamada Segunda Geração Romântica. Recorrente no contexto cultural do Romantismo, a temática que se encontra nesse soneto é
- o bucolismo, através da busca da aproximação do poeta à vida simples do campo.
 - a crítica à postura escapista de buscar na natureza a solução para o sofrimento.
 - a busca da liberdade, através do rompimento dos laços afetivos com a família.
 - o envolvimento subjetivo dos elementos da natureza, ecoando o estado de espírito do poeta.
 - a evasão da realidade, buscando na morte o remédio para os dramas existenciais do poeta.
02. "Deus! Oh, Deus! Onde estás que não respondes?
 Em que mundo, em qu'estrelas tu t'escondes
 Embuçado nos céus?
 Há dois mil anos te mandei meu grito,
 Que embalde desde então corre o infinito...
 Onde estás, Senhor Deus?..."
- Esta é a primeira estrofe de um poema que é exemplo de:
- lirismo subjetivo, marcado pelo desespero do pescador arrependido.
 - lirismo religioso, exprimindo o anseio da alma humana em procura da divindade.
 - lirismo romântico de tema político-social, exprimindo o anseio do homem pela liberdade.
 - epopeia romântica da corrente indianista.
 - Romantismo nacionalista repassado da saudade que atormenta o poeta do exílio.
03. (Fuvest) Tomadas em conjunto, as obras de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves demonstram que, no Brasil, a poesia romântica
- pouco deveu às literaturas estrangeiras, consolidando de forma homogênea a inclinação sentimental e o anseio nacionalista dos escritores da época.
 - repercutiu, com efeitos locais, diferentes valores e tonalidades da literatura europeia: a dignidade do homem natural, a exacerbação das paixões e a crença em lutas libertárias.
 - constituiu um painel de estilos diversificados, cada um dos poetas criando livremente sua linguagem, mas preocupados todos com a afirmação dos ideais abolicionistas e republicanos.
 - refletiu as tendências ao intimismo e à morbidez de alguns poetas europeus, evitando ocupar-se com temas sociais e históricos, tidos como prosaicos.
 - cultuou sobretudo o satanismo, inspirado no poeta inglês Byron, e a memória nostálgica das civilizações da Antiguidade clássica, representadas por suas ruínas.

04.

"Auriverde pendão da minha terra,
 Que a brisa do Brasil beija e balança,
 Estandarte que a luz do sol encerra
 E as promessas divinas da esperança...
 Tu, que da liberdade após a guerra,
 Foste hasteado dos heróis na lança,
 Antes te houvessem roto na batalha,
 Que servires a um povo de mortalha.

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
 Extingue nessa hora o brigue imundo
 O trilho que Colombo abriu na vaga,
 Como um íris no pélagio profundo!...
 Mas é infâmia demais... Da etérea plaga
 Levantai-vos heróis do Novo Mundo...
 Andrada! Arranca esse pendão dos ares!
 Colombo! Fecha a porta dos teus mares!"

Os versos anteriores pertencem ao poema "O Navio Negreiro", de Castro Alves. Neles podem ser observadas as seguintes características desse autor da Terceira Geração da poesia romântica no Brasil:

- Poesia de comício, extrema apostrofação, típica grandiloquência.
- Poesia social, uso da natureza como pano de fundo, singeleza.
- Apostrofação, apego ao equilíbrio, pieguismo exagerado.
- Apego ao equilíbrio como forma de expressão, poesia social, valorização da natureza brasileira.
- Expressão dos estados de alma mais inflamados, valorização extrema da natureza.

05.

Texto I

Meu canto de morte,
 Guerreiros, ouvi:
 Sou filho das selvas,
 Nas selvas cresci;
 Guerreiros, descendo
 Da tribo Tupi
 Da tribo pujante,
 Que agora anda errante
 Por fado inconstante,
 Guerreiros, nasci;
 Sou bravo, sou forte,
 Sou filho do Norte;
 Meu canto de morte,
 Guerreiros, ouvi.
 (...)

DIAS, Gonçalves. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

Texto II

Se eu morresse amanhã, viria ao
 menos
 Fechar meus olhos minha triste irmã;
 Minha mãe de saudades morreria
 Se eu morresse amanhã!
 (...)
 Mas essa dor da vida que devora
 A ânsia de glória, o dolorido afã...
 A dor no peito emudecera ao menos
 Se eu morresse amanhã!
 (...)

AZEVEDO, Álvares de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1965.

Texto III

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu te escondes
embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei o meu grito,
Que embalde, desde então, corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?
(...)

ALVES, Antônio de Castro. *Poesias completas*. São Paulo: Nacional, 1952.

- Em relação aos fragmentos lidos, só **não** se pode afirmar que
- os três fragmentos constituem exemplos da poesia de cunho social produzida no Romantismo.
 - através de uma linguagem precisa e de um jogo de ritmos que conferem originalidade à sua poesia, o poema de Gonçalves Dias exalta a bravura do guerreiro tupi.
 - no fragmento de Álvares de Azevedo, a morte é entendida pelo eu poético como a possibilidade de solução para a sua crise existencial.
 - o fragmento do poema "Vozes d'África", de Castro Alves, é um exemplo da poesia de cunho abolicionista, na qual o poeta externa a dor das civilizações subjogadas.
 - os fragmentos expressam três momentos distintos da produção poética do Romantismo, correspondendo, respectivamente, à Primeira, à Segunda e à Terceira gerações românticas.



Exercícios Propostos

- Leia o texto a seguir para responder às questões de **01** e **02**.

A DUAS FLORES

São duas flores unidas,
São duas rosas nascidas
Talvez no mesmo arrebol
Vivendo no mesmo galho,
Da mesma gota de orvalho,
Do mesmo raio de Sol.

Unidas, bem como as penas
Das duas asas pequenas
De um passarinho do céu ...
Como um casal de rolinhas,
Como a tribo de andorinhas
Da tarde no frouxo véu.

Unidas, bem como os prantos,
Que em parêntese descem tantos
Das profundezas do olhar...
Como o suspiro e o desgosto,
Como as covinhas do rosto,
Como as estrelas do mar.

Unidas... Ai quem pudera
Numa eterna primavera
Viver, qual vive esta flor.
Juntar as rosas da vida
Na rama verde e florida,
Na verde rama do amor!

ALVES, Castro. *Espumas flutuantes*.

- Predominam no poema:
A) elementos que traduzem dúvida.
B) elementos que traduzem comparação.
C) elementos que traduzem desejo.
D) elementos que traduzem lamento.
E) elementos que traduzem desgosto.
 - Assinale a proporção adequada.
A) duas flores: galho – rosas da vida: rosas do amor.
B) duas flores: rama do amor – galho: rosas.
C) duas flores: rosas da vida – galho: rama do amor.
D) rosas do amor: galho da vida – duas flores: rama do amor.
E) galho: gota de orvalho – suspiros: covinhas.
- Textos para as questões de **03** a **06**.

Texto I

TERNURA

Eu te peço perdão por te amar de repente
Embora o meu amor seja uma velha canção nos teus
[ouvidos.

Das horas que passei à sombra dos teus gestos
Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos

- 5 Das noites que vivi acalentado
Pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo
Trago a doçura dos que aceitam meloncolicamente.
E posso te dizer que o grande afeto que te deixo
Não traz o exaspero das lágrimas nem a fascinação das
[promessas

- 10 Nem as misteriosas palavras dos véus da alma...
É um sossego, uma unção, um transbordamento de
[carícias

E só te pede que te repouses quieta, muito quieta
E deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem
[fatalidade o olhar extático aurora.

MORAES, Vinicius de. "Ternura". *Antologia poética*. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 76.

Texto II

AMAR E SER AMADO

Amar e ser amado! Com que anelo
Com quanto ardor este adorado sonho
Acalentei em meu delírio ardente
Por essas doces noites de desvelo!

- 5 Ser amado por ti, o teu alento
A bafejar-me a abrasadora frente!
Em teus olhos mirar meu pensamento,
Sentir em mim tu'alma, ter só vida
P'ra tão puro celeste sentimento:
- 10 Ver nossas vidas quais dois mansos rios,
Juntos, juntos perderem-se no oceano —,
Beijar teus dedos em delírio insano
Nossas almas unidas, nosso alento,
Confundido também, amante — amado —
- 15 Como um anjo feliz... que pensamento!?

ALVES, Castro. *Amar sem ser amado*. Disponível em: <<http://www.jornaldepesia.jor.br/calves15.htm#amar->>. Acesso em: 16 out. 2013.

- (Uefs) Os versos do texto I revelam que o sujeito poético
A) explicita sua vassalagem amorosa, marcada pela submissão e pelo sofrimento diante do ser desejado.
B) ironiza o amor não correspondido, marcado pelo distanciamento e pela indiferença da pessoa amada.
C) sugere um convite ousado e fascinante, ao oferecer a eternidade e o êxtase por meio de uma noite de amor.

- D) aceita a existência de um amor platônico, que se redime diante de um sofrimento amoroso inquietante e angustiado.
- E) admite, ao ser amado, em tom de aquiescência, que seu sentimento não é recente, mas garante que é comedido e suave.
04. (Uefs) O verso que, no texto I, revela uma sensação sinestésica da voz poética diante do ser amado é o transcrito na alternativa
- A) "Embora o meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos" (v. 2).
- B) "Das horas que passei à sombra dos teus gestos" (v. 3).
- C) "Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos" (v. 4).
- D) "Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente." (v. 7).
- E) "É um sossego, uma unção, um transbordamento de carícias" (v. 11).
05. (Uefs) Referendado pelas condições de produção do Romantismo, o sujeito poético, no texto II, vê o amor como um(a)
- A) sentimento incapaz de mudar a realidade, caracterizado pelo pessimismo e pela insatisfação existencial.
- B) constante evasão por meio de um sonho capaz de idealizar a relação amorosa intensa em que os amantes se fundem em um único ser.
- C) metáfora da união dos amantes, mesmo diante de todas as dificuldades descritas para a realização da experiência amorosa.
- D) idealização do sentimento platônico que se torna suficiente para satisfazer o eu poético e abandonar o seu projeto de concretização amorosa.
- E) expressão carregada de sensualidade que descreve, de forma surrealista, o contato físico entre o ser que ama e que é amado.
06. (Uefs) Comparando os aspectos temáticos do texto "Ternura", de Vinícius de Moraes, com os de "Amar e ser amado", de Castro Alves, é correto afirmar:
- A) O conceito de amor, nos dois poemas, por fazerem parte de contextos históricos diferentes, é variável, como se observa no poema de Vinícius de Moraes, que revela uma crítica à postura melancólica e idealizadora presente no de Castro Alves.
- B) O poema de Castro Alves constrói a figura do ser amado a partir da proposta ideológica do Romantismo, já o de Vinícius de Moraes desconstrói a imagem da mulher idealizada e pura.
- C) O amor, no primeiro texto, de caráter prosaico, é desconstruído pela experiência concreta, ao contrário do amor recatado apresentando no segundo.
- D) Os versos de Vinícius de Moraes explicitam uma valorização do amor, presente também no poema de Castro Alves, resgatando, assim, características do Romantismo.
- E) Os dois poemas, por meio de vocativos, dialogam com a pessoa amada, colocando-a na condição de um ser inatingível e platônico.
07. (UFV-MG) A ficção romântica é repleta de sentimentalismos, inquietações, amor como única possibilidade de realização, personagens burguesas idealizadas, culminando sempre com o habitual "... e foram felizes para sempre". Assinale a alternativa que não corresponde à afirmação anterior:
- A) O amor constitui o objetivo fundamental da existência e o casamento, o fim último da vida.
- B) Não há defesa do casamento e da continência sexual anterior a ele.
- C) A frustração amorosa leva, incondicionalmente, à morte.
- D) Os protagonistas são retratados como personagens belas, puras, corajosas.
- E) A economia burguesa determina os gostos e a maneira de ver o mundo ficcional romântico.
08. "Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança.
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança.
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha."
- O texto anterior, excerto de um poema épico de Castro Alves, pode ser classificado como
- A) byroniano. B) místico.
- C) sintético. D) antitético.
- E) condoreiro.
09. (UFRGS/2005) Leia as afirmações a seguir, sobre Sousândrade.
- I. Trata-se de um autor maranhense do século XIX, cujo nome verdadeiro é Joaquim de Sousa Andrade, quase desconhecido dos contemporâneos românticos;
- II. "O Guesa" é um longo poema narrativo, composto sobre uma lenda quíchua que narra o sacrifício de um jovem imolado por sacerdotes;
- III. O poema "O Guesa" traz para a literatura brasileira temas do capitalismo mundial, entre os quais o da Bolsa de Nova Iorque.
- Quais estão corretas?
- A) Apenas I. B) Apenas II.
- C) Apenas III. D) Apenas I e II.
- E) I, II e III.
10. Essa obra conta a história da escrava Maria, violentada pelo filho do senhor, o qual escapa à vingança do escravo Lucas, noivo da moça, graças à revelação, que faz a mãe deste, de ser ele seu irmão; o desfecho é o suicídio do casal negro. Trata-se do enredo da obra de Castro Alves intitulada
- A) *Espumas flutuantes*. B) *Os escravos*.
- C) *Hinos do Equador*. D) *A cachoeira de Paulo Afonso*.
- E) *Vozes d'África*.

Seção Videoaula



A Terceira Geração da Poesia Romântica Brasileira

Bibliografia

- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. Cultrix.
- CALLADO, Antonio (s.d.) *Retrato de Portinari*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.
- CORTESÃO, Jaime [1994] *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- DIONÍSIO, Mário (1963); Portinari (1903-1962).
- FISCHER, Luís Augusto. *Literatura Brasileira: modos de usar*. Porto Alegre: LP&M, 2008.
- GONZAGA, Sergius. *Manual de Literatura Brasileira*. 14. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. Cultrix.
- NICOLA, José de. *Literatura Brasileira*. Scipione.
- OLIVEIRA, Ana Tereza Pinto de. *Literatura brasileira: teoria e prática*. 1. ed. – São Paulo: Rideel, 2006.
- PONTES, Marta. *Minimanual de redação e literatura*. São Paulo: DCL, 2010.

LÍNGUA PORTUGUESA III

PRODUÇÃO TEXTUAL

Objetivo(s):

- Capacitar o aluno a produzir textos que, sem transgredir a norma culta, demonstrem competência reflexiva e crítica.
- Estudar a estrutura e os componentes da carta e do manifesto a fim de produzi-los com eficiência e eficácia, conforme a exigência dos vestibulares.
- Estudar os aspectos formais da língua a fim de se escrever com correção e clareza.
- Saber selecionar e relacionar ideias e argumentos tese e argumentos a fim de alcançar nível máximo na competência III.
- Estudar os mecanismos de citação como estratégias argumentativas.
- Analisar redações nota 1000 para apreender suas características fundamentais e pô-las em prática.
- Estudar os modos de interpretar temas e textos motivadores para ter domínio temático.
- Exercitar leitura crítica a fim de fomentar a prática redacional.
- Treinar redação a partir de temas importantes da contemporaneidade.

Conteúdo:

AULA 06: A CARTA, A CARTA ABERTA E O MANIFESTO

A carta	88
A carta aberta	88
O manifesto	89
Exercícios	96

AULA 07: ANATOMIA DE UMA REDAÇÃO NOTA 1000

Análise do texto por competência.....	99
Análise da estrutura do texto.....	99
Exercícios	105

AULA 08: COMO SELECIONAR E RELACIONAR IDEIAS E ARGUMENTOS

Introdução	109
Exercícios	114

AULA 09: COMO FAZER UMA CITAÇÃO EFICAZ

Introdução	118
Exercícios	126

AULA 10: COMO INTERPRETAR O TEMA E OS TEXTOS MOTIVADORES

Introdução	129
Exercícios	138

A carta

É uma correspondência escrita de um emissor para um destinatário, versando sobre um ou vários assuntos. Há vários tipos de carta: a comercial, a pessoal, a argumentativa, a de leitor, a aberta etc.

Estrutura

1. Local e data.
2. Vocativo (o nível de formalidade e o tratamento vão depender do destinatário).
3. Texto: abra um parágrafo para cada argumento/fato (isto facilita a construção do texto).
4. Saudação final (o nível de formalidade vai depender do destinatário).
5. Em toda carta, não se devem esquecer as marcas de interlocução, que começam no vocativo e continuam no corpo da carta. Trata-se de identificadores textuais do interlocutor ou destinatário (Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Senhor, Você etc.)
6. Não se deve assinar a carta em prova de vestibular ou concurso, exceto se houver solicitação expressa.

Carta de leitor		
O destinatário é editor ou redator da revista a quem se dirige a carta.	Esse texto se assemelha ao modelo geral das cartas argumentativas, no entanto não é obrigatório o cabeçalho com local e data.	No geral, é um texto bastante objetivo e conciso.

Exemplo

Rio de Janeiro, 20 de novembro 1904.

Meu caro Nabuco,

Tão longe, e em outro meio, chegou-lhe a notícia da minha grande desgraça, e você expressou a sua simpatia por um telegrama. A única palavra com que lhe agradei é a mesma que ora lhe mando, não sabendo outra que possa dizer tudo o que sinto e me acabrunha. Foi-se a melhor parte da minha vida e aqui estou só no mundo. Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata, porque é um modo de viver com ela, ouvi-la, assistir aos mil cuidados que essa companheira de 35 anos de casados tinha comigo; mas não há imaginação que não acorde, e a vigília aumenta a falta da pessoa amada. Éramos velhos, e eu contava morrer antes dela, o que seria um grande favor; primeiro, porque não acharia a ninguém que melhor me ajudasse a morrer; segundo, porque ela deixa alguns parentes que a consolariam das saudades, e eu não tenho nenhum. Os meus são amigos, e verdadeiramente são os melhores; mas a vida os dispersa, no espaço, nas preocupações do espírito e na própria carreira que a cada um cabe. Aqui me fico, por ora na mesma casa, no mesmo aposento, com os mesmos adornos seus. Tudo me lembra a minha meiga Carolina.

Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará.

Não posso, caro amigo, responder agora à sua carta de 8 de outubro; recebi-a dias depois do falecimento de minha mulher, e você compreende que apenas posso falar deste fundo golpe.

Até outra e breve; então lhe direi o que convém ao assunto daquela carta que, pelo afeto e sinceridade, chegou à hora dos melhores remédios. Aceite este abraço do triste amigo velho.

Machado de Assis

Obs.: Machado de Assis tinha 65 anos quando Carolina, sua mulher, morreu em 1904; viveria ainda quatro anos. Joaquim Nabuco, um de seus melhores amigos, era dez anos mais moço e correspondia-se com Machado desde a adolescência.

A carta aberta

É um texto de intenção persuasiva, que denuncia um problema, ou reivindica algo; que pretende conscientizar pessoas e entidades a respeito dele; que objetiva também mobilizar os interessados, para que sejam encontradas soluções. Os verbos devem estar, predominantemente, no presente. Deve haver rigor na utilização dos pronomes de tratamento, se for o caso. O(s) autor(es) pode(m) se colocar pessoalmente, em 1ª pessoa, ou de forma impessoal.

Estrutura

1. Título – que identifica o destinatário.
2. Texto – de natureza persuasiva/reivindicatória, que anuncia e discute o problema, exigindo solução.
3. Local e data (facultativos)

Exemplo:

CARTA ABERTA AO POVO BRASILEIRO SOBRE A DEVASTAÇÃO DA AMAZÔNIA

Nós, pintores, músicos, arquitetos, diretores e outros representantes da classe artística brasileira, vimos, por meio desta, declarar nossa mais profunda indignação contra as práticas de agressão e de devastação à nossa Floresta Amazônica. É com tristeza que assistimos ao Poder Público legitimar o desmatamento desse importante bioma mundial.

Com efeito, o maior bem natural do País está sendo afanado de nós enquanto “a força da grana ergue e destrói coisas belas”, como bem musicalizou nosso companheiro Caetano Veloso. Essa “grana”, não verde quanto nossa floresta, mas poderosa como tal, compete com espécies nativas da fauna e da flora amazônica. Infelizmente, ignorando o patrimônio biótico e abiótico local, as madeireiras e os agroexportadores ceifam nossas árvores e impedem, inexoravelmente, a possibilidade de desenvolvimento científico e tecnológico dali. É urgente que cobremos desses setores a responsabilidade sobre o futuro desse bioma.

Dessa perspectiva nefasta sofre, também, o patrimônio cultural. A expulsão das comunidades ribeirinhas, ou mesmo das que vivem no baixo platô amazônico, com a intenção de desmatar a mata virgem, ocasiona uma perda irreversível ao legado cultural daquela região, bem como ao do Brasil. Então, o governo, principalmente o de um país cuja origem é miscigenada como a nossa, não pode ser conivente com a imposição de interesses comerciais sobre o modo de vida genuíno das comunidades que ali vivem ou sobre o próprio patrimônio natural brasileiro. Onde está a fiscalização? Onde estão os esforços prometidos para acabar com o desmatamento ilegal? A demagogia vence, mais uma vez, em detrimento do uso sustentável do meio ambiente.

Portanto, para desacelerar os efeitos dessa devastação suja, deve-se assegurar o § 4º, do Artigo 225 da Constituição Federal: “A Floresta Amazônica é patrimônio nacional, e sua utilização far-se-á, na forma da lei, dentro de condições que assegurem a preservação do meio ambiente, inclusive quanto ao uso dos recursos naturais”. O século XXI é o período perfeito para garantir o estado cultural e histórico da Amazônia, bem como seus direitos constitucionais. Somos todos Amazônia!

(Texto produzido por Átila Paraguassu)

Obs.: Se, na proposta de redação, a carta for endereçada a uma autoridade, o uso dos devidos pronomes de tratamento é obrigatório. Exemplo do título de uma carta aberta à presidente da República: Carta aberta à Excelentíssima Senhora Presidente da República.

O manifesto

Texto de intenção persuasiva, que objetiva alertar sobre um problema, ou fazer uma denúncia. No campo das artes, o manifesto representa as tendências que identificam e caracterizam uma determinada estética.

Estrutura

1. Título.
2. Identificação e análise do problema: argumentos que fundamentem o ponto de vista do(s) autor(es).
3. Local e data,
4. Verbos predominantemente no presente.

Exemplo

MANIFESTO CONTRA TODAS AS FACETAS DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Considerando o eminente avanço do Estado Islâmico, nós, cidadãos brasileiros, sentimo-nos ensejados a declarar nosso completo e absoluto repúdio às práticas e ao ensinamento de intolerância religiosa em toda a escala mundial.

Frustramo-nos, de fato, ao ver o princípio do convívio pacífico com o indivíduo de outra crença abatido por pessoas que, na prerrogativa religiosa, se julgam superiores ou “mais corretas” que outras. Atualmente, o referencial de bárbaro, nesse sentido, com certeza é o Estado Islâmico, ou melhor, o Antiestado Não Islâmico: essa organização, além de não ser um Estado propriamente dito, luta contra a formação política e cultural de vários países ocidentais e não segue os pressupostos do Islamismo genuíno ao mal interpretar os fundamentos da Jihad, o esforço de conversão, promovendo o ódio entre culturas e reproduzindo barbáries em nome de Alá.

No entanto, esse é o extremo da incomplacência religiosa, não se tratando de um caso isolado no Oriente Médio, já que nossa sociedade está repleta de fundamentalismo religioso. Essa prática oferece pressupostos ao sectarismo em todos os continentes do planeta. No Brasil, uma criança adepta do Candomblé foi apedrejada por sua crença; nos Estados Unidos, casamentos homoafetivos foram impedidos de serem realizados pela convicção religiosa da escritã. Enquanto não defendermos a liberdade religiosa, aos que creem e aos que não creem, essas práticas continuarão a ceifar nossos direitos e a ameaçar a convivência harmoniosa entre os diferentes.

Nós, então, não estaremos em paz com nossos credos enquanto os culpados não forem punidos – e é dever do Estado de Direito garantir tal repreensão. Devemos educar nossos filhos de maneira que aceitem as diferenças, não só religiosas, mas culturais, sexuais e raciais. Vamos, juntos, construir uma sociedade igualitária e compreensiva! Vamos, todos, vencer essa batalha contra o fundamentalismo e a barbárie!

Fortaleza, 26/11/15.
(Texto produzido por Átila Paraguassu.)

ESTUDO DE CASO

INGAIA SOCIEDADE

No poema “A Ingaia Ciência”, Drummond relata a amargura oriunda do fato de estar envelhecendo, melancolia muito presente na terceira fase da poesia drummondiana, tendo em vista a incapacidade do poeta em superar as decepções da maturidade. No entanto, décadas após esse relato, o idoso brasileiro ainda permanece em um precário estado. Isso se deve, sobretudo, à ineficácia do Estado em contemplar o Artigo 3º do Estatuto do Idoso e à ausência, no Ocidente, de uma cultura de respeito aos mais velhos.

Nesse contexto, as antigas pólis gregas são um histórico exemplo de valorização de dos idosos — elas possuíam conselhos formados por anciãos, as Gerúsias, os quais eram dotados de poder administrativo, legislativo e judiciário, autoridade oriunda da importância conferida à sabedoria empírica dos mais velhos. Tal característica, contudo, não foi herdada pela civilização ocidental hodierna, uma vez que, no Brasil, o indivíduo da terceira idade não é valorizado pela experiência de vida adquirida, sendo visto como um objeto desgastado, indigno de proteção e de direitos básicos; tal objetificação é um claro sinal da “líquida” inconstância do homem contemporâneo, o qual, assim como a pesada rocha empurrada por Sísifo, personagem da mitologia grega, atinge o topo da montanha somente para cair — a “queda”, nesse caso, representa a decadência social do indivíduo após a maturidade. Desse modo, sofrendo com o forte preconceito por parte das camadas mais jovens e desvalorizado como membro da sociedade, o idoso brasileiro é, diariamente, vítima de “microagressões” — a exemplo do desrespeito aos assentos preferenciais no transporte público — e violência física, tornando, para esse segmento, a vida um sisífico labor.

Ademais, a modernista Cecília Meireles, no poema “Retrato”, descreve, com imensa sensibilidade, a mudança psicológica e física do ser diante do tempo. O poema, por meio da linguagem emotiva, evidencia a humanidade do indivíduo idoso, característica a qual é, atualmente, desconsiderada. Isso ocorre, principalmente, porque não há esforços eficientes, por parte do Estado, para inserir o idoso na sociedade ativa, distanciando-o do convívio social e econômico. Assim, além de violar o Estatuto do Idoso, esse isolamento pode levar ao desenvolvimento de doenças psicossomáticas, pois o ser humano é social, piorando, ainda mais, a qualidade de vida desse segmento.

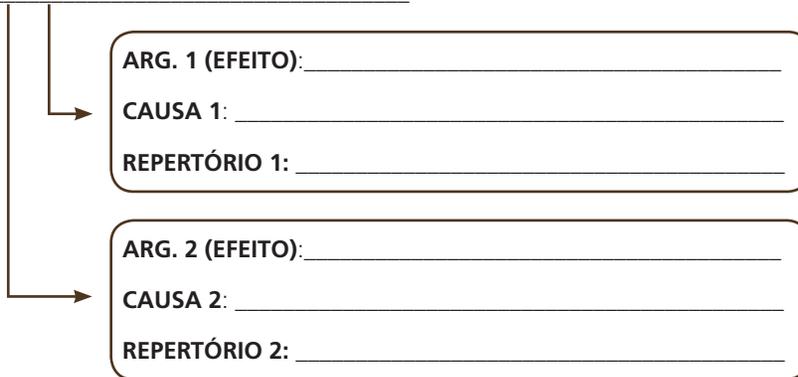
O respeito ao idoso é, portanto, imprescindível para o crescimento tanto individual quanto coletivo. Por isso, é mister as famílias valorizarem mais os parentes mais velhos, realizando ações de respeito, como diálogo e visitas constantes, a fim de ensinar aos mais jovens o valor da terceira idade. Outrossim, faz-se necessário o Governo realizar ações de valorização do Estatuto do Idoso, por meio de campanhas que demonstrem a importância desse cidadão para a sociedade. Assim, poder-se-á tornar a maturidade uma fase deleitosa, cujo caráter “ingaio” seja somente uma licença poética da terceira fase drummondiana.

Eva Caroline F. Moura
Anual FB SP

RECONHECENDO O PLANEJAMENTO DA REDAÇÃO

TEMA: A SITUAÇÃO DOS IDOSOS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO.

TESE (NEGATIVA): _____



SOLUÇÃO:

1. AGENTE: _____
2. AÇÃO: _____
3. DETALHAMENTO: _____
4. MEIO: _____
5. FINALIDADE/EFEITO: _____

Respostas:

- Solução:
- 1. Agente: família
 - 2. Ação: valorizar os mais velhos
 - 3. Detalhamento: diálogo e visitas
 - 4. Meio: ações de respeito
 - 5. Finalidade: ensinar o respeito aos mais jovens.
- Arg. 1: ausência de cultura de respeito ao idoso
Efeito 1: o idoso é vítima de “microagressões”
Repertório 1: pólis grega
- Arg. 2 (causa): ineficácia do Estado
Efeito 2: não valorização do Estatuto do Idoso
Repertório 2: Estatuto do Idoso



Fique de Olho

ASPECTOS FORMAIS DA LÍNGUA

Na medida em que × À medida que

Trata-se de locuções que apresentam sentidos diferentes. Antes, porém, de conhecer o uso formal delas, é preciso acautelar-se da fusão das duas para jamais empregá-las: Na medida que/À medida em que. Esse cruzamento é condenável.

Na medida em que – usa-se para expressar ideia de causa.

Ex.: Os erros são superados **na medida em que** são compreendidos.
(Os erros são superados **porque** são compreendidos)

À medida que – usa-se para expressar ideia de proporcionalidade (à proporção que).

Ex.: À medida que se lê qualitativamente, escreve-se melhor.
(À proporção que se lê qualitativamente, escreve-se melhor.)

Cuidado!

O número de erros redacionais aumentava **na medida que** se negligenciava a leitura. (Errado)

O número de erros redacionais aumentava **à medida em que** se negligenciava a leitura. (Errado)

O número de erros redacionais aumentava **à medida que** se negligenciava a leitura. (Certo)

Ao invés de × Em vez de

O primeiro é usado para exprimir oposição; segundo, substituição.

Ao invés de o preço subir, desceu. (Subir opõe-se a descer)

Em vez de comprar uma casa, comprou um carro.
(Como casa não se opõe a carro, substituiu-se a compra de um pela de outro).

Cuidado! Não existe a forma “Ao **invez** de”.

Onde × Aonde

Emprega-se **onde** quando o verbo que se relaciona com essa palavra é estático, ou seja, não indica movimento.

Ex.: Onde você está? (Quem está, está **em** algum lugar.)

Quero saber onde você mora. (Quem mora, mora **em** algum lugar.)

Quando, porém, o verbo indica movimento, emprega-se o termo **aonde**.

Ex.: Aonde você foi? (Quem foi, foi a algum lugar.)

Quero saber aonde você vai amanhã. (Quem vai, vai **a** algum lugar.)

Ao mesmo tempo que × Ao mesmo tempo em que

A locução conjuntiva temporal legítima é “ao mesmo tempo que”. É espúria, e portanto errada, a intercalação do “em” nessa locução.

Ele pensa na vida ao mesmo tempo que trabalha. (Ele pensa na vida enquanto trabalha.)

Come ao mesmo tempo em que lê. (Errado)

Come ao mesmo tempo que lê. (Certo)

Em detrimento de × Em detrimento a

A expressão correta é “em detrimento de”, e não a outra. Detrimento significa prejuízo, dano. Seu antônimo é “em favor de”, “em benefício de”.

O deputado votou em detrimento dos interesses do povo.
(= o deputado contrariou os interesses do povo)

Ao encontro de × De encontro a

As duas locuções estão corretas, mas têm funções diferentes. Quem vai ao encontro de algo ou de alguém, vai em paz, em harmonia, em busca de união, de coalizão, favoravelmente etc. Quem, porém, vai **de encontro a** algo ou a alguém, vai em colisão, na contramão, em confronto, desunião, desfavoravelmente etc. Examine os seguintes exemplos:

O pensamento dele foi ao encontro do meu. (pensamentos em harmonia, união)

O pensamento dele foi de encontro ao meu. (pensamentos em desarmonia, em conflito)

As ideias dela foram ao encontro das minhas. (ideias compatíveis, favoráveis)

As ideias dela foram de encontro às minhas. (ideias incompatíveis, contrárias, desfavoráveis)

Vírgula antes da conjunção e

A vírgula antes da conjunção **e** só tem vez se dois requisitos estiverem presentes:

- a conjunção **e** deve ligar orações com sujeitos diferentes;
- a falta da vírgula pode conduzir a uma leitura ambígua.

A vocação do Brasil é a produção de alimentos **e os setores do agronegócio** estão organizados para produzir e preservar.

No exemplo, a vírgula é necessária para deixar claro que “os setores do agronegócio” são o sujeito da segunda oração, e não objeto direto da primeira. Sem a vírgula, uma primeira leitura poderia ser “A vocação do Brasil é a produção de alimentos e os setores do agronegócio”.

Para evitar a ambiguidade, a vírgula é obrigatória:

A vocação do Brasil é a produção de alimentos, **e os setores do agronegócio** estão organizados para produzir e preservar.

Abaixo, outros exemplos que preenchem os dois requisitos para o uso obrigatório da vírgula:

A eleição se dará simultaneamente às eleições **para deputados federais, e os parlamentares do Mercosul** terão mandato de quatro anos.

Para ele, o Brasil está vivendo um momento singular em que milhões de pessoas excluídas e invisíveis estão começando a ascender como cidadãos, **e conduzir esse processo é um dos maiores desafios do país.**

— Nesse tipo de agressão, o anonimato tende **a aumentar a crueldade dos comentários e das ameaças, e os efeitos tendem a ser extremamente graves.** Muitas vezes, o *bullying* resulta em transtornos irreversíveis, causadores até mesmo de suicídio.

Agora um exemplo em que o uso da vírgula não é necessário. Há dois sujeitos na frase, mas a falta da vírgula não prejudica a leitura. Veja:

O senador considerou constitucional a medida provisória que dá ao Banco Central a competência **para a regulação, e disse que** o caminho mais seguro seria a aprovação de uma lei complementar.

O senador considerou constitucional a medida provisória que dá ao Banco Central a competência **para a regulação e disse que** o caminho mais seguro seria a aprovação de uma lei complementar.

O senador considerou constitucional a medida provisória que dá ao Banco Central a competência para a regulação. **Disse também que** o caminho mais seguro seria a aprovação de uma lei complementar.

Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-estilo/estilo/virgula-antes-da-conjuncao-e>> (Adaptado)

Onde/em que

Onde indica lugar físico

Se não for lugar físico, use **em que, no qual, na qual**.

Ela registrou ainda reunião da bancada de parlamentares do Nordeste nesta quarta, **na Câmara dos Deputados, onde** senadores e deputados trataram dos investimentos da Petrobras no Nordeste.

O projeto aguarda designação do relator na **Comissão de Assuntos Sociais (CAS)**, onde receberá decisão terminativa.

A cota mínima de 50% deve espelhar a participação de negros, pardos e indígenas na população do **estado onde** a instituição de ensino estiver localizada.

O filósofo lembrou que a palavra é fundamental ~~na democracia, onde~~ **(na democracia, regime de governo em que)** todos têm direito à fala e à escrita e, por esses meios, buscam persuadir uns aos outros.

O governo divulgou ~~nota onde~~ **(em que)** nega irregularidades nos contratos com empreiteiras.

~~No caso do petróleo, onde~~ a realidade não é diferente”, Ela disse que a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) tem demonstrado pouca capacidade para regular o setor.

Sugestão:

Ela disse que no caso do petróleo a realidade não é diferente. Para ela, a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) tem demonstrado pouca capacidade para regular o setor.

Até o momento, observou a embaixadora, ainda não há perspectivas de recuperação econômica **na Europa, onde** o desemprego já alcança 11% da população economicamente ativa.

— O Partido passou da ~~fase onde~~ **(fase em que)** só pensava em eleger deputados federais e estaduais, vereadores e senadores e passamos a disputar a eleição em cidades de grande porte que podem jogar um papel destacado na vida política do Brasil. É esse nosso propósito — disse.

O senador leu, em Plenário, a ~~apresentação do livro, assinada por ele, onde~~ **(em que)** conta como conheceu e ajudou aqueles vendedores a se tornarem cooperados e assegurarem seus espaços de trabalho no parque.

Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/estilo/onde-x-em-que> (adaptado)

Pronomes de tratamento

Concordância com os pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento (ou de segunda pessoa indireta) apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal. Embora se refiram à segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), levam a concordância para a terceira pessoa. É que o verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: “Vossa Senhoria nomeará o substituto”; “Vossa Excelência conhece o assunto”.

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: “Vossa Senhoria nomeará seu substituto” (e não “Vossa ... vosso...”).

Já quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é *Vossa Excelência está atarefado*, *Vossa Senhoria deve estar satisfeito*; se for mulher, *Vossa Excelência está atarefada*, *“Vossa Senhoria deve estar satisfeita”*.

Emprego dos pronomes de tratamento

Como visto, o emprego dos pronomes de tratamento obedece a secular tradição. São de uso consagrado:

Vossa Excelência, para as seguintes autoridades:

a) do Poder Executivo;

Presidente da República;
Vice-Presidente da República;
Ministros de Estado;
Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal;
Oficiais-Generais das Forças Armadas;
Embaixadores;
Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial;
Secretários de Estado dos Governos Estaduais;
Prefeitos Municipais.

b) do Poder Legislativo:

Deputados Federais e Senadores;
Ministro do Tribunal de Contas da União;
Deputados Estaduais e Distritais;
Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais;
Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) do Poder Judiciário:

Ministros dos Tribunais Superiores;
Membros de Tribunais;
Juizes;
Auditores da Justiça Militar.

O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é Excelentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,
Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Senhor Senador,
Senhor Juiz,
Senhor Ministro,
Senhor Governador,

Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento **digníssimo (DD)**, às autoridades arroladas na lista anterior. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

Vossa Senhoria é empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é:

Senhor Fulano de Tal,
(...)

Como se depreende do exemplo acima, fica dispensado o emprego do superlativo **ilustríssimo** para as autoridades que recebem o tratamento de **Vossa Senhoria** e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento Senhor.

Acrescente-se que **doutor** não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por doutor os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações.

Mencionemos, ainda, a forma **Vossa Magnificência**, empregada por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade.

Corresponde-lhe o vocativo:
Magnífico Reitor,
(...)

Os pronomes de tratamento para religiosos, de acordo com a hierarquia eclesiástica, são:
Vossa Santidade, em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é:
Santíssimo Padre,
(...)

Vossa Eminência ou **Vossa Eminência Reverendíssima**, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo:
Eminentíssimo Senhor Cardeal, ou
Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal,
(...)

Vossa Excelência Reverendíssima é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos; **Vossa Reverendíssima** ou **Vossa Senhora Reverendíssima** para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos. **Vossa Reverência** é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

Fechos para Comunicações

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria nº 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, este Manual estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

- para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:
Respeitosamente,
- para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:
Atenciosamente,

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a autoridades estrangeiras, que atendem a rito e tradição próprios, devidamente disciplinados no Manual de Redação do Ministério das Relações Exteriores.

Manual de Redação da Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm>

ESPAÇO DA LEITURA

QUEM LÊ APRENDE MAIS E ESCRIVE MELHOR

PNAD CONTÍNUA: TAXA DE DESOCUPAÇÃO É DE 12,4% E TAXA DE SUBUTILIZAÇÃO É DE 24,6% NO TRIMESTRE ENCERRADO EM FEVEREIRO DE 2019

A **taxa de desocupação** (12,4%) no trimestre móvel encerrado em fevereiro de 2019 subiu 0,9 ponto percentual (p.p.) em relação ao trimestre de setembro a novembro de 2018 (11,6%). Em relação ao trimestre móvel de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018 (12,6%), o quadro foi de estabilidade.

Indicador/Período	Dez-Jan-Fev 2019	Set-Out-Nov 2018	Dez-Jan-Fev 2018
Taxa de desocupação	12,4%	11,6%	12,6%
Taxa de subutilização	24,6%	23,9%	24,2%
Rendimento real habitual	R\$2.285	R\$2.250	R\$2.268
Varição do rendimento real habitual em relação a:		1,6%	0,7% (estabilidade)

A **população desocupada** (13,1 milhões) cresceu 7,3% (mais 892 mil pessoas) frente ao trimestre de setembro a novembro de 2018 (12,2 milhões). No confronto com igual trimestre de 2018, manteve-se a estabilidade.

A **população ocupada** (92,1 milhões) caiu -1,1% (menos 1,062 milhão de pessoas) em relação ao trimestre de setembro a novembro de 2018 e cresceu 1,1% (mais 1,036 milhão de pessoas) em relação ao trimestre de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018.

A **população fora da força de trabalho** (65,7 milhões) é recorde da série histórica, com altas de 0,9% (mais 595 mil pessoas) frente ao trimestre de setembro a novembro de 2018 e de 1,2% (mais 754 mil pessoas) frente ao mesmo trimestre de 2018.

A **taxa de subutilização da força de trabalho** (24,6%) no trimestre encerrado em fevereiro de 2019 subiu 0,8 p.p. em relação ao trimestre anterior (23,9%). No confronto com o mesmo trimestre móvel do ano anterior (24,2%), ela subiu 0,4 p.p.

A **população subutilizada** (27,9 milhões) é recorde da série histórica, com alta de 3,3% (mais 901 mil pessoas) em relação ao trimestre de setembro a novembro de 2018 (27,0 milhões) e de 2,9% (mais 795 mil pessoas) em relação ao mesmo trimestre de 2018.

O **número de pessoas desalentadas** (4,9 milhões) é recorde da série histórica, ficando estável em relação ao trimestre de setembro a novembro de 2018 e subindo 6,0% (mais 275 mil pessoas) em relação ao mesmo trimestre móvel do ano anterior.

O **percentual de pessoas desalentadas** (4,4%) manteve o recorde da série, ficando estável em relação ao trimestre anterior e subindo 0,2 p.p. contra o mesmo trimestre móvel de 2018 (4,2%).

O **número de empregados no setor privado com carteira assinada** (exclusive trabalhadores domésticos) foi de 33,0 milhões de pessoas, ficando estável em ambas as comparações. Já o **número de empregados sem carteira assinada** (11,1 milhões) caiu (-4,8%) na comparação com o trimestre anterior (menos 561 mil pessoas) e subiu 3,4% (mais 367 mil pessoas) comparado ao mesmo trimestre de 2018.

A categoria dos **trabalhadores por conta própria** (23,8 milhões) ficou estável na comparação com o trimestre anterior e cresceu 2,8% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior (mais 644 mil pessoas).

O rendimento médio real habitual (R\$ 2.285) cresceu 1,6% frente ao trimestre anterior e ficou estável em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. A **massa de rendimento real habitual** (R\$ 205,4 bilhões) ficou estável em ambas as comparações.

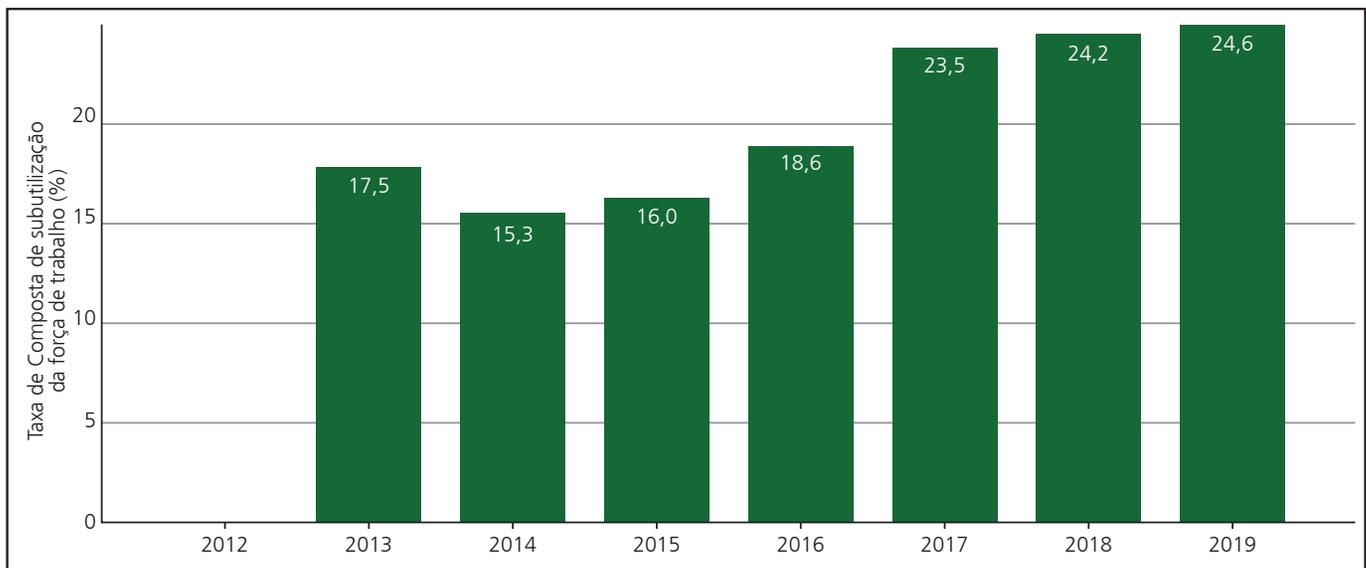
Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.
Nota: Somente os dados hachurados são comparáveis

A **taxa de desocupação**, de 12,4% no trimestre móvel encerrado em fevereiro de 2019, subiu 0,9 ponto percentual em relação ao trimestre de setembro a novembro de 2018 (11,6%). Em relação ao trimestre móvel de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018, quando a taxa foi estimada em 12,6%, o quadro foi de estabilidade.

No trimestre de dezembro de 2018 a fevereiro de 2019, havia 13,1 milhões de **pessoas desocupadas** no Brasil. Esse contingente cresceu 7,3% (mais 892 mil pessoas) frente ao trimestre de setembro a novembro de 2018 (12,2 milhões). No confronto com igual trimestre de 2018, manteve-se a estabilidade.

A **taxa composta de subutilização da força de trabalho** (percentual de pessoas desocupadas, subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas e na força de trabalho potencial) foi de 24,6% no trimestre compreendido entre dezembro de 2018 e fevereiro de 2019, com altas de 0,8 p.p. em relação ao trimestre de setembro a novembro de 2018 (23,9%) e de 0,4% p.p. no confronto com o trimestre móvel de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018 (23,2%).

**TAXA DE COMPOSTA DE SUBUTILIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO
TRIMESTRES DE DEZEMBRO DE 2018 A FEVEREIRO – 2012/2019 BRASIL (%)**



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. **Nota:** A partir do 4º trimestre de 2015 houve mudança de conceito na subutilização da força de trabalho por insuficiência de horas trabalhadas. Anteriormente, considerava-se no cálculo de indicador as horas efetivamente trabalhadas é, a partir do referido trimestre, as habitualmente trabalhadas. Houve ainda mudança na forma de captação do quesito de horas trabalhadas.

No trimestre de dezembro de 2018 a fevereiro de 2019, havia aproximadamente 27,9 milhões de **pessoas subutilizadas** no Brasil, o maior contingente da série histórica. Houve altas de 3,3% (mais 901 mil pessoas) frente ao trimestre de setembro a novembro de 2018 e de 2,9% (mais 795 mil pessoas subutilizadas) no confronto com o trimestre de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018.

O contingente de **pessoas subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas** (6,7 milhões) teve redução de -4,8% em relação ao trimestre anterior (-341 mil pessoas) e subiu 7,9% (mais 491 mil pessoas) em relação ao trimestre de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018.

O **contingente fora da força de trabalho** (65,7 milhões) subiu em 595 mil pessoas (0,9%) comparado ao trimestre de setembro a novembro de 2018 e foi o maior da série histórica. Frente ao trimestre de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018, o indicador subiu 1,2% (mais 754 mil pessoas).

A **população desalentada** (4,9 milhões) ficou estável em relação ao trimestre setembro a novembro de 2018 e subiu 6,0% em relação ao trimestre de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018 (4,6 milhões). Esse contingente atingiu seu maior nível na série histórica.

O percentual de **pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada** (4,4%) se manteve no recorde da série histórica, ficando estável em relação ao trimestre anterior e subindo 0,2 ponto percentual contra trimestre de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018 (4,2%).

A **força de trabalho** (pessoas ocupadas e desocupadas), foi de 105,2 milhões de pessoas e ficou estável em relação ao trimestre anterior. Frente ao trimestre de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018, houve alta de 1,0% (mais 1,0 milhão de pessoas).

O **número de pessoas ocupadas** (92,1 milhões) teve queda (-1,1%) em relação ao trimestre anterior (menos 1,062 milhão de pessoas). Em relação ao trimestre de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018, houve alta de 1,1% (mais 1,036 milhão de pessoas).

O **nível da ocupação** (percentual de pessoas ocupadas na população em idade de trabalhar) foi de 53,9% no trimestre encerrado em fevereiro, com queda de -0,8 p.p frente ao trimestre anterior (54,7%). Em relação ao trimestre de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018, houve estabilidade.

O número de **empregados no setor privado com carteira de trabalho assinada** (exclusive trabalhadores domésticos) foi de 33,0 milhões de pessoas, ficando estável em ambas as comparações.

O **número de empregados no setor privado sem carteira de trabalho assinada** (11,1 milhões) caiu (-4,8%) na comparação com o trimestre anterior (menos 561 mil pessoas). Em relação ao trimestre de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018, subiu 3,4%, mais 367 mil pessoas.

O número dos **trabalhadores por conta própria** (23,8 milhões) ficou estável em relação ao trimestre anterior e cresceu 2,8% em relação ao trimestre de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018 (mais 644 mil pessoas).

O grupo dos **empregadores** (4,5 milhões de pessoas) ficou estável em relação ao trimestre anterior e subiu 4,2% (mais 183 mil pessoas) em relação ao trimestre de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018.

O grupo dos **trabalhadores domésticos** (6,2 milhões) ficou estável nas duas comparações.

O grupo dos empregados no setor público (inclusive servidores estatutários e militares), estimado em 11,3 milhões de pessoas, caiu (-3,8%) frente ao trimestre anterior e ficou estável frente ao trimestre de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018.

O **rendimento médio real habitual** (R\$ 2.285) cresceu 1,6% frente ao trimestre anterior e ficou estável em relação ao trimestre de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018.

A **massa de rendimento real habitual** (R\$ 205,4 bilhões) ficou estável em ambas as comparações.

Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24109-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-12-4-e-taxa-de-subutilizacao-e-de-24-6-no-trimestre-encerrado-em-fevereiro-de-2019>>.
Acesso em: 16 de jul. 2019.



Proposta de Redação

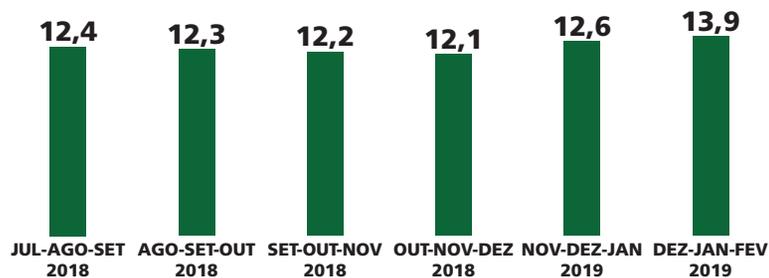
• Proposta I

TEXTOS MOTIVADORES

Texto I

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE DESEMPREGADOS NO TRIMESTRE MÓVEL-EM MILHÕES

fonte: IBGE



Texto II

Mesmo que a conjuntura melhore, muitos brasileiros devem continuar sem trabalho na próxima década, em meio à digitalização e ao abismo entre baixa qualificação profissional e exigências dos empresários. O economista Daniel Duque, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV IBRE), divulgou nesta semana prognósticos desoladores: com um crescimento econômico anual projetado de menos de 2%, só em 2033 o desemprego no Brasil retrocederá novamente para abaixo dos 10%.

No momento, 12,5% dos brasileiros estão sem trabalho, depois de um mínimo de 6,2% em 2013. Contudo, na época o governo pagou caro por esse nível de ocupação, com um déficit estatal alto – muito mais gastos do que arrecadação – e preços elevados de energia e transporte, por exemplo. A economia do país sofre até hoje as consequências dessa “política de emprego”.

Os números são ainda mais desoladores, se considerados tanto os desempregados quanto os que estão subempregados ou desistiram de procurar trabalho, com o total de brasileiros afetados chegando a 28,4 milhões.

Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/an/C3%A1lise-perspectivas-desoladoras-para-o-desemprego-no-brasil/a-49086143>>.
Acesso em: 16 de jul. 2019.

Alexander Busch (av), 06 jun. 2019 – 11h52

Texto III

O que é (definição)

O desemprego ocorre quando um trabalhador é demitido ou entra no mercado de trabalho (está à procura de emprego) e não consegue uma vaga de trabalho. É uma situação difícil para o trabalhador, pois gera problemas financeiros e, em muitos casos, problemas psicológicos (depressão, ansiedade, etc.) no trabalhador e em sua família.

Principais causas do desemprego

- Baixa qualificação do trabalhador: muitas vezes há emprego para a vaga que o trabalhador está procurando, porém ele não possui formação adequada para exercer aquela função.
- Substituição de mão de obra por máquinas: nas últimas décadas, muitas vagas de empregos foram fechadas, pois muitas indústrias passaram a usar máquinas na linha de produção. No setor bancário, por exemplo, o uso de caixas eletrônicos e desenvolvimento do sistema Bankline (serviços bancários pela Internet) também gerou o fechamento de milhares de vagas.
- Crise econômica: quando um país passa por uma crise econômica, o consumo de bens e serviços tende a diminuir. Muitas empresas demitem funcionários como forma de diminuir custos para enfrentar a crise.

Disponível em: https://www.suapesquisa.com/economia/causas_desemprego.htm. Acesso em: 16 jul. 2019.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Com base na leitura dos textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma-padrão da língua portuguesa sobre o tema “**Os caminhos para combater o desemprego no Brasil**”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.



Exercícios de Fixação

01. Está gramaticalmente correta a redação da seguinte frase:
- A) A partir do fim do modernismo, considera-se apropriado para exposições de arte visual certos espaços cuja importância é superestimada.
 - B) Surge, em locais muitas vezes pouco chamativos, edifícios de arquitetura espetacular e arrojados, com o intuito de criar grandes centros de turismo cultural.
 - C) Encontram-se no acervo de alguns museus, como o do Prado, obras de grande relevância para a humanidade.
 - D) Cidades pouco chamativas como Bilbao, podem se transformar em polos turísticos devido à atrações arquitetônicas.
 - E) Museus como o de Bilbao, cujo edifício de fachadas ousadas constituem, a despeito do acervo exposto, uma atração cultural em si.
02. Está clara e correta a redação do seguinte comentário:
- A) Todo um conjunto de regras de convivência na vida prática é determinado pelo sistema de mercado, que se apoia, entre outros, na propriedade privada, nas trocas voluntárias e na determinação de preços por meio de um processo competitivo.
 - B) Estima-se que a liberdade mercadológica seja delimitada por determinadas regras, regras estas nas quais estabelecem-se que as pessoas são livres para buscar seu próprio ganho financeiro.
 - C) Entre as grandes realizações humanas, acredita-se de que a Revolução Científica do século XVII e a Revolução Industrial do século XVIII, além da ciência moderna e da economia de mercado trouxeram maior liberdade aos indivíduos.
 - D) A despeito da intensidade dos desejos de consumo, do civismo das ações e do mérito moral, ou estético, a recompensa material dos participantes corresponde o valor monetário que os demais estiverem dispostos a atribuir às suas atividades.
 - E) Cada um dos participantes do mercado dependem do valor monetário que os demais estiverem dispostos a atribuir-lhes como resultado de suas atividades.
03. Está redigido em conformidade com a concordância da norma-padrão o livre comentário sobre o texto:
- A) Os cidadãos de algumas cidades inteligentes já se faz ouvir por meio de plataformas digitais.
 - B) Padrões insustentáveis de consumo, degradação ambiental, desigualdade persistente, tudo afetam as cidades modernas.
 - C) Quando consultado pelo Fórum, os especialistas discorreram sobre como as cidades vão se adaptar à era da digitalização.
 - D) É possível que a vida das pessoas nas cidades se tornem mais fáceis serem vividas com a digitalização.
 - E) Segundo algumas previsões, 70% da população mundial deverá habitar as cidades até 2050.

04. Leia as seguintes passagens extraídas de um editorial e reescreva, em linguagem culta formal, o que aparece em destaque:

- A) “Assim como ocorreu em 2009, quando a Lei de Imprensa criada pela ditadura militar **foi jogada na lata do lixo da História brasileira**, o STF preservou a ampla liberdade de expressão...”

- B) “**Cala a boca já morreu, é a Constituição do Brasil que garante**”.

05. Justificando seu voto em favor da liberdade de expressão, uma ministra do STF fez a seguinte afirmação em que cometeu um equívoco semântico: “O que não me parece constitucionalmente admissível é o esquiteamento da liberdade de todos em detrimento da liberdade de um.” Identifique-o e corrija-o.



Exercícios Propostos

- Leia o texto a seguir e responda às questões 01 e 02.

Onde há maior engajamento das pessoas no trabalho? Para responder essa pergunta, a consultoria Marcus Buckingham Company fez uma pesquisa em 13 países, entrevistando **cerca de** mil pessoas de várias empresas **em cada um**. Os Estados Unidos e a China estão empatados em primeiro lugar (com 19% de engajamento total cada), o que não chega a ser uma surpresa diante da potência de suas economias. **Mas aí** começam as novidades: em segundo lugar está a Índia, com 17%, e em terceiro, o Brasil, com 16% de engajamento, acima de países como a Inglaterra, o Canadá, a Alemanha, a Itália e a França. Solicitou-se aos entrevistados hierarquizar oito afirmações básicas, como “no trabalho, sei claramente o que esperam de mim” ou “serei reconhecido se fizer um bom trabalho”. Para os autores, a diferença de engajamento em cada país seria explicada de acordo com o grau de confiança que o entrevistado teria sobre a utilização de suas capacidades pessoais no trabalho. Mas há nuances: no Brasil, assim como na França, Canadá e Argentina, a afirmação “meus colegas me apoiam” recebeu também grande destaque, enquanto na Inglaterra e na Índia se valoriza mais o fato de ter colegas que compartilhem os mesmos valores.

NOGUEIRA, P. E. *A preguiça é mito?* Época Negócios. Ago. 2015. n.102. p.21. Adaptado.

01. (UEL) Acerca dos recursos linguísticos destacados no texto, assinale a alternativa correta.

- A) A expressão “cerca de” pode ser substituída por “acerca de” sem prejuízo do sentido original.
 B) A expressão “em cada um” impede ambiguidade em torno das empresas nas quais as pessoas foram entrevistadas.
 C) O conectivo “Mas” serve para contrapor “surpresa” e “novidades”.
 D) O termo “aí” refere-se à “potência de suas economias”.
 E) O conectivo “enquanto” pode ser substituído por “ao passo que” sem prejuízo do sentido original.

02. (UEL) Com base no trecho “Solicitou-se aos entrevistados hierarquizar oito afirmações básicas”, assinale a alternativa que apresenta a sua correta reescrita.

- A) A hierarquia de oito afirmações básicas foi solicitada aos entrevistados.
 B) Hierarquizar oito afirmações básicas foi a solicitação dos entrevistados.
 C) Oito afirmações básicas foram solicitadas aos entrevistados hierarquizados.
 D) Solicitaram a hierarquia dos entrevistados através de oito afirmações básicas.
 E) Solicitou-se hierarquizar os entrevistados com oito afirmações básicas.

- Leia a crônica, a seguir, e responda às questões de 03 a 05.

O DESAPARECIDO

Tarde fria, e então eu me sinto um daqueles velhos poetas de antigamente que sentiam frio na alma quando a tarde estava fria, e então eu sinto uma saudade muito grande, uma saudade de noivo, e penso em ti devagar, bem devagar, com um bem-querer tão certo e limpo, tão fundo e bom que parece que estou te embalando dentro de mim.

Ah, que vontade de escrever bobagens bem meigas, bobagens para todo mundo me achar ridículo e talvez alguém pensar que na verdade estou aproveitando uma crônica muito antiga num dia sem assunto, uma crônica de rapaz; e, entretanto, eu hoje não me sinto rapaz, apenas um menino, com o amor teimoso de um menino, o amor burro e comprido de um menino lírico. Olho-me ao espelho e percebo que estou envelhecendo rápido e definitivamente; com esses cabelos brancos parece que não vou morrer, apenas minha imagem vai-se apagando, vou ficando menos nítido, estou parecendo um desses clichês sempre feitos com fotografias antigas que os jornais publicam de um desaparecido que a família procura em vão. Sim, eu sou um desaparecido cuja esmaecida, inútil foto se publica num canto de uma página interior de jornal, eu sou o irreconhecível, irrecuperável desaparecido que não aparecerá mais nunca, mas só tu sabes que em alguma distante esquina de uma não lembrada cidade estará de pé um homem perplexo, pensando em ti, pensando teimosamente, docemente em ti, meu amor.

BRAGA, R. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 2013. p.465.

03. (UEL – Adaptada) Sobre a linguagem e seus recursos empregados na crônica, considere as afirmativas a seguir, pondo entre parênteses (V) ou (F), conforme sejam verdadeiras ou falsas.

- () A adjetivação é intensa nessa crônica.
 () A seleção lexical da crônica revela a subjetividade do autor.
 () A linguagem é denotativa, para transmitir as informações desejadas, conforme requer esse gênero textual.
 () Trata-se de linguagem concisa, clara e adequada à situação de comunicação.

04. (UEL – Adaptada) A respeito de expressões presentes na crônica, considere as afirmativas a seguir, pondo entre parênteses (V) ou (F), conforme sejam verdadeiras ou falsas.
- () Em “saudade de noivo”, identifica-se um desejo autêntico e intenso, muito distante da indiferença.
 - () O “irrecuperável desaparecido” é a representação da inconsistência do amor e da saudade expressa no início da crônica.
 - () A imagem de “um menino lírico” entra em desacordo com o sentimento de imortalidade e com a inclinação dessa crônica para a narrativa.
 - () A expressão “menos nítido” indica a angústia com a passagem do tempo e seus efeitos sobre a própria identidade

05. (UEL – Adaptada) Leia, a seguir, o trecho presente no início do segundo parágrafo da crônica.

Ah, que vontade de escrever bobagens bem meigas, bobagens para todo mundo me achar ridículo [...]

A respeito desse trecho, considere as afirmativas a seguir, pondo entre parênteses (V) ou (F), conforme sejam verdadeiras ou falsas.

- () O trecho representa a ruptura entre a crônica e o mundo através do aprofundamento na vida interior.
- () O trecho contesta a viabilidade de uma crônica com marcas líricas consideradas como tolices.
- () O trecho ressalta a crônica como veículo da expressão do sentimento de desajuste entre o indivíduo e o mundo ao seu redor.
- () A iniciativa metalinguística aponta a liberdade e a variedade de vertentes da crônica que pode se valer de recursos narrativos e líricos.

06. Atende às regras de concordância da norma-padrão a seguinte frase:

- A) Os cidadãos são bombardeado com notícias falsas com o propósito de dissuadi-las de vacinar suas crianças.
- B) Notícias falsas é o que tem deixado alarmado quanto à vacinação grande parte da população.
- C) As pessoas tornam improdutivo o esforço governamental de proteger os brasileiros de doenças evitáveis.
- D) Quando a criança não é vacinada contra determinada doença, sua saúde fica gravemente comprometido.
- E) Nos últimos anos, tem sido registrado uma queda na cobertura vacinal de crianças menores de dois anos.

07. Todas as palavras estão grafadas corretamente em:

- A) Talvez restem poucas reminiscências no imaginário coletivo dos males de algumas doenças evitadas pela vacinação.
- B) Os médicos reivindicam uma maior aderencia dos pacientes às campanhas esclarecedoras sobre a vacinação.
- C) O medo de que as vacinas façam mau às crianças tem levado o Ministério da Saúde a rever suas estratégias.
- D) A ignorancia quanto aos riscos das vacinas se estende das camadas mais pobres às mais abastadas da população.
- E) O ideal é que os responsáveis vacinem seus filhos espontaneamente, visando protege-los e colaborando com o coletivo.

08. Empregue corretamente os termos “mas” e “mais”:

Ele saiu cedo de casa, _____ o congestionamento o atrasou. Sem _____ nem menos, decidiu viajar para a Europa. Giovana era a aluna _____ inteligente de sua turma. Eles estavam felizes, _____ a chuva atrapalhou a cerimônia de casamento ao ar livre.

09. Leia as construções gramaticais seguintes e julgue-as como corretas (C) ou incorretas (I). Reescreva corretamente as que estiverem fora da norma culta formal.

A. () Em vez de descansar, preferiu pegar a estrada durante o feriado.

B. () Ao invés de sorrir, chorou com a surpresa que recebeu dos amigos.

C. () A entrega dos produtos foi feita através dos Correios.

D. () O pássaro entrou na porta através da janela aberta.

E. () O pagamento foi feito a vista.

10. Há dois desvios gramaticais no período abaixo. Reescreva-o, fazendo as devidas correções.

Coisas ausentes não interferem no comportamento dos animais, onde eles só temem o que lhes despertam os sentidos.

Aula
07

Anatomia de uma Redação
Nota 1000

C-6	H-18
C-7	H-22, 23
C-8	H-27

- Leia atentamente a redação seguinte e acompanhe a análise completa de sua anatomia.

Tema: A pobreza extrema e sua invisibilidade na mídia.

No Brasil, o insignificante destaque midiático em relação à pobreza extrema vem sendo criticado. Em face disso, a marginalização do segmento social miserável, nos veículos de comunicação, resulta da associação dos fatores socioculturais, no contexto do mundo global, o que pode agravar o estado de exclusão desse grupo, evidenciando, assim, a necessidade de estratégias que deem visibilidade às contradições da sociedade.

Com efeito, os sociólogos Adorno e Horkheimer afirmam que a indústria cultural estimula a necessidade de consumir. Nessa perspectiva, a mídia, muitas vezes, omite-se de enfatizar a situação miserável de alguns indivíduos, pois eles não possuem hábitos socioculturais que sirvam como modelo para criar o desejo de consumo. Desse modo, quando uma celebridade é fotografada usando alguma marca ou patrocinando alguma atividade, a indústria midiática utiliza-se desse fato para promover-se e aumentar os lucros. Nesse contexto de marginalização, denunciar a miséria não é rentável aos veículos midiáticos.

Em virtude disso, a incorporação dos padrões impostos pela mídia, aliada à falta de criticidade, faz muitos indivíduos tornarem-se indiferentes às condições de vida dos estratos miseráveis e não compreendem a pobreza como um fenômeno social. Ademais, essa situação de indiferença, segundo sociólogos, promove a violência simbólica, ou seja, a desvalorização das práticas sociais dos grupos marginalizados, como músicas, danças e crenças, o que é um desrespeito à igualdade social e à tolerância.

Destarte, a pobreza extrema precisa ser mais destacada e discutida pela mídia e pela sociedade. Para isso, os veículos de comunicação devem ampliar os seus espaços editoriais que questionem as contradições sociais e permitam a expressão dos grupos marginalizados, por meio de artigos opinativos e cartas ao leitor. Além disso, as escolas e as universidades devem estimular a criticidade dos discentes e aprofundar o questionamento acerca das causas da pobreza, por intermédio de debates, em sala de aula, e fóruns de discussão, como forma de diminuir o alheamento à pobreza e amenizar os preconceitos socioculturais.

Kaio Júlio César de Sousa Nogueira – FBMED SOBRALENSE

Análise do texto por competência

Competência I – O texto apresenta nível 5 na competência I, a qual diz respeito à linguagem e aos aspectos gramaticais, uma vez que o aluno demonstra excelente domínio da norma padrão, não apresentando desvios gramaticais e de convenções de escrita. Percebe-se que as estruturas linguísticas estão ordenadas em seus períodos coordenados e subordinados e que há uma preocupação em manter a estruturação sem quebras de paralelismo. Ainda é de se destacar o vasto repertório linguístico, por meio de um vocabulário muito rico.

Competência II – O texto apresenta nível 5 na competência II, a qual diz respeito ao tipo e tema do texto a ser desenvolvido, pois o aluno desenvolve muito bem o tema com argumentação consistente, além de apresentar excelente domínio do tipo textual dissertativo-argumentativo, a partir de um repertório sociocultural produtivo. Há, no texto, uma ótima relação do tema com outras áreas do conhecimento humano, como Sociologia e Filosofia. Quanto à estrutura, estão muito bem evidentes a proposição com tema e tese, os argumentos bem organizados e encadeados em uma mesma lógica, sugerindo uma problemática a ser solucionada no fim do texto por meio de uma proposta de intervenção plausível, exequível e detalhada.

Competência III – O texto apresenta nível 5 na competência III, a qual diz respeito à argumentação em defesa de um ponto de vista, já que o aluno seleciona, organiza e relaciona informações, fatos, opiniões e argumentos pertinentes ao tema proposto de forma consistente, configurando autoria, em defesa de um ponto de vista. Os argumentos são estruturados em estratégias, como argumento de autoridade, alusão histórica, filosófica e social, relação causa/efeito. Destaca-se, ainda, o conhecimento adquirido por meio de leituras que o aluno fez sobre o tema, fato que contribui decisivamente para o enriquecimento da argumentação. Com isso, a seleção de ideias, exemplos e a hierarquia lógica da defesa do ponto de vista configuram autoria total do texto.

Competência IV – O texto apresenta nível 5 na competência IV, a qual diz respeito à articulação coesiva e coerente das partes do texto, porque o aluno as articula, sem inadequações na utilização dos recursos coesivos. Nesse texto, há perfeita articulação das partes do texto (micro e macroestruturas) por meio de um vasto repertório de elementos coesivos. Recursos como anáfora, referênciação e relações semânticas, como a sinonímia, ratificam o excelente domínio dos aspectos coesivos.

Competência V – O texto apresenta nível 5 na competência V, a qual diz respeito a elaborar proposta de intervenção social, uma vez que o aluno desenvolve uma excelente solução para o problema abordado. Para construção de tal proposta, o aluno sugere uma articulação de agentes sociais, como escola, veículos de informações e universidades, e um detalhamento sobre a solução, a qual é uma maior amostragem do problema a fim de que diminua o seu alheamento.

Análise da estrutura do texto

Introdução

No Brasil, o insignificante destaque midiático em relação à pobreza extrema vem sendo criticado. Em face disso, a marginalização do segmento social miserável, nos veículos de comunicação, resulta da associação dos fatores socioculturais, no contexto do mundo global, o que pode agravar o estado de exclusão desse grupo, evidenciando, assim, a necessidade de estratégias que deem visibilidade às contradições da sociedade.

Apresentação do Tema: No Brasil, o insignificante destaque midiático em relação à pobreza extrema vem sendo criticado.

Contextualização e Tese: a marginalização do segmento social miserável, nos veículos de comunicação, resulta da associação dos fatores socioculturais, no contexto do mundo global, o que pode agravar o estado de exclusão desse grupo, evidenciando, assim, a necessidade de estratégias que deem visibilidade às contradições da sociedade.

Elementos coesivos do parágrafo: em face disso, assim.

Desenvolvimento

Com efeito, os sociólogos Adorno e Horkheimer afirmam que a indústria cultural estimula a necessidade de consumir. Nessa perspectiva, a mídia, muitas vezes, omite-se de enfatizar a situação miserável de alguns indivíduos, pois eles não possuem hábitos socioculturais que sirvam como modelo para criar o desejo de consumo. Desse modo, quando uma celebridade é fotografada usando alguma marca ou patrocinando alguma atividade, a indústria midiática utiliza-se desse fato para promover-se e aumentar os lucros. Nesse contexto de marginalização, denunciar a miséria não é rentável aos veículos midiáticos.

Argumentos em defesa do ponto de vista: os sociólogos Adorno e Horkheimer afirmam que a indústria cultural estimula a necessidade de consumir/celebridade é fotografada usando alguma marca ou patrocinando alguma atividade, a indústria midiática utiliza-se desse fato para promover-se e aumentar os lucros/ Nesse contexto de marginalização, denunciar a miséria não é rentável aos veículos midiáticos.

Repertório sociocultural produtivo: contextualização das teorias dos sociólogos Adorno e Horkheimer com situações contemporâneas

Estratégias argumentativas: alusão histórico-filosófica, exemplos, contextualização do argumento de autoridade, relação causa/consequência.

Elementos coesivos do parágrafo: com efeito, nessa perspectiva, desse modo, nesse contexto.

Em virtude disso, a incorporação dos padrões impostos pela mídia, aliada à falta de criticidade, faz muitos indivíduos tornarem-se indiferentes às condições de vida dos estratos miseráveis e não compreendem a pobreza como um fenômeno social. Ademais, essa situação de indiferença, segundo sociólogos, promove a violência simbólica, ou seja, a desvalorização das práticas sociais dos grupos marginalizados, como músicas, danças e crenças, o que é um desrespeito à igualdade social e à tolerância.

Argumentos em defesa do ponto de vista:

a incorporação dos padrões impostos pela mídia, aliada à falta de criticidade, faz muitos indivíduos tornarem-se indiferentes às condições de vida dos estratos miseráveis e não compreendem a pobreza como um fenômeno social/ essa situação de indiferença promove a violência simbólica, ou seja, a desvalorização das práticas sociais dos grupos marginalizados é um desrespeito à igualdade social e à tolerância.

Repertório sociocultural produtivo: análise social e filosófica de aspectos contemporâneos, dando enfoque à marginalização da pobreza e suas consequências, como a violência simbólica.

Estratégias argumentativas: alusão histórico-filosófica, exemplos, relação causa/consequência.

Elementos coesivos do parágrafo: em virtude disso, ademais, ou seja, como.

Conclusão e proposta de intervenção

Destarte, a pobreza extrema precisa ser mais destacada e discutida pela mídia e pela sociedade. Para isso, os veículos de comunicação devem ampliar os seus espaços editoriais que questionem as contradições sociais e permitam a expressão dos grupos marginalizados, por meio de artigos opinativos e cartas ao leitor. Além disso, as escolas e as universidades devem estimular a criticidade dos discentes e aprofundar o questionamento acerca das causas da pobreza, por intermédio de debates, em sala de aula, e fóruns de discussão, como forma de diminuir o alheamento à pobreza e amenizar os preconceitos socioculturais.

Retomada da Tese: Destarte, a pobreza extrema precisa ser mais destacada e discutida pela mídia e pela sociedade.

Intervenção (o que fazer?): ampliar os seus espaços editoriais que questionem as contradições sociais e permitam a expressão dos grupos marginalizados/ devem estimular a criticidade e aprofundar o questionamento acerca das causas da pobreza/ diminuir o alheamento à pobreza e amenizar os preconceitos socioculturais.

Agentes (quem vai fazer?): veículos de informação, escolas, universidades.

Detalhamento (como será feito?): por meio de artigos opinativos e cartas ao leitor/por intermédio de debates/ e fóruns de discussão.

Elementos coesivos do parágrafo: destarte, para isso, por meio, além disso, por intermédio, como.

ESTUDO DE CASO

É visto que a proposta da redução da maioria penal tem surgido com o aumento da criminalidade entre os jovens no Brasil contemporâneo. No entanto, conforme o filósofo francês Michel Foucault, estudioso das relações de controle e punição social, as prisões não diminuem a taxa de criminalidade, tendo potencial, inclusive, para aumentá-la. Dessa forma, tal cenário é preocupante e exige mudanças, pois o encarceramento prematuro de jovens e adolescentes brasileiros dificulta sua futura recuperação, levando à formação de adultos frustrados e à manutenção da violência social.

Nesse viés, é sabido que a função social da reclusão é reparar o dano causado pelo criminoso e promover sua ressocialização. No entanto, não é prudente nem eficaz reduzir a maioria penal, tendo, ainda em vigor, um sistema carcerário falido, que não visa à reabilitação, e um sistema educacional precário. Nesse sentido, a privação da liberdade, de forma prematura, sem visão ou perspectiva de futuro, não terá efeitos positivos para o indivíduo e, muito menos, do ponto de vista social, na diminuição da violência.

Outrossim, desde os estudos de Philippe Ariès, sabe-se que a infância e a adolescência constituem construções sociais e históricas de grande importância para a formação da vida adulta. Dessa forma, a idade mínima de 18 anos para maioria penal, prevista pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, é estabelecida conforme orientação da ONU, reafirmando que o tratamento destinado a jovens infratores deve ser diferenciado, visto que o encarceramento pode levar de forma definitiva ao crime, impossibilitando sua reabilitação.

À luz dessas considerações, percebe-se que os danos causados pela diminuição da maioria penal seriam maiores que seus benefícios. Logo, como solução para tão grave problema, é extremamente importante que jovens infratores, em vez de serem enviados para prisões, sejam encaminhados, por intermédio do Governo e do Conselho Tutelar, para centros de ressocialização mais eficientes que os atuais, onde assistirão a palestras e participarão de oficinas de leitura a fim de moldar sua visão de mundo e sua conduta para um convívio social harmonioso. Essas palestras e oficinas deverão ser ministradas por profissionais, os quais realizarão tais atividades de forma lúdica, criando nos internos o desejo de transformar-se em cidadãos cujos princípios se guiem por valores humanos e éticos, para seu crescimento e integração social.

Farias Brito – Central
Daniel Eymard Ricarte Maia. 3º 04 – Manhã

RECONHECENDO O PLANEJAMENTO DA REDAÇÃO

TEMA: A REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL EM QUESTÃO NO BRASIL

TESE (NEGATIVA): _____

ARG. 1 (EFEITO): _____
CAUSA 1: _____
REPERTÓRIO 1: _____

ARG. 2 (EFEITO): _____
CAUSA 2: _____
REPERTÓRIO 2: _____

SOLUÇÃO:

1. **AGENTE:** _____
2. **AÇÃO:** _____
3. **DETALHAMENTO:** _____
4. **MEIO:** _____
5. **FINALIDADE/EFEITO:** _____

Respostas:

- Arg. 1 (efeito):** Formação de adultos frustrados de jovens.
Causa 1: Sistema carcerário falido.
Repertório 1: Dados da ONU / FOUCAULT.
- Arg. 2 (efeito):** Aumento da criminalidade.
Causa 2: Dificuldade de reabilitação do jovem infrator.
Repertório 2: Estatuto da Criança e do Adolescente.
- Solução:**
 1. **Agente:** Governo e Conselho Tutelar.
 2. **Ação:** encaminhar os jovens para centros de reabilitação.
 3. **Detalhamento:** oficinas.
 4. **Meio:** palestras.
 5. **Finalidade:** desenvolver valores éticos.



Fique de Olho

ASPECTOS FORMAIS DA LÍNGUA

Sequer

Significa *ao menos, pelo menos*. Para ter sentido negativo, deve ser acompanhada da partícula *nem*.

Não use *sequer* como sinônimo de *não*.

A Lei Seca, que permitia pequenas concentrações de álcool no organismo, agora **não tolera nem sequer** uma gota.

Na avaliação do senador, o desrespeito do governo federal com a compensação pode ser ilustrado pelo **fato de sequer constar** uma rubrica na lei orçamentária para ela.

Na avaliação do senador, o desrespeito do **governo federal com a compensação** pode ser ilustrado pelo **fato de nem sequer constar** uma rubrica na lei orçamentária para ela.

A MP 598/2012 **sequer foi lida** em Plenário, assim como a 597/2012 e as de 599/2012 a 602/2012.

A MP 598/2012 nem sequer foi lida em Plenário, assim como a 597/2012 e as de 599/2012 a 602/2012.

Segundo o senador, dos mais de 30 administradores em exercício, **12 sequer moram na cidade que administram**.

Segundo o senador, dos mais de 30 administradores em exercício, **nem 12 sequer moram na cidade que administram**.

Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-estilo/estilo/sequer>>

Redundância

Fique atento para o uso de fórmulas redundantes.

- *Além + também*

Não deixe palavras sobrando no texto. *Além* e *também* adicionam informação. Um deles basta, porém.

Além do casamento entre pessoas do mesmo sexo, o Senado deverá discutir **também** o projeto de lei que torna crime a homofobia.

Além do casamento entre pessoas do mesmo sexo, o Senado deverá discutir o projeto de lei que torna crime a homofobia.

Além do citado parlamentar, dois outros também indicaram nomes de especialistas para debater a questão.

Além do citado parlamentar, dois outros indicaram especialistas para debater a questão.

- *Além + outros*

Outra forma pleonástica. Seja econômico: se usar *além*, dispense *outros*:

Além desse, outros 11 projetos estão na pauta do Plenário de terça-feira.

Além desse, 11 projetos estão na pauta do Plenário de terça-feira.

Outros 11 projetos estão na pauta do Plenário de terça-feira.

- *Nem + tampouco*

Tampouco significa *também não*. *Nem* também tem o sentido de *e não*. Assim, a forma *nem tampouco* fica redundante.

— Não vamos nos iludir, **nem tampouco** iludir a população. A reforma é apenas uma portinha do sistema penal, uma gota no oceano — disse.

— Não vamos nos iludir, **tampouco** iludir a população. A reforma é apenas uma portinha do sistema penal, uma gota no oceano — disse.

Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-estilo/estilo/redundancia>> (Adaptado)

Se não/senão

Se não deve ser usado quando puder ser substituído por *caso não* ou *quando não*:

— **Se não** houvesse tanta mobilização da sociedade civil, talvez a presidente não tivesse força para vetar o projeto de Código Florestal — avaliou o líder do partido.

A CPI será uma farsa **se não** aprovar a quebra de sigilo bancário da empresa investigada, defendeu o senador.

Se não houver recurso para votação pelo Plenário do Senado, a matéria seguirá direto para a Câmara dos Deputados, se aprovada na CDH.

Senão significa *do contrário, a não ser, mais do que, mas sim, mas também*:

— Aliança entre partidos é como um casamento: tem que cuidar todo dia, **senão** desanda — brincou o candidato.

Ainda que todos os vetores econômicos sejam positivos, não teremos solidez para sustentar crescimento de longo prazo **senão** apoiados numa política vigorosa de educação, acessível a todos os brasileiros, disse o senador.

Com a obstrução declarada, não havia **senão** oito parlamentares no Plenário.

O deputado, que foi relator do projeto na Câmara, acredita que não há outra saída **senão** o entendimento.

Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-estilo/estilo/se-nao-senao>> (Adaptado)

Mesmo

1. Quando usado depois de substantivo ou pronome pessoal, concorda com o termo a que se refere. Pode ser substituído por *próprio, própria*.

Ao defender a proposta, a parlamentar disse que **ela mesma** (*ela própria*) já deparou com dificuldades por causa da atual restrição.

Estudantes finalistas de concurso de redação promovido pelo Senado examinam propostas legislativas elaboradas por **eles mesmos** (eles próprios).

A desvinculação afetará ainda a receita do IR pago na fonte pelas autarquias e fundações vinculadas a cada unidade federativa, que já pertence a **elas mesmas** (elas próprias).

2. Quando tem o sentido de *realmente, de fato*, não varia.

— Esta Casa tem que decidir. Eu tenho certeza de que, ao colocar esse prazo, estamos mandando um recado para todos os secretários de que é para valer, de que as negociações têm que acontecer **mesmo** (*realmente*). E acho que há um tempo de debate de qualidade.

3. Não use *o mesmo, a mesma* para substituir nomes e pronomes.

Os senadores defenderam os projetos e afirmaram que **os mesmos** devem ser votados em breve. (Errado)

Os senadores defenderam os projetos e afirmaram que **estes** devem ser votados em breve. (Certo)

Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-estilo/estilo/mesmo>> (Adaptado)

Discriminar/discriminar

Cuidado para não confundir os verbos *discriminar* e *discriminar*. A grafia e a pronúncia são parecidas, mas os significados são bem diferentes.

Discriminar é o ato de diferenciar, distinguir, separar. Pode ser empregado em sentido negativo, com a conotação de preconceito, como no exemplo a seguir:

— Queremos combater todo tipo de violência: contra negro, contra índio, contra branco. Toda discriminação, seja ela religiosa, seja pela orientação sexual, seja por idade, seja por deficiência. E esse é o caminho, o caminho de combater os preconceitos é o caminho da paz — disse o senador.

O parlamentar acusa governo federal de discriminar o estado do Paraná.

O verbo **discriminar** também pode ter o sentido de separar, especificar, como a seguir:

O parecer final atualizou o Anexo 5 da proposta para discriminar cada projeto de lei em tramitação no Congresso que beneficiará os servidores.

Já o verbo **descriiminar** significa deixar de ser crime, inocentar. Com esse sentido, também se pode usar a forma **descriiminalizar** (des + criminalizar), mais comum no meio jurídico.

O senador perguntou, ainda, se ele era favorável ou não à descriiminalização das drogas.

Descriiminalização do uso de drogas e ampliação do aborto legal preocupam Gurgacz.

A nova lei, que entrará em vigor no dia 10 de junho, determina a descrição de oito tributos. (...) Ao relatá-lo na CAE, a senadora apontou que a descriiminalização de impostos existe em outros países há décadas. descriiminalização

O senador também avalia essa proibição como uma descriiminalização contra a mulher, afirmando — ao contrário de seu colega — que o Brasil não é o único país do mundo a admitir visitas íntimas para os presos. descriiminalização

Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/discriminar-discriminar>> (Adaptado)

Problemas comuns na construção de frases

Os problemas mais frequentemente encontrados na construção de frases dizem respeito à má pontuação, à ambiguidade da ideia expressa, à elaboração de falsos paralelismos, erros de comparação, etc. Decorrem, em geral, do desconhecimento da ordem das palavras na frase. Indicam-se, a seguir, alguns desses defeitos mais comuns e recorrentes na construção de frases, registrados em documentos oficiais.

1. Sujeito – Como dito, o sujeito é o ser de quem se fala ou que executa a ação enunciada na oração. Ele pode ter complemento, mas não ser complemento. Devem ser evitadas, portanto, construções como:

Errado: É tempo do Congresso votar a emenda.

Certo: É tempo de o Congresso votar a emenda.

Errado: Apesar das relações entre os países estarem cortadas, (...).

Certo: Apesar de as relações entre os países estarem cortadas, (...).

Errado: Não vejo mal no Governo proceder assim.

Certo: Não vejo mal em o Governo proceder assim.

Errado: Antes destes requisitos serem cumpridos, (...).

Certo: Antes de estes requisitos serem cumpridos, (...).

Errado: Apesar da Assessoria ter informado em tempo, (...).

Certo: Apesar de a Assessoria ter informado em tempo, (...).

2. Frases Fragmentadas

A fragmentação de frases “consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa”. Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Exemplos:

Errado: O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional. Depois de ser longamente debatido.

Certo: O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido.

Certo: Depois de ser longamente debatido, o programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional.

Errado: O projeto de Convenção foi oportunamente submetido ao Presidente da República, que o aprovou. Consultadas as áreas envolvidas na elaboração do texto legal.

Certo: O projeto de Convenção foi oportunamente submetido ao Presidente da República, que o aprovou, consultadas as áreas envolvidas na elaboração do texto legal.

3. Erros de Paralelismo

Uma das convenções estabelecidas na linguagem escrita “consiste em apresentar ideias similares numa forma gramatical idêntica”, o que se chama de paralelismo. Assim, incorre-se em erro ao conferir forma não paralela a elementos paralelos. Vejamos alguns exemplos:

Errado: Pelo aviso circular recomendou-se aos Ministérios economizar energia e que elaborassem planos de redução de despesas.

Nesta frase temos, nas duas orações subordinadas que completam o sentido da principal, duas estruturas diferentes para ideias equivalentes: a primeira oração (economizar energia) é reduzida de infinitivo, enquanto a segunda (que elaborassem planos de redução de despesas) é uma oração desenvolvida introduzida pela conjunção integrante “que”. Há mais de uma possibilidade de escrevê-la com clareza e correção; uma seria a de apresentar as duas orações subordinadas como desenvolvidas, introduzidas pela conjunção integrante “que”:

Certo: Pelo aviso circular, recomendou-se aos Ministérios que economizassem energia e (que) elaborassem planos para redução de despesas. Outra possibilidade: as duas orações são apresentadas como reduzidas de infinitivo:

Certo: Pelo aviso circular, recomendou-se aos Ministérios economizar energia e elaborar planos para redução de despesas.

Nas duas correções respeita-se a estrutura paralela na coordenação de orações subordinadas. Mais um exemplo de frase inaceitável na língua escrita culta:

Errado: No discurso de posse, mostrou determinação, não ser inseguro, inteligência e ter ambição. O problema aqui decorre de coordenar palavras (substantivos) com orações (reduzidas de infinitivo).

Para tornar a frase clara e correta, pode-se optar ou por transformá-la em frase simples, substituindo as orações reduzidas por substantivos:

Certo: No discurso de posse, mostrou determinação, segurança, inteligência e ambição. Ou empregar a forma oracional reduzida uniformemente:

Certo: No discurso de posse, mostrou ser determinado e seguro, ter inteligência e ambição. Atentemos, ainda, para o problema inverso, o falso paralelismo, que ocorre ao se dar forma paralela (equivalente) a ideias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma e o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (Paris, Bonn, Roma) e uma pessoa (o Papa). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (visitar):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e muita complexidade.

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo “ser”, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo. O emprego de expressões correlativas como *não só ... mas (como) também; tanto ... quanto (ou como); nem ... nem; ou ... ou*; etc. costuma apresentar problemas quando não se mantém o obrigatório paralelismo entre as estruturas apresentadas. Nos dois exemplos abaixo, rompe-se o paralelismo pela colocação do primeiro termo da correlação fora de posição.

Errado: Ou Vossa Senhoria apresenta o projeto, ou uma alternativa.

Certo: Vossa Senhoria ou apresenta o projeto, ou propõe uma alternativa.

Errado: O interventor não só tem obrigação de apurar a fraude como também a de punir os culpados.

Certo: O interventor tem obrigação não só de apurar a fraude, como também de punir os culpados. Mencionemos, por fim, o falso paralelismo provocado pelo uso inadequado da expressão e que num período que não contém nenhum que anterior.

Errado: O novo procurador é jurista renomado, e que tem sólida formação acadêmica. Para corrigir a frase, ou suprimimos o pronome relativo:

Certo: O novo procurador é jurista renomado e tem sólida formação acadêmica.

Ou suprimimos a conjunção, que está a coordenar elementos díspares:

Certo: O novo procurador é jurista renomado, que tem sólida formação acadêmica. Outro exemplo de falso paralelismo com “e que”:

Errado: Neste momento, não se devem adotar medidas precipitadas, e que comprometam o andamento de todo o programa. Da mesma forma com que corrigimos o exemplo anterior aqui podemos ou suprimir a conjunção:

Certo: Neste momento, não se devem adotar medidas precipitadas, que comprometam o andamento de todo o programa. Ou estabelecer forma paralela coordenando orações adjetivas, recorrendo ao pronome relativo “que” e ao verbo “ser”:

Certo: Neste momento, não se devem adotar medidas que sejam precipitadas e que comprometam o andamento de todo o programa.

Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais-1/catalogo/orgao-essenciais/casa-civil/subchefia-de-assuntos-juridicos/centro-de-estudos-juridicos-da-presidencia-da-republica/manual-de-redacao-da-presidencia-da-republica/view>>

ESPAÇO DA LEITURA

QUEM LÊ APRENDE MAIS E ESCREVE MELHOR

O MUNDO MUDOU, REPARE

Os conceitos, certezas e paradigmas vêm mudando, principalmente, a partir do século XXI. A velocidade e profundidade do debate expõem regras e compreensões que não se encaixam nos questionamentos e anseios das novas gerações. O mundo mudou e, se não reparou, é melhor se integrar aos novos tempos.

As profissões de ouro sonhadas pelos pais, no passado, eram na Medicina, Direito e Engenharia. Aos meninos a cobrança nos estudos, quanto às meninas, cuidadas para um bom casamento. As últimas décadas trouxeram o protagonismo feminino e o empoderamento contra o arcaico machismo, no presente e na condução do futuro as mulheres tomaram as rédeas do próprio destino com força, competência e destaque em todas as áreas. Barreiras teimam em permanecer, direitos, igualdade e respeito a todos precisa prevalecer.

O processo de decisão profissional acontece na adolescência, geralmente por influência familiar, numa idade frágil quando o autoconhecimento e percepção do mundo estão sendo elaborados.

Mesmo quando, cada vez mais, testes e orientações vocacionais procuram conduzir à melhor escolha da carreira o risco continua a ser grande. A vida universitária e a realidade do mercado de trabalho são diferentes do imaginado e testam a cada dia as escolhas profissionais.

As frustrações profissionais são, atualmente, mais frequentes, quer por escolhas erradas ou porque já não atendem as necessidades pessoais que se transformam ao longo da vida. O ser humano, como dizia Raul Seixas, é metamorfose ambulante. Passamos a nos permitir a aceitar o erro e, mesmo com as críticas, buscar novos desafios. A felicidade pessoal caminha com a profissional, são indivisíveis.

Mas, o que significa sucesso profissional? Reconhecimento, profissional e financeiro, e satisfação pessoal? Se assim pensarmos, as “boas profissões” estão também e além da tríade dourado, passeiam por todos os campos do conhecimento. Novos comportamentos, mercados, inovações e reinvenções dos modelos atuais vêm descortinando novas profissões e criando oportunidades para quem percebe que a vida é um infundável espaço de possibilidades desde que haja vocação, dedicação e coragem. Como escreve Guimarães Rosa, *o que a vida quer da gente é coragem*.

Sérgio Falcão

Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/opiniaio/2018/07/o-mundo-mudou-repare.html>>.



Proposta de Redação

TEXTOS MOTIVADORES

Texto I

O sonho de todo jovem é sair da faculdade com o diploma na mão e de imediato encontrar um emprego com um bom salário. Mas a verdade é que em poucas profissões isso irá acontecer. Será necessário esforçar-se muito, conquistar espaço, buscar qualificação, ser humilde, proativo, aprender com os outros, ser paciente... e mais uma dezena de outros quesitos que movimentam o competidíssimo mercado de trabalho na era da globalização. A boa notícia é que sim, quem tem diploma realmente ganha mais que a média do trabalhador brasileiro. Contudo, isso não é motivo para se acomodar.

Os dados do Cadastro Central de Empresas (Cempre) demonstram que o número de pessoas com nível superior cresceu 8,5%, enquanto a classe sem nível superior, 4,4%. Os trabalhadores com diploma receberam, em média, R\$ 4.135,06 e os sem nível superior R\$ 1.294,70, ou seja, uma diferença de 219,4%.

A gerente da Agência do Trabalhador da cidade de Francisco Beltrão (PR), Isolete Gemelli, conta que no dia a dia é comum ouvir as pessoas reclamando de baixos salários. “A grande maioria dos candidatos não tem curso superior, é uma das razões para sempre receberem o salário mínimo da categoria. Não estão se qualificando para dar algo a mais, um diferencial, que possa motivar um aumento salarial”, frisa.

Niomar Pereira. Disponível em: <www.jornaldebeltroa.com.br>. Adaptado.

Texto II

O estudante Marcus Lucas Peres Caum, que cursa Licenciatura em Informática, subiu de cargo e aumentou o salário no último ano. “A diferença é que não ganhei um aumento de salário e cargo por conta do curso de graduação, mas sim da experiência na área.” Ele trabalha em uma empresa de desenvolvimento *web* (sites e sistemas). Marcus acredita que o que pesou favoravelmente foi o conhecimento adquirido com outros cursos e a experiência com o trabalho. “Creio que só o fato de estar cursando faculdade não interferiu, depende muito da área. No meu caso, o que valeu foi mesmo o conhecimento”, pontua.

Niomar Pereira. Disponível em: <www.jornaldebeltroa.com.br>. Adaptado.

Texto III

Não é por acaso que o gaúcho e libiano Luís Fernando Veríssimo – nascido em Porto Alegre, RS, a 26 de setembro de 1936 – tornou-se um dos melhores humoristas da literatura brasileira. Apesar de sua formação acadêmica envolver desde os estudos no Instituto Porto Alegre até o *Theodore Roosevelt High School* em Washington D.C., Estados Unidos, o escritor não hesita em se dizer autodidata, afirmando que nada aproveitou dos anos na escola. Foi na experiência profissional diversificada ao longo da vida que nasceram as várias facetas de seu talento.

Apresentação do autor. In: Luís Fernando Veríssimo. *O nariz e outras crônicas*, 2003.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto **dissertativo-argumentativo** em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **Os desafios para o sucesso profissional no século XXI**, apresentando proposta de solução que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

(UEA – Adaptada)



Exercícios de Fixação

01. Reescreva os trechos abaixo, adaptando-os a um registro formal:

A) Plugue-se ao mundo.

B) Evite picuinhas. O que passou, passou.

02. Complete os espaços abaixo, transformando as orações reduzidas (destacadas) em orações desenvolvidas:

A) **Afastando-se do turbilhão da rua**, o poeta trabalharia melhor.

Sempre que _____ o poeta trabalharia melhor.

B) **Tendo conhecido muitos lugares do mundo**, o poeta jamais esquecia a Recife de sua infância.

Embora _____, o poeta jamais esquecia a Recife de sua infância.

03. (PUC-Rio) Reescreva o período abaixo, transformando as orações reduzidas (destacadas) nas **orações desenvolvidas** do tipo solicitado:
- A) **Mantida uma preocupação exagerada com o estilo**, o poeta não alcançará a simplicidade essencial ao poema. _____ (oração condicional), o poeta não alcançará a simplicidade essencial ao poema.
- B) **Ocupado demais com a gramática**, o poeta deixou de perceber a riqueza da fala do povo. _____ (oração causal), o poeta deixou de perceber a riqueza da fala do povo.
04. (Fuvest) Está inteiramente correta a redação da seguinte frase:
- A) É mais preferível a cadeia do que enfrentar a literatura, pensou o *hacker*.
- B) Preferia muito mais outra pena qualquer, do que ficar lendo e resumindo.
- C) Prefiro a cadeia ao em vez de ler e resumir essa tal de literatura.
- D) O *hacker* teria preferido ir preso do que ler e resumir obras clássicas.
- E) Ele achava preferível ficar preso a ter que ler e resumir aqueles livros.
05. (USP) Está adequada a correlação entre os tempos verbais da frase:
- A) Será que o juiz, de fato, averiguará se os três jovens lessem e resumissem clássicos da literatura?
- B) Espantou a todos a notícia de que o juiz determinara que os três jovens devam ter lido e resumido clássicos da literatura.
- C) Ninguém imaginou que o juiz pudesse determinar que os três jovens haveriam de ler e resumir clássicos da literatura.
- D) O juiz houve por bem determinar aos três jovens que se ocupariam da leitura e do resumo de clássicos da literatura.



Exercícios Propostos

- Leia os textos a seguir, publicados no *site* do jornal *Folha de S. Paulo*, em um mês de 2013, e responda às questões **01** e **02**.

Texto I

BOLSA ANTICRACK

Com grande espanto e indignação li a manchete “Governo de SP exclui menor de idade da ‘bolsa anticrack’” (“*Cotidiano*”, 10/5). Segundo a reportagem, os menores de idade – que somam 38% dos usuários – não serão beneficiados pela bolsa anticrack, porque o Estado diz que não há clínicas especializadas no atendimento a adolescentes. Isso mostra que o Estado não está voltado para todos. Os jovens – que possuem mais chances de serem recuperados do mundo das drogas, pois ainda têm uma longa vida pela frente – são ignorados pelo Estado. Os adolescentes merecem uma atenção maior, merecem mais uma chance. O ideal seria investir em campanhas educativas voltadas aos jovens e no fortalecimento do atendimento ambulatorial, onde o paciente é tratado sem a obrigação de ser internado.

Jean-Pierre Mickael K. Fleury, 14 anos (São Paulo-SP). Adaptado.

Texto II

BOLSA ANTICRACK

Em referência à carta “Bolsa anticrack” (Painel do Leitor, 12/5), o Estado possui, sim, atendimento a crianças e adolescentes com problemas de dependência química. Mas esse serviço é distinto do que é oferecido a adultos dentro do Programa Estadual de Enfrentamento ao Crack, agora denominado de Programa Recomeço, porque segue o que determina o Estatuto da Criança e do Adolescente. Para estes casos, conforme o ECA, não é permitido, no mesmo espaço, atender adultos e adolescentes. É importante ressaltar que o Cartão Recomeço é mais uma das ações do Programa Recomeço, e não a única. O atendimento a crianças e adolescentes é prestado nos acolhimentos. A dependência química é tratada pelos profissionais nesses equipamentos sociais.

Rodrigo Garcia, Secretário de Estado de Desenvolvimento Social (São Paulo-SP) Adaptado.

01. (UEL-2ª Fase/2014) Sobre os recursos linguístico-semânticos presentes no Texto I, assinale a alternativa correta.
- A) O conectivo “porque” antecipa a consequência expressa na frase “não há clínicas especializadas no atendimento a adolescentes”.
- B) O conectivo “porque” expressa a ideia de conclusão a respeito dos beneficiários da bolsa disponibilizada pelo poder público.
- C) O conectivo “pois” indica a ideia de explicação que subsidia o argumento sobre as chances de recuperação dos jovens.
- D) O conectivo “pois” enfatiza o contraste entre as ideias expressas no período quanto às particularidades temporais.
- E) O conectivo “onde” remete ao destaque atribuído, na frase, às campanhas educativas caracterizadas pela ênfase no fortalecimento dos jovens.
02. (UEL-2ª Fase/2014) Acerca dos dois textos, assinale a alternativa correta.
- A) Ambos os textos são descritivos, pois se preocupam em caracterizar os aspectos positivos e negativos do programa “Bolsa anticrack” para determinados segmentos da sociedade.
- B) Não há uma relação de intertextualidade entre os textos I e II, porque o Secretário de Estado discorda, de forma veemente, do leitor adolescente.
- C) O Texto I suscitou uma resposta do Secretário de Desenvolvimento baseada na contra-argumentação e na defesa do trabalho da secretaria que coordena.
- D) O Texto II, para ser plenamente compreendido, independe do Texto I, já que se trata de produtores de texto diferentes, com ideias opostas.
- E) O objetivo do gênero textual em questão é dar voz às opiniões dos leitores, desde que elas corroborem a opinião do jornal.
- Leia o trecho da crônica a seguir e responda às questões **03** e **04**.

Depois entrou em casa: entrou e parece que não gostou ou não entendeu. Foi perguntando onde é que ficava o elevador. E sabendo que não havia elevador, indagou como é que se ia para cima. Nós explicamos que não havia lá em cima. Ele ficou completamente perplexo e quis saber onde é que o povo morava. E não acreditou direito quando lhe afirmamos que não havia mais povo, só nós. Calou-se, percorreu o resto da casa e as dependências, se aprovou, não disse. Mas, à porta da sala de jantar, inesperadamente, deu com o quintal. Perguntou se era o Russell. Perguntou se tinha escorrega, se tinha gangorra.

Perguntou onde é que estavam “os outros meninos”. Claro que achava singular e até meio suspeito aquela porção de terra e árvores sem ninguém dentro. Todas essas observações, fê-las ainda do degrau da sala. Afinal, estirou tentativamente a ponta do pé, bateu o chão, resolveu explorar aquela floresta virgem. Sacudia os galhos baixos das fruteiras, arrancava folhas que mastigava um pouco, depois cuspiu. Rodeou o poço, devagarinho, sem saber o que havia por trás daquele muro redondo e branco, coberto de madeira. Enfim, chegou debaixo da goiabeira grande, onde se via uma goiaba madura, enorme. Declarou então que queria comer aquela pêra. Lembrei-me do Padre Cardim – não era o Padre Cardim? – que definia goiabas como “espécie de peros, pequenos no tamanho” –, onde se vê que os clássicos e as crianças acabam sempre se encontrando. Decerto porque uns e outros vão apanhar a verdade nas suas fontes naturais.

QUEIROZ, R. *Conversa de menino*. São Paulo: Global, 2004. p.114-115. (Coleção Melhores Crônicas).

03. (UEL/2014) Releia o trecho a seguir.

Afinal, estirou tentativamente a ponta do pé, bateu o chão, resolveu explorar **aquela floresta** virgem.

Quanto ao emprego da expressão destacada, assinale a alternativa correta.

- A) Trata-se de uma metonímia, pois atribui novo sentido ao quintal da casa.
- B) Há um eufemismo, uma vez que retrata o discurso modesto do narrador em relação à sua propriedade.
- C) Há uso denotativo, pois, conforme se observa em outros trechos da crônica, a casa ficava em uma reserva florestal.
- D) É uma metáfora, utilizada pelo narrador para evidenciar o orgulho que nutria por seu quintal.
- E) É uma hipérbole, porque faz referência ao olhar ainda surpreso e curioso do menino em relação ao pomar no quintal da casa.

04. (UEL/2014) Acerca dos recursos de pontuação presentes no fragmento, atribua (V) verdadeiro ou (F) falso às afirmativas a seguir.

- () A vírgula (linha 3) separa orações coordenadas entre si: “não havia elevador” e “indagou”.
- () A segunda vírgula (linha 7) corresponde à enumeração de ações.
- () Na linha 8, há vírgulas que marcam a intercalação de circunstâncias de lugar e de modo.
- () As aspas (linha 11) correspondem à ironia do narrador sobre o menino.

• Leia o trecho a seguir

— Sou playboy! – dizia Pardalzinho a todos que comentavam sua nova indumentária. Tatuou no braço um enorme dragão soltando labaredas amarelas e vermelhas pelo focinho, o cabelo ligeiramente crespo foi encaracolado por Mosca. Sentia-se agora definitivamente rico, pois se vestia como eles. O cocota pediu a Mosca que comprasse uma bicicleta Caloi 10 para que pudesse ir à praia todas as manhãs. Rico também anda de bicicleta. Iria frequentar a praia do Pepino assim que aprendesse o palavreado deles. Na moral, na moral, na vida tudo é uma questão de linguagem. Alguns bandidos tentaram fazer chacota do seu novo visual. O traficante meteu a mão no revólver dizendo que não tinha cara de palhaço. Até mesmo Miúdo prendeu o riso quando o viu dentro daquela roupa de garotão da Zona Sul.

LINS, P. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.261.

05. (UEL/2014) Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, o termo a que o pronome sublinhado se refere.
- A) “Sentia-**se** agora definitivamente rico”: Mosca.
 - B) “pois se vestia como **eles**”: Mosca e Miúdo.
 - C) “assim que aprendesse o palavreado **deles**”: bandidos.
 - D) “chacota do **seu** novo visual”: bandidos.
 - E) “quando **o** viu dentro daquela roupa de garotão”: traficante.

• Texto para as questões de 06 a 10.

Uns certos profundíssimos filólogos negam-nos, a nós brasileiros, o direito de legislar sobre a língua que falamos. Parece que os cânones desse idioma ficaram de uma vez decretados em algum concílio celebrado aí pelo século XV.

- 5 Esses cânones só têm o direito de infringi-los quem nasce da outra banda, e goza a fortuna de escrever nas ribas históricas do Tejo e Douro ou nos amenos prados do Lima e do Mondego.

- 10 milhões de habitantes, havemos de receber a senha de nossos irmãos, que não passam de um terço daquele algarismo.

Nossa imaginação americana, por força terá de acomodar-se aos moldes europeus, sem que lhe seja permitido revestir suas formas originais.

- 15 Sem nos emaranharmos agora em abstrusas investigações filológicas, podemos afirmar que é este o caso em que a realidade insurge-se contra a teoria. O fato existe, como há poucos dias escreveu o meu distinto colega em uma apreciação por demais benévola.

- 20 É vã, senão ridícula, a pretensão de o aniquilar. Não se junte a possante individualidade de um povo jovem a expandir-se ao influxo da civilização, com as teias de umas regrinhas mofentas.

Desde a primeira ocupação que os povoadores do Brasil, e após eles seus descendentes, estão criando por todo este vasto império um vocabulário novo, à proporção das necessidades de sua vida americana, tão outra da vida europeia.

- 25 Nós, os escritores nacionais, se quisermos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua, com os termos ou locuções que ele entende, e que lhe traduzem os usos e sentimentos.

Não é somente no vocabulário, mas também na sintaxe da língua, que o nosso povo exerce o seu inalienável direito de imprimir o cunho de sua individualidade, abrandando o instrumento das ideias.

- 30 Entre vários exemplos recorde-me agora principalmente de um muito para notar.

Falei-lhe há pouco da excentricidade de certos aumentativos. Usa-se no Ceará um gracioso e especial diminutivo, que talvez seja empregado em outras províncias; mas com certeza se há de generalizar, apenas se vulgarizar.

- 40 Não permite certamente a rotina etimológica aplicar o diminutivo ao verbo. Pois em minha província o povo teve a lembrança de sujeitar o participio presente a esta fórmula gramatical, e criou de tal sorte uma expressão cheia de encanto.

- 45 A mãe diz do filho que acalentou ao colo: “Está dormindinho”. Que riqueza de expressão nesta frase tão simples e concisa! O mimo e ternura do afeto materno, a delicadeza da criança e sutileza do seu sono de passarinho, até o receio de acordá-la com uma palavra menos doce; tudo aí está nesse diminutivo verbal.

Entretanto, meu ilustre colega, suponha que em algum romance eu empregasse aquele idiotismo a meu ver mais elegante do que muita roupa velha com que os puristas repimpam suas ideias.

- 50 Não faltariam, como de outras vezes tem acontecido, críticos de orelha, que, depois de medido o livro pela sua bitola,

escrevessem com importância magistral: “Este sujeito não sabe gramática”. E têm razão; gramática para eles é a artinha que aprenderam na escola, ou por outra, uma meia dúzia de regras que se afogam nas exceções.

José de Alencar. “O Nosso Cancioneiro” In: *Obra Completa*. v. 4. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1960, pp. 965-966.

06. Responda ao que se pede.

As definições seguintes poderiam ser usadas na construção de um glossário que auxiliasse a leitura do texto. Busque no texto a palavra que corresponde a cada verbete e indique o número da aceção que melhor traduz o sentido com que foi empregada.

A) Idiotismo (linha 52) *S. f.* **1.** Insuficiência de desenvolvimento mental, estupidez, insânia; **2.** locução, modo de dizer ou construção privativa de uma língua.

Aceção nº _____

B) Abstruso (linha 15) *Adj.* **1.** Oculto, escondido. **2.** Dificilmente compreensível; confuso, obscuro, intrincado.

Aceção nº _____

C) Jungir (linha 21) *V. t. d.* **1.** Ligar por jugo; emparelhar, juntar. **2.** Unir, atar, ligar, prender. **3.** Submeter, subjugar. Td.e.i. **4.** Ligar, prender ou atar a veículo ou máquina agrícola.

Aceção nº _____

07. A que se refere o autor quando emprega a expressão “muita roupa velha” (linha 53)?

08. Responda ao que se pede.

A) Explique, com base no texto, a seguinte afirmação de Alencar: “...é este o caso em que a realidade insurge-se contra a teoria” (linhas 16 e 17)

B) Até que ponto José de Alencar daria razão a quem sobre ele afirmasse “Este sujeito não sabe gramática”? (linhas 57 e 58)

09. Responda ao que se pede.

A) O diminutivo pode ser empregado com valores distintos daquele geralmente considerado mais básico, qual seja, o de diminuição de tamanho. É isso o que acontece com o diminutivo em “dormindinho”, que, como nos explica José de Alencar, indica ternura e afeto. Busque no texto outro substantivo em que o diminutivo seja usado com valor diferente daquele tido como básico e explique esse valor.

B) Os pronomes destacados nas frases abaixo são normalmente classificados nas gramáticas do português como objetos indiretos. É comum, em tais gramáticas, observar-se que os objetos indiretos podem exprimir diferentes valores. Transcreva duas orações do texto de Alencar em que o objeto indireto seja representado por um pronome e tenha um valor que corresponda respectivamente a:

I. Jorge **me** entregou o envelope antes de sair. (objeto indireto exprimindo o beneficiário ou destinatário da ação)

II. Penteou-**lhe** os cabelos e saiu do quarto. (objeto indireto exprimindo o possuidor de algo)

10. O texto salienta duas atitudes distintas em relação ao uso da língua: uma associada àqueles que Alencar denomina “profundíssimos filólogos” e “puristas” e outra defendida pelo próprio autor. Complete as frases abaixo assumindo ora uma atitude “purista” ora uma atitude mais afinada com as colocações de Alencar.

A) O povo frequentemente utiliza construções que se desviam do que as gramáticas prescrevem; por isso,

O povo frequentemente utiliza construções que se desviam do que as gramáticas prescrevem; por isso,

B) Alguns escritores nacionais procuram aproximar sua escrita da língua do povo; no entanto,

Alguns escritores nacionais procuram aproximar sua escrita da língua do povo; no entanto,

Introdução

Selecionar, organizar, relacionar e interpretar argumentos, informações, fatos e opiniões em defesa de um ponto de vista são os objetivos para conseguir nível 5, na competência III, da prova de Redação do Enem. Logo, o primeiro aspecto a ser analisado, na avaliação desta Competência pelos corretores, é a defesa de um ponto de vista. Para tanto, devem-se entender essas quatro habilidades necessárias para o sucesso de um excelente texto.

Selecionar

Essa habilidade corresponde à **diversidade** de informações a serem elencadas para esboço do texto. Porém, convém lembrar que a boa seleção não está na quantidade de informações, mas, sim, na qualidade destas, uma vez que o objetivo do autor do texto é superar as expectativas do corretor, e isso não pode ser feito se a seleção de informações vier do senso comum ou do próprio texto motivador. Nesse sentido, é por meio desta habilidade que se reconhece o repertório sociocultural produtivo do aluno desenvolvido a partir da relação com outras áreas do conhecimento. Conclui-se que, para se fazer uma boa seleção de informações, o aluno deve:

- Diversificar as informações;
- Ampliar seu conhecimento sobre o assunto e articulá-lo a outros saberes;
- Sair do senso comum;
- Criar um *brainstorming*;
- Extrapolar o texto motivador;
- Elencar ideias que superem as expectativas do corretor;
- Pesquisar sobre o tema;
- Configurar autoria do texto (pôr no texto ideias originais ou imprevisíveis).

Ex.: **Tema:** A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira.

Senso comum e texto motivador	Informações diversificadas
Citar os tipos de agressões.	Explicar a causa do medo de as mulheres não denunciarem.
Argumentar que há a Lei Maria da Penha.	Usar teorias sociais e filosóficas acerca do tema.
Utilizar o disque denúncia 180 como solução.	Evidenciar a principal marca da violência: o descaso e o trauma.
Dizer que poucas mulheres denunciam.	Mostrar as falhas no sistema que dá proteção à mulher.
Citar que o agressor é o próprio parceiro.	Reavaliar os conceitos culturais sobre a mulher repassados à sociedade.

Interpretar

Essa habilidade corresponde à contextualização da seleção das ideias sobre o recorte temático e a defesa do ponto de vista a fim de que as informações não extrapolem (fuga), tangenciem ou, simplesmente, fiquem alheias dentro do texto, como se fossem apenas completar as linhas. A interpretação corresponde, desse modo, à unidade textual, à coerência atribuída ao ponto de vista a ser defendido. Conclui-se que, para se fazer uma boa interpretação de informações, o aluno deve:

- Decodificar informações;
- Reconhecer a diferença entre pressuposição e subentendimento;
- Contextualizar as informações ao tema e à defesa do ponto de vista;
- Identificar as entrelinhas da informação;
- Exercitar com frequência sua capacidade de leitura;
- Comparar a situação apresentada com outras já observadas;
- Buscar a centralidade da discussão por meio da identificação do tópico-frasal;
- Evitar os erros comuns de interpretação: extrapolar (fuga), reduzir, contrariar;
- Aprimorar o vocabulário;
- Fazer associação com outras áreas do conhecimento.

Organizar

Essa habilidade corresponde à hierarquia e ao modo de sistematizar as informações selecionadas para a formação de cada argumento a ser colocado no texto. Nesse sentido, o aluno deve entender que há dois tipos básicos de argumentos e informações – relevantes e secundários –, e estes devem ser colocados no texto seguindo uma ordem lógica de pensamento. O ideal seria a relação de subordinação entre estes pensamentos, organizando em forma de dependência lógica em que o argumento secundário seja necessário para complementar o argumento mais relevante. Conclui-se que, para se fazer uma boa organização de informações, o aluno deve:

- Ordenar o pensamento por meio de um dos métodos a seguir:

Analítico: consiste em decompor o todo, em partes mais simples, que são mais facilmente explicadas ou solucionadas.

Sintético: é a reunião de um todo pela junção de suas partes.

Dedutivo: vai do geral ao particular. É uma forma de raciocínio em que se atinge a conclusão a partir de uma ou várias premissas.

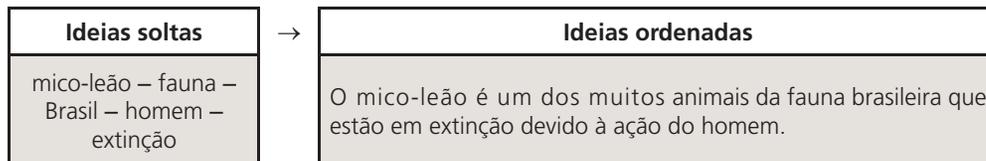
Indutivo: é o processo inverso do pensamento dedutivo, é o que vai do particular ao geral. A base é a figuração de que se algo é certo em algumas ocasiões, o será em outras similares, mesmo que não se possam observar.

Pensamento crítico: examina a estrutura dos raciocínios, e tem uma vertente analítica e avaliativa. Tenta superar o aspecto mecânico do estudo da lógica.

Wikipédia, a enciclopédia livre.

- Classificar os argumentos em mais relevantes e secundários;
- Subordinar as ideias.

Exemplo:



Relacionar

Essa habilidade corresponde à ligação direta com as demais habilidades apresentadas, sendo uma espécie de arremate. Com isso, entende-se que relacionar é promover a conexão entre a seleção, a interpretação e a organização dos argumentos em defesa de um ponto de vista. Conclui-se que, para se fazer uma boa conexão de informações, o aluno deve:

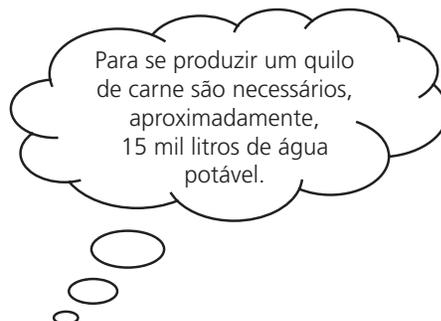
- Manter ligação direta com o ato de **selecionar, interpretar e organizar**;
- Estabelecer um nexos entre os argumentos e as ideias;
- Comparar a situação do tema com outra experiência já presenciada ou lida;
- Costurar seu pensamento a um argumento de autoridade (citação, paráfrase);
- Observar os pontos em comum de sua argumentação e expô-los.

Exemplo:

Ideia 1



Ideia 2



Ideias relacionadas

O desperdício de alimentos é um dos fatores que contribuem para a situação caótica de escassez hídrica existente no Brasil, pois é muito alto o consumo de água potável para a produção de alimentos, e, ao descartá-los, milhões de litros desse mineral vão, literalmente, pelo ralo.

ESTUDO DE CASO

Segundo o conceito da Geografia, o refugiado é aquele cujo deslocamento foi motivado por perseguição étnica, religiosa ou política. Embora as migrações sejam uma histórica característica da humanidade, a situação gerada pelo numeroso contingente de refugiados tem-se tornado uma preocupante problemática. Isso se deve, sobretudo, à falta de preparação dos Estados os quais irão receber esses imigrantes e à ineficácia dos órgãos internacionais em combater as causas do deslocamento. Logo, ações, por parte dos Estados Nacionais e órgãos internacionais, que visem ao enfrentamento dessa realidade são imprescindíveis.

Nesse contexto, na canção “Asa Branca”, do músico Luiz Gonzaga, o eu lírico, devido a fatores externos — a seca e a miséria —, é obrigado a deixar a terra de origem dele; no entanto, o forte sentimento de pertencimento faz com que, caso os fatores expulsivos sejam amenizados, a possibilidade de retorno à terra natal seja considerada. Analogamente, essa situação é vivenciada por grande parte dos refugiados, os quais foram, devido aos conflitos e à miséria, expulsos do local pelo qual nutriam um sentimento nacionalista. Assim, em decorrência da ineficácia de órgãos como a ONU, pode, no contingente de refugiados, ser observado um vertiginoso aumento, o que leva à preocupação dos Estados com a superlotação e, por conseguinte, à negação da entrada de novos refugiados nessas nações, causando diversas mortes, vista a arriscada travessia realizada.

Ademais, de acordo com a ONU, os países responsáveis por receber a maior parte dos refugiados são periféricos, os quais recebem sete vezes mais imigrantes que as nações da Europa. Em tais nações não desenvolvidas não há, majoritariamente, uma estrutura capaz de inserir os imigrantes na sociedade, levando à marginalização deles. Por isso, impossibilitados de ter acesso a direitos básicos — como saúde, educação e moradia —, alguns indivíduos, diante de uma realidade de exclusão nos guetos, recorrem à transgressão como meio de sobrevivência. Desse modo, cresce o sentimento xenofóbico, intolerância impulsionadora de nefastas ideologias, a exemplo do neonazismo, e de alarmantes índices de rejeição aos imigrantes, a exemplo do número encontrado pelo Instituto Ipsos, o qual informa que 40% de 22 populações defendem o fechamento das fronteiras.

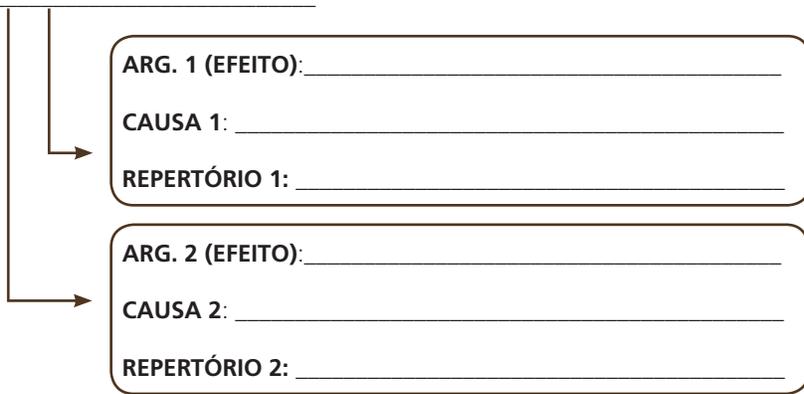
Urge, portanto, a realização de medidas que tenham como finalidade solucionar tanto as causas quanto as consequências da crise dos refugiados. Dessa maneira, faz-se necessária a atuação intensa de órgãos internacionais, especialmente a ONU, nas áreas de conflito, a fim de, por meio da diplomacia, solucionar tais tensões. Outrossim, os Estados Nacionais devem, por meio de programas de inserção do imigrante na economia — o que pode ser feito com a concessão de incentivos fiscais às empresas dotadas de refugiados na equipe — e de campanhas de conscientização coletiva, as quais devem ressaltar a importância da diversidade e como respeitá-la, sanar a problemática da marginalização desse segmento.

Eva Caroline F. Moura – TURMA FB-SP

RECONHECENDO O PLANEJAMENTO DA REDAÇÃO

TEMA: A QUESTÃO DOS REFUGIADOS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.

TESE (NEGATIVA): _____



SOLUÇÃO:

1. **AGENTE:** _____
2. **AÇÃO:** _____
3. **DETALHAMENTO:** _____
4. **MEIO:** _____
5. **FINALIDADE/EFEITO:** _____

Respostas:

- 5. **Finalidade:** sanar a problemática da marginalização
 - 4. **Meio:** programas de inserção econômica
 - 3. **Detalhamento:** campanhas de conscientização coletiva
 - 2. **Ação:** deve inserir socialmente o refugiado
 - 1. **Agente:** Estados nacionais
- Solução:**
- Arg. 2 (causa):** Ineficácia de órgãos internacionais
 - Efeito 2:** impossibilidade de acesso a direitos básicos
 - Repertório 2:** Dados da ONU
 - Arg. 1 (causa):** Falta de preparação dos Estados
 - Efeito 1:** problemas com a superlotação de refugiados
 - Repertório 1:** “Asa Branca”
- tese (negativa):** A situação gerada pelo contingente de refugiados é preocupante



Fique de Olho

ASPECTOS FORMAIS DA LÍNGUA

Este/esse, esta/essa, isto/isso

Os pronomes demonstrativos – este, esse, esta, essa, isto, isso – indicam a relação de um termo com outros no tempo, no espaço e no texto.

No tempo:

- **Este** se refere ao tempo presente: esta semana, este mês, este ano.
- **Esse** e **aquele** indicam tempo passado. **Esse** é usado para um passado próximo e **aquele**, para um passado mais distante.
Ex.:
 - Jarbas disse que ficou insatisfeito com informações enviadas pelo Ministério das Relações Exteriores sobre o caso do boliviano Roger Molina, parlamentar condenado naquele país e que fugiu **esse ano** **este ano** para o Brasil em um carro da chancelaria brasileira. (Para se referir ao ano vigente, use “este”.)
 - O Prodasen informou que no final de 2013 e no início **deste ano** a Casa investiu R\$ 10 milhões em tecnologia da informação.
 - Presidente da Comissão de Educação pretende iniciar **este mês** debates sobre proposta, que está em análise no Congresso desde 2010.
 - **Nessa sexta** (21), aconteceu a posse de 47 novos servidores do Senado no Auditório do Interlegis.
 - **Nesta sexta** (21), aconteceu a posse de 47 novos servidores do Senado no Auditório do Interlegis. (O correto é **nesta sexta**, já que o texto se referia ao dia vigente.)
 - Lembrou que a balança comercial brasileira registrou, em outubro, um déficit de US\$ 224 milhões, pior valor registrado **nesse mês** desde o ano 2000.
 - O relatório preliminar de Chinaglia à proposta orçamentária para 2012 foi aprovado no dia 10. Conforme noticiou a Agência Câmara, negociações mantidas **naquela semana** provocaram mudanças, reforçando significativamente a dotação das ações de saúde.
 - O líder do Partido enalteceu a “decisão corajosa” da Presidente Dilma Rousseff de lançar o Programa Mais Médicos há quase um ano. **Naquele momento**, lembra, houve “quase uma convulsão raivosa” de alguns setores diante da determinação de levar médicos a localidades desprovidas ou com poucos profissionais.

No espaço:

Este é usado para se referir a objetos que estão perto de quem fala. Por exemplo:

- Esta sala está quase cheia (a pessoa que fala se encontra no local).
- Este parecer aqui já está pronto (o documento está perto de quem fala).
- Esperamos em breve que **este Plenário** possa consagrar esse desejo do povo baiano e da Presidente da República – concluiu.

Esse indica que o objeto está perto da pessoa com quem se fala. É o caso de:

- Essas pastas aí estão vazias (as pastas estão próximas da pessoa com quem se fala).

Aquele informa que o objeto está longe tanto da pessoa que fala quanto da pessoa com quem se fala.

- Veja: Vamos pegar aquele livro lá na estante.

No texto:

Este faz referência a algo que ainda será apresentado no texto, que virá a seguir.

- São **estes** os gramáticos que assinaram o requerimento: Rocha Lima, Mattoso Câmara e Celso Cunha.
- “— **Isto é extremamente importante:** cuidar da nossa população. **Esse** é o papel que nós, parlamentares, exercemos — declarou.”
- “São **estas** as propostas já aceitas pelo Presidente do Senado: estabelecimento de uma meta de redução de pessoal, realização de sessão ordinária mensal no Plenário para estabelecer a votação de pauta; realização de sessão ordinária do Plenário para votação de medidas administrativas (...)”
- “— **Esta é uma indagação elementar:** se a redução da tarifa ocorrerá em 2013, por que razão a Presidente teria que anunciar em meio à campanha eleitoral? Isto é honesto? **Isto** respeita o país? **Isto** é procedimento de chefe da nação ou de chefe de uma facção política?” — questionou [o Senador].

Esse faz menção a algo que já foi apresentado no texto.

- Ele disse que as indústrias de cigarros devem começar a se preparar, pois o número de fumantes vai diminuir cada vez mais em razão da consciência dos malefícios causados por **este** hábito. (O correto é **esse hábito**, pois se refere ao hábito de fumar, já apresentado no texto. Para uma redação mais enxuta, bastaria “malefícios causados pelo hábito”.)
- “— **Nesta Casa**, sou da base do Governo Dilma. **Isso**, no entanto, não me impede, não me inibe ou me descredencia a deplorar não apenas as desculpas piedosas ou a falta de originalidade nas explicações e as tentativas de trapacear a verdade, não apenas **isso**, mas sobretudo o fato em si, **isto é**, as privatizações.”
- De um lado, o consumidor reclama das oscilações nos preços das passagens aéreas. De outro, as empresas aéreas e a Secretaria de Aviação Civil da Presidência da República garantem que o valor médio das tarifas caiu na última década. **Este** contraponto marcou o debate sobre os motivos do aumento excessivo das tarifas aéreas, promovido pela CAE. **(Esse)**
- Para reservar sua visita, clique aqui e preencha o pedido de visita para o dia e o horário desejados, com antecedência mínima de 48 horas. Há também um endereço de correio eletrônico para **este** fim: visitas@camara.gov.br. **(Esse)**
- O projeto também estabelece que a condenação criminal não implica automaticamente a destituição do poder familiar. **Isto** só aconteceria em caso de crime doloso praticado contra o próprio filho e punível com reclusão. **(Isso)**

Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-estilo/este-esse-esta-essa>> (Adaptado)

A fim de/afim

A locução **a fim de** equivale a **para, com o objetivo de** ou **com vontade de**.

O adjetivo **afim** revela **semelhança, afinidade** ou **parentesco**.

- Projeto em análise na CCJ estipula que peças publicitárias da indústria automobilística ou **afim** deverão incluir mensagem educativa de trânsito. Na próxima semana, a comissão se reunirá **a fim de (para)** avaliar a proposta.
- O primeiro assunto é tema da PEC 37/2011, que reduz de dois para um o número de suplentes de Senador e proíbe a eleição de suplente que seja cônjuge, parente consanguíneo ou **afim** do titular.
- As comissões vão examinar a atual legislação de ensino naval **afim** de torná-la mais moderna. (a fim de torná-la)

Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-estilo/estilo/a-fim-de-afim>>

QUEM LÊ APRENDE MAIS E ESCRIVE MELHOR

APÓS 9 ANOS, NENHUMA META DA GESTÃO DO LIXO FOI CUMPRIDA NO PAÍS

Brasil ainda tem cerca de 3 mil lixões a céu aberto, segundo associação de empresas de limpeza; produção de lixo aumentou 28%, quando meta era reduzir

Tulio Kruse, *O Estado de S.Paulo*
02 de agosto de 2019 | 03h00

SÃO PAULO – Nove anos após a aprovação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), o Brasil não conseguiu cumprir nenhuma meta para a gestão do lixo. Em alguns aspectos, o País inclusive caminha na direção contrária de diretrizes que levaram duas décadas para serem aprovadas no Congresso.

A produção de lixo aumentou 28% de 2010 a 2017, segundo os dados mais recentes da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe), divulgados nesta sexta-feira, 2. A meta para este ano era reduzir, na mesma proporção, a produção de resíduos destinados a aterros.

O País ainda tem 3 mil lixões a céu aberto, que deveriam ter sido extintos em 2014. A taxa de reciclagem ficou praticamente estagnada – foi de 2% para 3% no período. Cerca de 7 milhões de toneladas de lixo por ano continuam fora do sistema de coleta regular e não vão sequer para os lixões, segundo a Abrelpe.

“As práticas de gestão de resíduos no Brasil vão na direção contrária daquilo que é recomendado, e que já foi entendido como a direção correta a ser seguida”, diz o presidente da Abrelpe, Carlos Silva Filho. “Ninguém se mobilizou até o momento para tirar a lei do papel.”

Os motivos apontados por especialistas para o fracasso da PNRS vão da penúria financeira de prefeituras à falta de articulação entre municípios, Estado e a União. Boa parte das normas previstas na lei, que servem para regulamentar a política, não foram publicadas pelo governo federal. Segundo Silva Filho, isso deixou municípios sem orientação para como desativar lixões, por exemplo, ou incentivos para a reciclagem.

O Índice de Sustentabilidade Urbana (Isu), elaborado pelo Sindicato Nacional das Empresas de Limpeza Urbana (Selurb) e pela consultoria PwC Brasil, mostra uma espécie de abismo entre o desempenho de cidades que cobram taxas para a gestão do lixo e aquelas que dependem apenas de orçamento próprio. Quase 80% dos municípios que têm arrecadação específica para o lixo usam aterros sanitários. Entre as cidades que não cobram pelo serviço de coleta, só 35% estão em situação regular.

“Precisamos modernizar nosso modelo de custeio. Estamos com um modelo de custeio do século passado”, diz o diretor de sustentabilidade do Selurb, Carlos Rossin.

Prejuízo

A Abrelpe estima que o País desperdice entre R\$ 13 bilhões e R\$ 15 bilhões por ano com as falhas no cumprimento da PNRS. Só o prejuízo pela falta de reciclagem do que vai para aterros é calculado entre R\$ 8 bilhões a R\$ 10 bilhões por ano. São gastos, ainda, cerca de R\$ 5 bilhões com medidas de recuperação ambiental e com tratamentos de saúde por problemas causados pelo descarte irregular de lixo.

Há uma enorme desigualdade entre regiões, como mostram dados do Isu. O uso de aterros sanitários chega a 88,6% dos municípios pesquisados na região Sul. O índice foi praticamente igual ao do ano anterior. A região Norte piorou seu desempenho – de 14,1% para 12,8%. O maior avanço foi no Sudeste, onde subiu de 51,1% para 56,9%. No Centro-Oeste, foi de 14,4% para 18,6%. O Nordeste é a região com o pior resultado, mas melhorou seu índice de 11,4% para 12,6%.

Dos 3,3 mil municípios pesquisados, o índice mostra 51% com desempenho considerado médio. Outros 35% têm desempenho baixo ou muito baixo, e apenas 14% nível alto ou muito alto. Para o economista Jonas Okawara, responsável pelo estudo que elabora o Isu, a dificuldade de se adequar à lei do lixo foi agravada pela crise econômica que o país viveu, especialmente a partir de 2014.

“Os municípios que já tinham dificuldade para pagar a execução da coleta e o custeio da destinação (aterros), e acabam optando por soluções ‘mais baratas’, reativando lixões”, diz Okawara. “Aqueles que tinham a possibilidade de manter o custeio por causa da arrecadação específica, eles sim conseguiram manter a gestão de resíduos adequada e avançar no cumprimento da PNRS.”

Disponível em: <<https://sustentabilidade.estadao.com.br/noticias/geral,apos-9-anos-nenhuma-meta-da-gestao-do-lixo-foi-cumprida-no-pais,70002951243>>.



Proposta de Redação

TEXTOS MOTIVADORES

Texto I



Emidio Batista. Disponível em: <www.planetalixo.com.br>.

Texto II

O crescimento de 38,9% na quantidade de lixo produzido em Manaus, nos últimos dez anos, exigiu que a Secretaria Municipal de Limpeza e Serviços Públicos (Semulsp) adotasse medidas para desafogar o Aterro de Resíduos Sólidos da capital, localizado no quilômetro 19 da AM-010. Os cálculos apontam que, só no ano passado, foram registradas 309,8 mil toneladas de lixo a mais do que em 2005, passando de 792,1 mil toneladas para 1,1 milhão.

O Aterro de Manaus tem, segundo estudos recentes, cerca de dez anos de vida útil, contudo o aumento gradativo na quantidade de lixo pode reduzir esse prazo.

Ana Carolina Barbosa. Disponível em: <www.uol.com.br>. Adaptado.

Texto III

Dos 62 municípios do Amazonas, 58 aderiram ao Programa de Apoio à Elaboração dos Planos Municipais de Saneamento Básico e Gestão Integrada de Resíduos Sólidos. Entre esses municípios, Coari é o primeiro a entregar um plano ao Governo Federal. A proposta elaborada por Coari atende às exigências para tratar de forma adequada os resíduos sólidos produzidos na cidade, bem como a sua destinação.

A fase final de conclusão do plano foi realizada no auditório Silvério Nery, onde as propostas foram postas em debate com a palavra franqueada a qualquer cidadão que quisesse se manifestar e, depois dessa etapa, as decisões foram confirmadas por voto.

Disponível em: <www.uol.com.br>. Adaptado.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **Caminhos para resolver o problema do lixo sólido no Brasil**, apresentando proposta de solução que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

(UEA – Adaptada/2012)



Exercícios de Fixação

01. Responda ao que se pede.

Sem que haja alteração de sentido, reescreva cada trecho abaixo, observando o início proposto a seguir e fazendo as modificações necessárias.

- I. Não basta que eu viva num país onde há liberdade de viajar ao exterior para poder fazê-lo, mesmo se eu quiser.
Não bastava...

- II. Posso ser impedido de viajar ao exterior por minha situação social.
Minha situação social...



Exercícios Propostos

02. Responda ao que se pede.

- I. Reescreva a frase a seguir, substituindo “gostar” “por” “conformar-se” e “esforços” por “batalha”.
 “Os marinheiros transformados em porcos gostaram de sua nova condição e resistiram desesperadamente aos esforços de Ulisses para quebrar o encanto de Circe.”

- II. Na linguagem oral informal, por vezes há um relaxamento da norma culta. Determine qual, dentre os trechos abaixo, apresenta um desvio da norma culta e explique em que consiste o desvio.

A) “Preste atenção, minha flor, porque é da maior importância o que vou lhe dizer.”

B) “Seu chefe vai lhe avisar que pensou melhor e não vai mais lhe despedir!”

03. (PUC-Rio) A frase destacada no trecho abaixo pode causar alguma estranheza, especialmente considerando-se que integra textos escritos. Reescreva-a de modo a eliminar as inadequações.

TRECHO DA BULA DE CERTO MEDICAMENTO:

Este medicamento possui rápida ação antitérmica e analgésica.
Informe o seu médico a persistência de febre e dor.

04. TEMA: **As problemáticas cotidianas na educação**

TIPOLOGIA: **Artigo de Opinião**

TEXTO: Acredito que teremos um rendimento escolar salutar apenas quando os professores voltarem a castigar os alunos que conversam. É inadmissível que o corpo discente atrapalhe os mestres do saber durante as aulas. Bom mesmo era no tempo da palmatória! Naquela época, havia respeito entre alunos e professores, pois o aluno era obrigado a estudar e assim mantinha elevado o nível de conhecimento devido ao medo de ser castigado.

Nesse parágrafo, ocorre o problema de:

- A) fuga ao tema.
- B) tangenciamento.
- C) não atendimento ao tipo de texto.
- D) desrespeito aos direitos humanos.
- E) prolixidade.

05. TEMA: **A destruição ambiental no século XXI**

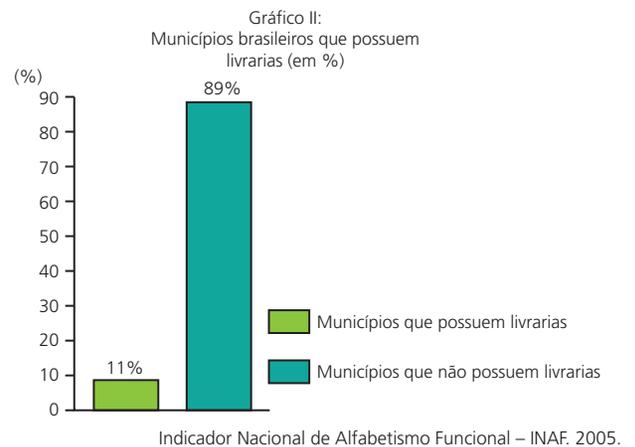
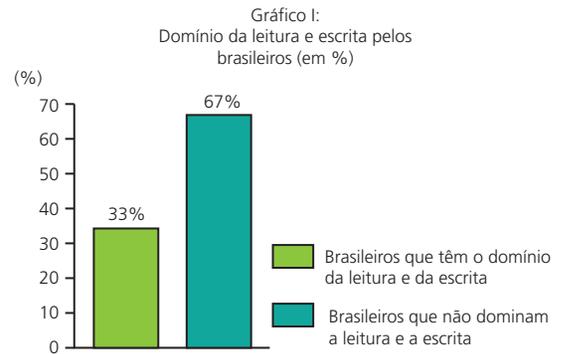
TIPOLOGIA: **Dissertação**

TEXTO: A importância da Mata Atlântica é inquestionável, precisamos dela para vivermos melhor, para respirarmos melhor, para nos alimentarmos melhor, afinal, ela é um dos pulmões da Terra e, portanto, é fundamental para nossa sobrevivência.

Nesse parágrafo, ocorre o problema de:

- A) fuga ao tema.
- B) tangenciamento.
- C) não atendimento ao tipo de texto.
- D) desrespeito aos direitos humanos.
- E) prolixidade.

01. (Enade) Leia os gráficos:



Relacione esses gráficos às seguintes informações:

O Ministério da Cultura divulgou, em 2008, que o Brasil não só produz mais da metade dos livros do continente americano, como também tem parque gráfico atualizado, excelente nível de produção editorial e grande quantidade de papel. Estima-se que 73% dos livros do país estejam nas mãos de 16% da população.

Para melhorar essa situação, é necessário que o Brasil adote políticas públicas capazes de conduzir o país à formação de uma sociedade leitora.

Qual das seguintes ações não contribui para a formação de uma sociedade leitora?

- A) Desaceleração da distribuição de livros didáticos para os estudantes das escolas públicas, pelo MEC, porque isso enriquece editoras e livreiros.
- B) Exigência de acervo mínimo de livros, impressos e eletrônicos, com gêneros diversificados, para as bibliotecas escolares e comunitárias.
- C) Programas de formação continuada de professores, capacitando-os para criar um vínculo significativo entre o estudante e o texto.
- D) Programas, de iniciativa pública e privada, garantindo que os livros migrem das estantes para as mãos dos leitores.
- E) Uso da literatura como estratégia de motivação dos estudantes, contribuindo para uma leitura mais prazerosa.

- Textos para as questões 02 e 03.

Texto I

Pensa em quanta planta comestível existe no planeta, que a gente não come. Começa a incluir elas no dia a dia. E começa a pensar: Porque, com tanta variedade de comida disponível, a gente tá acostumado a comer só meia dúzia de coisas? Em qualquer lugar do mundo a gente encontra basicamente a mesma coisa nos supermercados: comida ultraprocessada, salgadinhos, refrigerantes, sucos de caixinha, achocolatados, embutidos, lácteos, muito produto com farinha de trigo refinada, gordura hidrogenada e açúcar.

O que a gente come é resultado de uma série de processos sociais, políticos, econômicos. Quem determina o que a gente come, hoje, são as indústrias e o mercado, por vezes com anuência dos governos, por falta de regulamentação ou por acabar legislando em detrimento dos consumidores (por exemplo, a lei que aprovou o fim da rotulagem de alimentos transgênicos).

Se o que a gente come é resultado de uma série de processos sociais, políticos e econômicos, quando a gente escolhe o que comer também estamos desencadeando processos. Pensar na cadeia de relações da comida até o nosso prato é pensar de maneira política. “Alimentação saudável é mais que ingestão de nutrientes. Diz respeito sim à saúde, mas também a meio ambiente, distribuição de renda, justiça social”, disse na III Feira da Reforma Agrária Patrícia Jaime, nutricionista da Faculdade de Saúde Pública da USP que participou da elaboração do Guia Alimentar para a População Brasileira de 2014 (uma publicação do Ministério da Saúde).

Quando uma pessoa começa a pensar de onde veio, quem plantou, como foi cultivado o alimento que está no seu prato, tem a chance de desconstruir a cadeia que não deixa ela escolher. E criar uma nova. Se escolhe a agrobiodiversidade no prato, no início da cadeia que trouxe o alimento até o prato dela está o pequeno produtor, o agricultor familiar, a agroecologia – e não o agronegócio e os agrotóxicos.

NAHRA, Alessandra. Disponível em: <<https://medium.com>>. Adaptado.

Texto II



A Comissão de Meio Ambiente do Senado Federal votou, no dia 17 de abril de 2018, favoravelmente ao Projeto de Lei que desobriga empresas de denunciarem a presença de transgênicos em seus produtos alimentícios. A proposta, que tramita no Senado desde 2015, visa retirar o triângulo amarelo com a letra “T”, símbolo da existência de organismos geneticamente modificados (OGMs).

Segundo o relator do projeto, não haveria danos para a população: “A despeito de os alimentos transgênicos serem uma realidade há mais de 15 anos no mundo, ainda não há registros de que sua ingestão cause danos diretos à saúde humana. Não existe um registro sequer”. O relator propõe que só alimentos com taxas de concentração de OGMs acima de 1% mantenham a rotulagem de alerta.

A Associação Brasileira de Saúde Coletiva, com outras organizações da sociedade civil, assinou documento em que justifica que o projeto não deve ser aprovado. Além de citar que a aprovação reverterá decisões anteriores de tribunais acerca da necessidade de informação ao consumidor, aponta que o projeto.

— Prejudica o controle adequado dos transgênicos, já que a rotulagem de transgênicos é medida de saúde pública relevante para permitir o monitoramento pós-introdução no mercado e pesquisas sobre os impactos na saúde;

— Viola o direito dos agricultores e das empresas alimentícias que optam por produzir alimentos isentos de ingredientes transgênicos. E pode impactar fortemente as exportações, na medida em que a rejeição às espécies transgênicas em vários países que importam alimentos do Brasil é grande.

Disponível em: <www.abrasco.org.br>. Acesso em: 21 set. 2018. Adaptado.

02. (PUC-Campinas/2019) Sobre o Texto II, é correto o seguinte comentário:

- Na primeira frase do texto, o verbo “denunciar” tem o sentido de “divulgar”, mas o contexto possibilita associar a esse sentido a ideia de “levar ao conhecimento do consumidor o fato que lhe pode ser prejudicial”.
- O que se afirma em “ainda não há registros de que sua ingestão cause danos diretos à saúde humana” é comprovado pelo que está referido na oração introduzida por “A despeito de”.
- Se, em lugar de *Não existe um registro sequer*, houvesse “Não existe nem sequer queixas de consumidor”, a frase estaria em conformidade com a norma-padrão.
- Em “E pode impactar fortemente as exportações, na medida em que a rejeição às espécies transgênicas em vários países que importam alimentos do Brasil é grande”, o segmento que exprime uma possibilidade constitui causa do que se afirma no segmento posterior.
- Em **Segundo o relator do projeto**, a substituição da palavra destacada por “Referente” não prejudica a clareza e a correção originais.

03. (PUC-Campinas/2019) Prejudica o controle adequado dos transgênicos, já que a rotulagem de transgênicos é medida de saúde pública relevante para permitir o monitoramento pós-introdução no mercado e pesquisas sobre os impactos na saúde (Texto II).

A proposta de redação que substitui o segmento anterior destacado de modo a preservar a clareza e a correção da frase original é:

- visto a rotulagem de transgênicos como medida de saúde pública relevante.
- sendo o caso de a rotulagem de transgênicos ser medida de saúde pública relevante.
- frente à rotulagem de transgênicos como medida de saúde pública relevante.
- dado o fato de a rotulagem de transgênicos ser medida de saúde pública relevante.
- à proporção que a rotulagem de transgênicos seja medida de saúde pública relevante.

04. Reescreva as frases a seguir, corrigindo os erros de regência verbal.

A) Este é o emprego que eu aspiro muito.

B) O raciocínio o qual cheguei é completamente original.

C) Irei onde você for.

D) Não gostei do filme que assisti no cinema ontem.

E) Ela agradeceu o professor, após as elucidações feitas.

05. Reescreva as frases seguintes, corrigindo as falhas de colocação pronominal.

A) Não sinta-se triste porque ela não voltou para você.

B) Me dê um tempo para pensar.

C) Tudo resolve-se com calma e ponderação.

D) Ela disse que calou-se diante da arrogância do chefe.

E) Não desespere-se jamais!

06. (PUC-Rio) O texto abaixo reproduz a fala de um professor universitário em uma aula sobre administração de empresas. Mantendo todas as informações dadas, transforme essa fala em um texto adequado à modalidade escrita, em registro formal.

“Tem uma distinção hoje bastante grande entre a figura do proprietário e a figura do administrador, que não significa que o proprietário não possa administrar sua empresa mas ele deve administrar ela de acordo com técnicas gerenciais.”

- (ESPM) Texto para as questões 07, 08 e 09.

Tratava-se de uma orientação pedagógica que acreditava no papel da instrução como base prévia das transformações sociais. Ela preconizava uma educação rigorosamente leiga em classes mistas, sem religião, com predomínio da ciência

apelando para a iniciativa do aluno e criando para ele condições atraentes de aprendizado, com o fim de formar cidadãos independentes não submetidos aos preconceitos. Ao mesmo tempo, Ferrer pregava a organização sindical dos professores e a sua solidariedade com o movimento operário, como consequência lógica do pressuposto segundo o qual a instrução leiga e científica leva necessariamente a desejar a transformação da sociedade.

Antonio Candido, *Teresina etc.*, 1980.

07. (ESPM) Com base no texto, pode-se afirmar que o modelo pedagógico defendido pretendia aliar:

A) religião, obscurantismo e mudança política.

B) estado laico, corpo docente e sindicalização dos discentes.

C) ciência, participação do aluno e transformação da sociedade.

D) formação leiga, nivelamento social e cidadania.

E) quebra de preconceitos, identidade operária e revolução.

08. (ESPM) Depreende-se do texto que:

A) a finalidade de qualquer educação é o esclarecimento em assuntos sexuais em classes mistas.

B) o alvo de uma pedagogia revolucionária consistiria em transformar todo aluno em operário.

C) o objetivo primeiro desse tipo de instrução era formar quadros militantes para o movimento sindical.

D) o intuito desse sistema de ensino era buscar conciliar o aprendizado com uma postura favorável à mudança social.

E) a preocupação maior dessa atitude educacional voltava-se para uma ética leiga e liberal, mas anticientífica.

09. (ESPM) Na frase: “Ela **preconizava** uma educação rigorosamente leiga...”, o verbo em negrito significa:

A) propagar, defender com louvor.

B) preconceber, planejar com antecipação.

C) precipitar, lançar inadequadamente.

D) anunciar precocemente.

E) fazer presságios inadequados.

10. Em apenas um dos períodos abaixo, a conjunção “se” pode ser substituída pela conjunção condicional “caso”, sem alterar o sentido original do texto. Selecione o período em que isso ocorre e reescreva o trecho destacado, substituindo “se” por caso. Faça as adaptações necessárias.

Período 1: Como procedemos diante da norma geral, **se fomos criados numa casa onde, desde a mais tenra idade, aprendemos que há sempre um modo de satisfazer nossas vontades e desejos**, mesmo que isso vá de encontro às normas do bom senso e da coletividade em geral?

Período 2: Claro está que um dos resultados dessa confiança é uma aplicação segura da lei que, por ser norma universal, não pode pactuar com o privilégio ou a lei privada, aquela norma **que se aplica diferencialmente se o crime ou a falta foi cometida por pessoas diferencialmente situadas na escala social.**



Introdução

Dentre as estratégias argumentativas recomendadas pelo Enem como recursos para defesa de tese, figuram:

- exemplos;
- dados estatísticos;
- pesquisas;
- fatos comprováveis;
- citações ou depoimentos de pessoas especializadas no assunto;
- alusões históricas; e comparações entre fatos, situações, épocas ou lugares distintos.

Guia do Participante 2018

Embora não seja obrigatório o emprego de citações nas redações como estratégia argumentativa, entendemos que elas podem enriquecer o texto, quando feitas de modo sensato e equilibrado, pois contribuem para demonstrar o repertório cultural do candidato. É o que ocorre, por exemplo, quando se faz a citação adequada de um pensador ou expoente reconhecido em uma área do conhecimento. Trata-se do procedimento denominado argumento de autoridade, por meio do qual o candidato incorpora ao seu discurso a opinião ou o testemunho de alguém consagrado em determinado ramo do saber. Isso confere mais consistência e validade à tese defendida.

As citações retiradas do texto original poderão ser de dois tipos: parafraseadas ou diretas. A citação direta consiste na transcrição fiel do texto do próprio autor e deve vir entre aspas. A parafraseada (indireta) dispensa as aspas, incorporando-se ao discurso do redator.

Exemplos:

(I)

Segundo o filósofo inglês Bertrand Russell, “a mudança é indubitável, mas o progresso é uma questão inevitável”. Esse pensamento traduz de modo inequívoco duas realidades distintas a que o ser humano está sujeito: a certeza quanto ao caráter dinâmico do universo e incerteza quanto aos benefícios dessa mudança.

Nesse excerto, a alusão ao aspecto fisiológico da vitalidade constitui uma citação indireta, pois corresponde às ideias, e não às palavras do autor. Já o que figura entre aspas representa, literalmente, o que Russell disse; é um exemplo de citação direta.

Antes, porém, de você decidir por usar uma citação em seu texto, convém avaliar se ela é realmente relevante para ele. Jamais use citação por impulso ou emoção. Ela deve ser um ponto de partida de sua análise ou o fechamento dela, nunca podendo substituir sua reflexão crítica. A citação deve, enfim, integrar seu texto de modo natural e persuasivo.

Por exemplo, a seguinte citação de Luther King numa redação sobre o preconceito racial seria relevante para reforçar os valores que realmente importam para humanidade:

(II)

“Eu tenho um sonho. O sonho de ver meus filhos julgados por sua personalidade, não pela cor de sua pele.”

Martin Luther King Jr. – pastor e ativista político estadunidense.

Ou essa citação de Fernando Pessoa, na abordagem de uma tema sobre como lidar com as diferenças sociais ou culturais:

(III)

“Quanto mais diferente de mim alguém é, mais real me parece, porque menos depende de minha subjetividade.”

Fernando Pessoa, poeta português in *Livro do Desassossego*.

Uma citação marcante pode ser uma maneira simples e precisa para desenvolver e/ou concluir seu texto. Ela pode melhorar sua credibilidade e legitimar a importância da sua abordagem em face do recorte temático. Tome-se como exemplo esta redação sobre o tema:

O MEDO DE INOVAR E SEUS EFEITOS

Tendência natural do ser humano, a busca por proteção, equilíbrio e estabilidade rege a existência na Terra. Nesse processo, o medo atua como aliado, quando impede o agir compulsivo e descontrolado. O excesso de prudência, no entanto, pode limitar-lhe a vida, quando, por receio de enfrentar novos desafios, ele prefere manter-se na “zona de conforto”. Isso se deve, sobretudo, a um modelo educacional e familiar ortodoxo, que não admite falhas e pune quem pensa de modo diferente. É preciso superar esse modelo, já que os desafios do mundo contemporâneo exigem cidadãos proativos, dinâmicos e inovadores, excluindo social e profissionalmente os que não conseguem vencê-los.

Com efeito, para sobressair em uma sociedade cada vez mais exigente, é preciso inovar, o que se explica pela Teoria de Darwin, segundo a qual sobrevivem apenas os que melhor se adaptam às mudanças. Contudo, uma educação inflexível e punitiva desestimula o processo criativo, como se vê através da História. Na Idade Média, por exemplo, imbuída de um viés religioso, a Igreja esforçou-se por reprimir veementemente as ideias que iam de encontro aos seus interesses, condenando à morte os que ousaram pensar diferente. Hoje, de certo modo, esse viés ainda persiste em muitas famílias e escolas, quando obrigam crianças e jovens a seguir, cartesianamente, certos paradigmas, condenando à inércia suas habilidades criativas e, conseqüentemente, incapacitando-os para o concorrido mercado de trabalho que os espera no futuro.

Em conseqüência disso, formam-se indivíduos limitados, “adestrados” apenas para reverberar pensamentos alheios. Quando pressionados pelas contingências da vida moderna, esses indivíduos ficam paralisados, com medo de agir por se terem escravizado a uma “bússola” indicadora do caminho a seguir, das decisões a tomar, o que lhes pode resultar em isolamento social, fobia que pode levar a outros bloqueios. Isso, enfim, poderá criar um mecanismo de fuga diante do inusitado da vida, que assim perde o seu significado, reduzindo-se a uma mera existência.

Urge, portanto, que família e escola, juntas, busquem formar cidadãos atuantes, capazes de lidar com a vida social e profissional de modo inovador. Para tanto, devem incentivar nesses indivíduos a livre iniciativa, permitindo-lhes agir com certa independência nas mais prementes circunstâncias, sem autoritarismo nem interferência naquilo que eles podem fazer por si mesmos. Isso pode ser alcançado por meio de projetos sociais e educacionais que envolvem cidadania ativa e participativa. Desse modo, eles se tornarão comandantes da sua própria nau. Afinal, é isso que recomenda Fernando Pessoa, em “Mar Português”, ao destacar o espírito destemido, empreendedor e desbravador dos portugueses diante do desconhecido, à época das grandes navegações: “Deus ao mar o perigo e o abismo deu, mas nele é que espelhou o céu.”

Wallyson Pablo

O argumento, como se sabe, é uma defesa de uma ideia. Convencer ou persuadir por meio dos diversos recursos oferecidos pela língua é a marca fundamental do texto dissertativo-argumentativo. Por isso, entendemos que o argumento por citação constitui importante estratégia de convencimento, quando feito de modo eficaz.

É importante destacar que tal estratégia só deve ser usada caso se tenha como garantir que a citação mantenha uma relação direta com o encaminhamento ou percurso analítico desenvolvido, como você observou no texto do Wallyson. Claro está que se pode também fazer uma citação para contestá-la, estratégia denominada contra-argumentação. Nesse caso, é fundamental que se busque fortalecer a tese ou argumento principal mediante o enfraquecimento da ideia oposta veiculada pela citação.

Exemplos:

(I)

Brás Cubas finaliza suas memórias com a frase:

“Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.” Nossos professores, por tratarem estes concludentes como filhos, podem dizer, contrariando o pessimismo do defunto autor: “Tivemos filhos e transmitimos a eles o legado de nosso saber.” (Tales de Sá Cavalcante in “A fala e a pena: para além do bonde”.)

(II)

Nelson Rodrigues considerava o ser humano inviável. Será o mundo, talvez por essa citação, inviável? Leibniz disse que “nosso mundo é o melhor dos mundos possíveis”. Voltaire, por sua vez, concluiu que “nosso mundo é o pior dos mundos possíveis.”

E vocês, diletas e diletos homenageados, o que acham?

Esperamos nós que, antes da preocupação com o grau de melhor ou pior, exista em suas mentes o entendimento de que, por pior ou melhor que seja o mundo, cada um de vocês possa melhorá-lo.” (Idem)

(III)

Para o dramaturgo Nelson Rodrigues, “o ser humano é inviável”. Porém, a Unesco defende que os humanos são viáveis sim, e o são, principalmente, por serem os principais agentes de transformação do próprio homem. Uma educação de qualidade para as crianças e em busca da paz, da liberdade, da justiça e do desenvolvimento humano forma futuros homens solidários, como Nelson Mandela, para quem “a educação é a arma mais poderosa que pode ser usada para mudar o mundo.” (Idem)

Lista de citações por área do conhecimento

1. Educação:

“O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele.”
Kant

“Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda.”
Paulo Freire – Educador e filósofo brasileiro

“Como as guerras nascem na mente dos homens, é na mente dos homens que as defesas da paz devem ser construídas.”
Mensagem contida no preâmbulo da Constituição da Unesco

2. Política:

“Não há nada de errado com aqueles que não gostam de política, simplesmente serão governados por aqueles que gostam.”
Platão

3. Sociedade:

“Nenhuma sociedade que esquece a arte de questionar pode esperar encontrar respostas para os problemas que a afligem.”
Zygmunt Bauman

“Segurança sem liberdade é escravidão e liberdade sem segurança é um completo caos”.
Zygmunt Bauman

“A natureza fez o homem feliz e bom, mas a sociedade deprava-o e torna-o miserável”.
Jean Jacques Rousseau – Filósofo suíço

4. Globalização:

“Na era da informação, a invisibilidade é equivalente à morte.”
Zygmunt Bauman

“A globalização encurtou as distâncias métricas, aumentando muito mais as distâncias afetivas.”
Jaak Bosmans – Escritor

5. Economia Global:

“Não existem países subdesenvolvidos. Existem países subgovernados.”
Peter Drucker

6. Desigualdade Social:

“O Brasil, último país a acabar com a escravidão tem uma perversidade intrínseca na sua herança, que torna a nossa classe dominante enferma de desigualdade, de descaso.”
Darcy Ribeiro – Antropólogo, escritor e político brasileiro

7. Juventude:

“O que deve caracterizar a juventude é a modéstia, o pudor, o amor, a moderação, a dedicação, a diligência, a justiça, a educação. São essas as virtudes que devem formar o seu caráter.”
Sócrates – Filósofo

8. Meio ambiente:

“Cada dia a natureza produz o suficiente para nossa carência. Se cada um tomasse o que lhe fosse necessário, não havia pobreza no mundo e ninguém morreria de fome.”
Mahatma Gandhi

“Inteligência é a habilidade das espécies para viver em harmonia com o meio ambiente.”
Paul Watson – Cofundador e diretor da fundação Greenpeace.

9. Preconceito:

“Triste época! É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito.”
Albert Einstein

10. Tecnologia:

“Tornou-se aterradoramente claro que a nossa tecnologia ultrapassou a nossa Humanidade”
Albert Einstein

ESTUDO DE CASO

Na obra “Quarto de Despejo”, a autora Carolina Maria de Jesus relata, autobiograficamente, a difícil realidade na favela de Canindé, em São Paulo, na década de 1950. A desigualdade, contudo, persiste no Brasil contemporâneo, prejudicando o desenvolvimento do país e, sobretudo, a garantia da dignidade humana. Torna-se imprescindível, pois, que medidas sejam implementadas em favor da superação dessa nefasta problemática.

Com efeito, muitos brasileiros não possuem os recursos básicos para viver dignamente. Quanto a isso, segundo o índice de Gini, o qual afere a concentração de renda, o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, de modo que apenas seis pessoas detêm uma riqueza equivalente à metade da população. Tal disparidade é reflexo do discrepante acesso à educação, pois, ao não terem uma formação de qualidade, os mais pobres não conseguem ascensão social e tornam-se marginalizados. Dessa forma, é preciso que haja investimento educacional, atendendo, sobretudo, às escolas públicas de áreas mais vulneráveis.

Na referida obra, Carolina cita, em vários momentos, o descaso, por parte das autoridades competentes, em relação à saúde pública, dificultando a vida na favela. No contexto real, essa é outra lamentável situação, principalmente em bairros mais carentes, o que se verifica com a quase inexistência de um sistema de saneamento básico e com a falta de remédios e de vacinas. Sob essa ótica, assim como no citado livro, ocorre a disseminação de doenças, o que afeta a qualidade de vida dos indivíduos. Para combater esse problema, é preciso investir maciçamente em saúde pública e dar suporte suficiente ao funcionamento dos postos comunitários.

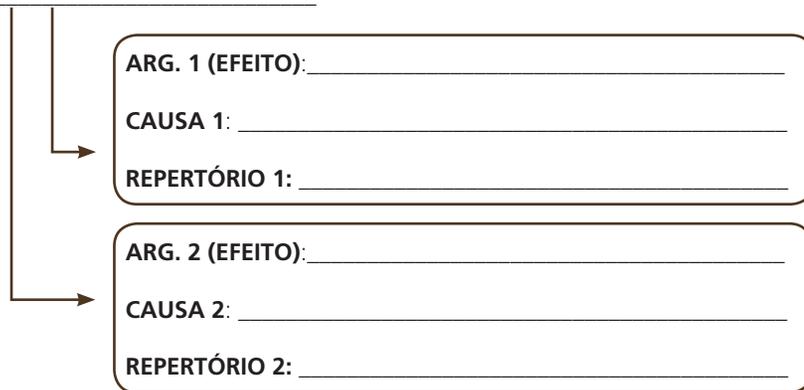
Logo, como a desigualdade é algo nocivo, ela deve ser reduzida no Brasil. Para tanto, o Ministério da Educação precisa investir na infraestrutura das escolas públicas e na formação continuada de professores, destinando, para isso, uma parcela do que é arrecado em impostos, a fim de que os alunos tenham uma formação completa e, assim, disponham das mesmas condições de ascensão social. Outrossim, o Ministério da Saúde deve implementar redes de saneamento básico em áreas carentes e dotar os postos de saúde comunitários de medicamentos e de vacinas, com o fito de evitar a disseminação de doenças e de garantir qualidade de vida à população.

Wallyson Pablo – Turma FB-SP

RECONHECENDO O PLANEJAMENTO DA REDAÇÃO

TEMA: OS CAMINHOS PARA A REDUÇÃO DA DESIGUALDADE NO BRASIL.

TESE (NEGATIVA): _____



SOLUÇÃO:

1. **AGENTE:** _____
2. **AÇÃO:** _____
3. **DETALHAMENTO:** _____
4. **MEIO:** _____
5. **FINALIDADE/EFEITO:** _____

Respostas:

Solução:
1. Agente: Ministérios da Educação e da Saúde
2. Ação: Investimentos na infraestrutura das escolas públicas e na formação continuada de professores/ implementação de redes de saneamento e abastecimento dos postos de saúde.
3. Detalhamento: Saneamento básico em áreas mais carentes/ formação completa dos alunos
4. Meio: Destinando mais verbas oriundas de impostos/ oferecendo condição de igualdade para todos
5. Finalidade: Alcançar igualdade e justiça social

TeSE (negativa): A desigualdade persiste no País prejudicando o desenvolvimento e a dignidade humana.

Arg. 1 (causa): Discrepante acesso à educação
Efeito 1: Falta de ascensão e marginalização
Repertório 1: Índice Gini

Arg. 2 (causa): Falta de saneamento básico e remédios em postos de saúde
Efeito 2: Disseminação de doenças
Repertório 2: Obra “Quarto de Despejo”



Fique de Olho

ASPECTOS FORMAIS DA LÍNGUA

Linguagem inclusiva

A questão da linguagem inclusiva deve ser considerada sob os seguintes aspectos:

Combate a preconceitos

Evite expressões preconceituosas, ofensivas a indivíduos ou grupos ou que possam representar atentado à igualdade entre os cidadãos, valor fundamental da Constituição. O Senado Federal é uma Casa de discussão de políticas, entre elas as que tratam da redução de desigualdades e de combate a preconceitos. Por isso, é comum que circulem, nos discursos e nos projetos, termos usados por organizações civis que representam grupos em desvantagem ou ideias contra-hegemônicas (por exemplo, defensivo agrícola versus agrotóxico).

Pessoa com deficiência

Menções a situações de deficiências, incapacidades ou quadros patológicos devem ser feitas em contexto e sem tom de piedade. A pessoa com deficiência também tem nome, sobrenome e dignidade a ser respeitada.

Use preferencialmente o termo pessoa com “deficiência”, adotado pela Organização das Nações Unidas (ONU). Segundo a ONU, “pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de natureza física, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade com as demais pessoas”.

O termo “deficiente” só deve ser usado em último caso, como recurso estilístico para evitar repetição no texto. Não use os termos “pessoa portadora de deficiência” ou “pessoa com necessidades especiais”. Jamais use termos pejorativos, como “aleijado”, “defeituoso”, “incapacitado”, “inválido”.

- Deficiência visual: é a perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da visão. Assim, há dois grupos de deficiência.
- Cegueira: quando há perda total da visão ou pouquíssima capacidade de enxergar.
- Baixa visão ou visão subnormal: caracteriza-se pelo comprometimento do funcionamento visual dos olhos, mesmo após tratamento ou correção.

Se não souber especificar a deficiência, use deficiência visual e pessoa com deficiência visual. A forma deficiente visual também é aceita, embora não seja a preferida. Para casos de cegueira, use cego, pessoa cega. Nunca use ceguinho.

Deficiência auditiva: há diferença entre deficiência auditiva parcial (quando há resíduo auditivo) e surdez (quando a deficiência auditiva é total). Use surdo, pessoa surda, pessoa com deficiência auditiva, deficiente auditivo. Não use termos como surdinho, mudinho, surdo-mudo.

Deficiência mental: use pessoa com deficiência mental ou pessoa deficiente mental. Não use criança excepcional, doente mental. O termo deficiente deve ser usado como adjetivo, e não substantivo. É aceitável como substantivo apenas em títulos de matérias.

Doenças

- Poliomielite: pode-se referir a alguém que teve poliomielite como aquele que tem sequelas de poliomielite ou de paralisia infantil.
- Paralisia cerebral: a paralisia cerebral permanece com a pessoa por toda a vida. O correto é dizer: a pessoa tem paralisia cerebral.
- Lepra: a Lei 9.010/1995 proíbe a utilização do termo lepra e seus derivados em documentos oficiais. O correto é usar Hanseníase, pessoa com Hanseníase, doente de Hanseníase. Prefira o termo a pessoa com Hanseníase ao o Hanseniano.
- Aids: use doente com aids, doente de aids ou portador do HIV. Evite o termo aidético.
- Síndrome de Down: use pessoa com síndrome de Down ou pessoa com Down. As palavras mongol e mongoloide são hoje consideradas pejorativas.
- Epilepsia: prefira pessoa com epilepsia a epilético.
- Autismo: use autista, pessoa com autismo. Não use o termo autista fora do contexto, como referência a alienação.
- Pessoa normal: o correto é dizer pessoa sem deficiência, pessoa não deficiente.
- Cadeira de rodas: pessoa em cadeira de rodas, pessoa que anda em cadeira de rodas, pessoa que usa uma cadeira de rodas. No contexto coloquial, é correto o uso do termo cadeirante.
- Tetraplegia: prefira o termo pessoa com tetraplegia (ou tetraparesia) no lugar de o tetraplégico ou o tetraparético.

Etnias

Para se referir a minorias étnicas e religiosas, use os termos de preferência das próprias minorias.

- Negro: para pessoas de pele negra, use negro ou afrodescendente. Nunca use termos pejorativos. Evite o termo denegrir.
- Asiático: use pessoa de origem asiática ou asiático. O racismo contra asiáticos é um tema ainda pouco abordado no Brasil, mas é importante a consciência de que estereótipos são racistas.
- Indígena: índio é substantivo e designa o indivíduo. Prefira usar indígena apenas como adjetivo. Por exemplo: “Índios encontraram-se com o presidente para discutir questões indígenas”. Veja mais em Índio.
- Judeus: evite termos como judiar e denegrir. Prefira maltratar, comprometer, manchar.

Gênero

O conceito distingue a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana. No entanto, o que considera ser homem e ser mulher é determinado pela cultura.

Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. Evite usar o masculino para se referir ao gênero feminino.

Orientação sexual

Use homossexualidade, assim como se usa heterossexualidade. O indivíduo é homossexual. A referência a gay ou lésbica deve ocorrer apenas em contexto.

Use o termo orientação sexual, e não opção sexual, que é incorreto. A explicação provém do fato de que ninguém “opta”, conscientemente, por sua orientação sexual, seja hétero ou homossexual.

- Heterossexual: indivíduo amorosamente, fisicamente e afetivamente atraído por pessoas do sexo/gênero oposto.
- Heterossexualidade: termo utilizado para descrever a sexualidade dos heterossexuais no sentido mais abrangente, compreendendo não só a esfera sexual em si (atração e prática do ato sexual), como também a esfera afetiva e a implicação de ambas em comportamentos e relações humanas.

- **Homossexual:** é a pessoa que se sente atraída sexual, emocional ou afetivamente por pessoas do mesmo sexo/gênero.
- **Homossexualidade:** é a atração sexual e afetiva por pessoas do mesmo sexo/gênero. Não use o termo “homossexualismo”, considerado pejorativo por sua conotação de patologia.
- **Homoafetivo:** adjetivo utilizado para descrever a complexidade e a multiplicidade de relações afetivas e (ou) sexuais entre pessoas do mesmo sexo/gênero.
- **Identidade de gênero:** identidade de gênero é a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independente de sexo biológico. Trata-se da convicção íntima de uma pessoa de ser do gênero masculino (homem) ou do gênero feminino (mulher).
- **Transexual:** pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Homens e mulheres transexuais podem manifestar o desejo de se submeterem a intervenções médico-cirúrgicas para realizarem a adequação dos seus atributos físicos de nascença (inclusive genitais) à identidade de gênero constituída.
- **Travesti:** pessoa que nasce do sexo masculino ou feminino, mas que tem identidade de gênero oposta ao sexo biológico. Diferentemente das transexuais, as travestis não desejam realizar a cirurgia de redesignação sexual (mudança de órgão genital). Use o artigo feminino: a travesti.
- **Transformista:** indivíduo que se veste com roupas do gênero oposto movido por questões artísticas.

Idade

Menções ao período de vida da pessoa (idoso, ancião, adolescente) só devem ocorrer em contexto. Crianças e velhos devem ser mencionados como qualquer um.

Evite usar título de seu ou dona (também vale para pessoas pobres), expressões como melhor idade, senhora de idade ou suprimir o sobrenome da criança.

Julgamentos de valor

Situações que envolvam práticas controversas ou ilegais também merecem atenção.

Evite termos que denotam julgamento de valor como natureza, cachaceiro, maconheiro, aborteiro, tarado.

Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/estilo/linguagem-inclusiva>>

Junto a

A expressão “junto a” significa “ao lado de”, “junto de”. É muito comum, no entanto, o uso inadequado da expressão nos sentidos de “entrar com pedido junto ao STF, protocolar requerimento junto à secretaria, contratar empréstimo junto ao banco.”

Fique atento e use a preposição que o verbo exigir.

Ela elogiou a iniciativa do presidente, que determinou à Advocacia-Geral do Senado que entre com um recurso junto ao STF.

Ela elogiou a iniciativa do presidente, que determinou à Advocacia-Geral do Senado que entre com um recurso no STF.

O PRS 72/2012 autoriza a companhia gaúcha a contratar operação de até US\$ 88,6 milhões junto ao BID.

O PRS 72/2012 autoriza a companhia gaúcha a contratar operação de até US\$ 88,6 milhões no BID.

Representante de um instituto de arte contemporânea instalado em grande reserva da Mata Atlântica, em Brumadinho (MG), ela relatou o trabalho feito pela organização junto a crianças pobres da região.

Representante de um instituto de arte contemporânea instalado em grande reserva da Mata Atlântica, em Brumadinho (MG), ela relatou o trabalho feito pela organização com crianças pobres da região.

A expressão “junto a” pode ser usada com significado de adido.

A embaixadora Marcela Nicodemos foi indicada para representar o Brasil junto ao Quênia.

Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/estilo/junto-a>>

Internação involuntária/compulsória

Quando uma pessoa não quer internar-se voluntariamente, pode-se recorrer à internação involuntária ou à internação compulsória. São dois tipos diferentes de internação. Portanto, não use os termos “involuntário, compulsório ou forçado indistintamente.”

Secretário apoia internação forçada de viciado.

O secretário nacional de Políticas sobre Drogas, Vitore Maximiano, defendeu a internação involuntária de viciados, desde que sob indicação de médico especialista.

A Lei 10.216/2001 define três modalidades de internação psiquiátrica:

- A) internação voluntária: aquela que se dá com o consentimento do usuário;
- B) internação involuntária: aquela que se dá sem o consentimento do usuário e a pedido de terceiro;
- C) internação compulsória: aquela determinada pela Justiça.

Internação voluntária

A pessoa que solicita voluntariamente a própria internação, ou que a consente, deve assinar, no momento da admissão, uma declaração de que optou por esse regime de tratamento. O término da internação se dá por solicitação escrita do paciente ou por determinação do médico responsável. Uma internação voluntária pode, contudo, se transformar em involuntária e o paciente, então, não poderá sair do estabelecimento sem a prévia autorização.

Internação involuntária

É a que ocorre sem o consentimento do paciente e a pedido de terceiros. Geralmente, são os familiares que solicitam a internação do paciente, mas é possível que o pedido venha de outras fontes. O pedido tem que ser feito por escrito e aceito pelo médico psiquiatra.

A lei determina que, nesses casos, os responsáveis técnicos do estabelecimento de saúde têm prazo de 72 horas para informar ao Ministério Público do estado sobre a internação e os motivos dela. O objetivo é evitar a possibilidade de esse tipo de internação ser utilizado para cárcere privado.

Internação compulsória

Nesse caso não é necessária a autorização familiar. A internação compulsória é sempre determinada pelo juiz competente, depois de pedido formal, feito por um médico, atestando que a pessoa não tem domínio sobre a própria condição psicológica e física. O juiz levará em conta o laudo médico especializado, as condições de segurança do estabelecimento, quanto à salvaguarda do paciente, dos demais internados e funcionários.

Fontes: Lei 10.216/2001, Ministério da Justiça; Associação Brasileira de Psiquiatria; *Cartilha Direito à Saúde Mental*, do Ministério Público Federal e da Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão; governo do estado de São Paulo

Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/internacao-involuntaria-compulsoria>>

QUEM LÊ APRENDE MAIS E ESCREVE MELHOR

ECONOMIA SOLIDÁRIA

Economia solidária é definida como o “conjunto de atividades econômicas – de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito – organizadas sob a forma de autogestão.” Compreende uma variedade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas autogestionárias, redes de cooperação, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário. Trata-se de uma forma de organização da produção, consumo e distribuição de riqueza centrada na valorização do ser humano e não do capital, caracterizada pela igualdade.

“A economia solidária é uma alternativa inovadora na geração de trabalho e na inclusão social, na forma de uma corrente do bem que integra quem produz, quem vende, quem troca e quem compra. Seus princípios são autogestão, democracia, solidariedade, cooperação, respeito à natureza, comércio justo e consumo solidário.”

A economia solidária preconiza o entendimento do trabalho como um meio de emancipação humana dentro de um processo de democratização econômica, criando uma alternativa à dimensão alienante e assalariada das relações de trabalho capitalistas.

Além disso, a economia solidária possui uma finalidade multidimensional, isto é, envolve a dimensão social, econômica, política, ecológica e cultural. Isto porque, além da visão econômica de geração de trabalho e renda, as experiências de economia solidária se projetam no espaço público, tendo como perspectiva a construção de um ambiente socialmente justo e sustentável. Vale ressaltar que a economia solidária não se confunde com o chamado “terceiro setor”, que substituiu o Estado nas suas obrigações legais e inibe a emancipação de trabalhadores, enquanto sujeitos protagonistas de direitos. A economia solidária reafirma, assim, a emergência de atores sociais, ou seja, a emancipação de trabalhadores como sujeitos históricos.

Origem

Milton Santos já se referia a algo que ele chamou de pequenos circuitos econômicos urbanos que desenvolviam-se em locais com algum grau de desenvolvimento em capital social. Com o tempo verificou-se o crescimento desse fenômeno, muitas vezes intrinsecamente ligado à escassez enfrentada em certa região.

É de crescente aceitação que a Economia Popular Solidária caracteriza um sistema econômico- ou modo de produção -diverso, ou seja, nele se produzem, distribuem e consome-se riquezas de maneira diferente das do capitalismo. Apesar de a expressão economia solidária ter sido criada no Brasil, trata-se de um movimento que ocorre no mundo todo e diz respeito a produção, consumo e distribuição de riqueza com foco na valorização do ser humano. A sua base são os empreendimentos coletivos (associações, cooperativas, grupos informais e sociedades mercantis).^[4]

Pode-se dizer que a economia solidária se origina na Primeira Revolução Industrial, como reação dos artesãos expulsos dos mercados pelo advento da máquina a vapor. Na passagem do século XVIII ao século XIX, surgem na Grã-Bretanha as primeiras *trade unions* (sindicatos) e as primeiras cooperativas. Com a fundação da cooperativa de consumo dos Pioneiros de Rochdale (1844), o cooperativismo de consumo se consolida em grandes empreendimentos e se espalha - primeiro pela Europa e depois pelos demais continentes.

Mas, desde uma visão intercultural, pode-se afirmar que práticas econômicas fundadas em princípios de solidariedade existiram em todos os continentes - e muito antes da Revolução Industrial. Práticas solidárias milenares no campo econômico foram reconhecidas e têm sido estudadas no cerne das diferentes culturas como elementos fundamentais da agregação e coexistência de comunidades humanas. Portanto, identificar a economia solidária apenas com as vertentes do movimento operário europeu seria um equívoco, pois sua história pode ser recontada, por exemplo, a partir das tradições da América pré-colombiana, ou dos povos africanos ou asiáticos, tanto quanto dos povos europeus. A expressão economia solidária, porém, foi cunhada somente na última década do século XX.

Conceito

A economia solidária é um modo específico de organização de atividades econômicas. Ela se caracteriza pela autogestão, ou seja, pela autonomia de cada unidade ou empreendimento, e pela igualdade entre os seus membros.

Algumas características contribuem para o desenvolvimento de uma economia solidária, visto que, desemprego, desigualdade e exploração são atributos inexistentes dentro de um contexto solidário, ou seja, todas as partes se desenvolvem positivamente nesse modelo. Essa filosofia estrutural promove uma relação inversa ao capitalismo, pois o caráter humano e a união prevalecem perante outras virtudes, porém, não excluindo o objetivo financeiro inicial estipulado pelo capital.

Existem diferentes autores que se dedicam à conceituação da economia solidária, sendo que os principais são Paul Singer e Euclides Mance. Singer propõe que a economia solidária seja uma estratégia possível de luta contra as desigualdades sociais e o desemprego: “A construção da economia solidária é uma destas outras estratégias. Ela aproveita a mudança nas relações de produção provocada pelo grande capital para lançar os alicerces de novas formas de organização da produção, à base de uma lógica oposta àquela que rege o mercado capitalista. Tudo leva a acreditar que a economia solidária permitirá, ao cabo de alguns anos, dar a muitos, que esperam em vão um novo emprego, a oportunidade de se reintegrar à produção por conta própria individual ou coletivamente...”

Já de acordo com Mance, o conceito vai além e agrega ao conceito a noção não apenas de geração de postos de trabalho, mas sim uma colaboração solidária que visa a construção de sociedades pós-capitalistas em que se garanta o bem-viver de todas as pessoas: "...ao considerarmos a colaboração solidária como um trabalho e consumo compartilhados cujo vínculo recíproco entre as pessoas advém, primeiramente, de um sentido moral de corresponsabilidade pelo bem-viver de todos e de cada um em particular, buscando ampliar-se o máximo possível o exercício concreto da liberdade pessoal e pública, introduzimos no cerne desta definição o exercício humano da liberdade...".

A economia popular solidária é "o conjunto de empreendimentos produtivos de iniciativa coletiva, com certo grau de democracia interna e que remuneram o trabalho de forma privilegiada em relação ao capital, seja no campo ou na cidade. Tolerar ou mesmo estimular a formação de empreendimentos alternativos aos padrões capitalistas normalmente aceitos, tais como cooperativas autogeridas é, objetivamente falando, uma forma de reduzir o passivo corrente que se materializa em ondas crescentes de desemprego e falências. (...) Tais empreendimentos encontram potencialmente no trabalho coletivo e na motivação dos trabalhadores que os compõem, uma importante fonte de competitividade reconhecida no capitalismo contemporâneo. Enquanto no fordismo a competitividade é obtida através das economias de escala e de uma crescente divisão e alienação do trabalho associadas a linhas produtivas rígidas – automatizadas ou não -, na nova base técnica que está se configurando, uma importante fonte de eficiência é a flexibilização."

No capitalismo, o trabalhador é separado dos meios de produção, que anteriormente controlava. Segundo Paul Singer, "a empresa solidária nega a separação entre trabalho e posse dos meios de produção, que é reconhecidamente a base do capitalismo. (...) A empresa solidária é basicamente de trabalhadores, que apenas secundariamente são seus proprietários. Por isso, sua finalidade básica não é maximizar lucro mas a quantidade e a qualidade do trabalho".

A economia solidária, então, apresenta-se como uma "reconciliação" do trabalhador com os meios de produção e fornece, de acordo com Gaiger (2003), uma experiência profissional fundamentada na equidade e na dignidade, na qual ocorre um enriquecimento do ponto de vista cognitivo e humano. Com as pessoas mais motivadas, a divisão dos benefícios definida por todos os associados e a solidariedade, "o interesse dos trabalhadores em garantir o sucesso do empreendimento estimula maior empenho com o aprimoramento do processo produtivo, a eliminação de desperdícios e de tempos ociosos, a qualidade do produto ou dos serviços, além de inibir o absentismo e a negligência"

Um dos conceitos, então, que está intrinsecamente ligado à realização de um empreendimento solidário é o de desenvolvimento local. Com a tendência de aumento do rendimento do trabalho associado, há a busca por promover o desenvolvimento local dos aspectos econômico e social, sendo que este define-se como o "processo que mobiliza pessoas e instituições buscando a transformação da economia e da sociedade locais, criando oportunidades de trabalho e renda, superando dificuldades para favorecer a melhoria das condições de vida da população local"

Segundo Gaiger, quatro características econômicas fazem parte do modo de produção capitalista.

- produção de mercadorias tendo como único objetivo o mercado
- separação dos trabalhadores dos meios de produção
- transformação do trabalho em mercadoria, sob a forma de trabalho assalariado
- extração de mais-valia sobre o trabalho cedido ao detentor dos meios de produção, como meio de ampliação incessante do valor investido na produção.

Com tudo isso, a principal característica do modelo de desenvolvimento capitalista é ser desigual e combinado: parte dos trabalhadores é bem sucedida, e o restante perde suas qualificações e muitos se tornam miseráveis. Isso se dá devido a uma crescente valorização da competição, que, ao contrário do senso comum, não é antagônica à cooperação. Ambas coexistem, e o que caracteriza o modo de produção dominante na sociedade é a predominância de uma ou de outra. Quando a competição sobressai em relação à cooperação, a grande tendência é a exclusão daqueles que fracassam ou não estão aptos, enfraquecendo o ambiente sistemicamente. Em contrapartida, quando a cooperação preside as relações, cria-se um ambiente tolerante e igualitário, tornando possíveis processos de recuperação de economias abaladas.

Segundo Singer, "o único jeito de construirmos uma sociedade socialista, que mereça o nome e não seja meramente uma pretensão ou bandeira, é pela via democrática. Os valores da democracia são os valores do socialismo. É a igualdade, o respeito ao outro. E a economia solidária pretende ser democrática. Mas isto é um aprendizado. Este é o ponto."

A economia solidária, conforme Wautier, é orientada do ponto de vista sociológico e "acentua a noção de projeto, de desenvolvimento local e de pluralidade das formas de atividade econômica, visando à utilidade pública, sob forma de serviços diversos, destinados, principalmente, mas não exclusivamente, à população carente ou excluída". Pode-se dizer também que é fundada em relações nas quais as práticas de solidariedade e reciprocidade não são utilizadas como meros dispositivos compensatórios, mas como fatores determinantes na realidade da produção da vida material e social.

Organização e estratégias

Os empreendimentos da economia solidária buscam implementar soluções de gestão coletivas, democráticas e autogestionárias. As decisões mais importantes costumam ser tomadas em assembleias de sócios, em que vigora o princípio de que "cada cabeça é um voto" de igual peso, sem que importe a função ou posição administrativa desse sócio no empreendimento.

Dentre os instrumentos usados para facilitar a comercialização dos produtos da economia solidária, como alternativa ao escambo e com finalidades específicas, existe a moeda social.



Proposta de Redação

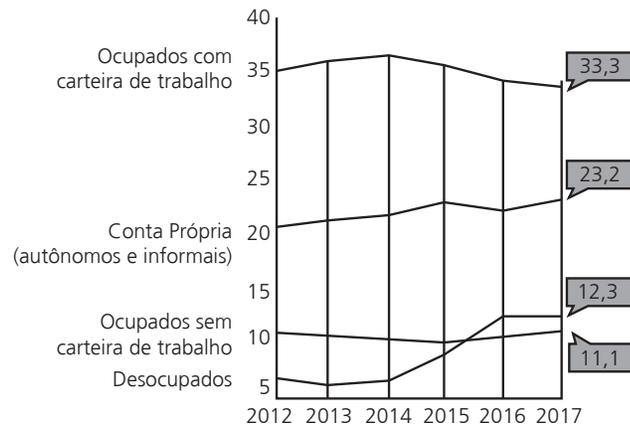
(Enem PPL/2018)

TEXTOS MOTIVADORES

Texto I

EVOLUÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO

Veja o número de pessoas segundo a forma de trabalho (em milhões)



Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 07 maio 2018. Adaptado.

Texto II

MOEDAS SOCIAIS CIRCULAM POR TODO O BRASIL E IMPULSIONAM ECONOMIA DAS COMUNIDADES

Engana-se quem pensa que o Real é a única moeda em circulação no Brasil. Além dele, existem centenas de outras, chamadas de moedas sociais, já muito usadas em diversas regiões do país. As moedas sociais estão ligadas a bancos comunitários. Elas são consideradas complementares à moeda oficial brasileira e, em geral, são lastreadas pelo Real. Hoje, as mais de cem moedas sociais em circulação no Brasil movimentam mais de R\$ 6 milhões por ano, seja em crédito produtivo, seja em meio circulante físico. Esses bancos atuam onde os bancos tradicionais não entram.

Disponível em: www.conexao planeta.com.br. Acesso em: 7 mai. 2018. Adaptado.

Texto III

Desde 2011, os Xavante da aldeia Marãiwatsédé fazem parte da Rede de Sementes do Xingu. A aldeia Ripá, da mesma etnia, se juntou a eles no trabalho de coleta e comercialização de sementes florestais para a recuperação de áreas degradadas. Além de ser uma importante alternativa econômica para os Xavante, a atuação na produção de sementes efetiva caminhos para o mapeamento participativo dos territórios e integra valorização da cultura tradicional com novas oportunidades para os jovens.

Disponível em: <http://terramirim.org.br>. Acesso em: 7 maio 2018. Adaptado.



Texto IV

P.S.O.: Qual seria a importância principal da economia solidária na sociedade brasileira atual?

Paul Singer: O trabalho é uma forma de aprender, de crescer, de amadurecer, e essas oportunidades a economia solidária oferece a todos, sem distinção. [...] Os trabalhadores não têm um salário assegurado no fim do mês, que é uma das conquistas importantes dos trabalhadores no sistema capitalista, no qual eles não participam dos lucros e tampouco dos riscos. Agora, trabalhando em sua própria cooperativa, eles são proprietários de tudo o que é produzido, mas também os prejuízos são deles.

SINGER, Paul. Economia Solidária. [Jan./Abr. 2008]. São Paulo: **Estudos Avançados**. v. 22, n. 62. Entrevista concedida a Paulo de Salles Oliveira.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **"Formas de organização da sociedade para o enfrentamento de problemas econômicos no Brasil"**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.



Exercícios de Fixação

- Texto para a questão 01.

A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, cousas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, cousas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

Fragmento do conto "A Igreja do Diabo", de Machado de Assis.

01. Faça o que se pede.

A) Explique o argumento de que se vale o Diabo na defesa que faz da venalidade.

B) A que se refere o pronome oblíquo na frase *Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório*?

02. Utilizando apenas as palavras da frase abaixo, reescreva-a de forma que ela passe a apresentar uma ideia de negação.

"A verdade é que algum dinheiro traz felicidade."

03. Responda ao que se pede.

A) Reescreva duas vezes a segunda oração do período abaixo, substituindo o verbo "viver" por cada um dos seguintes verbos:

I – lidar

II – depender

"Ele é nossa principal tecnologia social, por meio da qual vivemos hoje."

B) Pontue o período a seguir, empregando apenas um sinal de vírgula e um de dois pontos.

"É aquela velha história se você coloca coisas caras em casa vai precisar pôr tranças nas portas e grades nas janelas."

04. (FGV) Leia o texto.

Como diz o sociólogo Domenico De Masi, contratação inadequada: você seleciona gente "quadrada" e quer que elas passem, de repente, a ser "redondas". (...) Mais importante que a alta rotatividade, dirão alguns, é saber lidar com os desligamentos. Se demissões são inevitáveis, o mínimo a fazer é tratar os demitidos com respeito, dignidade e transparência, assegurando os direitos trabalhistas e estendendo benefícios por um período maior. Não é crível, contudo, que hajam defensores de turnover elevado. Alta rotatividade é doença (grave) e não deve ser subestimada.

Jornal Nota 10, PR, agosto de 2009.

A) No contexto, explique a concordância do termo *redondas*, justificando se está correta ou não.

B) No texto, há um erro de concordância verbal. Transcreva-o, corrija-o e justifique a correção.

05. (FGV) Observe as frases:

- I. Tecnologia da informação: do campus para o campo. (Jornal Unesp, agosto de 2009);
- II. Durante a (sessão/seção) plenária, o deputado deixou claro que, a partir daquele momento, não se discutiriam mais as (exceções/excessões). O mais importante seria o (cumprimento/comprimento) da pauta, atendendo, assim, aos interesses dos (cidadãos/cidadões).

A) Nomeie e explique a figura de linguagem estabelecida pelo par *campus-campo*, em I.

B) Transcreva, respectivamente, os termos que completam corretamente as lacunas em II.



Exercícios Propostos

01. (Uerj/2015) Leia o trecho seguinte, extraído de uma crônica de Machado de Assis, e faça o que se pede.

Não **há** castelo mais vasto do que a vivenda destes bons amigos, nem tratamento mais obsequioso do que o que eles **sabem** dar às suas hóspedes. Cada vez que D. Camila queria ir-se embora, eles pediam-lhe muito que ficasse, e ela ficava. Vinham então novos folguedos, cavalhadas, música, dança, uma sucessão de cousas belas, inventadas com o único fim de impedir que esta senhora seguisse o seu caminho. (...)

Machado de Assis. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962.

Observe as formas verbais flexionadas do trecho acima: as duas primeiras, **há** e **sabem**, estão no tempo presente, ao passo que as restantes estão no tempo pretérito.

Apresente uma justificativa para o emprego de cada um desses diferentes tempos verbais e reescreva o trecho integralmente, passando todas as formas verbais pretéritas para o tempo presente, sem alterar os respectivos modos, pessoas e números.

Justificativa:

Reescrita mudando os tempos verbais solicitados:

02. Reescrevas as frases, corrigindo os erros de regência verbal:

A) O professor chegou no colégio antes do horário estabelecido.

B) A moça disse ao namorado que lhe amava muito.

C) Cada passageiro obedecia as instruções dos comissários de bordo.

D) Nada que eu precise me faltará.

E) Solicitei os serviços do electricista e paguei-o muito bem.

03. Reescreva as frases seguintes, corrigindo as falhas de colocação pronominal.

A) Nada aconteceria-lhe, se desse ouvidos aos conselhos do pai.

B) O deixe em paz por umas horas, por favor.

C) Tudo fez-lhe pensar naquele triste acontecimento.

D) Me faça o favor de ficar calado enquanto eu penso em uma solução.

04. Corrija as falhas de concordância nominal nos períodos seguintes:

A) Os alunos ficaram alertas o tempo todo, conforme sugeriu o professor.

B) Encontrei satisfeitas as crianças e os pais delas.

C) Passado alguns anos, resolvemos visitar aquele maravilhoso país.

D) As paredes cinzas foram pichadas de vermelho.

E) É proibido a entrada de visitantes nesta área do parque.

05. Reescrevas as frases seguintes, corrigindo as falhas de concordância verbal.

A) Haviam muitas questões pendentes naquele tribunal.

B) Comprava-se muitos móveis desnecessários, o que motivou a falência da empresa.

C) Faziam muitos anos que ela partiu sem mandar notícias.

D) Se houvessem menos desejos, haveria mais pessoas felizes.

E) Falam-se em muitas irregularidades nas contas daquele empresário.

06. Responda ao que se pede.

A) Mantendo o sentido original, reescreva o período abaixo continuando-o a partir do início sugerido (faça as adaptações que julgar necessárias).

“O ciúme não provém tanto da força das razões que fazem julgar que se pode perder um bem como da grande estima que se lhe concede.”

O ciúme provém mais

B) Reescreva o período abaixo, transformando a oração reduzida destacada em oração desenvolvida:

“Amando naturalmente a justiça, ficamos desgostosos pelo fato de ela não ser observada na distribuição dos bens.”

07. Forme um único período com as orações abaixo, utilizando para isso o pronome relativo **cujo**. Faça as adaptações necessárias.
- Não vemos a relação entre passado, presente e futuro da mesma forma que os maias.
 - O conceito de tempo dos maias era mágico e politeísta.

08. Substitua as expressões destacadas nas orações abaixo por outras que mantenham o sentido original sem provocar qualquer outra alteração na estrutura das frases.

- O gesto de Nisha **reverberou** nos quatro cantos daquele imenso país.
- Escorada** na Lei de Proibição de Dotes, Nisha botou o ex-futuro marido na cadeia.
- Nisha estava **a caminho de** tornar-se uma celebridade nacional.
- Poormina Advani **destacou** a importância de divulgar casos como o de Nisha.

09. Construa um parágrafo articulando os períodos abaixo. Faça as adaptações necessárias para garantir a produção de um texto coeso e coerente.

- A Lei de Proibição de Dotes, de 1961, teve pouco impacto na Índia.
- O governo indiano criou, em 1986, um quadro especial de funcionários.
- A função do quadro especial de funcionários criado em 1986 é garantir o cumprimento da legislação antidote.
- A fiscalização não tem impedido a prática do dote.
- A fiscalização não tem refreado as consequências nefastas da prática do dote.
- Continua havendo o assassinato de mulheres casadas para que seus maridos possam realizar novo casamento e receber novo dote.
- O infanticídio feminino e o aborto seletivo persistem como formas de evitar futuros gastos com filhas mulheres.

10. Observe os seguintes trechos do Código Penal Brasileiro, segundo o qual é crime

Art. 235 – Contrair alguém, sendo casado, novo casamento [...]

Art. 158 – Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, e com o intuito de obter para si ou para outrem indevida vantagem econômica, a fazer, tolerar que se faça ou deixar fazer alguma coisa [...]

<http://www.planalto.gov.br>

Responda ao que se pede:

- No português, a ordem sintática preferencial é Sujeito-Verbo-Objeto. Reescreva em ordem direta um período dos artigos de lei acima em que ocorra uma inversão nessa ordem.
- Desenvolva de duas formas distintas a oração reduzida de gerúndio presente no Artigo 235. Certifique-se de que as duas novas orações produzidas tenham classificação diferente.
- No Artigo 158, ocorre inserção de elementos de natureza adverbial entre os complementos de um verbo. Identifique um desses elementos e classifique-o sintaticamente.

Aula

10

Como Interpretar o Tema e os Textos Motivadores

C-6	H-18
C-7	H-22, 23
C-8	H-27

Introdução

A prova de redação do Enem solicita que o candidato escreva um texto em prosa, o qual atenda ao tipo dissertativo-argumentativo, com base em um TEMA, a ser entendido como uma situação-problema, determinado por eixos temáticos de ordem social, política, científica ou cultural. Por se tratar de um texto argumentativo, o produtor deve defender uma tese, um juízo de valor acerca de um tema proposto pela banca da prova, enriquecido e fortalecido por argumentos e justificativas plausíveis dispostos estruturalmente de forma coesa e coerente, a fim de promover textualidade aos enunciados. Para tanto, destaca-se, ainda, a importância do uso padrão escrito da Língua Portuguesa. Por fim há, também, a necessidade de se elaborar uma proposta de intervenção de ordem social para a situação-problema presente na discussão do tema proposto, como no esquema abaixo:

TEMA / TESE

+

ARGUMENTOS

+

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A primeira etapa de elaboração do texto redativo passa pelo entendimento do tema ou recorte temático escolhido pela banca, em seguida, deve-se observar a tipologia textual a ser desenvolvida. Abaixo, segue o esquema em que se apresentam os aspectos microestruturais para a compreensão do tipo e tema do texto.

PROPOSTA DE REDAÇÃO EM ANÁLISE (I)

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto **dessertativo-argumentativo** em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **Publicidade Infantil em questão no Brasil**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Análise do cabeçalho da proposta

- C1** – Norma culta da língua portuguesa;
- C2** – Tipo de texto (dissertativo-argumentativo) e tema (sempre em **negrito**) **Publicidade Infantil em questão no Brasil**;
- C3** – selecione, organize e relacione argumentos e fatos segundo um ponto de vista;
- C4** – de forma coerente e coesa;
- C5** – apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos.

TEXTO I

A aprovação, em abril de 2014, de uma resolução que considera abusiva a publicidade infantil, emitida pelo Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), deu início a um verdadeiro cabo de guerra envolvendo ONGs de defesa dos direitos das crianças e setores interessados na continuidade das propagandas dirigidas a esse público.

Elogiada por pais, ativistas e entidades, a resolução estabelece como abusiva toda propaganda dirigida à criança que tem “a intenção de persuadi-la para o consumo de qualquer produto ou serviço” e que utilize aspectos como desenhos animados, bonecos, linguagem infantil, trilhas sonoras com temas infantis, oferta de prêmios, brindes ou artigos colecionáveis que tenham apelo às crianças.

Ainda há dúvidas, porém, sobre como será a aplicação prática da resolução. E associações de anunciantes, emissoras, revistas e de empresas de licenciamento e fabricantes de produtos infantis criticam a medida e dizem não reconhecer a legitimidade constitucional do Conanda para legislar sobre publicidade e para impor a resolução tanto às famílias quanto ao mercado publicitário. Além disso, defendem que a autorregulamentação pelo Conselho Nacional de autorregulamentação Publicitária (Conar) já seria uma forma de controlar e evitar abusos.

IDOETA, P A . BARBA. M. D. A. *Publicidade Infantil deve ser proibida?* Disponível em www.bbc.co.uk Acesso «m 23 maio 2014 (Adaptado).

TEXTO II

A PUBLICIDADE DE ALIMENTOS PARA CRIANÇAS NO MUNDO

	Autorregulamentação	Alerta	Proibição parcial	Personagens	Proibido
	Não há leis nacionais. O setor cria normas e faz acordos com o governo.	Mensagens recomendam consumo moderado e alimentação saudável.	Comerciais são proibidos em certos horários ou para algumas faixas etárias	Famosos e personagens de desenhos não podem aparecer em anúncios de alimentos infantis	Não é permitido nenhum tipo de publicidade para crianças e pré-adolescentes.
Québec (Canadá)					X
EUA	X				
Reino Unido			X	X	
Irlanda			X		
França		X			
Itália			X		
Brasil	X				
Chile		X	X		
Noruega					X
Suécia			X	X	
Dinamarca			X		
Bélgica			X		
Coreia do Sul			X		
Austrália	X				

TEXTO III

Precisamos preparar a criança, desde pequena, para receber as informações do mundo exterior, para compreender o que está por trás da divulgação de produtos. Só assim ela se tornará o consumidor do futuro, aquele capaz de saber o que, como e por que comprar, ciente de suas reais necessidades e consciente de suas responsabilidades consigo mesma e com o mundo.

SILVA, A. M. O. ; VASCONCELOS L. R. A *criança e o marketing: informações essenciais para proteger as crianças dos apelos do marketing infantil.* São Paulo Summus, 2012 (adaptado)

Análise dos textos motivadores

Geralmente, a banca coloca três ou quatro textos motivadores que direcionam o aluno para um melhor posicionamento sobre o recorte temático. No ENEM, os textos motivadores ou a coletânea de textos são compostos normalmente por notícias, infográficos, artigos de opinião, cartazes, leis, dados, tirinhas, charges. É válido destacar que esses textos **não podem ser copiados** para a redação do candidato, pois a banca espera que este veja as informações da coletânea como elementos a serem acrescentados aos demais conhecimentos adquiridos pelo redator ao longo de sua formação. Por fim, o ideal é ir além das ideias desses textos a fim de configurar autoria.

INSTRUÇÕES:

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:

- tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada "texto insuficiente".
- fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
- apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos.
- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

Orientações específicas da prova.

Como visto no quadro anterior, é necessária a boa interpretação e atenta leitura para a construção de um excelente texto redacional, sendo os textos motivadores imprescindíveis para tal tarefa. Para tanto, sugere-se que o redator elabore um mapa conceitual das ideias que podem fazer parte do seu repertório sociocultural, tornando-o produtivo. Observe um exemplo:

PROPOSTA DE REDAÇÃO EM ANÁLISE (II)

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto **dissertativo-argumentativo** em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema **Água, um bem cada vez mais raro**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa do seu ponto de vista.

INFORMAÇÕES

Assunto geral da redação: Água
Recorte temático: escassez de recursos hídricos
Tipologia textual: dissertação argumentativa

TEXTO I

Segundo dados da ONU, um quinto da humanidade não tem acesso à água potável, e o estoque de água doce do planeta estará quase totalmente comprometido dentro de 25 anos. Estima-se que a principal disputa no planeta nos próximos 50 anos não será por petróleo, ouro ou carvão – mas por água. O alerta consta do relatório divulgado pela ONU no Dia Mundial da Água.

Disponível em: <<http://www.rumosgeograficos.com/2014/03/agua-uma-questao-para-o-mundo-todo.html>>

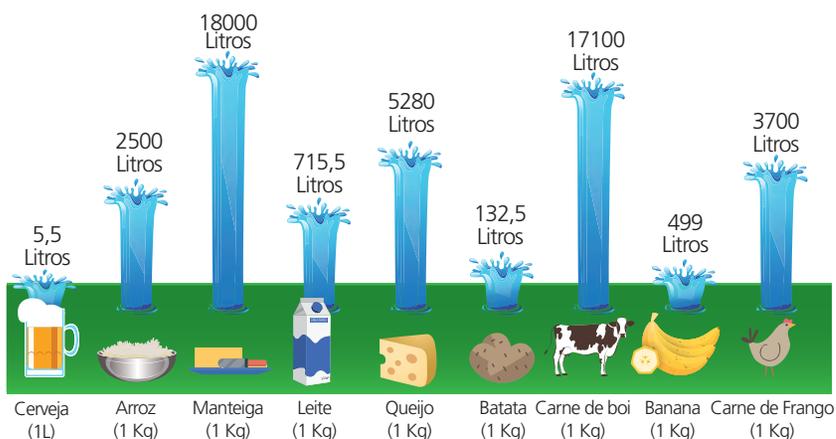
INFORMAÇÕES OBTIDAS A PARTIR DA LEITURA DO TEXTO I

- ✓ Situação atual caótica.
- ✓ Futuro trágico iminente.
- ✓ Doenças adquiridas.
- ✓ Conflitos sociais.
- ✓ Mananciais poluídos.

TEXTO II

A ÁGUA QUE VOCÊ NÃO VÊ

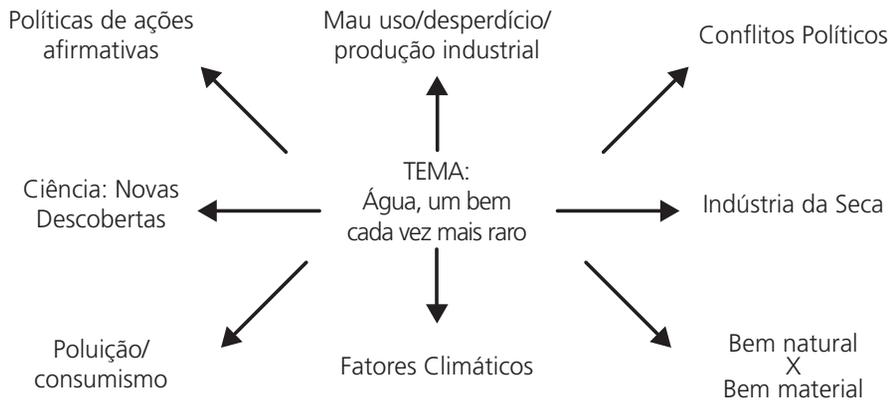
Veja o quanto de água potável é necessário para produzir itens do seu cotidiano



INFORMAÇÕES RELEVANTES DO TEXTO II

- ✓ Água virtual.
- ✓ Descarte de alimentos e produtos causam impactos hídricos.
- ✓ Consumismo.
- ✓ Maior consumidor de água: produção de alimentos.

Em seguida, formule seu mapa conceitual com o tema no centro e as possíveis ideias a serem usadas em seu texto. Eis um exemplo:



De posse de todas as ideias, será formulado o parágrafo introdutório. Veja:

Mananciais poluídos, rios secos, impactos da produção industrial desenfreada, má distribuição, ou adoecendo por consumi-la contaminada. Essa não é uma previsão nefasta muito distante, mas sim uma realidade contemporânea, pois a escassez de recursos hídricos tornou-se uma realidade, sobretudo no Brasil. Desse modo, esse problema tende a se agravar nos próximos anos caso nada seja feito com o fito de solucioná-lo.

ESTUDO DE CASO

VIDA PARADOXAL

“Hoje o homem explora a si mesmo e acredita que isso é realização.” Essa máxima, do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, caracteriza o atual estágio da sociedade contemporânea, em que se exige cada vez mais dos cidadãos, sobretudo, no mercado de trabalho. Tal cenário é preocupante e requer mudanças, pois o excesso de obrigações leva os indivíduos a uma obsessiva autoexploração, incorrendo em sérios problemas de saúde e de relacionamentos pessoais.

De fato, nas empresas, por exemplo, são crescentes as cobranças sobre os trabalhadores quanto à produtividade. Isso promove, nesses ambientes, uma competitividade sem precedentes, de modo que muitos indivíduos passam a crer que o excesso de trabalho é prazeroso e fazem tudo em prol desse errôneo pensamento, o que é prejudicial à saúde deles. Nesse sentido, é alarmante o aumento do número de problemas relacionados à incessante busca do melhor desempenho, já que essa obsessão pode provocar sérios distúrbios psíquicos, como a depressão e a Síndrome de Burnout, principalmente, em pessoas que não sabem lidar com erros e com perdas.

Outrossim, na obra “A sociedade do cansaço”, o referido filósofo destaca, criticamente, outros efeitos nocivos que essa realidade provoca. Nessa perspectiva, a meta de superprodução, quando não atingida, ocasiona, nos indivíduos, o sentimento de fracasso e de incompetência, gerando-lhes angústia e ansiedade. Ressalta-se, ainda, que os riscos de exaustão e de esgotamento físico e mental são iminentes, fato que tem implicações na vivência social, já que as vítimas encontram dificuldades de interação, seja na família, seja no próprio espaço de trabalho, o que reforça a crítica de Byung-Chul Han.

Desse modo, os danos que essa problemática promove devem ser mitigados. Para tanto, cabe às empresas públicas e privadas aperfeiçoar seus setores de relações humanas, por meio da contratação de psicólogos que deem assistência diária aos funcionários, ouvindo-os e orientando-os a buscar um equilíbrio entre trabalho e bem-estar, a fim de mantê-los produtivos e saudáveis. Cabe-lhes, ainda, investir em palestras mensais, sob o comando de médicos especializados, com o fito de incentivar os empregados a cuidar da saúde. Assim, os indivíduos desempenharão suas obrigações como um meio, e não como um fim em si mesmo, protegendo-se dos efeitos de uma vida paradoxal.

Wallyson Pablo
Turma FB-SP

RECONHECENDO O PLANEJAMENTO DA REDAÇÃO

TEMA: A SOCIEDADE DO DESEMPENHO E SEUS EFEITOS.

TESE (NEGATIVA): _____

ARG. 1 (EFEITO): _____

CAUSA 1: _____

REPERTÓRIO 1: _____

ARG. 2 (EFEITO): _____

CAUSA 2: _____

REPERTÓRIO 2: _____

SOLUÇÃO: ' _____

1. AGENTE: _____
2. AÇÃO: _____
3. DETALHAMENTO: _____
4. MEIO: _____
5. FINALIDADE/EFEITO: _____

Respostas:

5. **Finalidade:** Preservação da saúde física e mental dos empregados funcionários.

4. **Meio:** Contratação de psicólogos e médicos para assistência aos funcionários.

3. **Detalhamento:** Incentivar os funcionários a cuidar da saúde: para orientar funcionários para o equilíbrio entre trabalho e lazer.

2. **Ação:** Aperfeiçoar setores de relações humanas/investir em palestras.

1. **Agente:** Empresas públicas e privadas.

Solução:

Repertório 2: Obra "Sociedade do Canasão", de Byung-Chul Han.

Efeito 2: Sentimento de fracasso, ansiedade, angústia.

Arg. 2 (causa): Metas de superprodução impostas aos empregados.

Repertório 1: Problematização a partir de dados da realidade sociocultural.

Efeito 1: Aumento do número de problemas de saúde física e mental dos empregados e excesso de competitividade.

Arg. 1 (causa): Crescentes cobranças das empresas sobre os empregados causam danos à saúde e aos relacionamentos.

tese (negativa): O excesso de obrigações e a obsessiva autoexploração



Fique de Olho

ASPECTOS FORMAIS DA LÍNGUA

Emprego de letra inicial maiúscula

É correto o uso de letra inicial maiúscula que indica a singularização de nomes, tais como leis aprovadas pelo Congresso Nacional (Lei de Responsabilidade Fiscal, Estatuto do Idoso etc.); termos que representem conceitos políticos: Estado (no sentido de Nação), União, Constituição, Ministério Público, Poder Executivo, Legislativo e Judiciário, Ministério da Fazenda (ou qualquer outro); nomes das regiões brasileiras: Nordeste, Sudeste, Norte, Sul; nomes de órgãos: Assembleia Legislativa do Estado do Piauí, Câmara Municipal de Formosa etc.

As palavras ou expressões Constituição, Estado(s), Município(s), Administração Pública, Fazenda Pública, Câmara Municipal, Assembleia Legislativa, empregadas em sentido geral, podem ser grafadas com letra inicial maiúscula (como estão na Constituição e na legislação infraconstitucional) ou minúscula.

Deve ser considerado como apenas um erro o nome próprio com mais de uma palavra e sem as devidas iniciais maiúsculas em todas elas. Exemplo: Constituição da república federativa do Brasil.

Siglas

Devem ser considerados como erros: o uso de siglas grafadas com letra inicial minúscula e o emprego de apóstrofo antes de "s" na indicação de plural. O correto é CPI, CPF, Bradesco; CPs, CPFs etc.

Guia do vestibulando - CESPE. Disponível em: <http://www.cespe.unb.br/vestibular/vestunb_13_1/arquivos/CRIT__RIOS_ADOTADOS_NA_AVALIA___O_DE_ASPECTOS_MICROESTRUTURAI.PDF>

Alertar

A construção “alertar que” não é correta. O verbo “alertar” pede objeto direto nominal (alerta-se alguém, mas não alerta-se que) e objeto indireto precedido de preposição “de” (alertar alguém de algo), “sobre” (alertar alguém sobre algo) ou “contra” (alertar alguém contra algo). No sentido de chamar a atenção, pode-se usar também “alertar para algo”.

Sindicalista **alerta que** guerra fiscal corta empregos.

Especialista **alerta que** propaganda estimula uso de bebida entre jovens.

TCU **alerta que** obras, compras e serviços devem ser autorizados.

Além disso, o verbo “alertar” não é um verbo próprio para introduzir declarações. Para esse uso, prefira os verbos dizer, afirmar, declarar, perguntar, responder.

Veja esta chamada da TV:

O pesquisador **alerta que** o futuro do país depende de uma solução para o problema da desindustrialização.

Uma sugestão seria:

O pesquisador **adverte (ou diz) que** o futuro do país depende de solução para o problema da desindustrialização.

O verbo “alertar” pressupõe a existência de algum risco, de situação que exige atenção. Para usá-lo, aposte em construções como “alertar alguém de algo” ou “alertar alguém sobre a possibilidade de alguma coisa”.

O senador **alerta que produtores locais correm risco** de perder suas propriedades por conta de endividamentos.

O senador **alerta sobre o risco de produtores locais perderem** as propriedades por conta de endividamentos.

A construção “alertar para” pode ser usada apenas com o sentido de “chamar a atenção”.

Senador **alerta para** uso indevido de remédio.

Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-estilo/estilo/alertar>>

Advertir

No sentido de advertir alguém de alguma coisa ou advertir a alguém alguma coisa, é transitivo direto e indireto.

O senador **advertiu o ministro da possibilidade de aumento da inflação**.

Os professores **advertiram aos parlamentares que a greve seria inevitável**.

Admite a forma advertir + que.

Com as preposições “para”, “sobre” e “contra”, use “alertar”:

O ministro **alertou para o risco de volta da inflação**.

Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-estilo/estilo/advertir>>

Ponto e vírgula

O ponto e vírgula é usado principalmente em dois casos:

- Separar orações coordenadas em que já há uso de vírgula.

Participaram da abertura a vice-presidente da Comissão de Direitos Humanos, senadora Ana Rita (PT-ES) a secretária-geral da Mesa, Claudia Lyra a diretora-geral da Casa, Doris Peixoto o consultor-geral do Senado, Paulo Mohn e o diretor da Secretaria Especial de Comunicação Social, Fernando Cesar Mesquita.

Nesta semana, a CMO tem reuniões agendadas para amanhã, às 13h30, às 18h e às 20h e para quarta-feira, às 14h30 e às 18h.

- Separar itens de uma enumeração.

— Art. 4º. O PPA 2012—2015 terá como diretrizes:

I — a garantia dos direitos humanos com redução das desigualdades sociais, regionais, étnico-raciais e de gênero II — a ampliação da participação social III — a promoção da sustentabilidade ambiental IV — a valorização da diversidade cultural e da identidade nacional V — a excelência na gestão para garantir o provimento de bens e serviços à sociedade VI — a garantia da soberania nacional VII — o aumento da eficiência dos gastos públicos VIII — o crescimento econômico sustentável IX — o estímulo e a valorização da educação, da ciência e da tecnologia.

Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-estilo/estilo/ponto-e-virgula>>

Vírgula

Para acertar no uso da vírgula, a principal regra é não separar elementos que têm relação sintática.

Fique atento para não separar:

- O sujeito do verbo, por mais longo que seja o sujeito.

— **Quem quiser se atualizar sobre cada uma das Forças Armadas (sujeito), leia (verbo)** esta revista — disse.

Quem quiser conhecer melhor os candidatos a vereador, prefeito e vice-prefeito nas eleições deste ano (sujeito) conta (verbo) com uma ferramenta virtual desenvolvida pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

- O verbo dos objetos direto e indireto.

Álvaro Dias (PSDB-PR) **informou (verbo) ao Plenário (objeto indireto) que muitos estudantes (objeto direto) procuraram seu gabinete (objeto direto)** para manifestar indignação com o resultado do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Use vírgula nas seguintes situações:

- Separar orações e termos coordenados.

Além de Brasília, a emissora já está presente em quatro capitais: **Natal, Cuiabá, Fortaleza e Rio Branco**.

O senador disse que o projeto é muito importante para os taxistas, pois ajudará a acabar com a informalidade que marca hoje o mercado de autorizações para a exploração do serviço.

- Separar termos exemplificativos ou retificativos, como ou seja, isto é, por exemplo, ou melhor, aliás, a saber.

— Hoje, tais fundos fornecem recursos a baixo custo a apenas alguns grupos de eleitos. Em contrapartida, remuneram mal seus cotistas, **ou seja**, a massa de trabalhadores e poupadores — disse.

Retirar os lixões e incentivar a coleta de lixo nas favelas próximas aos aeroportos, **por exemplo**, é uma ação urgente para aumentar a segurança dos voos, exemplificou.

- Isolar termos e orações explicativos.

No programa Visite o Congresso, **parceria entre o Senado e a Câmara**, a visitação acontece todos os dias.

Segundo Aguirre Estorillio, **coordenador de Visitação Institucional da Secretaria de Relações Públicas do Senado**, o material está disponível em inglês, espanhol e francês, o que facilita a compreensão e a interatividade nas visitas.

Os trabalhos do Parlatino ocorreram na cidade de Oranjestad, **capital de Aruba**, na América Central.

- Isolar termos e orações deslocados.

Ele se disse espantado, pois acreditava que **depois das eleições**, os políticos estariam mais ativos no uso das mídias sociais.

Em cerimônia no Palácio do Planalto, a presidente sancionou a medida provisória.

A presidente **em cerimônia no Palácio do Planalto**, sancionou a medida provisória.

A presidente sancionou a medida provisória **em cerimônia no Palácio do Planalto**. (ordem direta)

- Isolar adjuntos adverbiais deslocados e, em geral, longos.

Ao tomar posse na Cultura, a parlamentar ressalta o pioneirismo do Presidente.

Na tarde desta terça-feira, deputados e senadores se reúnem em sessão do Congresso Nacional.

Se estivesse na ordem direta, a vírgula seria facultativa:

Deputados e senadores se reúnem em sessão do Congresso Nacional **(,)** na tarde desta terça-feira.

Se o adjunto adverbial for curto, a vírgula é facultativa. Veja mais em adjunto adverbial deslocado.

- Antes de conjunções adversativas como “mas”, “porém”, “contudo”, “entretanto”. Use a vírgula mesmo em títulos.

— Este não é o projeto ideal, **mas** é tudo aquilo que foi possível discutir — acrescentou.

— Numa situação extrema, **portanto**, o próprio Tesouro poderia se valer daqueles recursos que os servidores estivessem acumulando em suas contas individuais — observou.

Título: CPI do Cachoeira será prorrogada, **mas** ainda falta definir prazo.

- Para indicar a elipse do verbo.

Os cursos de formação de condutores são considerados ineficientes; **os exames de habilitação, insuficientes; as vias e a sinalização públicas, inadequadas;** e **a fiscalização de trânsito, escassa.**

- A vírgula antes de etc. é facultativa. Recomenda-se, no entanto, não usá-la.

Agora, ele passará a valer também para todas as obras incluídas no PAC, como saneamento, construção de escolas, postos de saúde **etc.**

Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/estilo/virgula>>

ESPAÇO DA LEITURA

QUEM LÊ APRENDE MAIS E ESCRIVE MELHOR

PERDAS E DESPÉRDIO DE ALIMENTOS

Sobre o tema

A produção e o consumo sustentáveis de alimento não são apenas uma moda passageira, mas duas áreas que demandam a aplicação do conhecimento científico para ampliar a oferta de alimentos com menor impacto ambiental. Em um mundo que enfrenta mudanças climáticas e escassez de recursos naturais, e ainda convive com o flagelo da insegurança alimentar, a redução das perdas e do desperdício de alimento deve ser uma prioridade global.

A produção de alimentos no mundo, em relação ao período de 2005 a 2007, precisa aumentar 60% até 2050 para suprir a crescente demanda, resultante do crescimento da população no hemisfério sul, aumento do consumo nos países em desenvolvimento e mudanças nos padrões de consumo. A necessidade de maior produção gera maior pressão sobre recursos naturais escassos, como solo, água, energia e nutrientes (fósforo, potássio etc.) e deixa ainda mais nítido um problema social com elevado impacto ambiental: as perdas pós-colheita e o desperdício no final da cadeia de suprimentos.

Grande parte do ganho necessário para fazer frente a este desafio de aumentar a produção global de alimentos pode vir da redução do desperdício. As perdas e desperdício de alimentos são um entrave para “acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável”, segundo dos dezessete objetivos da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. Dados recentes da FAO reforçam o tamanho do problema.

O mundo descarta, aproximadamente, um terço do alimento produzido globalmente, o equivalente a 1,3 bilhão de toneladas anuais. Em países como os Estados Unidos, Austrália e Inglaterra, que concentram a maior parte do desperdício no final da cadeia, o percentual descartado ultrapassa um terço da produção. Mesmo no contexto de países em desenvolvimento, o desperdício no âmbito do varejo e do consumidor é elevado. Nestes países, as perdas tendem a ser elevadas desde o manejo da lavoura e o pós-colheita.

A FAO estima que 28% dos alimentos que chegam ao final da cadeia em países latino-americanos são desperdiçados. Enquanto o Brasil, por exemplo, descarta mais do que o necessário para neutralizar a insegurança alimentar no País, apenas um quarto do desperdício agregado dos EUA e Europa é suficiente para alimentar as 800 milhões de pessoas que ainda passam fome no mundo.

Insegurança alimentar

O Brasil, graças a esforços de pesquisa agropecuária e a programas sociais como o Bolsa Família, saiu do mapa da fome da FAO, no qual constam países com índice de insegurança alimentar grave acima de 5%. A insegurança alimentar grave foi reduzida de 7%, em 2004, para 3% segundo pesquisa do IBGE realizada em 2013. Por outro lado, o País ainda possui 22,6% da população enfrentando algum estágio de insegurança alimentar, dado que ressalta o dilema moral do desperdício diante da escassez de muitos.

As perdas no início da cadeia de alimento são mais comuns em países subdesenvolvidos, que lidam com baixo aporte tecnológico no manejo das lavouras, carência de estrutura para estocagem da produção e infraestrutura inadequada para escoamento das safras. Já em países de média e alta renda, a maior contribuição para o desperdício parte do consumidor. Porém, mesmo no contexto da classe média baixa, o desperdício pode ocorrer por fatores culturais, como o gosto pela abundância à mesa, compras excessivas, armazenamento inadequado do alimento ou mesmo desinteresse pelo consumo das sobras.

Na primeira etapa, as perdas derivam de colheita inapropriada, entre outras causas, como ataque de pragas, doenças e desastres naturais. Após a colheita, o produto que estraga rapidamente é geralmente manuseado de forma rudimentar, o que vai acarretar danos físicos e deteriorações fisiológicas e patológicas.

Nas etapas após a colheita, as perdas são oriundas do uso de embalagens inadequadas, transporte impróprio, não uso de refrigeração, desconhecimento de técnicas de manuseio, disponibilização inadequada nas gôndolas e excesso de toque nos produtos pelos consumidores. As perdas pós-colheita podem ser classificadas como fisiológicas (ex.: amadurecimento), por injúria mecânica (ex.: armazenamento em caixas inadequadas) ou fitopatológicas (ex.: ataque por microrganismos).

Quando analisado o nível do consumidor, identifica-se planejamento de compra insuficiente e outras características comportamentais associadas à cultura de consumo como determinantes para o desperdício. A rotulagem e a embalagem também contribuem para perdas, como por exemplo, o desperdício motivado por compras de embalagens muito grandes ou difíceis de esvaziar.

A crescente exigência do consumidor por qualidade, e por consequência também do varejo, tem levado também ao descarte de alimentos, ainda na fazenda, por não suprir os padrões estéticos exigidos por algumas redes supermercadistas. As razões para o descarte de alimento apropriado para o consumo por motivos estéticos vão desde o peso e o tamanho até o formato e a coloração.

Contexto global

Desde 2013, quando o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) e a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) lançaram a iniciativa Save Food, diversos países têm iniciado campanhas de promoção do consumo sustentável de alimentos ou estabelecido suas próprias metas de redução das perdas e desperdício de alimento. Mais recentemente, dentre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estabelecidos pelas Nações Unidas em 2015, destaca-se “Reduzir pela metade, até 2030, o desperdício de alimentos *per capita* mundial, nos níveis de varejo e do consumidor, e reduzir as perdas de alimentos nas outras etapas da cadeia agroalimentar”.

Estados Unidos, Austrália, Inglaterra e Itália estão entre os países com maior índice de desperdício de alimentos na etapa de consumo domiciliar. O desperdício *per capita* na Europa e América do Norte é de 95 a 115 kg por ano. Países da América Latina ainda enfrentam elevadas perdas pós-colheita e o desperdício também tende a ser elevado. Segundo dados da FAO, 28% dos alimentos que chegam ao final da cadeia são desperdiçados, em média, nos países latino-americanos.

O Brasil, embora ainda enfrente perdas elevadas na fase pós-colheita, também apresenta elevado desperdício no final da cadeia. As evidências mostram o Brasil como um país que alia características de países em desenvolvimento, no que diz respeito às perdas dentro das propriedades rurais e no escoamento da produção, com hábitos de consumo de países ricos, caracterizados pelo elevado descarte de alimentos no final da cadeia.

A quantidade de alimento desperdiçada nos países industrializados é proporcional ao total da produção agrícola da África subsaariana. Para o setor agrícola já não basta o enfoque no incremento de produtividade, mas buscar otimização por meio de um cenário muito mais complexo de produção, desenvolvimento rural, meio ambiente e justiça social, no qual as consequências do consumo de alimentos são levadas em conta. Com as práticas atuais desperdiçando até 50% do alimento produzido, é preciso agir para promover formas sustentáveis de reduzir o desperdício da fazenda para o supermercado e para o consumidor.



Proposta de Redação

TEXTOS MOTIVADORES

Texto I

Um terço dos alimentos produzidos no mundo é desperdiçado a cada ano – junto com toda a energia, mão de obra, água e produtos químicos envolvidos em sua produção e descarte. O Brasil tem 3,4 milhões de brasileiros que estão em situação de insegurança alimentar, o que representa 1,7% da população. Segundo relatório da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura), de 2013, 805 milhões de pessoas, ou seja, 1 em cada 9 sofre de fome no mundo.

Disponível em: www.bancodealimentos.org.br. Acesso em: 30 maio 2016. Adaptado.

Texto II

O desperdício de alimentos no Brasil chega a 40 mil toneladas por dia, segundo pesquisa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Anualmente, a quantia acumulada é suficiente para alimentar cerca de 19 milhões de pessoas diariamente.

Disponível em: www.redebrasilatual.com.br. Acesso em: 30 mai 2016.

Texto III



Disponível em: <http://infograficos.oglobo.globo.com>. Acesso em: 24 jun. 2016.

Texto IV

O desperdício de alimentos nas sociedades ricas resulta de uma combinação entre o comportamento do consumidor e a falta de comunicação ao longo da cadeia de abastecimento. Os consumidores não conseguem planejar suas compras de forma eficaz e, por isso, compram em excesso ou exageram no cumprimento das datas de validade dos produtos. Por outro lado, os padrões estéticos e de qualidade levam os distribuidores a rejeitar grandes quantidades de alimentos perfeitamente comestíveis. Nos países em desenvolvimento, as grandes perdas pós-colheita, ainda na fase inicial da cadeia alimentar, são o principal problema.

Disponível em: www.cruzverde.org.br. Acesso em: 30 maio 2016

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **“Alternativas para a diminuição do desperdício de alimentos no Brasil”**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.



Exercícios de Fixação

01. Responda às solicitações a seguir.

A) Nos seguintes períodos, há excesso de construções subordinadas, com uso enfadonho de “quês”. Reescreva-os, eliminando todos os “quês” destacados. Faça as alterações necessárias, mas mantenha o sentido original. (Não é permitido substituir “que” por “o qual”, “a qual” e respectivas flexões).

Estudos recentes indicam **que** o riso é um dos melhores remédios para os males da alma. Os cientistas descobriram que ele é um dos principais processos **que** deflagram a produção da serotonina, **que** é a substância **que** é responsável pela sensação de bem-estar. Gargalhadas e sorrisos francos fazem com **que** aumente a quantidade de serotonina **que** o organismo libera, podendo evitar que as pessoas entrem em estados depressivos.

B) Nas expressões abaixo, é sempre possível inverter a ordem entre o termo de valor **substantivo** e o termo de valor **adjetivo**? A inversão acarreta sempre uma mudança sensível no significado da expressão? Dê respostas completas e justificadas.

- I. estímulo ambiental
- II. relação maravilhosa
- III. resposta certa

02. Responda ao que se pede.

A) Suponha que o texto a seguir vá ser divulgado em um *site* da Internet sobre o tratamento da dor e que você é o revisor encarregado de garantir a qualidade da redação. Reescreva-o, eliminando três problemas de redação apresentados.

“A dor faz com que o paciente, já debilitado em consequência da enfermidade, vê-se incapacitado de realizar as mais simples atividades que está habituado, tais como cuidar da higiene pessoal, alimentar-se e levantar-se do leito. É necessário, então, cuidados muito especiais, para evitar piora na qualidade de vida do paciente.”

B) Reescreva o texto abaixo, pontuando-o.

“A moral epicurista é uma moral hedonista o fim supremo da vida é o prazer que é concebido como o único bem o único mal é a dor nenhum prazer deve ser recusado a não ser por causa de consequências dolorosas e nenhum sofrimento deve ser aceito a não ser em vista de um prazer no epicurismo não se trata portanto do prazer desejado pelo homem vulgar trata-se do prazer avaliado pela razão escolhido prudentemente.”

03. O trecho em destaque a seguir reproduz a fala de uma pessoa em que fica marcado o registro coloquial de linguagem. Como você poderia reescrever esse trecho usando o registro formal?

“Tem uma palavra que conheço mas que não consigo pegar.”

04. (UEL/2017 – Adaptada) Com relação aos termos destacados no texto, julgue as afirmativas a seguir, empregando (V) ou (F), conforme sejam verdadeiras ou falsas.

- () As aspas usadas ao longo do texto marcam o discurso direto do promotor Alexandre Couto Joppert.
- () O termo “que” pertence à mesma classe gramatical nas duas ocorrências apresentadas.
- () A expressão “além de” reforça o caráter aditivo presente no período.
- () O termo “mal” modifica a palavra “interpretado”, atribuindo-lhe ideia de modo.

05. (UEL/2017 – Adaptada) Acerca da pontuação utilizada no texto, considere as afirmativas a seguir, julgando-as (V) ou (F), conforme sejam verdadeiras ou falsas.

- () Em “Examinador de Direito Penal, durante uma prova oral, ele narrou”, as vírgulas isolam uma circunstância de tempo.
- () Em “Um (criminoso) segura, outro aponta a arma, outro garante”, as vírgulas são empregadas para marcar uma enumeração de ações.
- () Em “Em nota, o procurador-geral de Justiça”, a vírgula antecipa o uso do discurso direto.
- () Em “Autor de livros jurídicos, Joppert atua”, a vírgula é utilizada para separar informações sobre pessoas diferentes.



Exercícios Propostos

01. Preencha cada lacuna seguinte com uma das palavras entre parênteses, consoante as regras gramaticais da Língua Portuguesa:

- A) Daqui _____ (a – há) vinte dias, partirei para Londres.
- B) Minhas _____ (pretensões – pretenções) são as melhores possíveis.
- C) Pedro agiu com muita _____ (descrição – discricção).
- D) Teu _____ (mal – mau) comportamento fez tua imagem desvalorizar-se.
- E) Já é meio-dia e _____ (meia – meio).

02. Transcreva para o quadro seguinte as cinco palavras que estão grafadas corretamente. Em seguida, reescreva corretamente, no segundo quadro, as cinco palavras que estiverem fora da ortografia oficial.

Conciência – suscetível – prevenir – empecilho – obsessão – malsucedido – ascensão – coalizão – reivindicar – ancioso

As cinco palavras grafadas corretamente:

Correção das cinco palavras grafadas erradamente:

03. (Enade/2010) Conquistar um diploma de curso superior não garante às mulheres a equiparação salarial com os homens, como mostra o estudo “Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas”, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nesta segunda-feira, quando se comemora o Dia Internacional da Mulher.

Segundo o trabalho, embasado na Pesquisa Mensal de Emprego de 2009, nos diversos grupamentos de atividade econômica, a escolaridade de nível superior não aproxima os rendimentos recebidos por homens e mulheres. Pelo contrário, a diferença acentua-se. No caso do comércio, por exemplo, a diferença de rendimento para profissionais com escolaridade de onze anos ou mais de estudo é de R\$ 616,80 a mais para os homens. Quando a comparação é feita para o nível superior, a diferença é de R\$ 1.653,70 para eles.

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/boachance/mat2010/03/08>>. Acesso em: 19 out. 2010. Adaptado..

Considerando o tema abordado anterior, analise as afirmações seguintes, pondo (V) ou (F) entre parênteses, conforme estejam verdadeiras ou falsas.

- I. () Quanto maior o nível de análise dos indicadores de gêneros, maior será a possibilidade de identificação da realidade vivida pelas mulheres no mundo do trabalho e da busca por uma política igualitária capaz de superar os desafios das representações de gênero.
- II. () Conhecer direitos e deveres, no local de trabalho e na vida cotidiana, é suficiente para garantir a alteração dos padrões de inserção das mulheres no mercado de trabalho.
- III. () No Brasil, a desigualdade social das minorias étnicas, de gênero e de idade não está apenas circunscrita pelas relações econômicas, mas abrange fatores de caráter histórico-cultural.
- IV. () Desde a aprovação da Constituição de 1988, tem havido incremento dos movimentos gerados no âmbito da sociedade para diminuir ou minimizar a violência e o preconceito contra a mulher, a criança, o idoso e o negro.

• Texto para a questão **04.**

Para preservar a língua, é preciso o cuidado de falar de acordo com a norma-padrão. Uma dica para o bom desempenho linguístico é seguir o modelo de escrita dos clássicos. Isso não significa negar o papel da gramática normativa; trata-se apenas de ilustrar o modelo dado por ela. A escola é um lugar privilegiado de limpeza dos vícios de fala, pois oferece inúmeros recursos para o domínio da norma-padrão e conseqüente distância da não padrão. Esse domínio é o que levará o sujeito a desempenhar competentemente as práticas sociais; trata-se do legado mais importante da humanidade.

PORQUE

A linguagem dá ao homem uma possibilidade de criar mundos, de criar realidades, de evocar realidades não presentes. E a língua é uma forma particular dessa faculdade [a linguagem] de criar mundos. A língua, nesse sentido, é a concretização de uma experiência histórica. Ela está radicalmente presa à sociedade.

XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (orgs.). *Conversas com Linguistas: virtudes e controvérsias da Linguística*. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, p. 72-73, 2005. Adaptado.

04. (Enade/2010) Analisando a relação proposta entre as duas asserções anteriores, assinale a opção correta.

- A) As duas asserções são proposições verdadeiras, e a segunda é uma justificativa correta da primeira.
- B) As duas asserções são proposições verdadeiras, mas a segunda não é uma justificativa correta da primeira.
- C) A primeira asserção é uma proposição verdadeira, e a segunda é uma proposição falsa.
- D) A primeira asserção é uma proposição falsa, e a segunda é uma proposição verdadeira.
- E) As duas asserções são proposições falsas.

• Texto para a questão **05.**

Exclusão digital é um conceito que diz respeito às extensas camadas sociais que ficaram à margem do fenômeno da sociedade da informação e da extensão das redes digitais. O problema da exclusão digital se apresenta como um dos maiores desafios dos dias de hoje, com implicações diretas e indiretas sobre os mais variados aspectos da sociedade contemporânea.

Nessa nova sociedade, o conhecimento é essencial para aumentar a produtividade e a competição global. É fundamental para a invenção, para a inovação e para a geração de riqueza. As tecnologias de informação e comunicação (TICs) proveem uma fundação para a construção e aplicação do conhecimento nos setores públicos e privados. É nesse contexto que se aplica o termo exclusão digital, referente à falta de acesso às vantagens e aos benefícios trazidos por essas novas tecnologias, por motivos sociais, econômicos, políticos ou culturais.

05. (Enade – Adaptada) Considerando as ideias do texto acima, avalie as afirmações a seguir, pondo (V) ou (F) entre parênteses, conforme sejam verdadeiras ou falsas.

- I. () Um mapeamento da exclusão digital no Brasil permite aos gestores de políticas públicas escolherem o público-alvo de possíveis ações de inclusão digital.
- II. () O uso das TICs pode cumprir um papel social, ao prover informações àqueles que tiveram esse direito negado ou negligenciado e, portanto, permitir maiores graus de mobilidade social e econômica.
- III. () O direito à informação diferencia-se dos direitos sociais, uma vez que esses estão focados nas relações entre os indivíduos e, aqueles, na relação entre o indivíduo e o conhecimento.
- IV. () O maior problema de acesso digital no Brasil está na deficitária tecnologia existente em território nacional, muito aquém da disponível na maior parte dos países do Primeiro Mundo.

06. O enunciado a seguir é ambíguo por apresentar mais de uma possibilidade de leitura:

A indicação do neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa.

A) Explique quais são as leituras possíveis.

B) Desfaça a ambigüidade, deixando clara uma dessas leituras.

- Texto para as questões 07 e 08.

DA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

Michel de Montaigne

(...) É uma das mais árduas tarefas que conheço colocar-se a gente no nível da criança; e é característico de um espírito bem formado e forte condescender em tornar suas as ideias infantis, a fim de melhor guiar a criança. Anda-se com mais segurança e firmeza nas subidas que nas descidas.

Quanto aos que, segundo o costume, encarregados de instruir vários espíritos naturalmente diferentes uns dos outros pela inteligência e pelo temperamento, a todos ministram igual lição e disciplina, não é de estranhar que dificilmente encontrem em uma multidão de crianças somente duas ou três que tirem do ensino o devido fruto. Que à criança não se peça conta apenas das palavras da lição, mas também do seu sentido e substância, julgando do proveito, não pelo testemunho de memória e sim pelo da vida. É preciso que a obrigue a expor de mil maneiras e acomodar a outros tantos assuntos o que aprender, a fim de verificar se o aprendeu e assimilou bem, aferindo assim o progresso feito segundo os preceitos pedagógicos de Platão. É indício de azia e indigestão vomitar a carne tal qual foi engolida. O estômago não faz seu trabalho enquanto não mudam o aspecto e a forma daquilo que se lhe deu a digerir.

(...)"

In: Ensaios I, Coleção "Os Pensadores", São Paulo: Abril, 1971

07. (PUC-Rio) Responda ao que se pede.
 A) O pequeno fragmento de Montaigne abre-se com uma alusão à dificuldade de "o adulto colocar-se no nível da criança". O episódio narrado abaixo ilustra como os caminhos do pensamento infantil podem surpreender:

Um pai mostra um retrato da bisavó ao filho de três anos:
 Menino: Quem é?
 Pai: Sua tataravó.
 Menino: Cadê ela?
 Pai: Ela já morreu, muitos anos atrás.
 Menino: Atrás de quê?
 Explique por que, nesse caso específico, o modo de pensar do menino causa surpresa ao adulto.

- B) A expressão "ficar ruminando uma ideia" remete a uma analogia de que Montaigne também faz uso em seu texto. Levando-se em conta que toda analogia compara coisas diferentes apontando entre elas traços de semelhança, faça o que se pede:
- I. Retire do texto uma frase em que Montaigne faz uso explícito da analogia presente na expressão mencionada acima.

- II. Responda: o que está sendo comparado na analogia em questão?

08. (PUC-Rio) Estabeleça uma relação entre o texto de Montaigne e o seguinte pensamento de A. Schopenhauer:

Pensamentos no papel são como as pegadas de um homem na areia. É certo que podemos ver o caminho que ele tomou; mas para ver o que ele viu no trajeto, precisamos usar os nossos próprios olhos.

- Textos para questão 09.

Texto I

O SONHO DE PENÉLOPE

Neste fragmento da *Odisseia*, texto épico de Homero que narra o retorno do herói Ulisses à sua terra depois da guerra de Troia, Penélope, esposa de Ulisses, pede a um interlocutor que a ajude a compreender um sonho que tivera:

Ouvi meu sonho e vede o que significa. Havia vinte grandes gansos que saíram da água para comer. Senti um calor no coração quando os vi. Mas uma águia das montanhas desceu, quebrou-lhes o pescoço com suas garras recurvadas e matou-os. Eles ficaram estendidos no chão enquanto a águia subia ao céu.

Eu gritei, no sonho, quero dizer, e uma multidão de mulheres ajuntou-se em torno de mim, enquanto eu chorava amargamente porque a águia matara meus gansos. A águia voltou, pousou numa viga do telhado e falou-me com voz humana: "Toma coragem, filha do famoso Icários! Isto não é sonho, mas uma visão do bem que certamente será cumprido. Os gansos são aqueles que te fazem a corte e eu, que era antes uma águia, sou agora teu próprio marido, e trar-lhes-ei uma morte terrível. Então acordei e vi os gansos, como sempre pastando entre o trigo.

Ao ouvi-la, o interlocutor responde:

Nobre dama, é impossível interpretar o sonho de outra maneira, uma vez que o próprio Ulisses te disse o que ele significava. A morte virá para os que te cortejam, não resta dúvida: eles morrerão e nenhum escapará.

Homero. *A Odisseia* (em forma de narrativa). Rio de Janeiro: Ediouro, 7ª. edição

Texto II

O SONHO DO FILHO DE FREUD

Para ilustrar sua tese de que os sonhos muitas vezes revelam desejos, Freud narra o seguinte sonho de seu filho:

Meu filho mais velho, então com oito anos, [...] sonhou que estava andando de carruagem com Aquiles e que Diomedes era o condutor. Como se pode imaginar, ele ficara excitado na véspera com um livro sobre as lendas da Grécia, dado a sua irmã mais velha.

Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, Rio de Janeiro: Imago, 1987

09. (PUC-Rio). Responda ao que se pede.
 A) Freud e o interlocutor de Penélope assumem posições distintas quanto ao significado dos sonhos. Explique com suas palavras essa diferença.

B) A que se referem os pronomes destacados nos seguintes fragmentos retirados no texto I?

“Mas uma águia das montanhas desceu, quebrou-**lh**es o pescoço com suas garras recurvadas e matou-os.”

lhes:

“**Isto** não é sonho, mas uma visão do bem que certamente será cumprido.”

Isto:

- Texto para a questão 10.

Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém, ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim. — Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? — Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades e interpretar as significações, a uns e outros definiu com o mesmo nome: *Eodem loco pone latronem et piratam, quo regem animum latronis et piratae habentem*. Se o Rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata, o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Fragmento do *Sermão do bom ladrão*, de Pe. Antônio Vieira

10. Uma das mais importantes características da obra do Padre Antônio Vieira refere-se à presença constante em seus sermões das dimensões social e política, somadas à religiosa. Comente esta afirmativa em função do texto lido.

Bibliografia

- BRASIL. Ministério da Educação – Universidade Federal Fluminense. *Manual de Atos e Comunicações Oficiais*. Niterói: Ministério da Educação – Universidade Federal Fluminense, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Normas sobre correspondências e atos oficiais*. Brasília: MED, 2001.
- BRASIL. Presidência da República. *Manual de redação*. Coordenação de Gilmar Ferreira Mendes. Brasília: Presidência da República, 2004.
- BRASIL. Senado Federal. *Manual de correspondência oficial da Subsecretaria de Administração de Pessoal*. Brasília: 2000.
- CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção – a escritura do texto*. Editora Moderna. São Paulo, 1993.
- DURIGAN, Regina H. de Almeida e et alii. “A dissertação no vestibular”. In: *A magia da mudança – vestibular UNICAMP: língua e literatura*. Editora da UNICAMP. Campinas, 1987. 13-4.
- FIGUEIREDO, Luiz Carlos. *A Redação pelo Parágrafo*. Editora UnB, 1995.
- DELMANTO, Dileta. *Escrevendo Melhor*. Editora Ática, 1995.
- FIORIN, J. L. e PLATÃO, F. S.. *Para entender o texto – leitura e redação*. Ática. São Paulo, 1990.

GRANATIC, Branca. *Técnicas Básicas de Redação*. Editora Scipione, 1988.

SOARES, Magda Becker & CAMPOS, Édson Nascimento. *Técnica de Redação*. Ao Livro Técnico, 1982.

TUFANO, Douglas. *Estudos de Redação*. Editora Moderna, 1996.



Anotações



Anotações

LÍNGUA PORTUGUESA IV

GRAMÁTICA TEXTUAL

Objetivo(s):

- Reconhecer em estruturas linguísticas os pronomes de tratamento, interrogativos e indefinidos.
- Empregar os pronomes de tratamento, interrogativos e indefinidos de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa.
- Reconhecer a função dos pronomes indefinidos como elementos geradores de sentido e coesão textual.
- Identificar os pronomes relativos em situações de texto.
- Empregar corretamente os pronomes relativos de acordo com a norma-padrão.
- Reconhecer os pronomes relativos como elementos coesivos e formadores de sentido.
- Reconhecer os pronomes demonstrativos em estruturas textuais.
- Empregar corretamente os pronomes demonstrativos.
- Perceber a função dos pronomes demonstrativos como elementos coesivos.
- Analisar os pronomes como elementos de coesão.
- Refletir sobre formas de referenciação na produção textual.
- Empregar corretamente pronomes como elementos coesivos.
- Revisar modos e tempos verbais.
- Reconhecer os sentidos denotados pelos tempos verbais.
- Empregar corretamente, em texto, a correlação existente entre os verbos.
- Favorecer o contato com a língua padrão, levando em conta ainda os possíveis registros informais que caracterizam o uso cotidiano da língua.

Conteúdo:

AULA 06: PRONOME II

Pronomes de Tratamento	144
Pronomes Interrogativos	144
Pronomes Possessivos	144
Pronomes Indefinidos	145
Exercícios	146

AULA 07: PRONOME III – EMPREGO DO PRONOME RELATIVO

Pronome Relativo	150
Emprego dos Pronomes Relativos	150
Exercícios	152

AULA 08: PRONOME IV – EMPREGO DO PRONOME DEMONSTRATIVO

Pronomes Demonstrativos	157
Emprego dos Pronomes Demonstrativos	158
Exercícios	158

AULA 09: FUNÇÃO COESIVA DOS PRONOMES

Coesão Textual	164
Coesão Referencial	164
Anáfora	164
Catáfora	164
Exercícios	165

AULA 10: TEMPOS E MODOS VERBAIS – CORRELAÇÃO DOS VERBOS

Tempos e Modos Verbais	169
As Três Conjugações Verbais	170
Emprego dos Tempos Verbais	170
Modelo de Conjugação de Verbos	171
Correlações Verbais	172
Exercícios	173

Aula
06

Pronome II

C-6	H-18
C-8	H-27



Pronomes de Tratamento

Pronomes de tratamento são utilizados como alternativas aos pronomes pessoais em linguagens mais técnicas e formais. Nesse sentido, costumam ser empregados não só em comunicações formais, mas também em conversas informais, apesar de ser com menor frequência. O emprego desses pronomes depende de várias situações, que vão desde a hierarquia, em alguns segmentos sociais, a situações de comunicação distintas. Na tirinha anterior, o personagem Armandinho utiliza os variados pronomes de tratamento para demonstrar o quanto ficou encantado com a aula a qual teve sobre o uso deles, uma vez que os citados por ele dependem de titularização dada a um indivíduo.

Embora indiquem o interlocutor (ou seja, a segunda pessoa), os pronomes de tratamento devem ser conjugados com verbos na terceira pessoa.

Por exemplo: "Você pode me arrumar o seu livro de Geografia?" (correto) / "Tu podés me arrumar o teu livro de Geografia?" (errado).

Gramaticalmente, o "você" deve ser classificado como um pronome de tratamento, e a sua conjugação deve ser feita a partir da 3ª pessoa, embora, em muitas regiões do Brasil, o "você" (abreviação de Vossa Mercê) é utilizado como pronome pessoal em substituição ao "tu".

Emprego de Pronomes de Tratamento

Entre os principais pronomes de tratamento, destacam-se:

Você: costuma ser utilizado em comunicações mais informais. No Brasil, o "você" ainda é considerado uma substituição do pronome pessoal "tu".

Senhor / Senhora (Sr. / Sr^a): pronome de tratamento utilizado com pessoas desconhecidas e quando há um nível de formalidade na relação.

Vossa Senhoria (V.S.^a): utilizado para as autoridades em geral em tratamentos cerimoniais.

Vossa Excelência (V. Ex.^a): destinado às altas autoridades do Estado (Judiciário, Legislativo e Executivo) e alguns militares (oficiais gerais, por exemplo). Esse pronome de tratamento deve ser utilizado por extenso (sem abreviações) quando se tratar do Presidente da República.

Vossa Magnificência (V.Mag.^a): para reitores de universidades.

Vossa Santidade (V.S.): pronome de tratamento para o papa.

Vossa Reverendíssima (V.Rev.^a): para sacerdotes em geral.

Vossa Eminência (V.Em.^a): utilizado em comunicações com cardeais.

Pronomes Interrogativos

Como o nome já indica, são empregados na formulação de perguntas, sejam elas diretas ou indiretas. Referem-se à 3ª pessoa do discurso de modo impreciso.

São pronomes interrogativos: **que, quem, qual** (e variações), **quanto** (e variações).

Por exemplo:

Quem produziu o espetáculo? / Diga-me **quem** produziu o espetáculo.

Qual das capitais brasileiras você prefere? / Não sei **qual** das capitais brasileiras você prefere.

Quantos sapatos você comprou? / Perguntei **quantos** sapatos você comprou.

Pronomes Possessivos



São palavras que, ao indicarem a pessoa gramatical (possuidor), acrescentam a ela a ideia de posse de algo (coisa possuída).

Por exemplo:

"Messias, meu filho, preciso te falar sobre a vida" (meu = possuidor: 1ª pessoa do singular).

Observe o quadro:

NÚMERO	PESSOA	PRONOME
Singular	primeira	meu(s), minha(s)
Singular	segunda	teu(s), tua(s)
Singular	terceira	seu(s), sua(s)
Plural	primeira	nosso(s), nossa(s)
Plural	segunda	vosso(s), vossa(s)
Plural	terceira	seu(s), sua(s)

O emprego do possessivo depende da pessoa gramatical a que se refere; o gênero e o número concordam com o objeto possuído.

Por exemplo:

Ele ofereceu **seu** carinho e **sua** compreensão naquela situação triste.

Observações:

A forma **seu** não é um possessivo quando indicar a alteração fonética da palavra senhor. **Por exemplo:**

Está tudo certo, **seu** Pedro.

Sentidos dos Pronomes Possessivos

Os pronomes possessivos nem sempre indicam posse. Podem ter outros empregos, como:

- a) Indicar afetividade.

Exemplo:

Que bom vê-lo, **meu** querido.

- b) Indicar cálculo aproximado.

Exemplo:

Esse prédio deve ter **seus** 20 metros.

- c) Atribuir valor indefinido ao substantivo.

Exemplo:

Meus amigos e eu podemos ter as **nossas** diferenças, mas nos gostamos muito.

- d) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos átonos assumem valor de possessivo.

Exemplo:

Observou-**lhes** os olhos. (Observou os olhos **dele**.)

Importante:

- Em frases em que se usam pronomes de tratamento, o pronome possessivo fica na 3ª pessoa.

Exemplo:

Vossa Santidade trouxe **sua** túnica?

- Referindo-se a mais de um substantivo, o possessivo concorda com o mais próximo.

Exemplo:

Entregaram-me **suas cartas** e flores.

Pronomes Indefinidos

Todo mundo concorda que algo deve ser feito para que a tolerância entre os seres ocorra de forma coerente, porém essa ação é atribuída a alguém, quando, na verdade, qualquer um pode fazê-la, porém, na maioria das vezes, ninguém quer ser agente dessa ação, pois alguns estão ocupados demais com suas vidas, e outros acham que pensar nesse assunto é perda de tempo.

Assim, ninguém faz o que todo mundo podia fazer, dando a qualquer um o direito de se portar contrário ao amor, à solidariedade e à tolerância.

EMMER, Leandro. *Devaneios*.

Pronomes indefinidos são palavras que se referem à terceira pessoa do discurso, dando-lhe sentido vago (impreciso) ou expressando quantidade indeterminada.

Exemplo:

Alguém entrou no jardim e destruiu as mudas recém-plantadas.

No texto, a utilização de pronomes indefinidos torna-se responsável pelo sentido pretendido pelo autor. Percebe-se que a utilização deles pode indicar uma pessoa de quem se fala (uma terceira pessoa), porém de forma imprecisa, vaga. Esses pronomes são capazes de indicar um ser humano que seguramente existe, mas cuja identidade é desconhecida ou não se quer revelar. No caso do texto, a intensão é fazer o leitor refletir sobre o nosso cotidiano no tocante a ações em comunidade, demonstrando que não se deve esperar para se agir, mas, sim, termos atitudes.

Pode-se classificar os pronomes indefinidos em:

- **Pronomes Indefinidos Substantivos**

Classificam-se assim os indefinidos que assumem o lugar do ser ou da quantidade aproximada de seres na oração:

Algo, alguém, nada, ninguém, outrem, quem, tudo.

Exemplos:

“ ‘Alguém’ o faria.”

“ ‘Ninguém’ ” o fez.”

- **Pronomes Indefinidos Adjetivos**

Classificam-se, assim, os indefinidos que acompanham um ser expreso na frase.

“ ‘**Todo** mundo’ tinha certeza”

Observações:

Os indefinidos podem se comportar ora como pronomes indefinidos substantivos, ora como pronomes indefinidos adjetivos:

Exemplos:

Poucos se comprometeram com a reforma da escola.



pronome indefinido substantivo

Poucos pais se comprometeram com a reforma da escola.



pronome indefinido adjetivo

Os pronomes indefinidos podem ser divididos em variáveis e invariáveis. Observe o quadro:

Variáveis				Invariáveis
Singular		Plural		
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
algum	alguma	alguns	algumas	alguém
nenhum	nenhuma	nenhuns	nenhumas	ninguém
todo	toda	todos	todas	outrem
muito	muita	muitos	muitas	tudo
pouco	pouca	poucos	poucas	nada
vário	vária	vários	várias	algo
tanto	tanta	tantos	tantas	cada
outro	outra	outros	outras	–
quanto	quanta	quantos	quantas	–
Qualquer		Quaisquer		–

São locuções pronominais indefinidas:

cada qual, cada um, qualquer um, quantos quer (que), quem quer (que), seja quem for, seja qual for, todo aquele (que), tal qual (= certo), tal e qual, tal ou qual, um ou outro, uma ou outra etc.

Importante:

Alguns grupos de pronomes indefinidos podem denotar ideia de oposição de sentido. É o caso de:

algum/algum/algo, que têm sentido afirmativo, e nenhum/ninguém/nada, que têm sentido negativo;

todo/tudo, que indicam uma totalidade afirmativa, e nenhum/nada, que indicam uma totalidade negativa;

alguém/ninguém, que se referem à pessoa, e algo/nada, que se referem à coisa;

certo, que particulariza, e qualquer, que generaliza.

Essas oposições de sentido são muito significativas na construção e coerência de textos, uma vez que elas se tornam responsáveis, muitas vezes, pela solidez e pela consistência dos argumentos expostos. Isso pode ser percebido nos exemplos a seguir:

Nada que o Governo tem feito para reduzir a miséria no país produziu qualquer resultado prático.

Certas situações conseguem gerar constrangimentos os quais não são próprios de qualquer pessoa de bem.



Exercícios de Fixação

- Texto para a questão 01.



Reprodução UPE 2014



Quantas pessoas em sua casa não economizam porque pensam que o que eles gastam não é suficiente para acabar com a água do mundo? Agora multiplique pelo número de casas da sua rua, seu bairro, sua cidade, seu país, do mundo todo, pensando da mesma maneira.

- 01 (UPE/2014) Acerca de alguns recursos linguísticos utilizados no texto, analise as proposições a seguir.
- O enunciado "Quer levar a culpa por isso?" se configura como uma pergunta dirigida a qualquer leitor do texto;
 - No enunciado "Quer levar a culpa por isso?", o pronome "aponta" para a imagem que está retratada no texto;
 - No texto que é apresentado abaixo da imagem, os pronomes possessivos em "sua rua, seu bairro, sua cidade, seu país" fazem referência ao termo "pessoas", no trecho: "Quantas pessoas em sua casa [...]";
 - O segmento "do mundo todo" é semanticamente equivalente a "de todo o mundo".

Estão corretas:

- A) I e III, apenas. B) II e III, apenas.
 C) I, II e IV, apenas. D) III e IV, apenas.
 E) I, II, III e IV.

- Texto para a questão 02.



Reprodução/Enem 2009

XAVIER, C. Quadrinho quadrado. Disponível em: <http://www.releituras.com>. Acesso em: 5 jul. 2009.

02. (Enem/2009-Adaptada) Quanto às variantes linguísticas presentes no texto, a norma-padrão da Língua Portuguesa é rigorosamente obedecida por meio
- do emprego do pronome demonstrativo "esse" em "Por que o senhor publicou esse livro?".
 - do emprego do pronome pessoal oblíquo em "Meu filho, um escritor publica um livro para parar de escrevê-lo!".
 - do emprego facultativo do pronome possessivo "sua" em "Qual foi sua maior motivação?".
 - do emprego do vocativo "Meu filho", que confere à fala distanciamento do interlocutor.
 - da necessária repetição do conectivo no último quadrinho.

- Texto para a questão 03.

Excelentíssimo Reitor da Universidade de São Paulo

Eu, **JOSÉ DA SILVA**, portador da cédula de identidade nº 0000890000, nascido a 28/12/1987, em Campinas, estado de São Paulo, residente à rua dos Anzóis, nº 00, na cidade de Campo Alegre, estado de São Paulo, Engenheiro Civil, formado pela Escola de Engenharia de São Carlos, da Universidade de São Paulo, em 28/11/2016, venho requerer de Vossa Excelência, expedição da 2ª via do diploma de Engenheiro acima especificado, de conformidade com a legislação vigente, tendo em vista que o original se encontra danificado.

Nestes Termos,
 Peço Deferimento,
 (...)

São Carlos, 13 de fevereiro de 2019.

03. O requerimento é um gênero textual utilizado em situações mais formais, por isso, o domínio da norma-padrão da língua é necessário na estruturação dos elementos linguísticos que o compõem. No reproduzido anterior, percebe-se um desacordo quanto a esses elementos no(a)
- presença de linguagem próxima ao coloquial.
 - reprodução da regência verbal de acordo com oralidade.
 - utilização de pronome de tratamento inadequado à autoridade.
 - emprego de colocação inadequada de pronome enclítico.
 - concordância verbal inadequada quanto à pessoa verbal.

- Texto para a questão 04.

Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna.

O navio a que o marujo pertencia viajava para a costa e ocupava-se no comércio de negros; era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo, e estava pronto a largar.

— Ó mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

— Sim, eu também sangro...

— Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar 'a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.

— ²Homem, eu da cirurgia não entendo ³**muito**...

— Pois já não disse que sabe também sangrar?

— Sim...

— Então já sabe até demais.

No dia seguinte ⁴saiu o nosso homem pela barra fora: a ⁶fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a **médico** de navio negro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o médico; ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para o Rio. Graças à ⁵lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*.

- 04 (Fuvest/2011) Das seguintes afirmações acerca de diferentes elementos linguísticos do texto, a única correta é:

- A expressão destacada em "para curar **a gente** a bordo" (ref. 1) deve ser entendida como pronome de tratamento de uso informal.
- A fórmula de tratamento (ref. 2) com que o barbeiro se dirige ao marujo mantém o tom cerimonioso do início do diálogo.
- O destaque gráfico da palavra "**muito**" (ref. 3) produz um efeito de sentido que é reforçado pelas reticências.
- O pronome possessivo usado nos trechos "saiu o nosso homem" (ref. 4) e "lanceta do nosso homem" (ref. 5) configura o chamado plural de modéstia.
- A palavra "fortuna", tal como foi empregada (ref.6), pode ser substituída por "bens", sem prejuízo para o sentido.

- Textos para a questão 05.

Texto I

Citar pessoas que sejam autoridades reconhecidas em determinada matéria é um recurso excelente para dar ainda mais credibilidade ao orador. Fácil deduzir.

Se você faz palestra sobre gestão e cita, por exemplo, uma frase de Peter Drucker, que corresponde à sua forma de pensar, terá grande chance de fortalecer ainda mais a credibilidade da sua mensagem.

Por isso, as citações precisam ser de pessoas que tenham inquestionável autoridade sobre o tema apresentado. Se a autoridade de quem foi citado é contestada por uma parte do público, haverá risco de quem o citou também ser contaminado por essa resistência.

No exemplo anterior, alguém poderia até não concordar com Peter Drucker, mas dificilmente contestaria a autoridade dele.

Obs.: Peter Ferdinand Drucker (1909-2005), escritor, professor e consultor administrativo de origem austríaca; é considerado o pai da administração moderna, tida por ele como a ciência que trata sobre pessoas nas organizações.

POLITO, Reinaldo. Citar pessoas num discurso. Disponível em: <economia.uol.com.br>. Acesso em: 21 abr. 2016.

Texto II

O argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, ¹o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese.

Para nós [...], o argumento de autoridade é de extrema importância e, embora sempre seja permitido, numa argumentação particular, contestar-lhe o valor, não se pode, ²sem mais, descartá-lo como irrelevante, salvo em casos especiais [...].

O espaço do argumento de autoridade na argumentação é considerável.

PERELMAN, Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 348.

05. (PUC-Camp/2016) É correta a seguinte afirmação:

- Em "é um recurso excelente para dar ainda mais credibilidade ao orador", Texto I, o uso da palavra "ainda" constitui pleonismo, pois não acrescenta traço de sentido algum ao já expresso por mais.
- Em "Se você faz palestra sobre gestão e cita, por exemplo, uma frase de Peter Drucker, que corresponde à sua forma de pensar", Texto I, tem-se exemplo de emprego do pronome possessivo que prejudica a clareza da frase.
- Em "haverá risco", Texto I, o emprego da forma verbal respeita as normas da gramática; se o enunciado fosse outro – "poderão haver riscos" – existiria também correção gramatical.
- No Texto II (ref. 1), a substituição de "o qual" por "cujo" mantém a correção e o sentido originais.
- No Texto II (ref. 2), a retirada da vírgula que antecede a expressão "sem mais" mantém a correção da frase e preserva o sentido original.



Exercícios Propostos

- Texto para a questão 01.

UMAS E OUTRAS

(...)

Mas toda santa madrugada

Quando uma já sonhou com Deus

E a outra, triste enamorada.

Coitada, já deitou com os seus,

O acaso faz com que essas duas,

Que a sorte sempre separou,

Se cruzem numa mesma rua

Olhando-se com a mesma dor.

Que dia! Nossa!

Pra que tanta conta

Já perdi a conta de tanto rezar...

(...)

BUARQUE DE HOLANDA, Chico. "Umás e outras". In: *Grandes sucessos de Chico Buarque*. LP, Premier/RGE, 1962. I.2. faixa 6.

01. (CFTCE/2007) Sobre as palavras “uma” (v. 2) e “outra” (v. 3), é correto afirmar que:
- São ambos pronomes indefinidos e se referem à terceira pessoa do discurso, de modo vago e impreciso.
 - Por se referirem à palavra “mulher”, implícita no contexto, são pronomes indefinidos adjetivos.
 - Pertencem a classes gramaticais diferentes, ou seja, numeral e pronome, respectivamente.
 - A primeira é um artigo indefinido; a segunda, um pronome substantivo.
 - Retomam um termo anterior chamado antecedente, razão por que se classificam como pronomes relativos.

02. (UFF/2010)

INIMIGO OCULTO

dizem que
em algum ponto do cosmos

*(Le silence éter nel de ces espaces infinis m'effraie)**

um pedaço negro de rocha
do tamanho de uma cidade
– voa em nossa direção –

perdido em meio a muitos milhares de asteroides
impelido pelas curvaturas do
espaço-tempo
extraviado entre órbitas
e campos magnéticos
voa

em nossa direção

e quaisquer que sejam os desvios
e extravios
de seu curso
deles resultará
matematicamente
a inevitável colisão

não se sabe se quarta-feira próxima
ou no ano quatro bilhões e cinquenta e dois
da era cristã.

Ferreira Gullar

*(O silêncio eterno desses espaços infinitos me assusta)

Identifique a opção que apresenta a explicação adequada para o efeito de sentido resultante do uso linguístico especificado.

- Nos versos “um pedaço negro de rocha” / “voa em nossa direção” (versos 4-6), o uso do pronome possessivo “nossa” rompe o vínculo entre o eu lírico e os leitores.
- Em “dizem que” (verso 1), a expressão do sujeito gramatical, na terceira pessoa do plural, sem antecedente textual claro, evidencia que o eu lírico se vale de uma outra voz para expressar o fato.
- Nos versos “e quaisquer que sejam os desvios / e extravios / de seu curso” (versos 14-16), o pronome possessivo “seu” se reporta ao verso “em algum ponto do cosmos”. (verso 2)
- O apagamento do objeto direto oracional em “não se sabe se” (verso 20) inviabiliza a referência a “inimigo oculto”. (título)
- A combinação da preposição “de” com o pronome “eles”, empregado como pronome possessivo em “deles resultará” (verso 17), encaminha textualmente as consequências das “curvaturas do espaço-tempo”. (versos 8-9)

• Texto para a questão 03.



Galvão. Disponível em: <<http://www.vidabesta.com.br>> Acesso em: 30 jul. 2009.

03. (UEL/2010) Considere as frases a seguir:

- “Minha nova bolsa da Luiz Vitão”;
- “Pelo tamanho, deve caber todos os seus sonhos”.

- Na frase II, “tamanho” é um pronome demonstrativo, pois substitui o substantivo “bolsa”.
- Na frase II, segundo a norma-padrão, é inadequada a concordância de número entre o sujeito e o verbo.
- Na frase I, as palavras “nova” e “minha” são, respectivamente, advérbio e pronome.
- Na frase I, é inadequada a concordância do pronome possessivo com o substantivo “Luiz Vitão”.
- Na frase II, o pronome “seus” faz referência a um terceiro personagem que não aparece na tira.

04. (UFSM/2006)



Susanita-Quino

Assinale verdadeiro (V) ou falso (F) em cada uma das afirmações relacionadas ao processo argumentativo com o qual a personagem Susanita se envolve.

- O enunciado do problema proposto estrutura-se a partir de uma hipótese, expressa por meio de uma conjunção concessiva típica.
- Na resposta redigida no caderno, o verbo no futuro indica um fato duvidoso, que pode acontecer ou não.
- Um pronome indefinido desempenha função central na generalização que expressa a opinião negativa da menina.

A sequência correta é:

- V – V – V
- F – F – F
- V – F – V
- F – V – F
- F – F – V

- Texto para a questão 05.

Ainda estava sob a impressão da cena meio cômica entre sua mãe e seu marido, na hora da despedida. Durante as duas semanas da visita da velha, os dois mal se haviam suportado; os bons dias e as boas tardes soavam a cada momento com uma delicadeza cautelosa que a fazia querer rir. Mas eis que na hora da despedida, antes de entrarem no táxi, a mãe se transformara em sogra exemplar e o marido se tornara o bom genro. 'Perdoe alguma palavra mal dita', dissera a velha senhora, e Catarina, com alguma alegria, vira Antônio não saber o que fazer das malas nas mãos, gaguejar – perturbado em ser o bom genro. 'Se eu rio, eles pensam que estou louca', pensara Catarina franzindo as sobrancelhas. 'Quem casa um filho perde um filho, quem casa uma filha ganha mais um', acrescentara a mãe [...].

LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p. 109-111.

05. (UEL/2005) Na frase "Perdoe alguma palavra mal dita":
- A ideia de incerteza vem expressa pelo pronome indefinido "alguma".
 - A indicação de ordem é representada pela forma verbal no imperativo.
 - A rudeza do falante é expressa pela forma verbal imperativa.
 - A referência a um momento anterior da narrativa está representada pela expressão de tempo "mal".
 - A palavra "mal" representa o precário nível de instrução do personagem.

06. (UFF/2004)



CADA BRASILEIRO PODERIA SER UM QUADRO DE PORTINARI

Nenhum artista pintou tanto um país quanto Portinari pintou o Brasil. Ele eternizou em tinta e tela a alma de um povo inteiro. Brancos, pretos, índios, mestiços, retirantes, artistas, trabalhadores, heróis e anônimos, estão todos lá, mostrando quem somos para o mundo e para nós mesmos. Neste ano em que se comemora os 100 anos de nascimento do pintor, uma série de exposições e eventos vão lembrar sua vida e seu trabalho. E tentar realizar o maior sonho: que cada brasileiro veja sua obra. E nela se reconheça.

O Globo, 30/07/2003.

Em relação à sintaxe do texto em que se apoia a publicidade, afirma-se que

- a conexão sintática que se estabelece através de "tanto... quanto" traduz uma circunstância de consequência.
- o pronome indefinido "todos" posposto assume o caráter de um sujeito resumitivo.
- "mostrando quem somos para o mundo" – a concordância do verbo "ser" com o pronome "quem" é a expressão de um registro coloquial inadequado.
- "Neste ano ..." – o uso do demonstrativo aponta o ser no espaço e no tempo restrito a um fato no passado.
- "Cada brasileiro poderia ser um quadro de Portinari" – o futuro do pretérito, nesse trecho, foi empregado para indicar um fato que não pôde se realizar, nem se poderá realizar.

- Texto para a questão 07.

EU VEJO UMA GRAVURA

Descrição de gravuras – Seis

Eu vejo uma gravura grande e rasa.

No primeiro plano
Uma casa.

À direita da casa
outra casa.

À esquerda da casa
outra casa.

Lá no fundo da casa
outra casa.

Em frente da casa
uma vala:

onde escorre a lama
doutra casa.

E no chão da casa
outra vala:

onde escorre o esgoto
doutra casa.

Esta casa que eu vejo
não se casa
com o que chamamos
uma casa.

Pois as paredes são
Esburacadas
onde passam aranhas
e baratas.

E os telhados são
folhas de zinco.

E podem cair
a qualquer vento.

E matar a mulher
que mora dentro.
E matar a criança
que está dentro
da mulher que mora
nessa casa.

Ou da mulher que mora
noutra casa.

É preciso pintar
outra gravura
com casas de argamassa
na paisagem.

Crianças cantando
a segurança
da vida construída
à sua imagem.

JARDIM, Reynaldo. *Joana em flor*.

07. (UFF/2003) A repetição do pronome indefinido "outra", no poema "Eu vejo uma gravura", enfatiza a ideia de
- isolamento.
 - conglomerado.
 - repulsão.
 - concordância.
 - ambiguidade.

- Texto para a questão 08.

Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. **Ele**, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos – e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera(...).

– Fabiano, **você** é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era um homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. (...) Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, **alguém** tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

– Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho capaz de vencer dificuldades.

- 08 (FEI/1999) Observe as palavras em destaque no texto: “ele”, “você” e “alguém”. Assinale a alternativa que analise corretamente sua classe morfológica.

- A) Pronome pessoal do caso oblíquo – pronome demonstrativo – pronome relativo
- B) Pronome pessoal do caso oblíquo – pronome possessivo – pronome demonstrativo
- C) Pronome demonstrativo – pronome de tratamento – pronome pessoal do caso reto
- D) Pronome pessoal do caso reto – pronome demonstrativo – pronome relativo
- E) Pronome pessoal do caso reto – pronome de tratamento – pronome indefinido

09. (IFSC/2016) Ninguém é dono da sua felicidade, por isso não entregue a sua alegria, a sua paz, a sua vida nas mãos de ninguém, absolutamente ninguém. Somos livres, não pertencemos a ninguém e não podemos querer ser donos dos desejos, da vontade ou dos sonhos de quem quer que seja. A razão de ser da sua vida é você mesmo. A sua paz interior deve ser a sua meta de vida; quando sentir um vazio na alma, quando acreditar que ainda falta algo, mesmo tendo tudo, remeta o seu pensamento para os seus desejos mais íntimos e busque a divindade que existe dentro de si.(...)

Roberto Gaefke.

Disponível em: <http://www.mensagenscomamor.com/diversas/textos_felicidade.htm>. Acesso em: 27 maio 2015.

Com base no texto, assinale a alternativa correta:

- A) Em “(...) remeta o seu pensamento para os seus desejos **mais** íntimos (...)”, o vocábulo destacado é um numeral.
- B) Em “(...) busque a divindade que existe dentro de **si** (...)”, a palavra em destaque é um pronome possessivo.
- C) Em “(...) por isso não entregue **a sua alegria, a sua paz, a sua vida** nas mãos de ninguém (...)”, os termos em destaque são objeto indireto do verbo “**entregar**”.
- D) **Ninguém, tudo** e **algo** são pronomes indefinidos.
- E) Em “(...) **quando** acreditar **que** ainda falta algo (...)”, as palavras destacadas são preposições.

- 10 (UEL) Pergunta-se **quantos** são **ao certo os** que foram premiados.

As classes a que pertencem as expressões em destaque na frase anterior são, respectivamente,

- A) advérbio de intensidade, locução prepositiva, artigo definido.
- B) pronome interrogativo, advérbio de modo, artigo definido.
- C) advérbio de intensidade, locução prepositiva, pronome demonstrativo.
- D) pronome interrogativo, locução adverbial, pronome demonstrativo.
- E) pronome indefinido, locução adverbial, artigo definido.

Aula
07

Pronome III – Emprego do Pronome Relativo

C-6	H-18
C-8	H-27

Pronome Relativo

Os pronomes relativos se referem, geralmente, a um termo que os antecede. Em textos, são excelentes mecanismos coesivos, colaborando para que o texto não sofra repetições de palavras. Alguns deles são variáveis e outros invariáveis. Veja o quadro a seguir:

Variáveis				Invariáveis
Singular		Plural		
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
o qual	a qual	os quais	as quais	que
quanto	quanta	quantos	quantas	quem
cujo	cuja	cujos	cujas	onde

Como elementos de referência, os relativos podem retomar substantivos, advérbios e pronomes. Veja:

O cidadão **que** cumpre suas obrigações sociais deve se orgulhar de si.

↓
Substantivo

Eu, **o qual** não sou o dono da verdade, aceitei os fatos.

↓
Pronome do caso reto

Aqui **onde** as dificuldades são frequentes qualquer esperança é bem-vinda.

↓
Advérbio

Emprego dos Pronomes Relativos

O emprego de pronomes relativos não deve ser feito de forma aleatória, pois a gramática normativa denomina quais deles devem ser utilizados numa estruturação textual. É importante destacar que os relativos iniciam orações adjetivas, as quais serão estudadas em outro momento.

QUE

O pronome relativo **que** é o mais utilizado em nossa língua, pois é comum ver esse pronome fazendo referência a coisas ou pessoas, seja no singular seja no plural.

Exemplos:

Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher palpitante, inebriada, às tentações do cavalheiro, delicado embora, mas homem, **que** ela sem querer está provocando com o casto requebro de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.

ALENCAR, José. *Senhora*.

Verdes **mares, que** brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros.

ALENCAR, José. *Iracema*.

O(S) QUAL(IS); A(S) QUAL(IS)

Exercem as mesmas funções do relativo “que”, pois retomam pessoa ou coisa, mas com uma diferença: estão relacionados ao número e ao gênero do termo retomado. Também são utilizados, normalmente, para enfatizar o elemento a que se referem no texto. Em muitos casos, ajudam a evitar a ambiguidade, causada pelo relativo “que” em uma construção frasal. Veja:

Conhecemos a esposa do escritor **que** veio outro dia a seu escritório.



Nessa estrutura, o relativo “que” pode retomar tanto “esposa” quanto “escritor”. Nesse sentido, a utilização do relativo “o qual” ou suas flexões pode evitar essa ambiguidade.

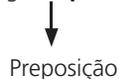
Conhecemos a esposa do escritor **a qual** veio outro dia a seu escritório.

Conhecemos a esposa do escritor **o qual** veio outro dia a seu escritório.

QUEM

É utilizado para se fazer referência apenas a pessoas ou coisas personificadas. Também sempre virá antecedido de preposição.

Os amigos **a quem** tanto respeitamos podem, às vezes, nos decepcionar.



CUJO(A(S))

Esse relativo se comporta diferentemente dos demais no tocante à referenciação, pois, enquanto os outros da mesma classe se relacionam com o antecedente, este e suas flexões se relacionam com o termo seguinte. Ele deve ser empregado quando se perceber uma relação de posse de algo da oração anterior com algo da oração iniciada por ele.

Exemplo:

O arquiteto **cujos** projetos forem aprovados irá trabalhar em meu escritório.

Observa-se que a referência do pronome “cujo” é com o termo possuído, pois se percebe que os projetos pertencem ao autor. Nesse sentido, ao empregá-lo, deve-se fazer que ele concorde em número e gênero com o termo a que se refere. Ademais, não é aceito o uso de artigo precedido desse relativo.

Exemplo:

O arquiteto **cujos** os projetos forem aprovados irá trabalhar em meu escritório.

Essa estrutura é condenada pela norma padrão de nossa Língua.

QUANTO

“Quanto” tem como antecedente os pronomes indefinidos **tudo, todos(as)**, que podem ser omitidos.

Tudo **quanto** lhe informaram foi o divulgado na reunião.

ONDE

Esse pronome faz referência a lugar, muitas vezes, substituindo **em que, de que, a que**. Nesses casos, assume a forma de “onde”, aonde, donde. Segundo a norma culta, utilize-se “onde” quando o verbo denota ideia de repouso e “aonde” quando se sugere a ideia de movimento.

Exemplos:

O espaço **onde** acontece a exposição é bonito?

O restaurante **aonde** fui nesse fim de semana tem comidas ótimas.

Observações:

- O pronome relativo pode vir retomando um demonstrativo quando este aparece nas formas “o” e suas flexões.



Garfield, Jim Davis © 2004 Paws, Inc. All Rights Reserved / Dist. by Andrews McMeel Syndication;

No último quadrinho da tirinha, o vocábulo “o” se comporta como o pronome demonstrativo “aquilo”. O pronome relativo “que” o retoma.

- Como já foi afirmado, o pronome relativo inicia uma oração denominada adjetiva e, em algumas estruturas, será necessário o emprego de uma preposição antes dele. Isso ocorre devido à regência do nome ou do verbo presente na oração a qual o relativo inicia. Veja:

Lya Luft, **de cujos** livros sou admirador, estará em minha cidade, numa sessão de autógrafos.

Nota-se que antes do relativo “cujos” há a presença da preposição “de”. Esse emprego acontece devido ao nome “admirador”, o qual se encontra na oração iniciada pelo pronome e pede a preposição “de”. Ele é admirador dos livros de Lya Luft.

As pessoas **a que me referi** estavam no último jantar em sua casa.

A preposição antes de “que” deve-se à forma verbal “referi”, que pede a preposição “a”: Referi-me às pessoas.



Exercícios de Fixação

- Texto para a questão 01.

ENCONTRANDO BOLAÑO

O chileno Roberto Bolaño escreveu muito desde os seus 17 anos e só foi publicado pela primeira vez aos 43 anos – e faleceu aos 50. Nada mais natural, portanto, que aos poucos estejam sendo reveladas obras que, por algum motivo, não chegaram ao conhecimento do público antes. *O espírito da ficção científica* é um desses casos. Falecido em 2003, o autor terminou esse livro em 1984 – embora tenha declarado para amigos nos anos seguintes como a obra o torturava e como ele sentia falta algo para ajustá-la, concluí-la de fato –, antes daqueles que o consagrariam, como *Os detetives selvagens* e *2666*, por exemplo. Justamente por isso, o leitor perceberá elementos e obsessões de Bolaño que marcaram os títulos posteriores. A história, ambientada na Cidade do México dos anos 1970, apresenta Jan Schrella e Remo Morán, que dividem moradia. Enquanto o primeiro é um jovem recluso, imerso nos livros de ficção científica e dedicado a escrever cartas delirantes aos autores do gênero, o segundo é um poeta que almeja se inserir no mercado literário – e por isso mesmo um dos primeiros *alter egos* de Bolaño.

Revista da Cultura, ed. 110, março/17, p. 18.

01. Diferentes pronomes podem ser empregados com a finalidade de acompanhar, retomar ou substituir substantivos em um texto. Na apresentação sintética da vida e obra de Roberto Bolaño, os pronomes estão presentes de diferentes maneiras, destacando-se, corretamente,
- a possibilidade de substituir, no último período, “o primeiro” e “o segundo” por “aquele” e “este”, respectivamente.
 - a necessidade de, por obediência à norma-padrão, substituir o pronome oblíquo em “concluí-la” e “ajustá-la” por “lhe”.
 - que em “o autor terminou esse livro”, o pronome deveria ser substituído por este, devido à relação estabelecida com o nome da obra.
 - a primeira ocorrência da palavra “que” é um pronome relativo e pode ser substituída por “o qual” ao retomar o escritor referido no texto.
 - que em “como ele sentia falta algo para ajustá-la”, o pronome pessoal reto pode ser substituído adequadamente pelo demonstrativo “este”.

02. (Fac. Pequeno Príncipe – Medici/2016) Leia o texto a seguir.

ALÉM DAS PALAVRAS

No consultório psiquiátrico, apenas uma parte das informações é verbalizada pelos pacientes. Outra tem a ver com o olhar do médico: uma avaliação de gestos, posturas e outros sinais que podem ajudar a compreender o estado de saúde mental em que uma pessoa se encontra. Uma proposta de sistematização desse “olho clínico” foi apresentada por pesquisadores do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo (USP), que elaboraram um *checklist* de posturas, gestos e expressões típicos de pacientes com depressão.

O estudo foi realizado no Hospital das Clínicas e no Hospital Universitário, ambos ligados à USP, sob a supervisão da farmacologista Clarice Gorenstein. Em vez de seguirem apenas o protocolo corrente de diagnóstico de depressão, baseado em perguntas e respostas, avaliadores preencheram um formulário detalhado sobre as expressões faciais e corporais dos pacientes durante entrevistas clínicas. As entrevistas também foram filmadas, para análise objetiva do comportamento dos pacientes.

“Elaboramos uma lista de comportamentos corporais favoráveis ou não ao contato social para analisar os pacientes, além de fazer as perguntas padrão”, relata a pesquisadora e psicóloga Juliana Teixeira Fiquer, que realizou seu pós-doutorado com o estudo. “Sinais como inclinar o corpo para frente na direção do entrevistador, ou encolher os ombros, fazer movimentos afirmativos ou negativos com a cabeça, fazer contato ocular ou não, rir ou chorar são alguns dos 22 comportamentos que selecionamos”, exemplifica.

Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/noticias/2016/04/alem-das-palavras>>. Acesso em: 6 abr. 2016.

A construção e manutenção de sentido do texto dependem, entre outras características, do emprego da pontuação. A respeito da pontuação empregada no texto que revela o estudo para diagnóstico de depressão, é correta a análise feita em:

- Caso o último período do 2º parágrafo fosse reescrito invertendo-se a ordem das orações, ele prescindiria da vírgula e ficaria assim: “Para análise objetiva do comportamento dos pacientes as entrevistas também foram filmadas”.
- Caso o 1º período do texto fosse reescrito da seguinte maneira: “Apenas uma parte das informações é verbalizada pelos pacientes, no consultório psiquiátrico”, a vírgula seria mantida para isolar o adjunto adverbial deslocado.
- Os dois-pontos empregados no 2º período do 1º parágrafo são facultativos e não haveria alteração sintática caso esse sinal de pontuação fosse omitido.
- As orações “que elaboraram um *checklist* de posturas” (1º parágrafo) e “que realizou seu pós-doutorado com o estudo” (3º parágrafo) são subordinadas adjetivas explicativas, caracterizadas pela vírgula antecedendo o pronome relativo.
- A vírgula empregada antes do vocábulo “ambos” no 1º período do 2º parágrafo marca a elipse de sujeito da oração e não poderia ser substituída por outro sinal de pontuação.

03. (Fac. Pequeno Príncipe – Medici/2016) Leia o texto a seguir.

THE EDGE, DO U2, FAZ HISTÓRIA AO SE APRESENTAR NA CAPELA SISTINA

VATICANO – The Edge, guitarrista da banda irlandesa U2, se tornou o primeiro roqueiro a tocar na Capela Sistina, local que descreveu como “o salão paroquial mais bonito do mundo”.

O músico, cujo nome de batismo é David Evans, cantou quatro músicas na noite de sábado para um público de 200 médicos, pesquisadores e filantropos que participaram de uma conferência sobre medicina regenerativa no Vaticano.

Acompanhado por um coral de sete jovens irlandeses e vestindo o gorro preto que é sua marca registrada, ele tocou violão e cantou um *cover* de “*If it be your Will*”, de Leonard Cohen, além de versões das músicas “*Yahweh*”, “*Ordinary Love*” e “*Walk on*”, do U2.

The Edge, cujo pai morreu de câncer no mês passado e cuja filha superou uma leucemia, faz parte do conselho de fundações que trabalham para a prevenção do câncer.

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/musica/the-edge-do-u2-faz-historia-ao-se-apresentar-na-capela-sistina>>. Acesso em: 1º maio 2016.

Os sinais de pontuação, quando bem-empregados, contribuem para a expressividade dos textos e podem modificar o sentido das informações neles apresentadas. Sobre a pontuação empregada na notícia a respeito do músico The Edge, é correto somente o que se afirma em:

- A) A inserção de uma vírgula antes do pronome relativo “que” em “que participaram de uma conferência (...)” é facultativa e não promove alteração de sentido.
- B) O excerto “guitarrista da banda irlandesa U2”, no 1º parágrafo, está entre vírgulas para separar o vocativo dos demais termos.
- C) A inserção de uma vírgula antes da conjunção “e” em “e vestindo o gorro preto”, no penúltimo parágrafo, marcaria a mudança de sujeito.
- D) Os segmentos “cujo nome” e “cujo pai”, no 2º e último parágrafo, respectivamente, introduzem explicações intercaladas no período, por isso são marcados por vírgulas.
- E) O emprego das aspas no 1º e 3º parágrafos do texto marca a isenção do periódico que publicou a notícia em relação às informações marcadas por esse sinal de pontuação.

04. (FGV/2007) Assinale a alternativa em que, contrariando a norma culta, usou-se ou deixou-se de usar uma preposição antes do pronome relativo.

- A) No momento que os gaúchos chegaram, os castelhanos soltaram vivas.
- B) A moça, que os amigos generosamente acolheram, portou-se como uma verdadeira dama.
- C) Era uma flor belíssima, de cujo olor extraíra o poeta sua inspiração.
- D) Tinha mãos sujas da graxa em que a peça estivera mergulhada.
- E) A linguagem era recheada de palavras pretensamente eruditas, que o condenavam.

• Texto para a questão 05.

A arqueologia não pode ser desvinculada de seu caráter aventureiro e romântico, ¹cuja melhor imagem talvez seja, desde ²há alguns anos, as saborosas aventuras do arqueólogo Indiana Jones. Pois bem, quando do ³auge do sucesso de Indiana Jones, o arqueólogo brasileiro Paulo Zanettini escreveu um artigo no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, intitulado “Indiana Jones deve morrer!”. Para ele, assim como para outros arqueólogos profissionais, envolvidos com um trabalho árduo, sério e distante das peripécias das telas, essa imagem aventureira é incômoda.

O fato é que o arqueólogo, ⁴à diferença do historiador, do geógrafo ou de outros estudiosos, possui uma imagem muito mais atraente, inspiradora não só de filmes, mas também de romances e livros os mais variados.

Bem, para usar uma expressão de Eça de Queiroz, “sob o manto diáfano da fantasia” escondem-se as histórias reais que fundamentaram ⁵tais percepções. A arqueologia surgiu no bojo do Imperialismo do século XIX, como um subproduto da expansão das potências coloniais europeias e dos Estados Unidos, que procuravam enriquecer explorando outros territórios. Alguns dos primeiros arqueólogos de fato foram aventureiros, responsáveis, e não em pequena medida, pela fama que se propagou em torno da profissão.

Pedro Paulo Funari, Arqueologia. Adaptado.

05. (Mackenzie/2018) Assinale a alternativa correta.

- A) O pronome relativo “cuja” (ref. 1) refere-se à palavra arqueologia, denotando sentido de possessividade.
- B) Em “há alguns anos” (ref. 2) a forma verbal também pode ser escrita sem a letra **h** inicial.
- C) Pelas novas regras de ortografia, a palavra “auge” (ref. 3) também pode ser escrita na forma “auje”.
- D) É opcional o emprego do acento indicador de crase em “à diferença” (ref. 4).
- E) A expressão “tais percepções” (ref. 5) refere-se às imagens descritas em romances de Eça de Queiroz.



Exercícios Propostos

• Texto para a questão 01.

CARTA DA TERRA (excerto)

A Carta da Terra é um documento produzido no final da década de 1990 com a participação de 46 países.

“Ela representa um grito de urgência face às ameaças que pesam sobre a biosfera e o projeto planetário humano. Significa também um libelo em favor da esperança de um futuro comum da Terra e Humanidade.”

Leonardo Boff.

PRINCÍPIOS

I. RESPEITAR E CUIDAR DA COMUNIDADE DA VIDA

(...)

- 4. Garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.
 - a) Reconhecer que a liberdade de ação de cada geração é condicionada pelas necessidades das gerações futuras.
 - b) Transmitir às futuras gerações valores, tradições e instituições que apoiem, em longo prazo, a prosperidade das comunidades humanas e ecológicas da Terra.

II. INTEGRIDADE ECOLÓGICA

- 5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida.

(...)

- c) Promover a recuperação de espécies e ecossistemas ameaçados.
- d) Controlar e erradicar organismos não nativos ou modificados geneticamente que causem dano às espécies nativas, ao meio ambiente, e prevenir a introdução desses organismos daninhos.
- e) ¹Manejar o uso de recursos renováveis como água, solo, produtos florestais e vida marinha de forma que não excedam as taxas de regeneração e que protejam a sanidade dos ecossistemas.
- 6. ²Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e, ³quando o conhecimento for limitado, assumir uma postura de precaução.
 - a) ⁴Orientar ações para evitar a possibilidade de sérios ou irreversíveis danos ambientais mesmo quando a informação científica for incompleta ou não conclusiva. (...)
 - d) Impedir a poluição de qualquer parte do meio ambiente e não permitir o aumento de substâncias radioativas, tóxicas ou outras substâncias perigosas. (...)

Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta-terra.pdf>. Acesso em: 20 maio 2016.

01. (EPCar (Cpcar)/2017) Assinale o item que contém uma análise correta sobre a palavra “que” destacada.
- A) “Transmitir às futuras gerações valores, tradições e instituições **que** apoiem, em longo prazo (...)” – classifica-se como pronome relativo e refere-se ao termo “gerações”.
 - b) “(...) especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais **que** sustentam à vida.” – classifica-se como pronome relativo e refere-se aos termos “diversidade biológica” e “processos naturais”.
 - c) “Controlar e erradicar organismos não nativos ou modificados geneticamente **que** causem dano às espécies (...)” – classifica-se como conjunção integrante e introduz oração adjetiva.
 - d) “produtos florestais e vida marinha (...) de forma **que** não excedam as taxas de regeneração e que protejam a sanidade dos ecossistemas.” – classifica-se como conjunção integrante e introduz oração substantiva.

- Textos para a questão 02.

Texto I

Max Weber, um dos analistas mais críticos da lógica da história moderna (ou da falta dela), observou que o fenômeno que marcava o nascimento do novo capitalismo era a separação entre atividade econômica e atividade doméstica – em que o doméstico significava a densa rede de direitos e obrigações mútuas mantidas pelas comunidades rurais e urbanas, pelas paróquias ou grupos de artesãos, em que as famílias e vizinhos estavam estreitamente envolvidos.

Com essa separação, o mundo dos negócios se aventurou por uma autêntica terra fronteiriça, uma terra de ninguém, livre de problemas morais e restrições legais e pronta a ser subordinada ao código de conduta próprio da empresa. Como já sabemos, essa extraterritorialidade sem precedentes da atividade econômica conduziu a um avanço espetacular da capacidade industrial e a um acréscimo da riqueza.

Também sabemos que, durante quase todo o século XX, essa mesma extraterritorialidade resultou em muita miséria humana, em pobreza e em uma quase inconcebível polarização das oportunidades e níveis de vida da humanidade. Por último, também sabemos que os Estados modernos, então emergentes, reclamaram essa terra de ninguém que o mundo dos negócios considerava de sua exclusiva propriedade.

Texto II

AS QUATRO GARES

Infância

- O camisolão
- O jarro
- O passarinho
- O oceano

A visita na casa que a
Gente sentava no sofá

Oswald de Andrade

02. (Ibmec-RJ/2013-Adaptada) A classificação morfológica do vocábulo “que” na frase “A visita na casa **que** a/Gente sentava no sofá” é de pronome relativo.

Marque a opção onde o uso do elemento “que” assinalado não corresponde a essa classificação.

- A) “Max Weber, ..., observou **que** o fenômeno que marcava o nascimento do novo capitalismo era a separação ...”
- B) “Max Weber, ..., observou que o fenômeno **que** marcava o nascimento do novo capitalismo era a separação ...”
- C) “...era a separação entre atividade econômica e atividade doméstica – **em que** o doméstico significava a densa rede de direitos e obrigações...”,
- D) “...significava a densa rede de direitos e obrigações mútuas mantidas pelas comunidades rurais e urbanas, pelas paróquias ou grupos de artesãos, **em que** as famílias e vizinhos estavam estreitamente envolvidos.”
- E) “...reclamaram essa terra de ninguém **que** o mundo dos negócios considerava de sua exclusiva propriedade.”

- Texto para a questão 03.

O MITO DO TEMPO REAL

[...]

A resposta imediata a uma requisição é chamada tecnicamente de “tempo real”, mesmo que não haja nada verdadeiramente real nem humano nessa velocidade. O tempo imediato, sem pausas nem espera, em que tudo acontece num estalar de dedos é uma ficção. Desejá-**lo** não aumenta a eficiência. Pelo contrário, pode ser extremamente prejudicial.

[...]

Essa quebra da sequência histórica faz com que muitos processos pareçam herméticos ou misteriosos demais. Quando não há uma compreensão das etapas componentes de um processo, não há como intervir nelas, propondo correções, adaptações ou melhorias. **Tal** impotência leva a uma apatia, em que as condições impostas são aceitas por falta de alternativa. Escondidos seus processos industriais, os produtos adquirem uma aura quase divina, transformando seus usuários em consumidores vorazes, **que** se estapeiam em lojas à procura do último aparelho eletrônico que se proponha a preencher o vazio que sentem.

(...)

Luli Radfahrer.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luliradfahrer/1191007-o-mito-do-tempo-real.shtml>>.

03. (UTFPR/2017) Considerando os aspectos de coesão do texto, identifique como verdadeiras (**V**) ou falsas (**F**) as seguintes afirmativas:

- () No primeiro parágrafo, o pronome “-lo” é empregado para retomar “tempo imediato” e evitar a repetição do termo.
- () No segundo parágrafo, o substantivo “tal” é empregado para retomar a dificuldade apresentada anteriormente.
- () No segundo parágrafo, o pronome relativo “que” retoma seu antecedente “consumidores vorazes”.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

- A) F – V – F
- B) F – F – V
- C) F – V – V
- D) V – V – V
- E) V – F – V

04. (Mackenzie/1998) Hoje se reconhece cada vez mais a importância do tato durante toda a vida do homem. Os animais de estimação permitem às pessoas que precisam desse estímulo sensorial exercitarem-no. O simples fato de tocar um animal reduz a ansiedade e a tensão. Acariciá-los é não só um modo de expressar afeto, como também exerce um efeito benéfico sobre o sistema cardiovascular do dono.

Erika Friedmann

Observe as afirmações seguintes.

- I. O sujeito da primeira oração é indeterminado, uma vez que qualquer pessoa pode fazer o reconhecimento citado;
- II. Na terceira oração, a palavra “que” é, morfológicamente, um pronome relativo, cujo antecedente é “pessoas” e, sintaticamente, exerce a função de sujeito do verbo “precisar”;
- III. A última oração classifica-se como coordenada sindética aditiva.

Assinale:

- A) se II e III estão corretas.
- B) se todas estão corretas.
- C) se apenas I está correta.
- D) se todas estão incorretas.
- E) se apenas II está correta.

05. (Mackenzie/1996) Aponte a alternativa que supõe o emprego correto do pronome relativo nestes períodos:

- I. O desafio_____me refiro é tão ambicioso quanto os objetivos_____você visa;
- II. As promessas_____ela duvidava não eram piores do que os sonhos_____ela sempre se lembrava;
- III. Já foi terminada a casa_____ficaremos alojados, é o lugar_____iremos no começo das férias;
- IV. O desagradável incidente_____você aludiu hoje, à tarde, revela-nos segredos_____nunca tivemos acesso;
- V. Os alunos_____notas estão aqui devem pedir perdão à professora_____desobedeceram.

- A) I – a que, a que, II – que, que, III – onde, aonde, IV – de que, que, V – dos quais, a quem.
- B) I – que, que, II – que, a que, III – aonde, onde, IV – que, de que, V – cujas, que.
- C) I – a que, a que, II – de que, de que, III – onde, aonde, IV – a que, a que, V – cujas, a quem.
- D) I – que, que, II – de que, que, III – aonde, aonde, IV – a que, aos quais, V – dos quais, que.
- E) I – de que, que, II – que, com que, III – aonde, onde, IV – que, a que, V – cujas, a quem.

- Texto para a questão 06.

ESTRESSE: CAUSAS E PREVENÇÃO

O estresse é uma reação a diversos estímulos físicos, mentais ou emocionais. Esse comportamento acontece porque certas situações fazem o nível de tensão ficar muito elevado ou prolongado. Apesar de algumas pessoas apresentarem bom desempenho sob estresse, a maioria delas consegue suportar situações de tensão apenas até certo ponto, a partir do qual podem começar a ter problemas físicos.

Os níveis dos hormônios do estresse caem, normalmente, logo que ele passa, quando podemos relaxar. Mas esses níveis podem continuar altos se a situação causadora do estresse se mantiver ou surgir com frequência, ou se, em geral, reagirmos intensamente a qualquer tipo de perturbação, ainda que de menor importância.

Grande parte das doenças que acometem os indivíduos está relacionada com o estresse. Entre essas enfermidades estão hipertensão, ataques cardíacos, acidentes vasculares cerebrais (derrames), depressão, ansiedade, síndromes da fadiga crônica, distúrbios digestivos, obesidade, enxaquecas e alguns problemas respiratórios.

Além disso, longos períodos de estresse comprometem o sistema imunológico, tornando-nos mais propensos a infecções, câncer e doenças autoimunes, em que o sistema imunológico ataca células do organismo. São exemplos a artrite reumatoide, o lúpus, as doenças da tireoide, certos tipos de anemia e alguns problemas de fertilidade. Fumar, comer demais e outras formas de dependência também estão, muitas vezes, relacionados ao estresse. Além desses fatores, as causas mais comuns do estresse prolongado são: morte de pessoa próxima, problemas nas relações afetivas, preocupações monetárias, desemprego, má gestão do tempo, descanso e lazer insuficientes, tédio, doença, entre outras.

Nem sempre é possível evitar as situações que causam estresse, mas podemos alterar as nossas reações aos estímulos. Aprender estratégias de controle do estresse pode ser útil a quem sofre desse mal, pois isso permitirá que os níveis de hormônios do estresse baixem de modo que possamos enfrentar, sem muita angústia, o que a vida vai trazendo.

Autor não informado. Estresse: causas e prevenção .
Revista Seleções.

Disponível em: <<http://www.selecoes.com.br/selecoes-e-voce-bem-estar-estresse-causas-e-prevencao-390-htm>>. Acesso: 01 out. 2016. Adaptado.

06. (IFPE/2017) A respeito dos recursos coesivos e aspectos relacionados à coerência presentes no texto “Estresse: causas e prevenção”, analise as afirmações a seguir.

- I. Em “consegue suportar situações de tensão apenas até certo ponto, a partir **do qual** podem começar a ter problemas físicos” (1º parágrafo), o uso do pronome relativo destacado configura uma escolha estilística do autor e permite um processo coesivo de referência;
- II. No fragmento “Os níveis dos hormônios do estresse caem, normalmente, logo que ele passa (...)” (2º parágrafo), o pronome pessoal utilizado é um termo catafórico, ou seja, retoma um elemento que já foi mencionado no texto;
- III. Em “Entre essas **enfermidades** estão hipertensão, ataques cardíacos, (...), obesidade, enxaquecas e alguns problemas respiratórios” (3º parágrafo), o termo em destaque, por ser um sinônimo da expressão doenças, usada anteriormente no texto, possibilita a coesão lexical;
- IV. Ao citar várias doenças provocadas, entre outros fatores, pelo estresse, o autor do texto fornece informações redundantes, isto é, repete a mesma ideia diversas vezes no texto, comprometendo a sua progressão e prejudicando a coerência textual devido à tautologia;
- V. No 1º parágrafo do texto, há uma contradição quando se afirma que algumas pessoas apresentam bom desempenho sob estresse, mas que a maioria só suporta situações de tensão até certo ponto, e isso compromete a coerência textual.

Estão corretas apenas as afirmações constantes nos itens:

- A) III e V
- B) II e IV
- C) I e III
- D) I e II
- E) IV e V

- Texto para a questão 07.

O BARBEIRO

Perto de casa havia um barbeiro, que me conhecia de vista, amava a rabeca e não tocava inteiramente mal. ¹⁰Na ocasião em que ia passando, ⁹executava não sei que peça. Parei na calçada a ouvi-lo (tudo ³são pretextos a um coração agoniado), ele viu-me, e continuou a tocar. Não atendeu a um freguês, e logo a outro, que ali foram, ⁷a despeito da hora e de ser domingo, confiar-lhe as caras à navalha. Perdeu-os sem perder uma nota; ia tocando para mim. Esta consideração fez-me chegar francamente à porta da loja, voltado para ele. Ao fundo, levantando a cortina de chita que fechava o interior da casa, ¹¹vi apontar uma moça trigueira, vestido claro, flor no cabelo. Era a mulher dele; creio que me descobriu de dentro, e veio agradecer-me com a presença o favor que eu fazia ao marido. ⁶Se me não engano, chegou a dizê-lo com os olhos. Quanto ao marido, tocava agora com mais calor; sem ver a mulher, sem ver fregueses, grudava a face no instrumento, passava a alma ao arco, e tocava, tocava...

Divina arte! Ia-se formando um grupo, ⁴deixei a porta da loja e vim andando para casa; ²enfiei pelo corredor e subi as escadas sem estrépito. Nunca me esqueceu o caso deste barbeiro, ou por estar ligado a um momento grave de minha vida, ou por esta máxima, que os compiladores podiam tirar daqui e inserir nos compêndios da escola. A máxima é que ¹a gente esquece devagar as boas ações que pratica, e verdadeiramente não as esquece nunca. Pobre barbeiro! Perdeu duas barbas naquela noite, que eram o pão do dia seguinte, tudo para ser ouvido de um transeunte. ¹²Supõe agora que este, em vez de ir-se embora, como eu fui, ficava à porta a ouvi-lo e namorar-lhe a mulher; então é que ele, todo arco, todo rabeca, tocaria desesperadamente. ⁵Divina arte!

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro. Obra Completa*, vol. I, Aguilar, 2ª ed., 1962.

- 07. (Uece/2008) Na passagem "... executava não sei que peça." (ref. 9), a palavra "que" tem função de
 - A) pronome relativo – sujeito
 - B) pronome adjetivo – adjunto adnominal
 - C) pronome relativo – adjunto adnominal
 - D) conjunção integrante – conectivo

- Texto para a questão 08.

RECADO DADO AO STF

Poucas vezes a posse de um presidente do Supremo Tribunal Federal se revestiu de tanto simbolismo quanto a de Cármen Lúcia, **cuj**a chegada ao comando do órgão de cúpula do Judiciário se consumou nesta segunda-feira (12).

Em uma cerimônia simples, a ministra quebrou o protocolo já no início de seu discurso. Em vez de cumprimentar primeiro o presidente da República, Michel Temer (PMDB), Cármen Lúcia considerou que a maior autoridade presente era "Sua Excelência, o povo" – e, por isso, saudou antes de todos o "cidadão brasileiro".

Partisse de outrem, o gesto talvez pudesse ser considerado mero populismo; vindo da nova presidente do STF, guarda coerência com outras iniciativas de valor simbólico semelhante, como abrir mão de carro oficial com motorista ou dispensar a festa em sua própria posse.

Como se pudesse haver dúvidas a respeito disso, Cármen Lúcia deixa clara a intenção de, no próximo biênio, conduzir o STF com a mesma austeridade que pauta sua conduta pessoal. "Privilégios são incompatíveis com a República", disse a esta *Folha* no ano passado.

É de imaginar, assim, que a nova presidente de fato reveja uma das principais bandeiras da agenda corporativista de seu antecessor, Ricardo Lewandowski: o indefensável aumento salarial para os ministros do Supremo.

Não há de ser esse o único contraste entre as gestões. Espera-se que Cármen Lúcia moralize os gastos com diárias de viagens oficiais no STF, amplie a transparência e a previsibilidade das decisões do Judiciário e, acima de tudo, resgate o papel disciplinar do Conselho Nacional de Justiça, esvaziado sob a batuta de Lewandowski.

Desfrutando de sólida reputação no meio jurídico, a ministra suscita altas expectativas ainda por outro motivo: ela relatou o processo do ex-deputado federal Natan Donadon, condenado por desvio de dinheiro público e primeiro político a ter sua prisão determinada pelo STF desde a promulgação da Constituição de 1988.

Dá por que o ministro Celso de Mello se sentiu à vontade para, antes do discurso de Cármen Lúcia, proferir palavras duríssimas contra "os marginais da República, cuja atuação criminosa tem o efeito deletério de subverter a dignidade da função política e da própria atividade governamental".

No plenário do Supremo, diversos figurões da política investigados ou processados por crimes contra o patrimônio público apenas ouviam, constrangidos. Que o recado da gestão Cármen Lúcia possa ir além do plano simbólico.

Editorial. *Folha de S.Paulo*, 13 set. 2016.

- 08. (PUC-SP/2017) No primeiro parágrafo do editorial, o pronome relativo destacado
 - A) qualifica Cármen Lúcia e faz alusão à cúpula.
 - B) retoma posse e relaciona-se à segunda-feira.
 - C) institui relação de substituição e resgata cúpula.
 - D) estabelece relação de posse e refere-se a Cármen Lúcia.

- Texto para a questão 09.

A questão central da pedagogia é o problema das formas, dos processos dos métodos; certamente, não considerados em si mesmos, pois as formas só fazem sentido na medida em que viabilizam o domínio de determinados conteúdos.

O método é essencial ao processo pedagógico. Pedagogia, como é sabido, significa literalmente a condução da criança, e a sua origem está no escravo que levava a criança até o local dos jogos, ou o local em que ela recebia instrução do preceptor. Depois, esse escravo passou a ser o próprio educador. Os romanos, percebendo o nível de cultura dos escravos gregos, confiavam a eles a educação dos filhos. Essa é a etimologia da palavra. Do ponto de vista semântico, o sentido se alterou. No entanto, a paideia não significava apenas infância, paideia significava cultura, os ideais da cultura grega. Assim, a palavra pedagogia, partindo de sua própria etimologia, significa não apenas a condução da criança, mas a introdução da criança na cultura.

A pedagogia é o processo através do qual o homem se torna plenamente humano. No meu discurso distingui entre a pedagogia geral, que envolve essa noção de cultura como tudo o que o homem constrói, e a pedagogia escolar, ligada à questão do saber sistematizado, do saber elaborado, do saber metódico. A escola tem o papel de possibilitar o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado, do saber metódico, científico. Ela necessita organizar processos, descobrir formas adequadas a essa finalidade. Esta é a questão central da pedagogia escolar. Os conteúdos não apresentam a questão central da pedagogia, porque se produzem a partir das relações sociais e se sistematizam com autonomia em relação à escola. A sistematização dos conteúdos pressupõe determinadas habilidades que a escola geralmente garante,

mas não ocorre no interior das escolas de primeiro e segundo graus. A existência do saber sistematizado coloca à pedagogia o seguinte problema: como torná-lo assimilável pelas novas gerações, ou seja, por aqueles que participam de algum modo de sua produção enquanto agentes sociais, mas participam num estágio determinado, estágio esse que é decorrente de toda uma trajetória histórica?

SAVIANI, D. *A pedagogia histórico-crítica no quadro das tendências críticas da Educação Brasileira*. In: *Da fala em Seminário*, Niterói, 1985. Adaptado.

09. (Unitau/1995) Leia as frases a seguir.

“Essa” é a etimologia da palavra.

A pedagogia é o processo através “do qual” o homem “se” torna plenamente humano.

Como torná-“lo” assimilável pelas novas gerações...

As palavras entre aspas são, respectivamente, no plano morfológico:

- A) pronome relativo, pronome demonstrativo, conjunção integrante, pronome oblíquo átono.
- B) pronome indefinido, pronome demonstrativo, conjunção condicional, pronome oblíquo tônico.
- C) pronome demonstrativo, pronome relativo, pronome oblíquo átono, pronome oblíquo átono.
- D) pronome demonstrativo, pronome indefinido, pronome oblíquo tônico, pronome oblíquo tônico.
- E) pronome indefinido, pronome relativo, conjunção integrante, pronome oblíquo átono.

• Texto para a questão 10.

Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes, que a simples confissão de nossas convicções pode ser importante, mesmo que essas convicções, como todo julgamento de valor, não possam ser provadas por deduções lógicas.

Surge imediatamente a pergunta: podemos considerar a busca da verdade – ou, para dizer mais modestamente, nossos esforços para compreender o universo cognoscível através do pensamento lógico construtivo – como um objeto autônomo de nosso trabalho? Ou nossa busca da verdade deve ser subordinada a algum outro objetivo, de caráter prático, por exemplo? Essa questão não pode ser resolvida em bases lógicas. A decisão, contudo, terá considerável influência sobre nosso pensamento e nosso julgamento moral, desde que se origine numa convicção profunda e inabalável. Permitam-me fazer uma confissão: para mim, o esforço no sentido de obter maior percepção e compreensão é um dos objetivos independentes sem os quais nenhum ser pensante é capaz de adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.

Na própria essência de nosso esforço para compreender o fato de, por um lado, tentar englobar a grande e complexa variedade das experiências humanas, e de, por outro lado, procurar a simplicidade e a economia nas hipóteses básicas. A crença de que esses dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé. Sem essa fé eu não poderia ter uma convicção firme e inabalável acerca do valor independente do conhecimento.

Essa atitude de certo modo religiosa de um homem engajado no trabalho científico tem influência sobre toda sua personalidade. Além do conhecimento proveniente da experiência acumulada, e além das regras do pensamento

lógico, não existe, em princípio, nenhuma autoridade cujas confissões e declarações possam ser consideradas “Verdade” pelo cientista. Isso leva a uma situação paradoxal: uma pessoa que devota todo seu esforço a objetivos materiais se tornará, do ponto de vista social, alguém extremamente individualista, que, a princípio, só tem fé em seu próprio julgamento, e em nada mais. É possível afirmar que o individualismo intelectual e a sede de conhecimento científico apareceram simultaneamente na história e permaneceram inseparáveis desde então.

Einstein, In: *O Pensamento Vivo de Einstein*, p. 13-14, 5ª. edição, Martin Claret Editores

10. (Unitau/1995) Na frase “... nenhuma autoridade ‘cuja’ confissões...”, a palavra, entre aspas, no plano morfológico, sintático e semântico é:

- A) pronome indefinido, complemento nominal, deles.
- B) pronome relativo, adjunto adnominal, deles.
- C) pronome relativo, complemento nominal, delas.
- D) pronome indefinido, adjunto adnominal, delas.
- E) pronome relativo, complemento nominal, deles.

Aula
08

Pronome IV – Emprego do
Pronome Demonstrativo

C-6	H-18
C-8	H-27

Pronomes Demonstrativos

Os demonstrativos situam pessoas ou coisas no tocante às três pessoas do discurso. Essa localização pode-se dar no tempo, no espaço ou no próprio texto. Observe a tirinha a seguir.



Ivan Cabral

O pronome “esta” no primeiro quadrinho localiza a palavra “máquina” no espaço, pois ela está próxima de quem fala (1ª pessoa). O pronome “esse” está ligado ao substantivo “moço” e, no tocante ao espaço, está próximo da pessoa com quem se fala. Por último, o pronome “aquele” está substituindo o substantivo “moço” e está relacionado à pessoa (3ª pessoa) de quem se fala.

Vejamos um quadro com os pronomes demonstrativos da Língua Portuguesa:

PRONOMES DEMONSTRATIVOS					
Pessoas	Variáveis				Invariáveis
	Masculino		Feminino		
	Singular	Plural	Singular	Plural	
1ª	este	estes	esta	estas	Isto
2ª	esse	esses	essa	essas	Isso
3ª	aquele	aqueles	aquela	aquelas	aquilo

São também **pronomes demonstrativos**:

- I. **o, a, os, as**, quando equivalem a "isto", "isso", "aquele", "aquela", "aqueles", "aquelas".



Garfield, Jim Davis © 2004 Paws, Inc. All Rights Reserved / Dist. by Andrews McMeel Syndication;

Nota-se, no último quadrinho, que a o vocábulo "o" se comporta como um demonstrativo, pois equivale a "aquilo".

- II. **Mesmo e próprio**, quando reforçam pronomes pessoais ou fazem referência a algo expresso anteriormente.

Exemplo:

Eu **mesmo** comprei esse quadro em uma das minhas viagens.

Pronome pessoal do caso reto

- III. **Tal e semelhante**, quando equivalem a "esse", "essa", "aquela".

Exemplo:

Em **tal** situação, é necessário paciência. (essa)

Emprego dos Pronomes Demonstrativos

Em relação ao espaço

Este(s), esta(s) e isto indicam o que está perto da pessoa que fala:

Exemplo:

Esta roupa que eu estou usando foi comprada em uma loja popular.

Esse(s), essa(s) e isso indicam o que está perto da pessoa com quem se fala:

Exemplo:

Querido, passe-me esse livro que está na mesa ao seu lado.

Aquele(s), aquela(s) e aquilo indicam o que está distante tanto da pessoa que fala quanto da pessoa com quem se fala:

Exemplo:

A minha casa não é aquela da esquina.

Em relação ao tempo

Este(s), esta(s) e isto indicam o tempo presente em relação à pessoa que fala:

Exemplo:

Esta semana ocorrerá o concurso literário de minha escola.

Esse(s), essa(s) e isso indicam o tempo passado próximo ao momento da fala:

Exemplo:

Essa semana, ficou em cartaz um ótimo filme.

Aquele(s), aquela(s) e aquilo indicam um afastamento no tempo, tempo remoto:

Exemplo:

A Segunda Guerra trouxe muitas misérias. Naquele tempo, muitas pessoas morreram de fome.

Quando são usados como referentes

Este(s), esta(s) e isto fazem referência a algo que ainda será anunciado:

Exemplo:

São estas as pautas a serem tratadas hoje na reunião: a divisão do setor de *marketing* e a melhoria na divulgação de nossa marca.

Esse(s), essa(s) e isso fazem referência a algo que já foi citado anteriormente:

Exemplos:

Você não pode deixar de estudar as matérias dadas durante as aulas. Isso pode fazê-lo ficar atrasado em seu cronograma de estudos.

Este e aquele são empregados quando se faz referência a termos já mencionados, como se exemplifica a seguir:

Exemplo:

Neymar e Messi são ótimos jogadores: este se destaca por sua objetividade em campo e aquele pela habilidade com a bola.

Note que o pronome "este" se refere ao último elemento "Messi", e "aquele" se refere ao mais distante "Neymar".



Exercícios de Fixação

- Texto para a questão 01.

Nunca antes na história da Sétima Arte Snake Plissken foi o Papai Noel. E o mero fato de Wyatt Earp ser o bom velhinho em *Crônicas de Natal*, mais novo filme natalino (ainda que lançado no Thanksgiving) do Netflix, já é suficiente para que ele mereça ser conferido. Não é nenhuma maravilha, bem longe disso, na verdade, mas são 104 minutos descompromissados com alguns bons momentos e uma bela ponta bem lá no finalzinho.

Disponível em: < <https://www.planocritico.com/critica-chronicas-de-natal/> >
Acesso em: 29 fev. 2019.

01. Por meio de recursos linguísticos, os textos mobilizam estratégias para introduzir e retomar ideias, promovendo a progressão do tema. No fragmento transcrito, um novo aspecto do tema é introduzido pela expressão:

- A) "Nunca antes"
- B) "o mero fato"
- C) "Não é nenhuma maravilha"
- D) "bem longe disso"
- E) "lá no finalzinho"

- Texto para a questão 02.

O CONHECIMENTO

Diante da natureza, o homem – animal racional – não age como os animais inferiores. Estes apenas esforçam-se pela vida. O homem, além disso, esforça-se por entender a natureza e, embora sua inteligência seja dotada de limitações, tenta sempre dominar a realidade, agir sobre ela para torná-la mais adequada às suas próprias necessidades. E, à medida que a domina e transforma, também amplia ou desenvolve suas próprias necessidades.

Esse processo permanente de acúmulo de conhecimentos sobre a natureza e de ações racionais capazes de transformá-la compõe o universo de ideias que hoje denominamos "Ciência".

Ciência é, pois, o conhecimento racional, sistemático, exato e verificável da realidade. Por meio da investigação científica o homem reconstitui artificialmente o universo real em sua própria mente. Mas essa reconstituição ainda não é definitiva. A descoberta e a compreensão de fatos quase sempre levam à necessidade de descobrir e compreender novos fatos. E como o resultado das investigações depende dos conhecimentos já adquiridos e de instrumentos capazes de aprofundar a observação, a Ciência está sempre limitada às condições de sua época.

O que era conhecimento verdadeiro para o sábio da Antiguidade já não o era para o cientista do Renascimento; e o que foi verdadeiro para o cientista do século XVIII pode já não o ser para o cientista dos nossos dias. Assim diz-se também que a ciência é falível, ou seja, pode ser exata apenas para determinado período. O conceito científico que o homem tem do mundo é cada vez mais amplo, mais profundo, mais detalhado e mais exato. Mas está ainda muito longe de ser completo. Assim, considerando-se o desenvolvimento histórico da ciência, é lógico pressupor que o cientista do final do século XXI disporá de conhecimentos muito mais desenvolvidos e exatos do que os de hoje.

Afinal, o que é conhecer?

Em linhas gerais, conhecer é estabelecer uma relação entre a pessoa que conhece e o objeto que passa a ser conhecido. No processo de conhecimento, quem conhece acaba por, de certo modo, apropriar-se do objeto que conheceu. De certa forma "engole" o objeto que conheceu. Ou seja, transforma em conceito esse objeto, reconstitui-o na sua mente.

O conceito, no entanto, não é o objeto real, não é a realidade, mas apenas uma forma de conhecer (ou conceber, ou conceituar) a realidade. O objeto real continua existindo como tal, independentemente do fato de o conhecermos ou não.

Galliano. *O método científico: teoria e prática*. São Paulo: Editora Harper & Row do Brasil Ltda. 1979, p. 16-17.

02. (Uece/2015) Atente à passagem de um parágrafo para o outro e assinale o que está incorreto.

- A) A passagem do primeiro para o segundo parágrafo é feita pelo emprego de um pronome demonstrativo, que aponta para um lugar no texto – o que vem antes – e um substantivo – processo –, que resume o que foi dito no primeiro parágrafo.
- B) A passagem do segundo para o terceiro parágrafo é feita pela repetição de um vocábulo.
- C) A passagem do terceiro para o quarto parágrafo se dá pela retomada de um vocábulo.
- D) A passagem do quarto para o quinto parágrafo se dá somente pela progressão das ideias.

- A questão 03 toma por base um poema de Luís Delfino (1834-1910) e a reprodução de um mosaico da Catedral de Monreale.

JESUS PANTOCRÁTOR¹

Há na Itália, em Palermo, ou pouco ao pé, na igreja De Monreale, feita em mosaico, a divina Figura de Jesus Pantocrátor: domina Aquela face austera, aquele olhar treveja.

Não: aquela cabeça é de um Deus, não se inclina.
À árida pupila a doce, a benfazeja
Lágrima falta, e o peito enorme não arqueja
À dor. Fê-lo tremendo a ficção bizantina².

Este criou o inferno, e o espetáculo hediondo
Que há nos frescos³ de Santo Stefano Rotondo⁴;
Este do mundo antigo espedaçado assoma...

Este não redimiu; não foi à Cruz: olhai-o:
Tem o anátema⁵ à boca, às duas mãos o raio,
E em vez do espinho à frente as três coroas de Roma.

DELFINO, Luís. *Rosas negras*, 1938.

Vocabulário:

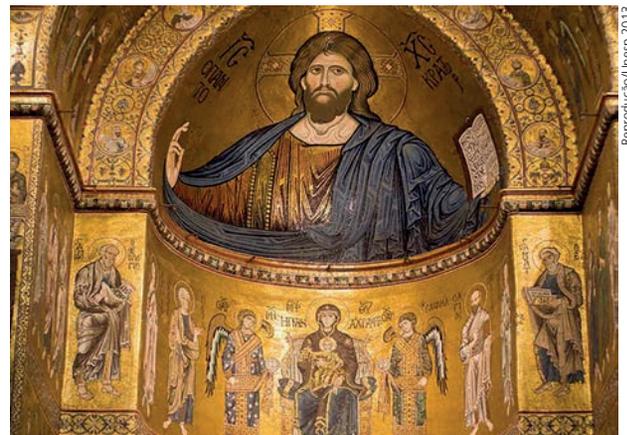
¹Pantocrátor: que tudo rege, que governa tudo.

²Bizantina: referente ao Império Romano do Oriente (330-1453 d.C.) e às manifestações culturais desse império.

³Fresco: o mesmo que afresco, pintura mural que resulta da aplicação de cores diluídas em água sobre um revestimento ainda fresco de argamassa, para facilitar a absorção da tinta.

⁴Santo Stefano Rotondo: igreja erigida por volta de 460 d.C., em Roma, em homenagem a Santo Estêvão (Stefano, em italiano), mártir do cristianismo.

⁵Anátema: reprovação enérgica, sentença de maldição que expulsa da Igreja, excomunhão.



Catedral de Monreale, Itália

03. (Unesp/2013) O pronome demonstrativo “este”, empregado no início dos versos de números 9, 11 e 12, faz referência
- A) ao peito enorme do Pantocrátor.
 - B) a Santo Estêvão.
 - C) ao próprio eu lírico.
 - D) à figura de Jesus Pantocrátor.
 - E) a Satanás, o mestre das trevas.

04. (UFF/2011)

Texto I

O homem pensa ter na ⁴Cidade a base de toda a sua grandeza e só nela tem a fonte de toda a sua miséria. Vê, ¹Jacinto! Na Cidade perdeu ele a força e beleza harmoniosa do corpo, e se tornou esse ser ressequido e escanifrado ou obeso e afogado em unto, de ossos moles como trapos, de nervos trêmulos como arames, com cangalhas, com chinós, com dentaduras de chumbo, sem sangue, sem fibra, sem viço, torto, corcunda esse ser em que Deus, espantado, mal pôde reconhecer o seu esbelto e rijo e nobre Adão!

Na Cidade findou a sua liberdade moral: cada manhã ela ²lhe impõe uma necessidade, e cada necessidade o arremessa para uma dependência: ³pobre e subalterno, a sua vida é um constante solicitar, adular, vergar, rastejar, aturar; rico e superior como um Jacinto, a sociedade logo o enreda em tradições, preceitos, etiquetas, cerimônias, praxes, ritos, serviços mais disciplinares que os de um cárcere ou de um quartel... A sua tranquilidade (bem tão alto que Deus com ela recompensa os santos) onde está, meu Jacinto?

Sumida para sempre, nessa batalha desesperada pelo pão ou pela fama, ou pelo poder, ou pelo gozo, ou pela fugidia rodela de ouro!

Êça de Queiroz

Vocabulário:

Escanifrado: magro, enfraquecido

Unto: gordura

Chinós: cabeleira postiça, peruca

Texto II



Reprodução/Uff 2011

Este grafite está estampado ²ali no “Parque dos Patins, um lugar muito frequentado pelo público infantil, na Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio. ¹Veja só. ³É uma mulher fantasiada, com um fuzil atravessado nas costas, uma metralhadora na mão esquerda e uma pistola na direita. Lá no fundo, dá para ver o morro do Corcovado e o Cristo Redentor. Deve haver quem ache que é arte de rua. A coluna acha um horror. É apenas mais um retrato que emporcalha a paisagem carioca. Com todo respeito.

GOIS, Anselmo. *O Globo*, 29/06/2010.

Quanto à construção linguística do Texto I e a legenda do Texto II, pode-se afirmar que:

- A) A progressão das ideias nos dois textos se efetiva por um narrador de primeira pessoa, enunciado como personagem “Jacinto” (Texto I) e um narrador de terceira pessoa referido de modo genérico como uma “coluna” de jornal (Texto II).
- B) A interlocução se apresenta diferentemente nos dois textos: como um substantivo “Jacinto” (Texto I, ref. 1) e como desinência de terceira pessoa do singular do modo imperativo em “Veja só.” (Texto II, ref. 1) em referência à pessoa com quem se fala.
- C) O emprego do pronome pessoal “lhe” (Texto I, ref. 2) referindo-se a “homem” aproxima o narrador do leitor; o emprego do pronome demonstrativo “este” e do advérbio “ali” (Texto II, ref. 2) aproximam espacialmente o narrador da imagem destacada no grafite.
- D) O uso da vírgula marca a enumeração de verbos substantivados (Texto I, ref. 3); a vírgula usada na descrição da mulher fantasiada (Texto II, ref. 3) encadeia a enumeração de ações simultâneas.
- E) A palavra “Cidade” escrita com maiúscula (Texto I, ref. 4) produz um sentido de especificidade; a expressão “Parque dos Patins” (Texto II, ref. 4), com maiúsculas, nomeia um substantivo de valor irrestrito.

- Texto para a questão 05.



Disponível em: <<http://www.folhacarioca.com.br>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

05. A placa anterior é bastante encontrada em elevadores como forma de alerta para o uso deste, porém, em sua estrutura, há um desvio da norma-padrão, o qual consiste no (a)
- A) quebra do paralelismo dos tempos verbais.
 - B) emprego do artigo definido antes de demonstrativo.
 - C) utilização de pronome demonstrativo no lugar de um pessoal.
 - D) emprego de verbo em forma nominal do infinitivo.
 - E) utilização equivocada de pronome em sentido reflexivo.



Exercícios Propostos

- Texto para a questão 01.

O PAVÃO

Eu considerei a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. ¹Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d'água em que a luz se fragmenta como em um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas.

Eu considerei que ²este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com um mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade.

Considerarei, ³por fim, que assim é o amor, ⁴oh! minha amada; de tudo que suscita e esplende e estremece e delira em mim existem apenas meus olhos recebendo a luz de teu olhar. ⁵Ele me cobre de glória e me faz magnífico.

Rubem Braga

01. (UFF/2010) No trecho da crônica de Rubem Braga, os elementos coesivos produzem a textualidade que sustenta o desenvolvimento de uma determinada temática.

Com base nos princípios linguísticos da coesão e da coerência, pode-se afirmar que:

- A) Na passagem, "Mas andei lendo livros" (ref. 1), o emprego do gerúndio indica uma relação de proporcionalidade.
 - B) O pronome demonstrativo "este" (ref. 2) exemplifica um caso de coesão anafórica, pois seu referente textual vem expresso no parágrafo seguinte.
 - C) O articulador temporal "por fim" (ref. 3) assinala, no desenvolvimento do texto, a ordem segundo a qual o assunto está sendo abordado.
 - D) A expressão "Oh! minha amada" (ref. 4) é um termo resumitivo que articula a coerência entre a beleza do pavão e a simplicidade do amor.
 - E) O pronome pessoal "ele" (ref. 5), na progressão textual, faz uma referência ambígua a "pavão".
- Texto para a questão 02.

PIRATAS DO TIETÊ



LAERTE, Piratas do Tietê. Folha de S. Paulo, 29 mar. 2003.

02. Os pronomes são classes morfológicas que podem ser utilizados como elementos coesivos eficazes na construção do texto, porém seu emprego não pode ser feito de forma aleatória. Nesse sentido, percebe-se o emprego de pronome em desacordo com a norma culta da língua no trecho:

- A) "Que estrela é aquela, Muketa?"
- B) "(...) que protege a colheita".
- C) "É onde mora o Deus dos ricos".
- D) "Tudo crendice".
- E) "Que verruga é essa?"

03. (UFF/2004)

Texto I



Reprodução/UFF 2004

Ziraldo, Rio de Janeiro: Salamandra, 1988, p. 47.

Texto II

O que me impressiona é a facilidade com que se fazem tais transações, clubes que devem o que não podem pagar, de salários, prêmios, luvas, e sobretudo de obrigações sociais. Bons exemplos são Flamengo, Vasco e aqui no Recife todos os chamados grandes. Trata-se de uma brincadeira de faz de conta, papel pra lá, papel pra cá, dinheiro mesmo, nada. E a Previdência Social que vá nem sei para onde, e o imposto de renda também. É aquela velha história do poeta ufanista: ama com fé e orgulho a terra em que nasceste, criança, não verás nenhum país como este!

Fernando Menezes

Disponível em: <<http://www.entretextos.jor.br/textos/0025.html>>.

Em vários momentos da cultura brasileira, diferentes manifestações artísticas se apropriam de fragmentos literários e, através da intertextualidade, estabelecem um diálogo como interpretação da realidade que nos cerca.

O emprego do pronome demonstrativo nos textos I e II encaminha, no tempo e no espaço, uma leitura crítica do poema "A Pátria", de Olavo Bilac.

Identifique, respectivamente, as palavras que sintetizam a visão do Brasil, na apropriação do verso de Bilac, – "Criança! não verás país nenhum como este." – pelo chargista (Ziraldo) e pelo cronista esportivo (Fernando Menezes).

- A) Ufanismo/ depreciação
- B) Benevolência / desnutrição
- C) Miséria / desorganização
- D) Esperança/ indolência
- E) Dignidade/ promiscuidade

- Texto para a questão 04.



Reprodução/EPCar (CPCar)/2018

Disponível em: <<https://www.google.com.br>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

04. (EPCar (CPCar)/2018) Sobre a tirinha da Mafalda, assinale a alternativa que apresenta uma análise incorreta.
- O segundo quadrinho apresenta uma quebra de expectativa em relação ao que expressa o adjetivo presente no primeiro.
 - O uso do pronome demonstrativo "este", no primeiro quadrinho, justifica-se por se referir a algo que ainda vai ser apresentado no próximo quadrinho.
 - O vocábulo "droga", terceiro quadrinho, passou pelo processo de derivação imprópria e, no contexto, apresenta-se como interjeição.
 - Se substituirmos o pronome "nós", no sexto quadrinho, por "as crianças", o verbo poderá ser flexionado na primeira pessoa do plural.

- Texto para a questão 05.

Toda cultura é particular. Não existe, nem pode existir uma cultura universal constituída. No nosso século, os antropólogos vivem ensinando isso a quem quiser aprender.

Tal como acontece com cada indivíduo, os grupos humanos, grandes ou pequenos, vão adquirindo e renovando, construindo, organizando e reorganizando, cada um a seu modo, os conhecimentos de que necessitam.

O movimento histórico da cultura consiste numa diversificação permanente. A cultura universal – que seria a cultura da Humanidade – depende dessa diversificação, quer dizer, depende da capacidade de cada cultura afirmar sua própria identidade, desenvolvendo suas características peculiares.

No entanto, as culturas particulares só conseguem mostrar sua riqueza, sua fecundidade, na relação de umas com as outras. E essa relação sempre comporta riscos.

Em condições de uma grande desigualdade de poder material, os grupos humanos mais poderosos podem causar grandes danos e destruições fatais às culturas dos grupos mais fracos(...)

Todos tendemos a considerar nossa cultura particular mais universal do que as outras. (...) Cada um de nós tem suas próprias convicções(...)

Tanto indivíduos como grupos têm a possibilidade de se esforçar para incorporar às suas respectivas culturas elementos das culturas alheias.

Apesar dos perigos da relação com outras culturas (descaracterização, perda da identidade, morte), a cultura de cada pessoa, ou de cada grupo humano, é frequentemente mobilizada para tentativas de autorrelativização e de autoquestionamento, em função do desafio do diálogo.

KONDER, Leandro. *O Globo*, 02/08/98.

05. (Cesgranrio/1999) O pronome demonstrativo "isso" (par.1) refere-se
- ao caminho para a constituição de uma cultura particular.
 - ao fato de a cultura de um povo ser instituída por sua Constituição.
 - à universalidade da cultura pregada pelos antropólogos.
 - à constituição da cultura de um povo pelos antropólogos.
 - às convicções dos antropólogos quanto à peculiaridade de cada cultura.
- Texto para a questão 06.

Com êste símbolo a Meridional mostra que sabe facilitar a vida do cliente. claro.

É assim que a Meridional Companhia de Seguros Gerais encara o problema: proteção, segurança e assistência absoluta. Na Meridional você encontra todo tipo de seguro: vida, roubo, incêndio, automóvel etc. A Meridional é uma Companhia grande, dinâmica, forte e que sabe como proteger.

Meridional Companhia de Seguros Gerais

06. (Faap/1997) Lendo atentamente os dizeres do texto, fica-se sabendo que a propaganda foi criada antes de 1971, porque
- inicia com letra minúscula o segundo período.
 - automóvel aparece por último no elenco dos bens assegurados.
 - usa a palavra cliente em lugar de consumidor.
 - começa o parágrafo com preposição.
 - o pronome demonstrativo "este" aparece com o acento circunflexo (êste), abolido pela Lei 5765 de 18 de dezembro de 1971.
07. (Mackenzie/1996)
- "O valor da oração era superfino e muito mais excelso que o das obras terrenas.";
 - "Os quatro algarismos foram crescendo tanto, que encheram a igreja de alto a baixo.";
 - "Vejam primeiro o que é que o traz aqui.";
 - "Assim é o homem, assim são 'as' cousas que o cercam.";
 - "Camilo teve medo e (...) começou a reaar as visitas à casa de Vilela."

Aponte a sequência totalmente correta quanto à classe gramatical das palavras destacadas nas respectivas frases.

- I – artigo definido, artigo definido.
- II – artigo definido, pronome pessoal oblíquo.
- III – pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.
- IV – artigo definido, preposição, pronome pessoal oblíquo.
- V – preposição, preposição, contração da preposição com o artigo.

- Texto para a questão 08.

REFLEXIVO

O que não escrevi, calou-me.
 O que não fiz, partiu-me.
 O que não senti, doeu-se.
 O que não vivi, morreu-se.
 O que adiei, adeus-se.

Affonso Romano de Sant'Anna

08. (Cesgranrio/1994) Assinale a classificação gramatical correta para os vocábulos "O" e "se":

"O que adiei, adeus-se" (verso 5)

- A) Artigo – pronome reflexivo
 B) Pronome pessoal oblíquo – pronome apassivador
 C) Pronome pessoal oblíquo – pronome reflexivo
 D) Pronome demonstrativo – palavra de realce
 E) Pronome demonstrativo – pronome apassivador

- Texto para a questão 09.

PESSOAS HABITADAS

¹Estava conversando com uma amiga, dia desses. Ela comentava sobre uma terceira pessoa, que eu não conhecia. Descreveu-a como sendo ²boa gente, esforçada, ótimo caráter. ³"Só tem um probleminha: ⁴não é habitada". Rimos. Uma expressão coloquial na França – habité, – mas nunca tinha escutado por estas paragens e com este sentido. Lembrei-me de uma outra amiga que, de forma parecida, também costuma dizer ⁵"aquela ali tem gente em casa" quando se refere a ⁶pessoas que fazem diferença.

⁷Uma pessoa pode ser altamente confiável, gentil, carinhosa, simpática, mas, se não é habitada, rapidinho coloca os outros pra dormir. Uma pessoa habitada é uma pessoa possuída, não necessariamente pelo demo, ainda que satanás esteja longe de ser má referência. Clarice Lispector certa vez escreveu uma carta a Fernando Sabino dizendo que faltava demônio em Berna, onde morava na ocasião. ⁸A Suíça, de fato, é um país de contos de fada onde tudo funciona, onde todos são belos, onde a vida parece uma pintura, um rótulo de chocolate. Mas ⁹falta uma ebulição que a salve do marasmo.

Retornando ao assunto: pessoas habitadas ¹⁰são aquelas possuídas por si mesmas, em diversas versões. Os habitados estão preenchidos de indagações, angústias, incertezas, mas não são menos felizes ¹¹por causa disso. Não transformam suas "inadequações" em doença, mas em força e curiosidade. Não recuam diante de encruzilhadas, não se amedrontam com transgressões, não adotam as opiniões dos outros para facilitar o diálogo. São pessoas que surpreendem com um gesto ou uma fala fora do *script*, sem ¹²nenhuma disposição para serem bonecos de ventríloquos. Ao contrário, encantam pela verdade pessoal que defendem. ¹³Além disso, mantêm com a solidão uma relação mais do que cordial.

¹⁴Então são as criaturas mais incríveis do universo? Não necessariamente. Entre os habitados há de tudo, gente fenomenal e também assassinos, pervertidos e demais malucos que não merecem abrandamento de pena pelo fato de serem, em certos aspectos, bastante interessantes. Interessam, mas assustam. Interessam, mas causam dano. ¹⁵Eu não gostaria de repartir a mesa de um restaurante com Hannibal Lecter, "The Cannibal", ¹⁶ainda que eu não tenha dúvida de que o personagem imortalizado por Anthony Hopkins renderia um papo mais estimulante do que uma conversa com, ¹⁷sei lá, Britney Spears, que ¹⁸só tem gente em casa porque está grávida.

Que tenhamos a sorte de esbarrar com seres habitados e ao mesmo tempo inofensivos, cujo único mal que possam fazer seja nos fascinar e nos manter acordados uma madrugada inteira. Ou a vida inteira, o que é melhor ainda.

MEDEIROS, Martha. In: Org. e Int. SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *As Cem Melhores Crônicas Brasileiras*. Objetiva, p. 324-325.

09. (Uece/2016-Adaptada) Considerando as expressões "por causa disso" (referência 11) e "Além disso" (referência 13), é correto afirmar que:

- A) Apenas uma das duas aponta para algo que já foi dito no texto.
 B) As duas sintetizam no pronome (d)isso informações que são mencionadas anteriormente no texto.
 C) Uma das duas ocorrências constitui uma desobediência à orientação da gramática normativa para o uso dos pronomes demonstrativos.
 D) Ambas fazem referência a um elemento pontual no texto.

10. (PUC/2016.1)

DA SOBERANIA DO INDIVÍDUO

SÃO PAULO – Alguns leitores ficaram um pouco bravos comigo porque eu afirmei na coluna de ontem que a legislação sobre costumes de um Estado moderno deve sempre seguir a inspiração liberal e não a conservadora. Diferentemente do que sugeriram certos missivistas, não escrevi **isso** porque minhas preferências pessoais coincidem com as ideias progressistas, mas porque existe uma diferença qualitativa no papel que as duas visões de mundo reservam para a lei.

Na visão conservadora, é legítimo que Estado opere ativamente para promover a coesão social, mesmo que, para **isso**, force o indivíduo a conformar-se ao *statu quo*. Não dá para dizer que não funcione. Em que pese um certo autoritarismo intrínseco, sociedades que colocam os interesses coletivos acima dos individuais tendem a apresentar menores índices de violência interpessoal e menos desigualdade. Costumam ser menos inventivas também, mas esse é outro problema.

Já para os liberais, a ênfase recai sobre a liberdade individual. Bem no espírito de John Stuart Mill, atitudes e comportamentos, por mais exóticos que pareçam, só podem ser legitimamente proibidos ou limitados se resultarem em dano objetivo e demonstrável para terceiros. Caso contrário, "sobre si mesmo, seu corpo e sua mente, o indivíduo é soberano".

A implicação mais óbvia dessa diferença é que, enquanto a perspectiva liberal permite que cada grupo viva segundo suas próprias convicções, ainda que numa escala menor que a do todo, a concepção conservadora exige que as franjas minoritárias renunciem a seus valores. Trocando em miúdos, existem vários projetos de lei para proibir ou limitar o aborto e o casamento gay, mas não há nenhum com o intuito de torná-los obrigatórios. Numa época em que consensos sociais podem mudar rapidamente, conservadores deveriam ser os principais interessados numa legislação bem liberal.

SCHWARTSMAN, Hélio
 Folha de S. Paulo, 24/10/2015.

Considere a ordem em que são empregados os pronomes demonstrativos evidenciados no texto de Hélio Schwartzman e aponte a que se referem.

- A) Conjunto de leis sobre costumes de um Estado moderno que tem de ser constantemente guiado pela inspiração liberal; legitimidade de o Estado operar de forma ativa em prol da coesão social.

- B) Composição de leis que deliberam sobre práticas do Estado moderno; visão conservadora que considera ilegítima a forma de promover a coesão social.
- C) Legislação sobre comportamento de um Estado moderno cujas bases são conservadoras; visão liberal que considera legítimo o Estado trabalhar ativamente para a coesão social.
- D) Rol de leis de natureza liberal que o Estado moderno pretende promover para contestar a inspiração conservadora; legitimidade de o Estado trabalhar ativamente para promover a coesão social.

Aula
09

Função Coesiva dos Pronomes

C-6 H-18

- Leia o texto a seguir.

As **bactérias** são geralmente microscópicas ou submicroscópicas. As **bactérias** são detectáveis apenas com uso de um microscópio eletrônico. As dimensões das **bactérias** geralmente não excedem poucos micrômetros, podendo variar entre cerca de 0,2 µm, nos micoplasmas, até 30 µm, em algumas espiroquetas. Exceções são as **bactérias** *Epulopiscium fishelsoni* isoladas no tubo digestivo de um peixe, com um comprimento compreendido em 0,2 e 0,7 mm e as *Thiomargarita namibiensis*, isoladas de sedimentos oceânicos. *Thiomargarita namibiensis*, isoladas atingem até 0,75 mm de comprimento.

Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bact%C3%A9ria>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

No texto anterior, há a repetição da palavra “bactérias” a qual, por sua vez, poderia ser substituída por pronomes, dando ao texto uma sequência coesiva mais enxuta. Observe, a seguir, como ele ficaria com as devidas substituições:

As bactérias são geralmente microscópicas ou submicroscópicas. **Elas** são detectáveis apenas com uso de um microscópio eletrônico. **Suas** dimensões geralmente não excedem poucos micrômetros, podendo variar entre cerca de 0,2 µm, nos micoplasmas, até 30 µm, em algumas espiroquetas. Exceções são **as** *Epulopiscium fishelsoni* isoladas no tubo digestivo de um peixe, com um comprimento compreendido em 0,2 e 0,7 mm e **as** *Thiomargarita namibiensis*, isoladas de sedimentos oceânicos, **que** atingem até 0,75 mm de comprimento.

Observa-se que para substituir o substantivo “bactéria” foram utilizados os pronomes: reto “Ela”, possessivo “suas”, oblíquo “as” e o relativo “que”. Esses elementos são responsáveis pela coesão textual.

Coesão Textual

A coesão textual permite a conexão das ideias dentro de um texto e garante a eficiência na transmissão da mensagem ao interlocutor e, por consequência, o entendimento. Dentro do texto, a coesão pode ser feita por meio de advérbios, pronomes, conjunções, sinônimos, dentre outros. Nesta aula, os pronomes serão estudados como elementos de coesão.

Coesão Referencial

Esse tipo de coesão anuncia ou retoma frases, sequências e palavras que indicam conceitos e fatos. Isso pode ocorrer por meio da **anáfora** ou **catáfora**.

Anáfora

Faz referência a uma informação já mencionada no texto. Como ela retoma um componente textual, também pode ser chamada de elemento anafórico.



Observe que os pronomes “todas” e “elas” retomam a palavra “pessoa”, evitando repetição desnecessária.

Catáfora

Antecipa um componente textual, sendo chamada de elemento catafórico.

“Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular.”

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*.

O pronome demonstrativo “isto” anuncia a informação seguinte sobre a personagem Capitu, “uma criatura mui particular”.

Importante:

O emprego correto dos pronomes é essencial para que a coesão textual aconteça. Por isso, atente para as seguintes observações:

Pronomes dos casos reto e oblíquo:

Os pronomes retos retomam termos que se comportam como agentes verbais, enquanto os oblíquos, geralmente, como complementos verbais. Veja:

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturbar-se. Diante **dela** e todo a contemplá-**la**, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. **Ele** tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Igotas armas e tecidos ignotos cobrem-**lhe** o corpo. Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido. De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu.

ALENCAR, José de. *Iracema*.

No texto, o pronome reto “ele” se comporta como sujeito e retoma “guerreiro estranho”. A contração do pronome reto “ela” com a preposição “dela” retoma “a virgem”. Já os oblíquos “la” e “lhe” comportam-se como objeto direto e adjunto adnominal respectivamente, retomando “a virgem” e “guerreiro estranho”. Em relação esses últimos pronomes, é interessante frisar algumas especificidades:

- a) O pronome “la” retoma elementos relacionados à terceira pessoa do singular, e esse termo não é preposicionado. Ele corresponde ao pronome “a” e assume essa forma por estar ligado encliticamente a um verbo terminado em R: “contemplar”.
- b) O pronome “lhe” retoma termo relacionado à terceira pessoa, e esse referente tem de ser um termo preposicionado. A concordância é feita em número de acordo com o elemento retomado.

Pronomes demonstrativos

– Neste momento, Tupã não é contigo! replicou o chefe. O Pajé riu; e seu riso sinistro reboou pelo espaço como o regougo da ariranha. – Ouve seu trovão e treme em teu seio, guerreiro, como a terra em sua profundeza. Araquém proferindo **essas** palavras terríveis, avançou até o meio da cabana; ali ergueu a grande pedra e calçou o pé com força no chão; súbito, abriu-se a terra. Do antro profundo saiu um medonho gemido, que parecia arrancado das entranhas do rochedo. Irapuã não tremeu, nem enfiou de susto; mas sentiu estremecer a luz nos olhos, e a voz nos lábios. – O senhor do trovão é por ti; o senhor da guerra será por Irapuã: disse o chefe. O torvo guerreiro deixou a cabana (...).

ALENCAR, José de. *Iracema*.

Como já visto, os pronomes demonstrativos localizam os elementos no tempo e no espaço. É o caso do pronome “Neste”, que indica a ação ocorrida no momento em que a frase do chefe é proferida. Também ele retoma elementos textuais já citados. No caso, o pronome “essas”, ligado à expressão “palavras terríveis”, se relaciona ao trecho “– Ouve seu trovão e treme em teu seio, guerreiro, como a terra em sua profundeza.”



Exercícios de Fixação

01. (Enem/2009)

MANUEL BANDEIRA

Filho de engenheiro, Manuel Bandeira foi obrigado a abandonar os estudos de arquitetura por causa da tuberculose. Mas a iminência da morte não marcou de forma lúgubre sua obra, embora em seu humor lírico haja sempre um toque de funda melancolia, e na sua poesia haja sempre um certo toque de morbidez, até no erotismo. Tradutor de autores como Marcel Proust e William Shakespeare, esse nosso Manuel traduziu mesmo foi a nostalgia do paraíso cotidiano mal idealizado por nós, brasileiros, órfãos de um país imaginário, nossa Cocanha perdida, Pasárgada.

Descrever seu retrato em palavras é uma tarefa impossível, depois que ele mesmo já o fez tão bem em versos.

Revista Língua Portuguesa, nº 40.

- A coesão do texto é construída principalmente a partir do(a)
- A) repetição de palavras e expressões que entrelaçam as informações apresentadas no texto.
- B) substituição de palavras por sinônimos como “lúgubre” e “morbidez”, “melancolia” e “nostalgia”.
- C) emprego de pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos: “sua”, “seu”, “esse”, “nosso”, “ele”.
- D) emprego de diversas conjunções subordinativas que articulam as orações e períodos que compõem o texto.
- E) emprego de expressões que indicam sequência, progressividade, como “iminência”, “sempre”, “depois”.

02. (Uerj/2011 – Adaptada) Observe o trecho a seguir e responda à questão.

“(…) Uma noite, daquelas em que eu estava mais possuído do livro, lia com expressão uma das páginas mais comoventes da nossa biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços que rompiam-lhes o seio. (...)”

O vocábulo em negrito faz referência a uma palavra já enunciada no texto.

Essa palavra a que se refere o vocábulo “lhes” é:

- A) soluços
B) páginas
C) senhoras
D) momentos

03. (Enem/2017) Essas moças tinham o vício de afirmar o contrário do que desejavam. Notei a singularidade quando principiaram a elogiar o meu paletó cor de macaco. Examinavam-no sérias, achavam o pano e os aviamentos de qualidade superior, o feito admirável. Envaideci-me: nunca havia reparado em tais vantagens. Mas os gabos se prolongaram, trouxeram-me desconfiança. Percebi afinal que elas zombavam e não me susceptibilizei. Longe disso: achei curiosa aquela maneira de falar pelo avesso, diferente das grosserias a que me habituara. Em geral me diziam com franqueza que e roupa não me assentava no corpo, sobrava nos sovacos.

RAMOS, G. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

Por meio de recursos linguísticos, os textos mobilizam estratégias para introduzir e retomar ideias, promovendo a progressão do tema. No fragmento transcrito, um novo aspecto do tema é introduzido pela expressão

- A) “a singularidade”.
B) “tais vantagens”.
C) “os gabos”.
D) “Longe disso”.
E) “Em geral”.

04. (Enem cancelado/2009)

COM NICIGA, PARAR DE FUMAR FICA MUITO MAIS FÁCIL

Fumar aumenta o número de receptores do seu cérebro que se ativam com nicotina.

Se você interrompe o fornecimento de uma vez, eles enlouquecem e você sente os desagradáveis sintomas da falta do cigarro.

Com seus adesivos transdérmicos, Niciga libera nicotina terapêutica de forma controlada no seu organismo, facilitando o processo de parar de fumar e ajudando a sua força de vontade. Com Niciga, você tem o dobro de chances de parar de fumar.

Revista Época, 24 nov. 2009. Adaptado.

Para convencer o leitor, o anúncio emprega como recurso expressivo, principalmente,

- A) as rimas entre Niciga e nicotina.
- B) o uso de metáforas como “força de vontade”.
- C) a repetição enfática de termos semelhantes como “fácil” e “facilidade”.
- D) a utilização dos pronomes de segunda pessoa, que fazem um apelo direto ao leitor.
- E) a informação sobre as consequências do consumo do cigarro para amedrontar o leitor.

05.

INFLUENZA A (GRIPE SUÍNA):

Se você esteve ou manteve contato com pessoas da área de risco e apresenta os seguintes sintomas:

- Febre alta repentina e superior a 38 graus;
- Tosse;
- Dor de cabeça;
- Dores musculares e nas articulações;
- Dificuldade respiratória.

Entre em contato imediatamente com o Disque Epidemiologia: 0800-283-2255.

Evite a contaminação:

- Quando tossir ou espirrar, cubra sua boca e nariz com lenço descartável. Caso não o tenha, utilize o antebraço. Se utilizar as mãos lave-as rapidamente com água e sabão.
- O uso de máscaras é indicado para prevenir contaminações.

BRASIL. Ministério da Saúde, 2009. Adaptado.

(Enem/2009) Os principais recursos utilizados para envolvimento e adesão do leitor à campanha institucional incluem

- A) o emprego de enumeração de itens e apresentação de títulos expressivos.
- B) o uso de orações subordinadas condicionais e temporais.
- C) o emprego de pronomes como “você” e “sua” e o uso do imperativo.
- D) a construção de figuras metafóricas e o uso de repetição.
- E) o fornecimento de número de telefone gratuito para contato.

01. (Uerj/2017) O uso de palavras que se referem a termos já enunciados, sem que seja necessário repeti-los, faz parte dos processos de coesão da linguagem.

Na pergunta feita no segundo quadrinho, uma palavra empregada com esse objetivo é:

- A) nós
- B) aqui
- C) nossa
- D) porque

• Texto para a questão 02.

SERES HUMANOS DIVIDEM O MUNDO ENTRE “NÓS” E “ELES”.

Criadas por razões religiosas, étnicas, preferências sexuais, futebolísticas ou de outra natureza, as tensões e ¹suspeições intergrupais são as grandes responsáveis pela violência no mundo.

O preconceito que resulta dessas divisões não é consciente, está ²arraigado nas profundezas do passado evolutivo, ³na tendência universal de formarmos coalizões que nos ajudem a enfrentar os desafios que a vida impõe.

Experimentos conduzidos nos últimos 30 anos mostram que nos reunimos em grupos, mesmo em torno de objetivos fúteis⁴: o fã-clube de uma cantora, um time ou um piloto de corrida. E que, ao nos incluirmos em tais agrupamentos, passamos a acreditar que nossos companheiros são mais inteligentes, espertos, generosos e dotados de valores morais superiores aos dos membros de outros grupos.

As pesquisas hoje estão dirigidas para as razões que nos levam ⁵a enxergar o mundo sob essa perspectiva do “nós” e “eles”. Que fatores em nosso passado evolutivo ⁶forjaram a extrema facilidade com que formamos coalizões e reagimos de forma preconceituosa contra os estranhos ⁷a elas?

Para muitos psicólogos, o ódio dirigido a “eles” tem origem na generosidade manifestada em relação a “nós” mesmos. [...]

Como consequência, esperamos encontrar acolhimento e solidariedade quando estamos entre “nós”, porque somos mais amigáveis, ⁸altruístas e pacíficos do que os de fora. Valores morais dessa ⁹magnitude nos autorizam a agir com violência contra inimigos que julgamos não possuir, em caso de disputas por territórios, prestígio social, empregos ou acesso a bens materiais. [...]

¹⁰Embora o preconceito esteja alojado em áreas arcaicas do sistema nervoso central, sua expressão não é inevitável. Nosso córtex cerebral já evoluiu o suficiente para reprimi-lo, de modo a abandonarmos a bestialidade do passado e adotarmos condutas racionais centradas na tolerância e na aceitação da diversidade humana.

Drauzio Varella. Adaptado.

02. (Mackenzie/2015) Assinale a alternativa correta.

- A) Em “na tendência universal de formarmos coalizões que nos ajudem” (ref. 3), a palavra “coalizões” pode ser substituída pelo seu sinônimo “colisões”, sem prejuízo para o sentido original do trecho em que está empregada.
- B) Os dois pontos, indicados pela referência 4, introduzem sequência de elementos com o objetivo de contradizer, com valor adversativo, o que está exposto anteriormente no mesmo período.
- C) É indiferente o emprego das formas “sob” ou “sobre” em “a enxergar o mundo sob essa perspectiva” (ref. 5), uma vez que usar uma forma ou outra não altera o sentido original do trecho apresentado.
- D) A expressão “a elas” (ref. 7) retoma antecedente expresso no mesmo período.
- E) “Embora” (ref. 10) introduz período que estabelece relação semântica de explicação em relação ao período subsequente àquele em que está empregado.



Exercícios Propostos

• Texto para a questão 01.



Reprodução/Uerj 2017

QUINO

Disponível em: <updateordie.com>.

03. (Enem – 2ª aplicação/2016)

APESAR DE

Não lembro quem disse que a gente gosta de uma pessoa não por causa de, mas apesar de. Gostar daquilo que é gostável é fácil: gentileza, bom humor, inteligência, simpatia, tudo isso a gente tem em estoque na hora em que conhece uma pessoa e resolve conquistá-la. Os defeitos ficam guardadinhos nos primeiros dias e só então, com a convivência, vão saindo do esconderijo e revelando-se no dia a dia. Você então descobre que ele não é apenas gentil e doce, mas também um tremendo casca-grossa quando trata os próprios funcionários. E ela não é apenas segura e determinada, mas uma chorona que passa 20 dias por mês com TPM. E que ele ronca, e que ela diz palavrão demais, e que ele é supersticioso por bobagens, e que ela enoja na estrada, e que ele não gosta de criança, e que ela não gosta de cachorro, e agora? Agora, convoquem o amor para resolver essa encrenca.

MEDEIROS, M. *Revista O Globo*, nº 790, 12 jun. 2011. Adaptado.

Há elementos de coesão textual que retomam informações no texto e outros que as antecipam. Nos trechos, o elemento de coesão destacado que antecipa uma informação do texto é:

- A) “Gostar **daquilo** que é gostável é fácil [...]”.
- B) “[...] **tudo isso** a gente tem em estoque [...]”.
- C) “[...] na hora em que conhece uma pessoa [...]”.
- D) “[...] resolve conquistá-la.”
- E) “[...] para resolver **essa** encrenca.”

04. (Fuvest/2011) Leia o seguinte texto.

Era o que ele estudava. “A estrutura, quer dizer, a estrutura” – ele repetia e abria as mãos branquíssimas ao esboçar o gesto redondo. Eu ficava olhando seu gesto impreciso porque uma bolha de sabão é mesmo imprecisa, nem sólida nem líquida, nem realidade nem sonho. Película e oco. “A estrutura da bolha de sabão, compreende?” Não compreendia. Não tinha importância. Importante era o quintal da minha meninice com seus verdes canudos de mamoeiro, quando cortava os mais tenros que sopravam as bolas maiores, mais perfeitas.

Lygia Fagundes Telles, *A estrutura da bolha de sabão*, 1973.

A “estrutura” da bolha de sabão é consequência das propriedades físicas e químicas dos seus componentes. As cores observadas nas bolhas resultam da interferência que ocorre entre os raios luminosos refletidos em suas superfícies interna e externa.

Considere as afirmações a seguir sobre o início do conto de Lygia Fagundes Telles e sobre a bolha de sabão:

- I. O excerto recorre, logo em suas primeiras linhas, a um procedimento de coesão textual em que pronomes pessoais são utilizados antes da apresentação de seus referentes, gerando expectativa na leitura;
- II. Os principais fatores que permitem a existência da bolha são a força de tensão superficial do líquido e a presença do sabão, que reage com as impurezas da água, formando a sua película visível;
- III. A ótica geométrica pode explicar o aparecimento de cores na bolha de sabão, já que esse fenômeno não é consequência da natureza ondulatória da luz.

Está correto apenas o que se afirma em:

- A) I
- B) I e II
- C) I e III
- D) II e III
- E) III

05. É indiscutível o importante papel **que** as redes sociais desempenham hoje nos rumos de nossa vida política e privada. São indiscutíveis também os avanços que introduziram nas comunicações, favorecendo o reencontro e a aproximação entre as pessoas e, se forem redes profissionais, facilitando a visibilidade e a circulação de profissionais e produtos no mercado de trabalho.

A velocidade com que elas veiculam notícias, a extensão territorial alcançada e a imensa quantidade de pessoas que atingem simultaneamente não eram presumíveis cerca de uma década atrás, nem mesmo pelos **seus** criadores. Temos sido testemunhas, e também alvo, do seu poder de convocação e mobilização, assim como da sua eficiência em estabelecer interesses comuns rapidamente, a ponto de atuarem como disparadoras das **várias** manifestações e movimentos populares em todo o mundo atual.

Disponível em: < <http://www.cartaeducacao.com.br/artigo/a-ilusao-das-redes-sociais/>>. Acesso em: 18 dez. 2018. Adaptado.

Considere as afirmações a seguir a respeito dos referentes dos pronomes evidenciados no texto.

- I. “que” retoma anaforicamente “papel”;
- II. “seus” retoma anaforicamente “pessoas”;
- III. “várias” anuncia cataforicamente “manifestações”.

Está correto o que se afirma apenas em:

- A) I
- B) I e II
- C) II e III
- D) II
- E) III

• Texto para a questão 06.

FITA MÉTRICA DO AMOR

(...)

Uma pessoa é grande quando perdoa, quando compreende, quando se coloca no lugar do outro, quando age não de acordo com o que esperam dela, mas de acordo com o que espera de si mesma. Uma pessoa é pequena quando se deixa reger por comportamentos clichês.

(...)

MEDEIROS, Martha. *Non-stop: crônicas do cotidiano*. Rio de Janeiro: L&PM Editores. 2001.

06. (Uece/2018) No trecho “Uma pessoa é grande quando **perdoa** [...], quando age não de acordo com o que esperam **dela**, mas de acordo com o que espera de si mesma” (referência 2), o termo “pessoa”, nas expressões destacadas do trecho anterior, é retomado por meio de alguns recursos coesivos, a saber:

- A) Elipse, pronome pessoal do caso reto e pronome pessoal do caso oblíquo.
- B) Pronome pessoal do caso oblíquo, elipse e pronome pessoal do caso oblíquo.
- C) Elipse, pronome pessoal do caso oblíquo e pronome pessoal do caso oblíquo.
- D) Pronome pessoal do caso oblíquo, elipse e pronome pessoal do caso reto.

- Texto para a questão 07.

O MILAGRE DAS FOLHAS

Não, nunca me acontecem milagres. Ouço falar, e às vezes isso me basta como esperança. Mas também me revolta: por que não a mim? Por que só de ouvir falar? ³Pois já cheguei a ouvir conversas assim, sobre milagres: “Avisou-me que, ao ser dita determinada palavra, um objeto de estimação se quebraria”. ⁴Meus objetos se quebram banalmente e pelas mãos das empregadas.

(...)

LISPECTOR, Clarice. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Organização e introdução. *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 186-187.

07. (Uece/2015) O pronome “isso” (L.21) constitui uma anáfora. Sobre ele, é correto afirmar que:

- Além de anafórico, o “isso” aponta para a posição que o substantivo milagre ocupa no plano do texto, posição de anterioridade;
- Retoma a expressão “ouço falar” (ouvir falar de milagres) e aponta para a anterioridade dessa expressão no texto;
- Tem conotações afetivas.

Estão corretas as complementações contidas em:

- I, II e III.
- I e III, somente.
- II e III, somente.
- I e II, somente.

- Texto para a questão 08.

¹Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, ¹²qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares, que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua. ¹⁰Pensar numa língua uniforme, falada em todo canto e em toda hora do mesmo jeito, é um mito que tem trazido consequências desastrosas para a autoestima das pessoas (principalmente daquelas de meios rurais ou de classes sociais menos favorecidas) e que tem confundido, há séculos, os professores de língua.

⁵Exatamente, ¹³por essa heterogeneidade de falares é que a língua se torna complexa, pois, ¹¹por eles, se instaura o movimento dialético da língua: da língua que está sendo, que continua igual e da língua que vai ficando diferente. ²Não querer reconhecer essa natural tensão do movimento das línguas é deixar de apanhar a natureza mesma de sua forma de existir: histórica e culturalmente situada.

⁶Por conta dessas vinculações da língua com as situações em que é usada, a voz de cada um de nós é, na verdade, um coro de vozes. ³Vozes de todos os que nos antecederam e com os quais convivemos atualmente. Vozes daqueles que construíram os significados das coisas, que atribuíram a elas um sentido ou um valor semiológico. Vozes que pressupõem papéis sociais de quem as emite; que expressam visões, concepções, crenças, verdades e ideologias. ¹⁴Vozes, portanto, que, partindo das pessoas em interação, significam expressão de suas visões de mundo e, ao mesmo tempo, criação dessas mesmas visões.

⁷A língua é, assim, um grande ponto de encontro; de cada um de nós, com os nossos antepassados, com aqueles que, de qualquer forma, fizeram e fazem a nossa história. Nossa língua está embutida na trajetória de nossa memória

coletiva. Daí, ^{4o} apego que sentimos à nossa língua, ao jeito de falar de nosso grupo. Esse apego é uma forma de selarmos nossa adesão a esse grupo.

⁸Tudo isso porque linguagem, língua e cultura são, reiteramos, realidades indissociáveis.

⁹É nesse âmbito que podemos surpreender as raízes do processo de construção e expressão de nossa identidade ou, melhor dizendo, de nossa pluralidade de identidades. É nesse âmbito que podemos ainda experimentar o sentimento de partilhamento, de pertença, de ser gente de algum lugar, de ser pessoa que faz parte de determinado grupo. Quer dizer, pela língua afirmamos: temos território; não somos sem pátria. Pela língua, enfim, recobramos uma identidade.

ANTUNES, Irlandé. *Língua, texto e ensino*. Outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009, p. 22-23.

08. (UPE/2015) Considerando as convenções da escrita e o prescrito pela norma-padrão do português, analise as proposições a seguir.

- No fragmento: “Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, **ocorreram** mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis” (ref. 1), a forma verbal destacada deve vir no plural por concordar com os termos “todos os estratos” e “todos os níveis”;
- No fragmento: “Não querer reconhecer essa natural tensão do movimento das línguas é deixar de apanhar a natureza mesma de sua forma de existir: histórica e culturalmente situada” (ref. 2), os dois-pontos podem ser substituídos por vírgula, sem grande alteração no sentido;
- No trecho: “Vozes de todos os que nos antecederam e com **os quais** convivemos atualmente” (ref. 3), a forma relativa sublinhada poderia ser substituída pelo relativo “quem”, garantindo-se a coesão e manutenção do sentido;
- O acento grave é facultativo no trecho: “o apego que sentimos à **nossa língua**” (ref. 4), a despeito da presença da expressão feminina em destaque.

Estão corretas, apenas:

- I, II e III.
- I, III e IV.
- II e III.
- II e IV.
- II, III e IV.

- Texto para a questão 09.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.

(...)

Graciliano Ramos S. Bernardo, 1996.

09. (Unesp/2019) “Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.” (2º parágrafo)

Os pronomes destacados referem-se, respectivamente, a

- A) “alavanca”, “um”, “viúva e órfãos”.
- B) “pedra”, “um”, “meninos”.
- C) “pedra”, “alavanca”, “viúva e órfãos”.
- D) “alavanca”, “pedra”, “viúva e órfãos”.
- E) “alavanca”, “pedra”, “meninos”.

• Texto para a questão 10.

O texto a seguir foi extraído do livro de memórias do escritor e jornalista carioca, que nasceu em 1926, Carlos Heitor Cony.

Um livro de memórias é “relato que alguém faz, frequentemente, na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular”. Não deve ser confundido com autobiografia.

O SUOR E A LÁGRIMA

Fazia calor no Rio, quarenta graus e qualquer coisa, quase quarenta e um. No dia seguinte, os jornais diriam que fora o dia mais quente deste verão que inaugura o século e o milênio. ²Cheguei ao Santos Dumont, o voo estava atrasado, decidi engraxar os sapatos. Pelo menos aqui no Rio são raros ³esses engraxates, só existem nos aeroportos e em poucos lugares avulsos.

Sentei-me ⁴naquela espécie de cadeira canônica, de coro de abadia pobre, que também pode parecer o trono de um rei desolado de um reino desolante.

O engraxate era gordo e estava com calor — o que me pareceu óbvio. Elogiou ⁷meu sapato, cromo italiano, fabricante ilustre, os Rossetti. ⁶Uso-o pouco, em parte para poupá-lo, em parte porque quando posso estou sempre de tênis.

Ofereceu-me o jornal que eu já havia lido e começou seu ofício. Meio careca, o suor encharcou-lhe a testa e a calva. ⁵Pegou aquele paninho que dá brilho final nos sapatos e com ele enxugou o próprio suor, que era abundante.

Com o mesmo pano, executou com maestria aqueles movimentos rápidos em torno da biqueira, mas a todo o instante o usava para enxugar-se — caso contrário, o suor inundaria o meu cromo italiano.

E foi assim que a testa e a calva do valente filho do povo ficaram manchadas de graxa e o meu sapato adquiriu um brilho de espelho, à custa do suor alheio. Nunca tive sapatos tão brilhantes, tão dignamente suados.

Na hora de pagar, alegando não ter nota menor, deixei-lhe um troco generoso. Ele me olhou espantado, retribuiu a gorjeta me desejando em dobro tudo o que eu viesse a precisar no resto dos meus dias.

Saí daquela cadeira com um baita sentimento de culpa. Que diabo, meus sapatos não estavam tão sujos assim, por 45 míseros tostões fizera um filho do povo suar para ganhar seu pão. ¹Olhei meus sapatos e tive vergonha daquele brilho humano salgado como lágrimas.

CONY, Carlos Heitor. In: *Eu aos pedaços: memórias*. São Paulo: Leya, 2010. p. 114-115.

10. (Uece/2014-Adaptada) Escreva (V) ou (F), conforme seja verdadeiro ou falso o que se afirma sobre referência e relações sintático-semânticas.

- () O trecho “No dia seguinte, os jornais diriam que fora o dia mais quente deste verão que inaugura o século e o milênio” constitui, na narrativa, uma digressão cuja função discursiva é comprovar o que se afirma em “Fazia calor no Rio, quarenta graus e qualquer coisa, quase quarenta e um.”
- () A expressão “esses engraxates” (ref. 3) justifica-se, no texto, pela relação indireta com o verbo “engraxar”: o ato de engraxar pressupõe um agente, no caso, um profissional — um engraxate — “esses engraxates”.
- () Nas expressões “(n)aquela espécie de cadeira canônica [...]” (ref. 4) e “Pegou aquele paninho que dá brilho [...]” (ref. 5), ao usar o pronome **aquela(a)**, o enunciador não aponta para nenhum elemento da superfície textual, mas aposta no conhecimento de mundo do enunciatário; em algo que acredita estar na memória dele.
- () Nas palavras do cronista, “Uso-o pouco, em parte para poupá-lo, em parte porque quando posso estou sempre de tênis.” (ref. 6), o pronome **o(lo)** substitui a expressão **o meu sapato**, (ref. 7), funcionando como elemento de coesão entre o enunciado em pauta e o enunciado anterior.

Está correta, de cima para baixo, a seguinte sequência:

- A) V – V – V – V.
- B) F – V – F – F.
- C) F – F – V – F.
- D) V – F – F – V.

Aula
10

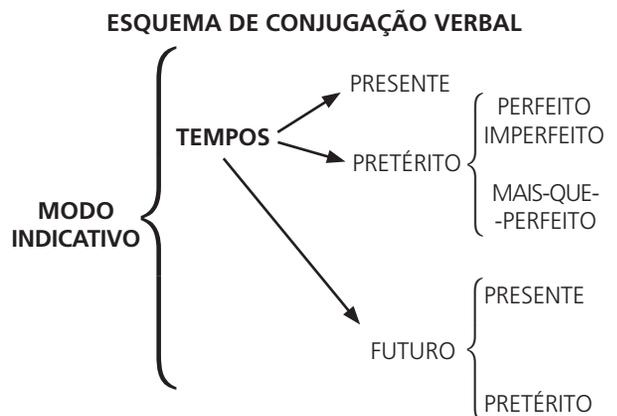
**Tempos e Modos Verbais –
Correlação dos Verbos**

C-6	H-18
C-8	H-27

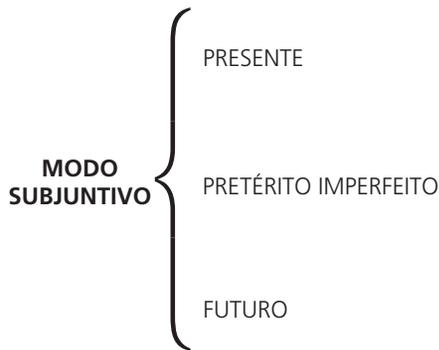
Tempos e Modos Verbais

Os verbos servem para localizar os eventos ocorridos no texto no tocante ao tempo em que se realizam. Para isso são divididos modos e tempos da seguinte forma:

Modo indicativo: os verbos conjugados nesse modo exprimem fato ou ação habitual em sua certeza quando estes se referem ao presente, passado e futuro. Os tempos são divididos da seguinte maneira:



Modo subjuntivo: os verbos conjugados nesse modo denotam uma ação ligada à outra da qual depende, de modo expresso ou subentendido, estabelecendo, muitas vezes, uma relação condicional. Essa noção temporal é imprecisa. Os tempos verbais são divididos da seguinte maneira:



Modo imperativo: os verbos conjugados nesse tempo expressam uma ordem, pedido, recomendação, alerta, convite, conselho, súplica. Divide-se em dois tipos:

- a) Imperativo afirmativo
- b) Imperativo negativo

As Três Conjugações Verbais

As terminações verbais denotam a que conjugação os verbos pertencem. São três:

- 1ª conjugação:** são os verbos terminados em AR, como cantar, dançar, pular, comemorar.
- 2ª conjugação:** são os verbos terminados em ER, como vender, querer, perder, mover.
- 3ª conjugação:** são os verbos terminados em IR, como partir, mentir, sorrir, dirigir.

Observação:

O verbo **pôr** pertence à 2ª conjugação, pois vem do latim **poer**. Dessa maneira, é conjugado com as flexões dos verbos dessa conjugação.

Emprego dos Tempos Verbais

Modo Indicativo

A) Presente do indicativo: exprime um fato que ocorreu no momento em que se fala.

Exemplo:

Neste instante, ele **grita** meu nome do outro lado da rua.

O presente do indicativo pode também denotar:

- Fatos ou estados permanentes. Nesse sentido, torna-se de caráter universal, pois não se pode situar o processo verbal no tempo, isto é, atemporal.

Exemplos:

O Sol **é** a maior estrela que existe.

Os cometas **viajam** anos pela galáxia.

- Ação habitual.

Exemplo:

Não **assisto** a novelas.

- Atualidade a fatos ocorridos no passado (presente histórico).

Exemplo:

Em 1500, **chegam**, ao Brasil, as caravanas portuguesas.

- Fato futuro que ocorrerá com certeza.

Exemplo:

Compro meu apartamento na próxima semana.

- Uma ordem de maneira mais afetuosa.

Exemplo:

Você me **compra** um litro de leite? (Compre-me um litro de leite).

B) Pretérito imperfeito: exprime um fato anterior ao momento em que se fala, mas não denota ideia de que foi concluído. Tem aspecto durativo, pois apresenta ação feita com frequência no passado.

Exemplo:

Eu, na adolescência, **jogava** muita bola com meus amigos. (ação frequente no passado).

C) Pretérito perfeito: exprime um fato passado e já concluído.

Exemplo:

Ontem, você **desobedeceu** às ordens da professora em sala.

Observação:

Há diferença entre esses pretéritos que devem ser ressaltadas:

- O pretérito perfeito denota um fato passado habitual, enquanto o pretérito imperfeito, um fato não habitual.

Exemplos:

Quando me **agrediam**, eu **revidava**.



Eles me **agrediram**, e eu **revidei**.



- O pretérito imperfeito exprime uma ação em curso, não limitada ao tempo, já o pretérito perfeito exprime uma ação do momento encaixada no tempo.

Tu **corrias** nos campos, **alimentavas** os animais e **adoravas** a tudo isso.

Pretérito imperfeito

Tu **correste** nos campos, **alimentaste** os animais e **ordenhaste** as vacas hoje.

Pretérito perfeito

D) Pretérito mais-que-perfeito: exprime um fato passado já concluído em relação a outro também já concluído no passado.

Exemplo:

Quando gritou por socorro, a filha já **gritara**.

E) **Futuro do presente:** exprime um fato que ocorrerá após o momento em que se fala, denotando ideia de certeza ou probabilidade.

Exemplo:

Eu **entregarei** todos meus relatórios amanhã.
Também pode denotar:

- Dúvida ou incerteza sobre fatos atuais.

Exemplo:

Estará ele naquela velha casa arruinada?

- Denotar valor de ordem.

Exemplo:

Não **duvides** de teus pais.

F) **Futuro do pretérito:** é utilizado para exprimir:

- Um fato futuro em relação a um fato passado.

Exemplo:

Ele não me disse que não **viria** à festa.

- Dúvida ou incerteza sobre um fato passado.

Exemplo:

Naquele episódio, vocês **estariam** com mais ou menos dois anos de casados.

- Afirmações dependentes de condição.

Exemplo:

Se me chamassem para a viagem, eu **aceitaria** de bom grado.

Modo Subjuntivo

A) **Presente:** é empregado nas orações dependentes, as chamadas subordinadas, e pode expressar não só ideia de fatos presentes com também fatos passados.

Exemplo:

É importante que eles **continuem** na escola. (presente)

Proponho que todos **brindem** a essa união de Paulo e Roberta. (futuro)

É notado também em orações independentes e utilizado para exprimir desejo ou dúvida.

Exemplos:

Quem sabe me **deixem** em paz nesta terra longínqua.

Que lhe **tenha** amor para sempre!

B) **Pretérito imperfeito:** pode denotar ideia de presente, passado ou futuro em relação ao verbo da oração principal.

Exemplos:

Caso, neste instante, **houvesse** diálogo, chegaríamos a um acordo. (presente)

Conquanto **conseguisse** o emprego, não conseguiria pagar suas contas. (passado)

Eu o perdoaria, se me **contasse** a verdade (futuro)

C) **Futuro:** é empregado em orações dependentes, para indicar ação eventual no futuro.

Exemplo:

Darei a você um belo carro, se **passar** no vestibular.

Modelo de Conjugação de Verbos

Modo Indicativo

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES

VERBO DE 1ª CONJUGAÇÃO – CANTAR

Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito
canto	cantei	cantava	cantarei	cantaria
cantas	cantaste	cantavas	cantarás	cantarias
canta	cantou	cantava	cantará	cantaria
cantamos	cantamos	cantávamos	cantaremos	cantaríamos
cantais	cantastes	cantáveis	cantareis	cantaríeis
cantam	cantaram	cantavam	cantarão	cantariam

VERBO DE 2ª CONJUGAÇÃO – COMER

Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito
como	comi	comia	comerei	comeria
comes	comeste	comias	comerás	comerias
come	comeu	comia	comerá	comeria
comemos	comemos	comíamos	comeremos	comeríamos
comeis	comestes	comíeis	comereis	comeríeis
comem	comeram	comiam	comerão	comeriam

VERBO DE 3ª CONJUGAÇÃO – PARTIR

Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito
parto	parti	partia	partirei	partiria
partes	partiste	partias	partirás	partirias
parte	partiu	partia	partirá	partiria
partimos	partimos	partíamos	partiremos	partiríamos
partis	partistes	partíeis	partireis	partiríeis
partem	partiram	partiam	partirão	partiriam

Modo Subjuntivo

	Presente	Pretérito Perfeito	Futuro / Futuro do Presente
CANTAR	Que eu: cante	Se eu: cantasse	Quando eu: cantar
	Que tu: cantes	Se tu: cantasses	Quando tu: cantares
	Que ele: cante	Se ele: cantasse	Quando ele: cantar
	Que nós: cantemos	Se nós: cantássemos	Quando nós: cantarmos
	Que vós: canteis	Se vós: cantásseis	Quando vós: cantardes
	Que eles: cantem	Se eles: cantassem	Quando eles: cantarem

VENDER	Presente	Pretérito Perfeito	Futuro / Futuro do Presente
	Que eu: venda	Se eu: vendesse	Quando eu: vender
	Que tu: vendas	Se tu: vendesses	Quando tu: venderes
	Que ele: venda	Se ele: vendesse	Quando ele: vender
	Que nós: vendamos	Se nós: vendêssemos	Quando nós: vendermos
	Que vós: vendais	Se vós: vendêsseis	Quando vós: venderdes
	Que eles: vendam	Se eles: vendessem	Quando eles: venderem

PARTIR	Presente	Pretérito Perfeito	Futuro / Futuro do Presente
	Que eu: parta	Se eu: partisse	Quando eu: partir
	Que tu: partas	Se tu: partisses	Quando tu: partires
	Que ele: parta	Se ele: partisse	Quando ele: partir
	Que nós: partamos	Se nós: partíssemos	Quando nós: partirmos
	Que vós: partais	Se vós: partísseis	Quando vós: partirdes
	Que eles: partam	Se eles: partissem	Quando eles: partirem

Modo Imperativo

Formação do imperativo afirmativo:

No imperativo afirmativo, a 2ª pessoa do singular (tu) e a 2ª pessoa do plural (vós) derivam do presente do indicativo, sendo retirado o -s final das formas conjugadas no presente.

Presente do indicativo:

Tu estudas

Vós estudais

A 3ª pessoa do singular (ele), a 1ª pessoa do plural (nós) e a 3ª pessoa do plural (eles) derivam do presente do subjuntivo, sendo conjugadas da mesma forma.

Presente do subjuntivo:

Que ele estude

Que nós estudemos

Que eles estudem

VERBOS REGULARES DA 1ª CONJUGAÇÃO

Estudar	Trabalhar	Falar
— (eu)	— (eu)	— (eu)
estuda (tu)	trabalha (tu)	fala (tu)
estude (você)	trabalhe (você)	fala (você)
estudemos (nós)	trabalhemos (nós)	falemos (nós)
estudai (vós)	trabalhai (vós)	falai (vós)
estudem (vocês)	trabalhem (vocês)	falem (vocês)

VERBOS REGULARES DA 2ª CONJUGAÇÃO

Aprender	Entender	Correr
— (eu)	— (eu)	— (eu)
aprende (tu)	entende (tu)	corre (tu)
aprenda (você)	entenda (você)	corra (você)
aprendamos (nós)	entendamos (nós)	corramos (nós)
aprendei (vós)	entendei (vós)	correi (vós)
aprendam (vocês)	entendam (vocês)	corram (vocês)

VERBOS REGULARES DA 3ª CONJUGAÇÃO

Partir	Dividir	Cumprir
— (eu)	— (eu)	— (eu)
parte (tu)	divide (tu)	cumpre (tu)
parta (você)	divida (você)	cumpra (você)
partamos (nós)	dividamos (nós)	cumpramos (nós)
parti (vós)	dividi (vós)	cumpri (vós)
partam (vocês)	dividam (vocês)	cumpram (vocês)

Formação do imperativo negativo:

O imperativo negativo é conjugado conforme o presente do subjuntivo.

Presente do subjuntivo:

Que tu estudes

Que ele estude

Que nós estudemos

Que vós estudeis

Que eles estudem

VERBOS REGULARES 1ª, 2ª E 3ª CONJUGAÇÕES

Parar	Trazer	Sair
— (eu)	— (eu)	— (eu)
não pares (tu)	não tragas (tu)	não saias (tu)
não pare (você)	não traga (você)	não saia (você)
não paremos (nós)	não tragamos (nós)	não saiamos (nós)
não pareis (vós)	não tragais (vós)	não saiais (vós)
não parem (vocês)	não tragam (vocês)	não saiam (vocês)

Correlações Verbais

Entende-se por correlações verbais a harmonia e a coerência que se dão entre as formas verbais expressas no discurso propriamente dito. A intenção é fazer que predomine o aspecto lógico, objetivo das ideias expostas.

Elas ocorrem da seguinte maneira:

1. Presente do modo indicativo + pretérito perfeito composto do modo subjuntivo:

Exemplo:

Acredito que ela tenha dito a verdade.

2. Futuro do subjuntivo + futuro do presente do modo indicativo:

Exemplo:

Se ele contar a verdade, nós lhe perdoademos.

3. Futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo:

Exemplo:

Quando você cumprir as tarefas da escola, deixarei jogar videogame.

4. Presente do modo indicativo + presente do modo subjuntivo:

Exemplo:

Gosto que me tratem bem.

5. Futuro do subjuntivo + futuro do presente do modo indicativo:

Exemplo:

Quando você contar a verdade, iremos viajar.

6. Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo:

Exemplo:

Se você tivesse dito verdade, eu teria conseguido a confiança da patroa.

7. Pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo:

Exemplo:

Implorei que ela dissesse a verdade.

8. Pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo:

Exemplo:

Se você dissesse a verdade no trabalho, eu o ajudaria em sua promoção.

B) O pretérito perfeito do indicativo representa o evento intermediário, já que denota uma ação cujo acontecimento é duradouro no passado.

C) O pretérito imperfeito do indicativo descreve a ação mais passada em relação às outras duas, porque é o tempo verbal dos eventos contínuos.

D) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo tem o mesmo valor do pretérito perfeito do indicativo, dado que indicam simultaneidade.

E) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo veicula o evento mais anterior, pois se refere a uma ação que acontece antes das outras.

02. (Enem/2018) Aconteceu mais de uma vez: ele me abandonou. Como todos os outros. O quinto. A gente já estava junto há mais de um ano. Parecia que dessa vez seria para sempre. Mas não: ele desapareceu de repente, sem deixar rastro. Quando me dei conta, fiquei horas ligando sem parar – mas só chamava, chamava, e ninguém atendia. E então fiz o que precisava ser feito: bloqueei a linha.

A verdade é que nenhum telefone celular me suporta. Já tentei de todas as marcas e operadoras, apenas para descobrir que eles são todos iguais: na primeira oportunidade, dão no pé. Esse último aproveitou que eu estava distraído e não desceu do táxi junto comigo. Ou será que ele já tinha pulado do meu bolso no momento em que eu embarcava no táxi? Tomara que sim. Depois de fazer o que me fez, quero mais é que ele tenha ido parar na sarjeta. [...] Se ainda fossem embora do jeito que chegaram, tudo bem. [...] Mas já sei o que vou fazer. No caminho da loja de celulares, vou passar numa papelaria. Pensando bem, nenhuma das minhas agendinhas de papel jamais me abandonou.

FREIRE, R. *Começar de novo*. O Estado de S. Paulo, 24 nov. 2006.

Nesse fragmento, a fim de atrair a atenção do leitor e de estabelecer um fio condutor de sentido, o autor utiliza-se de

- A) primeira pessoa do singular para imprimir subjetividade ao relato de mais uma desilusão amorosa.
- B) ironia para tratar da relação com os celulares na era de produtos altamente descartáveis.
- C) frases feitas na apresentação de situações amorosas estereotipadas para construir a ambientação do texto.
- D) quebra de expectativa como estratégia argumentativa para ocultar informações.
- E) verbos no tempo pretérito para enfatizar uma aproximação com os fatos abordados ao longo do texto.

• Texto para a questão 03.

MENTIRAS FAZEM COM QUE O CÉREBRO SE ADAPTE À DESONESTIDADE COM O TEMPO

Estudo diz que a reação emocional negativa de atos desonestos diminui conforme a frequência

Os seres humanos, ou pelo menos a maioria deles, contam com mecanismos biológicos que dificultam os comportamentos desonestos. Quando mentimos, experimentamos vários tipos de excitação emocional que fazem com que nos sintamos mal. Essas reações podem ser medidas e são a base dos detectores de mentiras. Alguns pesquisadores demonstraram até que é possível derrubar com fármacos as barreiras fisiológicas contra a transgressão. Em uma experiência com estudantes, foi observado que quando tomavam um medicamento simpaticolítico, que bloqueia os sinais associados com o comportamento desonesto, tinham o dobro de probabilidade de enganar outra pessoa durante um exame do que aqueles que tomaram placebo.



Exercícios de Fixação

- Texto para a questão 01.

A VOZ SUBTERRÂNEA

Às vezes ouvia-se um canto surdo,
que parecia vir debaixo da terra.
Até que os homens da superfície,
para desvendar o mistério,
puseram-se a fazer escavações.
Sim! eram os homens das minas,
que um desabamento ali havia aprisionado.

E ninguém suspeitava da sua existência,
porque já haviam passado três ou quatro gerações!
Mas a luz forte das lanternas não os ofuscou:
eles estavam cegos
– todos, homens, mulheres, crianças.
Eles estavam cegos... e cantavam!

QUINTANA, Mario. *Baú de espantos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

01. (PUC-PR/2018) Os acontecimentos descritos por Quintana em seu texto podem ser postos em ordem cronológica pelo leitor: “havia aprisionado” > “ouvia-se” > “puseram-se”. Sobre os tempos verbais dessa relação, é correto afirmar que:

- A) O pretérito imperfeito do indicativo é o evento mais recente, uma vez que descreve um evento pontual no passado sem duração de tempo.

Um bom número de análises mostrou que a resposta a um estímulo que provoca uma emoção enfraquece com o tempo. A repulsa que pode provocar a violência ou a ilusão da paixão perde intensidade quando são experimentadas muitas vezes. Um grupo de pesquisadores da University College London comprovou que isso também ocorre com as sensações associadas a burlar as normas morais, um fenômeno que poderia explicar como se pode chegar a cometer atos desonestos graves a partir de outros que, a princípio, parecem irrelevantes.

Em um artigo publicado na revista *Nature*, os autores colocaram à prova os participantes de vários experimentos que tinham a oportunidade de mentir para obter benefícios pessoais à custa de outros. Os voluntários, 80 pessoas entre 18 e 65 anos, deviam estimar, junto a um companheiro que não viam, a quantidade de dinheiro contida em um recipiente. Foram apresentadas várias situações. Na primeira, os indivíduos deviam se aproximar ao máximo do valor real para que os dois se beneficiassem. Em outras fases do jogo, passar da quantia ou ficar aquém dela era algo que beneficiaria o participante às custas de seu companheiro, ou que beneficiaria o companheiro às custas do participante ou ainda que beneficiaria um dos dois sem prejuízo para o outro. Com este jogo, os cientistas observaram que as pequenas desonestidades para obter um ganho às custas do parceiro aumentavam progressivamente.

Além disso, parte dos participantes teve sua atividade cerebral medida através de ressonância magnética funcional. Assim, foi observado que a resposta da amígdala, uma região do cérebro na qual se processam as reações emocionais, era mais intensa na primeira vez que os participantes enganavam seus companheiros. Essa reação, no entanto, ia se atenuando nas fases posteriores do jogo, e os autores eram capazes de prever o nível de desonestidade de um indivíduo a partir da redução da atividade na amígdala na prova anterior.

“Em conjunto, nossos resultados revelam um mecanismo biológico por trás da escalada de desonestidade”, apontam os autores do estudo. “Os resultados mostram os possíveis perigos de cometer pequenos atos desonestos, perigos que se observam com frequência em âmbitos que vão desde a política aos negócios ou à força da lei”. Por fim, eles concluem que esse conhecimento sobre o funcionamento dessa ladeira escorregadia da desonestidade pode ajudar a melhorar as políticas para evitar a corrupção.

Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/ciencia/1477320874_626628.html>. Acesso em: 25 out. 2016. Adaptado.

03. (UFJF-Pism/3-2017) O que seria correto afirmar com relação aos usos dos tempos verbais no trecho a seguir?

Um grupo de pesquisadores da University College London **comprovou** que isso também **ocorre** com as sensações associadas a burlar as normas morais, um fenômeno que **poderia explicar** como se **pode chegar** a cometer atos desonestos graves a partir de outros que, a princípio, **parecem** irrelevantes.

- A) A forma verbal “comprovou” está no pretérito perfeito para indicar a continuidade do estudo dos pesquisadores.
- B) A forma verbal “ocorre” está no presente do indicativo para indicar que o fenômeno acontece somente no exato momento em que se fala.
- C) A perífrase verbal “poderia explicar” tem seu verbo auxiliar no futuro do pretérito para indicar incerteza na explicação da assunção de atos desonestos.
- D) A perífrase verbal “pode chegar” tem seu verbo auxiliar no presente do indicativo para indicar certeza quanto à frequência de atos desonestos.
- E) A forma verbal “parecem” está no presente do indicativo para indicar situação não garantida no momento atual.

04. (Enem-PPL/2016)

PEDRA SOBRE PEDRA

Algumas fazendas gaúchas ainda preservam as taipas, muros de pedra para cercar o gado. Um tipo de cerca primitiva. Não há nada que prenda uma pedra na outra, cuidadosamente empilhadas com altura de até um metro. Engenharia simples que já dura 300 anos. A mesma técnica usada no mangueirão, uma espécie de curral onde os animais ficavam confinados à noite. As taipas são atribuídas aos jesuítas. O objetivo era domar o gado xucro solto nos campos pelos colonizadores espanhóis.

FERRI, M. *Revista Terra da Gente*, nº 96, abr. 2012.

- Um texto pode combinar diferentes funções de linguagem. Exemplo disso é “Pedra sobre pedra”, que se vale da função referencial e da metalinguística. A metalinguagem é estabelecida
- A) por tempos verbais articulados no presente e no pretérito.
 - B) pelas frases simples e referência ao ditado “não ficará pedra sobre pedra”.
 - C) pela linguagem impessoal e objetiva, marcada pela terceira pessoa.
 - D) pela definição de termos como “taipa” e “mangueirão”.
 - E) por adjetivos como “primitivas” e “simples”, indicando o ponto de vista do autor.

05. (Enem/2018)



- Nesse texto, busca-se convencer o leitor a mudar seu comportamento por meio da associação de verbos no modo imperativo à
- A) indicação de diversos canais de atendimento.
 - B) divulgação do Centro de Defesa da Mulher.
 - C) informação sobre a duração da campanha.
 - D) apresentação dos diversos apoiadores.
 - E) utilização da imagem das três mulheres.



Exercícios Propostos

01. (Enem/2017) João/Zero (Wagner Moura) é um cientista genial, mas infeliz porque há 20 anos atrás foi humilhado publicamente durante uma festa e perdeu Helena (Alinne Moraes), uma antiga e eterna paixão. Certo dia, uma experiência com um de seus inventos permite que ele faça uma viagem no tempo, retornando para aquela época e podendo interferir no seu destino. Mas quando ele retorna, descobre que sua vida mudou totalmente e agora precisa encontrar um jeito de mudar essa história, nem que para isso tenha que voltar novamente ao passado. Será que ele conseguirá acertar as coisas?

Disponível em: <<http://adorocinema.com>>. Acesso em: 4 out. 2011.

Qual aspecto da organização gramatical atualiza os eventos apresentados na resenha, contribuindo para despertar o interesse do leitor pelo filme?

- A) O emprego do verbo “haver”, em vez de “ter”, em “há 20 anos atrás foi humilhado”.
- B) A descrição dos fatos com verbos no presente do indicativo, como “retorna” e “descobre”.
- C) A repetição do emprego da conjunção “mas” para contrapor ideias.
- D) A finalização do texto com a frase de efeito “Será que ele conseguirá acertar as coisas?”.
- E) O uso do pronome de terceira pessoa “ele” ao longo do texto para fazer referência ao protagonista “João/Zero”.

02. (Enem/2002) “Narizinho correu os olhos pela assistência. Não podia haver nada mais curioso. Besourinhos de fraque e flores na lapela conversavam com baratinhas de mantilha e miosótis nos cabelos. Abelhas douradas, verdes e azuis, falavam mal das vespas de cintura fina – achando que era exagero usarem coletes tão apertados. Sardinhas aos centos criticavam os cuidados excessivos que as borboletas de toucados de gaze tinham com o pó das suas asas. Mamangavas de ferrões amarrados para não morderem. E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando, e caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo.”

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1947.

No último período do trecho, há uma série de verbos no gerúndio que contribuem para caracterizar o ambiente fantástico descrito.

Expressões como “camaronando”, “caranguejando” e “pequeninando e não mordendo” criam, principalmente, efeitos de

- A) esvaziamento de sentido.
- B) monotonia do ambiente.
- C) estaticidade dos animais.
- D) interrupção dos movimentos.
- E) dinamicidade do cenário.
- Texto para a questão 03.

O TRAPICHE

Sob a lua, num velho trapiche abandonado,
as crianças dormem.

Antigamente aqui era o mar. Nas grandes e negras pedras dos alicerces do trapiche as ondas ora se rebentavam fragorosas, ora vinham se bater mansamente. A água passava por baixo da ponte sob a qual muitas crianças repousam agora, iluminadas por uma réstia amarela de lua. Desta ponte saíram inúmeros veleiros carregados, alguns eram enormes e pintados

de estranhas cores, para a aventura das travessias marítimas. Aqui vinham encher os porões e atracavam nesta ponte de tábuas, hoje comidas. Antigamente diante do trapiche se estendia o mistério do mar oceano, as noites diante dele eram de um verde escuro, quase negras, daquela cor misteriosa que é a cor do mar à noite.

Hoje a noite é alva em frente ao trapiche. É que na sua frente se estende agora o areal do cais do porto. Por baixo da ponte não há mais rumor de ondas. A areia invadiu tudo, fez o mar recuar de muitos metros. Aos poucos, lentamente, a areia foi conquistando a frente do trapiche. Não mais atracaram na sua ponte os veleiros que iam partir carregados. Não mais trabalharam ali os negros musculosos que vieram da escravatura. Não mais cantou na velha ponte uma canção um marinheiro nostálgico. A areia se estendeu muito alva em frente ao trapiche. E nunca mais encheram de fardos, de sacos, de caixões, o imenso casarão. Ficou abandonado em meio ao areal, mancha negra na brancura do cais.

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 25.

03. (UFRN/2013) Em relação aos tempos verbais presentes no fragmento, o narrador emprega
- A) o pretérito perfeito e o presente, tempos básicos da narração, para simular a presença do leitor na realidade degradante do trapiche.
- B) o pretérito imperfeito e o presente nos trechos narrativos, para construir uma imagem decadente do trapiche.
- C) o pretérito perfeito e o presente, tempos básicos da descrição, para relatar o processo contínuo, do passado até o presente, de invasão da areia no trapiche.
- D) o pretérito imperfeito e o presente nos trechos descritivos, para construir duas imagens do trapiche contrastantes entre si.

- Texto para a questão 04.



Disponível em: <www.terra.com.br/revistaplaneta/edicoes/465/artigo220627-1.htm>. Acesso em: 14 jul. 2011. Adaptado.

04. (UFRN/2012) A figura é uma capa da revista *Planeta*. Em sua chamada principal, cujo tema é o crescimento populacional,
- o emprego dos tempos verbais presente e futuro estabelece uma relação de projeção entre a realidade atual e os desafios a serem enfrentados.
 - os termos “água”, “ar” e “combustíveis” mantêm uma relação de sinonímia com a expressão “recursos naturais”.
 - os termos “estudos” e “desafios” mantêm uma relação de oposição com o conteúdo probabilístico da matéria.
 - o emprego dos verbos “nascer” e “ser”, no tempo futuro, estabelece uma relação de contradição com a afirmativa “Somos 7 bilhões”.

- Texto para a questão 05.

[Sem-Pernas] queria alegria, uma mão que o acarinhasse, alguém que com muito amor o fizesse esquecer o defeito físico e os muitos anos (talvez tivessem sido apenas meses ou semanas, mas para ele seriam sempre longos anos) que vivera sozinho nas ruas da cidade, hostilizado pelos homens que passavam, empurrado pelos guardas, surrado pelos moleques maiores. Nunca tivera família. Vivera na casa de um padeiro a quem chamava “meu padrinho” e que o surrava. Fugiu logo que pôde compreender que a fuga o libertaria. Sofreu fome, um dia levaram-no preso. Ele quer um carinho, uma mão que passe sobre os seus olhos e faça com que ele possa se esquecer daquela noite na cadeia, quando os soldados bêbados o fizeram correr com sua perna coxa em volta de uma saleta. Em cada canto estava um com uma borracha comprida. As marcas que ficaram nas suas costas desapareceram. Mas de dentro dele nunca desapareceu a dor daquela hora. Corria na saleta como um animal perseguido por outros mais fortes. A perna coxa se recusava a ajudá-lo. E a borracha zunia nas suas costas quando o cansaço o fazia parar.

A princípio chorou muito, depois, não sabe como, as lágrimas secaram. Certa hora não resistiu mais, abateu-se no chão. Sangrava.

Ainda hoje ouve como os soldados riam e como riua aquele homem de colete cinzento que fumava um charuto.

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*.

05. (Unifesp/2011) O zigue-zague temporal ligado à vida de Sem-Pernas, empregado no fragmento para a composição da personagem, é construído de maneira muito precisa, por meio da utilização alternada de diversos tempos verbais. Indique a alternativa em que há, respectivamente, um tempo verbal que expressa fatos ocorridos num tempo anterior a outros fatos do passado e um tempo verbal usado para marcar o caráter hipotético de certas ações ou o desejo de que se realizassem.
- Vivera** na casa de um padeiro (...) – uma mão que o **acarinhasse** (...)
 - Em cada canto **estava** um com uma borracha comprida. – **Sofreu** fome.
 - Nunca **tivera** família. – A perna coxa se **recusava** a ajudá-lo.
 - A princípio **chorou** muito (...) – Mas de dentro dele nunca **desapareceu** a dor daquela hora.
 - Ele **quer** um carinho (...) – Um dia **levaram-no** preso.

- Texto para a questão 06.

POEMA OBSCENO

Façam a festa
cantem e dancem
que eu faço o poema duro
o poema-murro
sujo
como a miséria brasileira

Não se detenham:
façam a festa
Bethânia Martinho
Clementina

Estação Primeira de Mangueira Salgueiro
gente de Vila Isabel e Madureira
todos
façam
a nossa festa
enquanto eu soco este pilão
este surdo
poema
que não toca no rádio
que o povo não cantará
(mas que nasce dele)

Não se prestará a análises estruturalistas
Não entrará nas antologias oficiais
Obsceno
como o salário de um trabalhador aposentado
o poema
terá o destino dos que habitam o lado escuro do país
– e espreitam.

GULLAR, F. *Toda poesia*. São Paulo: Círculo do Livro, s. d. p. 338.

06. (UEL/2010) Sobre o texto, considere as afirmativas a seguir:
- O verbo “socar”, aplicado ao fazer poético, revela a tendência metalinguística da poesia do autor;
 - A conjunção adversativa “mas” (verso 21) estabelece oposição entre povo e poema;
 - A alternância entre o imperativo afirmativo e o negativo representa a separação entre o eu lírico (eu) e o povo (todos);
 - Em relação aos tempos verbais no poema, ao referir-se à “festa”, há o emprego do imperativo.

Assinale a alternativa correta.

- Somente as afirmativas I e II são corretas.
- Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

07. (Enem PPL/2015)

**ANFÍBIO COM FORMATO DE COBRA É
DESCOBERTO NO RIO MADEIRA (RO)**

Animal raro foi encontrado por biólogos em canteiro de obras de usina. Exemplares estão no Museu Emilio Goeldi, no Pará.

O trabalho de um grupo de biólogos no canteiro de obras da Usina Hidrelétrica Santo Antônio, no Rio Madeira, em Porto Velho, resultou na descoberta de um anfíbio de formato parecido com uma cobra. *Atretochoana eiselti* é o nome científico do animal raro descoberto em Rondônia. Até então, só havia registro do anfíbio no Museu de História Natural de Viena e na Universidade de Brasília. Nenhum deles tem a descrição exata de localidade, apenas “América do Sul”. A descoberta ocorreu em dezembro do ano passado, mas apenas agora foi divulgada.

XIMENES, M. Disponível em: <<http://g1.globo.com>>. Acesso em: 1 ago. 2012.

A notícia é um gênero textual em que predomina a função referencial da linguagem. No texto, essa predominância evidencia-se pelo(a)

- A) recorrência de verbos no presente para convencer o leitor.
- B) uso da impessoalidade para assegurar a objetividade da informação.
- C) questionamento do código linguístico na construção da notícia.
- D) utilização de expressões úteis que mantêm aberto o canal de comunicação com o leitor.
- E) emprego dos sinais de pontuação para expressar as emoções do autor.

08. (PUC-SP/2009)

A APOTEOSE DO BESTEIROL ENERGÉTICO

Um momento histórico! O clímax, o ponto que todos pensávamos ser inatingível foi enfim alcançado. O apogeu do besteirol energético brasileiro. Se não vejamos.

Há três ou quatro anos que um dos mais renomados e respeitados físicos brasileiros, Roberto Salmeron, vem insistindo com autoridades do país para que o Brasil se associe ao esforço internacional em prol do desenvolvimento da fusão nuclear para produção de energia. O esforço seria concentrado em uma instituição multinacional denominada ITER (International Thermonuclear Experimental Reactor).

Essa tecnologia é o sonho de cientistas para a solução definitiva do excruciante problema de fornecimento de energia no futuro. É uma alternativa não poluente, ou seja, limpa, não contribuindo de maneira significativa seja para o efeito estufa, seja para diferentes formas de impactos negativos locais ao meio ambiente. É um combustível abundante, inesgotável quase e democraticamente distribuído (são principalmente isótopos do hidrogênio, portanto, encontrado onde houver água).

De acordo com essa proposta, o Brasil associar-se-ia a Portugal, o que seria garantido por acordos já existentes entre os dois países. O Brasil teria pleno e irrestrito acesso a resultados experimentais, nossos pesquisadores podendo (ou melhor, devendo) participar dos experimentos e dos cálculos. A adesão custaria aproximadamente US\$1 milhão. A proposta rolou, rolou... e nada aconteceu.

LEITE, Rogério Cezar de Cerqueira. *Folha de São Paulo*, 18 de novembro de 2008.

O que indicam os tempos verbais destacados?

- A) O clímax, o ponto que todos **pensávamos** ser inatingível foi enfim alcançado – o verbo no pretérito imperfeito do indicativo expressa a obrigatoriedade de todos pensarmos do mesmo modo.
- B) Essa tecnologia **é** o sonho de cientistas para a solução definitiva do excruciante problema de fornecimento de energia no futuro. **É** uma alternativa não poluente – os verbos no presente do modo indicativo indicam que os fatos talvez se concretizem.
- C) o Brasil **associar-se-ia** a Portugal, o que **seria** garantido por acordos já existentes entre os dois países – os verbos no futuro do pretérito do modo indicativo indicam que os fatos que futuramente poderiam se concretizar não se concretizaram.
- D) O Brasil **teria** pleno e irrestrito acesso a resultados experimentais, nossos pesquisadores podendo (ou melhor, devendo) participar dos experimentos e dos cálculos. A adesão **custaria** aproximadamente US\$1 milhão – os verbos no futuro do pretérito do modo indicativo indicam que os fatos voltaram a se concretizar.
- E) A proposta **rolou, rolou...** e nada **aconteceu** – o pretérito perfeito do indicativo indica que ainda há chance de a proposta de associação entre Brasil e Portugal, que continuou em discussão, se efetive.

- Texto para a questão 09.

NOTÍCIAS DO ALÉM

Aquele que morrer primeiro e for para o céu deverá voltar à Terra para contar ao outro como é a vida lá no paraíso. Assim ficou combinado entre Francisco e Sebastião, amigos inseparáveis e apaixonados pelo futebol. Francisco teve morte súbita e, passado algum tempo, no meio da noite, sua alma apareceu ao colega:

— Nossa Senhora, Chico! Você veio mesmo!

— Estou aqui, Tião, para cumprir a minha promessa, trazendo-lhe duas notícias.

— Então me fala.

— O céu é uma maravilha, um colosso, uma beleza. Tem futebol todo dia.

— E a outra?

— A outra é que você está escalado para jogar no meu time amanhã cedo.

DIAS, M V R. "Humor na Marolândia". In: ILARI, R. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2001.

- 09. (Enem PPL/2012) Esse texto pode ser analisado sob dois pontos de vista que incluem situações diferentes de interlocução: a primeira, considerando seu produtor e seus potenciais leitores; e a segunda, considerando os interlocutores Francisco e Sebastião. Para cada uma dessas situações, o produtor do texto tem um objetivo específico que se determina, não só pela situação, mas também pelo gênero textual.

Os verbos que sintetizam os objetivos do produtor nas duas situações propostas são, respectivamente,

- A) entreter e seduzir.
- B) divertir e informar.
- C) distrair e comover.
- D) recrear e assustar.
- E) alegrar e intimidar.

- Texto para a questão 10.

SENHOR FEUDAL

Se Pedro Segundo

Vier aqui

Com história

Eu boto ele na cadeia.

Oswald de Andrade

- 10. (Unifesp/2005) A correlação entre os tempos verbais está correta em:
 - A) Se Pedro Segundo viesse aqui com história, eu botaria ele na cadeia.
 - B) Se Pedro Segundo vem aqui com história, eu botava ele na cadeia.
 - C) Se Pedro Segundo viesse aqui com história, eu boto ele na cadeia.
 - D) Se Pedro Segundo vinha aqui com história, eu botara ele na cadeia.
 - E) Se Pedro Segundo vier aqui com história, eu terei botado ele na cadeia.

Bibliografia

- ANTUNES, Irlandé. *Gramática Contextualizada: limpando 'o pó das ideias simples'*. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- COSTA VAL, M. Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário de Etimologia da Língua Portuguesa*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.
- FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2002. (versão 2009)
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 52ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário Prático de Regência Verbal*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 2010.
- MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da língua portuguesa*, volume único. 11ª ed. São Paulo: Saraiva, 2014.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Na trilha da gramática: conhecimento linguístico na alfabetização e letramento*. São Paulo: Cortez, 2013.
- REGIS, Herman Wagner de Freitas. *Gramática aplicada aos contextos da língua portuguesa*. 1ª ed. Fortaleza: Editora Dinâmica, 2012.



Anotações

LÍNGUA PORTUGUESA V

MÚTIPLAS LINGUAGENS

Objetivo(s):

- Compreender a Língua Portuguesa como um organismo vivo, que recebeu diversas influências em sua constituição e se transformou ao longo dos séculos.
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.
- Explorar as expressões artísticas em antigas civilizações.
- Reconhecer aspectos fundamentais das artes ancestrais e analisar suas funcionalidades.
- Apresentar a funcionalidade das artes ancestrais.
- Explorar o recurso da intertextualidade como uma releitura direta ou indireta de uma obra em outra, por vezes de gêneros, épocas e estilos diferentes.

Conteúdo:

AULA 06: O PATRIMÔNIO LINGUÍSTICO

Introdução	180
Exercícios	182

AULA 07: AS MODALIDADES ARTÍSTICAS ANCESTRAIS

Arte rupestre.....	187
Exercícios	189

AULA 08: A INTERTEXTUALIDADE E A METALINGUAGEM

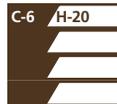
Intertextualidade.....	193
Metalinguagem.....	195
Exercícios	195

AULAS 09 E 10: O IMPRESSIONISMO, O PÓS-IMPRESSIONISMO E A ARTE BRASILEIRA NO SÉCULO XIX

Impressionismo.....	201
A Art Nouveau	202
O Pós-Impressionismo.....	202
Exercícios	203

Aula
06

O Patrimônio linguístico



Introdução

A identidade cultural de um povo está associada ao exercício da comunicação, já que somos seres sociais e, segundo o poeta, "o homem não é uma ilha." Nesses termos, a língua de um povo revela aspectos marcantes de sua cultura, o que podemos chamar de patrimônio linguístico. Embora exista o reconhecimento de tal status para a língua, ainda é recorrente o processo de extinção e de preconceito linguístico, isso porque, como organismo vivo, a língua precisa de um ambiente harmonioso para seu pleno funcionamento. Sob esse enfoque, os linguistas têm a árdua missão de catalogar, ensinar, entender, explicar, reconhecer todos os processos de transformação por que passa uma língua, desde sua origem até sua extinção. Além disso, os falantes são peças fundamentais nesse processo, pois eles são a fonte de disseminação de um idioma e, sem eles, não há evolução. O assunto é tão relevante que a Olimpíada de Linguística, os centros universitários e os variados exames vestibulares decidiram, pelo bem das línguas, adotar uma postura engajada frente a tal questão – discutir a problemática das línguas em suas provas e salas de aula. Dessa forma, as línguas transmitem a cultura (crenças, história, música, modismos) de um povo e precisam ser preservadas.

INFORMAÇÃO É CULTURA

LISTA DE LÍNGUAS POR TOTAL DE FALANTES

Os povos do mundo usam, segundo dados de 1995 do *Summer Institute of Linguistics* da Universidade do Texas, EUA, 6.703 línguas para se comunicar. A distribuição dessas línguas pelo globo processa-se desta maneira:

- Ásia: 33%
- África: 30%
- Oceania: 19%
- América: 15%
- Europa: 3%

Sobre esse total ainda podem ser considerados os dialetos – variações regionais de uma língua quanto à pronúncia e ao vocabulário – que são estimados entre 7 mil e 8 mil.

As dez línguas mais faladas (como línguas maternas) que são utilizadas por quase metade da população mundial (o que representa cerca de dois bilhões, quatrocentos e dois milhões de pessoas), são:

- mandarim (885 milhões)
- inglês (322 milhões)
- espanhol (266 milhões)
- português (215 milhões)
- bengali (189 milhões)
- hindi (182 milhões)
- russo (170 milhões)
- árabe (148 milhões)
- japonês (125 milhões)
- alemão (98 milhões).

Wikipédia, a enciclopédia livre.

O Patrimônio linguístico no Brasil

O português falado no Brasil é uma mistura de latim, tupy, africano que marcam a formação de nossa cultura. Além disso, outras línguas e culturas se somam ao desenvolvimento do português brasileiro. Segundo o censo do IBGE/2010, aproximadamente 200 línguas são faladas no Brasil, patrimônio cultural imaterial desconhecido por parte expressiva dos brasileiros. No entanto, governo e muitas outras entidades têm se esforçado para validar língua como elemento da cultura de um povo. Essa postura motivou a elaboração do Decreto Presidencial 7.387/2010, que instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). O INDL nasce como política interministerial envolvendo Ministério da Ciência, Tecnologia e Informação (MCTI), Ministério da Educação (MEC), Ministério do Orçamento e Gestão (MPOG), Ministério da Justiça (MJ), sob coordenação atual do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), enquanto representante do Ministério da Cultura e busca reconhecer as línguas como referência cultural brasileira, valorizando o plurilinguismo; apoiar os processos sociais e políticos que visem à promoção das línguas e de suas comunidades de falantes; pesquisa e documentação, bem como gerir um banco de conhecimentos sobre a diversidade linguística.

Os nove idiomas em processo de reconhecimento

Nome da língua	Origem	Onde é falada no Brasil	Quantos falantes
Kuikuro ou Cuicurus	Parque indígena do Xingu	Mato Grosso	522
Guarani-Mbyá	Guarani	Todo cinturão central do Brasil	8.400
Ayurú	Tupi	Rondônia	80
Asurini do Tocantins	Xingu/Tupi-Guarani	Tocantins/Pará	154
Juruna	Parque indígena do Xingu	Mato Grosso	241
Talian	Indo-europeu	Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul	500.000
Gira de Tabatinga	Banto	Minas Gerais	20
Jurussaca	Quilombola	Pará	600
L.I.B.R.A.S	Língua europeia de sinais	Em todo o Brasil	5.000

Disponível em: <<http://desafios.ipea.gov.br/index.php>>.

O Patrimônio linguístico no Enem

O Exame Nacional do Ensino Médio discute em seu plantel de itens as questões que envolvem o conhecimento do aluno sobre sua cultura linguística, como se observa na descrição da competência 6 habilidade 24, presente na matriz curricular.

Competência de área 6: Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade 20: Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

Para entender melhor esse processo, passemos a analisar itens já cobrados pelo Enem.

Matriz de Referência – Enem



Exercícios Resolvidos

- (Enem/2016) O acervo do Museu da Língua Portuguesa é o nosso idioma, um “patrimônio imaterial” que não pode ser, por isso, guardado e exposto em uma redoma de vidro. Assim, o museu, dedicado à valorização e difusão da língua portuguesa, reconhecidamente importante para a preservação de nossa identidade cultural, apresenta uma forma expositiva diferenciada das demais instituições museológicas do país e do mundo, usando tecnologia de ponta e recursos interativos para a apresentação de seus conteúdos.

Disponível em: <www.museulinguaportuguesa.org.br>. Acesso em: 16 ago. 2012. Adaptado.

De acordo com o texto, embora a língua portuguesa seja um “patrimônio imaterial”, pode ser exposta em um museu. A relevância desse tipo de iniciativa está pautada no pressuposto de que

- A) a língua é um importante instrumento de constituição social de seus usuários.
- B) o modo de falar o português padrão deve ser divulgado ao grande público.
- C) a escola precisa de parceiros na tarefa de valorização da língua portuguesa.
- D) o contato do público com a norma-padrão solicita o uso de tecnologia de última geração.
- E) as atividades lúdicas dos falantes com sua própria língua melhoram com o uso de recursos tecnológicos.

Comentário:

No texto desta questão, notamos que a língua portuguesa constitui um “patrimônio imaterial”, não podendo ser apresentada, de uma forma tradicional, em museus. No texto, pressupomos que a língua é um importante instrumento de constituição social de seus usuários, daí o uso de atividades lúdicas e de recursos tecnológicos na apresentação da história e de recursos tecnológicos na apresentação da história de nossa língua, no Museu da Língua Portuguesa.

Resposta: A

- (Enem/2015) No ano de 1985 aconteceu um acidente muito grave em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, perto da aldeia guarani de Sapukai. Choveu muito e as águas pluviais provocaram deslizamentos de terras das encostas da Serra do Mar, destruindo o Laboratório de Radioecologia da Central Nuclear Almirante Álvaro Alberto, construída em 1970 num lugar que os índios tupinambás, há mais de 500 anos, chamavam de Itaorna.

O prejuízo foi calculado na época em 8 bilhões de cruzeiros. Os engenheiros responsáveis pela construção da usina nuclear não sabiam que o nome dado pelos índios continha informação sobre a estrutura do solo, minado pelas águas da chuva. Só descobriram que Itaorna, em língua tupinambá, quer dizer ‘pedra podre’, depois do acidente.

FREIRE, J. R. B. Disponível em: <www.taquiprati.com.br>. Acesso em: 1 ago. 2012. Adaptado.

Considerando-se a história da ocupação na região de Angra dos Reis mencionada no texto, os fenômenos naturais que atingiram poderiam ter sido previstos e suas consequências minimizadas se

- A) o acervo linguístico indígena fosse conhecido e valorizado.
- B) as línguas indígenas brasileiras tivessem sido substituídas pela língua geral.
- C) o conhecimento acadêmico tivesse sido priorizado pelos engenheiros.
- D) a língua tupinambá tivesse palavras adequadas para descrever o solo.
- E) o laboratório tivesse sido construído de acordo com as leis ambientais vigentes na época.

Comentário:

O texto “O léxico a cultura” aborda o potencial que todas as línguas têm para expressar qualquer conteúdo. Segundo seu autor, não há diferença qualitativa entre os idiomas, por isso qualquer idioma, mesmo os já considerados extintos, são capazes de expressar qualquer assunto, embora essa tarefa demandasse muito tempo. Dentre as alternativas, aquela que melhor complementa o sentido do verbo “ênfatisar” é a D, que afirma existir diferentes vocabulares entre os idiomas. Considera-se, também, a especificidade de cada cultura em diferentes comunidades.

Resposta: D

Portanto, a diversidade cultural linguística no Brasil é registro de identidade de seu povo, mas padece frente ao descaso, sobretudo, da ignorância da própria sociedade. Para tanto, listam-se a seguir procedimentos que ajudarão a conhecer melhor essa causa e lutar por seu melhoramento.

- Os artigos 215 e 216 da Constituição versam sobre a proteção à cultura, dentre outros elementos, onde se encaixa a proteção à língua, configurando-a com um elemento difusor de nossa cultura. “Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. §1º – O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.”

Constituição da República Federativa do Brasil

- Foi criado em 2010 o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), que analisa, além dos riscos de extinção, também o movimento das línguas com o tempo. Entre suas atividades está o financiamento de projetos-piloto para o estudo de idiomas no Brasil, trabalho em que conta com a contribuição de universidades nacionais.

Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/para-preservar-idiomas-brasil-mapeia-diversidade->>

- A linguagem, enquanto manifestação cultural estritamente atrelada à liberdade e à essência da vida humana, pode ser considerada no plano jurídico como bem cultural que confere concreção aos direitos humanos e como axioma de sustentação do patrimônio cultural.

Tauã Lima Verdan Rangel

- Uma das iniciativas precursoras no sentido da implementação de uma educação indígena diferenciada ocorreu no âmbito do Programa “Interação entre educação básica e contextos culturais específicos”, desenvolvido na década de 1980 pela Secretaria de Cultura do MEC em parceria com a Secretaria de Primeiro e Segundo Grau desse mesmo ministério, e outros órgãos federais e locais. Essa ação é atualmente conduzida pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade Cultural do MEC.

Maria Cecília Londres Fonseca. Disponível em: <<http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=215>>.

- O projeto *Mantendo Vivas as Vozes da Floresta: Documentação das Tradições Orais Amazônicas* se propõe a recolher narrativas, histórias de vida, lendas e canções. Esse trabalho vem sendo desenvolvido desde 2008, utilizando audiovisuais e transcrições textuais para capturar, nas aldeias indígenas, momentos formais e informais do uso das línguas. Como a maioria dessas línguas é transmitida apenas oralmente, a documentação é fundamental para a preservação, e pode servir como incentivo e apoio pedagógico para o ensino das línguas aos descendentes. O projeto atinge cinco grupos indígenas, de acordo com as comunidades estudadas: parcatejê, do tronco linguístico macrojê; apurinã, araueté, xipaia e mundurucu. No caso dos parcatejês, que vivem próximo ao município de Bom Jesus do Tocantins (PA), restaram, hoje, pouco mais de 400 integrantes, sendo que somente 9% falam a língua materna.

Ministério da Educação



Exercícios de Fixação

01. (Enem)

Yaô

Aqui có no terreiro
Pelú adié
Faz inveja pra gente
Que não tem mulher

No jacutá de preto velho
Há uma festa de yaô

Ôi tem nêga de Ogum
De Oxalá, de lemanjá

Mucama de Oxossi é caçador
Ora viva Nanã
Nanã Buruku

Yô yoo
Yô yooo

No terreiro de preto velho iaiá
Vamos saravá (a quem meu pai?)
Xangô!

VIANA, G. Agó, Pixinguinha! 100 Anos. Som Livre, 1997.

A canção *Yaô* foi composta na década de 1930 por Pixinguinha, em parceria com Gastão Viana, que escreveu a letra. O texto mistura o português com o iorubá, língua usada por africanos escravizados trazidos para o Brasil. Ao fazer uso do iorubá nessa composição, o autor

- A) promove uma crítica bem-humorada às religiões afro-brasileiras, destacando diversos orixás.
- B) ressalta uma mostra da marca da cultura africana, que se mantém viva na produção musical brasileira.

- C) evidencia a superioridade da cultura africana e seu caráter de resistência à dominação do branco.
- D) deixa à mostra a separação racial e cultural que caracteriza a constituição do povo brasileiro.
- E) expressa os rituais africanos com maior autenticidade, respeitando as referências originais.

02. (Enem – Libras)

PODE UM IDIOMA CONSIDERADO EXTINTO E POUCO DOCUMENTADO SER NOVAMENTE PARTE ATIVA DO PATRIMÔNIO LINGUÍSTICO?

A melhor maneira de saber como ocorre uma revitalização linguística é examinando um marco na luta indígena: a recuperação da língua pataxó. Eni Orlandi, da Universidade Estadual de Campinas, esteve na equipe que coletou e analisou evidências linguísticas que ajudaram a reconstituir a variante do pataxó falada mais ao norte da região de Porto Seguro (BA), a hãhãhãe.

“Os pataxós viveram perseguições e movimentos de dispersão. A partir dos anos 1980, entretanto, conseguiram criar um espaço em que reivindicaram seu direito ao território tradicional que haviam perdido. Outras perdas acompanharam essa. Entre os bens perdidos, estava a língua. A posse da língua significa para eles o seu desejo de ser índio, em um momento de ameaça de extermínio”, diz a pesquisadora. “A pesquisa foi feita em condições difíceis: uma só informante, Baheta, muito idosa, sem interlocutores reais (só os da memória, imaginados), e experimentando dificuldades de lembrar; em condições de guerra à sua cultura; uma parte da identidade estigmatizada, já voltada ao esquecimento”, diz Orlandi no livro *Terra à vista*. Graças às reminiscências de Baheta, foram coletados dados suficientes para comparar as listas de palavras que já se possuía e estabelecer paralelos com línguas próximas.

Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br>. Acesso em: 28 jul. 2012. Adaptado.

O processo de busca de dados sobre a língua pataxó evidencia a importância da pesquisa voltada para a

- A) reconstituição da língua de um povo, por meio de dados históricos.
- B) preservação da cultura de um povo, por meio do resgate de sua história oral.
- C) comparação de línguas consideradas “mortas”, por meio de registros escritos.
- D) catalogação do léxico de uma língua, por meio da recuperação de documentos.
- E) valorização dos povos indígenas, por meio da tentativa de unificação de línguas próximas.

03. (Enem-PPL) No Brasil de hoje são falados por volta de 200 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 180 línguas, e as comunidades de descendentes de imigrantes cerca de 30 línguas. Há uma ampla riqueza de usos, práticas e variedades no âmbito da própria língua portuguesa falada no Brasil, diferenças estas de caráter diatópico (variações regionais) e diastrático (variações de classes sociais), pelo menos. Somos, portanto, um país de muitas línguas, tal qual a maioria dos países do mundo (em 94% dos países são faladas mais de uma língua).

Fomos no passado, ainda muito mais do que hoje, um território plurilíngue. Cerca de 1078 línguas indígenas eram faladas quando aqui aportaram os portugueses, há 500 anos, segundo estimativas de Rodrigues (1993). Porém, o Estado português e, depois da independência, o Estado brasileiro, que o sucedeu, tiveram por política impor o português como

a única língua legítima, considerando-a “companheira do Império”. A política linguística principal do Estado sempre foi a de reduzir o número de línguas, num processo de glotocídio (eliminação de línguas) por meio do deslocamento linguístico, isto é, de sua substituição pela língua portuguesa. Somente na primeira metade do século XX, segundo Darcy Ribeiro, 67 línguas indígenas desapareceram no Brasil — mais de uma por ano, portanto. Das cerca de 1078 línguas indígenas faladas em 1500, ficamos com aproximadamente 180 em 2000 (um decréscimo de 85%), e várias destas 180 encontram-se em estado avançado de desaparecimento.

Disponível em: www.cultura.gov.br. Acesso em 28 fev. 2012. Adaptado.

As línguas indígenas contribuíram, entre outros aspectos, para a introdução de novas palavras no português do Brasil. De acordo com o texto apresentado, infere-se que a redução do número de línguas indígenas

- A) ocasionou graves consequências para a preservação do nosso patrimônio linguístico e cultural, uma vez que a redução dessas línguas significa a perda da herança cultural de um povo.
- B) manteve a preservação de nosso patrimônio linguístico e cultural, porque, assim como algumas línguas morrem, outras nascem de tempos em tempos, o que contribui para a conservação do idioma.
- C) foi um processo natural pelo qual a língua portuguesa passou, não significando, portanto, prejuízos para o patrimônio linguístico do Brasil, que se conservou inalterado até nossos dias.
- D) contribuiu para a mudança de posicionamento da política linguística do Estado, que passou a desconsiderar as línguas indígenas como um importante meio de comunicação dos primeiros habitantes.
- E) representou uma fase do desenvolvimento da língua portuguesa, que, como qualquer outra língua, passou pelo processo de renovação vocabular, que exige a redução das línguas.
- 04.** (Enem) Quando os portugueses se instalaram no Brasil, o país era povoado de índios. Importaram, depois, da África, grande número de escravos. O Português, o Índio e o Negro constituem, durante o período colonial, as três bases da população brasileira. Mas no que se refere à cultura, a contribuição do Português foi de longe a mais notada.

Durante muito tempo o português e o tupi viveram lado a lado como línguas de comunicação. Era o tupi que utilizavam os bandeirantes nas suas expedições. Em 1694, dizia o Padre Antônio Vieira que as famílias dos portugueses e índios em São Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1984. Adaptado.

A identidade de uma nação está diretamente ligada à cultura de seu povo. O texto mostra que, no período colonial brasileiro, o português, o índio e o negro formaram a base da população e que o patrimônio linguístico brasileiro é resultado da

- A) contribuição dos índios na escolarização dos brasileiros.
- B) diferença entre as línguas dos colonizadores e as dos indígenas.
- C) importância do padre Antônio Vieira para a literatura de língua portuguesa.
- D) origem das diferenças entre a língua portuguesa e as línguas tupi.
- E) interação pacífica no uso da língua portuguesa e da língua tupi.

05. (Enem)

NÃO TEM TRADUÇÃO

[...]

Lá no morro, se eu fizer uma falseta
A Risoleta desiste logo do francês e do inglês
A gíria que o nosso morro criou
Bem cedo a cidade aceitou e usou

[...]

Essa gente hoje em dia que tem mania de exibição
Não entende que o samba não tem tradução no idioma francês
Tudo aquilo que o malandro pronuncia
Com voz macia é brasileiro, já passou de português
Amor lá no morro é amor pra chuchu
As rimas do samba não são *I love you*
E esse negócio de *alô, alô boy* e *alô Johnny*
Só pode ser conversa de telefone

ROSA, N. In: SOBRAL, João J. V. A tradução dos bambas. Revista Língua Portuguesa. Ano 4, n.54. São Paulo: Segmento, abr. 2010. Fragmento.

As canções de Noel Rosa, compositor brasileiro de Vila Isabel, apesar de revelarem uma aguçada preocupação do artista com seu tempo e com as mudanças político-culturais no Brasil, no início dos anos 1920, ainda são modernas. Nesse fragmento do samba *Não tem tradução*, por meio do recurso da metalinguagem, o poeta propõe

- A) incorporar novos costumes de origem francesa e americana, juntamente com vocábulos estrangeiros.
- B) respeitar e preservar o português padrão como forma de fortalecimento do idioma do Brasil.
- C) valorizar a fala popular brasileira como patrimônio linguístico e forma legítima de identidade nacional.
- D) mudar os valores sociais vigentes à época, com o advento do novo e quente ritmo da música popular brasileira.
- E) ironizar a malandragem carioca, aculturada pela invasão de valores étnicos de sociedades mais desenvolvidas.



Exercícios Propostos

- Texto para a próxima questão:

Leia o poema e a tirinha a seguir para responder à(s) questão(ões) a seguir.

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. Mar Português. In: *Antologia Poética*. Organização Waldir Ayala. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. p. 15.



Disponível em: <https://tirasdidaticas.files.wordpress.com/2014/12/rato79.jpg?w=640&h=215>. Acesso em: 13 nov. 2018.

01. (UEG) Ao tomar como base os versos “Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena”, o autor da tirinha focou seu processo de criação no seguinte aspecto da língua:
- A) léxico-fonológico
 - B) sociolinguístico
 - C) morfossemântico
 - D) semântico-pragmático
 - E) pragmático-discursivo

02. (Enem/2017)

DECLARAÇÃO DE AMOR

Esta é uma confissão de amor: amo a língua portuguesa. Ela não é fácil. Não é maleável. [...] A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialismo.

Às vezes ela reage diante de um pensamento mais complicado. Às vezes se assusta com o imprevisível de uma frase. Eu gosto de manejá-la – como gostava de estar montada num cavalo e guiá-lo pelas rédeas, às vezes a galope. Eu queria que a língua portuguesa chegasse ao máximo em minhas mãos. E este desejo todos os que escrevem têm. Um Camões e outros iguais não bastaram para nos dar para sempre uma herança de língua já feita. Todos nós que escrevemos estamos fazendo do túmulo do pensamento alguma coisa que lhe dê vida.

Essas dificuldades, nós as temos. Mas não falei do encantamento de lidar com uma língua que não foi aprofundada. O que recebi de herança não me chega. Se eu fosse muda e também não pudesse escrever, e me perguntassem a que língua eu queria pertencer, eu diria: inglês, que é preciso e belo. Mas, como não nasci muda e pude escrever, tornou-se absolutamente claro para mim que eu queria mesmo era escrever em português. Eu até queria não ter aprendido outras línguas: só para que a minha abordagem do português fosse virgem e límpida.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro Rocco, 1999. Adaptado.

O trecho em que Clarice Lispector declara seu amor pela língua portuguesa, acentuando seu caráter patrimonial e sua capacidade de renovação, é:

- A) “A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve.”
- B) “Um Camões e outros iguais não bastaram para nos dar para sempre uma herança de língua já feita.”
- C) “Todos nós que escrevemos estamos fazendo do túmulo do pensamento alguma coisa que lhe dê vida.”
- D) “Mas não falei do encantamento de lidar com uma língua que não foi aprofundada.”
- E) “Eu até queria não ter aprendido outras línguas: só para que a minha abordagem do português fosse virgem e límpida.”

03. (Enem/2017)

A LÍNGUA TUPI NO BRASIL

Há 300 anos, morar na vila de São Paulo de Piratininga (peixe seco, em tupi) era quase sinônimo de falar língua de índio. Em cada cinco habitantes da cidade, só dois conheciam o português. Por isso, em 1698, o governador da província, Artur de Sá e Menezes, implorou a Portugal que só mandasse padres que soubessem “a língua geral dos índios”, pois “aquela gente não se explica em outro idioma”.

Derivado do dialeto de São Vicente, o tupi de São Paulo se desenvolveu e se espalhou no século XVII, graças ao isolamento geográfico da cidade e à atividade pouco cristã dos mamelucos paulistas: as bandeiras, expedições ao sertão em busca de escravos índios. Muitos bandeirantes nem sequer falavam o português ou se expressavam mal. Domingos Jorge Velho, o paulista que destruiu o Quilombo dos Palmares em 1694, foi descrito pelo bispo de Pernambuco como “um bárbaro que nem falar sabe”. Em suas andanças, essa gente batizou lugares como Avanhandava (lugar onde o índio corre), Pindamonhangaba (lugar de fazer anzol) e Itu (cachoeira). E acabou inventando uma nova língua.

“Os escravos dos bandeirantes vinham de mais de 100 tribos diferentes”, conta o historiador e antropólogo John Monteiro, da Universidade Estadual de Campinas, “Isso mudou o tupi paulista, que, além da influência do português, ainda recebia palavras de outros idiomas.” O resultado da mistura ficou conhecido como língua geral do sul, uma espécie de tupi facilitado.

ÂNGELO, C. Disponível em: <http://super.abril.com.br>. Acesso em: 8 ago. 2012. Adaptado.

O texto trata de aspectos sócio-históricos da formação linguística nacional. Quanto ao papel do tupi na formação do português brasileiro, depreende-se que essa língua indígena

- A) contribuiu efetivamente para o léxico, com nomes relativos aos traços característicos dos lugares designados.
- B) originou o português falado em São Paulo no século XVII, em cuja base gramatical também está a fala de variadas etnias indígenas.
- C) desenvolveu-se sob influência dos trabalhos de catequese dos padres portugueses, vindos de Lisboa.
- D) misturou-se aos falares africanos, em razão das interações entre portugueses e negros nas investidas contra o Quilombo dos Palmares.
- E) expandiu-se paralelamente ao português falado pelo colonizador, e juntos originaram a língua dos bandeirantes paulistas.

04. (Enem/2017)

Texto I

A língua ticuna é o idioma mais falado entre os indígenas brasileiros. De acordo com o pesquisador Aryon Rodrigues, há 40 mil índios que falam o idioma. A maioria mora ao longo do Rio Solimões, no Alto Amazonas. É a maior nação indígena do Brasil, sendo também encontrada no Peru e na Colômbia. Os ticunas falam uma língua considerada isolada, que não mantém semelhança com nenhuma outra língua indígena e apresenta complexidades em sua fonologia e sintaxe. Sua característica principal é o uso de diferentes alturas na voz.

O uso intensivo da língua não chega a ser ameaçado pela proximidade de cidades ou mesmo pela convivência com falantes de outras línguas no interior da própria área ticuna: nas aldeias, esses outros falantes são minoritários e acabam por se submeter à realidade ticuna, razão pela qual, talvez, não representem uma ameaça linguística.

Língua Portuguesa, nº 52, fev. 2010. Adaptado.

Texto II

RIQUEZA DA LÍNGUA

“O inglês está destinado a ser uma língua mundial em sentido mais amplo do que o latim foi na era passada e o francês é na presente”, dizia o presidente americano John Adams no século XVIII. A profecia se cumpriu: o inglês é hoje a língua franca da globalização. No extremo oposto da economia linguística mundial, estão as línguas de pequenas comunidades declinantes. Calcula-se que hoje se falam de 6000 a 7000 línguas no mundo todo. Quase metade delas deve desaparecer nos próximos 100 anos. A última edição do *Ethnologue* — o mais abrangente estudo sobre as línguas mundiais —, de 2005, listava 516 línguas em risco de extinção.

Veja, nº 36, set. 2007. Adaptado.

Os textos tratam de línguas de culturas completamente diferentes, cujas realidades se aproximam em função do(a)

- A) semelhança no modo de expansão.
- B) preferência de uso na modalidade falada.
- C) modo de organização das regras sintáticas.
- D) predomínio em relação às outras línguas de contato.
- E) fato de motivarem o desaparecimento de línguas minoritárias.

05. (Enem/2016)

O nome do inseto pirilampo (vaga-lume) tem uma interessante certidão de nascimento. De repente, no fim do século XVII, os poetas de Lisboa repararam que não podiam cantar o inseto luminoso, apesar de ele ser um manancial de metáforas, pois possuía um nome “indecoroso” que não podia ser “usado em papéis sérios”: caga-lume. Foi então que o dicionarista Raphael Bluteau inventou a nova palavra, pirilampo, a partir do grego *pyr*, significando ‘fogo’, e *lampas*, ‘candeia’.

FERREIRA, M. B. Caminhos do português: exposição comemorativa do Ano Europeu das Línguas. Portugal: Biblioteca Nacional, 2001. Adaptado.

O texto descreve a mudança ocorrida na nomeação do inseto, por questões de tabu linguístico. Esse tabu diz respeito à

- A) recuperação histórica do significado.
- B) ampliação do sentido de uma palavra.
- C) produção imprópria de poetas portugueses.
- D) denominação científica com base em termos gregos.
- E) restrição ao uso de um vocabulário pouco aceito socialmente.

06. (Enem/2014) A forte presença de palavras indígenas e africanas e de termos trazidos pelos imigrantes a partir XIX é um dos traços que distinguem o português do Brasil e o português de Portugal. Mas, olhando para a história dos empréstimos que o português brasileiro recebeu de línguas europeias a partir do século XX, outra diferença também aparece: com a vinda ao Brasil da família real portuguesa (1808) e, particularmente com a Independência, Portugal deixou de ser o intermediário obrigatório da assimilação desses empréstimos e, assim, Brasil e Portugal começaram a divergir, não só por terem sofrido influências diferentes, mas também pela maneira como reagiram a elas.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente*: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

Os empréstimos linguísticos, recebidos de diversas línguas, são importantes na constituição do Brasil porque

- A) deixaram marcas da história vivida pela nação, como a colonização e a imigração.
- B) transformaram em um só idioma línguas diferentes, como as africanas, as indígenas e as europeias.

- C) promoveram uma língua acessível a falantes de origens distintas, como o africano, o indígena e o europeu.
- D) guardaram uma relação de identidade entre os falantes do português do Brasil e os do português de Portugal.
- E) tornaram a língua do Brasil mais complexa do que as línguas de outros países que também tiveram colonização portuguesa.

07. (Enem/2002)

Só falta o Senado aprovar o projeto de lei [sobre o uso de termos estrangeiros no Brasil] para que palavras como *shopping center*, *delivery* e *drive-through* sejam proibidas em nomes de estabelecimentos e marcas. Engajado nessa valorosa luta contra o inimigo ianque, que quer fazer área de livre comércio com nosso inculto e belo idioma, venho sugerir algumas outras medidas que serão de extrema importância para a preservação da soberania nacional, a saber:

.....
Nenhum cidadão carioca ou gaúcho poderá dizer “Tu vai” em espaços públicos do território nacional;

Nenhum cidadão paulista poderá dizer “Eu lhe amo” e retirar ou acrescentar o plural em sentenças como “Me vê um *chopps* e dois pastel”;

.....
Nenhum dono de borracharia poderá escrever cartaz com a palavra “borraxaria” e nenhum dono de banca de jornal anunciará “Vende-se cigarros”;

.....
Nenhum livro de gramática obrigará os alunos a utilizar colocações pronominais como “casar-me-ei” ou “ver-se-ão”.

PIZA, Daniel. Uma proposta imodesta. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 mai. 2001.

No texto acima, o autor:

- A) mostra-se favorável ao teor da proposta por entender que a língua portuguesa deve ser protegida contra deturpações de uso.
- B) ironiza o projeto de lei ao sugerir medidas que inibam determinados usos regionais e socioculturais da língua.
- C) denuncia o desconhecimento de regras elementares de concordância verbal e nominal pelo falante brasileiro.
- D) revela-se preconceituoso em relação a certos registros linguísticos ao propor medidas que os controlem.
- E) defende o ensino rigoroso da gramática para que todos aprendam a empregar corretamente os pronomes.

• Texto para a próxima questão 08.

CARTA DO ESCRITOR GRACILIANO RAMOS AO PINTOR CÂNDIDO PORTINARI

Rio – 18 – Fevereiro – 1946

1Caríssimo Portinari:

A sua carta chegou muito atrasada, e receio que 2esta resposta já não 3o ache 4fixando na tela a nossa pobre gente da roça. Não há trabalho mais digno, penso eu. 5Dizem que somos pessimistas e exibimos deformações; 6contudo as deformações e miséria existem fora da arte e são cultivadas pelos que nos censuram.

O que às vezes pergunto 7a mim mesmo, com angústia, Portinari, é 8isto: se elas desaparecessem, poderíamos continuar a trabalhar? Desejamos realmente que elas desapareçam ou seremos também uns exploradores, tão perversos como os outros, quando

expomos desgraças? Dos quadros que você mostrou ⁹quando almocei no Cosme Velho pela última vez, o que mais me comoveu foi aquela mãe com a criança morta. Saí de sua casa com um pensamento horrível: numa sociedade sem classes e sem miséria seria possível fazer-se aquilo? Numa vida tranquila e feliz que espécie de arte surgiria? Chego a pensar que faríamos cromos, anjinhos cor-de-rosa, e isto me horroriza.

Felizmente a dor existirá sempre, a ¹⁰nossa velha amiga, nada a suprimirá. E ¹¹seríamos ingratos se ¹²desejássemos a supressão dela, não ¹³lhe parece? Veja como os nossos ricos em geral são burros.

Julgo naturalmente que seria bom enforcá-los, mas se isto nos trouxesse tranquilidade e felicidade, eu ficaria bem desgostoso, porque não nascemos para tal sensaboria. O meu desejo é que, eliminados os ricos de qualquer modo e os sofrimentos causados por eles, venham novos sofrimentos, ¹⁴pois sem isto não temos arte.

E adeus, ¹⁵ meu grande Portinari. Muitos abraços para você e para Maria.

Graciliano

sensaboria: contratempo, monotonia

08. (Mackenzie) Observe as afirmações:

- I. A carta apresentada para leitura pertence a um gênero do discurso do domínio discursivo interpessoal, por isso prevê, em sua própria elaboração, uma interlocução entre emissor e destinatário, com papéis bem definidos;
- II. A carta apresentada para leitura é classificada como um discurso aberto, dirigido não a um leitor-interlocutor específico, mas a um conjunto de leitores virtuais com o objetivo de expressar opiniões e denunciar ações negativas;
- III. Na carta apresentada para leitura, pode ser assinalada, entre outras, a presença das funções emotiva (na manifestação de sentimentos do emissor), conativa (no endereçamento das mensagens ao destinatário) e referencial (no tratamento de assuntos específicos).

Assinale a alternativa correta.

- A) Estão corretas as afirmações I e II.
- B) Estão corretas as afirmações I e III.
- C) Estão corretas as afirmações II e III.
- D) Todas as afirmações estão corretas.
- E) Nenhuma das afirmações está correta.

09. (Enem – Libras)



MINISTÉRIO DA CULTURA. Disponível em: www.facebook.com. Acesso em: 21 ago. 2014. Adaptado.

Todo texto pressupõe um determinado propósito comunicativo, orientado em função dos interlocutores envolvidos na interação. Levando em consideração os recursos verbais e não verbais empregados, esse anúncio destina-se a

- A) incentivar a prática da leitura em ambientes familiares.
- B) associar a leitura a invenções e conquistas pessoais.
- C) despertar o interesse da população por novos livros.
- D) promover políticas de combate ao analfabetismo.
- E) divulgar a leitura literária entre crianças e jovens.

10. (Enem/2ª aplicação/2010)

RIQUEZA AMEAÇADA

Boa parte dos 180 idiomas sobreviventes está ameaçada de extinção – mais da metade (110) é falada por menos de 500 pessoas. No passado, era comum pessoas serem amarradas em árvores quando se expressavam em suas línguas, lembra o cacique Felisberto Kokama, um analfabeto para os nossos padrões e um guardião da pureza de seu idioma (caracterizado por uma diferença marcante entre a fala masculina e a feminina), lá no Amazonas, no Alto Solimões. Outro Kokama, o professor Leonel, da região de Santo Antônio do Itá (AM), mostra o problema atual: “Nosso povo se rendeu às pessoas brancas pelas dificuldades de sobrevivência. O contato com a língua portuguesa foi exterminado e dificultando a prática da nossa língua. Há poucos falantes, e com vergonha de falar. A língua é muito *preconceituada* entre nós mesmos”.

Revista *Língua Portuguesa*. São Paulo: Segmento, nº 26, 2007.

O desaparecimento gradual ou abrupto de partes importantes do patrimônio linguístico e cultural do país possui causas variadas. Segundo o professor Leonel, da região de Santo Antônio do Itá (AM), os idiomas indígenas sobreviventes estão ameaçados de extinção devido ao

- A) medo que as pessoas tinham de serem castigadas por falarem a sua língua.
- B) número reduzido de índios que continuam falando entre si nas suas reservas.
- C) contato com falantes de outras línguas e a imposição de um outro idioma.
- D) desaparecimento das reservas indígenas em decorrência da influência do branco.
- E) descaso dos governantes em preservar esse patrimônio cultural brasileiro.



Fique de Olho

Conheça o Guia de Pesquisa e Documentação:



Patrimônio Cultural e diversidade linguística

Arte rupestre



Domínio Público

Vênus de Willendorf

A produção de desenhos ou imagens nas paredes das cavernas, durante o período da Pré-história, é denominada de arte rupestre. Muitas dessas inscrições são enigmáticas e fascinam o homem, que desde então busca desvendar seus significados e as estuda a partir de conceitos artísticos. A arte rupestre se mostra como uma espécie de registro documental do homem pré-histórico, revelando seus hábitos, costumes e ações. No entanto, ela é de fato arte, ainda que produzida de forma rudimentar, por encantar o homem há muitos anos.

As gravuras e as pinturas rupestres

Os desenhos ou gravuras do período pré-histórico foram registrados em pedras e cavernas por todo o mundo, sobretudo na Europa e África, onde os estudiosos tentam preservá-los e decifrá-los. No continente americano, também há uma vasta produção expressiva de arte rupestre, contribuição dos antepassados para nossa sociedade. Os materiais de produção desse tipo de arte eram bem rudimentares, sendo constituído de pigmentos, como ovo, sangue de animais, ceras, resinas vegetais e excrementos. Já as técnicas para produzir têm início com as “mãos em negativo”, em que eram soprados pigmentos sobre as mãos nas paredes, obtendo suas silhuetas, mais tardes são elaborados novos métodos que exploram as nuances dos desenhos, bem como diversificam a temática.



Mariano/Wikimedia Foundation

Mãos em negativo na Cueva de las Manos, Argentina.

O acervo brasileiro também se destaca no mundo da arte pré-histórica, já que possuímos vários locais onde as gravuras e pinturas rupestres são encontradas, como se verifica na listagem abaixo:

- Parque Nacional da Serra da Capivara em São Raimundo Nonato (Piauí);
- Parque Nacional Sete Cidades (Piauí);
- Cariris Velhos (Paraíba);
- Lagoa Santa (Minas Gerais);
- Rondonópolis (Mato Grosso);
- Peruaçu (Minas Gerais).



Sítio Arqueológico da Serra da Capivara reúne arte rupestre



PEDRA DO INGÁ (Uma ilustração da pedra)

Megálitos

Merecem destaque também a categoria de arte rupestre chamada de megálitos, que é representada por monumentos formados por um agrupamento de rochas, deslocadas de seu posicionamento de origem. Essa é a forma mais intrigante de arte rupestre, pois são muitas as teorias sobre o sentido dos monumentos megálitos, que vão desde os fenícios até os extraterrestres. No Brasil, o megálito do Amapá é uma forma reconhecida dessa modalidade.



Megálito do Amapá

Arte Pré-Colombiana

O espaço de tempo entre 13000 a.C e 1500 d.C marca o período pré-colombiano, momento em que Cristóvão Colombo chega à América e que apresenta a produção dos nativos americanos. Nesse ínterim, destacam-se as civilizações da América Central, os Incas e os Astecas, cuja vasta produção se revelou em forma de templos, esculturas, ornamentos, estatuetas e pirâmides, a exemplo da Chichén Itzá.



Pirâmide de Chichén Itzá

Arte Pré-Cabralina

A produção dos nativos brasileiros anterior à chegada de Pedro Álvares Cabral é denominada de Pré-cabralina. A arte indígena se fez presente no território brasileiro por meio de suas plumagens, cestos feitos de cipós, pinturas corporais e cerâmicas, que resgatam as crenças e os hábitos dos antepassados. O maior destaque está na arte marajoara cuja produção de estátuas, vasos e cestos tinha uma conotação ritualística, bem como uma beleza ímpar.



Urna funerária em cerâmica marajoara (pode ser outra cerâmica)

Wikimedia Foundation



Exercícios de Fixação

01. (UPE-SSA 1)



In Perazzo; Pessis; Cisneiros. *As pinturas rupestres da Tradição Agreste em Pernambuco e na Paraíba*. Revista FUMDHAMENTOS XII 2015, p. 33.

Observando os grafismos, assinale a alternativa correta.

- A) Não havia animais nesse período específico.
 - B) Essas manifestações culturais não podem ser consideradas arte.
 - C) Nada sabemos sobre essas populações humanas.
 - D) Inexistiam técnicas para produção de pigmentos.
 - E) Há grande relevância histórica e artística.
02. (IFSul) "Por volta de 10 mil anos a. C., a Terra passou por uma grande mudança no clima, que ocasionou uma série de modificações na vegetação e nos hábitos dos animais. Como consequência, os seres humanos tiveram de se ajustar a um novo ambiente. O cultivo de plantas e a domesticação de animais foram duas importantes atividades que começaram então a ser exercidas."

FIGUEIRA, Divalte Garcia. *História*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2005. p. 10.

O texto acima faz referência à

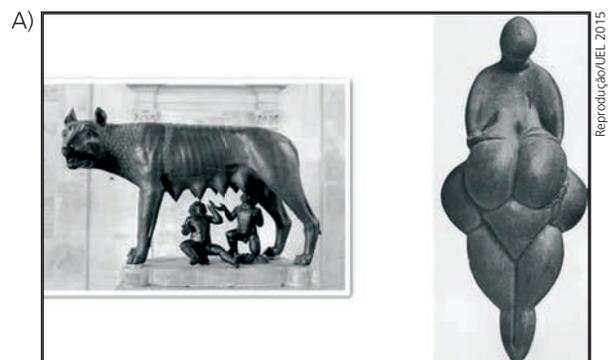
- A) passagem do Neolítico para o Paleolítico com o controle do fogo.
- B) arte rupestre com a pintura de cenas de caça nas cavernas.
- C) revolução neolítica na passagem do paleolítico para o neolítico.
- D) caça, à pesca e à coleta de pequenos frutos e raízes na Idade da Pedra Lascada.

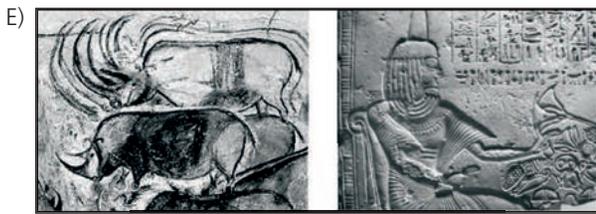
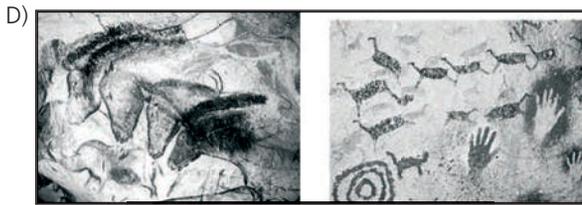
03. (UEL) Leia o texto a seguir.

A arte pré-histórica é uma arte de linhas e croquis; é uma etapa além da percepção, um artifício que ajuda a reter a imagem na mente. Na arte pré-histórica, encontramos figuras humanas, geralmente armadas, em ação, seja perseguindo animais, lutando ou dançando. Os animais são representados de forma naturalista, ou seja, reproduções de imagens perceptíveis. As figuras humanas, pelo contrário, estão muito estilizadas; se estão em movimento, os braços e as pernas são alargados. O objetivo do artista foi indicar o movimento; as formas são ditadas por sensações internas mais que observação externa. Os dois principais estilos pré-históricos são vitalistas e se acham determinados pela imagem captada exteriormente e pela sensação internamente sentida. A arte pode haver estado associada com ritos, com a intenção de exercer os poderes mágicos através de um retrato fiel que apresenta naturalismo nas representações animais. Já o símbolo estilizado e dinâmico da forma humana é determinado por um sentimento interno.

READ, H. "Imagem e Ideia". *La función Del arte en el desarrollo de la conciencia humana*. México: FCE, 2003. p.23-31. Adaptado.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, assinale a alternativa que apresenta, correta e respectivamente, as imagens da arte pré-histórica que representam o estilo animal naturalista (reprodução de imagens perceptíveis) e os símbolos estilizados e dinâmicos da forma humana determinados mais pela sensação que pela observação e que buscam indicar o movimento.





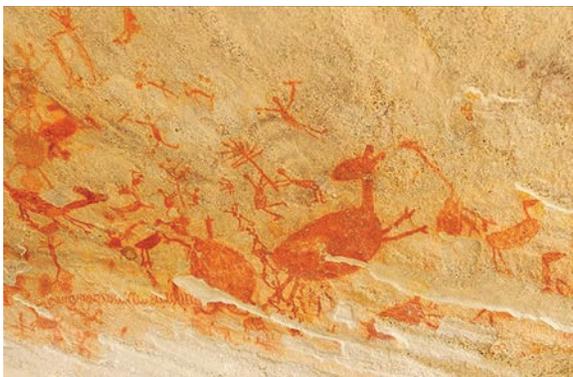
04. (UERN) O primeiro meio pelo qual o ser humano registrou sua própria existência foi a pedra – as pinturas rupestres mais antigas, encontradas em cavernas da Espanha, datam de cerca de quarenta mil anos atrás. Quando a escrita foi encontrada na Mesopotâmia, em 4.000 a.C., foi preciso um suporte que a tornasse portátil. A solução foram as tabuletas de argila, pranchas do tamanho de uma folha de papel, gravadas com argila ainda úmida, usando uma ponta afiada de madeira. Se as tabuletas se destinavam a uso definitivo, eram cozidas em fornos, como vasos de cerâmica – se não, eram apagadas. Um estilo de escrita desenvolvido foi chamado cuneiforme.

Revista Aventuras na História. Edição 114. Janeiro de 2013. p. 14.

A partir dessas formas de registro, outras foram surgindo e a escrita tornou-se um meio para a transmissão de tradições, transformando-se em um veículo de expressão e organização social. Com base na relação entre o surgimento da escrita e a aceleração do desenvolvimento das civilizações, é correto afirmar que

- A) tanto nas primeiras civilizações, quanto nas civilizações vindouras, a escrita possui um papel fundamental na cultura.
- B) foi a escrita, à medida em que se transformava em um sistema informacional, a grande responsável pelo surgimento do Estado.
- C) não são consideradas “civilizações” as sociedades que não desenvolveram a escrita, já que não deixaram registro de sua cultura.
- D) comprovadamente, as civilizações que dominaram a escrita, tais como a Mesopotâmia e o Egito, tornaram-se superiores às demais, dominando-as.

05. (Enem)



Pintura rupestre da Toca do Pajaú – Pl. Internet: www.betocelli.com

A pintura rupestre anterior, que é um patrimônio cultural brasileiro, expressa

- A) o conflito entre os povos indígenas e os europeus durante o processo de colonização do Brasil.
- B) a organização social e política de um povo indígena e a hierarquia entre seus membros.
- C) aspectos da vida cotidiana de grupos que viveram durante a chamada Pré-história do Brasil.
- D) os rituais que envolvem sacrifícios de grandes dinossauros atualmente extintos.
- E) a constante guerra entre diferentes grupos paleolíndios da América durante o período colonial.



Exercícios Propostos

01. (Enem)

Sou uma pobre e velha mulher,
Muito ignorante, que nem sabe ler.
Mostraram-me na igreja da minha terra
Um Paraíso com harpas pintado
E o Inferno onde fervem almas danadas,
Um enche-me de júbilo, o outro me aterra.

VILLON. F. In: GOMBRICH, E. *História da arte*. Lisboa: LTC. 1999.

Os versos do poeta francês François Villon fazem referência às imagens presentes nos templos católicos medievais.

- Nesse contexto, as imagens eram usadas com o objetivo de
- A) refinar o gosto dos cristãos.
 - B) incorporar ideais heréticos.
 - C) educar os fiéis através do olhar.
 - D) divulgar a genialidade dos artistas católicos.
 - E) valorizar esteticamente os templos religiosos.

02. (Enem/2011)



Reprodução/Enem 2011



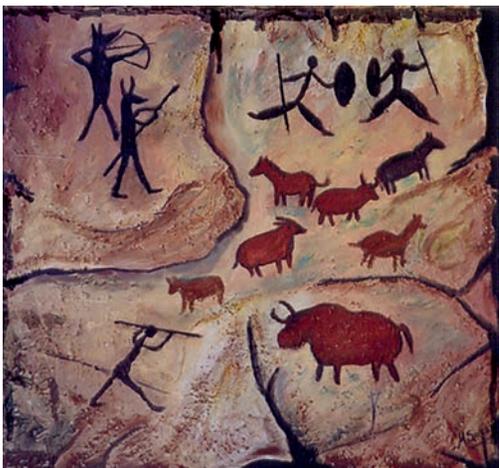
Reprodução/Enem 2011

DANTAS, M. Antes: História da pré-história. Brasília: CCBB, 2006. Disponível em: <<http://www.scipione.com.br>>. Acesso em: 30 abr. 2009.

Gravuras e pinturas são duas modalidades da prática gráfica rupestre, feitas com recursos técnicos diferentes. Existem vastas áreas nas quais há dominância de uma ou outra técnica no Brasil, o que não impede que ambas coexistam no mesmo espaço. Mas em todas as regiões há mãos, pés, antropomorfos e zoomorfos. Os grafismos realizados em blocos ou paredes foram gravados por meio de diversos recursos: picoteamento, entalhes e raspados.

Nas figuras que representam a arte da pré-história brasileira e estão localizadas no sítio arqueológico da Serra da Capivara, estado do Piauí, e, com base no texto, identificam-se

- A) imagens do cotidiano que sugerem caçadas, danças, manifestações rituais.
 B) cenas nas quais prevalece o grafismo entalhado em superfícies previamente polidas.
 C) aspectos recentes, cujo procedimento de datação indica o recuo das cronologias da prática pré-histórica.
 D) situações ilusórias na reconstituição da pré-história, pois se localizam em ambientes degradados
 E) grafismos rupestres que comprovam que foram realizados por pessoas com sensibilidade estética.
03. (Uece/2015) Em várias grutas pré-históricas, ricamente decoradas, foram encontradas pinturas retratando cenas de caça, ou animais como o cavalo e o bisão. Assim é a arte rupestre comumente feita sobre a pedra que pode também ser encontrada em incisões em ossos e madeira. As pinturas e as incisões rupestres surgiram no período
- A) Glacial
 B) Paleolítico
 C) Mesolítico
 D) Neolítico
04. (UEMA/2016) Arte rupestre é o mais antigo tipo de arte da História. Também é conhecida como gravura ou pintura rupestre. Esse tipo de arte teve início no período Paleolítico Superior e é encontrada em todos os continentes. O estudo da arte rupestre favoreceu o conhecimento de pesquisadores em relação aos hábitos dos povos da Antiguidade e a sua cultura. As matérias-primas utilizadas para a expressão artística dos povos da antiguidade eram pedras, ossos e sangue de animais. O sangue, assim como o extrato de folhas de árvores, era utilizado para tingir, constituindo o que devem ser as mais primitivas expressões artísticas, conforme a imagem a seguir.



Disponível em: <<http://vivendo-historia.blogspot.com.br/2010/03/arte-rupestre.html>>. Acesso em: 19 jun. 2014. Adaptado.

Durante muito tempo, os povos que assim se expressavam foram conhecidos como “Pré-históricos”. Essa denominação, hoje em desuso entre a maioria dos historiadores, mas ainda presente nos livros didáticos, está diretamente relacionada ao fato de esses povos

- A) desconhecerem a escrita.
 B) manterem relações comerciais.
 C) viverem sob a forma de Estado.
 D) dominarem as técnicas agrícolas.
 E) ocuparem as margens dos grandes rios.
05. (UERN/2012) Leia o texto que ressalta o caráter simbólico da arte rupestre.

A ARTE RUPESTRE

O homem Paleolítico deixou-nos belíssimas representações nas paredes das cavernas e objetos decorativos com fino senso artístico. O cuidado com os mortos, já comum entre os homens de Neanderthal, é enriquecido com símbolos, isto é, sinais com significados, que remetem a uma vida futura. [...] Ele recorre a sinais que não atendem apenas às necessidades básicas, como os animais. O homem inventa sinais, sons e gestos de um valor simbólico porque remetem a algum significado. Esses sinais podem ir além das necessidades de sobrevivência (arte, religião). O elevado nível cultural desse homem já moderno explica seu sucesso e sua difusão por todo o planeta, com uma ampla variedade de expressões, mas sempre um único ímpeto criativo.

Facchini, Fiorenzo. *O Homem*. São Paulo: Moderna, 1997, p. 36.

Com base no texto, analise.

- I. A arte foi, sem sombra de dúvida, a primeira forma de expressão do homem primitivo;
 II. Os grupos humanos criaram símbolos para representar o mundo em que viviam e seu cotidiano;
 III. A ausência de documentos escritos deixados pelos seres humanos da Pré-História nos impede de levantar hipóteses sobre a forma como viveram;
 IV. Embora muitas questões fiquem sem respostas, os vestígios arqueológicos encontrados têm-nos permitido conhecer parte do cotidiano Pré-Histórico.
- Estão corretas apenas as afirmativas
- A) I, II, IV
 B) I, II, III
 C) II, IV
 D) III, IV
 E) I, III

06. (UFG/2007) Patrimônio histórico, artístico e cultural pode ser definido como:
- A) monumentos cuja beleza desperte especial interesse por parte do poder público.
 B) monumento representativo de uma época ou de um período histórico, dentro de um determinado limite de tempo.
 C) formas de pensamento vinculadas a determinados movimentos artísticos que promovam a produção de uma arquitetura específica.
 D) produto manifesto do conhecimento de uma sociedade compreendendo objetos e obras de arte de todos os portes e materiais.
07. (UFG/2007) A ampliação do conceito de patrimônio, ocorrida na década de 1970, favoreceu, entre outras coisas, que pudessem ser considerados como patrimônio cultural do Brasil elementos de nossa tradição antes impensáveis como tal. Qual dos itens a seguir não se enquadra no texto acima:
- A) Plano diretor de Brasília.
 B) Receita do pão de queijo.
 C) Jogos de carta.
 D) Festas tradicionais.

08. (Enem/2002)

“A palavra tatuagem é relativamente recente. Toda a gente sabe que foi o navegador Cook que a introduziu no Ocidente, e esse escrevia *tattou*, termo da Polinésia de *tatou* ou *tutahou*, “desenho”.

(...) Desde os mais remotos tempos, vemo-la a transformar-se: distintivo honorífico entre uns homens, ferrete de ignomínia entre outros, meio de assustar o adversário para os bretões, marca de uma classe de selvagens das ilhas Marquesas (...) sinal de amor, de desprezo, de ódio (...). Há três casos de tatuagem no Rio, completamente diversos na sua significação moral: os negros, os turcos com o fundo religioso e o bando de meretrizes, dos rufiões e dos humildes, que se marcam por crime ou por ociosidade.”

RIO, João do. Os Tatuadores. Revista *Kosmos*. 1904, apud: A alma encantadora das ruas, SP: Cia das Letras, 1999.

Com base no texto são feitas as seguintes afirmações:

- João do Rio revela como a tatuagem já estava presente na cidade do Rio de Janeiro, pelo menos desde o início do século XX, e era mais utilizada por alguns setores da população;
- A tatuagem, de origem polinésia, difundiu-se no ocidente com a característica que permanece até hoje: utilização entre os jovens com função estritamente estética;
- O texto mostra como a tatuagem é uma prática que se transforma no tempo e que alcança inúmeros sentidos nos diversos setores das sociedades e para as diferentes culturas.

Está correto o que se afirma apenas em

- | | |
|-------------|------------|
| A) I. | B) II. |
| C) III. | D) I e II. |
| E) I e III. | |

09. (UCS-RS/2012)

A GALERA ILUSTRADA

Foi-se o tempo em que a tatuagem era símbolo de rebeldia. De tão comum, virou um acessório do corpo. Depois da fase dos desenhos tradicionais de marinheiros, do abstracionismo dos símbolos tribais e dos motivos orientais, com dragões e ideogramas, a moda são os grafismos e a releitura de motivos clássicos, como corações partidos e personagens de história em quadrinhos, sobretudo com efeito de 3D. Discretas, as tatuagens conquistaram a pele de modelos, das patricinhas e dos adolescentes em geral. É claro que o preconceito ainda existe e que o exagero talvez se torne uma dor de cabeça na vida adulta. Em carreiras conservadoras, como medicina e direito, a tatuagem pode ser encarada como desvario ou um perigoso sinal de desleixo, o que não quer dizer que médicos e advogados não possam ter uma. Na hora de escolher o lugar, é só dar preferência a locais do corpo fáceis de esconder com roupa.

A panturrilha, a parte interna do antebraço e o ombro são as regiões preferidas dos garotos. Já as meninas tatuam mais o tornozelo, a nuca, a virilha e a base da coluna vertebral. Em alguns lugares, como o Estado de São Paulo, é proibida a tatuagem em menores de idade. Ignorar a lei tem seus riscos. Os bons estúdios (locais onde se fazem tatuagens) são limpos e utilizam material descartável, mas costumam seguir a legislação à risca, mantendo menores a distância. Como tatuar virou moda, surgiram muitas arapucas com gente mal preparada trabalhando sem assepsia. Portanto, todo cuidado é pouco. Fazer tatuagem num estúdio qualquer, nem pensar. Não vale a pena correr o risco de sair de lá com alguma doença grave, como AIDS ou hepatite B.

Para os arrependidos, a medicina sempre guarda uma segunda chance. Ou quase. Tirar a tatuagem dá trabalho e custa caro. E o resultado nem sempre costuma ser perfeito. O método

mais eficaz ainda é o laser. Só que os feixes agem melhor em cores escuras. A cor mais fácil de retirar é o preto, e as mais complicadas são as mais claras e parecidas com o tom da pele, como amarelo, laranja e vermelho. Nesses casos, ainda vale a sentença de que, uma vez feita a tatuagem, é para sempre.

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/especiais/jovens_2003/p_070.html>. Adaptado.

O texto constitui-se de três parágrafos e tem como foco principal informações e comentários sobre tatuagem. Cada parágrafo destaca, especialmente, um aspecto. O primeiro parágrafo apresenta como ideia principal:

- as modelos são a categoria profissional que mais fazem tatuagens;
- é proibido usar tatuagem em carreiras mais convencionais como direito e medicina;
- apesar de não existir mais preconceito em relação à tatuagem, é melhor fazer em partes do corpo onde a roupa pode escondê-la;
- a tatuagem não é mais símbolo de protestos, ela agora é uma forma de enfeitar o corpo.

10. (IFSC/2014)

TATUAGEM E EMPREGO



Ao mesmo tempo em que fazer uma tatuagem pode ser “cool”, ela pode ser um dos motivos para a pessoa não conseguir um emprego. Embora isso hoje esteja mudando, ainda existem algumas restrições. Não é toda empresa que aceita que seu funcionário use *piercing* ou tenha tatuagem que fique à mostra. O indivíduo que deseja entrar numa empresa de advocacia, consultoria ou auditoria pode esquecer a ideia de fazer uma tatuagem. Agora, se quiser trabalhar com atividades menos tradicionais, em que o ambiente é menos rígido, como agências de publicidade, escritórios de arquitetura, empresas de internet e veículos de comunicação, isso não costuma ser um grande problema.

O fato é que, na hora da entrevista com o empregador, tatuagens em áreas como pescoço, nuca, braços, entre outros lugares de fácil observação, podem prejudicar a escolha, principalmente se o candidato tiver tatuagens enormes ou em quantidade elevada. A maior parte das empresas quer uma aparência mais “clean”.

Adaptado de: TATUAGEM E MERCADO DE TRABALHO.

Disponível em: <<http://vidadejovem.com.br/trabalho/tatuagem-x-mercado-de-trabalhotatuagem-pode-fechar-as-portas-de-empregos>> Acesso: 13 out. 2013.

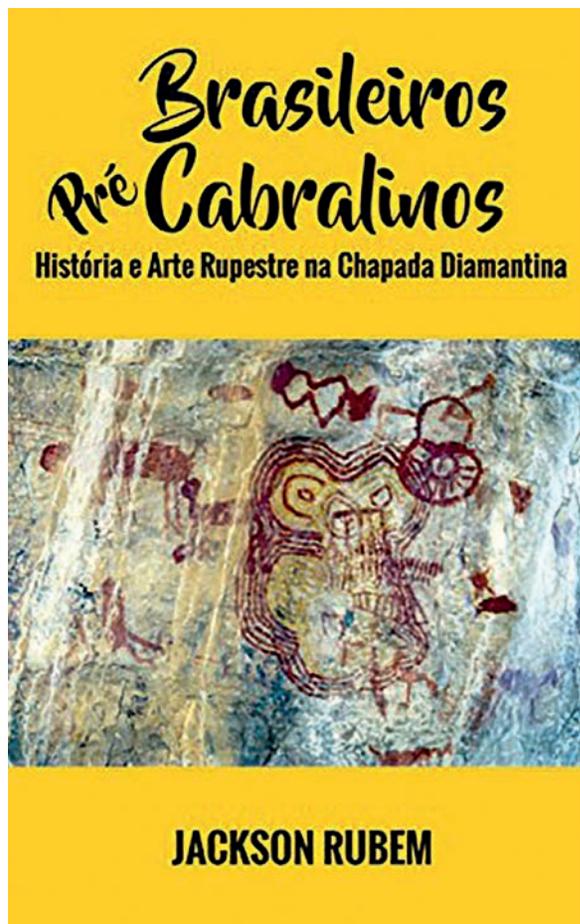
É correto afirmar que o texto apresenta:

- A) preocupação em garantir a integridade do candidato ao emprego, diante da resistência às tatuagens pelos empregadores.
- B) recomendação de bom senso de cada pessoa antes de optar por fazer uma tatuagem.
- C) postura preconceituosa do empregador diante das características físicas e das práticas culturais do candidato a uma vaga de emprego.
- D) recursos em defesa dos trabalhadores de posse de tatuagens e *piercing*.
- E) oposição de interesses entre empregadores e empregados.



Fique de Olho

- Livro arte rupestre na era pré-cabralina



Além das dezenas de pinturas rupestres, *Brasileiros Pré-Cabralinos: História e Arte Rupestre na Chapada Diamantina* conta parte da história do Brasil através de verbetes que vão da letra A até a letra Z, relatando aspectos diversos aspectos relacionados a tribos indígenas, cultura indígena e índios do Brasil. A obra, já na terceira edição, contém material fotográfico suficiente para que pesquisadores aprofundem seus conhecimentos sobre o modo de vida do brasileiro da Era Pré-cabralina.

Disponível em: <<https://www.jacksonmensagem.com/arte-rupestre-chapada-diamantina/>>.

Aula
08

A Intertextualidade e a Metalinguagem

C-4	H-12, 13
	H-14
C-5	H-15, 16
	H-17

Intertextualidade

Os textos, embora produzidos em diferentes épocas e por autores distintos, podem manter entre si um diálogo constante. Em outros termos, é como se um texto se ligasse ao outro, ou por sua temática, estrutura, linguagem (verbal ou não verbal), tomando como ponto de partida o texto original e, por meio dele, desenvolvendo a nova produção textual. Esse recurso é denominado Intertextualidade. No universo literário ou musical esse artifício se mostra muito marcante, pois os autores buscam inspirações muitas vezes em outros colegas de profissão ou em textos já consagrados, como a Bíblia serviu de inspiração para Camões e posteriormente para o músico brasileiro Renato Russo, como se exemplifica a seguir:

Texto I

1 Coríntios 13:1-13

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.

Trecho extraído da Bíblia

Texto II

MONTE CASTELO

“Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria

É só o amor! É só o amor
Que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal
Não sente inveja ou se envaidece

O amor é o fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer

Trecho da Música de Renato Russo.

Texto III

Soneto nº. 11, de Luís Vaz de Camões

“Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

Trecho do soneto de Camões

Ainda que produzidos em épocas distantes, os três textos mantêm entre si um dialogismo marcante, já que eles tematizam o Amor, sentimento ideal que está acima de qualquer sofrimento e sempre se mostra porto seguro dos amantes. Além disso, nos casos de Camões e Renato Russo, nota-se o empenho de tais autores em ampliar o sentido original do texto bíblico ao fazerem uso de novos termos, constituindo originalidade. Não dúvida de que estes textos se materializam entre si.

- No Enem, a intertextualidade é um recurso trabalhado com recorrência. Observe os exemplos em provas:

Exemplo I: Enem/2009

Texto I

CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas tem mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

[...]

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, a noite -
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o Sabiá.

DIAS, G. *Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1998.

Texto II

CANTO DE REGRESSO À PÁTRIA

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase tem mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita
Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que eu veja a rua 15
E o progresso de São Paulo.

ANDRADE, O. *Cadernos de poesia do aluno Oswald*. São Paulo: Círculo do Livro. s/d.

Os textos I e II, escritos em contextos históricos e culturais diversos, enfocam o mesmo motivo poético: a paisagem brasileira entrevista a distância. Analisando-os, conclui-se que A) o ufanismo, atitude de quem se orgulha excessivamente do país em que nasceu, é o tom de que se revestem os dois textos.

- B) a exaltação da natureza é a principal característica do texto II, que valoriza a paisagem tropical realçada no texto I.
C) o texto II aborda o tema da nação, como o texto I, mas sem perder a visão crítica da realidade brasileira.
D) o texto I, em oposição ao texto II, revela distanciamento geográfico do poeta em relação à pátria.
E) ambos os textos apresentam ironicamente a paisagem brasileira.

Comentário:

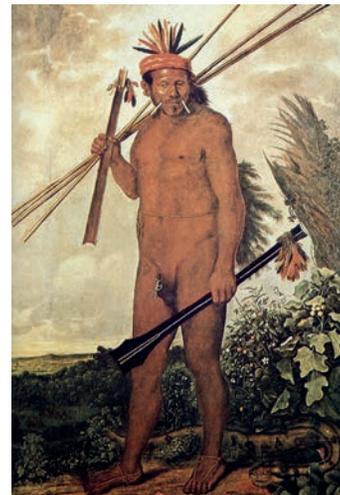
Os dois textos revelam o telurismo e saudosismo em relação ao retorno à pátria. No entanto, ocorre maior criticidade no texto II, já que essa era uma postura natural ao poetas do Modernismo, o que se evidencia na passagem "...e o progresso de São Paulo".

Resposta: C

Exemplo II: Enem/2009

A feição deles é serem pardos, maneira d' avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa cobrir, nem mostrar suas vergonhas. E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto.

CAMINHA, P. V. A carta. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 12 ago. 2009.



ECKHOUT, A. "Índio Tapuia" (1610-1666). Disponível em: <http://www.diaadia.pr.gov.br>. Acesso em: 9 jul. 2009.>

Ao se estabelecer uma relação entre a obra de Eckhout e o trecho do texto de Caminha, conclui-se que

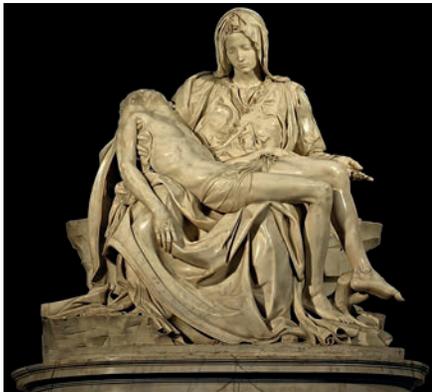
- A) Ambos se identificam pelas características estéticas marcantes, como tristeza e melancolia, do movimento romântico das artes plásticas.
B) O artista, na pintura, foi fiel ao seu objeto, representando-o de maneira realista, ao passo que o texto é apenas fantasioso.
C) A pintura e o texto têm uma característica em comum, que é representar o habitante das terras que sofreriam processo colonizador.
D) O texto e a pintura são baseados no contraste entre a cultura europeia e a cultura indígena.
E) Há forte direcionamento religioso no texto e na pintura, uma vez que o índio representado é objeto da catequização jesuítica.

Comentário:

Ao confrontarmos os dois textos (a pintura de Eckhout e a carta de Pero Vaz de Caminha), observamos que ambos apresentam um aspecto em comum: a representação do habitante das terras que sofreram o processo de colonização. Note que tanto a pintura quanto o texto têm por objetivo a recriação das características da figura do índio de modo objetivo.

Resposta: C**Exemplo III:** Enem/2011

Observe as imagens abaixo:

IMAGEM I

Reprodução/Enem 2011

Michelangelo. Pietà, século XV.

IMAGEM II

Reprodução/Enem 2011

Vicente do Rego Monteiro. Pietà, 1924.

Vicente do Rego Monteiro foi um dos pintores cujas telas foram expostas durante a Semana da Arte Moderna. Tal como Michelangelo, ele se inspirou em temas bíblicos, porém, com um estilo peculiar. Considerando-se as obras apresentadas, o artista brasileiro.

- Estava preocupado em retratar detalhes da cena.
- Demonstrou irreverência ao retratar a cena bíblica.
- Optou por fazer uma escultura minimalista, diferentemente de Michelangelo.
- Deu aos personagens traços cubistas, em vez dos traços europeus, típicos de Michelangelo.
- Reproduziu o estilo da famosa obra de Michelangelo, uma vez que retratou a mesma cena bíblica.

Comentário:

O pintor reproduziu a cena proposta por Michelangelo em sua escultura, entretanto criou uma versão pictórica com traços cubistas, comuns à vanguarda do século XX.

Resposta: D**Metalinguagem**

A metalinguagem constitui um recurso textual em que o elemento de maior destaque é o código linguístico, ou seja, trata-se de um texto que se explica através dele mesmo. Tal postura é assumida por inúmeros artistas, ao fazer uso de uma poesia para explicar uma poesia ou uma pintura que avalia uma outra pintura. Esse procedimento pode ser entendido como recurso estratégico, irônico, humorístico ou estilístico e tem fins expressivos, já que se apoia no universo das linguagens.



Domínio Público

Exemplo de metalinguagem nas artes visuais.

**Exercícios de Fixação**

- Textos para a questão 01.

Texto I**SÃO AS ÁGUAS DE MARTE FECHANDO O VERÃO.
É PROMESSA DE VIDA?**

Salvador Nogueira. Texto adaptado.

Dados colhidos por uma espaçonave da NASA confirmam que fluxos de água salobre escorrem pela superfície de Marte todos os verões. O achado aumenta dramaticamente a possibilidade de que exista, ainda hoje, alguma forma de vida no planeta vermelho.

O estudo, liderado por Lujendra Ojha, do Instituto de Tecnologia da Georgia, em Atlanta, acaba de ser publicado *online* pela revista científica "Nature Geoscience". A NASA também preparou uma entrevista coletiva para anunciar os resultados. Aliás, muita gente passou o fim de semana roendo as unhas depois que a agência espacial americana anunciou que um "grande mistério marciano" seria solucionado.

Ojha e seus colegas asseveram que o processo de formação dos fluxos de água salobre de Marte talvez seja fraco demais para suportar formas de vida terrestres conhecidas. Contudo, é impossível não imaginar que talvez, apenas talvez, essas ranhuras sejam um possível habitat para bactérias marcianas. Isso abre incríveis perspectivas para o ponto de vista da astrobiologia.

Disponível em: <<http://mensageirosideral.blogfolha.uol.com.br/2015/09/28/sao-as-aguasde-marco-fechando-o-verao-marciano-promessa-de-vida/>>.

Texto II

ÁGUAS DE MARÇO

“Águas de Março” é uma famosa canção brasileira do compositor, músico, arranjador, cantor e maestro Tom Jobim, de 1972. A canção foi lançada inicialmente no compacto simples Disco de Bolso, o Tom de Jobim e o Tal de João Bosco e, a seguir, no álbum Matita Perê, no ano seguinte. Em 1974, uma versão em dueto com Elis Regina foi lançada no LP Elis & Tom. Posteriormente, Tom Jobim compôs uma versão em língua inglesa, que manteve a estrutura e a metáfora central do significado da letra.

Em 2001, foi nomeada como a melhor canção brasileira de todos os tempos em uma pesquisa de 214 jornalistas brasileiros, músicos e outros artistas do Brasil, conduzida pelo jornal *Folha de S. Paulo*.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Águas_de_Março>.

Texto III

ÁGUAS DE MARÇO (TOM JOBIM)

[...]

É pau, é pedra, é o fim do caminho
é um resto de toco, é um pouco sozinho
é uma cobra, é um pau, é João, é José
é um espinho na mão, é um corte no pé
são as águas de março fechando o verão
é a promessa de vida no teu coração.

[...]

Disponível em: <www.vagalume.com.br>.
Acesso em: 25 nov. 2015.

01. (EEAR/2019) Com relação ao título do texto I “São as águas de Marte fechando o verão. É promessa de vida?”, é correto afirmar que
- tem a função de resumir a ideia a ser defendida ao longo do texto: “o grande mistério marciano” foi solucionado após a constatação da existência de vida microbiana em Marte.
 - o texto condenará, ironicamente, a promessa de vida que Ojha e seus colegas apresentaram por meio do estudo sobre o processo de formação dos fluxos de água salobre que escorrem pela superfície marciana durante os verões.
 - a utilização da frase interrogativa evidencia a dúvida do autor em relação à possibilidade de existir, ainda hoje, alguma forma de vida no planeta vermelho, após os dados confirmarem a existência de fluxos de água salobre sobre a superfície de Marte e, conseqüentemente, a presença de bactérias marcianas.
 - é uma intertextualidade em que o autor toma, como ponto de partida, um trecho da famosa canção “Águas de Março” de Tom Jobim, inferindo que a formação dos fluxos de água possa, talvez, ser um habitat para bactérias marcianas, uma promessa de vida.

02. (Mackenzie)

A pergunta era imprudente, na ocasião em que eu cuidava de transferir o embarque. Equivalia a confessar que o motivo principal ou único da minha repulsa ao seminário era Capitu, e fazer crer improvável a viagem. Compreendi isto depois que falei; quis emendar-me, mas nem soube como, nem ele me deu tempo.

– Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela...

Estou que empalideci; pelo menos, senti correr um frio pelo corpo todo. A notícia de que ela vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquele efeito, acompanhado de um bater de coração, tão violento, que ainda agora cuido ouvi-lo. Há alguma exageração nisto; mas o discurso humano é assim mesmo, um composto de partes excessivas e partes diminutas, que se compensam, ajustando-se. Por outro lado, se entendermos que a audiência aqui não é das orelhas senão da memória, chegaremos à exata verdade. A minha memória ouve ainda agora as pancadas do coração naquele instante. Não esqueças que era a emoção do primeiro amor. Estive quase a perguntar a José Dias que me explicasse a alegria de Capitu, o que é que ela fazia, se vivia rindo, cantando ou pulando, mas retive-me a tempo, e depois outra ideia...

Outra ideia, não, - um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor das minhas entranhas. Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de José Dias: «Algum peralta da vizinhança». Em verdade, nunca pensara em tal desastre. Vivia tão nela, dela e para ela, que a intervenção de um peralta era como uma noção sem realidade; nunca me acudiu que havia peraltas na vizinhança, vária idade e feito, grandes passeadores das tardes. Agora lembrava-me que alguns olhavam para Capitu, – e tão senhor me sentia dela que era como se olhassem para mim, um simples dever de admiração e de inveja. Separados um do outro pelo espaço e pelo destino, o mal aparecia-me agora, não só possível mas certo.

“Uma ponta de lago”, *Dom Casmurro*,
Machado de Assis.

Assinale em qual trecho podemos encontrar o recurso da metalinguagem.

- “Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de José Dias: «Algum peralta da vizinhança».”
- “A minha memória ouve ainda agora as pancadas do coração naquele instante.”
- “Há alguma exageração nisto; mas o discurso humano é assim mesmo, um composto de partes excessivas e partes diminutas, que se compensam, ajustando-se.”
- “Em verdade, nunca pensara em tal desastre.”
- “Separados um do outro pelo espaço e pelo destino, o mal aparecia-me agora, não só possível mas certo.”

- Texto para a próxima questão:

O FIM DO LIVRO DE PAPEL

Só 122 livros. Era o que a Universidade de Cambridge tinha em 1427. Eram manuscritos lindos, que valiam cada um o preço de uma casa. Isso foi 3 décadas antes de a Bíblia de Gutenberg chegar às ruas. Depois dela, os livros deixaram de ser obras artesanais exclusivas de milionários e viraram o que viraram. Graças a uma novidade: a prensa de tipos móveis, que era capaz de fazer milhares de cópias no tempo que um monge levava para terminar um manuscrito.

Foi uma revolução sem igual na história e blá, blá, blá. Só que uma revolução que já acabou. Há 10 anos, pelo menos. Quando a internet começou a crescer para valer, ficou claro que ela passaria uma borracha na história do papel impresso e começaria outra.

Mas aconteceu justamente o que ninguém esperava: nada. A internet nunca arranhou o prestígio nem as vendas dos livros. Muito pelo contrário. O 2º negócio *online* que mais deu certo (depois do Google) é uma livraria, a Amazon. Se um extraterrestre pousasse na Terra hoje, acharia que nada disso faz sentido. Por que o livro não morreu? Como uma plataforma que, se comparada à internet, é tão arcaica quanto folhas de pergaminho ou tábuas de argila continua firme?

Você sabe por quê. Ler um livro inteiro no computador é insuportável. A melhor tecnologia para uma leitura profunda e demorada continua sendo tinta preta em papel branco. Tudo embalado num pacote portátil e fácil de manusear. Igual à Bíblia de Gutenberg. Isso sem falar em outro ingrediente: quem gosta de ler sente um afeto físico pelos livros. Curte tocar neles, sentir o fluxo das páginas, exibir a estante cheia. Uma relação de fetiche. Amor até.

Mas esse amor só dura porque ainda não apareceu nada melhor que um livro para a atividade de ler um livro. Se aparecer... Se aparecer, não: quando aparecer. Depois do CD, que já morreu, e do DVD, que está respirando com a ajuda de aparelhos, o livro impresso é o próximo da lista.

VERSIGNASSI, Alexandre. O fim do livro de papel. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/tecnologia/o-fim-do-livro-de-papel/>>. Acesso em: 06 out. 2017.

03. (IFPE/2018) Quanto aos recursos expressivos empregados no texto, destaca-se

- I. a metalinguagem – que consiste em usar a língua para se referir à própria língua – como em “Foi uma revolução sem igual na história e blá, blá, blá” (2º parágrafo);
- II. a coloquialidade – linguagem informal e utilizada no cotidiano – como em “Foi uma revolução sem igual na história e blá, blá, blá” (2º parágrafo) e em “Curte tocar neles, sentir o fluxo das páginas” (4º parágrafo);
- III. a intertextualidade – já que há retomada e reelaboração de outros textos – como em “Isso foi 3 décadas antes de a Bíblia de Gutenberg chegar às ruas” (1º parágrafo);
- IV. a ironia – estratégia textual em que se diz o contrário daquilo que se quer dar a entender – como em “Uma relação de fetiche. Amor até” (4º parágrafo);
- V. a prosopopeia – que é a personificação de seres ou coisas inanimadas, atribuindo-lhes ações ou características humanas – como em “Depois do cd, que já morreu, e do dvd, que está respirando com a ajuda de aparelhos” (5º parágrafo).

São verdadeiras, apenas, as proposições

- | | |
|--------------|------------|
| A) III e V. | B) I e II. |
| C) III e IV. | D) II e V. |
| E) I e IV. | |

• Texto para a(s) questão(ões) a seguir.

I. Cinquenta anos! Não era preciso confessá-lo. Já se vai sentindo que o meu estilo não é tão lesto* como nos primeiros dias. Naquela ocasião, cessado o diálogo com o oficial da marinha, que enfiou a capa e saiu, confesso que fiquei um pouco triste. Voltei à sala, lembrou-me dançar uma polca, embriagar-me das luzes, das flores, dos cristais, dos olhos bonitos, e do burburinho surdo e ligeiro das conversas particulares. E não me arrependo; remocei. Mas, meia hora depois, quando me retirei do baile, às quatro da manhã, o que é que fui achar no fundo do carro? Os meus cinquenta anos.

*ágil

II. Meu caro crítico,

Algumas páginas atrás, dizendo eu que tinha cinquenta anos, acrescentei: “Já se vai sentindo que o meu estilo não é tão lesto como nos primeiros dias”. Talvez aches esta frase incompreensível, sabendo-se o meu atual estado; mas eu chamo a tua atenção para a sutileza daquele pensamento. O que eu quero dizer não é que esteja agora mais velho do que quando comecei o livro. A morte não envelhece. Quero dizer, sim, que em cada fase da narração da minha vida experimento a sensação correspondente. Valha-me Deus! É preciso explicar tudo.

Machado de Assis,
Memórias Póstumas de Brás Cubas.

- 04.** (Fuvest) A passagem final do texto II – “Valha-me Deus! é preciso explicar tudo.” – denota um elemento presente no estilo do romance, ou seja,
- A) o realismo, visto no rigor explicativo dos fatos.
 - B) a religiosidade, que se socorre do auxílio divino.
 - C) o humor, capaz de relativizar as ideias.
 - D) a metalinguagem, que imprime linearidade à narração.
 - E) a ironia, própria do discurso positivo.

• Texto para a próxima questão:

O GATO

Uma palavra para o gato: ágil.
Também unha, preguiça, pupila.
O resto
é o que ele
(entre uma e outra delas)
preenche de charme delgado –
enigmático.

Adoraria poder nele apalpar o pêlo
e saber de que abstração é feito.
Mas (felino) ele se enrosca incisivo
no vão do meu pensamento
e dependura-se
(em telepática acrobacia)
nas suas prerrogativas.
Só me permite escrevê-lo
a contrapelo.

Maria Lúcia Dal Farra

- 05.** (Mackenzie/2018) A partir do poema *O gato*, considere as afirmativas abaixo:
- I. A poesia brasileira contemporânea, também chamada por teóricos de “pós-Moderna”, possui como característica a liberdade criativa na escolha de temas, de formas e intertextualidades;
 - II. O poema de Maria Lúcia Dal Farra retoma o pressuposto modernista da “arte pela arte”;
 - III. Só podemos chamar de poesia contemporânea aquela que aborda, ao contrário de “O gato”, o tema da violência cotidiana das grandes cidades.

Assinale a alternativa correta.

- A) Apenas a afirmativa I está correta.
- B) Apenas a afirmativa II está correta.
- C) Apenas a afirmativa III está correta.
- D) Nenhuma das afirmativas está correta.
- E) Todas as afirmativas estão corretas.



Exercícios Propostos

01. (IFAL/2018)

A GRAMA DO VIZINHO

Martha Medeiros

Ao amadurecer, descobrimos que a grama do vizinho não é mais verde coisíssima nenhuma.

Estamos todos no mesmo barco.

Há no ar certo queixume sem razões muito claras.

Converso com mulheres que estão entre os 40 e 50 anos, todas com profissão, marido, filhos, saúde, e ainda assim elas trazem dentro delas um não-sei-o-quê perturbador, algo que as incomoda, mesmo estando tudo bem.

De onde vem isso? Anos atrás, a cantora Marina Lima compôs com o seu irmão, o poeta Antonio Cícero, uma música que dizia: “Eu espero/ acontecimentos/ só que quando anoitece/ é festa no outro apartamento”.

Passei minha adolescência com esta sensação: a de que algo muito animado estava acontecendo em algum lugar para o qual eu não tinha convite. É uma das características da juventude: considerar-se deslocado e impedido de ser feliz como os outros são, ou aparentam ser. Só que chega uma hora em que é preciso deixar de ficar tão ligada na grama do vizinho.

As festas em outros apartamentos são fruto da nossa imaginação, que é infectada por falsos holofotes, falsos sorrisos e falsas notícias. Os notáveis alardeiam muito suas vitórias, mas falam pouco das suas angústias, revelam pouco suas aflições, não dão bandeira das suas fraquezas, então fica parecendo que todos estão comemorando grandes paixões e fortunas, quando na verdade a festa lá fora não está tão animada assim. Ao amadurecer, descobrimos que a grama do vizinho não é mais verde coisíssima nenhuma. Estamos todos no mesmo barco, com motivos pra dançar pela sala e também motivos pra se refugiar no escuro, alternadamente.

Só que os motivos pra se refugiar no escuro raramente são divulgados.

Pra consumo externo, todos são belos, sexys, lúcidos, íntegros, ricos, sedutores.

“Nunca conheci quem tivesse levado porrada/ todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo”.

Fernando Pessoa também já se sentiu abafado pela perfeição alheia, e olha que na época em que ele escreveu estes versos não havia esta overdose de revistas que há hoje, vendendo um mundo de faz-de-conta. Nesta era de exaltação de celebridades – reais e inventadas – fica difícil mesmo achar que a vida da gente tem graça. Mas, tem. Paz interior, amigos leais, nossas músicas, livros, fantasias, decepções e recomeços, tudo isso vale ser incluído na nossa biografia. Ou será que é tão divertido passar dois dias na Ilha de Caras fotografando junto a todos os produtos dos patrocinadores? Compensa passar a vida comendo alface para ter o corpo que a profissão de modelo exige? Será tão gratificante ter um paparazzo na sua cola cada vez que você sai de casa? Estarão mesmo todos realizando um milhão de coisas interessantes enquanto só você está sentada no sofá pintando as unhas do pé? Favor não confundir uma vida sensacional com uma vida sensacionalista.

As melhores festas acontecem dentro do nosso próprio apartamento.

Disponível em: <<http://www.refletirpararefletir.com.br/4-cronicas-de-marthamedeiros>>
Acesso em: 12 set. 2017, às 15h13.

A autora, ao mencionar a cantora brasileira Marina Lima e o poeta português Fernando Pessoa, se faz valer de uma estratégia de escrita. Nesse sentido, podemos verificar a presença de

- A) Polissemia.
- B) Ambiguidade.
- C) Paronímia.
- D) Intertextualidade.
- E) Paradoxo.

02. (ITA/2018) O texto a seguir é uma das lirias que integram *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga.

1. Em uma frondosa
Roseira se abria
Um negro botão!
Marília adorada
O pé lhe torcia
Com a branca mão.
2. Nas folhas viçosas
A abelha enraivada
O corpo escondeu.
Tocou-lhe Marília,
Na mão descuidada
A fera mordeu.
3. Apenas lhe morde,
Marília, gritando,
Co dedo fugiu.
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudiu.
4. Mal viu a rotura,
E o sangue espargido,
Que a Deusa mostrou,
Risonho beijando
O dedo ofendido,
Assim lhe falou:
5. Se tu por tão pouco
O pranto desatas,
Ah! dá-me atenção:
E como daquele,
Que feres e matas,
Não tens compaixão?

GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu & Cartas Chilenas*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2011.

O poema a seguir dialoga com as lirias de *Marília de Dirceu*.

Haicai tirado de uma falsa lira de Gonzaga

Quis gravar “Amor”
No tronco de um velho freixo:
“Marília” escrevi.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Dentre as marcas mais visíveis de intertextualidade, encontram-se as seguintes, exceto

- A) o título do poema menciona o autor de *Marília de Dirceu*.
- B) ambos os textos pertencem à mesma forma poética.
- C) no poema, Marília é, assim como em Gonzaga, o objeto amoroso.
- D) tal como nos textos árcades, no de Bandeira, a natureza é o cenário do amor.
- E) este poema de Bandeira possui, como os de Gonzaga, teor sentimental.

03. (IFPE/2017)



Disponível em: <http://encatamentosdaliteratura.blogspot.com.br/2010/08/propagandas-e-os-contos-de-fadas-parte_16.html>. Acesso em: 10 mai. 2017.

O texto acima é uma publicidade da empresa de cosméticos “O Boticário”, cuja construção retoma o conhecido conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho”. Esse processo é chamado de

- alusão, uma vez que o texto fonte foi retomado para construir uma crítica baseada na ironia.
- paráfrase, pois reproduzem-se as ideias do texto fonte, mas com outras palavras.
- paródia, já que o texto fonte é reproduzido parcialmente.
- hibridismo, porque houve a subversão do texto fonte.
- intertextualidade, porque retomou-se um texto já existente e conhecido para se construir novo sentido.

04. (Unesp/2018)

Leia o trecho do livro *Bem-vindo ao deserto do real!*, de Slavoj Žižek.

Numa antiga anedota que circulava na hoje falecida República Democrática Alemã, um operário alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que toda correspondência será lida pelos censores, ele combina com os amigos: “Vamos combinar um código: se uma carta estiver escrita em tinta azul, o que ela diz é verdade; se estiver escrita em tinta vermelha, tudo é mentira.” Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul: “Tudo aqui é maravilhoso: as lojas vivem cheias, a comida é abundante, os apartamentos são grandes e bem aquecidos, os cinemas exibem filmes do Ocidente, há muitas garotas, sempre prontas para um programa – o único senão é que não se consegue encontrar tinta vermelha.” Neste caso, a estrutura é mais refinada do que indicam as aparências: apesar de não ter como usar o código combinado para indicar que tudo o que está dito é mentira, mesmo assim ele consegue passar a mensagem. Como? Pela introdução da referência ao código, como um de seus elementos, na própria mensagem codificada.

Bem-vindo ao deserto do real!, 2003.

A “introdução da referência ao código, como um de seus elementos, na própria mensagem codificada” constitui um exemplo de

- eufemismo.
- metalinguagem.
- intertextualidade.
- hipérbole.
- pleonasm.

05. (UCPEL/2017-Adaptada)

O ÚLTIMO POEMA

Manuel Bandeira

Assim eu queria o meu último poema.
Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume
A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

Disponível em: <http://www.releituras.com/mbandeira_ultimo.asp>. Acesso em: 07 nov. 2016.

Em “O Último Poema”, Manuel Bandeira faz referência ao próprio fazer literário, o que é denominado

- intertextualidade.
- ironia.
- metalinguagem.
- melancolia.
- alusão.

06. (Enem/2017-PPL)

Um conto de palavras que valessem mais por sua modulação que por seu significado. Um conto abstrato e concreto como uma composição tocada por um grupo instrumental; límpido e obscuro, espiral azul num campo de narcisos defronte a uma torre a descortinar um lago assombrado em que o atirar uma pedra espria a água em lentos círculos sob os quais nada um peixe turvo que é visto por ninguém e no entanto existe como algas do oceano. Um conto-rastro de uma lesma também evento do universo qual a luz de um quasar a bilhões de anos-luz; um conto em que os vocábulos são como notas indeterminadas numa pauta; que é como bater suave e espaçado de um sino propagando-se nos corredores de um mosteiro [...]. Um conto noturno com a fulguração de um sonho que, quanto mais se quer, mais se perde; é preciso resistir à tentação das proparoxítonas e do sentido, a vida é uma peça pregada cujo maior mistério é o nada.

SAINT’ANNA, S. Um conto abstrato. In: O voo da madrugada. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. COMPARTILHE

Utilizando o recurso da metalinguagem, o narrador busca definir o gênero conto pelo procedimento estético que estabelece uma

- confluência de cores, destacando a importância do espaço.
- composição de sons, valorizando a construção musical do texto.
- percepção de sombras, endossando o caráter obscuro da escrita.
- cadeia de imagens, enfatizando a ideia de sobreposição de sentidos.
- hierarquia de palavras, fortalecendo o valor unívoco dos significados.

- Texto para as questões 07 e 08.

QUERIDO ÉRICO

Lygia Fagundes Telles

Érico Veríssimo, meu querido:

Tão prontamente aceitei o convite para escrever uma página sobre você, com tanta alegria fui dizendo sim que em seguida nem pude me lamentar pelo que paguei — pelo que tenho pago sempre por essa minha face arrebatada e fácil no sentido de não calcular. Não prever os cipós nos quais acabo me enrolando todas as vezes que saio do meu gênero e faço outra coisa que não seja nitidamente a minha ficção. Fico insegura. Gauche. E então? Medo de ser pedante. Medo de ser sentimental. Aceitam os senhores da Globo um conto com Érico na pele de personagem principal? — tive vontade de perguntar.

- 5 Como descobrir a palavra exata, num depoimento tão pessoal, sem tocar nas detestáveis pontas que pareciam me aguardar com a implacabilidade do monstro de duas cabeças desafiando o viajante na encruzilhada? A cabeça da direita — a da razão — soltando fogo e fumo pelas narinas, a cabeça da esquerda — a do coração — soltando a mesma massa espessa de fumaça e chamas, tão perigosas quanto as da sua irmã gêmea. Nem possessa nem lúcida.
- 10
- 15

Sentei-me diante da folha em branco, tirei do copo
20 de pedra minha caneta Bic e fiquei olhando, através da
transparência plástica, a veia estática de tinta vermelha —
sangue do pensamento ainda não pensado. E então? —
perguntei-me ainda naquele estado de perplexidade que me
faz crepúsculo, nem dia nem noite, mas uma coisa ambígua à
25 espera do milagre de uma definição. A caneta plena e eu oca.
E essa ideia do conto? Hein? Não serve um conto?...

Nem pedante nem sentimental, que ele não merece
isso, repeti e fiquei sorrindo, porque nesse instante senti que
você sorriu também. O sorriso foi se transformando num riso
30 lento e descontraído, sem nenhuma ironia, apenas divertido.
Rimos juntos enquanto tomei um café e acendi meu cigarro:
você tem razão, Érico, por que a palavra exata? Lá sei por onde
andar a palavra exata, tão melhor usar nosso habitual diálogo,
testemunho de que não só a arte é diálogo, mas principalmente
35 a amizade. E como amizade também é memória, quero me
estender à margem do rio do Passado Mais que Perfeito e ficar
olhando a correntiza com a mesma antiga voz e a mesma cor,
em meio do alarido delirante do presente [...]. Sou raiz que se
apega e sou folha que se abandona nessa evocação orientada
40 apenas pela terna vigilância de quem escreve a um amigo com
a espontaneidade de poder dizer lá no alto: meu querido.

Érico Veríssimo, meu querido, é manhã e estamos no
ano de 1943. [...] Concorri à vaga da Academia de Letras
da escola [...] e a primeira coisa que me ocorreu fazer foi
45 convidar você e Cecília Meireles para uma conferência na
nossa Academia. [...]

No dia da sua chegada, não pudemos sequer ir buscá-
lo no aeroporto. [...] Não, ninguém tinha carro nem nada, os
motorizados da Faculdade não liam.

Sugeri que lhe déssemos uma pequena lembrança após a
conferência [...] E, terminada a sessão, não seria interessante oferecer
um uísque ao romancista? [...] Em que casa seria essa reunião?

Lembrei-me de telefonar a Mário de Andrade: estava
viajando. Fomos procurar Oswald de Andrade, que nos recebeu
55 com o maior calor, mas esfriou quando um colega deu sua
baixaria: já que o Mário não estava em São Paulo, quem sabe
ele, Oswald, poderia?... Uma reuniãozinha simpática, com
uma dúzia de pessoas, quem sabe... Não podia, não. Estava
fortemente implicado com o gaúcho, que tinha dois defeitos
60 irremovíveis: primeiro, não se definia politicamente, quer dizer,
não caíra nos braços do partido quando devidamente sondado.

“Mas é possível uma coisa dessas? Num momento como este
que atravessamos, um escritor ficar indiferente? Apático?!
E bebemos mais um copo de cerveja, “enquanto Oswald
65 passava ao segundo item da sua implicância. Então desatamos
a rir, porque era mesmo engraçado, aquilo de ele se invocar
com romancista por ser um romancista feliz. “Ele é feliz demais,
não pode! Vende os livros, joga tênis e se casou, e continua
casado a vida inteira com uma mulher só, é abusar! Ele ainda
70 está casado com a mesma?”, perguntou e, antes mesmo de
ouvir a resposta, explodiu: “O dia em que ele comer o pão que
o diabo amassou, nesse dia escreverá um grande livro, e eu lhe
oferecerei uma festa. Mas antes tem que ficar desesperado,
rasgado, preso e corneado até pelo cachorro”.

Artista é todo aquele que bebe fel e querosene —
concluí, enquanto assistia a uma aula de Legislação Social, onde
sempre me entregava a pensamentos sobre Deus, a arte e a
morte, etecetera. Esse e outros preconceitos adquiri e perdi com
o tempo: foi na carne que senti, um dia, o julgamento de um
80 crítico, que ficou uma fúria comigo porque eu escrevia coisas
mórbidas e em seguida ia fazer ginástica e jogar voleibol na
Associação Cristã dos Moços. Mas como é que pode?

“O bom romancista é ao mesmo tempo um anjo e
um cavalo, trabalha com as asas (as coisas mais finas, mais
85 espirituais, mais belas) e com as patas, isto é, trabalho braçal, a
resistência física e a paciência cavalares. Mas confio acima de tudo
no Instinto. Que o anjo trabalhe montado no cavalo. E que no
fim desapareça de todo a marca das patas e fique apenas a luz
das asas. Bonito, não?” (Porto Alegre, 29 de agosto de 1950.)

Você dizia que não gostava nem de tango, nem de
gato, nem de cachorro. Mas gostava de Bach, de criança e de
cavalo. Eram os primeiros elementos de um gaúcho tranquilo
que não dançava tango, mas tinha a cara do próprio. De um
gaúcho discreto, de fala baixa, riso breve e fácil comunicação
100 com o público, como ficou provado naquela noite de inverno,
quando nos disse que acreditava, acima de tudo, na trilogia tão
batida da verdade, da bondade e da beleza. Durante um dos
debates que promovemos, um estudante lhe fez uma pergunta,
não me lembro da pergunta, mas me lembro da sua resposta:
105 “sou apenas um contador de histórias”.

Fiquei meio chocada: estava no começo da carreira
e minha autoconfiança e meu orgulho não aceitavam esse
tipo de confissão. Um simples contador de histórias? A um
entrevistador que lhe fazia perguntas agudíssimas William
110 Faulkner respondeu de repente; “Sou fazendeiro, moço”.
O entrevistador um crítico formado em Harvard, ficou histérico:
“Escritor, diga escritor!” Então ele sorriu e se levantou para ir
embora: “Sou fazendeiro”. Mas nessa época eu ainda não tinha
lido essa entrevista, que poderia ter me impressionado. Nessa
115 época, eu ainda tateava no ofício: tamanho despojamento não
fazia mesmo sentido diante da minha ambição.

É difícil encontrar uma criatura tão coerente no seu
comportamento de absoluta fidelidade a si próprio e aos outros,
aqueles nos quais você acreditou. Sua gente. Seus amigos. Sua
120 música. Seus livros — ah, com que amor você se devotou ao seu
doce mundo. Já naquele distante 1943 você parecia saber que
o importante é cuidar da rosa do nosso jardim. Sem, contudo,
se ausentar sem se omitir. E em algum momento você ficou
indiferente aos problemas do nosso povo? Ao sofrimento desse
125 povo? Já estão os seus livros, através dos quais você se manifesta,
participa deste tempo e deste vento. Sua voz transparece na boca
das personagens, centenas de personagens falando alto da sela
de um cavalo, da poltrona de uma sala governamental, de um
coreto. Falando baixo do catre de uma prisão, que nas prisões
130 se fala em baixo tom. A injustiça — eis o que mais fundamente
parece tocá-lo —, a injustiça e todo o seu leque maldito, que vai
da servidão à tortura.

07. (Uece/2016) Chama-se intertextualidade o diálogo que os textos
mantêm entre si. Em todos os textos ocorre, de forma mais
explícita ou mais implícita, o fenômeno da intertextualidade, ou
seja, o resgate de elementos de outro(s) texto(s) anterior(es).
O texto de Lygia é um caso de intertextualidade. Ele vem
em forma de carta, isto é, aproveita as características do
gênero carta, para construir uma crônica. Assinale **1** o que for
característico da carta e com **2** o que for aproveitado da carta
para construir a crônica.

- () Título: Meu querido Érico
() Vocativo: Érico Veríssimo, meu querido:
() Ausência da localidade e da data.
() Nome da autora após o título.

Está correta a seguinte sequência de cima para baixo:

- A) 2 – 1 – 2 – 2.
B) 1 – 2 – 2 – 1.
C) 1 – 2 – 1 – 1.
D) 2 – 1 – 1 – 2.

08. (Uece/2016) Assinale a opção em que o enunciador remete ao título de uma das obras de Érico Veríssimo.
- A) “Aí estão seus livros, através dos quais você se manifesta”. (linhas 125)
- B) “participa deste tempo e deste vento.” (linha 126)
- C) “centenas de personagens falando alto da sela de um cavalo.” (linhas 127)
- D) “Falando baixo do catre de uma prisão.” (linhas 130)

09. (UEG/2015)



Entrevista de Pedro Burgos. *Superinteressante*, ed. 336, ago. 2014. p. 22.

Há entre o enunciado “não atacar é o melhor ataque” e o ditado futebolístico “a melhor defesa é o ataque” uma relação denominada de

A) intertextualidade

B) contextualidade

C) prolixidade

D) informatividade

10. (Enem/2014)

O EXERCÍCIO DA CRÔNICA

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa como se faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastando gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado.

MORAES, V. *Para viver um grande amor: crônicas e poemas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

Predomina nesse texto a função da linguagem que se constitui

A) nas diferenças entre o cronista e o ficcionista.

B) nos elementos que servem de inspiração ao cronista.

C) nos assuntos que podem ser tratados em uma crônica.

D) no papel da vida do cronista no processo de escrita da crônica.

E) nas dificuldades de se escrever uma crônica por meio de uma crônica.

Aulas
09 e 10

O Impressionismo, o Pós-Impressionismo e a Arte Brasileira no Século XIX

C-4 / H-12, 13
H-14

Impressionismo



MONET, Claude (1840-1926). *Os campos de aveia* (1890). Óleo sobre tela.

O movimento artístico denominado de Impressionismo surge em meados do século XIX, a partir do rompimento de alguns jovens com a postura acadêmica da arte nesse período. A obra “Impressão, nascer do sol”, de Claude Monet é o marco dessa nova tendência, que teve associação com os aspectos dos estudos da física sobre a luz, bem como forte relação com a xilogravura japonesa. A ideia dos artistas impressionistas era de retratar a realidade por meio de sugestões sensoriais adquiridas em diferentes momentos do dia e propiciadas pelos tons de luz que incidiam sobre um objeto. Assim, a pintura ganhava as ruas, os cafés, os bosques e as paisagens marinhas, deixando o interior dos ateliês para trás, como se isso fosse um recado: adeus ao passado! No entanto, essa nova formatação pictórica não foi bem aceita pelas sociedades mais conservadoras, excluindo os impressionistas dos grandes eventos de arte, como o famoso Salão de Paris. Essa situação fez surgir uma espécie de grupo de resistência, composto por nomes hoje renomados, como Renoir, Claude Monet, Degas, Eduard Manet, Lautrec, mas à época apenas rejeitados, a exemplo do nome do Salão dos Rejeitados, local onde suas obras eram expostas. Embora excluído inicialmente pela má postura social conservadora, esse movimento se tornou único e um divisor de águas entre a pintura acadêmica e moderna.

Características da pintura impressionista

- Percepção visual acerca dos efeitos da incidência da luz sobre um objeto;
- Sugestões em vez de precisão nas pinturas;
- Técnica da mancha-cor, que consiste em não traçar um desenho ou fazer um rascunho antes da pintura. O artista já aplicava a tinta direto na tela;
- Cores puras, não misturadas na palheta do pintor, mas misturadas no olhar do observador;
- Pintura ao ar livre;
- Pontilhismo, evitando as pinceladas contínuas;
- Pinceladas soltas e sombras luminosas e coloridas;
- Temas naturalistas, pontes, paisagens marinhas, cafés, campos...

A Arte Brasileira no Fim do Século XIX

No Brasil, a pintura se voltou para a temática histórica e clássica, que resgatava os feitos heroicos de seu povo e dos índios. Temas ligados ao Império, à chegada dos portugueses e à interação do índio com o homem europeu se mostraram relevantes aos artistas da época, como Pedro Américo de Figueiredo e Melo, retratista fiel desse período. A pintura passa a ser vista sob a ótica acadêmica, sendo fundada a Academia de Belas Artes Brasileira.



Dominio Público

Nesses termos, as cenas retratadas externavam o ideal, mas não o real e fidedigno, gerando uma ideia de grandiloquência às obras e aos feitos, como se verifica na tela “Independência ou morte”, exposta acima.

A Art Nouveau



Musée Toulouse-Lautrec, França

LAUTREC-TOULOUSE, Henri de (1864-1901).
Reine de Joie (1896).

Com um estilo decorativo, que rapidamente se espalhou pela Europa e América, a arte nova (tradução do francês *Art Nouveau*) fez surgir fortes transformações no universo arquitetônico e mobiliário entre o fim do século XIX e começo do século XX. Essa tendência valorizava o aspecto orgânico das formas, sugerindo uma mescla entre moderno e medieval. Merecem destaques os artistas Victor Horta, Antonio Gaudi e Toulouse Lautrec, grandes representantes na arquitetura e cartazes publicitários.



Nicolas De Conter/23RF/Gettyimages

Casa Batlló – Gaudi, Barcelona

O Pós-Impressionismo

Duas correntes se desenvolveram após as mudanças propostas pelos impressionistas: Os *Fauves* (os selvagens), artistas que exaltavam as cores mais vibrantes, e os *Nabis* (os profetas), que acreditavam em uma inspiração quase que espiritual responsável por auxiliar na produção das obras de artes. Dentre os muitos artistas desse período, três nomes merecem relevante destaque:



Dominio público

A Siesta (1892-94) - Paul Gauguin. Foto: Everett – Art / Shutterstock.com

Henri Matisse – gradativamente o artista se afastou do formato figurativo e foi envolvido pelas cores, recurso unívoco adotado por Matisse.

Paul Gauguin – desenvolveu o sintetismo, recurso ímpar que consiste no uso de cores vibrantes definidas por linhas que exploram o olhar do observador. Essa técnica faz as pinturas se aproximarem da aparência dos vitrais góticos.

Paul Cézanne – Ele subverte os valores do impressionismo ao não traçar a pintura ao ar livre, dando preferência à produção de elementos de natureza morta. Por meio dessa tendência, Cézanne busca desenvolver a volumetria das formas.



Exercícios de Fixação

01. (Uerj)



Reprodução/Uerj

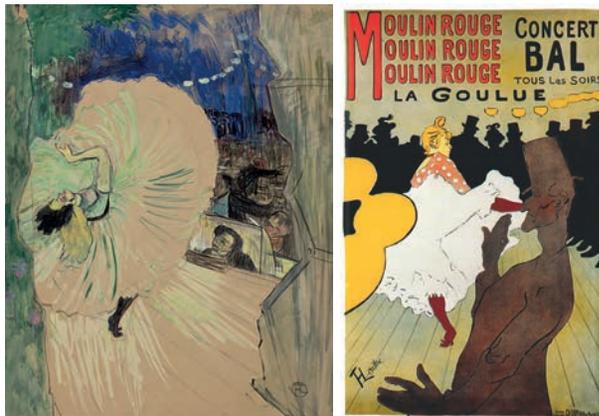
Iracema (1881), de José de Medeiros.
Disponível em: <www.itaucultural.org.br>

O romance *Iracema*, de José de Alencar, publicado em 1865, influenciou artistas, como José Maria de Medeiros, que nele encontraram inspiração para representar imagens do Brasil e do povo brasileiro no período imperial (1822-1889).

Na construção da identidade nacional durante o Império do Brasil, identifica-se a valorização dos seguintes aspectos:

- A) clima ameno / indole guerreira dos ameríndios
- B) grandeza territorial / integração racial das etnias
- C) extensão litorânea / sincretismo religioso do povo
- D) natureza tropical / herança cultural dos grupos nativos

02. (ESPM) Aprecie as imagens, leia o texto e responda:



Reprodução/ESPM 2018

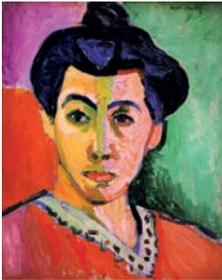
O artista era um aristocrata que abandonou a vida de luxo e regrada dos nobres para flunar pela marginalidade parisiense. Boêmio, pintou a melancolia de suas noites, seus cabarês e cortesãs. Faleceu precocemente, aos 36 anos, de sífilis e alcoolismo. O Museu de Arte de São Paulo (MASP) expôs entre junho e outubro de 2017 uma mostra de 75 pinturas, cartazes e gravuras do artista, autor das imagens em questão e sobre quem o texto trata. São obras que vieram do Museu D'Orsay (Paris), do Museu Tate e do Museu Victória & Albert (Londres) e do Museu Thyssen-Bornemisza (Madri).

Assinale a alternativa que apresente, respectivamente, o artista e o movimento artístico em questão:

- A) Toulouse Lautrec – Pós-Impressionismo.
- B) Henri Matisse – Fauvismo.
- C) Paul Cézanne – Impressionismo.
- D) Claude Monet – Impressionismo.
- E) Eugène Delacroix – Romantismo.

03. (UEL) As origens da Arte Moderna estão relacionadas com o trabalho inovador de vários artistas que atuaram até o século XIX. Podem-se relacionar alguns precursores com os movimentos da Arte Moderna: Manet e o Impressionismo, Van Gogh e o Expressionismo, Cézanne e o Cubismo, Gauguin e o Fovismo e Bosch e o Surrealismo.

Com base nos conhecimentos sobre os antecedentes da Arte Moderna, relacione as obras dos artistas mencionados com as dos respectivos movimentos.

I.		A.	
II.		B.	
III.		C.	
IV.		D.	
V.		E.	

Imagens: Reprodução/UEL 2015

Assinale a alternativa que contém a associação correta.

- A) I-A, II-C, III-E, IV-B, V-D.
- B) I-A, II-D, III-B, IV-C, V-E.
- C) I-C, II-B, III-A, IV-E, V-D.
- D) I-C, II-D, III-E, IV-A, V-B.
- E) I-D, II-C, III-A, IV-B, V-E.

04. (Uespi) A cultura não ficou ausente das mudanças trazidas pela modernidade. Surgiu uma sensibilidade diferente, dos tempos do neoclassicismo, que causou admiração e polêmicas. Na arte do século XIX, por exemplo, os impressionistas
- procuraram construir novas concepções estéticas, recusadas pelos conservadores e pelos salões de exposição oficiais.
 - seguiram o realismo da pintura de Gustave Coubert, colocando novas cores e cenas expressivas da vida cotidiana.
 - firmaram uma ruptura com os padrões tradicionais, mas foram bem aceitos pelos críticos franceses.
 - negaram o uso de técnicas atualizadas, retomando padrões renascentistas, mas com inovação na escolha das paisagens.
 - tiveram em Manet seu representante principal, o qual foi muito elogiado, na época, pela sua ousadia.
05. (Famema) Johann Moritz Rugendas esteve no Brasil entre 1821 e 1825, inicialmente como membro da Expedição Langsdorff. Desenhista e documentarista, produziu obras sobre paisagens, cenas cotidianas e tipos humanos, como a representada a seguir, denominada *Família de fazendeiros* (1825).



Reprodução/Famema 2017

Nessa obra, observam-se

- a influência da arquitetura colonial portuguesa e a simplicidade dos trajés usados em público.
 - a presença de símbolo religioso e a convivência de senhores e escravos em um mesmo espaço.
 - as relações escravistas de produção e a riqueza e diversidade do mobiliário das casas de fazendeiros.
 - o patriarcalismo na organização familiar e a importância da educação para a ascensão social.
 - o vestuário como forma de eliminação das distinções sociais e a incorporação de costumes alimentares indígenas.
06. (Unicamp) A aquarela do artista João Teófilo, aqui reproduzida, dialoga com a pintura de Pedro Américo, "Tiradentes esquartejado" (1893). Sobre a obra de João Teófilo, publicada na capa de uma revista em 2015, é possível afirmar que:



Reprodução/Unicamp 2015

- Trata-se de uma obra baseada em um quadro do gênero da pintura histórica, sendo que no trabalho de Pedro Américo o corpo de Tiradentes no patíbulo afasta-se da figura do Cristo, exemplo maior de mártir.
- Utilizando-se das mesmas formas do corpo esquartejado de Tiradentes pintado por Pedro Américo, o autor limita o número de sujeitos esquartejados e acentua o tom conservador da aquarela.
- A imagem fala sobre seu contexto de produção na atualidade, utilizando-se do simbolismo de Tiradentes, e procura ampliar a presença de negros como sujeitos sociais nas lutas coloniais e antiescravistas.
- Tiradentes consolidou-se como um mártir nacional no quadro de Pedro Américo, daí a necessidade do pintor de retratar seu corpo esquartejado. A obra de João Teófilo mostra que os mártires, embora negros, são um tema do passado.

07. (CFTMG)

Texto I



Reprodução/CFTMG 2015

A Primeira Missa no Brasil, de Victor Meirelles, óleo sobre tela de 1861.

Texto II

"A ciência e a arte, dentro de um processo intrincado, fabricavam realidades mitológicas que tiveram, e ainda têm vida prolongada e persistente".

COLI, Jorge. A invenção da descoberta. In: *Como estudar arte brasileira no século XIX?* São Paulo: Senac, 2005, p. 23.

- Sobre os documentos referentes ao Descobrimento do Brasil e à arte produzida no século XIX, é correto afirmar que
- ignoram a participação dos indígenas no processo de formação da identidade nacional.
 - derrubam uma imagem hierarquizada do encontro das etnias que formaram a nação brasileira.
 - consolidam uma visão da colonização marcada pela exploração portuguesa das matérias-primas.
 - constroem uma memória pacífica do nascimento da nação fundada sob a égide do catolicismo.

08. (UPE) Sobre a produção cultural no Brasil do século XIX, assinale a alternativa correta.

- O auge da produção cultural, especialmente literária no Brasil oitocentista, se deu ainda no Primeiro Reinado, sob o mecenato de D. Pedro I.
- A obra de Machado de Assis consolidou o Romantismo no Brasil, sob forte influência do escritor francês Victor Hugo.
- José de Alencar produziu uma literatura extremamente crítica, voltando sua pena contra a sociedade e o governo do Brasil do Segundo Reinado.
- A obra de Carlos Gomes, especialmente sua produção operística, teve amplo sucesso popular no Brasil.
- Raul Pompeia, autor de convicções republicanas e abolicionistas, escreve uma metáfora sobre a crise do Império no seu romance *O Ateneu*, publicado em 1888.

09. (Fuvest)



Victor Meirelles, 1866.

Em seu contexto de origem, o quadro anterior corresponde a uma

- A) denúncia política das guerras entre as populações indígenas brasileiras.
 - B) idealização romântica em um contexto de construção da nacionalidade brasileira.
 - C) crítica republicana à versão da história do Brasil difundida pela monarquia.
 - D) defesa da evangelização dos índios realizada pelas ordens religiosas no Brasil.
 - E) concepção de inferioridade civilizacional dos nativos brasileiros em relação aos indígenas da América Espanhola.
10. (UFPA) Em 1906, quando Antonio Lemos era intendente de Belém, ele adquiriu para o Conselho Municipal uma série de pinturas, como esta que mostra uma família num jardim à margem da baía do Guajará.



CALIXTO, Benedito (1853-1927). Recanto de Jardim (1906). Óleo sobre tela. (Coleção Museu de Arte de Belém).

O quadro retrata um estilo de vida da cidade em uma época que hoje conhecemos por *belle-époque*. O intendente Antonio Lemos e a elite oligárquica queriam por meio dessa exposição artística

- A) mostrar que a civilização de origem europeia havia chegado aos trópicos e que Belém estava voltada para os ideais desta cultura presente nos modos e vestes retratados.
- B) exaltar a vida em família em um recanto de jardim como algo para ficar na memória, como se fazia na Europa nas pinturas impressionistas e modernistas.
- C) apresentar os recantos da cidade para muitos turistas que aqui chegavam e não conheciam o cotidiano de Belém e sua cultura.
- D) divulgar o estilo de vida recatado e simples da população paraense que, na época, era completamente diferente do restante do Brasil.
- E) valorizar os elementos da cultura popular, como a música das serestas, que era então um dos símbolos da cultura da Amazônia.



Exercícios Propostos

- Texto para as questões de 01 a 03:

GRITO

Quadro que fundou o expressionismo nasceu de um ataque de pânico.

Edvard Munch nasceu em 1863, mesmo ano em que *O piquenique no bosque*, de Édouard Manet, era exposto no Salão dos Rejeitados, chamando a atenção para um movimento que nem nome tinha ainda. ¹Era o impressionismo, superando séculos de pintura acadêmica. Os impressionistas deixaram o realismo para a fotografia e se focaram no que ela não podia mostrar: as ²sensações, a parte subjetiva do que se vê.

³Crescendo durante ⁴essa ⁵revolução, Munch – que, aliás, também seria ⁶fotógrafo – achava ⁷a linguagem dos impressionistas superficial e científica, discreta demais para expressar o que sentia. E ele sentia: Munch tinha uma história familiar trágica: ⁸perdeu a mãe e uma irmã na infância, teve outra irmã que passou a vida em asilos psiquiátricos. ⁹Tornou-se artista sob forte oposição do pai, que morreria quando Munch tinha 25 anos e o deixaria na pobreza. O artista sempre viveu na boemia, entre bebedeiras, brigas e romances passageiros, tornando-se amigo do filósofo niilista Hans Jæger, que acreditava que o suicídio era a forma máxima da libertação.

¹⁰Fruto de suas obsessões, ¹¹*O Grito* não foi seu primeiro quadro, mas o que o tornaria célebre. ¹²A inspiração veio do que parece ter sido um ataque de pânico, que ele escreveu em seu diário, pouco mais de um ano antes do quadro: “Estava andando por um caminho com dois amigos – o sol estava se pondo – quando, de repente, o sol tornou-se vermelho como o sangue. Eu parei, sentindo-me exausto, e me encostei na cerca – havia sangue e línguas de fogo sobre o fiorde negro e a cidade. Meus amigos continuaram andando, e eu fiquei lá, tremendo de ansiedade – e ¹³senti um grito infinito atravessando a natureza”.

¹⁴Ali nasceria um novo movimento artístico. ¹⁵*O Grito* seria a pedra fundadora do expressionismo, a principal vanguarda alemã dos anos 1910 aos 1930.

Aventuras na História

01. (Uece/2017) Assinale a opção que reduz o primeiro parágrafo do texto às suas cinco informações fundamentais.
- A) A exposição de *Piquenique no Bosque*, em 1863, chamou a atenção para o impressionismo, que se iniciava explorando o lado subjetivo das sensações.
 - B) A exposição de *Piquenique no Bosque*, quadro de Édouard Manet, chamou a atenção para o impressionismo, que se iniciava explorando o lado subjetivo das sensações.
 - C) A exposição de *Piquenique no Bosque*, quadro de Édouard Manet, chamou a atenção para o impressionismo, superando a pintura acadêmica.
 - D) A exposição de *Piquenique no Bosque*, quadro de Édouard Manet, exposto no Salão dos Rejeitados, chamou a atenção para o impressionismo, que explorava o lado subjetivo das sensações.

02. (Uece/2017) Observe a diferença de sentido entre o verbo **sugerir** (dar a entender, insinuar, aventar) e o verbo **afirmar** (assegurar a veracidade ou a existência de algo; certificar, comprovar, atestar). Assinale a opção que corresponde ao único dado do primeiro parágrafo do texto, que foi apenas sugerido ou insinuado.
- A) Munch foi amigo de Hans Jæger, filósofo niilista (niilista é aquele que tem espírito destrutivo e entende não ter a vida valor nem utilidade).
- B) Edvard Munch nasceu no ano de 1863.
- C) Edvard Munch nasceu no ano em que Édouard Manet expôs o quadro *O piquenique no bosque*.
- D) Muito jovem, Munch teve de enfrentar a perda de parte da família.
03. (Uece/2017) Pode-se assegurar, com base nas informações do texto, que
- A) Manet pintou o quadro *O Grito* ao mesmo tempo em que Munch escrevia o diário.
- B) antes de pintar *O Grito*, Munch escreveu um diário, onde diz ser a linguagem do Impressionismo insuficiente, fraca e insatisfatória para expressar os sentimentos de qualquer pintor.
- C) Manet pintou o famoso quadro *Piquenique no bosque* sob forte tensão psicológica.
- D) Munch mencionou em seu diário, antes de pintar *O Grito*, o abalo psicológico que pode ter sido a motivação do quadro.
04. (Enem/2010)



MONET, C. Mulher com sombrinha. 1875, 100x81cm.
In: BECKETT, W. *História da Pintura*. São Paulo: Ática, 1997.

Em busca de maior naturalismo em suas obras e fundamentando-se em novo conceito estético, Monet, Degas, Renoir e outros artistas passaram a explorar novas formas de composição artística, que resultaram no estilo denominado Impressionismo. Observadores atentos da natureza, esses artistas passaram a

A) retratar, em suas obras, as cores que idealizavam de acordo com o reflexo da luz solar nos objetos.

B) usar mais a cor preta, fazendo contornos nítidos, que melhor definiam as imagens e as cores do objeto representado.

C) retratar paisagens em diferentes horas do dia, recriando, em suas telas, as imagens por eles idealizadas.

- D) usar pinceladas rápidas de cores puras e dissociadas diretamente na tela, sem misturá-las antes na paleta.
- E) usar as sombras em tons de cinza e preto e com efeitos esfumados, tal como eram realizadas no Renascimento.
05. (Enem-PPL 2º Dia/2015) Em 1866, tendo encerrado seus estudos na Escola de Belas Artes, em Paris, Pedro Américo ofereceu a tela *A Carioca* ao imperador Pedro II, em reconhecimento ao seu mecenas. O nu feminino obedecia aos cânones da grande arte e pretendia ser uma alegoria feminina da nacionalidade. A tela, entretanto, foi recusada por imoral e licenciosa: mesmo não fugindo à regra oitocentista relativa à nudez na obra de arte, *A Carioca* não pôde, portanto, ser absorvida de imediato. A sensualidade tangível da figura feminina, próxima do orientalismo tão em voga na Europa, confrontou-se não somente com os limites morais, mas também com a orientação estética e cultural do Império. O que chocara mais: a nudez frontal ou um nu tão descolado do que se desejava como nudez nacional aceitável, por exemplo, aquela das românticas figuras indígenas? *A Carioca* oferecia um corpo simultaneamente ideal e obsceno: o alto – uma beleza imaterial – e o baixo – uma carnalidade excessiva. Sugeriu uma mistura de estilos que, sem romper com a regra do decoro artístico, insinuava na tela algo inadequado ao repertório simbólico oficial. A exótica morena, que não é índia – nem mulata ou negra – poderia representar uma visualidade feminina brasileira e desfrutar de um lugar de destaque no imaginário da nossa monarquia tropical”?

OLIVEIRA, C. Disponível em: <<http://anpuh.org.br>>. Acesso em: 20 maio 2015.

- O texto revela que a aceitação da representação do belo na obra de arte está condicionada à
- A) incorporação de grandes correntes teóricas de uma época, conferindo legitimidade ao trabalho do artista.
- B) atemporalidade do tema abordado pelo artista, garantindo perenidade ao objeto de arte então elaborado.
- C) inserção da produção artística em um projeto estético e ideológico determinado por fatores externos.
- D) apropriação que o pintor faz dos grandes temas universais já recorrentes em uma vertente artística.
- E) assimilação de técnicas e recursos já utilizados por movimentos anteriores que trataram da temática.
06. (Funrio) Leia um trecho da carta de Vincent Van Gogh a seu irmão Theo, sobre o célebre quadro “O quarto do artista em Arles” (1889). “Eu tinha uma nova ideia em minha cabeça e aqui está o seu esboço... desta vez, trata-se simplesmente do meu quarto, só que a cor se encarregará de tudo (...) As paredes são violeta-claro. O piso é de ladrilhos vermelhos. A madeira da cama e as cadeiras, amarelo de manteiga fresca, os lençóis e almofadas de um tom leve de limão esverdeado. A colcha, escarlate. As janelas, verde. A mesa de toalete, laranja: e a bacia azul. As portas de cor lilás. E é tudo. (...)”
- A partir de tais observações, pode-se dizer que Van Gogh
- A) pretendia criar uma atmosfera de emoção, pela ênfase dada às sombras e ambientes soturnos em seu quadro.
- B) procurou demonstrar seu domínio na arte da composição, utilizando os ensinamentos de artistas renascentistas na harmonia das cores.
- C) perseguiu a criação de um ambiente real através de uma abordagem naturalista, onde o que é visto se sobrepõe ao que é sentido pelo artista.
- D) utilizou as cores como instrumento para transmitir o que sentia e não para representar o que via com fi dedignidade.
- E) procurou criar uma atmosfera noturna, onde preponderavam tons escuros e com pouca vibração.

07. (Consuplan/2014) Em relação ao fauvismo, tendência estética da pintura, surgida no final do século XIX e desenvolvida no início do século XX, assinale a afirmativa correta.
- A) Prioriza a geometrização das formas.
 B) Surgiu com um grupo de pintores na Itália.
 C) Foi o mais duradouro e definido de todos os movimentos artísticos.
 D) As obras apresentavam cores puras, exagero no desenho e na perspectiva.
 E) O ano de 1925 foi o mais triunfal para os *fauves*, pois o movimento atingiu o clímax nas exposições.
08. (UEM/2010 – Adaptada) “Desde meados do século XVII, o governo britânico procurava estabelecer uma colaboração entre as artes e a indústria artesanal, por meio da *Society of Arts*. Mas foi em 1835 que as escolas oficiais de desenho foram criadas com o objetivo de aprimorar o design das manufaturas e tornar a arte compatível com a industrialização.”

PROENÇA, Graça. *História da arte*. São Paulo: Ática, 2007, p. 185.

Com base nesse texto, assinale o que for correto sobre o Art Nouveau.

- 01) Esse estilo foi criado no século XIX, e um dos seus locais de origem foi a Bélgica, que era, na ocasião, um país muito industrializado.
- 02) Compreendem-se como Art Nouveau várias manifestações artísticas, como a pintura, a escultura e a arquitetura.
- 04) Como o Brasil teve uma industrialização tardia, não houve nenhuma manifestação artística desse estilo no país.
- 08) A arte de Victor Horta é uma das mais notáveis realizações arquitetônicas desse período.
- 16) Por ser considerada como “arte menor”, a produção de mobiliário jamais foi compreendida a partir da denominação Art Nouveau.
09. A respeito do estilo Art Nouveau, é correto afirmar que
- 01) foi um estilo que buscava combinar as novas técnicas de produção do ferro com o uso de ornamentos.
- 02) o estilo se inspirava na arte japonesa, a qual descartava a simetria e explorava o efeito da curva sinuosa.
- 04) foi um estilo que se difundiu por toda a Europa e recebeu diferentes nomes como Modern Style, Jugendstil e Stile Liberty.
- 08) por se tratar de uma arte baseada no utilitarismo o estilo Art Nouveau não teve manifestações importantes fora da produção industrial.
- 16) Charles Rennie Mackintosh é considerado o representante máximo do estilo, por buscar formas mais sinuosas possíveis.
10. O *Art Nouveau* foi um movimento que se desenvolveu no final do século XIX, na Europa, onde reinava um clima de inovação nas artes, na arquitetura, no design de mobiliário e produto, nas artes gráficas e na moda. Ele floresceu de 1890 até a Primeira Guerra Mundial e nos diversos países onde ocorreu, ganhou nomes e estilos diferentes. Na França, foi chamado *Art Nouveau*; na Alemanha, *Jugendstil*; na Áustria, *Secession*; na Itália, *Liberty* e, na Inglaterra, *Modern Style*.



Alphonse Mucha (1860-1939), Dance, 1898.
 Disponível em: <www.artchive.com/artchive/M/mucha/mucha_dance.jpg.html>.
 Acesso em: 24 ago. 2011.



Alfred Roller (1864-1935),
 Cartaz para a décima quarta mostra da
 Secessão Vienense, 1902.

Sabendo que os dois cartazes ilustrados acima se relacionam ao movimento *Art Nouveau*, avalie as afirmações que se seguem.

- I. O *Art Nouveau* se internacionalizou por se opor à esterilidade da era industrial, que se espelhava na aparência pouco estética dos produtos fabricados por máquinas.
- II. A bidimensionalidade, o ritmo linear e as cores planas das xilogravuras japonesas tiveram influência significativa sobre as produções gráficas do movimento *Art Nouveau*.
- III. O *Art Nouveau* dos franceses e belgas caracterizou-se pela ênfase nas formas orgânicas nas primeiras manifestações anteriores a 1900 e por um conteúdo linear de formas puras, depois de 1900.
- IV. O *Art Nouveau* austríaco, conhecido como *Secession*, está mais ligado à austeridade linear da Escola de Glasgow, que explora a geometria, superfícies simplificadas e ornamentação mais restrita.

É correto apenas o que se afirma em

- A) I. B) II.
 C) I e III. D) II e IV.

11. (UFPB) A pintura é uma manifestação artística que pode ser utilizada como fonte histórica, reforçando uma versão da história. Nesse sentido, observe o quadro do pintor paraibano Pedro Américo:



Disponível em: <<http://www.kaydara.com.br/upload/imagens>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

No campo da historiografia, essa imagem:

- A) sintetiza o verdadeiro sentimento de toda a nação em relação a Portugal.
- B) expõe a luta de classes existente no país no período da independência.
- C) expressa o apoio popular ao processo de autonomia política do Brasil.
- D) representa uma visão heroica e romanceada da separação política do país.
- E) mostra a independência como anseio de grupos subalternos.

12. (Unesp)



AMOEDO, Rodolfo. O último tamoio, 1883. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

A tela de Rodolfo Amoedo mostra a morte de Aimberê, líder da Confederação dos Tamoios (1554-1567), revolta indígena contra a escravização. A pintura foi realizada mais de três séculos depois e pode ser entendida como um esforço de

- A) representação do sacrifício de indígenas e do acolhimento e proteção que os religiosos teriam dado aos nativos durante o período colonial.
- B) denúncia do genocídio indígena durante a fase colonial, responsabilizando a Igreja Católica por ter colaborado com a Coroa portuguesa.
- C) construção de um passado heroico para o Brasil, associando o índio a um bom selvagem, corrompido posteriormente pela religião católica.
- D) recuperação do período pré-cabralino e apontamento da necessidade de valorização das formas de solidariedade então existentes no Brasil.
- E) exposição dos confrontos entre religiosos e índios, que foram constantes e violentos durante todo o período colonial.

13. (Uerj)



Pedro Américo. Disponível em: <www.dee.ufcg.edu.br>.

Essa tela foi produzida entre 1886 e 1888, momento de crise do Estado Imperial e de expansão do republicanismo.

A imagem da independência do Brasil nela representada enfatiza uma memória desse acontecimento político entendido como:

- A) ação militar dos grupos populares
- B) fundação heroica do regime monárquico
- C) libertação patriótica pelos líderes brasileiros
- D) luta emancipadora face ao domínio estrangeiro

14. (Mackenzie)



DAVID, Jacques-Louis. Napoleão em seu estúdio (1812).



DEBRET. Retrato de D. João VI (1817)

Neste ano, em que comemoramos as relações Brasil-França, verificamos que as interfaces que ligam as duas nações são marcantes ao longo de toda a nossa história. A presença da família real portuguesa no Brasil, em 1808, motivou, entre outros eventos, a vinda da Missão Artística Francesa, em 1816, porque

- A) o estilo neoclássico trazido pelos artistas franceses traduzia o modelo ideal de civilização, de acordo com os padrões da classe dominante europeia, sendo essa a imagem que o governo português desejava transmitir, nesse momento, do Brasil.
- B) a arte acadêmica, fruto da Missão Francesa chefiada por Joaquim Lebreton, tinha, como objetivo, alterar o gosto e a cultura nacional, ainda marcadamente influenciada pela opulência do Barroco e pela tradição indígena.
- C) a arte acadêmica, afastando-se dos motivos religiosos e exaltando o poder civil, as datas e os personagens históricos, agradava mais às classes populares nacionais, ansiosas por imitarem os padrões europeus.
- D) somente artistas franceses poderiam retratar, com exatidão e competência, a paisagem e os costumes brasileiros, modificados com a vinda da família real para a colônia.
- E) era necessário criar, na colônia, uma Academia Real de Belas Artes, a fim de cultivar e estimular, nos trópicos, a admiração pelos padrões intelectuais e estéticos portugueses, reconhecidamente superiores.

15. (UFPE) As mudanças nas concepções de mundo trouxeram perspectivas estéticas diferentes que fundamentaram as vanguardas modernistas. O Impressionismo foi importante na construção dessas concepções estéticas, pois:
- () fortaleceu as tradições vindas da cultura clássica.
 - () incentivou a autonomia criativa do artista.
 - () contou, já no seu início, com um mercado de arte receptivo e economicamente favorável.
 - () tinha a participação de artistas defensores de uma representação geométrica do mundo.
 - () contribuiu com uma nova técnica para se trabalhar as formas e as cores.
16. (UPE) O Brasil da segunda metade do século XIX viveu um desenvolvimento urbano e econômico, que gerou reflexos na sua produção cultural. Espaço de surgimento e atuação de vários artistas e intelectuais, as cidades do Brasil Imperial foram o palco de uma efervescência artístico-cultural ímpar.

Sobre essa realidade, assinale a alternativa correta.

- A) Machado de Assis, principal escritor do Modernismo brasileiro, foi autor de várias obras que tiveram ampla aceitação popular, o que lhe proporcionou, inclusive, fama no exterior.
 - B) As pinturas de Pedro Américo refletiam um tom romântico e nacionalista, retratando, inclusive, acontecimentos históricos pátrios.
 - C) Aluísio de Azevedo, grande expoente do romantismo literário no Brasil, sofreu com a censura imperial, em relação a sua obra.
 - D) Castro Alves, grande símbolo do chamado 'mal do século', foi autor de poesias que tiveram ampla repercussão nacional.
 - E) A produção teatral de Artur de Azevedo era marcada por uma dramaturgia de conotações trágicas.
17. (UFG) Analise os quadros.



RENOIR, Pierre-Auguste. As grandes banhistas (1887). Museu de Arte da Filadélfia. Disponível em: <<http://kavorka.wordpress.com/2008/10/29/as-grandesbanhistaspierre-aguste-renoir-1887/>>. Acesso em: 15 abr. 2010.



PICASSO, Pablo. Les Femmes d'Alger (O Versão O) (1907). Museu de Nova York (Moma). Disponível em: <<http://www.filosofar.cat/bloc/?p=1757>>. Acesso em: 15 abr. 2010.

- A comparação entre as pinturas de Renoir e Picasso revela uma mudança fundamental na concepção artística, no início do século XX. Essa mudança pode ser identificada na
- A) ausência de perspectiva, trazendo as figuras representadas para o primeiro plano do quadro.
 - B) desconsideração da forma, resultando em uma estética degenerada dos corpos.
 - C) recusa na imitação realística das formas, instituindo a representação abstrata das figuras.
 - D) utilização do sombreado, ampliando a percepção acerca dos detalhes pictóricos.
 - E) escolha temática das obras artísticas, permeadas pela emoção e pela exploração do universo privado.

18. (Enem cancelado) Distantes uma da outra quase 100 anos, as duas telas seguintes, que integram o patrimônio cultural brasileiro, valorizam a cena da primeira missa no Brasil, relatada na carta de Pero Vaz de Caminha. Enquanto a primeira retrata fielmente a carta, a segunda — ao excluir a natureza e os índios — critica a narrativa do escrivão da frota de Cabral. Além disso, na segunda, não se vê a cruz fincada no altar.



MEIRELLES, Victor. Primeira Missa no Brasil (1861). Disponível em: <<http://www.moderna.com.br>>. Acesso em: 3 nov. 2008.



PORTINARI, Candido. Primeira Missa no Brasil (1948). Disponível em: <<http://www.casadeportinari.com.br>>. Acesso em: 3 nov. 2008.

Ao comparar os quadros e levando-se em consideração a explicação dada, observa-se que

- A) a influência da religião católica na catequização do povo nativo é objeto das duas telas.
- B) a ausência dos índios na segunda tela significa que Portinari quis enaltecer o feito dos portugueses.
- C) ambas, apesar de diferentes, retratam um mesmo momento e apresentam uma mesma visão do fato histórico.
- D) a segunda tela, ao diminuir o destaque da cruz, nega a importância da religião no processo dos descobrimentos.
- E) a tela de Victor Meirelles contribuiu para uma visão romantizada dos primeiros dias dos portugueses no Brasil.

19. (UEL) Observe a imagem e leia o texto a seguir:



MEIRELLES, Victor. *Primeira Missa no Brasil* (1860).

Victor Meirelles foi aluno da Academia Imperial de Belas Artes durante o segundo reinado no Brasil. A pintura revela a influência do Romantismo no trabalho do artista. Esse movimento, ao lado do Neoclassicismo, orientou o trabalho dos artistas da Academia nesse período.

Sobre o Romantismo no Brasil, é correto afirmar:

- I. Demonstrou grande originalidade em relação a modelos anteriores, consagrados pela História da Arte;
- II. Estava diretamente relacionado ao chamado projeto civilizatório da elite política e cultural do século XIX brasileiro;
- III. Buscou a idealização por meio da razão e de formas eruditas resgatadas do passado clássico, capazes de expressar valores universais e eternos;
- IV. Procurou valorizar o índio e a exuberância da natureza tropical, com a finalidade de construir uma identidade nacional.

Assinale a alternativa que contém todas as afirmativas corretas.

- | | |
|------------------|-----------------|
| A) I e II. | B) I e III. |
| C) II e IV. | D) I, III e IV. |
| E) II, III e IV. | |

20. (UPE-SSA 2) O Romantismo não é só um período literário, ele também é um movimento que abarca as artes plásticas. Assim, analise as imagens a seguir.

Imagem 1



DELACROIX, Eugène. *Grécia sobre as ruínas de Missolonghi* (1826).

Imagem 2



MEIRELLES, Victor. *A batalha dos Guararapes* (1879).

Imagem 3



GÉRICAULT, THÉODORE. Abalsa da medusa (1818).

Imagem 4



MEDEIROS, José Maria de. Iracema (1881).

Acerca dos textos acima, assinale com **(V)** as afirmativas verdadeiras e com **(F)** as falsas.

- () É possível afirmar que esses textos têm em comum complexos valores ideológicos, próprios da expressão plástica romântica.
- () A Imagem 1 expressa uma das temáticas do Romantismo, isto é, a liberdade contra a tirania.
- () A Imagem 2 dialoga com o Romantismo por tratar de uma temática cara aos românticos, que é a exaltação do passado histórico e de caráter nacionalista.
- () A Imagem 3 expressa, de forma dramática, a tragédia de um naufrágio. Nessa obra, é possível identificar uma das características do Romantismo, a hipervalorização dos sentimentos, tanto as do mundo físico natural como as emoções pessoais.
- () A Imagem 4 dialoga com a obra de José de Alencar, O Uruguai, cuja protagonista é Iracema.

A sequência correta, de cima para baixo é:

- A) V – V – V – V – F
- B) F – F – V – V – F
- C) F – V – V – F – F
- D) V – V – V – F – V
- E) V – F – V – F – V



Fique de Olho

- Assista ao vídeo Impressionismo e pós-impressionismo.



Impressionismo e pós-impressionismo

Bibliografia

Obras citadas / consultadas

- ALENCAR, José de. Lucíola. 12ª ed., São Paulo: Ática, 1988.
- ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- BÉDERIDA, François. Tempo presente e a presença da história. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO Janaina (org.) Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BOSI, Alfredo. História concisa da Literatura Brasileira. Editora Cultrix, 1994, SP.
- CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. Literatura Brasileira em diálogo com outras literaturas. 3 ed. São Paulo, Atual editora, 2005.
- COUTINHO, Afrânio. Notas de teoria literária. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. p. 9-10)
- Dumas Filho, Alexandre. A Dama das Camélias. Porto Alegre: L & PM Editores, 2004.
- KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda Maria. Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. Ler e escrever. Estratégias de produção textual. São Paulo: Editora Contexto, 2009. 220 p.
- LEMINSKI, Paulo. Toda Poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. P.144
- MAINGUENEAU, Dominique. O contexto da obra literária. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MARCONDES, Marcos Antonio. Enciclopédia da música brasileira popular, erudita e folclórica. São Paulo: Art Editora / Publifolha, 2 a ed., 1998.
- MELO NETO, João Cabral. A educação pela pedra e outros poemas/ João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- MOISÉS, Massaud. A literatura Brasileira através dos Textos. 2.ed.. São Paulo: Cultrix, 1973.
- NASCIMENTO, Elvira Lopes (org.). Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino. São Carlos: Editora Claraluz, 2009.
- PROENÇA, Graça. Descobrimo a História da Arte. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2005.
- SARTRE, Jean-Paul. Que é a literatura? Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.
- SAVIOLE, Francisco Platão. Gramática em 44 lições. 15 ed. São Paulo, Ática, 407.
- STANGOS, Nikos. Conceitos da arte moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TUFANO, Douglas. Estudos de Língua Portuguesa – Minigramática. São Paulo, Moderna, 2007.
- VERÍSSIMO, J. História da literatura brasileira. De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. 359p. (Coleção Documentos Brasileiros, 74).
- Internet (Artigos e Reportagens consultados)
- <https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/dw/2017/02/o-fenomeno-do-desaparecimento-de-idiomas-e-suas-explicacoes.html>
- <http://www.endangeredlanguages.com/lang/country/Brazil>
- <http://www.aultimaarcadenoe.com.br/patrimonio-linguistico/>
- <https://www.ethnologue.com/products>
- <https://super.abril.com.br/blog/superlistas/14-idiomas-em-serio-risco-de-extincao/>
- https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_do_mundo
- <http://www.brasil.gov.br/noticias/cultura/2014/11/linguas-africanas-exercem-influencia-direta-no-portugues>
- O fenômeno do desaparecimento de idiomas e suas explicações – REPORTAGEM PUBLICADA PELO JORNAL O POVO, EM 21/02/2017
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedra_do_Ing%C3%A1
- <https://www.youtube.com/watch?v=9576H-X39J8>
- <https://pt.wikipedia.org/wiki/Luc%C3%ADola>
- <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-227206/>



Anotações

LÍNGUA INGLESA

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS ESTILO

ENEM E REVISÃO DE PONTOS

GRAMATICAIS (PRONOMES RELATIVOS)

Objetivo(s):

- Ler textos aplicando-os a situações do cotidiano com questões que contemplem as habilidades exigidas pelo Enem;
- Estudar os pronomes relativos e seus usos na interpretação de textos.

Conteúdo:

AULA 06: A RESOLUÇÃO DE QUESTÕES ESTILO ENEM

Teoria	214
Exercícios	214

AULA 07: INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS ESTILO ENEM

Exercícios	218
------------------	-----

AULA 08: INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS ESTILO ENEM

Exercícios	222
------------------	-----

AULA 09: INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS ESTILO ENEM

Exercícios	226
------------------	-----

AULA 10: REVISÃO DE GRAMÁTICA – PRONOMES RELATIVOS

Pronomes relativos	230
Exercícios	231

Aula
06

A Resolução de Questões
Estilo Enem

C-2	H-5, 6
	H-7, 8

Teoria

Uma questão estilo Enem tem algumas características que a diferem de outras usadas nos vestibulares chamados "tradicionais". Especificamente nos itens de língua inglesa, o exame prioriza a interpretação dos mais variados tipos de textos, o que permite uma leveza maior para os candidatos, normalmente tensos e ansiosos durante os primeiros minutos da prova.

Caracteristicamente, as questões de inglês têm seguido um padrão desde a inclusão no exame de 2010: uma questão com enunciado e alternativas em português para cada texto, perfazendo, assim, um total de cinco textos, em geral curtos e de assuntos voltados para temas modernos ou de cunho cultural. Em função dessa característica, sugerimos uma forma de resolução de questões que permite praticidade e, principalmente, agilidade.

Primeiramente inicie a questão com uma análise geral do texto, verificando a presença de informações visuais, como gravuras, mapas, tabelas etc. O enunciado da questão, geralmente, traz uma explicação sobre o assunto do texto e uma frase que deve ser complementada com a alternativa correta. Em seguida, analise cada uma das alternativas, sem, no entanto, se apegar a nenhuma delas, para só depois ler o texto e detectar a informação que mais condiz com o enunciado interpretado previamente. Nesse modelo de questão, a compreensão do enunciado é, quase sempre, muito mais importante do que a do texto em si.



Exercícios de Fixação

01. (Enem/2013 – 1ª Aplicação)

DO ONE THING FOR DIVERSITY AND INCLUSION

The United Nations Alliance of Civilizations (UNAOC) is launching a campaign aimed at engaging people around the world to *Do One Thing* to support Cultural Diversity and Inclusion. Every one of us can do ONE thing for diversity and inclusion; even one very little thing can become a global action if we all take part in it.

Simple things YOU can do to celebrate the World Day for Cultural Diversity for Dialogue and Development on May 21:

1. Visit an art exhibit or a museum dedicated to other cultures;
2. Read about the great thinkers of other cultures;
3. Visit a place of worship different than yours and participate in the celebration;
4. Spread your own culture around the world learn about other cultures;
5. Explore music of a different culture.

UNITED NATIONS ALLIANCE OF CIVILIZATIONS. Disponível em: <www.unaoc.org>. Acesso em: 16 fev. 2013. Adaptado.

Internautas costumam manifestar suas opiniões sobre artigos *on-line* por meio da postagem de comentários. O comentário que exemplifica o engajamento proposto na quarta dica da campanha apresentada no texto é:

- A) "Lá na minha escola, aprendi a jogar capoeira para uma apresentação no Dia da Consciência Negra."
- B) "Outro dia assisti na TV uma reportagem sobre respeito à diversidade. Gente de todos os tipos, várias tribos. Curti bastante."
- C) "Eu me inscrevi no Programa Jovens Embaixadores para mostrar o que tem de bom em meu país e conhecer outras formas de ser."
- D) "Curto muito bater papo na Internet. Meus amigos estrangeiros me ajudam a aperfeiçoar minha proficiência em língua estrangeira."
- E) "Pesquisei em *sites* de culinária e preparei uma festa árabe para uns amigos da escola. Eles adoraram, principalmente, os doces!"

02. (Enem/2013 – 1ª Aplicação)

AFTER PRISON BLAZE KILLS HUNDREDS IN HONDURAS, UN WARNS ON OVERCROWDING

15 February 2012.

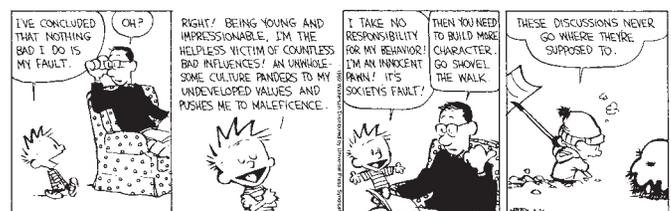
A United Nations human rights official today called on Latin American countries to tackle the problem of prison overcrowding in the wake of an overnight fire at a jail in Honduras that killed hundreds of inmates. More than 300 prisoners are reported to have died in the blaze at the prison, located north of the capital, Tegucigalpa, with dozens of others still missing and presumed dead. Antonio Maldonado, human rights adviser for the UN system in Honduras, told UN Radio today that overcrowding may have contributed to the death toll. "But we have to wait until a thorough investigation is conducted so we can reach a precise cause," he said. "But of course there is a problem of overcrowding in the prison system, not only in this country, but also in many other prisons in Latin America."

Disponível em: <www.un.org>. Acesso em: 22 fev. 2012. Adaptado.

Os noticiários destacam acontecimentos diários, que são veiculados em jornal impresso, rádio, televisão e Internet. Nesse texto, o acontecimento reportado é a

- A) ocorrência de um incêndio em um presídio superlotado em Honduras.
- B) questão da superlotação nos presídios em Honduras e na América Latina.
- C) investigação da morte de um oficial das Nações Unidas em visita a um presídio.
- D) conclusão do relatório sobre a morte de mais de trezentos detentos em Honduras.
- E) causa da morte de doze detentos em um presídio superlotado, ao norte de Honduras.

03. (Enem/2014 – 1ª Aplicação)



Calvin & Hobbes, Bill Watterson © 1992 Watterson / Dist. by Andrews McMeel Syndication.

- A partir da leitura da tirinha anterior, infere-se que o discurso de Calvin teve um efeito diferente do pretendido, uma vez que ele
- decide tirar a neve do quintal para convencer seu pai sobre seu discurso.
 - culpa o pai por exercer influência negativa na formação de sua personalidade.
 - comenta que suas discussões com o pai não correspondem às suas expectativas.
 - conclui que os acontecimentos ruins não fazem falta para a sociedade.
 - reclama que é vítima de valores que o levam a atitudes inadequadas.

04.

NBA GLOBAL FACTS

<p>BASKETBALL PARTICIPATION</p> <p>1st Most popular team sport in the U.S.* and in China**</p> <p>2nd Most popular team sport globally after soccer***</p> <p>PLAYERS</p> <p>101 International players (from 37 cities)</p> <p>22+ NBA players from outside of the U.S.</p> <p>TELEVISION</p> <p>215 Countries and territories where NBA games and programs are available</p> <p>47 Languages in which NBA games & programs are available</p> <p>99 Countries and territories with NBA TV subscribers</p> <p>DIGITAL MEDIA</p> <p>27 Page views during the 2013-14 season on NBA.com, NBA mobile, and the NBA Game Time app</p> <p>50+ NBA digital visitors who are fans from outside North America</p>	<p>SOCIAL MEDIA</p> <p>765 Social media likes and followers Million worldwide</p> <p>INTERNATIONAL EVENTS</p> <p>218 International events conducted in 2014 (123 cities, 37 countries)</p> <p>MERCHANDISING</p> <p>30% NBA product sales generated outside of the U.S.</p> <p>130 Countries and territories outside of the U.S. where NBA products were shipped in 2014</p> <p>SOCIAL RESPONSIBILITY</p> <p>\$242 Million Donated to charity through NBA Cares</p> <p>3 Million Hours of hands-on community service</p> <p>915 Places created for kids & families to live, learn or play (5 continents, 26 countries, 179 places built)</p>
---	---

*Experian Simmons 2014 Study
**NBA Sponsorship Intelligence Study 2014
***NBA Sponsorship Intelligence Study 2014

Disponível em: <<https://www.behance.net>>. Acesso em: 5 maio 2019.

A liga americana de basquete profissional, conhecida como NBA, é um dos maiores exemplos de sucesso esportivo-financeiro do mundo. Com base nas informações contidas no infográfico, a liga

- tem mais de 1/3 de seus lucros em *merchandising* gerado fora dos Estados Unidos.
- possui a maior quantidade de seguidores em redes sociais entre todos os esportes americanos.
- conta com mais de uma centena de jogadores que vêm de outros países.
- possui uma audiência televisiva maior fora dos Estados Unidos do que dentro daquele país.
- faz jogos e eventos especiais anualmente em quase 40 países diferentes.

05. (Autorial)

I have been impressed with the urgency of doing. Knowing is not enough; we must apply. Being willing is not enough; we must do.

Leonardo da Vinci.

O ano de 2019 marcou os 500 anos da morte de Leonardo da Vinci, considerado um dos maiores artistas de todos os tempos. Na citação atribuída ao artista italiano, notamos sua obstinação pelo(a)

- conhecimento abrangente.
- dedicação à arte.
- impressionismo do pensar.
- ato da ação.
- urgência da vida.



Exercícios Propostos

01.



Nathapon Ngamthiporn/123RF/Getty Images

HIV LIFE EXPECTANCY 'NEAR NORMAL' THANKS TO NEW DRUGS

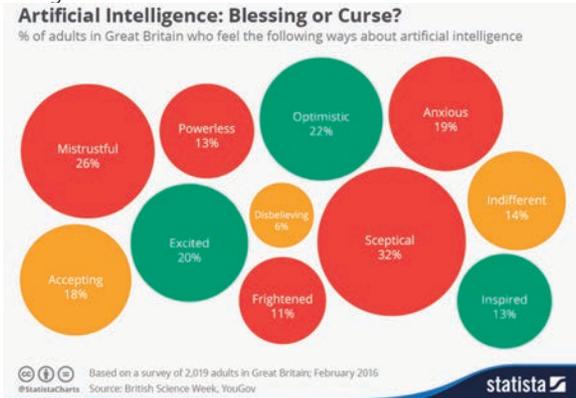
Young people on the latest HIV drugs now have near-normal life expectancy because of improvements in treatments, a study in *The Lancet* suggests. Twenty-year-olds who started antiretroviral therapy in 2010 are projected to live 10 years longer than those first using it in 1996, it found. Doctors say that starting treatment early is crucial to achieve a long and healthy life. Charities say there are still too many people unaware they have the virus.

Disponível em: <<http://www.bbc.com>>.

O surgimento da aids no anos de 1980 assustou o mundo e levou as pessoas a mudarem alguns dos seus hábitos e costumes. Passadas quase quatro décadas do surgimento da doença, percebemos, com base na notícia anterior, que os jovens infectados de hoje

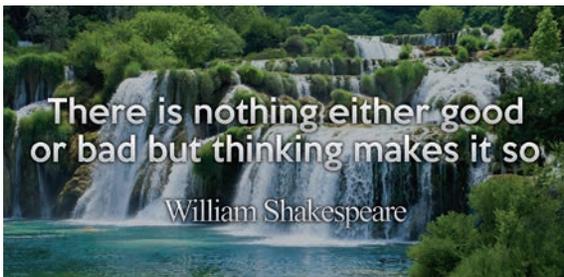
- conseguem viver uma vida normal em função do tratamento avançado e da descoberta de novas drogas que combatem melhor o vírus HIV.
- vivem 10 anos mais do que os primeiros infectados com o HIV, apesar da maioria dos portadores da doença não terem acesso aos novos tratamentos disponíveis.
- possuem uma expectativa de vida quase normal, não só por conta dos avanços no tratamento, mas também pela detecção precoce da doença.
- iniciam o tratamento dez anos antes de detectarem que possuem o vírus, o que facilita o tratamento e os faz viver uma vida quase normal, apesar da presença do HIV em seus organismos.
- enfrentam problemas nos dez primeiros anos de tratamento, mas depois conseguem ter uma expectativa de vida quase normal, comparado aos primeiros portadores do temido vírus HIV.

02. Com base nas informações presentes no infográfico a seguir sobre a atitude dos ingleses em relação à inteligência artificial, podemos notar que a maioria dos britânicos veem essa tecnologia com



Disponível em: <<https://www.statista.com/>>. Acesso em: 26 set. 2018.

- a) otimismo.
 b) esperança.
 c) indignação.
 d) amargura.
 e) ceticismo.
03. William Shakespeare é considerado o maior escritor em língua inglesa de todos os tempos. Na frase atribuída ao grande dramaturgo inglês, percebemos sua ideia de que o bem ou o mal



- A) está no pensamento das pessoas.
 B) reside na maneira como os bons pensam.
 C) ignora o pensamento das pessoas.
 D) alimenta o raciocínio.
 E) desrespeita a lógica do pensamento.
- (PUC-Campinas/2017) Texto para as questões 04 e 05.

FARM-TO-TABLE
 A Simple Definition

By Molly Watson

“Farm-to-table” is a phrase that can mean different things to different people. At its heart, however, “farm-to-table” means that the food on the table came directly from a specific farm, without going through a store, market, or distributor along the way.

In its purest, most honest form, “farm-to-table” means the table is actually at the farm and cooks or chefs prepare and serve the food at the farm (even in the field). These are often special meals or fundraisers planned as **one-off events**.

More commonly, the use of “farm-to-table” emphasizes a direct relationship between a farm and a restaurant. Rather than buying through a distributor or food service, some restaurants establish relationships with a farm and buy directly from them.

Farmers benefit by being able to reap more of the profit their goods can earn at market, and many enjoy knowing how their food

will be treated and cooked.

Restaurants are usually motivated to these direct relationships by the quality and freshness of the food they get from the farms (items will often be delivered directly to the restaurant within hours of being harvested), as well as the ability to get specialty items that not many people in their area grow.

In some cases, restaurants and farms may have a fairly deep or serious commitment to one another, with the farm growing produce specifically requested by the chef, or the restaurant guaranteeing to buy a certain percentage (or even the entirety) of a crop.

“Farm-to-table” can also refer more loosely to farmers markets and other venues where people can buy food directly from growers, with the table being the one at their house.

Like anything with some prestige to it, “farm-to-table” gets overused and definitely misused. I’ve even seen it on grocery store signs.

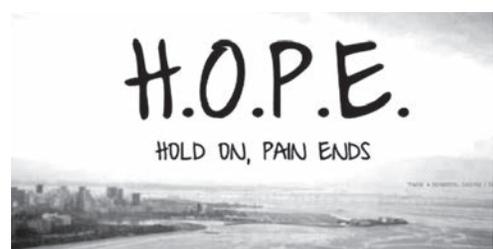
And while those vegetables were grown on a farm and would, if they were purchased, be brought home and quite likely served and eaten on a table, that’s not what the spirit behind “farm-to-table” means. The very fact that the food has stopped at the grocery store between being at the farm and getting to the table means that it is decidedly not “farm-to-table.”

How can you know if something labeled “farm-to-table” really is? Anyone using the phrase “farm-to-table” should be able to name the specific farm(s) from which they are sourcing, since they would have gotten the goods directly from that farm!

Available at: <<http://localfoods.about.com/od/>>. Adapted.

04. (PUC-Campinas/2017) In the text, the meaning of “one-off events” is
- A) events to help farmers display their produce.
 B) one of many events of the same kind.
 C) events held for charitable causes.
 D) events with gastronomic purposes.
 E) events held only once.
05. (PUC-Campinas/2017) According to the author of the text,
- A) restaurants are reluctant to establish long term commitments with farmers because that implies buying the entirety of a crop.
 B) even some foods bought at grocery stores can be “farm-to-table” products.
 C) the “table” in the “farm-to-table” phrase most often refers to the table at the farm where the food is produced and served.
 D) to prove that something is actually a “farm-to-table” product, one must be able to know the name of the farm it came from.
 E) farmers are the ones that most benefit from the “farm-to-table” movement because it represents a guarantee that their food will be properly treated and cooked.

06. (Mackenzie/2014.1)



Available at: <www.pinterest.com>.

Which sentence is grammatically correct about the previous picture?
 A) If you didn't hold on, you would end the pain.
 B) Should you wait, you won't be painful.
 C) Had hope been practiced, we wouldn't have had to wait.
 D) People wish hope had been held on.
 E) There is nothing hope doesn't bring to ordinary people.

07. (Mackenzie/2014.1)



Available at: <www.facebook.com>.

The message conveyed by the text above is that
 A) there is never a good reason to meet people.
 B) there is always a reason why we meet people.
 C) the reason why we meet people is a blessing.
 D) the lesson learned when meeting people is blessed by all.
 E) there is always a good reason to learn a lesson.

• Texto para as questões de 08 a 10.

Santa Claus — by that name, wearing the clothes he wears and with reindeer — first shows up in 1821 in New York with the poem “The Children’s Friend.” ... Santa has hawked all kinds of things. There’s hardly a vice he didn’t indulge! Cigarettes, of course, and alcohol. I’ve heard it said that Santa will sell beer, but not the hard stuff. Hardy — har — I found lots of Santa Scotch ads... The worst Santa movie, for badness so bad that it is good, is *Santa Claus Conquers the Martians*. That’s really a genuine turkey... Santa Claus represents an intergenerational act of love. For years, when children are at their sweetest and most grateful, parents give credit to Santa Claus. It’s remarkable.

Newsweek, December 12th, 2005.

08. The text tells us that Santa Claus first appeared in the
 A) second decade of the nineteenth century.
 B) late nineteenth century.
 C) eighteenth century.
 D) middle of the nineteenth century.
 E) third decade of the nineteenth century.

09. The text informs us that Santa Claus has sold
 A) cigarettes, beer and whiskey.
 B) chocolates, cigarettes and beer.
 C) alcohol, toys and cigarettes.
 D) Scotch, toys and beer.
 E) whiskey, candy and Scotch.

10. According to the text, Santa Claus represents
 A) sweetness, gentleness, charity.
 B) the spirit of Christmas.
 C) love, sweetness, gratitude.
 D) sweetness, greatness, gratitude.
 E) love, charity, mercy.



Fique de Olho

HISTORY OF THE ENGLISH LANGUAGE

English is a West Germanic language that originated from the Anglo-Frisian dialects brought to Britain by Germanic invaders and/or settlers from various parts of what is now Northwest Germany and the Netherlands. Initially, Old English was a diverse group of dialects, reflecting the varied origins of the Anglo-Saxon kingdoms of Britain. One of these dialects, Late West Saxon, eventually became predominant.

The English language underwent extensive change in the Middle Ages. Written Old English of AD 1000 is similar in vocabulary and grammar to other old Germanic languages such as Old High German and Old Norse, and completely unintelligible to modern speakers, while the modern language is already largely recognisable in written Middle English of AD 1400. The transformation was caused by two further waves of invasion: the first by speakers of the Scandinavian branch of the Germanic language family, who conquered and colonised parts of Britain in the 8th and 9th centuries; the second by the Normans in the 11th century, who spoke Old Norman and ultimately developed an English variety of this called Anglo-Norman. A large proportion of the modern English vocabulary comes directly from Anglo-Norman.

Close contact with the Scandinavians resulted in a significant grammatical simplification and lexical enrichment of the Anglo-Frisian core of English. However, these changes had not reached South West England by the 9th century AD, where Old English was developed into a full-fledged literary language. The Norman invasion occurred in 1066, and when literary English rose anew in the 13th century, it was based on the speech of London, much closer to the centre of Scandinavian settlement. Technical and cultural vocabulary was largely derived from Old Norman, with particularly heavy influence in the church, the courts, and government. With the coming of the Renaissance, as with most other developing European languages such as German and Dutch, Latin and Ancient Greek supplanted Norman and French as the main source of new words. Thus, English developed into very much a “borrowing” language with an enormously disparate vocabulary.

Wikipedia, the free encyclopedia.

Aula
07Interpretação de Textos
Estilo Enem

C-2	H-5, 6
	H-7, 8



Exercícios de Fixação

- Text I

SYNOPSIS

Filmed over nearly three years, *Waste Land* follows renowned artist Vik Muniz as he journeys from his home base in Brooklyn to his native Brazil and the world's largest garbage dump, Jardim Gramacho, located on the outskirts of Rio de Janeiro. There he photographs an eclectic band of *catadores* — self-designated pickers of recyclable materials. Muniz's initial objective was to "paint" the *catadores* with garbage. However, his collaboration with these inspiring characters as they recreate photographic images of themselves out of garbage reveals both the dignity and despair of the *catadores* as they begin to re-imagine their lives. Director Lucy Walker (*Devil's Playground*, *Blindsight* and *Countdown to Zero*) and co-directors João Jardim and Karen Harley have great access to the entire process and, in the end, offer stirring evidence of the transformative power of art and the alchemy of the human spirit.

Disponível em: <www.wastelandmovie.com>. Acesso em: 2 dez. 2012.

01. (Enem/2017 – 2ª Aplicação) Vik Muniz é um artista plástico brasileiro radicado em Nova York. O documentário *Waste Land*, produzido por ele em 2010, recebeu vários prêmios e
- sua filmagem aconteceu no curto tempo de três meses.
 - seus personagens foram interpretados por atores do Brooklyn.
 - seu cenário foi um aterro sanitário na periferia carioca.
 - seus atores fotografaram os lugares onde moram.
 - seus diretores já pensam na continuidade desse trabalho.
02. (Enem/2017 – 2ª Aplicação)

THE FOUR OXEN AND THE LION

A Lion used to prowl about a field in which Four Oxen used to live. Many times he tried to attack them; but whenever he came near, they turned their tails to one another, so that which ever way he approached them he was met by the horns of one of them. At last, however, they quarreled among themselves, and each went off to pasture alone in a separate corner of the field. Then the Lion attacked them one by one and soon made an end of all four.

Disponível em: <www.aesopfables.com>. Acesso em: 1º dez. 2011.

A fábula "The Four Oxen and the Lion" ilustra um preceito moral, como se espera em textos desse gênero. Essa moral, podendo ser compreendida como o tema do texto, está expressa em:

- O mais forte sempre vence.
- A união faz a força.
- A força carrega a justiça nas costas.
- O ataque é a melhor defesa.
- O inimigo da vida é a morte.

03.

WORRY LESS ABOUT CHILDREN'S SCREEN USE,
PARENTS TOLD

There is little evidence screen use for children is harmful in itself, guidance from leading pediatricians says. Parents should worry less as long as they have gone through a checklist on the effect of screen time on their child, it says. While the guidance avoids setting screen time limits, it recommends not using them in the hour before bedtime. Experts say it is important that the use of devices does not replace sleep, exercising and time with family. It was informed by a review of evidence published at the same time in the BMJ Open medical journal, and follows a debate around whether youngsters should have time on devices restricted. Most of the evidence in the review was based on television screen time, but also included other screen use, such as phones and computers. Meanwhile, a separate study has found that girls are twice as likely to show signs of depressive symptoms linked to social media use at age 14 compared with boys.

Disponível em: <www.bbc.com>. Acesso em: 25 fev. 2019.

A narrativa anterior indica que

- os pais têm que estar muito preocupados com o tempo gasto pelas crianças com telas de televisão e de outros equipamentos do gênero.
- há pouca evidência de que o acesso demorado de telas de eletrônicos por crianças, por si só, seja algo muito prejudicial.
- há pouca prova de que o uso das telas de equipamentos eletrônicos por crianças cause algum dano, independente da hora em que sejam utilizados.
- o estudo divulgado, e que alerta para o pouco perigo causado às crianças pelo uso excessivo de telas, foi baseado exclusivamente no uso de aparelhos de televisão.
- as meninas passam mais tempo usando equipamentos com telas, como televisores e celulares, do que os meninos.

04.

FASHION NEED DOCTOR'S NOTE BEFORE TAKING TO CATWALK

Fashion models in France will need to provide medical certificates proving they are healthy in order to work, after a new law was introduced banning those considered to be excessively thin. A further measure, to come into force on 1 October, will require magazines, adverts and websites to mark images in which a model's appearance has been manipulated with the words *photographie retouchée* (retouched photograph). Doctors are urged to pay special attention to the model's body mass index (BMI), a calculation taking into account age, height and weight. However, unlike similar legislation passed in Italy and Spain, models will not have to reach a minimum BMI.

Disponível em: <<https://www.theguardian.com/>>. Acesso em: 3 jan. 2018

O mundo das passarelas, vez por outra, discute de forma enfática a chamada "ditadura da beleza", padrões de beleza estabelecidos pelo mercado que podem pôr em risco a saúde daqueles que tentam se adaptar para atingir tal característica. A medida adotada pelas autoridades francesas tem por objetivo principal

- atestar que as modelos estão em perfeita saúde, evitando assim a contratação de profissionais excessivamente magras e com risco de sofrerem de males como bulimia e anorexia.
- impedir a manipulação de imagens de modelos fora dos padrões de beleza, que acaba por colocarem em risco a saúde dessas profissionais das passarelas.
- copiar uma lei já existente em outros países da Europa, como Itália e Espanha, que exige um índice de massa corporal mínimo para que modelos possam trabalhar.
- indicar o valor exato do índice de massa corporal necessário para que modelos possam trabalhar na indústria da moda daquele país europeu.
- proibir a contratação de modelos para desfiles de moda que tenham um índice de massa corporal menor do que aquele atestado em países como Itália e Espanha.

05.

STRUGGLE AGAINST OBESITY

Obese people don't want pity and we don't want anything but a hand up so we can get back to work. Some of us would like to contribute and even pay taxes again but we need some assistance. There are all kinds of programs assisting young people to go to school, like student loans and grants. This really large group of our population could benefit from some sort of program that might involve education, liposuction, special footwear, and a part-time personal trainer who would develop individualized solutions for each person. Let's get some intelligent kind of operation going. Let's develop a war on fat.

Disponível em: <<https://www.grammarbank.com/>>. Acesso em: 25 fev. 2019. Adaptada.

Compreende-se da passagem que um programa de assistência

- acarretará em uma grande soma de dinheiro para as pessoas obesas.
- estará disponível já no próximo ano.
- pode consistir em educação, lipoaspiração ou calçado especial.
- beneficiará as pessoas obesas com a dispensa do pagamento de vários impostos.
- excluiria alunos obesos que já recebem algum benefício governamental.



Exercícios Propostos

01.

CHOOSING NAMES



Have you ever stopped to think how your parents chose the name you were given when you were a baby? It is known that choosing the name to be given to a newborn is such a difficult task. Parents struggle to give their offsprings a name that will influence even their personality when adult life comes.

Giving a name to a newborn is something that has taken place since prehistoric times, even though this choice may vary from culture to culture. There are places where the name chosen is a very simple process, but in other locations, it has a high degree of complexity. Studying the etymology of names can give us answers as fascinating as family roots or the order babies are born in some African tribes, for instance. Another aspect that calls the attention concerning the names chosen by families is why certain names are given and others are not, and also why some names are more popular in a period in time than other names which were popular in certain epochs in history.

By Anquisis Moreira.

Uma das escolhas mais complexas de um casal que recém descobre o prazer da paternidade é que nome será dado ao filho tão esperado. A passagem anterior nos revela que

- a escolha do nome dos bebês sofre importante influência dos ancestrais em todas as culturas ocidentais, desde a Pré-História.
- no continente africano, a escolha dos nomes está diretamente relacionada à etimologia da palavra a ser escolhida.
- a escolha do nome varia de cultura para cultura, mas em todas elas a origem familiar é levada em consideração.
- a etimologia dos nomes das pessoas é um assunto que chama atenção há muito tempo, desde a Pré-História.
- certas dúvidas em relação à escolha dos nomes que o ser humano resolve dar aos filhos ainda persistem.

02.



David Holm/123RF/Getty

GLUTEN-FREE DIET CARRIES INCREASED OBESITY RISK, WARN EXPERTS

Substituting everyday staples with gluten-free foods could increase the risk of obesity, experts have warned, after finding that such products often contain higher levels of fats than the food they aim to replace.

Disponível em: <<https://www.theguardian.com/>>.

O mundo moderno parece ter produzido pessoas com uma preocupação maior com a saúde, e isso se reflete em uma melhor atenção à dieta que se deve ter no dia a dia. O vocábulo "staples" é empregado na passagem para fazer referência

- A) ao tipo de dieta que as pessoas devem fazer para terem uma vida mais saudável.
- B) aos alimentos que não contêm glúten na sua composição.
- C) à alimentação diária das pessoas.
- D) às pessoas com intolerância a alimentos que possuem glúten.
- E) aos alimentos que devem ser substituídos por aqueles que contêm glúten.

03. A preocupação com o uso excessivo de sacolas plásticas tem levado cidades ao redor do mundo a tomar medidas que visam amenizar os efeitos nocivos ao meio ambiente causados pelo descarte desse material. Na cidade de Victoria, no Canadá, a campanha BYO BAG apela para que as pessoas



Aquino/Pesquisa

Photographed by Anquisis Moreira – Victoria, Canada – July 12th, 2018

- A) tragam suas próprias sacolas para levar suas compras para casa.
- B) comprem suas sacolas de um material que não seja o plástico.

- C) reciclem suas sacolas plásticas em casa como forma de preservar a natureza.
- D) ajudem a reduzir o consumo de plástico por meio de doações de sacolas para que outras pessoas possam usá-las em suas compras.
- E) reutilizem suas sacolas plásticas, especialmente as que são adquiridas por meio da reutilização de materiais recicláveis.

• Texto para as questões 04 e 05.

GETTING AROUND WITH AN APP

Physicians know better what is happening in hospitals. Engineers are the ones to hear when construction sites are to be understood. Drivers are, of course, the ones who more than anyone understand what is happening on the road. For this reason, drivers around the planet are using an app called Waze to get to know information about roads and traffic conditions. Even better, these pieces of information can be exchanged with other motorists in any place of the Earth.

Waze was developed to help drivers arrive faster at their destination as well as making them save some money. The app is very simple to be used. The user just needs to tell Waze where they intend to go, and by means of voice navigation it gives them directions and other vital information.

Waze can be used anywhere in the planet. A huge number of users is necessary to make the app efficient and help it to work properly. In countries like the USA, Canada, England and France Waze is being used in full potential. The app little by little is becoming more functional in many other parts of the world, as the number of users increases and their routes are recorded on the app.

By Anquisis Moreira.

04. Os aplicativos para dispositivos móveis já se tornaram, há muito tempo, parte essencial da vida do cidadão moderno. O Waze, aplicativo utilizado para ajudar no deslocamento das pessoas nas cidades ao redor do planeta, tem um funcionamento mais eficiente dependendo

- A) da localização do usuário.
- B) do conhecimento do usuário acerca do trânsito local.
- C) da quantidade de usuários que usam o aplicativo em determinado país.
- D) das características do trânsito daquela determinada região.
- E) do equipamento móvel utilizado pelo usuário.

05. Com base na leitura do texto, podemos entender que o aplicativo descrito só deve ser usado

- A) por motoristas profissionais.
- B) nos países desenvolvidos.
- C) se todos os motoristas do país estiverem conectados à Internet.
- D) nos países onde a Internet tenha potencial total.
- E) para orientação sobre rotas a se seguir.

• Texto para as questões de 06 a 08.

In August of 2000, a Japanese scientist named Toshiyuki Nakagaki announced that he had trained an amoebalike organism called slime mold to find the shortest route through a maze. Nakagaki had placed the mold in a small maze comprising four possible routes and planted pieces of food at two of the exits. Despite its being an incredibly primitive organism (a close relative of ordinary fungi) with no centralized brain whatsoever, the slime mold managed to plot the most efficient route to the

food, stretching its body through the maze so that it connected directly to the two food sources. Without any apparent cognitive resources, the slime mold had “solved” the maze puzzle.

For such a simple organism, the slime mold has an impressive intellectual pedigree. Nakagaki’s announcement was only the latest in a long chain of investigations into the subtleties of slime mold behavior. For scientists trying to understand systems that use relatively simple components to build higher-level intelligence, the slime mold may someday be seen as the equivalent of the finches and tortoises that Darwin observed on the Galápagos Islands.

How did such a lowly organism come to play such an important scientific role? That story begins in the late sixties in New York City, with a scientist named Evelyn Fox Keller. A Harvard Ph.D. in physics, Keller had written her dissertation on molecular biology, and she had spent some time exploring the nascent field of “non-equilibrium thermodynamics”, which in later years would come to be associated with complexity theory. By 1968, she was working as an associate at Sloan-Kettering in Manhattan, thinking about the application of mathematics to biological problems. Mathematics had played such a tremendous role in expanding our understanding of physics, Keller thought – so perhaps it might also be useful for understanding living systems.

In the spring of 1968, Keller met a visiting scholar named Lee Segel, an applied mathematician who shared her interests. It was Segel who first introduced her to the bizarre conduct of the slime mold, and together they began a series of investigations that would help transform not just our understanding of biological development but also the disparate worlds of brain science, software design, and urban studies.

(...)

JOHNSON, Steven. *Emergence*. Penguin Books Ltd. 2001. pp. 11-12.

06. Assinale a opção que, de acordo com o texto, contempla somente as áreas para as quais as pesquisas de Keller e Segel contribuíram.

- A) Biologia do desenvolvimento e termodinâmica.
- B) Desenho de *software* e teoria de sistemas complexos.
- C) Urbanismo e desenho de *software*.
- D) Biologia marinha e urbanismo.
- E) Termodinâmica e teoria de sistemas complexos.

07. De acordo com o texto, Evelyn Fox Keller

- I. tornou-se Ph.D. em Física pela Universidade de Harvard e foi a pioneira nos estudos sobre teoria de sistemas complexos;
- II. acreditava na importância da Matemática, não apenas para o estudo da Física, mas também da Biologia;
- III. influenciou as pesquisas do matemático Lee Segel, levando-o a se interessar pelo comportamento dos *slime molds*.

Está(ão) correta(s)

- A) apenas a I.
- B) apenas a II.
- C) apenas a III.
- D) apenas I e II.
- E) todas.

08. Em sua pesquisa, Toshiyuki Nakagaki

- I. colocou um *slime mold* em um labirinto com quatro saídas;
- II. treinou um *slime mold* a sair de um labirinto pelo caminho mais curto;
- III. colocou alimentos em todas as saídas do labirinto para atrair o *slime mold*.

Está(ão) correta(s)

- A) apenas a I.
- B) apenas a II.
- C) apenas a III.
- D) apenas I e II.
- E) todas.

09.



O hábito de ler para crianças, segundo especialistas, deve ser, desde cedo, incorporado ao processo de desenvolvimento intelectual delas. Segundo o informativo, ler frequentemente para crianças permite que elas possam, no futuro,

- A) lidar mais facilmente com eventuais perdas familiares.
- B) ter mais facilidade na aprendizagem de uma segunda língua.
- C) ter uma maior desenvoltura quando na idade adulta.
- D) explicar, sem muitos empecilhos, os mais complexos sentimentos.
- E) compreender mais claramente a importância do meio ambiente.

10.

UK 'FACES BUILD-UP OF PLASTIC WASTE'

The UK’s recycling industry says it doesn’t know how to cope with a Chinese ban on imports of plastic waste. Britain has been shipping up to 500,000 tonnes of plastic for recycling in China every year, but now the trade has been stopped. At the moment the UK cannot deal with much of that waste, says the UK Recycling Association. Its chief executive, Simon Ellin, told the BBC he had no idea how the problem would be solved in the short term. “It’s a huge blow for us... a game-changer for our industry,” he said. “We’ve relied on China so long for our waste... 55% of paper, 25% plus of plastics. “We simply don’t have the markets in the UK. It’s going to mean big changes in our industry.” China has introduced the ban from this month on “foreign garbage” as part of a move to upgrade its industries.

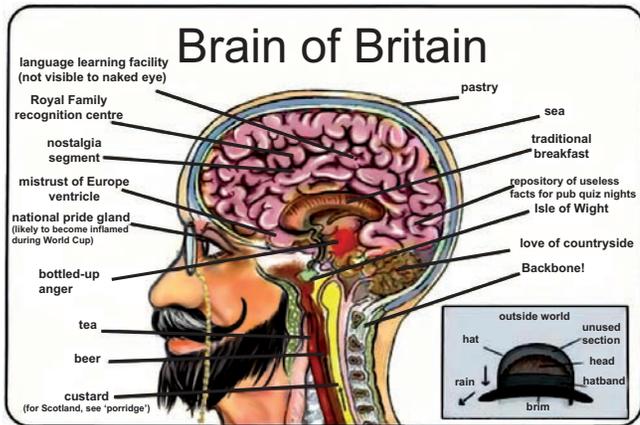
Disponível em: <<https://www.bbc.com>>. Acesso em: 3 jan. 2018.

Muitos países desenvolvidos enfrentam um grave problema por conta da produção incontrolável de lixo em função do uso desenfreado de materiais de difícil descarte como o plástico. A expressão “*build-up*”, usada no título da passagem, tem por objetivo

- A) destacar o que tem sido feito para que o lixo plástico seja reciclado de forma que atinja o meio ambiente.
- B) incentivar a população britânica a usar menos plástico por conta do banimento, por parte da China, da importação de lixo plástico daquele país europeu para reciclagem no gigante asiático.
- C) reforçar a política de exportação de lixo plástico para a Ásia mesmo após a decisão chinesa de acabar com a compra de plástico para reciclagem.
- D) enfatizar o problema do acúmulo de lixo plástico que advirá em função de uma decisão do governo chinês de acabar com a importação de lixo plástico para reciclagem naquele país asiático.
- E) enumerar a quantidade de lixo plástico produzido anualmente na Inglaterra e as dúvidas existentes sobre qual o fim mais adequado que deve ser dado a esse lixo.



Fique de Olho



Aula 08

Interpretação de Textos
Estilo Enem

C-2	H-5, 6
	H-7, 8



Exercícios de Fixação

01.

BIODIVERSITY CRISIS IS ABOUT TO PUT HUMANITY AT RISK, UN SCIENTISTS TO WARN

The world's leading scientists will warn the planet's life-support systems are approaching a danger zone for humanity when they release the results of the most comprehensive study of life on Earth ever undertaken. Up to 1m species are at risk of annihilation, many within decades, according to a leaked draft of the global assessment report, which has been compiled over three years by the UN's leading research body on nature. The 1,800-page study will show people living today, as well as wildlife and future generations, are at risk unless urgent action is taken to reverse the loss of plants, insects and other creatures on which humanity depends for food, pollination, clean water and a stable climate.

Disponível em: <www.theguardian.com>. Acesso em: 5 maio 2019.

A comunidade científica, em sua quase totalidade, tem se mostrado preocupada, há décadas, com o futuro do Planeta em função da degradação cada vez maior da natureza e dos seus recursos. O relatório a ser divulgado em breve apontará

- A) soluções para reverter alguns problemas ambientais existentes atualmente.
- B) ações que precisam ser tomadas imediatamente para evitar a aniquilação de várias espécies.
- C) abordagens urgentes para substituir políticas fracassadas de combate ao aquecimento global.
- D) resultados da compilação de várias pesquisas que apontam o decréscimo do número de espécies de insetos e plantas na Terra.
- E) riscos que correm os atuais habitantes, a vida selvagem e gerações futuras do Planeta Terra se medidas não forem tomadas para reverter o atual quadro de degradação da natureza.

02. (Enem/2017)

TURN OFF YOUR TV!

AUGUST 17, 2011
by Alice Park

Sitting in front of the television may be relaxing, but spending too much time in front of the tube may take years off your life.

That's what Australian researchers found when they collected TV viewing information from more than 11,000 people older than 25. The study found that people who watched an average six hours of TV a day lived an average 4.8 years less than those who didn't watch any television. Also, every hour of TV that participants watched after age 25 was associated with a 22-minute reduction in their life expectancy.

Disponível em: <www.timeforkids.com>. Acesso em: 5 dez. 2012.

A televisão faz parte da vida diária de boa parte das pessoas em todo o mundo. O texto, cujo título traz um conselho ao leitor, centra-se em

- A) promover um grupo de pesquisadores que desenvolvem novas TVs.
- B) apresentar estatística do número de TVs nos lares australianos.
- C) recomendar a TV como forma de relaxamento para maiores de 25.
- D) divulgar pesquisa que associa o uso da televisão à longevidade.
- E) informar que assistir TV causa mais prejuízos em jovens adultos.

03. (Enem/2017)



Disponível em: <www.flickr.com>. Acesso em: 19 nov. 2012.

Com base na observação dos aspectos verbo-visuais que constituem este anúncio, entende-se que ele busca

- A) exaltar o amor de uma pessoa por seu animal de estimação.
- B) incentivar a adoção como recurso capaz de salvar animais de estimação.
- C) denunciar o alto índice de abandono e de abuso de animais de estimação.
- D) estimular a doação de valores para a North Shore Animal League America.
- E) informar o número de animais de estimação recentemente sacrificados no EUA.

04. (Enem/2017)



Disponível em: <<https://ogspace.ogiar.org>>. Acesso em: 25 jun. 2015. Adaptado.

Esse infográfico mostra fatos interessantes sobre o café. Com base em seus elementos verbais, em especial dos valores numéricos, e não verbais, o leitor aprende que

- 1 xícara de café deve ser consumida, em média, por dia.
- 25 milhões de produtores de café possuem pequenas empresas.
- 2 variedades de café são produzidas em regiões de altas altitudes.
- 100 mg de cafeína, em média, estão contidos em uma xícara de café.
- 90% da quantidade de café produzida advém de países desenvolvidos.

05.

Save Money & Time by Using Bus Passes.

If you ride the bus regularly, you would be smart to buy a bus pass - not only can you save 34% or more on your fare, but boarding is faster when you don't have to fumble with coins and bills, too!

See page 8 for more information.

Visando uma maior rapidez no acesso dos passageiros ao transporte público da cidade de Santa Bárbara, o Departamento Municipal de Trânsito oferece a alternativa de passe de ônibus, que pode ser adquirido pelos usuários do serviço. Além da economia, o anúncio afirma, por meio da expressão "*you don't have to fumble with coins and bills*" que os passageiros, com o passe, evitarão

- derrubar moedas e cédulas ao subir no ônibus.
- esquecer de levar o dinheiro trocado para acessar o ônibus.
- impedir a entrada das pessoas que optarem em pagar com moedas e notas.
- enganar o motorista tentando passar moedas e notas falsas.
- atrapalhar-se com moedas e notas ao subirem no ônibus.



Exercícios Propostos

- Com base na análise das informações verbais da placa a seguir, entende-se que, no contexto da mensagem, os adolescentes são vistos como pessoas

TEENAGERS:

Tired of Being Harrassed by Your Stupid Parents?

ACT NOW!!!

Move Out. Get A Job.
Pay your Bills While You Still Know Everything.

- incapazes.
- inconsequentes.
- acomodadas.
- grosseiras.
- nocivas.

- What's money? A man is a success if he gets up in the morning and goes to bed at night and in between does what he wants to do.

Bob Dylan

Bob Dylan, músico americano que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 2016, tem uma obra extensa muito engajada em causas sociais. Na frase, atribuída ao poeta, vemos que Bob Dylan encara a riqueza como algo

- imprescindível para a felicidade.
- vital para o sucesso.
- necessário para sermos bem sucedidos.
- irrelevante quando se faz o que se gosta.
- supérfluo quando já somos bem sucedidos.

03.



THE MOST DANGEROUS PLACE IN THE WORLD

When the bombs rain down, the Syrian Civil Defense rushes in. In a place where public services no longer function these unarmed volunteers risk their lives to help anyone in need – regardless of their religion or politics. Known as the White Helmets these volunteer rescue workers operate in the most dangerous place on Earth.

As the conflict in Syria worsens, ordinary people are paying the highest price. More than 50 bombs and mortars a day land on some neighborhoods in Syria. Many are rusty barrels filled with nails and explosives, rolled out the back of government helicopters – bakeries and markets are the most commonly hit targets. When this happens the White Helmets rush in to search for life in the rubble – fully aware that more bombs may fall on the same site. These volunteers have saved 90,922 lives – and this number is growing daily.

Disponível em: <<https://www.whitehelmets.org/en>>.

A guerra civil na Síria tem produzido imagens chocantes, inacreditáveis até, se pensarmos que estamos vivendo no século XXI. A passagem anterior destaca o trabalho de um grupo de voluntários conhecidos como *White Helmets*, Os Capacetes Brancos, e pelo que podemos extrair do exposto, esse grupo de seres humanos

- ajuda vítimas de guerras em países muçulmanos onde os serviços públicos são impossibilitados de atuar por conta do conflito presente.
- atua para ajudar vítimas de guerras no lugar mais perigoso do planeta, não importando as convicções políticas ou religiosas dessas vítimas.
- cobra um alto preço das autoridades responsáveis pelos serviços públicos destruídos por ataques em países em guerra, como é o caso da Síria.
- age de forma mais sistemática em mercados e padarias, por serem esses os lugares públicos mais atingidos por bombardeios na Síria.
- salva cerca de 92 mil pessoas a cada ano em todo o mundo, o que os fazem ser reconhecidos como essenciais para a diminuição do sofrimento nas zonas de guerra em todo o planeta.

04.

DUTCH PROTOTYPE CLEAN-UP BOOM BRINGS PACIFIC PLASTICS SOLUTION A STEP CLOSER

If tests of the 100 m-long barrier that collects rubbish on the sea's surface are successful, it could be deployed at a larger scale in the 'great Pacific garbage patch'.

A bid to clear the Pacific of its plastic debris has moved a step closer with the launch of the biggest prototype clean-up boom yet by the Dutch environment minister at a port in The Hague.

Disponível em: <<https://www.theguardian.com>> .

Acesso em: 23 jun. 2016.

O ser humano é, sem dúvida, o maior responsável pela degradação do planeta. A ideia apresentada na passagem acima tem como objetivo principal

- recolher a maior parte do lixo plástico que flutua hoje nos oceanos, especialmente no Oceano Pacífico.
- testar um equipamento que futuramente possa ser utilizado para limpar parte da sujeira existente nos oceanos.
- alertar a população para a necessidade de diminuir a produção de plásticos e conseqüentemente acabar com a poluição dos oceanos, proveniente do descarte desse material.
- transferir o plástico que flutua no Oceano Pacífico para outros mares e, assim, equilibrar a sujeira dos oceanos como forma de conservação desse imprescindível ecossistema do Planeta Terra.
- barrar o deslocamento de todo o plástico que é arremessado nos oceanos para, dessa forma, acabar com a poluição dos mares e ajudar na preservação de espécies ameaçadas de extinção.

05. (Enem/2013 – 2ª aplicação)



Reprodução/Enem/2013-2ª aplicação

Placas como a da gravura anterior são usadas para orientar os usuários de um espaço urbano. Essa placa, especificamente, tem a função de avisar que somente

- as despesas feitas com estacionamento são deduzidas.
- os donos de carro entram no estacionamento do parque.
- o proprietário autoriza a validação do estacionamento.
- os rebocadores precisam de permissão para entrar no local.
- os veículos autorizados podem estacionar naquela área.

- (UEL/2009) Texto para as questões 06 e 07.

**THE ATLANTIC ONLINE
Humane Development**

An interview with Amartya Sen, the Nobel Prize-winning economist and author of Development as Freedom

Eyebrows were raised when Amartya Sen won the Nobel Prize in Economics in 1998. Sen had frequently been mentioned as a candidate, but it had been predicted that in an era when laissez-faire market economics were all the rage Sen's insistence on looking beyond GNP figures – his penchant for emphasizing the social in the social science of economics – meant that he would never win the prize.

- 5
10 **Do you think development has in fact changed? Is it more sensitive, softer, than it used to be?**

I don't think development is softer – that implies it's not sufficiently exacting – but certainly there was a sense for a while that development was a very hard process, and that people had to sacrifice. There was a lot of blood, sweat, and tears involved. [...]

Why did that change come about?

Well, I think maybe because the previous view was mostly mistaken. There was a tension in it. The market economy succeeds not because some people's interests are suppressed and other people are kept out of the market, but because people gain individual advantage from it. So, I don't really see that the proponents of the harsh model got the general idea at all right. They had some dreadful slogans like, "You have to break some eggs to make an omelet." It's a totally misleading analogy – a pretty costly one aesthetically, and also it's quite mistaken in terms of understanding the nature of man. So, I think the change came about because it was overdue.

Disponível em: <<http://www.theatlantic.com>>.

- 20
25
06. (UEL/2009) De acordo com Amartya Sen, a economia de mercado prospera porque os/as
- A) pessoas estão dispostas a fazer sacrifícios.
 - B) críticos estão enganados e não são ouvidos.
 - C) economistas usam *slogans* inadequados.
 - D) interesses de algumas pessoas são contrariados.
 - E) pessoas têm vantagens individuais nessa economia.
07. (UEL/2009) No texto, a expressão "You have to break some eggs to make an omelet" (l. 23-24) é citada para
- A) criticar o modelo de Amartya Sen.
 - B) revelar o pensamento do entrevistador.
 - C) exemplificar um *slogan*.
 - D) ilustrar uma receita do entrevistado.
 - E) definir a natureza humana.

08. (FGV)

STICKY FINGERS

By Olivia Judson

In 1905, two brothers, Alfred and Albert Stratton, were found guilty of murdering a shopkeeper and his wife in Deptford, a town outside London. The evidence? A thumbprint at the scene of the crime. The brothers were hanged.

The Stratton trial was the first time in Western jurisprudence that fingerprint evidence had been presented in a murder case. As such, it was a triumph for Charles Darwin's cousin Francis Galton. Galton had spent years collecting fingerprints, studying and classifying their patterns of loops, arches, and whorls. It was he who had not just speculated, but demonstrated that fingerprints are a reliable way of telling one person from another, and persuaded the police that they could be used to solve crimes.

Up to that point, fingerprints had been used not as a means to identify criminals, but as a way for you to prove that you were you and not someone else. The ancient Babylonians sometimes impressed fingerprints on clay tablets that recorded business transactions, and centuries ago the Chinese made use of thumbprints on clay seals. In India in the nineteenth century, a fingerprint took the place of a signature for people who were illiterate and could not, therefore, sign their names. The first use of fingerprints by "officialdom" didn't come until the 1860s, when William Herschel, a magistrate for the British colonial administration in India, realized that fingerprints could be used as a means of identification when people came to collect their pensions. The person collecting the pension would give a print, which would be compared to a print on file; in that way, fingerprints could be used to prevent identity fraud.

In instituting this, Herschel made the assumption that individuals have unique fingerprints: the fact that it was actually so remained to be proved. That proof was provided by Galton, who demonstrated statistically that the odds of two people having the same fingerprints are vanishingly remote. He also – using prints sent to him by Herschel – confirmed Herschel's observation that fingerprints do not change with age, a crucial feature if they were to be a reliable form of identification. And Galton began to develop a method for cataloguing fingerprints, so that police could file fingerprints by type and quickly compare any two sets. (A full-fledged cataloguing system, based on Galton's, was subsequently developed by Edward Richard Henry, who had served as inspector general of police in Bengal, the fingerprint classification system came to be known as the "Henry System".) In short, Galton laid the groundwork for the police to begin to build a usable fingerprint database.

Natural History. December 2008 / January 2009.

In paragraph 4, "this" in the phrase "In instituting this..." most likely refers to

- A) a pension system for British civil servants in colonial India.
 - B) the use of fingerprints in identifying known criminals.
 - C) a restructuring of fingerprint-identification technique.
 - D) fingerprint identification to prevent dishonesty in the pension system.
 - E) a strengthening of pension laws in British colonial India.
09. (Unifor/2016.2) Complete o diálogo usando as palavras da caixa abaixo.

enjoy – interested – into – love – love – playing – really – watching

Pat: What do you do in your free time?

Tim: I _____⁽¹⁾ sports. I _____⁽²⁾ like karate and I _____⁽³⁾ playing golf. But I'm not really _____⁽⁴⁾ in watching sports on TV. I don't _____⁽⁵⁾ watching professional golf, for example. What about you?

Pat: I like golf too, but I'm also _____⁽⁶⁾ French cinema and jazz music. I like _____⁽⁷⁾ DVDs and I really enjoy going to concerts. I also like _____⁽⁸⁾ the guitar. I'm interested in computer games, but I'm not very good at them.

- A) 1. enjoy; 2. love; 3. really; 4. into; 5. interested; 6. playing; 7. watching; 8. love
- B) 1. love; 2. really; 3. love; 4. enjoy; 5. interested. 6. into; 7. playing; 8. watching
- C) 1. enjoy; 2. love; 3. interested; 4. love; 5. watching; 6. playing; 7. into; 8. really
- D) 1. love; 2. love; 3. really; 4. enjoy; 5. into; 6. Interested; 7. playing; 8. watching
- E) 1. love; 2. really; 3. love; 4. interested; 5. enjoy; 6. into; 7. watching; 8. playing

10. (Unifor/2016.2) Usando os adjetivos da caixa abaixo, complete o relatório do Departamento de Recursos Humanos sobre Maria Karlsson.

hard-working – motivating – creative – punctual – sociable – reliable

Maria Karlsson

Maria is good in a team and she gets on well with her colleagues. She is extremely _____⁽¹⁾. She is never late for meeting – she is always _____⁽²⁾. She is very _____⁽³⁾; she always meets deadlines. She is in the office at 8.00 a.m. every day and usually stays late, so she is very _____⁽⁴⁾. Her boss says this is very _____⁽⁵⁾ to others. Her colleagues have a lot of respect for her work and attitude.

She is also a very _____⁽⁶⁾ person with a lot of good ideas for the future of the company.

- A) 1. creative; 2. sociable; 3. punctual; 4. hard-working; 5. reliable; 6. motivating
- B) 1. punctual; 2. sociable; 3. reliable; 4. motivating; 5. hard-working; 6. creative
- C) 1. sociable; 2. punctual; 3. reliable; 4. hard-working; 5. motivating; 6. creative
- D) 1. sociable; 2. hard-working; 3. reliable; 4. motivating; 5. punctual; 6. creative
- E) 1. sociable; 2. reliable; 3. punctual; 4. hard-working; 5. creative; 6. motivating

Aula
09

Interpretação de Textos
Estilo Enem

C-2	H-5, 6
	H-7, 8



Exercícios de Fixação

ARE TWITTER AND FACEBOOK AFFECTING HOW WE THINK

Is constant use of electronic gadgets reshaping our brains and making our thinking shallower?

By Neit Tweedie

How many times do you click on your email icon in a day? Or look at Facebook, or Twitter? And how many times when reading on the internet do you click on a link navigating away from the text that was the original object of your enquiry? The web, it seems, is like an electronic sweet shop, forever tempting us in different directions. But does this mental promiscuity, this tendency to flit around online, make us, well, thicker?

Nicholas Carr, the American science writer, has mined this theme for his new book, "The Shallows", in which he argues that new media are not just changing our habits but our brains. It turns out that the mature human brain is not an immutable seat of personality and intellect but a changeable thing, subject to "neuroplasticity". When our activities alter, so does the architecture of our brain. "I'm not thinking the way I used to think," writes Carr. "I feel it most strongly when I'm reading."

Disponível em: <www.telegraph.co.uk>. Acesso em: 27 fev. 2012.

01. (Enem/2016) Neil Tweedie levanta vários questionamentos sobre a utilização de diferentes recursos tecnológicos disponíveis hoje em dia. A partir desses questionamentos e dos argumentos do escritor norte-americano Nicholas Carr, o texto sugere que
- A) o ato de clicar em ícones e manusear aparelhos prejudica o comportamento.
 - B) o mundo virtual pode ser nocivo aos jovens, por ser muito promíscuo.
 - C) a Internet contribui para o amadurecimento intelectual dos usuários.
 - D) o uso intenso de recursos tecnológicos pode afetar nosso cérebro.
 - E) as redes sociais virtuais ajudam a melhorar nossa forma de pensar.

02.

'WE'RE ANTI-INFLUENCER': ICE-CREAM TRUCK MAKES INSTAGRAM 'STARS' PAY DOUBLE

Customers at Joe Nicchi's ice-cream truck have increasingly had the same demand: give us your ice-cream for free.

CVT Soft Serve, a popular truck in Los Angeles, has started to receive weekly requests from self-proclaimed Instagram "influencers" who promise to post a photo of Nicchi's ice-cream – if they don't have to pay. Nicchi has always said no, but this week he found an unusual way to profit off of the influencers: he publicly told them to go away.

Nicchi went viral after posting a sign that said "influencers pay double", writing on Instagram that he would "never give you a free ice-cream in exchange for a post". The image, tagged #InfluencersAreGross, spread around the globe, and now Nicchi says his business is booming, attracting fans across southern California who share his disdain of influencers.

Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2019/jul/03>. Acesso em: 4 jul. 2019.



Fique de Olho

World Englishes is a term for emerging localized or indigenized varieties of English, especially varieties that have developed in territories influenced by the United Kingdom or the United States. The study of World Englishes consists of identifying varieties of English used in diverse sociolinguistic contexts globally and analyzing how sociolinguistic histories, multicultural backgrounds and contexts of function influence the use of English in different regions of the world.

The issue of World Englishes was first raised in 1978 to examine concepts of regional Englishes globally. Pragmatic factors such as appropriateness, comprehensibility and interpretability justified the use of English as an international and intra-national language. In 1988, at a Teachers of English to Speakers of Other Languages (TESOL) conference in Honolulu, Hawaii, the International Committee of the Study of World Englishes (ICWE) was formed. In 1992, the ICWE formally launched the International Association for World Englishes (IAWE) at a conference of "World Englishes Today", at the University of Illinois, USA.

There is now an academic journal devoted to the study of this topic, titled *World Englishes*.

Currently, there are approximately 75 territories where English is spoken either as a first language (L1) or as an unofficial or institutionalized second language (L2) in fields such as government, law and education. It is difficult to establish the total number of Englishes in the world, as new varieties of English are constantly being developed and discovered.

Wikipedia, the free encyclopedia.

Os chamados influenciadores digitais surgiram com o advento das redes sociais. Essas “celebridades” são adoradas por seus milhões de fãs e costumam usar esse apelo como forma de conseguir regalias de diversas empresas ao redor do mundo, pois por meio das visualizações de seus posts há uma forma de divulgação de marcas e eventos. A notícia anterior, no entanto, dá conta de uma atitude tomada por um proprietário de uma carrocinha de sorvete em Los Angeles que resolveu

- A) afugentar os influenciadores de seu estabelecimento, cobrando deles o dobro por cada sorvete solicitado.
- B) proibir que seu pequeno negócio fosse divulgado nas redes sociais por influenciadores digitais.
- C) rivalizar com vários influenciadores digitais por terem usado sua marca indevidamente em recentes posts no Instagram.
- D) fazer uma campanha em sua carrocinha de sorvete contra a prática de divulgação de produtos sem a devida autorização dos proprietários dos negócios.
- E) denunciar, por meio de um cartaz em sua carrocinha de sorvete, alguns influenciadores que usam da fama na redes sociais para enganar seus seguidores.

03. (Enem/2016 – 3ª aplicação)

HUNGER GAMES REVIEW: FAMILY FILM GUIDE

Parent Concerns: There is definitely violence in this film. The central *Hunger Games* may not be as bloody and brutal as author Suzanne Collins describes in the novel, but there’s a visceral reaction to seeing the kid-on-kid violence rather than conjuring it in your own imagination. The tributes kill each other in a host of ways, from spear, knife and arrow wounds to hand-to-hand battles that leave teens with their heads smashed in or necks snapped. The editing is quick and the shots never linger on anything overly graphic, but there is blood and twenty-two adolescents, aged 12-18, die in the annual blood sport pageant. Immature teens, even if they’ve read the books, may not be ready to handle to the film just yet. A good rule of thumb: if they’re not old enough to be reaped into the *Hunger Games*, they’re probably not mature enough to see it.

ANGULO-CHEN. S. Disponível em: <<http://news.moviefone.com>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

Produções literárias e cinematográficas estão, muitas vezes, articuladas. No caso do filme *Hunger Games*, a autora da resenha chama a atenção para a questão da violência, que é mais

- A) detalhada do que a autora do livro gostaria que fosse.
- B) brutal do que os pais permitiriam para seus filhos.
- C) amena do que os adolescentes imaginavam.
- D) superficial do que o público poderia esperar.
- E) impactante do que a representada no livro.

04. (Enem/2016 – 3ª aplicação)

THE COST OF AV IS

£250 million

This referendum alone is costing **£91 million**. And switching to AV would cost even more:

- **£130 million** on electronic vote counting machines
- **£26 million** on explaining the new system to voters

Instead, that money could provide:

- ↪ 2,503 Doctors,
- ↪ 6,297 Teachers,
- ↪ 8,107 Nurses,
- ↪ 35,885 Hip replacements or
- ↪ 69,832 School places

At a time when people are losing their jobs or having their pay frozen, should we really be spending this money on a politicians' fix?

Reprodução/Enem 2016 - 3ª aplicação

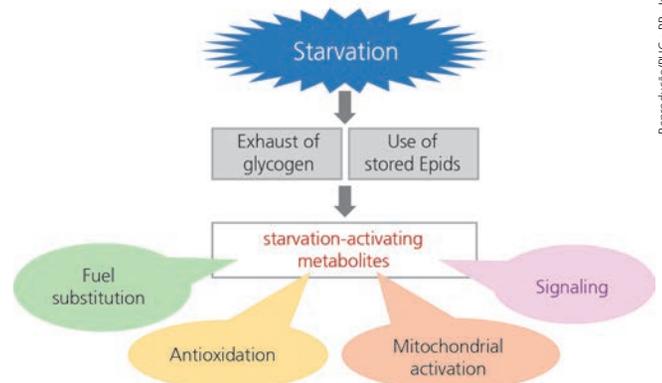
ABOOLS, M. Disponível em: <<http://blog.electicmemes.com>>. Acesso em: 1º jan 2015.

A sigla AV, usada no texto anterior, representa o alvo da crítica sobre a elevação do custo de um(a)

- A) enquête sobre profissões em baixa.
- B) referendo realizado pelo governo.
- C) tratamento médico inovador.
- D) software de última geração.
- E) novo sistema eleitoral.

05. (PUC-PR – Inverno/2019)

Fasting ramps up human metabolism, study shows



Reprodução/PUC - PR - Inverno 2019

The study, published on January 29, 2019 in Scientific Reports, presents an analysis of whole human blood, plasma, and red blood cells drawn from four fasting individuals. The researchers monitored changing levels of metabolites – substances formed during the chemical processes that grant organisms energy and allow them to grow. The results revealed 44 metabolites, including 30 that were previously unrecognized, that increased universally among subjects between 1.5– to 60–fold within just 58 hours of fasting.

In previous research, the GO Cell Unit identified various metabolites whose quantities decline with age, including three known as leucine, isoleucine, and ophthalmic acid. In fasting individuals, these metabolites increase in level, suggesting a mechanism by which fasting could help increase longevity.

Disponível em: <<https://www.sciencedaily.com>>.

Quais são as duas descobertas relativas à prática do jejum que foram evidenciadas no texto?

- A) Diminuição do metabolismo e crescimento de micro-organismos.
- B) Melhora no metabolismo e aceleração do processo de envelhecimento.
- C) Aumento da atividade metabólica e da expectativa de vida.
- D) Ajuste metabólico e diminuição da expectativa de vida.
- E) Dependência metabólica e perda de energia.



Exercícios Propostos

01.

EXTRA-VIRGIN OLIVE OIL PRESERVES MEMORY, PROTECTS BRAIN AGAINST ALZHEIMER'S

Date: June 21, 2017

Source: Temple University Health System

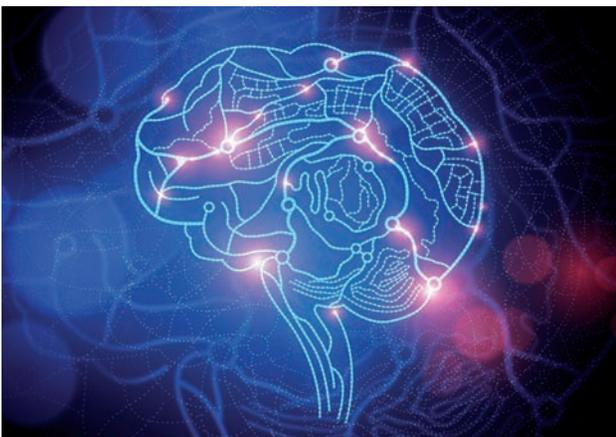
Summary: The Mediterranean diet is associated with a variety of health benefits, including a lower incidence of dementia. Now, researchers have identified a specific ingredient that protects against cognitive decline: extra-virgin olive oil. In a new study, the researchers show that consumption of extra-virgin olive oil protects memory and learning ability and reduces the formation of amyloid-beta plaques and neurofibrillary tangles in the brain – classic markers of Alzheimer's disease.

Disponível em: <<https://www.sciencedaily.com/>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

O Mal de Alzheimer é uma doença degenerativa que ataca milhares de pessoas em todo o mundo. Várias pesquisas têm sido desenvolvidas com o intuito de tentar achar uma cura, ou pelo menos uma maneira de minimizar o sofrimento causado por essa enfermidade. Na pesquisa descrita acima, o azeite de oliva pode ajudar no combate do Alzheimer porque o óleo

- A) é muito usado na dieta do Mediterrâneo, o que faz com que as pessoas que utilizam tal dieta raramente desenvolvam a doença.
- B) contribui para a diminuição da incidência de demência e consequente perda de memória em pacientes com Alzheimer.
- C) possui um ingrediente específico, que bloqueia a disseminação de placas de beta amiloide, único responsável pelo aparecimento dos sintomas da doença.
- D) incentiva a formação de neuro fibrilares e beta amiloides, que são usados no combate à doença.
- E) protege a memória e a capacidade de aprendizado, o que pode ajudar na contenção da disseminação da doença.

02.



PERSONALITY LINKED TO 'DIFFERENCES IN BRAIN STRUCTURE'

Our personality traits are linked to differences in the thickness and volume of various parts of our brains, an international study has suggested. Those with thicker and

less wrinkled outer layers of the brain tended to have more neurotic tendencies, the study of scans of 500 people found. Open-minded people were more likely to have thinner outer brain layers, it said. Experts said the study, while worthy, was difficult to interpret.

Disponível em: <www.bbc.co.uk>. Acesso em: 30 jan. 2017

O cérebro humano tem sido objeto de estudo ao longo dos anos, e mesmo assim muito ainda há de ser descoberto sobre esse órgão vital. Na pesquisa descrita, pesquisadores chegaram à conclusão que quanto

- A) mais espessa e menos enrugada for a membrana externa do cérebro, maior é a probabilidade da pessoa ter tendências neuróticas.
- B) menos espessa e mais enrugada for a membrana externa do cérebro, mais neurótica a pessoa tende a ser.
- C) mais fina e desenrugada for a membrana externa do cérebro, mais neurótica deve ser a pessoa.
- D) mais fina e mais enrugada for a membrana externa do cérebro, mais liberal a pessoa tende a ser.
- E) menos espessa e mais desenrugada for a membrana externa do cérebro, mais neurótica a pessoa tende a ser.

- Texto para as questões de 03 a 05.

OUR PLANET, OURSELVES: HOW CLIMATE CHANGE RESULTS IN EMERGING DISEASES

Mariette DiChristina

Mosquitoes – and the viruses that they carry – are pushing up the incidence of malaria globally and causing periodic explosive outbreaks of Rift Valley fever, which first brings on flulike symptoms but can turn into a severe hemorrhagic fever akin to Ebola. Bluetongue virus, a ruminant virus spread by midges that was once confined to tropical areas, has reached as far as Norway. Studies have shown shifts in cholera transmission with recent climate variability. As emerging diseases migrate to new areas, they encounter new species, making outbreaks even more difficult to manage.

Unfortunately, writes journalist Lois Parshley in her feature article "Catching Fever," The common enabler for the movement of each of these ailments is human-caused climate change. As weather patterns wreak more havoc, a Pandora's box of microbes enters new terrain, stressing global public health systems.

Such alterations are happening whether we want to use the words "climate change" or not. Whether we acknowledge the scientific consensus, demonstrated in thousands of studies over decades, climate change is both real promoted by human activities. Coastal communities are being affected by rising seas, drought-prone areas are arid for longer periods and, as our report shows, infectious agents are taking advantage of these more extreme weather patterns.

Available at: <www.scientificamerican.com>. Adapted.

- 03. (Unice – Vestibular de Medicina – 2018.2) Segundo o texto,
 - A) os primeiros sintomas da malária assemelham-se aos de uma gripe.
 - B) o vírus da Língua Azul só ocorre em áreas tropicais.
 - C) a transmissão da cólera está cada vez mais difícil de ser controlada.

- D) a febre do Vale Rift pode ter efeitos similares aos do Ebola.
E) a Noruega é um dos países mais afetados pelas variações climáticas.

04. (Unice/Vestibular de Medicina – 2018.2) De acordo com o texto,
A) só os sistemas públicos de saúde podem combater o aumento de epidemias virais.
B) o aumento do surto de epidemias deve-se, em última análise, à ação humana.
C) a comunidade científica ainda não chegou a um consenso quanto à causa do aumento de doenças no mundo.
D) os estudos mais recentes sugerem que não se atribuem apenas à mudança climática as epidemias que assolam o mundo.
E) o aumento do nível do mar pode vir a afetar as comunidades costeiras.
05. De acordo com o texto, as mudanças climáticas podem
A) fazer com que doenças confinadas a um determinado local se espalhem mais facilmente por várias outras áreas do planeta.
b) ajudar na proliferação de todas as viroses existentes atualmente no planeta.
C) ser o único fenômeno responsável pela eclosão de doenças, uma vez restritas a áreas mais pobres, em zonas de maior qualidade de vida.
D) levar a entender o surgimento, e conseqüentemente a cura, de várias viroses que hoje ameaçam a saúde da população.
E) destruir por completo a vida no planeta, não pelo clima em si, mas pelo surgimento de uma epidemia incurável que venha a dizimar a vida na Terra.

- (Unifesp) Texto para as questões de 06 a 10.

DENGUE FEVER: MILLIONS AT RISK AS A NEW OUTBREAK OF DENGUE FEVER SWEEPS LATIN AMERICA

Apr 19, 2007 – There is no vaccine. There is also no good way to treat it – just fluids and the hope that the fever will break. At first it seems like a case of severe flu, but then the fever rises, accompanied by headaches, excruciating joint pain, nausea and rashes. In its most serious form, known as dengue hemorrhagic fever (DHF), it involves internal and external bleeding and can result in death. Fuelled by climate change, dengue fever is on the rise again throughout the developing world, particularly in Latin America.

According to the World Health Organization, dengue is now endemic in more than 100 tropical and sub-tropical countries around the world, affecting some 50 million people a year, mostly in urban or semi-urban areas. A further 2.5 billion, two-fifths of the world's population, are considered "at risk". About 500,000 people, many of them children, are believed each year to develop a form of DHF serious enough to require treatment in hospital. Worldwide, 2.5% of DHF cases die; without proper care, the proportion can exceed 20%.

Anyone who survives an infection by one of the four viruses that cause the disease gains lifelong immunity from that virus. But subsequent infection by another variant increases the risk of developing DHF, which is becoming much more common in Latin America. In Mexico, for example, just one in 50 cases was hemorrhagic six years ago, says José Ángel Córdoba Villalobos, Mexico's secretary of health. Now one in five is.

Last year just over 500,000 cases of dengue were reported in Latin America, including more than 14,000 hemorrhagic cases,

187 of which resulted in death. This year nearly 200,000 dengue cases have already been reported, including 2,693 cases of DHF. At least 37 people have died, including 11 in Paraguay and 17 in Brazil.

The dengue viruses are transmitted to humans through the bite of a female *Aedes* mosquito, which acquires the viruses while feeding, normally on the blood of an infected person. Given that there is no known preventive treatment or anti-viral cure, the only practical way to prevent the viruses' spread is to eliminate the *Aedes* mosquitoes by preventing them from breeding.

In Mexico, the house-to-house programme mounted by the government to get people during the rainy season to remove rubbish and standing water where mosquitoes breed has been extended year-round - with some success. The number of dengue cases reported this year is well down on last year, but the rainy season – the main breeding time for the mosquitoes – has yet to come.

Disponível em: <<http://www.economist.com>>. Adaptado.

06. (Unifesp) Os sintomas iniciais da dengue
A) são febre alta, dor na nuca e vômito intermitente.
B) causam dores nas juntas devido a pequenas hemorragias.
C) são semelhantes aos de uma gripe forte.
D) são precursores de hemorragia interna que leva à morte.
E) devem ser tratados com ingestão de líquidos e antitérmicos.
07. (Unifesp) The DHF, the most serious form of dengue,
A) does not develop in people who have gained lifelong immunity from the virus.
B) develops in 20% of cases in Mexico at present.
C) caused the death of 20% of people worldwide.
D) resulted in 2,693 deaths in Latin America.
E) has affected mainly people in Brazil and Paraguay.
08. (Unifesp) A única maneira prática de evitar a disseminação do vírus da dengue é por meio de
A) tratamentos preventivos de saúde pública intensivos.
B) programas de cura com antivirais disponíveis para as populações de risco.
C) campanhas governamentais para alertar a população sobre os sintomas.
D) medidas para evitar a proliferação do mosquito *Aedes*.
E) programas domiciliares como o mexicano, que ocorre durante a época de chuvas.
09. (Unifesp) Dengue fever
A) does not have an efficient vaccine, but there are some preventive treatments.
B) presents a higher incidence in rural and scarcely populated areas.
C) is endemic mainly among people who live near rivers.
D) may be transmitted through human contact or the *Aedes* mosquito bite.
E) may be caused by four variants of virus.
10. (Unifesp) Segundo a OMS, a população mundial que corre o risco de contrair dengue é de
A) 2,5 bilhões de pessoas.
B) 50 milhões de pessoas.
C) 50 mil pessoas.
D) 500 mil crianças.
E) 20% da população de 100 países.



Fique de Olho



In most countries tea is a very disappointing experience: a teabag dropped into a glass of hot water with the string still attached. In Britain, by contrast, tea is not only a wonderful drink, but also a light but substantial meal of sandwiches, biscuits and cakes, and an important ceremony of our national life.

It was of course the British who discovered the pleasant and restorative effects of this famous infusion. One day a gentleman called Earl Grey was walking with a friend through India when suddenly, in the middle distance, he noticed a small and undistinguished-looking shrub covered with greenish leaves. The sun was hot and both men were feeling very thirsty. In a moment of visionary inspiration, Earl Grey turned to his companion: "I say, Carstairs – do you see that undistinguished-looking bush or shrub over there? Now that would make a nice cup of tea!"

Thus was born the East India Tea Company and the habit of drinking this refreshing beverage in small porcelain cups, which has since spread throughout the world.

EXPRESSIONS TO LEARN

I'm gasping for a cuppa!
One lump or two?

AVOID SAYING

Actually, I'd prefer coffee.

FORD, Martyn & LEGON, Peter. *The How To Be British Collection*. London: Lee Gone Publications, 2010.

Who geralmente funciona como sujeito do verbo na oração subordinada.

Exemplo: *The man **who** lives next door is very friendly.*

Tratando-se de um animal de estimação ou quando o animal estiver personificado, o pronome **who** é empregado.

Exemplo: *My cat, **who** is a little sick, did not drink his milk this morning.*

O pronome **who** também é usado quando a natureza ou elementos da natureza estiverem personificados.

Exemplo: *Only nature, **who** is the mother of beauty, could create such a marvelous thing.*

Nota Importante:

Who pode funcionar como objeto do verbo. Nessa função, o pronome relativo pode ser omitido.

Exemplos: *The man – I wanted to see him – was away on holiday.
The man **who** I wanted to see was away on holiday.
The man I wanted to see was away on holiday. (omissão)*

Whom

Usamos **whom** para pessoas, no lugar de **he/she/they**. **Whom** funciona como objeto do verbo.

Exemplo: *The man **whom** I saw is Mr. Jones.*

That

O pronome relativo **that** pode substituir **who, whom, which**, podendo funcionar como sujeito ou objeto. **That** não pode ser precedido de preposição. Nesse caso, usa-se **whom** ou **which**.

Exemplo: *The problem about **which** they are talking is very important.*

O pronome **that** não é usado após vírgula. (Aposto)

Exemplos: *Peter Smith, **who** I know, is here.*

whom

*The Mercedes, **which** is a German car, is expensive.*

Após superlativos e indefinidos, como **some, any** e seus compostos e, ainda, **the first, the last, the only**, só usamos **that**.

Exemplos: *That was the tallest girl **that** I have ever seen.*

*There are some details **that** must be considered.*

*This is the first book **that** I read.*

Which

É o pronome relativo que normalmente refere-se a coisas ou animais. Pode vir preposicionado e em períodos entre vírgulas.

Exemplos: *Reader's Digest is a magazine **which** everybody likes.*

*The ring, **which** costs US\$ 10.00, is the most expensive we have.*

Na função de objeto da oração subordinada, pode ser omitido.

Exemplo: *The horse I saw is expensive.*

Whose

Whose é usado para referir-se a coisas, pessoas e animais. Há uma preferência por seu uso com pessoas. Possessivo que liga dois substantivos.

Exemplo: *Hemingway is the writer **of which** style I appreciate.*

Aula
10

Revisão de Gramática –
Pronomes Relativos



Pronomes relativos

Who

Usamos **who** para pessoas no lugar de **he/she/they**.

Exemplos: *The man – he lives next door – is very friendly.
The man **who** lives next door is very friendly.
We know a lot of people – **They** live in London.
We know a lot of people **who** live in London.*

Nota Importante:

Quando o antecedente for coisa, o pronome **whose** pode ser substituído por **of which**.

Exemplo: *The house **of which** window is broken is very old.*

As palavras **what** (o que), **where** (onde), **how** (como), **when** (quando), **why** (por que) e outras também funcionam como elementos de conexão.

Exemplos: *Tell me **what** you want from me.*

*Teach me **how** I can do it.*

*They didn't say **when** they had arrived.*

*The store **where** he works belongs to his uncle.*

*Tony asked me **why** I was so upset.*

**Exercícios de Fixação**

01. Insert the appropriate relative pronoun:

- Gossips, to _____ you should pay no attention, is a bad thing.
- Dr. Smith, _____ car is outside, has come to see a patient.
- My friend Jack, _____ is in hospital, is very ill.
- This is my Uncle John, _____ you have heard so much about.

- A) which, whose, who, whom
- B) that, whose, whom, which
- C) which, whom, that, who
- D) whom, whose, that, whom
- E) that, whom, who, which

02. Fill in with a relative pronoun:

The flower exhibit _____ was held in the Botanical Garden in Curitiba, last September, showed beautiful orchids from all over the world.

Mark the correct option:

- A) that
- B) whose
- C) whom
- D) where
- E) who

03. Os períodos simples provenientes do composto "*She was a girl whom it was difficult to know well*" são:

- A) She was a girl. Whom it was difficult to know well.
- B) She was a girl. It was difficult to know her well.
- C) She who was a girl. It was difficult to know well.
- D) She was a difficult girl. It was difficult to know well.
- E) She was a girl. It was difficult to know whom well.

04. Aids, _____ is killing thousands of people all over the world, is a terrifying disease.

- A) which
- B) that
- C) whose
- D) what
- E) who

05. Here is a book _____ is very helpful in your studies.

- A) who
- B) which
- C) whom
- D) what
- E) whose

**Exercícios Propostos**

01. Choose the alternative that brings a sentence in which the relative pronoun can be omitted.

- A) The man to whom I gave the money is a homeless.
- B) Beth, whom I met in Spain, will be here tomorrow.
- C) Cars, which are very useful, pollute more than any other thing.
- D) Reading is something that I really love to do.
- E) Studying, which helps people grow in life, should always be a priority.

02. Mark the sentence that can only be completed with the relative pronoun WHOSE:

- A) This is Patricia, _____ sister you met last week.
- B) One should be loyal to _____ one is married.
- C) She's married to a doctor of _____ you have heard.
- D) Aids, _____ kills thousands of people, hasn't been wiped out.
- E) I don't like people _____ lose their tempers easily.

03. The boy and the dog _____ were injured in the accident passed away, unfortunately.

- A) who
- B) which
- C) that
- D) whose
- E) where

04. (Osec) This gentleman to _____ I have been talking is a mining expert.

- A) that
- B) whose
- C) whom
- D) who
- E) which

05. García Márquez is a writer _____ style I like.

- A) which
- B) whose
- C) when
- D) what
- E) whom

06. (ITA) The man _____ came here, and _____ you talked with is my relative.
 A) whom – who
 B) who – whose
 C) which – whom
 D) that – which
 E) none of these
07. *Romeo and Juliet*, _____ I read in college, is a masterpiece of the world's literature.
 A) when
 B) who
 C) whose
 D) where
 E) which
08. O pronome _____ completa corretamente a sentença a seguir e, sintaticamente, é classificado como _____.
A coward is one _____ thinks with his legs every time he is in danger.
 A) who – objeto
 B) who – sujeito
 C) whom – sujeito
 D) that – objeto
 E) which – sujeito
09. Choose the sentence in which the relative pronoun can be omitted.
 A) The boy with whom I talked was very apprehensive.
 B) That is something that we need to talk about.
 C) The scientist whose work was selected for the finals works for the government.
 D) The hotel where they stayed overlooks the Red Sea.
 E) The little animal, which was saved by the girl, was very hungry.
10. Mother Nature, _____ is in danger, cannot be harmed anymore.
 A) that
 B) whose
 C) who
 D) whom
 E) where

Other cases of language revitalization which have seen some degree of success are Irish, Welsh, Hawaiian, Cherokee and to a lesser extent Navajo, which was used for a World War II radio code never deciphered by the Japanese.

As a response to English linguistic imperialism, de-anglicisation became a matter of national pride in some places and especially in regions that were once under colonial rule, where vestiges of colonial domination are a sensitive subject. Following centuries of English rule in Ireland and English imposition of the English language, an argument for de-anglicization was delivered before the Irish National Literary Society in Dublin, 25 November 1892; "When we speak of 'The Necessity for De-Anglicising the Irish Nation', we mean it, not as a protest against imitating what is best in the English people, for that would be absurd, but rather to show the folly of neglecting what is Irish, and hastening to adopt, pell-mell, and indiscriminately, everything that is English, simply because it is English." Language was one of the features of Anglicisation in Ireland: although it never died out and became an official language after independence, Irish had lost its status as the island's principal vernacular to become a minority language during the period of English rule, as is the case in North America where their indigenous languages have been replaced by that of the colonists.

According to Ghil'ad Zuckermann, "language reclamation will become increasingly relevant as people seek to recover their cultural autonomy, empower their spiritual and intellectual sovereignty, and improve well-being. There are various ethical, aesthetic and utilitarian benefits of language revival - for example, historical justice, diversity and employability, respectively."

Wikipedia, the free encyclopedia.

 **Seção Videoaula**



Pronomes Relativos

Bibliografia

FORD, Martyn & LEGON Peter. *The How to Be British Collection*. Lee Gone Publications. London: 2010.

DRISCOLL, Liz. *Real Reading*. Volume 2. Cambridge University Press. Cambridge, England: 2008.

- Provas: – Enem 2013/2014/2016/2017
 – Unice – Vestibular de Medicina 2018.2
 – PUC-Campinas 2017
 – Mackenzie 2014.1/2017
 – PUC-Paraná 2017
 – UEL 2009
 – FGV 2009
 – Unifor 2016.2
 – Unifesp 2008



Fique de Olho

LANGUAGE REVITALIZATION

Language revitalization is an attempt to slow or reverse language death. Revitalization programs are ongoing in many languages, and have had varying degrees of success. The revival of the Hebrew language in Israel is the only example of a language which has become a language with new first language speakers after it became extinct in everyday use for an extended period, being used only as a liturgical language. Even in the case of Hebrew, there is a theory that argues that "the Hebrew revivalists who wished to speak pure Hebrew failed. The result is a fascinating and multifaceted Israeli language, which is not only multi-layered but also multi-sourced. The revival of a clinically dead language is unlikely without cross-fertilization from the revivalists' mother tongue(s)."

ESPAÑHOL

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO E GRAMÁTICA

Objetivo(s):

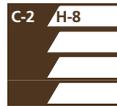
- Analisar, interpretar e aplicar as habilidades propostas na Competência de área 2, Língua Espanhola, enfoque na habilidade 8.
- Explicar as regras de acentuação gráfica espanhola, bem como os casos de acento diacrítico.
- Explicar os casos de apócope.
- Explicar as principais divergências existentes entre Espanhol e Português, no tocante ao seu vocabulário, quanto à tonicidade, grafia, gênero e significado.

Conteúdo:

AULA 06: ACENTUAÇÃO GRÁFICA	
Acentuación Gráfica.....	234
Exercícios	235
AULA 07: COMPREENSÃO DE TEXTO	
Exercícios	236
AULA 08: APÓCOPE	
Apócope.....	240
Exercícios	241
AULA 09: COMPREENSÃO DE TEXTO	
Exercícios	242
AULA 10: DIVERGÊNCIAS LÉXICAS	
Exercícios	245



Acentuação Gráfica



Acentuación Gráfica

Para señalar la sílaba tónica de una palabra, en español, se emplea, en ciertos casos, el acento gráfico llamado también tilde (´), signo colocado sobre la vocal de la sílaba tónica de la palabra según reglas bien establecidas.

Reglas general de acentuación

Según el lugar que ocupe la sílaba tónica, se pueden distinguir cuatro clases de palabras:

- I. Palabras **agudas** son aquellas en que la última sílaba es tónica.
Ejemplos: reloj, balón, París, catedral.
- II. Palabras **llanas** o **graves** son aquellas en que la penúltima sílaba es tónica.
Ejemplos: césped, cabello, inútil.
- III. Palabras **esdrújulas** son aquellas en que la antepenúltima sílaba es tónica.
Ejemplos: sábado, rápido, helicóptero.
- IV. Palabras **sobresdrújulas** son aquellas en las que es tónica algunas de las sílabas anteriores a la antepenúltima.
Ejemplos: dígamelo, cómetelo, llévesemela.

Para colocar correctamente el acento gráfico en las palabras, es necesario seguir las siguientes reglas generales de acentuación.

1ª Regla: los monosílabos, es decir, las palabras que tienen una sílaba, por regla general, no llevan tilde.

Ejemplos: fe, pie, sol, gris, bien, no, mal.

2ª Regla: las palabras agudas llevan tilde en la sílaba tónica cuando termina en **vocal**, en **n** o **s**.

Ejemplos: está, además, bambú, José

3ª Regla: las palabras llanas o graves llevan acento gráfico en la sílaba tónica cuando termina en **consonante** que no sea **n** o **s**.

Ejemplos: ágil, árbol, álbum, lápiz.

4ª Regla: las palabras esdrújulas y sobresdrújulas siempre llevan tilde en la sílaba tónica.

Ejemplos: indígena, teléfono, gánatela.

Algunas reglas especiales de acentuación

1ª Regla: acentuamos la palabra "sólo" cuando es adverbio, pero no la acentuamos cuando es adjetivo o sustantivo.

Ejemplos: Juan siempre vivió solo.

En Brasil sólo se habla portugués.

Quiero escuchar un solo de violín.

2ª Regla: la palabra "aún" llevará tilde cuando se utiliza con el significado de todavía (aún). En cambio, cuando equivale a hasta, también, incluso, o (siquiera, con negación), se escribirá sin tilde.

Ejemplos: Aún es joven.

No ha llegado aún.

Aun los sordos habrán de oírme.

Todos los socios, aun los más conservadores, votaron a favor.

3ª Regla: los adverbios terminados en "mente" conservan la tilde en el lugar en el que la llevaba el adjetivo que originó el adverbio.

Ejemplos: fácilmente, plácidamente.

4ª Regla: tilde diacrítica es aquella que permite distinguir, por lo general, palabras pertenecientes a diferentes categorías gramaticales, sin embargo, con idéntica forma.

EL – Artículo definido	El hombre que vino aquí ayer es mi jefe.
ÉL – Pronombre personal	Él no recibió mi recado.
MI – Adjetivo posesivo/ Nota musical	Perdi mi billetera. La obra ha sido compuesta en mi menor.
MÍ – Pronombre reflexivo	No pensaste en mí cuando tomaste esta decisión.
TU – Adjetivo posesivo	Tu libro es muy bueno.
TÚ – Pronombre personal	No me dijeran que tú ya habías llegado.
DE – Preposición/ Nombre de la letra	Me encanta la torta de chocolate. Diana se escribe con la de mayúscula.
DÉ – Imperativo del verbo dar	Dé les un poco de atención.
SE – Pronombre	Juana se acuesta tarde todos los días.
SÉ – Imperativo del verbo ser / Presente de indicativo del verbo saber .	¡ Sé justo hombre! No se si vale la pena ir a ver esta pieza.
SI – Conjunción/ Nota musical	Si llueve, no voy al club. Cántalo en si mayor.
SÍ – Pronombre reflexivo/ Adverbio de afirmación	Pablo sólo piensa en sí mismo. Sí , acepto el trabajo.
MAS – Conjunción	Quise comprarlo, mas me salía muy caro.
MÁS – Adverbio de cantidad intensidad	Más vale un pájaro en mano, que cien volando.
TE – Pronombre/ Nombre de la letra	Te invito a cenar. La te de Tadeu debe ir en mayúscula.
TÉ – Sustantivo	Para mí, té de manzanilla.

5ª Regla: cuando las palabras **qué, quién, cómo, cuándo, cuánto, cuán, cuál, dónde** y **adónde** son interrogativas o exclamativas son acentuadas.

Ejemplos: ¿Qué quiere?

¡Cuántos problemas para resolver!

6ª Regla: la conjunción disyuntiva "o" no lleva normalmente tilde. Sólo cuando aparece escrita entre dos cifras llevará acento gráfico, para evitar que se confunda con el cero.

Ejemplos: Eran 3 ó 6 criminales.

Juan o Pablo será apenado.



Exercícios de Fixação

01. (Uece/2019.1–2ª Fase) En la expresión “si quieres formar una familia” la partícula “si” es
A) pronombre personal.
B) adverbio de afirmación.
C) sustantivo común.
D) conjunción condicional.
02. (Uece/2019.1–2ª Fase) Cada una de las opciones abajo trae una palabra grave. Apunta la única que no debe llevar acento.
A) Césped
B) Marmol
C) Silex
D) Liquen
03. (Uece/2019.1–2ª Fase) ¿Cuál de las palabras, en español, está escrita correctamente?
A) Professional.
B) Tragicomédia.
C) Cerebro.
D) Asuncion.
04. (Uece/2018.2–2ª Fase) La palabra “chimpancés” lleva tilde porque es aguda terminada en “s”. Apunta la opción abajo que contiene otra palabra aguda que también debe llevar tilde.
A) Estrechez.
B) Laboral.
C) Mallorquin.
D) Gratitud.
05. (Uece/2018.1–2ª Fase) En la frase “**Aún** enfermo, aprobé todos los exámenes”, el término destacado puede ser sustituido por:
A) Sin embargo.
B) Mayormente.
C) Todavía.
D) Enhorabuena.
03. (Uece/2017.2–2ª Fase) La palabra grave que debe llevar acento es:
A) Cerebro.
B) Canibal.
C) Germen.
D) Dosis.
04. (Uece/2017.1–2ª Fase) El monosílabo destacado que debe llevar acento está en:
A) **Te** quiero mucho.
B) Espero que me digas **si**.
C) **El** remedón no está.
D) Ésta es **mi** habitación.
05. (Uece/2016.2–2ª Fase) La palabra “sólo” tiene función de
A) adjetivo.
B) conjunción.
C) preposición.
D) adverbio.
06. (Uece/2015.2–2ª Fase) Apunta la frase cuyo monosílabo destacado debe llevar acento
A) **Te** deseo muchos éxitos.
B) Ricardo **si** es rico.
C) ¿Dónde está **mi** corbata?
D) **De** pronto llegó el autobús.
07. (Uece/2014.2–2ª Fase) Según el acento diacrítico, señala el análisis correcto.
A) Té – sustantivo
B) Mí – adjetivo posesivo
C) Sé – pronombre personal
D) Dé – sustantivo (letra del alfabeto)
08. (Uece/2013.2–2ª Fase) El monosílabo destacado que debe llevar acento está en:
A) Esta palabra se escribe con **de** mayúscula.
B) Me gusta **el** té con mucho azúcar.
C) Dame un poco **mas** de hielo.
D) **Si** vienes, te espero.

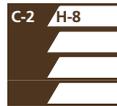


Exercícios Propostos

01. (Uece/2018.1–2ª Fase) La frase “ _____ tuviera dinero, me compraría un coche nuevo” se completa correctamente con
A) Sí.
B) Se.
C) Sé.
D) Si.
02. (Uece/2018.1–1ª Fase) El término “como” está empleado en tono
A) admirativo.
B) peyorativo.
C) interrogativo.
D) aumentativo.
09. (Uece/2013.1–2ª Fase) Apunta el monosílabo que debe llevar acento.
A) Si (conjunción condicional)
B) Te (sustantivo – letra del alfabeto)
C) Mi (posesivo apocopado)
D) Tu (pronombre personal)
10. (Uece/2012.1–2ª Fase) La palabra “sólo” tiene como sinónimo:
A) Todavía.
B) Sin embargo.
C) Solamente.
D) Através.



Compreensão de Texto



Exercícios de Fixação

01.

¿QUÉ ES LA X SOLIDARIA?

La X Solidaria es una équis que ayuda a las personas más vulnerables. Podrás marcarla cuando hagas la declaración de la recta. Es la casilla que se denomina "Fines Sociales". Nosotros preferimos llamarla X Solidaria:

- porque al marcarla haces que se destine un 0,7% de tus impuestos a programas sociales que realizan las ONG.
- porque se benefician los colectivos más desfavorecidos, sin ningún coste económico para ti.
- porque NO marcarla es tomar una actitud pasiva, y dejar que sea el Estado quien decida el destino de esa parte de tus impuestos.
- porque marcándola te conviertes en contribuyente activo solidario.

Disponível em: <<http://xsolidaria.org>>. Acesso em: 20 fev. 2012. Adaptado.

As ações solidárias contribuem para o enfrentamento de problemas sociais. No texto, a ação solidária ocorre quando o contribuinte

- delega ao governo o destino de seus impostos.
- escolhe projetos que terão isenção de impostos.
- destina parte de seus impostos para custeio de programas sociais.
- determina a criação de impostos para implantação de projetos sociais.
- seleciona programas para beneficiar cidadãos vulneráveis socialmente.

02. (Enem/2017)

Aquí estoy establecido,
 En los Estados Unidos,
 Diez años pasaron ya,
 En que crucé de mojado,
 Papeles no he arreglado,
 Sigo siendo un ilegal.
 Tengo mi esposa y mis hijos,
 Que me los traje muy chicos,
 Y se han olvidado ya,
 De mi México querido,
 Del que yo nunca me olvido,
 Y no puedo regresar.
 [...]
 Mis hijos no hablan conmigo,
 Otro idioma han aprendido,
 Y olvidado el español,
 Piensan como americanos,
 Niegan que son mexicanos,
 Aunque tengan mi color.

LOS TIGRES DEL NORTE. *Jaula de oro*. Woodland Hills, Califórnia: Fonovisa, 1986. Fragmento.

A letra da canção coloca em cena um dilema por vezes vivenciado por imigrantes. Esse dilema se configura no sentimento do pai em relação ao(à):

- diluição de sua identidade latino-americana, advinda do contato cotidiano com o outro.
- distanciamento dos filhos, gerado pela apropriação da língua e da cultura do outro.
- preconceito étnico-racial sofrido pelos imigrantes mexicanos no novo país.
- desejo de se integrar à nova cultura e de se comunicar na outra língua.
- vergonha perante só filhos de viver ilegalmente em outro país.

03. (Enem/2016)

CANCIÓN CON TODOS

Salgo a caminar
 Por la cintura cósmica del sur
 Piso en la región
 Más vegetal del tiempo y de la luz
 Siento al caminar
 Toda la piel de América em mi piel
 Y anda en mi sangre un río
 Que libera em mi voz
 Su caudal.

Sol de alto Perú
 Rostro Bolivia, estaño y soledad
 Un verde Brasil besa a mi Chile
 Cobre y mineral
 Subo desde el sur
 Hacia la entraña América y total
 Pura raíz de un grito
 Destinado a crecer
 Y a estallar.

Todas las voces, todas
 Todas las manos, todas
 Toda la sangre, puede
 Ser canción en el viento.

¡Canta conmigo, canta
 Hermano americano
 Libera tu esperanza
 ¡Con un grito en la voz!

GOMEZ, A.T. Mercedes Sosa: 30 años. Buenos Aires: Polygran, 1994.

“Canción con todos” é uma canção latino-americana muito difundida e consagrada pela voz da cantora argentina Mercedes Sosa. Com relação à América Latina, seus versos expressam:

- Desejo de integração entre os povos.
- Entusiasmo por caminhar pela região.
- Valorização dos recursos naturais.
- Esforço para libertar os oprimidos.
- Vontade de cantar os tipos humanos.

04. (Enem/2016)

AGUA

Al soñar que un cántaro
 en la cabeza acarreas,
 será éxito y triunfo lo que tú veas.
 Bañarse en un río
 donde el agua escalda,
 es augurio de enemigos
 y de cuchillo en la espalda.
 Bañarse en un río de agua puerca,
 es perder a alguien cerca.

ORTIZ, A.; FLORES FARFÁN, J. A. *Sueños mexicanos*. México: Artes de México, 2012.

O poema retoma elementos da cultura popular mexicana, que refletem um dos aspectos que a constitui, caracterizada pela

- A) percepção dos perigos de banhar-se em rios de águas poluídas.
- B) crença na relevância dos sonhos como premonições ou conselhos.
- C) necessidade de resgate da tradição de carregar água em cântaros.
- D) exaltação da importância da preservação da água.
- E) cautela no trato com inimigos e pessoas traiçoeiras.

05. (Enem/2016)



ACCIÓN POÉTICA LIMA.

Disponível em: <<https://twitter.com>>. Acesso em: 30 maio 2016.

Nesse grafite, realizado por um grupo que faz intervenções artísticas na cidade de Lima, há um jogo de palavras com o verbo “poner”. Na primeira ocorrência, o verbo equivale a “vestir uma roupa”, já na segunda, indica

- A) início de ação.
- B) mudança de estado.
- C) conclusão de ideia.
- D) simultaneidade de fatos.
- E) continuidade de processo.



Exercícios Propostos

01. (Enem/2010)

LA CUECA CHILENA



Nancy Nangel - Chile

La cueca es la danza nacional de Chile, la protagonista de las celebraciones y festividades criollas. Su origen no está claramente definido, ya que investigadores la vinculan a culturas como la española, africana, peruana, así como también a la chilena. La rutina de esta danza encuentra — según algunos folcloristas — una explicación zoomórfica por provenir de la “clueca”, concepto con el que se hace referencia a los movimientos que hace una polla cuando es requerida por el gallo. Es por ello que el rol del hombre, en el baile, se asemeja a la rueda y al entusiasmo que pone el gallo en su conquista amorosa. La mujer, en cambio, sostiene una conducta más defensiva y esquiva.

Disponível em: <<http://www.chile.com>>.

Acesso em: 27 abr. 2010. Adaptado.

Todos os países têm costumes, músicas e danças típicos, que compõem o seu folclore e diferenciam a sua cultura. Segundo o texto, na cueca, dança típica do Chile, o comportamento e os passos do homem e da mulher, estão associados

- A) à postura defensiva da mulher.
- B) à origem espanhola da dança.
- C) ao cortejo entre galo e galinha.
- D) ao entusiasmo do homem.
- E) ao nacionalismo chileno.

02. (Unifor/2018.2) Leia com atenção o texto a seguir.

La danza de los viejitos de Michoacán, en México, tiene un origen y sentido ritual y religioso, pues se lleva a cabo a cada cambio de estación, es decir, a cada solsticio y cada equinoccio y se ejecuta en honor del dios viejo tata huriata. Siempre son cuatro los danzantes, originalmente uno era representado por una máscara de niño o joven, pues era la estación naciente, y las otras tres estaciones eran representadas con máscaras de viejos, que correspondían a las estaciones ya pasadas. Si se fijan bien, cuando se enlazan los cuatro danzantes, el primero le pone mucha, pero mucha energía a su danza y, en contraparte, el último de la fila aparenta que ya no puede, que está dando las últimas y ello corresponde a la estación entrante y a la saliente.

Disponível em: <<http://www.purepecha.mx/threads/3249-La-Danza-de-los-Viejitos>>. Acesso em: 09 maio 2018.

Em relação ao texto, avalie as seguintes afirmações:

- I. A dança mexicana *de los viejitos* é apresentada uma vez por ano;
- II. Cada um dos quatro dançarinos representa uma estação do ano;
- III. Todos os dançarinos fazem parecer que estão cansados, dado que representam velhos.

É correto apenas o que se afirma em:

- A) I.
- B) II.
- C) I e III.
- D) II e III.
- E) I, II, e III.

03. (Unifor/2019.1)



Disponível em: <tigrepelvar4.wordpress.com>. Acesso em: 04 out. 2018.

- A opção que melhor corresponde ao sentido dessa frase é:
- A) Na política, as condições para a oposição são muito fáceis.
 - B) Ortega y Gasset pensava que política não é para os jovens.
 - C) Não se deve ir contra à política, pois, afinal, faça-se o que se fizer, tudo voltará a ficar igual.
 - D) Se a juventude não toma parte na política, outros podem decidir prejudicialmente contra ela.
 - E) A política de um país é feita pelos jovens e muitas vezes resulta contra eles.

04. (Enem/2010)

Jesulín y Cayetano Rivera salieron a hombros por la puerta grande aplaudidos por María José Campanario y la duquesa de Alba.

Expectación, mucha expectación fue la que se vivió el pasado sábado en la localidad gaditana de Ubrique. Un cartel de lujo para una tarde gloriosa formado por los diestros Jesulín, "El Cid", y Cayetano Rivera. El de Ubrique pudo presumir de haber sido "profeta en su tierra" en una tarde triunfal, con un resultado de tres orejas y salida por la puerta grande.

Desde primera hora de la tarde, numerosos curiosos y aficionados fueron llegando a los alrededores de la plaza y al hotel Sierra de Ubrique, donde hubo un gran ambiente previo a la cita taurina, dado que era el sitio donde estaban hospedados los toreros.

Revista ¡HOLA!, nº 3, 427, Barcelona, 7 abr. 2010. Fragmento.

O texto traz informações acerca de um evento de grande importância ocorrido em Ubrique — uma tourada. De acordo com esse fragmento, alguns dos fatos que atestam a vitória nesse evento típico da cultura espanhola são:

- A) A realização de cortejo público ao toureiro e o abraço do adversário.
- B) A hospedagem no Hotel Sierra de Ubrique e a presença da família real.
- C) A formação de fã-clubes numerosos e o recebimento de título de nobreza.
- D) O acúmulo de maior número de orelhas e a saída pelo portão principal.
- E) A reunião de numerosos curiosos e o apreço de uma rica mulher.

05. (Enem/2011)

En la Edad Media, el rey Felipe IV de Francia, con el apoyo del papa Clemente V, ordenó las redadas para detener a todos los Templarios del país el viernes 13 de octubre de 1307, hecho al que se atribuye la leyenda de los malos augurios asociados a este día de la semana cuando cae en 13. El asalto a los Templarios alcanzó una gran notoriedad a causa de las escabrosas acusaciones que se les imputaron, la tortura a los que los sometieron los inquisidores.

Otros historiadores sugieren que el origen de la superstición es cristiano y se remonta a la Última Cena, que tuvo trece comensales (Jesús y sus doce discípulos), y tras la cual se produjo lugar la crucifixión de Jesús, precisamente en viernes.

Disponível em: <<http://www.muyinteresante.es>>. Acesso em: 23 jun. 2011. Adaptado.

Vários fatos ocorridos ao longo da história da humanidade foram reunidos sob um aspecto comum que vem a ser o tema do texto, a saber:

- A) A superstição na sexta-feira 13.
- B) A perseguição aos Templários.
- C) A última ceia de Jesus.
- D) A crucificação de Jesus.
- E) As torturas dos inquisidores.

06. (Enem/2011)

EL DÍA DE LOS MUERTOS EN MÉXICO (2 DE NOVIEMBRE)

Este día se celebra la máxima festividad de los muertos en México. La celebración está llena de muchas costumbres. A las personas les gusta ir y llevar flores a las tumbas de sus muertos, pero para otras, representa todo un rito que comienza en la madrugada cuando muchas familias hacen altares de muertos sobre las lápidas de sus difuntos familiares. Estos altares tienen un gran significado ya que con ellos se cree que se ayuda a sus muertos a llevar un buen camino durante la muerte. Esta creencia es una mezcla de las tradiciones religiosas precolombinas y la católica. Otros altares más complejos, según la tradición, deben de constar de 7 niveles o escalones que representan los niveles que tiene que pasar el alma de un muerto para poder descansar. Estos altares se realizan generalmente en lugares con gran espacio.

Disponível em: <<http://www.sanmiguelguide.com>>.

Acesso em: 22 maio 2009. Adaptado.

Como no Brasil, o México também homenageia seus mortos no dia 2 de novembro, mas cada lugar tem suas próprias características. Com base no texto, a origem dessa celebração no México deve-se

- A) à família mexicana, que gosta de levar flores aos cemitérios.
- B) à festa que ajuda os mortos a irem por um bom caminho no além.
- C) às cerimônias que são celebradas dentro das casas das famílias.
- D) aos altares que têm a função de enfeitar os cenários da festa.
- E) à mistura entre a tradição cristã e as religiões que existiam antes no país.

07. (Enem/2012)

SEFARDITAS O LA MELANCOLÍA DE SER JUDÍO ESPAÑOL

El nombre de Sefarad, como es denominada España en lengua hebrea, despierta en gentes de Estambul o de Nueva York, de Sofía o de Caracas, el vago recuerdo de una casa abandonada precipitadamente bajo la noche. Por eso muchas de estas gentes, descendientes de los judíos españoles expulsados en 1492, conservan las viejas llaves de los hogares de sus antepasados en España. Se ha escrito que jamás una nación ha tenido unos hijos tan fieles como ellos, que después de quinientos años de exilio siguen llamándose "sefarditas" (españoles) y mantienen celosamente el idioma "sefardita" y las costumbres de sus orígenes. En la cocina y en los lances de amor, en las fiestas y en las ceremonias religiosas, los sefarditas viven todavía la melancolía de ser españoles.

CORRAL, P.; ALCALDE, J. *Sefarditas o la melancolía de ser judío español*.Disponível em: <<http://sefardilaculturasefardi.blogspot.com>>.

Acesso em: 17 fev. 2012. Adaptado.

Os *sefarditas* são descendentes dos judeus expulsos da Espanha em 1492. O autor do texto, ao vincular a melancolia à identidade dos *sefarditas*, destaca a

- A) lealdade por eles demonstrada às autoridades que os baniram dos territórios castelhanos.
- B) fidelidade à língua hebraica que era falada pelos seus antepassados na Península Ibérica.

- C) manutenção feita pelos judeus das casas que possuíam na Espanha, no final do século XV.
- D) conservação de um modo de vida próprio da nação da qual eles foram desmembrados.
- E) observação das tradições impostas aos judeus nas cidades orientais para onde migraram.

08. (Enem/2012)

EL IDIOMA ESPAÑOL EN ÁFRICA SUBSAHARIANA: APROXIMACIÓN Y PROPUESTA

La inexistencia de un imperio colonial español contemporáneo en África Subsahariana durante los siglos XIX y XX es la causa de la ausencia actual de la lengua española en ese espacio como seña lingüística, con la excepción del Estado ecuatoguineano. En consecuencia, la lengua española es, en ese subcontinente, un idioma muy poco conocido y promovido. Por otro lado, la importante presencia colonial portuguesa en África tuvo como consecuencia el nacimiento de cinco Estados oficialmente lusófonos. Convendrá, en esos países del África subsahariana, la promoción del español a partir de la afinidad con el portugués, lengua consolidada ya en ese espacio.

DURÁNTEZ PRADOS, F. A.

Disponível em: <www.realinstitutoelcano.org>.

Acesso em: 20 jan. 2012. Adaptado.

No artigo, após um esboço sobre a presença do espanhol na África Subsaariana, propõe-se

- A) amparar a promoção da fusão entre línguas próximas.
- B) substituir o português pelo espanhol em cinco Estados.
- C) reforçar o ensino do espanhol na Guiné Equatorial.
- D) projetar o espanhol no território africano lusófono.
- E) desenvolver o conhecimento sobre o português da África.

09. (Enem/2012)

¿ESTÁN LOCOS LOS ESPAÑOLES?

¿Están locos los españoles? Esa fue la pregunta que me hizo un alemán en el año 1991. "Ni siquiera este próspero país podría permitirse organizar unos Juegos Olímpicos y una Expo al mismo tiempo", me dijo. Desde entonces hemos creado una red de trenes de alta velocidad envidia de los alemanes, tenemos más kilómetros *per capita* de autopistas que ellos, el metro de Madrid es considerado el segundo mejor del mundo, se han invertido cantidades fabulosas en enriquecer a los constructores, a los partidos políticos y a no pocos bolsillos de políticos. Mientras, los sobrios alemanes seguían inyectando dinero en investigación y desarrollo, con lo cual se mantienen como el primer país exportador de la UE.

Señores políticos, yo no gasto lo que no tengo. Es su responsabilidad el habernos metido en esta situación y espero que las urnas les castiguen a todas las formaciones políticas en la medida de su responsabilidad.

ESCÓS, F. A. Disponível em: <www.elpais.com>.

A afirmativa que esclarece a opinião do autor da carta a respeito das escolhas de investimento feitas pelos administradores espanhóis é:

- A) A Espanha, dona de uma invejável rede de trens de alta velocidade, investiu na modernização das estradas e vias de metrô.
- B) A Espanha, apesar da escassez de recursos públicos, aplicou capital em obras de infraestrutura, o que, hoje, justifica a crise em que se encontra.
- C) A Alemanha, mesmo sendo um próspero país, não foi capaz de realizar dois grandes eventos simultaneamente.
- D) A Alemanha, diferentemente da Espanha, investe recursos na pesquisa e se mantém líder no *ranking* dos países exportadores da União Europeia.
- E) A Espanha, assim como a Alemanha, também injetou capital em ações que visassem ao seu desenvolvimento econômico.

10. (Enem/2012)

Si hay una palabra que llama a la unanimidad en el mundo de la política contemporánea, fuera de la palabra "democracia", es la palabra "integración".

Obviamente detrás de esta palabra vienen interpretaciones muy diversas, cuando no totalmente contradictorias.

La Alternativa Bolivariana de las Américas (ALBA), por ejemplo, es un proceso de integración, al centro del cual se encuentra una perspectiva de solidaridad de los países latinoamericanos, y de resistencia anti hegemónica de sus pueblos, pero igualmente llaman proceso de integración al Tratado de Libre Comercio de América del Norte (TLCAN) que involucra a EEUU, Canadá y México, un TLC que representa una verdadera anexión económica de México por parte de los Estados Unidos, mediante el comercio, que ha llevado a la quiebra y a la miseria a millones de campesinos, ha profundizado la brecha social y acelera la destrucción del medio ambiente.

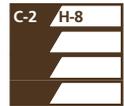
MARKOV, H. *Integración sí, ¿pero cuál? América Latina en movimiento*. Disponível em: <www.alainet.org>. Acesso em: 23 fev. 2012. Adaptado.

Conforme o texto, a palavra "integración" representa um chamado à união no mundo contemporâneo, embora receba interpretações bastante diversas. A crítica suscitada no texto em relação a um dos sentidos assumidos por essa palavra reside nas consequências que derivam do(a)

- A) condição de miséria de inúmeras pessoas do campo.
- B) destruição do meio ambiente em ritmo acelerado.
- C) aprofundamento da crise econômica e das diferenças sociais.
- D) solidariedade crescente entre os países da América Latina.
- E) enlace comercial dos países da América do Norte.



Apócope



Apócope

Apócope es la supresión de algún sonido al final de una palabra. Esta supresión fónica en la grafía, se representa por la caída de una letra o sílaba al final de la palabra.

1º Caso: las palabras pertenecientes a este caso sufren apócope delante de **sustantivo masculino singular**.

Bueno – buen
Ninguno – ningún
Alguno – algún
Malo – mal
Primero – primer
Tercero – tercer
Postrero – postrer
Uno – un

Ejemplos:

No hay **ningún libro** en el cajón.
Hoy es el **primer día** de clase.
Él es un **buen reportero**.

2º Caso: en este caso la apócope ocurre delante de **sustantivo singular**, sea este masculino o femenino.

Grande – gran

Ejemplo:

Ayer hubo una **gran protesta** callejera.

Observaciones:

1. Aunque esta apócope sea facultativa, la Real Academia nos dice que es mejor siempre hacerla, pues el no hacer es muy raro.
2. Cuando el adjetivo "grande" va precedido de "más" o "menos", la apócope no ocurre.

3º Caso: cuando el adjetivo "santo" tiene el singular la forma apocopada "san" cuando va, sin artículo, delante de nombre propio de varón.

Ejemplos:

San Juan, San Antonio, San Andrés.

Excepción: con los nombres **Tomé, Tomás, Toribio y Domingo** se mantiene la forma "santo". Vale decir que con la palabra "ángel" también no ocurre apócope.

4º Caso: los posesivos puestos abajo sufren apócope cuando van delante del nombre, aunque se interponga un adjetivo.

Mío, mía – mi
Míos, mías – mis
Tuyo, tuya – tu
Tuyos, tuyas – tus
Suyo, suya – su
Suyos, suyas – sus

Ejemplos:

Éste es **mi hermano**.
Tus mejores trabajos fueron estos.
Su libro está sobre el escritor.

Observación:

No se olvide que en este caso los posesivos son adjetivos y por tanto no aceptan artículos.

5º Caso: el numeral “ciento” se apocopa en la forma “cien” cuando va delante de un nombre **masculino** o **femenino**, incluso con adjetivo intercalado, también se apocopa cuando precede inmediatamente a otra expresión numérica multiplicándola. Pero no se apocopa cuando se suma. Se mantiene la apócope en los casos, muy frecuentes, en que el nombre que la motiva está claramente sobretendido.

Obsevación:

En los porcentajes se dice por ciento (cuatro por ciento, diez por ciento etc.) En cambio, se usa “cien” en la locución figurada cien por cien (totalmente o absolutamente).

Ejemplos:

Hay **cien** casas en este pueblo.

Hay **cien** miserables casas allí.

Cien millones de pesetas.

Ciento diez mil personas.

A mí me ponía el corazón a **cien**.

Una moneda de **cien**.

6º Caso: el adjetivo indefinido “cualquiera” toma la forma apocopada “cualquier”, cuando va antepuesto al nombre, tanto si el nombre es **masculino** como **femenino**. Esta apócope ocurre incluso cuando se interpone otro adjetivo entre “cualquier” y el nombre.

Ejemplos:

Cualquier hombre.

Cualquier otro hombre.

7º Caso: los términos “mucho”, “tanto” y “cuanto” toman sus respectivas formas apocopadas “muy”, “tan” y “cuan” cuando preceden a un adverbio o a un adjetivo, o cuando preceden a cualquier palabra o grupo que desempeñe función de adjetivo o de adverbio. No hay apócope cuando le sigue **mayor**, **menor**, **mejor**, **peor**, **más**, **menos**, **antes** y **después**.

Ejemplos:

Vivo **muy** cerca del cole.

Juan es **mucho más** alto que yo.

Voy **muy a menudo** al cine.

Es **mucho mejor** ir más temprano.

**Exercícios de Fixação**

- 01.** (Uece/2018.2–2ª Fase) La forma apocopada “muy” está empleada correctamente en:
- Todos han llegado muy después de las tres.
 - Carmen va a París muy a menudo.
 - En esta ciudad hace muy calor en verano.
 - Ahora si está muy mejor.
- 02.** (Uece/2018.1–2ª Fase) La forma apocopada “muy” completa correctamente la frase:
- Ella siempre repite que me quiere _____.
 - Te lo digo _____ en serio.
 - Así será _____ mejor.
 - La temperatura está amena, no hace _____ calor.

- 03.** (Uece/2018.1–2ª Fase) Según el uso de los posesivos, la frase correcta es:
- El mío padre es médico.
 - Fíjate, lo nuestro se acabó.
 - La tu familia sí es rica.
 - Estas tijeras son sus.
- 04.** (Uece/2017.2–2ª Fase) En la expresión “...su primer viaje”, encontramos:
- Un numeral cardenal.
 - Un posesivo neutro.
 - Una voz del verbo “viajar”.
 - Dos casos de apócope.
- 05.** (Uece/2017.1–2ª Fase) La forma apocopada “muy” completa la siguiente frase:
- Aquí hace _____ calor.
 - Me ha gustado _____ la película.
 - Paco es _____ aficionado al ajedrez.
 - Ella ha llegado _____ después de las ocho.

**Exercícios Propostos**

- 01.** (Uece/2016.2–2ª Fase) Apunta la forma destacada empleada correctamente.
- Vamos al campo cuando hace **muy** calor.
 - En esta semana las tardes están **mucho** calientes.
 - Isabel visita a sus padres **muy** a menudo.
 - La película es estupenda. Te la recomiendo **mucho** mucho.
- 02.** (Uece/2016.1–2ª Fase) Señala el uso correcto del posesivo.
- El mi padre es ingeniero.
 - Espero que aceptes las nuestras disculpas.
 - Tuyas prendas están en el ropero.
 - Las matemáticas no son lo mío.
- 03.** (Uece/2016.1–2ª Fase) De acuerdo con el empleo de “muy” y “mucho”, la frase correcta es:
- El café está sin azúcar y mucho caliente.
 - Aquí, en enero, hace muy frío.
 - Realmente, ha sido un viaje mucho agradable.
 - Vamos al Museo del Prado muy a menudo.
- 04.** (Uece/2015.2–2ª Fase) Señala el empleo correcto de la forma “mucho” (completa) o de la forma “muy” (apocopada).
- Tenemos que trabajar muy en serio.
 - Me gusta el café mucho caliente.
 - Ha llegado muy después de mediodía.
 - Mucho salada estaba la carne.
- 05.** (Uece/2015.1–2ª Fase) La forma apocopada “muy” completa correctamente la siguiente frase:
- _____ me alegre.
 - En invierno, en la montaña hace _____ frío.
 - Te digo eso _____ en serio.
 - Llegamos _____ después de las cinco.

06. (Uece/2014.2–2ª Fase) En cuanto al uso de “mucho” y “muy”, la frase correcta es:
 A) Mucho me alegro con tu visita.
 B) Así será muy mejor.
 C) Esta corbata fue mucho cara.
 D) En la montaña hace muy frío.
07. (Uece/2014.1–2ª Fase) La forma apocopada “muy” completa correctamente la siguiente frase:
 A) Aquí hace _____ frío.
 B) Vamos al cine _____ a menudo.
 C) Te quiero _____.
 D) _____ me alegro con tu visita.
08. (Uece/2014.1–1ª Fase) La expresión “su trayectoria artística” está igualmente correcta en:
 A) Suya artística trayectoria.
 B) La suya trayectoria artística.
 C) La su trayectoria artística.
 D) Su artística trayectoria.
09. (Uece/2013.2–2ª Fase) En “gran montículo” la forma “gran” está apocopada. Apunta el otro caso de apócope empleado correctamente.
 A) Nos vemos muy a menudo.
 B) Se fue a San Domingo.
 C) Aquí hace muy frío.
 D) Sólo me han dado cien.
10. (Uece/2013.2–2ª Fase) Según el uso del posesivo, la frase correcta es
 A) El mi padre es médico.
 B) Da mis recuerdos a los tus.
 C) Tuyos ojos son encantadores.
 D) Éste es su mejor trabajo.

01. (Unit/2018) Es una idea que está presente en el texto:
 A) La vejez es la puerta de entrada para la sabiduría.
 B) La locura es fruto de la falta de buena asistencia a la gente.
 C) Algunas personas se dejan llevar por gente que carece de ideales sólidos y efectivamente constructivos.
 D) Los miserables buscan esperanza en lugares que inspirandes confianza.
 E) El pensamiento moderno es muy voluble, inconsistente e incoherente.
02. (Unit/2018) Es correcto afirmar que en el texto se
 A) busca concienciar a la gente de la falta de objetivos en la vida.
 B) aconseja a que la persona viva la vida de modo sencillo y sin ostentaciones.
 C) muestra que puede haber gente que determine cómo se debe comportar la persona.
 D) afirma que los malos pensamientos siempre se imponen a los buenos.
 E) enseña que los buenos ejemplos son casi inexistentes en la vida.
03. (Unit/2018) Es cierto afirmar que el autor del texto
 A) lanza un manifiesto a favor de la corrección política muy necesaria.
 B) dice que hay que evitar a las personas que dañan la buena y pacífica convivencia de las gentes.
 C) obliga a crear bandos que defiendan ideas revolucionarias aunque radicales.
 D) entiende que la gente tiene que tener un líder que conduzca a todos a un ambiente santo y purificado.
 E) está de acuerdo con la idea de que los iguales son siempre invencibles y fuertes.

04. (Unit/2018) En relación con el significado que tienen las palabras en el texto, pueden considerarse sinónimas:
 A) “guiar” (l. 1) — llevar.
 B) “consigna” (l. 6) — cartas.
 C) “crean” (l. 10) — educan.
 D) “manías” (l. 11) — rechazos.
 E) “sendero” (l. 16) — rincón
05. (Unit/2018) “algunas veces” (l. 2) equivale a
 A) una vez que.
 B) siempre y cuando.
 C) de vez en cuando.
 D) en vez de.
 E) cada vez.



Compreensão de Texto



Exercícios de Fixação

- Texto para as questões de 01 a 05.

Quando nos dejamos guiar por locos nos aguarda el infierno siempre y no sólo algunas veces.

No bebas el agua negra de las masas guiadas por descerebrados aquejados de fiebres permanentes. Es el agua de la peste.

Evita las consignas seniles y simplistas que ciegan a los necios. El verdadero pensamiento no puede ser amigo de la senilidad y el simplismo.

Huye de los demagogos que emponzoñan la tierra con sus palabras y sus heces y que crean discordia entre las gentes con sus delirios interpretativos, sus manías persecutorias y su pulsión de muerte.

Purifícate de tanta miseria. Detente un instante ante ti mismo. Si los demás corren, tú no corras. Si los demás gritan, tú no grites. Si los demás excluyen, tú no excluyas. Si los demás enloquecen tú no sigas ese sendero que sólo conduce al aturdimiento de la conciencia y al grado cero del pensamiento.

Jesús Ferrero

Disponível em: <<http://www.elboomeran.com/blog/74/blog-de-jesus-ferrero-ielos-e-infiernos/>>. Acesso em: 13 maio 2018. Adaptado.



Exercícios Propostos

- Texto para responder às questões de 01 a 04.

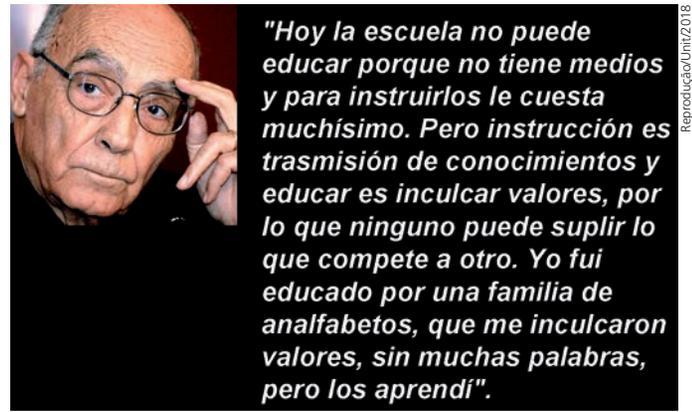
Texto



MAITENA. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/originals/7b/70/2d/7b702d04e6eebca908e0c849ee06e6f3.jpg>>. Acesso em: 13 maio 2018. Adaptado.

01. (Unit/2018) Tras la lectura de la viñeta, es posible concluir que las mujeres
- se han dado cuenta de que la rutina laboral es asfixiante y desalentador.
 - desean ser amadas de modo incondicional, aunque pasajero.
 - rechazan la idea de que los hombres las sustenten.
 - quieren cosas que quizás son difíciles de conciliar.
 - ignoran las posibilidades de sus sueños.
02. (Unit/2018) Es posible inferir que la autora del texto
- apunta los objetivos claros y equitativos de la mujer actual.
 - reflexiona sobre la falta de objetivos y aspiraciones de la mujer moderna.
 - muestra de modo irónico qué es lo que exigen algunas mujeres.
 - enseña que las mujeres merecen los mismos derechos que tienen los hombres.
 - critica la falta de objetividad del universo femenino.
03. (Unit/2018) En la viñeta,
- en "realizarse" (cuadro I) el pronombre puede anteceder a la forma verbal.
 - "y" (cuadro I) y "ni" (cuadro II) pertenecen a la misma categoría gramatical.
 - "me" (cuadro I) funciona como sujeto.
 - "las" (cuadro II) corresponde a la forma plural del artículo femenino.
 - "sin" (cuadro III) denota afirmación.
04. (Unit/2018) Pueden funcionar como sinónimos en el texto:
- "ganar" – vencer.
 - "algo" – poco.
 - "lograr" – conseguir.
 - "sólida" – potente.
 - "rutina" – ordinaria.

- Texto para responder às questões de 05 a 08.



05. (Unit/2018) Es una idea que se encuentra en el texto:
- Las familias pueden educar de modo eficaz aunque no tengan una instrucción formal.
 - Las escuelas tienen que asumir el papel de educar a los niños como la familia exige.
 - Los valores de la sociedad actual están muy confusos y desordenados.
 - La gente ignorante educa mejor que cualquier ambiente académico.
 - La educación formal del individuo es muy dispendiosa.
06. (Unit/2018) Para Saramago,
- el ambiente escolar es el mejor local para educar al individuo de forma plena.
 - la capacidad de tener una buena retórica se adquiere en la escuela.
 - los padres deben ejercer su papel de educadores sin ningún recelo.
 - la instrucción y la educación se adquieren en lugares distintos.
 - las familias reconocen que no saben educar a sus niños.
07. (Unit/2018) El vocablo "ninguno" (l. 7) podría sustituirse por
- cualquiera.
 - nada.
 - uno.
 - nadie.
 - todo.
08. (Unit/2018) Sobre los aspectos lingüísticos del texto, es correcto afirmar:
- "le" (l. 3) hace referencia a "la escuela" (l. 1)
 - "Pero" (l. 4) posee valor condicional.
 - "inculcar" (l. 6) se contrapone a infundir.
 - "fui" (l. 8) expresa una acción que acaba de realizarse.
 - "muchas" (l. 11) es en este caso un adverbio.

09. (Unifor/2018.1)



Disponível em: <<https://goo.gl>>. Acesso em: 25 set. 2017.

Escolha a opção que melhor corresponde ao sentido da frase anterior.

- A) Uma personalidade que se estima tão pouco é muito solitária.
- B) Uma personalidade envolve fantasia e mistério.
- C) Uma pessoa pergunta a outra si vê o cachorro.
- D) Uma pessoa convida a outra para comer tapas.
- E) A personalidade se revela íntegra e inequívoca.

10. (Unifor/2018.1)

El Servicio Sismológico Nacional (SSN) de México indicó que es común la ocurrencia de sismos en los estados de Puebla y Morelos, y se tiene un registro de este tipo de fenómenos desde el año 1900 a la fecha. Destacó que Chiapas y Oaxaca son de los estados con mayor sismicidad en el país, cuyo origen se debe al contacto convergente entre las placas Cocos y la Placa de Norteamérica.

Con respecto a esa zona, al inicio del siglo XX se produjeron tres grandes sismos superficiales con magnitudes mayores a siete en las costas de Chiapas y Guatemala. El primero ocurrió cercano a la frontera México-Guatemala, el 19 de abril de 1902 con magnitud de 7.5; el segundo fue el 23 de septiembre de 1902 con magnitud de 7.7 en la costa norte de Chiapas y el tercero el 14 de enero de 1903 de 7.6 en la costa sur de Chiapas.

Disponível em: <[http:// http://www.excelsior.com.mx/comunidad/2017/09/21/1189826](http://http://www.excelsior.com.mx/comunidad/2017/09/21/1189826)>. Acesso em: 25 set. 2017.

Sobre o texto, analise as seguintes afirmações:

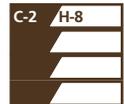
- I. México é um país propenso aos abalos sísmicos;
- II. Os estados de Chiapas e Oaxaca têm histórico de terremotos de alta intensidade;
- III. O epicentro no estado de Puebla, no terremoto de 19 de setembro, foi excepcional;
- IV. Na fronteira entre México e Guatemala há registros de sismos mais intensos que o do recente 19 de setembro;
- V. Na fronteira entre México e Estados Unidos se localiza a maior atividade sísmica da região.

Escolha a opção que indica três sentenças corretas em relação ao texto.

- A) I, III, V.
- B) I, II, IV.
- C) II, III, IV.
- D) I, II, V.
- E) III, IV, V.

Aula
10

Divergências Léxicas



Quando hace una comparación entre el español y el portugués se observa que hay entre esos dos idiomas diferencias muy importantes para el correcto aprendizaje de estas lenguas. A estas diferencias se dieron el nombre de divergencias léxicas.

1. Herotónico (Heterofónico/Heteroprosódico)

Son palabras que presentan una distinción en la tonicidad entre el español y el portugués, esta diferencia puede ser en sílaba o solo en una vocal.

1. acróbata	33. aristocracia	65. aristócrata
2. fisioterapia	34. albúmina	66. anécdota
3. elogio	35. hidrógeno	67. oxígeno
4. Florida	36. epidemia	68. caníbal
5. neuralgia	37. anatema	69. policía
6. miope	38. homeópata	70. alquimia
7. síntoma	39. tulipán	71. plutocracia
8. cuido	40. terapia	72. púdico
9. edén	41. tuétano	73. filántropo
10. gaucho	42. difteria	74. euforia
11. periferia	43. diplomacia	75. atmósfera
12. reina	44. proyectil	76. imán
13. endemia	45. teléfono	77. régimen
14. viudo	46. alcohol	78. hemorragia
15. acrobacia	47. xenofobia	79. liturgia
16. cóndor	48. democracia	80. nostalgia
17. atrofia	49. parálisis	81. mediocre
18. cerebro	50. vértigo	82. academia
19. leucemia	51. misántropo	83. anuncia
20. dios	52. viuda	84. diócesis
21. ruido	53. burócrata	85. rúbrica
22. reptil	54. taquicardia	86. ortopedia
23. misil	55. límite	87. prototipo
24. tráquea	56. alguien	88. aureola
25. psicópata	57. profilaxia	89. océano
26. vitriolo	58. impar	90. alergia
27. burocracia	59. textil	91. asfixia
28. hidrofobia	60. sarampión	92. epilepsia
29. magia	61. teocracia	93. héroe
30. cráter	62. nivel	94. hipocondria
31. lila	63. demagogia	95. médula
32. pantano	64. siderurgia	96. parásito

2. Heterogénico

Son palabras que presentan una diferencia en el género entre español y el portugués.

1. el aguardiente -	31. la masacre -
2. el origen -	32. el vals -
3. el viaje -	33. el epígrafe -
4. el desorden -	34. la nariz -
5. el rezo -	35. la miel -
6. la coz -	36. la costumbre -
7. el puente -	37. el lenguaje -
8. el homenaje -	38. el vértigo -
9. la risa -	39. el pétalo -
10. la legumbre -	40. el cráter -
11. el énfasis -	41. el árbol -
12. la alarma -	42. la labor -
13. el guante -	43. la baraja -
14. los párpados -	44. el dolor -
15. la lumbre -	45. el torrente -
16. el paraje -	46. la paradoja -
17. el cutis -	47. la sonrisa -
18. la protesta -	48. la sangre -
19. el aprendizaje -	49. el porcentaje -
20. el estreno -	50. el cólico -
21. la sal -	51. la dínamo -
22. la señal -	52. la crema -
23. la cumbre -	53. la protesta -
24. el linaje -	54. la tiza -
25. el síncope -	55. el sentinela -
26. el pantalón -	56. el equipo -
27. el omóplato -	57. el fraude -
28. el mensaje -	58. el platino -
29. el color -	59. el tulipán -
30. la leche -	60. el análisis -

Observaciones:

- Palabras terminadas en "umbre" son femeninas en español y no siempre lo son en portugués.
- Palabras terminadas en "aje" son masculinas en español y femeninas en portugués.



Exercícios de Fixação

- (Uece/2018.1–2ª Fase) Según las divergencias léxicas, la palabra "árboles" es un
 - hetosemántico.
 - heterotónico.
 - heterogénico.
 - sustantivo homónimo.
- (Uece/2013.2–1ª Fase) Sobre las palabras "equipo" y "agua", podemos afirmar con seguridad que
 - ambas son del género masculino.
 - las dos son del género ambiguo.
 - son heterogénicas.
 - una de ellas presenta una regla de eufonía.
- (Uece/2011.2–2ª Fase) "Equipo" es una palabra masculina en español y no femenina como en portugués. El otro heterogénico está en
 - teléfono.
 - aprendizaje.
 - carroza.
 - nomía.
- (Uece/2011.1–1ª Fase) La palabra "policía" es un heterotónico. Señala la opción donde las dos palabras tienen la misma divergencia léxica.
 - Exquisito, academia.
 - Parecia, nivel.
 - Cerebro, anestesia.
 - Pesadumbre, aprendizaje.
- (Uece/2010.2–2ª Fase) En "a nivel molecular" hay un heterotónico. Apunta la opción que trae la misma divergencia léxica.
 - Exquisito
 - Proyectil
 - Homenaje
 - Pararrayos



Exercícios Propostos

- (Uncisal/2017)

SEGURIDAD Y SALUD EN EL TRABAJO

La Constitución de la OIT establece el principio de protección de los trabajadores respecto de las enfermedades y de los accidentes del trabajo. Sin embargo, para millones de trabajadores esto se sitúa lejos de la realidad. Cada día mueren 6.300 personas a causa de accidentes o enfermedades relacionadas con el trabajo – más de 2,3 millones de muertes por año. Anualmente, ocurren más de 317 millones de accidentes en el trabajo, muchos de estos accidentes resultan en absentismo laboral. El coste de esta adversidad diaria es enorme y la carga económica de las malas prácticas de seguridad y salud se estima en un 4 por ciento del Producto Interior Bruto global de cada año. Los empleadores tienen que hacer frente a costosas jubilaciones anticipadas, a una pérdida de personal

calificado, a absentismo y a elevadas primas de seguro, debido a enfermedades y accidentes relacionados con el trabajo. **Sin embargo**, muchas de estas tragedias se pueden prevenir a través de la puesta en marcha de una sólida prevención, de la utilización de la información y de unas prácticas de inspección. Las normas de la OIT sobre seguridad y salud en el trabajo proporcionan instrumentos esenciales para que los gobiernos, los empleadores y los trabajadores instauren dichas prácticas y prevean la máxima seguridad en el trabajo. En 2003, la OIT adoptó un plan de acción para la seguridad y la salud en el trabajo, estrategia global en materia de seguridad y salud en el trabajo que incluía la introducción de una cultura de la seguridad y la salud preventivas, la promoción y el desarrollo de instrumentos pertinentes, y la asistencia técnica.

Disponível em: <<http://www.ilo.org/global/standards/subjects-covered-by-international-labour-standards/occupational-safety-and-health/lang-es/index.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2016. Adaptado.

A expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo da compreensão do texto, por

- A) Así.
- B) Pero.
- C) Hasta.
- D) Luego.
- E) Entonces.

02. (Uncisal/2017)

PERÚ GANA A LA TUBERCULOSIS

El esfuerzo del país andino contra la enfermedad le ha permitido alcanzar uno de los Objetivos del Milenio.

[...] Entre 1990 y 2015 el país redujo en un 52% el número de casos nuevos de tuberculosis, pasando de 52.000 a 27.000 anuales. **Asimismo**, el número de muertes al año asociadas a la enfermedad se redujo de casi 3.000 a 1.237 en el transcurso de las últimas décadas.

[...]

Disponível em: <http://elpais.com/elpais/2016/11/04/planeta_futuro/1478277573_195796.html>. Acesso em: 21 nov. 2016. Adaptado.

A palavra destacada estabelece, com a frase anterior, uma relação de

- A) tempo.
- B) adição.
- C) exclusão.
- D) finalidade.
- E) consequência.

03. (Uncisal/2017)



Reprodução/UNCISAL 2017

Disponível em: <<http://mafalda.dreamers.com>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

No último quadro da tirinha “ ¡Esto es burlarse de la honesta morbosidad de uno!”, a palavra “uno” refere-se

- A) a Felipe.
- B) a Mafalda.
- C) ao algarismo “um”.
- D) às pessoas em geral.
- E) ao artigo indefinido “um”.

04. (Uncisal/2017)

ADAPTACIÓN SALUDABLE

Si usted cambiara de país, es más que probable que el nuevo contexto sociocultural también deje alguna huella en su salud. “La aculturación (la adaptación al país de destino que obliga a enfrentarse a situaciones diferentes a las del lugar de origen) puede influir tanto de manera negativa como positiva en los hábitos saludables de los inmigrantes”, comenta la doctora Gaby Margarita Ortiz Barreda, doctora en Salud Pública del Departamento de Promoción de la Salud y Desarrollo de la Universidad de Bergen (Noruega), miembro del Grupo de Investigación de Salud Pública de la Universidad de Alicante y coautora del estudio *Desigualdades en salud en poblaciones inmigradas a España*, en el que se hace una comparación entre la situación de la población nacional y las inmigradas desde 1998 hasta 2013.

“Algunas investigaciones han revelado, por ejemplo, que a mayor aculturación, mayor puede ser el consumo de alcohol y tabaco. Aunque también puede favorecer comportamientos saludables, como la actividad física en el tiempo libre. Es necesario entender que la inmigración y la salud están entrelazadas de manera muy compleja. La salud puede condicionar la decisión de moverse de un lugar a otro y la migración, como proceso en sí, puede afectar la salud de los que se mueven, de los que se quedan, e incluso la salud de los que reciben a los que emigran”, dice la especialista Ortiz Barreda. Al margen de factores ambientales que no podemos controlar directamente (por ejemplo, quienes viven en ciudades con altos niveles de contaminación tienen más riesgo de padecer cáncer de pulmón y enfermedades cardiovasculares, según estudios), otros sí que están en nuestra mano. En ese caso, fíjese a partir de ahora en las tradiciones de quienes viven más y mejor allende las fronteras o en la comunidad de al lado, intente ponerlas en práctica y conserve aquellas propias que le garantizan a priori una larga vida. Entre unas y otras, seguro que su salud saldrá ganando.

Disponível em: <http://elpais.com/elpais/2016/11/09/buenavida/1478698544_927221.html>. Acesso em: 21 nov. 2016. Adaptado.

Sobre a adaptação saudável, o texto explicita que a

- A) imigração está afetando fatores ambientais.
- B) aculturação desacelera o consumo de álcool.
- C) tradição alimentar pode causar danos à saúde.
- D) imigração e a saúde estão dissociadas pela cultura.
- E) aculturação é um processo que deixa marcas na saúde.

05. (Uncisal/2017)

LOS PROPIETARIOS DE LA LIBERTAD

Las palabras cumplen ciclos; las actitudes también. Sin embargo, cuando las palabras designan actitudes, los ciclos se vuelven más complejos. Cuando el hoy tan denostado Sartre puso la palabra compromiso sobre el tapete y hasta Mac Leish publicó un libro sobre la responsabilidad de los intelectuales, estas dos palabras, compromiso y responsabilidad, designaban actitudes que, sin ser gemelas, eran bastante afines. Salvo contadas excepciones, los intelectuales de entonces las hicieron suyas y, equivocados o no, dijeron sin eufemismos por qué empeño se la jugaban.

Los artistas y escritores comprometidos, ya fuera en vida y obra o sólo en vida, durante la primera mitad del siglo XX, no eran simples portadores de pancartas o voceros de consignas. Eran nada menos que Brecht, Picasso, Pavese, Wells, Neruda y tantos otros. ¿Por qué aquellos comprometidos tenían entonces tan buena prensa y los de hoy la tienen tan mala? El peligro sin máscaras era el fascismo y no otro era el enemigo común.

Los intelectuales latinoamericanos también comprendieron dónde estaba esta vez el enemigo. Sólo entonces empezó la mala prensa. Los grandes pontífices de la propaganda subrayaron una y otra vez la palabra libertad y denostaron el compromiso. Libertad no era librarse de Batista o de Somoza, sino mantener la prensa libre. Libertad es la emocionada comprobación de que la gran prensa norteamericana es capaz de descubrir que Lumumba o Allende fueron liquidados por la CIA, sin poner el acento en que eso no sirve para resucitarlos.

¿Y compromiso? Es la actitud que adoptan ciertos intelectuales, cuya carga ideológica perjudica notoriamente su arte. Después de todo, ¿cómo se atreven a frecuentar las provincias del espíritu, si es público y notorio que tales ámbitos son patrimonio exclusivo de los propietarios de la libertad?

BENEDETTI, Mario. *La realidad y la palabra*. Barcelona: Editorial Destino, 1991, p. 8. Adaptado.

De acordo com o texto, o autor afirma que

- A) a imprensa tem compromisso crítico com a informação.
- B) o inimigo comum entre os artistas era a liberdade.
- C) as palavras são mais importantes que as atitudes.
- D) a imprensa ultrajou a atitude “compromisso”.
- E) a imprensa atenuou a palavra “liberdade”.

06. (Uncisal/2017)

LOS NUEVOS ALIMENTOS

Mientras la Unión Europea revisa su política sobre los llamados “nuevos alimentos” me gustaría saber, en este momento, ¿cómo se regulan los nuevos alimentos en Europa? Nos responde Jean Pottier, experto en la reglamentación sobre los “nuevos alimentos” en el Servicio Público de Salud del Ministerio de Sanidad, Seguridad Alimentaria y Medio Ambiente de Bélgica.

“Esto que denominamos como los “nuevos alimentos” (o *novel food* en inglés) son alimentos que no se consumían de una forma significativa en la Unión Europea antes de 1997. Son, por ejemplo, ingredientes alimentarios con una estructura molecular modificada, plantas, o animales como los insectos que vienen de otros continentes, de fuera de Europa. Como antes de esa fecha no se consumían en Europa, no se había podido establecer su seguridad alimentaria en base a una experiencia de consumo a lo largo de un periodo determinado.

En consecuencia, para ser comercializados en Europa, estos alimentos debían recibir una autorización específica, autorización precedida de una evaluación científica para asegurar que no suponían ningún tipo de riesgo para la salud. Desde la entrada en vigor de la normativa, ha habido un centenar de autorizaciones. Es el caso de las semillas de chía, una planta originaria de América del Sur, rica en Omega 3. También tenemos nuevas moléculas de azúcar, o los fitoesteroles que encontramos en la margarina indicada para reducir el colesterol.

Sin embargo, los “nuevos alimentos” no se desarrollan únicamente a nivel europeo, o se importan por razones nutricionales, también existen razones tecnológicas por ejemplo un nuevo tipo de base para los chicles que no se pegan nunca en el suelo cuando se tiran en la calle. El control de los “nuevos alimentos” se realiza a nivel europeo y las autorizaciones tienen validez en el conjunto de la Unión Europea”.

Disponível em: <<http://es.euronews.com/2015/11/13/que-son-los-llamados-nuevos-alimentos>>. Acesso em: 21 nov. 2016. Adaptado.

De acordo com o texto, os novos alimentos

- A) eram seguros para consumo mesmo antes de 1997 na União Europeia.
- B) são alterados geneticamente e vêm de fora da União Europeia.
- C) são oriundos de países da União Europeia como a Bélgica.
- D) foram controlados e validados fora da União Europeia.
- E) eram comuns na União Europeia antes de 1997.

07. (Uncisal/2017)

EL LENGUAJE EN LOS NIÑOS

El lenguaje es considerado una función cerebral superior y uno de los procesos cognitivos más importantes en la vida del ser humano, nos permite relacionarnos de manera eficiente con nuestro entorno y además llevar a cabo una serie de otros procesos que nos facilitan el ordenamiento de nuestros pensamientos, a través del almacenamiento, procesamiento y codificación de la información que recibimos de nuestro entorno, actuando como un mediador entre el conocimiento del ser humano y los estímulos que lo rodean. El lenguaje se ve afectado por múltiples factores, tales como orgánicos, psicológicos, sociales y afectivos. Entre estos debe existir una armonía y una normal cohesión para conseguir un adecuado desarrollo de él. Es un proceso de gran complejidad que requiere de la interacción de diferentes áreas corticales que gobiernan la producción y comprensión lingüística del sujeto e involucra tres grandes aspectos: la forma, el contenido y el uso. La forma incluye los niveles fonológico (ejemplo: pronunciación de consonantes) y morfosintáctico (ejemplo: construcción de las oraciones) del lenguaje, el contenido se relaciona con los aspectos semánticos (ejemplo: vocabulario), y por último en el uso del lenguaje se ven involucrados los aspectos pragmáticos (ejemplo: comunicación no verbal). Las alteraciones del lenguaje en el niño poseen una gran diversidad. No es tarea fácil realizar una clasificación acabada de éstas, sin embargo, resulta indispensable para facilitar la prevención, evaluación, el diagnóstico, pronóstico, y definir los programas terapéuticos.

Disponível em: <<http://www.fonoaudiologos.cl/lenguaje.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2016. Adaptado.

A linguagem é considerada um dos processos cognitivos mais importantes na vida do ser humano e, segundo o texto, é possibilitada pela

- A) interação entre a forma, o conteúdo e o uso da linguagem.
- B) utilização de processos morfosintáticos e fonológicos.
- C) combinação de fatores psicológicos e orgânicos.
- D) junção de aspectos semânticos e pragmáticos.
- E) função cerebral superior e suas conexões.

08. (Uncisal/2017) No período: *Quisiera pensar que a nadie quiere más Natasha que a mí, que nadie la divierte como yo, que a nadie le tiene tanta pena y compasión, que con nadie se implica como conmigo*, as partículas destacadas correspondem, respectivamente, a

- A) Natasha e eu.
- B) Natasha e ela.
- C) Natasha e pena.
- D) Natasha e ninguém.
- E) Natasha e compaixão.

09. (Uncisal/2017)

LA 'CRISIS DE LOS ANTIBIÓTICOS' SE AGRAVA EN EUROPA

Un informe alerta de que las resistencias a los fármacos aumentan en el continente.

La bacteria *E. Coli* puede desarrollar resistencia a los antibióticos más potentes. La ciencia logró ganar la batalla a las bacterias en la primera mitad del siglo XX, pero un siglo después estos microorganismos están contraatacando, y el mundo no está preparado para hacerles frente. Los expertos del Centro Europeo para la Prevención y el Control de Enfermedades (ECDC) han alertado este viernes, Día europeo del uso prudente de los antibióticos, de que las resistencias a los antibióticos están aumentando en el continente y de que cada vez es más habitual encontrar que bacterias comunes, causantes de infecciones urinarias y respiratorias, ya tampoco responden a los fármacos más potentes, la última línea de defensa.

Se calcula que sólo en la Unión Europea la resistencia antimicrobiana se cobra cada año 25.000 vidas. En todo el mundo, 700.000 personas mueren debido a las infecciones resistentes a los fármacos. Se trata no sólo de un grave problema de salud sino también económico y de sostenibilidad de los sistemas sanitarios. El ECDC recuerda que los hospitales gastan, de media, entre 10.000 y 40.000 euros adicionales por cada paciente que tratan por una infección bacteriana resistente. Si en los próximos años no se desarrollan nuevos antibióticos que sustituyan a los que están perdiendo efectividad – la temida 'era postantibióticos' –, se calcula que en el año 2050 morirán 10 millones de personas al año en el mundo. Europa perderá entre el 1% y el 4,5% de su producto interior bruto.

"La resistencia de la bacteria *Klebsiella pneumoniae* supone una preocupación creciente en Europa. Más de una tercera parte de las muestras examinadas en 2015 son resistentes al menos a una de las familias de antibióticos que vigilamos, y la resistencia combinada a varias familias es habitual", señaló Andrea Ammon, directora en funciones del ECDC, durante la jornada del Día europeo del uso prudente de los antibióticos, celebrada este viernes en Bruselas. Las diferencias entre países son llamativas, según destaca el último informe. En general, las resistencias son más elevadas en los países del sur y del este de Europa. El conocimiento que tienen los ciudadanos europeos sobre el uso correcto de los antibióticos es aún muy bajo, destacó el comisario de Salud, Vytenis Andriukaitis, que empezó su presentación resumiendo un pequeño trabajo de campo realizado por sus colaboradores en el barrio europeo de Bruselas. Tras visitar varias farmacias de la zona, comprobaron que se venden 3,1 envases de antibióticos por 1.000 habitantes al día, cifra excesivamente alta. "La gente no sabe que los antibióticos no curan los virus y que no son efectivos contra los resfriados", dijo como ejemplo de la falta de concienciación.

Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2016/11/18/actualidad/1479468016_399604.html>. Acesso em: 21 nov. 2016. Adaptado.

Segundo o texto, o principal causador da resistência aos antibióticos é a

- A) resistência da bactéria *E. Coli*.
- B) falta de antibióticos nos hospitais.
- C) falta de informação da população mais rica.
- D) resistência da bactéria *Klebsiella pneumoniae*.
- E) utilização incorreta e indiscriminada desses fármacos.

10. (Uncisal/2017)

LA COMIDA DEL FUTURO, MÁS SANA Y MÁS SABROSA

Comer productos locales. Un eslogan popular para los que cuidan de su bienestar pero también para los agricultores comprometidos con el medioambiente. Sin embargo, ¿es posible cultivar en la ciudad? En Rotterdam, un grupo de sociólogos analiza una de estas iniciativas. Las máquinas de café de esta oficina producen hasta una tonelada de residuos cada mes. Estos restos contienen todavía el 99% de la base del café en grano tostado original, con gran cantidad de nutrientes. Un recurso muypreciado para una empresa emergente que se encarga de su reutilización.

Sandra de Haan es la directora del proyecto Rotter Zwam: "Se pueden hacer muchas cosas, se puede usar en el jardín como abono para las plantas o para cultivar alimentos. Normalmente en Rotterdam, estos residuos, van directamente a la incineradora".

Una vez recogidos, los posos del café se convierten en substrato para cultivar champiñones en pleno centro de la ciudad. Este ejemplo de agricultura urbana es objeto de un estudio sociológico europeo, que plantea modelos de alimentación más sostenible para los habitantes de las ciudades.

"La gente no sabe cómo se producen los alimentos y, en consecuencia, no quieren pagar por ello, no saben hasta qué punto son saludables o no, y no quieren saber nada del reciclaje", comenta el experto en alimentación sostenible, Jan-Willem van der Schans. Con la agricultura urbana intentamos integrar la producción con el consumo de los alimentos y, además, contribuir a resolver los problemas que plantea el sistema tradicional de consumo.

Disponível em: <<http://es.euronews.com/2016/10/03/la-comida-del-futuro-mas-sana-y-mas-sabrosa>>. Acesso em: 21 nov. 2016. Adaptado.

De acordo com o texto, a reciclagem de resíduos de alimentos pode

- A) contribuir na resolução de problemas do sistema de consumo.
- B) ajudar as pessoas a economizar em suas compras mensais.
- C) diminuir o consumo de café em cápsulas nas empresas.
- D) melhorar o cultivo de cogumelos e legumes em casa.
- E) aumentar a procura pelo consumo de cogumelos.

Bibliografia

GALERA, M. C. *Novo Manual Nova Cultura*. São Paulo: Gráfica Círculo, 1997.

HERMOSO, A. G.; CUENOT, J. R.; ALFARO, M. S. *Gramática de Español Lengua Extranjera*. 3 ed. España: Edelsa Grupo Didascalía, S. A., 1995.

MORALES, J. L. O. *La Gramática de La Real Academia Española*. 2 ed. Madrid: Editorial Playor S. A., 1994.

SARMIENTO, R., SÁNCHEZ, A. *Gramática Básica del Español*. Madrid: Sociedade General Española de Librería, S. A., 1989.

Real Academia Española. *Esbozo de una Nueva Gramática de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, S. A., 1973.

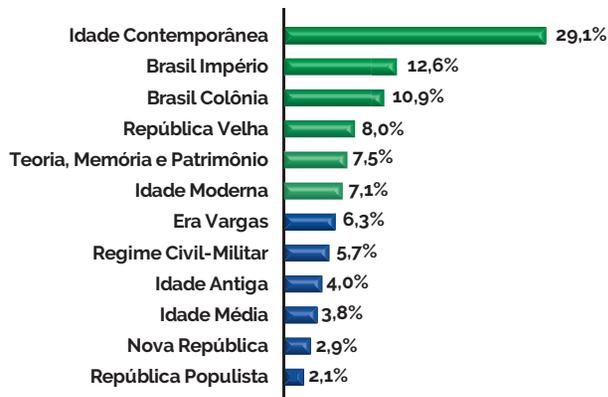


CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

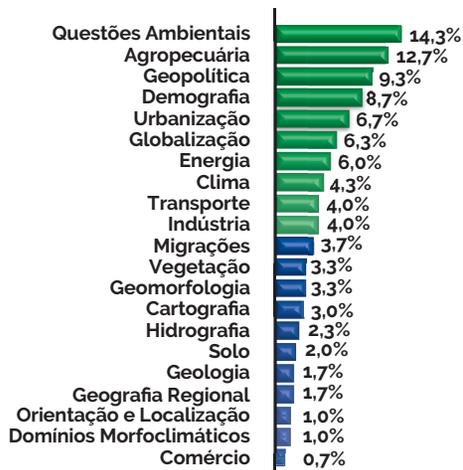
- HISTÓRIA
- TEMAS E ATUALIDADES
- GEOGRAFIA

CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

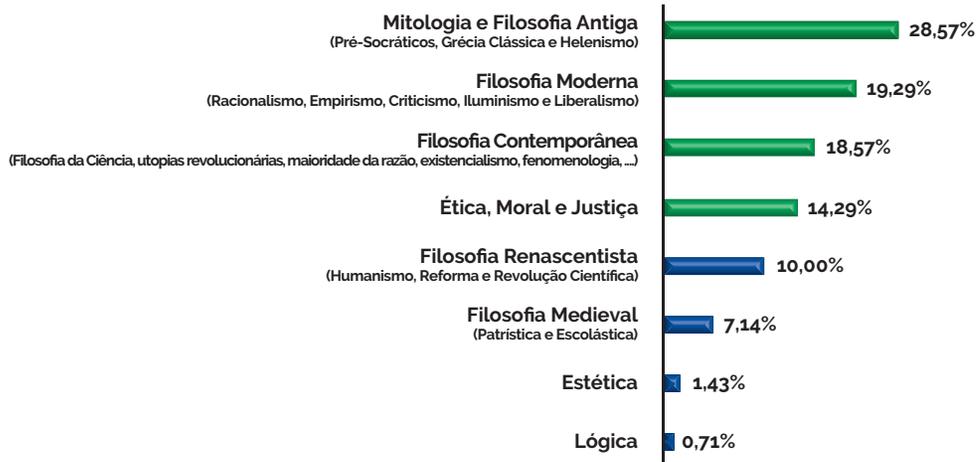
HISTÓRIA



GEOGRAFIA



FILOSOFIA



SOCIOLOGIA



COMPETÊNCIAS, HABILIDADES E CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

COMPETÊNCIA DE ÁREA 1 – Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

- H₁ – Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.
- H₂ – Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.
- H₃ – Associar as manifestações culturais do presente aos seus processos históricos.
- H₄ – Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.
- H₅ – Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades.

COMPETÊNCIA DE ÁREA 2 – Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

- H₆ – Interpretar diferentes representações gráficas e cartográficas dos espaços geográficos.
- H₇ – Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.
- H₈ – Analisar a ação dos estados nacionais no que se refere à dinâmica dos fluxos populacionais e no enfrentamento de problemas de ordem econômico-social.
- H₉ – Comparar o significado histórico-geográfico das organizações políticas e socioeconômicas em escala local, regional ou mundial.
- H₁₀ – Reconhecer a dinâmica da organização dos movimentos sociais e a importância da participação da coletividade na transformação da realidade histórico-geográfica.

COMPETÊNCIA DE ÁREA 3 – Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

- H₁₁ – Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.
- H₁₂ – Analisar o papel da justiça como instituição na organização das sociedades.
- H₁₃ – Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.
- H₁₄ – Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situações ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.
- H₁₅ – Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da história.

COMPETÊNCIA DE ÁREA 4 – Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

- H₁₆ – Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.
- H₁₇ – Analisar fatores que explicam o impacto das novas tecnologias no processo de territorialização da produção.
- H₁₈ – Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações socioespaciais.

H₁₉ – Reconhecer as transformações técnicas e tecnológicas que determinam as várias formas de uso e apropriação dos espaços rural e urbano.

H₂₀ – Selecionar argumentos favoráveis ou contrários às modificações impostas pelas novas tecnologias à vida social e ao mundo do trabalho.

COMPETÊNCIA DE ÁREA 5 – Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

- H₂₁ – Identificar o papel dos meios de comunicação na construção da vida social.
- H₂₂ – Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.
- H₂₃ – Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.
- H₂₄ – Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.
- H₂₅ – Identificar estratégias que promovam formas de inclusão social.

COMPETÊNCIA DE ÁREA 6 – Compreender a sociedade e a natureza, reconhecendo suas interações no espaço em diferentes contextos históricos e geográficos.

- H₂₆ – Identificar em fontes diversas o processo de ocupação dos meios físicos e as relações da vida humana com a paisagem.
- H₂₇ – Analisar de maneira crítica as interações da sociedade com o meio físico, levando em consideração aspectos históricos e/ou geográficos.
- H₂₈ – Relacionar o uso das tecnologias com os impactos socioambientais em diferentes contextos histórico-geográficos.
- H₂₉ – Reconhecer a função dos recursos naturais na produção do espaço geográfico, relacionando-os com as mudanças provocadas pelas ações humanas.
- H₃₀ – Avaliar as relações entre preservação e degradação da vida no planeta nas diferentes escalas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Diversidade cultural, conflitos e vida em sociedade.
 - Cultura material e imaterial; patrimônio e diversidade cultural no Brasil.
 - A Conquista da América. Conflitos entre europeus e indígenas na América colonial. A escravidão e formas de resistência indígena e africana na América.
 - História cultural dos povos africanos. A luta dos negros no Brasil e o negro na formação da sociedade brasileira.
 - História dos povos indígenas e a formação sociocultural brasileira.
 - Movimentos culturais no mundo ocidental e seus impactos na vida política e social.
- Formas de organização social, movimentos sociais, pensamento político e ação do Estado.
 - Cidadania e democracia na Antiguidade; Estado e direitos do cidadão a partir da Idade Moderna; democracia direta, indireta e representativa.
 - Revoluções sociais e políticas na Europa Moderna.

COMPETÊNCIAS, HABILIDADES E CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Formação territorial brasileira; as regiões brasileiras; políticas de reordenamento territorial.
 - As lutas pela conquista da independência política das colônias da América.
 - Grupos sociais em conflito no Brasil Imperial e a construção da nação.
 - O desenvolvimento do pensamento liberal na sociedade capitalista e seus críticos nos séculos XIX e XX.
 - Políticas de colonização, migração, imigração e emigração no Brasil nos séculos XIX e XX.
 - A atuação dos grupos sociais e os grandes processos revolucionários do século XX: Revolução Bolchevique, Revolução Chinesa, Revolução Cubana.
 - Geopolítica e conflitos entre os séculos XIX e XX: Imperialismo, a ocupação da Ásia e da África, as Guerras Mundiais e a Guerra Fria.
 - Os sistemas totalitários na Europa do século XX: nazifascista, franquismo, salazarismo e stalinismo. Ditaduras políticas na América Latina: Estado Novo no Brasil e ditaduras na América.
 - Conflitos político-culturais pós-Guerra Fria, reorganização política internacional e os organismos multilaterais nos séculos XX e XXI.
 - A luta pela conquista de direitos pelos cidadãos: direitos civis, humanos, políticos e sociais. Direitos sociais nas constituições brasileiras. Políticas afirmativas.
 - Vida urbana: redes e hierarquia nas cidades, pobreza e segregação espacial.
- Características e transformações das estruturas produtivas.
 - Diferentes formas de organização da produção: escravismo antigo, feudalismo, capitalismo, socialismo e suas diferentes experiências.
 - Economia agroexportadora brasileira: complexo açucareiro; a mineração no Período Colonial; a economia cafeeira; a borracha na Amazônia.
 - Revolução Industrial: criação do sistema de fábrica na Europa e transformações no processo de produção. Formação do espaço urbano-industrial. Transformações na estrutura produtiva no século XX: o fordismo, o toyotismo, as novas técnicas de produção e seus impactos.
 - A industrialização brasileira, a urbanização e as transformações sociais e trabalhistas.
 - A globalização e as novas tecnologias de telecomunicação e suas consequências econômicas, políticas e sociais.
 - Produção e transformação dos espaços agrários. Modernização da agricultura e estruturas agrárias tradicionais. O agronegócio, a agricultura familiar, os assalariados do campo e as lutas sociais no campo. A relação campo-cidade.
 - Os domínios naturais e a relação do ser humano com o ambiente.
 - Relação homem-natureza, a apropriação dos recursos naturais pelas sociedades ao longo do tempo. Impacto ambiental das atividades econômicas no Brasil. Recursos minerais e energéticos: exploração e impactos. Recursos hídricos; bacias hidrográficas e seus aproveitamentos.
 - As questões ambientais contemporâneas: mudança climática, ilhas de calor, efeito estufa, chuva ácida, a destruição da camada de ozônio.
- A nova ordem ambiental internacional; políticas territoriais ambientais; uso e conservação dos recursos naturais, unidades de conservação, corredores ecológicos, zoneamento ecológico e econômico.
 - Origem e evolução do conceito de sustentabilidade.
 - Estrutura interna da terra. Estruturas do solo e do relevo; agentes internos e externos modeladores do relevo.
 - Situação geral da atmosfera e classificação climática. As características climáticas do território brasileiro.
 - Os grandes domínios da vegetação no Brasil e no mundo.
- Representação espacial.
 - Projeções cartográficas; leitura de mapas temáticos, físicos e políticos; tecnologias modernas aplicadas à cartografia.

HISTÓRIA I

HISTÓRIA DO BRASIL

Objetivo(s):

- Sintetizar as características fundamentais da sociedade colonial.
- Explicar os diversos aspectos constitutivos da organização social, política, econômica e cultural das populações indígenas antes e depois da conquista e colonização.
- Relacionar a utilização do negro como mão de obra escrava com a lucratividade do tráfico negreiro.
- Explicar o cotidiano do negro no Brasil colonial, enfatizando: os principais grupos, o trabalho, os castigos, a resistência e a religião.
- Compreender a contribuição do branco na formação social brasileira.
- Analisar a produção cultural (literatura, arte etc.) durante o período colonial.
- Relacionar as invasões estrangeiras com o questionamento dos países europeus ao Tratado de Tordesilhas.
- Identificar os principais fatos históricos das invasões francesas, holandesas e inglesas no Brasil colonial.
- Entender o processo da expansão territorial do Brasil colonial, especificando a conquista de cada região (litoral Norte-Nordeste, Amazônia, interior Nordeste, Centro-Oeste e Sul).
- Identificar o principal dos Tratados de Limites, interpretando-o como soluções diplomáticas para o estabelecimento das fronteiras brasileiras.
- Entender a contradição entre as transformações ocorridas na Europa nos séculos XVII e XVIII e a estrutura mercantilista do Brasil Colônia.
- Diferenciar os conceitos de movimentos nativistas e movimentos de libertação colonial.
- Identificar e explicar os principais movimentos nativistas e movimentos de libertação colonial.

Conteúdo:

AULA 06: SOCIEDADE COLONIAL I – ÍNDIOS

Introdução	2
Características fundamentais	2
O índio	2
Exercícios	6

AULA 07: SOCIEDADE COLONIAL II – NEGROS E BRANCOS

Introdução	9
O negro	9
O branco	12
Exercícios	12

AULA 08: INVASÕES ESTRANGEIRAS

Introdução	16
Contextualizando	16
Invasões francesas	16
Invasões holandesas	17
Invasões inglesas	19
Exercícios	19

AULA 09: EXPANSÃO TERRITORIAL

Introdução	22
Contextualizando	22
Conquista do interior nordestino	23
Conquista do litoral Norte-Nordeste	23
Conquista da Amazônia	23
Conquista do Centro-Oeste	23
Movimento Bandeirante	23
Conquista do Sul	24
Tratados de Limites	25
Exercícios	27

AULA 10: CRISE DO SISTEMA COLONIAL

Introdução	31
Contextualizando	31
Movimentos nativistas	31
Movimentos Emancipacionistas	33
Exercícios	35

Aula
06

Sociedade Colonial I – Índios



Introdução

De olho no Enem!

Nas próximas duas aulas, vamos estudar a formação étnica do Brasil, abordando aspectos específicos dos elementos formadores da sociedade brasileira, isto é, dos nativos (índios), do europeu (branco) e do negro africano. Esse trabalho nos permitirá perceber as origens de determinadas manifestações culturais do nosso país e avaliar criticamente os conflitos sociais existentes em nossa sociedade atual.¹

Características fundamentais

O trabalho e a riqueza explicam a sociedade colonial, marcada predominantemente pela economia canavieira. A produção monocultora, com base no latifúndio e escravidão, forma estruturas de senhores e escravos. A pirâmide social apresenta larga base. Há poucas possibilidades para o surgimento de grupos médios, especializados em serviços – administração, comércio – ou atividades secundárias – manufaturas, transformação da matéria-prima. As grandes fazendas orgulham-se da autossuficiência; pouco adquirem. Forma-se, então, a imagem convencional da sociedade de senhores e escravos, a casa-grande e a senzala.

De certo, a economia era eminentemente rural, produtos destinados à exportação, sobretudo. Houve sempre, no entanto, pequenos setores artesanais ou manufatureiros; algum comércio nas vilas ou atividade ambulante – os mascates, os “cometas”, administração pública, com funcionários e soldados; sem falar em pessoas sem ofício ou desempregadas, vivendo nos núcleos urbanos ou indo de um lugar para outro, muitas delas perigosas, pela prática de assaltos e ilegalidades. Há sinais evidentes de setores médios na população, como é comprovado nas revoltas, como a do Bequimão (contra os privilégios da Companhia de Comércio do Maranhão, em 1684), a Guerra dos Mascates ou as conjurações. Eram feitas por comerciantes, manufatureiros, com a ajuda de militares, padres e funcionários descontentes. São a prova de um segmento médio, existente junto a senhores e escravos.

Se a produção é mais rural, é pequeno o índice de urbanização. Era mínima, aliás, em todo o mundo, mesmo na Europa. As pessoas de posse vivem em suas terras, evitam as cidades, só procuradas para resolver negócios administrativos ou comerciais, as compras em feiras, as festas religiosas. Não era bom viver em núcleos urbanos, centros de marginais de todo tipo. A economia agrícola explica o fato: se ela é base produtiva, não há oportunidade para urbanização, negando-se ao que um sociólogo chamou de “complexo antiurbano do Brasil colonial”, pela oposição à cidade e gosto pelo campo, quando o problema é econômico.

As cidades, produtoras de bens elaborados ou serviços, são decorrência do industrialismo, mas do século XIX. Em 1822, quando da independência, havia no Brasil apenas 225 núcleos urbanos – 213 vilas e 12 cidades. Eram, em geral, tristes e feias, sem gente. Muitos dos oficialmente ali domiciliados, de fato, ficavam nas fazendas a maior parte do tempo: as câmaras passavam anos sem reunião, pois os moradores eram ausentes.

Entre as cidades, havia algumas de excelentes obras e aspectos, apesar da falta de serviços básicos – não conhecidos então nem na Europa – como os portos – Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Olinda, São Luís, Belém, ou alguns núcleos do interior, mas em Minas. Esta, aliás, por fugir às características agrícolas, apresenta o primeiro movimento urbano significativo, com vilas de algum fausto. Minas foi a área mais urbanizada, como foi também a primeira a abrir a perspectiva para os segmentos sociais médios. A mineração cria riqueza e esta é distribuída pelo corpo social, enquanto na lavoura os bens e lucros se concentram em poucas mãos.

A forma social dominante é o patriarcalismo, decorrente da grande propriedade e das prerrogativas de direito ou de fato do senhor, como também da tradição portuguesa. Havia, como se falou antes, hipertrofia do poder privado. O patriarcalismo é forma encontrável em sociedades arcaicas, segundo a qual o senhor é chefe de tudo: cria-se a família do conceito amplo, com o homem e a mulher, os filhos, os colaterais, parentes por afinidade civil ou adoção, bem como a criadagem ou dependentes, todos, submetidos à vontade do patriarca. É uma estrutura global, compreendendo todos os poderes, com sua submissão. Só o chefe decide, os outros obedecem, na total falta de espontaneidade, no fim de qualquer anseio de independência ou renovação. Esse tipo de ordem se projeta ainda no século XIX, quando começa a ser abalada.

Papel decisivo tem a Igreja, como principal orientadora da educação, pela catequese feita pelas ordens religiosas. Como depende do governo, pelo regime do Regalismo, quando o padre é visto como servidor do Estado, o recrutamento para o clero não é o mais indicado, pois não resulta da vocação, mas do anseio de destaque, pois está aí um dos canais de ascensão social. Ser padre significa privilégio. A falta de estudo adequado completa o quadro: eles não se distinguem dos outros homens em seus hábitos. Falta-lhes religiosidade, observância dos votos. Na colônia, os padres seguem a máxima orientadora dos portugueses: fora das vistas das autoridades, entregam-se à busca da riqueza e dos prazeres. Daí o famoso comportamento de centenas de padres vivendo com mulher e muitos filhos, ou mesmo de outras formas ainda menos canônicas, empenhados no enriquecimento condutor à transgressão das leis. Houve exceção, é claro, com os exemplos de apostolado e caridade.

Outro aspecto a merecer realce é o das irmandades religiosas, com programa de assistência social e promoção do culto às vezes com ostentação. Constroem igrejas, em corrida competitiva: cada irmandade quer a sua mais bela e grandiosa. Estas se separam em função da cor ou da camada social: de brancos, negros, pardos ou ricos e modestas. Os homens a procuram, como forma de integração em sociedade de muito isolamento. Digno de nota ainda é o fato de o padre participar do esquema patriarcal, como parte da enorme família do senhor. Já nas vilas e cidades, sua presença é mais comum. O padre por vezes toma parte decisiva em lutas, como se vê nas conspirações. Lutas estas que sempre contaram com eclesiásticos.

O índio

Cristóvão Colombo, quando chegou ao Novo Mundo (novo para os europeus), acreditou que tivesse chegado às Índias, por isso chamou os nativos de índios. A partir de então, os colonizadores passaram a rotular de índios todos os habitantes que aqui viviam, independente de suas diversidades étnicas e culturais. Tanto passaram a ser índios os avançados incas e astecas como os nativos que viviam no território que veio a formar o Brasil.

Segundo alguns estudiosos do assunto, o homem não é originário da América. Ao que parece, o povoamento de nosso continente se teria processado por meio de sucessivas levadas migratórias. Elementos asiáticos (os principais) teriam penetrado pelo Estreito de Bering, enquanto ao Sul, em escala menor, teríamos a entrada de melanésios e australianos, por meio da Terra do Fogo.

Quanto à idade em que ocorreu a primeira colonização humana na América, existem muitas controvérsias. Para uns, há pelo menos 11.500 anos, para outros, há mais de 30.000 anos.

Em 1986, pesquisas realizadas por Niède Guidon e Georgete Délíbrias, no sítio do Boqueirão da Pedra Funda, no sudeste do Piauí, teriam revelado que o homem ali vivera há mais de 32.000 anos. É bom esclarecer que, apesar dos avanços, muitas pesquisas ainda precisam ser feitas para se elucidar (se é que um dia conseguiremos) a controvertida pré-história do homem americano.

Assim como os brancos “civilizados”, por meio de pesquisas, têm procurado desvendar as origens do homem americano, os índios, ao seu modo, também buscaram explicações para a chegada do homem branco. Os incas, a princípio, acreditaram que os cobiçosos espanhóis eram mensageiros de Viracocha, o Deus criador do mundo. O Imperador asteca Montezuma teria acreditado no caráter divino das tropas de Cortez. Os nativos brasileiros criaram diversos mitos para explicar a origem do branco colonizador. Eis a versão dos índios Kadiwéus, descendentes dos Guaicurús, que habitavam Mato Grosso: “(...) Acreditavam os Kadiwéus que eles próprios, e também os brasileiros, os paraguaios, os índios Terenas, enfim, todos os homens, foram tirados pelo herói Gô-noêno-hôdi de dentro de um buraco. Enquanto os outros povos receberam do herói terras e outros dons, os Kadiwéus nada receberam, ficando com o único privilégio de lutar contra os outros e tomar-lhes o que possuíam.

O mito, portanto, não somente explicava a origem dos povos, mas também vinha em apoio das ideias de dominação dos Kadiwéus. (...). Uma versão recente do mito conta que os Kadiwéus não esperaram o herói Gô-noêno-hôdi, que fora buscar mais presentes para eles, e se puseram a buscar frutas e mel no mato. Quando o herói chegou, disse que não era para fazer assim, que todos os povos deviam fazer roça, mas como os Kadiwéus estavam gostando desse tipo de vida, que ficassem assim mesmo, andando por toda parte, sem se fixar. Já os brasileiros, quando foram tirados do buraco, pediram logo a bênção ao herói, que, por isso, lhes deu a máquina de fazer pano, de fazer enxada, de fazer fuzil, tudo enfim.”

MELATTI, J.C. *Índios do Brasil*. Coordenada-editora de Brasília, 1972, p. 28-29.

A diversidade entre os índios

Conforme ensinava o professor Darcy Ribeiro, “índio é todo indivíduo reconhecido como membro por uma comunidade pré-colombiana que se identifica como etnicamente diversa da nacional e é considerada indígena pela população brasileira com que está em contato”. Portanto, a categoria índio só pode ser definida por oposição ao branco.

Ao contrário do que normalmente se divulga, os “índios brasileiros” constituem-se em populações, muitas são diferentes entre si, quer do ponto de vista biológico, econômico ou cultural.

José Imbelloni classificou os índios americanos em dez tipos. Desses, quatro têm representantes no Brasil: o amazônico (da região amazônica), o lânguido (nome originado de lagoa, a lagoa Santa, em Minas Gerais), o fuéguido (de *fuego*, isto é, Terra do Fogo) e o pâmpido (de Pampas). Nesta classificação, detalha-se a estatura, tipo de cabeça, de braços e pernas, a cor da pele etc. dos mais diversos grupos existentes no continente.

Os nativos brasileiros falavam os mais diversos idiomas, dentre eles o tupi, que, por ser falado pelas tribos litorâneas que primeiro entraram em contato com os portugueses, foi elevado pelos missionários cristãos à condição de “língua geral”. Em razão disso, muitos índios aprenderam tupi com os religiosos brancos. Atualmente, os etnólogos e linguistas dividem as línguas faladas pelos indígenas brasileiros em três grandes troncos, inúmeras famílias e alguns grupos ainda não classificados.

Tronco tupi

Família Tupi-Guarani, Juruna, Arikém, Tupari, Ramarama, Mondé, Puruborá.

Tronco macro-jê

Família Jê, Maxakali, Fulni-ô, Bororo.

Tronco aruak

Família Arauá, Aruak.

Diversas famílias ainda não foram classificadas em tronco. Exemplos: Família Karib, Tukano, Pano etc.

Existem também línguas ainda não classificadas em famílias, como dos Guató, dos Arikapú etc.

Vida econômica e social



WHITE, John (1570-93). Aquarela em papel, século XVI.

Em geral, a terra era um bem de produção possuído coletivamente pelos índios brasileiros. Alguns bens de consumo eram de propriedade individual; outros, coletivos. Já os arcos, flechas, facões, machados, entre outros, costumavam ser de propriedade individual.

A divisão do trabalho baseava-se na idade e no sexo. As mulheres dedicavam-se ao trabalho agrícola, ao preparo de alimentos, bebidas e ao cuidado com as crianças. Já os homens derrubavam o mato, preparavam a terra, pescavam, caçavam, fabricavam canoas, armas e participavam de expedições guerreiras. Existia também uma distribuição de tarefas por idade, com meninas e meninos procurando imitar os adultos de seu sexo.

Segundo Gandavo, “em cada casa desta (refere-se à maloca) vivem todos muito conformes, sem haver nunca entre eles nenhuma diferença: antes são tão amigos uns dos outros, que o que é de um é de todos, e sempre de qualquer coisa que um coma, por pequena que seja, todos os circunstantes não de participar dela”.

Quase todas as tribos brasileiras ignoravam a exploração econômica do trabalho escravo. “Não obstante, umas poucas sociedades indígenas situadas em território brasileiro tiveram escravos no passado, tal como aconteceu entre os índios Kadiwéus e os Terenas. Os índios Kadiwéus viviam do tributo e do saque sobre os grupos tribais vizinhos..”

MELATTI, J.C. *Índios do Brasil*. Coordenada-editora de Brasília, 1972, p. 70.

O casamento entre os índios sempre esteve regido por regras e costumes, e tem variado de tribo para tribo. Enquanto os antigos Tupinambás e os atuais Xavantes admitem a poligamia, as tribos dos Timbiras são monogâmicas. Os Xoklengs chegaram à poliandria (casamento de uma mulher com mais de um homem) e ao casamento grupal (casamento de mais de um homem com mais de uma mulher). Entretanto, temos que destacar que a poligamia era predominante.

A habitação



Zvonimir Atletic/123RF/Asyptix

A maneira de construir a habitação variava de tribo para tribo. Os antigos Tupinambás, por exemplo, viviam em aldeias formadas por grandes cabanas alongadas, feitas de palha, em forma de círculo, com um pátio no centro e protegidas com fortes cercas.

Os atuais Bororós e Timbiras constroem aldeias, dispondo as casas em círculos. Os antigos Kayowás reduziam a aldeia a uma grande casa. Já os Xavantes e Xerentes constroem aldeias em forma de ferradura.

A vida política

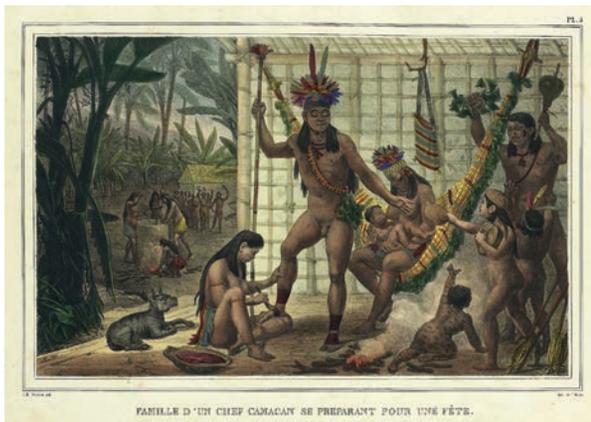
Entre os índios brasileiros, a maior unidade política é a aldeia, sendo o chefe a autoridade mais elevada.

É comum se designar indevidamente o chefe indígena de cacique. O termo, segundo Antenor Nascentes, é proveniente do Taino, uma língua das Antilhas. Na verdade, os índios brasileiros chamavam o “chefe” das mais variadas maneiras, dependendo da língua de cada grupo.

O chefe de uma aldeia indígena não é um déspota. Ao contrário, deve tratar bem os seus subordinados, pois, caso contrário, corre o risco de ser deposto.

“O chefe da aldeia em pouco se distingue dos demais índios: caça, pesca, trabalha na roça, confecciona objetos, como os outros. O chefe, geralmente, não possui muito mais bens que os outros habitantes da aldeia..”

MELATTI, J. C. *Obra citada*, página 107.



Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

PANTELLE D'UN CHIEF CAMACÁ SE PREPARANT POUR UNE FÊTE.

DEBRET, Jean-Baptiste. *Família de um chefe Camacã se preparando para uma festa (1820-30)*.

Em algumas sociedades indígenas, o poder do chefe é limitado por um conselho constituído pelos homens mais experientes da aldeia.

Somente o homem participa plenamente da vida política, e isto depois de uma certa idade. Entre os antigos Tupinambás, o homem tornava-se guerreiro aos 25 anos, após ter abatido ritualmente um inimigo. Quanto à chefia, só por volta dos quarenta anos.

As crenças

Toda sociedade indígena pratica seus ritos e tem ideias próprias sobre o mundo (ênfase aos fenômenos naturais e o politeísmo).

“Entre os índios brasileiros, parece que somente os índios Apapókúva e grupos a eles ligados creem em um ser supremo, que criou a terra e irá destruí-la um dia. Chamam-no de Nhandervuçu.

(...) Tupã é um ser sobrenatural somente para os índios que falam língua do tronco Tupi. Os demais não o conhecem. Mesmo para esses índios, Tupã nunca foi, de nenhum modo, o principal dos entes sobrenaturais. É uma espécie de demônio que domina o trovão e o raio, podendo como ele (Tupã) provocar morte e destruição. Os primeiros missionários, ao catequizarem os índios do litoral (de línguas do tronco Tupi), procuraram expressar o conceito de Deus dos cristãos com o termo Tupã. E o erro perdurou até hoje.”

FARIA, Gustavo de. *A verdade sobre o índio brasileiro*. Guavira Editores: Rio de Janeiro, 1981. p. 20. (Adaptado).

Outro erro comum é designar os médico-feiticeiros de pajés. As expressões “pajé”, dos Teneteharas, e “poncé”, dos Tapirapés, não devem ser generalizadas para os demais grupos indígenas, no que diz respeito à designação dos tipos intermediários entre os vivos e o sobrenatural.

A antropofagia

Segundo Alfred Métraux, “a antropofagia era costume característico dos Caríbas e dos Tupis-Guaranis”. Os índios acreditavam que, ao comerem o prisioneiro de guerra, adquiriam as qualidades do morto. O ritual de execução era complicado e durava vários dias. Enquanto devorava-se o prisioneiro, bebia-se muito cauim, bebida forte, baseada na mandioca.

Diversos viajantes deixaram relatos minuciosos sobre os ritos antropofágicos dos Tupinambás.

A resistência

Quando os portugueses “descobriram” o Brasil, aqui encontraram, segundo Pero Vaz de Caminha, uma “gente bestial e de pouco saber, cuja feição é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos”. Até 1537, os índios foram considerados “inábéis para a fé católica”. Nesse ano, o papa Paulo III afirmou em uma bula que os índios tinham alma e deveriam ser tratados como homens. Apesar de uma lei de 1570 proibir a escravização de índios, isto continuou acontecendo durante muito tempo.

Segundo o professor Florestan Fernandes, os nativos brasileiros tentaram resistir de três maneiras diferentes às investidas do homem branco:

- Em primeiro lugar, a reação violenta, tentando, por meio da união entre as diversas nações, vencer o invasor português.
- A segunda, tentando se “aliar” aos conquistadores. O que na verdade equivalia a um lento extermínio, pois os nativos iam perdendo, dia a dia, sua identidade cultural.

- A terceira forma de reação foi o refúgio para regiões ainda não exploradas pelos portugueses. Por exemplo, os Tupinambás, após terem sido derrotados pelos portugueses, em 1567, realizaram o maior deslocamento humano já ocorrido na América do Sul. Chegaram, inclusive, a atingir os Andes.

A Confederação dos Tamoios

A palavra “tamoio” quer dizer, em Tupi, “o mais velho do lugar”.

A Confederação dos Tamoios foi a união de diversas tribos para combater o inimigo comum: o agressor português. A formação da Confederação, que congregava tribos anteriormente até inimigas, foi conseguida graças à genialidade do guerreiro Aimberê. Além de Aimberê, outros chefes se destacaram: Cunhambebe e seu filho Pindobucu, Ernesto Guaraciaba, Ararái, Koakira etc.

Diante da frente ampla formada pelos indígenas, os portugueses surpreendidos sofreram várias derrotas. Temendo o pior, os jesuítas José de Anchieta e Manoel da Nóbrega resolveram ir ao encontro dos indígenas e propor um acordo de paz. Os indígenas exigiam a libertação de todos os escravos nativos em poder dos portugueses e a entrega de todos os traidores. Nóbrega e Anchieta concordaram, porém não tinham poder para decidir. Enquanto Aimberê e Nóbrega foram até São Vicente, Anchieta ficou como refém em Iperoig. Finalmente, a paz voltou a imperar.

Os índios cumpriram à risca o tratado que firmaram. Anchieta, assim, se refere em relação a Aimberê. “Aquele homem alto, seco e de estatura triste e carregada.. era capaz de cumprir com a palavra dada”.

Como vimos, os “selvagens” indígenas cumpriram a palavra empenhada, os que não cumpriram foram os “civilizados” portugueses, pois, assim que receberam reforços e armas de Portugal, violaram a trégua e atacaram os Tamoios. Estes, surpreendidos, sofreram uma série de derrotas. Uruçumirim, a capital da resistência, ficou reduzida a cinzas. Todos os chefes morreram, suas cabeças foram cortadas e penduradas em estacas para servir de exemplo.

A dizimação



DEBRET, Jean-Baptiste. *Soldados índios de Mogi das Cruzes, província de S. Paulo, combatendo Botocudos* (1834).

“Além das derrotas militares, da aculturação, as bactérias e os vírus foram os aliados mais eficazes. Os europeus traziam consigo a varíola, o tétano, doenças pulmonares, intestinais e venéreas.. a lepra, febre amarela, as cáries que apodreciam as bocas.. Os indígenas morriam como moscas; seus organismos não opunham defesas contra doenças novas. E os que sobreviviam ficavam debilitados e inúteis” (Eduardo Galeno). Segundo o professor Darcy Ribeiro, mais da metade da população nativa da América morreu logo nos primeiros contatos com os homens brancos.

Ao que parece, a população indígena do Brasil, em 1500, era de cinco milhões de habitantes. Em meados do século XVIII, estimava-se em dois milhões. Em 1910, existiam menos de um milhão. Atualmente, existe uma média de 350.000 índios.

A situação atual

Ao longo da História, a política indigenista desenvolvida pelo governo brasileiro tem deixado muito a desejar.

Em 1910, o marechal Cândido Rondon, um verdadeiro amigo dos índios, idealizou o Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Seu lema era: “morrer se preciso for, matar nunca”. Apesar dos esforços do ilustre sertanista, a situação dos índios continuou crítica. Em 1967, o SPI deu lugar à Funai, Fundação Nacional do Índio.

As constantes invasões de reservas indígenas, por parte de fazendeiros e seus capangas, muitas vezes com a omissão e até apoio de certas autoridades, têm acontecido em larga escala. Essa política de desrespeito aos padrões culturais nativos, a cobiça econômica, a ingenuidade de alguns que querem a todo custo “civilizar” nossos índios, está transformando, outrora, os donos da terra em seres desajustados, que contraem todos os vícios e mazelas do mundo moderno, sendo, enfim, indigentes dentro de sua própria casa.

Segundo lideranças indígenas, o branco é tutelado pelas elites e os índios pela Funai, daí a luta pela liberdade e pelo respeito aos direitos que a lei formal assegura às comunidades indígenas, mas que, infelizmente, são desrespeitadas pelo branco “civilizado”.

Leitura Complementar

A QUESTÃO INDÍGENA É MUITO COMPLEXA, DIZ MINISTRO DA JUSTIÇA

Para ele, a regulamentação ou criação de reservas indígenas no país é assunto de Estado e não depende de uma única instância de poder

Alex Rodrigues, da Agência Brasil.



O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo: para Cardozo, não falta ao Governo Federal vontade política para solucionar os conflitos.

Brasília – O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, disse hoje (5) que a regulamentação ou criação de reservas indígenas no país é assunto de Estado e não depende de uma única instância de poder. “Há um conjunto de questões jurídicas que têm que ser resolvidas”, disse ao desembarcar em Campo Grande. O ministro viajou para Mato Grosso do Sul depois que um índio morreu no dia 30 de maio e outro foi baleado ontem, em conflitos na região de Sidrolândia, onde fica a Fazenda Buriti, ocupada por índios da etnia Terena.

Para Cardozo, não falta ao Governo Federal vontade política para solucionar os conflitos. “O Governo Federal cumpre a Constituição Federal, que estabelece os parâmetros do que tem que ser feito. Por isso entendemos que essa é uma questão que não depende apenas da vontade política de A, B ou C”, disse.

Ao falar com a imprensa, Cardozo chamou as instâncias do poder público e as partes envolvidas para dialogar e tentar uma solução. “O Estado brasileiro – Ministério Público, poderes Judiciário e Executivo federal e estadual – têm que pactuar uma saída para esse impasse, que não será resolvido com uma varinha de mágica. Muitas vezes não há sintonia entre membros do Ministério Público, magistrados e governos. Temos que nos sentar, ouvir as lideranças indígenas e os produtores rurais”, comentou o ministro.

Ontem (4), poucas horas depois de o índio terena ter sido baleado na região de Sidrolândia, a cerca de 60 quilômetros da capital sul-mato-grossense onde fica a Fazenda Buriti, procuradores da República de Mato Grosso do Sul e do Pará divulgaram notas em que afirmam que falta vontade política ao Governo Federal para resolver as questões de demarcação e os conflitos entre índios e produtores rurais. Na última quinta-feira (30), um índio terena foi morto durante uma ação de reintegração de posse coordenada pela Polícia Federal (PF).

Disponível em: <<http://www.etc.com.br/noticias/brasil/2013/06/questao-indigena-complexa-e-nao-depnde-de-uma-unica-instancia-diz-cardozo>>



Exercícios de Fixação

01. (Enem/2016)

• **Texto I**

Documentos do século XVI algumas vezes se referem aos habitantes indígenas como “os brasis” ou “gente brasilíia” e, ocasionalmente no século XVII, o termo “brasileiro” era a eles aplicado, mas as referências ao *status* econômico e jurídico desses eram muito mais populares. Assim, os termos “negro da terra” e “índios” eram utilizados com mais frequência do que qualquer outro.

SCHWARTZ, S. B. Gente da terra brasiliense da nação. *Pensando o Brasil: a construção de um povo*. In: MOTA, C. G. (Org.) Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000). São Paulo: Senac, 2000 (Adaptado).

• **Texto II**

Índio é um conceito construído no processo de conquista da América pelos europeus. Desinteressados pela diversidade cultural, imbuídos de forte preconceito para com o outro, o indivíduo de outras culturas, espanhóis, portugueses, franceses e anglo-saxões terminaram por denominar da mesma forma povos tão díspares quanto os tupinambás e os astecas.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

Ao comparar os textos, as formas de designação dos grupos nativos pelos europeus, durante o período analisado, são reveladoras da

- A) concepção idealizada do território, entendido como geograficamente indiferenciado.
- B) percepção corrente de uma ancestralidade comum às populações amerídias.
- C) compreensão etnocêntrica acerca das populações dos territórios conquistados.
- D) transposição direta das categorias originadas no imaginário medieval.
- E) visão utópica configurada a partir de fantasias de riqueza.

02. (Enem/2015) “A língua de que usam, por toda a costa, carece de três letras; convém a saber, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, porque assim não tem Fé, nem Lei, nem Rei, e dessa maneira vivem desordenadamente, sem terem além disto conta, nem peso, nem medida.”

GÂNDAVO, P. M. *A primeira história do Brasil: história da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos de Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004 (Adaptado).

A observação do cronista português Pero de Magalhães de Gândavo, em 1576, sobre a ausência das letras F, L e R na língua mencionada, demonstra a

- A) simplicidade da organização social das tribos brasileiras.
- B) dominação portuguesa imposta aos índios no início da colonização.
- C) superioridade da sociedade europeia em relação à sociedade indígena.
- D) incompreensão dos valores socioculturais indígenas pelos portugueses.
- E) dificuldade experimentada pelos portugueses no aprendizado da língua nativa.

03. (Enem/2014) “O índio era o único elemento então disponível para ajudar o colonizador como agricultor, pescador, guia, conhecedor da natureza tropical e, para tudo isso, deveria ser tratado como gente, ter reconhecidas sua inocência e alma na medida do possível. A discussão religiosa e jurídica em torno dos limites da liberdade dos índios se confundiu com uma disputa entre jesuítas e colonos. Os padres se apresentavam como defensores da liberdade, enfrentando a cobiça desenfreada dos colonos.”

CALDEIRA, J. *A nação mercantilista*. São Paulo: Editora 34, 1999 (Adaptado).

Entre os séculos XVI e XVIII, os jesuítas buscaram a conversão dos indígenas ao catolicismo. Essa aproximação dos jesuítas em relação ao mundo indígena foi mediada pela

- A) demarcação do território indígena.
- B) manutenção da organização familiar.
- C) valorização dos líderes religiosos indígenas.
- D) preservação do costume das moradias coletivas.
- E) comunicação pela língua geral baseada no tupi.

04. (Unicamp/2013) “Quando os portugueses começaram a povoar a terra, havia muito destes índios pela costa junto das capitâneas. Porque os índios se levantaram contra os portugueses, e os governadores e capitães os destruíram pouco a pouco e mataram muito deles. Outros fugiram para o sertão, e assim ficou a costa despovoada de gentio ao longo das capitâneas. Junto delas ficaram alguns índios em aldeias que são de paz e amigos dos portugueses.”

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil*. Disponível em: <<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/ganda1.html>>. Acesso em: 20 ago. 2012.

Conforme o relato de Pero de Gândavo, escrito por volta de 1570, naquela época,

- A) as aldeias de paz eram aquelas em que a catequese jesuítica permitia o sincretismo religioso como forma de solucionar os conflitos entre indígenas e portugueses.
- B) a violência contra os indígenas foi exercida com o intuito de desocupar o litoral e facilitar a circulação do ouro entre as minas e os portos.
- C) a fuga dos indígenas para o interior era uma reação às perseguições feitas pelos portugueses e ocasionou o esvaziamento da costa.
- D) houve resistência dos indígenas à presença portuguesa de forma semelhante às descritas por Pero Vaz de Caminha, em 1500.

05. (Fuvest/2015) “A colonização, apesar de toda violência e ruptura, não excluiu processos de reconstrução e recriação cultural conduzidos pelos povos indígenas. É um erro comum crer que a história da conquista representa, para os índios, uma sucessão linear de perdas em vidas, terras e distintividade cultural. A cultura xinguana – que aparecerá para a nação brasileira nos anos 1940 como símbolo de uma tradição estática, original e intocada – é, ao inverso, que tem início no século X d.C. e continua até hoje.”

FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Com base neste trecho, é correto afirmar que

- o processo colonizador europeu não foi violento como se costuma afirmar, já que ele preservou e até mesmo valorizou várias culturas indígenas.
- várias culturas indígenas resistiram e sobreviveram, mesmo com alterações, ao processo colonizador europeu, como a xinguana.
- a cultura indígena, extinta graças ao processo colonizador europeu, foi recriada de modo mitológico no Brasil dos anos 1940.
- a cultura xinguana, ao contrário de outras culturas indígenas, não foi afetada pelo processo colonizador europeu.
- não há relação direta entre, de um lado, o processo colonizador europeu e, de outro, a mortalidade indígena e a perda de sua identidade cultural.

03. (Enem/2003) A primeira imagem a seguir (publicada no século XVI) mostra um ritual antropofágico dos índios do Brasil. A segunda, mostra Tiradentes esartejado por ordem dos representantes da Coroa portuguesa.



Theodor De Bry-século XVI



Pedro Américo. *Tiradentes esartejado*, 1893



Exercícios Propostos

- (Uece/2015.1) Sobre a sociedade brasileira do período colonial, pode-se afirmar corretamente que
 - buscava afirmar valores nativistas contestando a exploração colonial.
 - era alicerçada em relações sociais que primavam por igualdade e fraternidade.
 - baseava-se em relações sociais de cunho escravista e patriarcal.
 - procurou imprimir uma nova dinâmica social que em nada lembrava a metrópole colonizadora.
- (Uece/2015.1) Atente para as afirmações a seguir acerca da utilização da mão de obra indígena nos engenhos de açúcar no período colonial brasileiro.
 - Os indígenas aceitaram mais facilmente o trabalho escravo e se acostumaram à vida com seus senhores, ao contrário dos africanos, que sempre resistiram;
 - Os jesuítas empreenderam uma intensa campanha contra a escravização dos indígenas, razão pela qual vieram para o Brasil no início da colonização;
 - As dificuldades de escravização dos indígenas e os lucros do tráfico negreiro levaram os portugueses a optar pela mão de obra africana.

Está correto o que se afirma somente em

- I e II.
- II.
- II e III.
- III.

A comparação entre as reproduções possibilita as seguintes afirmações:

- Os artistas registraram a antropofagia e o esartejamento praticados no Brasil.
- A antropofagia era parte do universo cultural indígena e o esartejamento era uma forma de se fazer justiça entre luso-brasileiros.
- A comparação das imagens faz ver como é relativa a diferença entre “bárbaros” e “civilizados”, indígenas e europeus.

Está correto o que se afirma em:

- I apenas.
- II apenas.
- III apenas.
- I e II apenas.
- I, II e III.

04. (Enem/2011) “Em geral, os nossos tupinambás ficam bem admirados ao ver os franceses e os outros dos países longínquos terem tanto trabalho para buscar o seu arboatã, isto é, pau-brasil. Houve uma vez um ancião da tribo que me fez esta pergunta: ‘Por que vindes vós outros, mairs e perós (franceses e portugueses), buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra?’.”

LÉRY, J. Viagem à Terra do Brasil. In: FERNANDES, F. *Mudanças Sociais no Brasil*. São Paulo: Difel, 1974.

O viajante francês Jean de Léry (1534-1611) reproduz um diálogo travado, em 1557, com um ancião tupinambá, o qual demonstra uma diferença entre a sociedade europeia e a indígena no sentido

- A) do destino dado ao produto do trabalho nos seus sistemas culturais.
 B) da preocupação com a preservação dos recursos ambientais.
 C) do interesse de ambas em uma exploração comercial mais lucrativa do pau-brasil.
 D) da curiosidade, reverência e abertura cultural recíprocas.
 E) da preocupação com o armazenamento de madeira para os períodos de inverno.
05. (Enem/2009 – Prova cancelada) “O índio do Xingu, que ainda acredita em Tupã, assiste pela televisão a uma partida de futebol que acontece em Barcelona ou a um *show* dos Rolling Stones na praia de Copacabana. Não obstante, não há que se iludir: o índio não vive na mesma realidade em que um morador do Harlem ou de Hong Kong, uma vez que são distintas as relações dessas diferentes pessoas com a realidade do mundo moderno; isso porque o homem é um ser cultural, que se apoia nos valores da sua comunidade, que, de fato, são os seus.”

GULLAR, Ferreira. Das inumeráveis atualidades. *Folha de S. Paulo*. São Paulo: 19 out. 2008. Ilustrada, p. E 12 (Adaptado).

Ao comparar essas diferentes sociedades em seu contexto histórico, verifica-se que

- A) pessoas de diferentes lugares, por fazerem uso de tecnologias de vanguarda, desfrutam da mesma realidade cultural.
 B) o índio assiste ao futebol e ao *show*, mas não é capaz de entendê-los, porque não pertencem à sua cultura.
 C) pessoas com culturas, valores e relações diversas têm, hoje em dia, acesso às mesmas informações.
 D) os moradores do Harlem e de Hong Kong, devido à riqueza de sua história, têm uma visão mais aprimorada da realidade.
 E) a crença em Tupã revela um povo atrasado, enquanto os moradores do Harlem e de Hong Kong, mais ricos, vivem de acordo com o presente.

06. (Enem/2009) “No período 750-338 a.C., a Grécia Antiga era composta por cidades-Estado, por exemplo, Atenas, Esparta, Tebas, que eram independentes umas das outras, mas compartilhavam algumas características culturais, como a língua grega. No centro da Grécia, Delfo era um lugar de culto religioso frequentado por habitantes de todas as cidades-Estado. No período 1200-1600 d.C., na parte da Amazônia brasileira onde hoje está o Parque Nacional do Xingu, há vestígios de quinze cidades que eram ligadas por estradas a centros cerimoniais com grandes praças. Em torno delas, havia roças, pomares e tanques para a criação de tartarugas. Aparentemente, epidemias dizimaram grande parte da população que lá vivia.”

Folha de S. Paulo, ago. 2008 (Adaptado).

Apesar das diferenças históricas e geográficas existentes entre as duas civilizações, elas são semelhantes no aspecto de que

- A) as ruínas das cidades mencionadas atestam que grandes epidemias dizimaram suas populações.
 B) as cidades do Xingu desenvolveram a democracia, tal como foi concebida em Tebas.

- C) as duas civilizações tinham cidades autônomas e independentes entre si.
 D) os povos do Xingu falavam uma mesma língua, tal como as cidades-Estado da Grécia.
 E) as cidades do Xingu dedicavam-se à arte e à filosofia, tal como na Grécia.

07. (Enem/2009) Hoje em dia, nas grandes cidades, enterrar os mortos é uma prática quase íntima, que diz respeito apenas à família. A menos, é claro, que se trate de uma personalidade conhecida. Entretanto, isso nem sempre foi assim. Para um historiador, os sepultamentos são uma fonte de informações importantes para que se compreenda, por exemplo, a vida política das sociedades. No que se refere às práticas sociais ligadas aos sepultamentos,

- A) na Grécia Antiga, as cerimônias fúnebres eram desvalorizadas, porque o mais importante era a democracia experimentada pelos vivos.
 B) na Idade Média, a Igreja tinha pouca influência sobre os rituais fúnebres, preocupando-se mais com a salvação da alma.
 C) no Brasil Colônia, o sepultamento dos mortos nas igrejas era regido pela observância da hierarquia social.
 D) na época da Reforma, o catolicismo condenou os excessos de gastos que a burguesia fazia para sepultar seus mortos.
 E) no período posterior à Revolução Francesa, devido às grandes perturbações sociais, abandona-se a prática do luto.

08. (Enem/2010 – 2ª aplicação)

GREGÓRIO DE MATOS DEFINIU, NO SÉCULO XVII, O AMOR E A SENSUALIDADE CARNAL

O amor é finalmente um embaraço de pernas, união de barrigas, um breve tremor de artérias.

Uma confusão de bocas, uma batalha de veias, um rebuliço de ancas, quem diz outra coisa é besta.

VAINFAS, R. Brasil de todos os pecados. *Revista de História*, Ano. 1, nº 1. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, nov. 2003.

VILHENA DESCREVEU AO SEU AMIGO FILOPONO, NO SÉCULO XVIII, A SENSUALIDADE NAS RUAS DE SALVADOR

Causa essencial de muitas moléstias nesta cidade é a desordenada paixão sensual que atropela e relaxa o rigor da Justiça, as leis divinas, eclesiásticas, civis e criminais. Logo que anoutece, entulham as ruas libidinosas, vadios e ociosos de um e outro sexo. Vagam pelas ruas e, sem pejo, fazem gala da sua torpeza.

VILHENA, L.S. *A Bahia no século XVIII*. Coleção Baiana. v. 1. Salvador: Itapua, 1969 (Adaptado).

A sensualidade foi assunto recorrente no Brasil colonial. Opiniões se dividiam quando o tema afrontava diretamente os “bons costumes”. Nesse contexto, contribuía para explicar essas divergências

- A) a existência de associações religiosas que defendiam a pureza sexual da população branca.
 B) a associação da sensualidade às parcelas mais abastadas da sociedade.
 C) o posicionamento liberal da sociedade oitocentista, que reivindicava mudanças de comportamento na sociedade.
 D) a política pública higienista, que atrelava a sexualidade a grupos socialmente marginais.
 E) a busca do controle do corpo por meio de discurso ambíguo que associava sexo, prazer, libertinagem e pecado.

09. (UEA/2010) Leia o texto.

NOVAS CARTAS JESUÍTICAS

Devia haver um protetor dos índios para os fazer castigar, quando houvesse mister (necessidade), e defender dos agravos (males) que lhes fizessem (...). A lei que lhes hão de dar é defender-lhes de comer carne humana e guerrear (...), fazer-lhes ter uma só mulher, vestirem-se, pois têm muito algodão, ao menos depois de cristãos, tirar-lhes os feiticeiros, mantê-los em justiça entre si e para com os cristãos; fazê-los viver quietos e sem se mudarem para outra parte...

Pe. Manuel da Nóbrega, 08 maio 1558.

A partir do texto, pode-se concluir que

- os europeus demonstraram respeito e consideração pelos hábitos e práticas das sociedades indígenas.
 - as recomendações foram acatadas pelas populações indígenas, pois não se distanciavam de seus usos.
 - os europeus e as sociedades indígenas estabeleceram intensas trocas culturais, em clima de reciprocidade.
 - a superioridade europeia foi reconhecida pelos líderes indígenas, que comandaram a adaptação à nova ordem.
 - os europeus pretendiam modificar os costumes e o modo de vida dos indígenas, os quais consideravam bárbaros.
10. (Enem/2012) "A experiência que tenho de lidar com aldeias de diversas nações me tem feito ver, que nunca índio fez grande confiança de branco e, se isto sucede com os que estão já civilizados, como não sucederá o mesmo com esses que estão ainda brutos."

NORONHA, M. Carta a J. Caldeira Brant. 2 jan. 1751. Apud CHAIM, M. M. *Aldeamentos indígenas* (Goiás: 1749-1811). São Paulo: Nobel, Brasília: INL, 1983 (Adaptado).

Em 1749, ao separar-se de São Paulo, a capitania de Goiás foi governada por D. Marcos de Noronha, que atendeu às diretrizes da política indigenista pombalina que incentivava a criação de aldeamentos em função

- das constantes rebeliões indígenas contra os brancos colonizadores, que ameaçavam a produção de ouro nas regiões mineradoras.
- da propagação de doenças originadas do contato com os colonizadores, que dizimaram boa parte da população indígena.
- do empenho das ordens religiosas em proteger o indígena da exploração, o que garantiu a sua supremacia na administração colonial.
- da política racista da Coroa portuguesa, contrária à miscigenação, que organizava a sociedade em uma hierarquia dominada pelos brancos.
- da necessidade de controle dos brancos sobre a população indígena, objetivando sua adaptação às exigências do trabalho regular.



Fique de Olho

Sites:

<http://www.meuestudos.com/historia-do-brasil/colonial/sociedade-colonial.html>

[http://www.artigos.com/artigos/sociais/sociedade/o-antigo-regime-colonial:-a-formacao-da-sociedade-brasileira-\(seculos-xvi-xviii\)-1790/artigo](http://www.artigos.com/artigos/sociais/sociedade/o-antigo-regime-colonial:-a-formacao-da-sociedade-brasileira-(seculos-xvi-xviii)-1790/artigo)

Sugestões de livros:

AZANHA, Gilberto. *Senhores destas terras*: os povos indígenas no Brasil, da colônia aos nossos dias. Atual, 2005.

HECK, Egon. *Povos indígenas*: terra é vida. Atual, 2000.

PAULA, Eunice Dias de. *História dos povos indígenas*: 500 anos de luta no Brasil. Vozes, CIMI, 2001.

Aula
07

Sociedade Colonial II – Negros
e Brancos

C-1	H-4, 5
C-3	H-15

Introdução

De olho no Enem!

Já estudamos na aula passada os primeiros habitantes do Brasil, dentro de sua diversidade de povos e cultura, comentando sua organização política e socioeconômica. Destacamos ainda o legado histórico-cultural e os desafios enfrentados pelos índios na preservação e ampliação de seus direitos na atualidade.



Agora é hora de conhecer o percurso feito pelos africanos, na condição de escravos, até o Brasil, analisando as condições sub-humanas a que eram submetidos, suas formas de reação e ainda a grande contribuição sociocultural deixada pelos diversos povos provenientes da África, que no dizer de muitos historiadores se constituiu em uma verdadeira diáspora africana. Convém lembrar que esse contexto em que se insere a escravidão negra foi emoldurado pela ação dos colonizadores, na medida em que o branco europeu impõe o seu modelo idealizado de civilização. Bom estudo!²

O negro



2. Não deixe de ver em sua apostila, na Matriz de Referência do Novo Enem, o que dizem as habilidades 03 e 15.

Como vimos nas aulas passadas, para solucionar o problema da mão de obra, a Coroa portuguesa recorreu à escravidão negra. A escolha não se deveu ao fato de o negro trabalhar melhor ou pior que o índio. Na verdade, a escravidão negra gerava uma intensa atividade comercial, relacionada com o tráfico de escravos. Segundo alguns historiadores, foi o tráfico que, basicamente, condicionou a escravidão negra, e não o contrário, como pode parecer.

Existia uma espécie de comércio triangular, envolvendo o Brasil, a Europa e a África. Navios iam de Lisboa até a Guiné levando manufaturas. Ali, carregavam escravos que eram trazidos para o Brasil e, aqui, carregavam açúcar que era levado até a Europa. Em uma outra direção, navios saíam de Portugal, abarrotados de vinhos e manufaturas, vindo para o Brasil. Daqui, iam para a África levando aguardente e fumo e voltavam ao Brasil cheios de escravos e partiam para Lisboa carregados de açúcar. Segundo o historiador Décio Freitas, o sistema do chamado “comércio triangular” impunha ao senhor de engenho a compra de sempre mais escravos, independente de suas necessidades econômicas. O senhor de engenho estava submetido a uma irremediável contradição: se não comprasse escravos ao traficante, este, a seu termo, não lhe compraria o açúcar.

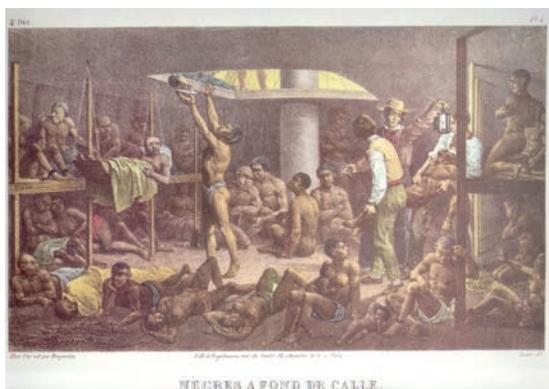
O tráfico



A escravidão era comum entre as tribos africanas e isso facilitou a comercialização do negro.

Quando havia uma guerra entre as tribos, a vencida tornava-se escrava. Muitas vezes, os reis, por motivos banais, submetiam seus próprios súditos à escravidão.

Os traficantes de escravos, sabedores desses costumes, jogavam uma tribo contra outra, por meio de intrigas as mais odiosas. Os mercadores adquiriam as “peças” (nome que se dava aos escravos), pagando com bebidas fortes, facões, rolos de fumo etc. Após o “negócio fechado”, os escravos eram ligados uns aos outros pelo pescoço, com argolas de ferro e, em seguida, marchavam para a praia, animados por violentas chicotadas.

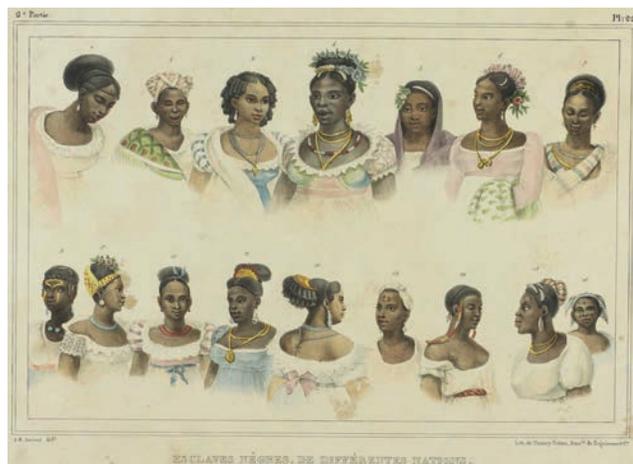


RUGENDAS, Johann Moritz (1802-1858). *Negros no Porão de Navio.*

Amontoados em porões de navios, os negros iniciavam a travessia do Atlântico. A fome, a sede, a falta de condições higiênicas e os castigos desumanos faziam com que uma média de 40% da carga morresse antes de chegar à nossa costa.

Assim que desembarcavam, os negros eram bem alimentados para ganhar boa aparência e o vendedor obter bons preços. No mercado, os negros eram examinados como animais pelos compradores.

Os principais grupos



DEBRET, Jean-Baptiste. *Escravas negras de diferentes nações* (1830).

O preço do escravo variava de sua procedência, que derivava de forma bem simplória de dois grupos principais: os bantos e os sudaneses.

Grupo sudanês

Iorubás ou nagôs, daomeanos, fanti-ashanti, haussás, tapas, mandingas e fulás.

Grupo banto

De Angola, Congo e Moçambique.

Os africanos islamizados eram conhecidos como “malês”. Segundo João José Reis, “malê” não se refere a nenhuma etnia africana particular, mas a qualquer africano que tivesse adotado o islão. Assim, havia nagôs, jejes, tapas e possivelmente mandingas – enfim, pessoas pertencentes a diversas etnias –, que eram “malês”. Os rebeldes negros adeptos da religião de Maomé foram responsáveis por diversas revoltas, das quais o Levante dos Malês de 1835, na Bahia, foi o mais célebre.

O trabalho e os castigos



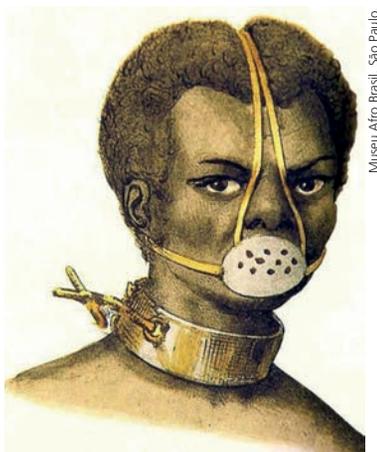
DEBRET, Jean-Baptiste. *Feitores Corrigindo Negros.*

Depois de comprados, os negros eram levados para as fazendas, onde eram submetidos a um trabalho árduo, castigos corporais frequentes, em virtude das menores faltas, torturas e uma forte vigilância dos feitores. Viviam amontoados em senzalas e alimentados à base de farinha de mandioca, feijão e banana. Em algumas fazendas, era permitido que os escravos tivessem suas próprias plantações para obterem seu sustento.

O trabalho escravo era usado para os mais variados fins. No canavial, no engenho, na cozinha, nas minas, alugados; moças “trabalhando” como prostitutas nas cidades; enfim, não houve atividade em que o negro não foi utilizado.

Os castigos eram severos e variados. O fazendeiro João Fernandes Vieira, um dos “heróis” da guerra contra os holandeses, estabeleceu o seguinte ritual de tortura: “depois bem açoitado, o mandar picar com navalha ou faca que corta bem, e dar-lhe-á com sal, sumo de limão e urina, e o meterá alguns dias na corrente”. Negros eram jogados vivos nas caldeiras de açúcar. Outros eram besuntados com mel e depois expostos à picadura de mosquitos.

Veja a seguir exemplos de instrumentos utilizados para infernizar ainda mais a vida do pobre escravo:



ARAGO, Jacques Etienne (1790-1855).
Castigo de Escravo (1839).

O tronco: consistia em um grande pedaço de madeira retangular aberto em duas metades, com buracos maiores para a cabeça e menores para os pés e mãos dos escravos.

O libambo: era uma espécie de argola de ferro que prendia o pescoço, enquanto uma haste ultrapassava a cabeça.

A máscara de folha de flandres: cobria todo o rosto com uma pequena abertura para entrar o ar, presa à nuca com um prolongamento fechado.

Os “anjinhos”: eram dois anéis que se comprimiam gradualmente por intermédio de uma pequena chave ou parafuso.

Os negros fujões recebiam “com fogo uma marca em uma espádua com a letra F.

A resistência

Diante dessa realidade, os negros promoveram várias formas de resistência à escravidão, como fugas, formação de quilombos, suicídios, evitando a reprodução, cometendo abortos, promovendo revoltas e matando feitores e capitães-do-mato. Em danças, como a capoeira e em músicas ritmadas por tambores, preservavam parte de sua cultura, e em rituais mágico-religiosos, como a macumba, protestavam junto aos deuses acerca daquela realidade e clamavam por socorro.

O principal símbolo da resistência negra à escravidão foi o Quilombo dos Palmares. Apesar da existência de vários quilombos, especialmente na região Nordeste, Palmares foi o maior e mais duradouro e, portanto, o mais conhecido. Localizado na Serra da Barriga, à época parte da capitania de Pernambuco e atualmente no estado de Alagoas, estendia-se

por uma área de aproximadamente 27.000 quilômetros quadrados, montanhosa e com vasta vegetação, composta especialmente por palmeiras e abrangia várias pequenas comunidades, como Cerca do Amaro, Macaco, Subupira, Tabocas e Aqualtene. Sua população chegou a ter aproximadamente 30.000 habitantes, que viviam do cultivo de milho, mandioca, feijão, batata, arroz, cana-de-açúcar e banana em pequenas propriedades. A população não era composta apenas por negros, mas também por brancos foragidos, mulatos e índios, todos vivendo em pequenos barracos conhecidos como mocambos. A ocupação holandesa ao Nordeste brasileiro e os conflitos que esta gerou contribuíram para um aumento nas fugas de escravos e um crescimento deste e outros quilombos.

Palmares não era autossuficiente, chegando a realizar um pequeno comércio com a vizinhança, além da pesca rudimentar e uma pecuária pouco desenvolvida. Lá havia ainda artesãos, ceramistas, marceneiros e ferreiros.

Cada comunidade ou aldeia tinha um chefe que era submetido a uma autoridade central exercida por um rei, chamado Ganga Zumba (Grande Chefe), dos quais o mais conhecido era Zumbi ou Zâmbi. As leis eram severas e crimes como homicídio e adultério eram punidos com a morte dos culpados.

Essa estrutura administrativa, social e econômica representava uma ameaça aos senhores de engenho e à própria produção açucareira, na medida em que simbolizava a resistência negra, simbolizando para estes a concretização do sonho de liberdade e estimulando cada vez mais as fugas de escravos. Fazia-se, portanto, necessária e urgente a destruição do Quilombo de Palmares.

De acordo com relatos, os conflitos foram intensos e Palmares sobreviveu quase noventa anos, conseguindo resistir a mais de trinta expedições guerreiras que tentaram sua destruição. Em 1694, sua invencibilidade foi quebrada, com a destruição do quilombo por uma expedição comandada pelo bandeirante Domingos Jorge Velho, que foi contratada com esta finalidade. Zumbi ainda teria conseguido fugir e, comandando um pequeno grupo, resistiu até 1695, quando foi morto em 20 de novembro, data lembrada atualmente como Dia Nacional da Consciência Negra.

A religião

Os negros que vieram para o Brasil eram adeptos das mais variadas religiões. Existiram escravos alfabetizados em árabe e que liam fluentemente o Alcorão. A maioria, porém, era adepta das religiões animistas africanas.

Na verdade, mesmo sendo batizados como católicos, os negros nunca abandonaram sua religião primitiva (sincretismo religioso), conforme explica o sociólogo Gilberto Freyre:

“Nas macumbas atuais, as divindades e espíritos africanos são encontrados, embora sem as características primitivas e, muitas vezes, até identificadas com santos e santas da Igreja Católica. Assim, Santa Ana é Nanã e São João, Xangô. Nossa Senhora sofre um fenômeno de sincretismo religioso e é apresentada como Iemanjá.

A herança cultural e a questão do racismo

Sem dúvida, a presença negra trouxe inúmeras contribuições à nossa sociedade e cultura, como: o culto religioso, chamado de candomblé, que era manifestação de um sincretismo religioso, visto que estavam proibidos de adorar seus deuses explicitamente; os instrumentos usados nos rituais como atabaque, berimbau, agogô, cuíca, reco-reco. Também trouxeram ritmos como samba, maxixe, maracatu e a congada; influenciaram nossa cozinha, ensinando-nos a feijoada, vatapá, acarajé, pé de moleque; e no vocabulário aprendemos batuque, cachaça, fubá, caçula, ginga etc.

Dentre as manifestações culturais mais presentes na herança da cultura negra, destacamos a capoeira, misto de dança e luta. Ressaltamos que a capoeira também foi alvo de preconceito em determinados períodos históricos.

Atualmente, apesar de a Constituição de 1988 classificar o racismo como crime inafiançável e imprescritível, a questão do preconceito contra os negros e pardos ainda existe, porém de uma forma não declarada, o que muitas vezes é muito mais nocivo.



Dominio Público

RUGENDAS, Johann Moritz (1802-1858).
Jogar Capoeira – Dança da Guerra (1835). Óleo sobre tela.

O branco

O elemento branco europeu marcou sobremaneira a sociedade colonial, representado por portugueses, holandeses, franceses, espanhóis, entre outros. Trouxera para cá o conceito de civilização (dentro do sentido da colonização) e do seu papel de transferir os padrões europeus para as terras “recém-descobertas”.

Dos vários elementos brancos, de várias nacionalidades que passaram pelo Brasil, foi o português, sem sombra de dúvidas, o principal na formação da nossa sociedade colonial. Eles pertenciam a várias camadas sociais, incluindo segmentos populares. Muitos no início da colonização eram náufragos ou detentos que vinham cumprir suas sentenças nesse país tropical. Independente da origem social, existia um objetivo fundamental ao chegar ao Brasil: explorá-lo, enriquecer e voltar o mais rápido possível para a Metrôpole.

Esse elemento branco, devido à sua superioridade militar e à sua sede por riqueza, não só quase exterminou fisicamente o nativo, como impôs violentamente seus valores culturais (idioma, organização política etc.).

Leitura Complementar

O QUE CARACTERIZA O TRABALHO ESCRAVO HOJE NO BRASIL?

Estima-se que haja 25 mil vítimas do trabalho forçado no país.



Para o Artigo 149 do Código Penal brasileiro, o crime de escravidão é definido como “reduzir alguém à condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou à jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto”.

Já a Organização Internacional do Trabalho (OIT) tipifica a prática como “todo trabalho ou serviço exigido de um indivíduo sob ameaça de uma pena qualquer para o qual não se apresentou voluntariamente”. Ou seja, na escravidão moderna não há tráfico nem comercialização, como acontecia na época colonial, mas a privação da liberdade continua sendo a principal característica da prática. Luiz Machado, responsável pelo Projeto de Combate ao Trabalho Escravo no Brasil da OIT, acredita que as condições atuais são ainda piores do que as sofridas pelos negros até o século XIX, “hoje em dia, o indivíduo é descartável. Se um trabalhador fica doente ou morre, é fácil achar outra pessoa que vai se submeter a isso. Antigamente, os negros podiam ser castigados fisicamente, mas eram bem alimentados, já que um escravo saudável e forte era muito mais valioso”.

Segundo estimativas da OIT, em 2005 havia 12,3 milhões de vítimas do trabalho forçado no mundo, 77% delas na Ásia. No Brasil, os números também não são animadores. Segundo cálculos da Comissão Pastoral da Terra, existem no país 25 mil pessoas submetidas às condições análogas ao trabalho escravo. Entre 2004 e 2008, o Ministério do Trabalho resgatou 21.667 trabalhadores nessa situação. Nesses casos, o empregador é obrigado a pagar indenização aos ex-funcionários, que também recebem seguro-desemprego por três meses.

Paula Sato/Abril Comunicações S.A.
Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br>>



Exercícios de Fixação

01. (Enem/2016)

• **Texto I**



Reprodução/Enem/2016

São Benedito

Disponível em: <<http://acervo.bndigital.bn.br>>.
Acesso em: 6 jan. 2016 (Adaptado).

• Texto II

Os santos tornaram-se grandes aliados da Igreja para atrair novos devotos, pois eram obedientes a Deus e ao poder clerical. Contando e estimulando o conhecimento sobre a vida dos santos, a Igreja transmitia aos fiéis os ensinamentos que, em geral, traziam outras crenças de suas terras de origem, muito diferentes das que preconizava a fé católica.

OLIVEIRA, A.J. Negra devoção. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, n. 20, maio 2007 (Adaptado).

Posteriormente ressignificados no interior de certas irmandades e no contato com outra matriz religiosa, o ícone e a prática mencionada no texto estiveram desde o século XVII relacionados a um esforço da Igreja Católica para

- A) reduzir o poder das confrarias.
- B) cristianizar a população afro-brasileira.
- C) espoliar recursos materiais dos cativos.
- D) recrutar libertos para seu corpo eclesiástico.
- E) atender à demanda popular por padroeiros locais.

02. (Fuvest/2012) “Os indígenas foram também utilizados em determinados momentos, e sobretudo na fase inicial [da colonização do Brasil]; nem se podia colocar problema nenhum de maior ou melhor “aptidão” ao trabalho escravo (...). O que talvez tenha importado é a rarefação demográfica dos aborígenes e as dificuldades de seu apresamento, transporte etc. Mas na “preferência” pelo africano revela-se, mais uma vez, a engrenagem do sistema mercantilista de colonização; esta se processa em um sistema de relações tendentes a promover a acumulação primitiva de capitais na metrópole; ora, o tráfico negreiro, isto é, o abastecimento das colônias com escravos, abria um novo e importante setor do comércio colonial, enquanto o apresamento dos indígenas era um negócio interno da colônia. Assim, os ganhos comerciais resultantes da preação dos aborígenes mantinham-se na colônia, com os colonos empenhados nesse “gênero de vida”; a acumulação gerada no comércio de africanos entretanto, fluía para a metrópole; realizavam-na os mercadores metropolitanos, engajados no abastecimento dessa “mercadoria”. Esse talvez seja o segredo da melhor “adaptação” do negro à lavoura escravista. Paradoxalmente, é a partir do tráfico negreiro que se pode entender a escravidão africana colonial, e não o contrário.”

Fernando A. Novais. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial*. São Paulo: Hucitec, 1979, p. 105 (Adaptado).

Nesse trecho, o autor afirma que, na América portuguesa,

- A) os escravos indígenas eram de mais fácil obtenção do que os de origem africana, e por isso a metrópole optou pelo uso dos primeiros, já que eram mais produtivos e mais rentáveis.
- B) os escravos africanos aceitavam melhor o trabalho duro dos canaviais do que os indígenas, o que justificava o empenho de comerciantes metropolitanos em gastar mais para a obtenção, na África, daqueles trabalhadores.
- C) o comércio negreiro só pôde prosperar porque alguns mercadores metropolitanos preocupavam-se com as condições de vida dos trabalhadores africanos, enquanto que outros os consideravam uma “mercadoria”.
- D) a rentabilidade propiciada pelo emprego da mão de obra indígena contribuiu decisivamente para que, a partir do certo momento, também escravos africanos fossem empregados na lavoura, o que resultou em um lucrativo comércio de pessoas.
- E) o principal motivo da adoção da mão de obra de origem africana era o fato de que esta precisava ser transportada de outro continente, o que implicava a abertura de um rentável comércio para a metrópole, que se articulava perfeitamente às estruturas do sistema de colonização.

03. (Enem – 2ª aplicação/2016) “As convicções religiosas dos escravos eram, entretanto, colocadas a duras provas quando de sua chegada ao Novo Mundo, onde eram batizados obrigatoriamente “para a salvação de sua alma” e deviam curvar-se às doutrinas religiosas de seus mestres. Iemanjá, mãe de numerosos outros orixás, foi sincretizada com Nossa Senhora da Conceição, e Nanã Buruku, a mais idosa das divindades das águas, foi comparada a Sant’Ana, mãe da Virgem Maria.”

VERGER, P. *Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. São Paulo: Corrupio, 1981.

O sincretismo religioso no Brasil Colônia foi estratégia utilizada pelos negros escravizados para

- A) compreender o papel do sagrado para a cultura europeia.
- B) garantir a aceitação pelas comunidades dos convertidos.
- C) preservar as crenças e a sua relação com o sagrado.
- D) integrar as distintas culturas no Novo Mundo.
- E) possibilitar a adoração de santos católicos.

04. (Enem-PLL/2012) “Em teoria, as pessoas livres da Colônia foram enquadradas em uma hierarquia característica do Antigo Regime. A transferência desse modelo, de sociedade de privilégios, vigente em Portugal, teve pouco efeito prático no Brasil. Os títulos de nobreza eram ambicionados. Os fidalgos eram raros e muita gente comum tinha pretensões à nobreza.”

FAUSTO, B. *História do Brasil*. (São Paulo: Edusp, Fundação do Desenvolvimento da Educação).

Ao reelaborarem a lógica social vigente na metrópole, os sujeitos do mundo colonial construíram uma distinção que ordenava a vida cotidiana a partir da

- A) concessão de títulos nobiliárquicos por parte da Igreja Católica.
- B) afirmação de diferenças fundadas na posse de terras e de escravos.
- C) imagem do rei e de sua Corte como modelo a ser seguido.
- D) miscigenação associada a profissões de elevada qualificação.
- E) definição do trabalho como princípio ético da vida em sociedade.

05. (Enem/2012) “Torna-se claro que quem descobriu a África no Brasil, muito antes dos europeus, foram os próprios africanos trazidos como escravos. E esta descoberta não se restringia apenas ao reino linguístico, estendia-se também a outras áreas culturais, inclusive à da religião. Há razões para pensar que os africanos, quando misturados e transportados ao Brasil, não demoraram em perceber a existência entre si de elos culturais mais profundos.”

SLENES, R. Malungu, ngoma vem! África coberta e descoberta do Brasil. *Revista USP*, nº 12, dez./jan./fev. 1991-92 (Adaptado).

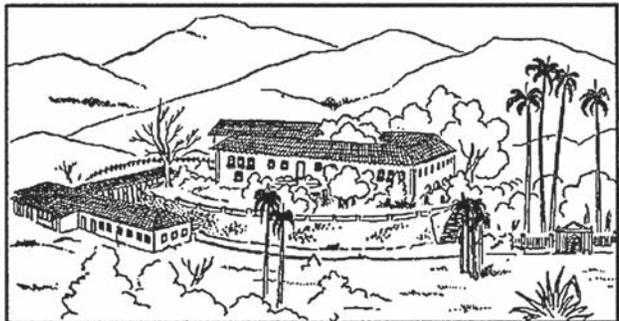
Com base no texto anterior, ao favorecer o contato de indivíduos de diferentes partes da África, a experiência da escravidão no Brasil tornou possível a

- A) formação de uma identidade cultural afro-brasileira.
- B) superação de aspectos culturais africanos por antigas tradições europeias.
- C) reprodução de conflitos entre grupos étnicos africanos.
- D) manutenção das características culturais específicas de cada etnia.
- E) resistência à incorporação de elementos culturais indígenas.



Exercícios Propostos

01. (Enem PPL/2012)



O desenho retrata a fazenda de São Joaquim da Gramma com a casa-grande, a senzala e outros edifícios representativos de uma estrutura arquitetônica característica do período escravocrata no Brasil. Esta organização do espaço representa uma

- A) estratégia econômica e espacial para manter os escravos próximos do plantio.
- B) tática preventiva para evitar roubos e agressões por escravos fugidos.
- C) forma de organização social que fomentou o patriarcalismo e a miscigenação.
- D) maneira de evitar o contato direto entre os escravos e seus senhores.
- E) particularidade das fazendas de café das regiões Sul e Sudeste do país.

02. (UEPB/2009) “Em certas épocas, sob as ordens ríspidas das senhoras, os cativos trabalhavam, sem parar, nas cozinhas e nos quintais, colhendo, limpando, preparando as frutas para a produção de tachadas de marmelada, figada, pessegada etc.” Os frutos da época eram assim conservados para todo o ano.”

MAESTRI, Mario. *O escravismo no Brasil*. Atual, 1994. p. 63.

Considerando o cotidiano dos escravos domésticos, é correto afirmar que

- A) os dejetos dos senhores eram guardados em vasos de ferro, os cabungos, e era tarefa dos cabungueiros lançar as fezes e os lixos domésticos pelas ruas e terrenos baldios.
- B) ao cair da noite, já exaustos, os cativos podiam descansar, pois não havia nenhuma atividade noturna.
- C) os escravos domésticos não cuidavam das pequenas criações nem das hortas. Estas eram atividades dos homens livres.
- D) muitos produtos, tais como tecidos rústicos, sabões velas, cigarros, goma e cola, eram produzidos de forma artesanal pelos cativos.
- E) os escravos domésticos andavam mal vestidos, assim como os escravos do campo, inclusive aos domingos.

03. (Uece/2017.1) Leia atentamente os excertos a seguir.

Os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho, porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar fazenda, nem ter engenho corrente. E do modo com que se há com eles, depende tê-los bons ou maus para o serviço.

André João Antonil. *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Belo Horizonte. Itatiaia, 1982. p. 89.

A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas.

Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro. José Olímpio editora, 1984. p. 119.

Considerando os vários aspectos da formação social do Brasil, pode-se afirmar corretamente que estes dois trechos tratam

- A) da inclusão do negro e do pobre no processo democrático que rompeu com os direitos e privilégios das classes dominantes.
- B) da integração social ocorrida ainda na colonização com o processo de miscigenação étnica que tornou iguais todos os brasileiros.
- C) da condição de exploração e exclusão a que estava sujeita uma parcela significativa da população brasileira em razão dos interesses das elites.
- D) da perfeita inclusão dos negros libertos e da população pobre em geral na sociedade brasileira, com a criação da República e da democracia no Brasil.

04. (PUC–Camp/2016) Nos poemas indianistas, o heroísmo dos indígenas em nenhum momento é utilizado como crítica à colonização europeia, da qual a elite era a herdeira. Ao contrário, pela resistência ou pela colaboração, os indígenas do passado colonial, do ponto de vista dos nossos literatos, valorizavam a colonização e deviam servir de inspiração moral à elite brasileira. (...) Já o africano escravizado demorou para aparecer como protagonista na literatura romântica. Na segunda metade do século XIX, Castro Alves, na poesia, e Bernardo Guimarães, na prosa, destacaram em obras suas o tema da escravidão.

Adaptado de: NAPOLITANO, Marcos e VILLAÇA, Mariana. *História para o ensino médio*. São Paulo: Atual Editora, 2013, p. 436-37

No sistema colonial português, o trabalho compulsório indígena

- A) foi empregado em pequena escala nas missões e em regiões onde não se dispunha de outra mão de obra, até a expulsão da Companhia de Jesus, no século XVII, momento em que a Coroa Portuguesa regulamentou essa forma de exploração.
- B) mostrou-se menos vantajoso aos proprietários de terras, nas grandes lavouras, considerando, entre outros fatores, as rebeliões e fugas frequentes, favorecida pelo conhecimento da região e a eficácia do tráfico negreiro no abastecimento de mão de obra.
- C) assumiu formas distintas ao longo do processo de colonização, sendo empregado sistematicamente nas Entradas e Bandeiras mediante acordos entre brancos e indígenas, os quais previam a divisão das riquezas eventualmente encontradas.
- D) causou grande polêmica ao longo do período colonial principalmente quando se tratava de escravidão, prática combatida por jesuítas como José de Anchieta e André João Antonil, que defendiam que sequer os negros deveriam ser escravizados.
- E) existiu na forma de trabalho semisservil, com o consentimento da Igreja, quando se entendia que os indígenas da região não poderiam ser “pacificados” ou catequizados sem uso da força, ou seja, quando se praticava a chamada Guerra Santa.

05. (Fuvest/2010) Os primeiros jesuítas chegaram à Bahia com o governador-geral Tomé de Sousa, em 1549, e em pouco tempo se espalharam por outras regiões da colônia, permanecendo até sua expulsão, pelo governo de Portugal, em 1759. Sobre as ações dos jesuítas nesse período, é correto afirmar que
- criaram escolas de arte que foram responsáveis pelo desenvolvimento do Barroco mineiro.
 - defenderam os princípios humanistas e lutaram pelo reconhecimento dos direitos civis dos nativos.
 - foram responsáveis pela educação dos filhos dos colonos, por meio da criação de colégios secundários e escolas de “ler e escrever”.
 - causaram constantes atritos com os colonos por defenderem, esses religiosos, a preservação das culturas indígenas.
 - formularam acordos políticos e diplomáticos que garantiram a incorporação da região amazônica ao domínio português.

06. (Enem-PPL/2012)



Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br>>. Acesso em: 26 jul. 2010.

Sem formação acadêmica específica em artes visuais, Heitor dos Prazeres, que também é compositor e instrumentista, é reconhecido artista popular do Rio de Janeiro. Suas pinturas de perspectivas imprecisas e com traços bem demarcados são figurativas e sugerem movimento. Essa obra retrata

- a confraternização de uma população socialmente marginalizada.
 - o inconformismo da população de baixa renda da capital.
 - o cotidiano da burguesia contemporânea da capital.
 - a instabilidade de uma realidade rural do Brasil.
 - a solidariedade da população nordestina.
07. (Enem/2013) Seguiam-se vinte criados custosamente vestidos e montados em soberbos cavalos; depois destes, marchava o Embaixador do Rei do Congo magnificamente ornado de seda azul para anunciar ao Senado que a vinda do Rei estava destinada para o dia dezesseis. Em resposta, obteve repetidas vivas do povo que concorreu alegre e admirado de tanta grandeza.

“Coroação do Rei do Congo em Santo Amaro”, Bahia *apud* DEL PRIORE, M. *Festas e utopias no Brasil colonial*. In: CATELLI JR., R. Um olhar sobre as festas populares brasileiras. São Paulo: Brasiliense, 1994 (adaptado).

Originária dos tempos coloniais, a festa da Coroação do Rei do Congo evidencia um processo de

- exclusão social.
- imposição religiosa.
- acomodação política.
- supressão simbólica.
- ressignificação cultural.

08. (Enem cancelado/2009) Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negro – na composição. Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política. Menos pela ação oficial do que pelo braço e pela espada do particular. Mas tudo isso subordinado ao espírito político e de realismo econômico e jurídico que aqui, como em Portugal, foi desde o primeiro século elemento decisivo de formação nacional; sendo que entre nós através das grandes famílias proprietárias e autônomas; senhores de engenho com altar e capelão dentro de casa e índios de arco e flecha ou negros armados de arcabuzes às suas ordens.

FREYRE, G. *Casa-Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

De acordo com a abordagem de Gilberto Freyre sobre a formação da sociedade brasileira, é correto afirmar que

- a colonização na América tropical era obra, sobretudo, da iniciativa particular.
- o caráter da colonização portuguesa no Brasil era exclusivamente mercantil.
- a constituição da população brasileira esteve isenta de mestiçagem racial e cultural.
- a Metrópole ditava as regras e governava as terras brasileiras com punhos de ferro.
- os engenhos constituíam um sistema econômico e político, mas sem implicações sociais.

09. (Unesp/2012) Leia o texto a seguir.

Nas primeiras três décadas que se seguiram à passagem da armada de Cabral, além das precárias guarnições das feitorias [...], apenas alguns naufragos [...] e “lançados” atestavam a soberania do rei de Portugal no litoral americano do Atlântico Sul.

LOPEZ, Adriana; MOTTA, Carlos Guilherme. *História do Brasil: uma interpretação*. Editora 34, 2008.

Os “lançados” citados no texto eram

- funcionários que recebiam, da Coroa, a atribuição oficial de gerenciar a exploração comercial do pau-brasil e das especiarias encontradas na Colônia portuguesa.
- militares portugueses encarregados da proteção armada do litoral brasileiro, para impedir o atracamento de navios de outros países, interessados nas riquezas naturais da colônia.
- comerciantes portugueses encarregados do tráfico de escravos, que atuavam no litoral atlântico da África e do Brasil e asseguravam o suprimento de mão de obra para as colônias portuguesas.
- donatários das primeiras capitânicas hereditárias, que assumiram formalmente a posse das novas terras coloniais na América e implantaram as primeiras lavouras para o cultivo da cana-de-açúcar.
- súditos portugueses enviados para o litoral do Brasil ou para a costa da África, geralmente como degredados, que acabaram por se tornar precursores da colonização.

10. (IFSP/2012) “O mundo dos escravos não era homogêneo. Distingua-se, em primeiro lugar, entre o cativo recém-chegado da África, o “boçal”, e o “ladino” – africano já aculturado e entendendo o português. Os africanos eram, como um todo, opostos aos “crioulos” nascidos no Brasil. Havia ainda distinções reconhecidas entre “nações” africanas de origem, diferentemente valorizadas. E, dada a mestiçagem, a pele mais ou menos clara também era fator de diferenciação. Os mulatos e os negros, sobretudo os africanos, submetidos à dura labuta dos campos e outras tarefas pesadas.”

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana, *O trabalho na colônia*. In Maria Yeda Linhares (org). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro, Campus, 1990.

- Tomando por base o texto, é correto concluir que, no Brasil Colônia,
- A) independentemente da origem e da cor da pele, havia uma igualdade plena entre todos os escravos brasileiros.
 - B) os negros recém-chegados da África eram poupados dos trabalhos mais árduos e perigosos, pois tinham maior valor.
 - C) quanto mais rebeldes, mais castigados e menos submetidos a trabalhos árduos eram os escravos.
 - D) o único fator de diferenciação entre os escravos era o idioma, ou seja, compreender e falar o português.
 - E) havia diferentes graus de hierarquia entre escravos africanos, escravos nascidos no Brasil e mestiços.

Seção Videoaula



O Império Colonial Português – Parte I



O Império Colonial Português – Parte II

Aula 08

Invasões Estrangeiras



Introdução

De olho no Enem!

As invasões estrangeiras não devem ser vistas como eventos isolados, pois nelas se estabelecem uma forte correlação de poderes entre as antigas potências colonizadoras, como Portugal e Espanha, e as novas, como França, Holanda e Inglaterra, que questionavam a divisão do mundo que não lhes permitia acesso às novas áreas descobertas. Esses eventos nos permitirão comparar em que se diferenciava e aproximava do modelo de colonização estabelecido pelos portugueses.

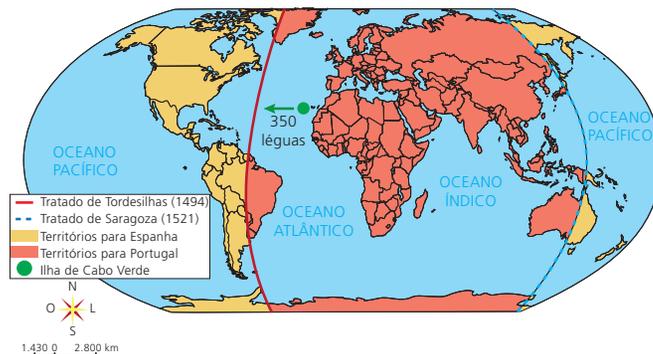
Contextualizando

A divisão do Novo Mundo entre Portugal e Espanha, a partir do Tratado de Tordesilhas, desagradou outras nações, como França, Inglaterra e Países Baixos, que, por terem se atrasado no processo de expansão marítima, foram marginalizados na divisão das terras americanas.

As terras do Novo Mundo despertavam a cobiça das várias nações europeias, tanto pela riqueza que geravam, quanto pela difusão de mitos na Europa, como, por exemplo, o do Eldorado, uma montanha de ouro mágica que devia existir na América.

Ainda no século XVI, corsários de origem francesa e inglesa atacavam constantemente a costa brasileira em busca de pau-brasil e outras riquezas que viessem a ser encontradas nas novas terras recém-descobertas.

Tratado de Tordesilhas em um mapa atual – Visão geral



Invasões francesas

A França tinha interesses na América e não reconhecía a divisão entre Portugal e Espanha, sendo conhecida a afirmação do rei Francisco I, que afirmara, contestando o Tratado de Tordesilhas, no início do século XVI, que gostaria de “ver o testamento de Adão dividindo o mundo entre Portugal e Espanha.”

Inicialmente, corsários franceses, com o apoio do Estado, praticavam a pirataria na costa brasileira, praticando escambo com os índios e explorando pau-brasil, papagaios e algodão nativo. Segundo alguns autores, a presença francesa era superior à portuguesa na costa brasileira, no início do século XVI.

Os índios distinguiam os franceses dos portugueses, chamando estes últimos de “peró”, e os primeiros de “mair”. Os nativos os distinguiam em virtude das vestimentas e do tratamento mais amistoso, dispensado pelos franceses.

França Antártica (1555-1567)

Ainda no século XVI, os franceses decidiram fundar uma colônia na América, motivada por dois fatores fundamentais: o desejo de ter uma colônia na América e também em virtude dos conflitos político-religiosos entre católicos e huguenotes (calvinistas franceses), resultantes do processo da Reforma Protestante. Para os calvinistas, essa colônia seria uma área onde poderiam viver livres das perseguições movidas pelo Estado, podendo praticar seu culto com segurança e estabilidade.

Com a permissão do rei Henrique II, o líder huguenote almirante Coligny recolheu recursos junto a comerciantes e armadores franceses com o intuito de financiar uma esquadra para invadir o Brasil.

O comando da esquadra foi entregue a Nicolas Durand de Villegagnon, que a liderou pessoalmente na ocupação da baía de Guanabara, em 1555, quando ocuparam a ilha de Sergipe, fundando ali o Forte Coligny, em homenagem ao líder calvinista. Dali tomaram outras ilhas, recebendo reforços da França e também dos índios tamoios, com os quais se aliam.

A situação interna na colônia não era tão favorável, ocorrendo problemas em virtude do autoritarismo do capitão Villegagnon e de atritos entre a moral calvinista e alguns hábitos indígenas, como andar nus e beber cauim (bebida alcoólica à base de milho). Havia ainda focos de rebeldia entre os colonos franceses residentes na região, o que inibia a vinda de novos imigrantes.

A luta pela expulsão dos franceses da baía de Guanabara foi conduzida por Mem de Sá, o terceiro governador-geral do Brasil, e por seu sobrinho Estácio de Sá. Este fundou o Forte de São Sebastião do Rio de Janeiro, que viria a ser o núcleo inicial da cidade do Rio de Janeiro, com o intuito de servir de base na luta contra os invasores.



Palácio São Joaquim, Rio de Janeiro

CALIXTO, Benedito (1853-1927). *Estácio de Sá em São Vicente, 1565 (Partida de Estácio de Sá)*. Óleo sobre tela.

Estácio de Sá contou com a ajuda de habitantes da vila de São Vicente e dos índios Temininós do Espírito Santo, chefiados pelo cacique Arariboia. Além disso, após meses de negociação, os padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta conseguiram convencer os índios Tamoios a retirar seu apoio aos franceses. Desta forma, os franceses foram expulsos da baía de Guanabara em 1567.

França Equinocial (1612-1615)

Expulsos do Rio de Janeiro, os franceses buscaram outra área para ocupar na América do Sul. A região escolhida foi o território do atual estado do Maranhão, que serviria para explorar as drogas do sertão da região Norte e também como acesso à região espanhola do vice-reino do Peru.

Com a autorização da regente Maria de Médici, que governava a França durante a menoridade do rei Luís XIII, o nobre Daniel de La Touche invadiu a região, fundando o Forte de São Luís, em homenagem ao jovem rei francês.

A luta contra os franceses no Maranhão foi liderada por Jerônimo de Albuquerque e Diogo de Campos, que partiram de Pernambuco e receberam reforços de outras capitanias vizinhas, como Rio Grande e Siará Grande.

Sem condição de resistir na região, os franceses foram expulsos definitivamente em 1615. O Forte de São Luís foi tomado pelos luso-espanhóis e dali se originou mais tarde a cidade de São Luís, capital do Maranhão.

Invasões holandesas

Havia uma estreita relação entre o capital holandês e a lavoura de cana-de-açúcar do Nordeste brasileiro. O capital flamengo ajudou na montagem dos engenhos, financiando a produção que requeria grandes recursos iniciais em troca da exclusividade no transporte, refino e comercialização do açúcar, obtendo grandes lucros.

Até o início do século XVI, as Províncias Unidas (atual Holanda) faziam parte do Império espanhol. A área correspondia à antiga região de Flandres, que havia se desenvolvido como importante polo comercial na Baixa Idade Média.

A região era ocupada predominantemente por protestantes calvinistas e judeus, que sofriam grande perseguição do Império espanhol. Além disso, durante o reinado de Filipe II, houve grande aumento de impostos com o objetivo de custear as guerras em que o soberano envolveu o país. Estes são fatores apontados como causas para a independência da República das Províncias Unidas, em 1609, que não foi aceita pelo Governo espanhol.

União Ibérica ou domínio espanhol (1580-1640)

O rei português D. Sebastião faleceu em 1578, na Batalha de Alcácer-Quibir contra os mouros no atual território do Marrocos. Inicialmente colocada em dúvida, pois o corpo do rei nunca foi encontrado, a morte do soberano o transformou em mártir católico e gerou uma crise de sucessão na Coroa portuguesa, pois além de não ter irmãos, D. Sebastião não tinha filhos, deixando o trono vago.

O trono foi ocupado, então, pelo tio-avô do rei D. Sebastião, o cardeal D. Henrique, que, além de membro da alta cúpula eclesiástica, era muito idoso. D. Henrique acabou governando Portugal por apenas dois anos, vindo a falecer em 1580, deixando novamente o trono vago e encerrando definitivamente a Dinastia de Avis.

Surgiram, então, alguns pretendentes à Coroa lusitana: D. Antônio, prior do Crato; D. Catarina, duquesa de Bragança; e Filipe II, rei da Espanha. Todos eram netos do rei D. Manuel, tendo, portanto, direito de pleitear o trono. Dentre estes, o mais forte era Filipe II. Este desembarcou à frente de numeroso exército em Lisboa, em 1580, e destronou D. Antônio, que havia se autointitulado rei, assumindo o trono português e unindo os países ibéricos sob o poder de um mesmo soberano, dando início ao domínio espanhol, União Peninsular ou União Ibérica.

Em 1581, o rei Filipe II prestou o Juramento de Tomar, por meio do qual se comprometia a conceder certa autonomia a Portugal, como: a manutenção da língua portuguesa como idioma oficial no país, a manutenção de funcionários portugueses em cargos públicos e a utilização de navios portugueses no comércio colonial.

Como consequência da União Ibérica, o Meridiano de Tordesilhas desapareceu, vindo a ser toda a América do Sul uma possessão espanhola.

Todavia, a principal consequência da União Ibérica foram as invasões holandesas ao Brasil, já que a Espanha não admitia a independência flamenga e, por isso, proibiu qualquer área de dominação espanhola de fazer comércio com os holandeses. Em resposta a essa proibição, os holandeses fundaram a WIC (Companhia das Índias Ocidentais) e decidiram ocupar as regiões produtoras de cana-de-açúcar com o objetivo de restaurar o lucrativo comércio com o Brasil.

Invasão holandesa à Bahia (1624-1625)

A primeira região atacada pelos holandeses no Brasil foi a Capitania da Bahia de Todos os Santos, a segunda maior produtora de cana-de-açúcar e onde se localizava Salvador, a capital da colônia e sede do governo-geral.

O comando da esquadra flamenga coube a Jacob Willekens e Johan van Dorth, que tomaram Salvador sem maiores esforços, em virtude de uma defesa despreparada e do pânico da população que abandonara a cidade. O governador-geral Diogo de Mendonça Furtado foi aprisionado e enviado para a Holanda.

Ao mesmo tempo, parte da população que havia fugido de Salvador em direção ao interior se uniu à resistência que estava sendo organizada pelo bispo D. Marcos Teixeira e por Matias de Albuquerque, nomeado governador após a prisão de Diogo de Mendonça.

Com o intuito de expulsar os invasores, o Governo espanhol enviou uma poderosa esquadra ao Brasil, composta por 70 navios e comandada por D. Fradique de Toledo Osório, chamada de Jornada dos Vassalos. Após intensos combates, os flamengos foram derrotados e se renderam em 1625, depois de quase um ano na América.

Invasão holandesa a Pernambuco (1630-1654)



Fundação Biblioteca Nacional

Planta da restituição da Bahia. (João Teixeira Albernaz, o velho, 1631): em primeiro plano a Armada espanhola.

Após o fracasso da invasão a Salvador, os holandeses atacaram novamente o território brasileiro. Dessa vez o alvo foi a Capitania de Pernambuco, a maior produtora de cana-de-açúcar, que, além de mais próxima da Europa, tinha uma defesa menos eficiente que a Bahia.

Com uma esquadra maior e mais eficiente, sob o comando de Hendrick Lonck, os flamengos não encontraram dificuldade para ocupar Olinda. A resistência foi organizada pelo governador-geral Matias de Albuquerque e, por meio de guerrilhas, dificultava a conquista definitiva da região pelos flamengos.

O conflito era prejudicial a holandeses e colonos. Os primeiros gastavam grande quantidade de recursos no conflito, bem como acumulavam sérios prejuízos com a crise da lavoura açucareira, pois não podiam comercializar açúcar. Já os colonos se encontravam em dificuldade por não poder comercializar sua produção.

Os invasores contaram ainda com o apoio de Domingos Fernandes Calabar, profundo conhecedor da região e que os auxiliou em várias batalhas, inclusive na conquista do Arraial do Bom Jesus, que consolidou a conquista da região.

O governo de João Maurício de Nassau (1637-1644)

Ao longo da luta pela efetivação da conquista das áreas produtoras de cana-de-açúcar, os holandeses estenderam sua dominação às capitanias de Itamaracá, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Todavia, a conquista custara um alto preço a invasores e colonos. Navios afundados, engenhos destruídos, plantações devastadas, queda na produção e enorme quantidade de escravos fugidos.

Com o intuito de contornar esses problemas, retomando a produção e o comércio de açúcar, bem como consolidar o domínio flamengo na região Nordeste, a WIC escolheu e nomeou o Conde João Maurício de Nassau-Siegen para governar o Brasil holandês.

Para restaurar a produção, Nassau tomou uma série de medidas, como:

- concessão de empréstimos aos senhores de engenho para retomar a produção;
- venda de escravos mais baratos aos senhores;
- comprometeu-se a comprar a produção;
- garantiu a colocação do açúcar no mercado.

Além dessas, podemos citar a expansão da dominação até parte do atual território do Maranhão, a construção de obras públicas, pontes e palácios no Recife, a liberdade religiosa na colônia e a permissão para os colonos participarem da câmara dos escabinos, órgão político com atribuições semelhantes às câmaras municipais.

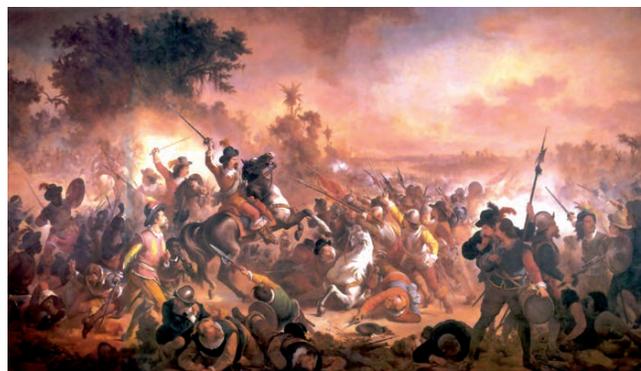
Merece destaque ainda o estímulo de Nassau à vinda de cientistas e artistas ao Brasil, merecendo destaque o pintor Frans Post, o figurista Albert Eckhout, o cientista Willem Pies (Guilherme Piso) e o naturalista George Marcgrave, além da construção do observatório astronômico do Recife, o primeiro da América.

A restauração da independência portuguesa e a expulsão dos holandeses

Em 1640, Portugal se libertou do domínio espanhol, quando o trono português foi restaurado com a ascensão de D. João IV, dando início à dinastia de Bragança. A restauração resultava da luta contra as dificuldades econômicas resultantes dos altos impostos e das constantes guerras, nas quais o Império espanhol havia se envolvido.

Lutando contra a Espanha por sua independência, Portugal assinou, em 1641, uma trégua de dez anos com a Holanda, por meio da qual nenhum dos dois países atacaria o outro ao longo desse período.

A Holanda se beneficiaria com essa trégua por estar envolvida na Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), devido à qual enfrentava dificuldades econômicas. Essas dificuldades provocaram mudanças na atitude da WIC em relação ao Brasil, elevando impostos e cobrando dívidas dos senhores de engenho, incluindo aí o confisco de bens como terras e escravos. Essa mudança de atitude levou ao desentendimento entre a WIC e Nassau, levando à demissão deste, e revoltou os colonos, que passaram a lutar pela expulsão dos holandeses, movimento iniciado em 1645, conhecido como Insurreição Pernambucana.



Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro

MEIRELLES, Victor. *Batalha dos Guararapes* (1879). Óleo sobre tela.

A Insurreição foi liderada pelos senhores de engenho, entre os quais André Vidal de Negreiros, e contou com grande participação popular, com destaque para os negros, liderados por Henrique Dias, e os índios, liderados por Filipe Camarão.

Portugal inicialmente deu um discreto apoio aos insurretos, passando a lutar abertamente a partir de 1651, com o fim da trégua dos dez anos assinada em 1641. Após batalhas decisivas, como a do Monte das Tabocas (1645) e as duas Batalhas de Guararapes (1648 e 1649), os holandeses passaram à defensiva, se rendendo em definitivo em 1654.

Consequências das invasões holandesas

Podemos apontar como principal consequência da expulsão dos holandeses do Brasil a decadência da lavoura de cana-de-açúcar. Durante sua estada no Brasil, os flamengos puderam entrar em contato, aprendendo e dominando as técnicas de produção de cana-de-açúcar, passando a utilizá-las na região das Antilhas, onde se estabeleceram. Como já dominavam o refino, o transporte e a comercialização do açúcar, puderam controlar todo o processo açucareiro, voltando a dominar completamente o mercado, mas sem depender de Portugal e da produção brasileira, que não tinha como vencer a concorrência.

Diante da crise econômica provocada pela crise da lavoura açucareira e ameaçado externamente por Espanha e Holanda, restou a Portugal se aproximar da Inglaterra, que viria a se aproveitar dessa situação para colocar Portugal sob sua esfera de influência, especialmente a partir do Tratado de Methuen, assinado em 1703, por meio do qual Portugal se comprometia a só consumir tecidos ingleses, enquanto Inglaterra só consumiria vinhos portugueses.

Invasões inglesas

As incursões inglesas na América portuguesa ocorreram principalmente na segunda metade do século XVI, restringindo-se a ações de pirataria, nas quais eram saqueados vários pontos do litoral e também carregamentos de escravos, navios, açúcar e metais preciosos oriundos da América espanhola.

Geralmente, os piratas ou corsários eram proprietários, funcionários ou associados a empresas comerciais, grupos de comerciantes, burgueses, armadores e até mesmo a Coroa britânica, que, além de financiar, dava total apoio a essas investidas.

Durante o período da União Ibérica, os ingleses, que eram rivais da Espanha, chegaram a atacar portos brasileiros, com destaque para o saque ao Porto de Santos, no Natal de 1591, liderado por Thomas Cavendish.

Convém destacar que esses ataques não levaram à fixação inglesa em terras brasileiras, visto que seu objetivo básico era saquear produtos de alto valor comercial.

Leitura Complementar

INSURREIÇÃO PERNAMBUCANA

“Por que os holandeses acabaram expulsos do Nordeste?”

A WIC (Companhia das Índias Ocidentais), empresa holandesa responsável pela ocupação do Nordeste, quis forçar os senhores de engenho a aumentarem a produção de açúcar. Não conseguiu.

Começou, em seguida, a cobrar-lhes dívidas. Os caloteiros foram executados, isto é, perderam suas fazendas. Aumentou os impostos e resolveu perseguir os católicos, impedindo-os de pagar o dízimo aos padres.

Nassau compreendeu que tanta bobagem conduziria a um desastre. Escreveu à WIC uma longa carta mostrando essa nova política ao rompimento com os nossos fazendeiros. Recebeu, na volta do correio, uma curta resposta: estava despedido.

Ano seguinte, começou a sublevação geral contra a WIC. A guerrilha – que no interior nunca se extinguiu – crepitou de novo.

Não é que os flamengos tivessem emburrecido. Estavam metidos até o pescoço na Guerra dos Trinta Anos e precisavam do dinheiro brasileiro.

Um dos líderes insurretos era o senhor de engenho João Fernandes Vieira. Amigo íntimo de Nassau, comandava, agora, o exército de libertação. Havia um batalhão de pretos, chefiados por Henrique Dias; outro de índios, comandado por Filipe Camarão. Quando nas duas batalhas dos Guararapes, 1648 e 1649, ficou selada a sorte holandesa, é que notou que todas as classes de Pernambuco estavam presentes na vitória. O sentimento nativista – que pode ser interpretado como ‘amor à sua terra’ – unira os ricos momentaneamente.

Expulsos do Brasil, os holandeses parecem ter compreendido a necessidade de montar sua própria produção de açúcar. Foi o que fizeram nas Antilhas. Com mais capital e técnica que a nossa, logo as Antilhas holandesas nos passaram para trás: foi a primeira crise brasileira do açúcar.

Com a crise, nossos senhores de engenho ficaram irritadiços, e os incidentes com a Coroa portuguesa viraram rotina. Alguns

manifestavam publicamente sua saudade ‘do bom governador Nassau’. Outros lembravam, orgulhosamente que os batavos tinham sido expulsos sem qualquer ajuda da metrópole, e que Portugal quis mesmo proibi-los de fazer isto.

O que ficou de holandês, em 24 anos de dominação, é quase nada: alguns prédios, algumas pontes, o porto do Recife. ‘Os holandeses deixaram apenas’, escreveu alguém, ‘alguns meninos de cabelo e sobrenome Wanderley’.”

SANTOS, Joel Rufino dos. *História do Brasil*. São Paulo: Marco Editorial, 1979. p. 56-6.

VOCABULÁRIO:

Dízimo: a décima parte da produção, que é entregue à Igreja.

Crepitar: pegar fogo; começar de novo.

Flamengo: holandês.

Batavo: holandês.



Exercícios de Fixação

01. (Enem-PPL/2014) Os holandeses desembarcaram em Pernambuco no ano de 1630, em nome da companhia das Índias Ocidentais (WIC), e foram aos poucos ocupando a costa que ia da foz do Rio São Francisco ao Maranhão, no atual Nordeste brasileiro. Eles chegaram ao ponto de destruir Olinda, antiga sede da capitania de Duarte Coelho, para erguer no Recife uma pequena Amsterdã.

NASCIMENTO, R. L. X. A toque de caixas. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 6, n. 70, jul. 2011.

Do ponto de vista econômico, as razões que levaram os holandeses a invadirem o nordeste da colônia decorriam do fato de que essa região

- A) era a mais importante área produtora de açúcar da América portuguesa.
 B) possuía as mais ricas matas de pau-brasil no litoral das Américas.
 C) contava com o ponto mais estratégico para a navegação no Atlântico Sul.
 D) representava o principal entreposto de escravos africanos para as Américas.
 E) constituía um reduto de ricos comerciantes de açúcar de origem judaica.
02. (Enem – Cancelada/2009) Quando tomaram a Bahia, em 1624-5, os holandeses promoveram também o bloqueio naval de Benguela e Luanda, na costa africana. Em 1637, Nassau enviou uma frota do Recife para capturar São Jorge da Mina, entreposto português de comércio do ouro e de escravos no litoral africano (atual Gana). Luanda, Benguela e São Tomé caíram nas mãos dos holandeses entre agosto e novembro de 1641. A captura dos dois polos da economia de plantações mostrava-se indispensável para implemento da atividade açucareira.

ALENCASTRO, L. F. Com quantos escravos se constrói um país? In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, ano 4, nº 39, dez. 2008 (Adaptado)

Os polos econômicos aos quais se refere o texto são

- A) as zonas comerciais americanas e as zonas agrícolas africanas.
 B) as zonas comerciais africanas e as zonas de transformação e melhoramento americanas.
 C) as zonas de minifúndios americanas e as zonas comerciais africanas.
 D) as zonas manufatureiras americanas e as zonas de entreposto africano no caminho para a Europa.
 E) as zonas produtoras escravistas americanas e as zonas africanas reprodutoras de escravo.

03. (Fuvest/2016)



POST, Frans (1612-1680). *Engenho de Pernambuco* (c. 1660). Óleo sobre madeira, 50 x 74,5 cm.

Este quadro, pintado por Frans Post por volta de 1660, pode ser corretamente relacionado

- A) à iniciativa pioneira dos holandeses de construção dos primeiros engenhos no Nordeste.
- B) à riqueza do açúcar, alvo principal do interesse dos holandeses no Nordeste.
- C) à condição especial dispensada pelos holandeses aos escravos africanos.
- D) ao início da exportação do açúcar para a Europa por determinação de Maurício de Nassau.
- E) ao incentivo à vinda de holandeses para a constituição de pequenas propriedades rurais.

04. (Fuvest/2016) Eu por vezes tenho dito a V. A. aquilo que me parecia acerca dos negócios da França, e isto por ver por conjecturas e aparências grandes aquilo que podia suceder dos pontos mais aparentes, que consigo traziam muito prejuízo ao estado e aumento dos senhorios de V. A. E tudo se encerrava em vós, Senhor, trabalhardes com modos honestos de fazer que esta gente não houvesse de entrar nem possuir coisa de vossas navegações, pelo grandíssimo dano que daí se podia seguir.

LEITE, SERAFIM. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*, 1954.

O trecho anterior foi extraído de uma carta dirigida pelo padre jesuíta Diogo de Gouveia ao rei de Portugal D. João III, escrita em Paris, em 17/02/1538. Seu conteúdo mostra

- A) a persistência dos ataques franceses contra a América, que Portugal vinha tentando colonizar de modo efetivo desde a adoção do sistema de capitanias hereditárias.
- B) os primórdios da aliança que logo se estabeleceria entre as Coroas de Portugal e da França e que visava a combater as pretensões expansionistas da Espanha na América.
- C) a preocupação dos jesuítas portugueses com a expansão de jesuítas franceses, que, no Brasil, vinham exercendo grande influência sobre as populações nativas.
- D) o projeto de expansão territorial português na Europa, o qual, na época da carta, visava à dominação de territórios franceses tanto na Europa quanto na América.
- E) a manifestação de um conflito entre a recém-criada ordem jesuíta e a Coroa portuguesa em torno do combate à pirataria francesa.

05. (Enem/2001) Rui Guerra e Chico Buarque de Holanda escreveram uma peça para teatro chamada *Calabar*, pondo em dúvida a reputação de traidor que foi atribuída a Calabar, pernambucano que ajudou decisivamente os holandeses na invasão do Nordeste brasileiro, em 1632.

— Calabar traiu o Brasil que não existia? Traiu Portugal, nação que explorava a colônia onde Calabar havia nascido? Calabar, mulato em sociedade escravista e discriminatória, traiu a elite branca?

Os textos referem-se também a esta personagem.

Texto I

“... dos males que causou à Pátria, a História, a inflexível História, lhe chamará infiel, desertor e traidor, por todos os séculos.”

SEGURO, Visconde de Porto. In: SOUZA JÚNIOR, A. *Do Recôncavo aos Guararapes*. Rio de Janeiro: Biblex, 1949.

Texto II

“Sertanista experimentado, em 1627 procurava as minas de Belchior Dias com a gente da Casa da Torre; ajudara Matias de Albuquerque na defesa do Arraial, onde fora ferido, e despertara em consequência de vários crimes praticados...” (os crimes referidos são o de contrabando e roubo).

CALMON, P. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

Pode-se afirmar que

- A) a peça e os textos abordam a temática de maneira parcial e chegam às mesmas conclusões.
- B) a peça e o texto I refletem uma postura tolerante com relação à suposta traição de Calabar, e o texto II mostra uma posição contrária à atitude de Calabar.
- C) os textos I e II mostram uma postura contrária à atitude de Calabar, e a peça demonstra uma posição diferente em relação ao seu suposto ato de traição.
- D) a peça e o texto II são neutros com relação à suposta traição de Calabar, ao contrário do texto I, que condena a atitude de Calabar.
- E) a peça questiona a validade da reputação de traidor que o texto I atribuiu a Calabar, enquanto o texto II descreve ações positivas e negativas dessa personagem.



Exercícios Propostos

01. (UEG/2011– Adaptada) A final da Copa do Mundo de 2010 reproduziu de modo simbólico um conflito que tem origens históricas: a disputa entre Espanha e Holanda pela hegemonia do comércio marítimo mundial no século XVII. Um evento diretamente relacionado a essa disputa pelo domínio marítimo foi

- A) a criação da Companhia das Índias Ocidentais, pela Holanda, com o objetivo de explorar as colônias e possessões espanholas.
- B) a Guerra dos Trinta Anos, motivada pelos interesses ingleses e holandeses em estabelecer colônias no continente africano.
- C) a tomada do Cabo da Boa Esperança em 1650 pelas tropas portuguesas, que criam na região a Cidade do Cabo.
- D) a Guerra dos Emboabas, motivada pelo controle do comércio escravista nas regiões mineradoras brasileiras.

02. (UFSCar/2009) “Cobravam o pedágio da ponte de madeira que ligava Recife a Santo Antônio, o que, sem contar os outros tributos, deu a ganhar àqueles que tinham levado o empreendimento com o fim de utilidade pública, cem vezes mais que o seu custo. Os arrendatários que haviam combinado a construção fizeram-se pagar em Recife, na Cidade Maurícia, exigindo impostos tão excessivos pelo direito de passagem da ponte para os homens, cavalos, carros e mercadorias, que um homem a cavalo e seu escravo chegavam a pagar trinta soldos.”

Roulox Baro e Pierre Moreau, século XVII (Adaptado).

É correto afirmar que o texto

- A) apresenta o crescimento das cidades ligadas à produção do açúcar, que foi incentivado pela administração portuguesa colonial no Brasil.
- B) fala que melhoramentos urbanos construídos pelos holandeses no Nordeste não tinham, como finalidade, o bem público.

- C) sugere que, apesar dos impostos, a população colonial considerava os investimentos urbanos portugueses nas cidades uma importante benfeitoria pública.
- D) ressalta o fato de que os investimentos urbanos coloniais eram pequenos diante da riqueza econômica rural.
- E) valoriza a presença dos europeus no processo de implantação da civilização urbana nas terras coloniais brasileiras.

03. (UEPB/2008) “Não convém por agora que a prática de nossa religião seja abertamente introduzida entre os portugueses com a abolição dos seus ritos e cerimônias, pois nada há que mais os exacerbe (...) Peço a Deus Onipotente que abençoe e tome sob sua divina proteção o governo de V.S^{as}.”

Dedicado a V. S^{as}. J. Maurício, Conde de Nassau. Recife de Pernambuco, 6 de maio de 1644. *Apud* Luís Koshiba e Denize Manzi. *História do Brasil*. p. 73.

Em relação à presença holandesa no Brasil, é correto afirmar:

- A) A grande dívida deixada pelo governo dos holandeses em Pernambuco foi com o setor urbano, devido à necessidade de investimento na economia canavieira. As cidades continuaram sem nenhuma obra de infraestrutura.
 - B) Apesar da política de conciliação e de uma administração eficiente, a popularidade de Nassau era cada vez mais decadente, o que contribuiu para o declínio do domínio holandês.
 - C) A política de conciliação implementada por Maurício de Nassau, com os habitantes da região conquistada, consistia, entre outros benefícios, na garantia da propriedade, manutenção dos direitos e liberdade de culto, permissão do comércio com os Países Baixos e redução da carga tributária.
 - D) Um dos aspectos mais marcantes do governo de Nassau foi a proibição do tráfico negreiro por razões de ordem religiosa, em conciliação com o pensamento calvinista.
 - E) Desajustes econômicos, sociais, culturais e religiosos foram a marca de todo o governo de Maurício de Nassau, que resistiu ainda por sete longos anos em Pernambuco.
04. (ESPM/2017) A expansão da agroindústria açucareira atingiu proporções assombrosas. O negócio da produção e comercialização do açúcar formava uma complexa rede de interesses que atraiu ataques estrangeiros. Em 1624, membros do exército da Companhia das Índias Ocidentais atacaram e ocuparam a sede do governo-geral em Salvador, e lá ficaram durante quase um ano. Em 1630, o ataque a Recife iniciou uma longa guerra de ocupação e reconquista, na qual todos os recursos materiais e humanos da colônia foram mobilizados para expulsar os invasores.

Adriana Lopez e Carlos Guilherme Mota. *História do Brasil*.

O texto deve ser relacionado com

- A) invasões francesas.
 - B) ataques de corsários ingleses.
 - C) confrontos com espanhóis.
 - D) invasões holandesas.
 - E) ataques de corsários franceses.
05. (FGV-RJ/2017) “Navegamos pelo espaço de quatro dias, até que, a dez de novembro, encontramos a barra de um grande rio chamado de Guanabara, pelos nativos (devido à sua semelhança com um lago), e de Rio de Janeiro, pelos primeiros descobridores do local. [...] o Senhor de Villegagnon, para se garantir contra possíveis ataques selvagens, que se ofendem com extrema facilidade, e também contra os portugueses, se estes alguma vez quisessem aparecer por ali, fortificou o lugar da melhor maneira que pôde. Os víveres eram-nos fornecidos pelos selvagens e constituídos dos alimentos do país, a saber, peixes e veação diversa, constante de carne de animais selvagens (pois eles, diferentemente de nós, não criam gado), além de farinha feita de raízes [...] Pão e vinho não havia. Em troca destes víveres, recebiam de nós alguns objetos de pequeno valor, como facas, podões e anzóis.”

THEVET, André. *As singularidades da França Antártica*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp. 1978, p. 93-94.

O frei franciscano André Thevet esteve em terras brasileiras entre 1555 e 1556, junto com outros franceses comandados por Nicolas de Villegagnon. A leitura do trecho do relato dessa expedição permite

- A) constatar a aceitação, pelo reino francês, da partilha do Novo Mundo realizada por portugueses e espanhóis.
- B) identificar as diferenças entre as práticas coloniais e o tratamento dispensado aos indígenas pelos portugueses e franceses.
- C) perceber as diferenças culturais entre os povos indígenas e os conquistadores europeus.
- D) reconhecer a necessidade da escravidão africana como base para a montagem das estruturas produtoras coloniais.
- E) diferenciar as orientações religiosas dos protestantes franceses das referências católicas ibéricas.

06. (Uern/2013) “Os habitantes de Pernambuco iniciaram uma guerrilha contra os invasores. As ações estavam equilibradas até que Domingos Fernandes Calabar, nascido em Alagoas, passou para o lado dos invasores e os auxiliou. Aos poucos, toda a costa do Rio Grande do Norte e o campo de Santo Agostinho foram dominados. Em 1635, o governador Matias de Albuquerque ordenou a retirada para Alagoas, onde prendeu e fez executar Calabar. Os invasores conseguiram dominar ainda por alguns anos.”

BARBEIRO, Heródoto. *Coleção de olho no mundo do trabalho*. História. Volume único para o Ensino Médio. São Paulo: Scipione. 2004. p. 220-221.

O episódio, descrito anteriormente, eclodiu no Brasil ainda no período colonial, no contexto do ciclo da cana-de-açúcar, envolvendo várias províncias do Nordeste, inclusive o Rio Grande do Norte.

Trata-se da(s)

- A) invasões francesas, cujo objetivo era redistribuir as terras divididas entre Portugal, Espanha, França e Inglaterra por meio do Tratado de Madrid.
 - B) invasões holandesas ocorridas, entre outras razões, com o intuito de permitir um comércio e refino do açúcar pelos holandeses, diretamente em terras brasileiras.
 - C) Guerra dos Mascates, envolvendo os comerciantes portugueses e os senhores de engenho nordestinos, revoltados com os abusos cometidos em relação ao preço do açúcar.
 - D) Revolta dos Malês, conflito grave que envolveu todo o nordeste, cuja causa principal era a invasão de terras devolutas, demarcadas pelo Governo português na região açucareira.
07. (UPE-SSA.1/2016) “Os holandeses ocuparam, durante 24 anos, o Nordeste brasileiro: Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Itamaracá (1630-1654). Nesse período, Pernambuco se transformou em uma verdadeira metrópole, com uma vida cultural intensa, em que poetas, cientistas e filósofos tornaram o Brasil um centro intelectual único na América do Sul. Nesse contexto, os judeus puderam constituir uma comunidade com escolas, sinagogas e cemitério, dando sua contribuição ao enriquecimento da vida cultural da região.”

LEVY, Daniela Tonello. *Judeus e Marranos no Brasil Holandês*. Pioneiros na colonização de Nova York. Século XVII. São Paulo: USP, 2008 (Adaptado).

Uma característica sociopolítica da ocupação holandesa no contexto mencionado foi

- A) a retração da produção de açúcar.
- B) o florescimento de um movimento antimodernizador.
- C) o estabelecimento da tolerância e da liberdade religiosa.
- D) a preocupação apenas em explorar comercialmente o território.
- E) a manutenção de boas relações comerciais com o mundo ibérico.

08. (FGV/2012) A presença da Companhia das Índias Ocidentais no nordeste da América portuguesa, especialmente durante a administração de Maurício de Nassau (1637-1644), caracterizou-se pelo
- A) oferecimento de privilégios aos pernambucanos que se convertessem ao judaísmo, como a isenção tributária e a possibilidade de obter empréstimos bancários.
 - B) incentivo à utilização do trabalho livre, considerado pelos holandeses mais produtivo, em detrimento do trabalho compulsório dos africanos.
 - C) favorecimento à participação dos proprietários luso-brasileiros nas instâncias de poder no Brasil holandês, como na câmara dos escabinos.
 - D) confisco das propriedades dos cristãos-novos pernambucanos que lutaram contra a presença holandesa, assim como de todos os bens da Igreja Católica.
 - E) processo de reorganização das atividades econômicas em Pernambuco, sobretudo com a troca da produção de algodão pela de manufatura.

09. (Uece/2002.2) De 1554 a 1567, os indígenas do tronco Tupi, de várias regiões do litoral sudeste da Colônia (Rio de Janeiro, Angra dos Reis e Ubatuba), e os não Tupi, como os Goitacá e os Aimoré, habitantes do interior, junto da Serra do Mar, aliaram-se para combater a escravidão imposta pelos portugueses. Venceram várias batalhas e chegaram a tomar a capitania do Espírito Santo e ameaçar a de São Paulo.
- O texto anterior trata da
- A) Confederação dos Tamoios.
 - B) Guerra dos Bárbaros.
 - C) Guerra Justa.
 - D) Guerra dos Mukuxi.

10. (Cesgranrio/2011) “Estando a Companhia das Índias Ocidentais em perfeito estado, ela não pode projetar coisa melhor e mais necessária do que tirar ao Rei da Espanha a terra do Brasil, apoderando-se dela. (...) Porque este país é dominado e habitado por duas nações ou povos, isto é, brasileiros e portugueses, que, no momento, são totalmente inexperientes em assuntos militares e, além disto, não têm a prática nem a coragem de defendê-la contra o poderio da Companhia das Índias Ocidentais, podendo ser facilmente vencidos (...) Desta terra do Brasil podem anualmente ser trazidas para cá e vendidas ou distribuídas sessenta mil caixas de açúcar. Estimando-se as mesmas, atualmente, em uma terça parte de açúcar branco, uma terça parte de açúcar mascavado e uma terça parte de açúcar panela, e avaliando-se cada caixa em quinhentas libras de peso, poder-se-ia comprar no Brasil, sendo estes os preços comuns nesse país, o açúcar branco por oito vinténs, o mascavado por quatro e o panela por dois vinténs a libra, e, revender, respectivamente, por dezoito, doze e oito vinténs a libra; (...)”

“Motivos por que a Companhia das Índias Ocidentais deve tentar tirar ao Rei da Espanha a terra do Brasil – 1624”. In: INÁCIO, Inês da Conceição e LUCA, Tânia Regina. *Documentos do Brasil Colonial*. São Paulo: Ática, 1993, pp. 92 e 94.

- O documento anterior está relacionado
- A) ao processo de colonização espanhola na América e à disputa entre os países ibéricos pelas áreas açucareiras.
 - B) às rebeliões nativistas, que, sob o pretexto de que a União Ibérica teria enfraquecido tanto Portugal como a Espanha, tentavam a emancipação da Colônia brasileira.
 - C) às investidas inglesas nas costas brasileiras, como protesto pela divisão do mundo entre Portugal e Espanha, conforme estabelecido pelas bulas papais e pelo Tratado de Tordesilhas.
 - D) às invasões francesas ao Brasil, com o objetivo de depor o tradicional inimigo espanhol, que passou a administrar o país após a União Ibérica.
 - E) às invasões holandesas no Brasil, com o objetivo de recuperar o comércio interrompido com a União Ibérica.



Fique de Olho

Sites:

<http://www.mundovestibular.com.br/articles/206/1/O-BRASIL-COLONIA/paacutegina1.html> e http://www.tudook.com/brasil/invasoes_estrangeras.html

Sugestões de leitura:

FEIST, Hidegard. *Pequena História do Brasil Holandês*. Moderna, 1998.
LADEIRA, Julieta de Godoy. *Recife dos Holandeses*. Ática, 1997.
SILVA, Luiz Geraldo. *Guerra dos Mascates*. Atual, 1997.

Vídeos:

Como era gostoso o meu francês (BR-1972) – Dir. Nelson Pereira dos Santos.



Aula
09

Expansão Territorial

C-2	H-8, 9
C-4	H-18

Introdução

De Olho no Enem!

“Gigante pela própria natureza”, é o que diz a letra do hino nacional composto por Joaquim Osório Duque Estrada. De fato, o Brasil é reconhecidamente um país de dimensões continentais, mas que fatores contribuíram para alcançarmos a atual configuração? Nesse processo, devemos a importante função dos elementos econômicos, pois os diferentes processos de produção e circulação de riquezas tiveram impactos sociais e territoriais, mas não foi só isso: a necessidade de garantir a segurança obrigou os colonizadores portugueses a fundar fortes e fortalezas que facilitaram a formação de núcleos de povoamento, especialmente no litoral.³

Contextualizando

A colonização portuguesa na América iniciou-se pela faixa litorânea, e nela se manteve até meados do século XVII. A explicação para isso era a dependência econômica em relação à lavoura açucareira e ao extrativismo de produtos da costa, com destaque para o pau-brasil, cuja produção era voltada para o mercado externo; e a necessidade de defesa da costa litorânea. O cronista Frei Vicente Salvador afirmava que a colonização portuguesa no Brasil era semelhante a caranguejos que arranhavam a costa.

Faz-se necessário lembrar que a costa brasileira era ocupada de maneira irregular, por meio de um reduzido número de núcleos de povoamento, vilas e cidades. Além disto, a ocupação do litoral se estendia apenas até a capitania de Pernambuco, sendo o litoral mais ao norte despovoado e desprotegido.

A partir do século XVII foi ampliada a ocupação do território brasileiro, bem como houve uma expansão, com a ocupação de áreas além do Meridiano de Tordesilhas, especialmente no século XVIII.

Os principais fatores que motivaram a ocupação e a expansão do território brasileiro no período colonial foram: os fatores econômicos como o desenvolvimento da pecuária, do extrativismo vegetal e da mineração; a necessidade de defesa do litoral ao norte de Pernambuco; a formação de missões jesuítas; e o movimento bandeirante.

3. Não deixe de ver em sua apostila, na Matriz de Referência do Novo Enem, o que dizem as habilidades 17, 18 e 19.

Conquista do interior nordestino

Pecuária

A conquista do interior do Nordeste esteve ligada diretamente à pecuária. Esta atividade era usada, inicialmente, como complemento da economia açucareira, servindo como alimento, transporte e força de trabalho. Com o passar do tempo, o rebanho bovino foi crescendo, tomando espaço para o plantio da cana-de-açúcar, além de os animais muitas vezes se alimentarem do produto.

Como já enfatizamos na aula sobre economia, a empresa açucareira era fonte fundamental da riqueza colonial. Só havia uma solução: deslocar a pecuária para o interior. A iniciativa partiu dos senhores de engenho, com o apoio imediato da Metrópole, que chegou a determinar que a criação de gado só poderia acontecer a 10 léguas do litoral. Penetrando para o interior a partir do litoral baiano e pernambucano, o gado chegou ao sertão, principalmente pelas margens do rio São Francisco, que possuía excelente pasto natural para os animais. Ali foram fundadas dezenas de fazendas de gado, fazendo com que o São Francisco ficasse conhecido como “Rio dos Currais”. Foram criadas várias feiras e vários núcleos de povoamento, que mais tarde seriam transformados em cidade.

Surgiram novos tipos sociais, como o fazendeiro e o vaqueiro.

Mais uma vez, o grande prejudicado foi o índio, que, em grande parte, já se deslocara do litoral devido à violência da dominação branca, agora perde mais uma imensa quantidade de terra, além das mortes geradas pela sua resistência.

Conquista do litoral Norte-Nordeste

Defesa do litoral ao norte de Pernambuco

Até o início do século XVII, Portugal não havia ocupado grande parte do litoral brasileiro, destacadamente ao norte da capitania de Pernambuco. O principal motivo deste aparente descaso é a provável falta de riquezas nesta região, que não atraía os interesses econômicos dos próprios donatários.

A falta de ocupação favorecia os ataques de corsários estrangeiros, notadamente franceses, bem como colocava em risco a foz do rio Amazonas. Além disto, a presença francesa na região poderia gerar ameaças futuras ao vice-reinado do Peru, área produtora de metais preciosos importantíssima para o Império espanhol.

Esses fatores estimularam, sobretudo durante a União Ibérica (1580-1640), o envio de expedições, partindo principalmente de Olinda, e a fundação de fortalezas ao longo do litoral dos atuais estados do Rio Grande do Norte ao Pará, que acabaram se constituindo em núcleos de povoamento que deram origem a várias cidades, entre as quais algumas capitais do Nordeste, como:

- Filipeia de Nossa Senhora das Neves, fundada em 1584, núcleo inicial de João Pessoa;
- Forte dos Reis Magos, fundado em 1597, do qual se originou Natal;
- Fortaleza de Nossa Senhora do Amparo, fundada em 1613, berço de Fortaleza;
- Forte do Presépio, fundado em 1616, origem de Belém, a partir do qual foi permitida a exploração da Bacia Amazônica pela Coroa luso-espanhola;

A cidade de São Luís havia sido fundada pelos franceses quando estes se estabeleceram na região do Maranhão – colônia chamada França Equinocial.

Conquista da Amazônia

Extrativismo vegetal: drogas do sertão

A ocupação do Vale do Rio Amazonas e parte dos atuais estados do Pará e Maranhão foi motivada pelo extrativismo das drogas do sertão, que correspondiam a plantas medicinais ou ervas aromáticas com várias utilidades, como o boldo, cacau, guaraná, canela, baunilha, cravo e castanha, típicas da região Norte. Esses produtos eram considerados especiarias na Europa e, por isso, foi constante a presença de piratas e corsários na foz do rio Amazonas em busca desses produtos.

É importante frisar que o extrativismo das drogas do sertão, geralmente, era realizado por índios que eram capturados e escravizados para tal fim.

Os jesuítas se destacaram na exploração das drogas do sertão, utilizando a mão de obra indígena. O comércio desses produtos acabou gerando grandes lucros para a Companhia de Jesus. Entretanto, essa atividade acabou determinando um conflito entre jesuítas e colonos, já que estes não aceitavam o monopólio dos religiosos nessa atividade extrativista e também questionavam a utilização exclusiva da mão de obra indígena.

Conquista do Centro-Oeste

Mineração

A descoberta das minas no final do século XVII e a exploração mineral ao longo do século XVIII, levaram à ocupação do interior e à expansão do território brasileiro, com a colonização de parte das regiões Sudeste e Centro-Oeste, resultante da formação de várias vilas e cidades.

Movimento Bandeirante

O Movimento Bandeirante surgiu na capitania de São Vicente e correspondia a expedições particulares, que podiam ser financiadas pelo governo e penetravam na direção do interior (sertões), buscando alternativas econômicas para sua subsistência. As bandeiras surgiram na região de São Vicente em virtude da pobreza, resultante do fracasso da produção açucareira no século XVI, e do desenraizamento da população local, que vivia abandonada pelo governo e na mais extrema miséria.

As bandeiras poderiam ser classificadas, de acordo com seu objetivo, de três formas ou ciclos: Ciclo de Caça ao Ouro ou Sertanismo de Prospecção, Sertanismo de Apresamento e Sertanismo de Contrato.

O Ciclo de Caça ao Ouro ou Sertanismo de Prospecção se desenvolveu no final do século XVI e por todo o século XVII, penetrando no interior a partir de São Paulo de Piratininga em busca de metais preciosos. Inicialmente foram encontradas jazidas superficiais no leito de alguns rios, cujo ouro encontrado no cascalho era conhecido como aluvião ou de lavagem, não tendo grande valor econômico. Somente no final do século XVII, por volta de 1693, foram encontradas as primeiras jazidas auríferas no atual território de Minas Gerais, pelo bandeirante Antônio Rodrigues Arzão, que deram origem ao ciclo da mineração no Brasil.

O Sertanismo de Apresamento ou Ciclo de Caça ao Índio se desenvolveu principalmente na segunda metade do século XVII, durante a ocupação holandesa ao Nordeste brasileiro. Neste período, os flamengos ocuparam praças fornecedoras de escravos na costa africana, como Angola, Senegal e São Tomé, só enviando negros para sua área de dominação e reduzindo a oferta em outras partes do Brasil, especialmente para os engenhos da Bahia.

Entre os paulistas já era antigo o costume de escravizar índios para utilizá-los em suas lavouras, já que não tinham condições de comprar escravos africanos. Todavia, como os holandeses só forneciam escravos para as áreas sob seu domínio no Nordeste, faltaram negros em outras capitanias que necessitavam de mão de obra escrava, como era o caso da Bahia, a segunda maior produtora de cana-de-açúcar. Daí em diante, aumentou a demanda por escravos índios, elevando seu preço e estimulando os bandeirantes a intensificar sua captura, principalmente em missões jesuítas para vendê-los como escravos, mesmo com a proibição por parte do Estado.

O Sertanismo de Contrato se desenvolveu principalmente no final do século XVII e início do século XVIII. Neste caso, os bandeirantes eram contratados geralmente pelo próprio governo-geral (autoridades em geral ou senhores de engenho) para combater quilombos ou reprimir ataques indígenas. Diante disso, era mais viável para as autoridades contratar expedições particulares de bandeirantes já montadas do que organizar expedições para os ditos fins.

Desta modalidade de bandeirismo merece destaque a expedição comandada pelo bandeirante Domingos Jorge Velho, contratado por autoridades pernambucanas com o apoio do governo-geral para destruir o Quilombo dos Palmares, fato ocorrido em 1694.

Diferenças entre Bandeiras e Entradas

As Bandeiras eram expedições particulares, que podiam ser financiadas pelas autoridades, que partiam, geralmente, de São Vicente em direção ao interior em busca de metais preciosos, índios e quilombos, ultrapassando o Meridiano de Tordesilhas.

Os bandeirantes eram geralmente mamelucos. Levavam, além de outras armas, a escopeta (espécie de espingarda) e a espada. Alimentavam-se principalmente de carne-seca, farinha de mandioca, caça, pesca, palmito e frutos silvestres.

- O chefe, também chamado “Capitão de Arraia”, era líder e juiz infalível.
- Um capelão, para prestar assistência religiosa.
- Milhares de índios mansos, armados de arcos e flechas.
- Alguns escravos negros, também chamados “tapanhunos”, que eram os carregadores.

Já as Entradas eram expedições organizadas pelo governo que penetravam em direção ao interior, partindo, geralmente, de vários pontos como Olinda ou Salvador, em busca de metais preciosos, sem ultrapassar a linha de Tordesilhas.

Entradas	Bandeiras
Organizadas pelo governo.	Organizadas geralmente por particulares.
Respeitavam o Tratado de Tordesilhas.	Não respeitavam o Tratado de Tordesilhas.
Partiam de vários pontos do litoral.	Partiam geralmente de São Vicente.
Obs.: Ainda hoje São Paulo é conhecida como a terra dos bandeirantes.	

Importante:

O estudo das Bandeiras é importante porque elas tornaram conhecido o sertão, descobriram riquezas minerais e concorreram para aumentar o território para além do Meridiano de Tordesilhas. Desse modo, ficaram sendo brasileiras terras que antes eram espanholas, como Mato Grosso e Rio Grande do Sul.

Com o descobrimento de riquezas minerais, surgiram várias cidades no interior, como Cuiabá, no Mato Grosso, Caeté, Vila Rica (atual Ouro Preto) e Diamantina em Minas Gerais etc.

Conquista do Sul

A pecuária na região Sul esteve diretamente ligada a atividade mineradora. A mineração acabou determinando um grande fluxo populacional para a região Centro-Oeste, que obviamente aumentou o mercado consumidor interno. Além disso, houve uma melhoria dos transportes, vinculada ao abastecimento da região central, além da necessidade de caminhos que levassem o minério para o litoral, para ser transportado para a Europa.

O rebanho bovino estava situado na região Sul devido à fertilidade do solo e às grandes pastagens. Esse gado reproduzia de maneira natural, crescendo selvagememente, desde a época da destruição das missões jesuítas no século XVII. Existia um grande rebanho muar e bovino, que até o século da mineração não despertou quase nenhuma atenção, devido ao fato de não ter valor econômico.

Quando no século XVIII veio a necessidade de alimentação e transporte, os rebanhos sulinos passaram a se destacar como opção e, conseqüentemente, a ter uma importância econômica. As mulas se adequaram ao transporte, enquanto os bois à alimentação. Os paulistas criaram várias estâncias, que deram origem a várias cidades (Laguna, Vacaria etc.). Surgiram novos tipos sociais na região, como os estrangeiros e os peões boiadeiros. No século XVIII, destacou-se na região gaúcha a carne de charque, que passou a ter enorme importância no cenário econômico do Rio Grande do Sul. Logo, a conquista do Sul, além da presença jesuíta, consolidou-se com a atividade agropecuária.

Formação de missões jesuítas



RUGENDAS, Johann Moritz (1802-58). *Aldeia de índios Tapuios cristãos* (c. 1820).

Os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil em 1549, quando o primeiro grupo de missionários, liderados por Manuel da Nóbrega, foi trazido pelo governador-geral Tomé de Sousa. O principal motivo de sua presença na América era promover a catequese dos nativos, e com este evento fundaram vários aldeamentos conhecidos como **Missões** ou **Reduções**, nos quais educavam e catequizavam os nativos e onde deram origem a vários núcleos de povoamento, de Norte a Sul do Brasil.

Constantemente, os jesuítas entraram em atrito com os colonos, pois não aceitavam a escravidão indígena. Apesar disso, eram constantes os ataques de colonos, especialmente os bandeirantes, aos aldeamentos, com o objetivo de capturar índios para utilizar como escravos. Vale salientar que os índios das missões já estavam amansados e por isso atingiam melhores preços.

As primeiras Reduções de espanhóis atacadas pelos bandeirantes ficavam na região do Guairá, no atual Estado do Paraná. A Bandeira era chefiada por Raposo Tavares, porém se distinguiu Manuel Preto, conhecido como “Herói do Guairá”.

Os padres espanhóis abandonaram a região e foram se estabelecer na localidade de Tape (Centro do Rio Grande do Sul) e no Itatim (Sul do Mato Grosso).

Estas aldeias jesuítas também foram atacadas e destruídas por Raposo Tavares.

Os jesuítas foram os principais responsáveis pela educação colonial até sua expulsão, em 1759, de Portugal e do Brasil, por ordem do Marquês de Pombal, primeiro-ministro do rei D. José I.

Tratados de Limites

Partindo do já conhecido Tratado de Tordesilhas (assinado no dia 07 de junho de 1494), encontramos na sequência uma série de tratados que Portugal celebrou com os países europeus, visando solucionar problemas referentes às fronteiras do Brasil colonial.

Em um panorama geral, podemos distinguir a seguinte situação: o Tratado de Tordesilhas foi deixado de lado, pois os bandeirantes, as missões jesuítas e os criadores de gado não o respeitaram.

Quanto aos espanhóis, reagiram bastante no que concerne às regiões meridionais (Sul), já que ali existiam inúmeros interesses econômicos.

As dissidências entre portugueses e espanhóis no sul giraram em torno da Colônia de Sacramento, surgida em 1680 na margem esquerda do Rio da Prata. Os portugueses fundaram a Colônia de Sacramento, o que comprometia bastante a segurança de Buenos Aires, prestes a se tornar vice-reino espanhol. Os espanhóis, então, atacaram Sacramento e aprisionaram todos os seus ocupantes.

Os portugueses reagiram energicamente e, para evitar problemas maiores, os espanhóis restituíram os danos causados e assinaram o Tratado de Lisboa.

A Colônia do Sacramento

A Colônia do Santíssimo Sacramento foi fundada em 1680 na margem esquerda do Rio da Prata, próximo a Buenos Aires, pelo governador e capitão-mor da capitania do Rio de Janeiro, D. Manuel Lobo. O avanço português em direção ao sul, especialmente na região da Bacia do Prata, visava garantir um acesso às minas de prata de Potosí, bem como ao comércio no Estuário platino. Economicamente, essa região era muito importante, principalmente pelo intenso contrabando que se fazia no Estuário do Prata, envolvendo tanto navios portugueses como navios mercantes ingleses. Além de desempenhar papel importante no escoamento da prata peruana, vinda de Buenos Aires, o porto de Sacramento tornou-se importante mercado de couros.

Tratado de Lisboa (1681)

A Espanha reconheceu a Colônia de Sacramento como legítima possessão portuguesa.

Tratado de Utrecht (1713)

Foi assinado entre Portugal e França e estabelecia que o rio Oiapoque ou Vicente Pinzón seria considerado como limite entre o Brasil e a Guiana Francesa.

Tratado de Utrecht (1715)

Com a eclosão da Guerra da Sucessão na Espanha, os países ibéricos voltaram novamente a se desentender. Isto ocasionou uma nova investida espanhola contra a Colônia de Sacramento.

Pelo Tratado de Utrecht, de 1715, Sacramento foi novamente devolvida aos portugueses.

Tratado de Madrid (1750)

Para os espanhóis, a Colônia de Sacramento constituía-se em um perigo iminente, porque estava localizada em seus domínios, embora tivesse sido fundada pelos portugueses. Assim sendo, como meio de defesa, os espanhóis resolveram fundar a cidade de Montevidéu, o que deixou Sacramento em uma situação delicada, pois, assim procedendo, os espanhóis passavam a se impor nas duas margens do Rio da Prata.

O grande problema, porém, era a existência de inúmeros núcleos de colonização portuguesa, localizados além do Tratado de Tordesilhas e que já passavam a constituir interesse econômico irrenunciável. Visando solucionar esses problemas, foi assinado em 1750, na cidade de Madrid, o tratado de mesmo nome.

Fernando VI, rei espanhol, e Alexandre de Gusmão, grande diplomata brasileiro, negociaram o Tratado de Madrid, que estabelecia o seguinte:

- Vigoraria o velho princípio do direito romano do *Uti possidetis, ita possideatis*, ou seja, Assim como possuis, continuarás possuindo. Quem possui de fato, deve possuir de direito. Assim sendo, atribuía a posse da terra a Portugal seu ocupante de fato;
- Portugal, no entanto, aceitaria negociar a Colônia de Sacramento, recebendo em troca as terras de colonização portuguesa, além de Tordesilhas e uma região denominada Sete Povos das Missões, localizada a noroeste do Rio Grande do Sul, onde existiam aldeamentos guaranis dirigidos por jesuítas espanhóis, o que foi imediatamente aceito;
- Estabelecia também que, se porventura as duas nações entrassem em guerra na Europa, a paz deveria reinar nas colônias da América.

Considerado o mais importante tratado de fronteira do período colonial, pois estabelecia um território cujas fronteiras muito se aproximam das atuais, o Tratado de Madrid teve como consequência imediata a anulação das fronteiras estabelecidas no Tratado de Tordesilhas e acabou gerando conflitos, pois os jesuítas espanhóis que controlavam a região dos Sete Povos se recusaram a acatar o domínio português, chegando a estimular a resistência indígena na chamada Guerra Guaranítica.

Habilidosamente, o Marquês de Pombal usou esse conflito como justificativa para a expulsão dos jesuítas de Portugal e do Brasil, bem como se aproveitou da situação para não entregar a Colônia do Sacramento à Espanha.



Tratado de El Pardo (1761)

Foi assinado entre Espanha e Portugal, revogando (tornando sem valor) o Tratado de Madrid, pois os jesuítas espanhóis dos Sete Povos das Missões ofereceram grande resistência, dificultando a ocupação portuguesa dessa região, recebida em troca da Colônia de Sacramento.

Ocorreram as chamadas Guerras Guaraníticas.

Com efeito, os jesuítas que controlavam São Borja, Santo Ângelo, São Lourenço, São Luís, Santo Antônio, São Miguel e São Nicolau, enfim, toda a região dos Sete Povos, não estavam dispostos a aceitar o domínio português orientado por seu adversário, o Marquês de Pombal.

De 1754 a 1756, as tropas portuguesas e espanholas atacaram e venceram um grande número de índios na região. Todavia, terminada a luta, o comandante português, Gomes Freire, julgou seguro apoderar-se dessa área, que ainda contava com muitos índios rebeldes.

Comprometida a delimitação do sul, onde os portugueses não devolveram Sacramento, conseqüentemente, todo o Tratado de Madrid perdera sua validade, daí sua anulação pelo Tratado de El Pardo.

Tratado de Santo Ildefonso (1777)

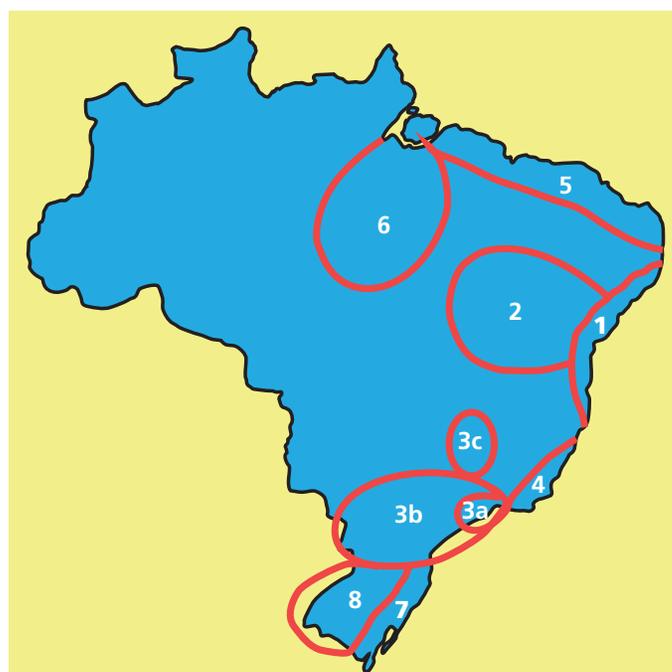
Em termos de limites na América portuguesa, as hostilidades entre portugueses e espanhóis prolongam-se. No reinado de D. Maria I, os portugueses cedem os Sete Povos das Missões à soberania espanhola, juntamente com a Colônia do Sacramento.

A maior beneficiada com o acordo foi a Espanha, que passa a ter controle exclusivo sobre o Rio da Prata.

Tratado de Badajós (1801)

Embora este Tratado tenha determinado que a Colônia do Sacramento passaria para a Espanha e tenha se omitido em relação aos Sete Povos das Missões, os gaúchos recuperaram a região de Sete Povos, incorporando-a definitivamente ao Brasil, o que acabou sendo reconhecido pela Espanha.

Roteiro Complementar



Quadro geral de ocupação do território brasileiro (Expansão territorial).

Região 1 – Litoral do Nordeste

- Época de ocupação – século XVI.
- Atividade principal – produção de cana-de-açúcar.
- Características fundamentais da produção: latifúndio-escravismo.

Região 2 – Sertão do Nordeste

- Época de ocupação – séculos XVI, XVII.
- Atividade principal – pecuária.
- Características fundamentais da produção: latifúndio, trabalho servil.

Região 3 – Centro-Sul

- Época de ocupação – séculos XVI, XVII e início do XVIII.
- Atividade principal – Expansão Bandeirante:
 - Litoral Sul de São Paulo: Expansão Bandeirante do ouro de lavagem.
 - Do litoral de São Paulo até a Região do Paraguai: Expansão Bandeirante da caça ao índio (ataques às Missões Jesuíticas de Guairá – Tapes e Itati).
 - Do litoral de São Paulo até a área Centro Sul: Expansão Bandeirante do ouro de Mina. (1693 – Descobrimto da primeira mina de ouro por Antônio Rodrigues Arzão).

Região 4 – Litoral Fluminense

- Época de ocupação: século XVI (a partir de 1555 com a invasão francesa e a fundação da França Antártica).
- Atividade principal: agricultura (área secundária de açúcar) nas cercanias da fortificação de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Região 5 – Litoral Setentrional do Nordeste

- Época de ocupação: séculos XVI-XVII (período da união das Coroas ibéricas em função das invasões francesas).
- Atividade principal: agricultura – ao redor das fortificações (agricultura secundária de açúcar e de subsistência).

Região 6 – Vale do Rio Amazonas

- Época de ocupação: século XVII (período da união das Coroas ibéricas).
- Atividade principal: extrativismo vegetal – exploração das drogas do sertão por meio da instalação de missões jesuíticas no Vale do Rio Amazonas.

Região 7 – Litoral Sul

- Época de ocupação: segunda metade do século XVII – a partir da fundação da Colônia de Sacramento no estuário do Rio da Prata (1680).
- Atividade principal: agricultura de subsistência (organizada por imigrantes das Ilhas Portuguesas: Açores, Madeira e Cabo Verde).

Região 8 – Interior Sul

- Época de ocupação: século XVIII.
- Atividade principal: pecuária.
- Características fundamentais da produção: latifúndio, trabalho servil.

Leitura Complementar

ÍNDIOS, VÍTIMAS DA PROTEÇÃO DOS JESUÍTAS E DO BANDITISMO DOS BANDEIRANTES

O índio era um escravo muito mais barato que o negro e, por consequência, ainda mais maltratado. “Gastava-se” com maior rapidez e mais rapidamente trocava-se o escravo: o índio custava 20% do valor de um negro, nos primeiros anos da colonização. Não era preciso ter nenhum cuidado com um trabalhador tão barato. No entanto, a escravidão indígena só interessava aos primeiros colonizadores. Contra ela estavam os jesuítas, a Coroa e os próprios traficantes de negros, que não queriam concorrência. E, justamente porque essas três forças eram contrárias ao aproveitamento do índio como escravo, surgiram as explicações falsas sobre a sua capacidade de trabalho. Entre elas, as informações dos jesuítas que diziam que o índio era indolente, não resistia às doenças e morria de saudades da selva. Na verdade, eram os maus-tratos que matavam os índios. Em cima dessas explicações falsas organizou-se um sólido preconceito contra o trabalho escravo indígena, que na verdade servia tão só para garantir o tráfico da África, em que ganhavam a Igreja, a Coroa e obviamente os traficantes. Mas, porque custava tão pouco em relação ao caro escravo africano, durante longo tempo o índio permaneceu escravo: em pior situação que o negro. O preconceito contra o trabalho escravo índio transferiu-se afinal para o próprio índio, entendido como um “ser inferior”, paternalizado pelos jesuítas para melhor ser dominado.

Os jesuítas, aliás, primaram pelos processos de desculturação a que submetiram os índios. Modificaram a organização social nas suas “reduções”, introduziram preconceitos religiosos e, quando não eram correspondidos nas suas exigências, tratavam os índios duramente, inclusive com castigos corporais.

Mas, com toda a “proteção” da Igreja e a ganância da Coroa portuguesa em cobrar impostos no tráfico de negros, a realidade da colônia exigiu escravos índios nos primeiros tempos. Uma das formas de conseguir esses escravos sem provocar sérios desequilíbrios e conflitos perigosos foi por meio das Guerras Justas, autorizadas por uma carta régia de 1570. As Guerras Justas eram autorizadas pela Coroa ou pelos governadores, contra os índios inimigos, especialmente os antropófagos, que poderiam ser escravizados. Na prática, qualquer guerra era justa contra os índios: bastava haver a necessidade de escravizá-los ou de expulsá-los de terras que os colonos cobiçavam. Uma das mais justas guerras, por exemplo, foi contra a tribo dos Caetés: todos foram condenados à escravidão porque alguns deles banquetearam-se com as carnes gordas do bispo Sardinha.

Além das Guerras Justas, que se estenderam no tempo, havia ainda o papel desempenhado pelos bandeirantes, entrando pelas selvas com o fim quase exclusivo de capturar índios para a escravidão. Quando houve grandes problemas para o abastecimento de negros aos engenhos do Nordeste, com a invasão holandesa, os bandeirantes vão em busca de escravos índios, dizimando as missões guaranis dos jesuítas, especialmente na região do Guairá. Há estimativas de que os bandeirantes capturaram, de 1628 a 1641, cerca de 300 mil índios guaranis. Isso só se referindo aos bandeirantes paulistas. No Norte e Nordeste, outros bandeirantes procuravam suprir o mercado escravo com índios, substituindo a falta de negros.

Bandidos e inescrupulosos caçadores de índios, despovoadores do sertão, porque serviram as classes dominantes abastecendo em períodos críticos o mercado de escravos, os bandeirantes passaram pela historiografia oficial como grandes heróis. (...)

Partindo para a caça ao índio, sem querer os bandeirantes acabaram por alargar as fronteiras do Brasil – um dos motivos também por que são cobertos de glória e mito. Era comum os bandeirantes abaterem-se violentamente sobre missões espanholas e expulsar os padres, capturando os índios. Estabelecidos na terra conquistada, sem perceber – eram muito ignorantes para localizarem-se com precisão –, alargavam a posse portuguesa. (...)

Os índios morriam de sífilis, tuberculose, disenteria – eram enterrados aos montes. Os bandeirantes trabalhavam avidamente: entravam pelos sertões, preavam as tribos, traziam-nos e vendiam-nos com grande lucro. Apesar de tudo, ainda muito mais barato – e muito mais rápido – que os traficantes de negros. As Bandeiras foram uma grande empresa e muito criminoso matador de índio e ladrão de gente, que se transformava em escravo, deixou o nome brilhando na história do Brasil, além dos herdeiros solidamente montados em grandes fortunas.

CHIAVENATO, Julio José. *O negro no Brasil*. 3ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 107-9.

VOCABULÁRIO

Coroa: o poder ou dignidade do rei: a pessoa do monarca.

Desculturação: processo de destruição da cultura – costumes, crenças, modos de vida etc. – de um povo.

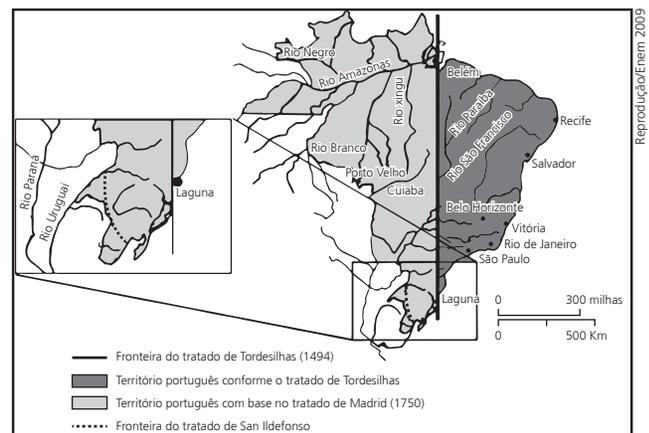
Avidamente: com avidez, muita vontade.

Prear: pegar, aprisionar.



Exercícios de Fixação

01. (Enem/2009)



As terras brasileiras foram divididas por meio de tratados entre Portugal e Espanha. De acordo com esses tratados, identificados no mapa, conclui-se que

- A) Portugal, pelo Tratado de Tordesilhas, detinha o controle da foz do Rio Amazonas.
- B) o Tratado de Tordesilhas utilizava os rios como limite físico da América portuguesa.
- C) o Tratado de Madrid reconheceu a expansão portuguesa além da linha de Tordesilhas.
- D) Portugal, pelo Tratado de San Ildefonso, perdia territórios na América em relação ao de Tordesilhas.
- E) o Tratado de Madrid criou a divisão administrativa da América portuguesa em vice-reinos Oriental e Ocidental.

02. (UEL/2014) Leia o texto a seguir.

Afluente da margem direita do Rio Vermelho, ao norte de Cambé, próximo ao Distrito da Prata, o Rio Palmeira forma um vale onde a mata nativa ainda concentra reservas. Ali, séculos atrás havia um lago. Era um ponto estratégico com água, peixe, caça e floresta subtropical. Ali, em 1625 foi construída a redução jesuítica de San Joseph – o termo missão foi adotado pelos portugueses, enquanto espanhóis e pesquisadores preferem redução.

Jornal de Londrina, 3 mar. 2013. p.21.

Recentemente no município de Cambé, localizado no norte do Paraná, foram descobertas ruínas de fundações da Redução Jesuítica, que comportou cerca de 200 pessoas, com fácil acesso à água e aos produtos oriundos da floresta.

As Reduções ou Missões Jesuíticas no Brasil estão associadas

- às ações das bandeiras, que buscavam, nas Reduções, mão de obra indígena para a escravização.
- às atividades mercantis de minérios e de drogas do sertão que abasteciam a metrópole.
- à cristianização facultativa dos indígenas pelos irmãos jesuítas com o apoio da Santa Sé.
- à libertação dos indígenas do jugo católico, conquistando a autonomia para professarem a sua fé.
- ao desenvolvimento de práticas agrícolas e de pecuária extensiva que vieram a abastecer o comércio metropolitano.

03. (Fuvest/2013) A economia das possessões coloniais portuguesas na América foi marcada por mercadorias que, uma vez exportadas para outras regiões do mundo, podiam alcançar alto valor e garantir, aos envolvidos em seu comércio, grandes lucros. Além do açúcar, explorado desde meados do século XVI, e do ouro, extraído regularmente desde fins do XVII, merecem destaque, como elementos de exportação presentes nessa economia:

- tabaco, algodão e derivados da pecuária.
- ferro, sal e tecidos.
- escravos indígenas, arroz e diamantes.
- animais exóticos, cacau e embarcações.
- drogas do sertão, frutos do mar e cordoaria.

04. (UFG/2013) O Tratado de Madri (1750) pretendia atender à disputa de territórios entre Portugal e Espanha, representando também uma estratégia para melhor administrar os domínios ibéricos na chamada região das Missões. A tentativa de impô-lo gerou uma guerra que, ao seu final, terminou por definir o controle sobre as colônias que ocupavam a região dos Pampas. Esse tratado

- determinou a troca entre os sete povos das missões, no Uruguai, e a colônia de Sacramento, no Brasil.
- redefiniu as fronteiras territoriais na América do Sul, com base no *Uti Possidetis*.
- permitiu aos jesuítas exercer um domínio que se estendeu por toda a região do Prata.
- garantiu a consolidação da chamada “República dos Guaranis”, sob influência da Igreja Católica.
- possibilitou a anexação da região das Missões ao território argentino e do Chaco ao Uruguai.

05. (Enem/2010) “Os tropeiros foram figuras decisivas na formação de vilarejos e cidades do Brasil colonial. A palavra tropeiro vem de “tropa” que, no passado, se referia ao conjunto de homens que transportava gado e mercadoria. Por volta do século XVIII, muita coisa era levada de um lugar a outro no lombo de mulas. O tropeirismo acabou associado à atividade mineradora, cujo auge foi a exploração de ouro em Minas Gerais e, mais tarde, em Goiás. A extração de pedras preciosas também atraiu grandes contingentes populacionais para as novas áreas e, por isso, era cada vez mais necessário dispor de alimentos e produtos básicos. A alimentação dos tropeiros era constituída por toucinho, feijão preto, farinha, pimenta-do-reino, café, fubá e coité (um molho de vinagre com fruto cáustico espremido). Nos pousos, os tropeiros comiam feijão quase sem molho com pedaços de carne de sol e toucinho, que era servido com farofa e couve picada. O feijão tropeiro é um dos pratos típicos da cozinha mineira e recebe esse nome porque era preparado pelos cozinheiros das tropas que conduziam gado.”

Disponível em: <<http://www.tribunadoplanalto.com.br>>.

Acesso em: 27 nov. 2008.

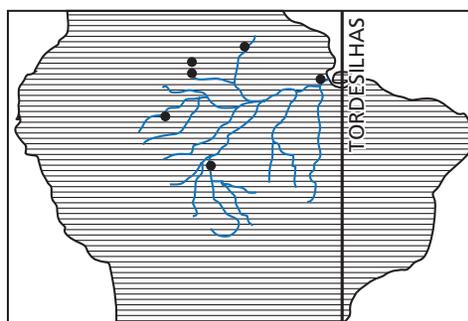
A criação do feijão tropeiro na culinária brasileira está relacionada à

- atividade comercial exercida pelos homens que trabalhavam nas minas.
- atividade culinária exercida pelos moradores cozinheiros que viviam nas regiões das minas.
- atividade mercantil exercida pelos homens que transportavam gado e mercadoria.
- atividade agropecuária exercida pelos tropeiros que necessitavam dispor de alimentos.
- atividade mineradora exercida pelos tropeiros no auge da exploração do ouro.



Exercícios Propostos

01. (Enem/2003) O mapa a seguir apresenta parte do contorno da América do Sul, destacando a bacia Amazônica. Os pontos assinalados representam fortificações militares instaladas no século XVIII pelos portugueses. A linha indica o Tratado de Tordesilhas, revogado pelo Tratado de Madrid, apenas em 1750.



Reprodução/Enem/2003

Adaptado de Carlos de Meira Mattos. Geopolítica e teoria de fronteiras.

Pode-se afirmar que a construção dos fortes pelos portugueses visava, principalmente, dominar

- militarmente a bacia hidrográfica do Amazonas.
- economicamente as grandes rotas comerciais.
- as fronteiras entre nações indígenas.
- o escoamento da produção agrícola.
- o potencial de pesca da região.

02. (UFSJ/2013) “Ilha do Bananal, atual estado de Tocantins, ano de 1750. Um grupo de homens descalços, sujos e famintos se aproxima de uma aldeia carajá. Cautelosamente, convencem os índios a permitirem que acampem na vizinhança. Aos poucos, ganham a amizade dos anfitriões. Um belo dia, entretanto, mostram a que vieram. De surpresa, durante a madrugada, invadem a aldeia. Os índios são acordados pelo barulho de tiros de mosquetão e correntes arrastando. Muitos tombam antes de perceber a traição. Mulheres e crianças gritam e são silenciadas a golpes de machete. Os sobreviventes do massacre, feridos e acorrentados, iniciam, sob chicote, uma marcha de 1500 quilômetros até a vila de São Paulo – como escravos.”

TORAL, A. e BASTOS, G. Os brutos que conquistaram o Brasil. In: Revista *Superinteressante*, abril de 2000. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/brutos-conquistaram-brasil-441292.shtml>>. Acesso em: 29 ago 2012.

Ações desse gênero, ocorridas na América portuguesa, eram frequentemente empreendidas pelos

- A) bandeirantes paulistas.
- B) jesuítas ibéricos.
- C) funcionários da Coroa portuguesa.
- D) invasores franceses.

03. (ESPM/2015) “As incursões dos bandeirantes paulistas às missões dos jesuítas castelhanos do Guairá multiplicaram-se a partir do século XVII. Paulistas e guerreiros tupiniquins enveredavam pelo Caminho do Peabiru, velha trilha tupi, rumo ao Guairá, território situado entre os rios Paranapanema, Iguauçu e Paraná. Nessa região de posse duvidosa, dado que os portugueses sempre consideraram que a Linha de Tordesilhas passava pelo Estuário do Prata, os jesuítas espanhóis haviam criado entre 1622 e 1628 onze missões.”

Adriana Lopez e Carlos Guilherme Mota. *História do Brasil*: uma interpretação.

Quanto ao assunto tratado no texto, é correto assinalar:

- A) As incursões dos bandeirantes às missões jesuítas visavam apresar indígenas aldeados em grupos numerosos e habituados ao trabalho rural.
- B) Nessas incursões não havia nenhuma participação de indígenas entre os integrantes das bandeiras.
- C) O objetivo primordial dos bandeirantes paulistas era apresar “negros da terra” para a exportação dessa mão de obra para a Europa.
- D) Os ataques dos bandeirantes paulistas aos jesuítas castelhanos eram uma resposta contra a postura da Espanha, que naquele momento apoiava a invasão holandesa ao Brasil.
- E) As incursões dos bandeirantes paulistas contra as missões jesuíticas de Guairá e Tapes ocorreram após o Tratado de Madrid.

04. (Unifor/2006.2) Leia atentamente o Texto a seguir.

Não é certo que a forma particular assumida entre nós pelo latifúndio agrário fosse uma espécie de manipulação original, fruto da vontade criadora um pouco arbitrária dos colonos portugueses. Surgiu, em grande parte, de elementos adventícios e ao sabor das conveniências da produção e do mercado. Nem se pode afiançar que o sistema de lavoura, estabelecido, aliás, com estranha uniformidade de organização, em quase todos os territórios tropicais e subtropicais da América, tenha sido, aqui, o resultado de condições intrínsecas e específicas do meio. Foi a circunstância de não se achar a Europa industrializada ao tempo dos descobrimentos, de modo que produzia gêneros agrícolas em quantidade suficiente para seu próprio consumo, só carecendo efetivamente de produtos naturais dos climas quentes, que tornou possível e fomentou a expansão desse sistema agrário.

Sérgio B. de Holanda. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2005. p. 47.

Segundo o historiador, a forma de ocupação do território português na América se fez

- A) pela impossibilidade do pequeno agricultor ser competitivo na empresa agroexportadora, pois controlava as terras férteis da colônia.
- B) baseada na grande propriedade monocultora, para atender ao mercado externo como fornecedora de mercadorias tropicais.
- C) pela política metropolitana preocupada com o desenvolvimento da colônia, voltada para o enriquecimento de seus habitantes.
- D) por vontade dos colonizadores que possuíam facilidades em adquirir a terra, que havia em abundância em território americano.
- E) baseada no latifúndio, no trabalho escravo do natural da terra e do africano, voltada para a produção de mercadorias destinadas a abastecer exclusivamente o mercado interno.

05. (Mackenzie/2009) “Os bandeirantes foram romantizados (...) e postos como símbolo dos paulistas e do progresso, associação enobrecedora. A simbologia bandeirante servia para construir a imagem da trajetória paulista como um único e decidido percurso rumo ao progresso, encobrendo conflitos e diferenças.”

ABUD, K. Maria. In: Matos, M. I. S. de São Paulo e Adoniram Barbosa.

Ainda que essa imagem idealizada do bandeirante tenha sido uma construção ideológica, sua importância, no período colonial brasileiro, decorre

- A) de sua iniciativa em atender à demanda de mão de obra escrava do Brasil holandês, durante o governo de Maurício de Nassau.
- B) de sua extrema habilidade para lidar com o nativo hostil, garantindo sua colaboração espontânea na busca pelo ouro.
- C) de sua colaboração no processo de expansão territorial brasileira, à medida que ultrapassou o Tratado de Tordesilhas e fundou povoados, garantindo, futuramente, o direito de Portugal sobre essas terras.
- D) de sua atuação decisiva na Insurreição Pernambucana, que resultou na expulsão dos holandeses do Nordeste, em 1654, considerada como o primeiro movimento de cunho emancipacionista da colônia.
- E) da colaboração dos mesmos na formação das missões jesuíticas, cujo objetivo era a proteção e catequização de índios tupis, obstáculo à ocupação do território colonial.

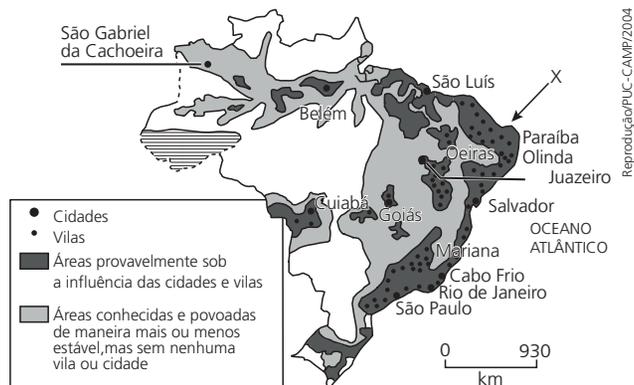
06. (Fuvest/2008) “Os cosmógrafos e navegadores de Portugal e Espanha procuram situar estas costas e ilhas da maneira mais conveniente aos seus propósitos. Os espanhóis situam-nas mais para o Oriente, de forma a parecer que pertencem ao Imperador (Carlos V); os portugueses, por sua vez, situam-nas mais para o Ocidente, pois deste modo entrariam em sua jurisdição.”

Carta de Robert Thorne, comerciante inglês, ao rei Henrique VIII, em 1527.

O Texto remete diretamente

- A) à competição entre os países europeus retardatários na corrida pelos descobrimentos.
- B) aos esforços dos cartógrafos para mapear com precisão as novas descobertas.
- C) ao duplo papel da marinha da Inglaterra, ao mesmo tempo mercantil e corsária.
- D) às disputas entre países europeus, decorrentes do Tratado de Tordesilhas.
- E) à aliança das duas Coroas ibéricas na exploração marítima.

07. (PUC–Camp/2004) A marcha do povoamento



Adaptado de José William Vesentini. *Geografia: série Brasil*. São Paulo: Ática, 2003. p. 181

No que se refere à faixa escura à leste, é correto afirmar que a ocupação e povoamento dessa faixa

- A) ocorrem desde a vinda das expedições exploratórias no litoral e ligam-se à exploração econômica do pau-brasil.
- B) têm início em meados do século XVIII e associam-se ao sucesso das capitanias do Nordeste e do Sudeste.
- C) vêm desde a época colonial e expressam a ligação econômica em relação aos centros mundiais do capitalismo, desde sua formação.
- D) resultam da invasão do litoral pelos imigrantes europeus e associam-se à desestruturação econômica do feudalismo.
- E) têm origem econômica na indústria açucareira e ligam-se à integração gradativa do índio e do negro à sociedade brasileira.

08. (Unifesp/2009) As atividades das Bandeiras, durante a colonização do Brasil, incluíam

- A) impedir a escravidão negra e indígena.
- B) garantir o abastecimento do interior.
- C) perseguir escravos foragidos.
- D) catequizar os povos nativos.
- E) cultivar algodão, cana-de-açúcar e café.

09. (Fatec/2010) “Neste caso, como em quase tudo, os adventícios [que chegaram depois] deveriam habituar-se às soluções e muitas vezes aos recursos materiais dos primitivos moradores da terra. Às estreitas veredas e atalhos que estes tinham aberto para uso próprio nada acrescentariam aqueles de considerável, ao menos durante os primeiros tempos. Para o sertanista branco ou mameluco, o incipiente sistema de viação que aqui encontrou foi um auxiliar tão prestimoso e necessário quanto o fora para o indígena. Donos de uma capacidade de orientação nas brenhas selvagens, em que tão bem se revelam suas afinidades com o gentio, mestre e colaborador inigualável nas entradas, sabiam os paulistas como transpor pelas passagens mais convenientes as matas espessas ou as montanhas aprumadas, e como escolher sítio para fazer pouso e plantar mantimentos.”

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 19 (Adaptado).

Segundo o historiador Sérgio Buarque de Holanda, sobre os indígenas e os sertanistas que circulavam pelo sistema de estradas que ligavam a vila de São Paulo ao sertão e à costa, é correto afirmar que

- A) os sertanistas precisaram construir muitas vias de acesso entre São Paulo e o sertão, substituindo as poucas e estreitas veredas abertas pelos indígenas.

- B) os indígenas foram importantes colaboradores dos paulistas nas entradas.
- C) os sertanistas, ao contrário dos indígenas, pouco sabiam da arte de transpor as matas e escolher o melhor lugar para fazer pouso.
- D) os sertanistas não conseguiram se adaptar aos recursos materiais dos indígenas.
- E) os indígenas se diferenciavam dos sertanistas por terem uma capacidade maior de transpor montanhas e plantar mantimentos.

10. (Fatec/2010.2) “De acordo com o historiador Boris Fausto, a grande marca deixada pelos paulistas na vida colonial do século XVII foram as Bandeiras.”

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial e Edusp, 2001. p. 51.

A afirmação pode ser considerada correta, pois

- A) foi nesse período que expedições reunindo brancos, índios e mamelucos, chefiados pelos paulistas, lançaram-se pelo sertão em busca de índios a serem escravizados e de metais preciosos, que colocariam o Brasil na Era do Ouro.
- B) os paulistas, por meio das Bandeiras, marcaram seu poder político de São Paulo a Minas Gerais, fixando-se na capitania do Rio de Janeiro e transformando-a em sede colonial.
- C) esse século representou a presença dos paulistas em postos públicos de poder, presença essa alternada por vezes pelos mineiros, os donos de minas de ouro, tudo a mando da metrópole.
- D) a descoberta, no século XVII, de minas de ouro na atual região das Minas Gerais, pelos paulistas, lhes garantiu prestígio e o direito de investir suas riquezas nas futuras fazendas de café.
- E) as bandeiras e o apresamento de indígenas para a escravidão significaram uma diminuição do uso da mão de obra negra e o início do caminho para a abolição definitiva do tráfico de escravos africanos.



Fique de Olho

Sites:

- <http://www.vestibularseriado.com.br/historia/index.php?ver=91> e
- http://www.academia.g12.br/professores/adriano/aulas_26.pdf

Sugestões de leitura:

- ARNS, Alice Bertoli. *Laguna, uma esquecida epopeia de franciscanos e bandeirantes, e a história de uma velha igreja*/1975 [s.n.]
- BRASIL, Assis. *Bandeirantes: os comandos da morte*/1999 Imago.
- DAVIDOFF, Carlos. *Bandeirantismo: Verso e reverso brasileiro*, 1982.
- GOES FILHO, Synesio Sampaio. *Navegantes, bandeirantes, diplomatas: aspectos da descoberta do continente, da penetração do território brasileiro extra-Tordesilhas e do estabelecimento das fronteiras*, 1991. FUNAG: IPRI.
- MONTEIRO, John Manuel. *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*/1999. Companhia das Letras.
- MOOG, Vianna. *Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas*/2000. Graphia.

Vídeo:

- República Guarani* (Bra, 1982). Dir. Sylvio Back.

C-2	H-10
C-3	H-13

Introdução

De olho no Enem!

No final do século XVII e por todo o século XVIII, tornava-se cada vez mais complicado para as metrópoles manter a estrutura de dominação sobre as suas colônias, devido ao quadro geral de declínio do Antigo Regime em que a Europa passava. A crise econômica que se abateu nas metrópoles resultante desse processo fez com que o rigor fiscal fosse substancialmente aumentado sobre as colônias gerando inquietações, revoltas e, por fim, a ruptura do pacto colonial.

Nesta aula, procuraremos observar atentamente a dinâmica de alguns dos movimentos sociais que ocorreram no Brasil neste período, destacando sua composição social, seus projetos e contradições. Até que ponto tais movimentos eram apenas simples respostas ao fiscalismo exagerado da Coroa ou buscavam verdadeiramente romper com o modelo político e econômico que vigorava no Brasil? É o que vamos analisar agora.⁴

Contextualizando

Os mecanismos do mercantilismo já não funcionavam mais como antigamente. A transformação qualitativa do capitalismo no século XVIII extravasava nas estruturas mercantilistas. Havia uma inadequação entre eles. Os monopólios, pactos coloniais e estancos começaram a se tornar um entrave para o desenvolvimento do capitalismo industrial, com isso, a colonização entra em declínio global. Suas contradições internas agravam a crise do capitalismo comercial europeu.

O novo capitalismo exigia uma nova expressão teórica: o liberalismo econômico. Os economistas liberais defendiam a não intervenção estatal na economia, como ocorria no mercantilismo. Argumentavam que a economia era governada por leis naturais, que dispensavam a participação do Estado. Citavam a lei da oferta e da procura como o exemplo dos 13 clássicos das leis naturais.

O desenvolvimento do industrialismo, a princípio na Inglaterra, necessitava de mercados, que já existiam, mas estavam cercados pela existência de monopólios e pactos coloniais (a queda destes abriria os mercados para a concorrência internacional). Todavia, significava a destruição do mercantilismo. O capitalismo, de concorrência nascente, exigia o livre-câmbio, isto é, a possibilidade de colocação dos produtos em todos os mercados mundiais.

As nações ibéricas encontravam-se arraigadas no absolutismo e no mercantilismo. Portugal, no século XVIII, encontrava-se em plena decadência econômica, vinculado aos interesses comerciais britânicos, que contribuíam ainda mais para exaurir suas finanças. O mundo estava dando um passo à frente. Portugal marcava passo.

Apesar da contínua exploração ao longo do século, Brasil desenvolvia-se econômica, cultural e demograficamente. Após a mineração, a sociedade colonial já não sustentava mais a economia metropolitana. Os interesses das altas camadas coloniais já não mais coincidiam com os da burguesia portuguesa. A Revolução Francesa desmoronou o absolutismo ao nível político,

jurídico e administrativo. A teoria do enciclopedismo contestava o absolutismo, ressaltando a igualdade entre os homens e o racionalismo.

O indivíduo deveria ser considerado pelo seu esforço e não pelo nascimento e origem, como até então. O racionalismo contestava a origem divina do poder real, defendendo a ideia de que o poder emanava do povo e por ele deveria ser exercido. Por mais que os Estados absolutos perseguissem essas ideias, elas proliferavam e contagiavam os intelectuais da metrópole e das colônias.

Os Estados Unidos da América sacudiram o jugo dos ingleses em 1776. Materializava-se a ideia de uma República liberal e livre. O exemplo americano inspirou a muitos, inclusive o Brasil.

As rebeliões coloniais ocorreram, a princípio, por duas razões fundamentais: o excessivo fiscalismo imposto pela metrópole (cobrança cada vez mais alta e imediata de impostos) e a necessidade de combater o monopólio comercial que podava por completo qualquer grupo social brasileiro, até mesmo a aristocracia rural, com ânsia de desenvolvimento.

Em um primeiro instante, entre os séculos XVII e XVIII, ocorreram os movimentos nativistas que, apesar de protestarem contra os abusos portugueses, não tinham consciência política e, por isso, jamais visaram à ruptura total do pacto colonial.

O segundo momento “coincidiu” com a propaganda liberal europeia, via Inglaterra e França, iniciado na segunda metade do século XVIII e findado em 1822, com a independência política, objetivo a que visavam os movimentos de libertação nacional. A bandeira iluminista foi inflamada pelos intelectuais da época mineradora e pós-mineradora. O lema filosófico *Liberté, Egalité e Fraternité* foi traduzido e adaptado às necessidades circunstanciais da colônia e teve até acompanhamento popular esporádico.

Movimentos nativistas

Portugal obteve a restauração de sua independência em 1640, com a ascensão de D. João IV, que deu início à dinastia de Bragança, pondo fim à União Ibérica. A reconquista da independência foi acompanhada de uma séria crise econômica, resultante da exploração espanhola e da posterior crise da lavoura açucareira resultante da expulsão dos holandeses do Nordeste, em 1654.

O resultado dessa situação econômica e política que abalou o Estado luso foi uma aproximação com a Inglaterra que resultaria no Tratado de Methuen (1703) e um aumento na exploração colonial, prejudicando os interesses de setores da aristocracia local, provocando o início da crise que abalaria o sistema colonial no Brasil.

No início do século XVIII houve uma relativa recuperação da economia portuguesa em virtude do desenvolvimento da mineração no Brasil. Todavia, já na segunda metade do mesmo século, a mineração apresentava sinais de declínio em virtude do esgotamento das minas, o que provocou um aumento da já rígida exploração fiscal de Portugal sobre o Brasil. Concomitantemente, o Antigo Regime demonstrava sinais de crise em virtude, entre outros fatores, da difusão de ideias iluministas na Europa que acabaram chegando ao Brasil por meio de estudantes que voltavam da Europa ou por serem divulgadas por sociedades como a maçonaria.

As primeiras revoltas ocorreram entre o final do século XVII e início do XVIII e não foram motivadas pelo desejo de autonomia política do Brasil. Essas revoltas ficaram conhecidas como nativistas em virtude do caráter local, já que foram motivadas por fatores econômicos que não afetavam toda a colônia. Essas manifestações visavam reformar alguns aspectos do pacto colonial que afetavam uma determinada região, como monopólios, novos impostos e aumento de antigas tributações.

4. Não deixe de ver em sua apostila, na Matriz de Referência do Novo Enem, o que dizem as habilidades 10 e 13.

Aclamação de Amador Bueno (1641 – SP)

Durante o domínio espanhol sobre Portugal (1580-1640), os paulistas se acostumaram a contrabandear no Rio do Prata, prendendo e vendendo índios, a despeito da contraposição dos jesuítas.

Após a restauração portuguesa (1640), essa mamata acabou. Com medo da represália portuguesa às suas atividades ilegais, os paulistas resolveram proclamar um reino independente em São Paulo e aclamaram Amador Bueno rei. Rico fazendeiro e fiel à Coroa (suas riquezas tinham relações diretas com seus negócios com Portugal), Amador Bueno não aceitou a Coroa e se refugiou no mosteiro de São Bento, em São Paulo.

Sem maiores consequências e sem qualquer divulgação em nível de colônia como um todo, esse movimento, entretanto, marcou o início eficaz do desgosto de que estavam possuídos vários colonos no Brasil.

Revolta de Beckman (1684 – MA)

A capitania do Maranhão tinha uma economia baseada no extrativismo de drogas do sertão e na produção de algodão, além de algumas lavouras de cana-de-açúcar. Tanto grandes quanto pequenos proprietários utilizavam mão de obra escrava indígena, já que a oferta de negros era insuficiente, pois estes eram vendidos prioritariamente nas áreas açucareiras, onde os preços eram maiores.

A escravidão indígena era, portanto, fundamental para a economia maranhense, e isso provocava atritos entre os colonos e os jesuítas, que não a aceitavam. Além disto, o Alvará Régio de 1655 colocava os indígenas da região sob autoridade exclusiva dos jesuítas, gerando grande insatisfação entre os colonos, que reagiam protestando e aprisionando os padres.

Com o intuito de aliviar as tensões na região, o governo português criou, em 1682, a Companhia Geral de Comércio do Maranhão, que teria função de controlar o comércio na região, fornecendo anualmente 500 escravos negros, além de outros produtos como azeite, vinho, sal e bacalhau para abastecer a região. Deveria também comprar os produtos produzidos pelos colonos e incentivar as plantações de cacau, baunilha e cravo.

Todavia, a Companhia de Comércio do Maranhão não cumpriu suas funções satisfatoriamente, pois trazia escravos em número insuficiente e caros, além de outros produtos de baixa qualidade cujos preços também eram elevados. A companhia não oferecia ainda preços satisfatórios aos produtos produzidos pelos colonos. Esses fatores geraram grande descontentamento, levando a uma revolta contra a Companhia de Comércio do Maranhão e os jesuítas.

Comandados pelos irmãos Manoel e Tomás Beckman e Jorge Sampaio, grandes proprietários de terras auxiliados por outros fazendeiros, os colonos expulsaram os jesuítas do Maranhão e fecharam os armazéns da Companhia de Comércio, tomando o poder na capitania, liberando a escravidão indígena.

Tomás Beckman foi enviado a Lisboa para justificar o movimento às autoridades portuguesas que reagiram energicamente. Foi nomeado um novo governador, o enérgico Gomes Freire de Andrade, que determinou a prisão e o enforcamento de Manoel Beckman e Jorge Sampaio e o degredo de outros envolvidos, o que demonstrava a intolerância da Coroa a qualquer movimento contestatório. Além disto, a Companhia Geral de Comércio do Maranhão perdeu o monopólio comercial na região.

Os emboabas (1709 – MG)

A descoberta de ouro na região de Minas Gerais por bandeirantes paulistas atraiu grandes contingentes de várias outras capitanias e também de fora do Brasil para a região, em busca de enriquecimento rápido e fácil.

Os paulistas não admitiam a presença de forasteiros na região, querendo para si a exclusividade na exploração das minas, alegando

serem donos por ter descoberto o ouro e por este se localizar no território de sua capitania. Os atritos entre paulistas e forasteiros se tornaram frequentes, com os primeiros chamando pejorativamente os últimos de emboabas, palavra derivada do tupi *mboab*, utilizada pelos índios para designar uma ave emplumada, já que os forasteiros tinham o hábito de usar botas que cobriam as pernas.

Como a Coroa não concedeu exclusividade na exploração das minas aos paulistas, estes, liderados pelo bandeirante Borba Gato, iniciaram um conflito contra os forasteiros, que passaram a ser liderados pelo português Manuel Nunes Viana, governador das Minas. Este não tinha a autoridade reconhecida e aceita pelos paulistas.

Em menor número, os paulistas sofriam derrotas constantes, sendo a mais conhecida a ocorrida no episódio denominado Capão da Traição, quando os emboabas, liderados por Bento do Amaral Coutinho, cercaram e assassinaram grande número de paulistas já desarmados.

Derrotados, grande parte dos paulistas retirou-se da região. Penetrando ainda mais na direção do interior, descobriram minas e iniciaram a ocupação dos territórios dos atuais estados de Mato Grosso e Goiás. Outra consequência importante do conflito foi a extinção e divisão da capitania de São Vicente, com a criação das capitanias de São Paulo, Minas do Ouro e Rio de Janeiro.

Os mascates (1710 – PE)

A Guerra dos Mascates foi um conflito ocorrido na capitania de Pernambuco opondo a aristocracia rural, ligada à decadente lavoura açucareira, de Olinda, aos comerciantes de Recife. A rivalidade crescente entre as duas cidades e a luta pelo poder político na capitania de Pernambuco foram motivos vitais para o conflito.

Olinda era a capital de Pernambuco e atravessava séria crise econômica desde a expulsão dos holandeses do Brasil. Por outro lado, Recife se desenvolvia graças ao intenso comércio praticado principalmente por portugueses. Recife era subordinada politicamente à Olinda, que tinha câmara municipal e pelourinho (símbolo da autonomia das vilas).

O conflito eclodiu quando Recife foi elevada à categoria de vila pelo Governo português, tornando-se independente de Olinda. Os olindenses não admitiam perder o controle sobre Recife e decidiram invadir a cidade, derrubando seu pelourinho.

Os recifenses contavam com o apoio do governador-geral D. Lourenço de Almeida e do Estado lusitano, sendo confirmada sua autonomia e elevação à categoria de vila, bem como a mesma foi transformada em capital de Pernambuco.

Filipe dos Santos (1720 – MG)

O contrabando e a sonegação de impostos eram frequentes e comuns e, para evitá-los, o Governo português criou as casas de fundição, onde o ouro deveria ser fundido e transformado em barras já "quintadas" e seladas, bem como proibiu a circulação de ouro em pó ou pepitas na região mineradora.

Essas medidas desagradaram os mineradores e provocaram uma revolta, que estourou em 1720 sob a liderança de Filipe dos Santos, Pascoal da Silva Guimarães e Sebastião da Veiga Cabral. Conhecido como Revolta de Vila Rica, o movimento contestava, ainda, o monopólio comercial exercido por portugueses sobre produtos como gado, sal, aguardente, açúcar e fumo, o que aumentava constantemente seu custo.

As principais reivindicações do movimento eram a redução de impostos sobre a atividade mineradora, a diminuição dos preços dos produtos (cujo comércio era monopolizado pelos portugueses) e o fechamento das casas de fundição.

Os revoltosos procuraram o governador das minas, o Conde de Assumar, para lhe apresentar suas reivindicações.

Este ouviu os mineradores e, depois de identificá-los, ordenou que suas tropas invadissem Vila Rica, prendendo os insurretos e reprimindo violentamente qualquer tipo de manifestação. Depois de presos, alguns mineradores foram punidos com o degredo e Filipe dos Santos foi enforcado e esquartejado, o que demonstrava a intolerância da metrópole em relação a qualquer contestação aos seus interesses e medidas.

Movimentos Emancipacionistas

Já na segunda metade do século XVIII, ocorreram movimentos de maior amplitude, resultantes das transformações internas sofridas pela colônia, tais como o próprio desenvolvimento econômico e social, especialmente nas áreas mineradoras e de intenso comércio. Esses movimentos foram motivados por fatores econômicos, sociais e políticos, e contestando o pacto colonial, lutavam pela Independência do Brasil (influenciados pelas ideias iluministas), sendo conhecidos como emancipacionistas ou de libertação colonial.

Inconfidência Mineira (1789)

Introdução

A Inconfidência Mineira também foi chamada de Conspiração dos Letrados e ocorreu em 1789, em Vila Rica, na região das minas. Considerada um dos principais movimentos sediciosos da História brasileira, tem o seu estudo prejudicado pela falta de documentos dos próprios inconfidentes, que, por medo da repressão, não deixaram nada escrito, sendo as investigações dos historiadores realizadas a partir de documentos ou interrogatórios da justiça portuguesa. Para alguns historiadores, esses documentos não podem ser considerados verdade absoluta devido à possibilidade de terem sido produzidos com os acusados sob coação, bem como para se inocentar. Muitos desses acusados negaram participação, negando informações valiosas, ou transferiram culpa a outros.

O movimento foi o primeiro a pregar a separação política do Brasil em relação a Portugal e, embora não tenha se concretizado, apresentava ideias avançadas e demonstrava claramente o desejo de liberdade existente na colônia.

Motivos da Inconfidência Mineira

A mineração já apresentava sinais de decadência na segunda metade do século XVIII, devido ao esgotamento das jazidas e à forma predatória como ouro e diamantes eram extraídos. Todavia, a cobrança de impostos era cada vez mais onerosa, rigorosa e arbitrária, com destaque para a derrama, cuja ameaça constante provocava temor e insatisfação na população das minas.

Além da pesada carga tributária, havia insatisfação com monopólios comerciais metropolitanos e decretos como o Alvará de 1785, assinado pela rainha D. Maria I, que determinava a proibição de todo tipo de manufatura na colônia, com exceção da produção de tecidos grossos para vestir escravos e sacos de empacotar produtos como algodão e couro. O alvará determinava ainda que fossem desmontadas as manufaturas existentes na colônia e o envio de suas peças à metrópole.

Nesse contexto, começaram a penetrar na colônia por meio de livros e ideias trazidas por estudantes da elite que iam estudar na Europa um conjunto de preceitos filosóficos que combatiam o colonialismo, o mercantilismo e o absolutismo: o Iluminismo. Essas ideias eram reforçadas pelo exemplo bem-sucedido da Independência dos EUA, que estimulava cada vez mais o desejo de liberdade na colônia.

As reuniões secretas e a Devassa



Influenciados pelas ideias iluministas e o exemplo da Independência dos EUA e revoltados com a exploração arbitrária da metrópole, membros da elite mineira, especialmente de Vila Rica, composta por grandes proprietários, ricos mineradores e comerciantes, magistrados e advogados, clérigos e até funcionários da Coroa, começaram a realizar reuniões secretas em suas próprias casas, onde discutiam a situação e traçavam planos, como:

- a independência;
- o fim do pacto colonial;
- o estímulo ao desenvolvimento de manufaturas;
- a criação de universidades;
- a adoção do regime republicano;
- a nova capital seria São João Del Rei;
- o serviço militar obrigatório;
- a adoção de uma bandeira com o lema *Libertas quae sera tamen* (Liberdade ainda que tardia).

É importante frisar que o movimento era elitista, e apesar do aparente liberalismo e da influência iluminista, a maioria dos inconfidentes não queria a abolição da escravidão.

O plano dos inconfidentes era iniciar a revolta quando fosse decretada a Derrama, aproveitando que o povo estaria insatisfeito e revoltado com a atitude da Coroa e, portanto, apoiaria o movimento. Um estudante entusiasmado com as ideias iluministas, José Joaquim da Maia, chegou a se encontrar na França com Thomas Jefferson, cônsul dos EUA, pedindo a ajuda deste país ao movimento mineiro. Os americanos não deram apoio aos brasileiros por não querer se comprometer com Portugal e outras nações europeias.

Entre os vários envolvidos, podemos citar: Cláudio Manoel da Costa, escritor, poeta e advogado; o coronel Inácio José de Alvarenga Peixoto, poeta e minerador; José Álvares Maciel, filósofo e historiador, que era filho do capitão-mor de Vila Rica; Francisco de Paula Freire de Andrada, comandante do regimento de cavalaria; o cônego Luís Vieira; o comerciante português Domingos de Abreu Vieira; o poeta Tomás Antônio Gonzaga; além do alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.



AMÉRICO, Pedro (1843-1905). *Tiradentes Esquartejado* (1893), Óleo sobre tela, 270 x 165 cm.

A revolta não chegou a eclodir, pois um dos que frequentavam as reuniões secretas, o coronel Joaquim Silvério dos Reis, grande devedor da Fazenda Real, denunciou os planos dos inconfidentes às autoridades em troca do perdão das suas dívidas. Ao receber a denúncia, o governador das Minas, Visconde de Barbacena, determinou a suspensão da Derrama e ordenou a prisão dos implicados, iniciando as Devassas (processos).

Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, foi preso no Rio de Janeiro, para onde tinha viajado em busca de apoio. Além dele, foram presos outros envolvidos, sendo aberta uma Devassa (processo) também no Rio de Janeiro, a capital da colônia. Preso, Cláudio Manoel da Costa foi encontrado morto em sua cela, aparentemente cometeu suicídio enforcando-se, não sendo descartada a hipótese de assassinato.

Todos os envolvidos, inclusive Tiradentes, negaram ligação com a conspiração durante os interrogatórios. Com o tempo, uns passaram a jogar a culpa nos outros, procurando inocentar-se e fugir à severa pena. Tiradentes acabaria confessando posteriormente participação no movimento, apesar de não ter sido uma forte liderança.

A sentença vinda de Portugal determinava que os onze presos deveriam ser enforcados. Eles pediram clemência à rainha D. Maria I, que transformou a pena capital em degredo perpétuo para a África de dez envolvidos, sendo mantida a pena de morte apenas para Tiradentes, o de mais baixa condição social. Sua execução ocorreu no dia 21 de abril de 1792, no Largo da Lampadosa, hoje Praça Tiradentes. Depois de enforcado, Tiradentes teve o corpo esquartejado e os pedaços foram espalhados em diversos locais para servir de exemplo ao resto da população.

Conjuração Baiana ou Revolta dos Alfaiates (1798)

O movimento ocorrido na Bahia, mais precisamente em Salvador, em 1798, refletiu a insatisfação das camadas médias urbanas e classes baixas com a situação de pobreza, fome e miséria, associada à exploração metropolitana.

Movimento de caráter popular, a Revolta dos Alfaiates representou uma reação de camadas sociais oprimidas pela crise econômica, pelas desigualdades e pela escravidão.

A economia nordestina, especialmente no litoral onde se produzia cana-de-açúcar, como era o caso da Bahia, entrara em crise desde o século XVII, em virtude da expulsão dos holandeses e da concorrência com o açúcar antilhano. Já no século XVIII, com a transferência da capital de Salvador para o Rio de Janeiro, a região ficou desprezada pela Coroa.

A situação econômica provocava desemprego, fome e miséria, bem como deixava a região fora do interesse dos comerciantes, que preferiam enviar seus produtos para o Sudeste e Sul, onde encontravam melhores preços, provocando desabastecimento e carestia na Bahia. A insatisfação popular encontrava na República jacobina francesa e nas ideias iluministas divulgadas por lojas maçônicas como a Cavaleiros da Luz e pelo cirurgião, formado também em filosofia, Cipriano Barata, fontes de inspiração. Havia ainda o exemplo da Independência do Haiti, em que escravos liderados por Toussaint de Louverture tomaram o poder e puseram fim à escravidão no país.

Apesar de o principal meio de divulgação de ideias iluministas e revolucionárias francesas ter sido a maçonaria, o movimento contou com lideranças populares, como os alfaiates João de Deus e Manuel Faustino e os soldados Lucas Dantas e Luís Gonzaga das Virgens.

Temendo a radicalização do movimento, como ocorreram no Haiti, os brancos e membros da elite baiana se afastaram do movimento, que tinha como principais objetivos:

- independência;
- liberdade de comércio;
- implantação de uma república democrática;
- igualdade social;
- fim da escravidão.

O movimento teve início na manhã de 12 de agosto de 1798, quando os revolucionários espalharam panfletos manuscritos pelas principais ruas de Salvador e nas portas e paredes das igrejas e prédios públicos. Dirigidos ao “magnífico povo baiano” e assinados pelo “Supremo Tribunal da Democracia Baiana”, os panfletos incitavam o povo a reagir ao domínio metropolitano, falando em liberdade, igualdade e fraternidade entre os cidadãos.

Imediatamente começaram as investigações e as prisões dos envolvidos, inclusive alguns membros da loja maçônica Cavaleiros da Luz, que depois foram absolvidos. Já os de mais baixa condição social, como os alfaiates João de Deus e Manuel Faustino e os soldados Lucas Dantas e Luís Gonzaga das Virgens, foram condenados à forca, com a posterior exibição de parte de seus corpos em locais públicos de Salvador.



Biblioteca Pública do Estado da Bahia

Praça da Piedade, local da execução dos conjurados.

Leitura Complementar I

“Os conspiradores de 1798 exteriorizaram seus propósitos (pensamentos e ações) por outros meios de comunicação, além das formas orais e escritas, ou mesmo deram, a essas formas, significados que não coincidem com o uso corrente; operaram com simbologias materializadas em sinais, em cuja significação não estava o referencial da maioria das pessoas; antes, constituíram formas de identificação entre os que seguiam uma mesma ideologia, um mesmo partido. (...) Os revolucionários baianos de 1798 usaram meios de se identificar, de comunicar sua filiação partidária, com estruturas simbólicas de uma linguagem especial – tanto sonora, como visual (...) ‘Haviam os conjurados que tinham combinado reconhecerem-se por certos distintivos, entre os quais se sabe o que consistia em uma argolinha em uma das orelhas, barba crescida até o meio do queixo, um búzio de Angola na cadeia do relógio, conhecendo-se uns aos outros como os franceses, ou mais propriamente, os partidários das ideias novas. Costumavam empregar palavras especiais, em lugar das comumente usadas para designar certas coisas, sendo uma delas entes, em vez de homens, dietas em vez de assembleias’ (...)”

MATTOS, Florivaldo. *A Comunicação Social na Revolução dos Alfaiates*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1974, p. 88.

Leitura Complementar II

A CONJURA DO RIO DE JANEIRO (1794)

“Os reis são uns tiranos.” Dez membros da sociedade literária do Rio de Janeiro foram presos, em 1794, acusados de pronunciarem essa frase. A denúncia sustentava que membros dessa sociedade de poetas, médicos, artesãos e estudantes preferiam o regime republicano ao monárquico. Um de seus membros, Mariano Pereira da Fonseca, futuro marquês de Maricá, viu-se em dificuldades para explicar o teor que possuía uma obra do iluminista francês Jean-Jacques Rousseau, considerado na época um autor subversivo. Após dois anos de cárcere, os implicados foram considerados inocentes e postos em liberdade. A sociedade literária cerrou suas

portas, obrigada a pôr fim às suas atividades. Esse episódio, que não pode ser caracterizado como movimento ou rebelião, passou à História com o nome de Conjura do Rio de Janeiro. Sua importância está em demonstrar a divulgação crescente das ideias liberais e o temor metropolitano diante disso.

SCHMIDT, Mário Furley. *Nova História Crítica do Brasil: 500 anos de história mal contada*. São Paulo: Nova Geração.



Exercícios de Fixação

01. (Unicamp/2012) “Emboaba: nome indígena que significa “o estrangeiro”, atribuído aos forasteiros pelos paulistas, primeiros povoadores da região das minas. Com a descoberta do ouro em fins do século XVII, milhares de pessoas da colônia e da metrópole vieram para as minas, causando grandes tumultos. Formaram-se duas facções, paulistas e emboabas, que disputavam o governo do território, tentando impor suas próprias leis.”

Maria Beatriz Nizza da Silva (coord.), *Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil*. Lisboa: Verbo, 1994, p. 285. Adaptado.

Sobre o período em questão, é correto afirmar que

- A) as disputas pelo território emboaba colocaram em confronto paulistas e mineiros, que lutaram pela posse e exploração das minas.
 - B) a região das minas foi politicamente convulsionada desde sua formação, em fins do século XVII, o que explica a resistência local aos inconfidentes mineiros.
 - C) a luta dos emboabas ilustra o processo de conquista de fronteiras do Império português nas Américas, enquanto na África, os portugueses se retiravam definitivamente no século XVIII.
 - D) a monarquia portuguesa administrava territórios distintos e vários sujeitos sociais, muitos deles em disputa entre si, como paulistas e emboabas, ambos súditos da Coroa.
02. (Fuvest/2017) “Os ensaios sediciosos do final do século XVIII anunciam a erosão de um modo de vida. A crise geral do Antigo Regime desdobra-se em áreas periféricas do sistema atlântico – pois é essa a posição da América portuguesa –, apontando para a emergência de novas alternativas de ordenamento da vida social.”

István Jancsó, “A Sedução da Liberdade.” In: Fernando Novais, *História da Vida Privada no Brasil*, v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 (Adaptado).

A respeito das rebeliões contra o poder colonial português na América, no período mencionado no texto, é correto afirmar que,

- A) em 1789 e 1798, diferentemente do que se dera com as revoltas anteriores, os sediciosos tinham o claro propósito de abolir o tráfico transatlântico de escravos para o Brasil.
- B) da mesma forma que as contestações ocorridas no Maranhão em 1684, a sedição de 1798 teve por alvo o monopólio exercido pela companhia exclusiva de comércio que operava na Bahia.
- C) em 1789 e 1798, tal como ocorrerá na Guerra dos Mascates, os sediciosos esperavam contar com o suporte da França revolucionária.
- D) tal como ocorrera na Guerra dos Emboabas, a sedição de 1789 opôs os mineradores recém-chegados à capitania aos empresários há muito estabelecidos na região.
- E) em 1789 e 1798, seus líderes projetaram a possibilidade de rompimento definitivo das relações políticas com a metrópole, diferentemente do que ocorrera com as sedições anteriores.

03. (Uece/2018) Leia atentamente o seguinte excerto:

“O papel de herói da Inconfidência Mineira cabe ainda a Tiradentes porque ele foi o inconfidente que recebeu a pena maior: a morte na forca, uma vez que o próprio réu, durante a devassa, assumiu para si toda a culpa. Sabe-se, no entanto, que sua morte se deve também em grande parte à acusação dos demais inconfidentes, bem como a sua condição social: pertencente à camada média da sociedade mineira, sem importantes ligações de família, sem ilustração nem boas maneiras”.

Cândida Vilares Gancho & Vera Vilhena de Toledo. *Inconfidência Mineira*. São Paulo, Editora Ática, Série Princípios, 1991. p.45.

Sobre a Inconfidência Mineira, ocorrida em Vila Rica no período da mineração aurífera, é correto afirmar que

- A) representou o exemplo de revolta popular contra a dominação colonial portuguesa no Brasil, uma vez que, oriunda das camadas mais humildes de Minas Gerais, inclusive escravos, chegou a contagiar indivíduos pertencentes às mais altas posições sociais.
 - B) foi uma representação dos interesses de grupos da elite local, intelectuais, religiosos, militares e fazendeiros, em livrarem-se do controle e dos impostos cobrados pela coroa portuguesa na região, mas não havia consenso em relação à libertação dos escravos.
 - C) marcou o início do processo de independência do Brasil, baseado na luta armada do povo contra as forças leais a Portugal, e em defesa dos ideais liberais e republicanos, como o fim da escravidão, direito ao voto universal masculino e governo presidencialista.
 - D) apesar de bem sucedida, com a proclamação da independência de Minas Gerais, teve pouco impacto na história do Brasil, uma vez que seus objetivos extremamente populares não foram bem aceitos pelas elites econômicas de outras regiões da colônia.
04. (PUC–Camp/2018) Tiradentes era alguém com todas as características e ressentimentos de um revolucionário. Além do mais, ele se apresentava para o martírio ao proclamar sua responsabilidade exclusiva pela inconfidência. Era óbvia a sedução que o enforcamento do alferes representava para o governo português: pouca gente levaria a sério um movimento chefiado por um simples Tiradentes (e as autoridades lusas, depois de outubro de 1790, invariavelmente se referiam ao alferes por seu apelido de Tiradentes).

MAXWELL, Kenneth. A devassa da devassa. *A Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal 1750-1808*. São Paulo: Paz e Terra, 1995, p. 216.

O texto de Kenneth Maxwell, ao se referir a Tiradentes, nos remete à Inconfidência Mineira. Sobre a Inconfidência Mineira, é correto afirmar que

- A) o fracasso do movimento deveu-se, entre outros, à precária organização do movimento e à falta de coesão efetiva entre os conspiradores.
- B) a conjuração resultou em reuniões nas quais se travaram debates políticos e filosóficos sem que com isso resultasse em proposta de revolta.
- C) a ausência de princípios iluministas, como os de liberdade e igualdade jurídica, deu ao movimento um caráter verdadeiramente revolucionário.
- D) o êxito da conspiração deu-se em função de ser formada, principalmente, pelas camadas médias e urbanas e dos grupos pobres da população.
- E) as ideias do despotismo ilustrado deram origem a um movimento conspiratório e libertário no processo de ruptura política do país.

05. (Enem/2016) O que ocorreu na Bahia de 1798, ao contrário das outras situações de contestação política na América Portuguesa, é que o projeto que lhe era subjacente não tocou somente na condição, ou no instrumento, da integração subordinada das colônias no império luso. Dessa feita, ao contrário do que se deu nas Minas Gerais (1789), a sedição avançou sobre a sua decorrência.

JANCÓS, I.; PIMENTA, J. P. Peças de um mosaico. In: MOTA, C. G. (Org.). *Viagem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: Senac, 2000.

A diferença entre as sedições abordadas no texto encontrava-se na pretensão de

- A) eliminar a hierarquia militar.
- B) abolir a escravidão africana.
- C) anular o domínio metropolitano.
- D) suprimir a propriedade fundiária.
- E) extinguir o absolutismo monárquico.



Exercícios Propostos

01. (Unesp/2017) A Inconfidência Mineira (1789) e a Conjuração Baiana (1798) tiveram semelhanças e diferenças significativas. É correto afirmar que

- A) as duas revoltas tiveram como objetivo central a luta pelo fim da escravidão.
- B) a revolta mineira teve caráter eminentemente popular e a baiana, aristocrático e burguês.
- C) a revolta mineira propunha a independência brasileira e a baiana, a manutenção dos laços com Portugal.
- D) as duas revoltas obtiveram vitórias militares no início, mas acabaram derrotadas.
- E) as duas revoltas incorporaram e difundiram ideias e princípios iluministas.

02. (UFPI/2008) A crise do antigo sistema colonial no Brasil expressa-se, inicialmente, através dos chamados movimentos nativistas, acentuando-se com os movimentos de independência nacional. Esses movimentos de rebelião colonial, assim como o processo de emancipação política do Brasil, estão ligados às transformações do mundo ocidental no final do século XVIII. Considerando-se esse enunciado, é correto afirmar que

- A) o desenvolvimento de indústrias no Brasil, algo que se acentua desde o início do século XVIII, tende a reforçar o pacto colonial, na medida em que os novos industriais passam a ver o Brasil como uma reserva de mercado para os seus produtos.
- B) a crise referida deu-se de forma localizada no Brasil, na medida em que os principais movimentos de emancipação partiram de centros importantes como Rio de Janeiro e São Paulo.
- C) a emancipação política, no caso brasileiro, seguiu-se de uma nítida separação entre os grupos portugueses, hostilizados como agentes da metrópole, e os colonos brasileiros, interessados na constituição de um Estado republicano.
- D) as reações ao domínio português foram movimentos autóctones das elites coloniais, não se ligando ao processo geral da crise do Antigo Regime.
- E) as rebeliões coloniais só podem ser compreendidas dentro de um quadro mais geral, marcado por ideias liberais, eclodidas a partir de eventos como as revoluções francesa e americana, que propunham a superação do Antigo Regime.

03. (EsPCEx (Aman) 2016) No fim do século XVIII, era grande a insatisfação com a carestia e a opressão colonial. A isso se somava a simpatia que muitas pessoas demonstravam em relação às lutas pela emancipação do Haiti (1791-1804) e à Revolução Francesa (1789). Para difundir esta ideia fundou-se a loja maçônica Cavaleiros da Luz.

Em agosto de 1798, alguns conspiradores afixaram em muros e postes da cidade manifestos exortando a população à revolução. Os panfletos pregavam a proclamação da República, a abolição da escravidão, melhores soldos para os militares, promoção de oficiais, liberdade de comércio etc.

Denunciado por um traidor, o movimento foi esfacelado. Alguns participantes foram presos, outros fugiram e quatro foram condenados à morte: Luís Gonzaga das Virgens, Lucas Dantas de Amorim Torres, João de Deus do Nascimento e Manuel Faustino dos Santos.

Adaptado de ARRUDA & PILETTI, p.351

O texto anterior descreve, em parte, a

- A) Revolta dos Alfaiates, ocorrida em Salvador, Bahia.
- B) Inconfidência Mineira, desencadeada em Ouro Preto, Minas Gerais.
- C) Revolta de Beckman, que teve por palco São Luís, Maranhão.
- D) Confederação do Equador, ocorrida em Recife, Pernambuco.
- E) Cabanagem, ocorrida em Belém, Pará.

04. (Uece/2016.2) Atente às seguintes afirmações acerca da Inconfidência Mineira (1789).

- I. A constituição de um regime republicano no Brasil estava entre os objetivos de boa parte dos conspiradores de Vila Rica;
- II. Havia, por parte dos inconfidentes, a preocupação com o desenvolvimento de produtos manufaturados, pois objetivavam a diminuição da dependência de artigos importados;
- III. Constituíam interesse dos conspiradores a criação de uma nova capital localizada em uma área mais favorável à expansão da lavoura e da pecuária – atividades fundamentais para a subsistência dos mineradores.

Está correto o que se afirma em

- A) I e II, apenas.
- B) I e III, apenas.
- C) II e III, apenas.
- D) I, II e III.

05. (G1 – IFBA/2018) “O Atlântico tornou-se o cenário de circulação de livros e ideias, e de revolucionários, militares, exilados, maçons, bonapartistas, absolutistas, clérigos, artistas, comerciantes, vagabundos, e até mesmo da transmigração de uma corte imperial inteira (...). De fato, Jefferson, Miranda, Thomas Paine, Adams, Tousseint Louverture, Arruda Câmara, Tomás Gonzaga, José Bonifácio, entre muitos outros, cruzaram o oceano com ideias fervilhando em seus cérebros e animados por projetos de reforma – por vezes radical – da ordem do antigo regime”

MOTA, Carlos Guilherme; LOPEZ, Adriana. *História do Brasil: uma interpretação*. São Paulo: SENAC, 2008, p. 373.

Nesse texto, o autor está fazendo referências ao contexto e aos ideais revolucionários que inspiraram alguns movimentos políticos no Brasil. Seriam alguns deles:

- A) Revolução Francesa; Revolução Haitiana; Farroupilha; Canudos.
- B) Revolução Inglesa; Contestado; Revolução Haitiana, Confederação do Equador.

- C) Revolta dos Alfiates; Revolta dos Malês; Revolução Francesa; Revolução Americana.
- D) Revolução de 1817; Revolta dos malês; Revolução Gloriosa; Revolução Francesa.
- E) Revolução Haitiana; Revolta dos Alfiates; Revolução Francesa; Revolução de 1817.

06. (Vunesp/2008) Observe o quadro.



AMÉRICO, Pedro (1843-1905). *Tiradentes Esquartejado* (1893), Óleo sobre tela, 270 x 165 cm.

Pode-se afirmar que a representação de Pedro Américo do inconfidente mineiro

- A) data dos primeiros anos da República, sugerindo a semelhança entre o drama de Tiradentes e o de Cristo.
- B) foi elaborada durante o período da Independência, como expressão dos ideais nacionalistas da dinastia de Bragança.
- C) caracteriza-se pela denúncia da interferência da Igreja Católica nos destinos políticos e culturais nacionais.
- D) foi censurada pelo governo de Getúlio Vargas porque expressa conteúdos revolucionários e democráticos.
- E) foi proibida de ser exposta publicamente por incitar o preconceito contra o Governo português, responsável pela morte de Tiradentes.

07. (Fuvest/1999) A elevação de Recife à condição de vila; os protestos contra a implantação das casas de fundição e contra a cobrança de quinto; a extrema miséria e carestia reinantes em Salvador, no final do século XVIII, foram episódios que colaboraram, respectivamente, para as seguintes sublevações coloniais:

- A) Guerra dos Emboabas, Inconfidência Mineira e Conjura dos Alfiates.
- B) Guerra dos Mascates, Motim do Pitangui e Revolta dos Malês.
- C) Conspiração dos Suassunas, Inconfidência Mineira e Revolta do Maneta.
- D) Confederação do Equador, Revolta de Felipe dos Santos e Revolta dos Malês.
- E) Guerra dos Mascates, Revolta de Filipe dos Santos e Conjura dos Alfiates.

- 08. (UFRN/2000) A Guerra dos Emboabas, a dos Mascates e a Revolta de Vila Rica, verificadas nas primeiras décadas do século XVIII, podem ser caracterizadas como
 - A) movimentos isolados em defesa de ideias liberais, nas diversas capitanias, com a intenção de se criarem governos republicanos.
 - B) movimentos de defesa das terras brasileiras, que resultaram em um sentido nacionalista, visando à independência política.
 - C) manifestações de rebeldia localizadas, que contestavam aspectos da política econômica de dominação do governo português.
 - D) manifestações das camadas populares das regiões envolvidas, contra as elites locais, negando a autoridade do governo metropolitano.
- 09. (Unifesp/2002.2) "Não resta outra coisa senão cada um defender-se por si mesmo; duas coisas são necessárias.. a fim de se recuperar a mão livre no que diz respeito ao comércio e aos índios".

Manuel Beckman, 1684.

As duas principais reivindicações do líder da revolta que leva seu nome são

- A) a revogação do monopólio da Companhia de Comércio do estado do Maranhão e a expulsão dos jesuítas que se opunham à escravidão indígena.
 - B) a saída dos portugueses do Grão Pará e Maranhão e a supressão dos aldeamentos indígenas, que monopolizavam as chamadas "drogas do sertão".
 - C) a repressão ao contrabando estrangeiro, que prejudicava os negócios dos atacadistas portugueses, e a liberdade para importar escravos negros.
 - D) a expulsão dos holandeses do Nordeste, que monopolizavam o comércio do açúcar, e a reedição da guerra justa, que proibia a escravidão indígena.
 - E) a revogação do monopólio comercial da metrópole sobre o Norte e Nordeste da colônia e a proibição para importar escravos negros.
10. (IFBA/2012) "De uma perspectiva geral, podemos dizer que a conspiração baiana como que atou as pontas das duas vertentes subversivas do Brasil Colônia."

RISÉRIO, Antônio. "Em torno da Conspiração dos Búzios". In: DOMINGUES, Carlos Vasconcelos; LEMOS, Cicero Bathomarco; YGLESIAS, Edyala. (Orgs). *Animai-vos, Povo Bahiense! A Conspiração dos Alfiates*. Salvador: Omar G. Editora, 1999, p. 53.

A ideia apresentada por Antônio Risério se sustenta historicamente no fato de que a Conjuração Baiana foi o movimento anticolonial brasileiro que

- A) aliou à luta emancipacionista reivindicações sociais, como a questão escravista.
- B) inseriu o ideal de unidade territorial à luta pela Independência da América portuguesa.
- C) reduziu a luta libertária à defesa do livre comércio e da autonomia administrativa.
- D) defendeu a Independência do Brasil e a proclamação de uma República de base oligárquica.
- E) apresentou caráter de luta nacionalista à medida que representou o ideal de liberdade de todos os brasileiros.



Fique de Olho

Sites:

<http://www.vestibulareconcursos.com/modules/smartsection/item.php?itemid=327>

<http://www.meuestudos.com/historia-do-brasil/colonia/crise-do-sistema-colonial.html> e <http://www.scribd.com/doc/3371966/Historia-Aula-12-Crise-no-Sistema-Colonial>

Sugestão de Livros:

CHIAVENATTO, Júlio José. *Inconfidência Mineira: as várias faces*/2000. Contexto.

Coleção Brasil 500 anos, n. 3. *O terceiro século: a Inconfidência Mineira* – 2002. Escala.

MOTA, Carlos Guilherme. *Tiradentes e Inconfidência Mineira*/2003. Ática.

OLIVEIRA, José Alves de. *Aspectos da Inconfidência Mineira*/1985. Secretaria de Estado da Cultura.

PERRIN, Dimas. *Inconfidência Mineira: causas e consequências*/1985. Edições Júpiter.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. *Inconfidência Mineira*/2000. Global.

SANT'ANNA, Sonia, *Inconfidências Mineiras: uma história privada da Inconfidência*/2000. J. Zahar.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *A Conjuração Baiana*. Ática, 1994.

Bibliografia

ALENCAR, Francisco. *História da Sociedade Brasileira*.

Aquino e outros. *Sociedade Brasileira: História*.

CAMPOS, Raimundo. *História do Brasil*.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*.

GORENDER, Jacob. *Escravidão Colonial*.

JÚNIOR, Caio Prado. *História Econômica do Brasil*.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Formação Histórica do Brasil*.

_____. *História da Imprensa Brasileira*.

VIANA, Hélio. *História do Brasil*.

VICENTINO, Cláudio. *História do Brasil*.



Anotações

HISTÓRIA II

HISTÓRIA GERAL I

Objetivo(s):

- Observar o meio físico do planalto do Irã e suas influências sobre medos e persas.
- Analisar o expansionismo persa e suas consequências.
- Identificar as características políticas, econômicas, sociais, culturais e religiosas dos persas.
- Analisar os aspectos geográficos da Fenícia e da Ilha de Creta.
- Analisar a importância destas civilizações e suas contribuições.
- Observar as particularidades de cada uma destas civilizações.
- Analisar as características geográficas da Península Balcânica.
- Analisar o processo de ocupação do solo grego.
- Identificar as principais características dos períodos homérico e arcaico na história grega.
- Reconhecer e diferenciar os principais modelos de cidades-estado desenvolvidos na Grécia Antiga.
- Observar os principais regimes políticos desenvolvidos nas pólis gregas.
- Analisar as principais características dos períodos clássico e helenístico na Grécia Antiga.
- Identificar os principais conflitos e batalhas na história grega e suas consequências.
- Observar as hegemonias alcançadas por algumas cidades.
- Analisar a expansão macedônica e seu declínio.
- Identificar os principais aspectos da cultura grega na Antiguidade.
- Analisar as principais contribuições culturais dos gregos para as civilizações posteriores.
- Observar as características do helenismo.

Conteúdo:

AULA 06: CIVILIZAÇÃO PERSA

Introdução	40
Aspectos geográficos	40
Política	40
Religião	41
Cultura	41
Exercícios	41

AULA 07: FENÍCIA E CRETA

Os cretenses	44
Os fenícios	45
Exercícios	46

AULAS 08 E 09: CIVILIZAÇÃO GREGA

Introdução	49
Período Arcaico	50
Esparta	50
Período Clássico	52
Hegemonia ateniense	52
Exercícios	53

AULA 10: CULTURA GREGA E HELENISMO

Período Helenístico	60
Helenismo	61
Cultura grega	62
Religião	63
Exercícios	64

Aula
06

Civilização Persa

C-2	H-7
C-5	H-21

Introdução

A civilização persa é originária da região do planalto do Irã, onde ocorreu a fusão de medos e persas, povos de origem indo-europeia – arianos que iniciaram a ocupação do território por volta de 2000 a.C.

Os persas foram responsáveis pela formação de um dos maiores impérios do mundo antigo, estendendo seus domínios da Ásia Menor, no ocidente, à Índia, no oriente.

Aspectos geográficos

O planalto do Irã é um território marcado por um clima seco, um relevo montanhoso e pela aridez do solo, o que dificulta a sobrevivência e as práticas agrícolas.

Os primeiros grupos humanos que se fixaram na região praticavam o pastoreio como atividade básica de sobrevivência, enfrentando grandes dificuldades naquele ambiente árido e inóspito.



As dificuldades naturais de sobrevivência na região, associadas ao crescimento populacional, estimularam o expansionismo persa, e seus principais imperadores tiveram seus nomes associados a conquistas territoriais.

Política



Mike Peel CC BY-SA 4.0/Wikimedia Foundation

A imagem mostra um cilindro onde se lê: “Eu sou Ciro, rei do mundo, grande rei, rei legítimo, rei de Babilônia, rei da Suméria e de Acade, rei das quatro extremidades [da terra], filho de Cambises, grande rei, rei de Anzã, neto de Ciro, . . . descendente de Teispes . . . de uma família [que] sempre [exerceu] a realeza.”

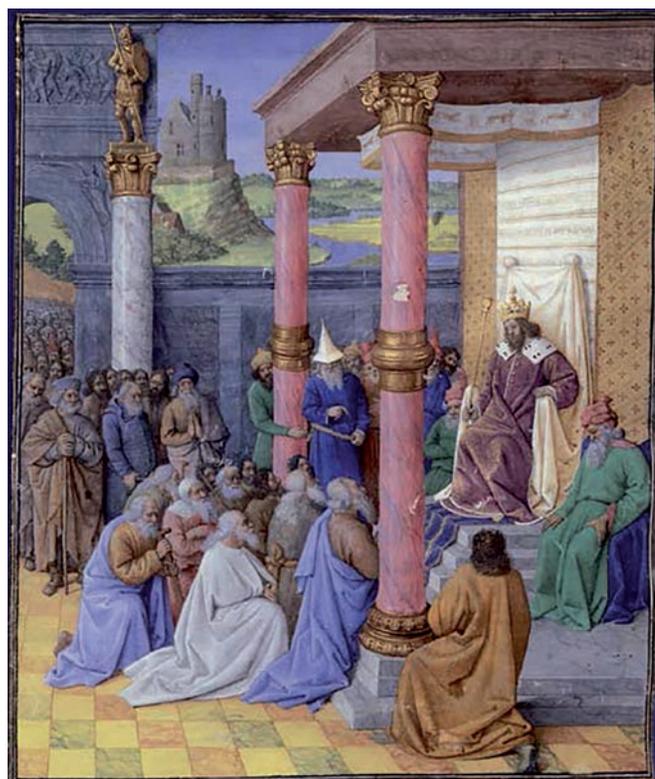
A estrutura política persa era caracterizada pela excessiva centralização do poder nas mãos do imperador, cujo poder era considerado de origem divina. Os mais destacados soberanos persas foram Ciro I (559-529 a.C.), Cambises (529-524 a.C.) e Dario I (521-486 a.C.).

A capital não era fixa, sendo a sede política a cidade onde estava o imperador e sua comitiva. As principais cidades do império foram Susa e Persépolis, que atingiram grande desenvolvimento durante o apogeu do império.

O reinado de Ciro foi marcado pela unificação política do império em virtude da consolidação da dominação sobre os medos. Foi também no reinado de Ciro que teve início o expansionismo imperial com a conquista e domínio da região da Mesopotâmia, em 539 a.C. Dotado de grande habilidade política, o soberano procurou se aliar às elites locais dos povos dominados, respeitando suas particularidades culturais e religiosas, o que trouxe certa estabilidade ao império.

No período em que foi dominada pelos persas, a região mesopotâmica estava sob domínio dos caldeus, que haviam escravizado os hebreus no episódio conhecido como “Cativo Babilônico”. Após dominar a Mesopotâmia, Ciro permitiu o retorno dos judeus à Palestina, onde poderiam reconstruir o Templo de Jerusalém e restaurar suas práticas religiosas. É importante lembrar o respeito que os persas mantinham e a liberdade que concediam para as práticas religiosas e culturais dos povos dominados, desde que estes não lhes oferecessem resistência, pagassem impostos e fornecessem homens para as tropas persas.

Ciro, o Grande, da Pérsia e os hebreus. Iluminura de Jean Fouquet, c. 1470-1475



Wikimedia Foundation

Ciro, o Grande, rei da Pérsia, permite hebreus em cativo na Babilônia para retornar à sua pátria e reconstruir Jerusalém.

Ciro, o Grande, foi sucedido por seu filho Cambises, que estendeu os domínios persas ao nordeste da África ao liderar a conquista do delta do rio Nilo. Com a vitória na batalha de Pelusa, em 525 a.C., garantiu o domínio sobre o Egito. Segundo relatos, Cambises teria levado gatos, animais sagrados na terra dos faraós, para a batalha, o que teria confundido os soldados egípcios e facilitado sua derrota para os invasores. Diferente de seu pai, Cambises tendeu a não ser tolerante com os povos dominados, inaugurando uma fase de autoritarismo em relação aos povos dominados.

O sucessor de Cambises foi também o mais destacado imperador persa: Dario I, que se notabilizou na administração e organização imperial, com a divisão do império em províncias denominadas satrapias, cujo comando caberia aos sátrapas. Esta divisão político-administrativa foi motivada pela necessidade de dar maior eficiência administrativa e facilitar a arrecadação de impostos. É importante lembrar que tal divisão não significou um processo de descentralização ou enfraquecimento do poder imperial, pois os sátrapas estavam diretamente subordinados ao imperador e submetidos a uma intensa fiscalização dos funcionários reais conhecidos como “olhos e ouvidos do rei”.

Em seu reinado, Dario I ordenou a construção de uma rede de estradas que interligavam as diversas regiões do império, cujo objetivo inicial era facilitar o deslocamento das tropas, bem como favorecer o desenvolvimento do comércio interno.

As estradas permitiram ainda o desenvolvimento de um eficiente sistema de comunicações, que permitia que os decretos e ordens reais atingissem com grande agilidade as regiões mais longínquas daquele vasto império.

No tocante à expansão territorial, os persas estenderam seus domínios até a região da Ásia Menor, área de colonização das cidades-Estado gregas. Esta disputa territorial foi o principal motivo das Guerras Médicas ou Greco-Persas (494-449 a.C.), que marcaram o início do declínio persa.

Religião

A religião persa tinha seus fundamentos no livro sagrado chamado *Zend-Avesta*, cuja compilação foi atribuída ao profeta Zoroastro, criador do zoroastrismo ou mazdeísmo. A principal característica dessa religião foi o dualismo, ou seja, a crença na existência da luta incessante entre o bem, cuja principal divindade era Mazda, e o mal, que tinha como destaque o deus Arimã.

O Zoroastrismo pregava o livre-arbítrio, ou seja, a liberdade de escolha dada às pessoas de seguir o caminho do bem ou do mal. Acreditavam ainda na vinda de um Messias (Shaoshiant), que seria gerado por uma virgem; no juízo final e no castigo eterno para aqueles que optassem pelos caminhos do mal, enquanto haveria recompensas para aqueles que seguissem os ensinamentos do bem. De uma maneira geral, os persas não utilizavam imagens para representar suas divindades, sendo o fogo um símbolo religioso.

Cultura

Com exceção da religião, que apresentava traços comuns com o Judaísmo, os persas não foram inovadores em termos culturais, optando por incorporar elementos dos povos dominados, como a moeda criada pelos lídios, a arquitetura dos povos da Mesopotâmia e o calendário solar egípcio. A maior contribuição dos persas foi a difusão dos conhecimentos adquiridos junto a outros povos, culturalmente superiores em vários aspectos.

O Império Persa correspondeu a um dos maiores impérios da Antiguidade formado por um verdadeiro mosaico de povos, marcado pela tolerância religiosa e pelo respeito às tradições dos povos conquistados, elementos importantes na manutenção da unidade do império.



Exercícios de Fixação

01. (UFRGS/2018) Considere as afirmações a seguir, sobre a história das sociedades antigas.

- I. O Egito faraônico caracterizava-se pela estrutura política horizontalizada, pela pouca estratificação social e pela economia centrada na piscicultura devido às cheias do Rio Nilo;
- II. Os fenícios mantiveram uma estrutura social militarizada e terrestre, que permitiu a conquista de outros povos na região do Oriente Médio, culminando com o fim de rotas comerciais marítimas com a Ásia;
- III. A expansão do Império Persa, durante o governo de Dario I, foi marcada pela unificação dos sistemas tributário e monetário, pela implementação de um código jurídico e por uma rede de estradas e de comunicação.

Quais estão corretas?

- A) Apenas I.
- B) Apenas II.
- C) Apenas III.
- D) Apenas II e III.
- E) I, II e III.

02. (URCA/2018.2) “A Caldeia foi a última Civilização a apresentar uma cultura mesopotâmica. Em 539 a. C., outro povo conquistou o vale dos dois rios e, logo depois, todo o Império Caldeu, estabelecendo uma civilização realmente nova. A partir de então, pouco se manteve da cultura anterior, sendo introduzidos muitos elementos culturais oriundos de outros povos. Os conquistados não levaram à frente o interesse pela ciência dos caldeus, nem no desenvolvimento da indústria e do comércio, preferindo a conquista e dominação de outros povos”

Sobre os conquistadores que dominaram o Império Caldeu e outras regiões do Oriente Próximo, assinale a alternativa correta.

- A) Um dos seus grandes governantes foi Sargão I, rei da Acádia que dominou toda a região do Crescente Fértil após dominar a Caldeia.
- B) O Império dos conquistadores era dividido em vinte e uma províncias, cada uma sob o comando de um sátrapa, ou governador civil.
- C) Dentre os povos da Antiguidade Oriental, eles se destacaram principalmente no Direito, legando para a posteridade o Código Deuteronomico.
- D) Hoje, seus descendentes lutam por um lugar na Palestina com o apoio dos Estados Unidos para a formação do estado de Israel.
- E) Eram originários das terras do Nilo e se expandiram para o Oriente por conta das crises geradas pelas prolongadas estiagens que marcam a região.

03. (Fuvest/1999) Na Antiguidade, a Europa mediterrânea e o Oriente Próximo viram o surgimento e o esfalecimento de diversos impérios. Sobre eles, pode-se afirmar que

- A) a unidade política acabou depois de algum tempo por se fazer acompanhar de uma unidade religiosa.
- B) a diversidade racial e cultural enfraquecia-os, apesar da existência de mecanismos que pretendiam estabelecer uma real unidade.
- C) os centros políticos coincidiam sempre com os centros econômicos.
- D) com exceção do Império Romano, todos nasceram de confederações de cidades-estado em constante luta interna.
- E) seus centros dinâmicos localizavam-se nas zonas litorâneas, por terem economias essencialmente mercantis.

04. (UFBA/1993 – Adaptado) Sobre as civilizações da Antiguidade Oriental, é correto afirmar:
- A) Entre os egípcios, embora a prática de mumificar cadáveres tivesse contribuído para o estudo do corpo humano, o respeito que essa civilização tinha pelos mortos proibia a dissecação de cadáveres unicamente para estudos.
 - B) Entre os hebreus, os escribas constituíam-se num grupo social que, aprendendo a ler e a escrever, desempenhou importantes funções religiosas, na conversão de fiéis ao monoteísmo.
 - C) Os persas acreditavam que o bem e o mal viviam em incessante luta até o dia do juízo final, quando todos os homens seriam julgados por suas ações.
 - D) A invenção do alfabeto pela civilização persa esteve ligada à necessidade que seus mercadores tinham de firmar contratos comerciais com povos distantes.
 - E) Hamurabi foi um rei babilônico que se tornou famoso por mandar elaborar o primeiro código jurídico com leis escritas baseadas na isonomia jurídica.

05. (Uece/2017.1) Atente ao seguinte enunciado.

“Dividido em várias satrâpias, controladas pelo sátrapa – um representante do Imperador –, esperava-se, assim, um maior controle das vastas áreas do Império, a adoção de uma moeda comum, assim como um sistema próprio de pesos e medidas deveria uniformizar o comércio na região, apoiado por uma vasta malha de estradas que conectavam as principais cidades.”

Esse enunciado descreve características do Império

- A) Macedônio, que teve seu apogeu no governo de Alexandre, o Grande, e tinha sua capital na cidade de Babilônia.
- B) Romano, que no governo de Adriano estabeleceu suas fronteiras finais que iam da Jordânia até a ilha da Bretanha.
- C) Han, que controlou a China e expandiu suas terras da Indochina até a península da Coreia.
- D) Persa ou Aquemênida que, em seu apogeu, sob o reinado de Dario I, dominou territórios na Ásia, África e Europa.



Exercícios Propostos

01. (IFRS/2017.2) Leia atentamente as afirmativas a seguir, sobre os povos do Oriente Antigo.
- I. As primeiras civilizações mesopotâmicas, como as sumérias e acadianas, ao invés de grandes impérios, formaram um conjunto de cidades-estado autônomas como as de Asur, Uruk, Akad e Lagash, até a centralização imposta por Sargão I;
 - II. Enquanto na Mesopotâmia predominava um teocentrismo baseado na crença de que os governantes encarnavam o papel de deus-vivo, no Egito os governantes eram vistos como humanos, mas que representavam a função de primeiro sacerdote;
 - III. Os governantes persas tinham o hábito de dividir as províncias conquistadas em satrâpias, entregues a funcionários da mais elevada confiança destes, o que provou ser eficiente para a administração de um império de grandes dimensões;
 - IV. O monoteísmo foi uma criação exclusiva dos hebreus, ideia inédita até a adoção de uma autoridade divina (Jeová) única a ser reverenciada, posteriormente copiada pelos egípcios que cultuaram Aton.

Estão corretas apenas:

- A) I e II.
- B) I e III.
- C) II e III.
- D) II e IV.
- E) III e IV.

02. (Uece/2014) Atente para o que é dito sobre a religiosidade nas sociedades do antigo Oriente próximo. Em seguida, assinale com **(V)** as afirmações verdadeiras e com **(F)** as afirmações falsas.
- () Entre os persas, desenvolveu-se uma religião dualista, criada por Zoroastro, em que Aura-Mazda, deus do bem, e Ahriman, deus do mal, lutavam pelo domínio das ações humanas.
 - () Os egípcios acreditavam que, após a morte, a alma seria julgada por Anúbis e iria para o céu ou para o inferno, de acordo com suas ações na Terra.
 - () O faraó Amenófis IV promoveu uma revolução religiosa no Egito, estabelecendo o culto a um só deus, Aton, simbolizado pelo disco solar.
 - () A mumificação garantia a preservação do corpo após a morte, para o eventual retorno da alma após o julgamento no tribunal de Osíris.
 - () Os hebreus evoluíram de um monoteísmo ético para um panteísmo religioso.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

- A) V – V – F – V – F.
- B) F – V – F – F – V.
- C) V – F – V – V – F.
- D) F – F – V – V – V.

03. “O zoroastrismo, masdaísmo, masdeísmo ou parsismo é uma religião fundada na antiga Pérsia pelo profeta Zaratustra, a quem os gregos chamavam de Zoroastro. É considerada como a primeira manifestação de um monoteísmo ético. Para alguns acadêmicos, os pontos-chave das principais doutrinas do Zoroastrismo sobre a escatologia e demonologia, [...] viriam a influenciar o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.”

Disponível em: <<https://www.wikipedia.com>>.

De que maneira a religião persa influenciou religiões importantes do mundo, como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo?

04. Originários do Planalto do Irã, os persas se constituíram em grandes guerreiros, instituindo um dos maiores impérios da Antiguidade. Ao dominar diversos povos, influenciaram suas histórias e própria formação do mundo Ocidental, com influências em aspectos culturais e religiosos.
- A) Por que os Persas tornaram-se grandes militares?
 - B) Explique a decadência do Império Persa.
05. Os persas estabeleceram uma das mais expressivas civilizações da Antiguidade Oriental, em um território localizado entre o golfo Pérsico e o mar Cáspio, região que atualmente corresponde ao Irã. Por volta do século VI a.C., um príncipe chamado Ciro conseguiu a dominação do Reino da Mídia e iniciou a formação de um próspero reinado, que durou cerca de vinte e cinco anos. O habilidoso imperador também conquistou o reino da Lídia, a Fenícia, a Síria, a Palestina, as regiões gregas da Ásia Menor e a Babilônia.
- Assinale a opção correta.
- A) O domínio do império persa sobre os demais povos foi favorecido por alianças com setores das elites das áreas dominadas, o que incluía o respeito a especificidades culturais e religiosas locais.
 - B) A expansão militar persa foi favorecida pelas estradas construídas pelos macedônios nas áreas dominadas, o que concedeu agilidade para as tropas em seus deslocamentos, especialmente na repressão a revoltas.

- C) A expansão militar persa foi favorecida pela aliança com os hebreus, o que permitiu a interferência do Deus laweh nas conquistas de regiões onde as divindades eram menos poderosas.
- D) A unificação de medos e persas foi posterior ao processo de expansão, o que impediu uma estabilidade política duradoura, em razão das disputas políticas entre príncipes medos e persas.
- E) Os persas foram capazes de impor dominação sobre os demais povos da Antiguidade em virtude da superioridade militar resultante da dominação e incorporação de exércitos espartanos.

06. Originários do Planalto do Irã, os persas sobreviveram inicialmente praticando o pastoreio. O crescimento populacional levou a uma pressão demográfica que estimulou como alternativa única ao sustento daquele povo:
- A) O desenvolvimento do comércio marítimo.
- B) As práticas agrícolas no leito do Rio Eurotas.
- C) O expansionismo e as conquistas territoriais.
- D) As trocas econômicas com gregos e romanos.

07. (Enem/2010) A política foi, inicialmente, a arte de impedir as pessoas de se ocuparem do que lhes diz respeito. Posteriormente, passou a ser a arte de compelir as pessoas a decidirem sobre aquilo de que nada entendem.

VALÉRY, P. Cadernos. Apud BENEVIDES, M. V. M. *A cidadania ativa*. São Paulo: Ática, 1996.

Nessa definição, o autor entende que a história da política está dividida em dois momentos principais: um primeiro, marcado pelo autoritarismo excludente, e um segundo, caracterizado por uma democracia incompleta.

Considerando o texto, qual é o elemento comum a esses dois momentos da história política?

- A) A distribuição equilibrada do poder.
- B) O impedimento da participação popular.
- C) O controle das decisões por uma minoria.
- D) A valorização das opiniões mais competentes.
- E) A sistematização dos processos decisórios.
08. (Ufam/2008) Os persas foram, na Antiguidade, um dos povos mais importantes a ocupar a região da Mesopotâmia. Sobre sua história e cultura é possível afirmar que
- A) a vitória de Dario I sobre os gregos marcou o início da ascensão persa no Mediterrâneo, favorecendo a expansão da escrita cuneiforme e dos cultos monoteístas.
- B) desenvolveram uma religião própria, o zoroastrismo, e começaram sua expansão territorial após as conquistas lideradas por Ciro, o Grande.
- C) famosos por suas obras arquitetônicas, os persas construíram na Babilônia as maiores pirâmides da Mesopotâmia, tornando aquela cidade o centro de seu Império.
- D) o declínio do Império Persa foi marcado pela derrota de Xerxes para os assírios na batalha de Susa.
- E) adotando uma religião que opunha, de forma maniqueísta, o bem e o mal, os persas dominaram o comércio mediterrâneo após conquistar o Egito, a Ásia Menor e a Macedônia, sob a liderança de Nabucodonosor.

09. A religião é e sempre foi um importante instrumento de controle social. Por sinal, não há como um poder se manter somente pela força e a religião tem tido importante papel na construção e consolidação de domínios políticos. Atualmente, o Irã é uma república islâmica fundamentalista e ocupa uma região que já serviu de abrigo para um império que tinha na religião um importante fundamento ao poder de seus soberanos.

Assinale a opção correta.

- A) Os persas impunham o zoroastrismo aos povos que dominavam.
- B) Os persas não admitiam práticas religiosas diferentes das suas.
- C) Não havia relação entre cultura e religião no Império Persa.
- D) O Zoroastrismo apresenta elementos comuns ao cristianismo e ao judaísmo.
- E) Não havia intercâmbio religioso entre os povos antigos.
10. (UFC) “Do zoroastrismo ou masdeísmo, os cristãos tiveram em comum a crença na imortalidade da alma e nos demônios; a concepção de vida no além – inferno e paraíso – bem como no purgatório (a casa dos pesos iguais, dos persas); as noções de juízo final (o *chinvál*) e ressurreição; e a doutrina escatológica que admitia a vinda de um Messias (Saoshyant, dos persas), gerado por uma virgem... E a cruz, símbolo do cristianismo, já existia no culto de Mitra, constituindo o emblema do sol nascente”.

BARROS, Ruston Lemos de. *Carne, Moral e Pecado no Século XVI: o Ocidente e a repressão aos “deleites” da volúpia e aos “delitos” por cópula ilícita*. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda, 1995, p. 84-85.

Partindo do texto apresentado anteriormente, podemos afirmar que

- A) a herança cultural se manifesta no surgimento de novas crenças e preceitos religiosos.
- B) mesmo reconhecendo a influência de outras culturas, o cristianismo deve ser reconhecido como uma criação exclusiva da tradição hebraica.
- C) a religião persa tem em comum com o cristianismo uma preocupação ética e a rejeição ao monoteísmo.
- D) a crença na vinda de um Messias sempre se fez presente nas religiões da Antiguidade.
- E) a tradição e as representações, deixadas pelos egípcios ao cristianismo, foram superiores às influências oriundas do zoroastrismo.



Fique de Olho

CIRO II

Ciro II (*Kuruš* em persa antigo), mais conhecido como **Ciro, o Grande**, foi rei da Pérsia entre 559 e 530 a.C., ano em que morreu em batalha com os Massagetas. Pertencente à dinastia dos Aquemênidas, foi sucedido pelo filho, Cambises II. Foi o criador do maior império até então visto na história.

Ciro foi um príncipe persa com ascendência na casa real dos medos, até então o povo dominante do Planalto Iraniano. A versão da história do nascimento de Ciro, segundo Heródoto, consta que o rei medo Astiages, seu avô, teve um sonho em que uma videira crescia das costas de sua filha Mandame, mãe de Ciro, lançando gavinhas que envolviam toda a Ásia. Sacerdotes lhe advertiram que a videira era seu neto, Ciro (cujo nome persa era Kurush), e que ele tomaria o lugar do velho no reino da Média no mundo. Então, o rei medo mandou que seu mordomo que o matasse nas montanhas. O mordomo, chamado Harpago, se comoveu com a beleza da criança e o entregou aos cuidados de um pastor. Ao descobrir a traição, Astiages espartejou o filho de Harpago, e o serviu em um jantar para o mordomo, que apenas soube o que estava comendo quando levaram a última travessa à mesa: a cabeça de seu filho. [Carece de Fontes]

Ciro finalmente se tornaria rei dos persas, até então um povo tributário dos medos. Então, uma rebelião liderada por Harpago derrotou Astiages, que foi levado a Ciro para julgamento.

O rei persa poupou a vida de seu avô, mas marchou para a capital da Média, Ecbátana, e tomou o controle do vasto território medo.

Assim que tomou o controle político de toda a região do atual Irã, Ciro conquistou a Lídia (reino contra o qual os medos contavam havia décadas, sem sucesso) e os territórios a leste da Pérsia até o Turquestão, na Ásia Central.

Após a conquista da Babilônia, Ciro é citado num cilindro dizendo:

“Eu sou Ciro, rei do mundo, grande rei, rei legítimo, rei de Babilônia, rei da Suméria e de Acade, rei das quatro extremidades [da terra], filho de Cambises, grande rei, rei de Anzã, neto de Ciro I, ... descendente de Teíspes ... de uma família [que] sempre [exerceu] a realeza”

Em 539 a.C., Ciro conquistou a Babilônia. Os registros bíblicos informam que Ciro teria recebido uma mensagem divina que o ordenava a enviar de volta à Palestina todos os Judeus cativos naquela cidade. De qualquer forma, foi o autor de famosa declaração que em 537 a.C. autorizava os judeus a regressar à Judeia, pondo fim ao período do Cativo Babilônico. Em uma noite de 5/6 de outubro de 539 a.C., Ciro acampou em volta de Babilônia com seu exército. Enquanto os babilônicos festejavam, engenhosamente Ciro desviava as águas do Rio Eufrates para um lago artificial. Eles puderam atravessar o rio com a água na altura da cintura e entraram sem lutar, visto que os portões estavam abertos.

A Palestina, com posição estratégica nas rotas comerciais do Egito, ficou guarnecida por um povo agradecido ao imperador persa e pronto para defendê-lo. A queda da Babilônia ainda lhe rendeu a lealdade dos Fenícios, cuja habilidade naval era admirada pelo mundo conhecido, e que consistiria na base da marinha persa, anos depois, responsável pelas conquistas na Trácia e as guerras contra os gregos.

Em todas as conquistas, destacou-se por uma generosidade incomum no seu tempo, ao poupar seus inimigos vencidos – ou até empregá-los em cargos administrativos de seu império. Ciro também demonstrou tolerância religiosa ao manter intactas as instituições locais (e até cultuar os deuses de regiões conquistadas, como quando entrou na Babilônia e consagrou-se rei no templo de Marduque). Ciro também procurou manter todos os povos do império sob a administração de líderes locais, de forma que, sob a suserania de um governo forte, muitos daqueles povos se viram em melhor situação sob os persas do que independentes.



Ciro II e os hebreus. Iluminura de Jean Fouquet, c. 1470-1475.

A habilidade política de Ciro, seguida pelos seus sucessores imediatos, assegurou a força e a unidade de uma vasta região, que ia da Anatólia ao Afeganistão, e do Cáucaso à Arábia, composta por uma miríade de povos diferentes, algo que jamais havia sido conseguido na história da humanidade até então.

Wikipédia, a enciclopédia livre.

Seção Videoaula



Civilização Persa

Aula
07

Fenícia e Creta

C-4 H-18, 20

Os cretenses

A civilização cretense se desenvolveu por volta do terceiro milênio a.C., na maior ilha do mar Egeu, construindo-se em uma parte das brilhantes civilizações da Antiguidade. Todavia, grande parte das maravilhas desta civilização não puderam chegar até nós, em virtude principalmente da escassez de documentos escritos acerca deste povo. A maior parte do conhecimento sobre os cretenses vem de relatos de origem grega, bem como de resquícios arqueológicos, como ruínas de palácios, templos e estátuas, bem como restos de cerâmicas, vasos e outros objetos analisados pelos arqueólogos na região.

Os mais fascinantes relatos sobre a civilização cretense ou minoica vêm de lendas de gregos primitivos, que inclusive teriam recebido grande influência cultural dos povos desta ilha, especialmente os primeiros povoadores da Península Balcânica.



Um destes relatos mais conhecidos é a lenda do Minotauro, um ser que tinha corpo de homem e cabeça de touro, que habitava o labirinto de Cnossos, a quem os gregos deviam servir, enviando comidas, riquezas e belas jovens. Ainda segundo o relato, ninguém conseguia sair do labirinto, até que um jovem ateniense chamado Teseu teria conseguido derrotá-lo, libertando os gregos de sua opressão.



Foto: Coleção particular/The Bridgeman Art Library/Grupo Keystone

Estudiosos afirmam que a lenda procura relatar de maneira fantástica a destruição de Cnossos, principal cidade cretense, pelos aqueus, oriundos da Grécia, por volta de 1400 a.C., quando a civilização cretense tinha atingido o máximo de seu esplendor, com o rei Minos.

A ocupação da ilha se deu provavelmente por povos arianos procedentes da Ásia Menor. Alguns historiadores acreditam na hipótese de que fossem descendentes de povos mediterrâneos, por serem baixos e morenos.

Atividades econômicas

Os povos cretenses na Antiguidade cultivavam diversos tipos de cereais, vinhas e oliveiras, além de possuir grande habilidade no trabalho com metais e cerâmica. Estes e outros produtos de cerâmica e bronze eram comercializados em todo o Mediterrâneo Oriental.

Os cretenses são apontados por vários estudiosos como fundadores do primeiro império marítimo da Antiguidade, sendo responsáveis pela construção de grandes navios que chegavam a medir até 20 metros de comprimento.

Durante alguns séculos entre o terceiro e o segundo milênio a.C., os mercadores cretenses comercializavam vasos com azeite e vinho, artigos de bronze e estofos, consumindo minérios, marfim e perfume. Neste período, chegaram a conquistar o monopólio do comércio no Egeu quando faraós lhes concederam exclusividade no transporte de cedro do Líbano para o Egito. Obtinham rendimentos e trocavam produtos ou pagavam com discos ou placas de bronze que chegavam a pesar até 30 quilos.

Religião e cultura

A principal divindade cultuada na ilha de Creta era a Deusa Mãe ou Grande Mãe, a protetora da terra e da fertilidade, representada por uma mulher com os seios aparecendo e segurando uma pomba e uma serpente. Os cultos eram conduzidos por sacerdotisas e eram frequentes as práticas de sacrifícios e libações.



Classic Image/Alamy/Glow Images

Nas festas religiosas eram realizados torneios, além de danças e acrobacias realizadas sobre animais como touros e cavalos.

Um outro aspecto importante a ser destacado é o papel da mulher nesta sociedade, já que possuía relativa interferência no cotidiano, o que não ocorria na esmagadora maioria das outras civilizações da Antiguidade.

Decadência

A decadência da civilização persa está relacionada à violenta invasão dórica ao sul da Península Balcânica e à destruição da civilização Creto-Micênica, o que motivou ainda a chamada Primeira Diáspora Grega.

Os fenícios

Introdução

O termo “Fenícia” deriva do grego *Phoenix* e se refere a um conjunto de cidades-Estado localizadas no litoral mediterrâneo com os quais praticavam intenso comércio e de onde vinha um corante natural chamado púrpura.

Aspectos geográficos

A civilização fenícia se desenvolveu ao norte da Palestina, em uma estreita faixa de terra localizada entre as montanhas do Líbano e o mar Mediterrâneo. Na região, a aridez do solo impedia o amplo desenvolvimento de atividades agrícolas. Ali eram abundantes produtos de alto valor comercial: um tipo de madeira – o cedro, e um molusco chamado *murex*, do qual se extraía um corante natural, chamado púrpura, utilizado para tingir tecidos.



Estrutura econômica e social

A localização litorânea privilegiada e a abundância de produtos de alto valor comercial estimularam os fenícios a desenvolver o comércio marítimo como principal atividade econômica. Navegando pela costa do mar Mediterrâneo, os fenícios estabeleceram relações comerciais com diversos povos, tanto na Europa, como na Ásia e na África, continentes onde fundaram várias colônias e feitorias, com destaque para Cartago, que se tornou importante centro comercial no norte do continente africano.

O resultado foi o desenvolvimento de uma classe de comerciantes rica e próspera, que controlava o poder político e econômico das cidades.

Organização política

A civilização fenícia não conheceu unidade política, sendo constituída por cidades-Estado autônomas e independentes, como Biblos, Sídon e Tiro, apesar de traços econômicos, sociais e culturais comuns. Essas cidades eram governadas por uma aristocracia comercial, caracterizando a talassocracia. A tradução literal do termo é "império do mar", ou seja, o controle do poder político era exercido pelos comerciantes.

Religião

A religião dos fenícios era politeísta e animista, ou seja, cultuavam elementos naturais, como a montanha, o mar e elementos animais e vegetais. As principais divindades eram Baal e Astarteia e eram comuns cerimônias nas quais eram realizados sacrifícios humanos.

Cultura

Considerados os maiores navegadores da Antiguidade, os fenícios desenvolveram técnicas de navegação eficientes e utilizavam os astros para orientação em suas viagens.

Alfabeto Fenício



Ao realizar comércio com diversos povos de diferentes regiões e idiomas, os fenícios sentiram a necessidade de facilitar a comunicação para favorecer suas atividades mercantis, o que os levou a criar símbolos que representavam sons, originando o alfabeto fonético. O alfabeto fenício era composto apenas por consoantes, sendo posteriormente incorporado pelos gregos, que adicionaram as vogais.



Exercícios de Fixação

01. (UVA/2019.1) A civilização fenícia localizava-se, geograficamente, onde hoje é o atual Líbano. Biblos, Tiro e Sidon eram as principais cidades-estado, independentes entre si, sendo chefiadas por uma elite mercantil e proprietária de embarcações. O regime de governo dos Fenícios era chamado
- A) democracia.
 - B) monarquia.
 - C) talassocracia.
 - D) teocracia.

02. (UEG/2018.2) Leia o texto a seguir.

Uma das mais importantes contribuições dos fenícios ao legado cultural do Oriente Próximo foi o alfabeto [...]. O alfabeto fenício, composto por 22 letras, todas consonantais, difundiu-se por todo o Mediterrâneo, influenciando o alfabeto grego, do qual derivam o latino e quase todos os alfabetos atuais (árabe, hebraico e outros).

AQUINO, R. S. L.; FRANCO, D. A.; LOPES, O. G. P. C. História das sociedades. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1980. p. 127.

A criação do alfabeto fenício representou um considerável avanço quanto à simplificação da comunicação escrita, tendo sido desenvolvido inicialmente para

- A) facilitar o registro das atividades comerciais realizadas pelos fenícios.
 - B) ajudar na propagação da religião animista praticada na Fenícia.
 - C) contribuir com a diplomacia na instável região do Mar Mediterrâneo.
 - D) passar mensagens em código durante os períodos de guerra.
 - E) difundir a escrita entre as classes menos favorecidas e os escravos.
03. (UFPB/2006) Sobre os povos da Antiguidade Oriental, é correto afirmar:
- A) A agricultura foi o principal fator de enriquecimento e desenvolvimento dos hebreus, devido ao aproveitamento das águas através de complexos e amplos sistemas de irrigação.
 - B) A religião constituiu a principal herança deixada pelos egípcios, de onde provém o monoteísmo judaico.
 - C) O comércio marítimo marcou a presença histórica dos fenícios, que estabeleceram contatos com diversos povos, ao longo da costa do Mar Mediterrâneo.
 - D) A guerra de conquista foi a principal característica dos sumérios, povo que construiu um império que se estendia do Egito às fronteiras da Índia.
 - E) A escrita cuneiforme, uma das mais importantes formas de registro escrito, produzida em blocos de argila, foi a principal contribuição dos persas, povo que habitou a Mesopotâmia.

04. (UFPEL/2006) No esquema a seguir, os algarismos I, II, III e IV correspondem às civilizações da Antiguidade

Civilizações	Localização	Base econômica	Organização político-administrativa	Religião
I	Nordeste da África	Predominância da agricultura	Monarquia teocrática	Predominância do politeísmo antropozoomórfico
II	Atual Líbano	Comércio	Talassocracia	Politeísmo
III	da Ásia Menos à Ásia Central	Agricultura e comércio	Divisão do Império em satrapias	Zoroastrismo
IV	Atual Israel	Pastoril e agrária	Governo dos patriarcas, juízes e reis, sucessivamente	Monoteísmo

Assinale a alternativa que denomina corretamente as civilizações indicadas, respectivamente, por I, II, III e IV.

- A) Fenícia, Hebraica, Egípcia e Persa.
 B) Egípcia, Fenícia, Persa e Hebraica.
 C) Persa, Fenícia, Hebraica e Egípcia.
 D) Egípcia, Persa, Fenícia e Hebraica.
 E) Hebraica, Egípcia, Fenícia e Persa.
05. (FGV/2001) Das alternativas a seguir, a que melhor caracteriza a sociedade fenícia é:
- A) A existência de um Estado centralizado e o monoteísmo.
 B) O monoteísmo e a agricultura.
 C) O comércio e o politeísmo.
 D) As Cidades-Estado e o monoteísmo.
 E) A agricultura e a forma de Estado centralizado.



Exercícios Propostos

01. (PUC-SP/2017) "Após chegarem, descarregam as mercadorias, dispendo-as em ordem na praia, e depois voltam às suas embarcações e fazem sinais de fumaça. Os nativos veem a fumaça e, aproximando-se do mar, colocam ao lado das mercadorias o ouro que oferecem em troca, retirando-se a seguir. Os fenícios retornam e examinam o que os nativos deixaram. Se julgarem que a quantidade do ouro corresponde ao valor das mercadorias, tomam-no e partem, do contrário regressam aos navios e aguardam."

Heródoto. História. Brasília: UnB, 1988, p. 274. Adaptado.

A partir do texto de Heródoto (século V a.C.) e de seus conhecimentos, é correto afirmar que a atividade dos fenícios

- A) dependia do aparato militar que acompanhava os comerciantes e impedia a realização de saques e ataques de piratas.
 B) consistia prioritariamente no comércio, realizado através dos mares e, especialmente, na região mediterrânea.
 C) permitiu o desenvolvimento de poderosa indústria náutica, depois utilizada para derrotar os romanos nas Guerras Púnicas.
 D) contribuiu decisivamente para a vitória de Esparta na Guerra do Peloponeso, ao garantir o abastecimento da cidade grega.
02. (URCA/2011.2) Sobre as sociedades antigas que se desenvolveram na região conhecida no passado como Crescente Fértil, associe corretamente as colunas a seguir escolha a alternativa que contém a sequência correta:
- (1) Egípcia
 (2) Mesopotâmica
 (3) Fenícia
 (4) Hebraica
 (5) Persa
- () A organização político-administrativa sob o domínio dos sumérios deu-se em torno de várias cidades-estados que viviam em guerra disputando o controle central do território.
 () Inicialmente se organizaram em clãs pastoris seminômades, dedicando-se à criação de gado e à agricultura, sob a liderança dos patriarcas.
 () Desempenharam importante papel no comércio do Mediterrâneo estabelecendo feitorias e colônias que eram usadas como entrepostos comerciais.
 () Com a conquista de todo o Oriente Médio fundaram um vasto Império que foi dividido em regiões administrativas chamadas satrapias sob o controle dos sátrapas.
 () Inicialmente a necessidade de irrigação levou à unificação regional de várias tribos independentes formando os nomos que eram governados por chefes locais, conhecidos como nomarcas.
- A) 2 – 4 – 5 – 3 – 1
 B) 2 – 4 – 3 – 5 – 1
 C) 2 – 3 – 5 – 4 – 1
 D) 5 – 4 – 3 – 2 – 1
 E) 5 – 2 – 3 – 4 – 1

03. (UFRS/1996) Em relação aos povos da Antiguidade, é correto afirmar que os
- assírios foram submetidos por Nabucodonosor, originando o episódio conhecido como o Cativo da Babilônia.
 - persas foram os criadores do alfabeto, posteriormente aperfeiçoado pelos gregos e latinos.
 - hebreus criaram um quadro religioso caracterizado pelo politeísmo e a mumificação.
 - egípcios estabeleceram, em 300 a.C., o importante Código de Hamurabi, um dos primeiros códigos jurídicos escritos.
 - persas, após derrotarem as tropas de Alexandre, conseguiram anexar o território grego ao seu império.
04. Entre os povos e civilizações que se desenvolveram na Antiguidade, já era comum e extremamente valorizado o uso de joias, especialmente em grupos sociais mais abastados. Os adornos e suas evidências de usos estão presentes em diversas relíquias e produções de estudos sobre estes povos, especialmente egípcios, hebreus, persas macedônios, gregos e romanos. Isto fez com que o comércio de joias se constituísse como uma importante atividade econômica desde os primórdios das civilizações. Neste sentido, merecem destaque as pérolas, amplamente comercializadas e distribuídas por navegadores fenícios em toda a costa mediterrânea.
- Por que os fenícios interessavam-se por pérolas?
 - Por que o alfabeto foi importante para os fenícios?
05. (UFPI/2000) A respeito da sociedade fenícia, podemos afirmar corretamente que
- a Fenícia desconhecia centralização do poder, pois era formada por cidades-estados que tinham ampla autonomia política, econômica, religiosa e administrativa.
 - a independência política das cidades-Estado fenícias foi possível, durante séculos, pelas alianças estabelecidas com os romanos que, por sua vez, faziam frente à expansão persa.
 - os extensos vales situados entre as montanhas e o mediterrâneo possibilitaram o grande desenvolvimento da agricultura e do pastoreio e, conseqüentemente, do comércio.
 - de todas as criações fenícias, a mais importante foi a caravela, posteriormente aperfeiçoada pelos gregos.
 - a grande e original contribuição dos fenícios para a história da civilização foi a introdução das vogais no alfabeto criado pelos gregos e romanos, o que veio tornar a comunicação mais fácil e rápida.
06. (PUC-PR/2006) Algumas civilizações da Idade Antiga, embora brilhantes, não formaram estados unificados, ou seja, sempre foram politicamente fragmentadas, mostrando o predomínio periódico de algumas cidades. São exemplos desse enunciado as civilizações
- persa e egípcia.
 - romana e hebraica.
 - sumeriana e romana.
 - acadiana e persa.
 - grega e fenícia.
07. (UTFPR/2007) Dentre os povos da Antiguidade Oriental, um se destacou como de exímios navegadores e excelentes comerciantes. Eram os fenícios, cuja principal contribuição legada às civilizações posteriores foi o(a)
- alfabeto fonético.
 - organização estatal centralizada.
 - formação de um exército e de uma marinha de guerra profissionais.
 - religião monoteísta.
 - organização política democrática.
08. (Fatec/2005.2) Sabe-se que as mulheres cretenses desfrutaram de direitos e obrigações quase desconhecidos em outras regiões na Antiguidade. Sobre elas, afirma-se que
- possuíram uma importância que transparecia na religião, uma vez que a sua principal divindade era uma deusa, a Grande-Mãe;
 - apesar de todos os direitos, elas estavam proibidas de participar das cerimônias religiosas e das grandes festas;
 - muitas delas eram caçadoras, pugilistas, fiandeiras, sacerdotisas e até toureiras.
- Dessas afirmações, está(ão) correta(s) apenas
- I
 - II
 - I e II
 - I e III
 - II e III
09. O termo "fenícios" deriva do grego *Phoenix*, e referia-se a uma região composta por cidades autônomas, que ocupavam a região onde hoje se encontra o Líbano, destacaram-se como grandes comerciantes marítimos. Assinale a opção que apresenta o mais importante legado deixado pelos fenícios para as civilizações posteriores.
- A criação de técnicas agrícolas eficientes para o plantio em regiões áridas.
 - Utilização de carros com roda nos transportes das madeiras até os navios.
 - Desenvolvimento de um modelo político democrático.
 - Invenção de um alfabeto fonético, que depois foi aperfeiçoado pelos gregos.
 - Desenvolvimento de uma arquitetura que desenvolveu a canalização de água.
10. A civilização fenícia se destacou como sendo formada por povos que, assim como foi comum na maioria das civilizações da Antiguidade, desenvolveram práticas agrícolas nos primórdios de sua constituição como grupos sedentários, ocupando a faixa litorânea atualmente pertencente ao Líbano. Com relação aos fenícios na Antiguidade, podemos afirmar, exceto:
- Economia baseada no comércio marítimo.
 - Invenção do alfabeto fonético.
 - Estrutura política constituída por cidades-estado.
 - Fundação de colônias no litoral mediterrâneo.
 - Religião monoteísta, influenciada pelo judaísmo.



Fique de Olho



Foto: Coleção particular/
The Bridgeman Art Library/Grupo Keystone

Segundo a mitologia grega, o Labirinto de Creta foi construído pelo brilhante arquiteto e artesão Dédalo, a pedido do Rei Minos, para prender o Minotauro, personagem mitológico com corpo humano e cabeça de touro. Acredita-se que a lenda sobre a existência do labirinto tenha surgido a partir do Palácio de Cnossos, cuja complexidade da arquitetura, que incluía inclusive um sistema de esgoto, relaciona-se à complexidade do labirinto. As ruínas do Palácio de Cnossos são, até hoje, atração da ilha de Creta, na Grécia.

Duas lendas gregas têm relação com o Labirinto de Creta: a do Minotauro e a de Dédalo, arquiteto que teria construído o labirinto, e seu filho Ícaro. Ambas as lendas têm como antagonista o Rei Minos da Ilha de Creta, que segundo a mitologia grega, era filho de Zeus.

O deus Poseidon presenteou o Rei Minos com um belíssimo touro branco, com o objetivo que Minos sacrificasse o animal em sua homenagem. Mas a beleza do touro fascinou o rei, que sacrificou outro touro no lugar do belo animal que Poseidon havia lhe dado. Poseidon, furioso pela tentativa de Minos de lhe enganar, fez com que Pasífae, esposa de Minos, se apaixonasse pelo touro branco, sendo que da união do touro com Pasífae, nasceu o Minotauro. Sem outra opção, e não podendo matar o “filho” de sua esposa, Minos pediu a Dédalo que construísse um labirinto para onde pudesse enviar o Minotauro com a certeza que o mesmo não escaparia. Dédalo construiu o Labirinto de Creta.

A outra lenda grega que faz referência ao Labirinto de Creta é a de Dédalo e seu filho Ícaro. O desfecho da história do Minotauro, morto por Teseu, herói que conseguiu superar o complexo Labirinto de Creta, saindo vivo dele, levou o rei Minos a prender Dédalo e Ícaro no labirinto. Minos temia que o arquiteto revelasse os segredos da construção do labirinto. No entanto, Dédalo, em sua genialidade, teve a ideia de fugir do labirinto pelo céu, pois o mesmo não tinha teto. Para tanto, os prisioneiros construíram asas artificiais com as penas dos pássaros que voavam sobre o labirinto e que nele faziam seus ninhos, coladas com cera das abelhas que os mesmos recolhiam. O único perigo, segundo Dédalo alertara a seu filho, seria a cera derreter, caso a altitude do voo fosse maior, portanto mais próxima do Sol. Ícaro, encantado com a experiência de voar, não atendeu as recomendações do pai, e voou em uma altitude superior. Suas asas derreteram e Ícaro caiu no mar, para o desespero de Dédalo, que chorou a morte do filho por toda sua vida.

SCHNEIDER, Pe. Roque. *A fascinante Grécia: seus Jogos Olímpicos, seus heróis e sua mitologia*. São Paulo: Loyola, 2004.

Segundo a mitologia, Deucalion se salvou das águas que haviam coberto a Terra – em uma narrativa que lembra o Dilúvio do Antigo Testamento – e se fixou na região da Tessália, de onde iniciou um novo repovoamento do mundo.

O território da Grécia Antiga era composto pelas partes continental, peninsular e insular. O relevo da península Balcânica era montanhoso e irregular, o que prejudicava a prática de atividades agrícolas e dificultava a unidade política e a integração entre as diversas regiões e cidades. Desta forma, o mar era o principal caminho para o intercâmbio econômico e comercial entre as diversas regiões e cidades que compunham o mundo grego.

O litoral grego era banhado pelos mares Mediterrâneo, Egeu e Jônio. Ali existiam diversos acidentes geográficos como baías, cabos e uma infinidade de ilhas, dentre as quais destacamos Creta, Delos, Patmos e Rodes.

Tradicionalmente, divide-se o estudo da história grega nos seguintes períodos:

Pré-homérico ou micênico; homérico ou tempos heroicos; arcaico; clássico e helenístico.

Processo de ocupação da Grécia

O povoamento da Grécia teve início por volta do século XX a.C., com a ocupação da região pelos pelasgos, como ficaram conhecidos os povos gregos primitivos. Esses povos sofreram uma forte influência da civilização cretense ou minoica, que ocupava Creta, a maior ilha do mar Egeu, situada ao sul da península Balcânica. Essa hegemonia teve origem no domínio comercial exercido por Creta no mar Egeu, que levou esse povo a estender seu domínio à Grécia continental.

Por volta do século XVII a.C., povos de origem indo-europeia começaram a migrar para a península Balcânica, onde foram se estabelecendo. Os primeiros foram os aqueus, que fundaram a cidade de Micenas. Esses povos invadiram Creta por volta do século XV a.C., de quem receberam forte influência cultural, formando a civilização creto-micênica. De Creta, os aqueus ou micênicos estenderam sua dominação a Rodes e Chipre.

Entre os séculos XVI e XIV a.C., outros povos indo-europeus também migraram para a Grécia, com destaque para eólios e jônios, que se fixaram na região da Ática. No século XIII a.C. foi a vez dos dórios, povo guerreiro que atacou o sul da Hélade, invadindo Micenas, acabando com sua hegemonia e destruindo a civilização creto-micênica. A violenta invasão dórica provocou, ainda, grandes deslocamentos populacionais de grupos humanos que fugiam de sua dominação em direção às diversas ilhas do mar Egeu e do litoral da Ásia Menor, por onde dispersaram-se. Esse processo é chamado de Primeira Diáspora Grega, e levou ao povoamento e ocupação das regiões citadas.

Seção Videoaula



Civilização Fenícia

Aulas
08 e 09

Civilização Grega

C-2	H-7
C-5	H-24

Introdução

Uma das civilizações que lançou as bases da cultura ocidental, a Grécia Antiga exerce, desde a Antiguidade, elevada influência no mundo ocidental. Lá surgiram e se desenvolveram, espalhando-se para o mundo a Filosofia, o teatro, a democracia e o humanismo, além de importantes contribuições para a ciência moderna, a Matemática e a Arquitetura.

A civilização grega se desenvolveu na península Balcânica ou Hélade, como era chamada pelos seus habitantes. O termo Hélade é uma referência mitológica ao fato do povoamento da região ter sido efetivado por povos descendentes de Heleno, que era filho do herói Deucalion e neto do deus Prometeu.

Colonização Grega e Fenícia



Essa fase da história grega, que vai da ocupação da península Balcânica à Primeira Diáspora, passando pela formação da cultura creto-micênica é conhecida como período Pré-Homérico.

Período Homérico ou tempos heroicos



A principal fonte de estudo e conhecimento sobre a realidade vivenciada pelos povos nessa fase da história grega são as obras *Ilíada* e *Odisséia*, de autoria atribuída a Homero, que é homenageado ao dar nome a esse período. As obras trazem lendas e relatos orais e revelam aspectos econômicos, familiares e culturais do período. *A Ilíada* narra a Guerra de Troia, chamada pelos gregos de *Ilion*, na qual os deuses estiveram diretamente envolvidos, ora beneficiando os gregos, ora os troianos. A guerra teve origem quando o príncipe troiano Páris sequestrou Helena, esposa de Menelau, que era rei de Esparta.

A *Odisséia* também tem como pano de fundo a Guerra de Troia, mas enfoca a participação do herói Ulisses, rei de Ítaca, sua longa viagem e as aventuras que viveu em terras longínquas e desconhecidas antes de voltar para casa, onde era aguardado por sua amada Penélope. Ao longo dessa espera, chegou-se a acreditar que Ulisses não mais voltaria, levando vários pretendentes a tentar desposar Penélope. Esta prometeu que teceria uma manta e quando a concluísse poderia casar-se novamente. Assim, para ganhar tempo, de dia tecia e à noite desmanchava o que tinha feito.

No Período Homérico, os *genos* ou comunidades gentílicas se constituíram como forma de organização predominante. Os *genos* eram formados por membros de uma família sob comando de um patriarca, a maior autoridade, que também exercia uma liderança religiosa e militar. É importante frisar que quanto mais próximos ao *pater*, maior era a importância dos indivíduos na sociedade. O trabalho era coletivo e a produção, as terras e os rebanhos pertenciam à comunidade.

Em meados do século VIII a.C., iniciou-se o processo de desintegração dos *genos*, mais intenso em algumas regiões e mais lentamente em outras. Os principais motivos foram o crescimento populacional e a insuficiência de recursos para abastecer as necessidades alimentares e econômicas desta população crescente.

O resultado foi a desintegração das comunidades gentílicas em virtude das guerras entre os *genos* e as próprias famílias, que inclusive levaram à formação de contingentes de escravos e servos, constituídos pelos derrotados nas guerras que eram reduzidos a essa condição. Outro fator de desintegração dos *genos* foi a formação de áreas onde a propriedade era privada, quando grupos ou indivíduos mais fortes tomavam para si o controle de terras e rebanhos. É importante observar que tais fatos provocaram o fim da igualdade social existente na medida em que provocaram a diferenciação social entre homens livres e servos, proprietários e não proprietários, levando à formação de classes sociais.

Os conflitos e crises do período, bem como a escassez de terras férteis em virtude do crescimento demográfico, estimularam diversos grupos humanos a emigrar da península Balcânica, especialmente em direção ao litoral externo dos mares Jônio e Egeu. O resultado foi a colonização grega em regiões mais distantes, banhadas por esses mares, como o sul da península Itálica – a Magna Grécia no mar Jônio, e o litoral asiático do mar Egeu, região da Ásia Menor. Esse processo de expansão grega é comumente chamado de Segunda Diáspora.

Período Arcaico

O processo de desintegração das comunidades gentílicas levou à criação de uma nova forma de organização política: a pólis ou cidade-Estado. Estas se caracterizavam, de uma maneira geral, pela existência de propriedade privada, diferenciação de classes, trabalho escravo e/ou servidão, leis escritas, governo e Estado.

As cidades-Estado gregas eram autônomas e independentes, não chegando a formar um Estado unificado, apesar de algumas tentativas, e tinham sistemas de governo próprios, com destaque para regimes oligárquicos, monárquicos e democráticos. Apesar de terem existido aproximadamente uma centena de cidades-Estado na Grécia Antiga, vamos nos remeter à análise das duas mais importantes, que exerceram maior influência e ocuparam espaços hegemônicos: Esparta e Atenas.

Esparta



O hoplita era o principal soldado grego da Antiguidade. Sua armadura era composta de elmo, couraça (peito de armas), escudo e grevas. Carregava uma longa lança ou pique e espada.

A cidade de Esparta ou Lacedemônia localizava-se na região da Lacônia, às margens do rio Eurotas, na península do Peloponeso. Fundada pelos dórios, que haviam invadido a região, por volta do século IX a.C., Esparta localizava-se em uma planície fértil, protegida por um vale de montanhas, o que contribuiu para o seu isolamento em relação às outras cidades gregas e lhe servia de proteção natural.

Inicialmente, as tribos dóricas que formaram Esparta conquistaram a região da Messênia, por volta do século VIII a.C., submetendo seus habitantes a um regime de servidão. Entretanto, estes não aceitaram a dominação dórica e promoveram revoltas que obrigaram os dominadores a viverem em permanente organização militar para reprimi-los e preservar seu controle sobre a região. A diferenciação social levou à formação de uma estrutura de classes composta por três diferentes níveis: espartanos ou esparciatas, periecos e hilotas.

Os espartanos ou esparciatas descendiam dos dórios e se constituíam na classe dominante, cidadãos que controlavam a política, o Estado e as terras. Para garantir seu *status quo* submetiam-se a uma rígida educação militarista, cuja instituição é atribuída ao legislador Licurgo. Ainda crianças, os cidadãos de ambos os sexos eram entregues à tutela do Estado, que se encarregaria de sua educação. Aprendiam noções básicas de leitura, escrita e contas até por volta dos 12 anos, quando separavam-se meninos e meninas. Os primeiros seriam preparados para se desenvolver fisicamente e as segundas

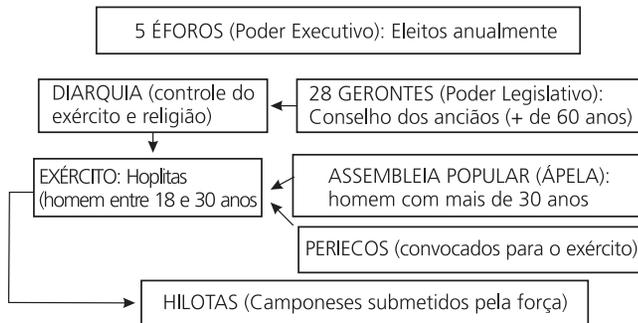
seriam criadas de maneira saudável, para gerar filhos saudáveis para o exército espartano. Os jovens receberiam toda a instrução e treinamento militar até os 18 anos, quando tornavam-se membros do exército como soldados – hoplitas. Aos trinta anos poderiam casar e participar das decisões políticas, mas sem se desligar do exército, o que só poderia ocorrer quando completassem 60 anos.

A educação espartana, que recebia o nome de *agogê*, era controlada pelo Estado e obrigatória aos cidadãos. Estava orientada para a intervenção na guerra e à manutenção da segurança da cidade, sendo particularmente valorizada a preparação física, que visava fazer dos jovens bons soldados e inculzir um sentimento patriótico. Nesse treinamento educacional eram muito importantes os treinamentos físicos, como salto, corrida, natação, lançamento de disco e dardo. A rígida educação militarista dos cidadãos espartanos era vista como fundamental para proteger suas terras férteis de invasores estrangeiros e preservar sua dominação sobre periecos e hilotas. Desta forma, a educação militarista visava à formação de indivíduos que pudessem ser úteis ao Estado, conseqüentemente, crianças que apresentassem anomalias ou deficiências físicas ou mentais seriam executadas.

Os periecos habitavam a periferia de Esparta e descendiam dos povos que se submeteram pacificamente e aceitaram a dominação dos dórios, e por isso gozavam de certa liberdade, podendo praticar atividades comerciais e artesanais, de onde tiravam seu sustento. Não possuíam direitos políticos e, em casos extremos, eram convocados a lutar.

Os hilotas descendiam dos povos que ofereceram resistência à dominação dórica, especialmente os messênios, que foram submetidos a um regime de dominação e exploração por parte dos cidadãos espartanos. Majoritários, pertenciam ao Estado a quem deviam trabalho, estando presos à terra que deviam cultivar. Não possuíam direitos civis ou políticos e viviam de forma miserável, sendo violentamente reprimidos em caso de revolta.

A principal atividade econômica de Esparta era a agricultura, as terras e rebanhos pertenciam ao Estado e toda a produção resultava da exploração do trabalho dos hilotas. Havia ainda pequenas atividades comerciais e artesanais locais, praticadas especialmente por periecos, mas que não chegavam a superar em importância a agricultura, bem como não permitiam o enriquecimento dos que praticavam essas atividades.



VICENTINO, Cláudio – *História Geral*. São Paulo: Scipione, 1997. Adaptado.

A política espartana era exercida exclusivamente pelos cidadãos, tendo, portanto, um caráter oligárquico. A constituição da estrutura política foi atribuída ao legislador Licurgo, sendo composta pelos seguintes órgãos:

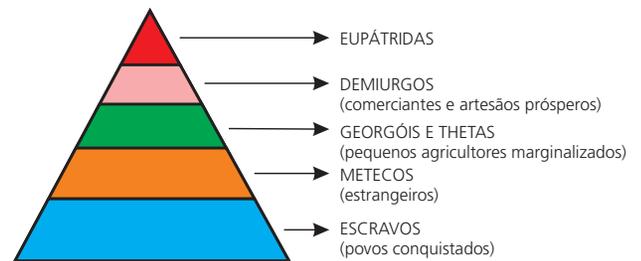
- **Diarquia:** Era formada por dois reis com função religiosa e militar (Poder Simbólico).
- **Gerúsia:** Representava o Poder Legislativo, era formado pelos mais velhos (Conselho dos Anciãos).
- **Ápela:** Formada pelos cidadãos com a função de votar as leis e os membros da Gerúsia.
- **Éforos:** Em número de cinco, exerciam o poder de fato, controlavam e vigiavam a vida dos cidadãos.

Atenas

A cidade de Atenas foi fundada pelos jônios, na região da Ática, próxima ao litoral (*Parália*) e cercada por montanhas (*Diácria*), com uma paisagem composta por pequenas planícies férteis (*Pédiun*). Nas planícies férteis praticava-se a agricultura, todavia a proximidade do litoral estimulou o desenvolvimento do comércio marítimo, que contribuiu para transformar a cidade em uma potência naval.

A estrutura social ateniense era dividida em cidadãos, metecos e escravos. Eram escravos os prisioneiros de guerra e aqueles que não conseguiam pagar suas dívidas. Não possuíam direitos civis ou políticos e se constituíam na base da produção econômica ateniense, atuando em diversas atividades. Os metecos correspondiam aos estrangeiros e descendentes de estrangeiros, geralmente comerciantes, que podiam enriquecer, mas que não possuíam direitos políticos.

Os cidadãos ou “bem-nascidos” controlavam o poder político e as instituições atenienses. Somente eram considerados cidadãos os homens adultos, nascidos em Atenas e descendentes de atenienses, excluindo-se das decisões políticas e órgãos administrativos mulheres, menores, estrangeiros e seus descendentes, além dos escravos. Havia uma subdivisão censitária dos cidadãos:



- **Eupátridas** – controlavam as maiores e melhores terras.
- **Georgóis** – pequenos proprietários de terras ou arrendatários de terras dos eupátridas.
- **Thetas** – não possuíam terras ou rebanhos, vivendo de forma miserável e marginalizados por sua condição econômica.
- **Demiurgos** – comerciantes e artesãos que enriqueceram com a expansão comercial ateniense.

Evolução Política

Assim como a maioria das cidades gregas, inicialmente Atenas adotou um regime monárquico, cujo rei tinha ligação direta com os grandes proprietários e recebia o título de basileu. Neste período, constituiu-se um governo aristocrático controlado pelos eupátridas, que se autointitulavam “*aristoi*” (melhores). Com o fortalecimento da aristocracia eupátrida, o basileu começou a perder poder, especialmente com a instituição do Arcontado, órgão formado por nove magistrados, eleitos anualmente pelo Areópago, composto pela nobreza eupátrida, com a função de eleger e regular a função dos arcontes, já que detinha o poder legislativo. Havia ainda a Eclésia, a assembleia popular mais importante, composta pelos cidadãos encarregados de votar as propostas do Areópago.

O desenvolvimento do comércio e o movimento de colonização grega, estimulado pelas lutas sociais internas, e que levou à formação de vários entrepostos coloniais que permitiam a ampliação da atividade mercantil permitiram a prosperidade que enriqueceu a classe média dos artesãos e comerciantes – Demiurgos – e o aumento do número de escravos, inclusive por dívida.

O crescimento da cidade associada ao desenvolvimento do comércio e as transformações sociais demandavam mudanças, provocando o acirramento das disputas entre as classes, abrindo espaço para o surgimento de legisladores e tiranos.

Dentre os legisladores, destacou-se Drácon, que elaborou o primeiro código de leis escritas para Atenas, em 621 a.C. Apesar de extremamente rigoroso, não conseguiu resolver os problemas sociais, pois manteve os privilégios da aristocracia, com a permanência das desigualdades que levavam aos conflitos sociais. Dando continuidade ao processo de reformas, assumiu o legislador Sólon, autor de reformas mais amplas, como o fim da escravidão por dívida, libertando aqueles que haviam sido escravizados por esse motivo, e a divisão censitária da sociedade, que abriu espaço para a ascensão política dos ricos demiurgos. Sólon também criou a Bulé ou Conselho dos 400 (100 de cada tribo da Ática).

As medidas de Sólon desagradaram a aristocracia, que perdeu alguns privilégios, e as camadas populares, esperançosas de reformas mais profundas. A instabilidade política e social abriu espaço para os tiranos, com destaque para Psístrato, Hiparco e Hípias. A tirania na Antiguidade era vista como um caminho de aprofundamento de reformas demandadas pelos grupos sociais, a partir do fortalecimento de um indivíduo, que procurava amenizar os confrontos sociais. Psístrato realizou várias obras públicas, oferecendo emprego para thetas e georgóis. Os tiranos, especialmente Psístrato, usurparam o poder com apoio popular, fragilizando a aristocracia. Dessa forma, abriram caminho para a democracia, ao favorecerem a expressão política dos setores populares.

A ascensão de Clístenes, considerado o “Pai da Democracia Ateniense”, completou o processo iniciado por Drácon e Sólon no sentido de dar uma estabilidade política para Atenas em função das mudanças econômicas e sociais pelas quais a cidade passava. O desenvolvimento econômico de Atenas gerou o crescimento social dos ricos comerciantes e artesãos sem uma correspondente participação política desses grupos na estrutura política ateniense, monopolizada pela aristocracia. Para completar os problemas, esse crescimento tornou mais grave a situação dos pequenos proprietários.



Olga Lipatova/123RF/EasyPix

As reformas de Clístenes estenderam o direito à participação política a todos os cidadãos, independentemente de sua condição econômica. Além da participação direta, Clístenes instituiu o ostracismo, ou seja, o exílio por dez anos da pólis de todo aquele que fosse considerado pela eclésia (assembleia) uma ameaça ao regime democrático. A bulé passou a ter quinhentos membros e a influência política das grandes famílias aristocráticas foi reduzida. As reformas de Clístenes permitiram um período de estabilidade política, fundamental para a posterior hegemonia ateniense sobre o mundo grego.

Período Clássico

O Período Clássico foi marcado pelo apogeu da civilização grega, com o pleno desenvolvimento da democracia, da filosofia e da cultura grega em geral. Esse apogeu foi confirmado com a vitória sobre os persas nas Guerras Médicas e a ampliação da esfera de dominação ateniense. Todavia, um grande conflito entre as cidades gregas – a Guerra do Peloponeso –, promoveu a decadência grega e favoreceu a posterior dominação dos macedônios por toda a Grécia.

Guerras Médicas (491-494 a. C.)

As Guerras Médicas ou Greco-Persas foram motivadas pelo expansionismo persa em direção à Ásia Menor e pela disputa por colônias gregas situadas no litoral do mar Egeu. Inicialmente, os persas atacaram Mileto, Éfeso e Lesbos, estimulando a reação das cidades gregas. Essa reação levou os persas a atacarem a própria península Balcânica, estimulando a união das cidades gregas contra o invasor persa.

Os avanços persas foram contidos em importantes batalhas, como Maratona (490 a.C.) – ocorrida em uma planície próxima a Atenas, de onde um combatente chamado Phidípides foi enviado para buscar reforços, percorrendo toda a extensão a pé, daí surgindo a inspiração para a prática esportiva que viria a ser chamada Maratona. Outra batalha que merece ser citada é a de Salamina (480 a.C.), ocorrida no estreito que separa Salamina da Ática, vencida pelos gregos, liderados por Temístocles. A necessidade de organizar o exército e promover a união militar das cidades gregas levou à formação da Aliança de Delos. Após a vitória em Plateia (479 a.C.), os gregos garantiram a manutenção dos territórios sob controle das pólis, forçando o recuo Aquemênida. Restava ainda a libertação das ilhas e territórios gregos da Ásia menor.

A aliança militar das cidades gregas recebeu o nome de Liga de Delos ou Confederação de Delos. Esse nome se deve à sede da aliança ser localizada na ilha de Delos. As cidades gregas deveriam contribuir com recursos, navios, armas e tropas, que seriam administradas e comandadas por Atenas.

A Liga de Delos foi responsável pela libertação das ilhas gregas e pela expulsão dos persas da Ásia Menor. A estes foi imposta a “Paz de Cálias” ou “Paz de Címon”, em 449 a.C., pela qual os persas se comprometiam a não mais intervir no mar Egeu. Dessa forma, Atenas encontrou espaço para controlar a navegação no mar Egeu e no Mediterrâneo oriental, expandindo seu comércio e fortalecendo sua posição hegemônica.

Hegemonia ateniense

A liderança da Liga de Delos, a vitória contra os persas nas Guerras Médicas e a ampliação e controle de rotas comerciais nos mares Mediterrâneo e Egeu colocaram Atenas em uma posição hegemônica de destaque e liderança sobre o mundo helênico.

O período de 461 a 429 a.C. é conhecido como Idade de Ouro ou Século de Péricles, em virtude da liderança que este excepcional político exerceu na cidade. Suas medidas contribuíram para o fortalecimento da democracia, permitindo maior acesso dos cidadãos à política, especialmente aqueles que tinham uma renda mais baixa. É importante lembrar que apenas em torno de 10% da população ateniense possuía direitos políticos, sendo excluídos da cidadania as mulheres, os menores, os estrangeiros e os escravos. Ainda sob influência de Péricles foram instituídas remunerações para algumas funções públicas, e para os membros do exército, além da construção do Partenon – templo dedicado à deusa Atena, e novas muralhas em torno da cidade. Foram estimuladas as artes e o teatro, o que proporcionou grande desenvolvimento cultural à cidade.

Todo o desenvolvimento econômico do período conhecido como Idade de Ouro ou Século de Péricles resultou da exploração do trabalho escravo e do desenvolvimento comercial e marítimo de Atenas, favorecido por sua liderança na Liga de Delos. Essa hegemonia levou Atenas a adotar uma postura imperialista, impondo seus interesses econômicos sobre as demais cidades, cobrando-lhes taxas e impostos, oferecendo-lhes em troca, proteção militar e alianças políticas.

Guerra do Peloponeso (491-404 a. C.)

O imperialismo ateniense, a cobrança de impostos e a postura autoritária da cidade em relação às outras pólis que buscavam fugir à sua influência, bem como as tentativas de imposição do regime democrático a toda a Grécia, levaram as cidades que pretendiam permanecer autônomas e aristocráticas a se unir, formando uma aliança militar para se opor ao domínio ateniense. Dessa forma, sob a liderança de Esparta, cidades como Corinto e Mégara formaram a Liga ou Confederação do Peloponeso.

Atenas e Esparta tinham projetos diferentes para a Grécia: enquanto a primeira adotara uma postura imperialista que visava dominar o mundo grego e expandir o regime democrático, os lacedemônios e seus aliados defendiam uma posição conservadora, de manutenção da autonomia das cidades e de seus respectivos regimes políticos, essencialmente aristocráticos.

O antagonismo entre as cidades de Atenas e Esparta e suas aliadas levou a um conflito militar que levaria à fragilização econômica e militar e à decadência das cidades gregas: a Guerra do Peloponeso.

O conflito teve início em 431 a.C., quando uma disputa comercial entre Atenas e Corinto, uma aliada de Esparta, levou as cidades à guerra. Já no início do conflito ficaram claras a superioridade naval de Atenas e a supremacia terrestre das tropas espartanas. Estes últimos levaram vantagem, cercando Atenas e isolando-a, forçando a população a tentar uma resistência de dentro de suas muralhas. O cerco e o isolamento dos atenienses enfraqueceu a cidade, bem como facilitou a proliferação de uma epidemia que vitimou milhares de pessoas.

Atenas se rendeu em 421 a.C., com a assinatura da Paz de Nícias. Alguns anos depois, a cidade rompeu a trégua, reiniciando o conflito, novamente vencido por Esparta, agora de maneira definitiva, após a batalha de Egos Potamos. A vitória na Guerra do Peloponeso marcou o início da hegemonia espartana e a decadência de Atenas e seu projeto imperialista.

A hegemonia espartana teve pouca duração, em virtude da ascensão de Tebas, que liderada pelos generais Epaminondas e Pelópidas, venceu Esparta, impondo seu domínio sobre a Hélade, também de curta duração, em virtude da expansão macedônica e conquista da Grécia pelas tropas de Filipe da Macedônia e da formação do império de Alexandre Magno.



Exercícios de Fixação

01. (Unesp/ 2019.1)

— São uma formosura os governantes que tu modelaste, como se fosses um estatuário, ó Sócrates! [...]

— Ora pois! Concordais que não são inteiramente utopias o que estivemos a dizer sobre a cidade e a constituição; que, embora difíceis, eram de algum modo possíveis, mas não de outra maneira que não seja a que dissemos, quando os governantes, um ou vários, forem filósofos verdadeiros, que desprezem as honrarias atuais, por as considerarem impróprias de um homem livre e destituídas de valor, mas, por outro lado, que atribuem a máxima importância à retidão e às honrarias que dela derivam, e consideram o mais alto e o mais necessário dos bens a justiça, à qual servirão e farão prosperar, organizando assim a sua cidade?

Platão. *A República*, 1987.

O texto, concluído na primeira metade do século IV a.C., caracteriza

- A) a predominância das atividades econômicas rurais sobre as urbanas e enfatiza o primado da racionalidade.
- B) a organização da pólis e sustenta a existência de um governo baseado na justiça e na sabedoria.
- C) o caráter aristocrático da pólis durante o período das tiranias em Atenas e defende o princípio da igualdade social.
- D) a estruturação social da pólis e destaca a importância da democracia, consolidada durante o período de Clístenes.
- E) a importância da ação de legisladores, como Drácon e Sólon em Atenas, e apoia a consolidação da militarização espartana.

02. (UNICSAL/2019) A democracia na Grécia Antiga significou a chance de os homens se entenderem no ambiente público e resolverem suas diferenças em prol de interesses coletivos. Isso se dava em reuniões e assembleias (na ágora, praça pública grega) nas quais as decisões eram tomadas após uma série de debates e questionamentos. Em vez da força física, da violência e dos privilégios, a palavra passou a representar um instrumento poderoso para os cidadãos, que deveriam entre si argumentar, questionar, refutar, esclarecer, dialogar, persuadir etc., para assim, chegar a um consenso sobre o que era melhor para a sociedade.

Disponível em: <http://educacao.globo.com>. Acesso em: 14 nov. 2018.

Na Grécia Antiga, a adoção da democracia resultou na

- A) escravização dos indivíduos negros.
- B) concessão do estatuto de cidadãs gregas às mulheres.
- C) garantia de representação política da população como um todo.
- D) inclusão irrestrita das camadas sociais na categoria de cidadãos.
- E) manutenção da exclusão de amplos grupos de indivíduos não aceitos como cidadãos.

03. (Uece/2017.1) Apesar de surgir em torno do século VIII a.C., as pólis gregas atingiram seu apogeu nos séculos VI e V a.C. Havia muitas delas: Corinto, Tebas, Argos, Mileto, Mégara, etc. Contudo, foram Atenas e Esparta que se destacaram pelo seu predomínio.

Atente ao que se diz a respeito das cidades de Atenas e Esparta do período clássico grego, e assinale com (V) o que for verdadeiro e com (F) o que for falso.

- () Em Esparta prevaleciam os valores ligados ao “estatismo” (já que os lotes de terras doados às famílias eram propriedades estatais e não privadas) e a “militarização” que garantia a coesão e a solidariedade entre os cidadãos.
- () Atenas vivenciou uma variedade de organizações políticas até se tornar uma democracia, foi inicialmente uma monarquia e depois uma aristocracia.
- () O governo democrático de Atenas era pleno, uma vez que todos os seus habitantes tinham direitos políticos e participavam ativamente das decisões sobre a cidade.
- () As mulheres espartanas eram mais livres que as atenienses, praticavam ginástica, tinham vida familiar reduzida (o Estado educava as crianças) e administravam os recursos familiares e o comércio, já que os maridos eram soldados.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

- A) F – F – F – V.
- B) F – V – V – F.
- C) V – V – F – V.
- D) F – F – V – V.

04. (Albert Einstein Medicina/2017) “Por muito tempo, entre os historiadores pensou-se que os gregos formavam um povo superior de guerreiros que, por volta de 2000 a.C., teria conquistado a Grécia, submetendo a população local. Hoje em dia, os estudiosos descartam esta hipótese, considerando que houve um movimento mais complexo. Segundo o pesquisador Moses Finley, a ‘chegada dos gregos significou a introdução de um elemento novo que se misturou com seus predecessores para criar, lentamente, uma nova civilização e estendê-la como e por onde puderam’.”

Funari, Pedro Paulo. Grécia e Roma. São Paulo: Contexto, 2001. Adaptado.

Segundo o texto, a formação da Grécia antiga ocorreu

- A) de forma negociada, por meio de alianças e acordos políticos entre os líderes das principais tribos nativas da península balcânica.
 B) de forma gradual, a partir da integração de povos provenientes de outras regiões com habitantes da parte sul da península balcânica.
 C) de forma planejada, pela expansão militar dos povos nativos da península balcânica sobre territórios controlados por grupos bárbaros.
 D) de forma violenta, com a submissão dos habitantes originais da península balcânica a conquistadores recém-chegados do norte.
05. (Unesp/2018) O aparecimento da Filosofia na Grécia não foi um fato isolado. Estava ligado ao nascimento da pólis.

Marcelo Rede. *A Grécia Antiga*, 2012.

A relação entre os surgimentos da Filosofia e da pólis na Grécia Antiga é explicada, entre outros fatores,

- A) pelo interesse dos mercadores em estruturar o mercado financeiro das grandes cidades.
 B) pelo esforço dos legisladores em justificar e legitimar o poder divino dos reis.
 C) pela rejeição da população urbana à persistência do pensamento mítico de origem rural.
 D) pela preocupação dos pensadores em refletir sobre a organização da vida na cidade.
 E) pela resistência dos grupos nacionalistas às invasões e ao expansionismo estrangeiro.
06. (Fuvest/2017) Em relação à ética e à justiça na vida política da Grécia Clássica, é correto afirmar:
- A) Tratava-se de virtudes que se traduziam na observância da lei, dos costumes e das convenções instituídas pela pólis.
 B) Foram prerrogativas democráticas que não estavam limitadas aos cidadãos e que também foram estendidas aos comerciantes e estrangeiros.
 C) Eram princípios fundamentais da política externa, mas suspensos temporariamente após a declaração formal de guerra.
 D) Foram introduzidas pelos legisladores para reduzir o poder assentado em bases religiosas e para estabelecer critérios racionais de distribuição.
 E) Adquiriram importância somente no período helenístico, quando houve uma significativa incorporação de elementos da cultura romana.
07. (Unicamp/2018) Os gregos sentiram paixão pelo humano, por suas capacidades, por sua energia construtiva. Por isso, inventaram a pólis: a comunidade cidadã em cujo espaço artificial, antropocêntrico, não governa a necessidade da natureza, nem a vontade dos deuses, mas a liberdade dos homens, isto é, sua capacidade de raciocinar, de discutir, de escolher e de destituir dirigentes, de criar problemas e propor soluções.

O nome pelo qual hoje conhecemos essa invenção grega, a mais revolucionária, politicamente falando, que já se produziu na história humana, é democracia.

SAVATER, Fernando. *Política para meu filho*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 77. Adaptado.

Assinale a alternativa correta, considerando o texto anterior e seus conhecimentos sobre a Grécia Antiga.

- A) Para os gregos, a cidade era o espaço do exercício da liberdade dos homens e da tirania dos deuses.
 B) Os gregos inventaram a democracia, que tinha, então, o mesmo funcionamento do sistema político vigente atualmente no Brasil.
 C) Para os gregos, a liberdade dos homens era exercida na pólis e estava relacionada à capacidade de invenção da política.
 D) A democracia foi uma invenção grega que criou problemas em função do excesso de liberdade dos homens.
08. (Enem/2017) O conceito de democracia, no pensamento de Habermas, é construído a partir de uma dimensão procedimental, calcada no discurso e na deliberação. A legitimidade democrática exige que o processo de tomada de decisões políticas ocorra a partir de uma ampla discussão pública, para somente então decidir. Assim, o caráter deliberativo corresponde a um processo coletivo de ponderação e análise, permeado pelo discurso, que antecede a decisão.

VITALE, D. Jürgen Habermas, modernidade e democracia deliberativa. Cadernos do CRH (UFBA), v. 19, 2006. Adaptado.

O conceito de democracia proposto por Jürgen Habermas pode favorecer processos de inclusão social. De acordo com o texto, é uma condição para que isso aconteça o(a)

- A) participação direta periódica do cidadão.
 B) debate livre e racional entre cidadãos e Estado.
 C) interlocução entre os poderes governamentais.
 D) eleição de lideranças políticas com mandatos temporários.
 E) controle do poder político por cidadãos mais esclarecidos.
09. (Unicsal/2015) Apesar de considerarmos a Grécia Antiga o seu berço [...] não se pode ainda falar em democracia, porquanto esta é caracterizada não pelo governo das leis, mas pela participação do povo no governo, o que ainda estava longe de ser verificado naquele estágio.

KIBRIT, Orly. *O ideal de Sólon e a democracia na Grécia Antiga*. Revista *SJRI*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 33, p. 143-148. abr. 2012 (adaptado).

A crítica à democracia grega se refere ao fato de que

- A) apenas uma parcela da população tinha de fato direito à participação democrática.
 B) a participação popular nas decisões era facultativa e limitada às votações para escolha do rei.
 C) os políticos davam pouca atenção aos problemas das classes mais pobres da sociedade.
 D) os direitos eram assegurados a todos os nascidos em território grego e não aos estrangeiros.
 E) todos os habitantes da pólis eram obrigados a dedicar alguns dias do ano aos debates políticos.
10. (Enem/2014) Compreende-se assim o alcance de uma reivindicação que surge desde o nascimento da cidade na Grécia antiga: a redação das leis. Ao escrevê-las, não se faz mais que assegurar-lhes permanência e fixidez. As leis tornam-se bem comum, regra geral, suscetível de ser aplicada a todos da mesma maneira.

VERNANT, J. P. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992. Adaptado.

Para o autor, a reivindicação atendida na Grécia antiga, ainda vigente no mundo contemporâneo, buscava garantir o seguinte princípio:

- A) Isonomia – igualdade de tratamento aos cidadãos.
- B) Transparência – acesso às informações governamentais.
- C) Tripartição – separação entre os poderes políticos estatais.
- D) Equiparação – igualdade de gênero na participação política.
- E) Elegibilidade – permissão para candidatura aos cargos públicos.



Exercícios Propostos

01. (UNICSAL/2018) Referente à organização social das civilizações na História Antiga, assinale a alternativa correta.
- A) Em Atenas, o conceito de cidadania estava relacionado a uma minoria da população. Nessa época, só eram considerados cidadãos os homens, com mais de 21 anos, que fossem atenienses e filhos de pais atenienses.
 - B) No Egito, o Faraó era considerado um representante dos deuses e estava submetido ao conselho religioso denominado escribas.
 - C) A participação da mulher espartana na sociedade estava vinculada a cuidar dos filhos e permitir o acesso deles ao conhecimento filosófico.
 - D) A História de Roma pode ser dividida em três fases: monarquia, república e império. No período monárquico, a divisão social se fazia da seguinte forma: clero, senhores feudais e servos.
 - E) A história antiga foi um período que ficou conhecido como “Idade das Trevas”, por ter suas explicações do mundo baseadas na mitologia.

02. (IFRR/2019.1) “É a partir do século V a.C. que a medicina passa a evoluir enquanto campo do conhecimento prático e intelectual. Os médicos passaram a ser profissionais responsáveis pelo conhecimento e aplicação de plantas medicinais para cura de doenças e pelo desenvolvimento de técnicas cirúrgicas em contexto de guerra. Assim, as curas paulatinamente foram sendo desvinculadas da religiosidade e, assim como outras áreas, houve investimento em procurar explicações racionais.”

RODRIGUES, P.E. Medicina na Grécia Antiga.
Disponível em <https://www.infoescola.com>
Acesso em: 04 out. 2018.

No mundo grego antigo assistiu-se o surgimento de diversas características que marcam a história de todo o ocidente. Sobre o tema, assinale o correto.

- A) Na Grécia Antiga, sobretudo no período Clássico, o racionalismo não era valorizado e a religião com inúmeros deuses se ocupava de produzir conhecimento sobre o corpo humano e a saúde.
- B) Espartanos e Atenienses unificaram suas cidades-estado criando o Império Grego que vigorou durante toda a Antiguidade.
- C) Os espartanos, povo ligado à filosofia e ao pacifismo, erradicaram as guerras externas durante o período clássico grego.
- D) Os gregos foram responsáveis pela substituição dos modos teocráticos de governo, predominantes entre os povos da antiguidade no oriente, por um modelo no qual a política era realizada pelos cidadãos.
- E) Além de Esparta e Atenas, eram cidades gregas na região peninsular: Biblos, Ugarit, Sidon e Tiro.

03. (FGV/2017) (...) a partir do século V a.C., a guerra tornou-se endêmica no Mediterrâneo. Foram séculos de guerra contínua, com maior ou menor intensidade, ao redor de toda a bacia. O trabalho acumulado nos séculos anteriores tornara possível um adensamento dos contatos, um compartilhamento de informações e estruturas sociais, uma organização dos territórios rurais que propiciava a extensão de redes de poder. Foram os pontos centrais dessas redes de poder que animaram o conflito nos séculos seguintes.

Norberto Luiz Guarinello. História Antiga, 2013.

Sobre esses “séculos de guerra contínua”, é correto afirmar que

- A) as Guerras Púnicas, entre Atenas e Cartago, foram uma disputa pelo controle comercial sobre o mar Mediterrâneo terminando após três grandes enfrentamentos, com a vitória de Cartago e a hegemonia cartaginesa em todo o Mundo Antigo ocidental.
- B) as Guerras Macedônicas foram um longo conflito entre o Reino da Macedônia, em aliança com os persas, e o Império Romano, que venceu com muitas dificuldades porque ainda estava em guerra com outros povos.
- C) as Guerras Médicas, entre persas e gregos, resultaram na vitória dos últimos e, em meio a esses confrontos, permitiram que Atenas liderasse a Liga de Delos, aliança de cidades-estados gregas com o intuito de combater a presença persa no Mediterrâneo.
- D) as Campanhas de Alexandre o Grande, aliado a Esparta e Corinto, combateram e venceram as poderosas forças persas e ampliaram os domínios gregos até a Ásia Menor, propagando os princípios da democracia ateniense pelo Mediterrâneo.
- E) a Guerra do Peloponeso, o mais importante conflito bélico da Antiguidade, envolveu as principais cidades Estados gregas que, aliadas a Roma, enfrentaram e derrotaram as forças militares cartaginesas.

04. (FAMEMA/2017) Nosso atual modelo de Estado é fruto da Revolução Francesa, que, fascinada pela democracia grega, considerava que os atenienses criaram o princípio do Estado legal – um governo fundado em leis discutidas, planejadas, emendadas e obedecidas por cidadãos livres – e a ideia de que o Estado representa uma comunidade de cidadãos livres. Ao afirmarem que o governo era algo que as pessoas criavam para satisfazer as necessidades humanas, os atenienses consideravam seus governantes homens que haviam demonstrado capacidade para dirigir o Estado, e não deuses ou sacerdotes.

Flavio de Campos e Renan G. Miranda. A escrita da História, 2005.

De acordo com o excerto e seus conhecimentos, é correto afirmar que

- A) a concepção moderna de democracia deriva da Revolução Francesa e da Atenas antiga, embora nesta a cidadania estivesse limitada à minoria da população.
- B) a democracia ateniense, por fundamentar-se na comunidade de homens livres, não era compatível com a existência de trabalho escravo.
- C) a Revolução Francesa ampliou o conceito de democracia grega, ao tornar cidadãos todos os habitantes da comunidade, inclusive as mulheres e os estrangeiros.
- D) os gregos desenvolveram a noção de lei como uma emanção dos deuses, à qual os homens deveriam obedecer após discussão em assembleia.
- E) os atenienses vinculavam a política à religião e, por isso, seu Estado nacional dependia da razão divina e limitava a expressão política dos cidadãos.

05. (Uece/2017.2-Conhecimentos Específicos) Atente ao seguinte excerto: “Vivi a guerra inteira, tendo uma idade que me permitia formar meu próprio juízo, e segui-a atentamente, de modo a obter informações precisas. Atingiu-me também uma condenação ao exílio que me manteve longe de minha terra por vinte anos após o meu período de comando em Anfípolis e, diante de minha familiaridade com as atividades de ambos os lados, especialmente aquelas do Peloponeso, em consequência do meu banimento, graças ao meu ócio, pude acompanhar melhor o curso dos acontecimentos. Relatarei, então, as divergências surgidas após os dez anos, e o rompimento da trégua e as hostilidade supervenientes”.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*, v. 26.

Sobre a Guerra do Peloponeso, registrada por Tucídides, é correto afirmar que

- A) se trata de conflito armado entre gregos e troianos.
 B) foi uma guerra entre Atenas e Esparta.
 C) não ocorreu propriamente: trata-se de uma ficção do mundo antigo.
 D) foi o conflito que ficou conhecido como Guerras Médicas.
06. (Unicsal/2014) Na democracia do tipo aristotélica, o povo é soberano. Todavia, existe uma restrição no conceito de viver como bem entender contraria esse conceito para Aristóteles. As leis são a liberdade, a salvação, pois a partir do momento em que o povo faz o que quer, como se nada fosse impossível, a democracia se torna uma tirania. Viver como bem entender é prejudicial e a democracia não comporta o individualismo, contrário ao que é o bem comum.

Disponível em: <<http://www.brasilecola.com>>.
 Acesso em: 25 out. 2013.

Com base no texto e no referido filósofo, podemos dizer que a democracia

- A) tem profundas ligações com as oligarquias, baixa mobilidade social e força das mãos financeiras.
 B) é soberana, mas subordinada aos órgãos de deliberação e ao dever de agir de acordo com as leis.
 C) é o poder político exercido pelos cidadãos proprietários de algum patrimônio e que busca o bem comum.
 D) é caracterizada como uma mediadora entre os cidadãos e o Estado e está ligada à racionalidade efetiva.
 E) tem um poder político dominado por um grupo elitista que é privilegiado pela posse de terras.
07. (UAB/UFAL/2013) Diante do quadro de instabilidade, vários legisladores atenienses fizeram propostas para superar os conflitos e atenuar as tensões sociais. Os mais importantes foram Drácon e Sólon, sendo que a reforma de Sólon, revestiu-se de importância porque
- A) criou o ostracismo, mecanismo político da época, que pretendia defender os cidadãos contra a tirania.
 B) distribuiu melhor as terras férteis entre os camponeses e ainda instituiu uma espécie de crédito agrícola para os camponeses.
 C) se baseou nos princípios da igualdade política dos cidadãos e da participação de todos nas decisões do governo.
 D) mesclou a cultura grega a elementos orientais.
 E) eliminou a escravidão por dívidas libertando todos aqueles que se haviam tornado escravos de forma censitária, ou seja, de acordo com a renda de cada indivíduo, possibilitando, dessa forma, a ascensão dos demiurgos.

08. (Unifesp/2009) (...) não era a falta de mecanização [na Grécia e em Roma] que tornava indispensável o recurso à escravidão; ocorrera exatamente o contrário: a presença maciça da escravidão determinou a “estagnação tecnológica” greco-romana.

SCHIAVONE, Aldo. *Uma história rompida: Roma antiga e ocidente moderno*. São Paulo: Edusp, 2005.

A escravidão na Grécia e na Roma antigas:

- A) Baseava-se em características raciais dos trabalhadores.
 B) Expandia-se nos períodos de conquistas e domínio de outros povos.
 C) Dependia da tolerância e da passividade dos escravos.
 D) Foi abolida nas cidades democráticas.
 E) Restringia-se às atividades domésticas e urbanas.
09. (Unicamp/2015) O filósofo Aristóteles (384-322 a.C.) definiu a cidadania em Atenas da seguinte forma: A cidadania não resulta do fato de alguém ter o domicílio em certo lugar, pois os estrangeiros residentes e os escravos também são domiciliados nesse lugar e não são cidadãos. Nem são cidadãos todos aqueles que participam de um mesmo sistema judiciário. Um cidadão integral pode ser definido pelo direito de administrar justiça e exercer funções públicas.

Aristóteles, *Política*. Brasília: Editora UnB, 1985, p. 77-78. Adaptado.

- A) Indique duas condições para que um ateniense fosse considerado cidadão na Grécia clássica no apogeu da democracia.
 B) Os estrangeiros, também chamados de metecos, não tinham direitos integrais, mas tinham alguns deveres e direitos. Identifique um dever e um direito dos metecos.
10. (Enem/2015) O que implica o sistema da pólis é uma extraordinária preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos do poder. A palavra constitui o debate contraditório, a discussão, a argumentação e a polêmica. Torna-se a regra do jogo intelectual, assim como do jogo político.

VERNANT, J. P. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992. Adaptado.

Na configuração política da democracia grega, em especial a ateniense, a Ágora tinha por função

- A) agregar os cidadãos em torno de reis que governavam em prol da cidade.
 B) permitir aos homens livres o acesso às decisões do Estado expostas por seus magistrados.
 C) constituir o lugar onde o corpo de cidadãos se reunia para deliberar sobre as questões da comunidade.
 D) reunir os exércitos para decidir em assembleias fechadas os rumos a serem tomados em caso de guerra.
 E) congrega a comunidade para eleger representantes com direito a pronunciar-se em assembleias.
11. (Enem/2014) A mitologia comparada surge no século XVIII. Essa tendência influenciou o escritor cearense José de Alencar, que, inspirado pelo estilo da epopeia homérica na *Iliada* propõe em *Iracema* uma espécie de mito fundador do povo brasileiro. Assim como a *Iliada* vincula a constituição do povo helênico à Guerra de Troia, deflagrada pelo romance proibido de Helena e Páris, *Iracema* vincula a formação do povo brasileiro aos conflitos entre índio e colonizadores, atravessados pelo amor proibido entre uma Índia – Iracema – e o colonizador português Martim Soares Moreno.

DETIENNE, M. *A invenção da mitologia*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1998. Adaptado.

A comparação estabelecida entre *Iliada* e *Tracema* demonstra que essas obras

- A) combinam folclore e cultura erudita em seus estilos estéticos.
- B) articulam resistência e opressão em seus gêneros literários.
- C) associam história e mito em suas construções identitárias.
- D) refletem pacifismo e belicismo em suas escolhas ideológicas.
- E) traduzem revolta e conformismo em seus padrões alegóricos.

12. (Urca/2015.2) Sobre a Civilização Grega, da Antiguidade, podemos considerar corretamente, de acordo com sua organização política:

- A) Durante o Período Homérico, o poder era completamente centralizado, fruto das conquistas que o rei Homero intentou em toda Grécia Continental.
- B) Por volta de 1800 a.C., as comunidades de aldeias que se baseavam na organização dos clãs, cederam lugar a unidades políticas maiores, que se organizavam em torno da Acrópole, as cidades-estados.
- C) O militarismo de Atenas foi determinante para a cultura dos atenienses, caracterizada por disciplina completamente condicionada pelos interesses do Estado.
- D) Durante o governo de Péricles, a ditadura autoritária em Atenas atingiu a sua mais alta perfeição, sendo o poder concentrado nas mãos das famílias dos Gerontes.
- E) A Guerra do Peloponeso pôs fim à supremacia de Atenas, Esparta consolidou o seu poder sobre toda a Hélade.

13. (Enem/2014)

Texto I

Olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida apenas de seus próprios interesses, mas como um inútil; nós, cidadãos atenienses, decidimos as questões públicas por nós mesmos na crença de que não é o debate que é empecilho à ação, e sim o fato de não se estar esclarecido pelo debate antes de chegar a hora da ação.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: UnB. 1987 (adaptado).

Texto II

Um cidadão integral pode ser definido por nada mais nada menos que pelo direito de administrar justiça e exercer funções públicas; algumas destas, todavia, são limitadas quanto ao tempo de exercício, de tal modo que não podem de forma alguma ser exercidas duas vezes pela mesma pessoa, ou somente podem sê-lo depois de certos intervalos de tempo prefixados.

ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: UnB. 1985.

Comparando os Textos I e II, tanto para Tucídides (no século V a.C.) quanto para Aristóteles (no século IV a.C.), a cidadania era definida pelo(a)

- A) prestígio social.
- B) acúmulo de riqueza.
- C) participação política.
- D) local de nascimento.
- E) grupo de parentesco.

14. (Unicamp/2015) Apenas a procriação de filhos legítimos, embora essencial, não justifica a escolha da esposa. As ambições políticas e as necessidades econômicas que as subentendem exercem um papel igualmente poderoso. Como demonstraram inúmeros estudos, os dirigentes atenienses casam-se entre si, e geralmente com o parente mais próximo possível, isto é, primos coirmãos. É sintomático que os autores antigos que nos informam sobre o casamento de homens políticos atenienses omitam os nomes das mulheres desposadas, mas nunca o nome do seu pai ou do seu marido precedente.

Alain Corbin e outros: *História da virilidade*, vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 62. Adaptado.

Considerando o texto e a situação da mulher na Atenas clássica, podemos afirmar que se trata de uma sociedade

- A) na qual o casamento também tem implicações políticas e sociais.
- B) que, por ser democrática, dá uma atenção especial aos direitos da mulher.
- C) em que o amor é o critério principal para a formação de casais da elite.
- D) em que o direito da mulher se sobrepõe ao interesse político e social.

15. (Uece/2014.1) Tucídides relata em sua obra *História da Guerra do Peloponeso*, que Péricles teria dito, em um discurso a respeito da Democracia ateniense, o seguinte: "Vivemos sob a forma de governo que não se baseia nas instituições de nossos vizinhos; ao contrário, servimos de modelo a alguns ao invés de imitar os outros. Seu nome, como tudo o que depende não de poucos, mas da maioria, é democracia. Quando se trata de resolver disputas privadas, todos são iguais perante a lei. Ninguém, na medida em que é passível de servir o Estado, é mantido à margem da política por conta da pobreza."

TUCÍDIDES (c.460-c. 400 a.C.) *História da Guerra do Peloponeso*, Livro II, 37. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p.109.

Sobre a Democracia ateniense, aclamada por seus contemporâneos e por estudiosos de outras épocas, pode-se afirmar corretamente que:

- A) Era representativa, uma vez que os cidadãos escolhiam representantes que falavam por eles nas decisões políticas.
- B) Não apresentava caráter excludente, pois nenhum habitante de Atenas ficava fora da participação nas decisões políticas.
- C) A representação era direta; cada cidadão se representava independentemente de sua condição econômica.
- D) Foi um modelo copiado de Esparta, cidade irmã de Atenas, onde floresciam a filosofia, o conceito de liberdade individual e a participação popular.

16. (Uece/2014.2) Esparta e Atenas têm inúmeras diferenças de origens culturais, econômicas, geográficas e sociais. Enquanto Atenas é mencionada por ter sido a pátria de grandes pensadores e filósofos, Esparta é conhecida historicamente por sua rígida formação militar que objetivava preparar soldados quase invencíveis que rejeitavam qualquer tipo de fraqueza.

Contudo, Esparta e Atenas têm como característica comum

- A) a forma de governo.
- B) a defesa da democracia.
- C) o fato de serem pólis (cidades) da Grécia.
- D) o repúdio à tirania.

17. (Enem/2011)

Texto I

A ação democrática consiste em todos tomarem parte do processo decisório sobre aquilo que terá consequência na vida de toda coletividade.

GALLO, S. et al. *Ética e Cidadania. Caminhos da Filosofia*. Campinas: Papyrus, 1997. Adaptado.

Texto II

É necessário que haja liberdade de expressão, fiscalização sobre órgãos governamentais e acesso por parte da população às informações trazidas a público pela imprensa.

Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>
Acesso em: 24 abr. 2010.

Partindo da perspectiva de democracia apresentada no Texto I, os meios de comunicação, de acordo com o Texto II, assumem um papel relevante na sociedade por

- A) orientarem os cidadãos na compra dos bens necessários à sua sobrevivência e bem-estar.
- B) fornecerem informações que fomentam o debate político na esfera pública.
- C) apresentarem aos cidadãos a versão oficial dos fatos.
- D) propiciarem o entretenimento, aspecto relevante para conscientização política.
- E) promoverem a unidade cultural, por meio das transmissões esportivas.

18. (Enem-PPL/2012)

Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Vivem pros seus maridos
Orgulho e raça de Atenas.

BUARQUE, C.; BOAL, A. *Mulheres de Atenas*. In: *Meus caros amigos*, 1976.
Disponível em: <<http://letras.terra.com.br>>
Acesso em: 4 dez. 2011. Fragmento.

Os versos da composição remetem à condição das mulheres na Grécia antiga, caracterizada, naquela época, em razão de

- A) sua função pedagógica, exercida junto às crianças atenienses.
- B) sua importância na consolidação da democracia, pelo casamento.
- C) seu rebaixamento de status social frente aos homens.
- D) seu afastamento das funções domésticas em períodos de guerra.
- E) sua igualdade política em relação aos homens.

19. (UEA/2013) Segundo a lei, há escravo e homem reduzido à escravidão; a lei é uma convenção segundo a qual todo homem vencido na guerra se reconhece como sendo propriedade do vencedor.

Aristóteles. *A política*, s/d.

A *Política* foi um livro escrito por Aristóteles, no período em que ele dirigia o Liceu em Atenas, entre 331 e 323 a. C. No trecho, Aristóteles refere-se

- A) ao tráfico de escravos como fator de acumulação de capital.
- B) às rebeliões permanentes dos escravos contra os seus senhores.
- C) à oposição dos filósofos à escravidão na Antiguidade Clássica.
- D) ao escravo como mercadoria que pode ser livremente comercializada.
- E) a um traço que, de certa forma, particulariza a escravidão na Antiguidade.

20. (UEA/2012) Atenas e Esparta, duas das mais importantes cidades da Grécia Antiga, aliaram-se na luta contra a invasão dos persas e combateram-se na Guerra do Peloponeso (431-403 a.C.). Do ponto de vista econômico, elas se distinguiram, considerando que havia um(a)

- A) desenvolvimento comercial intenso em Atenas, enquanto a atividade econômica em Esparta era, sobretudo, a agricultura.
- B) produção de cerâmica prestigiosa em Esparta, enquanto a vida em Atenas, cidade que não contava com porto marítimo, era voltada para as disputas políticas.
- C) política de distribuição de riquezas em Atenas, enquanto Esparta exercia um domínio comercial na região oriental do mar Mediterrâneo.
- D) população de escravos em Esparta, enquanto a cidade de Atenas concedia direitos políticos aos escravos mais produtivos.
- E) aplicação dos lucros comerciais no embelezamento público de Esparta, enquanto os monumentos de Atenas eram simples e sem luxo.



Fique de Olho

Texto I

A GUERRA DE TROIA

A **Guerra de Troia** foi um grande conflito bélico entre gregos e troianos, possivelmente ocorrido entre 1300 a.C. e 1200 a.C. (fim da Idade do Bronze no Mediterrâneo).

Causa da guerra

Segundo o poeta Homero, a guerra foi causada pelo rapto da rainha Helena de Troia (esposa do lendário rei Menelau), por Páris (filho do rei Príamo). Isso ocorreu quando o príncipe troiano foi a Esparta em missão diplomática, e acabou apaixonando-se por Helena. Páris havia recebido de Afrodite a recompensa de ter a mulher mais bonita do mundo, que era Helena. O rapto deixou Menelau enfurecido, fazendo com que este organizasse um poderoso exército. O general Agamenon foi designado para comandar o ataque aos troianos. Através do mar Egeu, mais de mil navios foram enviados para Troia.

História

A maioria dos Gregos dizia que a Guerra de Troia era um evento histórico, embora muitos entendessem que os poemas homéricos continham vários exageros. Por exemplo, o historiador Tucídides, conhecido por seu espírito crítico, considerava-a um evento real, mas duvidava que os gregos houvessem mobilizado a quantidade de navios (mais de mil) mencionada por Homero para atacar os troianos.

Por volta de 1870, na Europa, os estudiosos da Antiguidade eram concordes em considerar as narrativas homéricas absolutamente lendárias. Segundo eles, a guerra jamais ocorrera e Troia nunca existira. Mas quando o alemão Heinrich Schliemann (um apaixonado pelas obras de Homero) descobriu as ruínas de Troia e de Micenas, foi preciso reformular esses conceitos.

Ao longo do século XX, tentou-se tirar conclusões baseadas em textos hititas e egípcios, que datam da provável época da guerra.

Arquivos hititas, como as Cartas de Tawagalawa, mencionam o reino de Ahhiyawa (Acaia, a moderna Grécia), que se localizava “além do mar” (Egeu) e controlava a cidade de *Milliwanda*, identificada como Mileto. Igualmente é mencionada, nesses e em outros documentos, a Confederação de Assuwa, uma liga composta por 22 cidades, uma das quais, *Wilusa* (Ilios ou Ilium), podendo ter sido Troia. Em um tratado datado de 1280 a.C., o rei de Wilusa é chamado de Alaksandu, ou seja, Alexandre, que é o outro nome pelo qual Páris é referido na *Iliada*.

Após a famosa Batalha de Kadesh (contra o Egito de Ramsés II), essa confederação rompeu sua aliança com os hititas, o que provocou, em 1230 a.C., uma campanha punitiva do rei Tudhaliya IV (1240 a.C.-1210 a.C.). Mas sob o reinado de Arnuwanda III (1210 a.C. - 1205 a.C.) os Hititas foram forçados a abandonar as terras que controlavam na costa do Egeu, abrindo espaço para possíveis invasores d’além-mar. Nesse caso, a Guerra de Troia teria sido o ataque de *Ahhiyawa* (Acaia) contra a cidade de Wilusa (Ilios) e seus aliados da Confederação de Assuwa.

Os trabalhos dos historiadores Moses Finley e Milman Parry procuraram associar a Guerra de Troia a um amplo fluxo migratório micênico, decorrente da invasão dos Dórios no Peloponeso. Poderia também haver uma correlação com o ataque ao Egito pelos “povos do mar”, nos tempos do faraó Ramsés III.

Mas os céticos quanto à veracidade da guerra glorificada por Homero apoiam-se na ausência de qualquer registro hitita de uma invasão da Anatólia (onde se localizava Troia) por povos vindos do mar.

Em resumo, embora Schliemann tenha encontrado as ruínas da cidade de Troia (aliás, várias cidades, uma sobre a outra) no sítio mencionado por Homero, a questão da historicidade da guerra continua dividindo a opinião dos estudiosos.

Mitologia

A versão mitológica da guerra estava contida nos poemas épicos do Ciclo Troiano, formado por oito poemas: Cantos Cípricos de Estasino, *Iliada* de Homero, a *Etiópida* de Arctino de Mileto, a *Pequena Iliada* de Lesques de Mitilene, O Saque de Troia de Arctino de Mileto, Os Retornos de Hágias de Trezena, *Odisseia* de Homero e *Telegonia* de Êugamon de Cirene; somente restaram completos os poemas de Homero, a *Iliada* e *Odisseia*, dos outros restaram somente fragmentos e informações de fontes secundárias da Antiguidade. Segundo essas versões, a guerra se deu quando os aqueus (os gregos da época micênica) atacaram Troia, para recuperar Helena, raptada por Páris.

A lenda conta que a deusa (nífa) do mar Tétis era desejada como esposa por Zeus e por Posidão. Porém, Prometeu fez uma profecia que o filho da deusa seria maior que seu pai, então os deuses resolveram dá-la como esposa a Peleu, um mortal já idoso, tencionando enfraquecer o filho, que seria apenas um humano. O filho de ambos foi Aquiles, e sua mãe, visando fortalecer sua natureza mortal, o mergulhou quando ainda bebê nas águas do mitológico e sombrio rio Estige. As águas tornaram o herói invulnerável, exceto no calcanhar, por onde a mãe o segurou para mergulhá-lo no rio (daí a expressão “calcanhar de Aquiles”, significando ponto vulnerável). Aquiles se torna o mais poderoso dos guerreiros, porém, ainda é mortal. Mais tarde, sua mãe profetisa que ele poderá escolher entre dois destinos: lutar em Troia e alcançar a glória eterna, mas morrer jovem, ou permanecer em sua terra natal e ter uma longa vida, porém, ser logo esquecido. Aquiles escolhe a glória.

Para o casamento de Peleu e Tétis todos os deuses foram convidados, menos Éris (ou Discórdia). Ofendida, a deusa compareceu invisível e deixou à mesa um pomo de ouro com a inscrição “A mais bela”. As deusas Hera, Atena e Afrodite disputaram o título de mais bela e o pomo. Zeus não quis ser o juiz, para não descontentar duas das deusas, então ordenou que o príncipe troiano Páris, à época sendo criado como um pastor ali perto, resolvesse a disputa. Para ganhar o título de “mais bela”,

Atena ofereceu a Páris poder na batalha e sabedoria, Hera ofereceu riqueza e poder e Afrodite, o amor da mulher mais bela do mundo. Páris deu o pomo a Afrodite, ganhando sua proteção e o ódio das outras duas deusas contra si e contra Troia.

A mulher mais bela do mundo era Helena, filha de Zeus e de Leda, esposa de Menelau, rei de Esparta, que a conquistara disputando contra vários outros reis pretendentes com a ajuda de Ulisses (Odisseu) rei de Ítaca e Agamênon rei supremo de Micenas e de toda a Grécia, tendo todos jurado lealdade ao marido de Helena e sempre protegê-la, qualquer que fosse o vencedor da disputa.

Quando Páris foi a Esparta em missão diplomática, apaixonou-se por Helena e ambos fugiram para Troia, enfurecendo Menelau. Este foi pedir ajuda a seu irmão que, a conselho de Nestor (rei de Pilos), um de seus conselheiros apelou aos antigos pretendentes de Helena, lembrando o juramento que haviam feito. Agamenon então assumiu o comando de um exército de mil navios e atravessou o mar Egeu para atacar Troia com o auxílio de Ulisses (que fingiu-se de louco para não ir à guerra sabendo que, se partisse, passaria 20 anos sem regressar a seu reino), levando consigo grandes guerreiros como Aquiles, Ajax, o pequeno Ajax, Diomedes, Idomeneu, entre outros. As naus gregas desembarcaram na praia próxima à Troia e iniciaram um cerco que iria durar dez anos e custaria a vida a muitos heróis de ambos os lados. Dois dos mais notáveis heróis que perderem a vida na Guerra de Troia foram Heitor (que foi morto por Aquiles por vingança por ter matado seu primo Pátroclo) e Aquiles.

Finalmente, a cidade foi tomada graças ao artifício concebido por Ulisses (Odisseu): fingindo terem desistido da guerra, os gregos embarcaram em seus navios, deixando na praia um enorme cavalo de madeira, que os troianos decidiram levar para o interior de sua cidade, como símbolo de sua vitória, apesar das advertências de Cassandra. À noite, quando todos dormiam, os soldados gregos, que se escondiam dentro da estrutura oca de madeira do cavalo, saíram e abriram os portões para que todo o exército (cujos navios haviam retornado, secretamente, à praia) invadissem a cidade.

Apanhados de surpresa, os troianos foram vencidos e a cidade incendiada. As mulheres (inclusive a rainha Hécuba, a princesa Cassandra e Andrômaca, viúva de Heitor) foram escravizadas. O rei Príamo e a maioria dos homens foram mortos (um dos poucos sobreviventes foi Eneias, príncipe de Lirnesso, que fugiu de Troia carregando seu pai Anquises, já idoso, sobre os ombros).

E assim, Menelau recuperou sua esposa, Helena (tendo matado Dêifobo, com quem ela se casara, após a morte de Páris), e levou-a de volta a Esparta. Agamênon foi morto por sua esposa que lhe roubou o trono e Odisseu, como profetizado, passou, com o fim da guerra (que durou dez anos), mais dez anos vagando pelo mar, até chegar a Ítaca vestido de mendigo para provar a fidelidade de Penélope, sua esposa, que estava cheia de pretendentes ao casamento e, conseqüentemente, ao trono, porém ela os enganara durante 20 anos até o retorno de seu marido que, ao descobrir tudo o que se passou em sua ausência, matou seus inimigos com a ajuda de seu filho.

Wikipédia, a enciclopédia livre.

Texto II

OSTRACISMO

Ostracismo era uma forma de punição política empregada inicialmente pelos atenienses. Significava a expulsão política e o exílio por um tempo de 10 anos. Os bens ficavam guardados na cidade e o expulso se tornava como de fora. Foi decretada em Atenas no ano de 510 a.C. por Clístenes e foi posto em prática no ano 487 a.C. como luta contra a tirania.

O político que houvesse proposto projetos e votações para benefício próprio para retornar para a tirania era candidato certo ao ostracismo.

O primeiro político punido com o ostracismo foi Hiparco e mais tarde os políticos Megacles, Jantipo (pai de Péricles) e no ano 482 a.C. foi a vez de Aristides. Ao que parece, o último punido foi o demagogo Hipérbolo, no ano 417 a.C.

A votação era feita inicialmente pela assembleia de Atenas. Se a votação tivesse como resultado voto favorável ao ostracismo, então uma votação pública era feita dois meses mais tarde. Se o resultado final fosse confirmado, o político tinha 10 dias para deixar a cidade. Poderia voltar depois de 10 anos ou se outra assembleia seguida de votação pública trouxesse perdão.

O processo deve ser distinguido do uso atual do termo, que genericamente refere-se a modos informais de exclusão de um grupo por meio do isolamento social. Derivado, assim, do mundo grego, ainda o exemplo social antropológico clássico de ostracismo é a expulsão de membros da tribo Aborígene pré-colonial Australiana, que poderia resultar em morte do membro expulso.

Em Atenas, o ostracismo contribuiu para a manutenção da República.

Wikipedia, a enciclopédia livre.

Ambos foram educados na Grécia antes de assumir o trono macedônico. O primeiro esteve por um longo período em Tebas, onde aprofundou conhecimentos sobre o mundo e a cultura helênica, bem como assimilou importantes informações sobre aspectos militares, tais como técnicas e armamentos das cidades gregas, utilizando-os em seus exércitos. Filipe II liderou a conquista da Grécia, efetivada em 338 a.C., após a vitória na Batalha de Queroneia, onde ocorreu a capitulação de tropas espartanas.

Filipe II foi assassinado em 336 a.C., quando foi substituído por seu filho, o jovem Alexandre Magno. Também educado na Grécia, Alexandre foi discípulo do filósofo Aristóteles, recebendo grande influência do renomado pensador.

Ao assumir o trono, Alexandre Magno foi obrigado a demonstrar sua força, estilo e capacidade militar, sufocando violentamente revoltas ocorridas nas cidades de Atenas e Tebas, que buscavam recuperar sua autonomia livrando-se do domínio macedônico.

Consolidado o domínio sobre a Grécia, Alexandre Magno – o Grande, iniciou a expansão de seu Império em direção ao Oriente, tendo como alvo principal os territórios sob domínio do Império Persa.

A expansão liderada por Alexandre em direção ao Oriente teve início pela Ásia Menor, quando os macedônicos atravessaram o Helesponto e venceram os persas na batalha de Granico (334 a.C.). Em seguida, Alexandre Magno guiou, liderando seu exército, uma marcha em direção à Síria, Fenícia e Egito, onde chegou em 332 a. C. Nestas regiões, o conquistador fundou algumas cidades batizando-as com seu nome – Alexandria – que serviriam como centros de difusão da cultura grega. A cidade de Babel ou Babilônia foi escolhida como sede do Império Macedônico. Da Mesopotâmia, as tropas de Alexandre conquistaram o território persa e dali foram conduzidas até a Índia por seu líder.



O Mosaico de Alexandre exposto no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, preservado em uma parede na posição vertical.

Ao chegar em territórios submetidos ao domínio do Império Persa, Alexandre se colocava como libertador, promovendo alianças com membros das elites locais, que eram efetivadas através de casamentos entre seus principais oficiais e filhas de lideranças locais. Até mesmo Alexandre Magno casou-se com uma princesa persa, filha do imperador Dario III, chamada Estatira.

Alexandre Magno faleceu em 323 a.C., aos 33 anos de idade, sem deixar herdeiros. O resultado foi o rápido esfacelamento de seu império, que não resistiu após ser dividido entre os principais generais (os Diádocos) do grande imperador macedônico: Seleuco, Ptolomeu, Cassandro e Lisímaco.

Destes, o mais longo e importante foi o império dos Seleucidas, que sob o comando de Seleuco, atingiu grande extensão, com a conquista de regiões como a Anatólia e a Síria. A máxima extensão do império, no século III a.C., consistia no domínio das regiões orientais do antigo Império de Alexandre, desde o Mar Egeu até a região ocupada atualmente pelo Afeganistão.

O controle de grande extensão territorial e, conseqüentemente de um número elevado de povos de diversas etnias, como sírios, judeus e indianos (segundo alguns autores esta população ultrapassava 30 milhões de habitantes), era baseado na concepção de unidade introduzida por Alexandre Magno.

Seção Videoaula



Grécia Antiga – Parte I



Grécia Antiga – Parte II

**Aula
10**

Cultura Grega e Helenismo

C-1	H-3
C-3	H-11

Período Helenístico

Na história grega, o Período Helenístico foi marcado pela decadência das cidades-Estado e pela expansão macedônica, o que levou à formação de um dos maiores impérios da Antiguidade, que dominou territórios na Grécia, Oriente Médio, Índia e norte da África.

A região da Macedônia localizava-se ao norte da Grécia e foi povoada por povos de origem indo-europeia. Especialmente ao longo do século V a.C., período em que as cidades gregas se consumiam e enfraqueciam-se em violentos conflitos, tanto contra estrangeiros – os persas nas Guerras Médicas, como entre si – Guerra do Peloponeso. Paralelamente, os macedônios iniciaram um processo de fortalecimento político e militar, iniciando uma seqüência de conquistas territoriais que atingiram seu apogeu nos reinados de Filipe II (360 a 336 a. C.) e Alexandre Magno (336 a 323 a. C.), conhecido como o Grande.

Assim, foram estimulados casamentos interétnicos e disseminados por filósofos, professores e pensadores os ideais culturais gregos.

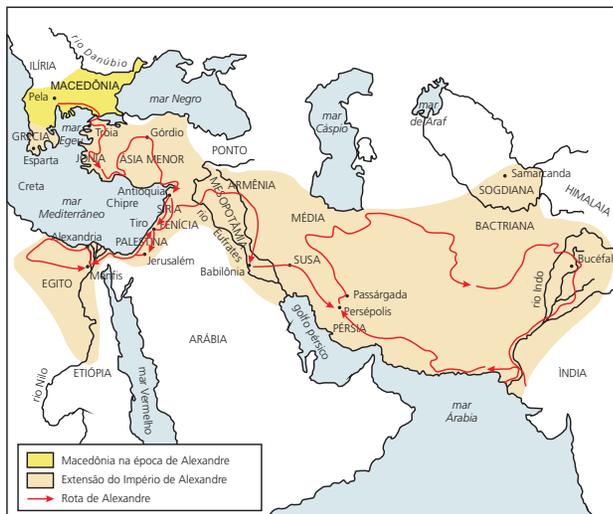
Cidades foram incentivadas a adotar elementos culturais, religiosos e políticos de natureza helênica. Em alguns casos, houve sucesso na integração destes valores com culturas nativas, porém, de uma maneira geral, não foi possível o impedimento de revoltas e rebeliões dos povos dominados, que minaram a estabilidade do Império.

Conflitos internos e externos, especialmente contra sírios e egípcios contribuíram com o declínio do Império selêucida, que caiu sob domínio romano no início do século II a.C.

Helenismo

A expansão militar liderada por Alexandre Magno em direção ao Oriente, foi caracterizada pela difusão da cultura grega nas áreas dominadas, o que promoveu uma integração entre as culturas grega e oriental: o helenismo. A produção cultural e artística do mundo helênico se deslocou para cidades como Rodes, Antioquia, Pérgamo e Alexandria. Nesta última, foi erguido o famoso farol, considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo. Em Pérgamo, havia um altar edificado em honra ao deus Zeus. Já em Rodes foi construído o Colosso de Rodes, também muito conhecido na Antiguidade.

O IMPÉRIO DE ALEXANDRE



A arte foi marcada pela transição do gosto pela estética para a satisfação ou preenchimento das necessidades dos indivíduos. Neste sentido, houve valorização dos dramas pessoais, a multiplicação de representações individuais e a valorização de fases como a infância e a velhice. Houve espaço ainda para a valorização do colossal e das grandezas das capacidades humanas.

Esta fase foi marcada também por grande desenvolvimento científico, resultante do intercâmbio de culturas extremamente evoluídas em diversos aspectos do saber. Desta forma, houve avanços na matemática, física, literatura, história e astronomia. Esta última teve marcante contribuição de Ptolomeu, autor do conceito de geocentrismo, por meio do qual acreditava-se ser a Terra o centro do universo. Eratóstenes – matemático e geógrafo – foi capaz de calcular o raio da circunferência da Terra. Euclides criou bases para a geometria utilizada atualmente; Arquimedes contribuiu para a física ao formular princípios para a flutuação de corpos em meios líquidos, bem como descobriu e sintetizou os princípios das alavancas e roldanas. Políbio foi o maior historiador do período, enquanto na literatura, o poeta Teócrito se destacava nas poesias idílica e bucólica.

Na filosofia, destaque para o surgimento de duas novas concepções: o **Estoicismo** e o **Epicurismo**. O Estoicismo foi fundado por Zenão de Cítio (336-324 a. C.), no início do século IV a.C. Os estoicos defendiam que a razão universal (*logos*) é a origem de todas as coisas e a responsável pela harmonia (*Kosmos*) no mundo. O ser humano deveria então viver de acordo com as leis naturais – aí está a sabedoria do homem que se reconhece com uma peça do universo, devendo este se manter sereno nas coisas boas e nas coisas ruins. A riqueza e a felicidade não estariam presentes em coisas externas, bem como o homem não poderia se deixar escravizar por paixões e sentimentos, sendo virtude apresentar uma vontade de acordo com a natureza.

O **Epicurismo** foi fundado por Epicuro (341-270 a. C.) e defendia uma filosofia de cunho materialista e terrena, sem apresentar preocupações com a morte ou o que a sucederia. O foco desta concepção é a busca por prazeres terrenos que trouxessem satisfação individual como elementos suficientes para a felicidade humana. Os desejos devem ser controlados como forma de evitar que se tornem fontes de perturbações ao indivíduo que deve buscar o equilíbrio sereno entre o corpo e o espírito. A felicidade plena resultaria da sintonia entre o conhecimento pleno do corpo e da mente, marcados pela consciência das limitações pessoais; da libertação dos medos e angústias; e da ausência de sofrimento corporal. Observe o caráter prático desta filosofia, que tinha por finalidade encontrar uma felicidade ao alcance dos homens e terrena, descartando a influência do sobrenatural e dos deuses na vida humana terrena.

Houve espaço ainda para o crescimento do **Ceticismo**, que originário da Grécia Antiga, incentivava o permanente questionamento intelectual das diversas coisas do mundo e das leis metafísicas e dogmas vigentes.



Laocoonte e a Vitória de Samotrácia.

A arte helenística foi fortemente caracterizada pelo realismo, que teve presença marcante na pintura e na escultura. Os maiores destaques foram: Lisipo, escultor oficial de Alexandre e autor do Apoxiomenos; Eutíquides e Fânias. As obras mais famosas foram: o Colosso de Rodes – de Cares, discípulo de Lisipo; *Laocoonte e a Vitória de Samotrácia*; e *A Vênus de Milo*, atribuída a Agesandro.

A política foi caracterizada pela eliminação dos avanços que marcaram a democracia grega, que foram superados pelo despotismo tipicamente oriental, caracterizado pelo poder ilimitado dos monarcas, cujo poder despótico era considerado de origem divina.

Cultura grega

A cultura grega foi marcada pela originalidade e exerceu grande influência no mundo ocidental. Uma das fases de maior destaque foi durante o século V a.C., quando os valores democráticos influenciaram a educação e os discursos filosóficos. Havia valorização da razão e do ser humano – Antropocentrismo, especialmente quando a filosofia se encarregou de estimular a superação do fantástico na explicação e compreensão das coisas do mundo. Os padrões culturais gregos foram caracterizados ainda pela valorização da religião e dos deuses, presentes nos vários aspectos da vida das pessoas, bem como pela valorização do homem, sua inteligência e suas formas. Os valores gregos permitiram o desenvolvimento em diversos campos do saber, bem como nas artes em geral. Os helenos produziram obras de destaque em setores, como literatura, filosofia, arquitetura, escultura, teatro, música e dança.

Devemos observar a capacidade dos gregos em sintetizar realismo e idealismo, através da harmonia entre as formas da natureza com as formas ditadas pelo espírito. O desenvolvimento cultural grego teve, no seu início, importante influência da ilha de Creta, onde se desenvolveu por volta do segundo milênio antes de Cristo uma próspera civilização que se tornou um núcleo comercial, famoso pela decoração suntuosa de palácios como Cnossos e Festo.

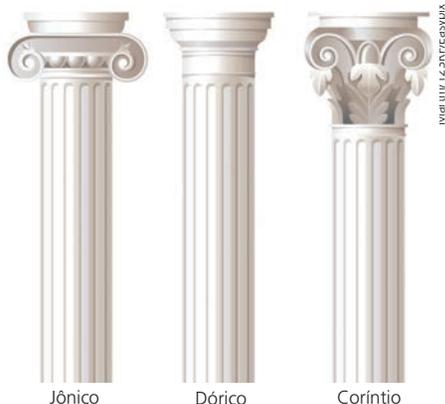
A civilização micênica criou uma arte própria que deixou traços profundos na cultura helênica. Somente no primeiro milênio a.C. teve início o desenvolvimento da arte grega propriamente dita, com destaque para o século de Ouro – V a.C. Já nos séculos IV e III a. C., por iniciativa de Alexandre, o Grande, e seus sucessores, a cultura grega propagou-se na direção do oriente, nos litorais do Egeu e do Mediterrâneo, chegando até a Índia.

Literatura

O maior destaque neste campo é na poesia épica, que teve como elementos marcantes os poemas de Homero, *Iliada* e *Odisseia*. Além dessas obras, podemos citar *Tegônia* e *Os Trabalhos e os dias*, de Hesíodo. Também merecem ser citados os poetas Píndaro e Hesíodo. Já na prosa, destaque para Hecateu de Mileto. Foi na Grécia Antiga que surgiu a poesia lírica, assim chamada por ser acompanhada de músicas tocadas por um instrumento musical chamado lira.

Arquitetura

As construções de templos e edifícios públicos gregos eram marcadas pela utilização de colunas. Os arquitetos gregos buscavam o equilíbrio das formas através da união entre racionalismo e simplicidade, aliança que permitia enorme beleza nas construções. Os mais destacados estilos desenvolvidos foram o Jônico, o Dórico e Coríntio.



Jônico

Dórico

Coríntio

Nas construções eram utilizados tijolos, madeiras e mármore. Em várias obras, a inclinação do solo era aproveitada de forma inteligente pelos arquitetos, como nos teatros, nos quais geralmente as arquibancadas estavam construídas aproveitando as inclinações das montanhas que lhes serviam de suporte.

Escultura



Discóbulo, do escultor grego Míron

Na escultura grega observou-se grande expressão do humanismo que marcou a cultura helênica. Havia grande valorização estética do corpo, com destaque para formas perfeitas segundo o padrão de beleza vigente, que serviam de inspiração para os artistas. Normalmente, as esculturas eram utilizadas como adorno em templos, monumentos, prédios e áreas públicas, além das residências de grupos sociais abastadas.

Os escultores de maior destaque foram: Míron, autor de *Discóbulo*; Fídias, que esculpiu a estátua da deusa Atena que adornava o Partenon; e Policleto de Argos, autor de *Doríforo*.

Teatro

Esta pode ser considerada uma das mais ricas e importantes expressões da cultura grega. O teatro grego foi marcado pela criação de dois gêneros: a tragédia e a comédia, cuja origem remonta às *Dionísíacas*, festas em homenagem ao deus Dionísio.

As peças eram encenadas por homens ao ar livre, sem a participação de mulheres. Os atores usavam máscaras para representar seus personagens, inclusive em papéis de mulheres, já que elas não podiam atuar.

Os espetáculos eram atrações de grande popularidade e podemos citar como destaques: Eurípedes autor de *Medeia*, *As troianas*; Sófocles, autor de *Édipo Rei*, *Antígona* e *Electra*; Aristófones, que escreveu *As vespas*, *As nuvens* e *As rãs*; e Ésquilo, autor de *Os sete contra Tebas*, *Prometeu acorrentado* e *Os persas*.

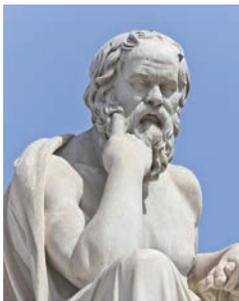
Filosofia

Filosofia significa amor ao saber, ao conhecimento. Surgida no final do período arcaico, representava a busca pelo conhecimento, de explicações concretas para as coisas e o que acontecia no mundo, rompendo com a exclusividade da religião. O surgimento da filosofia resultou diretamente da expansão grega e do contato com outros mundos e povos distantes da Hélade, e contribuiu fundamentalmente para o desenvolvimento da política.

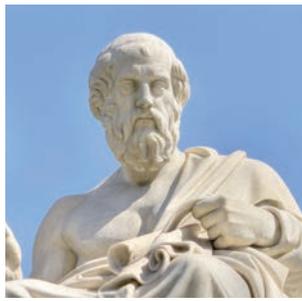
A primeira escola filosófica grega – a Escola de Mileto – surgiu em meados do século VI a.C. e buscava justificar que a existência de tudo o que há no mundo deriva de um elemento primordial. Assim, Tales de Mileto dizia ser a água este elemento; Anaxímenes dizia que era o ar; e Anaximandro afirmava serem elementos primordiais a água, o fogo, a terra e o ar.

Fundada por Pitágoras, a Escola Pitagórica valorizava os números, defendendo a ideia de que o universo era imutável e admitindo a presença de mulheres. Em oposição ao conceito pitagórico da imutabilidade do universo, Heráclito defendia a concepção de constante mutação de tudo o que existe no universo.

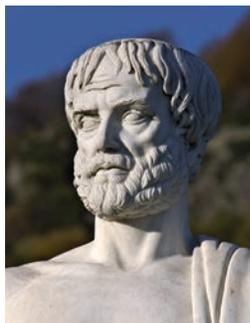
No início do século V a. C. surgiram os Sofistas, que negavam a existência de verdades absolutas, buscando um conhecimento adequado ao cotidiano e à realidade política dos cidadãos, destacando-se entre estes a figura de Protágoras, autor da célebre frase: “o homem é a medida de todas as coisas”. Sua atuação incluía a prestação de serviços educacionais em troca de remuneração.



Sócrates



Platão



Aristóteles

No Período Clássico surgiu a Escola Socrática, que teve como principais representantes Sócrates – seu fundador, Platão e Aristóteles. A obra de Sócrates não foi escrita, sendo todo o conhecimento sobre ele resultante dos relatos de Platão, que era seu discípulo. Assim, segundo Platão, Sócrates defendia a necessidade do autoconhecimento, bem como uma clara distinção entre o misticismo e a razão, sem, contudo, romper completamente com o primeiro. Ainda segundo Platão, Sócrates reconhecia que o conhecimento humano é infinito, sintetizado na frase: “tudo o que sei é que nada sei”. Por se opor a aspectos da política ateniense, notadamente no contexto da guerra do Peloponeso, Sócrates despertou a ira das autoridades. Sendo acusado de corromper a juventude, foi condenado à morte, morrendo envenenado com cicuta em 399 a.C.

Autor de obras como *A República*, *O banquete* e *Apologia de Sócrates*, Platão foi o continuador da escola Socrática, defendendo virtudes como beleza e justiça. Na obra *A República* idealizou um modelo de estado governado por filósofos, que tinha um exército para cuidar da segurança e o povo, que além de obedecer às leis, tinha a função de trabalhar. O mais importante discípulo de Platão foi Aristóteles, que escreveu *Política* e se concentrou na teoria de que o mundo real não tinha dependência em relação ao mundo das ideias, sendo o estudo da lógica o caminho para o conhecimento.

Religião

A religião grega era politeísta, com os vários deuses possuindo a forma e o comportamento humanos. A principal base da religião grega eram os mitos, que traziam relatos fantásticos, associados aos deuses e que serviam para explicar tudo o que existe no mundo. As crenças gregas baseavam-se na existência de uma hierarquia entre os deuses, sendo Zeus o mais importante. Outro aspecto a ser observado, é que havia relação entre deuses e elementos da natureza, sentimentos ou ações. Os principais deuses gregos e suas relações foram: Zeus (senhor de todos os deuses); Atena (sabedoria); Apolo (luz); Artemis (caça); Hermes (comércio); Dionísio (vinho); Poseidon (águas); Afrodite (amor).



Estátua de bronze de Perseu segurando a cabeça de Medusa.

Segundo a mitologia, os deuses eram imortais e não tinham capacidade de mudar seu destino, caso estivesse traçado. Também era possível a interação entre os deuses e os humanos, bem como a reprodução entre deuses gregos e humanos mortais, originando os heróis ou semideuses, como Hércules, Teseu, Perseu e Édipo.

Jogos Olímpicos

Os Jogos Olímpicos correspondiam a festivais religiosos e esportivos, realizados a cada quatro anos, na cidade de Olímpia, localizada na encosta do monte Olimpo, onde se acreditava que os deuses moravam. As competições envolviam diversas modalidades como corridas, pugilismo, arremesso de peso e dardos, e eram realizadas em homenagem a Zeus.

Somente homens podiam competir, sendo proibidos estrangeiros, mulheres e escravos. Os competidores atuavam nus, como forma de demonstrar sua beleza e os dotes físicos do corpo humano, que era valorizado, sendo o corpo com a musculatura perfeita dos atletas o padrão de beleza vigente.

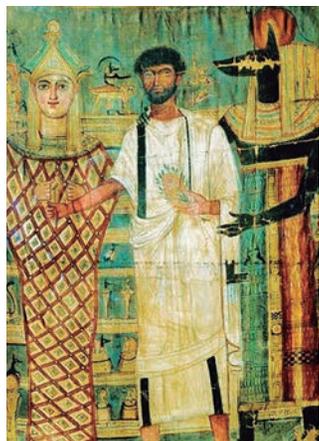
A importância dos jogos era tamanha para as cidades, que os atletas eram preparados para as competições e financiados por suas respectivas cidades, sendo os vencedores alvo de homenagens como receber alimentação gratuita, terem estátuas erguidas em sua honra e serem cantados pelos poetas. Isto se dava por que a vitória nos jogos significava glória e exprimia a supremacia das pólis sobre suas rivais.

No período de realização dos jogos, arautos percorriam toda a Grécia, anunciavam a data concreta em que se desenrolariam os jogos e convidavam os atletas e os espectadores a participar. Os arautos anunciavam também a trégua sagrada, que proibia a guerra durante o período dos jogos e que visava proteger os espectadores e atletas durante a viagem, estadia e regresso às suas respectivas cidades.



Exercícios de Fixação

01. (FATEC/2019) A figura mostra uma tapeçaria funerária produzida no Egito, durante o chamado Período Helenístico, retratando um homem vestido como grego, posicionado entre dois deuses egípcios, Osíris e Anúbis.



Tapeçaria funerária, linho, 1,75x1,25 m. Sacara, Egito, séc. I a.C. Aegyptisches Museum, Berlim.

Apud DOMINGUES, Joelza Esther. História em Documento. Imagem e texto. 6. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2013. Original colorido.

Assinale a alternativa que explica, corretamente, a fusão das culturas grega e egípcia representada na tapeçaria.

- A) As sucessivas incursões militares empreendidas pela rainha Cleópatra VI nos territórios gregos proporcionaram o contato dos egípcios com a arte e a filosofia a helenística, cuja concepção estética influenciou a produção dos artesãos do Baixo Egito.
 - B) Educado por Aristóteles, o faraó Menés, responsável pela unificação dos reinos do Baixo e do Alto Egito, tornou-se grande admirador da arte e da filosofia gregas, e foi o responsável pela difusão da cultura helenística em seu império.
 - C) A política expansionista de Alexandre, o Grande, promoveu o contato dos gregos com outros povos da Europa, da Ásia e da África, e originou a cultura helenística, caracterizada pela miscigenação de diversos elementos culturais.
 - D) Os egípcios tomaram contato com a cultura helenística por meio do comércio com os povos visigodo, ostrogodo, viking e alano que, partindo do norte da Europa, navegavam até o Nilo levando produtos de diferentes procedências.
 - E) Resultado da união política da Grécia e do Egito, por meio do casamento de Alexandre, o Grande, com Cleópatra VI, a cultura helenística foi imposta, muitas vezes à força, a todos os súditos do novo império.
02. (PUC-RS) O máximo do expansionismo grego corresponde ao período de Alexandre Magno. Considerando-se as realizações de Alexandre, pode-se afirmar que:
- A) a partir de Alexandre, o Oriente inificou-se em uma só unidade política, o Império dos Ptolomeus.
 - B) Alexandre uniu o Oriente e a Europa, formando um único e poderoso Império gerador da cultura clássica grega.
 - C) As guerras de Alexandre favoreceram a decadência grega e o consequente domínio romano.
 - D) as conquistas de Alexandre aumentaram os contatos culturais entre o Ocidente e Oriente, possibilitando o surgimento do Helenismo e de novas unidades políticas, os reinos helenísticos.

03. (Enem/2017)

Se, pois, para as coisas que fazemos existe um fim que desejamos por ele mesmo e tudo o mais é desejado no interesse desse fim; evidentemente tal fim será o bem, ou antes, o sumo bem. Mas não terá o conhecimento, porventura, grande influência sobre essa vida? Se assim é, esforcemo-nos por determinar, ainda que em linhas gerais apenas, o que seja ele e de qual das ciências ou faculdades constitui o objeto. Ninguém duvidará de que o seu estudo pertença à arte ais prestigiosa e que mais verdadeiramente se pode chamar a arte mestra. Ora, a política mostra ser dessa natureza, pois é ela que determina quais as ciências que devem ser estudadas num Estado, quais são as que cada cidadão deve aprender, e até que ponto; e vemos que até as faculdades tidas em maior apreço, como a estratégia, a economia e a retórica, estão sujeitas a ela. Ora, como a política utiliza as demais ciências e, por outro lado, legisla sobre o que devemos e o que não devemos fazer, a finalidade dessa ciências deve abranger as das outras, de modo que essa finalidade será o bem humano.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. In: *Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Adaptado.

Para Aristóteles, a relação entre o sumo bem e a organização da pólis pressupõe que o(a)

- A) bem dos indivíduos consiste em cada um perseguir seus interesses.
 - B) sumo bem é dado pela fé de que os deuses são os portadores da verdade.
 - C) política é a ciências que precede todas as demais na organização da cidade.
 - D) educação visa formar a consciência de cada pessoa para agir corretamente.
 - E) democracia protege as atividades políticas necessárias para o bem comum.
04. (Enem/2010) Na Grécia Antiga, o teatro tratou de questões como destino, castigo e justiça. Muitos gregos sabiam de cor inúmeros versos das peças dos seus grandes autores. Na Inglaterra dos séculos XVI e XVII, Shakespeare produziu peças nas quais temas como o amor, o poder, o bem e o mal foram tratados. Nessas peças, os grandes personagens falavam em verso e os demais em prosa. No Brasil colonial, os índios aprenderam com os jesuítas a representar peças de caráter religioso.

Esses fatos são exemplos de que, em diferentes tempos e situações, o teatro é uma forma de

- A) manipulação do povo pelo poder, que controla o teatro.
 - B) diversão e de expressão dos valores e problemas da sociedade.
 - C) entretenimento popular, que se esgota na sua função de distrair.
 - D) manipulação do povo pelos intelectuais que compõem as peças.
 - E) entretenimento, que foi superada e hoje é substituída pela televisão.
05. (UFPB/2006) Leia, com atenção, o texto que se segue:

— Guardas! Guardas! – grita Creonte, alucinado.
 — Levem depressa, e para bem longe daqui, este homem desgraçado que, querendo sobrepor-se aos deuses, matou noiva, filho, esposa e mãe. Ai de mim, tudo desmorona a meu redor. Um deus, sim, um deus desabou sobre mim com seu peso enorme e calcou aos pés a minha sorte.
 — Não se devem ofender os deuses. Os golpes impiedosos que eles infligem ensinam os homens arrogantes a chegar à velhice com sabedoria. Eis a primeira condição da felicidade – conclui o corifeu, secundado pelo coro dos velhos tebanos”.

SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução e adaptação de Cecília Casas. São Paulo: Scipione, 2004 , p. 38-39.

A passagem apresentada é extraída da peça “Antígone”, do poeta e dramaturgo grego Sófocles (496-405 a.C.). A tragédia clássica caracteriza-se pelas tentativas humanas de fugir do destino determinado pelos deuses. Na sociedade grega da Antiguidade,

- A) os deuses eram divindades infalíveis e onipresentes e, por isso, detinham em suas mãos os destinos da Humanidade.
- B) Zeus era equivalente ao Deus dos cristãos, tendo apenas uma denominação distinta.
- C) a religião estabelecia rígido controle moral, considerando como pecado o sexo e o consumo de vinho.
- D) os deuses eram imagens projetadas dos próprios homens, adquirindo, além da forma humana, suas paixões, defeitos e vícios.
- E) os deuses eram divindades abstratas, sem forma definida, possuindo apenas características morais e espirituais.



Exercícios Propostos

01. (Enem/2016)

[...] O Servidor – Diziam ser filho do rei...

Édipo – Foi ela quem te entregou a criança?

O Servidor – Foi ela, Senhor.

Édipo – Com que intenção?

O Servidor – Para que eu a matasse.

Édipo – Uma mãe! Mulher desgraçada!

O Servidor – Ela tinha medo de um oráculo dos deuses.

Édipo – O que ele anunciava?

O Servidor – Que essa criança um dia mataria seu pai.

Édipo – Mas por que tu a entregaste a este homem?

O Servidor – Tive piedade dela, mestre. Acreditei que ele a levaria ao país de onde vinha. Ele te salvou a vida, mas para os piores males! Se és realmente aquele de quem ele fala, saibas que nasceste marcado pela infelicidade.

Édipo – Oh! Ai de mim! Então no final tudo seria verdade! Ah! Luz do dia, que eu te veja aqui pela última vez, já que hoje me revelo o filho de quem não devia nascer, o esposo de quem não devia ser, o assassino de quem não deveria matar!

SÓFOCLES. Édipo Rei. Porto Alegre: L&PM. 2011.

O trecho da obra de Sófocles, que expressa o núcleo da tragédia grega, revela o(a)

- A) condenação eterna dos homens pela prática injustificada do incesto.
- B) legalismo estatal ao punir com a prisão perpétua o crime de parricídio.
- C) busca pela explicação racional sobre os fatos até então desconhecidos.
- D) caráter antropomórfico dos deuses na medida em que imitavam os homens.
- E) impossibilidade de o homem fugir do destino predeterminado pelos deuses.

02. (UNESP/2017-2ª Fase) Sendo, pois, de duas espécies a virtude, intelectual e moral, a primeira gera-se e cresce graças ao ensino – por isso requer experiência e tempo –, enquanto a virtude moral é adquirida em resultado do hábito. Não é, pois, por natureza, que as virtudes se geram em nós. Adquirimo-las pelo exercício, como também sucede com as artes.

As coisas que temos de aprender antes de poder fazê-las, aprendemo-las fazendo; por exemplo, os homens tornam-se arquitetos construindo e tocadores de lira tocando esse instrumento. Da mesma forma, tornamo-nos justos praticando atos justos, e assim com a temperança, a bravura etc.

Aristóteles. Ética a Nicômaco, 1991. Adaptado.

Responda como a concepção de Aristóteles sobre a origem das virtudes se diferencia de uma concepção inatista, para a qual as virtudes seriam anteriores à experiência pessoal. Explique a importância dessa concepção aristotélica no campo da educação.

03. (ESPM/2019.1)

Os progressos da escultura podem ser explicados, em primeiro lugar, pela própria qualidade dos materiais de que os artistas passaram a dispor. Depois de um período de aprendizado em trabalhos de madeira e de pedra branda, a escultura grega passou a usar principalmente o mármore de grãos finos e compactos. Os processos de fundição de bronze foram provavelmente importados do Egito.

Auguste Jardé. *A Grécia Antiga e a Vida Grega*

A vida grega, que reservava ao corpo um papel tão importante, era favorável ao desenvolvimento da escultura. Assinale a alternativa correta sobre a escultura na Grécia Antiga:

- A) por refletir o teocentrismo na cultura grega, as esculturas eram sempre estátuas de deuses;
- B) a nudez era evitada, pois para um grego o nu era escandaloso;
- C) havia uma completa ruptura entre a escultura e a arquitetura, artes que não dialogavam;
- D) ao conferir ao corpo um papel tão importante, o atleta, estivesse ele em repouso ou em plena atividade, foi o modelo predileto dos escultores;
- E) a estatuária grega ficou limitada a finalidade funerária e comumente representavam o morto em atitudes familiares.

04. (UFPR/2006) “Por muito tempo, entre os historiadores pensou-se que os gregos formavam um povo superior de guerreiros que, por volta de 2000 a.C., teria conquistado a Grécia, submetendo a população local. Hoje em dia, os estudiosos descartam esta hipótese, considerando que houve um movimento mais complexo. Segundo o pesquisador Moses Finley, ‘a chegada dos gregos significou a introdução de um elemento novo que se misturou com seus predecessores para criar, lentamente, uma nova civilização e estendê-la como e por onde puderam’.”

FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2001.

Com base no texto é correto afirmar:

- A) As pesquisas recentes indicam que o povo grego se formou a partir de um amálgama de culturas que se expandiram por diferentes territórios.
- B) A cultura grega constituiu-se a partir de um único povo.
- C) Com a expressão “nova civilização”, o autor indica o fim do primado da pólis em favor do estado teocrático.
- D) Os estudiosos, ainda hoje, acreditam na superioridade dos gregos sobre outros povos da Antiguidade.
- E) Os gregos não souberam incorporar, aos seus, elementos culturais dos povos conquistados.

05. (Fuvest/2009) "Alexandre desembarca lá onde foi fundada a atual cidade de Alexandria. Pareceu-lhe que o lugar era muito bonito para fundar uma cidade e que ela iria prosperar. A vontade de colocar mãos à obra fez com que ele próprio traçasse o plano da cidade, o local da Ágora, dos santuários da deusa egípcia Ísis, dos deuses gregos e do muro externo."

ARRIANO, F. *Anabasis Alexandri* (séc. I d.C.).

Desse trecho de Arriano, sobre a fundação de Alexandria, é possível depreender:

- A) o significado do helenismo, caracterizado pela fusão da cultura grega com a egípcia e as do Oriente Médio.
- B) a incorporação do processo de urbanização egípcio, para efetivar o domínio de Alexandre na região.
- C) a implantação dos princípios fundamentais da democracia ateniense e do helenismo no Egito.
- D) a permanência da racionalidade urbana egípcia na organização de cidades no Império helênico.
- E) o impacto da arquitetura e da religião dos egípcios, na Grécia, após as conquistas de Alexandre.

06. (UFSM/2013) Hades, o deus dos infernos, apaixonou-se por Perséfone, filha de Deméter, a deusa da fertilidade. Hades tomou a jovem e puxou-a para dentro do seu carro. Logo depois, abriu uma fenda na terra, mergulhando com sua presa para as profundezas. Deméter passou a procurar a filha e descuidou da natureza, prejudicando as plantações e os pastores. Zeus preocupou-se com o desespero de Deméter e permitiu que ela descesse à mansão dos mortos. Deméter não conseguiu arrancar Perséfone de Hades, mas negociou com ele a permissão da filha ficar metade do ano com a mãe, a outra metade com o esposo. Desde então, quando Perséfone está na superfície, a natureza viceja e, quando ela retorna aos infernos, a Terra fica estéril.

FRANCHINI, S.A. *As grandes histórias da mitologia greco-romana*. POA: L&PM, 2012. p. 38-39. Adaptado.

O mito de Perséfone permite concluir que

- A) os gregos e os romanos ignoravam os mitos como forma de explicação dos fenômenos naturais.
- B) os mitos greco-romanos, assim como os hebraicos, tinham apenas objetivos religiosos e não serviam para compreender a sociedade e o mundo natural.
- C) a existência dos infernos é um mito de origem hebraica e foi assimilada pelo mundo greco-romano apenas a partir da expansão romana no Oriente.
- D) as figuras da mitologia muitas vezes representam forças da natureza e configuram um entendimento fantástico do mundo físico e natural.
- E) as estações do ano – primavera, verão, outono e inverno – foram criações divinas, estabelecidas por Zeus para castigar o orgulho dos homens.

07. (Uece/2014.2) Assinale a opção que corresponde à razão da forte oposição dos oficiais gregos a Alexandre, o Grande, não obstante sua breve vida.

- A) A imposição de um poder monárquico absolutista e a divinização da própria figura do imperador.
- B) A organização de uma nova expedição para conquistar a Índia, mesmo com o exército cansado e esgotado.
- C) O inconformismo dos vários comandantes e da população grega em geral com a destruição brutal de Tebas.
- D) O casamento do imperador com uma mulher estrangeira que seguia uma religião desprezada pela população grega.

08. (Fuvest)

"Há muitas maravilhas mas nenhuma é tão maravilhosa quanto o homem. ...homem de engenho e artes inesgotáveis... soube aprender sozinho a usar a fala e o pensamento mais veloz que o vento... sagaz de certo modo na inventiva além do que seria de esperar e na destreza, que o desvia às vezes para a maldade, às vezes para o bem...."

Antígona, Sófocles, 497 - 406, a.C.

"Este animal previdente, sagaz, complexo, penetrante, dotado de memória, capaz de raciocinar e de refletir, ao qual damos o nome de homem... Único entre todos os vivos e entre todas as naturezas animais, só ele raciocina e pensa. Ora, o que há... de mais divino que a razão, que chegada à maturidade e à sua perfeição é justamente chamada de sabedoria?"

Sobre as leis, Cícero, 106 - 43, a.C.

"Eu não te dei, Adão, nem um lugar predeterminado, nem quaisquer prerrogativas.... Tu mesmo fixarás as tuas leis sem estar constringido por nenhum entrave, segundo teu livre arbítrio, a cujo domínio te confiei.... Poderás degenerar à maneira das coisas inferiores, que são os brutos, ou poderás, segundo tua vontade, te regenerar à maneira das superiores, que são as divinas."

Sobre a dignidade do homem, Pico della Mirandola, 1463 - 1494

- A) Qual o assunto dos textos e como é denominada a concepção neles presente?
- B) Qual a relação existente entre o universo cultural de Pico della Mirandola e o de Sófocles e Cícero?

09. (Unicamp/2011) À *Iliada*, epopeia guerreira, sucede a *Odisseia*, pacífica coletânea de lendas e aventuras marítimas. Esse contraste corresponde a uma mudança, quando os povos da região renunciam às lutas em territórios muito estreitos e se voltam para os países longínquos. Os poemas homéricos são contemporâneos da grande expansão marítima dos fenícios e a *Odisseia* está cheia de violências e rapinas de todo tipo praticadas pelos fenícios, apresentados como mercadores descarados e bandidos sem escrúpulos; mas devemos levar em conta, nessas narrativas, as rivalidades comerciais.

LEROUX, J. G. *As primeiras civilizações do Mediterrâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 67-68. Adaptado.

- A) Segundo o texto, quais seriam as razões históricas da diferença entre a *Iliada* e a *Odisseia*?
- B) Como a organização política de fenícios e gregos os diferenciava da civilização egípcia?

10. (UFPR/2012) Sobre o período helenístico (séculos IV a II a.C.) é correto afirmar:

- A) Com a rápida conquista territorial feita pelos macedônios, liderados especialmente por Alexandre Magno, houve a difusão da cultura grega do Egito até a Índia, por meio da adoção da *koiné*, uma variante mais simples do grego. Ocorreu a fusão entre culturas orientais e a cultura grega, além da construção de polos culturais, como Alexandria. Esse período deixou uma influência duradoura, que se manteve também dentro dos limites do Império Romano.

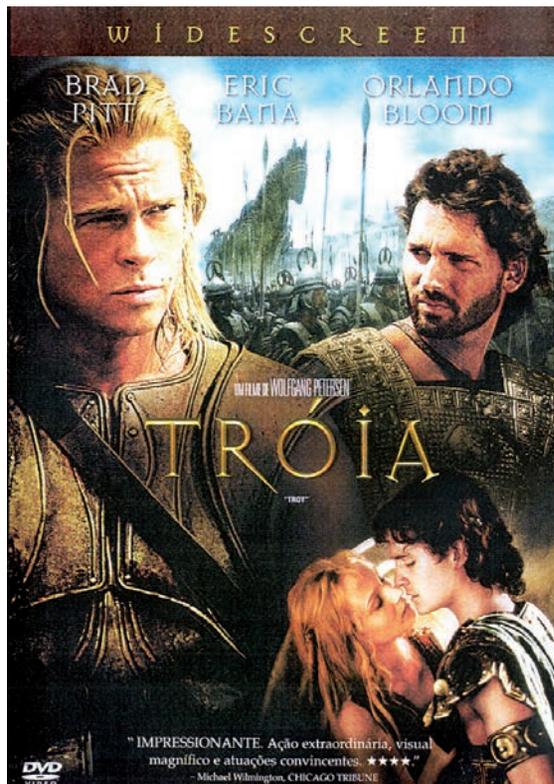
- B) Foi um longo período de desenvolvimento econômico, em que a agricultura foi incentivada por todos os territórios conquistados por Alexandre Magno. O objetivo desse imperador era rivalizar com o Império Romano, estabelecendo em Alexandria um governo despótico e centralizador. Nesse período, a cultura grega se expandiu do Egito até a China.
- C) Foi marcado pelas conquistas de Alexandre Magno, que teve dificuldades em expandir o seu governo, por conta da resistência dos romanos e dos persas. Apesar de ter reinado por décadas, Alexandre Magno não conseguiu manter a independência grega, perdendo seus territórios para o nascente Império Romano.
- D) Foi um período de decadência cultural, em que manifestações culturais gregas misturaram-se a influências de outras culturas conquistadas pelos exércitos de Alexandre Magno. Devido ao seu rápido crescimento, o Império helenístico permitiu que as culturas e costumes locais se preservassem em troca de lealdade política. Isso levou ao fim da língua, da filosofia, do teatro e da arquitetura gregas.
- E) Foi uma era de violência endêmica e de escravidão dos povos conquistados por Alexandre Magno, o que explica sua breve duração. Logo após a morte de Alexandre, o Império se dividiu e foi conquistado pelos persas. Dessa forma, o projeto de difusão da cultura grega foi abandonado, deixando alguns poucos monumentos e bibliotecas pelo Oriente.



Fique de Olho

FILME:

TRÓIA



Reprodução/Warner Home Video Inc.

Bibliografia

- AQUINO, Rubim Leão Santos de & outros. *História das Sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Reinaldo. *Domínios da História*. São Paulo: Campus, 2000.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Sete olhares sobre a Antiguidade*. Brasília: UnB, 1994.
- _____. *Antiguidade oriental*. Política e religião. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- COTRIM, Gilberto. *História Geral: para uma geração mais consciente*. 2º grau. Saraiva: São Paulo, 1996.
- COULANGES, Fustel. *A cidade antiga*. São Paulo: Hemus, 1975.
- GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia – Romance da História da Filosofia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KOSHIBA, Luis. *História – Origens, estruturas e processos. Uma Leitura da História Ocidental para o ensino médio*. São Paulo: Atual, 2000.
- MOTA, Miriam Becho e BRAICK, Patricia Ramos. *História: das cavernas ao terceiro milênio*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.
- NEVES Joana. *História Geral – A construção de um mundo globalizado*. São Paulo: Saraiva, 2002.
- PLUTARCO. *Alexandre e Cesar: As vidas comparadas dos maiores guerreiros da Antiguidade*. 3. ed. São Paulo: Ediouro, 2004.
- VICENTINO, Cláudio. *História Geral: Ensino Médio – Volume único*. São Paulo: Scipione, 2006.
- _____. *História Geral e do Brasil*. Claudio Vicentino e Gianpaolo Dorigo – 1ª ed. São Paulo: Scipione, 2010.



Anotações



Anotações

HISTÓRIA III

HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

Objetivo(s):

- Correlacionar as agitações de 1830 com a Primavera dos Povos, identificando as pré-condições de desenvolvimento, suas semelhanças e diferenças.
- Analisar a cultura e mentalidade europeia, formadora do conceito de nação, modernidade e *Belle Époque*.
- Identificar as semelhanças e diferenças existentes entre a Unificação Alemã e o Risorgimento.
- Visualizar os fatores, ideologias e estratégias que favoreceram o processo de unificação tardia alemã e italiana.
- Contextualizar o processo de desenvolvimento dos Estados Unidos, seus entraves internos e suas possibilidades imperialistas.
- Compreender os fundamentos do Destino Manifesto e da Marcha para o Oeste, no processo de formação dos Estados Unidos.
- Interpretar os fatores ideológicos e econômicos envolvidos no desenvolvimento das emancipações latino-americanas.
- Estabelecer um paralelo entre os contextos interno e externo da independência da América Luso-Espanhola.
- Confrontar os elementos constitutivos do imperialismo com as condições dos povos dominados e seu desenvolvimento cultural.
- Avaliar o grau de poder e influência das ideologias imperialistas e teorias científicas da época, na elaboração do conceito de Missão Civilizadora.

Conteúdo:

AULA 06: MOVIMENTOS EUROPEUS DO SÉCULO XIX

Introdução	70
A mentalidade e a economia europeias	70
O romantismo do século XVIII ao século XIX	71
Os novos aspectos da produção artística e cultural europeias	72
As agitações de 1830 na França	73
A primavera dos povos	74
Exercícios	76

AULA 07: UNIFICAÇÕES TARDIAS

Introdução	79
A unificação italiana	80
A questão romana	81
A unificação alemã	82
A comuna de Paris	84
A unificação japonesa	85
Exercícios	86

AULA 08: ESTADOS UNIDOS NO SÉCULO XIX

Introdução	90
Destino Manifesto e Doutrina Monroe	90
A Marcha para o Oeste	91
O Norte e o Sul dos Estados Unidos	92
A Guerra de Secessão	92
A questão da escravidão e a Klan	95
Exercícios	97

AULA 09: EMANCIPAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

Introdução	101
O anticolonialismo no Brasil	101
A emancipação do Brasil	102
A emancipação do Haiti	102
A emancipação do México	103
O processo emancipacionista a partir da Venezuela e Colômbia	103
América espanhola – uma emancipação fragmentária	104
Exercícios	105

AULA 10: IMPERIALISMO E NEOCOLONIALISMO

Introdução	109
A Segunda Revolução Industrial e um novo capitalismo	110
A concorrência internacional	110
A justificativa ideológica do imperialismo	112
A partilha da África	113
O imperialismo norte-americano	114
O imperialismo japonês	115
Exercícios	116

C-1	H-1
C-2	H-10
C-3	H-11, 13

Introdução

Desde o advento do **Iluminismo** e dos seus desdobramentos ideológicos, a mentalidade europeia já não é mais a mesma. A correlação dos princípios de igualdade, de liberdade, de resistência à opressão política e de autodeterminação encontraram eco, sobretudo, na **classe burguesa**, que passará a protagonizar os mais diversos movimentos, revoltas, motins, protestos e revoluções.

As heranças da **Revolução Gloriosa**, da **Revolução Industrial**, da **Emancipação Norte-Americana** e da **Revolução Francesa** fizeram germinar não somente uma ideologia geral, mas toda uma cultura internalizada em cada homem e mulher que compunham as nações continentais desses fenômenos históricos avassaladores.

A **Era Napoleônica**, com o seu ímpeto expansionista, além de toda a sua força e esperança depositada em Bonaparte pela burguesia francesa, foi muito mais do que uma outra fase da história daquele país; converteu-se no epicentro da difusão das **teorias da ilustração** por toda a Europa, repercutindo de um extremo a outro do mundo.

Se as forças conservadoras e opositoras de todo esse sopro renovador se articularam na formulação do **Congresso de Viena** e, se, em nome de uma “paz duradoura”, tal instituição conseguiu, de um certo modo, conter a mais ampla explosão dos ideais enciclopedistas, é forçoso dizer que o passado a estertorar feito um cadáver não conseguiu ressuscitar a si mesmo.

A mentalidade europeia já havia se encharcado de Montesquieu, Voltaire, Diderot, D’alembert, Rousseau e John Locke, na medida em que os fragmentos ou a totalidade de documentos revolucionários como a **Declaração de Independência dos Estados Unidos** e a **Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão** circulavam nas mãos da intelectualidade e das elites do “Velho Mundo”.



Benoît-Louis Prévost/Wikimedia Foundation

Frontispício da Encyclopédie (1772), desenhado por Charles-Nicolas Cochin e gravado por Bonaventure-Louis Prévost. Esta obra está carregada de simbolismo: a figura do centro representa a verdade – rodeada por luz intensa (o símbolo central do iluminismo). Duas outras figuras à direita, a razão e a filosofia, estão a retirar o manto sobre a verdade.

Nem o **Princípio da Restauração**; nem o redesenho do mapa europeu; nem tampouco o **Princípio da Legitimidade** impostos pelos congressistas de Viena conseguiram evitar as agitações políticas que se abateram sobre a França em meados de 1830. Fracassara também o ensaio de intervencionismo da **Santa Aliança**, incapaz de evitar as emancipações da América espanhola, tanto quanto não impediu o desenvolvimento das lutas democratizantes e liberalizantes da Primavera dos Povos, em 1848.

Pode-se inferir que, diante de fatos semelhantes radica-se o conceito de “Revolução”, na medida em que ela somente existe quando seja capaz de modificar profundamente a conduta, o comportamento, o pensamento e as ações de um grupo, de uma sociedade, enfim, de uma nação; sendo assim, tanto mais revolucionária quanto maior for o seu caráter universal, provocando ressonâncias nos mais diferentes povos, sob as mais variadas circunstâncias.

A mentalidade e a economia europeias

A **cultura europeia do século XIX** não era o resultado de um conjunto de manifestações próprias do povo de cada nação, tendo em vista que o elitismo das relações sociais e econômicas tornou-se determinante para a possibilidade da produção nos mais variados campos da arte, da filosofia e da literatura.



Museu de Orsay, Paris, França

RENOIR, Pierre-Auguste (1841-1919). O baile no Moulin de la Garete, 1876. Óleo sobre tela, 131 x 175 cm.

Desse modo, a produção da memória e da cultura no “Velho Mundo” deve ser percebida como uma forma de substrato, construído ou resultado dos comportamentos e visão de mundo de um determinado segmento social. Neste caso, do clero e da nobreza que marginalizavam as demais classes existentes.

O século XIX, portanto, foi marcado não somente pela eclosão de diversos tipos de manifestação e de expressão autoral, mas pelo uso da própria cultura como um **instrumento de manipulação**, de alienação, de formulação de uma estética de mundo para se pensar conforme os parâmetros das classes dominantes.

Apesar desse século de mudanças estar situado na contemporaneidade humana é ainda ele uma forma de superação de paradigmas ainda medievais e que persistiram durante todo o **Antigo Regime**.

A mentalidade continental também foi alterada pelas grandes transformações técnicas desencadeadas pela **Revolução Industrial**, de modo que as antigas infraestruturas radicadas na força propulsora do vapor foram substituídas por um processo lento, mas efetivo de automação; apareceram as ferrovias num amplo processo de integração nacional, inter-regional; meras cidadelas e centros urbanos começaram a se transformar em megalópoles, de conglomerados multinacionais, movimentando vastos capitais; o sistema capitalista passava a se tornar cada vez mais global, sem planejamento, entretanto, baseado, principalmente, na livre iniciativa privada.

As ideias de liberdade e autonomia, individualismo e empreendedorismo já haviam se sedimentado no comportamento geral, sobretudo, da classe burguesa; uma **cultura aburguesada** que já distinguia o privado do público, um reflexo desses aspectos se fazia perceber no vestuário, no modo como a sexualidade era tratada, no cotidiano familiar, nas formas de tratamento, no trato pessoal.

A **família de origem burguesa** era essencialmente privativa, tornando o ambiente doméstico um verdadeiro reduto de discrição e proteção individual e o aposento particular, no próprio lar, era uma representação dessa faceta da vida no século XIX.



Rastignac e Vautrin, personagens de O Pai Goriot.

Apesar de toda a exaltação ao **particularismo pessoal**, eram os pais os detentores do poder sobre os filhos, quanto às suas correspondências e arquivos pessoais, aliás uma forma real de controle educacional... diários íntimos eram violados, convertendo-se, hoje, numa fonte de informações preciosas sobre o cotidiano europeu daquele tempo.

Mesmo com todas as evidências quanto à formação de uma ampla **consistência do sistema financeiro capitalista**, o século XIX foi visitado por ideias contestadoras, sobretudo, quando a dicotomia social atingia as classes subalternas do operariado.

Tiveram início **associações de trabalhadores**, saturados com a especialização, o trabalho repetitivo, as longas horas de serviço e as condições gerais da fábrica e da estrutura de trabalho, provocando greves, paralisações e a identificação com propostas anarquistas e marxistas.

Por outro lado, as monarquias de base absolutista também ainda sofreriam abalos, tendo em vista que **as revoluções liberais burguesas** não tiveram um **caráter uniforme**, ou seja, não ocorreram de forma homogênea, nem em todos os territórios ao mesmo tempo.

Regiões da Europa como a dos reinos germânicos e os territórios correspondentes à Itália também se tornariam palco não de revoluções propriamente ditas, mas de transformações e mudanças impulsionadas e acompanhadas pelo **processo de unificação**. Nações tardias, assim denominariam os historiadores.

O romantismo do século XVIII ao século XIX



DEGAS, Edgar (1834-1917). Place de la Concorde, 1875. Óleo sobre tela.

Diante de uma sociedade em turbulência renovadora e contraditória, muitos autores como Eugene Delacroix, Goethe e Lord Byron; músicos como Lizt, Chopin e Rossini buscaram alimentar um **processo de nostalgia**, uma forma de fugir para um mundo no passado que exaltasse a nação, as conquistas, as guerras, as vitórias nacionais, as conquistas do espírito humano.

Através do **espírito simbólico**, a mentalidade europeia tentava encontrar uma forma de segurança, diante das incertezas das mudanças inevitáveis que vivia; sendo assim, de um certo modo, procurava recriar o passado, através de novas abordagens.

O **romantismo** como escola ou ideologia se alimentava do **nacionalismo**, ao mesmo tempo em que o reforçava através do culto à língua, à consistência do folclore e dos costumes regionais dos países correspondentes àqueles autores.

O **nacionalismo romântico** era o resultado da consolidação dos **Estados Nacionais**, ao mesmo tempo em que contribuiu para reforçar os elementos de construção do sentido de nacionalidade e do conceito de nação.



Pressões nacionalistas e liberais levaram às revoluções europeias de 1848.

Em paralelo ao nacionalismo caminhou também o **liberalismo**, tanto no sentido político, quando na perspectiva econômica, sobretudo, depois dos escritos de **Adam Smith**.

Se o **conceito de estado e de nação** conduziram à formação dos governos centralizadores, associados ao romantismo, as ideias liberais alteraram tal realidade pela proposição de um mercado livre de imposições, restrições ou controle estatal.

A teoria sobre a existência de uma “mão invisível” a agir sobre os processos comerciais, através da **Lei da Oferta e da Procura**, contestava as antigas práticas mercantilistas, ratificando aspectos da ostensiva produtividade que se estabelecia com a Revolução Industrial de 1750.

A **livre iniciativa privada** retratava a percepção burguesa de que o lucro não deveria estar encarcerado sob os ditames dos governos absolutistas, da nobreza ou de outras formas de intervencionismo. Desse modo, a obra de A. Smith tornava-se a base fundamental da alma do capitalismo que passará a exigir a **uniformização dos mercados**.

Romper barreiras alfandegárias passou a se tornar um objetivo da burguesia, uma forma de nivelar as taxas inter-regionais para garantir o livre cambismo, a livre circulação de capitais e de mercadorias, de modo a consolidar e ampliar o capitalismo industrial, **fenômeno que também serviria de base para os processos de unificação ocorridos nos reinos italianos e estados germânicos**.

Os novos aspectos da produção artística e cultural europeias



Museu de Arte Metropolitana, Nova York, Estados Unidos da América

PISSARO, Camille (1830-1903). Boulevard Montmartre numa manhã de inverno, 1897. Óleo sobre tela.

Durante o século XIX, estados nacionais como o da França foram ambientes férteis em possibilidades artísticas variadas, sobretudo, na pintura, quando do advento do impressionismo. Exposições coletivas foram planejadas e organizadas como forma de dar difusão a novas produções que se afastavam da pintura tradicional.

Em 1874, numa dessas exposições, um quadro do jovem Claude Monet foi intitulado “Impressão”, servindo de base para um grande movimento que passaria a se chamar, pela imprensa, de “Impressionismo”.

O **impressionismo** permitia aos observadores a percepção de nitidez quanto mais distantes estivessem do quadro; tratava-se de cenas históricas, cotidianas, sempre relevantes, já que tais pintores evitavam a banalidade, fugindo de estéticas antiquadas e ditas ultrapassadas do antigo ensino acadêmico.

Os novos pintores criavam as suas obras ao ar livre, sob a perspectiva de captarem suas impressões da paisagem, ou movimento das ruas, privilegiando técnicas que evidenciavam os efeitos de luz, as cores brilhantes, o movimento, de certo modo, aleatório dos pincéis.

Tais produções ganharam notoriedade, por refletirem o **ideal da classe burguesa europeia** e recortarem cenas que tinham ressonância com a **mentalidade industrial, privativa e cotidiana**. Pintores como Claude Monet, Camille Pissarro, Edgar Degas, August Renoir e Jean-Frédéric Bazille foram os mais renomados representantes dessa fase.



Museu Marmottan Monet, Paris, França

MONET, Claude (1840-1926). Impressão, nascer do Sol, 1872. Óleo sobre tela.

A filosofia e a literatura também ganharam um novo enfoque e enredo, de conformidade com os condicionamentos históricos e sociológicos da época, a partir de tudo quanto os ideais burgueses poderiam elaborar, afetando a práxis e o pensar europeu.

Nas obras literárias, por exemplo, é possível perceber uma dialética, uma luta entre o deslumbramento quanto ao novo horizonte que se descortinava com todas as possibilidades da técnica e da tecnologia, e uma certa nostalgia relativa ao passado que intentava permanecer ativo e subjacente.

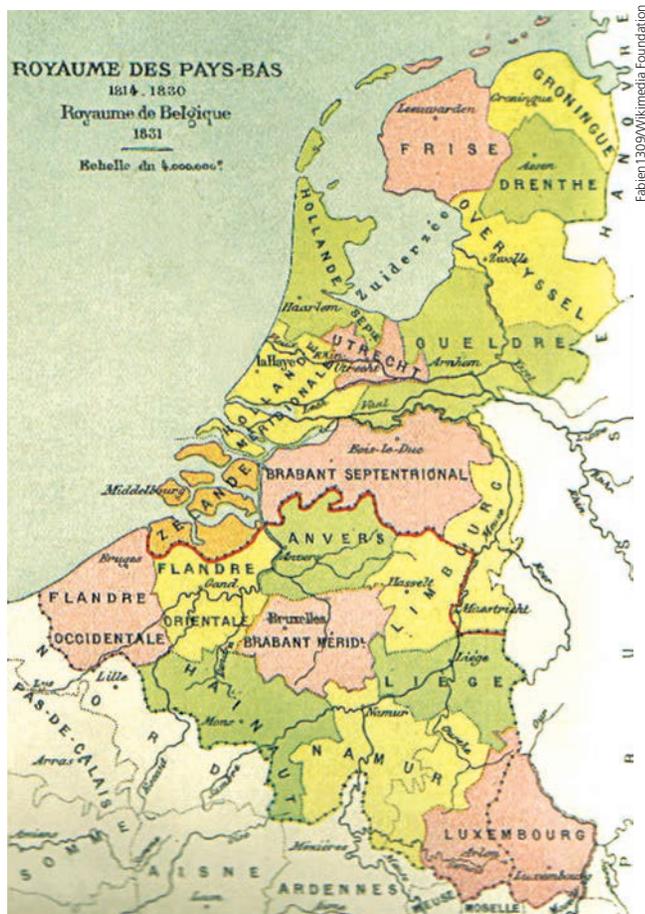
Autores como Balzac (Honoré de Balzac), elaboraram tais percepções de **contradição entre o velho e o novo**, confrontando costumes das regiões provincianas da França com o cotidiano dos parisienses, o que se acha registrado na obra “*Comédia Humana*”.

A vida boêmia de pensadores como Charles Baudelaire foi o primeiro a utilizar-se da expressão “modernidade”, para tentar definir o ideário geral, o construto mental e o espírito europeu do século XIX. Poeta, notabilizou-se ainda pela análise das técnicas de pintura e estética, produzindo ensaios sobre os quadros dos seus contemporâneos impressionistas.

Encantavam muitos leigos e doutos as produções de pintores como Renoir e Frédéric Bazille (um dos principais precursores do iluminismo), pela forma de captar o belo, pelo registro da realidade, pela tentativa de acompanhar o movimento e as mudanças daquele mundo; a dinâmica do mesmo em constante frenética.

Literatos como Sthendal e Fiodor Dostoiévski desafiaram **a realidade exposta em contradição com a realidade interna dos protagonistas sociais do cotidiano**, revelando, de um certo modo, a hipocrisia e a aparência que intentava ocultar o desconforto, o desespero, os vícios e as paixões arrebatadoras.

As agitações de 1830 na França



Depois da vitória dos anseios do **Congresso de Viena** para a França com a restauração Bourbon, o país viveu uma **fase de ilusória estabilidade**, tendo que pagar pesadas sanções de guerra, resultantes das anteriores incursões de Napoleão pela Europa.

A ascensão de Luís XVIII ao trono representou uma momentânea vitória das forças conservadoras do Antigo Regime, antes ameaçadas pela **Era Napoleônica** e suas respectivas incursões de guerra.

Mesmo assim, o país estava dividido internamente entre os realistas, defensores da monarquia e os liberais constitucionalistas, de base iluminista; uma **guerra ideológica** que se tornaria uma marca dos anos de 1820 em diante.

Um evento tornaria essa concorrência política interna ainda mais acirrada: o assassinato do duque de Berry, que assumiria o trono após o antigo monarca restaurado, levou à reação dos ultrarrealistas do parlamento que passaram a restabelecer práticas do passado opressor de absolutismo, tais como a censura, o voto duplice aos grandes proprietários ou mais ricos, a prisão de subversivos, o fortalecimento da Igreja Católica e o retorno a ela dos direitos eclesiásticos sobre o sistema educacional.

Com a morte de Luís XVIII e a ascensão de Carlos X, seu irmão, a tensão viria a se expandir, já que este tratava-se de um dos mais ferrenhos defensores do Antigo Regime, portanto, contrarrevolucionário da época. Ele ampliou a proteção sobre a Igreja Católica, reprimindo protestos, passeatas e contestações ao poder clerical e nobiliárquico.

A **ação restauradora** e nostálgica de Carlos X foi tão ostensiva que ele veio a conseguir, junto ao parlamento, a aprovação do confisco de terras antes tomadas pelos revolucionários de 1789; além disso, até o ritual de coroação foi retomado.



COGNIE, Léon (1794-1880). Cenas de Julho de 1830, 1830.

Somente nas **eleições de 1828** os representantes liberais alcançaram maioria na assembleia, ameaçando a governabilidade real. O jogo político se intensificou, sobretudo, quando o rei nomeou um ministério eminentemente conservador, despertando a reação popular e também de periódicos que vieram a atacar a monarquia. O rei, não podendo admitir insubordinações dessa natureza, ampliou a campanha pela censura, dissolvendo a câmara e impondo a realização de novas eleições, a partir do apoio das classes mais ricas do país.

Manifestos foram elaborados por jornalistas; advogados também reagiram com os seus escritos; panfletos voltaram a circular em desobediência às medidas conservadoras de Carlos X. As ruas agora se viam tomadas por milhares de operários, artesãos e trabalhadores em geral que gritavam palavras de ordem contra as imposições da monarquia, usando a crise econômica interna por combustível e a recessão que se agravava.

O confronto entre policiais e manifestantes levou à **perda do controle sobre Paris** que agora estava sob o poder dos trabalhadores, provocando deserções no exército. Houve a invasão e depredação de lojas e instituições do governo, enquanto membros do exército desertavam. Muitos chamaram esse momento de **Revolução de 1830**.



VERNET, Horace (1789-1863). Luís Felipe indo do Palácio Real para o Hôtel de Ville, 1832.

A pressão foi ostensiva, a ponto de o parlamento sugerir ao rei Carlos X a sua abdicação, a ser substituído pelo seu primo, **o duque de Orleans**. A 9 de agosto, com o nome de Luís Felipe era entronizado aquele representante dos interesses burgueses liberais.

No entanto, **Luís Felipe não se achava situado nem num extremo conservador nem no polo eminentemente liberal.** Seu governo, apoiado por banqueiros e financistas, comerciantes e burgueses em geral, bem como industriais, teve uma capacidade de expansão significativa; além disso, a censura já havia caído por terra, o processo de urbanização se intensificou, mas o sufrágio não alcançava mais que 3% da população; censitário, latifundiário e masculino.

As **ideias iluministas** ainda fervilhavam na mentalidade, a ponto de estimular banquetes com a finalidade de debater os destinos políticos do país, no interesse de ampliar o direito de voto; aquela febre revolucionária parecia se reacender na França.

A primavera dos povos



Charge da revolução de fevereiro de 1848.

Com a ampliação do **movimento liberal na França** e a intensificação dos **banquetes liberais** desobedecendo às ordens do governo de Luís Felipe, a partir de janeiro de 1848, novas medidas restritivas foram efetivadas, dessa vez com a mobilização da **Guarda Nacional**; parte dos seus membros, no entanto, não acatou às ordens reais, cujas ações se voltavam agora para a reformulação do ministério, tentando conciliar os interesses liberais... não houve solução.

Os rebeldes tomaram as ruas, em fevereiro, formando barricadas e se opondo às forças militares do reino, fato que forçou Luís Felipe a proclamar o que se chamou de **Segunda República Francesa**.

O número de trabalhadores adesos, entretanto, crescia e as reivindicações se ampliaram; ainda havia regimes verdadeiramente escravocratas em regiões interioranas; as péssimas condições de produção, com salários miseráveis; a pressão por uma ampla reforma agrária também gritava das ruas na direção do governo, agora desnordeado.

Luís Felipe caiu...

Um novo **governo provisório** foi instituído sob a bandeira da república, com voto universal masculino, redução da carga horária para dez horas diárias e o fim, em definitivo, de quaisquer formas de censura. Estavam no poder, agora, socialistas utópicos como **Louis Blanc** e grupos moderados. Os liberais que também constituíam o governo tinham receio de um descontrole geral do rumo daquela **democracia francesa**, opondo-se aos ideais do socialismo, tentando manter algo do antigo ordenamento jurídico mais flexível, porém, a proteção e o direito à propriedade, bem como as diretrizes econômicas.



VERNET, Horace (1789-1863). Barricada na rua Soufflot.

Uma **nova Constituição** seria elaborada, com um parlamento de maioria burguesa liberal, mesmo com os socialistas tendo grande influência na maioria das áreas urbanas.

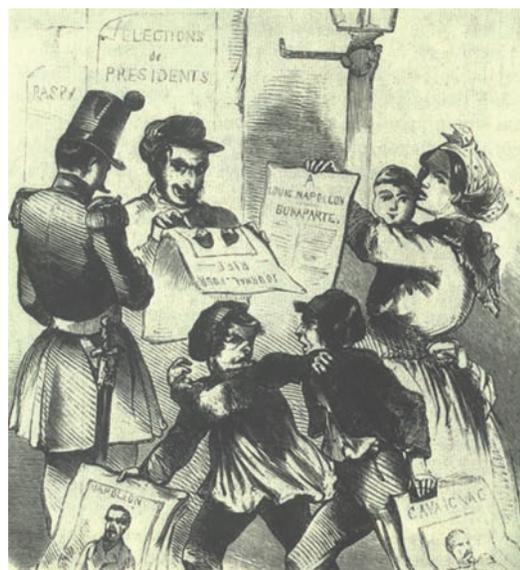
Houve o restabelecimento do direito à liberdade de imprensa e de opinião e as associações políticas operárias saíram da ilegalidade.

O problema do **governo provisório** é que ele não tinha uma direção ideológica definida; os conflitos internos eram constantes. Os socialistas exigiam reformas mais radicais no campo do trabalho e da propriedade da terra, estimulando o surgimento das chamadas **Oficinas Nacionais**, que não aceitavam a política salarial existente, fato que provocava a reação conservadora de modo a reduzir o seu número no país.

Desse modo, novos protestos e barricadas, protestos e manifestações públicas ocorreram e as ideias anarquistas e socialistas ganhavam notoriedades entre os grupos operários.

A consolidação das brigadas, associações e oficinas nacionais levou a movimentos espontâneos que se denominaram Jornadas de Junho. O grupo formado, em sua maioria, por desempregados chegou às ruas da violência quando o governo veio a suspender o abono salarial público.

O levante de junho, porém, foi rechaçado pelas forças governamentais, o **líder operário Albert** que tinha ladeado Louis Blanc no governo provisório foi detido e preso, bem como este socialista foi obrigado a se exilar.



Xilogravura publicada na Illustrierte Zeitung mostrando as eleições de 1848 na França. Dois meninos lutam, um por Luís Napoleão e o outro, por Cavaignac.

As eleições democráticas presidenciais levaram à ascensão de Luís Napoleão, príncipe e sobrinho de Bonaparte, com um número expressivo de votos, no entanto, ele não teve a mesma sorte quanto à formação do parlamento ou assembleia, tendo em vista que ele veio a se constituir, em sua maioria, por esquerdistas.

Novos conflitos internos se processaram, uma vez que os opositores socialistas foram acusados de sabotagem política; perseguidos e presos com os jornais empastelados e fechados e os clubes intelectuais, bem como festas, agremiações e agrupamentos proibidos de existir.

Luís Napoleão conseguiu nova limitação do sistema de voto, definindo o seu direito apenas àqueles que pagavam impostos ou que não tivesse qualquer processo criminal, desse modo, apenas um terço da população teria poder decisório político. Esse encaminhamento de medidas apenas ensaiava o principal: um **golpe de estado**, com a dissolução da assembleia, mediante à realização de um plebiscito que o definiria como senhor exclusivo da nação, autodenominando-se **Napoleão III**, sob a chancela de um novo governo que foi chamado de **Segundo Império Francês**.



Caricatura de Ferdinand Schröder sobre a derrota das Revoluções de 1848 na Europa (publicada em *Düsseldorfer Monatshefte*, agosto de 1849).

A **primavera dos povos** não atingiu somente a França. O liberalismo; os ideais de abertura política e econômica; a conjunção de ideais, inclusive socialistas e os princípios democráticos também encorajaram a emancipação da Bélgica, antes subjugada pelo Congresso de Viena. O seu governo passou a ter uma definição de **natureza liberal**.

Também eclodiram insurreições na Baviera, irradiando-se por diversas regiões de Viena e em Milão e Veneza. Todas essas regiões contestaram o **Antigo Regime**, o absolutismo imperante e implementaram repúblicas locais com pouca duração em face da reação conservadora militarista.

Ainda em 1848

A **Primavera dos Povos** não foi um movimento uniforme, nem tampouco um processo eminentemente revolucionário, tendo em vista que no seu interior havia **contradições** entre os seus membros.

A conjunção de ideias do **socialismo utópico** com o **liberalismo político**, almejado pelos ativistas, somente se desenvolveu mediante à perspectiva de que ambos ansiavam o fim dos regimes conservadores, reflexos ainda do Antigo Regime.

Eram, portanto, múltiplas as tendências, desde aqueles que defendiam a aplicação de uma república, àqueles que pregavam uma **monarquia constitucional ou parlamentar**; além dos seguidores do socialismo utópico de Louis Blanc, Fourier, Robert Owen e Saint Simon.

O ano de 1848, nesse sentido, tornou-se um tempo de efervescência ideológica, sobretudo, com o advento da publicação do **Manifesto Comunista**, de Karl Marx e Friedrich Engels; documento que daria um novo rumo ao pensamento socialista vigente.

A ideia de **socialização dos bens e meios de produção** assimilavam uma perspectiva metodológica e científica; um caráter histórico, econômico, político e antropológico, reforçando a necessidade de uma transformação de caráter revolucionário.



Capa do Manifesto do Partido Comunista.

Tais ideias alcançavam, principalmente, a **classe operária em formação e consolidação**, nos mais diversos países, a partir de princípios como a planificação da economia, a distribuição de renda, a emancipação do proletariado e a formação de um governo ditatorial controlado pelos trabalhadores.

O **socialismo científico** tornou ainda mais radical a necessidade de alteração das disposições socioeconômicas, porém, não foi durante a **Primavera dos Povos** que os princípios marxistas se consolidaram na mentalidade. Será na transição do século XIX para o século XX que a sua difusão e proposição ganharão maior força.

Os trabalhadores parisienses e britânicos

Franceses e ingleses, durante o século XIX, não distinguiam o pobre, o operário e o criminoso; estavam massificados num único grupo de deserdados sociais; moradores dos cortiços; excluídos e marginalizados.

O nível de constrangimento e de opressão eram psicologicamente insuportáveis; o proletariado era cronicamente inseguro, em face da ausência completa de leis trabalhistas.

Esse havia se tornado o contexto geral em torno do qual passaram a girar as **ideias socialistas, utópicas ou científicas**; ambiente no qual transitaram o sopro da Primavera dos Povos, cujo ápice será a **Comuna de Paris**.

Paris havia se tornado uma terra de contrastes; de extremos, tanto quanto a população pobre de Londres percebia o abismo existente entre as classes sociais, desenvolvendo-se uma relação de causa e efeito entre criminalidade, cidades e pobreza.

Segundo o historiador Chevalier, a população londrina era um conjunto de 11 800 mil gatunos e receptadores, suas 750 000 prostitutas, seus 16 000 mendigos, seus 20 000 indivíduos sem meios de subsistência, por volta do final da década de 1830.

A imagem é de **extremo pessimismo** daqueles que usaram descrever o ambiente das cidades, verdadeiros guetos sociais de miséria se desenvolveram. Tudo isso atribuído a uma sociedade filha da Revolução Industrial e da técnica. Por isso, rejeitar as premissas dessa sociedade tornou-se uma necessidade geral de todos quantos lhe experimentavam os efeitos devastadores.

Na medida em que a classe trabalhadora mais esclarecida entra em contato com os mais diversos princípios revolucionários, mais e mais a possibilidade de um movimento subversivo se torna cada vez mais concreto e viável.

É exatamente por isso que, somente com o surgimento do sindicalismo ou da cultura dos sindicatos, é que o operariado começará a buscar uma forma de desenvolvimento de uma realidade que dele se aproxime e sintonize.

Textos para Reflexão

Texto I

Quer a temessem ou festejassem, todos os observadores contemporâneos concordavam que a família burguesa do século XIX era o porto mais seguro para a privacidade. Por trás de suas muralhas protetoras era possível retirar-se e fechar a porta a magistrados intrometidos, vizinhos mexeriqueiros e até mesmo preladados inoportunos [...] O ambiente doméstico moderno oferecia uma proteção inigualável contra a bisbilhotice indesejada. Alguns, contemplando esse magnífico invento, se entregaram a pensamentos profundos, ou até mesmo à filosofia. “Por trás da vida exterior de cada homem, da vida que ele leva em público”, escreveu Walter Bagehot em 1853, “há uma outra vida que ele leva sozinho, e que carrega consigo fora do alcance das pessoas com quem convive. Dos nossos vizinhos vemos apenas uma face, assim como vemos apenas uma face da lua”. Ao fim das contas, “todos nós descemos à sala de refeições, porém, cada um tem seu dormitório”. [...] O século XIX foi uma era em que os membros das classes médias aspiravam a ter, cada um, seu próprio aposento.

Mesmo no interior do reduto da vida familiar, contudo, a privacidade estava muito longe de ser completa, visto que os pais cediam à sua própria bisbilhotice. Abriam as cartas escritas por seus filhos ou a eles endereçadas, supervisionavam sua leitura, acompanhavam-nos em suas visitas e inspecionavam suas roupas íntimas [...]

Nem mesmo os diários, essa proverbial encarnação da privacidade, estavam completamente a salvo de invasões, permitidas ou desautorizadas. Nem só nos romances os pais e maridos se aproveitavam da ausência do dono do diário para tomarem conhecimento de segredos que eram destinados a seus olhos. [...] O diário íntimo do século XIX continua a ser um valioso objeto histórico, pois permite acesso à característica que mais claramente define a moderna experiência burguesa. Sabemos que a grande maioria das culturas estabelece limites, mais ou menos nítidos, entre as esferas pessoal e pública. Entretanto, a cultura da classe média do século XIX dava particular ênfase a essa distinção, tornando o abismo que separa as duas esferas o mais amplo possível. Numa cultura como essa, o diário íntimo estava destinado a florescer, e foi com justiça que o século XIX veio a ser considerado sua época áurea.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 314.

Texto II

O mundo da década de 1840 se achava fora de equilíbrio. As forças de mudança econômica, técnica e social desencadeadas nos últimos 50 anos não tinham paralelo, eram irresistíveis mesmo o mais superficial dos observadores. Por exemplo, era inevitável que, mais cedo ou mais tarde, a escravidão ou a servidão (exceto nas remotas regiões ainda não tingidas pela nova economia, onde permaneciam como relíquias) teria de ser abolida, como era inevitável que a Grã-Bretanha não poderia para sempre permanecer o único país industrializado. Era inevitável que as aristocracias proprietárias de terras e as monarquias absolutas perderiam força em todos os países em que

uma forte burguesia estava se desenvolvendo, quaisquer que fossem as fórmulas ou acordos políticos que encontrassem para conservar sua situação econômica, sua influência e sua força política. [...] analisando a década de 1840, é fácil pensar que os socialistas que previram a iminente crise final do capitalismo eram sonhadores que confundiam suas esperanças com suas possibilidades reais. De fato, o que se seguiu não foi a falência do capitalismo, mas sim o seu mais rápido período de expansão e vitória. [...] Para a massa do povo comum, o problema era mais simples. Como já vimos, sua condição nas grandes cidades e nos distritos fabris da Europa Ocidental e Central empurrava-os inevitavelmente em direção a uma revolução social. Seu ódio aos ricos e aos nobres daquele mundo amargo em que viviam, e seus sonhos com um mundo novo e melhor deram a seu desespero um propósito, embora somente alguns deles, principalmente na Grã-Bretanha e na França, tivessem consciência deste significado.

HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções (1789-1848)*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. p. 327-8



Exercícios de Fixação

01. (FGV/2016) “(...) os homens que naquele momento estavam encarregados de pôr termo à Revolução de 1848 eram precisamente os mesmos que fizeram a de 30. (...)”

O que a distinguia ainda, entre todos os acontecimentos que se sucederam nos últimos sessenta anos na França, foi que ela não teve por objetivo mudar a forma, mas alterar a ordem da sociedade. Não foi, para dizer a verdade, uma luta política (...), mas um embate de classe (...).

Havia se assegurado às pessoas pobres que o bem dos ricos era de alguma maneira o produto de um roubo cujas vítimas eram elas (...).

É preciso assinalar ainda que essa insurreição terrível não foi fruto da ação de certo número de conspiradores, mas a sublevação de toda uma população contra outra (...).”

Alexis de Tocqueville, *Lembranças de 1848*. 1991.

A partir do texto, pode-se inferir que

- a revolução limitou-se, em 1848, a apelos políticos, no sentido de a classe burguesa, líder do movimento, atrair as classes populares para a luta, contra o absolutismo de Carlos X, usando as ideias liberais como combustível para a implantação do Estado liberal.
- a Revolução de 1848, liderada pelos homens de 1830, isto é, a classe burguesa, tinha como maiores objetivos a queda de Luís Bonaparte e a vitória das ideias socialistas, pregadas nos banquetes e nas barricadas contra o rei e contra a nobreza.
- a Revolução de 1848, influenciada pelo socialismo utópico, significou a luta entre a classe burguesa, líder da revolução de 1830, e as classes populares que, cada vez mais organizadas na campanha dos banquetes e nas barricadas, forçaram a queda do rei Luís Felipe.
- os líderes revolucionários de 1848, os mesmos da revolução de 1830, sob forte propaganda das ideias liberais e influenciados pela luta política, convocaram e obtiveram o apoio das classes populares, no Parlamento, contra o rei Luís Felipe.
- o rei Luís Felipe, no trono francês entre 1830 e 1848, foi derrubado por uma bem orquestrada luta política no Parlamento, que uniu liberais e socialistas, vitoriosa para essa aliança, que formou o governo provisório e elegeu o presidente Luís Bonaparte.

02. (UFU/2015) Tem havido um bom número de grandes revoluções na história do mundo moderno, e certamente a maioria bem-sucedida. Mas nunca houve uma que tivesse se espalhado tão rápida e amplamente, se alastrando como fogo na palha por sobre fronteiras, países e mesmo oceanos. 1848 foi a primeira revolução potencialmente global, cuja influência direta pode ser detectada na Insurreição de 1848 em Pernambuco (Brasil) e poucos anos depois na remota Colômbia.

HOBBSAWM, Eric. *A era do capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 30. Adaptado.

A onda revolucionária de 1848 estava ligada, inicialmente, à delicada conjuntura sociopolítica da França que, entre outros aspectos, caracterizava-se

- A) pela consolidação, durante o reinado de Luís Felipe, das conquistas burguesas, o que gerou a revolta do proletariado.
- B) pela instabilidade institucional, resultante das promessas não cumpridas do republicanismo francês e da ascensão das camadas populares.
- C) pelo protagonismo político do movimento operário que, apesar de sua importância, ainda se mostrava desorganizado e sem lideranças expressivas.
- D) pela aliança política entre os setores conservadores e a Igreja Protestante, principal força religiosa da França, para conter o crescimento do proletariado.
- E) pelo desenvolvimento de uma política alicerçada nas ideias liberais e marxistas, como forma de atender os apelos sociais e econômicos das classes populares.

03. (Enem/2017) Os direitos civis, surgidos na luta contra o Absolutismo real, ao se inscreverem nas primeiras constituições modernas, aparecem como se fossem conquistas definitivas de toda a humanidade. Por isso, ainda hoje invocamos esses velhos "direitos naturais" nas batalhas contra os regimes autoritários que subsistem.

QUIRINO, C. G.; MONTES, M. L. *Constituições*. São Paulo: Ática, 1992. Adaptado.

O conjunto de direitos ao qual o texto se refere inclui

- A) voto secreto e candidatura em eleições.
- B) moradia digna e vagas em universidade.
- C) previdência social e saúde de qualidade.
- D) igualdade jurídica e liberdade de expressão.
- E) filiação partidária e participação em sindicatos.

04. (UFG/2012) O ano de 1848 foi marcado por manifestações populares na Europa, conhecidas como "Primavera dos Povos". Em 2010, um protesto na Tunísia deflagrou um conjunto de manifestações populares em outros países árabes. A imprensa aproximou os eventos de 1848 e 2010, quando cunhou a expressão Primavera dos povos árabes. Essa aproximação advém

- A) do interesse árabe em resolver conflitos entre minorias étnicas, as quais, como em 1848, encontram-se esmagadas por governos autoritários.
- B) da expectativa ocidental de que os países árabes assimilem a democracia, assim como em 1848 se esperava a ampliação das reformas liberais.
- C) do sentimento nacionalista laico das manifestações de 2010, que sustentou também as reivindicações das mobilizações de 1848.
- D) do ideal romântico que, em 2010, se expressou no martírio dos rebeldes e, em 1848, na disposição para a luta nas barricadas.
- E) da insatisfação com as constituições árabes que, assim como no constitucionalismo europeu de 1848, obstaculizam a participação popular.

05. (Fatec/2012) Em 1848, dois jovens revolucionários alemães escreveram:

"Assim, o desenvolvimento da grande indústria mina sob os pés da burguesia as bases sobre as quais ela estabeleceu o seu sistema de produção e de apropriação. A burguesia produz, antes de mais nada, os seus próprios covéis. A sua queda e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis."

Cf. K. Marx-F. Engels. *Obras Escolhidas em três tomos*.

Lisboa-Moscou: Edições "Avante!"/Edições Progresso, 1982.

Esse texto expressa princípios da ideologia:

- A) fascista.
- B) capitalista.
- C) comunista.
- D) iluminista.
- E) darwinista.



Exercícios Propostos

01. (Fatec/2010) Considere a foto para responder à questão.



Paris – Arco do Triunfo

Disponível em: <<http://www.interraute.com/paris/magazine/diaporama/06/paris-viu-du-ciel/1950/imagens2.jpg>>. Acesso em: 02 set. 2009.

O Arco do Triunfo foi iniciado por ordem de Napoleão Bonaparte em 1806, e a Paris dos boulevares (das avenidas) surgiu a partir da reforma urbana implantada pelo barão Haussmann, prefeito de Paris entre 1853 e 1870, período em que a França era governada por Luís Bonaparte. A foto demonstra o resultado final dessas duas iniciativas que representam a vitória do projeto

- A) socialista de uma cidade em que seus espaços devem pertencer igualmente a todos os cidadãos.
- B) burguês em que o embelezamento da cidade, os parques, novos edifícios e monumentos devem atender mais às necessidades da classe burguesa do que às da população mais pobre.
- C) anarquista de uma cidade onde a população não precisaria de um órgão governamental, pois os próprios cidadãos a governariam.
- D) neoliberal em que a economia da cidade deve ser gerada não mais pelo investimento do Estado, e sim pelo livre investimento das empresas privadas.
- E) comunista de uma cidade moldada nas diretrizes da Primeira Internacional Comunista.

02. (PUC-RJ/2013) Ao longo do ano de 1848, o continente europeu passou por uma série de revoluções configurando um momento que muitos historiadores vieram a denominar de "Primavera dos Povos". Sobre esses movimentos, infere-se que:

- A) as revoluções de 1848 foram movimentos em defesa do retorno dos regimes monárquicos, uma vez que as tentativas de reformas políticas e econômicas de caráter burguês tinham fracassado e produzido uma grave crise econômica e social.
- B) este conjunto de revoluções, de caráter liberal e nacionalista, foi iniciado com demandas por governos constitucionais e, ao longo do processo, trabalhadores e camponeses se manifestaram contra os excessos da exploração capitalista.

- C) o movimento de 1848 deu prosseguimento às reformas religiosas, estendendo o protestantismo para a Europa centro-oriental e enfraquecendo a posição dos regimes autocráticos católicos em países da região como a Áustria e Polônia.
- D) a “Primavera dos Povos” está relacionada à publicação do Manifesto Comunista em fevereiro de 1848 e com a organização de ações políticas revolucionárias de cunho anarquista, republicano e secular.
- E) essas revoluções estavam associadas às demandas burguesas por maior integração comercial e pelo fim das políticas mercantilistas intervencionistas ainda em vigor em países europeus, dominados pela velha classe política aristocrática.
- 03.** (FGV/2009) “A nova onda se propagou rapidamente por toda a Europa. Uma semana depois da queda de Luís Filipe I, o movimento revolucionário tomou conta de uma parte da Alemanha e, em menos de um mês, já estava na Hungria, passando pela Itália e pela Áustria. Em poucas semanas, os governos dessa vasta região foram derrubados, e supostamente se inaugurava uma nova etapa da História europeia, a Primavera dos Povos”.

Luiz Koshiba. *História – origens, estruturas e processos.*

O texto faz referência:

- A) à *Belle Époque*.
- B) às Revoluções de 1848.
- C) à Restauração de 1815.
- D) à Guerra Franco-Prussiana.
- E) às Revoluções liberais de 1820.
- 04.** (Udesc/2009) Assinale a alternativa correta, em relação à chamada “Primavera dos Povos”.
- A) A “Primavera dos Povos” não influenciou a formação dos movimentos sociais do século XIX.
- B) Foi uma revolução brasileira, mas que atingiu também outros países do Cone Sul.
- C) Houve influência da “Primavera dos Povos” no Brasil através do movimento dos “Seringueiros”.
- D) Atribuição colocada ao movimento revolucionário francês em 1848, que derrubou a monarquia de Luís Felipe e trouxe à discussão a exploração burguesa e a dominação política.
- E) A influência da “Primavera dos Povos” se restringiu às preocupações francesas do período.
- 05.** (Unifesp/2008) ... a multiplicação dos confortos materiais; o avanço e a difusão do conhecimento; a decadência da superstição; as facilidades de intercâmbio recíproco; o abrandamento das maneiras; o declínio da guerra e do conflito pessoal; a limitação progressiva da tirania dos fortes contra os fracos; as grandes obras realizadas em todos os cantos do globo graças à cooperação de multidões.

do filósofo John Stuart Mill, em 1830.

O texto apresenta uma concepção:

- A) de progresso, que foi dominante no pensamento europeu, tendo chegado ao auge com a *Belle Époque*.
- B) da evolução da humanidade, a qual, por seu caráter pessimista, foi desmentida pelo século XX.
- C) positivista, que serviu de inspiração a Charles Darwin para formular sua teoria da evolução natural.
- D) relativista das culturas, a qual considerava que não há superioridade de uma civilização sobre outra.
- E) do desenvolvimento da humanidade que, vista em perspectiva histórica, revelou-se profética.

- 06.** (UFRGS/2001) Em 1830, o rei Carlos X, líder dos ultrarrealistas da França, desfechou um golpe com a intenção de restaurar o absolutismo, o que resultou nas jornadas gloriosas de julho, em Paris, que tiveram como consequência a:
- A) proclamação da República, em que se destacou Luiz Bonaparte, que organizou o Partido da Ordem.
- B) liquidação do absolutismo dos Bourbons e a instalação de uma monarquia liberal sob o governo de Luiz Felipe de Orleans.
- C) instauração do governo do comitê de salvação pública e a declaração de guerra à Santa Aliança.
- D) conquista do México para desviar a tensão política interna e restaurar o prestígio dos Bourbons.
- E) enunciação da Doutrina Monroe, prevendo a conquista do Oeste dos Estados Unidos pela província francesa do Quebec.
- 07.** (Cesgranrio) Entre as décadas de 30 e 70 do século XIX, eclodiram diversos movimentos revolucionários que provocaram diversas transformações nas nações da Europa Ocidental. Marque a opção que apresenta corretamente um desses movimentos.
- A) A Revolução de 1830, na França, foi motivada por ideias liberais e nacionalistas que se opunham aos objetivos restauradores do Congresso de Viena.
- B) A Revolução de 1848, na Itália, foi um movimento que pregava a descentralização republicana, provocando a queda da monarquia italiana.
- C) A Revolução de 1848, na Confederação Germânica, foi provocada pelos ideais da restauração monárquica, propondo a unificação alemã sob a Casa Real austríaca.
- D) A Revolução de 1848, na França, proclamou o Segundo Império, instituindo uma política de nacionalidades ligada ao Congresso de Viena.
- E) A Comuna de Paris, em 1871, caracterizou-se por ser um movimento liberal e burguês que criou a primeira experiência de autogestão democrática, apoiada pelo governo da Terceira República francesa recém-instalada.
- 08.** (UNIRIO) Os movimentos revolucionários que ocorreram em parte da Europa, entre 1830 e 1848, foram influenciados pelo avanço de ideias:
- A) monárquicas.
- B) socialistas.
- C) liberais.
- D) sindicalistas.
- E) comunistas.
- 09.** (Cesgranrio) A história política da Europa, durante o século XIX, foi marcada por uma sucessão de “ondas” revolucionárias caracterizadas especificamente numa das opções a seguir. Assinale-a.
- A) O Congresso de Viena representou a consolidação da obra revolucionária na implantação da sociedade burguesa.
- B) Os movimentos revolucionários de 1830 marcaram o processo de Restauração, liderados pela aristocracia.
- C) As “ondas” revolucionárias corresponderam ao avanço dos cercamentos dos campos—os “*enclosures*”— que liberaram a população camponesa para as cidades.
- D) Os movimentos de 1848 contaram com a participação das camadas populares e com a forte influência das ideias socialistas.
- E) Os movimentos de 1870, na Itália e na Alemanha, deixaram a questão nacional em segundo plano, priorizando a conquista da ordem democrática.

10. (UFMG) Leia os textos.

“Se alguém for visto falando com outra pessoa, assobiando ou cantando, será multado em 6 pence.”

Documentos Humanos da Revolução Industrial.

“O tempo não me pertence por isso amanhã não poderei ir à sua casa, mas se você puder ir à Praça da Bolsa, entre duas e duas e meia, nós nos encontraremos como sombras miseráveis nas bordas do inferno.”

um marceneiro francês em 1848.

“Pelo que sei do ofício, acredito que hoje um homem trabalha quatro vezes mais que antes. A oficina onde trabalho se assemelha em tudo a uma prisão – o silêncio é aqui aplicado tal qual numa prisão.”

marceneiro inglês em 1849.

A partir desses textos anteriores é possível concluir que a Revolução Industrial:

- impôs uma rígida disciplina ao trabalhador assalariado no espaço da fábrica, não interferindo em seu dia.
- introduziu a divisão do trabalho, buscando maior eficiência e permitindo que o trabalhador dominasse o conhecimento das etapas de produção.
- permitiu a organização do trabalho fabril, buscando uma maior comunicação entre os operários, cujo resultado final foi o aumento da eficiência e da lucratividade.
- provocou uma transformação social inserindo o trabalhador em novas formas de trabalho, e não foi uma mera aceleração do ritmo econômico.
- simplificou o trabalho ao máximo, reduzindo-o a simples tarefas manuais, o que diminuiu a exploração do trabalhador.



Fique de Olho

Livros

HOBSBAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. Lisboa: Nosso Tempo, 1971.

Filme

A festa de Babete. Direção de Gabriel Axel. Dinamarca, 1988.



Aula
07

Unificações Tardias

C-2 H-7, 8
C-3 H-11, 13

Introdução

O **século XIX** pode ser considerado um verdadeiro turbilhão de ideias, fatos e fenômenos históricos... mais que isso, uma fonte de produção de elementos potenciais capazes de desencadear uma série de transformações sociais, econômicas, políticas e culturais.

A **Europa Ocidental**, em face do grande desenvolvimento

da **segunda revolução industrial**, exigiu de si mesma muito além do que o próprio mercado poderia assimilar em termos de absorção da ampla produtividade até então formulada pela **automação do sistema fabril**.

Ao tempo em que eram visitados pelas mais diversas ideologias e construtos teóricos, quais sejam o **anarquismo**, o **socialismo utópico**, **científico**, o anarco-sindicalismo e o catolicismo social da *Rerum Novarum*, os europeus também assimilavam as novidades apresentadas por Russel e Charles Darwin, que defendiam a **tese evolucionista**.

O **determinismo geográfico de Ratzel**, as pesquisas do naturalista Mendell e as consequências econômicas das teorias de Adam Smith, David Ricardo e Thomas Malthus também vieram a compor a nova mentalidade industrial do “Velho Mundo”.

A nostalgia que tomou conta de muitos autores; o desenvolvimento do **romantismo** e a elaboração do **conceito de nação** e de **modernidade** se associaram ostensivamente aos mais diversos países, de modo a consolidar os seus estados nacionais, como também a estimular a constituição de outros.

Os **Estados Germânicos**, remanescente do Sacro Império Romano Germânico e os **Estados Italianos**, ainda residuais do Antigo Império Romano, estavam enquadrados num lento processo de superação das tradicionais forças feudais preexistentes.



Proclamação da República Romana (1849).

Enquanto os demais estados europeus já se achavam inscritos na corrida imperialista, na busca de matéria-prima, mão de obra barata e mercados consumidores nos continentes africano e asiático; além de áreas para investimento de excedentes de capitais e de explosões demográficas, **Alemanha e Itália nem existiam como nações constituídas**.

Desse modo, as **unificações tardias** da Alemanha e da Itália também eram o substrato de uma percepção das suas respectivas **burguesias industriais** que identificaram na uniformização de taxas, moedas, mercados e tarifas uma forma de consolidação do sistema capitalista, bem como a redefinição da configuração desses estados antes dispersos e fragmentados e, até, concorrentes entre si.

O **nacionalismo** tornou-se, assim, o epicentro do desenvolvimento fundamental dos **Estados-Nação**, a ponto de não somente recrudescer barreiras, sectarismos e identidades étnicas, mas também, um modo de preparar os bastidores de uma disputa que não se limitariam ao ambiente econômico, mas também aos aspectos políticos e militares.

A unificação italiana



A península Itálica em 1843, dividida em oito Estados.

Oito estados autônomos formavam o que hoje chamamos Itália; tais regiões independentes eram provenientes dos ditames do antigo **Congresso de Viena**.

Toda a região italiana antes dominada pelas tropas napoleônicas se tornou um ambiente **bafejado pelas ideias revolucionárias**, no entanto, as antigas monarquias foram restauradas, a partir do conservadorismo do congresso.

Nesse contexto, surgiram diversas sociedades e associações opositoras, de base republicana e socialista, todas contra o absolutismo monárquico. Os **carbonaris** são um dos exemplos clássicos de socialistas que tentaram o fim do regime centralizador no sul da Itália.

Também chamado de *risorgimento*, o processo de unificação de tais estados foi caracterizado como um movimento nacionalista, mas, sobretudo, burguês industrial, já que essa classe social é que gerenciou todo o seu desenvolvimento.

A unificação, portanto, obedeceu aos interesses capitalistas que se consolidavam em toda a Itália e era o resultado da percepção de que somente a integração territorial poderia consolidar o sistema capitalista e a expansão comercial e industrial.

Dois grupos foram os articuladores do *risorgimento*: os **monarquistas** e os **republicanos**. Os monarquistas, mais conservadores temiam que a aplicação de um regime republicano viesse a enfraquecer o poder centralizador e a coesão interna. Os republicanos eram em sua maioria liberais que acreditavam na plena autonomia provincial.

O primeiro projeto de criação de um estado italiano unificado foi elaborado por **Giuseppe Mazzini** que, em 1831, fundou a denominada Jovem Itália; sonho de uma república de natureza unitarista. Faltou-se, entretanto, a devida infraestrutura militar para irradiar o movimento e destronar as monarquias reinantes.

A ideia foi retomada por volta de 1847, quando diversas insurreições se sucederam, sob a liderança de ativistas republicanos. Os levantes abalaram os tronos do Reino de **Piemont-Sardenha** e o **Reino das Duas Sicílias**, desestruturando os chamados Estados

Pontifícios, sobretudo em Roma. Tais movimentos carregavam consigo algumas demandas como o problema da fome das classes mais subalternas; o fim do absolutismo e a expulsão dos austríacos; mas foi na Lombardia que o **Antigo Regime** rachou, tendo em vista que o rei local foi obrigado a aceitar uma constituição.

Tropas austríacas e francesas conseguiram, entretanto, impedir que os rebeldes viessem a tomar o poder, sob a liderança de **Mazzini** e **Giuseppe Garibaldi**, envolvendo as regiões de Roma, Sicília e Veneza.



Giuseppe Garibaldi. Partidário do movimento Jovem Itália, teve de deixar o país em 1834, regressando catorze anos depois.

Somente a partir da integração do primeiro ministro, Camilo Benso di **Cavour**, do Reino de Piemonte, é que o projeto unificador tomou corpo, a partir da busca de fortalecimento geral da economia. Cavour buscava a necessidade do estabelecimento de uma **monarquia parlamentar**, opondo-se ao republicanismo de alguns partidários e ao socialismo proposto.

A necessidade de delimitação territorial tornou-se a prioridade do primeiro ministro piemontês; ou seja, formar uma coalização militar entre os vários Estados italianos e despertar um amplo sentimento nacionalista contra a Áustria, contando com o apoio francês, a partir de Napoleão III.

O plano surtiu o efeito desejado, a partir de diversos acordos e anexações, como a **integração da Toscana e da Emilia**, deixando à França as regiões de Nice e Savoia. Enquanto isso, Giuseppe Garibaldi dirigia suas tropas contra a dinastia de Bourbon que, ocupou a Sicília até 1860, agora também anexada a Piemonte, juntamente com Nápoles.

Tais incursões militares permitiram o surgimento do Reino da Itália, a partir de 1861, que passaria a ser governado por Vítor Emanuel II. Somente a partir da Guerra Franco-Prussiana é que os territórios de Veneza e Roma vieram a integrar a nova nação, tornando-se, esta última, capital.



LEGAT, Remigio. Batalha de Calatafimi, 1860.

Todo o processo de unificação italiana obedeceu a **processos de guerra internos** entre ducados, condados e domínios, sobretudo, porém, ações de **confiscos** e desapropriação foram comuns, de modo que a maior beneficiada foi a burguesia industrial do Norte, principal interessada na integração geral da economia interna, de modo que os camponeses sulistas viram-se perdendo as suas terras arrendadas.

Além do **campesinato do Sul**, que agora entrava em crise e gradativamente era obrigado a se converter num operariado urbano ou migrar para o Continente Americano; também a Igreja Católica sofria com o *risorgimento*, tendo em vista que inúmeras possessões eclesiásticas foram absorvidas pelo novo governo unificado.

Percebe-se, assim, que a unificação italiana também pode ser interpretada como uma forma de **superação do feudalismo** ainda persistente em determinados aspectos, mediante a consolidação do sistema de aplicação do capitalismo.

Em face da desilusão com o projeto de integração territorial e, sobretudo, devido ao modo impositivo que o novo Reino da Itália se desenvolveu, muitos camponeses assimilaram **ideias anarquistas**, passando a se opor ao conceito de Estado e sendo, por isso, perseguidos.

Os imigrantes italianos encontraram a oportunidade de migrar para a América, em face da demanda por mão de obra especializada, sobretudo quanto à **marcha para o oeste**, nos Estados Unidos, deliberava a lei do *Homestead Act*, que permitia a posse de lotes de terra naquela região em expansão, desde que o interessado lá se fixasse durante cinco anos.

O Brasil também se tornou grande receptor dessa mão de obra imigrante, quando, durante o Segundo Reinado, o governo elaborou o **Sistema de Parceria**, através do qual se estimulava a aquisição do serviço de imigrantes. De fato, essa determinação governamental permitiu a vinda de diversos italianos a ponto de formar vastas colônias, sobretudo, no sul do país.

A **Lei Eusébio de Queiroz**, que decretava o fim do tráfico negreiro foi, em parte, um dos fatores que contribuíram para o incentivo à imigração estrangeira.

O governo brasileiro subvencionava as viagens, como também o capital privado de muitos cafeicultores financiava tais migrações, porém, muitos italianos não prosperaram em face da **dependência econômica** que adquiriram junto a esses latifundiários.

Nos bastidores do parlamento do Segundo Reinado do Brasil havia, inclusive, discussões sobre a necessidade de branquear a “raça” brasileira, resultado da **influência do Darwinismo**, que se tornava uma grande novidade intelectual à época.

Pode-se afirmar também que, em função disso, o anarquismo passou a integrar a mentalidade operária brasileira, fruto da **influência italiana**.

A questão romana

De todos os dilemas relativos à unificação italiana, a que mais provocou polêmicas foi a **tomada de Roma**, com a ostensiva ocupação dos estados pontifícios, fato que já havia criado uma onda de crescente hostilidade da Igreja e contra a mesma.



Mapa dos Estados Pontifícios: A zona em vermelho foi anexada pelo Reino de Itália em 1860, o resto (cinza) em 1870

Dentro da perspectiva do *risorgimento*, o Papa não era diferente dos demais príncipes seculares que reinavam soberanos nos estados italianos.

Anexar Roma era uma forma de desapropriação não somente territorial, como também política de um poder tradicionalmente fixado ao longo dos séculos.

Em 1871, com a **Lei das Garantias Pontifícias**, os representantes do parlamento intentavam aliviar o conflito preexistente; porém, Pio IX, o Papa à época, opôs-se à deliberação argumentando que a Igreja não poderia estar subjugada por um poder local ou regional do mundo e que tais questões somente poderiam ser definidas mediante tratados internacionais.



Biblioteca do Congresso, Washington D.C., EUA

Revoltado, o sumo pontífice, isolou-se na sede do papado, sob atitude de protesto, alegando-se desrespeitado em sua autoridade eminentemente espiritual, sendo seguido pelos seus demais sucessores até o ano de 1929.

Esse dilema ou conflito entre a Igreja e o novo Estado italiano foi denominado **Questão Romana**, ou seja, de 1871 até 1929 tal querela permaneceu intocável até que Benito Mussolini, interessado em ampliar a influência do fascismo, veio a assinar o **Tratado de São João de Latrão**, com o Papa Pio XI, criando, formalmente o **Vaticano**.

O Vaticano tornava-se, portanto, uma área de 0,44 km² de Estado Religioso, autônomo, independente de qualquer forma de intervenção política ou institucional externa.

A unificação alemã



Durante o mesmo período do *risorgimento* italiano, os estados germânicos também estavam em vias de unificação. Do mesmo modo, a **burguesia industrial** compreendia a integração geográfica e política como um meio de desenvolvimento e ampliação do sistema capitalista.

Itália e Alemanha haviam se atrasado não somente quanto ao processo de industrialização, mas também em relação do **imperialismo sobre a África e a Ásia**; desse modo, pode-se observar pela distribuição das possessões ou colônias o número reduzido das mesmas relativamente aos governos alemães e italianos.

Depois do Congresso de Viena, exatamente após o ano de 1815, havia sido formada a **Confederação Alemã**, idealizada pelo Chanceler Klemens Metternich que se achava configurada em cerca de 38 estados autônomos, muitos deles concorrentes entre si e muito mais voltados para a defesa individual com relação aos interesses do antigo Sacro Império Romano Germânico, agora definido como França.

Um dos primeiros entraves, entretanto, ao processo de unificação eram as contradições existentes entre os estados de maior expressão: a **Áustria** e a **Prússia**, pois não tinham o mesmo pensamento quanto à forma e operacionalização dos processos de unificação.

A partir de 1834, foi concretizada a ideia de se criar uma espécie de aliança comercial entre os vários estados alemães; uma unidade aduaneira denominada **Zollverein**, visando o nivelamento das taxas alfandegárias e a ampliação da interação econômica interna. Seria um primeiro passo no sentido da unificação mais ostensiva, de um ponto de vista político.



Wikimedia Foundation

De todas as estratégias utilizadas, o **Zollverein** é considerado como sendo a maior vitória prussiana. Também chamado de **União Alfandegária**, isso porque, muitos analistas consideram que a economia de um país está na base do desenvolvimento do **sentido de nação e de política nacional**; desse modo, a existência de uma moeda única associada ao livre cambismo e à livre circulação de pessoas e de capitais, tornaram-se essenciais para uma visão unificada da Alemanha, a partir dos próprios alemães.

Como os austríacos tinham um pensamento diferente e recebiam perder a sua identidade, não aderiram à união aduaneira, ficando fora, sobretudo, em face das rivalidades preexistentes com a Prússia.

Durante a **Primavera dos Povos**, regiões como a Baviera e Berlim viram-se sob os mais graves conflitos entre liberais e conservadores, entretanto, as forças de permanência do Antigo Regime obtiveram vitória, fato que deixou claro à burguesia industrial alemã que **a unificação não se faria diplomaticamente, mas pelo processo de guerra com a Áustria**.

No entanto, o consenso de antagonismo contra os austríacos ficou limitado ao governo do Kaiser Guilherme I e os burgueses industriais **sem o apoio do parlamento prussiano** no sentido de ampliar o investimento financeiro no aparato militar e preparar a sua infraestrutura para a guerra. Por isso, o rei atribuiu ao **chanceler Otto Von Bismarck**, um junker, originário da grande aristocracia fundiária, a competência de articular o militarismo, apesar da negativa parlamente existente.



Immanuel Giel/Wikimedia Foundation

Otto von Bismarck, Albrecht von Roon e Helmuth von Moltke.

Bismarck havia chegado ao poder em 1862 e agora estava diante de uma assembleia de políticos, em sua maioria liberais, opositores declarados da **militarização prussiana**.

O parlamento alemão estava fracionado em dois polos ou câmaras, com a mais popular ou mais baixa definida pelo voto universal masculino. Apesar disso, o sistema eleitoral estava restrito aos mais ricos; um grande proprietário tinha cem vezes mais potencial eleitoral do que um trabalhador do campo.

A estratégia de Bismarck era mesmo a imposição dos **dispositivos constitucionais**, exigindo o pagamento de impostos ao parlamento, sob a alegativa de que o não contribuinte equivalia à subversão.

O primeiro ministro também se aproveitava de fatos externos à Prússia, de modo a manipular os eventos internos a seu favor, não levando em consideração restrições de caráter ideológico ou moral.

Quando estourou a **Guerra da Crimeia**, entre 1854 e 1856, os territórios da Moldávia e Valáquia foram anexados pela Rússia em oposição aos dilemas políticos internos do **Império Turco Otomano**, que passou a receber o apoio da Inglaterra e da França invadindo a Crimeia. A Áustria e a Sardenha também se envolveram nesse apoio militar, acirrando-se ao ponto de os ingleses criarem uma barreira contra os russos no Oriente, estratégia que enfraqueceu a sua influência na região balcânica, permitindo que a Sérvia alcançasse a condição de **principado autônomo**; além disso, a Moldávia e a Valáquia unificaram-se formando a Romênia.

Desse modo, a Áustria viu-se enfraquecida com o processo de guerra, embora seus aliados tenham vencido o conclave... Bismarck usará essa debilidade em favor da nação prussiana.

O próximo passo do chanceler foi o afastamento da Áustria da sua **posição de liderança** na Confederação Alemã, estimulando uma nova guerra, dessa vez contra a Dinamarca que pretendia anexar Schleswig e Holstein, envolvendo novamente a Áustria nesse

confronto, em 1864. O que Bismarck ocultava, entretanto, era que, com o término da guerra, houvesse animosidade quanto à divisão dos territórios; desencadeava-se assim a **Guerra das Sete Semanas**, com a vitória prussiana e os interesses do chanceler assegurados, sobretudo, porque a Áustria foi forçada a desistir de suas pretensões nas regiões envolvidas, cedendo ainda a Veneza e verificando o enfraquecimento da Confederação.



Instituto de Arte Städelisches, Frankfurt, Alemanha.

VEIT, Philipp (1793-1877). Figura alegórica da Alemanha, 1834.

Em paralelo a essas deliberações houve o fortalecimento do *Zollverein*, de modo a dar consistência ao processo de interação comercial interna e produzir um senso de identidade, a partir da percepção do outro, na perspectiva da origem germânica nacional. Isso foi vinculado a discursos ufanistas e românticos em relação ao passado alemão e à exaltação dos valores culturais preexistentes.

Com o enfraquecimento militar austríaco, Otto Von Bismarck foi construindo uma perspectiva de possibilidades para o processo de unificação, sob a direção da Prússia. Diante disso, **o grande estrategista alemão passou a buscar as massas populares através da exposição de um perfil democrático**; a ideia era criar uma base de apoio incontestável, por isso ele abriu espaço para uma ala de classe baixa na Câmara, eleita por sufrágio universal masculino, fortalecendo assim o governo central, em oposição aos interesses das elites.

Pronto! Agora só faltava a Bismarck um passo final: uma guerra, como forma de estimular e consolidar o **espírito nacionalista** e seu olhar se dirigia agora à França, de modo a integrar os últimos estados ainda exógenos à Confederação, tais como Württemberg e Baviera. Desse modo, utilizando-se de sua acessibilidade diplomática, **o chanceler acirrou os desentendimentos entre alemães e franceses**, quanto à sucessão do trono espanhol, cujo direito estava sendo requerido pela família real prussiana Hohenzollerns.

Sobre a questão da sucessão, Bismarck interceptou um telegrama do rei Guilherme I, tornando-o ofensivo ao governo Francês que iniciou um processo de guerra. O chanceler se aproveitou do intento para informar que a França desejava anexar a Renânia, **fato que provocou os estados alemães do Sul a se integrarem aos esforços da Prússia**.

Explodia a **Guerra Franco-Prussiana**, em 1870. A França estava isolada, a Áustria enfraquecida e a Hungria tendente a apoiar os alemães numa guerra que começou em julho e findou em setembro daquele mesmo ano, com a cooptação do próprio Napoleão III em Sedan, no território francês. Ficaram apenas ainda algumas forças rebeldes no interior do país tentando resistir à pressão militar prussiana.



Museu Bismarck, Friedrichstruh, Alemanha.

WERNER, Anton von (1843-1915). A Proclamação do Império Germânico, 1885. Óleo em tela.

Vitoriosa, a Prússia proclamou o **Império Alemão**, no **Grande Salão dos Espelhos**, em Versalhes, a 18 de janeiro de 1871 e, com exceção da Áustria, todos os estados germânicos declararam-se súditos de Guilherme I.

Em face da consolidação do II Reich ou Segundo Império Alemão, **a região da Alsácia-Lorena foi anexada**, sendo a França ainda condenada a pagar sanções de guerra; cinco bilhões de francos. Tal região integrada teve importância capital no processo de industrialização alemã, tendo em vista a abundância de ferro e de carvão ali existente.

A comuna de Paris



Bligny, André Adolphe (1871).

Barricadas erguidas pelos communards em frente à Igreja da Madalena.

A **Guerra Franco-Prussiana de 1870-71** ampliou as dificuldades econômicas e sociais, políticas e ideológicas que a França já vinha sofrendo, desde as **agitações de 1830** e ainda mais com a turbulência da **Primavera dos Povos** até a ascensão de Napoleão III.

A ameaça de invasão prussiana a Paris e as possibilidades de acordo de paz, articulados pelo governo sem a concordância das frentes populares, fizeram eclodir a formação de uma **Comuna**; uma espécie de movimento eminentemente operário; o primeiro da história com essa natureza.

A **insurreição popular** se desenvolveu devido à maioria dos deputados monarquistas da França ensejarem um acordo de paz, com a perda de territórios importantes, como a Alsásia-Lorena. A maioria das classes subalternas do país, composta por operários, mulheres, artesãos e soldados desertores não aceitava a capitulação francesa ante a Prússia, promovendo um levante em 18 de março de 1871.



A Comuna de Paris DECRETA: O alistamento obrigatório é abolido; a guarda nacional é a única força militar permitida em Paris; todos os cidadãos válidos fazem parte da guarda nacional.

A revolta que se elaborou teve em Thiers, recém elevado à condição de chefe do Gabinete conservador, uma força opositora de retenção, porém, os ativistas acabaram contando com o apoio de uma **Guarda Nacional popular** e derrotaram os legalistas, forçando os membros do governo e as elites a abandonarem a capital.

O governo central da França foi, portanto, ocupado por um comitê formado a partir da Guarda Nacional. Era a Comuna de Paris, considerada a primeira experiência efetivamente marxista da França e da história. Segundo alguns historiadores e analistas, a primeira tentativa fiel de aplicação dos princípios do marxismo ou **primeira república proletária** de natureza eminentemente socialista, inspirada na Primeira Internacional. No entanto, a rearticulação das milícias conservadoras de Thiers, após quarenta dias de confronto, esmagaram com extrema crueldade o movimento, resultando na morte de dezenas de milhares de *communards*.

A estrutura governamental da comuna **perdeu de 26 de março a 28 de maio de 1871**, formulado a partir da atuação política operária, com ampla participação feminina e procurou estabelecer um plano geral baseado na planificação da economia, sufrágio universal, um governo eminentemente proletário, integração política de homens e mulheres; proposta de ampla reforma agrária e distribuição dos bens e meios de produção.

A unificação japonesa

É comum a abordagem do tema unificações tardias a partir da Alemanha e da Itália, dentro de uma perspectiva tradicional do programa de estudos de história, entretanto, analisando o desenvolvimento do século XIX, relativamente ao continente asiático e, mais especificamente ao Japão, percebemos que esse país também viveu, paralelamente às nações ocidentais mencionadas também um processo de unificação e de superação do passado medieval.

A **transição do final do século XIX e início do século XX** foi marcado pelo desenvolvimento do denominado **Governo Iluminado ou Era Meiji**, um verdadeiro conjunto de eventos econômicos e políticos que posicionaram tardiamente o Japão entre as potências capitalistas e imperialistas da contemporaneidade.

Foram quarenta e cinco anos de transformações internas e que tiveram repercussões importantes no âmbito social e cultural daquele povo, sobretudo, porque representou a superação do **Xogunato**, uma espécie de sistema feudal japonês, também chamado de Era Edo, fase compreendida entre os anos de 1603 a 1868.

O Xogunato, portanto, resistiu durante sete séculos aproximadamente, sendo comumente dividido em **Kamakura, Ashikaga e Tokugawa**. A expressão Xogunato, originária da raiz Xogum, que era o termo atribuído aos comandantes do exército durante a fase imperial japonesa. Com o tempo, a denominação passa a significar "*líder dos samurais*", ou seja, o xogum, além de serem grandes proprietários rurais, eram chefes militares com grandes poderes regionais.

Os **Xoguns** representavam uma elite de guerreiros, cuja especialização se achava circunscrita aos Samurais, um grupo seletivo restrito a apenas 6% da população, não aceitando, entretanto, o processo de unificação que sobrepujava o poder regional pelo poder nacional. Em 2003, foi lançado um filme "*O Último Samurai*", que reflete bem essa realidade, dramatizando a **Rebelião Satsuma** contra o novo regime que se estabelecia, demonstrando o modo como essa elite foi dizimada.

Enquanto tais eventos internos se desenvolviam, o século do imperialismo norte-americano desenvolvia um ostensivo processo de **interação comercial com o Japão**, de modo impositivo e invasivo, sobretudo quando a cidade Edo, hoje correspondente a Tóquio, foi forçada a integrar o fluxo internacional de comércio, sob a pressão do almirante Matthew Calbreith; ao mesmo tempo em que lançava as bases para o surgimento da Era Meiji.

A ameaça de guerra, reflexo do imperialismo norte-americano, sob o comando de Calbreith e uma declaração escrita pelo presidente Millard Fillmore provocou a queda do **Xogunato Tokugawa**, através da renúncia do governante local Yochinobu. A partir de 1867, era entronizado o Meiji Mutsuhito, que governaria até o ano de 1912.

O objetivo da pressão estadunidense era a abertura econômica do país, através da livre circulação de mercadorias e de capitais nos portos de Shimoda e Hakodate, mediante um processo de modernização das relações comerciais até então existentes, daí resultando o início do que se convencionou chamar de **Revolução Meiji**, marcada por um ostensivo desenvolvimento da indústria pesada; uma espécie de **revolução industrial tardia do Japão**.

A Era Meiji pode ser compreendida como uma fase de superação de elementos do antigo regime japonês, tais como **os samurais, o xogunato e o feudalismo preexistente**; o estabelecimento de uma ampla reforma agrária, desapropriando antigos proprietários e redesenhando a configuração interna do país; a acessibilidade plena da estrutura portuária ao capital estrangeiro e multinacionais; um ostensivo processo de urbanização e modernização geral; a integração e interação cultural com o capitalismo ocidental americano e europeu; a unificação territorial e política do país com a promulgação da **primeira Carta Magna, em 1889**, ou seja, uma monarquia parlamentar japonesa; a criação do iene como unidade monetária e de um Banco Central; a instituição do ensino primário e a expansão de escolas e universidades e a integração regional interna com a introdução de uma ampla malha viária.

A **Era Meiji** colocou o Japão numa nova fase da sua economia, focando os seus interesses na península coreana, de modo a ter um ponto estratégico de expansão comercial. Por isso, aproveitando-se de uma revolta da Coreia contra o domínio chinês, os japoneses integraram suas forças militares, desencadeando a **Guerra Sino-Japonesa**, sob a vitória nipônica, porém, uma década mais tarde a região também seria objeto dos interesses da Rússia, que foi derrotada.

A necessidade de **ampliação do processo produtivo** e o ciclo vicioso do sistema fabril exigiram do governo, cada vez mais, a aquisição de matéria-prima essencial, levando os japoneses a efetivarem essa guerra contra a Rússia, pelo território da Manchúria; era a **Guerra Russo-Japonesa**, que resultou na vitória da grande ilha sobre o império do Czar Nicolau II.

Além disso, com a consolidação dessa **era industrial**, o Japão, como outras nações imperialistas passou a requerer cada vez mais mercados consumidores, exigindo maior amplitude de escoamento da produção no **Oceano Pacífico**, já dominado pelos Estados Unidos, fato que resultou em grande animosidade entre as duas nações e cujos desfechos futuros seriam o ataque Kamikaze e as bombas de Hiroshima e Nagasaki.



Exercícios de Fixação

01. (UFU/2018) “Alexandre, Bispo, Servo dos Servos de Deus, ao Caríssimo filho em Cristo, Afonso, Ilustre Rei dos Portugueses, e a seus herdeiros, *‘in perpetuum’*. Está claramente demonstrado que, como bom filho e príncipe católico, prestaste inumeráveis serviços a tua mãe, a Santa Igreja, (...) Por isso, nós, atendemos às qualidades de prudência, justiça e idoneidade de governo que ilustram a tua pessoa, tomamo-la sob a proteção de São Pedro e nossa, e concedemos e confirmamos por autoridade apostólica ao teu excelso domínio o reino de Portugal (...)”

Disponível em: <<http://ensina.rtp.pt/artigo/a-bula-manifestis-probatum-o-documento-fundador-do-reino/>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

Em 23 de maio de 1179, o Papa Alexandre III emitiu uma bula, declarando D. Afonso Henriques soberano de Portugal. Esse trecho do documento é testemunho do surgimento precoce da primeira nação europeia. A aliança entre a nobreza e a burguesia (abençoada pela Igreja) enfraqueceu os senhores feudais, dando início ao aparecimento dos Estados Nacionais. Esse processo se arrastaria até o século XIX, quando surgiu a última nação por meio da unificação de reinos.

De acordo com as informações dadas, a nação referida no trecho em destaque é

- A) Alemanha.
 - B) Itália.
 - C) França.
 - D) Inglaterra.
 - E) Holanda.
02. (FGV/2007) Até hoje se sonha com uma sociedade perfeita, justa e harmoniosa – utópica. No século XIX, o Romantismo produziu muitas utopias, que influenciaram duas correntes ideológicas diferentes: o socialismo e o nacionalismo. A partir de 1848, tais ideias passaram para o campo concreto das lutas sociais na Europa. Já nas novas áreas de domínio colonial, o nascente nacionalismo assumiu o caráter de luta contra a exploração e a presença estrangeira. Respectivamente, os movimentos que exemplificam o socialismo, o nacionalismo na Europa e o nacionalismo contra o domínio europeu são
- A) a Comuna de Paris, a unificação da Alemanha e a Revolta dos Boxers.
 - B) o ludismo, a independência da Grécia e a Guerra dos Cipaiois.
 - C) a Internacional Socialista, a Revolução do Porto e a Guerra do Ópio.
 - D) a Revolução Praieira, a independência da Bélgica e a Guerra dos Bôeres.
 - E) o Cartismo, a unificação da Itália e a Revolução Meiji.

- Texto para a questão 03.

(...) o romantismo no Brasil não foi apenas um projeto estético, mas também um movimento cultural e político, profundamente ligado ao nacionalismo. Diferente do movimento alemão de finais do século XIX, tão bem descrito por Norbert Elias, o nacionalismo brasileiro, pintado com as cores do lugar, partiu sobretudo das elites cariocas, que, associadas à monarquia, esforçavam-se em chegar a uma emancipação em termos culturais. Os temas eram nacionais, mas a cultura, em vez de popular, era cada vez mais palaciana (...). Atacados de frente por um historiador como Varhagen, que os chamava de “patriotas caboclos”, os indianistas brasileiros ganharam, porém, popularidade e tiveram sucesso nesse contexto na imposição da representação romântica do indígena como símbolo nacional.

SCHWARZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador*. D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 139-140.

03. (PUC/2017) No final do XIX, as regiões de população germânica (que posteriormente integrariam a Alemanha) assaram por um processo de formação de um Estado nacional. Esse processo foi caracterizado

- A) pela ratificação, por meio de um amplo plebiscito, da decisão de que a língua e a cultura alemã fossem consideradas “nacionais” em todas as regiões habitadas por povos da raça ariana.
- B) pela adesão das elites burguesas vinculadas a diferentes estados ao movimento cultural do romantismo, que se impôs com forte carga nacionalista e como forma de a jovem burguesia de Viena se contrapor às velhas aristocracias alemãs.
- C) por violentas guerras travadas entre o exército da Prússia, liderado por Bismarck, contra a França e a Áustria para consolidar um Império Alemão sob o comando de Guilherme I.
- D) pelo apoio dos Habsburgos à formação de um império vizinho que irmanasse as duas principais regiões de língua alemã (Alemanha e Áustria) a fim de consolidar uma aliança política entre Estados distintos, porém ancorada na identidade comum possibilitada pela cultura germânica.
- E) pelo impacto positivo da reformulação de leis alfandegárias que contribuíram para criar um próspero “mercado comum alemão”, favorecendo o desenvolvimento da região e estimulando o nacionalismo popular que resultaria em movimentos revolucionários camponeses pró-unificação.

04. (UFPR/2013) No Brasil, desde 2011, tem havido diversas comemorações dos 150 anos da unificação italiana, lembrando os fortes laços culturais entre os dois países. Sobre a relação entre a unificação italiana e a imigração de italianos para as Américas, é correto afirmar:

- A) unificação italiana foi o resultado de uma série de revoltas populares, que culminaram em 1861 com a formação de uma república socialista sob a direção de Giuseppe Mazzini. A burguesia, que não concordava com o novo regime, emigrou para as Américas, levando capital suficiente para iniciar a industrialização em países como a Argentina, o Brasil e os Estados Unidos.
- B) O processo da unificação italiana contou com a intensa participação do Império brasileiro, pois D. Pedro II almejava estabelecer relações comerciais com os italianos. É notória a participação de Giuseppe Garibaldi na política brasileira do período imperial. Após a unificação, contudo, nem o Brasil nem os demais países aliados conseguiram levantar a Itália de uma profunda crise econômica, o que levou a uma grande leva emigratória para as Américas de 1880 a 1930.

- C) A unificação italiana foi um processo iniciado no início do século XIX, que se concluiu em 1861, com uma monarquia constitucionalista, sob o comando de uma aliança entre burgueses e latifundiários, que afastou os setores populares do poder. Muitos Italianos camponeses e trabalhadores saíram empobrecidos após a unificação, o que estimulou uma intensa emigração para as Américas entre 1880 e 1930, engrossando fileiras de trabalhadores agrícolas e operários.
- D) A unificação italiana durou de 1861 a 1870, agregando estados independentes sob a direção do reino de Piemonte-Sardenha. Porém, sua conclusão só foi possível após a unificação alemã, que marcou o fim da ingerência de Otto Von Bismark na política europeia. Após esse processo, o monarca instituído perseguiu duramente seus inimigos políticos, que emigraram para as Américas.
- E) A emigração italiana para as Américas teve início por conta de uma série de dificuldades financeiras causadas por problemas climáticos, que, por volta de 1850, prejudicaram as colheitas. O volume de emigrantes intensificou-se após a unificação em 1861, em decorrência do fato de que o governo anarquista instituído fracassou na tentativa de reerguer o país.
- 05.** O personagem histórico que teve fundamental importância no contexto da Unificação Italiana e lutou, também, na Revolução Farroupilha, no sul do Brasil, na segunda metade do século XIX, foi:
- A) Camilo de Cavour.
 B) Otto von Bismarck
 C) Benjamin Disraeli
 D) Benito Mussolini
 E) Giuseppe Garibaldi



Exercícios Propostos

- 01.** (Ufpel/2000) Leia o texto a seguir:

“Com a crescente expansão da industrialização do continente europeu, a partir de 1830, os pequenos Estados italianos e alemães sentiram a necessidade de promover uma centralização, com o objetivo de conseguir equiparar-se às grandes potências, principalmente França e Inglaterra. Ainda politicamente fracas, nem a burguesia italiana nem a alemã tinham condições de assumir a direção do governo. Por isso, aceitavam a monarquia constitucional, desde que o Estado incentivasse o progresso econômico. Acreditavam que só assim poderiam chegar à centralização política, sem passar necessariamente por mudanças estruturais que colocassem em perigo sua posição de classe proprietária.”

PAZZINATO, Alceu Luiz; *et alii*. “História Moderna e Contemporânea”. São Paulo: Ática, 1993, p. 186.

O texto está relacionado com

- A) as “*trade-unions*”, ou uniões operárias, que inicialmente eram entidades de auxílio mútuo, fortemente assistencialistas, preocupadas em ajudar trabalhadores com dificuldades econômicas e reivindicar melhores condições de trabalho.
- B) o socialismo utópico, assim chamado por acreditar na organização comunista das sociedades, sem lutas de classe, através de reformas pacíficas e graduais.
- C) o socialismo científico, que criticava o capitalismo dominante, propondo a organização de uma sociedade comunista, necessariamente pela luta de classes.
- D) o movimento cartista, em que os trabalhadores ingleses promoveram agitações de rua e apresentaram ao Parlamento reivindicações como: representação igual para todas as classes, sufrágio universal restrito para os homens aos vinte e um anos, etc.
- E) o nacionalismo, na prática representado pela unificação da Itália e da Alemanha, o qual defendia a luta dos povos ligados por laços étnicos, linguísticos e culturais, pela sua independência como nação.
- 02.** (UFRN/1999) Sobre a unificação alemã o séc. XIX, Marionilde Magalhães afirma:

Desde o final do século XVIII, a criação de inúmeras associações resultou num determinado patriotismo cultural e popular, num território dividido em estados feudais dominados por uma aristocracia retrógrada. Tais associações se dirigem à nação teuta, enfatizando o idioma, a cultura e as tradições comunitárias, elementos para a elaboração de uma identidade coletiva, independentemente do critério territorial. E, de fato, esse nacionalismo popular, romântico-ilustrado (uma vez que pautado no princípio da cidadania e no direito à autodeterminação dos povos), inspirará uma boa parcela dos revolucionários de 1848. Mas não serão eles a unificar a Alemanha. Seus herdeiros precisarão aguardar até 1871, quando Bismarck realiza uma revolução de cima, momento em que, em virtude do poderio econômico e da força militar da Prússia, a Alemanha se unifica como Estado forte, consolidando-se a sua trajetória rumo à modernização.

MAGALHÃES, Marionilde D. B. de. A REUNIFICAÇÃO: enfim um país para a Alemanha? *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.14, n.28. 1994. p.102. Adaptação.

Tendo-se como referência essas considerações, pode-se concluir que

- A) o principal fator que possibilitou a unificação alemã foi o desenvolvimento econômico e social dos Estados germânicos, iniciado com o estabelecimento do Zollverein – liga aduaneira que favoreceu os interesses da burguesia.
- B) a unificação alemã atendeu aos interesses de uma aristocracia rural desejosa de formar um amplo mercado nacional para seus produtos, alicerçando-se na ideia do patriotismo cultural e do nacionalismo popular.
- C) Na Alemanha, a unificação nacional ocorreu, principalmente, em virtude da formação de uma identidade coletiva baseada no idioma, na cultura e nas tradições comuns.
- D) na Alemanha, a unificação política pôde ultrapassar as barreiras impostas pela aristocracia territorial, que via no desenvolvimento industrial o caminho da modernização.
- E) o “risorgimento” alemão foi caracterizado pela ampla participação proletária que acreditava nas ideias democráticas, articuladas pelo chanceler prussiano Otto Von Bismarck.

03. (UFG) A unificação italiana, no final do século XIX, ameaçou a integridade territorial da Igreja. Esse impasse resultou:
- no reforço dos sentimentos nacionalistas na Itália, provocando a expropriação das terras da Igreja.
 - no envolvimento da Igreja em lutas nacionais, criando congregações para a expansão do catolicismo.
 - na adoção de atitudes liberais pelo Papa Pio IX, como forma de deter as forças fascistas.
 - na assinatura do Tratado de Latrão, em 1929, quando Mussolini criou o Estado do Vaticano.
 - no "Risorgimento", processo em que segmentos ligados à Igreja defenderam a Itália independente.
- (PUC-SP/2006) Texto para as questões 04 e 05.

Considere os textos a seguir, que se referem a dois momentos distintos da história alemã: respectivamente, à unificação do Estado nacional, no século XIX, e ao período nazista, no século XX.

"O próprio Bismarck parece não ter-se preocupado muito com o simbolismo, a não ser pela criação de uma bandeira tricolor, que unia a branca e preta prussiana com a nacionalista liberal preta, vermelha e dourada (...)."

Eric Hobsbawm. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 281

"Hitler escreve a propósito da bandeira: 'como nacional-socialistas, vemos na nossa bandeira o nosso programa. Vemos no vermelho a ideia social do movimento, no branco a ideia nacionalista, na suástica a nossa missão de luta pela vitória do homem ariano e, pela mesma luta, a vitória da ideia do trabalho criador que como sempre tem sido, sempre haverá de ser antisemita'."

Wilhelm Reich. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 94-5

04. (PUC-SP/2006) A composição das duas bandeiras a que os textos se referem presta-se, nos dois casos, a
- representar o caráter socialista do Estado alemão moderno, daí a presença do vermelho nas duas bandeiras.
 - identificar o projeto político vitorioso e dominante com o conjunto da sociedade e com o Estado alemão.
 - defender a paz conquistada após os períodos de guerra, daí a presença do branco nas duas bandeiras.
 - valorizar a diversidade de propostas políticas existentes, caracterizando a Alemanha como país democrático e plural.
 - demonstrar o caráter religioso e cristão do Estado alemão, daí a presença do preto nas duas bandeiras.
05. (PUC-SP/2006) Considere os textos a seguir, que se referem a dois momentos distintos da história alemã: respectivamente, à unificação do Estado nacional, no século XIX, e ao período nazista, no século XX.

"O próprio Bismarck parece não ter-se preocupado muito com o simbolismo, a não ser pela criação de uma bandeira tricolor, que unia a branca e preta prussiana com a nacionalista liberal preta, vermelha e dourada (...)."

Eric Hobsbawm. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 281

"Hitler escreve a propósito da bandeira: 'como nacional-socialistas, vemos na nossa bandeira o nosso programa. Vemos no vermelho a ideia social do movimento, no branco a ideia nacionalista, na suástica a nossa missão de luta pela vitória do homem ariano e, pela mesma luta, a vitória da ideia do trabalho criador que como sempre tem sido, sempre haverá de ser antisemita'."

Wilhelm Reich. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 94-5

Sobre os processos e períodos históricos mencionados anteriormente, pode-se dizer que:

- o nazismo chegou ao poder por meio de um golpe militar, em 1933, e criou o Terceiro Império ("Reich"), iniciando um período de forte expansão e anexação territorial, que se manteve mesmo após sua derrota na Segunda Guerra Mundial.
 - a unificação ocorreu em 1848, na chamada "Primavera dos Povos", quando trabalhadores se rebelaram contra a fragmentação política da Confederação Germânica e se aliaram à Áustria para conseguir a unidade nacional alemã.
 - o nazismo foi derrotado ao final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, quando a Alemanha foi repartida entre os vencedores e sua capacidade de produção industrial foi destruída para que se tornasse um país agrícola, o "celeiro da Europa".
 - a unificação envolveu diversos conflitos e fez nascer, em 1871, sob comando prussiano, o Segundo Império ("Reich"), iniciando um período de acelerada expansão econômica e militar alemã, que durou até a Primeira Guerra Mundial.
 - o nazismo surgiu após a Primeira Guerra Mundial, em 1918, e pregou a necessidade de a Alemanha lutar contra comunistas e judeus, "inimigos internos", mas aliar-se a países vizinhos de população branca e ariana, como França e Inglaterra.
06. (Mackenzie/2001) No Japão moderno, o trabalho e a educação são supervalorizados. É normal que um cidadão japonês sintasse humilhado porque está desempregado, estudou pouco ou, até mesmo, porque mudou de emprego. Os conglomerados industriais e financeiros possuem hino e bandeira e chegam a se constituir como a segunda família de seus empregados.

As origens do Japão atual estão ligadas à Era Meiji que corresponde:

- à criação dos Zaibatsu, empresas multinacionais que promoveram, após o final da Segunda Guerra Mundial, a privatização da economia japonesa e a abertura de seu mercado interno para as importações de produtos estrangeiros.
- ao período posterior à Segunda Guerra Mundial, que levou o Japão, em parceria com os Estados Unidos, a industrializar-se rapidamente para deter a ameaça comunista representada pela Coreia do Norte.
- ao processo que levou a união dos clãs rivais do Xogunato com o imperador Mutsu-Hito, promovendo a centralização política e a modernização através da industrialização.
- ao programa das quatro modernizações, desenvolvido pelo governo do primeiro ministro Deng Xiaoping, que visava à modernização da agricultura, da indústria, da defesa e das áreas da ciência e da tecnologia.
- à chamada Terceira Revolução Industrial, nova etapa produtiva que passou a exigir mais investimentos nas pesquisas e na implantação tecnológica, da microeletrônica, da biotecnologia e da química fina.

07. (Mackenzie) Dentre as realizações da Era Meiji (Era das Luzes), desencadeada pelo imperador Mitsu-Hito objetivando modernizar o Japão para competir em condições de igualdade com os países industrializados do Ocidente, destacamos:

- A) abolição da servidão, proclamação da igualdade de todos os japoneses perante a lei, desenvolvimento do ensino público, das comunicações e da economia.
- B) fortalecimento do poder do Xogunato e abertura dos portos aos produtos estrangeiros, objetivando assimilar a tecnologia ocidental.
- C) criação de Daimios independentes, coordenados por um Xogum imperial encarregado de estimular as atividades dos centros urbanos de produção industrial.
- D) política de incentivos financeiros à burguesia nacional, formação de um bloco econômico supranacional regional (os Tigres Asiáticos), ampliando as relações entre Oriente e Ocidente.
- E) reforma econômica, criação do Iene, instituição da servidão nas indústrias, e cessão da ilha de Hong Kong à Inglaterra, em troca de empréstimos financeiros.

08. (Enem-PPL/2013) Sou um partidário da Comuna de Paris, que, por ter sido massacrada, sufocada no sangue pelos carrascos da reação monárquica e clerical, tornou-se ainda mais viva, mais poderosa na imaginação e no coração do proletariado da Europa; sou seu partidário sobretudo porque ela foi uma negação audaciosa, bem pronunciada, do Estado.

BAKUNIN, M. apud SAMIS, A. *Negras tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011.

A Comuna de Paris despertou a reação dos setores sociais mencionados no texto, porque:

- A) instituiu a participação política direta do povo.
- B) consagrou o princípio do sufrágio universal.
- C) encerrou o período de estabilidade política europeia.
- D) simbolizou a vitória do ideário marxista.
- E) representou a retomada dos valores do liberalismo.

09. (Puccamp/2005) Leia o texto.

Estrangeiro é quem
mudou de país
mudou de paisagem
e fez da viagem
um modo de estar.
Quem deixou para trás
o que tinha pela frente.
Quem era igual
e se tornou diferente.
Estrangeiro é quem
mudou por inteiro:
de ares, de amigos
e até de dinheiro.

Alberto Martins. *A Floresta e o estrangeiro*.
São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000. p. 6-7

No final do século XIX, a imigração europeia para o Brasil estava relacionada ao processo de unificação da Itália e Alemanha. O movimento pela unificação desses dois países foi conduzido, sobretudo, por grupos políticos que defendiam, a um só tempo, o:

- A) socialismo e o nacionalismo.
- B) socialismo e o republicanismo.
- C) liberalismo e o socialismo.
- D) liberalismo e o nacionalismo.
- E) comunismo e o republicanismo.

10. (Unesp) As unificações políticas da Alemanha e da Itália, ocorridas na segunda metade do século XIX, alteraram o equilíbrio político e social europeu. Entre os acontecimentos históricos desencadeados pelos processos de unificações, encontram-se:

- A) a ascensão do bonapartismo na França e o levante operário em Berlim.
- B) a aliança da Alemanha com a Inglaterra e a independência da Grécia.
- C) o nacionalismo revanchista francês e a oposição do Papa ao Estado italiano.
- D) a derrota da Internacional operária e o início da União Europeia.
- E) o fortalecimento do Império austríaco e a derrota dos fascistas na Itália.



Fique de Olho

Livros

BRAGA, José Carlos de Souza. *Alemanha: império, barbárie e capitalismo avançado*. In: FIORI, José Luís (org). *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GRAMSCI, Antonio. *Introdução ao estudo da loso a; a loso a de Benedetto Croce*. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. (Cadernos do Cárcere, v. 1).

_____. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *O Risorgimento: notas sobre a história da Itália*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. (Cadernos do Cárcere, v. 5)

HAGAKURE, Yamamoto Tsunetomo. Editora Conrad, 2004.

KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

RINGER, Fritz. *O declínio dos mandarins alemães*. São Paulo: Edusp, 1999.

SOUSA, Rainer Gonçalves. *Revolução Meiji; Brasil Escola*.

Site

Disponível: em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/revolucao-meiji.htm>>. Acesso em 30 de setembro de 2016.

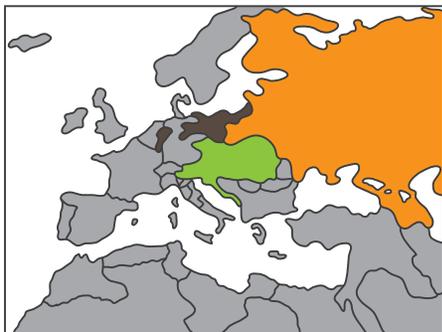
Filme

O ÚLTIMO SAMURAI. Direção: Edward Zwick: EUA.

C-1	H-1
C-2	H-10
C-3	H-11,13

Introdução

É comum a abordagem em torno do **Imperialismo Europeu**, durante o século XIX. Entretanto, a forte fixação nessa dimensão de fenomenologia histórica pode retirar do estudante uma visão mais ampla e meridiana do que estava acontecendo no **Continente Americano**.



Os países fundadores da Santa Aliança

- Império Austríaco
- Reino da Prússia
- Império Russo

Desde o **Congresso de Viena**, com a criação da **Santa Aliança** e, sobretudo, com a declaração do presidente estadunidense James Monroe sobre a necessidade de se preservar uma *"América para os Americanos"*, temos uma perspectiva de historicidade radicada ao *"Novo Mundo"*. Essa forma de preservação vaticinava não somente o futuro dos Estados Unidos, como também, o destino de inúmeras nações latino-americanas.

Impedir as interferências da Europa na América fazia parte de uma visão futurista de J. Monroe, tendo em vista a necessidade de garantir mercados consumidores, mão de obra barata e áreas para investimento de capitais excedentes.

O governo norte-americano apresentava naquele momento um ato de soberania nacional, ao mesmo tempo em que assumia uma posição de protagonismo na história do Continente.



VANDERLYN, John (1775-1852). Retrato de James Monroe, 1816. Óleo sobre tela.

A partir do processo de emancipação das **Treze Colônias**, a necessidade de industrialização do novo país apontava para os horizontes do **Oceano Pacífico**, de forma que o governo viesse a ter mais uma porta de difusão da sua produção, além do Atlântico.

A **Marcha para o Oeste** significou não somente um movimento migratório inevitável, como também um instrumento através do qual os norte-americanos viessem a aplicar a **Doutrina do Destino Manifesto**, ideologia-crença que estaria interiorizada na mentalidade de indivíduos, cuja formação havia sido protestante na Inglaterra.

O **Destino Manifesto** era um desdobramento conclusivo de que a expansão territorial do país obedecia a um misticismo, à ideia de que era, necessariamente, a vontade de Deus; segundo os crentes, adeptos dessa concepção, a própria divindade apoiava e queria o crescimento infraestrutural dos Estados Unidos.

O país crescera sob o beneplácito da mão de obra escrava em larga escala; os preconceitos, municiados pelas crenças e interpretações bíblicas mantinham uma consciência tranquila sobre o fato de que os negros estariam destinados à escravização e de que o seu papel, no serviço aos brancos, também era o resultado de uma predestinação e vontade divinas.

O desenvolvimento nacional, entretanto, foi, de um certo modo, bipolar, tendo em vista os caracteres orgânicos e fundamentais da mesologia e geomorfologia própria de cada região. **Norte e Sul dos Estados Unidos** não tinham as mesmas configurações econômicas, políticas e sociais e, em certos aspectos, até culturais. Por isso, essa perigosa dicotomia levaria, no futuro, a conflitos importantes entre as duas áreas da nação.

Tais diferenças empurraram os Estados Unidos a uma **guerra civil** de elevadas proporções que dividiram-no internamente e ameaçaram a sua promissora ascensão econômico-política, em face do dilema quanto à manutenção ou não da escravidão e, também quanto à escolha de Lincoln como presidente.

Destino Manifesto e Doutrina Monroe



Mapa dos territórios cedidos pelo México aos Estados Unidos em 1848.

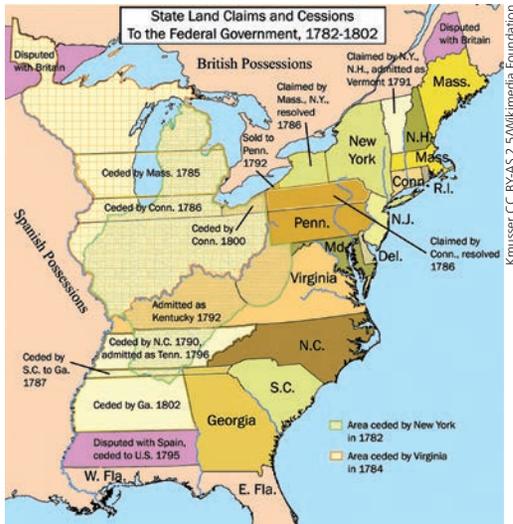
Os peregrinos, iluministas, burgueses, fugitivos religiosos e degredados que se fixaram nas Treze Colônias não eram indivíduos sem uma ideologia, sem crenças ou sem uma interpretação própria sobre os destinos que suas vidas vinham tomando desde as **Revoluções Inglesas** e, sobretudo, com a **Revolução Gloriosa**, de 1688.

Tais imigrantes carregavam consigo mais do que as suas bagagens, seus pertences, suas famílias e agregados ou suas esperanças; traziam consigo a **ideia de predestinação**, formulada por Deus quanto às suas existências e quanto aos rumos de suas vidas.

A tese calvinista da predestinação estava na base da mentalidade geral e serviu de alicerce para o desenvolvimento de uma proposição teórica similar: a Doutrina do Destino Manifesto. Nesse contexto ideológico não existe o acaso. Não! A vontade **divina**, em tudo, era capaz de traçar o destino de cada um daqueles habitantes quanto ao futuro daquelas colônias.

Pode-se dizer que, de um certo modo, que o Destino Manifesto também alimentou o ideal emancipador daquelas treze possessões inglesas, compondo os princípios fundamentais da **Declaração de Independência dos Estados Unidos**, em 1776. Tal crença se desenvolvia em paralelo às ideias bíblicas de "Terra Prometida" e de "Povo Eleito". Também deve ser compreendida como uma forma de manifestação do nacionalismo estadunidense.

Com o desdobramento da trajetória político-econômica da primeira nação independente da América, podemos ainda inferir que a declaração da **Doutrina Monroe**, como ficou conhecido o posicionamento da política externa do presidente James Monroe, em 1823, quanto aos eventos que marcaram a derrota napoleônica na Europa e a ascensão do Congresso de Viena e a consequente criação da **Santa Aliança**, organismo que ameaçava intervir nos processos de emancipação da América.



As 13 colônias e os primeiros territórios conquistados no oeste.

Muitos críticos enxergam na Doutrina Monroe o caráter introdutório do futuro **imperialismo norte-americano** no Continente, tendo em vista que a expressão usada pelo estadista antes mencionado: "A América para os Americanos", revelava uma finalidade subliminar equivalente "à América para os Estados Unidos". Se levarmos em conta que o século XIX foi marcado pelo processo de exploração da África, Ásia e Oceania (pelo menos inicialmente), podemos sim compreender o sentido desta análise, por se tratar de uma forma de reserva de mercados e de áreas de exploração geral, capaz de dar suporte ao crescimento dos Estados Unidos.

Mas como desenvolver uma plena obediência à vontade de Deus se a existência das somente antigas Treze Colônias impedia a formação de uma capacidade de imposição sobre todo o Continente?



Esta pintura (cerca 1872) de John Gast chamada Progresso Americano é uma representação alegórica do Destino Manifesto. Na cena, uma mulher angelical, algumas vezes identificada como Colúmbia, (uma personificação dos Estados Unidos do século XIX) carregando a luz da "civilização" juntamente a colonizadores estadunidenses, prendendo cabos telégrafo por onde passa. Há também Índios Americanos e animais selvagens do oeste "oficialmente" sendo afugentados pela personagem.

Quer dizer... sem a expansão territorial, teria sido impossível a realidade e a aplicação do **Destino Manifesto**, tendo em vista que não haveria força suficiente ou riqueza nacional capaz de se sobressair diante de outras nações ou regiões da América.

Por isso, o Destino Manifesto impulsionou a Marcha para o Oeste de modo a garantir um alimento ideológico por meio da crença, por meio da fé e através da ideia de que ocupar, dominar as terras a Oeste e alcançar o Oceano Pacífico não era apenas uma necessidade de caráter econômico, mas uma forma de obediência à Vontade de Deus.

A Marcha para o Oeste

O espaço geográfico das iniciais **Treze Colônias**, com o tempo, já não era suficiente, na medida em que escassez de recursos se estabelecia, em função do crescimento populacional e dos ditames da crença na predestinação do povo norte-americano.

Porém, o primeiro processo de expansão não se deu na direção paralela aos estados norte-americanos constituídos. Começou, na verdade, com a aquisição paga aos franceses da região da Louisiana, a partir de 1803, em face das necessidades financeiras do governo napoleônico em financiar suas guerras de expansão na Europa. O preço foi de 11,25 milhões de dólares.

Somente após a compra da Flórida à Espanha, em 1819, o processo de **marcha ou expansão** se direcionou para a região oeste do país, ocasionando graves prejuízos sociais e econômicos para as tribos nativas; os silvícolas ou autóctones daquele espaço geográfico, sobretudo, porque os índios foram considerados um entrave ao progresso e processo civilizatório.

A percepção dos nativos, quanto à **desapropriação de suas terras** e à ameaça do "homem branco", não se fez demorar, pois, a fundação de cidades, o desenvolvimento agrário, o envio de tropas do governo e a urbanização aplicada traziam consigo uma configuração destruidora para a antiga forma de vida dos aborígenes.



Retrato de um Sioux (Red Bird).

Em face da **violenta reação dos índios**, o Estado elaborou e definiu leis draconianas e violentas contra os mesmos. A pior delas foi a chamada "Lei de Remoção dos Índios", datada do ano de 1830, que forçava a migração dos povos indígenas a reservas situadas a oeste do rio Mississippi. Os mais afetados foram os **Seminoles** e os **Cherokees**. Em paralelo a isso, carruagens, caravanas, fortes e arraiais eram atacados ferozmente pelos "**pele vermelha**", como passaram a ser chamados.

Apesar da tentativa em se firmar alguns acordos entre o governo e chefes das tribos revoltosas, os colonos dificultavam a paz, através da ação unilateral, chegando a ocupar muitas das reservas a eles destinadas.

A Marcha para o Oeste foi também denominada de "processo civilizatório" ou "processo americano" e foi caracterizado não somente pela migração de famílias e grupos, mas também pela construção de amplas ferrovias capazes de integrar as regiões leste

e oeste por inteiro, causando também, por sua vez, grave processo de desapropriação. O objetivo de tais vias era alcançar as faixas agrícolas e integrar o território nacional. As reações indígenas se intensificaram em função dessa realidade.

A **expansão territorial norte-americana** não afetou, entretanto, somente os índios, mas também outras nações como o México. Em 1845, por exemplo, o Texas foi integrado como o 28º estado, sobretudo, porque compreendia uma extensa faixa de terra que ia das montanhas rochosas até o Oceano Pacífico.

Mas nem sempre o crescimento geográfico dos Estados Unidos ocorreu pacificamente em relação aos mexicanos, tendo em vista que os mesmos não aceitaram ceder a Alta Califórnia e o Novo México, provocando uma guerra entre as duas nações. A vitória norte-americana em 1848 permitiu aos Estados Unidos integrarem ao seu território, as regiões de Nevada, Califórnia, Utah, Wyoming, Novo México, Arizona e Colorado.

A ampliação do raio de influência e de poder estadunidense também anexou o Alasca, mediante compra efetivada junto à Rússia, por 7,2 milhões em 1967.

O Norte e o Sul dos Estados Unidos

Se por um lado a **expansão territorial** trouxe benefícios ao governo norte-americano, por outro, ampliou o distanciamento entre os nortistas e sulistas que já viviam as suas diferenças infra-estruturais, desenvolvidas desde o período colonial.

Com a fundação do **Partido Republicano**, em 1854, seus integrantes passaram a defender a libertação dos escravos nas novas áreas ocupadas, a partir da expansão territorial, entendendo que o **Oeste** deveria se definir como um importante entreposto de comércio interno, com mercado consumidor potencial ao processo de industrialização geral dos Estados Unidos. A maioria dos sulistas, entretanto, vinculados ao **Partido Democrata**, imaginavam poder expandir os latifúndios algodoeiros, mediante à aplicação da mão de obra escrava na região sudoeste do país, que intentavam anexar.

A polêmica se transformou em uma animosidade preocupante para a preservação da integridade nacional, tendo em vista que o federalismo adotado, conforme a **Constituição de 1787**, estabelecia que era da alçada dos estados a formulação de leis particulares ou específicas, bem como a operacionalização da economia regional, conforme os interesses coletivos daquele espaço geográfico. Arrimados nessa perspectiva jurídica, os Estados sulistas não abriram mão do **sistema escravista**, enquanto os nortistas, gradativamente, o abolia.



Uma foto de 1863 de Gordon, um escravo açoitado, distribuída no Norte durante a guerra.

McPherson and Oliver/Wikimedia Foundation

O fato é que o tema da escravidão não era novo entre o Norte e o Sul dos EUA, sobretudo, em face das suas implicações políticas, uma vez que o número de habitantes era o critério de definição do número de cadeiras no **Congresso Nacional**, o que dava aos sulistas uma vantagem estratégica contra os nortistas na política nacional, até porque três quintos dos escravos eram considerados para esse cálculo.

A disputa assumiu, cada vez mais, uma natureza ideológica, com manifestações e atos extremamente radicais de ambos os lados. O Norte buscava a liberalização da escravidão em função da demanda por mercado consumidor que a industrialização requeria, daí a necessidade do imediato assalariamento do trabalho; já os grandes proprietários do Sul precisavam manter a escravidão para dar sustentabilidade à agroexportação do algodão voltada para o mercado britânico.

A mais ampla força representativa dos sulistas, durante o século XIX, permitiu a aprovação da **Lei Nebraska-Kansas** tornando facultativa a delimitação do trabalho escravo ou não, fato que provocou a reação ostensiva dos demais estados contra o Kansas e Nebraska, produzindo naquele os primeiros conflitos internos, que mais tarde resultariam na Guerra de Secessão.

Durante o processo de **expansão territorial** também houve uma grande demanda migratória da Europa, durante a primeira metade do século XIX, geralmente ingleses e escoceses, portanto, rapidamente adaptáveis, o que não foi possível a outros imigrantes, sobretudo os irlandeses, em face da sua religião ser a católica, havendo outros tipos de dificuldades para alemães e demais nacionalidades. Eles eram, geralmente, obrigados a assimilar a língua inglesa que passava a ser predominante e praticamente obrigatória. Por isso, o governo estimulava os mesmos a abandonarem as suas bases culturais e absorverem os padrões linguísticos e comportamentais.

A Guerra de Secessão



Militares confederados mortos em combate, em 1863.

Matthew Brady/Wikimedia Foundation

Os desdobramentos econômicos, políticos e sociais, bem como ideológicos e culturais das diferenças e das oposições existentes entre nortistas e sulistas somente se acirraram, agravando o debate congressista sobre o **aboliconismo**. Também havia a questão do protecionismo alfandegário exigido pelos parlamentares representantes dos estados do Norte, entretanto, a economia sulista se achava liberada ao comércio com os ingleses.

Um fato bastante significativo para ampliar as animosidades entre nortistas e sulistas foi a **Lei de Kansas e Nebraska** que se mantiveram escravistas, apesar de fazerem parte da região norte do país, sobretudo, entre os habitantes e os membros do partido republicano, que eram contra a manutenção do escravismo; entre os membros do partido estava Abraham Lincoln.

Os Estados Unidos era agora uma “*Casa Dividida*”, diante de uma campanha eleitoral, na qual Lincoln afirmava a incoerência de uma nação metade livre e metade escrava e que comprometia o pleno desenvolvimento nacional.

Filiado ao Partido Republicano em 1854, Lincoln já tinha um passado marcado por grandes debates em torno da questão escravista; isso, de um certo modo, provocou o seu fracasso na ascensão ao senado, porém, projetou-o no cenário nacional como uma espécie de **aboliconista radical**, fato que o lançou como candidato à presidência pelo partido, em 1860.



Charge de Andrew Johnson e Abraham Lincoln (1865) intitulada “O ‘Divisor dos Trilhos’ trabalhando para reparar a União” (“The ‘Rail Splitter’ At Work Repairing the Union”). Na legenda, está escrito: Johnson — Faça isso devagarosamente Tio Abe e eu irei costurar [os estados] o mais próximo possível. Lincoln — Mais alguns pontos Andy e a boa velha União estará consertada.

Todos os “*estados livres*” votaram no candidato republicano, menos em Nova Jérsei. O número de votos alcançados por Lincoln, no país, chegou a apenas 39%, mais a maioria de votos do colégio eleitoral, que não contou com nenhum de origem sulista; seu nome sequer apareceu como opção entre os estados dessa área geográfica, tal era o resultado do temor dos sulistas quanto às restrições à escravidão que Lincoln pudesse vir a definir.

Antes mesmo das eleições, muitos dos representantes sulistas no Congresso começaram a pedir a secessão em relação à União, sobretudo, se Lincoln vencesse as eleições. Tais políticos se escoravam na ideia de que, sendo os Estados Unidos uma **federação, a autonomia dos estados** era um pressuposto para a livre definição dos novos rumos que tomariam a partir de então.

O ano de 1860 foi o marco do início da secessão sulista, começando pela região da Carolina do Sul, mais tarde acompanhado pelo Mississippi, Geórgia, Louisiana, Alabama e Flórida, com isso houve a elaboração da **primeira Constituição Confederada**, elegendo Jefferson Davis, do Mississippi, como presidente dos estados separatistas, com a capital em Montgomery.

Ao assumir o governo dos EUA, Abraham Lincoln teria afirmado que a União ficaria unida para sempre, e que a União faria uso de todos os meios possíveis para garantir a posse das propriedades da União localizadas nos **Estados do Sul** e, por isso tentou articular uma forma de reconciliação, não aceita, entretanto; inclusive, uma indenização oferecida pelos confederados foi radicalmente negada pelo novo presidente.

A **tomada do forte Sumter** pelos confederados e a consequente reação da União arregimentando esforços para recuperar a baía de Charleston, na Carolina do Sul, foi um movimento encarado pelos sulistas como uma declaração de guerra, provocando a integração da Carolina do Norte, Arkansas, Tennessee, Virgínia e Texas ao lado dos separatistas agora declarados como Estados Confederados da América.

Como estados como Delaware, Maryland, Missouri, Kentucky eram estados fronteiriços da União com a Confederação, houve um processo de divisão interna dos seus habitantes e até de muitas famílias tradicionais que entraram em conflito, inclusive, através do processo de guerra.

O processo de guerra acabou levando a um amplo recrudescimento do executivo; a ampliação dos poderes de Lincoln que suspendeu o *Habeas Corpus*, sendo vastamente criticado pelos democratas no Congresso. Diante das medidas restritivas adotadas pelo presidente, o Partido Republicano passou a exigir esforços mais ostensivos de guerra e o imediato aboliconismo.



HEALY, George Peter Alexander (1818-1894). The Peacemakers, 1868. Da esquerda para a direita: os generais Sherman e Grant, o presidente Lincoln e o contra-almirante Porter em pintura de 1868, “The Peacemakers”, sobre os acontecimentos da embarcação River Queen em março de 1865.

Por mais que se veja na Guerra Civil um fato dramático para a integridade do território norte-americano, o seu desenvolvimento contribuiu para o fortalecimento do sistema fabril ou industrial nortista, na perspectiva econômica da União, sobretudo, em face da grande demanda por roupas, alimentos, carvão, aço, ferro, estimulando ainda a grande produtividade agrária, da lã, milho, trigo, algodão e carne. Em termos estratégicos, esses mesmos produtos decaíram em exportações por parte da Confederação sulista, tendo em vista que a União bloqueou seu escoamento por terra e mar, durante o conclave.

Essa expansão industrial teve o contributo de medidas governamentais, tais como a criação de um banco central; do **Departamento Governamental de Agricultura**, em 1861; a definição de uma moeda padrão; a construção da primeira linha de ferro transcontinental da América; o barateamento de diversos lotes de terras no Oeste, bem como o estabelecimento de um imposto de renda nacional, em 1863, e de um sistema de ensino superior.

A futura vitória da União sobre a Confederação pode ser explicada por esses fatores de natureza técnica, econômica e industrial, mas também pela mobilidade com que o presidente Lincoln centralizou diversos aspectos do poder em suas mãos, operacionalização que não ocorreu entre os confederados em face do seu **conservadorismo** e constante receio quanto a uma mais ampla centralização pessoal, havendo, por isso mesmo, uma indefinição interna do Congresso Confederado, entre aqueles que defendiam um maior intervencionismo contra aqueles que pregavam a manutenção do liberalismo; desse modo, o relacionamento entre Jefferson Davis e alguns estados mais liberais tornou-se difícil e, ainda, o seu pedido de ampliação de poderes foi atendido só parcialmente pelo Congresso.

Outro elemento que provocou a derrota dos sulistas tem a ver com os **gastos de guerra**. Os confederados chegaram ao custo de 2,5 bilhões de dólares, sendo boa parte desse valor resultante de empréstimos a instituições financeiras, e cerca de 60% desse montante impresso em papel moeda, provocando uma vasta inflação.



Biblioteca do Congresso, Washington D.C., EUA.

Nathaniel Currier e James Merritt Ives. Pintura da Batalha de Gettysburg, 1863.

Com a queda da produção de algodão e de cereais, as condições dos soldados confederados também se tornaram extremamente precárias, sobretudo, porque a produção de armas era feita por fábricas civis e os conflitos internos passaram a se ampliar na medida em que o **governo provisório** instituiu o confisco de terras civis por parte de agentes federais, com finalidades militares, além de cavalos, roupas, armas e alimentos que seriam pagos com valores definidos pelas autoridades sempre abaixo da expectativa dos seus donos.

O processo de **alistamento obrigatório** em ambas as regiões foi diferenciado, em conformidade com os seus paradigmas ou ideologias defendidas. Por exemplo, no Norte, o recrutamento independia de raça entre os habitantes do sexo masculino, entre 20 e 45 anos de idade. Muitas mulheres chegaram a se disfarçar para integrar os esforços de guerra. Já os sulistas não integraram negros no front, em face do preconceito racial existente.

Muitos soldados chegaram a denominar a **Guerra de Secessão** como a guerra entre ricos e pobres, tendo em vista que o recrutamento obedecia a critérios de origem social, uma vez que os membros bem aquinhoados tinham condições de contratar substitutos para integrá-los às unidades militares em seu lugar, ação impossível para os soldados mais humildes. Por isso, em muitas regiões houve revoltas, sobretudo, em Nova Iorque.

A necessidade de ampliar o contingente militar levou ambas as federações a autorizar qualquer cidadão a formular pequenos regimentos sob a forma de pagamento proposta pelo governo; no Norte, esse bônus de guerra foi chamado de *bounty payments* (uma forma de recompensa de guerra, em dinheiro). A medida levou muitas pessoas a se alistarem com nomes falsos ou ao alistamento seguido de deserção.



Gibson, James F/Wikimedia Foundation

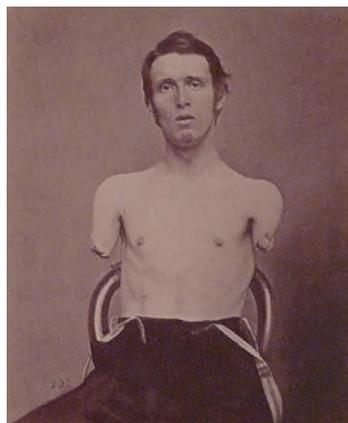
Soldados da União em seu acampamento.

Não é possível delimitar com exatidão a quantidade de soldados que atuaram na Guerra de Secessão, pois, não eram poucos aqueles que, mesmo depois de feridos, se alistavam, outros se alistavam por curto período. A estimativa total seria de aproximadamente dois milhões, destes, o número de brancos, em maioria, esteve do lado confederado, chegando à metade desse contingente.

Na medida em que a guerra se desenvolveu ostensivamente, o número de soldados da União cresceu vertiginosamente, chegando a mais de um milhão de militares ativos, enquanto a Confederação, por todos os fatores antes mencionados, teve uma crescente redução do ativismo de guerra; o contingente militar somente se reduziu chegando ao limite mínimo de duzentos mil integrantes ativos, em função de um número significativo de deserções, sobretudo, quando a possibilidade de alguma vitória tornou-se remota.

Entre todas as estratégias utilizadas por Abraham Lincoln para desbancar as forças de guerra dos Estados Confederados, o telégrafo ocupa um espaço dos mais importantes, tendo em vista que a construção de **uma vasta rede telegráfica** permitiu ao centro de comando um acompanhamento do processo de guerra, em tempo real, dando uma vantagem incomum à União, pois o tempo de resposta dos confederados passou a ser mais lenta ainda para as novas articulações do exército governista, elemento também significativo no plano de centralização do décimo sexto presidente dos Estados Unidos.

A **Guerra Civil Americana** teve como consequência um intenso processo de urbanização das terras expandidas na direção oeste do país, como também das regiões mais centrais, favorecendo um salto do crescimento econômico geral e, ainda, permitindo a consolidação do sistema capitalista nacional.



Wikimedia Foundation

Um em cada treze veteranos de guerra foram amputados.

Nesta guerra, o número de amputados foi alarmante; pelo menos um em cada dez veteranos teve a amputação de seus membros.

O número oficial de mortos ultrapassou a casa dos quinhentos e cinquenta mil, sem contar os desaparecidos que elevariam essa soma a mais de seiscentos mil. Inúmeros saíram feridos, em sua maioria os da União em quase duzentos e oitenta mil contra cento e trinta e sete mil confederados; fatos que tornam a Guerra de Secessão Norte Americana a mais sangrenta de sua trajetória ao longo do tempo, desde o processo de emancipação.

O desfecho da guerra foi marcado pela **rendição incondicional dos sulistas confederados**, muitos dos quais, temerosos de represálias, migraram para o Brasil, México e países da Europa, muito embora nenhum confederado tenha sido processado por traição. Eles fugiam da crise econômica que se abateu no pós-guerra, dos preconceitos daí advindos e das possíveis perseguições.

Estima-se que cerca de quatro a vinte mil confederados se estabeleceram no Brasil, principalmente em regiões como Americana e Santa Bárbara d'Oeste, cujos nomes, por si, já revelam o caráter dessa imigração.

A questão da escravidão e a Klan



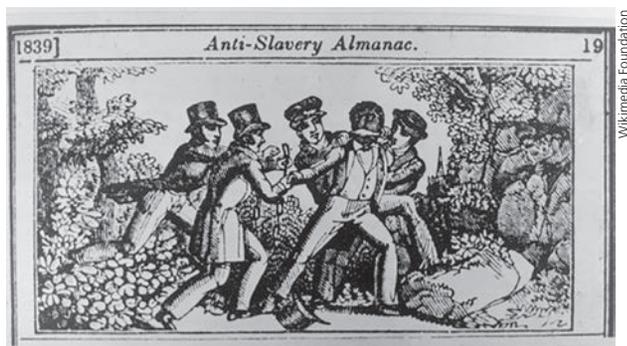
Anthony Berger/Wikimedia Foundation

Abraham Lincoln.

Desde o início da guerra, **Abraham Lincoln** ansiava por solucionar com um único dilema, duas questões polêmicas: o fim da guerra e o fim da escravidão, de modo que usava a guerra para justificar que somente o fim dela poderia trazer uma paz racial aos Estados Unidos e, igualmente afirmava que somente a libertação dos escravos poria fim àquela guerra civil desenvolvida.

Com o que se convencionou chamar de **Proclamação de Emancipação**, o presidente permitiu a utilização de afro-americanos no processo de guerra, integrando as forças da União, chegando o seu número a aproximadamente cento e oitenta mil, a maioria dos quais se tratavam de escravos sulistas fugitivos. Essa faceta da guerra também constituiu uma estratégia usada para enfraquecer os confederados.

Essa prática, que permitia a interação de soldados negros no *front* não foi admitida pelos membros da Confederação, senão nos últimos dias do conflito, em face da escassez extrema de contingente.



Wikimedia Foundation

“Patrulhadores de escravos”, compostos majoritariamente de brancos pobres, tinham a autoridade de parar, revistar, torturar e até matar escravos que violassem os códigos do escravo americano. Acima, caricatura nortista dos patrulhadores capturando um escravo fugitivo, em um almanaque abolicionista.

De início, mal vistos, os **afro-americanos** recebiam apenas a metade do que recebia um soldado branco, porém, esse valor foi igualado, sobretudo, a partir de 1864, mesmo com outras formas de preconceito atuando nas unidades militares, reservando aos negros norte-americanos apenas atividades subalternas ao processo de guerra, tais como cozinha, limpeza geral, cuidado com os armamentos e munição, entre outras de caráter inferior. **Acreditava-se que os soldados negros não seriam bons soldados, entretanto, as batalhas mostraram o contrário.**

Apesar da **Constituição de 1787** afirmar a igualdade de todos os homens, até que a Guerra de Secessão se efetivasse os EUA

eram a maior nação escravista até então. Somente com a Guerra Civil, parlamentares e o próprio presidente buscaram garantir a aprovação da **13ª Emenda**, alcançando esse desiderato por volta de 1865, quando a escravidão foi efetiva e oficialmente eliminada. Porém, acrescenta-se que a libertação não significou a extensão da cidadania aos afro-americanos, algo que somente ocorreria em 1868, com a 14ª Emenda, com o direito de voto garantido somente em 1870, através da **15ª Emenda Constitucional**.



Domínio Público

Em 1863, o exército da União aceitava escravos libertos. Na imagem, jovens soldados negros e brancos.

As leis, entretanto, diante da realidade, continuaram sendo mero papel ou formalidade, uma vez que a sociedade estadunidense prosseguiu marginalizando e discriminando, exigindo a permanência de tropas da União até o ano de 1877, para garantir os direitos dessa porção da população local. O fato é que os sulistas tomaram as medidas como uma forma de humilhação, situação que elaborou o contexto de formação de grupos extremistas e sociedades secretas segregacionistas como a **Ku Klux Klan** e os **Cavaleiros da Camélia Branca**, cujo objetivo era perseguir e retaliar todos quantos apoiassem a causa negra e, ainda, usar de violência com afro-americanos e simpatizantes.

A **K** ou **KKK** foi a mais consistente irmandade branca sectária, com uma atuação pública agressiva e afrontosa. O termo Ku Klux Klan vem do grego e significa “círculo fechado”, representando o extremo preconceito.

Estava deflagrada uma guerra racial, uma forma de desdobramento da **Secessão**, uma vez que a Klan era formada por antigos membros confederados que lutavam contra qualquer forma de extensão constitucional de direitos aos negros, ou seja, uma oposição sistemática ao que foi chamado pela União de “Reconstrução Radical” imposta aos sulistas. A KKK agia na clandestinidade, utilizando-se de mantos, máscaras e gorros brancos, à revelia das autoridades locais, espancando, mutilando, enforcando, queimando e até pregando em cruzeiros as suas vítimas.

Ao tornar-se um caso de crime, na perspectiva da Lei, os membros racistas tiveram a K proibida, o que levou ao seu gradativo enfraquecimento, retomando a sua força e se intensificando clandestinamente, somente depois da **Primeira Guerra Mundial**, irradiando-se por diversas regiões além do Alabama, Mississipi e Virgínia, onde a sua atuação foi mais ostensiva.

Texto para Reflexão

DISCURSO DE MARTIN LUTHER KING

Há cem anos, um grande americano, sob cuja sombra simbólica nos encontramos, assinava a Proclamação da Emancipação. Esse decreto fundamental foi como um raio de luz de esperança para milhões de escravos negros que tinham sido marcados a ferro nas chamas de uma vergonhosa injustiça. Veio como uma aurora feliz para terminar a longa noite do cativeiro. Mas, cem anos mais tarde, devemos enfrentar a realidade trágica de que o Negro ainda não é livre.

Cem anos mais tarde, a vida do Negro é ainda lamentavelmente dilacerada pelas algemas da segregação e pelas correntes da discriminação. Cem anos mais tarde, o Negro continua a viver numa ilha isolada de pobreza, no meio de um vasto oceano de prosperidade material. Cem anos mais tarde, o Negro ainda define nas margens da sociedade americana, estando exilado na sua própria terra.

Por isso, encontramos aqui hoje para dramaticamente mostrarmos esta extraordinária condição. Num certo sentido, viemos à capital do nosso país para descontar um cheque. Quando os arquitetos da nossa república escreveram as magníficas palavras da Constituição e da Declaração de independência, estavam a assinar uma promissória de que cada cidadão americano se tornaria herdeiro.

Este documento era uma promessa de que todos os homens veriam garantidos os direitos inalienáveis à vida, à liberdade e à procura da felicidade. É óbvio que a América ainda hoje não pagou tal promissória no que concerne aos seus cidadãos de cor. Em vez de honrar este compromisso sagrado, a América deu ao Negro um cheque sem cobertura; um cheque que foi devolvido com a seguinte inscrição: "saldo insuficiente". Porém, nós recusamo-nos a aceitar a ideia de que o banco da justiça esteja falido. Recusamo-nos a acreditar que não exista dinheiro suficiente nos grandes cofres de oportunidades deste país.

Por isso viemos aqui cobrar este cheque – um cheque que nos dará quando o recebermos as riquezas da liberdade e a segurança da justiça. Também viemos a este lugar sagrado para lembrar à América da clara urgência do agora. Não é o momento de se dedicar à luxúria do adiamento, nem para se tomar a pílula tranquilizante do gradualismo. Agora é tempo de tornar reais as promessas da Democracia. Agora é o tempo de sairmos do vale escuro e desolado da segregação para o iluminado caminho da justiça racial. Agora é tempo de abrir as portas da oportunidade para todos os filhos de Deus. Agora é tempo para retirar o nosso país das areias movediças da injustiça racial para a rocha sólida da fraternidade.

Seria fatal para a nação não levar a sério a urgência do momento e subestimar a determinação do Negro. Este sufocante verão do legítimo descontentamento do Negro não passará até que chegue o revigorante Outono da liberdade e igualdade. 1963 não é um fim, mas um começo. Aqueles que creem que o Negro precisava só de desabafar, e que a partir de agora ficará sossegado, irão acordar sobressaltados se o País regressar à sua vida de sempre. Não haverá tranquilidade nem descanso na América até que o Negro tenha garantido todos os seus direitos de cidadania.

Os turbilhões da revolta continuarão a sacudir as fundações do nosso País até que desponte o luminoso dia da justiça. Existe algo, porém, que devo dizer ao meu povo que se encontra no caloroso limiar que conduz ao palácio da justiça. No percurso de ganharmos o nosso legítimo lugar não devemos ser culpados de atos errados. Não tentemos satisfazer a sede de liberdade bebendo da taça da amargura e do ódio.

Temos de conduzir a nossa luta sempre no nível elevado da dignidade e disciplina. Não devemos deixar que o nosso protesto

realizado de uma forma criativa degenera na violência física. Teremos de nos erguer uma e outra vez às alturas majestosas para enfrentar a força física com a força da consciência.

Esta maravilhosa nova militância que engolfou a comunidade negra não nos deve levar a desconfiar de todas as pessoas brancas, pois muitos dos nossos irmãos brancos, como é claro pela sua presença aqui, hoje, estão conscientes de que os seus destinos estão ligados ao nosso destino, e que sua liberdade está intrinsecamente ligada à nossa liberdade.

Não podemos caminhar sozinhos. À medida que caminhamos, devemos assumir o compromisso de marcharmos em frente. Não podemos retroceder. Há quem pergunte aos defensores dos direitos civis: "Quando é que ficarão satisfeitos?" Não estaremos satisfeitos enquanto o Negro for vítima dos incontáveis horrores da brutalidade policial. Não poderemos estar satisfeitos enquanto os nossos corpos, cansados das fadigas da viagem, não conseguirem ter acesso a um lugar de descanso nos hotéis das estradas e nos hotéis das cidades. Não poderemos estar satisfeitos enquanto a mobilidade fundamental do Negro for passar de um gueto pequeno para um maior. Nunca poderemos estar satisfeitos enquanto um Negro no Mississipi não pode votar e um Negro em Nova Iorque achar que não há nada pelo qual valha a pena votar. Não, não, não estamos satisfeitos, e só ficaremos satisfeitos quando a justiça correr como a água e a retidão como uma poderosa corrente.

Sei muito bem que alguns de vocês chegaram aqui após muitas dificuldades e tribulações. Alguns de vocês saíram recentemente de pequenas celas de prisão. Alguns de vocês vieram de áreas onde a vossa procura da liberdade vos deixou marcas provocadas pelas tempestades da perseguição e sofrimentos provocados pelos ventos da brutalidade policial. Vocês são veteranos do sofrimento criativo. Continuem a trabalhar com a fé de que um sofrimento injusto é redentor.

Voltem para o Mississipi, voltem para o Alabama, voltem para a Carolina do Sul, voltem para a Geórgia, voltem para a Luisiana, voltem para os bairros de lata e para os guetos das nossas modernas cidades, sabendo que, de alguma forma, esta situação pode e será alterada. Não nos embrenhemos no vale do desespero.

Digo-lhes, hoje, meus amigos, que apesar das dificuldades e frustrações do momento, ainda tenho um sonho. É um sonho profundamente enraizado no sonho americano.

Tenho um sonho que um dia esta nação levantar-se-á e viverá o verdadeiro significado da sua crença: "Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais".

Tenho um sonho que um dia nas montanhas rubras da Geórgia os filhos de antigos escravos e os filhos de antigos proprietários de escravos poderão sentar-se à mesa da fraternidade.

Tenho um sonho que um dia o estado do Mississipi, um estado deserto, sufocado pelo calor da injustiça e da opressão, será transformado num oásis de liberdade e justiça.

Tenho um sonho que meus quatro pequenos filhos viverão um dia numa nação onde não serão julgados pela cor da sua pele, mas pela qualidade do seu carácter.

Tenho um sonho, hoje.

Tenho um sonho que um dia o estado de Alabama, cujos lábios do governador atualmente pronunciam palavras de ... e recusa, seja transformado numa condição onde pequenos rapazes negros, e raparigas negras, possam dar-se as mãos com outros pequenos rapazes brancos, e raparigas brancas, caminhando juntos, lado a lado, como irmãos e irmãs.

Tenho um sonho, hoje.

Tenho um sonho que um dia todos os vales serão elevados, todas as montanhas e encostas serão niveladas, os lugares áspersos serão polidos, e os lugares tortuosos serão endireitados, e a glória do Senhor será revelada, e todos os seres a verão, conjuntamente.

Esta é nossa esperança. Esta é a fé com a qual regresso ao Sul. Com esta fé seremos capazes de retirar da montanha do desespero uma pedra de esperança. Com esta fé poderemos transformar as dissonantes discórdias de nossa nação numa bonita e harmoniosa sinfonia de fraternidade. Com esta fé poderemos trabalhar juntos, rezar juntos, lutar juntos, ir para a prisão juntos, ficarmos juntos em posição de sentido pela liberdade, sabendo que um dia seremos livres.

Esse será o dia quando todos os filhos de Deus poderão cantar com um novo significado: "O meu país é teu, doce terra de liberdade, de ti eu canto. Terra onde morreram os meus pais, terra do orgulho dos peregrinos, que de cada localidade ressoe a liberdade".

E se a América quiser ser uma grande nação isto tem que se tornar realidade. Que a liberdade ressoe então dos prodigiosos cabeços do Novo Hampshire. Que a liberdade ressoe das poderosas montanhas de Nova Iorque. Que a liberdade ressoe dos elevados Alleghenies da Pensilvânia!

Que a liberdade ressoe dos cumes cobertos de neve das montanhas Rochosas do Colorado!

Que a liberdade ressoe dos picos curvos da Califórnia!

Mas não só isso; que a liberdade ressoe da Montanha de Pedra da Geórgia!

Que a liberdade ressoe da Montanha Lookout do Tennessee!

Que a liberdade ressoe de cada Montanha e de cada pequena elevação do Mississipi.

Que de cada localidade, a liberdade ressoe.

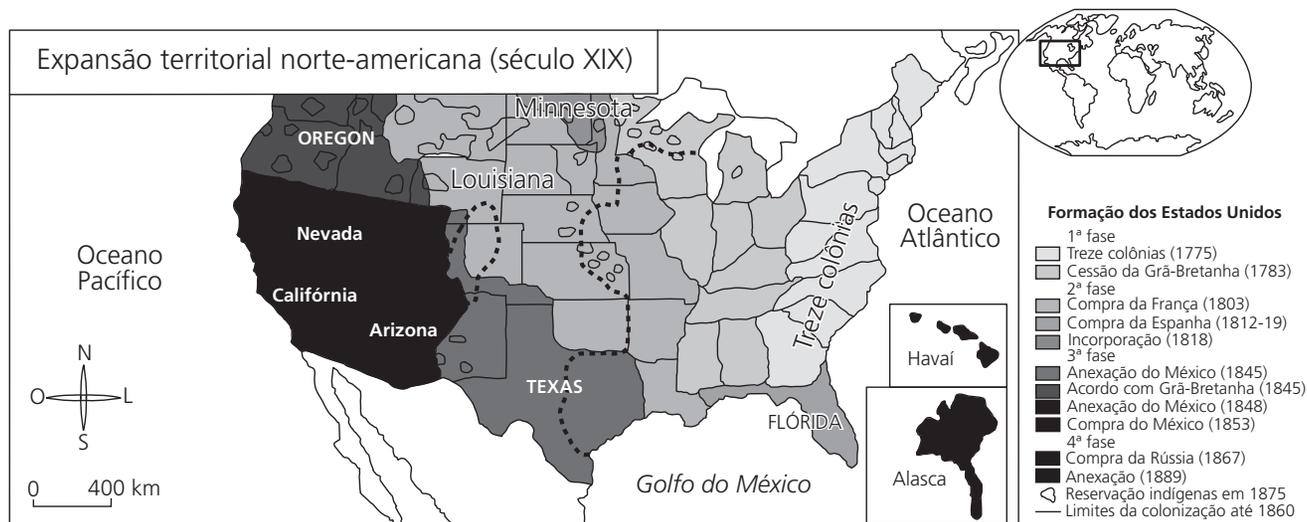
Quando permitirmos que a liberdade ressoe, quando a deixarmos ressoar de cada vila e cada aldeia, de cada estado e de cada cidade, seremos capazes de apressar o dia em que todos os filhos de Deus, negros e brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, poderão dar-se as mãos e cantar as palavras da antiga canção negra: "Liberdade finalmente! Liberdade finalmente! Louvado seja Deus, Todo Poderoso, estamos livres, finalmente!"



Exercícios de Fixação

01. (FGV/2018) Em 1864, o conselho geral da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) incumbiu Karl Marx de redigir uma carta endereçada a Abraham Lincoln, presidente dos Estados Unidos, por ocasião de sua reeleição. Nessa carta, Marx felicitava o estadunidense e relacionava a luta contra a escravidão na América aos interesses e demandas das classes trabalhadoras.
- A respeito do contexto histórico dessa carta, é correto afirmar:
- Nos Estados Unidos da América, desenrolava-se a Guerra de Secessão, provocada pela separação das unidades federativas que desejavam a manutenção da escravidão.
 - A AIT foi fundada em 1864 como uma organização internacional que se propunha representar tanto a classe operária quanto setores da pequena burguesia democrática.
 - A Guerra Civil Americana foi provocada pelas ligações do então presidente Abraham Lincoln com a esquerda comunista internacional liderada pelo filósofo alemão Karl Marx.
 - Na Europa, a fundação da AIT representava uma tentativa de canalizar as lutas operárias para o interior das instituições políticas da sociedade burguesa, através da participação eleitoral.
 - A reeleição de Abraham Lincoln só foi possível devido à extensão do direito universal de voto a todos os estadunidenses, independentemente de sua condição racial ou social.
02. (UFRGS/2018) Após o fim da Guerra Civil norte-americana (1861-1865), antigos soldados confederados e proprietários rurais sulistas organizaram a Ku Klux Klan, grupo que teria influência duradoura na história política norte-americana.
- Assinale a alternativa que indica características ideológicas e práticas dessa organização.
- Defesa da supremacia branca e da segregação racial nos Estados Unidos.
 - Tentativa de construção de um governo socialista no Sul norte-americano.
 - Adoção de uma plataforma de integração racial em todo o país.
 - Rejeição ao Cristianismo como a principal religião dos Estados Unidos.
 - Implementação de um governo independente nos estados do Norte estadunidense.
03. (Fuvest/2014) A ideia de ocupação do continente pelo povo americano teve também raízes populares, no senso comum e também em fundamentos religiosos. O sonho de estender o princípio da "união" até o Pacífico foi chamado de "Destino Manifesto".
- Nancy Priscilla S. Naro. *A formação dos Estados Unidos*. São Paulo: Atual, 1986, p. 19.
- A concepção de "Destino Manifesto", cunhada nos Estados Unidos da década de 1840,
- difundiu a ideia de que os norte-americanos eram um povo eleito e contribuiu para justificar o desbravamento de fronteiras e a expansão em direção ao Oeste.
 - tinha origem na doutrina judaica e enfatizava que os homens deviam temer a Deus e respeitar a todos os semelhantes, independentemente de sua etnia ou posição social.
 - baseava-se no princípio do multiculturalismo e impediu a propagação de projetos ou ideologias racistas no Sul e no Norte dos Estados Unidos.
 - derivou de princípios calvinistas e rejeitava a valorização do individualismo e do aventureirismo nas campanhas militares de conquista territorial, privilegiando as ações coordenadas pelo Estado.
 - defendia a necessidade de se preservar a natureza e impediu o prosseguimento das guerras contra indígenas, na conquista do Centro e do Oeste do território norte-americano.
04. (Fuvest/2012) No século XIX, o surgimento do transporte ferroviário provocou profundas modificações em diversas partes do mundo, possibilitando maior e melhor circulação de pessoas e mercadorias entre grandes distâncias. Dentre tais modificações, as ferrovias:
- facilitaram a integração entre os Estados nacionais latino-americanos, ampliaram a venda do café brasileiro para os países vizinhos e estimularam a constituição de amplo mercado regional.
 - permitiram que a cidade de Manchester se conectasse diretamente com os portos do sul da Inglaterra e, dessa forma, provocaram o surgimento do sistema de fábrica.
 - facilitaram a integração comercial do ocidente com o extremo oriente, substituíram o transporte de mercadorias pelo Mar Mediterrâneo e despertaram o sonho de integração mundial.
 - permitiram uma ligação mais rápida e ágil, nos Estados Unidos, entre a Costa leste e a Costa oeste, chegando até a Califórnia, palco da famosa corrida do ouro.
 - permitiram a chegada dos europeus ao centro da África, reforçaram a crença no poder transformador da tecnologia e demonstraram a capacidade humana de se impor à natureza.

05. (UFMS/2012) Observe o mapa:



Essa rápida expansão territorial dos Estados Unidos da América no século XIX, mostrada no mapa, foi impulsionada por uma ideologia propagadora da crença de que os norte-americanos eram um povo eleito pela vontade divina para conquistar o Novo Mundo e expandir os seus domínios sobre territórios e populações que estivessem no seu caminho da “Marcha para o Oeste”. Trata-se:

- A) do Fardo do Homem Branco.
- B) da Declaração de Independência.
- C) do Corolário Rooseveltiano.
- D) da Doutrina Monroe.
- E) do Destino Manifesto.



Exercícios Propostos

01. (Unesp/2017) A expansão territorial dos Estados Unidos, no século XIX, foi o resultado da compra da Luisiana francesa pelo governo central, da anexação de territórios mexicanos, da distribuição de pequenos lotes de terra para colonos pioneiros, da expansão das redes de estradas de ferro, assim como da anexação de terras indígenas.

Esse processo expansionista foi ideologicamente justificado pela doutrina do Destino Manifesto, segundo a qual

- A) o direito pertence aos povos mais democráticos e laboriosos.
- B) o mundo deve ser transformado para o engrandecimento da humanidade.
- C) o povo americano deve garantir a sobrevivência econômica das sociedades pagãs.
- D) as terras pertencem aos seus descobridores e primeiros ocupantes.
- E) a nação deve conquistar o continente que a Providência lhe reservou.

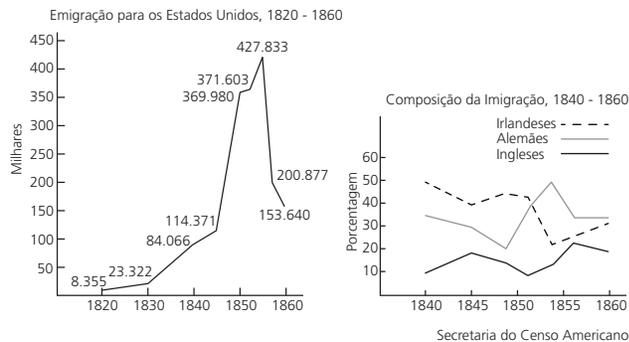
02. (Upe-ssa 2/2017) Durante o século XIX, nos Estados Unidos expansionistas, uma corrente advogava, em nome do “Destino Manifesto”, a absorção de Cuba. Consideravam que os norte-americanos tinham o “direito” de ter a ilha sob seu domínio.

PRADO, Maria Lígia Coelho. *A formação das nações latino-americanas*. São Paulo: Atual, 1987, p. 53. (Adaptado).

O Tratado de Paris pôs fim ao conflito entre Estados Unidos e Espanha e explica parte do contexto descrito pelo texto, tendo como principal(a)s consequênci(a)s política(s) a

- A) suspensão do Tratado de Arrendamento de Bases Navais e Militares em Cuba e Filipinas.
- B) incorporação de Cuba como um protetorado formal dos EUA por meio da exploração das usinas.
- C) destituição da Ementa Platt que aprovava a intervenção direta dos Estados Unidos em Cuba.
- D) concessão de Porto Rico e das Filipinas aos EUA e a instituição de um domínio indireto em Cuba.
- E) anexação de México e Cuba, respectivamente, ao território norte-americano e a independência das Filipinas.

03. (PUC-RJ/2010) Observe os gráficos a seguir sobre o movimento migratório para os Estados Unidos entre as décadas de 1820 e 1860.



É correto afirmar que:

- A) durante as décadas de 1840 e 1850, o fluxo de imigrantes cresceu substancialmente, sendo a maior parte deles originária da Inglaterra e Alemanha.
- B) após a guerra contra o México (1846-1848), houve decréscimo da imigração, em função da limitação do acesso aos novos territórios anexados.
- C) o surto de industrialização, ocorrido nas décadas de 1840 e 1850, aumentou a oferta de empregos na indústria, atraindo uma multidão de emigrantes europeus.
- D) os atrativos oferecidos aos imigrantes ingleses entre as décadas de 1840-1860 justificam a sua maior porcentagem na composição da imigração.
- E) as décadas de menor entrada de imigrantes nos Estados Unidos correspondem ao período de apogeu da expansão para o Oeste.

04. (Unifesp/2009) A Guerra Civil americana opôs o norte e o sul dos Estados Unidos entre 1861 e 1865. Entre os motivos da luta, podemos citar:

- A) O interesse expansionista dos estados do norte, que pretendiam anexar regiões de colonização espanhola no Caribe e na América Central.
- B) A decisão unilateral dos estados do norte de abolir a escravidão negra e incentivar a servidão dos indígenas capturados na expansão para o oeste.
- C) O desrespeito de estados do sul e do norte aos princípios democráticos da Constituição elaborada após a independência norte-americana.
- D) A divergência entre os estados do norte e do sul quanto à manutenção da escravidão e à tributação das mercadorias importadas.
- E) O assassinato do presidente nortista Abraham Lincoln, que desencadeou os conflitos entre escravistas e abolicionistas.

05. (Fuvest/2009) "Uma casa dividida contra si mesma não subsistirá. Acredito que esse governo, meio escravista e meio livre, não poderá durar para sempre. Não espero que a União se dissolva; não espero que a casa caia. Mas espero que deixe de ser dividida. Ela se transformará só numa coisa ou só na outra."

Abraham Lincoln, em 1858.

Esse texto expressa a:

- A) posição política autoritária do presidente Lincoln.
- B) perspectiva dos representantes do sul dos EUA.
- C) proposta de Lincoln para abolir a escravidão.
- D) proposição nortista para impedir a expansão para o Oeste.
- E) preocupação de Lincoln com uma possível guerra civil.

06. (FGV/2007) Leia os trechos:

"Na Europa, as terras ou são cultivadas ou são proibidas aos agricultores. A manufatura deve, então, ser procurada por necessidade e não por escolha. Nós, porém, temos uma imensidade de terra. (...) Enquanto tivermos terra para trabalhar, nunca desejemos ver nossos cidadãos ocupados numa bancada de trabalho ou girando uma roca de fiar (...). Para as operações gerais de manufatura, deixemos que as nossas oficinas continuem na Europa. É melhor enviar matérias-primas para os trabalhadores de lá do que trazê-los para cá (...), com seus costumes e princípios. A aglomeração das grandes cidades não contribui para a manutenção de um governo legítimo (...)."

Thomas Jefferson, 1784.

"Os regulamentos restritivos, que têm feito baixar a venda nos mercados estrangeiros do excedente cada vez maior de nossa produção agrícola (...) geraram forte desejo de que se criasse, internamente, uma demanda maior para aqueles excedentes. (...) Convém aqui enumerar os principais fatores que permitem concluir que os estabelecimentos manufatureiros não apenas provocam um aumento positivo no produto e na renda da sociedade, como também contribuem, decisivamente, para desenvolvê-la (...). 1. a divisão do trabalho; 2. uma ampliação no uso da maquinaria; 3. a utilização adicional de classes da comunidade (...); 4. a promoção da imigração de países estrangeiros; 5. a oferta de maiores oportunidades à diversidade de talentos (...); 6. o aparecimento de um campo mais amplo e variado para a empresa; (...)."

Alexander Hamilton, 1791. In Secretaria da Educação-SP, "Coletânea de documentos de História da América para o 2º grau"

Os documentos tratam dos Estados Unidos logo após a independência. De acordo com os trechos, é correto afirmar que Jefferson e Hamilton:

- A) divergem sobre a necessidade de instalar manufaturas nos Estados Unidos.
- B) concordam com a adoção de princípios fisiocratas no novo país.
- C) destacam o aumento do volume e da renda das exportações agrícolas americanas.
- D) defendem a vinda de imigrantes europeus para os Estados Unidos.
- E) discordam sobre a manutenção do trabalho escravo em sua economia.

07. (Uece/2007) "O que opõe o Norte industrial ao Sul agrícola é uma divergência mais de ordem econômica: o primeiro é protecionista, o segundo quer a liberdade de comércio. Não é, portanto, a questão do escravismo que pode explicar a origem das hostilidades e de um conflito que causará a morte de mais de 600 mil americanos".

KERSAUDY, François. *Estados Unidos: o nascimento de uma nação*. Trad. Ana Montoia. In: "Revista História Viva". São Paulo: Duetto, nov. 2003, p. 28. Nº 1.

De acordo com o texto, podemos reconhecer como fator que desencadeou a Guerra de Secessão americana:

- A) a pretensão dos nortistas de impedir a expansão do escravismo nos territórios do Oeste, ainda não constituídos em estados.
- B) o radicalismo antiescravista de Abraham Lincoln, eleito presidente da República, ameaçava os direitos dos proprietários de escravos.
- C) a ação da sociedade secreta Ku Klux Klan, que acabou com a segregação racial ao conceder o igual direito de voto aos negros.
- D) a manutenção do escravismo nos Estados do Sul propiciava a industrialização nos Estados do Norte, devido à mão de obra barata.

08. (UFRRJ/2005) Leia o texto que se refere à Guerra de Secessão e responda ao que se pede.

A União compreendia 23 Estados, com cerca de 28 milhões de habitantes; os Confederados tinham 11 Estados com uma população de cerca de 9 milhões de indivíduos, dos quais 3 milhões e 500 mil eram escravos. O sistema ferroviário da União era mais extenso e de melhor qualidade que o dos confederados. Estes dependiam de armas, munições e medicamentos importados, o que não ocorria com a União devido ao desenvolvimento industrial do Norte. Além do mais, os estaleiros do Norte reforçavam sua esquadra cujos navios afundaram os dos confederados e bloquearam os portos sulistas cortando ligações com o exterior.

AQUINO, R.S.L. et alli. *História das Sociedades: Das Sociedades Modernas às Sociedades Atuais*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983, p. 174.

Sobre a Guerra de Secessão, ocorrida nos Estados Unidos entre 1861 e 1865, é correto afirmar que:

- A) as suas causas encontram-se nas medidas protecionistas tomadas pelos estados do Sul em processo de industrialização, uma vez que estes estavam sufocados pela concorrência dos produtos mais baratos do norte industrializado.
 - B) ela tem início como uma reação do Norte ao predomínio de sulistas no congresso americano, o que fez com que os estados do Norte, apesar de altamente industrializados, ficassem com a fatia menor do orçamento da União.
 - C) os exércitos confederados se levantam contra a política discriminatória de sucessivos presidentes do Norte, que praticamente excluem o Sul de quaisquer investimentos para industrializar-se, aplicando durante anos a quase totalidade de recursos em estados do Norte.
 - D) a classe dominante sulista, a burguesia mercantil, objetivava a constituição de um vigoroso mercado interno para escoar a produção agrícola de sua região, ao contrário dos estados do Norte, cuja classe dominante, a Burguesia Industrial, tinha como objetivo primeiro a ênfase no mercado externo.
 - E) o conflito teve como um dos principais motivos as rivalidades cada vez maiores entre o Norte industrializado e o Sul escravocrata em torno de problemas como a libertação dos escravos, desejada por políticos do Norte, que desorganizaria de modo central a economia agrícola sulista.
09. (UFJF/2003) Sobre a história dos Estados Unidos, no contexto da Guerra de Secessão, aponte a afirmativa correta.
- A) A emergente burguesia industrial propunha a criação de uma civilização com bases mais aristocráticas, onde a elite tivesse um comportamento semelhante ao da nobreza inglesa.
 - B) Os estados do Norte eram contra o protecionismo alfandegário, porque queriam importar livremente produtos manufaturados.
 - C) No Sul dos EUA, concentrava-se a elite agrária escravista, que se opunha aos estados do Norte, onde se concentrava a elite industrial.
 - D) Após a Guerra de Secessão, foi abolida a escravidão e houve uma significativa melhora nas condições de vida dos negros, que foram beneficiados por vários programas do governo.
 - E) Mesmo com a vitória dos Estados Confederados, não houve uma reconciliação entre as elites do Sul e do Norte.

10. (UFF/2002) Imbuídos da moral protestante e movidos pelo sonho de uma nova vida proveniente das transformações industriais europeias, os pioneiros da Marcha para o Oeste iniciaram a grande obra de povoamento do território norte-americano e de reconhecimento de suas riquezas. Considerando-se o aspecto histórico do alargamento de fronteiras nos Estados Unidos, pode-se dizer que a Marcha para o Oeste:

- A) foi o marco inicial da expansão da economia norte-americana, uma vez que os pioneiros eram organizados pelo Estado e deveriam auxiliá-lo na eliminação dos índios.
- B) significou a abertura de um conflito entre os vários tipos de pioneiros e teve como consequências a Guerra de Secessão e a autonomia dos Estados da federação norte-americana.
- C) teve como repercussões, apenas, a matança dos índios e a fabricação de heróis dos filmes de *far-west*.
- D) revelou um território rico que teve condições de ser ocupado graças à aliança entre os pioneiros e os índios.
- E) constituiu um dos marcos da identidade homem-terra na construção da nação norte-americana, possibilitando o alargamento do território.



Fique de Olho

Livros

- BROWN, D. *Enterrem meu coração na curva do rio*. L&PM, 2003.
- COOPER, J. F. *O último dos moicanos*. Larousse do Brasil, 2005.
- KEROUAC, J. *On the road*. L&PM, 2004.
- STEINBECK, J. *As vinhas da ira*. Bestbolso, 2008.
- Kris Shepard e Claybone Carson (Orgs.). *Um Apelo à Consciência: Os Melhores Discursos de Martin Luther King*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- MALCOLM X. *Autobiografia de Malcolm X*. Rio de Janeiro, Nova York: Record, Luso-Brazilian Books, 1992.
- KARNAL, Leandro, PURDY, Sean et al. *Uma História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

Filmes

- DANÇA COM LOBOS. Direção de Kevin Costner. EUA, 1990.
- E O VENTO LEVOU. Direção de Victor Fleming. EUA: Warner Home Vídeo, 1939.
- MISSISSIPI EM CHAMAS. Direção Alan Parker. EUA, 1988.
- O GRANDE DESAFIO. Direção Denzel Washington. EUA, 2007.
- O ÚLTIMO DOS MOICANOS. Direção George B. Seitz. EUA, 1936.



Seção Videoaula



Os Estados Unidos no Século XIX

C-2	H-7, 8
C-3	H-11, 13

Introdução



O desenvolvimento do colonialismo no **século XVI** criou os fundamentos do **Antigo Regime Europeu** no “*Novo Mundo*”. A **América Latina** viveu o reflexo do mercantilismo, na medida da elaboração do **Sistema Colonial**, baseado nas premissas do pacto colonial, através do qual as colônias eram apenas redutos de produção complementar às suas metrópoles; impedidas de qualquer forma de comércio liberal com outras nações.

A infraestrutura do poder colonial, então, se configurou de modo hierarquizado, sendo, os senhores aqueles mesmos indicados pelos **Estados Nacionais Absolutistas Europeus**, mediante acordos econômicos ou conforme o funcionamento das relações de poder entre o rei, a nobreza e a burguesia, tendo no Clero, um instrumento de legitimação mística, religiosa...

Foram em torno de trezentos a quase quatrocentos anos de sujeição imposta pelo **capitalismo comercial**, em choque com os aspectos econômicos próprios de nativos e colonos em geral.

Apesar da lógica do processo de colonização obedecer a uma **lógica mercantilista**, ele variou de conformidade com a geografia e a origem fundamental de correntes migratórias. Nos Estados Unidos, as regiões norte e sul se diferenciaram a partir das condições geomorfológicas; na América Central o extrativismo mineral foi o mais ostensivo, sob a perspectiva da prática da **mita** ou **encomenda** e, na **América do Sul**, o extrativismo vegetal foi o epicentro da colonização exploradora, mediante a aplicação do escravismo.

Pode-se afirmar que o **século XVIII**, com o afluxo significativo de pessoas, capitais e mercadorias, foi o momento decisivo da interação das ideias iluministas que não povoaram somente a mentalidade europeia.

O advento da **Revolução Industrial**, em conjunto com as ideias ilustradas, também se constituiu não somente num evento transformador das disposições econômicas e sociais, como a pressão pela libertação dos escravos, mas também pela desestruturação dos pactos coloniais.

O capitalismo industrializante, a partir de fatos como as **guerras napoleônicas** e o **bloqueio continental** ensejaram o contrabando inglês com os crioulos, bem como a abertura dos portos de colônias como o Brasil à economia britânica.

Desse modo, a antiga economia colonial transformou-se numa “*nova ordem colonialista*”, em face do gradativo fim dos monopólios, com a introdução de manufaturas europeias e pelo enfraquecimento do **metalismo**.

Note-se ainda que, o surto industrial norte-americano, a partir do desenvolvimento do seu **imperialismo**, também alterou as disposições econômicas internas, pressionando a entrada ostensiva de capital estrangeiro para fins de empréstimos e investimento em infraestrutura.

O anticolonialismo no Brasil

A ampla circulação das **ideias iluministas** na mentalidade da elite colonial brasileira, bem como a influência do **liberalismo econômico** do **capitalismo industrial** contribuíram para criar uma atmosfera de oposição à exploração metropolitana.

Com o advento da **economia aurífera** e o consequente processo de urbanização da região sudeste desenvolveu-se, em paralelo, uma espécie de **burguesia comercial**. Além disso, a opressão escravista em algumas regiões levou à eclosão de movimentos populares emancipacionistas.

O século XVIII e o início do século XIX foram marcados pela explosão de **revoltas separatistas** diversificadas, tais como a Inconfidência Mineira, a Conjuração Baiana e a Insurreição Pernambucana de 1817.

Muitos analistas, porém, não entendem que as ideias enciclopedistas foram um fator determinante direto, uma vez que preexistiam grupos desejosos do fim do pacto colonial e de mais ampla autonomia comercial e política. Desse modo, o racionalismo iluminista veio aprofundar as condições de base presentes e que estavam associadas à **elevada e extorsiva opressão tributária**.

O exemplo mais clássico dessa realidade foi a **Inconfidência Mineira**, de 1789, articulada pelas elites em comunhão com um representante popular: o conhecido **Tiradentes**. Fatores como a cobrança da derrama tornaram-se o epicentro da revolta, uma vez que o seu não pagamento poderia levar, inclusive, ao confisco dos bens dos colonos.

Os inconfidentes, alimentados pela ilustração, ansiavam pela criação de uma República, uma Casa da Moeda, um Exército Nacional, uma Universidade e uma nova Bandeira. Porém, o movimento, também inspirado na Independência dos Estados Unidos, foi traído e os conspiradores presos, sendo executado apenas Joaquim José da Silva Xavier.

Ao contrário da Inconfidência Mineira, que não tinha uma definição ou consenso quanto ao **abolicionismo**, a **Conjuração Baiana, de 1798**, além de se inspirar na Revolução Francesa, tinha na libertação dos escravos o seu epicentro de desenvolvimento histórico-social.

Os conjurados copiaram o jacobinismo e a estratégia de panfletagem dos franceses, pregando um republicanismo de caráter popular e o **radicalismo dos seus ativistas** levaram ao afastamento de alguns membros da elite maçônica baiana.

Na sequência, a presença da família real portuguesa constituiu-se em um fator dos mais importantes para o processo de emancipação colonial, sobretudo, em face da **elevação do Brasil a Reino Unido de Portugal**, bem como a partir da **abertura dos portos**.

A colônia portuguesa agora tornou-se a sua sede e a pressão administrativa lusitana, com os privilégios comerciais aos britânicos, lançou as bases de uma outra revolta separatista; a **Insurreição Pernambucana, de 1817**, caracterizada como elitista, liderada por setores da burguesia comercial da colônia, com irradiações internacionais, a partir do clero e de elementos da administração local, com fundamentos republicanos e liberais constitucionalistas.

Os insurretos foram articulados por homens como Manuel Correia de Araújo, na agricultura; Domingos Teotônio Jorge no setor militar; o padre João Ribeiro de Melo Montenegro, que representaria a religião; José Luís de Mendonça, na magistratura e Domingos José Martins, responsável pelo setor de comércio.

Porém, o governador da Bahia militarizou os portos de Pernambuco, bloqueando o comércio e isolando os revoltosos, juntamente com frotas provenientes do Rio Grande do Norte e da Paraíba, imobilizando o movimento e forçando a rendição geral, com a consequente detenção dos principais ativistas e o fuzilamento dos líderes.

A emancipação do Brasil

O **processo de independência do Brasil** obedeceu a fatores internos e externos, tendo em vista aspectos que abalaram o equilíbrio europeu e a formação interior de segmentos sociais interessados na mais ampla autonomia da colônia portuguesa.

O desenvolvimento do **expansionismo francês** na Europa e o consequente bloqueio continental pôs em cheque a segurança da família real lusitana que, instada pelo governo da Inglaterra aceitou concretizar um plano antigo de **transferência** da sede governamental para o Brasil.

Não se expandiam somente as tropas napoleônicas, como também as ideias iluministas, fato que as reforçava na **mentalidade colonial insurgente**.

De forma semelhante, o **liberalismo econômico**, aplicado à **Revolução Industrial Inglesa**, inspirava o conceito de riqueza existente entre os colonos.

A **fuga da nobreza para o Brasil** tornou-se o epicentro mais importante da emancipação, pois a sede passaria a ser a colônia, invertendo os papéis.

Durante anos, de 1808 a 1820, as medidas joaninas somente reforçaram a configuração de **autonomia e identidade nacionais**, em face das incertezas quanto aos destinos da Europa devido à eficiência do militarismo francês.

O Brasil já contava com a formação de uma elite **latifundiária agroexportadora**, além disso, a burguesia comercial se consolidou após o século XVIII e a pressão tributária, com a efetiva necessidade de controle do governo, apenas ampliou os anseios já preexistentes de libertação.

Os **movimentos separatistas** apenas aprofundaram as bases de uma inevitável ruptura que se daria mais cedo ou mais tarde. Porém, a pedra de toque dessa realidade veio de uma explosão revolucionária ocorrida na própria metrópole: a **Revolução Liberal do Porto, de 1820**.

Com as transformações político-econômicas de Portugal, o retorno da família real passou a ser uma exigência da aristocracia lusitana, agora influenciada pela monarquia inglesa, passando a reivindicar um governo de natureza constitucional ou parlamentar.

João e os demais ministros, nobres e políticos retornam, porém, seu filho Pedro fica, a conselho do próprio pai que lhe asseverou que o Brasil, em breve, seria uma nação independente e que a sua permanência seria uma garantia de que a colônia emancipada não cairia nas mãos de qualquer aventureiro.

Pedro, diante do apelativo abaixo-assinado, ficou, e com a consagração do **Dia do Fico**, a aristocracia, liderada por José Bonifácio, articulava o processo de independência, um dos mais inteligentes, pois ficaria difícil a um governo administrado pelo pai, atacar militarmente uma nova monarquia capitaneada pelo próprio filho.

A questionável **cena do Ipiranga** foi o resultado de um clímax de pressão proveniente dos conservadores portugueses europeus; de um conselho de Bonifácio e de um pedido de Dona Leopoldina, sua esposa, na verdade, quem de fato assinou a declaração de emancipação do Brasil, já que o marido se ocupava em aventuras com a **Marquesa de Santos**.

Sob o conselho da aristocracia rural, o Brasil se tornaria uma **monarquia** como medida segura, a fim de que não viesse a se fragmentar. A libertação colonial foi **elitista** e formalizada por um acordo com Portugal, cujo rei deveria ser reconhecido honorificamente como soberano e o pagamento de uma indenização de 3.200 libras esterlinas, quantia que se tornaria a primeira dívida externa do novo país, tomada junto aos cofres da Inglaterra e, ainda, mediante a renovação do Tratado de 1810, o **Tratado de Methuen**.

As poucas lutas internas forçaram D. Pedro, agora Primeiro à adoção dos serviços mercenários do **Lord Cochanne**, contra os conservadores portugueses do Maranhão, Piauí e Bahia. Eram as guerras de reconhecimento da Independência do Brasil.

O processo emancipatório se deu à **revelia de quaisquer formas de participação popular**, até porque, o povo, constituído, em sua maioria por mestiços, negros e índios, não tinham plena compreensão política dos fatos.

A emancipação do Haiti

Se havia um capital que a **ilha do Haiti** fornecia ao mundo europeu, esse capital era o humano, a vasta mão de obra, envolvida numa **atmosfera de grande desenvolvimento comercial**, interno e externo, a ponto dessa colônia haver sido considerada uma das mais prósperas da época.

Considerada uma das mais *sui generis*, o processo de independência do Haiti, antiga **colônia francesa**, em 1791, enquanto a sua metrópole fervia em Revolução, o escravo alforriado **Toussaint-Louverture** iniciou uma insurreição que se tornou o epicentro do desenvolvimento da emancipação geral daquela região, cujo povo vinha sendo explorado como mão de obra barata, no contexto do mercado europeu.

A ilha, durante o desenvolvimento do seu **separativismo** viveu sob o peso de inúmeros confrontos, inclusive com as tropas napoleônicas, que chegaram a vencer os rebeldes, com grande crueldade.

Depois de muitos anos de batalhas e sangue, a formalização da **emancipação somente ocorreu em 1804**, com a atuação decisiva de **Jean-Jacques Dessalines**, rompendo, em definitivo, com a metrópole e instaurando uma **monarquia** da qual se tornou o imperador, sendo, porém, assassinado, até que novas frentes de batalha ocorressem, com a implantação de um regime republicano, sob a estratégia unificadora de Jean Boyer.

O preço da emancipação também deve ser levado em conta, porque os ativistas **tiveram que destruir grande parte das plantações**, ameaçando o futuro fornecimento de alimentos à população. Assim o fizeram por atitude extrema, para afetar as tropas inimigas com a ausência de suprimentos.

É um caso especial de emancipação o Haiti porque, geralmente, as lutas na América Latina foram planejadas e executadas por membros das elites regionais, pelos crioulos, influenciados pelo iluminismo e pelo liberalismo econômico.

A independência do Haiti foi a única, efetivamente, negra, racial, abolicionista, emergindo das bases populares, subalternas. Além disso, a opção pelo republicanismo representava um avanço ideológico incomum, diante do Brasil, por exemplo.

A emancipação do México

Na condição de **ex-colônia espanhola**, o México chegou a ser uma das mais ricas entre as demais colônias, com a atuação ostensiva dos colonos e nativos no ambiente agrário-exportador e pecuarista.

Assim como outras regiões da América, os mexicanos crioulos temiam que a independência lhes saísse do controle, cedendo lugar a insurreições populares.

As **invasões napoleônicas na Europa** ensejaram a formulação de juntas governativas que, de certo modo, fragmentaram a administração da colônia, permitindo, assim, a cristalização de uma liderança elitista que partiu do padre **Miguel Hidalgo y Costilla**, que havia assimilado os ideais do enciclopedismo, a partir de 1810, em Querétaro, com o auxílio de um grupo de crioulos.

A ideia de Hidalgo, além de expandir o cristianismo católico, era extinguir toda a tributação metropolitana, reduzindo a situação de exploração e penúria em que viviam negros, índios e mestiços.

Sabedor que contava com o **apoio popular**, o padre planejou confiscar os bens dos *gachupines* (espanhóis), preservando as posses dos chamados crioulos brancos, através de um ato que ficou conhecido como o **Grito de Dolores**, contando com a atuação direta de índios e mestiços; dia que ficou consagrado como o **Dia da Independência do México**, em 16 de setembro.

A partir dessa inicial revolta, o movimento seguiu por todo o México como um rastilho de pólvora, tal como se fosse **uma guerra entre nativos e brancos**, considerados opressores. O fato é que o movimento fugiu do controle das elites envolvidas, causando muitas mortes e destruição, sendo Hidalgo, preso e assassinado.

Com a ascensão de **José Maria Morelos**, a Revolução Mexicana retomou as suas bases, por volta de 1812, voltando a reivindicar profundas reformas sociais que reduzissem o grau da desigualdade e do preconceito reinante. A independência, entretanto, somente se consolidou em 1822, quando o ativista Iturbide veio a proclamar um governo monárquico autônomo, tornando-se o seu primeiro imperador, deposto e assassinado dois anos mais tarde quando o **general Guadalupe Vitória** veio a se tornar o seu presidente sob um regime republicano.

O processo emancipacionista a partir da Venezuela e Colômbia



Simón Bolívar

Como é comum a todas as colônias espanholas da América, a **Capitania Geral da Venezuela** sofria de uma ampla desigualdade social e preconceito, sendo proibido o casamento interfacial; uma forma de distinção que também se estipulava, a partir dos trajés de cada segmento da sociedade regional.

Mediante à ascensão do filho de um rico proprietário minerador da Venezuela, **Simón Bolívar** à **Junta Governativa** local, o ano de 1809 foi marcado pela isonomia de direitos e igualdade política entre **crioulos** e **chapetones** ou “espanhóis puros”. O decreto teve o efeito de proibir o tráfico negreiro e o fim dos impostos a gêneros alimentares.

Desse modo, internamente, a colônia passou a se dividir entre **realistas**, defensores sistemáticos de uma monarquia, aliados dos espanhóis e **patriotas**, defensores do processo de independência imediata. Estes tiveram o contributo das fugas de escravos que passaram a integrar as forças rebeldes contra as elites brancas.

A partir de **Francisco Miranda**, o processo de independência venezuelana passou a ser uma realidade concreta, através da derrota militar dos legalistas ou realistas, no ano de 1812. A partir de 1813, Simón Bolívar articulou suas tropas para cooptar Caracas e obteve a vitória definitiva com a incorporação de Bogotá.

A ideia era a formação de uma nova nação que integrava Venezuela e Colômbia, o que Bolívar chamou de **Grã-Colômbia**, cuja sede administrativa seria a própria Bogotá, dando ao ativista o cognome de **Libertador**, mediante um regime de caráter republicano, integrando mais tarde o Equador e o Panamá.



Escultura de Oscar Niemeyer.

No entanto, o excesso de centralismo político, o conflito de interesses internos e o exercício de poder local levaram a ideia de uma **unidade nacional** à decadência, ocasionando a uma fragmentação da Grã-Colômbia em Venezuela, Equador e Colômbia, na condição de estados independentes.

Também surgiria do desenvolvimento do processo emancipatório, a Bolívia e o Peru, Argentina e Paraguai, também em face da ostensiva exploração da mão de obra, do extrativismo mineral do que denominavam, anteriormente, de **Vice-Reinado do Rio da Prata**.

Dessa vez, a partir de 1809, um general argentino José de **San Martín** é que articulou a vitória do que se convencionou chamar, à época, de Alto Peru, entretanto, o reforço das tropas legalistas ou realistas derrotaram os patriotas regionais, exigindo a atuação de Simón Bolívar, por volta de 1824, criando a chamada **República Boliviana**, posicionando o escritor de **Carta da Jamaica**, como também presidente daquela região.



Carta de Jamaica.

No vasto território de Buenos Aires, primitiva sede do chamado Vice-Reinado do Rio da Prata, havia se consolidado um consistente grupo comercial, vinculado ao tráfico negreiro, à extração de metais preciosos e à exportação do couro e demais derivados da pecuária. Estes, com as invasões napoleônicas à Espanha, aproveitaram-se do fenômeno para reivindicar autonomia, liberdade de comércio, ou seja, o fim de qualquer tipo de monopólio.

Os crioulos da futura Argentina desejavam integrar os cargos públicos e administrativos, a fim de terem mais ampla mobilidade. Aproveitando-se da prisão do antigo rei espanhol Fernando VII, derrotado por Napoleão, formaram uma junta governativa em 1810, em caráter provisório, porém, José Artigas, reformulou a junta, a partir de um levante popular, declarando a efetiva independência territorial em relação à metrópole e abrindo caminho para a atuação de San Martín, que havia garantido a independência do Chile, em 1818.

América espanhola – uma emancipação fragmentária



Vitória dos independentistas; fim da colonização espanhola da América.

A divergência de San Martín quanto à integração total da América espanhola, nascia da sua percepção de que aquele momento em que a metrópole foi invadida por Napoleão não poderia ser desperdiçado no esforço unificador de regiões.

San Martín acreditava que uma independência fragmentada seria mais estrategicamente interessante para a sua vitória, pois, a Espanha, sem mobilidade, não conseguiria evitar tantos flancos ou frentes de batalha emancipadora.

Além disso, apoiado pelas elites locais, o ativista em pauta teve mobilidade de consagrar independências determinadas por suas identidades.

A atuação de San Martín contribuiu para a independência que também era o objetivo de Simón Bolívar, porém, impediu, em parte, a realização do sonho unificador bolivarista.

As bases do pensamento bolivarianista eram de caráter iluminista, sendo o seu discurso voltado para um nacionalismo continental, fazendo oposição aos princípios estabelecidos pelo Congresso de Viena e à Doutrina Monroe.

A essa altura, existiam na América três ideologias predominantes e em choque: o haitiismo, o monroísmo e bolivarianismo, segundo o qual seria possível unificar os esforços de todas as nações da América espanhola para estruturar um único estado, uma única cultura, um único sentimento nacionalista e um único idioma.

A ideia de Simón Bolívar era ufanista, na medida em que imaginava a grandiosidade desse mega país, capaz de ostentar um poder sem limites diante de outras frações territoriais do continente e do mundo.



crib CC BY-SA 3.0/Wikimedia Foundation

A utopia da Unificação esbarrou nos interesses internacionais, de modo que nações como Estados Unidos e Inglaterra preferiam que a emancipação se desse de forma fragmentada para que tais regiões, reduzidas e menos poderosas viessem a não resistir a sua subjugação econômica.

Outro fenômeno, o caudilhismo, que consistia na existência de um poder regional nas mãos de uma espécie de “coronel” ou ditador, com poderes políticos, sociais e econômicos, preferia a fragmentação a ter que dividir ou compartilhar o seu poder com outros líderes de regiões limítrofes.

A ideia de unificação também esbarrou no fato da existência de diferenças culturais importantes entre diversas regiões que, até ali, haviam se estruturado em vice-Reinos, o que garantiu uma forma de desenvolvimento isolado e um distanciamento cultural e linguístico significativo.

Textos para Reflexão

AVISO AO POVO BAHIENSE

Ó vós Homens cidadãos; ó vós Povos curvados e abandonados pelo Rei, pelos seus despotismos, pelos seus Ministros.

Ó vós Povo que nascesteis para sereis livre e para gozares dos bons efeitos da Liberdade, ó vós Povos que viveis flagelados com o pleno poder do indigno coroado, esse mesmo rei que vós criastes; esse mesmo rei tirano é quem se firma no trono para vos veixar, para vos roubar e para vos maltratar.

Homens, o tempo é chegado para a vossa ressurreição, sim para ressuscitareis do abismo da escravidão, para levantareis a sagrada Bandeira da Liberdade.

A liberdade consiste no estado feliz, no estado livre do abatimento; a liberdade é a doçura da vida, o descanso do homem com igual paralelo de uns para outros; finalmente a liberdade é o repouso e a bem-aventurança do mundo. A França está cada vez mais exaltada, a Alemanha já lhe dobrou o joelho, Castela só aspira a sua aliança, a Alemanha já lhe dobrou o joelho, o Pontífice está abandonado, e desterrado; o rei da Prússia está preso pelo seu próprio povo, as nações do mundo todas têm seus olhos fixos na França, a liberdade é agradável para todos; é tempo povo, povo o tempo é chegado para vós defendereis a vossa Liberdade; o dia da nossa revolução; da nossa Liberdade e de nossa felicidade está para chegar, animai-vos que sereis felizes.

PRIORE, Mary Del. *Documentos de história do Brasil*. São Paulo: Scipione, 1997. P. 38

CARTA DA JAMAICA (1815)

Simón Bolívar

[...] O sucesso coroará nossos esforços porque o destino da América se fixou de maneira irrevogável; o laço que unia à Espanha está cortado [...]. O hábito à obediência, um comércio de interesses, de luzes, de religião, uma recíproca benevolência, uma terna atenção pelo berço e pela glória de nosso país, enfim, tudo o que formava nossa esperança, nos vinha de Espanha. [...] Presentemente ocorre o contrário: a morte, a desonra, tudo quanto é nocivo nos ameaça e tememos, tudo sofremos dessa desnaturalizada madrastra. O véu foi rasgado, já vimos a luz, e querem nos devorar às trevas; romperam-se os grilhões, já fomos livres, e nosso inimigos pretendem novamente escravizar-nos. Por isso, a América combate desesperadamente, e raras vezes o desespero não acarreta a vitória.

[...] Pretender que uma única região constituída de modo tão feliz, extensa, rica e populosa seja meramente passiva, não é um ultraje aos direitos da humanidade?

[...] Eu desejo, mais do que qualquer outro, ver formar na América a maior nação do mundo, menos por sua extensão e riquezas do que por sua liberdade e glória. Ainda que aspire à perfeição do governo de minha pátria, não posso persuadir-me de que o Novo Mundo seja, no momento, regido por uma grande república; como é impossível, não me atrevo a desejá-lo e menos ainda desejo uma monarquia universal da América, porque este projeto, sem ser útil, é também impossível.

[...] É a união seguramente o que nos falta para completarmos a obra de nossa regeneração.

[...] Eu direi a V. S^a. o que pode nos colocar em condições de expulsar os espanhóis e fundar um governo livre: é a união, certamente; e esta união não nos virá por milagres divinos, mas por efeitos concretos e esforços bem dirigidos.

BERLLOTTO, Manoel Lelo; CORRÊA, Anna Maria Martinez (Orgs.). *Simón Bolívar: política*. São Paulo: Ática, 1983. p. 75-90



Exercícios de Fixação

01. (UFRGS/2019) Leia o trecho a seguir.

O propósito de muitos, se não da maioria, dos conflitos políticos da América espanhola, no período posterior à independência, foi simplesmente determinar quem deveria controlar o Estado e seus recursos. Não obstante, surgiram outras importantes questões políticas que variaram de país para país em caráter e importância. Entre 1810 e 1845, a discussão sobre estrutura centralista e federalista do Estado foi fonte de violento conflito no México, na América Central e na região do Prata.

SAFFORD, Frank. Política, ideologia e sociedade na América espanhola do pós-independência. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina, vol. III: da Independência até 1870*. São Paulo: Edusp, 2001. p. 369.

O segmento faz menção aos conflitos que se seguiram às independências na América Espanhola.

Assinale a alternativa que indica algumas das consequências desses confrontos.

- A) O conflito entre federalistas e centralistas resultou em governos constitucionalmente frágeis e politicamente instáveis em quase toda a região, durante parte do século XIX.
- B) A recolonização da região pela Espanha, dada a fragilidade institucional das novas repúblicas independentes.
- C) O surgimento de governos democráticos e com ampla participação popular, ainda no século XIX, como uma das formas de resolução desses conflitos políticos.
- D) A estruturação de monarquias centralizadas por toda a região, após o fracasso político das repúblicas independentes.
- E) A vitória dos movimentos federalistas e a derrota definitiva dos projetos centralistas e autoritários que se opunham a eles.

02. (UFJF-PISM 2/2018) No processo de Independência e ao longo do século XIX muitas nações latino-americanas foram marcadas pelo fenômeno político conhecido como Caudilhismo.

Documento 1



Sugestão de tradução:

VIVA A FEDERAÇÃO!

Ao amantes da pessoas do ilustre Restaurador das Leis, Governador e Capitão Geral da Província D. Juan Manuel de Rosas Aos Verdadeiros Federais.

Cartaz com a imagem do argentino Juan Manuel de Rosas, considerado um dos grandes caudilhos do séculos XIX. Disponível em: <<https://goo.gl/1xWbZP>>

Documento 2

“Na América Latina o termo caudilho ainda continua a ser usado, como o de cacique, para designar chefes de partido local ou de aldeia, com características demagógicas. Presentemente, parte dos estudiosos da ciência política creem que o Caudilhismo é particularmente significativo para a compreensão da gênese do militarismo na América Latina.”

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*, Brasília: Editora UnB, 2000. Adaptado.

Com base nestas informações e em seus conhecimentos, assinale a alternativa correta:

- A) O caudilhismo foi um fenômeno político típico dos países europeus, e que foi exportado para o Brasil e demais países americanos.
- B) Os caudilhos se opunham ao poder do Exército e da Igreja e defendiam a centralização em oposição ao federalismo.
- C) Pode-se afirmar que o caudilhismo foi um fenômeno tipicamente urbano, ligado ao processo de expansão da industrialização.
- D) Os caudilhos foram fundamentais para o estabelecimento das democracias que caracterizaram os países americanos desde o século XIX.
- E) O caudilhismo tem vinculação com as elites locais, e é um poder baseado no carisma do líder (o caudilho), no uso da força e no apoio dos proprietários de terra.

03. (UFSM) Em meados do século XIX se situa o começo das maiores migrações humanas da história. [...] Por que se emigrava? Principalmente por razões econômicas [...]. Não há dúvida de que os pobres eram mais inclinados a migrar que os ricos e de que estavam mais dispostos a fazê-lo se sua vida tradicional se havia feito difícil ou impossível.

HOBBSAWN apud PESAVENTO, Sandra (org). *500 anos de América*. Ed. da UFRGS, 1992. p. 82.

A grande emigração europeia para a América, entre os anos de 1875 e 1914, está relacionada com

- A) a crise demográfica produzida pelas guerras mundiais europeias, combinada com as novas possibilidades de trabalho industrial surgidas na América.
 - B) as transformações provocadas nos campos europeus, devido à expansão capitalista e à necessidade de mão de obra branca e livre na América.
 - C) a recessão da economia europeia provocada pela Revolução Industrial e a retração das fronteiras agrícolas e pastoris na América.
 - D) a política de cercamento dos campos para a introdução de novas técnicas agrícolas e a possibilidade de aquisição de propriedade rural na América.
 - E) a derrocada do capitalismo europeu, o avanço político da classe trabalhadora europeia e as novas condições de vida e trabalho na América.
04. (Cefet-MG/2015 – Adaptada) O processo de formação dos países da América Latina no século XIX foi caracterizado pela:
- A) existência de conflitos territoriais entre os países independentes.
 - B) conservação das divisões coloniais espanholas e portuguesas.
 - C) obediência às monarquias europeias em defesa da recolonização.
 - D) implantação do panamericanismo para minimizar as diferenças culturais.
 - E) interferência da Inglaterra interessada em manter o monopólio sobre o tráfico negreiro.
05. (ESPM/2015) Em dezembro de 1824, Bolívar enviou nota circular aos governos americanos convidando-os a se reunir. Quase dois anos depois reuniu-se o Congresso do Panamá.

AQUINO, Rubim. *História das Sociedades Americanas*.

Quanto ao Congresso do Panamá, citado no texto, é correto assinalar:

- A) propôs a manutenção da escravidão.
- B) recebeu decidido apoio da Inglaterra, pois esta atuava para evitar qualquer intervenção da Santa Aliança no continente americano.
- C) sugeriu um Tratado de União, Liga e Confederação perpétua entre os Estados hispano-americanos.
- D) foi um completo sucesso, pois recebeu decidido apoio do Brasil e da Argentina.
- E) pretendeu organizar uma força militar para repelir a intervenção francesa no México, que instaurara a monarquia de Maximiliano de Habsburgo.



Exercícios Propostos

01. (Puccamp/2017) Os primeiros tempos da história dos Estados Unidos como nação independente foram marcados pela Declaração de Independência, que celebrava a legítima busca por oportunidades, prosperidade e felicidade por todas as famílias, apregoando valores que mais tarde seriam associados ao chamado “sonho americano”. Corroborou, posteriormente, para a difusão desses valores a
- A) implantação da Lei de Terras como medida prioritária após a independência, incentivando o assentamento das famílias de imigrantes em pequenos lotes adquiridos a preços simbólicos.
 - B) descoberta de ouro na Califórnia, que provocou uma onda desenfreada de migrações para o oeste, atraindo, inclusive, trabalhadores estrangeiros.
 - C) promulgação da Constituição dos Estados Unidos, composta por um conjunto de leis que asseguravam o fim da escravidão, o voto universal e o sistema federativo.
 - D) política de remoção indígena acompanhada da criação de reservas, conjuntamente à campanha de que o respeito à diversidade e à tolerância eram pilares da sociedade americana.
 - E) transposição das fronteiras ao sul, por meio da Guerra de Secessão, que resultou na anexação de metade do território antes pertencente ao México, despertando o entusiasmo da população pela política expansionista.
02. (UFRGS/2017) Leia o segmento a seguir sobre a história da América Latina em fins do século XIX e início do XX.

O meio século seguinte, e particularmente o período que vai até a Primeira Guerra Mundial, foi para a maioria dos países latino-americanos a “Idade de Ouro” do crescimento econômico com base predominantemente na exportação, da propriedade material (pelo menos para as classes dominantes e as classes urbanas), do consenso ideológico e da estabilidade política.

BETHELL, L. Introdução. In: BETHELL, L. (org.). *História da América Latina: da Independência até 1870*. Edusp: São Paulo, 1994. v. 3. p. 17.

- A “Idade de Ouro”, referida no segmento, vincula-se a um fenômeno social e político mais amplo. Assinale a alternativa que indica esse fenômeno.
- A) A estruturação de sociedades aristocráticas de Antigo Regime em toda a América Latina.
 - B) A dominação dos Estados latino-americanos pelas oligarquias vinculadas à produção agroexportadora.
 - C) A ampla democratização da vida econômica e política dos países da América Latina durante o período.
 - D) A massiva industrialização e modernização econômica ocorrida em toda a região, ao longo daqueles anos.
 - E) A dissolução dos estados oligárquicos através de revoluções sociais e democráticas, como ocorreu na Bolívia e na Nicarágua.

03. (Fac. Albert Einstein – Medicina 2018) “O véu já foi rasgado, já vimos a luz, e querem nos devolver às trevas: romperam-se os grilhões, já fomos livres, e nossos inimigos pretendem novamente nos escravizar [...] Eu desejo, mais do que qualquer outro, ver formar-se na América a maior nação do mundo, menos por sua extensão e riqueza do que por sua liberdade e glória. [...]”
- O texto é parte da Carta da Jamaica, escrita por Bolívar em 1815. Dela pode se depreender que:
- A) Aproveitando a conjuntura europeia transformada pelo Bloqueio Continental e pela derrota da Espanha frente aos ingleses, Bolívar e outros líderes latino-americanos reuniram-se na atual Colômbia e dirigiram exércitos inspirados pelas ideias nativistas e indigenistas contra as tropas espanholas.
- B) Motivados pela expansão napoleônica, os “Libertadores da América” aproveitaram o enfraquecimento dos laços coloniais com a Espanha, governada por José Bonaparte, e o fortalecimento da Inglaterra, para realizar guerras de independência inspiradas por ideias liberais e socialistas.
- C) Com a derrota de Napoleão e a volta de Fernando VII ao poder, a Espanha desenvolveu forte ofensiva militar contra as forças independentistas hispano-americanas. Movido por ideais iluministas e unitaristas, Bolívar liderou o vitorioso movimento de independência de regiões correspondentes hoje à Colômbia, Venezuela e Bolívia.
- D) Reafirmando a independência da Colômbia e da Bolívia, conquistadas em 1810, e questionadas pelo Congresso de Viena depois da derrota de Napoleão, Bolívar liderou novamente exércitos compostos por criollos e indígenas para libertar a Venezuela, orientado por ideais nacionalistas e iluministas.
- E) Conjugando os esforços dos povos latinos, o bolivarianismo alcançou o seu desiderato, a partir da união da Colômbia, Chile e Venezuela, produzindo uma liderança capaz de articular acordos diplomáticos com a Espanha, que lhes aceitou o processo de emancipação geral.
04. (UEL/2009) Baseado nos conhecimentos sobre a formação dos Estados Nacionais americanos, assinale a alternativa correta.
- A) O motivo para as independências e consequente formação dos Estados Nacionais americanos pode ser encontrado na experiência política do Pacto Colonial imposto pela Inglaterra, que visava ao estabelecimento do monopólio comercial com as colônias ibéricas.
- B) Os movimentos de independência que aconteceram nas diversas regiões da América hispânica contaram com a participação de camponeses, indígenas e burgueses. O resultado dessas lutas foram sentidos por todas as classes sociais envolvidas, em especial pelos trabalhadores rurais nativos, que puderam reaver parte da terra que lhes pertencia.
- C) Assim que terminaram as lutas pelas independências na América hispânica, nos primeiros vinte anos do século XIX, a elite crioula assumiu o poder político das regiões recém-independentes e não empreenderam mudanças que proporcionassem a todas as classes usufruir dos resultados da emancipação.
- D) A conformação dos Estados Nacionais veio em auxílio dos nativos, denominados “índios de caráter dócil”, escravizados desde o período da conquista e expropriados de suas terras – ejidos. A Constituição Americana, elaborada após as independências, formalizou e legalizou o direito de todos à liberdade, à igualdade racial.
- E) No período das lutas pela emancipação na América portuguesa, sobressaiu-se a figura do caudilho, líder militar e proprietário de terras, que conduziu as revoluções nas diversas regiões e contribuiu com a quebra da exclusividade comercial entre a metrópole e a ex-colônia.
05. (IBMEC-RJ/2009) Ao longo do século XIX, as colônias espanholas obtiveram as suas independências, resultado principalmente:
- A) do apoio decisivo, inclusive militar, que receberam da França.
- B) da aliança entre criollos e chapetones, fundamental para enfrentar a resistência espanhola.
- C) da manutenção da escravidão, eliminando um fator de apoio à política espanhola no continente.
- D) do apoio da Igreja, descontente com a adesão espanhola ao movimento reformista.
- E) da insatisfação geral causada, especialmente junto à elite, da manutenção do Pacto Colonial.
06. (UEL/2009) Com base nos conhecimentos sobre a crise do sistema colonial, é correto afirmar:
- A) A forma de organização econômica das colônias das Américas portuguesa, hispânica e anglo-saxônica refletia os interesses dos setores mercantis das respectivas metrópoles e, por contrastar com as perspectivas da nova ideologia liberal do século XIX, provocou o descontentamento dos trabalhadores, levando-os às revoluções socialistas.
- B) A invasão francesa na Espanha contou com a simpatia da Inglaterra e da Prússia que buscavam acabar com o monopólio espanhol no comércio com as colônias americanas.
- C) Nas Américas, em função de um comércio intercolonial intenso e vantajoso, cresceu a classe dos produtores de matérias-primas e de bens de consumo. A burguesia que havia se constituído nas colônias era a principal consumidora desta produção, o que contribuiu ainda mais para a crise do sistema colonial.
- D) O Pacto Colonial, que se baseava no livre comércio, foi responsável pelo enriquecimento dos produtores de mercadorias na América, uma vez que estes podiam contar com um mercado consumidor e distribuidor de seus produtos.
- E) No caso da América espanhola, a manutenção do Pacto Colonial pela metrópole deixava à margem do processo a classe dominante colonial, que era produtora e tinha interesse na liberdade de comércio e na condução dos seus negócios, sem a interferência da Espanha.
07. (Unifesp/2008) ... os continentes americanos, pela condição livre e independente que assumiram e mantêm, não deverão, daqui por diante, ser considerados objetos de futura colonização por parte de quaisquer potências europeias...
- Mensagem da presidência dos Estados Unidos ao Congresso, em 1823.
- Sobre essa mensagem, é correto afirmar que:
- A) tornou-se letra morta, pelo fato de esse mesmo governo iniciar uma política neocolonial no continente.
- B) alardeou os designios dos Estados Unidos no sentido de justificar sua futura dominação sobre a América Latina.
- C) nasceu da necessidade de o governo norte-americano ser aceito como parceiro no clube das potências da época.
- D) provocou entre as potências europeias uma perda de interesse pelo continente americano em geral.
- E) ficou conhecida como a Doutrina Monroe, a qual, naquele momento, expressava os interesses de toda a América.
08. (UEL/2008) “A emancipação das colônias hispano-americanas, liderada pelos grandes senhores de terras e pela burguesia “criolla”, encontrou apoio nos setores médios e populares, os quais, em alguns momentos, chegaram a ameaçar a estrutura de dominação de classe imposta pelo regime colonial. Entretanto, com exceção dos Estados Unidos, que implantaram um regime liberal burguês, no restante da América a independência revelou-se um fato político. Realizada a autonomia, rompidos os vínculos com as metrópoles, as classes dominantes das antigas colônias tomaram o poder e constituíram Estados

Nacionais que mantiveram afastada das decisões políticas a massa da população trabalhadora (majoritariamente indígena, camponesa ou não). A estrutura colonial não sofreu qualquer alteração de peso. A Inglaterra abriu mais ainda a sua porta no continente, assegurando-se de mercados consumidores e de matérias-primas; a propriedade territorial continuou nas mesmas mãos, a despeito de algumas tentativas de líderes liberais das Guerras de Independência; a população camponesa permaneceu sob a exploração e o domínio dos seus antigos senhores.

AQUINO, R. S. L. de; LEMOS, N. J. F.; LOPES, O. G. P. C. "História das sociedades americanas". Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 165-166.)

De acordo com o texto, é correto afirmar:

- A) A América hispânica estava vivenciando, já há algum tempo, um maior grau de liberdade comercial em função da crise econômica metropolitana, bem como a crise política desencadeada pelo domínio francês, entre os anos de 1808 a 1813.
 - B) O fenômeno da emancipação política na Nova Espanha foi peculiar na América. A Revolução Mexicana foi o movimento mais representativo do descontentamento da parcela camponesa da população contra o autoritarismo e dominação da Espanha, culminando na emancipação do território do México.
 - C) Em toda a América hispânica e também na portuguesa, o processo de lutas pela emancipação dos diversos espaços geográficos que futuramente se constituíram em espaços nacionais, foi conduzido pela Igreja, que lucraria com as emancipações, agregando mais terras ao seu já rico patrimônio.
 - D) A participação dos Estados Unidos nos processos de independência das Américas foi de crucial importância para a adoção do Regime Republicano pelos espaços recém-independentes.
 - E) Após sua independência, a América portuguesa rompeu os laços com a metrópole – Portugal – e aliou-se às forças de Napoleão Bonaparte, adotando para esse espaço recém-independente os princípios da Revolução Francesa.
09. (Unesp/2008) Octávio Paz, escritor mexicano, assim se referiu à participação de índios e mestiços no movimento de Independência do México:

"A guerra se iniciou realmente como um protesto contra os abusos da metrópole e da alta burocracia espanhola, mas também, e sobretudo, contra os grandes latifundiários nativos. Não foi a rebelião da aristocracia contra a metrópole, mas sim a do povo contra a primeira. Daí que os revolucionários tenham concedido maior importância a determinadas reformas sociais que à independência propriamente dita: Hidalgo decreta a abolição da escravatura; Morelos a divisão dos latifúndios. A guerra de Independência foi uma guerra de classes e não se compreenderá bem o seu caráter se ignorarmos que, diferente do que ocorreu na América do Sul, foi uma revolução agrária em gestação."

"O labirinto da solidão", 1976.

Segundo o autor, a luta pela Independência do México:

- A) contou com o apoio dos proprietários rurais, embora eles considerassem desnecessária a questão da ruptura com a Espanha.
- B) opôs-se aos ideais políticos do Iluminismo europeu, dividindo o país em regiões politicamente independentes.
- C) recebeu a solidariedade de movimentos revolucionários europeus, dado o seu caráter de guerra popular.
- D) enfraqueceu o Estado Nacional, favorecendo a anexação de territórios mexicanos pelos Estados Unidos da América.
- E) apresentou um caráter popular, manifestando questões sociais de longa duração na história do país.

10. (IBMEC-SP/2009) A expansão napoleônica no século XIX influenciou decisivamente vários acontecimentos históricos no período. Dentre esses acontecimentos, podemos destacar:

- A) a Independência dos Estados Unidos. Com a atenção da Inglaterra voltada para as batalhas com a marinha napoleônica, os colonos americanos declararam sua independência, vencendo rapidamente os ingleses.
- B) a formação da Santa Aliança, um pacto militar entre Áustria, Prússia, Inglaterra e Rússia que evitou a eclosão de movimentos revolucionários na Europa e impediu a independência das colônias espanholas e inglesas na América.
- C) a Independência do Brasil. Com a ocupação de Portugal pelas tropas napoleônicas, houve um enfraquecimento da monarquia portuguesa que culminou com as lutas pela independência e o rompimento de D. Pedro I com Portugal.
- D) a Independência das colônias espanholas. Em 1808, a Espanha foi ocupada pelas tropas napoleônicas ao mesmo tempo em que se difundiam os ideais liberais da Revolução Francesa que inspirou as lutas pela independência.
- E) o Congresso de Viena. A França de Napoleão assinou um pacto com a Áustria, Inglaterra e Rússia cujo objetivo maior era estabelecer uma trégua e reorganizar todo o mapa europeu.



Fique de Olho

Livros

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. *A Independência e a construção do Império*. São Paulo: Atual, 1996.

MCCULLOUGH, David G. *1776: A história dos homens que lutaram pela independência dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

[PRIORE, Mary Del. *Documentos de história do Brasil*. São Paulo: Scipione, 1997. p. 38].

Sites

Memorial da América Latina. Disponível em: <www.memorial.org.br>. Acesso em 19 de setembro de 2016.

Museu Paulista (ou do Ipiranga). Disponível em <www.mp.usp.br>. Acesso em 19 de setembro de 2016.

Filmes

[BERLOTTO, Manoel Lelo; CORRÊA, Anna Maria Martinez (Orgs.). Simón Bolívar: *política*. São Paulo: Ática, 1983. p. 75-90]

Carlota Joaquina, princesa do Brasil. Direção de Carla Camurati. Brasil, 1995.

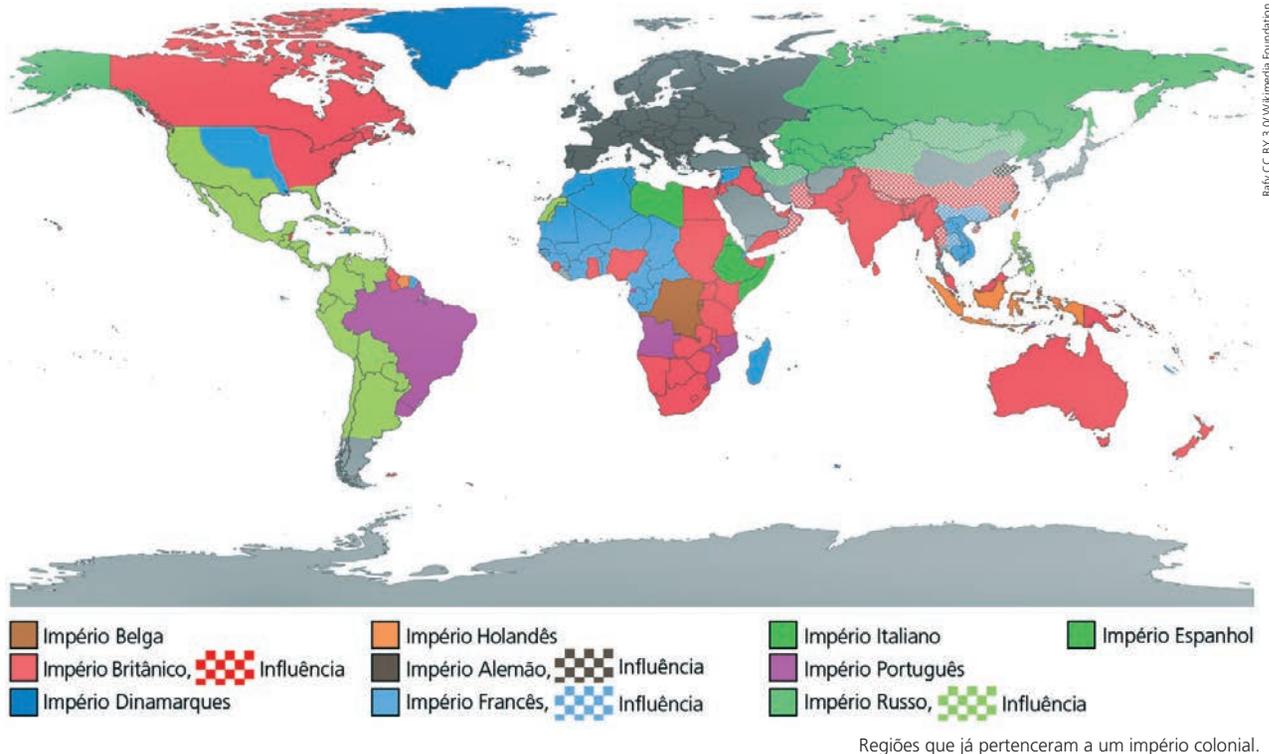


Seção Videoaula



Independência do Haiti e da América Espanhola

Introdução



Reilly CC BY 3.0/Wikimedia Foundation

O advento da **Revolução Industrial** na Inglaterra criou uma onda de transformações técnicas que alteraram as relações de trabalho e ampliaram as possibilidades produtivas, de modo a impulsionar e consolidar o capitalismo como sistema, a partir de premissas liberais.

O **liberalismo econômico de Adam Smith** tornou-se, por assim dizer, a alma do sistema capitalista e a sua disseminação desencadeou o enfraquecimento da presença do estado na economia e o fortalecimento da livre iniciativa privada, com a **superação do mercantilismo** e dos processos intervencionistas.

Na medida em que a mecanização da mão de obra tornou-se irreversível e consistente, o processo de industrialização não ficou isolado na Inglaterra, espalhando-se por outras nações europeias, mas na medida em que se expandia, mais e mais requeria mercados consumidores.

A produtividade se tornou exponencial a ponto de muitos países não conseguirem mais absorver todas as mercadorias que saíam das **linhas de montagem** e dos **sistemas de produção em série**; a necessidade de estruturar e aperfeiçoar os sistemas de exportação tornou-se uma prioridade cada vez mais crescente.

Surgia e se cristalizava uma economia de mercado interno e externo, com **delimitações tributárias nacionais e internacionais** e um acirrado fenômeno de concorrência comercial e industrial.

A demanda por matéria-prima cresceu vertiginosamente, com a projeção do seu esgotamento nos próprios países industrializados; também os mercados internos se tornaram limitados ao excesso de produtos provenientes dos **complexos industriais**.

A progressão geométrica desse **surto produtivo** levaria a uma crise hiper fabril entre os anos de 1880 e 1898; crise essa, cuja solução foi a busca de mercados consumidores, mão de obra barata, áreas para investimento do capital excedente e territórios para absorver uma certa explosão demográfica europeia.

Nasceu o **imperialismo**, conceito originário da extensão de poder e influência, fixação e apropriação das nações europeias industrializadas sobre áreas geográficas da África, Ásia e Oceania.

O Imperialismo e o **Neocolonialismo** tornaram-se fenômenos não somente econômicos, sistêmicos, sociais ou políticos, mas também culturais, ideológicos, na medida em que os seus gestores e promotores buscaram justificar e legitimar a sua prática que se tornou extorsiva.

Ideias como o **Evolucionismo de Darwin**, o **Determinismo Geográfico de Ratzel**, o **Naturalismo de Mendell**, o **Positivismo de Augusto Comte**, tornaram-se o fundamento do que convencionaram denominar de **"Missão Civilizadora"**, principal expressão legitimadora do Imperialismo.

A Segunda Revolução Industrial e um novo capitalismo

A busca de maior eficiência produtiva, agora associada à utilização do **petróleo** e da **eletricidade**, exigiu das nações europeias industrializadas todo um esforço de reorganização, no final do século XIX.

Muitas fábricas ainda tinham estruturas pequenas de funcionamento, algumas medianas, o que foi se tornando um contraste diante da nova engrenagem de ampla produtividade, fato que exigia o crescimento físico das próprias indústrias.

Algumas dessas empresas buscaram o **processo de fusão** mútua, em face da necessidade de agregar maior lastro de capital e de investimento geral. Desse modo, o fenômeno da Revolução Industrial foi se tornando cada vez mais complexo, de modo a agregar capitais diversificados, inclusive o dos clientes das respectivas empresas.

Em paralelo ao crescimento das empresas, passou a crescer a importância dos bancos, dos investidores nacionais e internacionais, bem como de financistas variados, estimulando a formação de uma espécie de capital financeiro impessoal, por isso, uma das características do século XIX foi o advento do **capitalismo financeiro monopolista**.

Uma nova organização empresária se configurava numa perspectiva e escala que presumiam a futura existência de uma **unificação industrial** ou **universalização do capital**. Um dos exemplos mais sintomáticos nesse sentido foi a indústria do aço, as companhias siderúrgicas.

Dentro da lógica do fenômeno das fusões de capital e de empresas, por exemplo, indústrias como a do aço passaram a comprar aquelas que se utilizavam desse produto para os seus negócios, tais como ferrovias e estaleiros navais; do mesmo modo que as siderúrgicas compravam minas variadas, extratoras de metais e carvão em geral. A isso se chamava de **integração vertical**.

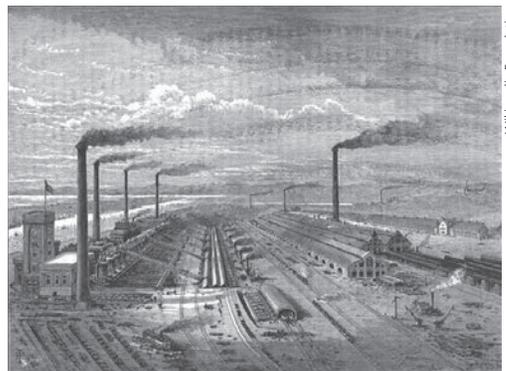
Outra forma de fusão se dava de um modo **horizontal**, eram os **Cartéis** ou **união de fábricas**, indústrias, empresas ou corporações para produzirem os mesmos tipos de produtos, afim de monopolizá-los com a fixação de preços semelhantes, eliminando a concorrência. Esse modelo, especialmente forte na Alemanha e em menor número em países como a França, exigia altos custos de capitalização. Na Inglaterra, o seu número também não foi significativo, tendo em vista a fidelidade à política de livre comércio, tornando difícil a manutenção dos mesmos preços, em face da concorrência.

A política do livre câmbio somente foi abolida na Alemanha por volta de 1879, estando presente nos Estados Unidos até a **Guerra de Secessão** (os cartéis norte-americanos eram chamados de trustes) e na Inglaterra durou até o século XX.

Havia defensores dessa prática, através da existência dos cartéis, que afirmavam que essa estrutura de organização empresarial garantiria maior estabilidade da economia, através da preservação de uma maior taxa de emprego e da manutenção de preços mais estáveis, com um menor custo de produção.

Os opositores dos cartéis questionavam se tais complexos empresariais garantiam maiores lucros para os acionistas, donos ou proprietários e se reduziam o preço final dos produtos.

Nos Estados Unidos, por exemplo, financistas como J. P. Morgan criticavam a cartelização das empresas e, em 1890, o Congresso chegou a aprovar a **Lei Sherman Anti-Trust**, com poucos efeitos eliminadores da prática, pelo menos até o governo do **presidente Theodore Roosevelt**, cujo intervencionismo irá por fim aos trustes.



Wikimedia Foundation

A concorrência internacional

A posição da Inglaterra era hegemônica, pelo menos até a primeira metade do século XIX, porém, com o processo de **unificação alemã** e o aceleração ostensivo do seu crescimento econômico, a industrialização tipicamente britânica encontrou o seu maior concorrente.

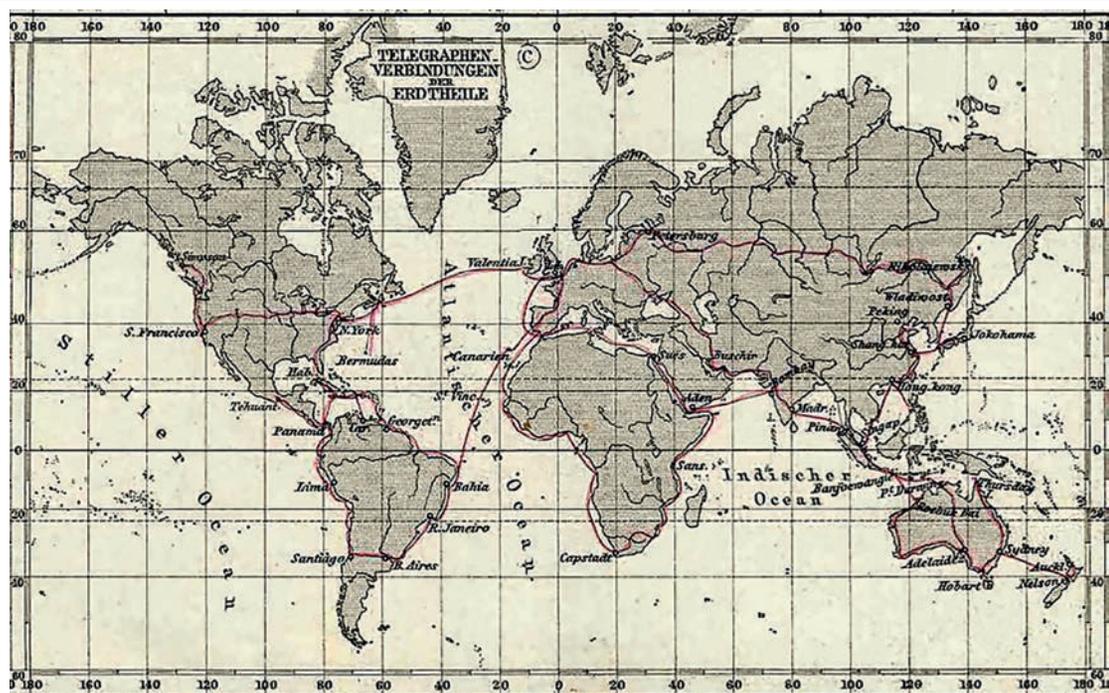
Na medida em que as nações europeias se industrializaram, o **fenômeno do liberalismo** passou a sofrer algumas alterações, em face da necessidade de monopolizar mercados consumidores e rotas de comércio.

Se a Europa não conseguia mais absorver toda a produtividade, estabeleceu-se uma **crise capitalista**, exigindo novas áreas de investimento de capitais e de consumo dos produtos industrializados. O dogma do livre comércio, por isso mesmo, foi abandonado.

O **protecionismo alfandegário**, tão típico da primeira fase do capitalismo durante a anterior Idade Moderna, voltou a fazer parte da lógica econômica europeia; a Alemanha rejeitou as baixas tarifas em 1879, acompanhada da Áustria e da Rússia, com a Espanha já tendo restabelecido novas taxas de importação em 1877 e 1891 e até a França, que ainda operava de modo liberal, instituiu a **Tarifa Méline**, em 1892.

Desse modo, as nações tentavam criar um processo de isolamento, afim de garantir os lucros diretos e ampliar o lastro de escoamento da produção, porém, em um sentido macroeconômico, o **sistema capitalista se universalizava**, a partir da necessidade de dinamizar os mercados, pela força mesma da **Lei da Oferta e da Procura**; isso se deu, por exemplo com a padronização monetária europeia e norte-americana pelo referencial do preço internacional do ouro.

A necessidade de evitar maiores gastos com matérias-primas fez com que cada nação buscasse nichos de fornecimento, sem maiores custos, uma vez que os meios convencionais e restritos ao espaço geográfico do Continente Europeu. Estava iminente a necessidade de desenvolvimento do imperialismo.



Principais linhas de telégrafo em 1891.

Define-se imperialismo basicamente como a **dominação de uma nação sobre um determinado espaço geográfico**, tendo se tornado uma marca do século XIX. Não ocorreu somente como um fenômeno europeu, como também estadunidense, na medida em que os norte-americanos buscaram dominar as regiões limítrofes do Oceano Pacífico, América Central e América Latina.

Gradativamente, uma nova configuração geográfica foi se delineando, na medida das necessidades de cada país, agora metropolitano de colônias que se radicavam na África, Ásia, Oceania e América.

Os franceses começaram militarizando e se estabelecendo na Argélia, enquanto os ingleses iniciavam a sua hegemonia em regiões como a Índia e a China, sob a premissa de que tais povos receberiam a logística e infraestrutura de desenvolvimento dos países europeus.

Nessa **corrida imperialista** instaurada pela pressão do Capital, alemães e italianos chegaram tarde, ocupando poucas regiões dos continentes, que passaram a ser objeto de exploração da mão de obra, matéria-prima e recursos minerais.

Na medida em que os processos de ocupação se consolidavam, as motivações econômicas passaram a exigir a elaboração de políticas locais de desenvolvimento; políticas que passaram a se tornar cada vez mais impositivas, com a instauração de **protetorados** (governos europeus), além do processo de militarização, sobretudo, quando as populações nativas vinham a tentar resistir aquela presença exógena e agora visualizada como invasora.

O Egito foi ocupado pelos britânicos, por volta de 1880, enquanto o Oriente Médio em parte, sob o domínio do Império Turco Otomano, cedia lutar à presença inglesa, sobretudo, quando a Grã-Bretanha adquiriu quarenta e quatro por cento das ações da **Companhia do Canal de Suez**, que havia sido construído entre 1859 e 1869, também por iniciativa francesa e agora utilizada como instrumento estratégico para o seu acesso ao Oriente, em 1875.

Com o tempo, o Império Britânico se tornou a maior nação colonialista do século XIX, adquirindo e dominando, pelo menos, um quarto de todo o planeta.

Pode-se dizer que a mais intensa concorrência internacional se concentrou no continente africano, com os alemães, tardiamente industrializados e unificados, buscando ocupar a região leste, quando os franceses se fixavam na área oeste; também os lusitanos ou portugueses se inseriram na corrida imperialista se apropriando das colônias de Angola e Moçambique, juntamente com a Bélgica que passou a dominar o Congo.

Os italianos invadiram a Somália e a Eritreia, além de tentarem dominar fracassadamente a Etiópia, já que esbarraram numa forte resistência local de mais de oitenta mil etíopes. Os alemães ainda se estabeleceram na chamada África Oriental, Camarões e Togo e, também, no sudoeste do continente, enquanto os franceses se expandiram para a África Ocidental e os holandeses burlavam o crescimento imperialista inglês no Transvaal, Orange e África do Sul.



Esboço do Canal de Suez realizado em 1881. O Canal era uma das grandes ambições europeias para ampliar seus mercados à nível global.



Alice Harris/Wikimedia Foundation

Diante do contexto, a **Oceania não aparece no processo de colonização convencionalmente explorador**. A distância, os altos custos e os perigos impostos à navegação demorada e exaustiva, acabaram fazendo de regiões como a Austrália e a Nova Zelândia, espaços mais adequados a absorver a população excedente da Europa, cuja fixação exigiria o desenvolvimento interno efetivo.

Desse modo, aquele continente se situou na contramão da lógica imperialista, tendo uma destinação diferenciada, fato que hoje explica o seu desenvolvimento econômico diante de outras regiões do planeta que carregam a marca do neocolonialismo.

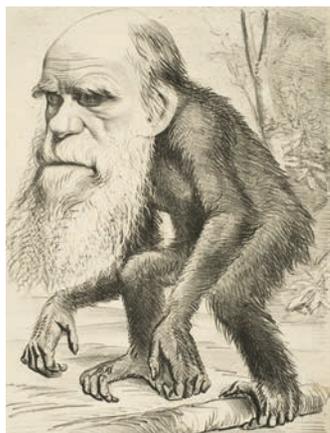
A justificativa ideológica do imperialismo

O fenômeno do domínio ostensivo de todo um continente como o Africano, bem como de grandes possessões da Ásia não podia se apresentar como claramente usurpador ou invasor. Por isso, havia a necessidade de ideologizar o processo de exploração, de modo a esconder o verdadeiro sentido do imperialismo.

O final do século XIX havia se desenvolvido sob o sopro de ideias científicas e teorias variadas que serviram de base para sedimentar o neocolonialismo desenvolvido.

Ideias bíblicas povoaram a mentalidade europeia, a ponto de buscar explicações para a “marca de Caim” na pele negra dos habitantes da África, interpretada como uma forma de castigo e, desse modo, utilizada como explicação do sofrimento imposto aos africanos.

Quando não se utilizavam do episódio do crime fratricida de Caim, usavam o versículo no qual Noé houvera expulso um de seus filhos de pele negra, tratado como amaldiçoado.



Wikimedia Foundation

À medida que o “Darwinismo” se tornou amplamente aceito nos anos 1870, caricaturas de Charles Darwin com um corpo de macaco simbolizaram a evolução.

A **associação dos negros aos animais** também foi outro argumento aplicado para definir a sua destinação à exploração do homem branco europeu. Tal cogitação encontrou reforço na **Teoria Evolucionista** de Charles Darwin, cujas ideias já haviam sido abordadas por um outro naturalista de nome Wallace de um modo mais sintético. De acordo com o **Darwinismo**, o homem contemporâneo seria o resultado de um processo evolutivo, estando em sua trajetória genética, por modificações de difícil acompanhamento ou detalhamento, o *ramapitecus*, o *australopitecos*, o homem de *neandertal*, o homem de *cró-magnon*, o *Homo sapiens*, etc, só para citar alguns.

Muitos dos promotores do imperialismo acreditavam que os africanos fizessem parte de um passado humano, fixado na fase intermediária entre os primeiros antropoides e o europeu, considerado mais “evoluído”.

Por isso, surgia uma **“Teoria do Branqueamento”**, pois, segundo os defensores do evolucionismo, o futuro da humanidade, com o desiderato do seu pleno desenvolvimento ou evolução, seria a hegemonia da “raça branca”.



Keystone View Company/Wikimedia Foundation

Pigmeus e um europeu.

Agregado ao evolucionismo, os racistas europeus buscavam subsídios também nas **teorias do naturalista e sacerdote Mendell**, descobridor das estatísticas e cálculos probabilísticos genéticos, mediante a experiência de cruzamento das ervilhas.

Além disso, a **Teoria do Determinismo Geográfico** do pensador e geógrafo Friedrich Ratzel, situando as áreas territoriais abaixo da Linha do Equador como estando destinados ao subdesenvolvimento por fatores mesológicos e geomorfológicos, serviu de fundamento à ideia de que os Europeus tinham uma missão civilizadora.

A tese da **“Missão Civilizadora”** se baseava na premissa da superioridade racial, técnica, militar, social, econômica, política, religiosa e ideológica europeia e que esses “brancos” teriam a missão de levar o progresso às regiões abaixo da Linha do Equador.

“Levar o progresso para onde ele não viesse a se desenvolver espontaneamente”; exigir a aceitação do “fardo do homem branco” tornaram-se jargões daquele momento histórico, como uma forma de legitimação do processo de exploração da África, Ásia e, em certa medida, de povoamento da Oceania.

A missão civilizadora encontraria em filmes como “Tarzan”, um instrumento de difusão da supremacia etnocêntrica europeia, uma vez que se tratava da dramatização da vida de uma criança branca europeia abandonada na selva africana, em face da morte dos seus pais e, por isso, depois de encontrada, criada por um gorila, para vir a se tornar o “rei da floresta”.



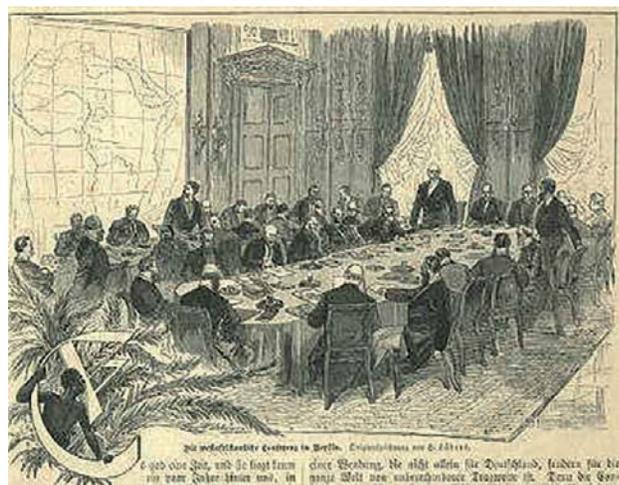
Domínio Público

A “missão civilizadora” era a justificativa para a invasão da África.

Em paralelo a essa ideologia, **os europeus prometiam levar o desenvolvimento às regiões ocupadas**, com a construção de pontes, ferrovias, estradas, vias de acesso; quando na verdade, tal arquitetura infraestrutural serviria para a mais fácil extração e transporte de matéria-prima, com a exploração ostensiva da mão de obra local.

Apesar do **caráter ideologizante do imperialismo** isso não conseguiu evitar o surgimento de insurreições maiores ou menores, articuladas pelas populações de cada região dominada pelo neocolonialismo, entre as quais podemos citar a **Guerra dos Bôeres**, a **Revolta dos Cipaiois**, a **Guerra do Ópio** e a **Guerra dos Boxers**.

A partilha da África



Wikimedia Foundation

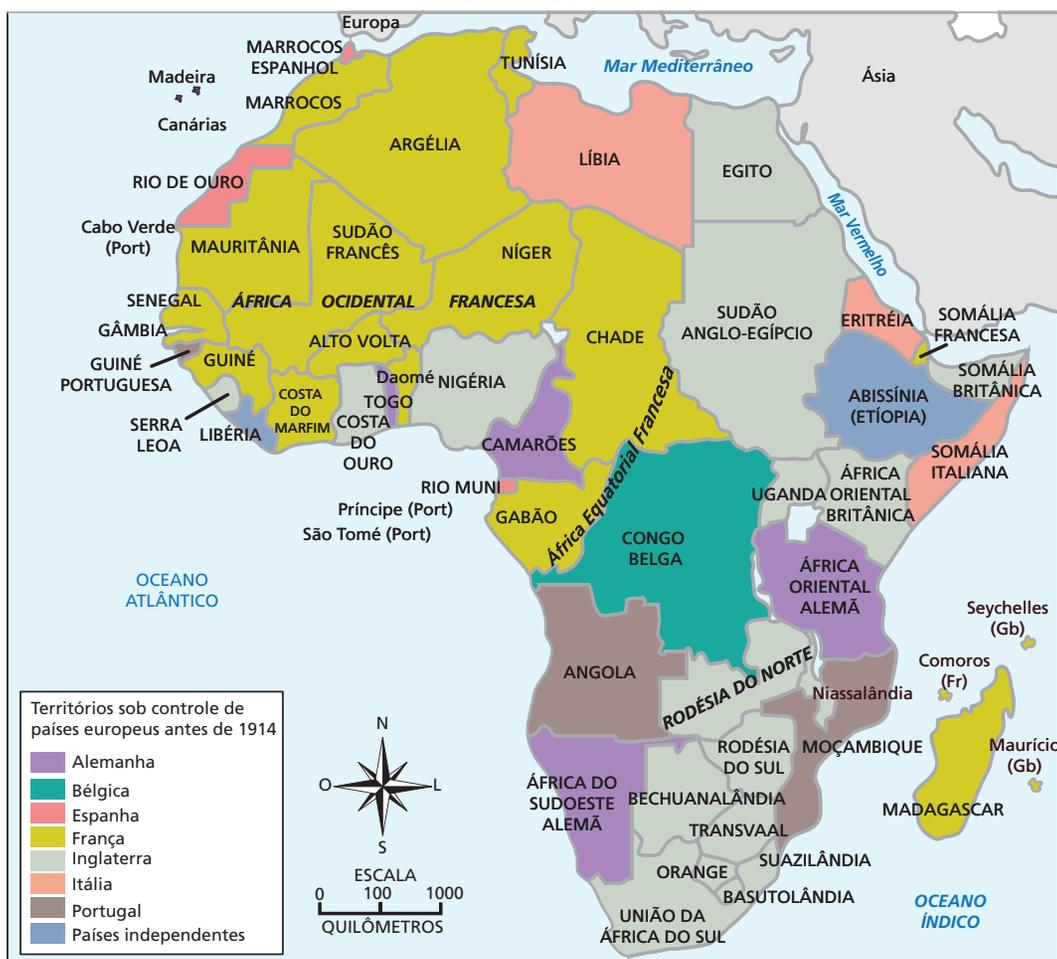
O Congresso de Berlim, em gravura da época.

Rivalidades preexistentes como a da França contra a Alemanha se acirravam na medida da disputa de regiões como Marrocos. **A Inglaterra percebia-se, gradativamente, perdendo o seu caráter hegemonicamente industrial para os germânicos** e os diamantes abundantes em Transvaal e Orange, na África do Sul criavam uma atmosfera de animosidade capaz de inibir o processo de desenvolvimento capitalista geral.

A percepção de possíveis guerras, capazes de comprometer os interesses e lucros de cada um dos países envolvidos no imperialismo levaram os mesmos a pensar em uma forma conciliatória de solução, a fim de **apaziguar as tensões** que já se faziam sentir.

Em 1884/85 foi formulada a **Conferência de Berlim** com o objetivo de delimitar as fronteiras europeias de exploração e domínio no continente africano. Também chamada de **partilha da África**, tal conferência teve a articulação diplomática de Bismarck, demorando cerca de cinco meses para que todos os acordos viessem a atender a maioria das necessidades de cada país, também como forma de garantir o monopólio específico e particularizado de cada metrópole.

A Partilha da África



O problema da **Partilha da África** é que ela foi efetivada, mediante os critérios estipulados pelas autoridades europeias sem considerar, entretanto, as peculiaridades étnicas e culturais de cada território explorado. Segundo o escritor Mia Couto, tal se tornaria uma herança imposta e maldita para o continente africano.

Apesar da definição de acordos ter o seu desfecho com a Conferência de Berlim, **a divisão do Continente** ficou limitado, sobretudo, à Inglaterra, França, Bélgica, Portugal, Itália, Alemanha e Holanda.

Pode-se afirmar que a tentativa de adiar uma guerra de proporções maiores encontrou nessa partilha um instrumento efetivo, porém, países como a Alemanha e a Itália não se sentiam com os seus interesses plenamente atendidos.

O imperialismo norte-americano

Se os países europeus desenvolveram um imperialismo na direção dos continentes africano e asiático, a América sofreu o domínio dos Estados Unidos que também vinha se expandindo em termos industriais, sobretudo, com a marcha para o Oeste.

Foi somente após a solução da **crise de secessão norte-americana**, com a vitória da União, que os Estados Unidos, agora plenamente integrado passou a desenvolver uma outra forma de expansionismo, que atendessem ao crescimento da produtividade industrial.

O governo norte-americano, durante o final do século XIX passou a criar um complexo financeiro, fundamentado em um consistente sistema tributário.

Com a **livre iniciativa privada**, fazendo parte integrante da política liberal do país, diversas fábricas, indústrias e empresas surgiram, exigindo cada vez mais mercados de consumo, sobretudo com a vitória do Norte sobre o Sul agrícola, a expansão da industrialização passou a ter uma direção mais centrada no desenvolvimento geral da nação.

Desse modo, o governo norte-americano passou a investir mais ostensivamente na indústria naval e com a nova abertura através do Oceano Pacífico, a navegabilidade ganhou impulso, inclusive na direção do Japão que, em nome da sua soberania nacional, buscava evitar o comércio com os Estados Unidos.

Também na **região do Panamá**, o capital norte-americano se fez presente de modo a financiar a construção de um canal que facilitasse e expandisse o desenvolvimento de um comércio local, com capacidade de irradiação pela América e com uma ampla estrutura portuária.

As Filipinas também se tornaram objeto da exploração estadunidense, na mesma perspectiva imperialista de utilização da matéria-prima, mão de obra barata e mercados consumidores, bem como área para investimento de capitais excedentes.

Tal influência exercida pelos Estados Unidos nem sempre obedeceu a critérios diplomáticos, econômicos ou comerciais. Em face da resistência de alguns desses países do Pacífico ou da América Central, o governo norte-americano passou a utilizar-se da força militar e da opressão econômica para garantir o exercício do seu poder.

Era o desenvolvimento do **Big Stick**, também conhecido como “grande porrete”, semelhante à “diplomacia do canhão” exercida pelos europeus. Foi uma característica fundamental do governo Theodore Roosevelt, fundamentada na perspectiva projetada, no passado, pela **Doutrina Monroe**, de acordo com a qual os EUA deveriam assumir o papel de protetor da América diante dos interesses dos países extracontinentais.

Um dos grandes exemplos desse tipo de política que já vinha sendo praticada informalmente foi o apoio dado à independência da **ilha de Cuba** contra o poder metropolitano da Espanha, em 1898. Tal iniciativa garantiu aos Estados Unidos, inclusive a introdução de uma base militar na região, a base de Guantánamo e a elaboração da **Emenda Platt**, que lhe dava mobilidade militar sobre a região em caso de necessidade internacional.

“*Fale com suavidade e tenha à mão um grande porrete*” foi uma expressão bastante utilizada por Roosevelt, literalmente declarada como *slogan* na Feira Estadual de Minnesota, em 1901.

O desenvolvimento desse processo ideológico e militar também chamado de Big Stick levou à expansão da U.S. Navy, com o envolvimento direto do país nas questões de natureza internacional. Era a também “diplomacia do dólar”, que se ampliou para além do governo Roosevelt e que levou a imposição comercial ao Japão através de bombardeios, bem como às Filipinas que também lhe sofreu a militarização.

Também foi nesse contexto que outro canal foi construído, o **Canal da Nicarágua**, obra de gigantesco porte e elevado custo, facilitando a interação comercial da região, levando os mais diversos produtos estadunidenses para toda a América Latina.

O imperialismo japonês

O desenvolvimento da **Era Meiji**, na perspectiva de um ostensivo processo de industrialização e urbanização geral do Japão, embora tardio, semelhantemente ao da Alemanha e da Itália, exigiu também, por sua vez, a busca de matéria-prima e mercados consumidores.

A necessidade de expansão comercial tornou o Oceano Pacífico epicentro de graves conflitos, envolvendo o Japão numa rivalidade não somente direita aos EUA, mas também à China. Por volta de 1894 e 1895 ocorreu a **primeira Guerra Sino-Japonesa**, como resultado de controle de rotas e acesso a regiões fornecedoras de recursos minerais.

A guerra contra a China, da **Dinastia Qing** se deu em função da necessidade de domínio sobre a Coreia, com a militarização daquela área geográfica, fato que fez a **Dinastia Coreana Joseon** pedir o apoio da China, a fim de que a mesma enviasse tropas para libertar o país da influência japonesa que já havia invadido e fixado um governo em Seul, tornando-se o estopim do confronto.

As forças chinesas foram cercadas na **Península de Liadong**, sendo duramente devastada na **Batalha do Rio Yalu**, em 1894. Um acordo de paz forçou a China a ceder a Península aos japoneses, bem como a ilha de Taiwan, porém, países como a França, Alemanha e Rússia não aceitaram aquela disposição geográfica, de modo que os russos ocuparam a península de Liadong, construindo o porto de Arthur, para fins de controle de parte do Pacífico. Os alemães, a seu turno, ocuparam a **Baía de Kiauchau**, através da fixação de uma fortaleza denominada **Tsingtao**, permitindo à Alemanha o controle da parte leste da Ásia, por meio dessa estrutura portuária.

Ainda no século XIX, mais especificamente em 1900, os japoneses, em comunhão com algumas nações ocidentais com o objetivo de combater a **rebelião conhecida como Boxer**, a fim de proteger a população civil cristã e demais cidadãos; com a assinatura do **Protocolo Boxer**, a China liberou a livre circulação de tropas alemãs e estrangeiras no território chinês. Porém, regiões como a **Manchúria**, continuaram sob o poder do Império Russo.

A **Manchúria**, também chamada por alguns analistas como sendo a “*Alsácia-Lorena do Oriente*” era um território abundante em carvão e ferro, objeto de interesse também dos japoneses, daí o desenvolver-se uma nova guerra, a Russo-Japonesa, entre 1904 e 1905, sendo considerado um dos confrontos modernos entre uma nação da Ásia, capaz de derrotar um país europeu, projetando o Japão como potência imperialista em caráter mundial.

Além disso, o Japão procurou isolar a Coreia, a partir do aprofundamento da Era Meiji e, em paralelo, dominar o **leste asiático**; a ideia era transformar o governo coreano numa nação fantoche, para assegurar os seus interesses imperialistas. Como outras nações neocolonialistas, os japoneses também se utilizaram da **diplomacia do canhão**, visando forçar a assinatura do **Tratado de Ganghwa**, que formalizava os direitos comerciais do Japão em três dos mais importantes portos coreanos. Em 1910, a Coreia foi anexada na condição de protetorado japonês, mediante a consolidação do **Tratado de Eulsa**.

Textos para Reflexão

A ERA DOS IMPÉRIOS

O fato maior do século XIX é a criação de uma economia global única, que atinge progressivamente as mais remotas paragens do mundo, uma rede cada vez mais densa de transações econômicas, comunicações e movimento de bens, dinheiro e pessoas ligando os países desenvolvidos entre si e ao mundo não desenvolvido. Sem isso não haveria um motivo especial para que os Estados europeus tivessem um interesse algo mais que fugas nas questões, digamos, da bacia do Rio Congo, ou tivessem se empenhado em disputas diplomáticas em torno de algum atol do Pacífico. Essa globalização da economia não era nova, embora tivesse se acelerado consideravelmente nas décadas centrais do século. Ela continuou a crescer – menos notavelmente em termos relativos, porém mais maciçamente em termos de volume e cifras – entre 1875 e 1914. As exportações europeias, de fato, tinham mais que quadruplicado entre 1848 e 1875, ao passo que entre esta última data e 1915 apenas duplicaram. Mas a navegação mercante mundial, entre 1840 e 1870, passou só de 10 a 16 milhões de toneladas, para dobrar nos quarenta anos seguintes, enquanto a rede ferroviária mundial passava de pouco mais de 200 mil quilômetros (1870) a mais de 1 milhão às vésperas da Primeira Guerra Mundial.

Essa malha de transportes cada vez mais fina incorporou até os países atrasados e anteriormente marginais à economia mundial, e criou nos velhos centros de riqueza e desenvolvimento um interesse novo por essas áreas remotas. De fato, agora que era acessível, muitas dessas regiões pareciam à primeira vista meras extensões potenciais do mundo desenvolvido, que já estavam sendo povoadas e desenvolvidas por homens e mulheres de origem europeia, eliminando ou repelindo os habitantes nativos, gerando cidades e, sem dúvida, com o tempo, civilização industrial: EUA a oeste do Mississippi, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Argélia, o Cone Sul da América do Sul.

HOBBSVAWN, Eric. *A era dos impérios (1875-1914)*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 95-6.

O IMPERIALISMO NA VISÃO DE LÊNIN

O que caracteriza particularmente o capitalismo atual é o domínio dos grupos monopolistas constituído por grandes empresários. Estes monopólios tornam-se sólidos, sobretudo quando reúnem apenas em suas mãos todas as fontes de matérias-primas [...] Os grupos monopolistas internacionais dirigem os seus esforços no sentido de arrancarem ao adversário toda a possibilidade de concorrência, de se apoderarem, por exemplo, das jazidas de ferro ou de petróleo etc. Somente a posse de colônias dá ao monopólio completas garantias de sucesso face a todas as eventualidades da luta contra os seus rivais, mesmo na hipótese de estes últimos ousarem defender-se com uma lei que estabeleça o monopólio de Estado. Quanto mais o capitalismo se desenvolve, mais se faz sentir a falta de matérias-primas, mais dura se torna a concorrência e a procura de fontes de matérias-primas no mundo inteiro e mais brutal é a luta pela posse de colônias.

Os capitalistas ingleses na sua colônia do Egito põem tudo em ação, para desenvolver a cultura do algodão que, em 1904, ocupava já 0,6 milhão de 2,3 milhões de hectares cultivados, ou seja, mais de um quarto. Os russos fazem o mesmo na sua colônia do Turquestão. Com efeito, uns e outros podem assim vencer mais facilmente os seus concorrentes, alcançar mais facilmente a monopolização das fontes de matérias-primas [...].

A exportação de capitais também tem interesse na conquista de colônias, pois no mercado colonial [...] é mais fácil eliminar um concorrente pelos processos monopolísticos, garantir uma encomenda, consolidar as necessárias "relações" etc.

LÊNIN, Vladimir Ilitch Ulianov. Imperialismo, fase superior do capitalismo. 4. Ed. São Paulo: Global, 1987. p. 82-3.



Exercícios de Fixação

01. (Unicamp/2019) Os viajantes, missionários, administradores coloniais e etnógrafos europeus, no passado, tenderam a fundir múltiplas identidades em um único conceito de tribo. O uso da palavra tribo para descrever as sociedades africanas surgiu de um desejo de enaltecer o Estado-nação, ao mesmo tempo em que sugeria a inferioridade inerente de outros. Em resumo, conotava políticas primitivas que eram menos desenvolvidas do que as políticas dos Estados-nação.

Adaptado de John Parker e Richard Rathbone, "A ideia de África", em *História da África*. Lisboa: Quimera, 2016, p. 56-58.

Baseado no texto anterior e em seus conhecimentos, assinale a alternativa correta.

- A) A formação e a difusão do conceito de tribo no pensamento europeu acompanharam os avanços do colonialismo na África no século XIX, legitimando o domínio de seus povos por agentes oriundos de nações que se consideravam civilizadas e superiores.
- B) O conceito de tribo ganhou força no pensamento ocidental, porque na África não havia formações políticas que cobriam grandes extensões territoriais como na Europa. Ou seja, os europeus não encontraram estruturas políticas acima das unidades tribais.
- C) As sociedades africanas eram organizadas a partir de pequenas tribos lideradas por chefes guerreiros, o que gerava fragmentação política e guerras, inviabilizando nesse continente a formação de unidades políticas complexas nos moldes europeus.
- D) Em razão das tradições milenares e do respeito aos ancestrais, as tribos eram unidades sociais e políticas estáticas assentadas em uma identidade homogênea. Os europeus comumente desrespeitavam todas essas características na colonização.

02. (Unesp/2019) O mapa representa a divisão da África no final do século XIX. Essa divisão



Lucas Claro Martinez. "África colonizada". In: Regina Claro. *Olhar a África*, 2012.

- A) persistiu até a vitória dos movimentos de descolonização da África, ocorridos nas duas primeiras décadas do século XX.
- B) foi rejeitada pelos países participantes da Conferência de Berlim, em 1885, por considerarem que privilegiava os interesses britânicos.
- C) incluiu áreas conquistadas por europeus tanto durante a expansão marítima dos séculos XV-XVI quanto no expansionismo dos séculos XVIII-XIX.
- D) foi determinada após negociação entre povos africanos e países europeus, durante o Congresso Pan-Africano de Londres, em 1890.
- E) restabeleceu a divisão original dos povos africanos, que havia sido desrespeitada durante a colonização europeia dos séculos XV-XVIII.

03. (UPE-SSA/2018) O evento histórico, evidenciado pela imagem, teve como principal característica sociopolítica



Reprodução/UPE, 2018. 2ª Fase.

Os Boxes Tio Sam (para o Boxer turbulento). "Ocasionalmente eu também dou meus soquinhos por aí." (William Allen Rogers, 9 de junho de 1900, *New York Times*). Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/A_Revolta_dos_Boxers.pdf>.

- A) a defesa do antiocidentalismo.
- B) o apoio da oligarquia colonial.
- C) a adesão ao movimento colonialista.
- D) a formação de um governo de coalizão.
- E) o auxílio dos EUA na guerra contra os invasores.

04. (Enem-PPL/2015) A conquista pelos ingleses de grandes áreas da Índia deu o impulso inicial à produção e venda organizada de ópio. A Companhia das Índias Orientais obteve o monopólio da compra do ópio indiano e depois vendeu licenças para mercadores selecionados, conhecidos como “mercadores nativos”. Depois de vender ópio na China, esses mercadores depositavam a prata que recebiam por ele com agentes da companhia em Cantão, em troca de cartas de crédito; a companhia, por sua vez, usava a prata para comprar chá, porcelana e outros artigos que seriam vendidos na Inglaterra.

SPENCE, J. *Em busca da China moderna*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. (Adaptado)

A análise das trocas comerciais citadas permite interpretar as relações de poder que foram estabelecidas. A partir desse pressuposto, o processo sócio-histórico identificado no texto é

- A) a expansão político-econômica de países do Oriente, iniciada nas últimas décadas do século XX.
 - B) a consolidação do cenário político entre guerras, na primeira metade do século XX.
 - C) o colonialismo europeu, que marcou a expansão europeia no século XV.
 - D) o imperialismo, cujo ápice ocorreu na segunda metade do século XIX.
 - E) as libertações nacionais, ocorridas na segunda metade do século XX.
- 05.** (Enem/2014) Três décadas – de 1884 a 1914 – separam o século XIX – que terminou com a corrida dos países europeus para a África e com o surgimento dos movimentos de unificação nacional na Europa – do século XX, que começou com a Primeira Guerra Mundial. É o período do Imperialismo, da quietude estagnante na Europa e dos acontecimentos empolgantes na Ásia e na África.

ARENDE, H. *As origens do totalitarismo*. São Paulo Cia. das Letras, 2012.

O processo histórico citado contribuiu para a eclosão da Primeira Grande Guerra na medida em que

- A) difundiu as teorias socialistas.
- B) acirrou as disputas territoriais.
- C) superou as crises econômicas.
- D) multiplicou os conflitos religiosos.
- E) conteve os sentimentos xenófobos.



Exercícios Propostos

01. (FGV/2018) A proclamação da República Popular da China em 1º de outubro de 1949 e a eleição do governo presidido por Mao Tsé-Tung foram resultados da luta contra a ocupação da China por potências estrangeiras e contra o regionalismo que fortalecia os senhores de terra.

O movimento camponês, liderado por Mao Tsé-Tung, sagrou-se vitorioso em outubro de 1949. Entretanto, as raízes desse movimento estão no século XIX e nas condições que se foram criando a partir da intervenção das potências estrangeiras, no início do século XX.

Carlos Guilherme Mota. *História moderna e contemporânea*, 1986.

No que diz respeito às interferências estrangeiras nesse país, é correto afirmar que

- A) a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905) terminou com a vitória do Império Russo e sua decorrente ação do imperialismo russo no processo de partilha de grande parte do território da China Imperial.
- B) as Guerras do Ópio (1839-1842 e 1856-1860) garantiram à Inglaterra a abertura comercial da China e permitiram também que outras potências europeias e asiáticas revelassem seus interesses no Império Chinês.
- C) a guerra entre o Império Chinês e o Japão (1894-1895) resultou no enfraquecimento da China e no início da hegemonia alemã em grande parte desse país, principalmente por meio das amplas inversões de capitais.
- D) a Revolta dos Boxers (1898-1901) representou a luta das classes médias urbanas e da classe operária pela ampliação da cidadania político-eleitoral, contra os grandes senhores de terra e a República chinesa recém-proclamada.
- E) a Longa Marcha (1923-1927), organizada pelo Partido Comunista Chinês em aliança com o Partido Nacional do Povo, lutou contra as presenças estrangeiras na China, e foi derrotada pelos japoneses no momento da invasão da Manchúria.

02. (Udesc/2018) Leia atentamente o texto a seguir:

“Existem hoje, sobre a Terra, dois grandes povos que, tendo partido de pontos diferentes, parecem adiantar-se para o mesmo fim: são os americanos e os russos (...) Para atingir a sua meta, o primeiro apoia-se no interesse pessoal e deixa agir, sem dirigir-las, à força e à razão dos indivíduos. O segundo concentra num homem, de certa forma, todo o poder da sociedade. Um tem por principal meio a liberdade; o outro, a servidão. O seu ponto de partida é diferente, os seus caminhos são diversos; não obstante, cada um deles parece convocado, por um desígnio secreto da Providência, a deter nas mãos, um dia, os destinos da metade do mundo.”

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*, 1835.

A partir deste trecho, publicado por Tocqueville em 1835, é correto afirmar que o autor:

- A) refere-se às políticas imperialistas que, mesmo pautadas em princípios diferentes, podiam ser observadas tanto nos Estados Unidos quanto na Rússia do século XIX.
 - B) refere-se, evidentemente, ao período da Guerra Fria e ao governo de Gorbachev, na Rússia.
 - C) refere-se aos resultados da Primeira Guerra Mundial, ao papel representado por Lenin, no governo da Rússia, e por Roosevelt, no governo norte-americano.
 - D) relaciona os princípios básicos da democracia às práticas do governo russo do século XIX.
 - E) analisa os resultados da Revolução Russa e as atitudes de retaliação do governo norte-americano.
- 03.** (Enem-PPL/2013) A Inglaterra deve governar o mundo porque é a melhor; o poder deve ser usado; seus concorrentes imperiais não são dignos; suas colônias devem crescer, prosperar e continuar ligadas a ela. Somos dominantes, porque temos o poder (industrial, tecnológico, militar, moral), e elas não; elas são inferiores; nós, superiores, e assim por diante.

SAID, E. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1995. (Adaptado)

O texto reproduz argumentos utilizados pelas potências europeias para dominação de regiões na África e na Ásia, a partir de 1870. Tais argumentos justificavam suas ações imperialistas, concebendo-as como parte de uma

- A) cruzada religiosa.
- B) catequese cristã.
- C) missão civilizatória.
- D) expansão comercial ultramarina.
- E) política exterior multiculturalista.

04. (Enem/2007) William James Herschel, coletor do governo inglês, iniciou na Índia seus estudos sobre as impressões digitais que firmavam com o governo. Essas impressões serviam de assinatura. Aplicou-as, então, aos registros de falecimentos e usou esse processo nas prisões inglesas, na Índia, para reconhecimento dos fugitivos. Henry Faulds, outro inglês, médico de hospital em Tóquio, contribuiu para o estudo da dactiloscopia. Examinando impressões digitais em peças de cerâmica pré-histórica japonesa, previu a possibilidade de se descobrir um criminoso pela identificação das linhas papilares e preconizou uma técnica para a tomada de impressões digitais, utilizando-se de uma placa de estanho e de tinta de imprensa.

Disponível em: <www.fo.usp.br> (com adaptações)

Que tipo de relação orientava os esforços que levaram à descoberta das impressões digitais pelos ingleses e, posteriormente, à sua utilização nos dois países asiáticos?

- A) De fraternidade, já que ambos visavam os mesmos fins, ou seja, autenticar contratos.
 B) De dominação, já que os nativos puderam identificar os ingleses falecidos com mais facilidade.
 C) De controle cultural, já que Faulds usou a técnica para libertar os detidos nas prisões japonesas.
 D) De colonizador-colonizado, já que na Índia, a invenção foi usada em favor dos interesses da coroa inglesa.
 E) De médico-paciente, já que Faulds trabalhava em um hospital de Tóquio.
05. (Enem/2006) No início do século XIX, o naturalista alemão Carl Von Martius esteve no Brasil em missão científica para fazer observações sobre a flora e a fauna nativas e sobre a sociedade indígena. Referindo-se ao indígena, ele afirmou:

“Permanecendo em grau inferior da humanidade, moralmente, ainda na infância, a civilização não o altera, nenhum exemplo o excita e nada o impulsiona para um nobre desenvolvimento progressivo (...). Esse estranho e inexplicável estado do indígena americano, até o presente, tem feito fracassarem todas as tentativas para conciliá-lo inteiramente com a Europa vencedora e torná-lo um cidadão satisfeito e feliz.”

Carl Von Martius. *O estado do direito entre os autóctones do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1982.

Com base nessa descrição, conclui-se que o naturalista Von Martius

- A) apoiava a independência do Novo Mundo, acreditando que os índios, diferentemente do que fazia a missão europeia, respeitavam a flora e a fauna do país.
 B) discriminava preconceituosamente as populações originárias da América e advogava o extermínio dos índios.
 C) defendia uma posição progressista para o século XIX: a de tornar o indígena cidadão satisfeito e feliz.
 D) procurava impedir o processo de aculturação, ao descrever cientificamente a cultura das populações originárias da América.
 E) desvalorizava os patrimônios étnicos e culturais das sociedades indígenas e reforçava a missão “civilizadora europeia”, típica do século XIX.
06. (Enem/2002) “O continente africano em seu conjunto apresenta 44% de suas fronteiras apoiadas em meridianos e paralelos; 30% por linhas retas e arqueadas, e apenas 26% se referem a limites naturais que geralmente coincidem com os de locais de habitação dos grupos étnicos”.

MARTIN, A. R. *Fronteiras e Nações*. Contexto, São Paulo, 1998.

Diferente do continente americano, onde quase que a totalidade das fronteiras obedecem a limites naturais, a África apresenta as características citadas em virtude, principalmente,

- A) da sua recente demarcação, que contou com térmicas cartográficas antes desconhecidas.
 B) dos interesses de países europeus preocupados com a partilha dos seus recursos naturais.
 C) das extensas áreas desérticas que dificultam a demarcação dos “limites naturais”.
 D) da natureza nômade das populações africanas, especialmente aquelas oriundas da África Subsaariana.
 E) da grande extensão longitudinal, o que demandaria enormes gastos para demarcação.
07. (FMP/2016) A expansão imperialista sobre a África e a Ásia começou a sofrer resistência mais sistemática e duradoura a partir do início do século XX. Um evento que precedeu a Segunda Guerra Mundial e fomentou movimentos nacionalistas ou anti-imperialistas na Ásia foi a
- A) conquista pacífica da independência da Índia (1947), que conseguiu frustrar os planos ingleses para a autonomia de sua maior colônia.
 B) efetivação do apoio norte-americano à libertação das colônias, com base nos Quatorze Pontos de Wilson (1918).
 C) derrubada do regime czarista, na Revolução Russa de 1905.
 D) derrota da direita fascista na Espanha, com o término da Guerra Civil Espanhola (1936-1939).
 E) vitória do Japão, potência asiática emergente, na Guerra Russo-Japonesa (1904-1905).

08. (IFCE/2016) Leia o texto a seguir.

“Para os países industriais exportadores, a expansão colonial é uma questão de salvação. Em nosso tempo, e diante da crise que atravessam as indústrias europeias, a fundação de colônias representa a criação de uma válvula de escape para nossos problemas. (...)

Devemos dizer abertamente que nós, pertencentes às raças superiores, temos direitos sobre as raças inferiores. Mas também temos o dever de civilizá-las”.

FERRY, Jules *Discursos políticos*. In: COTRIM, Gilberto. *História Global*. V. 2. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013, pág. 190.

O texto acima traduz a mentalidade europeia dominante no século XIX sobre os povos afro-asiáticos. Acerca dos principais aspectos dessa relação, é correto afirmar-se que

- A) uma das justificativas para o expansionismo imperialista das principais nações europeias foi a ideologia da superioridade racial branca.
 B) a missão civilizadora europeia possibilitou a troca de manifestações culturais entre ambos, significando, por isso, o fortalecimento das bases culturais dos povos dominados.
 C) não há elementos preconceituosos, uma vez que o texto aborda claramente a ideia humanitária de civilizar os povos com culturas inferiores.
 D) o interesse europeu pelas vastas áreas da África e da Ásia era essencialmente cultural, antropológico e científico, não tendo objetivos econômicos ou geoestratégicos.
 E) como o contato entre europeus e afro-asiáticos foi filantrópico, não houve necessidade de conflitos bélicos entre os agentes envolvidos.

09. (UEFS/2016) Leia os textos a seguir.

- I. O imperialismo contemporâneo pode ser também denominado como neocolonialismo, por possuir muitas semelhanças com o regime vigorado entre os séculos XV e XIX, o colonialismo. Imperialismo é a política de expansão e domínio territorial ou cultural e econômico de uma nação sobre outra, e ocorreu na época da Segunda Revolução Industrial.

O Imperialismo. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/imperialismo/>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

- II. Esta terceira fase do imperialismo moderno é marcada pela hegemonia do capital financeiro internacional, que é a força motriz por trás do fenômeno da globalização, e na prossecução das políticas neoliberais, no lugar das políticas keynesianas de gestão da procura nos países avançados e de “planejamento” ao estilo Nehru (ou aquilo que alguns economistas do desenvolvimento chamam de políticas dirigidas) no terceiro mundo.

ESTA TERCEIRA fase do imperialismo moderno.... Disponível em: <http://www.ocomuneiro.com/nr12_3_prabhatpatnaik.html>. Acesso em: 28 fev. 2016.

A comparação entre os dois textos permite concluir que o que caracteriza o imperialismo no século XXI é a

- A) hegemonia racial de uma nação industrial sobre outra de igual característica.
 B) manutenção das características do mercantilismo, vigentes no antigo sistema colonial.
 C) aplicação de políticas monopolistas de controle de mercado por parte das nações capitalistas.
 D) exploração oficializada de fontes de energia de caráter vegetal, como a madeira e o carvão vegetal.
 E) dominação do capital financeiro internacional no contexto da globalização.
10. (USF/2016) A industrialização do continente europeu marcou um intenso processo de expansão econômica. O crescimento dos parques industriais e o acúmulo de capitais fizeram com que as grandes potências econômicas da Europa buscassem a ampliação de seus mercados e procurassem maiores quantidades de matéria-prima disponíveis a baixo custo. Foi nesse contexto que, a partir do século XIX, essas nações buscaram explorar regiões na África e Ásia.

Disponível em: <<http://mestresdahistoria.blogspot.com.br/2011/04/aprenda-as-diferencas-entre-o.html>>. Acesso em: 14/09/2015, às 14h06min.

Comparando o imperialismo do século XIX com o colonialismo do século XVI, podemos concluir que

- A) o imperialismo do século XIX esteve voltado para a procura de mercados consumidores de produtos industrializados e fornecedores de matéria-prima.
 B) o colonialismo do século XVI buscava colônias para instalar o excedente populacional e novas áreas de investimentos de capitais industriais.
 C) o imperialismo do século XIX demonstrou respeito em relação aos povos das colônias conquistadas, preservando seus costumes e sua identidade cultural.
 D) o imperialismo do século XIX se dedicou à busca de especiarias, gêneros tropicais e metais preciosos, enquadrando-se no Mercantilismo.
 E) o colonialismo do século XVI limitou-se à costa africana, enquanto o imperialismo do século XIX voltou-se somente para a América do Norte.

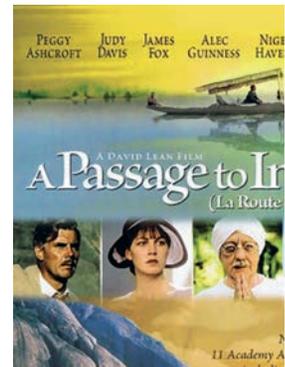


Fique de Olho

Livros

BRUIT, Hector Herman. *O Imperialismo*. São Paulo: Atual, 1994.
 FERREIRA, Jorge Luiz. *Conquista e colonização da América Espanhola*. São Paulo: Ática, 1992.

Filmes



Indochina. Direção de Régis Wargnier. França, 1992.

Passagem para a Índia. Direção de David Lean. Inglaterra, 1984.

Sites

O IMPERIALISMO, etapa superior do capitalismo. v. I. Lenine. Disponível em: <www.primeiralinha.org/textosmarxistas/imperialismoz1.htm>. Acesso em: 18 de setembro de 2016.

- <http://www.fbtv.com.br/video/326> – Imperialismo

Bibliografia

_____. *História Geral: Antiga e Medieval*. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

_____. *História Geral: Moderna e Contemporânea*. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 1987. 2000.

ARRUDA, José Jobson de A. e PILETTI, Nelson. *Toda a História*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1996.

Atual, 1993.

CAMPOS, Flávio de e MIRANDA, Renan Garcia. *Oficina de História – História Integrada*. São Paulo: Moderna,

COSTA, Luís César Amad e MELLO, Leonel Itaussu A. *História do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Scipione, 1991.

COTRIM, Gilberto. *História Global: Brasil e Geral*. 6 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

DIVALTE Garcia Figueira. *História* (volume único). São Paulo: Ática, 2002.

FARIA, Ricardo de Moura et al. *História*. Belo Horizonte: Lê, 1993 (3 volumes).

GOMES, Paulo Miranda. *História Geral das Civilizações*. 10 ed. Belo Horizonte: Lê, 1977.

KOSHIBA, Luiz et al. *História Geral e do Brasil: trabalho, cultura, poder*. São Paulo: Atual, 2004. Moderna, 1999.

MORAES, José Geraldo Vinci de. *Caminhos das civilizações: da pré-história aos dias atuais*. São Paulo:

NADAI, Elza e NEVES, Joana. *História do Brasil, da Colônia à República*. 11 ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

ORDÓÑEZ, Marlene e QUEVEDO, Júlio. *História*. São Paulo: IBEP, s.d. (Coleção Horizontes).

PAZZINATO, Alceu L. e SENISE, Maria Helena. *História Moderna e Contemporânea*. São Paulo: Ática, 2002.

PEDRO, Antônio. *História da Civilização Ocidental. Geral e Brasil, Integrada*. São Paulo: FTD, 1977.

PETTA, Nicolina Luiza de. e OJEDA, Eduardo Aparício Baez. *História, uma abordagem integrada*. São Paulo:

VICENTINO, Cláudio. *História Geral*. São Paulo: Scipione, 1991.



Anotações

TEMAS E ATUALIDADES

Objetivo(s):

- Analisar e compreender os processos que resultaram na construção dos Estados Nacionais.
- Analisar algumas formas de governo e regimes políticos adotados em determinados períodos da história.
- Ressaltar a importância dos meios de comunicação de massa e suas influências nos mais variados campos da sociedade.
- Analisar e buscar compreender as transformações ocasionadas pelo desenvolvimento das novas tecnologias e, em especial, a Internet no cotidiano da sociedade.

Conteúdo:

AULA 06: A FORMAÇÃO DOS ESTADOS NACIONAIS

Introdução	122
Estado Absolutista: feudal ou capitalista?.....	123
Estado Liberal	124
O papel do Estado no mundo globalizado	125
Exercícios	126

AULA 07: REGIMES POLÍTICOS E FORMAS DE GOVERNO

Introdução	129
Teocracia.....	130
As Monarquias Absolutistas.....	131
Monarquia parlamentarista	133
A Democracia.....	133
Regimes ditatoriais	134
Regimes totalitários	134
Exercícios	135

AULAS 08 E 09: OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Introdução	140
A indústria cultural e a sociedade de massas.....	140
Exercícios	144

AULA 10: O MUNDO VIRTUAL

Introdução	151
A Internet e a Era da Informação	151
Problemas e desafios	152
Exercícios	153

Introdução

Qual o papel do Estado na sociedade? Até onde deve ir a ação de um governo na vida do cidadão? Qual o limite entre a esfera pública e os interesses privados? Filósofos, cientistas políticos, pensadores e a sociedade de maneira geral vêm debatendo essas questões.

Nesta aula, vamos demonstrar a evolução dos Estados Nacionais a partir da Baixa Idade Média, observando sua estruturação política e as práticas econômicas que adotaram a partir de então. Esperamos oferecer-lhes uma boa compreensão dos assuntos abordados, oferecendo subsídios para uma visão ampla do que iremos discutir.

Durante grande parte da Idade Média, no feudalismo, os poderes políticos locais eram exercidos predominantemente pela nobreza feudal e o clero, que controlavam a administração, a justiça, a força militar e as atividades econômicas. Esse período foi caracterizado pela existência de vínculos pessoais de obediência e proteção entre as pessoas que formavam a sociedade. Entre os nobres, existiam os laços de fidelidade, proteção e serviço entre o suserano e seus vassallos, quando ocorria a concessão de feudos. Enquanto o suserano concedia o feudo a outro nobre, este, denominado de vassallo, lhe jurava fidelidade e prestação de serviços militares.



Imagem representando cerimônia da homenagem e investidura envolvendo um senhor e seu vassallo.

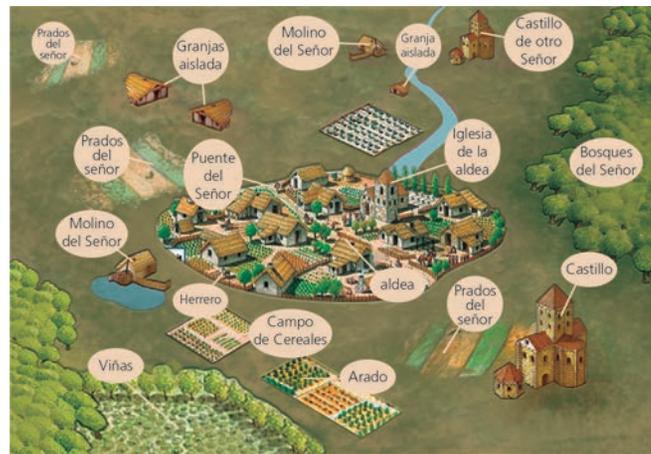
“Eis dois homens frente a frente: um que quer servir; o outro que aceita, ou deseja ser chefe. O primeiro une as mãos e, assim juntas, coloca-as nas mãos do segundo: claro símbolo de submissão, cujo sentido, por vezes, era acentuado pela genuflexão. Ao mesmo tempo, a personagem que oferece as mãos pronuncia algumas palavras, muito breves, pelas quais se reconhece ‘o homem’ de quem está na sua frente. Depois, chefe e subordinado beijam-se na boca: símbolo de acordo e de amizade. Eram estes [...] os gestos que serviam para estabelecer um dos vínculos mais fortes que a época feudal conheceu.”

BLOCH, M. *A sociedade feudal*. Lisboa: Edições 70, 1987. p.59.

Essas relações contribuíram decisivamente para o enfraquecimento do poder real na Europa medieval. Para o historiador francês Georges Duby (1919-1996), o feudalismo seria:

“o fracionamento da autoridade política em múltiplas células autônomas. Em cada uma destas, um senhor detém o título privado e o poder de comandar e punir; explora tal força como parte de seu patrimônio hereditário.”

ROUCHE, M. *Alta Idade Média Ocidental*. In: ARIÉS, P. DUBY, G. (Orgs). *História da vida privada: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 414.



Senhorio. Ilustração como se compunha um feudo.

Na Baixa Idade Média, mais especificamente com a crise do século XIV, caracterizada pelas péssimas colheitas, disseminação da peste negra e a Guerra dos Cem Anos, percebe-se a desestruturação do sistema feudal na Europa Ocidental. Lentamente, observa-se uma série de transformações que foram minando lentamente as bases do feudalismo, levando a sua decadência e desintegração.

O desaparecimento gradual das relações servis de produção, as revoltas no campo e nos centros urbanos entre as camadas sociais exploradas, o enfraquecimento do poder dos nobres, o desenvolvimento do comércio e o fortalecimento da burguesia, estão entre os fatores que atuaram diretamente para a crise do mundo feudal. Diante desse cenário de crise, decadência e transformações, exigia-se uma nova adequação às relações de poder.

A centralização do poder político e a formação das monarquias nacionais surgiram como resposta imediata para atender aos anseios da tradicional nobreza e da nascente burguesia. Nesse contexto, os Estados, a partir do processo de centralização do poder político na pessoa do rei, começaram a impor sua autoridade aos poderes locais, até então marcados pela estrutura feudal. Nesse processo os reis souberam tirar proveito dos conflitos de interesses entre nobres e burgueses. Daí o monarca surge como um árbitro desses conflitos, tomando decisões em favor dos dois lados.

Para a burguesia emergente que almejava ampliar seus negócios, que esbarrava no controle dos senhores feudais sobre estradas, pontes e cidades, além das taxas, impostos e limitações de circulação de mercadorias, os reis adotaram uma série de medidas na intenção de dinamizar as atividades mercantis, como eliminação de taxas, padronização de pesos e medidas, unificação da moeda e da justiça. Em relação à nobreza, que teve sua influência reduzida, o rei concedeu-lhes cargos na administração pública, os principais espaços da burocracia estatal, além de outros privilégios.

Para manter a ordem e garantir o controle político, os Estados nacionais desenvolveram uma rede de poderes e recursos como: território definido; uma burocracia administrativa; uma força militar permanente para garantir a ordem pública, estabilidade política e a defesa das fronteiras; leis, justiça e moedas nacionais; sistema tributário, estabelecendo a obrigatoriedade do pagamento de impostos regulares, no intuito de manter as estruturas estatais.

O processo de centralização possibilitou ao monarca autoridade política dentro das fronteiras de seu país, materializando o regime absolutista, marcado ainda pela forte intervenção estatal nas atividades econômicas nacionais, através das práticas mercantilistas.

“Por Estado entende-se também uma organização central, englobando e gerindo uma nação. Até há pouco, o rei só tinha autoridade absoluta sobre o seu próprio domínio e os grandes suseranos detinham, sobre os seus feudos, uma fração do poder, permanecendo a sua fidelidade ao rei de ordem pessoal. No século XVI, a autoridade do rei exercia-se por toda parte através dos funcionários que nomeava: a justiça era exercida pelos seus baillios e os seus parlamentares. Os sinais mais patentes do Estado, na sua modernidade do século XVI, eram o imposto, o exército permanente, a criação de um corpo de funcionários ou oficiais, designados pelo rei e diretamente dependente deste, o nascimento de um governo central mais fundamentado e mais adaptado às suas tarefas.”

MORINEAU, Michel. O Século XVI – 1492-1610. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1980. p. 314.

A fundamentação ideológica para o poder absolutista ficou a cargo de vários autores, como Nicolau Maquiavel, Thomas Hobbes e Jacques Bossuet.

O autor florentino Maquiavel (1469-1527), escreveu obras como *A Arte da Guerra* e *Discurso sobre a Primeira Década* de Tito Lívio. Todavia, sua mais importante obra foi *O Príncipe*, considerado por muitos o grande manual para os políticos modernos, sendo também um fundamento para o poder absolutista. Em sua obra, expõe uma visão crítica à ética cristã medieval, para a qual as atitudes dos governantes estavam subordinadas a Deus e às ações humanas destinavam-se à salvação da alma e à glória de Deus. Assim, as ações do Estado deviam priorizar a manutenção da ordem interna e o bem do Estado, sendo válidas quaisquer ações por parte do monarca para preservar sua autoridade e manter a ordem interna.

Thomas Hobbes (1588-1679), foi um filósofo inglês, que escreveu a obra *O Leviatã*. Na qual expõe um ponto de vista sobre a natureza humana, que considera que o homem em seu estado natural é mau, egoísta e mesquinho. Estas características levaram a conflitos que poderiam colocar em risco a espécie humana.

“A única maneira de instituir um tal poder comum é conferir toda sua força e poder a um homem ou a uma assembleia de homens. É como se cada homem dissesse a cada homem: Cedo e transfiro meu direito de governar-me a mim mesmo a este homem, ou a esta assembleia de homens, com a condição de transferires a ele teu direito, autorizando de maneira semelhante todas as suas ações. Feito isso, à multidão assim unida numa só pessoa se chama Estado”.

HOBBS, T. *Leviatã*. Trad. de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p.109. Coleção *Os Pensadores*. Adaptado.

Assim, para garantir sua sobrevivência, os homens se organizaram sob a tutela do Estado, através de um contrato social, abrindo mão de seu estado de natureza e aceitando submeter-se à autoridade do Estado, que deveria ser muito forte – absolutista – para preservar a ordem e garantir a paz interna.



Ilustração da capa da obra *Leviatã*, 1651.

O bispo e teólogo francês Jacques Bossuet (1627-1704), escreveu a obra *A Política Segundo a Sagrada Escritura*, na qual defendeu a concepção de um poder real de origem divina, segundo a qual Deus delegava poderes ao rei e concedia-lhe autoridade ilimitada e incontestável, característica marcante no absolutismo francês.

“Todo poder, toda autoridade estão nas mãos do rei e não pode haver outra no reino que aquela por ele estabelecida [...]. A vontade de Deus é que todo aquele que nasceu súdito obedeça cegamente. [...] É somente à cabeça que compete deliberar e resolver, e todas as funções dos outros membros consistem apenas na execução das ordens que lhes são dadas.”

Luis XIV. Memórias. In: ISAAC, Jules; ALBA, André. *Tempos Modernos*. São Paulo: Mestre Jou, 1968. p. 165.

Estado Absolutista: feudal ou capitalista?

Historiadores contemporâneos apresentaram visões divergentes em relação à base social de sustentação do Estado Absolutista.

Para o historiador inglês Perry Anderson (1938), a nova forma de organização política europeia teria apenas reordenado as relações sociais de poder, mantendo o domínio da nobreza feudal sobre os camponeses. A novidade seria a participação da burguesia, fornecendo apoio econômico ao rei em troca dos incentivos para as atividades econômicas, materializado com as práticas mercantilistas.

“O paradoxo aparente do absolutismo na Europa ocidental era que ele representava fundamentalmente um aparelho de proteção da propriedade dos privilégios aristocráticos, embora, ao mesmo tempo, os meios pelos quais tal proteção era concedida pudessem assegurar simultaneamente os interesses básicos das classes mercantis e manufatureiras nascentes. Essencialmente, o absolutismo era apenas isto: um aparelho de dominação feudal recolocado e reforçado, destinado a sujeitar as massas camponesas à sua posição tradicional. Nunca foi um árbitro entre a aristocracia e a burguesia, e menos ainda um instrumento da burguesia nascente contra a aristocracia: ele era a nova carapaça política de uma nobreza atemorizada.”

Perry Anderson, *Linhagens do Estado absolutista*. p. 18 e 39. Adaptado.

Percebe-se que para o autor, o Estado absolutista seria um instrumento de dominação feudal. A nobreza e o clero mantiveram-se como classes dominantes, servindo-se do Estado para um maior controle sobre as massas camponesas. Além disso, vale salientar que a burocracia estatal, os cargos públicos, eram ocupados e controlados pela nobreza. Para sobreviver economicamente, o rei atendeu aos interesses de expansão do mercado da burguesia mercantil e manufatureira, mas a afastou do poder político.

Uma outra corrente de historiadores defende o posicionamento do Estado Absolutista como sendo um Estado capitalista, tendo na burguesia em ascensão, a base de seu apoio social.

“ De fato, essas funções do Estado – expropriação dos pequenos proprietários, fiscalização, fornecimento de fundos para o início da industrialização, ataque ao poder senhorial, rupturas das barreiras comerciais no interior do território nacional, etc. – só podem ser preenchidas por um Estado com caráter capitalista, por um poder público centralizado com caráter propriamente político. São precisamente as suas instituições “nacionais-populares” que, numa larga medida, permite-lhe funcionar contra o interesse da nobreza, em um momento que ainda não se pode apoiar claramente a burguesia.”

POULANTZAS, Nicos. *O Estado absolutista, Estado de transição*. In: Poder político e classes sociais do Estado capitalista. Porto, Portugalense, 1971. p. 198-200. Adaptado.

Nessa perspectiva, a centralização política do Estado absolutista foi fundamental para a acumulação primitiva do capital no processo de transição do feudalismo para o capitalismo.

Na análise do historiador francês Fernand Braudel (1902-1985), as relações entre o Estado moderno e os aspectos econômicos seriam mais um indicio de que o Estado absolutista procura se apoiar na burguesia:

“No século XVI, os Estados afirmam-se cada vez mais como grandes coletores e redistribuidores de rendimentos; apoderam-se por meio do imposto, da venda de cargos, das rendas, dos confiscos e de uma enorme parte dos produtos nacionais. [...] O desenvolvimento dos Estados está assim diretamente ligado à vida econômica, não é um acidente ou uma força intempestiva tal como pensou demasiadamente Joseph A. Schumpeter. Querendo-o ou não, são os maiores empreendedores do século. É deles que dependem as guerras modernas, com efetivos e com despesas cada vez maiores; tal como as maiores empresas econômicas: a Carrera de Índias a partir de Sevilha, a ligação de Lisboa com as Índias Orientais, a carga da Casa da Índia, ou seja, do rei de Portugal.”

BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo mediterrâneo na época de Felipe II*. Lisboa, Martins Fontes, 1983. v. I, p. 495-97.

O Estado absolutista assumiu postura dúbia ao conceder privilégios políticos e jurídicos às classes aristocráticas tradicionais – nobreza e clero, ao mesmo tempo em que concedeu privilégios econômicos à burguesia, que se estruturava nos momentos iniciais do capitalismo, através das práticas mercantilistas. A verdade é que o Estado absolutista se beneficiava do conflito entre burguesia e aristocracia, fortalecendo-se ainda mais e colocando-se acima de todos os grupos sociais.

Estado Liberal

O século XVIII foi marcado por pleno desenvolvimento capitalista, que pode ser exemplificado com a Revolução Industrial iniciada na Inglaterra; além, é claro, da ampliação de relações comerciais entre países, metrópoles e colônias que já vinham se desenvolvendo desde a expansão marítima europeia.

A consolidação do capitalismo fez da burguesia uma classe desenvolvida, economicamente estável, madura e consciente da necessidade de grandes mudanças econômicas, sociais e políticas que permitissem maior desenvolvimento de suas atividades, bem como sua ascensão em termos políticos.

Neste contexto, surgiram as ideias iluministas, que representavam os interesses burgueses em superar os entraves do Antigo Regime. Foram contestados: o poder absolutista e seu caráter ilimitado e incontestável; os privilégios políticos, jurídicos e fiscais da nobreza e do clero; a intolerância e o dogmatismo religioso.

Os iluministas defendiam as liberdades individuais, políticas e econômicas, o fim dos privilégios e a igualdade jurídica, a tolerância religiosa e filosófica, e a razão como fonte única e infalível de conhecimento. Para esses pensadores, o Estado seria o resultado de um contrato firmado entre os homens e entre estes e seu governante, e sua função seria a de garantir os interesses dos governados.

Ainda no século XVII e posteriormente considerado um dos precursores do movimento iluminista, John Locke (1632-1704), argumentava que:

“O ponto de partida e a verdadeira constituição de qualquer sociedade política não é nada mais que o consentimento de um número qualquer de homens livres, cuja maioria é capaz de se unir e se incorporar em uma tal sociedade. Esta é a única origem possível de todos os governos legais do mundo”.

LOCKE, J. *Segundo tratado do governo civil: ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil*. Trad. de Magda Lopes e Marisa Lobo da Costa. Petrópolis: Vozes, 1994. p.141. Coleção *Os Pensadores*. Adaptado.

De acordo com Locke, os homens teriam vivido livres, iguais e isolados no estado de natureza, sem uma lei geral, eram os juizes de sua própria causa, e que com o passar do tempo, teria levado ao surgimento de desavenças com o seu semelhante. Tal situação teria levado à decisão em grupo para formar um Estado, que teria como função garantir a segurança dos indivíduos e de seus direitos naturais e inalienáveis como a vida, a liberdade e a propriedade.

Atente para o fato de que embora Locke mencione a existência de um estado de natureza, como salientado também em Hobbes, para ele, os problemas surgidos entre os homens não seriam um estado de permanente guerra. Outro aspecto que devemos comparar, diz respeito, ao contrato firmado entre sociedade e Estado: enquanto no pensamento de Hobbes, os indivíduos abrem mão da liberdade, transferindo seus direitos para o governante, criando um Estado forte, o Leviatã; em Locke, o contrato levaria à criação de um Estado Liberal com o objetivo de preservar e consolidar os direitos que os homens já detinham no estado de natureza.

Para Montesquieu (1689 – 1755), filósofo que viveu no contexto iluminista, a concentração dos poderes no absolutismo, impossibilitava o exercício da liberdade e da igualdade entre os indivíduos. Segundo ele, para evitar o despotismo, o poder deveria estar dividido em três partes independentes e harmônicas.

“Quando os poderes legislativo e executivo ficam reunidos numa mesma pessoa ou instituição do Estado, a liberdade desaparece [...]. Não haverá também liberdade se o poder judiciário não estiver separado do legislativo e do executivo. Se o judiciário se unisse ao executivo, o juiz poderia ter a força de um opressor.

E tudo estaria perdido se uma mesma pessoa – ou uma mesma instituição do Estado – exercesse os três poderes: o de fazer as leis, o de ordenar a sua execução e o de julgar os conflitos entre os cidadãos. ”

MONTESQUIEU. *O espírito das leis*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 168.

A concepção da divisão dos poderes em Legislativo, Executivo e Judiciário está presente na realidade da maioria dos países atuais.



Praça dos Três Poderes e a esplanada dos ministérios em Brasília.

Rousseau (1712-1778), outro destacado pensador iluminista, para que haja consistência no Estado, faz-se necessária a superação das desigualdades sociais, que podem levar a distorções como o predomínio da vontade dos mais ricos sobre o restante da sociedade. [...]

Quereis, portanto, dar consistência ao Estado? Aproximais os graus extremos, tanto quanto possível; não suporteis nem opulentos nem indigentes. Essas duas condições, naturalmente inseparáveis, são igualmente funestas ao bem comum. [...] Que nem um cidadão seja assaz opulento para poder comprar outro e que nenhum seja bastante pobre para se achar constrangido a vender-se. [...]"

ROUSSEAU, Jean-Jacques. In: Chevalier, Jean-Jacques. *As grandes obras políticas: de Maquiavel aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Agir, 1980. p. 166.

Para Rousseau, se o Estado representa apenas os interesses de um determinado grupo de privilegiados, por conta de sua fortuna, ele agirá em detrimento dos interesses da maioria.

No campo econômico, os pensadores liberais passaram a criticar as práticas mercantilistas caracterizadas pelas constantes intervenções do Estado. Para Adam Smith (1723-1790):

"Todo homem, desde que não viole a justiça deve ser livre para que seus produtos possam competir com quaisquer outros. Nesse sistema de liberdade econômica, o Estado só tem três obrigações: proteger a sociedade contra a violência ou invasão de outros países; proteger a sociedade da injustiça e da opressão internas; manter e construir obras que sejam do interesse geral, mas que não interessem aos particulares. "

SMITH, Adam. *A riqueza das nações*. In: LÓZON, Ignacio et alii. História. Madri: Esla, 1992. p. 182.

Os princípios de liberdade individual e autonomia, com o objetivo de limitar a intervenção do Estado na vida das pessoas, estiveram na base do liberalismo econômico. As obrigações do Estado, apontadas por Adam Smith no texto, não se apresentam como obstáculos para a liberdade econômica, pelo contrário, elas possibilitam ainda mais o desenvolvimento econômico.

As ideias iluministas inspiraram e fundamentaram importantes movimentos revolucionários que romperam com as estruturas do Antigo Regime, como a Independência dos EUA (1776), primeiro exemplo de rompimento dos laços coloniais europeus na América; e a Revolução Francesa (1789-1799), marco do fim do Absolutismo na França e que exerceu grande influência na história ocidental.

Na segunda metade do século XIX, em meio às transformações tecnológicas e avanços científicos proporcionados pela segunda Revolução Industrial, surgiram novas interpretações sobre o papel do Estado na sociedade. Nesse contexto, vamos mencionar dois destacados pensadores das ciências sociais: Karl Marx e Max Weber.

De acordo com Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), o Estado não é um mediador das classes sociais. Na perspectiva do materialismo histórico, o Estado é fruto das relações de produção. Em um contexto capitalista, ele serve aos interesses da burguesia, servindo para a manutenção da dominação, buscando amortecer o choque de interesses conflitantes, evitando os conflitos entre as classes antagônicas, ou seja, a luta de classes.

[...] Como o Estado nasceu da necessidade de conter os antagonismos de classes, e como, ao mesmo tempo, nasceu em meio aos conflitos delas, é, por regra geral, o Estado da classe mais poderosa, da classe dominante, classe que, por intermédio dele, se converte em classe politicamente dominante e adquire novos meios para a repressão e exploração da classe oprimida.

Assim, o Estado antigo foi, sobretudo, o Estado dos senhores de escravos para manter os escravos subjugados; o Estado feudal foi o órgão que se valeu a nobreza para manter a sujeição dos servos e camponeses dependentes; e o moderno Estado representativo é o instrumento de que se serve o capital para explorar o trabalho assalariado.

ENGELS, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. p. 193-194.

Na perspectiva marxista, para que o proletariado consiga se emancipar, deve, através de uma revolução proletária socialista, se tornar a classe dominante e se apropriar do Estado, centralizando os instrumentos de produção e estimular o desaparecimento das diferenças de classe. Assim, com o fim da apropriação privada da produção social, o Estado se tornaria desnecessário, alcançando o comunismo.

De acordo com o alemão Max Weber (1864-1920), o Estado é a instituição política que, dirigida por um governo soberano, possui o monopólio do uso da força física em um determinado território, subordinando a população que nela reside. Conforme Weber, o tipo de dominação preponderante no Estado moderno é a dominação do tipo racional-legal, baseada no contrato racional e na existência de uma burocracia profissional, ou seja, um aparato administrativo.

"O Estado moderno é uma associação de dominação institucional que, dentro de determinado território, pretendeu com êxito dominar os meios de coação física legítima como meio de dominação e reuniu para este fim, nas mãos de seus dirigentes, os meios materiais de organização, depois de desapropriar todos os funcionários estamentais autônomos que antes dispunham, por direito próprio, destes meios e de colocar-se, ele próprio, em seu lugar, representado por seus dirigentes supremos".

WEBER, M. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. v.2. Brasília: Editora da UnB, 1999. p.529. Adaptado.

Nessa perspectiva, o Estado é a única instituição que tem a violência reconhecida de forma legítima pelos seus cidadãos. Sendo assim, somente o Estado pode impor sanções, que são reconhecidas legalmente pela população de um determinado território.

Podemos citar como exemplo dessa violência legal e monopolizada exercida pelo Estado, as forças armadas, responsáveis pela defesa do território nacional. Outro exemplo é a polícia, que tem como tarefa garantir a segurança interna.

O papel do Estado no mundo globalizado

Atualmente, são intensos os debates e discussões em torno do papel do Estado na economia e na sociedade. Para o pensamento neoliberal, que passou a ter forte influência no meio econômico no final do século XX, o Estado deve intervir o menos possível nessas esferas socioeconômicas, devendo limitar-se ao papel de fiscalizador e atuar apenas como mantenedor da ordem pública.

Para outros, opositores do neoliberalismo, o Estado deveria ao menos garantir os serviços básicos e essenciais, como alimentação, saúde, moradia e transporte, além da segurança pública. Para os que defendem uma maior atuação do Estado, nas sociedades com profundas desigualdades sociais, o mercado não seria suficiente para superar os problemas gerados pelas desigualdades, cabendo aos governos desenvolver políticas públicas no combate às disparidades sociais.

Por outro lado, os neoliberais apontam os problemas que podem ser gerados por conta dessa maior atuação estatal, argumentando os riscos como o aumento dos gastos públicos, o endividamento do Estado e a necessidade constante da arrecadação através dos impostos, limitando o consumo e onerando o setor produtivo. Para o pensamento neoliberal, essa política representa uma ameaça: de tão poderoso, o Estado pode tornar-se autoritário.

O discurso da ideologia neoliberal propaga o livre mercado e conseqüentemente a não intervenção do Estado na economia, principalmente em momentos de estabilidade e certo crescimento econômico. No entanto, em momentos de crise que abalam o sistema financeiro, é recorrente a atuação do Estado para atenuar e evitar distorções do mercado. Recentemente, a partir da crise de 2008, a participação do Estado foi fundamental em vários países no sentido de buscar mecanismos para a recuperação econômica.



Exercícios de Fixação

01. (Ufrgs/2019) Assinale a alternativa correta sobre a chamada Guerra dos Cem Anos (1337-1453), entre Inglaterra e França.
- A) O conflito marcou a gradual transformação dos exércitos feudais em forças militares profissionalizadas e iniciou o lento processo de decadência da aristocracia feudal nos respectivos países.
 - B) A guerra foi vencida pela Inglaterra e teve como consequência a eclosão de rebeliões na França que culminaram com a deposição da dinastia dos Valois do trono francês.
 - C) O confronto consolidou a transformação da Inglaterra na principal potência econômica do período moderno, por meio do processo de pacificação interna que se seguiu à guerra.
 - D) A consequência da guerra para os dois países foi a consolidação de estruturas sociais feudais, tornadas mais fortes com o enfraquecimento das monarquias centrais.
 - E) A origem do conflito foi a invasão da Inglaterra pela França e a subsequente instalação de uma dinastia pró-França no trono inglês, derrubada ao longo da guerra.

02. (UFJF-Pism 1/2017) Leia o texto a seguir e observe com atenção a imagem da pintura a óleo de um rei francês em um campo de batalha. Os dois estão relacionados ao período dos Estados Absolutistas Modernos:

“Como é importante que o público seja governado por um só, também importa que quem cumpre essa função esteja de tal forma elevado acima dos outros que ninguém se possa confundir ou se comparar com ele; não se pode retirar do seu chefe a mínima marca da superioridade que o distingue...”.

RIBEIRO, R. J. *A ética no Antigo Regime*. São Paulo: Moderna, 1999. p. 54.



“Luís XIV diante de Maastricht” – Pierre Mignard (1673).

Disponível em: <<http://warburg.chaa.unicamp.com.br>>. Acesso em: 26 set. 2016.

- Sobre os Estados Absolutistas, assinale a alternativa correta.
- A) A formação de exércitos permanentes, profissionais e centralizados era o objetivo militar de Estados Absolutistas que pretendiam defender suas fronteiras estabelecidas.
 - B) Os exemplos mais característicos de Estados Absolutistas, nos quais o poder do monarca era concentrado efetivamente na Europa, eram a Itália e a Alemanha.
 - C) A política econômica dos Estados Absolutistas combatia as propostas que defendiam a unificação de impostos, moedas, pesos e medidas em todo seu território.
 - D) Diferentes representações artísticas traziam a imagem idealizada de monarcas dos Estados Absolutistas, caracterizando-os como indivíduos semelhantes aos seus súditos.
 - E) A justificativa do poder exercido pela nobreza nos Estados Absolutistas buscava se afastar do princípio da origem divina que lhe conferiria um caráter ilimitado.

03. (Enem-PPL/2017) O dicionário da Real Academia Espanhola não usa a terminologia de Estado, nação e língua no sentido moderno. Antes de sua edição de 1884, a palavra *nación* significava simplesmente “o agregado de habitantes de uma província, de um país ou de um reino” e também “um estrangeiro”. Mas agora era dada como “um Estado ou corpo político que reconhece um centro supremo de governo comum”.

HOBSBAWM, E. J. *Nações e nacionalismo (desde 1870)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. Adaptado.

- A ideia de nação como lugar de pertencimento, ao qual os indivíduos têm ligação por nascimento, constitui-se na Europa do final do século XIX. Sua difusão resultou
- A) na rápida ascensão de governos com maior participação popular, dado que a unidade nacional anulava as diferenças sociais.
 - B) na construção de uma cultura que incorporava todas as parcialidades equilibradamente dentro de uma identidade comum.
 - C) na imposição de uma única língua, cultura e tradição às diferentes comunidades agregadas ao Estado nacional.
 - D) na anulação pacífica das diferenças étnicas existentes entre as comunidades que passaram a compor a nacionalidade.
 - E) em um intenso processo cultural marcado pelo protagonismo das populações autóctones.

04. (Uece/2019) Três pensadores modernos marcaram a reflexão sobre a questão política: Hobbes, Locke e Rousseau. Um ponto comum perpassa o pensamento desses três filósofos a respeito da política: a origem do Estado está no contrato social. Partem do princípio de que o Estado foi constituído a partir de um contrato firmado, entendendo o contrato como um acordo. Portanto, o Estado deve ser gerado a partir do consenso entre as pessoas em torno de alguns elementos essenciais para garantir a existência social. Todavia, há nuances entre eles.

Considerando o enunciado anterior, atente para o que se diz a seguir e assinale com **(V)** o que for verdadeiro e com **(F)** o que for falso.

- () Em comum, esses pensadores buscavam justificar reformas do Estado para limitar o poder despótico dos monarcas absolutos.
- () Para Hobbes, o contrato social é a renúncia dos direitos individuais ao soberano em nome da paz civil.
- () Para Locke, o contrato social é a renúncia parcial dos direitos naturais em favor da liberdade e da propriedade.
- () Para Rousseau, contrato social é a transferência dos direitos individuais para a vontade geral em favor da liberdade e da igualdade civis.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

- A) F – V – F – V
- B) V – F – V – F
- C) V – F – F – F
- D) F – V – V – V

05. (Unesp/2017)

Texto I

Nunca houve no mundo tanta gente vivendo com suas necessidades básicas atendidas, nunca uma porcentagem tão alta da população mundial viveu fora da miséria – uma vitória espetacular, num planeta com 7 bilhões de habitantes. Nunca houve menos fome. Nunca tantos tiveram tanta educação nem tanto acesso à saúde.

José Roberto Guzzo. *Um mundo de angústias*.
Veja, 25.01.2017.

Texto II

Mais sóbrio – e talvez mais pessimista – é olhar para quanto cada grupo se apropriou do crescimento total: os 10% mais ricos da população global se apropriaram de 60% de todo o crescimento do mundo entre 1988 e 2008. Uma grande massa de população melhorou de vida, é verdade, mas o que esse dado demonstra é que poderia ter melhorado muito mais se o resultado do crescimento não terminasse tão concentrado nas mãos dos ricos. O que está em jogo é mais do que dinheiro. Em um mundo globalizado, os estados nacionais perdem força. Um grupo pequeno de pessoas com muita riqueza tem grande poder de colocar as cartas a seu favor. Em casos extremos, a desigualdade é uma ameaça à democracia.

Marcelo Medeiros. *O mundo é o lugar mais desigual do mundo*.
Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br>>.
Acesso em: jun. 2016. Adaptado.

- O confronto entre os dois textos permite concluir corretamente que
- A) ambos manifestam um ponto de vista liberal em termos ideológicos, pois repercutem as vantagens da valorização do livre mercado e da meritocracia.
 - B) o Texto I pressupõe concordância com o liberalismo econômico, enquanto o Texto II integra problemas econômicos com tendências de retrocesso político.

- C) o Texto I critica o progresso entendido como aperfeiçoamento contínuo da humanidade, enquanto o Texto II valoriza a globalização econômica.
- D) ambos apresentam um enfoque crítico e negativo sobre os efeitos do neoliberalismo econômico e suas fortes tendências de diminuição dos gastos públicos.
- E) ambos manifestam um ponto de vista socialista em termos ideológicos, pois enfatizam a necessidade de diminuição da concentração de renda mundial.



Exercícios Propostos

01. (PUCSP/2017) “[...] a instituição social da monarquia chega a seu maior poder na fase histórica em que uma nobreza em decadência já está obrigada a competir de muitas maneiras com grupos burgueses em ascensão, sem que qualquer um dos lados possa derrotar inapelavelmente o outro. A aceleração da monetarização e da comercialização no século XVI deu aos grupos burgueses um estímulo ainda maior e empurrou fortemente para trás o grosso da classe guerreira, a velha nobreza. Ao fim das lutas sociais nas quais essa violenta transformação da sociedade encontrou expressão, crescera consideravelmente a interdependência entre partes da nobreza e da burguesia.”

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, vol. II, p. 152.

O texto considera que o regime monárquico na Europa Moderna

- A) resulta da competição e da crescente interdependência entre a nobreza e a burguesia. Assim, a Monarquia se equilibrava em uma situação na qual nenhum dos grupos em luta poderia ainda tornar-se vencedor.
 - B) atinge sua força máxima com a ascensão e a vitória dos grupos burgueses. Dessa forma, a Monarquia pôde deixar de mediar as lutas entre a nobreza e os camponeses, e passou a apoiar-se na burguesia.
 - C) expressa a capacidade da nobreza vitoriosa para financiar a estrutura política, e a da burguesia em fazê-la funcionar. De fato, a força do regime foi maior onde as transformações econômicas foram mais aceleradas.
 - D) representa exclusivamente os interesses do próprio monarca. Na verdade, o poder real pode afirmar-se no contexto da vitória da burguesia sobre a velha nobreza guerreira, que tinha mantido o rei como seu representante.
02. (Famerp/2018) No livro *Investigação sobre a natureza e a causa da riqueza das nações*, publicado em 1776, Adam Smith argumentou que um agente econômico, procurando o lucro, movido pelo seu próprio interesse, acaba favorecendo a sociedade como um todo. Esse ponto de vista é um dos fundamentos do
- A) liberalismo, que dispensou a regulamentação da economia pelo Estado.
 - B) utilitarismo, que defendeu a produção especializada de objetos de consumo.
 - C) corporativismo, que propôs a organização da sociedade em grupos econômicos.
 - D) socialismo, que expôs a contradição entre produção e apropriação de riqueza.
 - E) mercantilismo, que elaborou princípios de protecionismo econômico.

03. (Uema/2016) Hoje, tudo que chamam de “reformas” constitui de fato um conjunto de recuos sucessivos em matéria de direitos sociais, de proteção aos assalariados, com privilégios para os poderosos e prerrogativas ampliadas para o grande patronato. Isso provoca no povo uma rejeição de qualquer ideia de “reforma”, pois ele pressente que em nome dessa palavra mágica vão lhe pedir novos sacrifícios.

DION, Jack. *A esquerda esqueceu do povo* (entrevista). In: Carta Capital. Ano XXI. Nº 850.

O texto retrata a visão de uma corrente político-ideológico, que tende a exercer o controle sobre a sociedade, denominada de

- A) Comunismo. B) Democracia.
C) Neoliberalismo. D) Aristocracia.
E) Socialismo.
04. (PUC-PR/2017) Com a formação dos Estados nacionais europeus, surgiu em vários países um sistema de governo centralizado denominado de “monarquia absoluta”. Sobre o caráter desse sistema de governo, diz o historiador Perry Anderson:

“[...] De fato a monarquia absoluta no ocidente foi, portanto, sempre duplamente limitada: pela persistência de corpos políticos tradicionais colocados abaixo dela e pela presença de uma lei moral situada anteriormente. Por outras palavras, a dominação do Absolutismo exerceu-se, no fim das contas, necessariamente nos limites da classe cujos interesses ele preservava.”

ANDERSON, Perry. *Classes e Estados – problemas de periodização*. In: HESPANHA, António Manuel. *Poder e instituições na Europa do Antigo Regime*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984. p. 133.

Considerando o texto, assinale a alternativa correta.

- A) Na monarquia absolutista, o poder político era igualmente dividido entre o monarca, a aristocracia e o clero, sendo que os plebeus ficavam completamente excluídos.
B) A formação das monarquias absolutistas corresponde ao crescimento de poder da classe burguesa, pois com os impostos vindos do crescimento do comércio e da navegação, o rei tornou-se dependente dessa classe.
C) Na monarquia absolutista, o poder real era exercido com certos limites, oferecidos pela aristocracia, classe que participava do poder político, e pela Igreja, que oferecia as bases morais para o sistema.
D) No momento da formação dos Estados nacionais europeus, o poder da Igreja cresceu, fazendo com que os reis precisassem se submeter ao poder papal.
E) No sistema de governo da monarquia absolutista, apesar da centralização política, o rei tinha sempre os seus poderes limitados por uma constituição, à qual deveria obedecer.
05. (UEL/2015) O desenvolvimento da civilização e de seus modos de produção fez aumentar o poder bélico entre os homens, generalizando no planeta a atitude de permanente violência. No mundo contemporâneo, a formação dos Estados nacionais fez dos exércitos instituições de defesa de fronteiras e fator estratégico de permanente disputa entre nações. Nos armamentos militares se concentra o grande potencial de destruição da humanidade. Cada Estado, em nome da autodefesa e dos interesses do cidadão comum, desenvolve mecanismos de controle cada vez mais potentes e ostensivos. O uso da força pelo Estado transforma-se em recurso cotidianamente utilizado no combate à violência e à criminalidade.

COSTA, C. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 1997. p.283-285. Adaptado.

Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, a concepção sociológica weberiana sobre o uso da força pelo Estado contemporâneo.

- A) A força militar contemporânea, por seu poder de persuasão e atributos personalísticos, é um agente exemplar do tipo de dominação carismática.
B) Na sociedade contemporânea, o poder compartilhado entre cidadãos e Estado, para o uso da força, define a dominação legítima do tipo racional-legal.
C) O Estado contemporâneo caracteriza-se pela fragmentação do poder de força, conforme o tipo ideal de dominação carismática, a exemplo do patriarca.
D) O Estado contemporâneo define-se pelo direito de monopólio do uso da força, baseado na dominação legítima do tipo racional-legal.
E) O tipo ideal de dominação tradicional é exercido com base na legitimidade e na legalidade do poder de uso democrático da força pelo Estado contemporâneo.
06. (UEL/2005) No atual contexto de internacionalização das decisões e de incrível mobilidade de grandes massas de capitais que, em geral, circulam com grande autonomia e sem controle por parte dos Estados Nacionais, o espaço de formulações e execução de políticas públicas fica sensivelmente diminuído.

BARBOSA, Alexandre de Freitas. *O mundo globalizado: política, sociedade e economia*. São Paulo: Contexto, 2001. Adaptado.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a economia mundial contemporânea, é correto afirmar:

- A) A internacionalização amplia a margem de operação dos Estados Nacionais na execução de suas políticas públicas.
B) A execução de políticas públicas fica comprometida pelo aumento das barreiras alfandegárias impostas pelos Estados Nacionais.
C) A movimentação do capital financeiro pelos mercados mundiais ocorre de forma independente da ação dos Estados Nacionais.
D) A internacionalização do capital, representada pela supremacia monetária do dólar, tem gerado conflito com as políticas públicas realizadas pelas corporações transnacionais.
E) Os ganhos de capital tornam-se isentos de taxaço e passam a circular livremente pelos bancos internacionais.
07. (Unicentro/2011) Considerando-se as teorias sociológicas a respeito do Estado, assinale (V) verdadeiro e (F) falso nas afirmativas, conforme sejam verdadeiras ou falsas.
- () O Estado é a instituição que garante a coesão social, de forma que se sobrepõe às demais instituições, como a família e a escola.
() O Estado moderno surgiu da desintegração do mundo feudal e das relações políticas dominantes, até então, na Europa.
() O que diferencia, para alguns sociólogos, o Estado das demais instituições é o fato de ele ter o direito legítimo e exclusivo do uso da força.
() O Estado é um fenômeno que existe em todas as comunidades e sociedades conhecidas.
() As diferenças entre Estado e Governo inexistem, pois todo chefe de Estado é, conseqüentemente, chefe do Governo.

A alternativa que contém a seqüência correta, de cima para baixo, é a

- A) V – V – F – F – V B) F – F – V – V – F
C) F – V – F – V – V D) F – V – V – F – F
E) V – F – F – F – V

08. (Udesc/2018) Leia o texto a seguir.

“Todo poder vem de Deus. Os governantes, pois, agem como ministros de Deus e seus representantes na Terra. Consequentemente, o trono real não é o trono de um homem, mas o trono do próprio Deus.

Resulta de tudo isso que a pessoa do rei é sagrada, e que atacá-lo de qualquer maneira é sacrilégio. [...]

O poder real é absoluto. O príncipe não precisa dar contas de seus atos a ninguém.”

Jaques-Bénigne Bossuet, 1627-1704.

Assinale a alternativa que apresenta a forma de governo à qual o trecho se refere.

- A) Democracia representativa.
- B) Monarquia constitucional.
- C) Absolutismo monárquico.
- D) República monarquista.
- E) Monarquia populista religiosa.

09. (Enem/2012) É verdade que nas democracias o povo parece fazer o que quer; mas a liberdade política não consiste nisso. Deve-se ter sempre presente em mente o que é independência e o que é liberdade. A liberdade é o direito de fazer tudo o que as leis permitem; se um cidadão pudesse fazer tudo o que elas proibem, não teria mais liberdade, porque os outros também teriam tal poder.

MONTESQUIEU. *Do Espírito das Leis*. São Paulo: Nova Cultural, 1997. Adaptado.

A característica de democracia ressaltada por Montesquieu diz respeito

- A) ao *status* de cidadania que o indivíduo adquire ao tomar as decisões por si mesmo.
- B) ao condicionamento da liberdade dos cidadãos à conformidade às leis.
- C) à possibilidade de o cidadão participar no poder e, nesse caso, livre da submissão às leis.
- D) ao livre-arbítrio do cidadão em relação àquilo que é proibido, desde que ciente das consequências.
- E) ao direito do cidadão exercer sua vontade de acordo com seus valores pessoais.

10. (Enem – Adaptado) “Se o homem no estado de natureza é tão livre, conforme dissemos, se é senhor absoluto da sua própria pessoa e posses, igual ao maior e a ninguém sujeito, por que abrirá ele mão dessa liberdade, por que abandonará o seu império e sujeitar-se ao domínio e controle de qualquer outro poder?

Ao que é óbvio responder que, embora no estado natureza tenha tal direito, a utilização do mesmo é muito incerta e está constantemente exposto à invasão terceiros porque, sendo todos senhores tanto quanto ele, todo homem igual a ele e, na maior parte, pouco observadores da equidade e da justiça, o proveito da propriedade que possui nesse estado é muito inseguro e muito arriscado. Estas circunstâncias obrigam-no abandonar uma condição que, embora livre, está cheia de temores e perigos constantes; e não é sem razão que procura de boa vontade juntar-se em sociedade com outros estão já unidos, ou pretendem unir-se, para a mútua conservação da vida, da liberdade e dos bens a que chamo de propriedade.”

Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

Do ponto de vista político, podemos considerar o texto como uma tentativa justificar:

- A) a existência do governo como um poder oriundo da natureza.
- B) a origem do governo como uma propriedade do rei.
- C) o absolutismo monárquico como uma imposição da natureza humana.
- D) a origem do governo como uma proteção à vida, aos bens e aos direitos.
- E) o poder dos governantes, colocando a liberdade individual acima da propriedade.



Fique de Olho

Atualmente, a maioria das sociedades se organiza politicamente sob a instituição que denominamos de Estado, com governos próprios que controlam determinados territórios. Parlamentos, constituições e exércitos nacionais são alguns meios legais utilizados que consolidam a autoridade de um Estado diante de sua nação, bem como a sua soberania perante a comunidade internacional.

No entanto, vários povos ainda hoje continuam reivindicando e lutando com o objetivo de formar seu Estado-nação. São populações que apresentam características histórico-culturais em comum, apresentando identidades próprias e que vivem espalhados em diversos territórios. Dentre esses grupos, destacamos os palestinos, os curdos, os chechenos e os tibetanos. Ressaltamos que existem vários outros grupos na mesma situação, os exemplos mencionados são os que acabam recebendo maior destaque na mídia internacional.

Outro aspecto relevante e que vem sendo discutido pelos estudiosos diz respeito ao futuro do Estado-nação diante de um mundo globalizado. Com a formação dos blocos econômicos supranacionais, o poder exercido pelas grandes corporações e as políticas neoliberais trazem para o centro do debate questões como qual o papel do Estado e suas perspectivas no cenário atual, na chamada “aldeia global”.

Aula
07

Regimes Políticos e Formas de
Governo



Introdução

A aproximação da história com outras áreas do conhecimento como a antropologia e sociologia, sob a influência da Escola dos Annales em meados do século XX, possibilitou uma retomada pelos estudos da História Política. Diferentemente da história tradicional que destacava em suas pesquisas os reis e suas conquistas, as dinastias, guerras e tratados, dentro da lógica das camadas dirigentes, a nova História Política passou a valorizar outros aspectos das estruturas políticas, como as mentalidades e o imaginário das sociedades e suas relações com os poderes estabelecidos. Temas até então marginalizados pela historiografia passaram a ser valorizados como os símbolos, os ritos e os seus significados.

Nosso objetivo nesta aula é possibilitar uma compreensão de como algumas sociedades se organizaram politicamente em diferentes períodos da história, desenvolvendo estruturas e relações de poder.

Teocracia

Termo formado por duas palavras gregas *théos* (deus) e *kratera* (governo, poder), utilizado para indicar uma forma de organização política em que o governo é considerado um representante dos deuses ou deus, sendo seu poder um desígnio divino. Nessa forma de governo, a religião é utilizada como um instrumento ideológico para justificar a autoridade política. Foi uma característica comum entre as primeiras sociedades que se organizaram sob a forma de estado na antiguidade oriental.

No Egito Antigo, o Estado era uma monarquia teocrática e despótica, em que o Faraó, o soberano, era considerado um deus e tudo era considerado como sendo sua propriedade, exercendo autoridade religiosa, política, jurídica e militar. A administração, subordinada ao rei-deus, era constituída por uma complexa rede de funcionários (nobres, sacerdotes e escribas) que conduziam todas as áreas, da religião à economia.

- Observe a seguir um hino de louvor a Sesóstris III, faraó da XII dinastia:

O Faraó é o canal que regula a água do rio,
O aposento fresco em que o homem encontra seu repouso,
A fortaleza com muralhas de metal celeste,
O refúgio cujo poder é permanente,
O porto da paz que salva o homem ameaçado por seus inimigos,
O abrigo na época da inundação,
A água fresca quando reina o calor,
O lugar seco e quente durante o inverno,
A montanha que para o vento e detém a tempestade,
A força que detém o inimigo nas fronteiras.

JACQ, Christian. *A sabedoria viva do Antigo Egito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 96.

Na mentalidade dos egípcios antigos, o faraó como um deus vivo, seria o responsável pelo perfeito funcionamento da natureza e proteção das populações do reino.



Máscara funerária de Tutancâmon

Se no Egito antigo, o faraó era considerado um deus vivo, na Mesopotâmia, o rei – o patesi, era o representante dos deuses. No entanto, percebemos a mesma ideologia na relação de submissão entre o governante e seus súditos: a religião legitimava a autoridade nas relações de poder. Tomemos por exemplo o código de Hamurábi, registrado em uma coluna de pedra em caracteres cuneiformes, onde na parte superior da coluna, destaca-se o rei Humarábi recebendo de Shamash, o deus sol, protetor da justiça, as tábuas da lei, estabelecendo parâmetros para os mais variados aspectos da sociedade babilônica.

Entre os hebreus, era comum a crença de que deus escolhia aqueles que deveriam liderar o “seu povo”.

“Então, disse Samuel a todo o povo: Vedes a quem o Senhor escolheu? Pois em todo o povo não há nenhum semelhante a ele. Então, todo o povo rompeu em gritos exclamando: Viva o rei!”

Disponível em: <www.bible.com/pt/bible/1608/1SA.10.24.ARA>.

No império persa, a religião dualista, o Zoroastrismo, foi utilizada para legitimar as conquistas e ações do rei Dario, solidificando sua política expansionista à medida que relacionava a figura do imperador com a divindade que representava o bem, como pode-se perceber no fragmento a seguir:

“Dario, o Rei, disse: Em Susa, um trabalho considerável e excelente foi ordenado [...] Que Ahura-Mazda me proteja, assim como meu país. ”

GOTHIER, L e TROUX, A. *L' Antiquité*. H. Dessain, Bélgica, 1977. p. 92.

Percebemos que a institucionalização do poder, a partir de uma ideologia religiosa, contribuía para consolidar a autoridade dos monarcas, uma vez que qualquer súdito que se rebelasse contra o soberano, estaria contrariando a vontade dos deuses, questionar o rei seria o mesmo que questionar o sagrado. É bem verdade que mesmo com essa estrutura política e ideológica, em alguns momentos de crise nessas sociedades, há registros de revoltas sociais que questionaram e desestabilizaram os soberanos.

Na antiguidade Ocidental, em particular, no Império Romano, Otávio Augusto acumulou vários cargos e títulos. O próprio nome Augusto, concessão feita pelo senado, significa divino, sagrado, majestoso. Tinha início a ideia de divinização dos imperadores em Roma.



Augusto de Prima Porta. Estátua de mármore, 14-29 d.C.

Descoberta em Prima Porta ela ficou conhecida como Augusto de Prima Porta. É uma peça magnífica, esculpida em mármore branco, com 2,17 m de altura e pesando quase 350 kg. Augusto foi representado usando a toga, o traje típico da elite romana, displicentemente apoiada no braço esquerdo que segurava o bastão consular. Toga e bastão lembram os poderes do imperador: ele é o Primeiro Cidadão, Primeiro Senador, Pontífice Máximo, Tribuno da Plebe e Pai da Pátria. No peito, Augusto veste a couraça militar, lembrando que ele é, também, o chefe dos exércitos. A couraça traz uma rica decoração alegórica de deuses e heróis, e figuras simbolizando povos e regiões conquistadas. A escultura é completada pela figura do Cupido sentado em um golfinho que faz alusão aos ancestrais divinos de Augusto. Sua família se dizia descendente da deusa Vênus Genetrix e dos gêmeos fundadores de Roma.

Disponível em: <<http://www.ensinarhistoriajoelza.com.br>>. Blog: *Ensinar História* - Joelza Ester Domingues.

A prática de erguer monumentos e estátuas reproduzindo suas conquistas e imagens fazia parte das estratégias de políticos e militares romanos desde o período republicano. Na fase imperial, essa estratégia atinge seu auge, principalmente entre os imperadores que almejavam marcar seus nomes na história. Percebe-se no texto acima, a riqueza de detalhes e simbologia presentes em uma única estátua, invocando um verdadeiro culto ao imperador mesmo após sua morte.

Durante a Idade Média, na Europa feudal, com a desagregação do Império romano e o fortalecimento da Igreja católica, estabeleceu-se uma relação entre os poderes secular e espiritual, permitindo uma maior aproximação entre o Estado e a Igreja.

“Nascida nos quadros do Império Romano, a Igreja ia aos poucos preenchendo os vazios deixados por ele até, em fins do século IV, identificar-se com o Estado, quando o cristianismo foi reconhecido como religião oficial. [...] Estreitavam-se, portanto, as relações Estado-Igreja. [...] No Império Carolíngio, a aliança entre os reis e a Igreja foi fundamental para a consolidação de ambos os poderes e, por vezes, a Igreja assumia funções que hoje consideramos ser do Estado e este por sua vez interferia nos assuntos religiosos.”

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média. Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001. p.67 – 71.

Observa-se a influência exercida pela Igreja nos quadros políticos do Império Carolíngio, atuando de maneira significativa na administração, uma vez que muitos ministros e conselheiros do rei eram membros do clero católico.

Se remontarmos à formação do Reino Franco, ainda na dinastia merovíngia, a partir de Clóvis, o primeiro rei a se converter ao cristianismo, perceberemos a aliança dos francos com a Igreja, fundamental para legitimar a autoridade dos monarcas e ao mesmo tempo, a Igreja passa a contar com o apoio militar no combate a outros povos não cristãos que faziam incursões na Europa e ameaçavam a hegemonia cristã. Tais relações foram reforçadas durante o apogeu do Império Carolíngio, quando o Imperador Carlos Magno foi coroado no dia de natal do ano 800 pelo próprio Papa.

O rei, embora não fosse considerado um deus ou um sacerdote supremo, como ocorria em algumas sociedades do mundo antigo, possuía um caráter sagrado.

“Durante os séculos XI e XII acreditava-se que os reis da França e da Inglaterra fossem capazes de fazer milagres e curar doenças. A conquista deste poder milagroso contribuiu para a afirmação do poder monárquico, ameaçado pelos grandes senhores feudais”.

J. LE GOFF, PREFÁCIO A M. BLOCH, *Os reis taumaturgos*, São Paulo, Cia. das Letras, p.21. Adaptado.

O escritor e poeta italiano Dante Alighieri (1265-1321), em sua obra *A monarquia*, escreve:

“Ao duplo fim do homem é necessário um duplo poder diretivo: o sumo pontífice que segundo a revelação, conduz o gênero humano à vida eterna, e o imperador que, segundo as lições da filosofia, dirige o gênero humano para a felicidade temporal. [...] Assim, torna-se evidente que a autoridade temporal do monarca desce sobre ele, sem qualquer intermediário.

ALIGHIERI, Dante. *A monarquia*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 231. Coleção Os Pensadores.

Embora o pensamento de Dante Alighieri ainda reconheça a autoridade do Papa entre os homens no que concerne à orientação espiritual, em uma outra perspectiva, ele coloca a autoridade política (temporal) relacionada diretamente com Deus, sem mediadores, independente do poder espiritual.

Observe que a concepção política na Idade Média, resultado de uma mentalidade com fortes traços religiosos, enfatizava a ideia de que os governantes seriam representantes de Deus na Terra. Nessa perspectiva, o direito de governar dos reis seria divino, concedido por Deus. Essa visão política serviu para fundamentar a teoria do direito divino dos reis, base de sustentação ideológica de pensadores que defenderam o Estado Absolutista na Europa durante a Idade Moderna.

Uma teocracia, nos moldes como se desenvolveu na antiguidade, na Idade Média ou Idade Moderna, com um Estado governado diretamente por um sacerdote ou representante divino com poderes acima das instituições com poderes praticamente ilimitados, é uma concepção superada na contemporaneidade. No entanto, analisando alguns regimes políticos que atuaram no século XX, é possível identificar Estados onde os preceitos religiosos estiveram em sintonia com a legislação governamental, influenciando diretamente a moral e o comportamento dos indivíduos.

O Tibete, antes da ocupação chinesa, na década de 1950, era uma teocracia budista comandada pelo Dalai-Lama, que hoje se encontra no exílio. O comando do Irã, após a Revolução de 1979, que derrubou o Xá Reza Pahlevi, governo pró-ocidente, passou a ser exercido pelo líder religioso xiita aiatolá Khomeini.

Outro exemplo foi o Afeganistão. Depois de anos em guerra lutando contra a ocupação soviética (1979-1989) e conflitos internos que se estenderam até a década de 1990, o grupo político-religioso Talibã toma o controle do país, fundando em 1996 o Emirado Islâmico do Afeganistão, implantando um regime fechado, fundamentalista, baseado em suas interpretações religiosas. O governo dos Talibãs se estendeu até 2001, quando foi derrubado, no contexto das intervenções norte-americanas na região, na guerra contra o terrorismo. Ainda hoje o grupo controla parte do país e luta pelo controle de novas áreas.

Atualmente, os jihadistas do Estado Islâmico, grupo extremista muçulmano sunita, propagam a criação de um califado, aproveitando-se das fragilidades dos governos da Síria e Iraque.

As Monarquias Absolutistas

Forma de governo adotada pelos estados nacionais europeus durante a Idade Moderna (XVI a XVIII), o absolutismo monárquico tem como principal característica, o poder político concentrado na figura do monarca.

Durante a Idade Média, na Europa feudal, as relações de suserania e vassalagem levaram a uma fragmentação política dos reinos, permitindo aos nobres o exercício prático na execução do poder, estando sob o seu controle a justiça, a força militar e as relações econômicas. Podemos afirmar que nesse contexto predominava o poder local dos senhores feudais, embora existisse a figura do rei, o suserano maior.

Outro aspecto relevante nesse período, no que se refere às relações de poder, foi a influência universal exercida pela igreja que limitava ainda mais a autoridade central dos reis.

A partir da baixa idade média, esse cenário passa por uma série de transformações que resultaram na progressiva centralização do poder nas mãos dos monarcas. A essas transformações podemos acrescentar as mudanças ocorridas na passagem da Idade Média para a Idade Moderna.

O humanismo e o Renascimento cultural passam a defender novos valores como o antropocentrismo e o racionalismo, ocasionando uma revolução intelectual que abala a autoridade da igreja: as reformas religiosas rompem com a hegemonia universal da igreja, além de despertar o sentimento nacionalista em alguns países. A expansão marítima e comercial que fortaleceu economicamente a burguesia e consequentemente o Estado através da arrecadação de impostos.

Essas mudanças, em seu conjunto, contribuíram para a formação dos Estados Nacionais centralizados, que passaram a exercer, a partir dos monarcas, o monopólio da elaboração e aplicação das leis, emissão de moedas, cobrança e recolhimento dos impostos, corpo burocrático administrativo e exclusividade do uso da força através de um exército nacional.

“É somente na minha pessoa que reside o poder soberano [...], é somente de mim que os meus tribunais recebem a sua existência e a sua autoridade; a plenitude desta autoridade, que eles não exercem senão em meu nome, permanece sempre em mim, e o seu uso nunca pode ser contra mim voltado; é unicamente a mim que pertence o poder legislativo, sem dependência e sem partilha; é somente por minha autoridade que os funcionários dos meus tribunais procedem, não à formação, mas ao registro, à publicação, à execução da lei, e que lhes é permitido advertir-me o que é do dever de todos os úteis conselheiros; toda a ordem pública emana de mim, e os direitos e interesses da nação, de que se pretende ousar fazer um corpo separado do monarca, estão necessariamente inteiramente nas minhas mãos.”

Resposta do rei ao parlamento de Paris, 1766. In: MARQUES Adhemar e outros. História moderna através de textos. São Paulo: Contexto 2008. p. 58.

O texto, uma resposta do rei Luís XV ao parlamento francês, nos dá algumas pistas dos elementos que caracterizavam o regime absolutista, como a centralização do poder na pessoa do rei e a pretensão do caráter inquestionável de sua autoridade. Percebe-se que a imagem do rei se confunde com o próprio Estado, formando com este um só corpo. As palavras do rei buscam reforçar o seu poder, subjugando todos os órgãos do Estado a sua autoridade, além da identidade estabelecida entre o monarca e a nação.

Apesar de ter variado de Estado para Estado, apresentando particularidades, podemos enumerar algumas características comuns entre os estados europeus absolutistas:

- Concentração dos poderes na pessoa do monarca;
- Monarquias hereditárias;
- Administração exercida por uma burocracia estatal subordinada ao rei;
- Relações entre política e religião;
- Práticas econômicas mercantilistas.



RIGAUD, Hyacinthe (1659-1743). Luís XIV da França, 1701. Óleo sobre tela, 277 x 194 cm.

Fundamentação teórica

Nos séculos XVI e XVII, alguns pensadores apresentaram teorias buscando fundamentar e legitimar o estado absolutista. Alguns desses teóricos, como Jean Bodin (1530-1596) e Jacques Bossuet (1627-1704), recorreram a teses religiosas para justificar a autoridade do rei. São os defensores da teoria do direito divino dos reis, segundo a qual o rei recebeu sua autoridade diretamente de Deus, tendo poder supremo sobre todos os súditos, que devem obedecê-lo incondicionalmente.

“Nada havendo de maior sobre a Terra, depois de Deus, que os príncipes soberanos, e sendo por Ele estabelecidos como seus representantes para governarem os outros homens, é necessário lembrar-se de sua qualidade, a fim de respeitar-lhes e reverenciar-lhes a majestade com toda a obediência, a fim de sentir e falar deles com toda a honra, pois, quem despreza seu príncipe soberano despreza a Deus, de quem ele é a imagem na Terra. ”

BODIN, Jean. A República. Apud CHEVALLIER, Jean-Jacques. *As grandes obras políticas* – de Maquiavel aos nossos dias. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Agir, 1976. p. 61.

“O trono real não é o trono de um homem, mas o trono do próprio Deus. Os reis são deuses e participam de alguma maneira da independência divina. O rei vê de mais longe e de mais alto; deve acreditar-se que ele vê melhor, e deve obedecer-se-lhe sem murmurar, pois o murmúrio é uma disposição para sedição. ”

BOSSUET. Apud FREITAS, Gustavo de. *900 textos e documentos de História*. 2ª Ed. Lisboa: Plátano, 1977. p. 201.

Já outros pensadores políticos, como Maquiavel e Hobbes, apresentaram concepções leigas. Justificando a necessidade do Estado controlado por um soberano com autoridade ilimitada para manter a ordem e a segurança dos indivíduos e do país que governa.

No texto a seguir, o historiador inglês Peter Burke relata de forma detalhada as estratégias utilizadas pelo rei francês Luís XIV para consolidar seu poder através da projeção de sua imagem:

[...] Havia imagens visuais de Luís em pintura, bronze, pedra, tapeçaria (ou, mais raramente, em pastel, esmalte, madeira, terracota e até cera). Vão desde a infância até a digna velhice [...]. O simples número de estátuas e retratos pintados do rei, dos quais mais de trezentos se conservam, era notável para os padrões da época. O mesmo pode ser dito do número de gravuras do rei, das quais quase 700 ainda podem ser encontradas na Bibliothèque Nationale. Igualmente notável era a escala colossal de alguns dos projetos, como o da estátua de Luís de pé na Place des Victoires ou da estátua equestre para a Place Louis-le-Grand, tão imensa que 20 homens podiam se sentar e almoçar dentro do cavalo – o que de fato fizeram, durante a instalação do monumento.

Imagens do rei eram por vezes agrupadas para compor uma narrativa. O número de representações de Luís em forma seriada é inusitado no período. Uma famosa série de pinturas de Lebrun, conhecida como a “história do rei”, representava eventos importantes do reinado até a década de 1670. Essa narrativa, como a chamariam os retóricos, foi reproduzida na forma de tapeçaria e também de gravuras. As medalhas cunhadas para comemorar os grandes acontecimentos do reinado (são mais de 300, outro número inusitadamente elevado) eram gravadas e as gravuras eram publicadas na forma de “história metálica” do rei. [...]

Rituais excepcionais (isto é, não recorrentes), como a unção do rei em 1654 ou seu casamento em 1660, ou rituais recorrentes, como o toque dos doentes para curá-los ou a recepção de embaixadores estrangeiros, poderiam também ser vistos como eventos multimídia, que apresentavam a “imagem viva” do rei. De fato, o mesmo poderia ser dito dos atos cotidianos do rei – levantar-se, fazer refeições, deitar-se –, que eram a tal ponto ritualizados que podem ser vistos como minipeças teatrais.

O cenário desses rituais era, em geral, um palácio: Louvre, Saint-Germain, Fontainebleau, Versailles. Este último especial, poderia ser visto como uma exposição permanente de imagens do rei. Ali se via Luís por toda parte, até no teto. Quando o relógio instalado em 1706 batia as horas, a estátua do rei aparecia e a fama descia para coroa-lo com louros. [...]

PETER, Burke. *A fabricação do rei*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 28-29.

Apesar das concepções absolutistas apresentarem o rei com poderes ilimitados, na realidade o seu poder estava condicionado a algumas circunstâncias como a tradição, os costumes, a religião ou mesmo por conselhos de ministros e parlamentos. Daí não devemos classificar o absolutismo como sendo uma tirania ou muito menos uma ditadura. Lembre-se que os termos e conceitos têm seus significados inseridos em um determinado contexto histórico.

Outro aspecto que devemos analisar com cautela é a associação imediata que fazemos entre Estados absolutistas e Estados nacionais. Embora no absolutismo, o rei tivesse consolidado sua autoridade sobre a população do seu reino, estabelecendo exército, moeda, leis, justiça e impostos no âmbito nacional, isso não significa que houvesse entre todos os súditos uma consciência de identidade de pertencimento a uma nação. Em algumas regiões como a Espanha e o Sacro Império Romano Germânico havia uma pluralidade de línguas e povos que não se identificavam os poderes estabelecidos. Esse cenário era agravado diante das guerras que permitiam dinastias estenderem seus domínios para além de suas fronteiras.

Monarquia parlamentarista

Com as transformações econômicas e o fortalecimento da burguesia na Europa, o Estado Absolutista passa a ser questionado e criticado. Na Inglaterra do século XVII, depois de quase meio século de conflitos envolvendo reis e o parlamento, a autoridade do rei passou a ser limitada e a monarquia absolutista acaba sendo substituída por uma monarquia parlamentarista.

Declaração dos Direitos de 1689:

- Art. 1º. O pretense poder de suspender as leis pela autoridade real, sem consentimento do Parlamento é ilegal.
- Art. 4º. O direito de cobrar impostos para uso da coroa, sem autorização do Parlamento é ilegal.
- Art. 5º. É direito dos súditos apresentar pedidos judiciais (petições) ao rei.
- Art. 8º. As eleições dos deputados ao Parlamento serão livres.
- Art. 9º. A liberdade de expressão nos debates parlamentares não será questionada em nenhuma outra corte a não ser no próprio Parlamento.
- Art. 12º. Para corrigir, fortalecer e preservar as leis é necessário que o Parlamento se reúna com frequência.

Cf. Declaração de Direitos, de 1689. In: *Coletânea de documentos históricos para o primeiro grau*. São Paulo: Cenp, 1978. p. 84

Percebe-se que o documento apresenta uma série de limitações aos poderes do rei, passando a maioria das atribuições do governo a serem exercidas pelo Parlamento, como as alterações nas leis e a cobrança de impostos. Outro aspecto relevante é a garantia da liberdade de expressão e o direito de resistência perante o Estado.

A Revolução Inglesa significou na prática o fim do Absolutismo monárquico, ela inaugura um novo momento na história política ocidental. Embora tenha tido um caráter elitista, controlada e apropriada pela burguesia em detrimento das camadas populares, suas conquistas influenciaram e estiveram presentes nos movimentos intelectuais e revolucionários que a sucederam, contribuindo decisivamente para a derrocada do antigo regime europeu.

A Democracia

A palavra democracia é de origem grega formada por dois termos, demos que designava os vários povoados da pólis e *kratia* que significa poder ou governo. Logo, denominamos democracia no sentido atual como sendo o “governo do povo”.

Foi na Grécia Antiga, e em particular na cidade-estado de Atenas, que se desenvolveu esse regime político em que aqueles que eram considerados cidadãos participavam das assembleias, onde se discutiam e votavam as decisões sobre os rumos da pólis.

Diferentemente do que acontecia na pólis de Atenas, onde os cidadãos decidiam diretamente em assembleia sobre as questões da cidade, na democracia contemporânea, os cidadãos elegem seus representantes políticos para atuarem no governo. É comum a classificação encontrada nos livros didáticos que considera a democracia ateniense na Grécia Antiga como democracia direta e a democracia atual como sendo representativa.

A seguir selecionamos algumas características da democracia contemporânea:

- Participação política da sociedade por meio de eleições, referendos e plebiscitos, além de manifestações, passeatas e associações.
- Divisão, independência e harmonia entre os três poderes (executivo, legislativo e judiciário), evitando a concentração das decisões políticas em único grupo ou pessoa.
- Garantia do exercício do estado de direito por meio de uma constituição elaborada por uma assembleia legitimada pela sociedade através de eleições livres, direta e voto secreto. Todos devem estar submetidos à lei, estado e sociedade. As liberdades individuais devem ser respeitadas.
- Conflitos, uma vez que o regime democrático garante a liberdade de pensamento, de expressão e de imprensa, a pluralidade de ideias, o pluripartidarismo e a diversidade de interesses levam a discussão a partir de debates, choque de opiniões.
- Transparência, no sentido de que os governos devem prestar contas à sociedade dos gastos públicos, bem como das suas decisões políticas.
- Alternância de poder, permitindo que os diversos setores da sociedade sejam representados, evitando a permanência de um mesmo grupo ou pessoa por tempo indeterminado no controle do estado. A rotatividade deve estar presente no regime democrático através de eleições diretas.

Desafios da democracia brasileira

No século XX, são perceptíveis os avanços e conquistas políticas e sociais no mundo ocidental: universalização do voto, ampliação dos direitos civis, leis trabalhistas, dentre outras. No entanto, tem sido uma tarefa complexa construir e consolidar um regime democrático em uma sociedade com profundas desigualdades históricas como a brasileira. Afinal, foram três séculos de escravidão negra, subordinação de outros grupos sociais pela força, o patriarcalismo e práticas políticas em que o poder público se confunde com o privado. São heranças que deixaram marcas e se apresentam como obstáculos para a efetivação de um regime democrático em sintonia com a garantia dos direitos básicos para o pleno exercício da cidadania.



Fim do voto em uma urna eletrônica.

A partir desse contexto, torna-se inevitável o conflito de interesses e o incômodo demonstrado pelos grupos que por décadas monopolizaram o poder do Estado, diante da ascensão dos grupos antes excluídos e que tomam consciência e se organizam buscando seu espaço nas relações de poder.

Nesse cenário, é fundamental a permanência do estado democrático de direito, que garanta o debate entre o governo, os partidos, os movimentos sociais e associações no sentido de assegurar e ampliar a participação dos diversos grupos na intenção de construir uma sociedade menos desigual e se aproxime de um ideal de justiça.

Regimes ditatoriais

Ditadura é um regime político ou forma de governo não democrático em que o poder é controlado por uma pessoa ou grupo, proibindo a sociedade de participar da vida pública do país.

As práticas ditatoriais são encontradas em momentos variados da história e com características próprias. Na república romana antiga, em situações de grave crise interna ou externa, um magistrado poderia ser indicado como ditador com poderes absolutos num período limitado de seis meses, podendo esse prazo ser renovado diante da gravidade da crise. Observe que nesse caso a ditadura estava prevista na legislação, o que a torna, nesse contexto, uma instituição legal.

Na Idade Moderna, durante o processo revolucionário francês, a convenção jacobina liderada por Robespierre, implantou o que ficou conhecido como a fase do terror: um governo centralizado com medidas consideradas radicais para o período, perseguindo e condenando sumariamente à guilhotina no tribunal revolucionário aqueles que não compactuavam com a decisão do governo. Tais medidas eram justificadas como necessárias para garantir o triunfo da revolução.

Na segunda metade do século XIX, Karl Marx defende em sua teoria política, o socialismo científico, que durante a fase de transição entre o capitalismo e o socialismo, os trabalhadores deveriam implantar a “ditadura do proletariado” com o intuito de evitar a contrarrevolução burguesa e consolidar a nova ordem. Na concepção marxista, essa ditadura do proletariado deveria ser substituída com o tempo e desapareceria juntamente com o estado, dando origem ao comunismo. No entanto, não foi essa a trajetória percorrida pelos regimes socialistas instalados no século XX a partir da experiência revolucionária russa, onde o processo revolucionário resultou em um Estado totalitário.

No século passado, várias foram as experiências ditatoriais na Europa, América latina, África e Ásia. Embora cada uma tenha suas especificidades, quanto as suas motivações, justificativas e ideologia, de modo geral podemos encontrar algumas características em comum:

- Restrições ou exclusão da sociedade na vida política – o povo é excluído das decisões políticas, na maioria dos casos não ocorrem eleições para o executivo e quando ocorrem são manipuladas e fraudadas pelos detentores do poder. As manifestações de opositores ao regime são proibidas por dispositivos jurídicos, vive-se um estado de exceção, e mesmo aquele que se arriscam a enfrentar o governo autoritário são duramente reprimidos.
- Concentração dos poderes políticos – os poderes legislativo e judiciário ficam subordinados ao executivo. Em algumas ditaduras, o legislativo chega a ser fechado, ficando a cargo do executivo a exclusividade para elaboração das leis.
- Suspensão do estado de direito – as liberdades individuais não são respeitadas. Direitos básicos como o de ir e vir e liberdade de pensamento são cerceados.
- Montagem de aparelhos repressivos – o estabelecimento de um estado policial em que os cidadãos são constantemente vigiados e têm suas vidas investigadas, principalmente aqueles que são considerados inimigos do regime. Práticas como prisões arbitrárias e torturas, além de severa censura aos meios de comunicação, são os instrumentos utilizados pelos regimes ditatoriais para se manterem no poder.

Regimes totalitários

Fenômeno político do século XX, os regimes totalitários também são considerados ditatoriais e autoritários. Logo, colocaram em prática as características que mencionamos no tópico anterior sobre ditadura. No entanto, para alguns estudiosos, o totalitarismo além de suspender as liberdades individuais, censurar os meios de comunicação e lançar mão do aparelho repressivo aos opositores, o Estado tem um papel muito mais abrangente e interfere em todos os aspectos da vida social, desenvolvendo uma política de massas através dos meios de comunicação, escolas e associações, objetivando propagar a ideologia do partido.



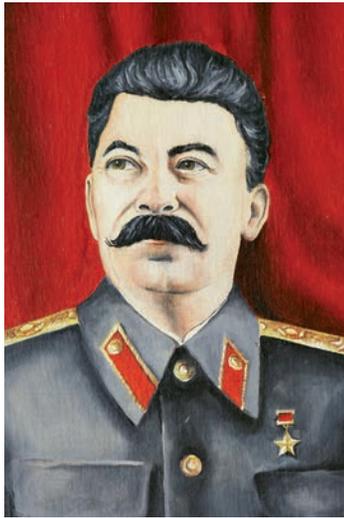
Livros sendo queimados durante o Regime Nazista em Berlim, 1933.

De maneira geral, classificamos esses governos em regimes totalitários de direita, o fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha, e os regimes totalitários de esquerda, que foi o caso do socialismo na União Soviética. É verdade que outros países também adotaram essa forma de governo, porém, esses exemplos são os mais conhecidos e estudados e já nos permite uma compreensão desse modelo político.

Podemos mencionar como principais características do totalitarismo:

- Unipartidarismo, com o partido rigidamente disciplinado e sua ideologia identificando-se com o próprio estado;
- O controle do Estado não só nas esferas pública e privada. Controle da educação, intervenção na economia e utilização da cultura como um instrumento de dominação das massas;

- Culto ao líder através de propaganda e doutrinação de crianças e jovens, construindo a ideia do chefe místico, liderança incontestável em que a sociedade deveria depositar seus anseios e confiança;
- Eliminação da oposição por meio de um aparelho repressivo com a formação da polícia política.



Michal Boubin/123RF/Gettyimages

Embora fascismo, nazismo e stalinismo estejam sendo abordados aqui dentro de uma mesma perspectiva na análise dos regimes totalitários, é sempre bom lembrar que também existiam suas especificidades. O nazifascismo contou com o apoio da burguesia, era anticomunista, combatendo os grupos considerados de esquerda. Na Alemanha nazista exaltava-se a superioridade da raça ariana, uma ideologia racista que levou a perseguição e morte de outros grupos étnicos.

Na União Soviética stalinista, a economia era planejada, rigidamente controlada pelo Estado. No campo, a coletivização forçada da terra levou à prisão e morte, em campos de trabalho forçado, milhões de proprietários contrários ao regime do partido comunista.



Exercícios de Fixação

01. (Puccamp/2018) [...] A evolução realizou-se de fato e o conjunto das prescrições divinas que constituem a Lei (Torá) é formado por diversas contribuições, sem que se consiga um acordo para ventilá-las e datá-las uma a uma. Contentar-nos-emos, assim, com as linhas gerais.

AYMARD, André e AUBOYER, Jeannine. *O Oriente e a Grécia Antiga*. v.2. In: CROUZET, Maurice (dir.), *História geral das civilizações*. Trad. São Paulo: Difel, 1971. p. 54.

O texto refere-se a uma civilização que se desenvolveu no primeiro milênio antes de Cristo. É correto afirmar:

- A) A importância da história dessa civilização se expressa, principalmente, por meio da constituição de um Estado centralizado baseado na religião dualista, dos egípcios e dos persas.
- B) Os antigos povos que originaram essa civilização tinham como livro sagrado o Novo Testamento, que compreende vários outros livros, dentre os quais está o Gênesis, que trata da Criação.
- C) A importância do estudo dessa civilização se justifica pelo monoteísmo ético que surge e se desenvolve, constituindo um ponto de partida para o cristianismo e o islamismo.

- D) Os traços religiosos e culturais específicos dessa civilização decorrem do seu distanciamento ante as demais culturas dos povos do Oriente Próximo e o caráter democrático do governo.
- E) Os governantes dessa civilização eram considerados deuses, o que obrigava toda a população a prestar-lhes obediência e culto divino e a dedicar-se à produção para sustentar os reis.

02. (Upe-ssa/2017.2) A morte de Carlos I, rei da Inglaterra, em 1649, conforme demonstra a imagem a seguir, teve como principal(ais) significado(s) sociopolítico(s) a(o)



Reprodução/Upe-ssa 2, 2017

John Weesop, século XVII. Disponível em: <<http://historianovest.blogspot.com.br>>.

- A) crise e o declínio do absolutismo.
- B) implementação da República Inglesa.
- C) restabelecimento das relações feudais.
- D) irrupção de movimentos liberais pró-presidencialismo.
- E) estabelecimento da guerra civil e o fim do Reino Unido.

03. (Enem/2016) A democracia deliberativa afirma que as partes do conflito político devem deliberar entre si e, por meio de argumentação razoável, tentar chegar a um acordo sobre as políticas que seja satisfatório para todos. A democracia ativista desconfia das exortações à deliberação por acreditar que, no mundo real da política, onde as desigualdades estruturais influenciam procedimentos e resultados, processos democráticos que parecem cumprir as normas de deliberação, geralmente tendem a beneficiar os agentes mais poderosos. Ela recomenda, portanto, que aqueles que se preocupam com a promoção de mais justiça devem realizar principalmente a atividade de oposição crítica, em vez de tentar chegar a um acordo com quem sustenta estruturas de poder existentes ou delas se beneficia.

YOUNG, I. M. Desafios ativistas à democracia deliberativa. *Revista Brasileira de Ciência Política*. n. 13. jan.-abr. 2014.

As concepções de democracia deliberativa e de democracia ativista apresentadas no texto tratam como imprescindíveis, respectivamente, a

- A) decisão da maioria e a uniformização de direitos.
- B) organização de eleições e o movimento anarquista.
- C) obtenção do consenso e a mobilização das minorias.
- D) fragmentação da participação e a desobediência civil.
- E) imposição de resistência e o monitoramento da liberdade.

04. (IFPE/2019) O que a chamada imprensa liberal fez antes da Guerra foi cavar um túmulo para a nação alemã e para o Reich. Não precisamos dizer nada sobre os mentirosos jornais marxistas. Para eles, o mentir é tão necessário como, para os gatos, o miar. Seu único objetivo é quebrar as forças de resistência da nação, preparando-a para a escravidão do capitalismo internacional e dos seus senhores, os judeus. Que fez o Governo para resistir a esse envenenamento em massa do povo alemão? Nada, absolutamente nada! Alguns fracos decretos, algumas multas por ofensas tão graves que não podiam ser desprezadas, e nada mais! Esperava-se conquistar as simpatias desses pestilentos através de lisonjas, do reconhecimento do “valor” da imprensa, de sua “significação”, da sua “missão educadora” e outras imbecilidades. Os judeus, porém, recebiam essas demonstrações com um sorriso de repouso e retribuía com um astucioso agradecimento. A razão para essa ignominiosa renúncia do Governo não estava no desconhecimento do perigo, mas em uma covardia que gritava aos céus e na indecisão que, em consequência disso, caracterizava todas as resoluções tomadas. Ninguém tinha a coragem de “empregar meios radicais”, ao contrário disso, todos porfiavam em prescrever receitas homeopáticas e, em vez de dar-se um golpe certo na víbora, aumentava-se a sua capacidade de envenenar. O resultado é que não só tudo ficou pior do que dantes como a instituição que se deveria combater tomou cada dia maior vulto.

HITLER, Adolf. *Minha Luta*. pp. 107-108. Disponível em: <<https://docs.google.com/>>. Acesso em: 04 out. 2018.

O Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, mais conhecido como Partido Nacional-Socialista ou Nazista, cresceu nos anos 1920 e assumiu o poder na Alemanha na década seguinte. Surgia com o objetivo máximo de “resgatar a dignidade do povo alemão”, como disse o historiador Ronaldo Vainfas em sua obra “História: o mundo por um fio – do século XX ao XXI”.

A partir do texto e de seus conhecimentos sobre princípios e práticas nazistas, é correto afirmar que

- A) o discurso hitlerista, construído no período de crise da democracia liberal, foi marcado pelo extremismo de direita, pelo racismo e pela eugenia, e lançou as bases da violência futura contra judeus e demais minorias.
 - B) os judeus, por sua própria corrupção moral, envenenavam o povo alemão com ideias que não pertenciam à cultura verdadeiramente alemã, o que despertou o clima de perseguição política que culminou com o Holocausto.
 - C) o principal líder do Partido Nazista, Adolf Hitler, desejava uma imprensa imparcial e justa, livre de mentiras e de falso intelectualismo, o que explica a escolha do Ministro da Propaganda Joseph Goebbels.
 - D) o antisemitismo foi provocado pela própria imprensa judaica e marxista, que mentia para o povo alemão, já cansado da crise econômica e das humilhantes imposições do Tratado de Versalhes.
 - E) os membros do Partido Nazista, pelo menos no início, conscientes que eram do valor da imprensa liberal e das liberdades de expressão nos anos 1920, tentaram negociar com a imprensa judaica.
05. (Enem/2009) Os regimes totalitários da primeira metade do século XX apoiaram-se fortemente na mobilização da juventude em torno da defesa de ideias grandiosas para o futuro da nação. Nesses projetos, os jovens deveriam entender que só havia uma pessoa digna de ser amada e obedecida, que era o líder. Tais movimentos sociais juvenis contribuíram para a implantação e a sustentação do nazismo, na Alemanha, e do fascismo, na Itália, Espanha e Portugal.

- A) pela atuação desses movimentos juvenis caracterizada-se
- A) pelo sectarismo e pela forma violenta e radical com que enfrentavam os opositores ao regime.
- B) pelas propostas de conscientização da população acerca dos seus direitos como cidadãos.
- C) pela promoção de um modo de vida saudável, que mostrava os jovens como exemplos a seguir.
- D) pelo diálogo, ao organizar debates que opunham jovens idealistas e velhas lideranças conservadoras.
- E) pelos métodos políticos populistas e pela organização de comícios multitudinários.



Exercícios Propostos

01. (Mackenzie/2019) “Os eleitores alemães jamais deram aos nazistas uma maioria no voto popular, como algumas vezes ainda é afirmado [...] Os nazistas de fato chegaram a ser o maior partido do Reichstag alemão nas eleições parlamentares de 31 de julho de 1932, com 37,2% dos votos. Mais tarde, caíram para 33,1%, nas eleições parlamentares de 6 de novembro de 1932. Nas eleições de 6 de março de 1933, com Hitler já como chanceler e o Partido Nazista no comando da totalidade dos recursos do Estado alemão, seus resultados foram significativos, mas ainda insuficientes 43,9%. Mais que um em cada dois alemães votaram contra os candidatos nazistas, naquela eleição, desafiando a intimidação das Brigadas de Assalto. O Partido Fascista italiano conseguiu 35 cadeiras num total de 535, na única eleição parlamentar livre da qual chegou a participar, em 15 de maio de 1921.”

PAXTON, Robert. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 164-165.

Sobre a ascensão dos fascistas e nazistas ao poder na Itália e Alemanha, podemos afirmar que

- A) tanto Mussolini como Hitler foram convidados a assumir o cargo de chefe de governo por um chefe de Estado no exercício de suas funções oficiais. Nos dois casos, fica evidente o interesse das alas conservadoras em fortalecer a extrema direita para impedir o avanço das esquerdas.
- B) a ascensão de Mussolini ao poder foi diferente da ascensão de Hitler. O primeiro, a partir da Marcha sobre Roma, aplica um golpe violento derrubando o rei Victor Emanuel III. O segundo é convidado pelo presidente Hindenburg a assumir o cargo de chanceler alemão.
- C) Mussolini assume o poder convidado pelo rei Victor Emanuel III após a manifestação fascista conhecida como Marcha sobre Roma. Hitler torna-se chanceler após um bem-sucedido Golpe de Estado, derrubando o presidente Hindenburg e toda a cúpula política alemã.
- D) tanto Mussolini, como Hitler ascendem ao poder pela via golpista. Mussolini, após uma demonstração de poder com milhares de fascistas em Roma. Hitler, após uma grande marcha que tem início em Munique (Putsch da Cervejaria) e é finalizada com a ocupação do Reichstag e sua nomeação como chanceler alemão.
- E) o rei italiano Victor Emanuel III e o presidente alemão Hindenburg convidaram, respectivamente, Mussolini e Hitler para assumirem os cargos de chefe de governo. A motivação principal era alçar o poder às lideranças da esquerda para que fosse possível combater com mais eficácia o avanço da extrema direita italiana e alemã.

02. (UPF/2018) “As Revoluções [inglesas e francesa], além de outras peculiaridades, são notórias como canteiros de ideologias, particularmente ideologias populares de protesto. Uma característica comum às revoluções [inglesas e francesa] é terem ocorrido num período pré-industrial, em que a luta pelo poder ou pela sobrevivência – seja pelo controle do Estado ou por objetivos mais limitados – não se limitava a dois adversários apenas. Em cada uma dessas revoluções, esteve presente um elemento popular adicional que também lutava por um lugar ao sol.”

RUDÉ, George. *Ideologia e protesto popular*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.

Comparando as revoluções burguesas inglesas e francesa, é correto afirmar:

- A) Ao contrário do que ocorreu na Inglaterra, na França, o processo revolucionário levou ao fortalecimento da pequena nobreza, que era marginalizada durante o antigo regime.
- B) Na Inglaterra, a luta contra o absolutismo diferenciou-se da trajetória revolucionária da França, pois possibilitou que os anseios populares fossem atendidos pelo novo regime.
- C) Ao contrário da Revolução Inglesa, na França, a revolução foi marcada pelas disputas religiosas e pela ausência do apoio popular, principalmente dos camponeses, que ficaram inertes diante dos acontecimentos.
- D) A Revolução Francesa foi seguida de um forte processo de industrialização no país, enquanto na Inglaterra, a revolução, por ser um processo meramente político, provoca uma estagnação econômica.
- E) Diferentemente do que ocorreu na França, a Revolução Inglesa cria condições para o fortalecimento do Parlamento, no qual os interesses da burguesia em ascensão estão representados.

03. (Unesp/2017) “Deveis saber, portanto, que existem duas formas de se combater: uma, pelas leis, outra, pela força. A primeira é própria do homem; a segunda, dos animais. Como, porém, muitas vezes a primeira não seja suficiente, é preciso recorrer à segunda. Ao príncipe torna-se necessário, porém, saber empregar convenientemente o animal e o homem. [...] Nas ações de todos os homens, máxime dos príncipes, onde não há tribunal para que recorrer, o que importa é o êxito bom ou mau. Procure, pois, um príncipe, vencer e conservar o Estado.”

Nicolau Maquiavel. *O Príncipe*, 1983.

O texto, escrito por volta de 1513, em pleno período do Renascimento italiano, orienta o governante a

- A) defender a fé e honrar os valores morais e sagrados.
- B) valorizar e priorizar as ações armadas em detrimento do respeito às leis.
- C) basear suas decisões na razão e nos princípios éticos.
- D) comportar-se e tomar suas decisões conforme a circunstância política.
- E) agir de forma a sempre proteger e beneficiar os governados.

04. (FGV/2017) Perante esta sociedade, a burguesia está longe de assumir uma atitude revolucionária. Não protesta nem contra a autoridade dos príncipes territoriais, nem contra os privilégios da nobreza, nem, principalmente, contra a Igreja. [...] A única coisa de que trata é a conquista do seu lugar. As suas reivindicações não excedem os limites das necessidades mais indispensáveis.

Henri Pirenne. *História econômica e social da Idade Média*, 1978.

Segundo o texto, é correto afirmar que

- A) a burguesia, nascida da própria sociedade medieval, nela não tem lugar; para conquistá-lo, suas reivindicações são a liberdade de ir e vir elaborar contratos, dispor de seus bens, fazer comércio, liberdade administrativa das cidades, ou seja, não tem o objetivo de destruir a nobreza e o clero.
 - B) os burgueses, enriquecidos pelo comércio, reivindicam privilégios semelhantes aos da nobreza e do clero na sociedade moderna; acentuadamente revolucionários, os seus interesses significam título, terras e servos para garantirem um lugar compatível com sua riqueza.
 - C) o território da burguesia é o solo urbano, a cidade como sinônimo de liberdade, protegida da exploração da nobreza e do clero; para isso, cria o direito urbano, isto é, leis para o comércio, a justiça e a administração que, de forma revolucionária, asseguram-lhe um lugar na sociedade moderna.
 - D) a sociedade medieval tem um lugar específico para os burgueses, pois as liberdades, as leis, a justiça e a administração estão em suas mãos; tal situação tem o objetivo de breçar o poder político e econômico dos nobres e da Igreja, fortalecidos pela expansão da servidão e pelo declínio do comércio.
 - E) com exigências revolucionárias, como liberdade comercial, jurídica e territorial, a burguesia, cada vez mais rica, visa destruir a sociedade medieval; esta, por sua vez, barra a ascensão econômica e política da burguesia, ao fortalecer a servidão no campo e impedir as transações comerciais na cidade.
- 05.** (IFBA/2018) Podemos caracterizar historicamente o fascismo do entreguerras como:
- A) Um movimento que visa a inserção de um país de forma autônoma e independente no mercado mundial capitalista, colocando a pátria em primeiro lugar para melhor distribuição de empregos e posições para todos os seus cidadãos.
 - B) Personalização do líder, o pai da nação, em oposição ao multipartidarismo democrático; nacionalismo beligerante, seus principais votantes se encontravam na classe média e média baixas, frustradas pelas crises do modelo liberal parlamentar e econômico liberal; anticomunismo, responsável pela divisão da nação através das lutas de classes e pelo internacionalismo; xenofobia e racismo, causados por ressentimentos históricos que iam desde a perda de guerras e territórios até diferenças religiosas e linguísticas.
 - C) Um movimento que tem origens históricas na tradição política da esquerda internacionalista, por isso seria estatista e contrário ao liberalismo econômico. A cor vermelha da bandeira do partido Nacional-Socialista era inspirada na Revolução Russa, que adotou as cores vermelhas quando se transformou de Rússia para URSS.
 - D) Uma boa parte dos seus líderes tinha origem no comunismo ou socialismo. A política era voltada para as massas, revelando seu caráter democrático e em prol dos trabalhadores pobres. Com o passar do tempo, passaram a divergir dos comunistas por conta do nacionalismo. Para eles, a revolução tinha que ser nacional, enquanto os comunistas defendiam o internacionalismo. Foi dessa forma que cresceu a xenofobia entre os fascistas, pois temiam que o internacionalismo fizesse com que seus trabalhadores perdessem empregos.
 - E) O fascismo foi uma resposta à ascensão imperialista norte-americana após a Primeira Guerra Mundial.

06. (Puccamp/2018) Não deixa de ser surpreendente que o lirismo delicado de Cecília Meireles tenha se mostrado, entre nós, um dos mais permeáveis aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. De algum modo, aquele “costume de sofrer pelo mundo inteiro” reflete-se em diversas passagens entre 1939-1945, tal como nestes versos do poema “Pistoia, cemitério militar brasileiro”:

São como um grupo de meninos
num dormitório sossegado,
com lençóis de nuvens imensas,
e um longo sono sem suspiros,
de profundíssimo cansaço.

MOURA, Murilo Marcondes de. *O mundo sitiado*. São Paulo, Editora 34, 2016. p. 254-255.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a URSS encontrava-se em plena “era stalinista”. Essa era

- A) decaiu em termos de poder político ao serem denunciadas, pelos Estados Unidos, os “crimes de Stalin”, em 1956, revelando as atrocidades decorrentes da coletivização forçada, numa operação denominada Cortina de Ferro, que tinha por objetivo conter o avanço comunista.
- B) sobreviveu à Guerra Fria, consolidando um modelo de socialismo e culto à personalidade que se disseminou por diversos países por meio do Pacto de Varsóvia e desgastou-se somente no fim dos anos 1990, com a adoção da Perestroika.
- C) manteve-se com grande base de apoio popular até os anos 1980, por ter levado a URSS a um salto de crescimento econômico por meio da indústria de bens de consumo duráveis, que transformou esse país na segunda potência socialista mundial, atrás somente da China.
- D) perdeu até a morte do líder Joseph Stalin, em 1953, sendo caracterizada por um governo marcado por forte autoritarismo, rígido planejamento econômico e centralização do poder pelo Partido Comunista.
- E) esfacelou-se com a desintegração da URSS, após sua derrota na Guerra da Coreia, momento em que os países do Leste Europeu dominados por Stalin passaram a reivindicar novamente sua condição de repúblicas autônomas e democráticas.

07. (Enem/2012)



Charge anônima. BURKE, P. *A fabricação do rei*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

Na França, o rei Luís XIV teve sua imagem fabricada por um conjunto de estratégias que visavam sedimentar uma determinada noção de soberania. Neste sentido, a charge apresentada demonstra

- A) a humanidade do rei, pois retrata um homem comum, sem os adornos próprios à vestimenta real.
- B) a unidade entre o público e o privado, pois a figura do rei com a vestimenta real representa o público e sem a vestimenta real, o privado.
- C) o vínculo entre a Monarquia e o povo, pois leva ao conhecimento do público a figura de um rei desprezível e distante do poder político.

- D) o gosto estético refinado do rei, pois evidencia a elegância dos trajes reais em relação aos de outros membros da corte.
- E) a importância da vestimenta para a constituição simbólica do rei, pois o corpo político adornado esconde os defeitos do corpo pessoal.

08. (Enem/2010) O príncipe, portanto, não deve se incomodar com a reputação de cruel, se seu propósito é manter o povo unido e leal. De fato, com uns poucos exemplos duros poderá ser mais clemente do que outros que, por muita piedade, permitem os distúrbios que levam ao assassinio e ao roubo.

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*, São Paulo: Martin Claret, 2009.

No século XVI, Maquiavel escreveu *O Príncipe*, reflexão sobre a Monarquia e a função do governante.

- A manutenção da ordem social, segundo esse autor, baseava-se na
- A) inércia do julgamento de crimes polêmicos.
- B) bondade em relação ao comportamento dos mercenários.
- C) compaixão quanto à condenação de transgressões religiosas.
- D) neutralidade diante da condenação dos servos.
- E) conveniência entre o poder tirânico e a moral do príncipe.

09. (Mackenzie/2017) Ao analisar a passagem do século XX para o século XXI, o historiador Eric Hobsbawm afirmou:

É enorme o volume de estudos [...] já realizados sobre o emprego de forças armadas privadas em guerras futuras. Há quem considere que as perspectivas nesse sentido não são boas, sobretudo pela falta de confiabilidade desse tipo de serviço. [...] Creio que o fornecimento de munições, equipamentos e roupas para as tropas será cada vez mais transferido para empresas particulares. [...] Este é um fenômeno que não se viu no século XX. Ele é típico de uma nova era, devendo-se a uma relativa desintegração do poder estatal em algumas regiões do mundo.

HOBBSAWM, Eric. *Novo Século*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 18.

Sobre esse contexto, é correto afirmar que

- A) o aprofundamento da globalização e do neoliberalismo, bem como a relação entre interesses privados e governamentais, redimensionam a atuação dos Estados no gerenciamento e realização de conflitos em várias partes do mundo.
- B) o início do século XXI assiste à eclosão de variados conflitos, em diversas partes do mundo, mostrando a ligação entre guerra e interesses econômicos, com o domínio estatal sobre a produção e venda de artefatos para os conflitos.
- C) há um redimensionamento do papel e da importância dos Estados na realização e condução de conflitos bélicos, pois, interesses privados, associados a grupos políticos, impedem a paz mundial e a atuação da ONU.
- D) interesses privados não interferem na condução e na realização de conflitos pelo mundo, uma vez que o financiamento de tais conflitos se dá exclusivamente por meio das reservas cambiais dos Estados nacionais.
- E) a globalização, que se aprofunda no século XXI, permite aos Estados um poder de atuação maior, quando comparado a outros contextos históricos, e, ao mesmo tempo, possibilita o controle estatal sobre todos os aspectos bélicos do mundo.

10. (Unicamp/2019) Como regime social, o fascismo social pode coexistir com a democracia política liberal. Em vez de sacrificar a democracia às exigências do capitalismo global, trivializa a democracia até o ponto de não ser necessário sacrificá-la para promover o capitalismo. Trata-se, pois, de um fascismo pluralista e, por isso, de uma forma de fascismo que nunca existiu. Podemos estar entrando num período em que as sociedades são politicamente democráticas e socialmente fascistas.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 47. Adaptado.

- De acordo com o texto e os conhecimentos sobre o assunto, a coexistência entre fascismo e democracia é
- A) facilitada por processos eleitorais que dão continuidade a fascismos que sempre existiram.
 - B) promovida pela aceitação social que banaliza a democracia em favor do capitalismo global.
 - C) dificultada por processos eleitorais que renovam a democracia, inviabilizando os fascismos.
 - D) possibilitada pela aceitação social de sociedades politicamente fascistas e socialmente democráticas.



Fique de Olho

FORMAS HISTÓRICAS DO ESTADO MODERNO						
	Estado absolutista	Estado liberal	Estado nazifascista	Estado socialista	Estado de bem-estar social	Estado neoliberal
ECONOMIA	Mercantilismo, controle absolutista da economia.	Capitalismo concorrencial. <i>Laissez-faire, laissez-passer</i> (economia autorregulada pelo mercado). Crescente monopolização do mercado.	Economia de mercado autoritariamente regulada pelo Estado.	Economia planificada regulada pelo Partido Comunista.	Economia de mercado democraticamente regulada pelo Estado.	Economia de mercado com progressiva exclusão do Estado (Estado mínimo).
POLÍTICA	Centralização da estrutura de governo (Forças Armadas, judiciário e tributação). Indistinção entre o público e o privado.	Separação entre o público e o privado. Soberania popular. Estado mínimo garante direitos individuais (segurança, propriedade, liberdade).	Projeto totalitário expansionista. Ideologia de direita (exaltação da tradição).	Projeto de participação política da classe trabalhadora. Ideologia de esquerda. Desvio burocrático. Conflito entre classe dirigente (PC URSS) e dissidentes (social-democratas, anarquistas).	Projeto social-democrata. Investimentos e distribuição de renda e serviços para garantir os direitos e o bem-estar da população. Ideologia de centro (controle dos conflitos do capitalismo mediante garantia dos direitos sociais e ampliação do acesso ao mercado de consumo).	Retorno das teorias liberais. Desregulamentação dos direitos trabalhistas. Economia conduz a política pelo poder das grandes corporações, proclamando o fim das ideologias.
SOCIEDADE	Conflito entre estamentos burguesia nascente x clero e nobreza. Eventos que marcam seu fim: Revolução Francesa e Revolução Industrial.	Conflitos entre as classes trabalhadora e capitalista. Evento que marca seu fim: Primeira Guerra Mundial (conflito entre nações imperialistas).	Redução dos direitos civis e políticos. Evento que marca seu fim: Segunda Guerra Mundial.	Evento que marca seu fim: queda do Muro de Berlim. Corrida armamentista. Atraso tecnológico na indústria e no campo em comparação às sociedades capitalistas a partir da década de 1970.	Ampliação dos direitos sociais e do consumo de bens. Evento que marca seu enfraquecimento: choque do petróleo em 1973 e crise fiscal.	Redução dos direitos trabalhistas, baixo investimento na área social. Consumidores x cidadãos. Eventos que marcam seu enfraquecimento: crises econômicas sistêmicas (1995, 1998, 2000, 2008, 2011).



Os Meios de Comunicação



Introdução

Denominamos meios de comunicação ferramentas que possibilitam os seres humanos trocarem informações.

Foram várias as formas de comunicação utilizadas pelas sociedades no decorrer da história. Da palavra falada as diversas formas de escrita, a invenção da imprensa, as cartas, o telégrafo, o telefone, o rádio, o cinema, a televisão e nos dias atuais a Internet. Todos esses recursos contribuíram para transformar de forma significativa as relações sociais em suas respectivas épocas, tendo desdobramentos também nos aspectos políticos e econômicos, principalmente através do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa (jornais, revistas, cinema, rádio e televisão).

Grande parte dessas transformações está relacionada aos avanços ocorridos com a Segunda Revolução Industrial no final do século XIX e início do século XX.

“Muitos habitantes do “Velho Mundo” tinham a sensação de que a Europa teria o domínio definitivo sobre todos os continentes. Predominava uma aparência de tranquilidade, de modernidade presente em todos os campos da vida humana, impulsionada inclusive por uma revolução no campo das comunicações: a fotografia, o telefone, o telégrafo, o cinema, o automóvel e o avião tornavam-se realidade. Havia uma crença indestrutível no poder do homem e da ciência.

O acesso por parte dos setores burgueses da sociedade ao consumo de bens e serviços em uma escala sem precedentes reforçava, no espírito de muitos, a ideia de que a felicidade podia ser alcançada e a crença no progresso ilimitado e sem fronteiras também. Não por acaso, esse período, que se estendeu até 1914, ficou conhecido pela expressão *Belle Époque*.”

PERROT, M. *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4. p. 589.

A indústria cultural e a sociedade de massas

Para uma melhor compreensão do estudo sobre a importância dos meios de comunicação de massa, se faz necessário dominar alguns conceitos como “sociedade de massas” e “indústria cultural”.

A sociedade de massas deve ser analisada no contexto das transformações decorrentes da Revolução Industrial: intensa urbanização, aumento da produção de bens de consumo, desenvolvimento dos meios de comunicação. Nessa perspectiva, os interesses e desejos das pessoas são produzidos em larga escala, em massa, a partir da indústria cultural.



National Archives and Records Administration

Para os pensadores da escola de Frankfurt, a indústria cultural atua no sentido de homogeneizar, estabelecer padrões nos gostos e desejos dos indivíduos, incentivando-os para o consumo, o trabalho e o entretenimento, levando as pessoas à alienação, retirando delas a autonomia, a capacidade de lutar e transformar a sociedade. Nesse sentido, os meios de comunicação de massas atuam através da propaganda, comerciais, publicidade, nos filmes e novelas onde personagens criam modelos e padrões que passam a ser imitados pela sociedade. Na visão desses filósofos, a indústria cultural objetivava o lucro e o controle social, uma vez que a indústria e as mídias reproduziam os interesses das elites dominantes.

Walter Benjamin (1892-1940), também do ciclo da escola de Frankfurt, discordava em alguns pontos da teoria crítica de Adorno e Horkheimer. Enquanto os dois últimos avaliavam de forma negativa os efeitos da indústria cultural, Walter Benjamin destacou a possibilidade das classes trabalhadoras utilizarem os meios de comunicação como um instrumento de politização e democratização da cultura.

Hoje, mais de meio século depois das análises desses pensadores, reconhecemos a sua relevância, levando em consideração o contexto histórico em que estavam inseridos: ascensão dos regimes totalitários e Segunda Guerra Mundial. Porém, novos estudos indicam que apesar da massificação das mídias e o poder das grandes corporações que controlam os conglomerados das comunicações, é possível o desenvolvimento de uma consciência crítica e independente nos indivíduos. Programações e conteúdos em canais abertos ou por assinaturas, *sites*, *blogs*, gravadoras independentes, rádios comunitárias, dentre outros veículos, são alguns exemplos que podem oferecer resistência à indústria cultural.

A política e os meios de comunicação

Na década de 1930 a propaganda política passa a ser um recurso utilizado pelos governos. Com o objetivo de obter o apoio das massas, e legitimar suas ações, se tornou cada vez mais comum o investimento político em publicidade.

Nos regimes totalitários, a propaganda desempenhou papel fundamental com o objetivo de difundir e consolidar a ideologia do Estado, bem como na construção positiva da imagem e exaltação da figura do líder. Nesse sentido, os meios de comunicação de massa foram imprescindíveis.

Na Alemanha nazista, a propaganda ficou sob responsabilidade de Joseph Goebbels, que utilizando-se do rádio, do cinema, do teatro, da literatura e imagens de maneira geral, aproximava as massas da doutrina do partido, conseguindo o apoio de grande parte da nação.



Saiko CC BY-SA/Wikimedia Foundation

“Toda a Alemanha escuta o Führer com o rádio popular”

No cinema, filmes requisitados pelo próprio Hitler foram rodados como *A vitória da fé* (1933), um curta-metragem que demonstrava o congresso do partido nazista. O triunfo da vontade (1934) que também era um relato sobre o congresso do partido em Nuremberg naquele ano, sua primeira exibição foi em março de 1935.

Logo no início, sobre uma música de Wagner, ouve-se o texto: “Cinco de setembro de 1934, 20 anos após o início da Grande Guerra, 16 anos depois da crucificação da Alemanha, 19 meses depois do começo do renascimento alemão, Adolf Hitler voa para Nuremberg e para passar seus fiéis em revista”. O espectador ver então o avião do Führer surgir através das nuvens e sobrevoar o exército do Reich. A câmara desce nas ruas repletas de colunas em marcha. O avião se posiciona diante de uma enorme multidão de partidários com os braços erguidos. E aparece o gigantesco *hall* do congresso. Rudolf Hess é quem fala primeiro: “Meu Führer! Ao seu redor estão reunidas as bandeiras e os estandartes do nacional-socialismo”. Uma dezena de oradores intervém em seguida antes que o próprio Hitler tome a palavra: “A grande miséria do nosso povo nos feriu, nos fez combater para nos tornarmos mais fortes”, disse ele. Foi filmado de frente, de costas, de lado, por cima, por baixo. Os planos dão uma impressão de potência.

Revista *História Viva*, nº 49, p.33 e 34.
Ed. Duetto.

Filmes como *O eterno judeu*, de 1940, um documentário feito com material registrando a vida de judeus em guetos na Polônia, retratando-os em seu cotidiano. O texto narrado apresentava os judeus como nocivos, comparando-os a ratos que se espalhavam por toda a Europa e que precisavam ser exterminados. Uma clara intenção de convencimento da opinião pública do antissemitismo.

No totalitarismo de esquerda soviético, o líder Joseph Stalin, perseguiu e anulou seus opositores. Membros e dirigentes do próprio partido comunista que participaram da Revolução de 1917, que não concordavam com o seu governo foram presos, julgados e executados como traidores do regime, eram os processos de Moscou, o Grande Expurgo (1934-1939). Desta forma, Stalin associava a sua liderança aos avanços do país com a revolução.

Ao mesmo tempo, União Soviética vivia um notável desenvolvimento econômico na indústria com os planos quinquenais, e no campo a coletivização e estatização forçada da terra deixou milhões de pequenos proprietários mortos, os níveis de consumo da população continuavam baixos, no entanto, alguns avanços foram sentidos ao longo do regime stalinista.

“Na verdade, para um país atrasado e primitivo, isolado de ajuda estrangeira, a industrialização sob ordem, com todos os seus desperdícios e ineficiências, funcionou de modo impressionante. Transformou a URSS numa grande economia industrial em poucos anos [...]. Contudo, o sistema manteve o consumo da população lá embaixo – em 1940 a economia produziu apenas pouco mais de um par de calçados por cada habitante na URSS [...]. Deu-lhe trabalho, comida, roupas e habitação a preços controlados (ou seja, subsidiados), aluguéis, pensões, assistência médica e uma certa igualdade, até que o sistema de recompensas com privilégios especiais para a nomenclatura se descontrolou após a morte de Stalin. Muito mais generosamente, deu educação. A transformação de um país em grande parte analfabeto na moderna URSS foi, por quaisquer padrões, um feito impressionante. E para milhões de habitantes das aldeias para os quais, mesmo nos tempos mais difíceis, o desenvolvimento soviético significou a abertura de novos horizontes [...].”

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. P. 372-373.

Nessa perspectiva, o governo de Stalin propagava os êxitos econômicos e sociais, ao mesmo tempo em que não permitia a divulgação de dados negativos da economia, bem como as arbitrariedades políticas cometidas pelo regime, a partir de uma implacável censura aos meios de comunicação. A propaganda stalinista investiu em cartazes e fotografias montadas (fotomontagem), retratando Stálin como o grande líder, vigoroso, de vestimentas simples, sereno, bondoso, o guia dos povos que habitavam a União Soviética.



Cartaz de propaganda: “Sob a direção do grande Stalin, avante rumo ao comunismo!”

No Brasil, desde a década de 1920, a sociedade já vinha passando por grandes transformações. O desenvolvimento da indústria incentivava o processo de urbanização, que cresceu significativamente nas décadas subsequentes. A industrialização acentuada na região sudeste, estimulava as migrações internas de milhões de nordestinos para os grandes centros urbanos em busca de oportunidades de emprego, muitos destes, fugindo de períodos prolongados de estiagem. Cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo já contavam com mais de 1 milhão de habitantes na década de 1940.

Junto a essas mudanças, o país também presenciava o surgimento e desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. A imprensa, o cinema, o rádio e a partir de 1950, a televisão, inauguravam a cultura de massa no país. Esses veículos de comunicação foram fundamentais para a difusão da informação, divulgação de produtos, disputas políticas, formação da opinião pública, organização dos movimentos sociais e entretenimento da sociedade.

Na política, destacamos a Era Vargas como um momento em que se materializou as novas relações entre o poder público e a sociedade, tendo as mídias da época um papel decisivo nessas relações. Ainda no Governo Provisório (1930-1934), logo após a “Revolução de 1930”, já era clara a percepção de Getúlio Vargas no potencial dos meios de comunicação, quando criou o Departamento Oficial de Propaganda (DOP), mais tarde transformado no DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda, atingindo o auge de sua atuação durante o Estado Novo (1937-1945), período do governo ditatorial getulista. Tinha como funções fiscalizar a imprensa, censurando aqueles que não se enquadravam na doutrina do Estado, além de atuar no sentido de promover uma imagem positiva de Vargas.

O cinema já vinha ganhando espaço na sociedade brasileira desde a década de 1920. Durante o governo de Getúlio Vargas, a partir de 1930, o cinema passa a receber apoio do governo e, consequentemente, a ser influenciado por ele. Em 1934, através de decreto, fica estabelecida a obrigatoriedade da inclusão de filmes brasileiros nas salas de cinema do país. A medida foi bem recebida pelos profissionais da área, uma vez que garantia espaço para as produções nacionais, que aumentaram consideravelmente.

A intervenção do Estado na sétima arte não tinha por finalidade apenas o incentivo à cultura ou a expansão da indústria do entretenimento, como se percebe nas palavras do próprio presidente Getúlio Vargas:

“[...] entre os mais úteis fatores de instrução, de que dispõe o Estado moderno, inscreve-se o cinema. Elemento de cultura influenciando diretamente sobre o raciocínio e a imaginação, ele apura as qualidades da observação, aumenta os cabedais científicos e divulga o conhecimento das coisas [...] O cinema será, assim, o livro de imagens luminosas em que as nossas populações praias e rurais aprenderão a amar o Brasil, crescendo a confiança nos destinos da Pátria. Para a massa dos analfabetos, será a disciplina pedagógica mais perfeita, mais fácil e impressiva. Para os letrados, para os responsáveis pela nossa administração, será essa admirável escola de aprendizagem.”

SOUZA, Carlos Roberto de. *Cinema em Tempos de Capanema*. In BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/EDSC, 2001. p. 160-161.

Nota-se no discurso do presidente a intenção em promover, a partir do cinema, a formação de uma nova sociedade, em que o Estado conduzia a nação rumo ao desenvolvimento por meio da educação, do conhecimento. Antes das sessões, eram passados nas telas trechos de filmes mostrando as realizações do governo como inaugurações de grandes obras, os avanços na indústria, dentre outros feitos.

O rádio foi o principal meio de comunicação no Brasil entre os anos de 1930 a 1960. O número de emissoras crescia sensivelmente, principalmente nos grandes centros urbanos, assim como também aumentava consideravelmente a quantidade de residências que contavam com o aparelho de rádio. Nas localidades mais distantes do interior, era comum a população acompanhar as transmissões radiofônicas através de alto-falantes colocados em pontos estratégicos da cidade. Em casa, a família se reunia em torno do aparelho para ouvir a programação que variava entre músicas, festival de calouros, programas humorísticos, rádio novela e noticiário.

“O rádio permitia uma encenação de caráter simbólico e envolvente, estratégias de ilusão participativa e de criação de um imaginário homogêneo de comunidade nacional. O mais importante do rádio não era exatamente o que era passado, e sim como era passado, permitindo a exploração de sensações e emoções propícias para o envolvimento político dos ouvintes. Efeitos sonoros de massa podiam atingir e estimular a imaginação dos rádio-receptores, permitindo a integração em variados tons entre emissor e ouvinte, para se atingir determinadas finalidades de participação política.”

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas, São Paulo: Papirus/Unicamp, 1986. p. 40-41.

No período getulista, em especial durante o Estado Novo, as transmissões de rádio passam a sofrer forte intervenção do Estado, cabendo ao DIP o papel de estabelecer normas em torno da programação, bem como a censura dos conteúdos considerados inadequados dentro da lógica governamental. Os noticiários eram elaborados sob um rígido controle, de forma que as informações veiculadas serviam como um instrumento de propaganda e manipulação das massas. A figura de Vargas era enaltecida, e até as músicas passam a ter influência do governo.

“Os vitoriosos da Revolução de 1930, com Getúlio Vargas à frente, percebendo a importância do rádio, trataram de criar uma legislação que atribuísse ao governo o controle total sobre esse veículo de comunicação. Já em maio de 1931, foi assinado

um decreto criando uma Comissão Técnica de Rádio (cujos integrantes seriam nomeados pela Presidência da República), abrindo caminho para a formação de uma rede nacional sob o controle do Ministério da Educação e Saúde, e garantindo ao governo a exclusividade na autorização para particulares criarem novas emissoras. As concessões seriam feitas a título precário, podendo ser cassadas a qualquer momento.”

CABRAL, Sérgio. *A MPB na Era do Rádio*, Coleção Polêmica, São Paulo, Moderna, 1996. p. 34 e 35.

O samba, estilo musical mais popular da época, chegou a ter letras censuradas quando exaltavam a figura do malandro e seu jeito de ser e viver. Alguns autores mudavam o conteúdo das letras de suas canções mostrando agora a importância do trabalho, no lugar da malandragem, em sintonia com o discurso do regime vigente, era uma forma encontrada por esses compositores de conseguir continuar sobrevivendo de sua arte no contexto de um governo ditatorial, que via na cultura um meio de fortalecer sua imagem e difundir sua ideologia perante o grande público.



Dorival Caymmi em 1938, com o microfone da Rádio Nacional, PRE-8.

“O mito Vargas começou a ser construído pelo Estado Novo quando foi montada uma ampla rede de censura e propaganda. O DIP, órgão que se encarregava dessas tarefas, dedicou-se com afinco a promover a imagem do ditador. Eram produzidos filmes mostrando, de forma heroica, a obra e a vida de Getúlio Vargas, as inaugurações que fazia e as homenagens que recebia. Esses filmes eram exibidos nos cinemas e nas escolas. Várias festividades foram criadas e constituíam ocasiões especiais em que o presidente se dirigia às massas e era por elas saudado. Exemplos disso eram as festividades do Dia do Índio e do aniversário do presidente (19 de abril), do Dia do Trabalho (1º de maio), do Dia da Raça (10 de junho) e do Dia da Pátria (7 de setembro).

[...] No imaginário popular, predominou a imagem de um chefe protetor, qualidade indicada como superior, ou até mesmo independente, de suas tendências e de sua trajetória política. De certa forma, o mito Vargas teria cumprido o papel sonhado por seus mentores: tornou-se uma forma simbólica de comunicação entre o líder e seus liderados, uma maneira de relacionamento entre a massa e o chefe de governo, uma especial modalidade de patriotismo e de obediência política. [...]

D'ARAÚJO, Maria Celina. *A Era Vargas*. São Paulo: Moderna, 1997. p. 91-95.



Cartaz produzido pelo Dep. de Imprensa e Propaganda durante o Estado Novo.

Percebe-se a importância dos meios de comunicação na elaboração e construção da imagem positiva de Getúlio Vargas. Hoje, mais de meio século depois de sua morte, seu nome remete muito mais a ideia de estadista, pai dos pobres, desenvolvimento, e não da figura do ditador que caracterizou seu primeiro governo. É claro que não podemos deixar de reconhecer as transformações e avanços nas mais variadas áreas pelos quais o país passou naquele período, no entanto, sabemos que os processos históricos e suas construções são desencadeados por uma complexa relação de interesses conflitantes, arranjos políticos e lutas sociais envolvendo vários sujeitos da História.

Se nos regimes autoritários os governos se utilizam dos meios de comunicação para justificar e legitimar suas ações perante a sociedade, ao mesmo tempo em que impõem a censura aos veículos de comunicação, cerceando projetos e ideologias contrários aos seus interesses, em regimes democráticos, a liberdade de imprensa é um direito assegurado por lei. Logo as mídias acabam exercendo um papel fundamental no processo político, nas relações de poder entre governo e sociedade. Ora apoiando, ora fazendo oposição, os meios de comunicação exercem considerável influência na formação da opinião pública. Em várias situações deixando de lado a objetividade e a imparcialidade jornalística, assumindo posições definidas em seu conteúdo.

Durante a experiência democrática vivenciada no Brasil entre 1946 a 1964, a imprensa deixava evidente seu posicionamento diante de questões polêmicas, como nos debates sobre a exploração do petróleo envolvendo os nacionalistas e os "entreguistas"; na crise política que resultou no suicídio de Vargas e nas suas repercussões. Tais posicionamentos acabavam por traduzir os interesses de grupos econômicos representados nos principais partidos da época como o PSD, o PTB de Vargas e a UDN, que fazia forte oposição ao governo de Vargas, tendo Carlos Lacerda um de seus principais expoentes.

"Entre a imprensa de oposição encontravam-se *A Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda, *O Estado de S. Paulo*, da família Mesquita, *O Globo*, da família Marinho, e os *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, o *Chatô*. Como órgão de sustentação do governo, havia sido fundado pelo jornalista Samuel Wainer a *Última Hora*, jornal inovador pela sua diagramação, suas manchetes chamativas e pelas suas colunas, tendo destaque

especial a vida como ela é, escrita por Nelson Rodrigues. O lançamento do *Última Hora*, entretanto, financiado com verbas do Banco do Brasil, contrariava os ditames da Constituição, já que esta afirmava que o governo não poderia financiar órgãos privados de imprensa. Diante da pressão dos grandes jornais e da UDN, uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) foi aberta no Senado para investigar eventuais irregularidades."

AQUINO, VIEIRA, Fernando. AGOSTINO, Gilberto. ROEDEL, Hiran. *Sociedade Brasileira: Uma História através dos movimentos sociais*. São Paulo: Record, 2000. p. 495.

A identificação de setores da imprensa com determinados partidos políticos já era percebida por parte da sociedade, como ficou constatado logo após divulgação pelos meios de comunicação da Carta Testamento, onde Getúlio Vargas aponta seus adversários como os responsáveis por sua decisão trágica. No Rio de Janeiro, além das manifestações em frente à embaixada norte-americana, que precisou ser protegida militarmente, carros do grupo O Globo foram danificados. Aquilo que lembrava a UDN foi alvo de indignação e fúria popular, manifestantes tentaram invadir a sede do jornal *Tribuna da Imprensa*, o que só não ocorreu diante do reforço da segurança, e o próprio Carlos Lacerda teve que deixar a cidade naquele momento. Em outras cidades também ocorreram manifestações, reflexo da comoção popular diante das circunstâncias da morte do presidente.

Na História recente do Brasil, já durante a Nova República na campanha eleitoral para presidência da República em 1989, a primeira depois da ditadura civil-militar, os meios de comunicação exerceram papel decisivo. A começar pela estratégia do *marketing* político e eleitoral. Propagandas veiculadas apropriadas para o rádio e a televisão, com jingles bem trabalhados, muitas vezes com a participação de artistas e intelectuais, exposição dos candidatos em grandes comícios, nas ruas em contato direto com os eleitores e programas contando sua trajetória política, a imagem passa a ser fundamental na tentativa de seduzir o eleitorado.

A vitória do candidato Collor de Mello é um exemplo de uma estratégia de *marketing* eleitoral bem-sucedida. Projetar um político até então sem notoriedade nacional e por um partido desconhecido, o inexpressivo PRN (Partido da Reconstrução Nacional), deve ser compreendida através de uma conjugação de fatores. Os sucessivos fracassos dos planos econômicos do governo anterior, que mantinha a inflação a níveis alarmantes, comprometendo ainda mais a renda do trabalhador; o receio de determinadas grupos econômicos com a possível vitória de candidatos que colocavam em risco seus interesses, era o caso de Leonel Brizola do PDT, conhecido por defender o nacionalismo econômico e Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, ligado aos movimentos sociais. Nesse sentido, a grande mídia tinha sua preferência.

"A edição feita desse último debate pela Rede Globo favoreceu nitidamente Fernando Collor, ao selecionar e produzir as passagens favoráveis ao candidato do PRN. A adesão popular à candidatura de Lula estagnou, enquanto cresceu o apoio ao candidato conservador. Com um discurso que empolgou parte da classe média, além do próprio empresariado que já havia declarado publicamente apoiar o chamado Caçador de Marajás, a vitória de Collor marcou a influência do *marketing* político no processo eleitoral brasileiro."

AQUINO, R. VIEIRA, Fernando. AGOSTINO, Gilberto. ROEDEL, Hiran. *Sociedade Brasileira: Uma História através dos movimentos sociais*. São Paulo: Record, 2000. p. 821.



Exercícios de Fixação

01. (Enem/2016) Hoje, a indústria cultural assumiu a herança civilizatória da democracia de pioneiros e empresários, que tampouco desenvolvera uma fineza de sentido para os desvios espirituais. Todos são livres para dançar e para se divertir, do mesmo modo que, desde a neutralização histórica da religião, são livres para entrar em qualquer uma das inúmeras seitas. Mas a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa.

ADORNO, T. HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

A liberdade de escolha na civilização ocidental, de acordo com a análise do texto, é um(a)

- A) legado social.
- B) patrimônio político.
- C) produto da moralidade.
- D) conquista da humanidade.
- E) ilusão da contemporaneidade.

02. (Enem-PPL/2015)

Texto I

A melhor banda de todos os tempos da última semana
 O melhor disco brasileiro de música americana
 O melhor disco dos últimos anos de sucessos do passado
 O maior sucesso de todos os tempos entre os dez maiores fracassos
 Não importa contradição
 O que importa é televisão
 Dizem que não há nada que você não se acostume
 Cala a boca e aumenta o volume então.

MELLO, B.; BRITTO, S. *A melhor banda de todos os tempos da última semana*. São Paulo: Abril Music, 2001. Fragmento.

Texto II

O FETICHISMO NA MÚSICA E A REGRESSÃO DA AUDIÇÃO

Aldous Huxley levantou em um de seus ensaios a seguinte pergunta: quem ainda se diverte realmente hoje num lugar de diversão? Com o mesmo direito poder-se-ia perguntar: para quem a música de entretenimento serve ainda como entretenimento? Ao invés de entreter, parece que tal música contribui ainda mais para o emudecimento dos homens, para a morte da linguagem como expressão, para a incapacidade de comunicação.

ADORNO, T. *Textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

A aproximação entre a letra da canção e a crítica de Adorno indica o(a)

- A) lado efêmero e restritivo da indústria cultural.
- B) baixa renovação da indústria de entretenimento.
- C) influência da música americana na cultura brasileira.

- D) fusão entre elementos da indústria cultural e da cultura popular.
- E) declínio da forma musical em prol de outros meios de entretenimento.

03. (Enem/2018) A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do ser para o ter. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados da economia, leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer, do qual todo ter efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última. Ao mesmo tempo, toda realidade individual tornou-se social, diretamente dependente da força social, moldada por ela.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

Uma manifestação contemporânea do fenômeno descrito no texto é o(a)

- A) valorização dos conhecimentos acumulados.
- B) exposição nos meios de comunicação.
- C) aprofundamento da vivência espiritual.
- D) fortalecimento das relações interpessoais.
- E) reconhecimento na esfera artística.

04. (Enem/2017) Durante o Estado Novo, os encarregados da propaganda procuraram aperfeiçoar-se na arte da empolgação e envolvimento das “multidões” através das mensagens políticas. Nesse tipo de discurso, o significado das palavras importa pouco, pois, como declarou Goebbels, “não falamos para dizer alguma coisa, mas para obter determinado efeito”.

CAPELATO, M. H. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, D. (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

O controle sobre os meios de comunicação foi uma marca do Estado Novo, sendo fundamental à propaganda política, na medida em que visava

- A) a conquistar o apoio popular na legitimação do novo governo.
- B) ampliar o envolvimento das multidões nas decisões políticas.
- C) aumentar a oferta de informações públicas para a sociedade civil.
- D) estender a participação democrática dos meios de comunicação no Brasil.
- E) alargar o entendimento da população sobre as intenções do novo governo.

05. (UEFS/2017) Foi através do DIP que a propaganda política [Estado Novo] ganhou uniformidade. Esse departamento analisava, orientava e supervisionava toda e qualquer propaganda veiculada através dos meios públicos e privado. Para facilitar a assimilação das propagandas do governo, utilizava-se uma linguagem ufanista, doutrinária, que tentava controlar as declarações deturpadas em relação à imagem de Vargas.

MEZZOMO. 2016.

O controle da informação e o uso da propaganda, registrados no texto, aproximam, nesse sentido, a ditadura do Estado Novo

- A) da liberdade de imprensa verificada em países democráticos, como os Estados Unidos e a Inglaterra.
- B) de governos totalitários, tanto de direita quanto de esquerda, a exemplo da Alemanha nazista, da Rússia stalinista e da Coreia do Norte.

- C) da imprensa livre brasileira na época dos governos militares, que dominaram o país durante o movimento tenentista.
- D) do governo cubano de orientação socialista, que garantia ampla liberdade de circulação de seus cidadãos dentro e fora do país.
- E) da França atual, onde a ação da imprensa tem atraído a fúria dos movimentos terroristas de origem islâmica.

06. (Enem-PPL/2018) Apesar da grande distância geográfica em relação ao território japonês, os *otakus* (jovens aficionados em cultura pop japonesa) brasileiros vinculam-se socialmente hoje em eventos e a partir de uma circulação intensa de mangás, *animes*, games, fanzines, *j-music* (música pop japonesa). O consumo em escala mundial dos produtos da cultura pop – enfaticamente midiática – produzida no Japão constitui um momento histórico em que se aponta a ambivalência sobre o que significa a produção midiática e cultural quando percebida no próprio país e como a percepção de tal produção se transforma radicalmente nos olhares de consumidores estrangeiros.

GUSHIKEN, Y.; HIRATA, T. *Processos de consumo cultural e midiático: imagens dos otakus, do Japão ao mundo*. Intercom – RBCC, n. 2, jul-dez. 2014. Adaptado.

Considerando a relação entre meios de comunicação e formação de identidades tal como é abordada no texto, a noção que explica este fenômeno na atualidade é a de

- A) tribalismo das culturas juvenis.
- B) alienação das novas gerações.
- C) hierarquização das matrizes culturais.
- D) passividade das relações de consumo.
- E) deterioração das referências nacionais.

07. (Enem-PPL/2017) Em um governo que deriva sua legitimidade de eleições livres e regulares, a ativação de uma corrente comunicativa entre a sociedade política e a civil é essencial e constitutiva, não apenas inevitável. As múltiplas fontes de informação e as variadas formas de comunicação e influência que os cidadãos ativam através da mídia, movimentos sociais e partidos políticos dão o tom da representação em uma sociedade democrática.

URBINATI, N. *O que torna a representação democrática?* Lua Nova, n. 67, 2006.

Esse papel exercido pelos meios de comunicação favorece uma transformação democrática em função do(a)

- A) limitação dos gastos públicos.
- B) interesse de grupos corporativos.
- C) dissolução de conflitos ideológicos.
- D) fortalecimento da participação popular.
- E) autonomia dos órgãos governamentais.

08. (Unesp/2018) A mídia é estética porque o seu poder de convencimento, a sua força de verdade e autoridade, passa por categorias do entendimento humano que estão pautadas na sensibilidade, e não na racionalidade. A mídia nos influencia por imagens, e não por argumentos. Se a propaganda de um carro nos promete o dom da liberdade absoluta e não o entrega, a propaganda política não vai ser mais cuidadosa na entrega de suas promessas simbólicas, mesmo porque ela se alimenta das mesmas categorias de discurso messiânico que a religião, outra grande área de venda de castelos no ar.

FIANCO, Francisco. "O desespero de pensar a política na sociedade do espetáculo". Disponível em: <<http://revistauol.com.br/>>. Acesso em: 11 jan. 2017. Adaptado.

Considerando o texto, a integração entre os meios de comunicação de massa e o universo da política, apresenta como implicação

- A) a redução da discussão política aos padrões da propaganda e do marketing.
- B) a ampliação concreta dos horizontes de liberdade na sociedade de massas.
- C) o fortalecimento das instituições democráticas e dos direitos de cidadania.
- D) o apelo a recursos intelectuais superiores de interpretação da realidade.
- E) a mobilização de recursos simbólicos ampliadores da racionalidade.

09. (Upe-ssa 3/2017) Leia a tirinha a seguir.



Disponível em: <<http://blogdoenem.com.br/>>.

Ela apresenta o poder que a mídia exerce sobre as pessoas, criando a ideologia e a cultura de massa, valiosas para a organização da sociedade capitalista.

Refletindo sobre a relação entre esses dois conceitos sociológicos, é correto afirmar que

- A) a representação simbólica, que o homem constrói do mundo, e a produção e reprodução material da sociedade são elementos significativos para se entender a dinâmica da cultura e da ideologia na vida social.
- B) a maneira como a vida se estrutura nas sociedades complexas obedece, rigidamente, às ideias de homogeneidade e padronização, conforme se observa nas periferias das grandes cidades.
- C) a ideologia é importante para a formação cultural das sociedades, mas estas são categorias sociológicas independentes, reforçando a ideia de que os grupos sociais são influenciados por fatores subjetivos.
- D) as pessoas possuem consciência da atuação da ideologia dominante sobre seu comportamento, razão por que, nos meios de comunicação, a cultura de massa é restrita, apenas, à elite social.
- E) os mecanismos de atuação da ideologia devem propor uma despolitização da cultura, pois esse processo tornará os indivíduos mais alienados da dominação de alguns grupos sociais.

10. (Unioeste/2017) Baseando-se nos textos e no comentário apresentados a seguir:

“Hitler considerava que a propaganda sempre deveria ser popular, dirigida às massas, desenvolvida de modo a levar em conta um nível de compreensão dos mais baixos. ‘As grandes massas’, dizia ele, ‘têm uma capacidade de recepção muito limitada, uma inteligência modesta, uma memória fraca’. Por isso mesmo, a propaganda deveria restringir-se a pouquíssimos pontos, repetidos incessantemente [...]. Tudo interessa no jogo da propaganda: mentiras, calúnias; para mentir, que seja grande a mentira, pois assim sendo, ‘nem passará pela cabeça das pessoas ser possível arquitetar uma tão profunda falsificação da verdade.’”

LENHARO, Alcir. *Nazismo: “o triunfo da vontade”*. 6ª. Ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 47-48.

“Eu vivo em tempos sombrios.
Uma linguagem sem malícia é sinal de estupidez,
Uma testa sem rugas é sinal de indiferença.
Aquele que ainda ri é porque ainda não recebeu a terrível notícia.
Que tempos são esses,
Quando falar sobre flores é quase um crime,
Pois significa silenciar sobre tanta injustiça? [...]”

Trecho de “Aos que virão depois de nós”, de Bertolt Brecht, 1937.

Uma das características marcantes do nazismo – que colocou em cheque tanto a liberdade, a democracia e a dignidade humana, quanto os movimentos socialistas e comunistas – foi a disseminação de uma ideologia de extrema direita, de tradição xenófoba, nacionalista e antisemita, por uso sistemático e ostensivo dos modernos meios de informação e comunicação com o objetivo expresso de silenciar, controlar e conduzir as “massas” – daí a importância de Brecht dizer “Eu vivo em tempos sombrios”. Exemplos, aliás, desta prática – dadas às devidas proporções e aos contextos distintos – ainda persistem em nossos dias.

Assinale a alternativa incorreta.

- A) É possível afirmar que, em ambos os textos, encontra-se presente a referência histórica às práticas de violência e dominação, levadas a cabo pelo governo alemão através de Adolf Hitler, também conhecido como “Führer”.
- B) O conteúdo da poesia de Bertolt Brecht nada tem a ver com o processo histórico de ascensão ao poder de Adolf Hitler e do regime nazista em 1933, haja vista o motivo de sua escrita ser uma crítica veemente ao comunismo de Stálin na então União Soviética.
- C) Uma das razões principais para que Hitler defendesse o uso “repetitivo” dos modernos meios de comunicação da época – especialmente, as rádios – estava na capacidade que eles tinham de conquistar as “massas” a qualquer custo, inclusive ao custo da liberdade de expressão.
- D) Existe uma identificação entre o que denuncia a poesia de Brecht e a passagem analítica do texto de Lenharo, ao citar trechos de Mein Kämpf, de Hitler, na medida em que o silenciamento repressivo que anula o direito ao livre pensar crítico corresponderia ao bombardeio massivo de valores, símbolos e ideias caras ao nazismo, como a propaganda dirigida às massas.
- E) A presença em nossa contemporaneidade de movimentos e grupos de extrema direita, que defendem a ausência de conhecimento crítico, a excessiva limitação da liberdade de pensamento e expressão e o preconceito contra questões de gênero, sexualidade e etnia guardam relativa ligação com a ideologia nazista.



Exercícios Propostos

01. (Enem-PPL/2017) A crítica é uma questão de distância certa. O olhar hoje mais essencial, o olho mercantil que penetra no coração das coisas, chama-se propaganda. Esta arrasa o espaço livre da contemplação e aproxima tanto as coisas, coloca-as tão debaixo do nariz quanto o automóvel que sai da tela de cinema e cresce, gigantesco, tremeluzindo em direção a nós. E, do mesmo modo que o cinema não oferece móveis e fachadas a uma observação crítica completa, mas dá apenas a sua espetacular, rígida e repentina proximidade, também a propaganda autêntica transporta as coisas para primeiro plano e tem um ritmo que corresponde ao de um bom filme.

BENJAMIN, W. *Rua de mão única: infância berlinense – 1900*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. Adaptado.

O texto apresenta um entendimento do filósofo Walter Benjamin, segundo o qual a propaganda dificulta o procedimento de análise crítica em virtude do(a)

- A) caráter ilusório das imagens.
- B) evolução constante da tecnologia.
- C) aspecto efêmero dos acontecimentos.
- D) conteúdo objetivo das informações.
- E) natureza emancipadora das opiniões.

02. (UEL/2013) Leia o texto a seguir.

O modo de comportamento perceptivo, através do qual se prepara o esquecer e o rápido recordar da música de massas, é a desconcentração. Se os produtos normalizados e irremediavelmente semelhantes entre si, exceto certas particularidades surpreendentes, não permitem uma audição concentrada, sem se tornarem insuportáveis para os ouvintes, estes, por sua vez, já não são absolutamente capazes de uma audição concentrada. Não conseguem manter a tensão de uma concentração atenta, e por isso se entregam resignadamente àquilo que acontece e flui acima deles, e com o qual fazem amizade somente porque já o ouvem sem atenção excessiva.

ADORNO, T. W. *O fetichismo na música e a regressão da audição*. In: Adorno et al. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.190. Coleção Os Pensadores.

As redes sociais têm divulgado músicas de fácil memorização e com forte apelo à cultura de massa.

A respeito do tema da regressão da audição na Indústria Cultural e da relação entre arte e sociedade em Adorno, assinale a alternativa correta.

- A) A impossibilidade de uma audição concentrada e de uma concentração atenta relaciona-se ao fato de que a música tornou-se um produto de consumo, encobrindo seu poder crítico.
- B) A música representa um domínio particular, quase autônomo, das produções sociais, pois se baseia no livre jogo da imaginação, o que impossibilita estabelecer um vínculo entre arte e sociedade.
- C) A música de massa caracteriza-se pela capacidade de manifestar criticamente conteúdos racionais expressos no modo típico do comportamento perceptivo inato às massas.
- D) A tensão resultante da concentração requerida para a apreciação da música é uma exigência extramusical, pois nossa sensibilidade é naturalmente mais próxima da desconcentração.
- E) Audição concentrada significa a capacidade de apreender e de repetir os elementos que constituem a música, sendo a facilidade da repetição o que concede poder crítico à música.

03. (Puccamp/2018) As primeiras transmissões radiofônicas no país foram realizadas em 1922, durante os festejos do primeiro centenário da Independência. No ano seguinte começaria a funcionar a primeira emissora brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, dirigida por Henrique Morize e Edgard Roquete Pinto.

In: AZEVEDO, Gislane e SERIACOPI, Reinaldo. História. São Paulo: Ática, 2009. p. 435.

O texto refere-se à introdução no Brasil de um dos meios de comunicação que,

- no Estado Democrático, teve como finalidade modernizar e profissionalizar a burocracia através do programa *Hora do Brasil*.
- no Estado Novo, foi utilizado como instrumento de propaganda do regime, através do programa radiofônico *Hora do Brasil*.
- na República Velha, contribuiu para fortalecer a oligarquia cafeeira, através de programa infantil de personificação do patriotismo.
- na Nova República, foi responsável pela divulgação dos escritos sobre cultura brasileira através de programas de alfabetização.
- no Governo Militar, teve como missão fundamental estimular valores tais como o nacionalismo, através do programa *Hora do Brasil*.

04. (IFPE/2018) Atualmente [...] o centro de uma residência é determinado pelo rádio. É este que indica qual o ponto de reunião. Se o rádio estiver na sala de visitas, ali também estarão os habitantes da casa. Mude-se o aparelho para a sala de jantar e tanto os moradores como as próprias visitas aí estarão ao seu redor. Sem o rádio, ninguém mais passa. É por isso que todos se reúnem ao seu redor, pois é por causa dele que a sala em que ele se acha é o lugar preferido.

Revista Carioca. 28/08/1937. p. 46. Apud MEUCCI, Simone; MOREIRA, Cláudia. História do Brasil: sociedade e cultura. Curitiba: InterSaber, 2012. p. 39.

O trecho de um artigo publicado na Revista Carioca, em 1937, reproduzido no "texto 10", apresentava o rádio como uma nova forma de integração social e como um dos primeiros veículos de comunicação em massa. Sobre o rádio, na história brasileira, assinale a alternativa correta.

- Durante o Estado Novo, o programa *Hora do Brasil* era produzido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo e era, de fato, um meio de promover as realizações de Getúlio Vargas. Trata-se de um dos programas mais antigos do país e que até hoje é transmitido com o novo nome *A voz do Brasil*.
- Até o aparecimento da Internet, o rádio foi considerado o principal veículo de comunicação de massa do Brasil, responsável por criar modas e inovar estilos. Os noticiários, as radionovelas e os programas de auditório eram fonte de informação e entretenimento para a população de todas as classes.
- No Brasil, a primeira transmissão radiofônica aconteceu durante o governo de Juscelino Kubistchek, na cidade do Rio de Janeiro, como parte das comemorações da independência do Brasil. Na ocasião, os convidados puderam ouvir a transmissão do discurso do presidente e de alguns trechos da ópera *O Guarany*.
- O programa *A voz do Brasil* foi criado durante o regime militar, ficando no ar entre os anos 1964 e 1985. Nesta época, foram retirados dos noticiários expressões e termos que pudessem estar vinculados a algum sentimento ideológico. O uso do verbo denunciar, por exemplo, foi proibido.
- Durante a década de 1950, o rádio foi um dos mais importantes veículos de propaganda política e ideológica no Brasil. Em 1955, por exemplo, a primeira campanha à presidência da República a dispor desse poderoso veículo de divulgação foi feita pela Rádio Educadora Paulista, para o candidato Jânio Quadros.

- Identificação e criminalização de brasileiros que propagavam ideias favoráveis ao nazismo, ao fascismo e a outras ideologias totalitárias europeias contrárias à democracia existente no Brasil.
- Financiamento de grandes veículos de informação por todo o país, capazes de promover a integração nacional e manter práticas irrestritas de liberdade de expressão.
- Coordenação da propaganda estatal que visava à construção e à difusão de uma imagem favorável do governante, e censura de expressões culturais, cujas ideias divergissem das do governo.
- Centralização e difusão de notícias sobre concursos promovidos pelo Estado para prover as vagas do serviço público e garantir a qualidade do funcionalismo.

06. (Unesp/2014) Os *reality shows* são hoje para a classe mais abastada e intelectualizada da sociedade, o que as novelas eram assim que se popularizaram como produto de cultura massificada: sinônimo de mau gosto. Com uma maior aceitação das novelas na esfera dos críticos da mídia, o *reality show* segue agora como gênero televisivo mundial, transmitido em horário nobre, e principal símbolo da perda de qualidade do conteúdo televisivo na sociedade pós-moderna. Os *reality shows* personificam as novas formas de identificação dos sujeitos nas sociedades pós-modernas. Programas como o BBB são movidos pelas engrenagens de uma sociedade exibicionista e consumista, que se mantém vendendo ao mesmo tempo a proposta de que cada um pode sair do anonimato e conquistar facilmente fama e dinheiro.

SOUSA, Sávila Lorena B. C. de. *O reality show como objeto de reflexão cultural*. Disponível em: <observatoriodaimprensa.com.br>.

Sobre a relação entre os meios de comunicação de massa e o público consumidor, é correto afirmar que

- a qualidade da programação da TV não é condicionada pelas demandas e desejos dos consumidores culturais.
 - o *reality show* é uma mercadoria cultural relacionada com processos emocionais de seu público.
 - os critérios estéticos independem do nível de autonomia intelectual dos consumidores.
 - no caso dos *reality shows*, a televisão estimula a capacidade de fruição estética do público consumidor.
 - os programadores priorizam aspectos formativos relegando o entretenimento a uma condição secundária.
07. (Enem-PPL/2016) As informações sugeridas por Antônio Manuel estão imersas em um jornal dividido entre o "real" e o que podemos chamar de "situacional". O artista transforma todo o clima de repressão na própria matéria de seu trabalho, utilizando os meios de comunicação como arma (irônica) contra a estrutura de poder de um Estado autoritário.

SCOVINO, F. Com as armas do inimigo. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, n. 84. set. 2012. Adaptado.

No contexto histórico descrito, a estratégia adotada por alguns segmentos da imprensa para a construção de uma crítica sociopolítica foi a de

- burlar a censura, contribuindo para a análise da vida social.
- justificar o regime vigente, apresentando versões diversas da realidade.
- estimular a livre interpretação dos fatos, atendendo aos interesses dominantes.
- aprimorar o alcance das informações, apresentando as notícias em tempo real.
- manipular a visão coletiva, promovendo interpretações distorcidas das notícias oficiais.

08. (Uece/2019) Leia atentamente o seguinte excerto.

“O rádio cresceu no início dos anos 50, quando houve um aumento da publicidade. As populares radionovelas, por exemplo, tinham como complemento propagandas de produtos de limpeza e toalete. Na televisão, a publicidade não se limitava a vender produtos, e as próprias empresas eram produtoras dos programas que patrocinavam. Houve um aumento da tiragem dos jornais e revistas, e popularizaram-se as fotonovelas, lançadas no início da década. O cinema e o teatro também participaram desse processo, tanto do lado das produções de caráter popular quanto das produções mais sofisticadas. [...] Se o otimismo e a esperança implicaram profundas alterações na vida da população em todo o mundo, permitindo, não a todos, mas a uma parcela – os setores médios dos centros urbanos – consumir novos e mais produtos, por outro lado, a vontade do novo trazia embutido, em várias áreas da cultura, o desejo de transformar a realidade de um país subdesenvolvido, de retirá-lo do atraso, de construir uma nação realmente independente.”

KORNIS, Mônica Almeida. *Sociedade e cultura nos anos 1950*. FGV CPDOC – O Governo Juscelino Kubitschek. Disponível em: [](https://cpdoc.fgv.br/)

Partindo do trecho citado, é correto concluir que

- A) no Brasil, os anos da década de 1950 foram marcados pelo otimismo, sobretudo na era JK, e pelo avanço do socialismo de matriz soviética na vida cotidiana dos setores médios urbanos.
- B) o desenvolvimento de toda uma cultura de massa no Brasil dos anos de 1950 se deu afastado da influência do capitalismo dos EUA que, naquele período, disputava a influência econômica, política e ideológica com a URSS.
- C) as alterações ocorridas no período, em toda a sociedade brasileira, levaram a um sentimento de que o Brasil havia saído da condição de subdesenvolvimento e alcançado o nível de nação desenvolvida.
- D) as mudanças ocorridas na vida das classes médias urbanas, na década de 1950, também proporcionaram, a partir de então, uma conscientização na área da cultura, sobre a realidade do Brasil e a necessidade de mudá-la.

09. (Unesp/2012) Nas primeiras sequências de *O triunfo da vontade* [filme alemão de 1935], Hitler chega de avião como um esperado Messias. O bimotor plaina sobre as nuvens que se abrem à medida que ele desce sobre a cidade. A propósito dessa cena, a cineasta escreveria: “O sol desapareceu atrás das nuvens. Mas quando o Führer chega, os raios de sol cortam o céu, o céu hitleriano”.

LENHARO, Alcir. *Nazismo, o triunfo da vontade*, 1986.

O texto mostra algumas características centrais do nazismo:

- A) O desprezo pelas manifestações de massa e a defesa de princípios religiosos do catolicismo.
- B) A glorificação das principais lideranças políticas e a depreciação da natureza.
- C) O uso intenso do cinema como propaganda política e o culto da figura do líder.
- D) A valorização dos espaços urbanos e o estímulo à migração dos camponeses para as cidades.
- E) O apreço pelas conquistas tecnológicas e a identificação do líder como um homem comum.

10. (Enem/2009) A partir de 1942 e estendendo-se até o final do Estado Novo, o Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio de Getúlio Vargas falou aos ouvintes da Rádio Nacional semanalmente, por dez minutos, no programa *Hora do Brasil*. O objetivo declarado do governo era esclarecer os trabalhadores acerca das inovações na legislação de proteção ao trabalho.

GOMES, A. C. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ / Vértice. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1988. Adaptado.

Os programas *Hora do Brasil* contribuíram para

- A) conscientizar os trabalhadores de que os direitos sociais foram conquistados por seu esforço, após anos de lutas sindicais.
- B) promover a autonomia dos grupos sociais, por meio de uma linguagem simples e de fácil entendimento.
- C) estimular os movimentos grevistas, que reivindicavam um aprofundamento dos direitos trabalhistas.
- D) consolidar a imagem de Vargas como um governante protetor das massas.
- E) aumentar os grupos de discussão política dos trabalhadores, estimulados pelas palavras do ministro.

11. (FGV/2015) [...] dividamos a experiência (passeio na montanha russa) em três partes. A primeira é a da ascensão contínua, metódica e persistente [...]. Essa fase representa o período do século XVI até meados do século XIX, quando as elites da Europa promovem o desenvolvimento tecnológico que lhes asseguraria o domínio do mundo. A segunda nos precipita em uma queda vertiginosa, com a perda das referências do espaço, do que nos cerca e até o controle das faculdades conscientes [...]. Isto ocorreu ao redor de 1870, com a chamada Revolução Científico-Tecnológico. [...] A terceira é a do *loop*, o clímax da aceleração precipitada, que representaria o atual período, assinalado por um novo surto dramático de transformações, a Revolução da Microeletrônica [...] o que faz os dois movimentos anteriores parecerem projeções em câmera lenta. [...] O aparato tecnológico torna-se cada vez mais imprevisível, irresistível e incompreensível.

Nicolau Sevchenko. *A corrida para o século XXI*, 2001. p. 14-17.

Segundo o texto, a(o)

- A) a metáfora da montanha-russa nos incita a refletir sobre o mundo moderno e contemporâneo e, por meio da Revolução Científico-Tecnológica e da Revolução da Microeletrônica, nos joga em meio às invenções, na espetacularização da sociedade, na idolatria das imagens, na velocidade das relações cotidianas e na ausência de reflexão que contempla o presentismo.
- B) a imagem da montanha-russa valoriza a tecnologia como critério histórico para medir o tempo, sua continuidade e suas rupturas, elogia o progresso, nos estimula a viver segundo as referências do passado, nos faz prever o futuro e, dessa forma, facilita a compreensão dos saltos qualitativos, tornando o homem consciente da sua ação histórica.
- C) o *loop*, ou seja, o movimento de maior velocidade das mudanças, sintetiza o processo histórico, desde o século XVI até os inícios do século XXI pois, após dominar o mundo, o homem se lança na microeletrônica, no quase invisível, o que permite a ele o controle das situações adversas, a preservação do meio ambiente e o planejamento de uma sociedade menos violenta.

- D) o século XXI inicia-se de maneira otimista, com as transformações da Revolução Microeletrônica que permitem ao homem o domínio do meio ambiente, a facilidade dos meios de comunicação, cada vez mais democratizados, a reflexão sobre seu próprio destino, enfim, um mundo mais solidário que deixou para trás as guerras e os genocídios, guiado agora pela tecnologia.
- E) o homem do século XXI tem mais condições materiais de refletir sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre as relações entre homem/homem e homem/mundo, já que a tecnologia o instrumentaliza com a democratização das informações, tornando possível compreender as mudanças, mesmo que rápidas, e o mobiliza para uma ação mais consciente.

12. (Enem cancelado/2009) O índio do Xingu, que ainda acredita em Tupã, assiste pela televisão a uma partida de futebol que acontece em Barcelona ou a um *show* dos Rolling Stones na praia de Copacabana. Não obstante, não há que se iludir: o índio não vive na mesma realidade em que um morador do Harlem ou de Hong Kong, uma vez que são distintas as relações dessas diferentes pessoas com a realidade do mundo moderno; isso porque o homem é um ser cultural, que se apoia nos valores da sua comunidade, que, de fato, são os seus.

GULLAR, F. *Folha de S. Paulo*. São Paulo: 19 out. 2008. Adaptado.

Ao comparar essas diferentes sociedades em seu contexto histórico, verifica-se que

- A) pessoas de diferentes lugares, por fazerem uso de tecnologias de vanguarda, desfrutam da mesma realidade cultural.
- B) o índio assiste ao futebol e ao *show*, mas não é capaz de entendê-los, porque não pertencem à sua cultura.
- C) pessoas com culturas, valores e relações diversas têm, hoje em dia, acesso às mesmas informações.
- D) os moradores do Harlem e de Hong Kong, devido à riqueza de sua História, têm uma visão mais aprimorada da realidade.
- E) a crença em Tupã revela um povo atrasado, enquanto os moradores do Harlem e de Hong Kong, mais ricos, vivem de acordo com o presente.

13. (Enem/2010) A CHEGADA DA TELEVISÃO

A caixa de pandora tecnológica penetra nos lares e libera suas cabeças falantes, astros, novelas, noticiários e as fabulosas, irresistíveis garotas-propaganda, versões modernizadas do tradicional homem-sanduíche.

SEVCENKO, N. (Org). *História da Vida Privada no Brasil 3. República: da Belle Époque a Era do Rádio*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

A TV, a partir da década de 1950, entrou nos lares brasileiros provocando mudanças consideráveis nos hábitos da população. Certos episódios da história brasileira revelaram que a TV, especialmente como espaço de ação da imprensa, tornou-se também veículo de utilidade pública, a favor da democracia, na medida em que

- A) amplificou os discursos nacionalistas e autoritários durante o governo Vargas.
- B) revelou para o país casos de corrupção na esfera política de vários governos.
- C) maquiou indicadores sociais negativos durante as décadas de 1970 e 1980.
- D) apoiou, no governo Castelo Branco, as iniciativas de fechamento do parlamento.
- E) corroborou a construção de obras faraônicas durante os governos militares.

14. (UTFPR/2018) Na década de 1950, nos Estados Unidos, eram comuns livros, panfletos, informativos no cinema, palestras em escolas, entrevistas com cientistas em meios de comunicação de massa, com o objetivo de ensinar a população como se proteger de um ataque atômico vindo da União Soviética. O temor de uma guerra nuclear assolou o mundo durante 45 anos.

Assinale a alternativa que apresenta o termo como ficaram conhecidas as tensões nas relações internacionais entre as duas potências políticas e militares.

- A) Guerra do Vietnã.
- B) Guerra das Duas Rosas.
- C) Guerra Fria.
- D) Guerra das Coreias.
- E) Guerra dos Dois Mundos.

15. (UFU/2008) Em matéria veiculada na revista CULT (número 115, julho/2007, pp. 46-48), o sociólogo e professor da USP, Laurindo Lalo Leal Filho, assim se manifestou acerca da TV digital no Brasil:

"...vozes que se levantam contra a qualidade do serviço prestado pela televisão são contidas sob a alegação de que com a nova tecnologia [TV digital] tudo será diferente [...]. As perspectivas não são muito animadoras. Há fortes indícios de que uma tecnologia, como a da TV digital, capaz de impulsionar a democratização da oferta televisiva, venha a ser apropriada pelos mesmos grupos que sempre controlaram o setor. São empresas operadoras de um serviço público atuando estritamente nos limites da lógica comercial, determinada pela maximização dos lucros [...]. A diversidade da programação ficará, outra vez, posta de lado."

Considerando esse ponto de vista, marque a alternativa correta.

- A) Nenhuma forma de estruturar a mídia televisiva pode ser democrática, pois as relações sociais que a enquadram não podem ser alteradas.
- B) A diversidade da programação televisiva é a expressão da soberania do telespectador, consumidor de produtos culturais nessa mídia.
- C) A tecnologia da TV digital democratizará o acesso a um leque mais amplo de abordagens e conteúdos, pois essa tecnologia independe das relações sociais nas quais se insere.
- D) A mercantilização das relações sociais também se expressa no espaço televisivo, que se serve, também, de estereótipos para fins econômicos.

16. (Enem-PPL/2012) A primeira produção cinematográfica de propaganda nitidamente antissemita foi *Os Rothschilds* (1940), de Erich Waschneck. Ambientado na Europa conturbada pelas guerras napoleônicas, o filme mostrava como essa importante família de banqueiros judeus beneficiou-se das discórdias entre as nações europeias, acumulando fortuna à custa da guerra, do sofrimento e da morte de milhões de pessoas. O judeu é retratado como uma criatura perigosa, de mãos aduncas, rosto encarniçado e olhar sádico e maléfico.

PEREIRA, W. "Cinema e genocídio judaico: dimensões da memória audiovisual do nazismo e do holocausto". In: *Educando para a cidadania e a democracia*. 6ª Jornada Interdisciplinar. Rio de Janeiro: SME; UERJ, jun 2009. Fragmento.

Os Rothschilds foi produzido na Alemanha nazista. A partir do texto e naquela conjuntura política, o principal objetivo do filme foi

- A) defender a liberdade religiosa.
- B) controlar o genocídio racial.
- C) aprofundar a intolerância étnica.
- D) legitimar o expansionismo territorial.
- E) contestar o nacionalismo autoritário.

17. (Uern/2013)

Texto I

PROPAGANDA NA ERA VARGAS

O programa *Hora do Brasil* era irradiado por todas as emissoras de rádio do Brasil entre 19 e 20 horas. O aproveitamento sistemático desse programa foi determinado pelo DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda, um órgão criado em 1939 pelo governo Vargas. [...]

CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina. *A escrita da história*. Volume único. Ensino médio. 2ª Ed. São Paulo: Escala Educacional, 2009. p. 553.

Texto II

PROPAGANDA NO REGIME MILITAR

O apelo ao consumo era o “milagre econômico” alcançando a população. Enceradeiras, ventiladores, ferros elétricos, geladeiras, batedeiras, torradeiras, aspiradores de pó etc. A julgar pela enxurrada de eletrodomésticos que invadia as casas da classe média e os sonhos de consumo da sociedade brasileira, o país não deixava nada a dever aos ricos e invejados primos norte-americanos.

CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina. *A escrita da história*. Volume único. Ensino médio. Claro 2ª Ed. São Paulo: Escala Educacional, 2009. p. 678.,

Com base no papel desempenhado pela propaganda nos momentos expressos nos textos e nos dias atuais, é correto afirmar que

- A) tendo em vista a clara distinção entre “propaganda” e “notícia”, justifica-se a liberdade da propaganda em ser sempre fictícia ou metafórica.
- B) a propaganda, independente do tempo ou do espaço em que é utilizada, mantém sua integridade e seu compromisso inalienável com a verdade dos fatos.
- C) tanto no período da Ditadura Vargas (1937-1945), quanto no Regime Militar (1964-1985), a propaganda, por sua ligação com a arte, foi poupada da censura.
- D) ao longo do tempo e da história, muitas vezes de acordo com interesses políticos e/ou pessoais, a propaganda pode ser (e é) utilizada como meio de manipulação ideológica.

18. (Uece/2015) Atente para o seguinte excerto: “Contudo, dois fatores ainda mais importantes solapavam agora a alta cultura clássica. O primeiro era o triunfo universal da sociedade de consumo de massa. Da década de 1960 em diante, as imagens que acompanhavam do nascimento até a morte os seres humanos no mundo ocidental – e cada vez mais no urbanizado Terceiro Mundo – eram as que anunciavam ou encarnavam o consumo ou as dedicadas ao entretenimento comercial de massa. Os sons que acompanhavam a vida urbana, dentro e fora de casa, eram os da música *pop* comercial. Comparado com isso, o impacto das “grandes artes” mesmo sobre os “cultos” era, na melhor das hipóteses ocasional, sobretudo desde que, o triunfo do som e da imagem com base na tecnologia impunha forte pressão sobre o que fora o grande veículo para a experiência da alta cultura, a palavra escrita”.

HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos*. O breve século XX 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras. p. 495.

Segundo Hobsbawm, a alta cultura clássica decaiu devido

- A) à urbanização do Terceiro Mundo.
- B) às traumáticas imagens de nascimento e morte.
- C) à ascensão da cultura escrita.
- D) ao consumo massificado alcançado por intermédio dos meios de comunicação social.

19. (Enem-PPL/2015) Em 1943, Getúlio Vargas criou o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural junto ao Ministério da Justiça, esvaziando o Ministério da Educação não só da propaganda, mas também do rádio e do cinema. A decisão tinha como objetivo colocar os meios de comunicação de massa a serviço direto do Poder Executivo, iniciativa que tinha inspiração direta no recém-criado Ministério da Propaganda Alemão.

CAPELATO, M. H. *Propaganda política e controle dos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

No contexto citado, a transferência de funções entre ministérios teve como finalidade o(a)

- A) desativação de um sistema tradicional de comunicação voltado para a educação.
- B) controle do conteúdo da informação por meio de uma orientação política e ideológica.
- C) subordinação do Ministério da Educação ao Ministério da Justiça e ao Poder Executivo.
- D) ampliação do raio de atuação das emissoras de rádio como forma de difusão da cultura popular.
- E) demonstração de força política do Executivo diante de ministérios herdados do governo anterior.

20. (CFTMG/2013) [...] A CIA [Agência Central de Inteligência norte-americana] e o arcebispo titular da arquidiocese de Miami arquitetaram um plano de transferência massiva de crianças de Cuba para os Estados Unidos, para o qual contaram com o apoio da Igreja cubana. Batizada de Operação Peter Pan, inspiradora de livros e filmes, a ação teve início numa noite de outubro de 1960. Um locutor da rádio de uma estação da CIA, instalada em território hondurenho, transmitia a seguinte mensagem: “Mães cubanas! O governo revolucionário está planejando roubar seus filhos! Quando fizerem 5 anos, seus filhos serão retirados de suas famílias e só retornarão aos 18 anos, transformados em monstros materialistas!” Segundo uma ONG norte-americana, foram retirados de Cuba cerca de 14.000 menores, de ambos os sexos, que foram instalados em orfanatos católicos e em instituições de caridade. No começo de 1962, chegava ao fim a Operação Peter Pan.

MORAIS, Fernando. *Os últimos soldados da Guerra Fria*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 64, 66, 68. Adaptado.

No contexto anterior descrito, é correto inferir que a

- A) preocupação com a formação de seus filhos como cidadãos solidários, nos anos 1960, levou mães cubanas a enviá-los para outro país.
- B) harmonia entre as crenças religiosas, na década de 1960, levou igrejas de diferentes países a se unirem em causas humanitárias.
- C) indústria cinematográfica norte-americana, desde meados do século XX, difundiu valores que interessavam a todos os povos.
- D) bipolarização das forças políticas mundiais, na segunda metade do século XX, acirrou conflitos regionais.



Fique de Olho

APROVADA REGULAMENTAÇÃO DO DIREITO DE RESPOSTA A OFENSAS NA MÍDIA

Vai à sanção da presidência da República, projeto de Lei (PLS 141/2011), aprovado nesta quarta-feira (4), que estabelece procedimentos para o exercício do direito de resposta por pessoa ou empresa em relação à matéria divulgada pela imprensa.

De acordo com o projeto, o ofendido terá 60 dias para pedir ao meio de comunicação o direito de resposta ou a retificação da informação. O prazo conta a partir de cada divulgação. No caso de divulgações sucessivas e contínuas, conta a partir da primeira.

O texto considera ofensivo o conteúdo que atente contra a honra, a intimidade, a reputação, o conceito, o nome, a marca ou a imagem de pessoa física ou jurídica. A resposta deverá ser do mesmo tamanho e com as mesmas características da matéria considerada ofensiva, se publicada em mídia escrita ou na internet. Na TV ou na rádio, também deverá ter a mesma duração e o alcance territorial.

Disponível em: <<http://www12.senado.gov.br>> .

Aula
10

O Mundo Virtual

C-4 H-16, 20

Introdução

Desde as últimas décadas do século XX a humanidade vem presenciando uma série de transformações e inovações tecnológicas denominada de terceira revolução industrial, ou revolução científico-tecnológica, como outros estudiosos preferem chamar. O certo é que essas mudanças vêm repercutindo nas mais variadas áreas, afetando e mudando o cotidiano das pessoas. Seja no mundo do trabalho, nas relações sociais, no consumo, na educação, no acesso à informação, na assimilação cultural, nos meios de transporte e nas ciências em geral, é perceptível essa nova dinâmica do mundo atual globalizado.

Dentre as transformações mencionadas vamos ressaltar aqui, o advento das telecomunicações, mas precisamente o desenvolvimento da informática e seus desdobramentos a partir da expansão dos computadores e do uso da internet. Efeito direto dos avanços da microeletrônica, também chamada de novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC), vem possibilitando pessoas, instituições e empresas do mundo inteiro a se conectarem, consolidando o processo de globalização.

Bem diferentes dos primeiros computadores desenvolvidos a partir da década de 1940, que eram aparelhos enormes chegando a ocupar salas inteiras, os computadores pessoais (PC) fabricados no final dos anos 1980 evoluíram numa rapidez impressionante. Desde o tamanho reduzido passando pelos *notebooks*, *netbooks*, *tablets* e *smartphones*, até a velocidade no processamento e o preço mais acessível do produto, esses aparelhos passaram a fazer parte do cotidiano de um número cada vez maior de usuários, não se limitando apenas ao ambiente de trabalho.

A Internet e a Era da Informação

Atualmente nos deparamos com textos ou ouvimos em palestras que estamos presenciando o momento da História, que vem sendo denominado pelos estudiosos de "era da informação". Está cada vez mais presente entre os estudantes da educação básica, dos universitários, professores, e profissionais das mais variadas áreas, o reconhecimento da necessidade de estar bem informado, atualizado, "antenido" com o que acontece no Brasil e no mundo, bem como buscar compreender suas repercussões em nosso meio.

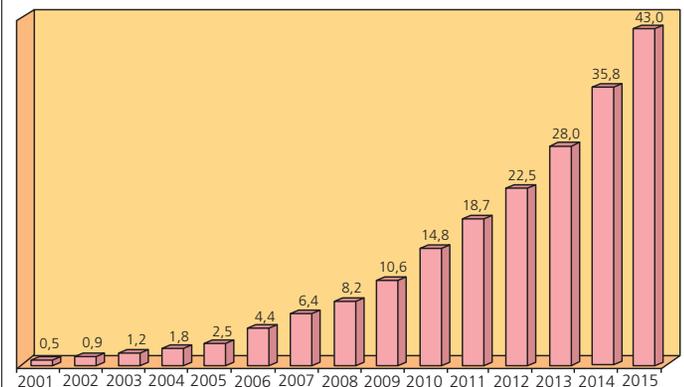
Nesse sentido a internet ocupa lugar de destaque. Há décadas que o rádio e depois a televisão transmitiam ao vivo, porém com o surgimento da internet, as informações passam a ser difundidas instantaneamente em qualquer lugar, bastando para isso estar conectado, uma revolução. As notícias são atualizadas constantemente nos *sites*, não precisando esperar a edição impressa do jornal na manhã seguinte ou esperar o próximo noticiário televisivo.

No mundo do trabalho, a rede mundial de computadores permite que grandes corporações, empresas multinacionais, com unidades espalhadas em países e continentes diferentes, se comuniquem em tempo real através de vídeo conferência, tomando decisões em conjunto em um grande escritório virtual. Nas bolsas de valores dos principais centros financeiros do mundo, milhares de ações são negociadas diariamente, mudando de investidores instantaneamente.



Ainda no campo dos negócios, outro setor que vem crescendo continuamente é o comércio *on-line*, alterando as relações dos hábitos de consumo. O consumidor pode efetuar sua compra sem sair de casa ou mesmo em qualquer outro local, bastando para isso ter em mãos um aparelho conectado à internet. A empresa interessada na venda oferece os produtos em seu *site*, a loja virtual, e toda a transação é feita sem o contato físico. O Brasil lidera o ranking de comércio eletrônico na América Latina, seguido por México e Argentina. Esse crescimento é acompanhado pelo aumento do número de lojas virtuais, que vão desde grandes redes de marcas consolidadas com suas lojas físicas e que passaram a oferecer esse serviço, até novos empreendedores buscando um espaço no mercado.

Faturamento anual do e-commerce no Brasil - Bilhões



A comodidade e facilidades oferecidas pelo comércio virtual também podem acarretar problemas e situações desconfortáveis. Diante de *sites* e propagandas oferecendo uma quase infinidade de produtos com facilidades de pagamento, o indivíduo pode ser levado ao consumo compulsivo, acarretando o endividamento e comprometendo seu orçamento.

Outro problema enfrentado nessa área é o crescimento dos crimes virtuais, ou cibercrimes. O mais comum de acordo com o Instituto de Peritos em Tecnologias Digitais e Telecomunicações (IPDI), é o Roubo de identidade, em que criminosos, os piratas virtuais, conseguem obter informações pessoais como senhas de cartões de crédito e de bancos para efetuar compras *online* ou fazer transferências financeiras. Nesse sentido o poder público vem desenvolvendo mecanismos e estratégias de combate e punições para os infratores.

Um aspecto analisado como positivo, decorrente da revolução científico-tecnológica, são as facilidades encontradas na comunicação entre os indivíduos. Se levarmos em consideração que na segunda metade do século XIX as mensagens enviadas utilizando o telégrafo da Europa à América levavam horas para chegar ao seu destino, e que até o final do século passado as pessoas que moravam em cidades distantes e se comunicavam por cartas, tinham que esperar dias ou semanas para receber notícias. Hoje a realidade é bem diferente, conseguimos nos comunicar em uma velocidade antes inimaginável. *E-mails*, mensagens de textos, ligações via celular ou redes sociais permitem o diálogo instantâneo de qualquer parte do mundo. Compartilhamos fotografias e vídeos segundos depois de vivenciado o momento. Talvez você que é jovem não consiga imaginar que se os seus pais, quando tinham a sua idade, precisassem conversar com um amigo de outra cidade, em tempo real, teriam como única alternativa pagar uma tarifa bem mais cara para falar por telefone, e se a ligação fosse para outro Estado ou outro país, o aconselhável seria esperar os dias e horários com tarifas promocionais.

Com relação ao acesso à informação, além da velocidade cada vez mais dinâmica com que ela nos chega, observou-se também um crescimento quantitativo das mídias. Além dos grandes grupos de comunicação, é possível acessar *sites*, *blogs*, revistas digitais e outros canais na internet que despontam como alternativas que podem oferecer leituras e interpretações diferentes sobre fatos, contribuindo para uma análise crítica e o debate dos mais variados temas. No entanto é preciso cautela e não receber as informações de forma passiva, sem questionamento, levando em consideração a fonte dos conteúdos, filtrando e processando com criticidade o que nos é repassado.



zerbor/123RF/Gettyimages

Outra observação que merece nossa atenção é a forma como as notícias estão expostas nos *sites*. Na página principal, os conteúdos são apresentados como se tivessem a mesma importância. Política, economia, violências, moda, comportamento, conflitos, entretenimento e publicidade dividem o mesmo espaço, muitas vezes levando o internauta a leituras superficiais e um sentimento de indiferença e comodismo diante de problemas que mereciam uma análise mais aprofundada de situações, que podem interferir diretamente em seu cotidiano.

Problemas e desafios

Não podemos deixar de reconhecer os avanços e benefícios proporcionados pela internet no que concerne à informação, o conhecimento, o entretenimento e às relações sociais. Além dos noticiários, podemos acessar *sites* de universidades onde encontramos trabalhos acadêmicos e pesquisas; lemos livros digitais, enciclopédia e uma infinidade de textos nas mais variadas línguas e culturas; além dos *sites* de buscas, os vídeos com documentários, palestras e debates, espetáculos e shows estão facilmente disponíveis a nossa frente com um clique. Porém, precisamos levar em consideração alguns problemas que surgem como desafios que também passaram a fazer parte do universo da internet e da sociedade conectada.

Vamos começar fazendo uma distinção entre informação e conhecimento. A facilidade com que encontramos os conteúdos com um simples "enter" não implica necessariamente que estamos

desenvolvendo uma consciência crítica que poderia proporcionar e enriquecer o debate, a discussão em busca da compreensão e soluções para os problemas que afligem a sociedade. Essa facilidade à informação quando não bem aproveitada acaba por trazer distorções. Ao invés da leitura do livro, busca-se o resumo, a resenha. A pesquisa muitas vezes é substituída por trabalhos prontos, é a cultura do CTRL+C / CTRL+V.

Um novo problema decorrente das novas tecnologias é o que os especialistas vêm chamando de Ciberdependência. Caracterizada pela compulsão de estar conectada constantemente por um longo período à internet, afastando as pessoas do mundo real, trazendo consequências que prejudicam seu desempenho profissional ou escolar, comprometendo as relações sociais e causando danos psicológicos e físicos.

Atualmente, a internet se apresenta como o meio de comunicação mais democrático. Garantindo espaço para as mais variadas produções, artistas, escritores, jornalistas sem muitos recursos e oportunidades, agora podem apresentar seus trabalhos a milhões de pessoas. A facilidade em compartilhar informações por e-mails e redes sociais tem possibilitado a organização de campanhas de conscientização de diversos temas como meio ambiente, cuidados com a saúde, doação de órgãos, dentre outros. Grandes manifestações no Brasil e no mundo foram organizadas recentemente, mobilizando multidões que saíram às ruas reivindicando de seus respectivos governos políticas públicas, transparência administrativa, ética e protestando contra a corrupção. Exemplos concretos de como as redes sociais podem contribuir como ferramentas para o exercício da cidadania.

Em 2011, em países do norte da África e Oriente Médio, uma série de protestos e revoltas que ficou conhecida como primavera árabe, levou a queda de alguns governos que estavam no poder há décadas. As manifestações eram organizadas a partir das redes sociais, que também foram utilizadas para denunciar a violenta repressão militar que esses manifestantes sofriam, por parte dos governos durante os protestos. Imagens gravadas por aparelhos celulares eram divulgadas nas redes e chegavam à imprensa internacional, chamando a atenção da opinião pública e de autoridades de outros países para o que estava acontecendo.



Nataliya Yakovleva/123RF/Gettyimages

No entanto, é necessário lembrar que a mesma internet que tantos avanços, benefícios e praticidade nos trouxe nesse início de século, também tem sido utilizada como espaço para manifestações de racismo, preconceitos, xenofobia e intolerâncias. Uma verdadeira contradição, uma vez que se usa um espaço democrático para propagar e defender ideologias de regimes autoritários, que no passado cometeram tantas atrocidades. Assim como a divulgação de vídeos de grupos extremistas vangloriando-se de suas ações que ultrapassam qualquer noção de civilidade, em total desrespeito à dignidade humana. Esses mesmos grupos utilizam as novas tecnologias para recrutar novos militantes em várias partes do mundo.



Pavel Ignatov / 12.3f/istockphoto

Episódios como esses nos levam a fazer uma reflexão sobre o papel da internet e despontam como um dos grandes desafios da atualidade a serem combatidos e superados. Seja com ações do poder público, criando mecanismos jurídicos que levem a punição dos envolvidos, assim como a participação da sociedade civil desenvolvendo um trabalho de conscientização através da educação nas escolas, de debates e palestras que possam contribuir no sentido de buscar alternativas que levem ao uso da internet e as mídias de maneira geral, como ferramentas que possibilitem o aperfeiçoamento da democracia, que deve ser legitimada a partir da tolerância e do reconhecimento da pluralidade cultural em um mundo cada vez mais conectado.



Exercícios de Fixação

01. (Uel/2017) Leia o texto a seguir.

Uma parte considerável dos novos ativistas já compareceu a protestos e a encontros presenciais, mas há muitos que se manifestam exclusivamente na Internet sob a forma de textos, *hashtags* e vídeos. E o volume de informação produzido por eles sinaliza a centralidade que a política assumiu no dia a dia dos brasileiros.

CIRNE, S. Somos todos ativistas. *Galileu*. abr. 2016. p. 41. Adaptado.

As formas de ativismo on-line e off-line, no Brasil, demonstram a emergência, na sociedade civil, de novos atores políticos, que se articulam por meio de ações coletivas em rede.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre as recentes formas de mobilização dos atores da sociedade civil, assinale a alternativa correta.

- As ações coletivas em rede podem ser comparadas aos movimentos sindicais brasileiros da década de 1970, por adotarem práticas de organização e de mobilização em defesa da esfera privada contra a opressão estatal.
- As manifestações políticas organizadas em redes de movimentos caracterizam-se pela participação de diversos grupos e de múltiplos atores imersos na vida cotidiana, com militância parcial e efêmera.
- O atual ativismo político no Brasil, a exemplo do mundo, mobiliza entidades e organizações ideologicamente unificadas e com práticas comuns no mercado, a fim de obter vantagens coletivas trabalhistas e salariais.
- O ciberativismo, na contemporaneidade, envolve, como no passado, a mobilização das grandes classes e a afirmação do movimento operário como principal protagonista das transformações socioeconômicas.
- Os sujeitos dos movimentos favoráveis às políticas neoliberais, na atualidade brasileira, organizam-se em rede para a defesa da intervenção e da regulação da economia e das relações de trabalho, pelo Estado.

02. (UEL/2017) Analise a charge a seguir.



Reprodução/UEL 2017

Disponível em: <<https://sociologiareflexaoeacao.files.wordpress.com>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

Leia o texto a seguir.

O avanço do uso de novas tecnologias de informação e comunicação altera as relações sociais, os hábitos cotidianos e os costumes das pessoas, especialmente nas grandes cidades. Um exemplo é a crescente utilização da Internet, das redes sem fio, dos celulares e smartphones tanto em pesquisas escolares como nos espaços privados e públicos. Nos trens, nos ônibus e nas ruas, o uso dessas tecnologias se multiplica e se transforma quase em uma regra, relegando àqueles que não os usam como comportamentos “fora dos padrões”.

OLIVEIRA, L. F.; COSTA, R. C. R. *Sociologia para jovens do século XXI*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2013. p. 250-254. Adaptado.

Com base na charge, no texto e nos conhecimentos sociológicos sobre os efeitos da expansão das novas tecnologias de informação e comunicação nas relações sociais, assinale a alternativa correta.

- Para Zigmunt Bauman, na modernidade líquida, a intensa interatividade e a multiplicação das relações em rede criam vínculos sociais duradouros e quadros de referência e de identificação permanentes.
- Para Umberto Eco, os efeitos principais do avanço dos novos meios de comunicação, nos locais mais isolados, são a padronização dos comportamentos, o desaparecimento das diversidades culturais e das tradições comunitárias.
- O uso de tecnologias móveis e pessoais de comunicação, como os smartphones, ao mesmo tempo em que estimula relações sociais virtuais, seja através de voz, de SMS, de fotos ou vídeos, dificulta a disseminação de conteúdos e de ideias divergentes.
- Na contemporaneidade, o acesso universal e ilimitado às redes digitais rompe com o controle das grandes empresas sobre a produção e a circulação de notícias e com a sua atuação em rede nacional e internacional.
- A utilização cada vez mais frequente de celulares confere maior mobilidade nas comunicações, modifica as formas de controle dentro e fora dos grupos e torna públicas conversas consideradas, no passado, restritas ao mundo privado.

03. (Enem/2011) No mundo árabe, países governados há décadas por regimes políticos centralizadores contabilizam metade da população com menos de 30 anos; desses, 56% têm acesso à internet. Sentindo-se sem perspectivas de futuro e diante da estagnação da economia, esses jovens incubam vírus sedentos por modernidade e democracia. Em meados de dezembro, um tunisiano de 26 anos, vendedor de frutas, põe fogo no próprio corpo em protesto por trabalho, justiça e liberdade. Uma série de manifestações eclode na Tunísia e, como uma epidemia, o vírus libertário começa a se espalhar pelos países vizinhos, derrubando em seguida o presidente do Egito, Hosni Mubarak. Sites e redes sociais – como o Facebook e o Twitter – ajudaram a mobilizar manifestantes do norte da África a ilhas do Golfo Pérsico.

SEQUEIRA, C. D.; VILLAMÉA, L. A epidemia da Liberdade. *IstoÉ Internacional*. 2 mar. 2011. Adaptado.

Considerando os movimentos políticos mencionados no texto, o acesso à internet permitiu aos jovens árabes

- A) reforçar a atuação dos regimes políticos existentes.
- B) tomar conhecimento dos fatos sem se envolver.
- C) manter o distanciamento necessário à sua segurança.
- D) disseminar vírus capazes de destruir programas dos computadores.
- E) difundir ideias revolucionárias que mobilizaram a população.

04. (Enem/2013) O sociólogo espanhol Manuel Castells sustenta que “a comunicação de valores e a mobilização em torno do sentido são fundamentais. Os movimentos culturais (entendidos como movimentos que têm como objetivo defender ou propor modos próprios de vida e sentido) constroem-se em torno de sistemas de comunicação – essencialmente a internet e os meios de comunicação – porque esta é a principal via que esses movimentos encontram para chegar àquelas pessoas que podem eventualmente partilhar os seus valores, e a partir daqui atuar na consciência da sociedade no seu conjunto”.

Disponível em: <www.compolitica.org>. Acesso em: 2 mar. 2012. Adaptado.

Em 2011, após uma forte mobilização popular via redes sociais, houve a queda do governo de Hosni Mubarak, no Egito. Esse evento ratifica o argumento de que

- A) a internet atribui verdadeiros valores culturais aos seus usuários.
- B) a consciência das sociedades foi estabelecida com o advento da internet.
- C) a revolução tecnológica tem como principal objetivo a deposição de governantes antidemocráticos.
- D) os recursos tecnológicos estão a serviço dos opressores e do fortalecimento de suas práticas políticas.
- E) os sistemas de comunicação são mecanismos importantes de adesão e compartilhamento de valores sociais.

05. (Enem/2015) Na sociedade contemporânea, onde as relações sociais tendem a reger-se por imagens midiáticas, a imagem de um indivíduo, principalmente na indústria do espetáculo, pode agregar valor econômico na medida de seu incremento técnico: amplitude do espelhamento e da atenção pública. Aparecer é então mais do que ser; o sujeito é famoso porque é falado. Nesse âmbito, a lógica circulatória do mercado, ao mesmo tempo que acena democraticamente para as massas com os supostos “ganhos distributivos” (a informação ilimitada, a quebra das supostas hierarquias culturais), afeta a velha cultura disseminada na esfera pública.

A participação nas redes sociais, a obsessão dos *selfies*, tanto falar e ser falado quanto ser visto são índices do desejo de “espelhamento”.

SODRÉ, M. Disponível em: <http://alias.estadao.com.br>. Acesso em: 9 fev. 2015. Adaptado.

A crítica contida no texto sobre a sociedade contemporânea enfatiza

- A) a prática identitária autorreferente.
- B) a dinâmica política democratizante.
- C) a produção instantânea de notícias.
- D) os processos difusores de informações.
- E) os mecanismos de convergência tecnológica.



Exercícios Propostos

01. (Enem/2010) Os meios de comunicação funcionam como um elo entre os diferentes segmentos de uma sociedade. Nas últimas décadas, acompanhamos a inserção de um novo meio de comunicação que supera em muito outros já existentes, visto que pode contribuir para a democratização da vida social e política da sociedade à medida que possibilita a instituição de mecanismos eletrônicos para a efetiva participação política e disseminação de informações.

Constitui o exemplo mais expressivo desse novo conjunto de redes informacionais a

- A) Internet.
- B) fibra ótica.
- C) TV digital.
- D) telefonia móvel.
- E) portabilidade telefônica.

02. (Enem-PPL/2014)



Disponível em: <www.indiana.edu>. Acesso em: 3 ago. 2013. Adaptado.

As redes sociais tornaram-se espaços importantes de relacionamento e comunicação. A charge apresenta o impacto da internet na vida dos indivíduos quando faz referência à

- A) ampliação do poder dos clérigos no controle dos fiéis.
- B) adequação dos ritos sacramentais ao cotidiano.
- C) perda de privacidade em ambiente virtual.
- D) reinterpretação da noção de pecado.
- E) modernização das instituições religiosas.

03. (Enem/2016) Não estou mais pensando como costumava pensar. Percebo isso de modo mais acentuado quando estou lendo. Mergulhar num livro, ou num longo artigo, costumava ser fácil. Isso raramente ocorre atualmente. Agora minha atenção começa a divagar depois de duas ou três páginas. Creio que sei o que está acontecendo. Por mais de uma década venho passando mais tempo on-line, procurando e surfando e algumas vezes acrescentando informação à grande biblioteca da internet. A internet tem sido uma dádiva para um escritor como eu. Pesquisas que antes exigiam dias de procura em jornais ou na biblioteca agora podem ser feitas em minutos. Como disse o teórico da comunicação Marshall McLuhan nos anos 1960, a mídia não é apenas um canal passivo para o tráfego de informação. Ela fornece a matéria, mas também molda o processo de pensamento. E o que a *net* parece fazer é pulverizar minha capacidade de concentração e contemplação.

CARR. N. "Is Google making us stupid?".
Disponível em: <www.theatlantic.com>. Acesso em: 17 fev. 2013.
Adaptado.

Em relação à internet, a perspectiva defendida pelo autor ressalta um paradoxo que se caracteriza por

- A) associar uma experiência superficial à abundância de informações.
- B) condicionar uma capacidade individual à desorganização da rede.
- C) agregar uma tendência contemporânea à aceleração do tempo.
- D) aproximar uma mídia inovadora à passividade da recepção.
- E) equiparar uma ferramenta digital à tecnologia analógica.

04. (Unifor/2014) Na atualidade é crescente a utilização da rede mundial de computadores (Internet) como meio para interação social, para troca de conhecimento e para realização de transações comerciais e financeiras. Dada a relevância e magnitude do fluxo de dados na Internet, aspectos relacionados à segurança desses dados são críticos. Acerca da segurança dos dados e informações que trafegam na Internet, assinale a alternativa correta.

- A) Uma falha de segurança chamada *Heartbleed* foi descoberta nas últimas semanas em diversos sites, como Google, Twitter e Facebook, tornando possíveis invasões e vazamentos de dados dos usuários desses sites.
- B) A criptografia de dados na Internet é utilizada por aqueles que desejam tornar acessíveis dados e informações sigilosas.
- C) O Governo Americano, por meio da Agência de Segurança Nacional (NSA), órgão de vigilância dos Estados Unidos, tem liderado os esforços mundiais para proteger as informações e dados que trafegam na Internet.
- D) Dois terços dos *sites* do mundo foram afetados pelo programa malicioso *Open SSL*, que torna as páginas na Internet menos seguras, desprotegendo os dados nelas informados.
- E) Em informática, *hackers* são indivíduos que se dedicam a proteger o sigilo dos dados e informações dos usuários da Internet.

05. Enem-PPL(2016)



Disponível em: <www.malvados.com.br>
Acesso em: 11 dez. 2012.

A tirinha compara dois veículos de comunicação, atribuindo destaque à

- A) resistência do campo virtual à adulteração de dados.
- B) interatividade dos programas de entretenimento abertos.
- C) confiança do telespectador nas notícias veiculadas.
- D) credibilidade das fontes na esfera computacional.
- E) autonomia do internauta na busca de informações.

06. (Enem/2013)



A charge revela uma crítica aos meios de comunicação, em especial à internet, porque

- A) questiona a integração das pessoas nas redes virtuais de relacionamento.
- B) considera as relações sociais como menos importantes que as virtuais.
- C) enaltece a pretensão do homem de estar em todos os lugares ao mesmo tempo.
- D) descreve com precisão as sociedades humanas no mundo globalizado.
- E) concebe a rede de computadores como o espaço mais eficaz para a construção de relações sociais.

07. (UFU/2016) O acesso à internet cresceu 143,8% entre a população com mais de dez anos entre os anos de 2005 e 2011, enquanto o crescimento populacional foi de 9,7%. Apesar desses números, apenas 53,5% brasileiros da mesma faixa etária não utilizam a Internet.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/>>.

Em vista dos dados apresentados, quais dos conceitos a seguir deveriam ser utilizados para analisar e mostrar que esses dados podem ser um problema sociológico?

- A) Gênero e Homofobia.
 B) Desigualdade Social e Inclusão Digital.
 C) Solidariedade Mecânica e Solidariedade Orgânica.
 D) Movimento Social e Participação Política.
08. (IBMECRJ/2013) Uma malha digital que cresce em velocidade vertiginosa está cobrindo nosso planeta: é a Internet, a rede mundial de computadores. Considerando essa importante inovação tecnológica contemporânea, analise a informação: A integração econômica global é facilitada pelo uso das mesmas técnicas, contudo, integrar não significa incluir a todos.

Com base nas informações e em seus conhecimentos, escolha a alternativa que melhor explica a afirmativa apresentada.

- A) A era da informação e da revolução científica prioriza a qualificação da mão de obra e a incorporação de novas habilidades, reconhecendo a diferença existente entre ricos e pobres.
 B) A velocidade da informação é o benefício apresentado pela Internet para a globalização, pois reduz o espaço mundial a um espaço virtual, sem a necessidade de integrar a todos os internautas.
 C) A internacionalização da rede e a incorporação de centenas de milhões de usuários por todo o planeta excluem as diferenças culturais e econômicas devido à mundialização dos padrões de consumo.
 D) A Internet dinamizou e tornou imediatas transações e negociações em escala mundial, evitando a exclusão digital pelas parcerias com empresas e investimentos em inovações tecnológicas.
 E) Ao mesmo tempo em que a Internet facilita o processo de integração econômica global, é também responsável pela chamada exclusão digital, pois acentua a distância entre os usuários e aqueles que já viviam em situação de marginalidade econômica e social.

09. (Enem/2009) Populações inteiras, nas cidades e na zona rural, dispõem da parafernália digital global como fonte de educação e de formação cultural. Essa simultaneidade de cultura e informação eletrônica com as formas tradicionais e orais é um desafio que necessita ser discutido. A exposição, via mídia eletrônica, com estilos e valores culturais de outras sociedades, pode inspirar apreço, mas também distorções e ressentimentos. Tanto quanto há necessidade de uma cultura tradicional de posse da educação letrada, também é necessário criar estratégias de alfabetização eletrônica, que passam a ser o grande canal de informação das culturas segmentadas no interior dos grandes centros urbanos e das zonas rurais. Um novo modelo de educação.

BRIGAGÃO, C. E.; RODRIGUES, G. *A globalização a olho nu: o mundo conectado*. São Paulo: Moderna, 1998. Adaptado.

Com base no texto e considerando os impactos culturais da difusão das tecnologias de informação no marco da globalização, depreende-se que a(s)

- A) ampla difusão das tecnologias de informação nos centros urbanos e no meio rural suscita o contato entre diferentes culturas e, ao mesmo tempo, traz a necessidade de reformular as concepções tradicionais de educação.
 B) apropriação, por parte de um grupo social, de valores e ideias de outras culturas para benefício próprio é fonte de conflitos e ressentimentos.
 C) mudanças sociais e culturais que acompanham o processo de globalização, ao mesmo tempo em que refletem a preponderância da cultura urbana, tornam obsoletas as formas de educação tradicionais próprias do meio rural.
 D) populações nos grandes centros urbanos e no meio rural recorrem aos instrumentos e tecnologias de informação basicamente como meio de comunicação mútua, e não os veem como fontes de educação e cultura.
 E) intensificação do fluxo de comunicação por meios eletrônicos, característica do processo de globalização, está dissociada do desenvolvimento social e cultural que ocorre no meio rural.

10. (Enem-PPL/2016)



Reprodução/Enem PPL 2016

DAHMER, A. Disponível em: <<http://malvados.wordpress.com/>>. Acesso em: 11 dez. 2012.

Analisar o processo atual de circulação e de armazenamento de determinados bens culturais diante da transformação decorrente do impacto de novas tecnologias indica que hoje a(s)

- A) músicas e os textos têm privilegiado um formato digital, tornando inadmissível sua acumulação.
 B) rede mundial de computadores acaba com o chamado direito autoral, que é inaplicável em relações virtuais.
 C) segurança e a inclusão digital são problemas, expondo a impossibilidade de realizar um comércio feito on-line.
 D) mídias digitais e a internet permitiram maior fluxo desses produtos, pois seu acúmulo independe de grandes bases materiais.
 E) pirataria é o recurso utilizado pelos consumidores, visto que são impedidos de adquirir legalmente algo desprovido de suporte físico.



Fique de Olho

CIDADANIA E JUSTIÇA

por Portal Brasil Publicado: 04/12/2012

Leis que garantem punição para crimes na internet são sancionadas



A presidenta Dilma Rousseff sancionou duas leis que tipificam os crimes na internet, aprovadas pelo Congresso Nacional em outubro e novembro. [...]

As novas regras alteram o Código Penal para definir os crimes cibernéticos e instituir as respectivas penas. As leis tipificam crimes como a invasão de computadores, o roubo de senhas e de conteúdos de e-mail, a derrubada proposital de *sites* e o uso de dados de cartões de débito e crédito sem autorização do titular.

A disseminação de vírus de computador ou códigos maliciosos para roubo de senhas também poderá ser punida com prisão de três meses a um ano, além de multa. [...]

O projeto que deu origem à lei (PLC 35/2012) foi elaborado na época em que fotos íntimas da atriz Carolina Dieckmann foram copiadas de seu computador e espalhadas pela rede mundial de computadores. O texto era reivindicado pelo sistema financeiro, dada a quantidade de golpes aplicados pela internet.

Agência Brasil/Senado Federal. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br>>.

Bibliografia

- AQUINO, Rubim. VIEIRA, Fernando. AGOSTINO, Gilberto. ROEDEL, Hiran. *Sociedade Brasileira: Uma História através dos movimentos sociais*. São Paulo: Record, 2000. p. 495; p. 821
- CABRAL, Sérgio. *A MPB na Era do Rádio*. Coleção Polêmica. São Paulo: Editora Moderna, 1996. p. 34 e 35.
- D'ARAÚJO, Maria Celina. *A Era Vargas*. São Paulo: Moderna, 1997. p. 91-95.
- HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1990. p. 102.
- Era dos extremos: O breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 372-373.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas, São Paulo: Papirus/Unicamp, 1986. p. 40-41.
- Luís XIV: Memórias. In: ISAAC, Jules; ALBA, André. *Tempos Modernos*. São Paulo: Mestre Jou, 1968. p. 165.
- MONTESQUIEU. *O espírito das leis*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 168.
- MORINEAU, Michel. *O século XVI – 1492-1610*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1980. p. 314.
- PERROT, M. *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4. p. 589.
- RIBEIRO, Renato Janine. *A etiqueta no Antigo Regime*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 75.
- SMITH, Adam. A riqueza das nações. In: LÓZON, Ignacio et alii. *História*. Madri: Esla, 1992. p. 182.
- SOUZA, Carlos Roberto de. "Cinema em Tempos de Capanema". In BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/EDSC, 2001. p. 160-161.
- <http://www.brasil.gov.br/> Acesso em 11/11/2015
- <http://www.usp.br/> Acesso em 12/11/2015
- <http://www.e-commerce.org.br>
- <https://www.google.com.br>
- <http://en.wikipedia.org/wiki/File:EwigerJudeFilm.jpg>
- <http://dimartblog.files.wordpress.com/2014/02/stalin-poses-ad-demagod-ww2-propaganda-poster.jpg>
- <http://www.sindpd.org.br/sindpd/getulio-vargas/hist>



Anotações



Anotações

GEOGRAFIA I

CARTOGRAFIA E GEOLOGIA

Objetivo(s):

- Capacitar o aluno no que tange à análise, compreensão e interpretação das escalas cartográficas.
- Estudar a função e a aplicabilidade das escalas cartográficas na elaboração de um mapa.
- Oportunizar a interdisciplinaridade com a Matemática, bem como o cálculo das propriedades básicas e conversões de unidades.
- Inserir no aluno, de forma concreta e prática, a definição e as funções das projeções cartográficas.
- Abordar os diversos tipos de projeções cartográficas e o propósito de cada uma.
- Capacitar e habilitar o aluno no que tange ao processo de evolução dos mapas e projeções cartográficas ao longo do tempo.
- Estudar o processo de origem e formação da Terra.
- Relacionar a presença dos recursos naturais ao processo de resfriamento da crosta.
- Identificar todo o processo geológico fracionando em Eras Geológicas.
- Investigar a fragmentação da crosta em vários "pedaços" de rochas (placas) e contextualizá-las com a dinâmica do relevo.
- Investigar como se deu o processo de formação das rochas.
- Inserir no aluno o conhecimento de que essas rochas formam a estrutura geológica.
- Compreender os três tipos de estruturas geológicas apontando as características que as individualizam umas das outras.
- Relacionar a geologia com o setor da economia conhecido como extrativismo mineral.
- Inserir no aluno a habilidade de identificar os tipos de rochas existentes no território brasileiro e a sua importância para a economia extrativista.
- Identificar, no Brasil, as formações rochosas de acordo com as Eras Geológicas.
- Estudar as características das estruturas geológicas do território brasileiro.

Conteúdo:

AULA 06: CARTOGRAFIA II: ESTUDO DAS ESCALAS CARTOGRÁFICAS

Introdução	160
Escala.....	160
Tipos de escalas	160
Grandezas de escalas cartográficas	161
Cálculo de escalas.....	162
Exercícios	162

AULA 07: CARTOGRAFIA II: PROJEÇÕES CARTOGRÁFICAS

Introdução	167
Técnicas de projeções cartográficas	168
Projeções cartográficas e suas características	168
Outros tipos de projeções	170
Exercícios	170

AULA 08: GEOLOGIA I: ESTRUTURA DA TERRA

Introdução	176
A história da formação da Terra	176
Resumo do tempo geológico comparado com a passagem de um ano..	177
Método de datação.....	178
Estrutura da Terra.....	179
A Teoria das placas tectônicas ou tectônica de placas	180
Exercícios	181

AULA 09: GEOLOGIA II: ROCHAS

Rochas	185
Rochas magmáticas ou ígneas.....	185
Rochas sedimentares	186

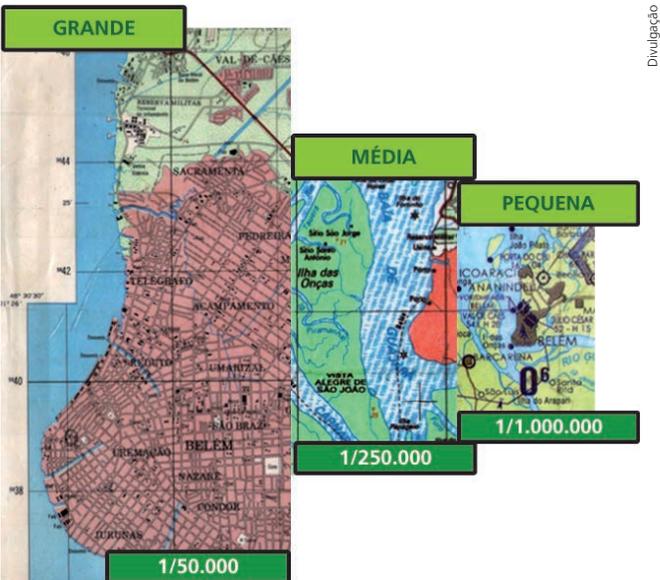
Rochas metamórficas.....	187
Estruturas geológicas.....	187
Características das estruturas geológicas	187
Exercícios	188

AULA 10: ESTRUTURA GEOLÓGICA DO BRASIL

Introdução	192
Os escudos cristalinos.....	192
As bacias sedimentares.....	193
A atividade mineradora e o petróleo	193
Exercícios	195

Aula
06

Cartografia II: Estudo das Escalas Cartográficas



Divulgação

Introdução

Os mapas anteriores tratam da representação de um território em tamanhos diferentes. Essa diferença de tamanho do território representado é definida pela escala cartográfica.

Com base nesses exemplos, podemos afirmar que todo mapa é uma representação reduzida da superfície terrestre e pode ser entendida como uma relação de proporção entre a realidade e o que se deseja representar. É a quantidade de vezes que uma realidade precisa ser reduzida para que possa ser representada no papel.

Escala

Podemos definir “escala” como sendo a relação matemática entre as verdadeiras dimensões de um objeto e sua representação proporcional a um valor estabelecido.

É preciso reafirmar que a cartografia trabalha tão somente com escala de redução, ou seja, as dimensões naturais sempre se apresentarão nos mapas na forma reduzida.

Isso equivale a dizer que na relação matemática 1/N, o denominador da fração sempre será maior do que 1. Dizemos, então, que 1/1 ou 1:1 corresponde à escala natural, em que a representação do objeto será feita em sua dimensão verdadeira. Dessa afirmação, fica claro que, em se tratando de representação da superfície terrestre, é impossível utilizarmos escala 1:1.

BOCHICCHIO, Vincenzo Raffaele. *Manual de cartografia*. São Paulo: Atual, 1993. p. 16. Adaptado.

Como precisamos “colocar o mundo” em um mapa planisférico, necessitamos de uma escala que indique a proporção entre ele e o nosso planeta. A escala nos informa quantas vezes o objeto real (no caso a Terra ou parte dela) foi reduzido no mapa. Então, ratificamos o significado de escala como sendo a relação entre a distância ou o comprimento no mapa e a distância real correspondente na Terra.

Para a representação da realidade no desenho (mapa), é necessário definir uma correspondência entre as dimensões do terreno e as do papel. Essa relação é feita através da escala, que expressa quanto os elementos do espaço geográfico foram reduzidos para caberem em uma folha de papel ou uma tela de computador.

Existem dois tipos de escalas: a **numérica** e a **gráfica**.

Tipos de escalas

Escala numérica ou aritmética

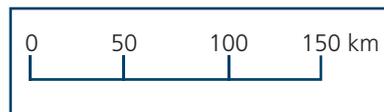
Pode ser representada por uma fração ordinária (1/500.000) ou sob a forma de razão (1:500.000). Na escala de 1:500.000 lê-se “um para quinhentos mil”, a área representada é reduzida 500 mil vezes. Em toda escala numérica, as unidades indicadas no numerador e no denominador devem ser lidas em centímetros, ou seja, para cada 1 cm no mapa equivale a 500.000 cm no terreno, ou ainda, 1 cm equivale a 5 km.

Se a escala do mapa é 1:500.000 (1 cm no mapa equivale a 5 km) e a distância entre duas cidades em linha reta, no mapa é de 3 cm, multiplica 3 pelo valor de cada centímetro (5 km) para obter a distância real, em linha reta, entre essas duas cidades: 15 km.

Medir grandes extensões			Unidade	Medir pequenas extensões		
Múltiplos				Submúltiplos		
quilômetro	hectômetro	decâmetro	metro	decímetro	centímetro	milímetro
km	hm	dam	m	dm	cm	mm
1	0	0	0	0	0	0

(Um quilômetro, por exemplo, equivale a mil metros ou um milhão de milímetros)

Escala gráfica



(A média da escala é de 50 km, então, temos: 1 cm no mapa equivale a 50 km)

Nesse caso, a reta foi seccionada em três partes iguais, cada uma medindo 1 cm. Isso significa que cada uma dessas partes no mapa (1 cm) corresponde a 50 km no terreno.

A riqueza de detalhes do mapa é diretamente proporcional à escala, ou seja, quanto maior for a escala, maior será a riqueza de detalhes.

A escala é considerada pequena quando tem um denominador grande, isto é, quando se reduz muito a área real, e, nesse caso, é conveniente que ao representarmos áreas de grandes extensões territoriais apliquemos uma escala bem pequena (imagine quantas vezes o planeta Terra tem de ser reduzido para ser representado em um planisfério do tamanho desta folha). Ao representarmos uma área de pequena extensão territorial é conveniente que seja aplicada uma escala grande, isto é, de denominador pequeno.

Quando utilizar a escala ideal?

É impossível encontrarmos uma rua de qualquer cidade em um mapa-múndi, por que na escala utilizada nesse tipo de representação até mesmo uma metrópole se torna apenas um ponto. Para representar uma rua, é preciso usar uma escala adequada, como a de 1:10.000.

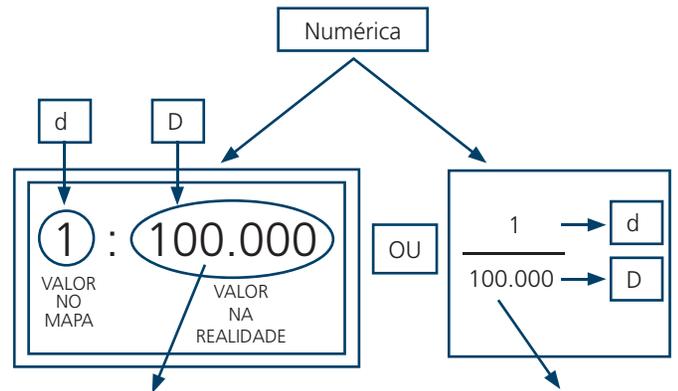
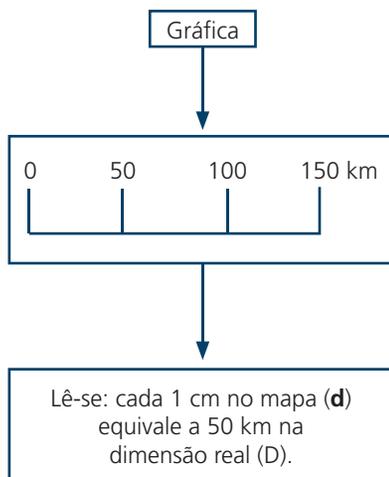
Representações em escala pequena mostram áreas muito extensas, com poucos detalhes, e são geralmente chamadas de mapas; já representações em escala grande mostram áreas menores, porém com maior grau de detalhamento, e são chamadas de cartas. Representações em escalas muito grandes e com alto grau de detalhamento são chamadas de plantas. Assim, para localizar uma cidade de grande importância regional, como Fortaleza, podemos utilizar o mapa do Brasil. Entretanto, se quisermos localizar a cidade de Maranguape, que é pequena, teremos de recorrer a um mapa do estado do Ceará e, para localizar ruas e avenidas de Fortaleza, devemos consultar a planta da cidade. No caso de Fortaleza, cidade de grandes dimensões, pode-se recorrer ao guia de ruas, que é uma planta dividida em páginas.

Então, ao elaborar um mapa, devemos, antes de tudo, definir a escala que será utilizada. Nosso caro aluno deve lembrar da diferença entre mapa e carta (aula 05). Embora o mapa e a carta tenham quase tudo em comum, sendo, inclusive, considerados sinônimos, costuma-se diferenciá-los no Brasil. O mapa é uma expressão empregada para representações mais generalizadas de áreas maiores, como o mapa do Brasil; já a carta é utilizada para as representações mais detalhadas e mais precisas de áreas menores, como cartas urbanas e de navegação (cartas náuticas e aeronáuticas).

De acordo com a escala, mapas ou cartas podem se apresentar das seguintes formas:

- Cartas cadastrais ou plantas: têm como finalidade a representação de pequenas áreas, cidades, bairros, fazendas, conjuntos residenciais, entre outros. Podemos citar o caso das plantas urbanas, que são de grande utilidade para as autoridades governamentais na administração e no planejamento urbano. Utiliza-se escala grande, como 1:500 até 1:10.000.
- Mapas ou cartas topográficas: dispõem as características ou elementos naturais e artificiais da paisagem com um bom grau de precisão ou de detalhamento. Podem mostrar determinada parte de uma região ou estado (relevo, acidentes naturais, obras realizadas pelo homem, entre outros). Nesse caso, utiliza-se escala média, como 1:25.000 a 1:250.000.
- Mapas ou cartas geográficas: mostram as características ou elementos geográficos gerais de uma ou mais regiões, países ou continentes, ou até mesmo o mundo. Nesse caso, emprega-se a escala pequena, como 1:500.000 a 1:1.000.000, ou menos.

Observe o resumo a seguir.



- O denominador indica quantas vezes a área foi reduzida.
- Lê-se: cada 1 cm no mapa (**d**) equivale a 100 mil centímetros na dimensão real (**D**).
- A escala numérica é uma razão, não é necessário vir acompanhada de uma unidade; independente da unidade, ela é uma proporção.
- Nesse caso, temos: 1 cm = 100.000 cm ou 1 km.

Grandezas de escalas cartográficas

- **Grandes** – 1:50 ou 1:20.000, muito utilizadas em plantas de engenharia e arquitetura, plantas urbanas, cadastros etc.
- **Médias** – 1:25.000 a 1:250.000, utilizadas em mapas topográficos.
- **Pequenas** – acima de 250.000, utilizadas em atlas geográficos e mapas em geral.

Podemos afirmar que a escolha da escala depende daquilo que queremos representar, pois a escolha de uma escala é uma opção que pode revelar ou ocultar determinados fenômenos geográficos que o autor deseja produzir. As diferentes escalas são usadas de acordo com o que se quer representar ou mesmo com a visão do mundo que queremos defender. Portanto, os mapas, além de serem construídos a partir de técnicas, são importantes instrumentos de comunicação, pois veiculam informações e visões de mundo que precisam ser analisadas. A escolha do centro de determinada escala é feita a partir de certas finalidades, implicando privilegiar ou não as demais informações.

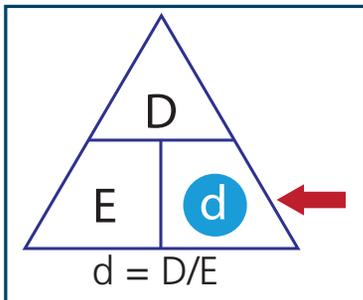
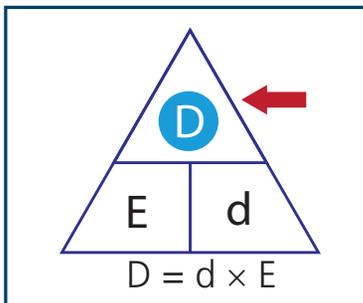
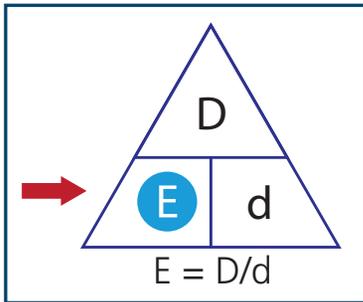
Entenda a proporção das escalas

ESCALA GRANDE – DENOMINADOR PEQUENO – MAIOR RIQUEZA DE DETALHES.
ESCALA PEQUENA – DENOMINADOR GRANDE – MENOR RIQUEZA DE DETALHES.

Cálculo de escalas

Você já aprendeu que a escala cartográfica tem a função de informar a razão da distância entre dois pontos no mapa (representada por **d**) e a distância entre os mesmos dois pontos na dimensão real (representada por **D**).

Vamos aprender a calcular a escala (**E**).

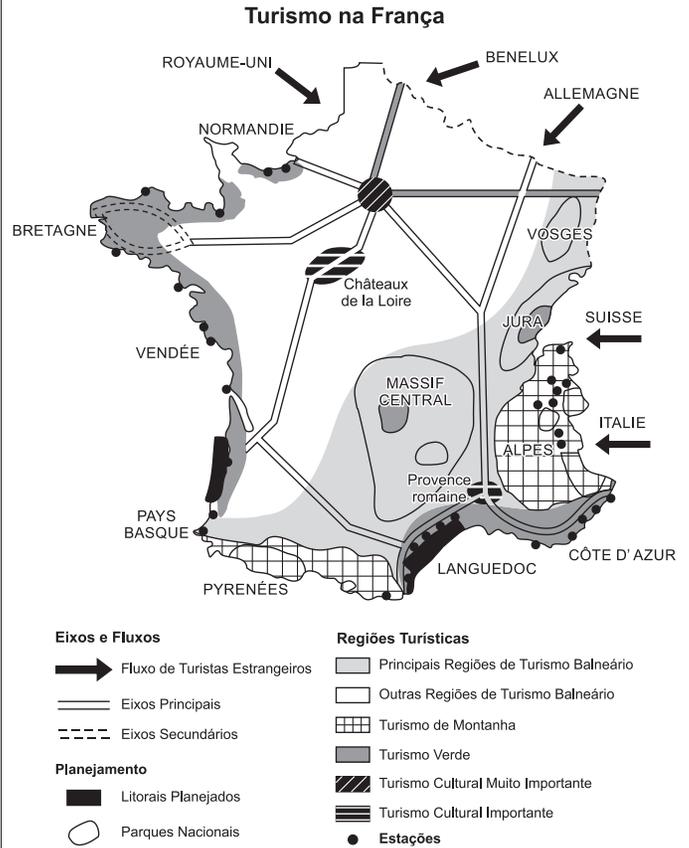


- Para saber a distância real, conhecendo a distância no desenho (mapa) e o denominador da escala:
 $D = d \times E$
Ex.: a distância gráfica (**d**) entre duas cidades é de 50 centímetros, e a escala (**E**) é de 1:500.000 (500.000 cm que equivale a 5 km).
 $D = 50 \times 5$
 $D = 250 \text{ km}$
- Para saber a distância no mapa conhecendo a distância real e a escala, com base nas informações anteriores.
 $d = D/E$
 $d = 250/5$
 $d = 50 \text{ cm}$
- Para saber a escala conhecendo a distância real e a distância no mapa, com base nas informações anteriores.
 $E = D/d$
 $E = 250/50$
 $E = 5$; então temos que $E = 1:500.000 \text{ cm}$



Exercícios de Fixação

01. (Enem – PPL/2016) A imagem apresenta um exemplo de croqui de síntese sobre o turismo na França:



PONTUSCHKA, N.N.; PAGANELLI, T.L.; CACETE, N. H. Para ensinar e aprender geografia. São Paulo: Cortez, 2007. Adaptado.

- Os croquis são esquemas gráficos que
- têm as medidas representadas em escala uniforme.
 - ressaltam a distribuição espacial dos fenômenos e os fatores de localização.
 - têm a representação gráfica de distâncias do terreno feita sobre uma linha reta graduada.
 - indicam a relação entre a dimensão do espaço real e a do espaço representado, por meio de uma proporção numérica.
 - proporcionam a obtenção de informações acerca de um objeto, área ou fenômeno localizado na Terra, sem que haja contato físico.

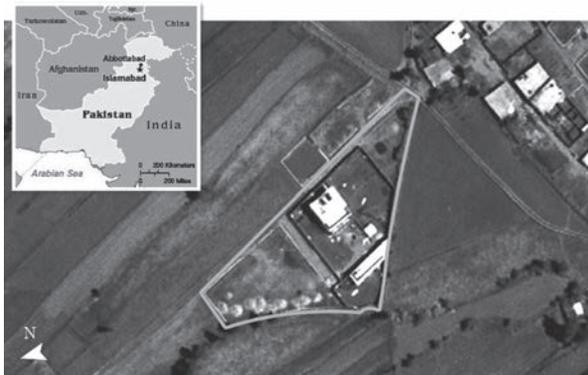
02. (Unicentro) Pode-se afirmar, de maneira simplificada, que a Cartografia é a "ciência dos mapas". Essa ciência pode utilizar-se de mapas produzidos em diferentes escalas. Utilizando os conhecimentos sobre escalas, considere que foram produzidos dois mapas de um mesmo espaço: o mapa X, produzido na escala 1:1.000.000 e o mapa Y, produzido na escala 1:3.000.000.

- Com base nessas informações, assinale a alternativa correta.
- No mapa X, 1 centímetro corresponde a 1 quilômetro na superfície terrestre.
 - No mapa Y, 2 centímetros correspondem a 600 quilômetros na superfície terrestre.
 - O mapa X é menor que o mapa Y.
 - O mapa Y é menor que o mapa X.
 - O mapa Y é três vezes maior que o mapa X.

03. (Unimontes-Adaptada) Leia o texto.

DIGITALGLOBE DIVULGA IMAGENS DE SATÉLITE DO LOCAL DA CAPTURA DE OSAMA BIN LADEN

A DigitalGlobe divulgou em seu site, nesta quinta-feira, imagens de satélite da região de Abbottabad, Paquistão, onde Osama Bin Laden estava refugiado. De acordo com a agência Fox News, uma equipe de 40 soldados Seal da marinha dos Estados Unidos capturou e matou o terrorista responsável pela morte de milhares de cidadãos americanos. A comparação de imagens de satélite de junho de 2005 e janeiro de 2011, feita pela DigitalGlobe, revela a expansão da mansão onde Osama se escondia.



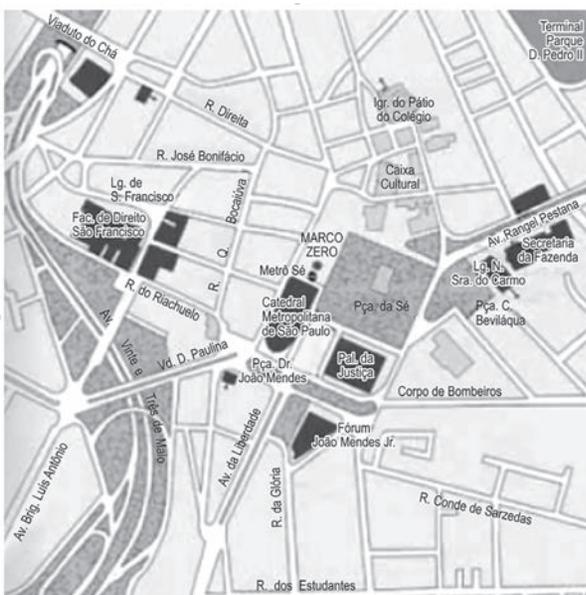
Reprodução/Unimontes

Disponível em: <www.globalgeo.com.br 5-5-2011>. Adaptado.

Sobre o tipo de imagem de satélite mostrado na reportagem anterior, assinale a alternativa correta.

- A) É usado para monitorar espaços menores, uma vez que tem alta resolução espacial.
- B) Está disponível apenas para uso militar, por isso não pode ser comercializado.
- C) É obtido através de um sensor transportado por aviões que voam em baixa altitude.
- D) É um produto da tecnologia do Sistema de Posicionamento Global – GPS.
- E) É usada apenas para monitorar espaços com grandes extensões territoriais.

04. (Unesp/2017) Observe.



Reprodução/Unesp 2017

Graça M. L. Ferreira. Atlas geográfico, 2013

- A forma de representação espacial apresentada é caracterizada
- A) pela presença de um sistema de coordenadas que auxilia na demarcação de aspectos físicos ou humanos na superfície terrestre, com uma escala pequena.
- B) pela articulação de folhas de forma sistemática para permitir análises precisas de distâncias, direções e localização, com uma escala pequena.
- C) pela relação entre a restrição de uma área e a oferta de informações detalhadas do espaço geográfico, com uma escala grande.
- D) pela reunião de aspectos naturais ou da divisão política observados em uma superfície esférica, com uma escala pequena.
- E) pela expressão de um formato geoide em uma superfície plana segundo as necessidades de uso do leitor, com uma escala grande.

05. (Unisc) Entre os diversos elementos que compõem um mapa, encontra-se a escala. Ela pode ser definida como a proporção existente entre a distâncias lineares representadas no “papel” e as existentes na superfície real. No caso das escalas numéricas, a representação é feita por meio de uma fração em que o numerador indica a distância medida no mapa enquanto o denominador informa a distância real. Partindo disso, assinale a alternativa cuja escala indica um maior detalhamento da área representada.

- A) 1 : 10.000
- B) 1 : 50.000
- C) 1 : 200.000
- D) 1 : 300.000
- E) 1 : 4.000.000

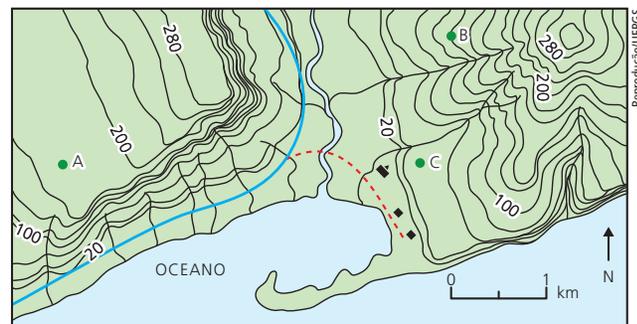


Exercícios Propostos

01. (Unicamp-Adaptada) Escala, em cartografia, é a relação matemática entre as dimensões reais do objeto e a sua representação no mapa. Assim, em um mapa de escala 1:50.000, uma cidade que tem 4,5 km de extensão entre seus extremos será representada com

- A) 9 cm.
- B) 90 cm.
- C) 225 mm.
- D) 11 mm.
- E) 8 cm

02. (UFRGS) Observe o mapa a seguir com representação em curvas de nível.



Reprodução/UFRGS

Disponível em: <https://geographicae.files.wordpress.com/2007/06/topo1.jpg?w=536&h=441>. Adaptado. Acesso em: 26 ago. 2015.

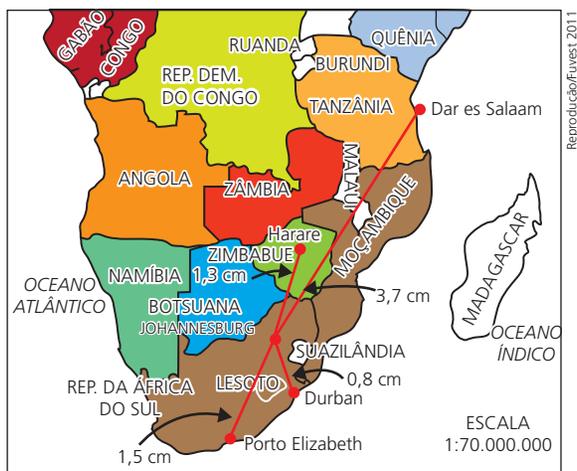
Considere as afirmações sobre o relevo em que estão localizados os indivíduos A, B e C.

- I. O indivíduo A está sobre um relevo de *cuesta* com o *front* voltado para o Sudeste;
- II. O indivíduo B está sobre um ponto mais íngreme da vertente, se comparado ao indivíduo C;
- III. As formas de relevo assemelham-se quanto à altitude, porém, diferenciam-se quanto à simetria.

Quais estão corretas?

- A) Apenas I.
- B) Apenas II.
- C) Apenas III.
- D) Apenas II e III.
- E) I, II e III.

03. (Fuvest) Observe o mapa seguinte, no qual estão representadas cidades africanas em que ocorreram jogos da seleção brasileira de futebol pouco antes e durante a Copa do Mundo de 2010.



M. E. Simielli., *Geoatlas*, 2010. Adaptado.

As distâncias*, em linha reta e em km, entre Johannesburg e as demais cidades localizadas no mapa, estão corretamente indicadas em:

	Dar es Salaam	Harare	Durban	Porto Elizabeth
A)	25.900	9.100	5.600	10.500
B)	18.900	5.380	870	4.600
C)	2.590	910	560	1.050
D)	259	91	56	105
E)	1.890	530	87	460

* Valores aproximados.

04. (PUC-PR) O Parque Olímpico será o coração dos Jogos Rio 2016, sendo o palco de 16 modalidades olímpicas e 9 paralímpicas e concentrará boa parte da movimentação dos atletas e do público durante o evento, que acontecerá entre os dias 5 e 21 de agosto. Com uma área aproximada de 1 milhão de metros quadrados, em um ponto central da Barra da Tijuca, após os Jogos, se tornará um amplo complexo esportivo e educacional.

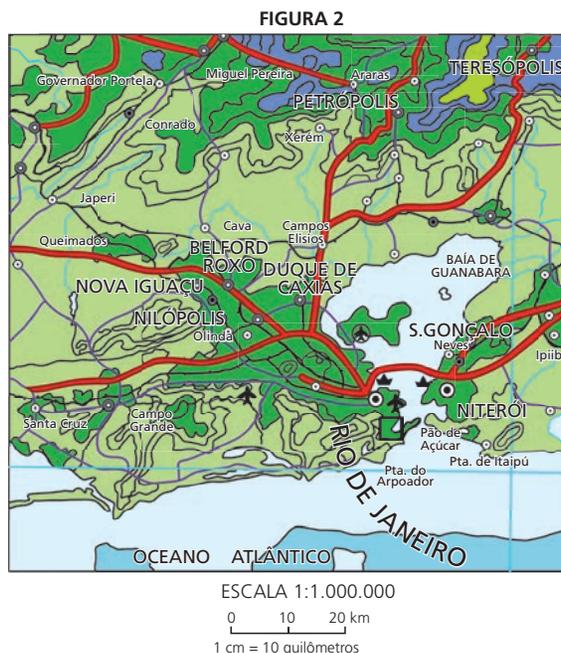


Suponhamos que a Prefeitura do Rio de Janeiro deseje entregar para os atletas e público em geral um mapa do Parque Olímpico em uma folha de papel de 50 cm x 50 cm, indicando a localização dos principais locais.

Qual das escalas a seguir será a mais indicada com o objetivo do maior detalhamento possível do espaço?

- A) 1 : 10.000
- B) 1 : 100.000
- C) 1 : 1.000
- D) 1 : 50.000
- E) 1 : 3.000

05. (UFRJ-Adaptada) O Brasil sediou a Copa do Mundo em 2014 na cidade do Rio de Janeiro, onde foram disputados importantes jogos. Um torcedor, que decidiu permanecer na cidade do Rio de Janeiro visando assistir aos jogos, precisou de uma representação cartográfica que lhe permitisse localizar as principais vias de acesso ao estádio, como ruas e avenidas. Para atingir este objetivo, terá à sua disposição os dois tipos de representação cartográfica com escalas diferentes, mostrados a seguir:



Para que o torcedor pudesse ter tido uma boa locomoção na cidade, o tipo de representação cartográfica que melhor o orientará é o apresentado na

- A) Figura 1, porque tem uma escala pequena, expressando uma área maior com menor número de detalhes.
- B) Figura 1, que possui uma escala grande, representando uma área menor com maior grau de detalhamento.
- C) Figura 2, que possui uma escala grande, representando uma área maior com menor grau de detalhamento.
- D) Figura 2, porque tem uma escala pequena, expressando uma área menor com maior número de detalhes.
- E) Figura 2, que possui uma escala grande, representando uma área menor com maior denominador.

06. (Enem PPL/2015)



As figuras representam a distância real (D) entre duas residências e a distância proporcional (d) em uma representação cartográfica, as quais permitem estabelecer relações espaciais entre o mapa e o terreno. Para a ilustração apresentada, a escala numérica correta é

- A) 1/50
- B) 1/5 000
- C) 1/50 000
- D) 1/80 000
- E) 1/80 000 000

07. (PUC-RS) A escala é um dos atributos fundamentais de um mapa, pois estabelece a correspondência entre as distâncias representadas e as distâncias reais da superfície cartografada. Dessa maneira,

- I. na escala numérica, a correspondência é indicada por meio de uma fração;
- II. em um mapa com escala cada centímetro no papel corresponde a mil centímetros no terreno;
- III. na escala gráfica, a relação entre as distâncias reais e a área cartografada é indicada em uma linha graduada;
- IV. em mapas urbanos representados em grande escala, as informações e os detalhes são mais precisos.

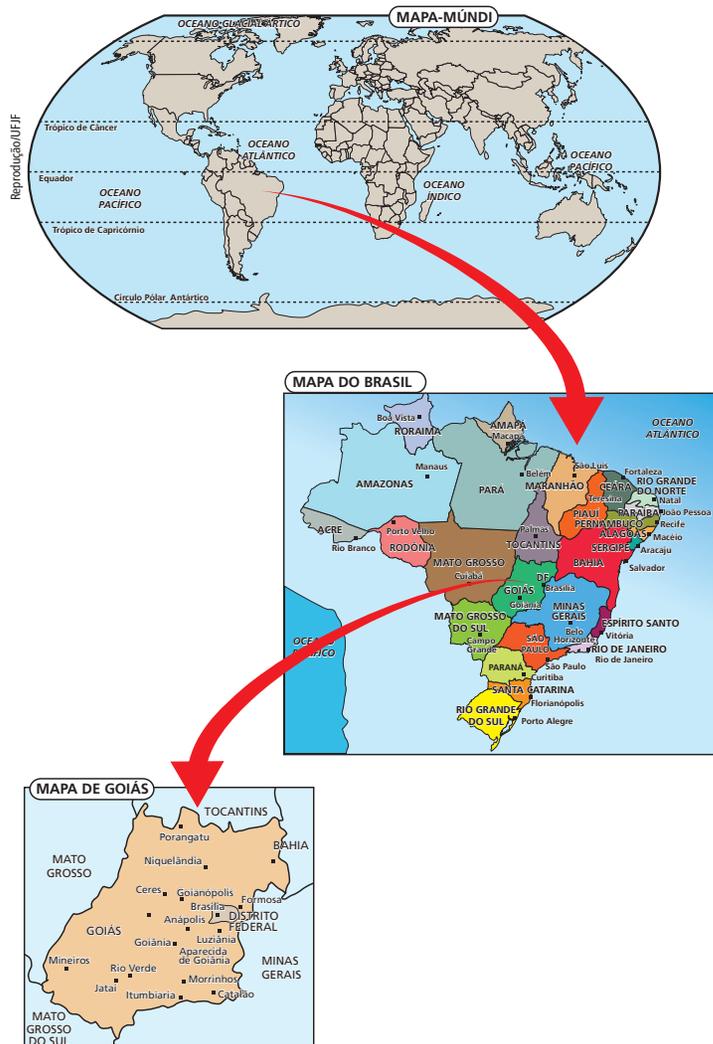
Estão corretas apenas as afirmativas:

- A) I e II.
- B) II e III.
- C) III e IV.
- D) I, II e III.
- E) I, III e IV.

08. (Unioeste) A Cartografia e as demais técnicas e ferramentas que integram as geotecnologias são importantes ferramentas utilizadas pela Geografia e, também, por outras áreas do conhecimento. Atualmente, essas ferramentas e técnicas podem ser observadas no cotidiano de muitos cidadãos. Neste contexto, assinale a alternativa correta acerca da temática.

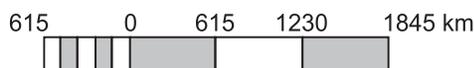
- A) As diferentes projeções cartográficas são utilizadas para a representação da superfície terrestre. Alguns exemplos de projeções são: a conforme, a equidistante e a equivalente. Cada projeção possui diferentes propriedades em relação às distorções cartográficas.
- B) Em uma viagem de férias, você verificou a partir do seu *smartphone* as coordenadas geográficas de dois pontos turísticos, sendo A = 25° 26' 31" S e 49° 14' 09" O e, B = 25° 25' 37" S e 49° 14' 28" O. A partir das coordenadas geográficas, o ponto B localiza-se mais ao sul e a leste do que o ponto A.
- C) Inúmeras modalidades esportivas utilizam-se de mapas. Por exemplo, em uma Corrida de Aventura, um mapa apresentava curvas de nível como forma de obter informações do local da prova. As curvas de nível são linhas imaginárias que unem pontos com a mesma latitude.
- D) Em um projeto de mapeamento de uma área urbana para fins de planejamento, o detalhamento é fundamental. É aconselhável realizar o trabalho na escala de 1 : 1.000.000. Escalas como de 1 : 2.500 não apresentam detalhamento suficiente para representar uma área urbana.
- E) Ao observar um mapa turístico cuja escala é de 1 : 10.000, você decidiu percorrer uma trilha que no mapa apresentava 2 centímetros. Diante dos conhecimentos adquiridos na disciplina de Geografia, você calculou a distância real e encontrou o valor de 2000 metros.

09. (UFJF) Observe os mapas.



- Essas representações cartográficas
- A) são mapas geofísicos.
 - B) são mapas econômicos.
 - C) mostram a hierarquia urbana.
 - D) possuem escalas diferentes.
 - E) representam áreas iguais.

10. (Unesp/2017) A escala cartográfica define a proporcionalidade entre a superfície do terreno e sua representação no mapa, podendo ser apresentada de modo gráfico ou numérico.



A escala numérica correspondente à escala gráfica apresentada é:

- A) 1 : 184 500 000
- B) 1 : 615 000
- C) 1 : 1 845 000
- D) 1 : 123 000 000
- E) 1 : 61 500 000

Seção Videoaula



Cartografia II – Estudo das Escalas Cartográficas

Introdução

A forma da Terra, aparentemente esférica, é um geóide, que se caracteriza por apresentar um ligeiro achatamento nas regiões polares. A medida da circunferência equatorial, de aproximadamente 40.075 quilômetros, é ligeiramente superior à polar, de aproximadamente 40.007 quilômetros. Para termos uma ideia da grandeza das medidas de circunferência, imagine uma distância equivalente a 40 vezes o percurso entre as cidades de São Paulo e Porto Alegre. Com essas dimensões e sua forma geóide, é possível representarmos toda a superfície da Terra em um plano?

Não é possível a elaboração de um mapa perfeito, porque não há como tornar com exatidão as formas de algo esférico em uma figura planiférica, isto é, sempre haverá distorções. É por esse motivo que se faz importante a aplicação das projeções, pois elas têm a função de corrigir parcialmente as deformações no mapa.

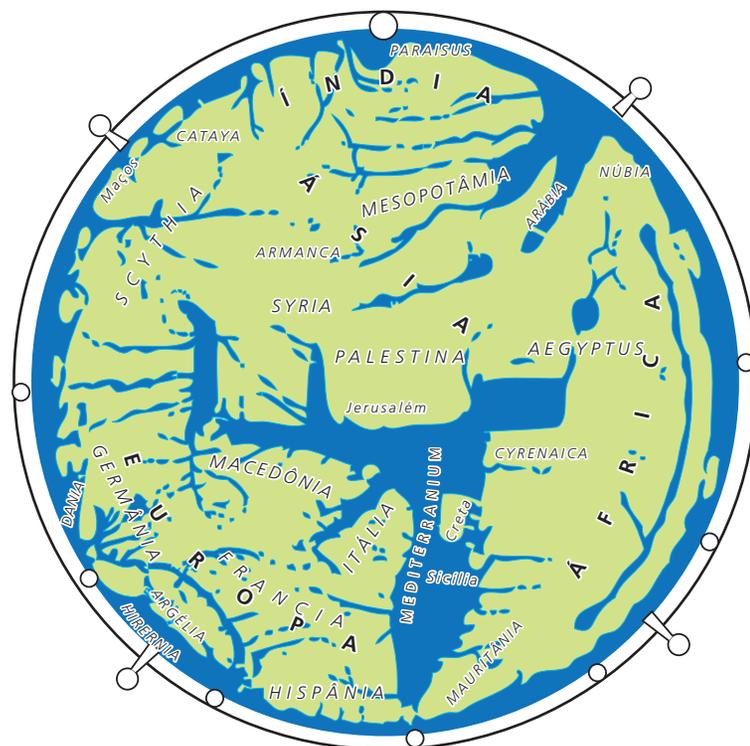
Nos planisférios modernos, o Hemisfério Norte está em uma posição destacada na parte superior do mapa. A explicação científica do porquê desse “cenário” não existe, já que a trajetória da Terra no espaço não se orienta por nenhum referencial fixo.

Os mapas antigos eram organizados de forma diferente. O mapa-múndi de Hereford, feito há setecentos anos, mostra o paraíso terrestre a leste e no topo. Nele, a Inglaterra, situada nos limites ocidentais do mundo conhecido, ocupa posição mais humilde, na parte inferior e à esquerda. A palavra “orientação” vem desse costume de colocar o leste no topo: orientar-se significa tomar o caminho do Oriente (leste), onde se encontra a salvação da alma.

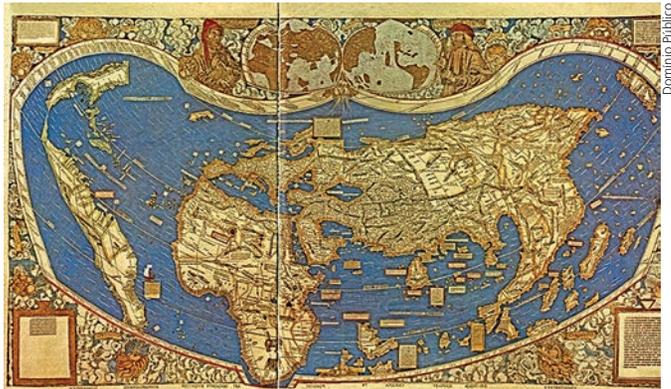
A verdade é que não há nada de errado com esse mapa; ele apenas reflete visões e concepções do mundo vigente em outra época, que ainda não conhecia a supremacia geopolítica e econômica dos Estados do Hemisfério Norte.



Christian Canuso/123RF/Getty Images



No século XVI, as Grandes Navegações confirmaram a supremacia da Europa sobre o mundo conhecido. Os mapas europeus confeccionados nos primeiros anos do século já situavam o norte no topo, trocando a antiga posição subalterna da Europa por uma posição superior.



Primeiro mapa a colocar a Europa no centro do planisfério, reflexo de sua supremacia.

Leitura complementar

A primeira imagem que retrata o mundo como o conhecemos hoje é do cartógrafo alemão Martin Waldseemüller (1475-1522). Dividindo a Terra entre Oriente e Ocidente, ela foi feita em abril de 1507, 15 anos depois da chegada dos europeus ao continente americano. O mapa de Waldseemüller foi o primeiro a utilizar o termo “América” e estava baseado nos desenhos de Ptolomeu (90-168 d.C.), cientista grego considerado o pai da Cartografia. Conhecido inicialmente como Cosmografia Universal, ele foi reproduzido em mil cópias, das quais apenas uma sobrevive até hoje, na Biblioteca do Congresso norte-americano. Antes do alemão, outros povos tentaram registrar suas concepções de mundo, mesmo que de forma incompleta, como os chineses, que esboçaram mapas datados de 10 mil a.C. Mas tudo mudou durante a Idade Moderna. Com a expansão mercantilista, novos elementos foram incorporados aos mapas-múndi, com detalhes, informações e precisão inéditos até então. Os portugueses, graças à grande experiência na navegação, incorporaram rotas marítimas, direções de ventos, estimativas de tempo e distâncias entre portos, elaborando a cartografia mais avançada da Europa no século XIV. Mas os holandeses tomaram a frente quando Gerard Mercator estabeleceu um novo modelo de projeção no século XVI, baseado nas distâncias náuticas, com desenhos que representavam rios e montanhas. A partir daí, os holandeses lideraram a distribuição de mapas pelos próximos cem anos.

Victor Affonso/Abril Comunicações S.A. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quem-desenhou-o-primeiro-mapa-mundi>>.

Técnicas de projeções cartográficas

Projetar a superfície da Terra no planisfério requer o uso de técnicas cartográficas que possibilitem a transferência da forma esférica para o plano bidimensional, por meio das linhas imaginárias (paralelos e meridianos). Portanto, uma projeção cartográfica consiste em uma rede de paralelos e meridianos, base para a construção dos mapas atuais.

Mas os modos de obtenção dessa rede de linhas são os mais diversos, cada qual evitando e gerando outras distorções.

Como todo mapa apresenta distorção, as projeções têm a função de corrigir as deformações, porém, as correções se dão na área tangente. Portanto, quanto mais distante da área tangente, maior será a deformação.

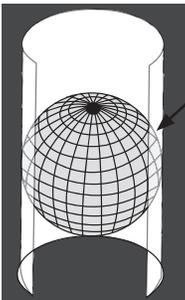
As regiões do mapa corrigidas pelas projeções serão na área tangente ao plano.

Área tangente:

Em Geometria, tangente é a reta que toca uma curva ou superfície sem cortá-la, compartilhando um único ponto com a curva.

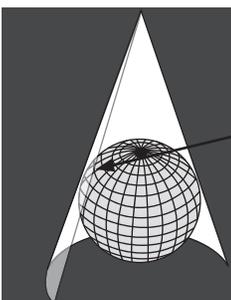
Observe a área tangente das principais projeções cartográficas que estão logo a seguir.

Cilíndrica



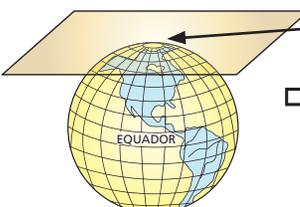
- Área tangente: latitude baixa (Linha do Equador).
- Quanto mais próximo da Linha do Equador, menor será a deformação; quanto mais distante da linha do Equador, maior será a deformação.
- Ideal para regiões de clima tropical.
- Utilizado para atlas, livros e navegações.

Cônica



- Área tangente: latitude média.
- Ideal para regiões situadas na zona temperada.

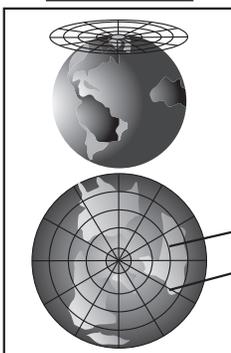
Azimutal ou Plana



- Área tangente: latitude alta.
- Ideal para regiões polares.
- Quanto mais próximo do polo, menor será a deformação; quanto mais distante, maior será a deformação.

Projeções cartográficas e suas características

1 – Azimutal



- Paralelos concêntricos.
- Meridianos retos.

A projeção azimutal (equidistante) apresenta a Terra como se ela fosse vista de longa distância. Ela não conserva as formas nem as áreas. As formas e áreas sofrem deformações crescentes à medida que aumenta a distância do centro da projeção, no entanto, ela informa os azimutes (direções) exatos dos pontos cartografados em relação ao ponto central do mapa. Esse tipo de projeção oferece várias utilidades práticas ligadas basicamente ao deslocamento a partir de um único ponto do globo. É empregada por governos municipais de cidades importantes, para estabelecer as rotas mais curtas para qualquer parte do mundo. Empresas transnacionais fazem mapas azimutais, tendo como centro a sua sede mundial.

E claro que podemos afirmar, sem sobra de dúvida, que a projeção azimutal é, acima de tudo, uma projeção geopolítica, pois ela expressa como nenhuma outra a visão do planeta sob a perspectiva do Estado. Sendo assim, podemos entender que o mapa azimutal rejeita qualquer pretensão de objetividade, de neutralidade ou de distanciamento. Ele não pretende mostrar um mundo igual para todas as pessoas ou para todas as nações. É por isso que o símbolo da ONU, na busca de mostrar neutralidade geopolítica, utiliza um mapa azimutal, não colocando nenhum país no centro do mapa.

Projeção geopolítica

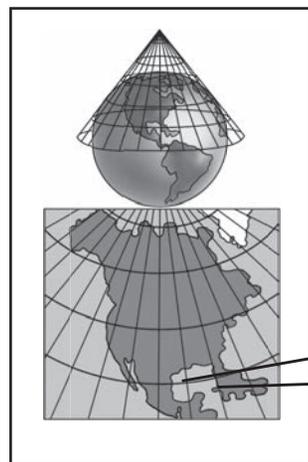
A visão soviética do mundo na Guerra



A visão de mundo dos geopolíticos brasileiros



2 – Cônica

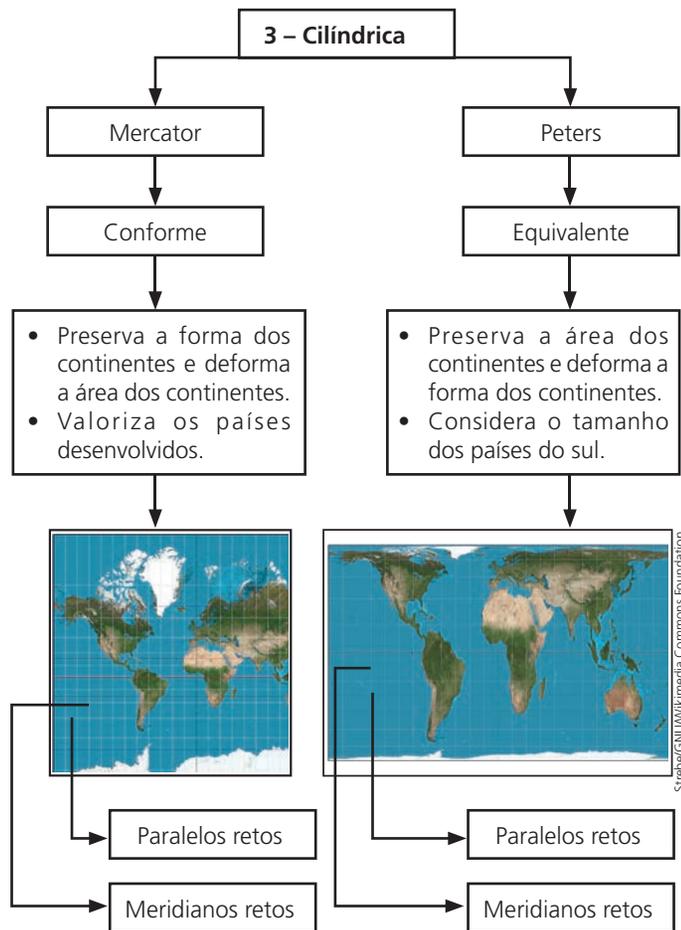


- Paralelos circulares.
- Meridianos radiais.

Na projeção cônica, a superfície terrestre é representada sobre um cone imaginário, cuja área tangente na esfera é nos paralelos de valor latitudinal médio.

Por meio dessa projeção, temos mapas com meridianos que formam uma rede de linhas retas convergentes nos polos e com paralelos que constituem círculos concêntricos a partir do polo. As deformações são pequenas próximo ao paralelo de contato e aumentam à medida que as zonas representadas se distanciam desse

paralelo. Vale lembrar que esse tipo de projeção é muito aplicado para representar partes da superfície terrestre, especialmente, situadas nas zonas temperadas.



Projeção de Mercator – Conforme

O planisfério de Mercator é usado como padrão nos livros e atlas do mundo todo. Mercator transformou a Cartografia em uma técnica precisa, pois antes dele os desenhos que ornavam os mapas tinham mais relevância que o próprio mapa, e suas técnicas popularizaram a priorização do norte em detrimento do sul, padrão utilizado ainda hoje em quase todo o mundo.

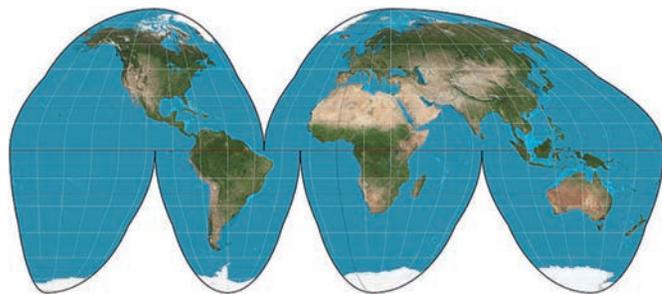
O mapa de Mercator foi publicado em 1569 e tornou-se um marco no período, pois contemplava plenamente as teses do eurocentrismo. Essa projeção passou a identificar a Europa posicionada ao centro e na parte superior do mapa-múndi, exatamente em um período de expansão colonialista, caindo, assim, como uma luva para as pretensões dominadoras da Europa.

Projeção de Peters – Equivalente

A projeção de Peters não é uma projeção conforme, e sim uma projeção cilíndrica de área igual. Nessa projeção equivalente às áreas dos continentes e países aparecem em escala igual, conservando suas dimensões relativas. Vale lembrar que esse tipo de mapa não é mais verdadeiro ou mais falso que o planisfério de Mercator, apenas expressa outra maneira de olhar o mundo.

O mapa de Peters foi publicado em 1973, isto é, em um contexto geopolítico diferente de Mercator, e concebe o mundo de uma maneira menos eurocêntrica e mais terceiro-mundista. O modelo eurocêntrico, predominante durante trinta e dois anos, sofre o impacto do aparecimento de dezenas de novos Estados independentes da Ásia e na África.

Em 1955 os países afro-asiáticos recém-independentes se reuniram na Conferência de Bandung (Indonésia), onde foi marcado pela formação do Movimento dos não alinhados, uma tentativa de criar um novo polo de poder, à margem das superpotências da Guerra Fria (Estados Unidos e União Soviética) e das velhas potências europeias. É diante desse contexto que surge a expressão “Terceiro Mundo”, os países subdesenvolvidos do Hemisfério Sul procuravam atenuar as desigualdades da distribuição mundial da riqueza. Para eles, a rivalidade entre o Leste (socialista) e o Oeste (capitalista) deveria ceder espaço para o diálogo norte e sul, ou seja, formar uma nova organização do poder político e da riqueza econômica entre as nações desenvolvidas do Hemisfério Setentrional e as nações subdesenvolvidas do Hemisfério Austral.

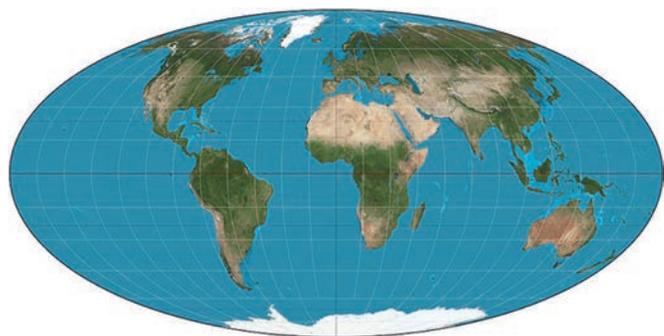


Strebe/GNU/Wikimedia Commons Foundation

Outros tipos de projeções

Projeção de Mollweide

Nesta projeção, os paralelos são linhas retas e os meridianos são linhas curvas. Tem forma elíptica e achatamento nos polos Norte e Sul. Na maioria dos atlas atuais, os mapas-múndi seguem a projeção de Mollweide.



Strebe/GNU/Wikimedia Commons Foundation

Projeção de Robison

É uma representação global da Terra. Os meridianos são linhas curvas (elipses), e os paralelos são linhas retas.



Alfonso De Tomaz/123RF/EasyPix

Projeção de Goode

Também conhecida como projeção interrompida, é do tipo cilíndrico e caracterizada por apresentar um mapa-múndi visivelmente deformado em função de “cortes” existentes em áreas oceânicas.



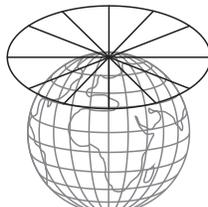
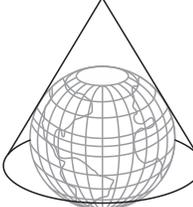
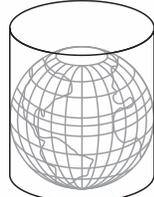
Exercícios de Fixação

01. (Enem/2016)



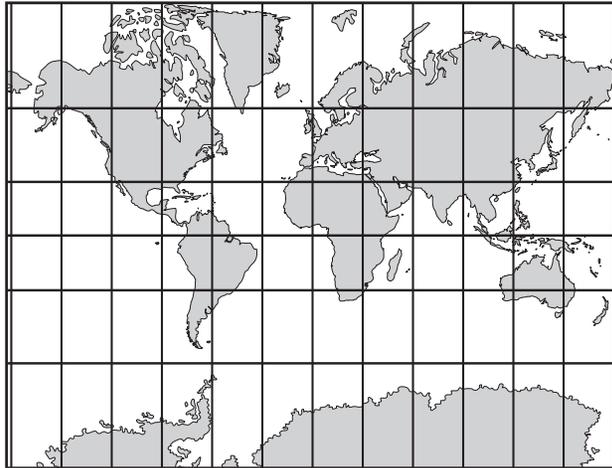
Disponível em: <www.unric.org>. Acesso em: 9 ago. 2013.

A ONU faz referência a uma projeção cartográfica em seu logotipo. A figura que ilustra o modelo dessa projeção é:

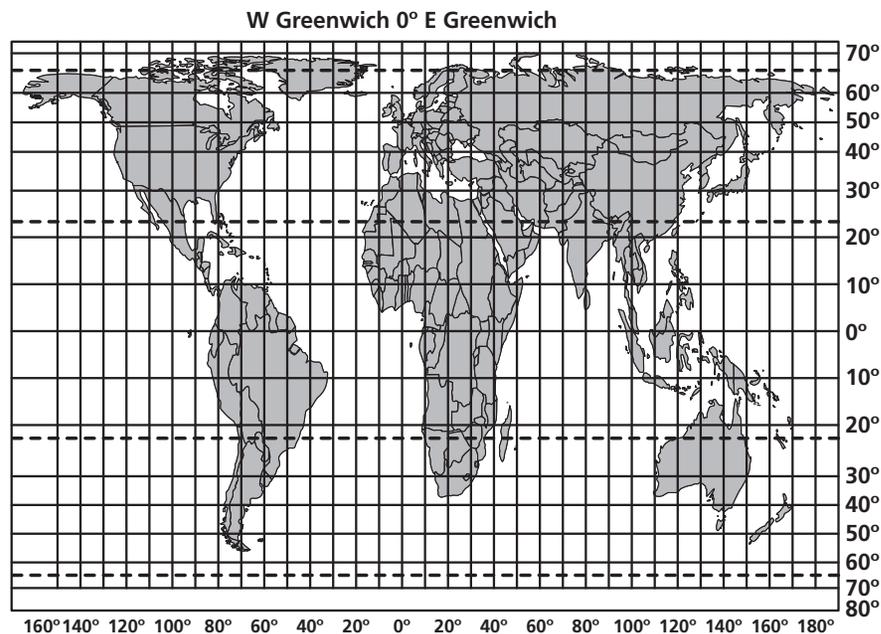
- A) 
- B) 
- C) 
- D) 
- E) 

02. (Unesp) Observe os mapas.

Mercator



Peters



A respeito destas projeções cartográficas, é correto afirmar que

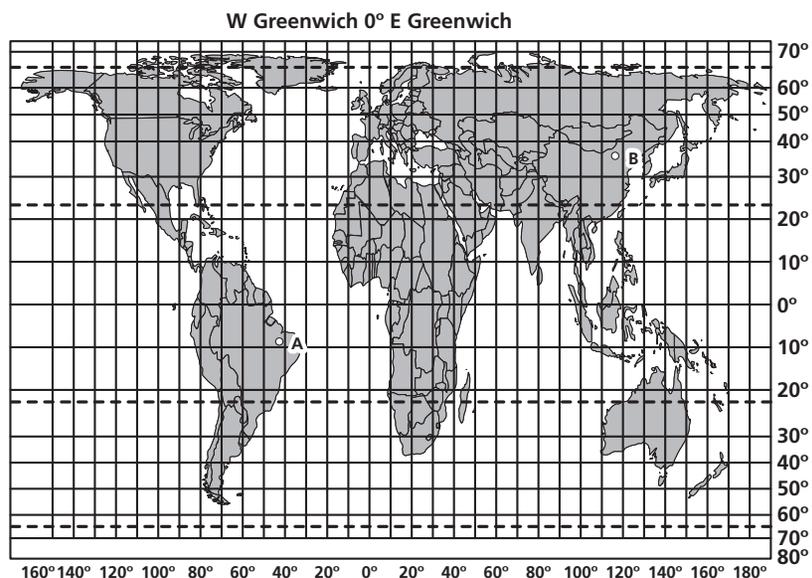
- A) na projeção de Mercator, os meridianos e os paralelos são linhas retas que se cortam em ângulos retos, provocando distorções mais acentuadas nas áreas continentais de baixas latitudes.
 - B) a de Peters é frequentemente apontada como uma projeção que expressa o poderio do norte sobre o sul, visto que superdimensiona as terras do norte.
 - C) a de Peters é muito útil na navegação, pois respeita as distâncias e os ângulos, embora não faça o mesmo com o tamanho das superfícies.
 - D) a projeção de Mercator é, comumente, utilizada em cartas topográficas e, no Brasil, é adotada como base do sistema cartográfico nacional.
 - E) a projeção de Peters utiliza a técnica de anamorfose, o que explica o alongamento dos continentes no sentido norte-sul, mantendo a fidelidade à proporção de áreas.
03. (Uern-Adaptada) A ideologia terceiro-mundista surgiu a partir da Conferência de Bandung (Indonésia), em 1955. Os teóricos do terceiro-mundismo buscaram um projeto de desenvolvimento independente, não alinhado ao modelo capitalista dos países desenvolvidos sob a liderança dos Estados Unidos, nem ao modelo socialista liderado pela antiga União Soviética.

LUCCI, Elian Alabi. *Território e Sociedade no Mundo Globalizado*. Ensino médio. 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2001. p. 44.

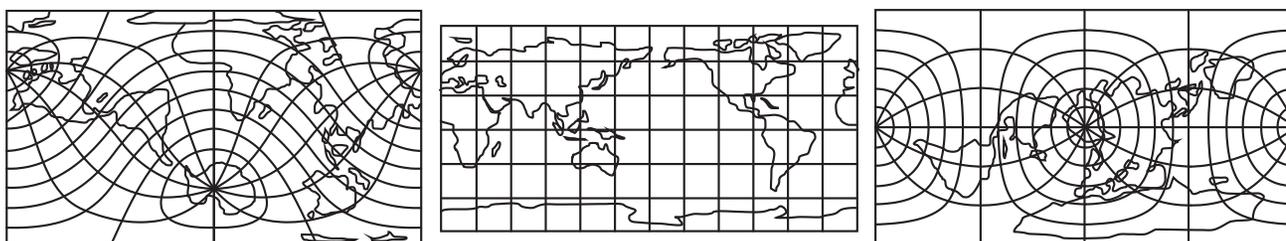
De acordo com as projeções e a ideologia terceiro-mundista, assinale uma atitude declaradamente terceiro-mundista.

- A) Projeção de Mercator.
- B) Projeção de Robinson.
- C) Projeção de Mercator e Arno Peters.
- D) Projeção de Arno Peters.
- E) Projeção Azimutal.

04. (UFSCar) A partir da observação do mapa, assinale a opção correta.



- A) A projeção cartográfica utilizada para elaboração do planisfério é a cilíndrica, e nela buscou-se preservar a forma das superfícies em detrimento das distâncias e das áreas.
 - B) Para representação de extensas áreas como a da figura, utiliza-se escala pequena, que permite melhor nível de detalhamento.
 - C) O ponto B encontra-se em média latitude, zona em que há maior variação do fotoperíodo ao longo das estações do ano, que a área onde se encontra o ponto A.
 - D) Há uma diferença de 15 horas entre o ponto A e o B, sendo que as horas em A estão atrasadas em relação a B.
 - E) O ponto A encontra-se nos hemisférios boreal e ocidental, e o ponto B nos setentrional e oriental. Ambos situam-se sobre países de grande população relativa.
05. (Enem – PPL/2017) Projeção cartográfica é uma transformação que faz corresponder, a cada ponto da superfície terrestre, um ponto no plano.



GASPAR, J. A. *Cartas e projeções cartográficas*. Lisboa: Lidel, 2005.

As relações do plano de projeção à superfície projetada mostradas nas figuras são identificadas, respectivamente, em:

- A)
- B)
- C)
- D)
- E)



Exercícios Propostos

01. (Enem – PPL/2015)

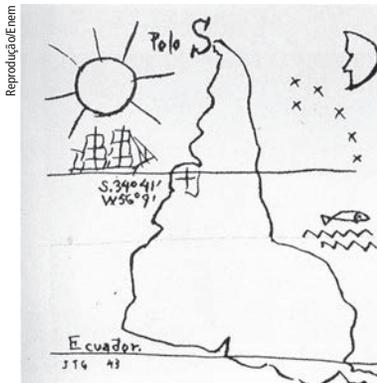


Reprodução/Enem PPL 2015

DUARTE, P. A. *Fundamentos da cartografia*. Florianópolis: UFSC, 2002.

As diferentes representações cartográficas trazem consigo as ideologias de uma época. A representação destacada se insere no contexto das Cruzadas por

- A) revelar aspectos da estrutura demográfica de um povo.
 - B) sinalizar a disseminação global de mitos e preceitos políticos.
 - C) utilizar técnicas para demonstrar a centralidade de algumas regiões.
 - D) mostrar o território para melhor administração dos recursos naturais.
 - E) refletir a dinâmica sociocultural associada à visão de mundo eurocêntrica.
02. (Enem) O desenho do artista uruguaio Joaquín Torres-García trabalha com uma representação diferente da usual da América Latina.



Reprodução/Enem

Em artigo publicado em 1941, em que apresenta a imagem e trata do assunto, Joaquín afirma:

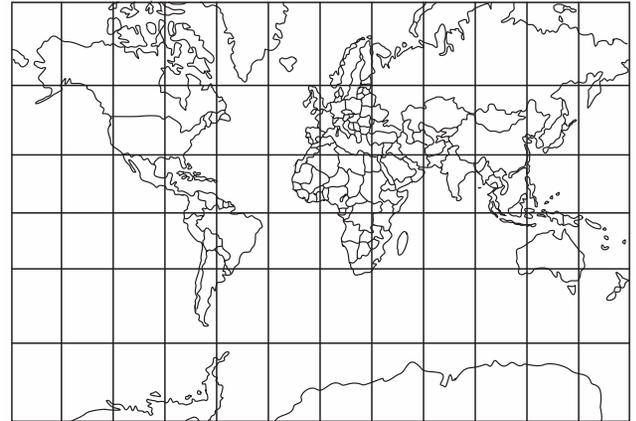
“Quem e com que interesse dita o que é o norte e o sul? Defendo a chamada Escola do Sul porque na realidade, nosso norte é o sul. Não deve haver norte, senão em oposição ao nosso sul. Por isso colocamos o mapa ao revés, desde já, e então teremos a justa ideia de nossa posição, e não como querem no resto do mundo. A ponta da América assinala insistentemente o sul, nosso norte”.

TORRES-GARCÍA, J. *Universalismo constructivo*. Buenos Aires: Poseidón, 1941. Adaptado.

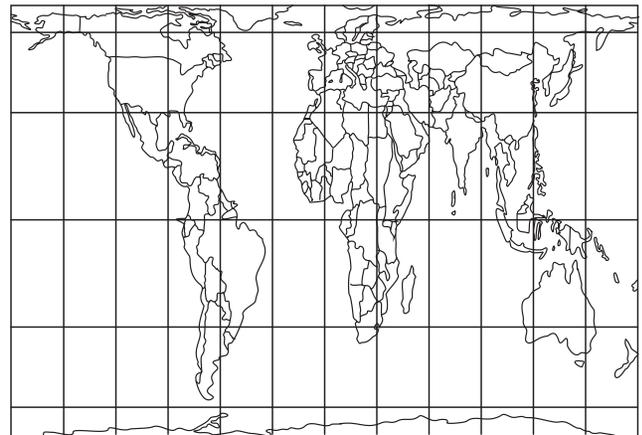
- O referido autor, no texto e na imagem anterior,
- A) privilegiou a visão dos colonizadores da América.
 - B) questionou as noções eurocêntricas sobre o mundo.
 - C) resgatou a imagem da América como centro do mundo.
 - D) defendeu a Doutrina Monroe expressa no lema “América para os americanos”.
 - E) propôs que o sul fosse chamado de norte e vice-versa.

03. (G1 – IFCE/2019) Observando as características ilustradas nas projeções cartográficas a seguir, é correto afirmar-se que

Mercator

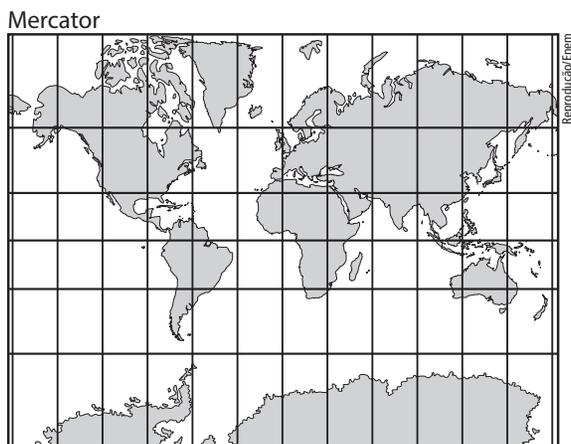


Peters



- A) as duas projeções apresentam visões diferentes de mundo, porém Mercator enfatiza a importância do Sul do planeta e Peters do Norte desenvolvido.
- B) a projeção de Mercator retrata uma visão de mundo na qual o Hemisfério Sul possui domínio geopolítico.
- C) na projeção de Peters os continentes do Hemisfério Norte são menores por causa da deformidade em áreas de elevadas latitudes.
- D) as projeções de Mercator e Peters apresentam visões diferentes de mundo. A primeira valoriza os continentes do Hemisfério Norte e a segunda dá destaque aos continentes do Hemisférios Sul.
- E) as projeções apresentadas no mapa não possuem deformações em suas representações do espaço, apenas possuem visões diferentes de mundo.

04. (Enem)



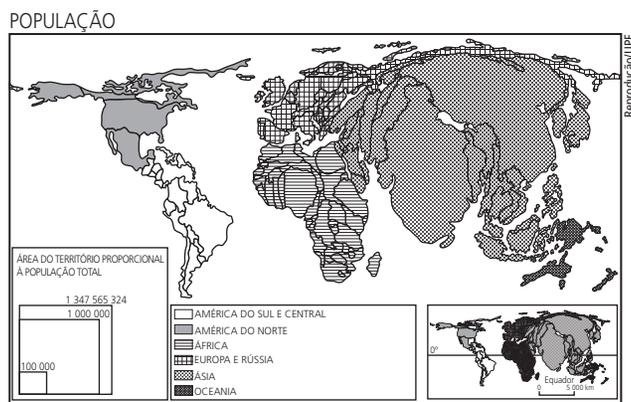
Os mapas árabes ainda desenhavam o sul em cima e o norte embaixo, mas no século XIII a Europa já havia restabelecido a ordem natural do universo. O norte estava em cima e o sul embaixo. O mundo era um corpo, ao norte estava o rosto, limpo, que olhava o céu. Ao sul estavam as partes baixas, sujas, onde iam parar as imundícies e os seres escuros que eram a imagem invertida dos luminosos habitantes do norte.

GALEANO, E. *Espelhos: Sul*. Porto Alegre: L&PM, 2008. Adaptado.

A confecção de um mapa pode significar uma leitura ideológica do espaço. Assim, a Projeção de Mercator, muito utilizada para a visualização dos continentes, caracteriza-se por

- A) conservar as formas, mas distorce as superfícies das massas continentais. Seus paralelos e meridianos formam ângulos retos.
- B) apresentar um hemisfério terrestre envolvido por um cone. As deformações aumentam na direção da base do cone.
- C) partir de um plano tangente sobre a esfera terrestre. Seus paralelos e meridianos são projetados a partir do centro do plano.
- D) representar as formas e as superfícies dos continentes proporcionais à realidade. As linhas de meridianos acompanham a curvatura da Terra.
- E) alterar a forma dos continentes, preservando a área. Seus paralelos e meridianos formam ângulos retos.

05. (UPF) O mapa-múndi que se apresenta é uma anamorfose e está representado de modo que o tamanho dos países e continentes depende da quantidade de habitantes.



- Sobre o que está apresentado, é correto afirmar que:
- A) A Austrália, populosa, fica sub-representada, embora tenha uma grande extensão territorial.
 - B) Os países norte-americanos praticamente mantêm sua área original, pois possuem grandes populações.
 - C) O continente africano parece muito menor, mostrando o quanto é pouco populoso.
 - D) A Ásia tem a área ampliada, o que mostra que alguns países são muito populosos.
 - E) A Europa Ocidental, por ser uma área pouco povoada, aparece com pouca expressão no mapa.

06. (Uerj) Compare as imagens a seguir. Na Imagem 1, apresenta-se o desenho original do perfil de uma cabeça humana sobre uma representação possível do globo terrestre. Na Imagem 2, esse mesmo desenho é apresentado em um planisfério elaborado com a projeção cartográfica de Mercator, que é utilizada desde o período das Grandes Navegações.

Imagem 1: desenho original

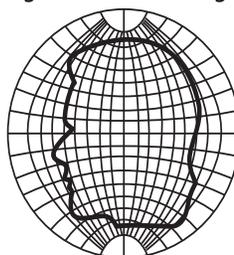
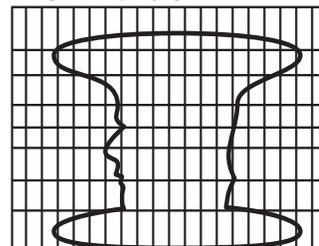


Imagem 2: projeção de Mercator



MENEZES, P.; FERNANDES, M.

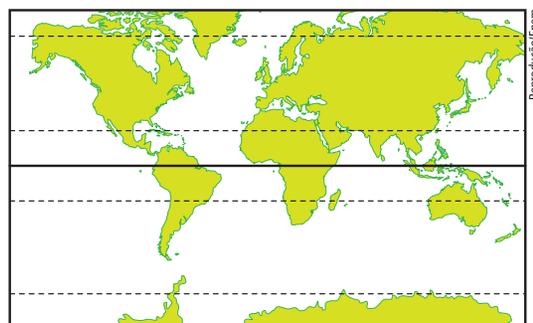
Roteiro de cartografia.

São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

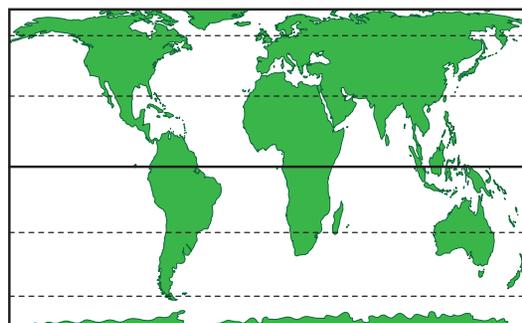
Com base na comparação entre essas imagens, conclui-se que o território das Américas que tem a área mais ampliada com o uso da projeção de Mercator é o/a

- A) Brasil.
- B) México.
- C) Argentina.
- D) Groenlândia.

07. (Enem) Existem diferentes formas de representação plana da superfície da Terra (planisfério). Os planisférios de Mercator e de Peters são atualmente os mais utilizados.

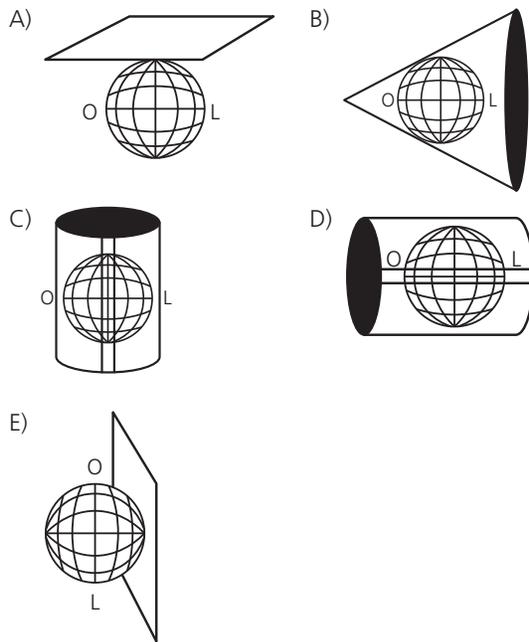


Mercator

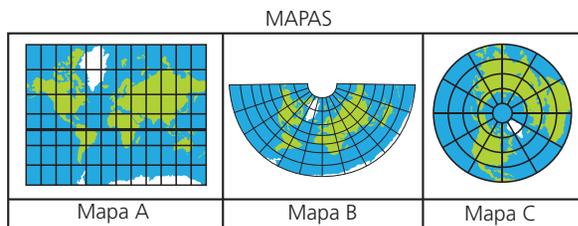
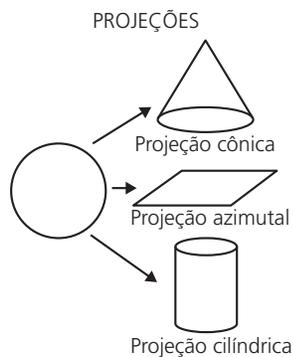


Peters

Apesar de usarem projeções, respectivamente, conforme e equivalente, ambas utilizam como base da projeção o modelo:



08. (Unicamp)



A representação de uma esfera em um plano estabelece um desafio técnico resolvido a partir de distintas formas de projeção, cada uma delas adequada a um objetivo. Faça a correspondência entre cada um dos mapas e sua correta projeção.

- A) A – cônica; B – azimutal; C – cilíndrica
- B) A – cilíndrica; B – cônica; C – azimutal
- C) A – azimutal; B – cilíndrica; C – cônica
- D) A – cilíndrica; B – azimutal; C – cônica

09. (FFB) Leonardo da Vinci (1452-1519) foi considerado o “homem universal” do Renascimento, devido aos seus trabalhos em diversas áreas do conhecimento. Destacam-se, neste estudo, os trabalhos relacionados à Cartografia, realizados durante o período em que Leonardo torna-se engenheiro militar de César Bórgia, em 1502.

Disponível em: <<https://www.prp.rei.unicamp.br/pibic/congressos/xvcongresso/cdrom/pdfN/281.pdf>>.

Considerando o tema Cartografia e as projeções cartográficas, foi criado no século XIX um mapa de visão terceiro mundista, isto é, considerava o tamanho dos continentes e, ao mesmo tempo deformava o formato dos continentes. As características descritas na questão estão relacionadas à alternativa:

- A) Cilíndrica – Peters – Equivalente
- B) Cilíndrica – Peters – Conforme
- C) Cilíndrica – Mercator – Equivalente
- D) Cilíndrica – Mercator – Conforme
- E) Cilíndrica – Mercator – Azimutal

10. (PUC-RJ)



Bandeira da Organização das Nações Unidas (ONU)

A bandeira da ONU (1947), nas cores azul e branco, simboliza a união dos povos do mundo por meio de seus continentes (com a exceção da Antártida), emoldurada por ramos de oliveira, que representam a paz. A projeção cartográfica selecionada para a representação do globo terrestre nessa bandeira é a

- A) cilíndrica.
- B) cônica.
- C) azimutal-plana.
- D) senoidal.
- E) cilíndrica-conforme.

Seção Videoaula



Cartografia III – Projeções Cartográficas



Fique de Olho

BANDUNG E O MOVIMENTO DE PAÍSES NÃO ALINHADOS (MNOAL)

A Conferência de Bandung expressou vontade das nações da Ásia e da África para reconquistar sua soberania e completar sua independência através de um processo de autêntico desenvolvimento, coerente e independente, para o benefício de todas as classes trabalhadoras. Em 1955, a maioria dos países da Ásia e do Oriente Médio havia reconquistado sua soberania em decorrência da nova ordem desenhada após a Segunda Guerra Mundial, enquanto, em outros lugares, na África em particular, os movimentos de liberação estavam lutando para alcançar esse objetivo.

Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?Editoria/Internacional/De-Bandung-1955-a-2015-velho-e-novos-desafios/6/33668>>.



Introdução

A origem do nosso planeta, segundo a ciência, vem de uma grande explosão ocorrida há cerca de 15 bilhões de anos. Essa explosão, chamada pelos cientistas de *Big Bang*, formou a poeira cósmica, grãos microscópicos de minerais, que foram sendo atraídos, agrupados e aglomerados por uma força invisível que a Física chama de força gravitacional. Essa força é responsável por reunir esses grãos e formar a Terra há 4,5 bilhões de anos.

No século VI a.C., o filósofo grego Pitágoras chegou à conclusão de que a Terra era uma esfera, observando os navios desaparecerem no horizonte enquanto se afastavam do litoral. Essa impressão se devia à curvatura da Terra. Atualmente, existem diversas tecnologias que permitem o conhecimento cada vez mais aprimorado dos fenômenos naturais sobre a Terra.

Podemos comparar a Terra a um organismo vivo, pois, desde sua formação até hoje, ela está em constante transformação tanto no seu interior quanto na sua superfície. Essas transformações continuam acontecendo porque o planeta possui muita energia em seu interior e porque a superfície da crosta terrestre sofre ação permanente de forças externas, como a chuva ou o vento, e do próprio homem, que constrói cidades, desmata, refloresta, extrai minérios etc.

A história da formação da Terra

Formada a partir de uma poeira cósmica e resultado de um agregado de grãos de minerais microscópicos, à medida que seu volume aumentava, conseqüentemente aumentava seu poder de atração gravitacional, o que atraía mais minerais.

A Terra foi bombardeada durante 30 milhões de anos para chegar ao tamanho que é hoje, portanto, os meteoritos e meteoros são registros de formação da Terra, ou seja, esses materiais apresentam a mesma matéria que formou nosso planeta. Por isso os meteoritos que caíram e caem na Terra são utilizados em estudos para datar a Terra.

A Terra resfriou de fora para dentro (em sua formação ela tinha 1000 °C, onde era um verdadeiro oceano de líquido de magma), porém, nos limites do planeta, no vácuo do espaço tinha 260 °C negativos, condição que favoreceu o resfriamento da superfície (a crosta).

A força da gravidade do interior da Terra "puxou" os minerais mais densos, ferro (Fe) e níquel (Ni), para o interior do planeta, formando o núcleo.

DA BOLA DE FOGO AO RESFRIAMENTO

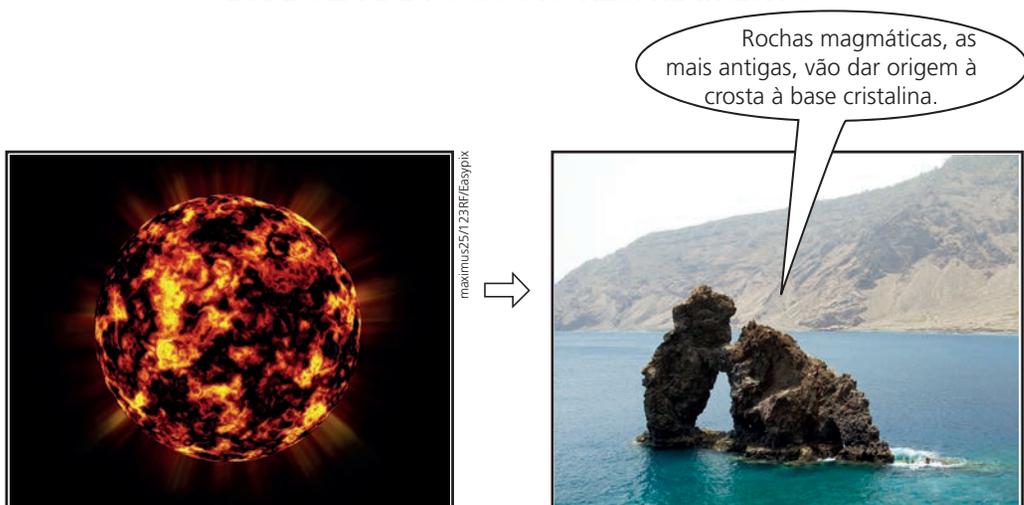
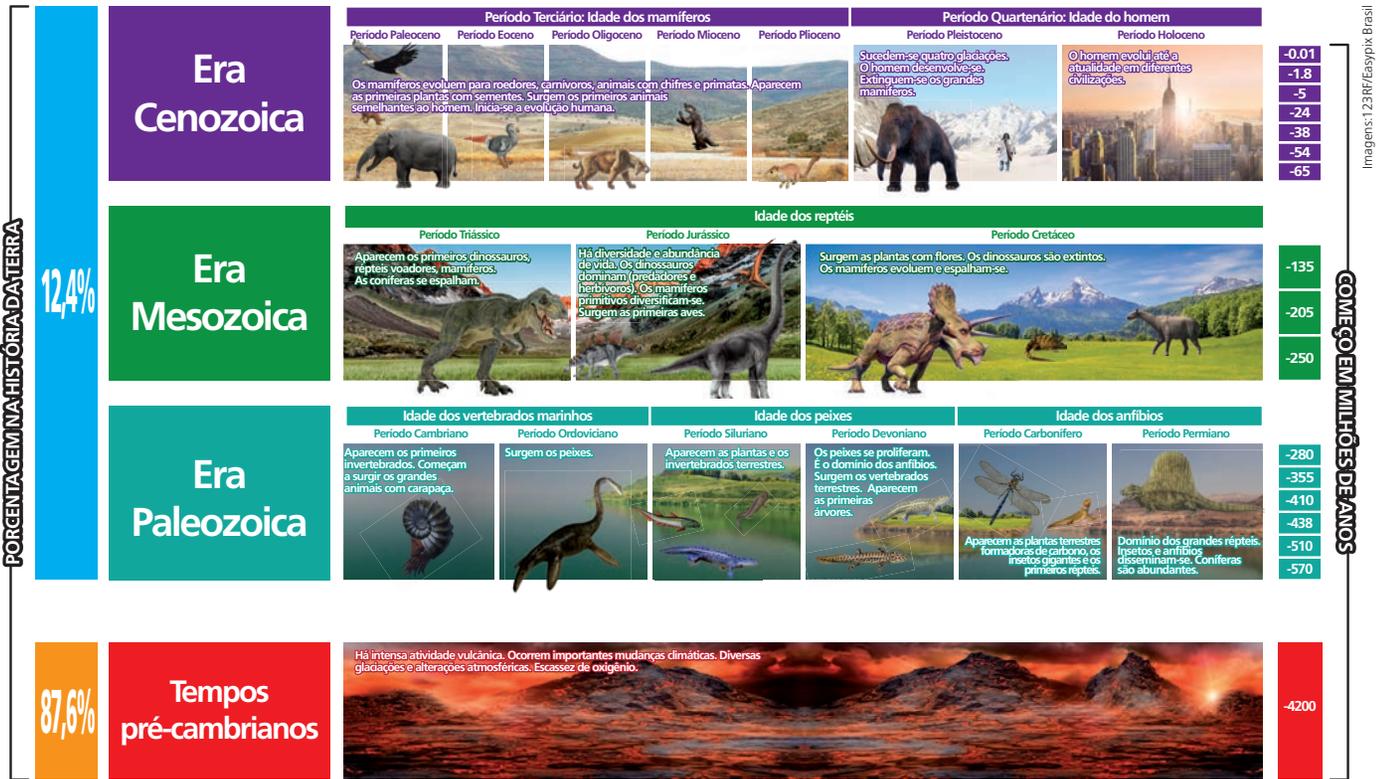
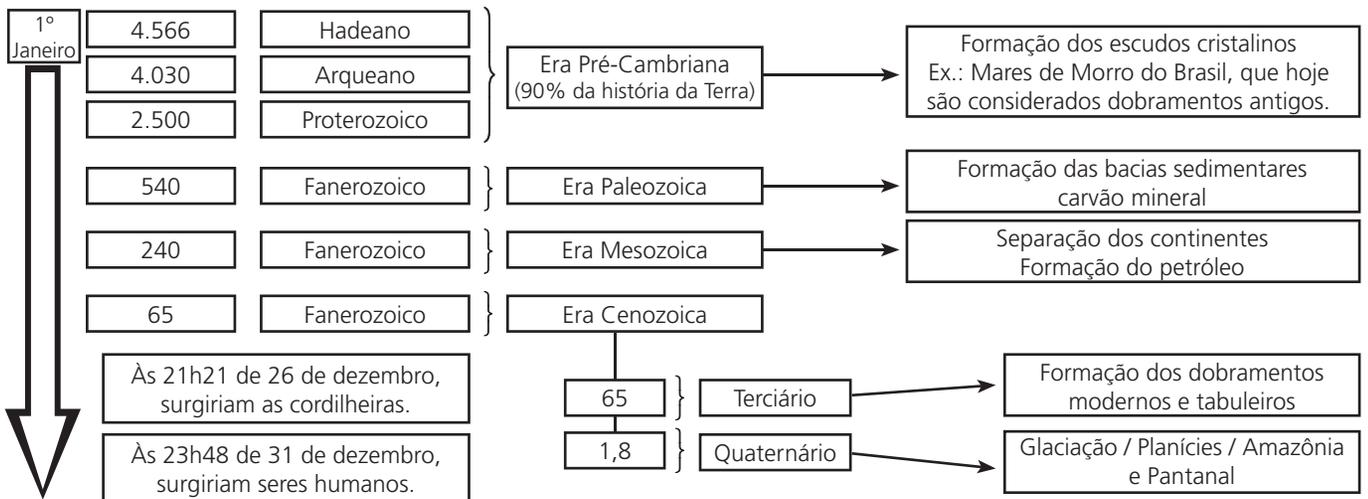


TABELA DE ERAS GEOLÓGICAS



Resumo do tempo geológico comparado com a passagem de um ano



E se resumíssemos a história do planeta nas vinte e quatro horas de um dia, a existência da humanidade teria ocorrido nos últimos três segundos, portanto, somos meros novos residentes dessa casa chamada Terra. Por isso, quando falamos em idades geológicas, estamos trabalhando com tempo de milhares, de milhões de anos de diferença em relação à idade do ser humano.

No início da formação da Terra, os elementos que constituíram o planeta estavam submetidos a elevadíssimas temperaturas. Esse tempo é considerado o éon mais antigo, chamado Hadeano. Nesse período, minerais mais densos, como o ferro e o níquel, afundaram, formando o núcleo do planeta. Na superfície, um oceano de magma, menos denso, se resfriava lentamente, formando uma crosta fina que deu origem às primeiras rochas. Os éons Hadeano, Arqueano e Proterozoico tiveram duração aproximada de 4 bilhões de anos, isto é, quase 90% da história da Terra até os dias atuais.

Os acontecimentos que resultaram na atual distribuição dos continentes e oceanos e nas formas de relevo não ocorrem ao ritmo dos acontecimentos da vida de uma pessoa. Durante o período de uma vida humana é impossível notarmos modificações que levam milhares de anos para se concluir, como o desgaste de uma montanha. Os processos geológicos ocorrem ao longo de milhões de anos, ou mesmo bilhões.

No Éon Arqueano (ou Arqueozoico), consolidou-se a crosta terrestre. O planeta perdeu calor, e o vapor de água contido na atmosfera primitiva se precipitou, ocorrendo, assim, as primeiras chuvas.

O Éon Proterozoico foi o mais longo de todos (2 bilhões de anos). Com o resfriamento do magma, consolidaram-se as rochas e os blocos continentais. No final do Proterozoico, surgiram os organismos multicelulares ainda nos oceanos. Algas e bactérias, ao liberarem oxigênio, mudaram a composição da atmosfera.

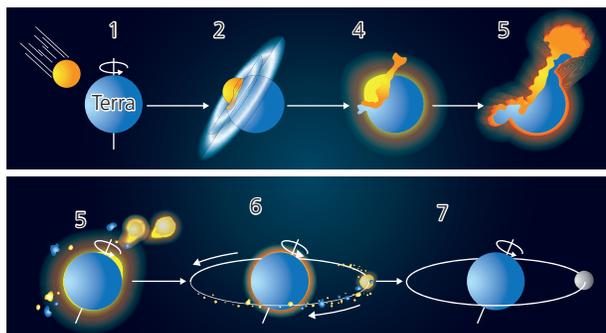
No início do Éon Fanerozoico, a vida começou a se diversificar, pois já havia o desenvolvimento de peixes, corais, moluscos, plantas terrestres, insetos, anfíbios e répteis. As intensas mudanças climáticas provocaram extinções em massa de muitas espécies. Chegou o Período Carbonífero com os continentes ainda juntos (Pangeia). Pântanos e florestas se formaram e foram destruídas, constituindo os grandes depósitos de carvão que exploramos nos dias de hoje.

No Mesozoico, desenvolveram-se os grandes répteis, as aves e as primeiras plantas com flores. É bom lembrar que, com a separação dos continentes, muitas espécies ficaram isoladas das demais, diversificando-se, ocorrendo o desenvolvimento dos mamíferos e dos seres humanos (Era Cenozoica).

Saiba!

A força gravitacional que reuniu o material para formar os planetas como a Terra seria a mesma força que reunirá os materiais para formar a Lua.

O choque entre um planeta do tamanho de Marte com a Terra teria gerado os detritos que formaram a Lua; o choque arremessou material do manto para o espaço, que formou a Lua, e essa passou a orbitar ao redor da Terra.



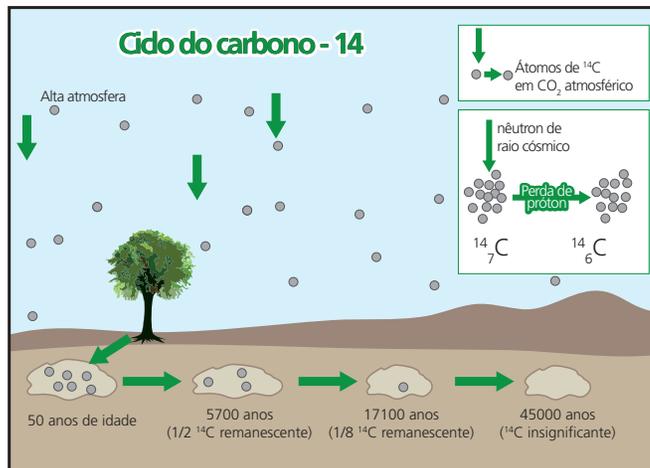
Método de datação

As diferentes estratégias de estudar e investigar a idade das rochas, da evolução da vida e da própria Terra são chamadas de geocronologia. O método de datação mais utilizado engloba a análise da presença de elementos radioativos em rochas e minerais. Essa técnica permite que se faça a datação radiométrica, isto é, a medida da idade dos minerais por meio da medição da quantidade de energia emitida pelos elementos radioativos.

Todo elemento radioativo sofre um processo de desintegração natural chamado transmutação, em que seus átomos se transformam em átomos de outro elemento químico em certo período de tempo. O período no qual metade dos átomos de uma amostra sofre transmutação é chamado de meia-vida.

O urânio-238, por exemplo, depois de um longo processo de transmutações, se transforma em chumbo-206. É um excelente datador de rochas, pois é abundante e tem meia-vida longa (cerca de 4,5 bilhões de anos). Já o carbono radioativo absorvido pelos seres vivos se desintegra quando esses seres morrem, formando o nitrogênio. Com meia-vida de cerca de 5.700 anos, mostra-se adequado à datação de achados arqueológicos mais recentes, de origem orgânica.

No processo de datação, calcula-se a proporção entre o número de átomos radioativos e o de átomos resultantes da transmutação.



Leitura complementar

COMO É DETERMINADA A IDADE DE UM FÓSSIL?



Steffen Foerster/123RF/Getty

O método usado, chamado de datação radioativa, se baseia no fenômeno da radioatividade e foi descoberto no final do século XIX. A radioatividade faz os átomos perderem partículas (prótons ou nêutrons) na forma de radiação, causando variação no seu número de massa ou em seu número atômico. No caso de fósseis de seres vivos, costuma-se usar carbono-14 (com seis prótons e oito nêutrons) para fazer a datação. O carbono-14 emite radiação, perdendo dois nêutrons e se transformando em carbono-12. Em 5730 anos, certa quantidade de carbono-14 ficará reduzida à metade, sendo a outra metade transformada em carbono-12. Por isso, esse tempo é chamado de meia-vida. A meia-vida do carbono-14 é tão curta que ele apenas pode ser usado para medir restos de organismos que viveram até 70.000 anos atrás. Para organismos mais antigos, usa-se o mesmo processo, mas torna-se necessário recorrer a outro elemento radioativo, de meia-vida mais longa, como referência.

Além do carbono-14, pode-se usar o potássio-40 – com meia-vida de 1,25 bilhão de anos – ou o urânio-238 – com 4,47 bilhões de anos –, além de muitos outros elementos radioativos. Para medir nos fósseis a quantidade desses elementos e dos que eles originam por radiação, os cientistas utilizam um aparelho chamado espectrômetro de massa, que permite descobrir a massa atômica dos elementos químicos presentes. Essa técnica, porém, não deverá funcionar corretamente no futuro – dentro de alguns milhões de anos – isso porque, a partir da década de 1940, a explosão de bombas atômicas, a realização de testes nucleares e os acidentes em usinas atômicas causaram modificações na radioatividade do planeta que farão esse método de datação perder sua referência-base.

Mundo Estranho/Abril Comunicações S.A. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-edeterminada-a-idade-de-um-fossilis>>.

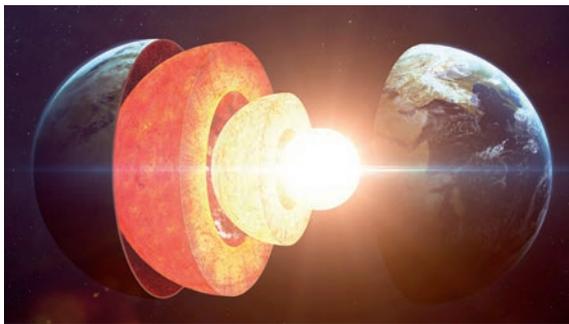
Estrutura da Terra

A estrutura do planeta Terra apresenta três camadas. Uma é extremamente fina e mais superficial, a crosta, com uma espessura média de 25 km (por volta de 6 km em algumas partes do assoalho oceânico e de 70 km nas regiões de cadeias montanhosas). O manto, com 2870 km de espessura, é composto por magma pastoso e denso, em estado de fusão. E na camada mais central temos o núcleo, formado predominantemente por níquel e ferro, e é exatamente por isso que essa camada recebe o nome de Nife. O núcleo é subdividido em duas camadas: núcleo externo, em estado de fusão, e núcleo interno, que, apesar das altíssimas temperaturas, está em estado sólido devido à grande pressão.

É natural que nesse assunto o aluno pergunte “como o homem sabe as características do interior da Terra sem ter ido até lá?”. Muito bem. As informações que temos sobre o interior do planeta foram obtidas por procedimentos indiretos complexos, como a análise da propagação de ondas sísmicas. As perfurações mais profundas ainda não chegaram sequer a 15 km.

Observações:

- Grau geotérmico: é o aumento de, em média, 1 °C para cada 30 ou 40 metros de profundidade.
- Grau hipsométrico: é a diminuição de 1 °C, em média, para cada 180 ou 200 metros de altitude.

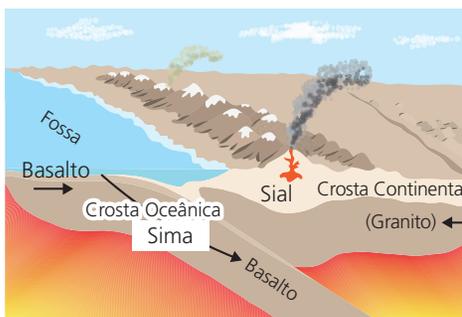
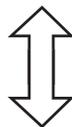


Vadim Sotnikov/123RF/Getty

Crosta

Crosta ou litosfera:

- Subdividida em:
Sial – 15 km a 25 km
Sima – 25 km a 50 km e 70 km
- Camada mais fina onde estão as placas. Essas placas sofrem pressões do interior da Terra, que vão causar o tectonismo ou diastrofismo.



Observação:

O granito (continente) é mais leve e menos denso do que o basalto (manto oceânico). O granito literalmente boia no manto oceânico.

Astenosfera é a camada onde ocorre o movimento de convecção do magma; esse movimento provoca a subida e a descida do magma até a superfície terrestre. A pressão desse movimento sob as placas é responsável pelos agentes internos do relevo, isto é, o tectonismo, o vulcanismo e os abalos sísmicos.

Trocando em miúdos, a astenosfera é quem “orquestra” a formação das montanhas, a separação dos continentes, a formação de vulcões e fenômenos avassaladores, como *tsunamis* e terremotos.

Manto

- Forma a maior parte da Terra (83% do volume do planeta e 67% de sua massa).
- Rochas: Ma, Fe e Si.
- Manto superior (externo): situa-se a astenosfera (menos rígida); atinge 700 km de profundidade.
- Manto inferior (interno): de 650 a 2900 km de profundidade, onde fica a transição para o núcleo (descontinuidade de Gutenberg).

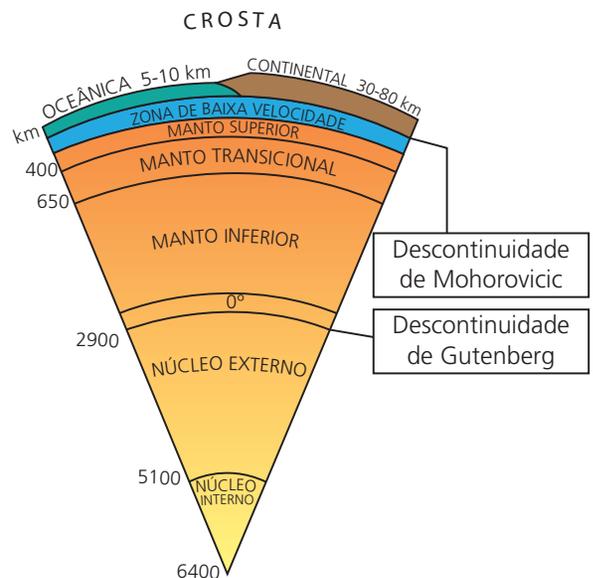
Núcleo

No núcleo do planeta, a temperatura varia de 2200 °C na parte superior até cerca de 5000 °C nas regiões mais profundas.

O núcleo vai apresentar duas camadas: a externa, onde apresenta-se em estado “líquido”, e a interna onde está em estado sólido. Nesta predomina ferro e níquel (Nife), ferro esse que vai funcionar como um campo de força da Terra, em outras palavras, como anticorpos, porque vai ser ela que vai proteger a Terra dos raios letais do Sol, onde esses raios vão ser direcionados para o Polo Norte, e, chegando lá, formar um espetáculo visual de cores chamado aurora boreal.



Stanislav Moroz/123RF/Getty



Curiosidade!

A MEDIDA MAIS PROFUNDA DA TERRA QUE O HOMEM CONSEGUIU CHEGAR

O mais profundo poço do mundo em Terra alcançou 12262 metros da superfície, em uma região do noroeste da Rússia. Ainda assim, isto é apenas cerca de um terço do caminho até o manto, porque a crosta continental tem dezenas de quilômetros de espessura.

O Poço Superprofundo de Kola, localizado na Rússia, é considerado a cavidade mais profunda da Terra. Esse poço passou por algumas escavações que tinham como objetivo perfurar a crosta terrestre ao máximo para extrair rochas que possibilitassem ao homem entender a formação da Terra.

O Poço Superprofundo de Kola tem uma temperatura de 180 °C em sua perfuração mais profunda.

Conhecendo a Terra

A elevação da temperatura da Terra em 1 grau a cada 33 metros de profundidade nas camadas superficiais é chamada de grau geotérmico, porém, a temperatura não continua a aumentar nessa proporção até o centro da Terra, a 6400 km. Calcula-se que no interior da Terra a temperatura chegue a 5000 graus.

Bem, essas observações não são possíveis de serem realizadas de forma direta, isto é, indo ao interior da Terra, portanto, essas conclusões se dão a partir de estudos e métodos indiretos de investigação. Por exemplo, são utilizadas comparações com a composição dos meteoritos, pois pressupõe-se que tiveram a mesma origem e evolução. Outro método também utilizado é a sismologia, ou seja, o estudo do comportamento das ondas sísmicas (vibração, velocidade e trajetória), que possibilita caracterizar o interior do planeta. Os dados de sismologia podem indicar, inclusive, as descontinuidades entre unidades com diferentes propriedades. Por exemplo, a variação da velocidade de propagação das ondas sísmicas do tipo P (longitudinais) indica uma descontinuidade abrupta e bem definida entre a crosta e o manto (a velocidade aumenta bruscamente), conhecida como descontinuidade de Mohorovicic.

A Teoria das placas tectônicas ou tectônica de placas

Desde o século XVI, quando a maior parte das terras emersas foi descoberta e mapeada, acredita-se que os continentes não estiveram sempre na posição em que se distribuem atualmente. O pesquisador holandês Ortelius já afirmava, em 1596, que os continentes como a Europa, a África e a América já estiveram unidos, e sua principal justificativa era baseada no formato dos continentes que se encaixavam como um quebra-cabeça.

Essa afirmação somente foi confirmada quando ganhou base científica depois dos estudos de Wegener com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando foi desenvolvido o sonar, que, após a guerra passou a ser utilizado também para fins científicos.

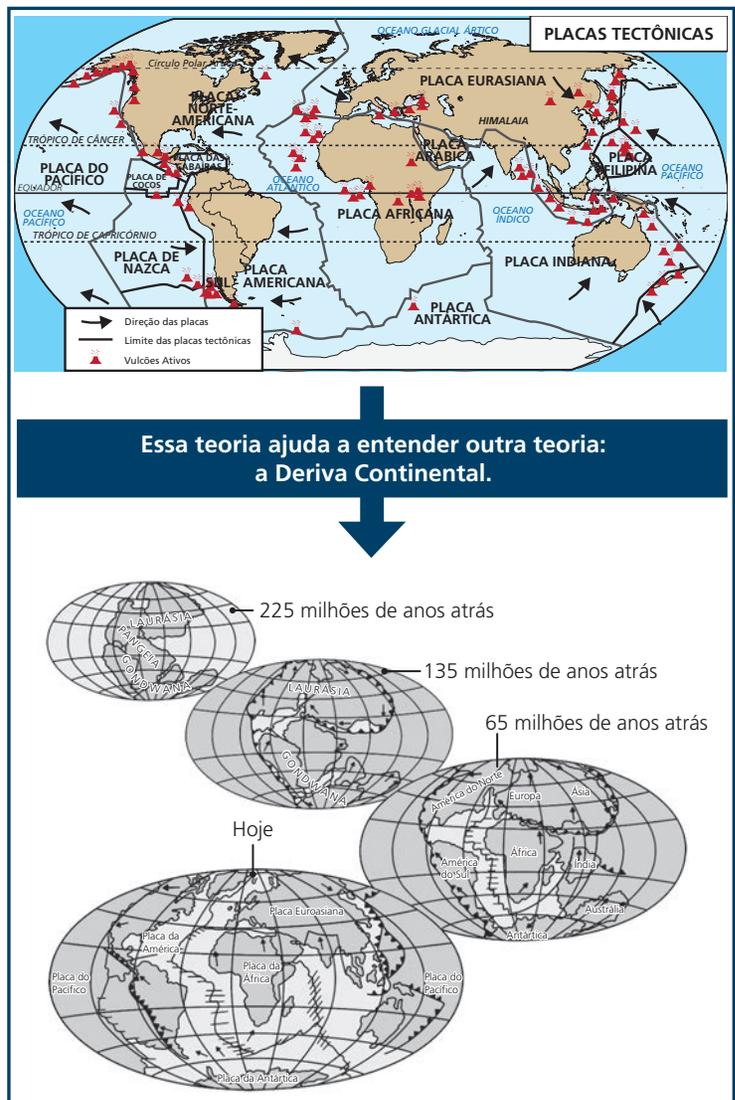
Portanto, o que consideramos como continente é, na verdade, apenas a parte emersa de grandes placas cercadas por imensas rachaduras e que se deslocam em várias direções.

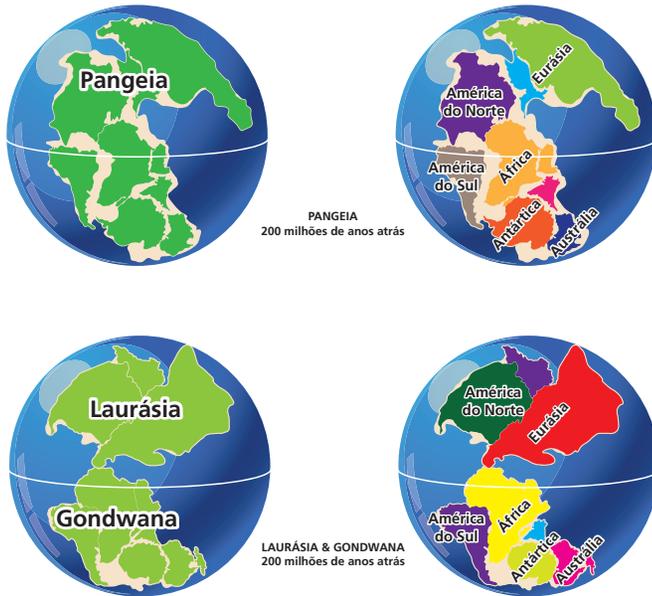
Podemos, hoje, afirmar que a litosfera não é uma rocha contínua, ela é fragmentada em grandes placas que se movem (deslizam, convergem e divergem) umas sobre as outras sobre a astenosfera (uma camada que foca entre a crosta e o manto, onde o magma realiza o movimento de convecção).

O termo "Deriva Continental" foi usado por Wegener ao afirmar que os continentes flutuam sobre o magma (material pastoso do manto, cuja temperatura pode ultrapassar os 2000 graus Celsius). De acordo com essa teoria, os continentes estão à deriva, deslocando-se em todas as direções.

Ainda segundo Wegener, há aproximadamente 100 milhões de anos, a Pangeia se dividiu em duas partes:

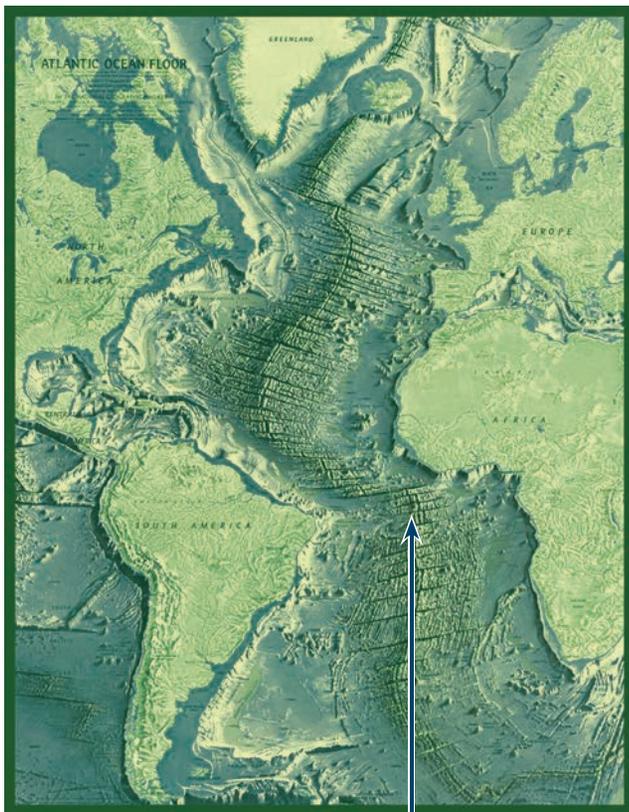
- Laurásia (América do Norte, Europa e Ásia) no Hemisfério Norte.
- Gondwana (América do Sul, África, Antártida, Austrália e Índia) no Hemisfério Sul.





designuair/23RF/Esaypix

Outra evidência de que os continentes sul-americano e africano já foram unidos pode ser explicada na formação de extensa cadeia de montanha e vulcões submarinos chamada de Dorsal Mesoatlântica ou cadeia mesoceleânica. Essa cadeia se estende desde a Islândia até a ilha Bouvet, próxima a Antártida.



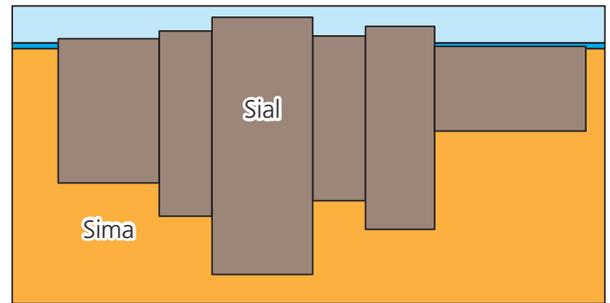
Reprodução

A Dorsal Mesoatlântica é a divisão das duas placas divergentes

A exploração de petróleo na década de 1960 permitiu a constatação da expansão do assoalho oceânico, fato esse que confirmou a Teoria da Deriva Continental e da Tectônica de Placas. Ao determinar a idade das rochas retiradas do fundo do mar, o resultado foi a evidência que faltava para comprovar as duas hipóteses, pois, à medida que aumentava a distância entre o local onde as rochas foram encontradas e a Dorsal Atlântica, tanto para o oeste como para leste, aumentava também a idade das rochas.

Se liga!

POR QUE AS PLACAS NÃO AFUNDAM?



Isostasia é a resposta, mas o que é esse fenômeno? Movimento isostático é o termo usado na geologia no que tange ao estado de equilíbrio gravitacional e suas alterações entre a litosfera e a astenosfera da Terra. Esse processo resulta da flutuação das placas tectônicas sobre o material mais denso da astenosfera, cujo equilíbrio depende das suas densidades relativas e do peso da placa. Esse equilíbrio permite que, em um eventual aumento do peso da placa (por espessamento ou por deposição de sedimentos, água ou gelo sobre a sua superfície), ela afunde, ocorrendo inversamente uma subida (em geral, chamada reemergência ou *rebound*) quando o peso diminui.

- **Dica de vídeo**
Documentário da Discovery sobre a estrutura da Terra: “Viagem ao centro da Terra”.
<https://www.youtube.com/watch?v=NfBscetjtdQ>

Exercícios de Fixação

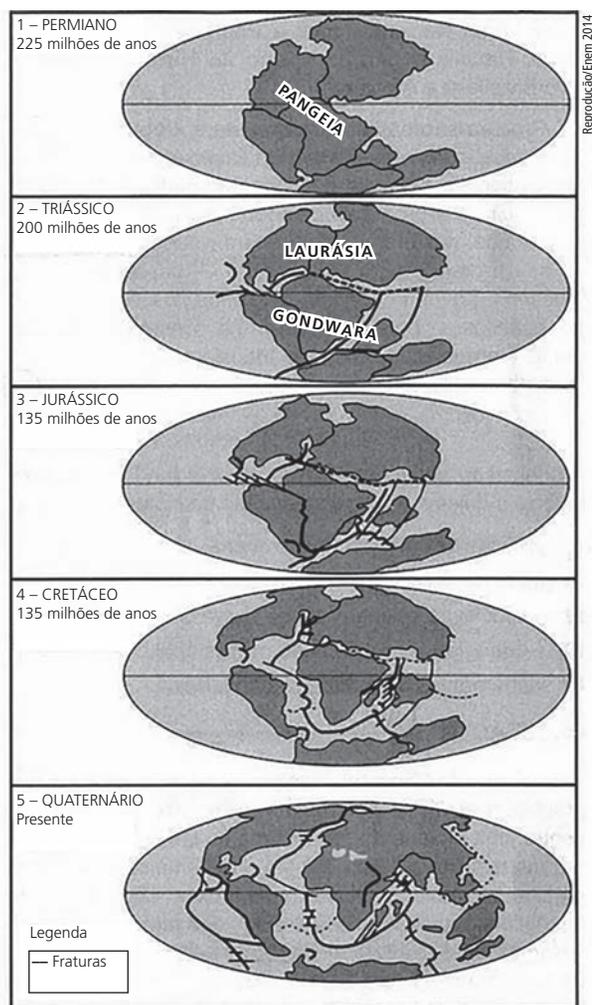
01. (Fuvest/97) Observe a escala do tempo geológico para identificar os processos naturais que ocorreram, respectivamente, nas eras Paleozoica e Cenozoica.

Duração relativa das eras geológicas



- A) Formação das jazidas carboníferas e dobramentos do tipo alpino-himalaio.
- B) Oscilações do nível do mar nos últimos períodos glaciais e formação das bacias petrolíferas do Oriente Médio.
- C) Configuração atual dos continentes e oceanos e dobramentos do tipo alpino-himalaio.
- D) Formação das bacias petrolíferas do Oriente Médio e soterramento das florestas que originaram o carvão mineral.
- E) Oscilações do nível do mar nos últimos períodos glaciais e configuração atual dos continentes e oceanos.

02. (Enem/2014)



Disponível em: <www.telescopionaescola.pro.br>. Acesso em: 3 abr. 2014. (Adaptado)

- A partir da análise da imagem, o aparecimento da Dorsal Mesoatlântica está associado ao(à)
- separação da Pangeia a partir do período Permiano.
 - deslocamento de fraturas no período Triássico.
 - afastamento da Europa no período Jurássico.
 - formação do Atlântico Sul no período Cretáceo.
 - constituição de orogêneses no período Quaternário.

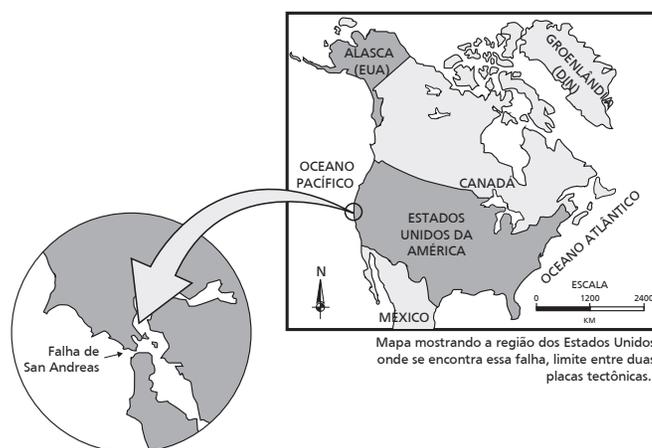
03. (Fatec/2019) Centenas de pessoas morreram e milhares tiveram suas casas e propriedades destruídas depois da ocorrência de um terremoto que ocorreu na ilha indonésia de Sulawesi em 28 de setembro de 2018. O fenômeno relatado ocorre com certa frequência na Indonésia, pois esse país se localiza
- em uma área formada por dobramentos modernos, originária de um processo colisional entre duas placas tectônicas, a Eurasiana e a Africana, no Oceano Pacífico.
 - no Círculo de Fogo do Oceano Pacífico, área formada no fundo do oceano por uma grande série de arcos vulcânicos e fossas oceânicas.
 - entre duas placas com bordas transformantes, responsáveis pelos constantes processos epirogenéticos existentes no Oceano Índico.
 - na extensão de uma linha de falha tectônica localizada no oceano Índico, com formação de estruturas falhadas de Graben e Horst.
 - sobre a Dorsal Meso-Oceânica, cadeia montanhosa formada por sucessivas erupções vulcânicas, no Oceano Atlântico.

04. (Enem/2013) De repente, sente-se uma vibração que aumenta rapidamente; lustres balançam, objetos se movem sozinhos e somos invadidos pela estranha sensação de medo do imprevisto. Segundos parecem horas, poucos minutos são uma eternidade. Estamos sentindo os efeitos de um terremoto, um tipo de abalo sísmico.

ASSAD, L. Os (não tão) imperceptíveis movimentos da Terra. com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, nº 117, abr. 2010. Disponível em: <http://comciencia.br>. Acesso em: 2 mar. 2012.

- O fenômeno físico descrito no texto afeta intensamente as populações que ocupam espaços próximos às áreas de
- alívio da tensão geológica.
 - desgaste da erosão superficial.
 - atuação do intemperismo químico.
 - formação de aquíferos profundos.
 - acúmulo de depósitos sedimentares.

05. (Uern-adaptada) Os deslocamentos gerais apresentados pela litosfera são chamados movimentos tectônicos. Muitas dessas ocorrências geológicas acontecem nas bordas das placas que são áreas de tensão entre estas.

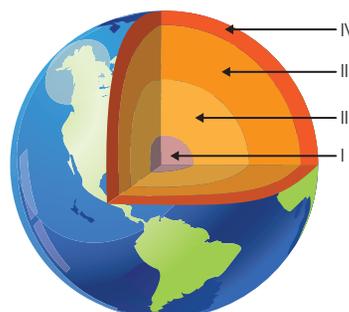


Paulo Roberto Moraes. Geografia Geral e do Brasil. 4 ed., São Paulo: HARBRA, 2011, p.77.

- No mapa, localizamos a falha de San Andreas. Assinale, a seguir, o tipo de movimento que ocorre nesta falha.
- Destrutiva.
 - Construtiva.
 - Conservativa.
 - Obducção.
 - Subducção.

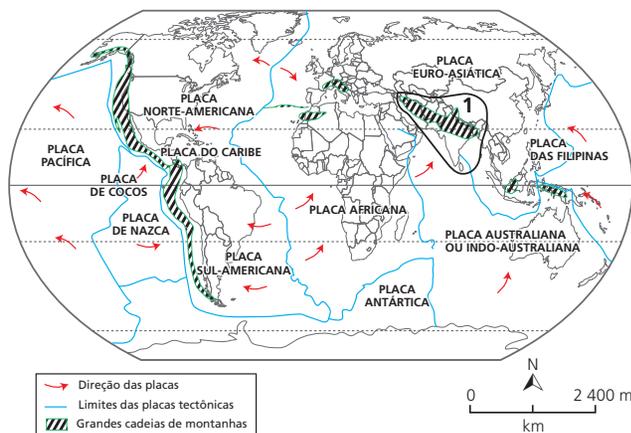
Exercícios Propostos

01. (UTFPR) Verifique a figura a seguir e identifique as camadas da Terra que ela representa e, na sequência, identifique qual das alternativas traz a associação correta dessas camadas.



- A) I – Núcleo interno, II – Núcleo externo, III – Manto e IV – Crosta.
- B) I – Núcleo interno, II – Manto, III – Núcleo externo e IV – Crosta.
- C) I – Crosta, II – Núcleo externo, III – Manto e IV – Núcleo interno.
- D) I – Núcleo externo, II – Núcleo interno, III – Manto e IV – Crosta.
- E) I – Crosta, II – Manto, III – Núcleo externo e IV – Núcleo Interno.

02. (Unesp) A área assinalada no mapa e identificada com o número 1 caracteriza-se pela ocorrência de grandes terremotos.



Assinale a alternativa que identifica as placas tectônicas envolvidas e a cordilheira que se formou na área, há milhões de anos, em função dos choques entre elas.

- A) Filipinas e Antártica; Alpes.
 - B) Pacífica e Africana; Atlas.
 - C) Caribe e Sul-americana; Andes.
 - D) Indo-australiana e Euro-asiática; Himalaia.
 - E) Arábica e de Nazca; Pirineus.
03. (Fatec) A teoria da Tectônica de Placas, hoje mais do que comprovada empiricamente, explica fenômenos como vulcões, terremotos e *tsunamis*. Segundo essa teoria, as placas tectônicas
- A) atiram entre si nas extremidades da Terra, derretendo as calotas polares.
 - B) movem-se porque flutuam debaixo dos solos dos oceanos, causando abalos no continente.
 - C) deslizam sobre o magma do interior da Terra e chocam-se em alguns pontos da crosta.
 - D) movimentam-se em conjunto, desenvolvendo abalos sísmicos coordenados e previsíveis.
 - E) encostam uma na outra e bloqueiam seu movimento natural, causando abalos nos mares.
04. (Ufam) O texto a seguir é formado por trechos da obra de ficção científica, *Viagem ao Centro da Terra* (1864), do escritor francês Júlio Verne, que narra as aventuras e mistérios pelo interior do planeta.

Toda a história do Período Hulheiro estava inscrita naquelas paredes escuras, e um geólogo poderia acompanhar com facilidade as diversas fases. Os leitos de carvão eram separados por extratos de grés ou de argila compactos e como que esmagados pelas camadas superiores.

Nessa era do mundo que precedeu a era secundária, a Terra foi recoberta por uma vegetação compacta em virtude do calor tropical e da umidade persistente. Uma atmosfera de vapores envolvia todo o globo, escondendo ainda os raios do Sol.

Disponível em: <http://www.triplov.com/walkyria/viagem_centro_terra/capitulo_20.htm>. Acesso em: 10 set. 2009.

O texto refere-se ao Período Carbonífero que aconteceu aproximadamente entre 360 a 286 milhões de anos durante a Era

- A) Mesozoica.
- B) Cenozoica.
- C) Proterozoica.
- D) Paleozoica.
- E) Pré-Cambriana.

05. (IFPE/2018)

FORTE TERREMOTO Atinge a cidade do México no aniversário do tremor de 1985

Um terremoto de magnitude 7.1 atingiu o México na tarde desta terça-feira (19). O forte tremor foi sentido em 18 municípios, incluindo a Cidade do México, onde edifícios caíram e pessoas estão soterradas. Na atualização mais recente, as autoridades do país confirmaram que ao menos 224 pessoas morreram na região central mexicana.

Reportagem do UOL notícias de 19/09/2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/09/19/terremoto-cidade-do-mexico.htm>>. Acesso em: 8 out.2017.

No que se refere à dinâmica da litosfera terrestre, podemos afirmar que:

- A) Eventos como o que ocorreu recentemente no México estão diretamente relacionados com a dinâmica das placas tectônicas.
 - B) A magnitude do terremoto retratado não tem capacidade de destruição em grande proporção, os desastres ocorridos foram acarretados por ação humana.
 - C) Os limites divergentes de placas tectônicas são os que desencadearam os maiores tremores já registrados.
 - D) Ocorrem grandes tremores quando duas placas tectônicas colidem, mas isso não provoca deformação na sua estrutura.
 - E) Surgem estruturas como as grandes cordilheiras, a exemplo dos Andes, Alpes e Himalaia, a partir de movimentos divergentes de placas tectônicas.
06. (Furg) Relacione as eras geológicas com os eventos da coluna à direita.

I. Mesozoico	1. Formação das grandes bacias sedimentares brasileiras.
II. Cenozoico	2. Surgimento dos seres humanos.
III. Arqueozoico	3. Origem da vida.
IV. Paleozoico	4. Origem das angiospermas.
V. Cenozoico-Quaternário	5. Surgimento dos dobramentos modernos.

Assinale a alternativa que apresenta todas as relações corretas.

- A) I – 3, II – 1, III – 4, IV – 5 e V – 2
- B) I – 1, II – 2, III – 3, IV – 4 e V – 5
- C) I – 4, II – 5, III – 3, IV – 1 e V – 2
- D) I – 5, II – 2, III – 4, IV – 3 e V – 1
- E) I – 4, II – 5, III – 1, IV – 2 e V – 3

07. (UFPE) A Deriva dos Continentes e a Teoria da Tectônica de Placas são os dois modelos teóricos das geociências que, no século XX, causaram uma revolução dos conceitos relativos, sobretudo aos processos geológicos internos. Sobre esses assuntos, o que é correto afirmar?

- () A hipótese da Deriva dos Continentes foi elaborada pelo geógrafo Alexander Von Humboldt e se apoiou na teoria do "Caos Continental", estruturada por Ratzel.
- () A hipótese da Deriva dos Continentes propõe que o posicionamento relativo das massas continentais mudou de forma considerável ao longo do tempo geológico.
- () A Teoria da Tectônica de Placas fornece uma explicação geométrica e cinemática de como a expansão do fundo oceânico e a deriva das placas litosféricas ocorrem em uma superfície aproximadamente esférica.

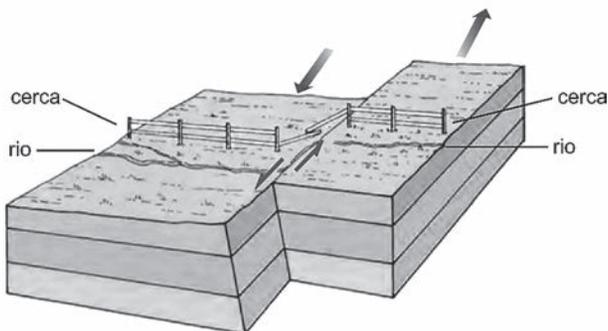
- () A velocidade e a taxa de expansão das placas litosféricas variaram ao longo do tempo geológico, demonstrando, assim, que as forças responsáveis pelos movimentos dessas placas também modificaram-se.
- () Os aspectos paleoclimáticos que foram apresentados pelo autor da hipótese da Deriva dos Continentes não podem ser empregados como argumentos favoráveis à Teoria da Tectônica de Placas.

A sequência correta está na alternativa:

- A) F – V – V – V – F
- B) F – F – F – V – V
- C) V – V – F – F – F
- D) F – V – F – V – F
- E) V – F – V – F – V

08. (UEG/2019) Sobre a estrutura geológica da Terra e sua dinâmica, tem-se o seguinte:
- A) O conjunto das crostas continental e oceânica, chamado de litosfera, constitui a esfera rígida do planeta Terra.
 - B) Os vulcões são fenômenos geológicos que ocorrem exclusivamente nas áreas de contato das placas tectônicas.
 - C) Estima-se que, da superfície terrestre ao seu centro, a profundidade média seja de, aproximadamente.
 - D) O núcleo terrestre corresponde à metade da estrutura do planeta e é constituído principalmente por alumínio e sílica.
 - E) As regiões localizadas nas zonas de subducção e/ou afastamento das placas continentais são as mais estáveis do planeta.

09. (Unicamp/2019)



*As setas da figura indicam somente a direção da movimentação das placas tectônicas.

Adaptado de J.F. Petersen, D. Sack e R. E. Glabler, *Fundamentos de Geografia Física*. São Paulo: Cengage, 2015, p. 277.

- Eventos sísmicos de grande magnitude causam imensos danos. As ondas sísmicas que se originam nesses eventos e que se propagam no interior da Terra são de dois tipos: longitudinais e transversais. A figura anterior representa um tipo de contato entre placas que dá origem a ondas sísmicas. Esse tipo de contato ocorre
- A) na Califórnia (EUA), e as ondas longitudinais são aquelas em que a oscilação se dá na direção de propagação.
 - B) nos Andes (Chile), e as ondas transversais são aquelas em que a oscilação se dá perpendicularmente à direção de propagação.
 - C) na Califórnia (EUA), e as ondas longitudinais são aquelas em que a oscilação se dá perpendicularmente à direção de propagação.
 - D) nos Andes (Chile), e as ondas transversais são aquelas em que a oscilação se dá na direção de propagação.

10. (PUC-PR) De acordo com a quase centenária Teoria da Deriva Continental, proposta por Alfred Wegener, havia uma única grande massa continental, a qual foi denominada Pangeia, cujas terras eram cercadas pelo único e vasto oceano, o Pantalassa. Foi por volta dessa época, há cerca de 250 milhões de anos, durante a Era Mesozoica, que houve a fragmentação de Pangeia, dando origem a dois novos continentes: Laurásia ao norte, e, o que nos interessa mais diretamente, Gondwana, ao sul. Cerca de 120 milhões de anos depois foi a vez desses continentes começarem a se dividir.

Da divisão do continente de Gondwana, derivam:

- I. A separação da América do Sul em relação à África;
- II. A formação dos arquipélagos vulcânicos do Japão e do Havaí;
- III. O término da última era glacial, no Quaternário;
- IV. O surgimento da Austrália e da Antártida, entre outras áreas continentais;
- V. O nascimento do oceano Atlântico.

As afirmações corretas são:

- A) I, IV e V, apenas.
- B) I, II e IV, apenas.
- C) II, III e V, apenas.
- D) III e IV, apenas.
- E) I, II, III e V.



Fique de Olho

ERA GLACIAL E GEOLOGIA

As eras glaciais vão proporcionar grandes impactos na geologia da Terra, pois, se hoje encontramos calcário e gipsita na região do Cariri, por exemplo, é porque essa região, quando de altitude mais baixa, já foi habitada pelo oceano, e o agente que explica isso é a eustasia positiva ocasionada pela interglaciação.

O fogo vai criar as rochas cristalinas, e a vida vai ser responsável pelas rochas sedimentares.

O planeta Terra é um imenso corpo vivo que não sossega, que não descansa, está em permanente atividade. Nesse corpo chamado Terra há vários órgãos, cada um apresentando suas funcionalidades.

No interior da Terra encontramos forças poderosas em forma de calor e pressão realizadas pelo movimento de subida e descida do magma; esse fenômeno é responsável pela dinâmica geomorfológica da Terra.

Outro órgão, também responsável pela dinâmica do relevo mas de caráter destruidor, é a atmosfera. Esta, por meio da erosão (vento, água), vai talhando a rocha e destruindo o relevo.

A vegetação é o órgão essencial para deixar equilibrada a temperatura do corpo chamado Terra. A água é a vida do nosso planeta, pois é a partir dela que ocorrem os processos bioquímicos; o solo é um *habitat* de vida que favorece a existência da vegetação.



Seção Videoaula



Cartografia III – Projeções Cartográficas

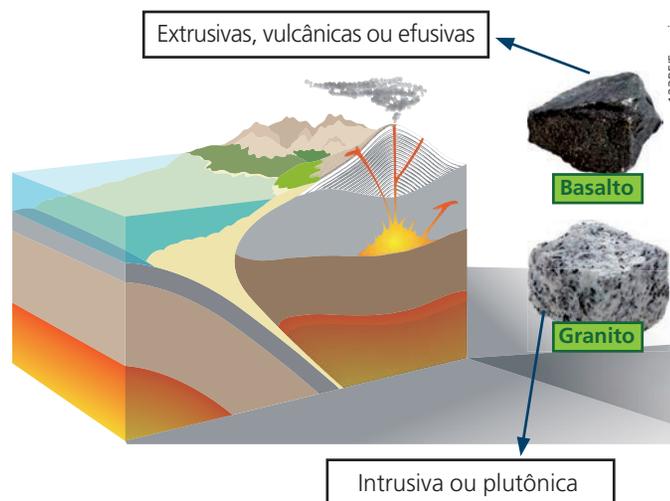
Rochas

As rochas, assim como os seus elementos básicos, os minerais, são recursos da litosfera. Elas são aglomerados formados por vários minerais, ou apenas um, e são encontrados em estado natural na crosta terrestre. Podem ter origem orgânica ou inorgânica. São classificadas em:

- magmáticas ou ígneas;
- sedimentares;
- metamórficas.

Estudaremos individualmente essas rochas.

Rochas magmáticas ou ígneas



Intrusiva ou plutônica

O resfriamento é no interior da Terra; os cristais desenvolvem-se lentamente enquanto o magma é, gradativamente, resfriado.

- Granulação grossa;
- Mais dura e menos densa;
- Constitui a placa continental;

Ex: granito gabro, sienito, diorito, peridotito etc.

Extrusiva, vulcânica ou efusiva

Resfriamento e cristalização na superfície, rápido.

- Granulação fina (textura vítrea "vidro");
- Mais densa;
- Constitui a placa oceânica.

Ex: basalto, riolito (granito), andesito, traquito.

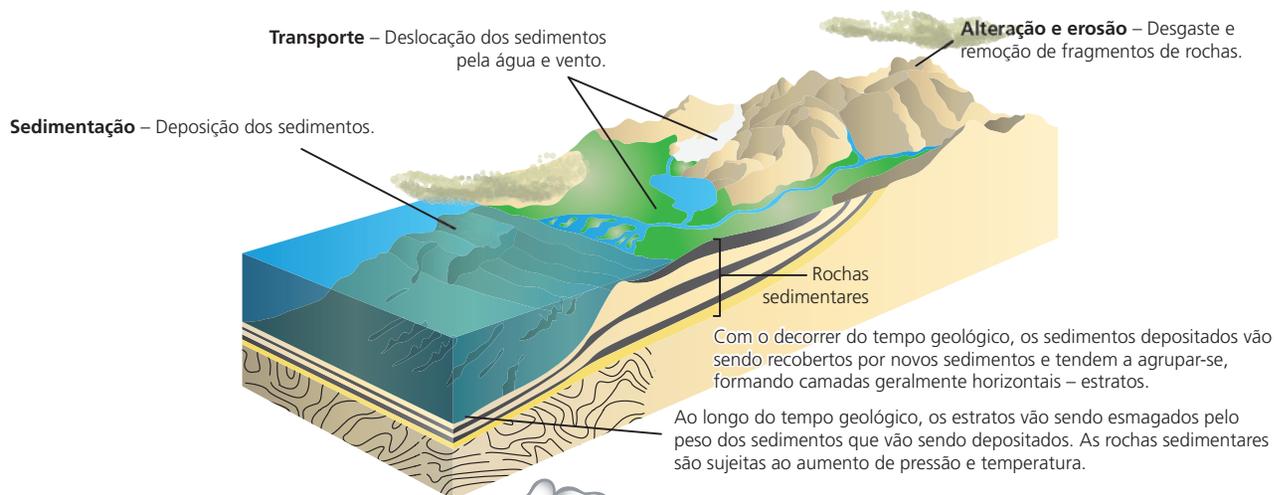
Observações:

- 1) Durante a erupção é lançado CO_2 e SO_2 , que alteram o clima, e são lançados piroclastos, que são fragmentos de lava no ar que viram pedra. **Ex:** pedra-pomes.
- 2) No choque de duas placas (movimento convergente entre uma placa oceânica e uma placa continental), a placa oceânica (basalto), mais densa, mergulha sob a placa continental (granito), menos densa e mais dura.

Essas rochas são formadas pelo resfriamento e solidificação do magma pastoso; elas são, em grande parte, antigas e resistentes, predominando o granito e o diabásio. Elas constituem o embasamento rochoso dos continentes (escudos cristalinos). Outra parte se forma lentamente a partir do derrame de lavas, isto é, tem que haver erupção vulcânica.

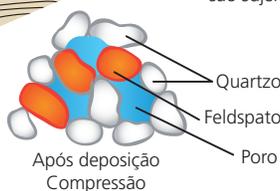
Rochas sedimentares

As rochas não duram para sempre; depois de ficarem expostas, todas as rochas estão condenadas. É só uma questão de tempo até que o intemperismo e a erosão as quebrem, raspem, pulverizem, dissolvam e as levem embora para longe, e elas se tornem partículas de regolitos (fragmentos de pedras), reduzidos a seixos de areia e carregados pela erosão a locais de baixa altitude. As rochas sedimentares só passam a existir quando a Terra ganha atmosfera (para proporcionar o intemperismo e erosão) e passa a ter vida (para proporcionar decomposição). As rochas magmáticas se solidificam a partir do resfriamento do magma, já as rochas sedimentares se solidificam a partir da **diagênese**.



Compactação física: os sedimentos vão compactando fisicamente com a força do próprio peso. Você tem que imaginar que a rocha sedimentar é estratificada, então são camadas em cima de camadas.

Ex.: Areia, argila e balastros.

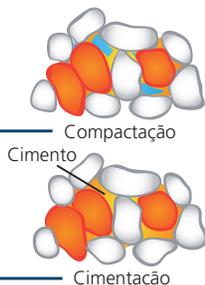


Compactação – diminuição de volume devido ao peso dos sedimentos. Há redução dos espaços vazios e perda de água.

Ocorrem transformações químicas em alguns sedimentos que, em conjunto com certas substâncias dissolvidas na água, agem como cimentadores – **cimentação**.

Compactação química: é a litificação onde os minerais, ao reagir com a água, vão produzir uma liga que vai agir como uma espécie de cimento.

Ex.: calcário, calcita, aragonita e dolomita.

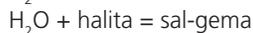


D
I
A
G
Ê
N
E
S
E

A **diagênese** é o processo de compactação dos sedimentos, cimentação e aparecimento de novos minerais.

Rochas sedimentares a partir de precipitações químicas

No caso da formação por precipitação química: calcário, sal-gema, gesso, estalactites e estalagmites típico de relevo cárstico (caverna) precipita e deposita (sedimenta).



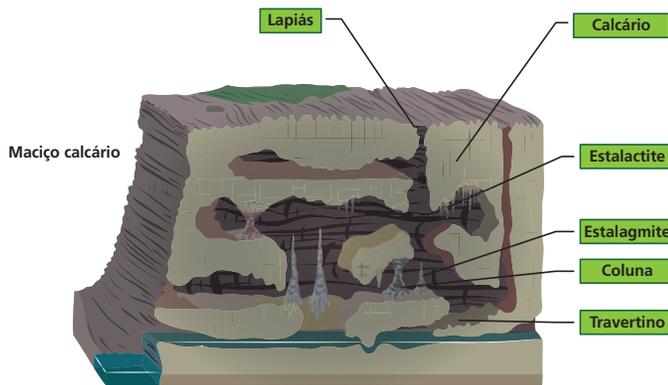
Para enfatizar!

1. As palavras "estalactite" e "estalagmite" provêm do grego "stalassein", que quer dizer pingar.
2. São encontradas em cavernas ou grutas, típico de **dolina**, que são relevos **carsticos**, formadas pela dissolução química de rochas calcárias abaixo da superfície.

A dissolução química: água + $CaCO_3$ = gruta e cavernas – chamadas de carsticos.

3. Formação de estalagmite: forma-se a partir do chão da gruta que vai em direção ao teto, por meio da deposição (precipitação) de carbonato de cálcio arrastado pela água que goteja do teto. (cresce de baixo para cima).

Formação da estalactite: forma-se a partir do teto da gruta em direção ao chão, por meio da deposição (precipitação) de carbonato de cálcio ($CaCO_3$) arrastada pela água que goteja do teto. (cresce de cima para baixo).

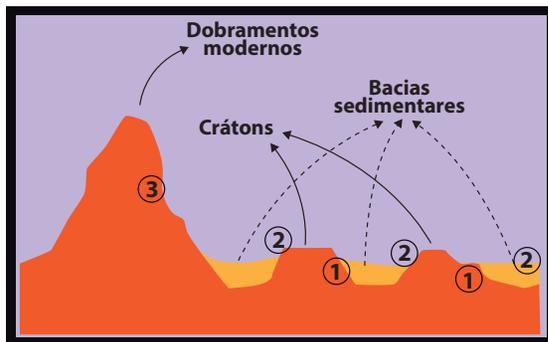


Rochas metamórficas

São produzidas pela modificação de outras rochas, que se dá por altas temperaturas e pressões. Podem ser em qualquer tipo de rocha (ígnea, sedimentar ou outra metamórfica). Elas mudam sua mineralogia e textura embora continuem sólidas.

Ex: Gnaise (granito) e mármore (calcário).

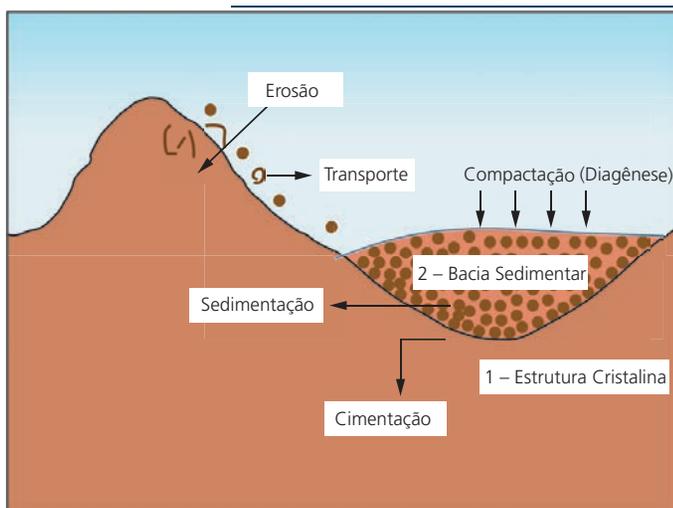
Estruturas geológicas



Nas terras emersas, a crosta terrestre é constituída por três tipos de estruturas geológicas, caracterizadas pelos tipos de rochas predominantes, seu processo de formação e sua idade geológica. As bases rochosas podem ser de três tipos:

1. Escudos cristalinos;
2. Bacias sedimentares;
3. Dobramentos modernos.

Características das estruturas geológicas



1. Estrutura cristalina: (formações mais antigas)

- Era Pré-Cambriana (mais antigas).
- Rochas ígneas.
- Permporosidade baixa.
- Maior adensamento hídrico na superfície.
- Drenagem superficial alta (escoamento supera infiltração).
- Mais estáveis (mais resistentes à ação humana).
- Importância econômica: minerais metálicos.
- Tipos de relevos: maciços, monólitos, *inselbergs*, falésias, depressão sertaneja do Nordeste brasileiro.

Os crátons constituem blocos de rochas bastante antigos, formados na Era Pré-Cambriana (éons Arqueano e Proterozoico). São divididos em escudos cristalinos e plataformas.

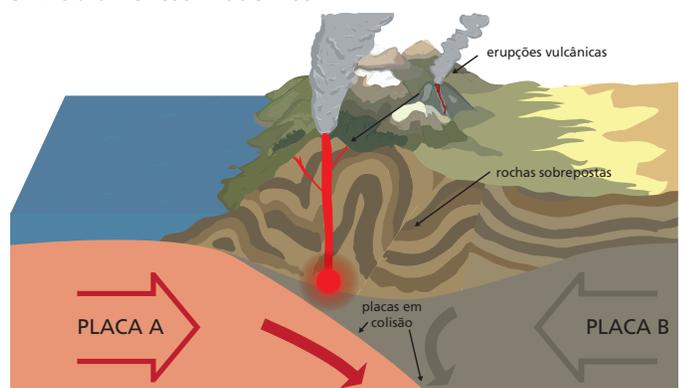
- Os escudos ou maciços são compostos por rochas cristalinas que podem ser magmáticas ou metamórficas; formaram-se no início da consolidação da crosta terrestre, ou seja, constituíram os primeiros núcleos emersos; são de tectônica estável, resistentes, porém muito desgastados pela erosão. Muitos minerais são extraídos nessa estrutura.
- As plataformas são superfícies cratônicas recobertas por camadas de sedimentos, como a Plataforma Sul-Americana.

2. Bacias sedimentares: (formações mais recentes do que os estudos cristalinos)

- Era Paleozoica até os dias atuais.
- Rochas sedimentares.
- Permporosidade alta.
- Maior adensamento hídrico na subsuperfície (lençóis freáticos)
- Drenagem superficial baixa.
- Mais instáveis (mais vulneráveis à ação humana).
- Importância econômica: combustíveis fósseis como carvão mineral, petróleo, gás natural e xisto.
- Tipos de relevos: chapadas, planícies (fluvial ou aluvial, costeira, fluviomarinho), barreiras e dunas.

As bacias sedimentares são depressões preenchidas por sedimentos provenientes de áreas de maiores altitudes. As mais antigas se formaram por processos ocorridos na Era Paleozoica e na Era Mesozoica, no entanto, esse processo continua até os dias atuais, pois é dinâmico. Na Era Cenozoica, formaram-se as bacias sedimentares recentes, como a Amazônia, o Pantanal Mato-Grossense, a Australiana e a Russa.

3. Dobramentos Modernos



São formações recentes, datam da Era atual, a Cenozoica (Período Terciário). São formadas a partir de forças internas, movimentos orogênicos convergentes. É bom lembrar que são formadas por rochas menos resistentes, afetadas por intensos movimentos tectônicos (em áreas de instabilidade tectônica). Os dobramentos modernos formaram altas cadeias de montanhas na Era Cenozoica, no Período Terciário, há cerca de 60 milhões de anos. Por se situarem próximas aos grandes falhamentos, essas cordilheiras, como os Alpes, os Andes, as Montanhas Rochosas, o Atlas e o Himalaia, estão sujeitas a terremotos e atividades vulcânicas. Os dobramentos antigos (como os Montes Apalaches, nos EUA, e a Serra do Mar, no Brasil) se formaram no Pré-Cambriano e no Paleozoico, períodos geológicos de maior antiguidade.

Atenção:

Após o final da leitura, recomendo que você observe e analise o esquema didático do tempo geológico da Terra na página 17 da aula anterior.



Exercícios de Fixação

01. (UFV) As rochas magmáticas, como o próprio nome sugere, são aquelas que surgem a partir do resfriamento e da solidificação do magma. Esse processo pode ocorrer abaixo da superfície (processo lento) e sobre a superfície (processo rápido), tendo, assim, características diferenciadas conforme o seu tipo de formação.

Os processos lento e rápido, descritos no texto anterior, originam, respectivamente, rochas magmáticas do tipo:

- A) vulcânicas e plutônicas.
- B) intrusivas e plutônicas.
- C) micromórficas e orogenéticas.
- D) plutônicas e vulcânicas.
- E) extrusivas e vulcânicas.

02. (Enem (Libras)/2017) De repente, ouve-se uma explosão. Espanto! Num instante, todos estão na rua. Espetáculo alucinante, o topo do Vesúvio havia se partido em dois. Uma coluna de fogo escapa dali. Logo depois é a agitação. Em volta começa a desabar uma chuva de projéteis: pedras-pomes, lapilli e, às vezes, pedaços de rochas — fragmentos arrancados do topo da montanha e da tampa que obstruía a cratera.

GUERDAN, R. *A tragédia de Pompeia*. Disponível em: www2.uol.com.br. Acesso em: 24 out. 2015 (adaptado).

A destruição da cidade relatada no texto foi decorrente do seguinte fenômeno natural:

- A) Atuação de epirogênese recente.
- B) Emissão de material magmático.
- C) Rebaixamento da superfície terrestre.
- D) Decomposição de estruturas cristalinas.
- E) Metamorfismo de horizontes sedimentares.

03. (Mack) As colunas que pendem do teto de uma caverna são as estalactites e as que se formam em seu piso, a partir dos respingos caídos do teto, são as estalagmites. Ambas se originam da precipitação e solidificação de bicarbonato de cálcio que se encontra dissolvido na água. Assinale a alternativa que indica o tipo de grupo de rochas a que as estalactites e estalagmites estão associadas.

- A) Rochas sedimentares detríticas, formadas pela decomposição e deposição de detritos de rochas preexistentes.
- B) Rochas sedimentares de origem orgânica, formadas pelo acúmulo de detritos orgânicos.
- C) Rochas sedimentares de origem química, isto é, formadas pela deposição de sedimentos por processos químicos.
- D) Rochas metamórficas, resultantes da metamorfose de rochas magmáticas e sedimentares quando submetidas a certas condições de temperatura e pressão no interior da Terra.
- E) Rochas sedimentares de origem química, formadas pelo acúmulo de detritos orgânicos.

04. (G1 - CPS 2019) As rochas são agregados naturais de um ou mais minerais. Existem diferentes tipos de rochas, cada um deles formado por processos distintos.

Sobre os tipos de rochas, podemos afirmar corretamente que aquelas formadas pela transformação de outras rochas existentes no interior da Terra, submetidas a enormes pressões e altas temperaturas, são conhecidas como

- A) ígneas.
- B) plutônicas.
- C) magmáticas.
- D) sedimentares.
- E) metamórficas.

05. (UFJF-PISM) E, mais do que tudo, a Gruta do Maquiné, tão inesperadamente grande, com seus setes salões encobertos, diversos, seus efeitos de tantas cores e tantos formatos de sonho, rebrilhando de riscos de luz. Ali dentro a gente se esquecia numa admiração esquisita, mais forte que o juízo de cada um, com mais glória resplandecente do que uma festa, do que uma igreja.

João Guimarães Rosa
Disponível em: <<http://mondego.com.br/gruta-do-maquine/>>. Acesso em: 29 out. 2015.



Disponível em: <<http://www.grutadomaquine.tur.br>>. Acesso em: 29 out. 2015.

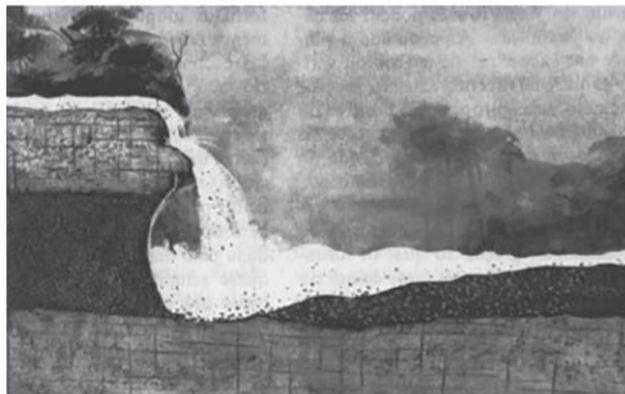
A imagem apresenta uma das feições pendentes no teto de cavernas

- A) aluviais.
- B) calcárias.
- C) graníticas.
- D) tectônicas.
- E) vulcânicas.



Exercícios Propostos

01. (Enem PPL/2018)

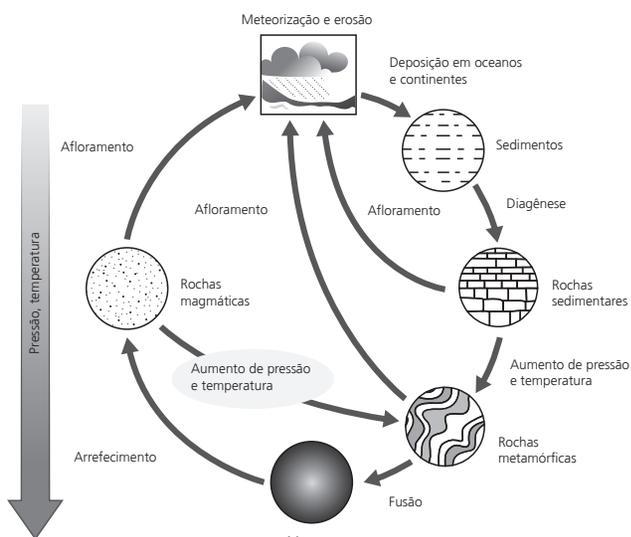


LEINZ, V. *Geologia geral*. São Paulo: Editora Nacional, 1989 (adaptado).

A causa da formação do curso-d'água encachoeirado, tal como ilustrado na imagem, é a

- A) deposição de fragmentos rochosos.
- B) circulação das águas em redemoinho.
- C) quantidade de material sólido transportado.
- D) escavação de caldeirões pelo turbilhonamento.
- E) diferente resistência à erosão oferecida pelas rochas.

02. (Upe-ssa – 1/2018) Analise a figura a seguir:



Sobre os elementos nela contidos, analise as afirmativas a seguir:

1. As rochas magmáticas são aquelas que se originam pelo resfriamento lento ou rápido do material em estado de fusão, encontrado em áreas profundas da litosfera;
2. Dá-se a denominação de diagênese aos processos de lixiviação dos solos, fato esse que determina a redução da fertilidade dos sedimentos argilosos;
3. A meteorização pode ser de natureza química e mecânica ou física; esse fenômeno prepara os corpos rochosos para os processos de erosão;
4. As rochas sedimentares encontram-se, em geral, dispostas em camadas, a exemplo do gnaiss e dos diversos tipos de arenito;
5. Quando os processos erosivos retiram uma imensa quantidade de rochas preexistentes, que recobrem as rochas magmáticas intrusivas, estas podem aparecer na superfície terrestre, a exemplo dos granitos. Nesses casos, diz-se que houve um afloramento rochoso.

Estão corretas

- A) apenas 1, 3 e 5. B) apenas 2, 4 e 5.
 C) apenas 1, 2 e 3. D) apenas 3, 4 e 5.
 E) 1, 2, 3, 4 e 5.

03. (IFSC) O cimento Portland é o mais importante material de construção, com vastíssimo campo de aplicação, incluindo desde a construção civil de habitações, estradas e barragens a diversos tipos de produtos acabados, como telhas de fibrocimento, pré-moldados, caixas-d'água e outros. A produção de cimento Portland depende principalmente dos produtos minerais calcário, argila e gipso, e da disponibilidade de combustíveis, óleo ou carvão e energia elétrica. O calcário é o carbonato de cálcio que se apresenta na natureza com impurezas.



Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/relato/cim.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2014. Adaptado.

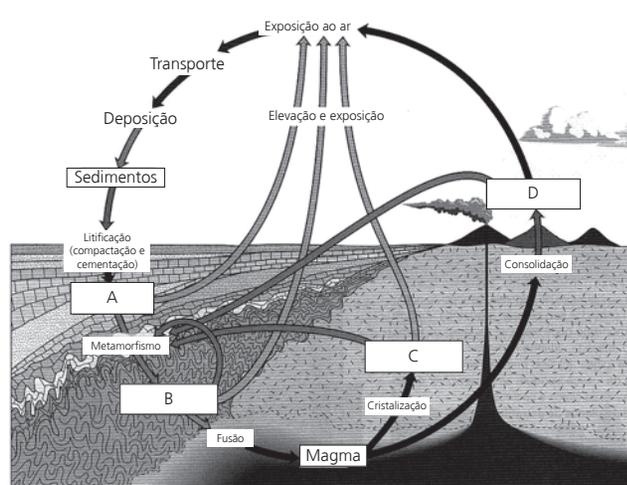
Assinale a alternativa correta, em relação a sua origem, podemos classificar o calcário como uma rocha

- A) magmática.
 B) metamórfica.
 C) sedimentar.
 D) plutônica.
 E) extrusiva.

04. (UAM) O gabo e o granito são exemplos de rochas

- A) magmáticas vulcânicas.
 B) magmáticas extrusivas.
 C) magmáticas plutônicas.
 D) metamórficas.
 E) sedimentares detriticas.

05. (CFTMG/2018) Analise o esquema do ciclo da rocha a seguir.



PETERSEN, J; SACK, D; GABLER, R. *Fundamentos de geografia física*, São Paulo: Cengage Learning, 2014. p 250. Adaptado.

Considerando-se o ciclo da rocha, está correta a associação em:

- A) Representa as rochas magmáticas, onde a pressão da superfície gera uma compactação alterando a estrutura química do material.
 B) Indica as rochas plutônicas, que são aquelas resultantes da solidificação do magma no interior da crosta.
 C) Refere-se às rochas sedimentares, pois derivam dos sedimentos vulcânicos que não chegam à superfície terrestre.
 D) Trata-se das rochas ígneas extrusivas, decorrente do resfriamento da lava ao entrar em contato com a atmosfera.

06. (UFRN) A Europa, em abril de 2010, foi surpreendida por uma nuvem de cinzas vulcânicas liberada pela erupção do Eyjafjallajökull, na Islândia. A erupção desse vulcão, assim como a de outros dispersos na superfície da Terra, pode provocar alterações na vida das pessoas, bem como na dinâmica da natureza.

Nesse sentido, a erupção vulcânica constitui-se um fenômeno natural que pode causar

- A) a formação de rochas metamórficas e os tremores de terra.
 B) a elevação da temperatura global e o empobrecimento da fertilidade dos solos.
 C) a formação de rochas magmáticas e o enriquecimento da fertilidade dos solos.
 D) a redução da temperatura global e a formação de cadeias montanhosas.

07. (Enem-PPL/2017) As rochas são desagregadas e decompostas e os materiais resultantes de sua ação, tais como seixos, cascalhos, areias, siltes e argilas, são carregados e depois depositados e, também, substâncias dissolvidas na água podem precipitar. Em virtude de sua atuação, quaisquer rochas, independentemente de suas características, podem ficar destacadas no relevo.

BELLOMO, H. R. et al. (Org.). *Rio Grande do Sul: aspectos da geografia*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997. Adaptado.

O texto refere-se à modelagem do relevo pelos processos naturais de

- A) magmatismo e fusão.
- B) vulcanismo e erupção.
- C) intemperismo e erosão.
- D) tectonismo e subducção.
- E) metamorfismo e recristalização.

08. (Unicamp/2016) A figura a seguir apresenta a ocorrência de derrames basálticos na porção centro-sul do Brasil.

ÁREA DE OCORRÊNCIA DOS DERRAMES BASÁLTICOS NO BRASIL



Sobre essa ocorrência, é correto afirmar:

- A) Trata-se de uma manifestação eruptiva do Mesozoico, associada com o riftiamento que formou o oceano Atlântico, sendo uma das maiores manifestações vulcânicas da história geológica da Terra. As alterações dessas rochas formam solos muito férteis, chamados de Nitossolos.
- B) Trata-se de uma manifestação eruptiva do Quaternário, relacionada a uma série de hotspots associados à Bacia do Paraná. As alterações dessas rochas formam solos muito ácidos, que acabam por dificultar as atividades agrícolas.
- C) Corresponde a um evento vulcânico que foi ativo durante milhões de anos, associado à deriva continental da América do Sul, em direção leste. As alterações dessas rochas formam solos extremamente férteis, classificados atualmente como "Terras roxas".
- D) Foi uma atividade vulcânica entre as maiores da história da Terra, que ocorreu durante o Paleógeno (antigo Terciário Inferior), quando se iniciou a separação América do Sul-África. Os solos desenvolvidos sobre essas rochas são extremamente férteis.

- 09. (UTFPR) As estruturas geológicas da crosta terrestre refletem os processos que as originaram e ajudam a reconstituir a história do planeta. Em relação a esse assunto, é correto afirmar que:
 - A) Os escudos cristalinos constituem o embasamento fundamental das terras emersas, pois se originaram de dobramentos modernos.
 - B) As bacias sedimentares resultam da ação combinada dos processos destrutivos de erosão e dos processos construtivos de acumulação ou sedimentação.
 - C) O núcleo da Terra encontra-se em estado pastoso.
 - D) O manto é o envoltório rochoso da Terra.
 - E) Os vulcões são gerados por violentos movimentos de massas no interior do núcleo.

10. (CPS/2016) No decorrer do tempo geológico, apenas uma porcentagem muito pequena das espécies que um dia habitaram a biosfera terrestre preservou-se nas rochas. Muitas espécies surgiram e desapareceram sem deixar vestígios.

Em rochas muito antigas, não são encontrados vestígios de animais atuais, o que sugere que eles apareceram muito depois. Porém, nessas camadas antigas, são encontrados restos de animais que não existem mais, o que poderia indicar que se extinguíram.

Os vestígios de organismos que existiram no passado e se mantiveram preservados, como pedaços de troncos de árvores, conchas, ossos, dentes, cascas de ovos, esqueletos e carapaças, são denominados fósseis. O modo de fossilização pode ser determinado por vários fatores, como, por exemplo, a rapidez do soterramento e da decomposição bacteriológica, após a morte dos organismos; a composição química e estrutural do esqueleto e as condições químicas, que imperavam no meio ambiente durante esse processo. Assim, quando um organismo morre e suas partes moles são decompostas, as partes duras, como os ossos, ao longo do tempo, podem ser encobertas por camadas de sedimentos, sofrendo fossilização.

Como base nessas informações, é correto afirmar que:

- A) Os fósseis representam os restos preservados somente dos animais que viveram no passado.
- B) Os fósseis evidenciam que todos os organismos existentes no passado desapareceram sem deixar vestígios.
- C) As camadas de rochas mais antigas apresentam fósseis dos seres vivos atuais, evidenciando que eles se extinguíram.
- D) Os registros fósseis se formaram apenas a partir de organismos que, depois de mortos, foram totalmente decompostos.
- E) Os fósseis podem ser originados a partir de organismos que, depois de mortos, sofreram decomposição, e suas partes duras foram preservadas.



Fique de Olho

A NOVA ERA DO PETRÓLEO COMEÇOU

O economista americano diz que o mundo com barril a 100 dólares ficou para trás e que apenas as petrolíferas que levarem a sério o desafio da competitividade vão prosperar.

No começo dos anos 2000, esteve em voga a teoria de que as reservas de combustíveis fósseis se esgotariam em um futuro próximo. O economista americano Daniel Yergin era um dos mais enfáticos opositores dessa tese. Segundo ele, a tecnologia levaria o homem a descobrir outras formas de explorar reservas de combustíveis fósseis. Suas previsões se mostraram precisas. Com a exploração das reservas de xisto nos Estados Unidos, a produção

mundial disparou no fim de 2014, fazendo o preço do barril de petróleo recuar para menos de 50 dólares. Essa queda acentuada nos preços – que promete ser duradoura – tem impactos econômicos e geopolíticos ainda difíceis de estimar. Novamente, Yergin é um dos mais bem equipados para fazer essa análise. Vice-presidente do conselho de uma das maiores consultorias de energia dos Estados Unidos, depois de desenvolver uma carreira acadêmica na Universidade Harvard, ele é autor de dois livros sobre a história da exploração do petróleo e a procura por novas fontes de energia: *O Petróleo* (Paz e Terra), vencedor do Pulitzer em 1992, e *A Busca* (Intrínseca), recém-lançado no Brasil. “Começou uma nova era do petróleo”, diz Yergin. “Estatais de energia mundo afora, como a Petrobras, terão de levar muito a sério o desafio da competitividade se quiserem prosperar.” Ele falou à reportagem de VEJA no Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça.

Por que o preço do barril de petróleo caiu tanto em tão pouco tempo?

Em uma fórmula simples, por causa da lei da oferta e da demanda. A produção de óleo e gás de xisto nos Estados Unidos cresceu de maneira inaudita. Ninguém contava que subisse tão rápido, nessa escala surpreendente. Em paralelo, há uma queda na demanda, porque as maiores economias do mundo estão em marcha lenta. Em 2014, a Agência Internacional de Energia reduziu as perspectivas para a demanda cinco vezes. Somam-se esses dois fatos e temos a redução drástica no valor do barril de petróleo, que deve perdurar porque não se prevê redução da oferta em um futuro próximo. Mas o mais interessante nesse movimento é que a política do petróleo também mudou. Por muitas décadas, a Arábia Saudita e os Emirados Árabes foram o que chamamos de *swing producers*, países capazes de definir os níveis de preço do combustível fóssil aumentando ou reduzindo a produção de suas reservas gigantescas. Pois bem, na reunião da OPEP do fim do ano passado, os árabes anunciaram que não vão mais desempenhar esse papel e que caberá ao mercado encontrar seu ponto de equilíbrio. Fizeram isso porque, se reduzissem a produção para acompanhar a queda na demanda, criariam uma oportunidade para que países vizinhos, como Iraque ou Irã, abocanhassem um pedaço do seu mercado. Com toda a turbulência no Oriente Médio, eles parecem ter concluído que a estratégia de mercado livre atendia melhor aos seus interesses do que deixar a porta aberta para que vizinhos hostis pudessem se aproveitar. Em resumo, mudaram os níveis de produção, mudou a geopolítica. Os Estados Unidos, de certa forma, podem desempenhar o papel de “regulador de preços” que antes era dos países do Golfo. É uma nova era do petróleo.

Se não fosse pelo xisto, quanto o barril poderia custar hoje?

Estima-se que em torno de 150 dólares, em vez dos cerca de 50 hoje vigentes. Teríamos um outro mundo à nossa frente.

O crescimento na produção de xisto nos Estados Unidos é realmente sustentável?

Uma fase importante no desenvolvimento dessa indústria está sendo superada, aquela da regulação. Na maior parte dos estados americanos produtores, a controvérsia amainou. Participei da comissão que o presidente Barack Obama criou para estudar os aspectos ambientais do gás de xisto, que são os mesmos da extração de óleo de xisto. Há questões ambientais que de fato precisam ser tratadas

com todo o rigor. Mas a legislação foi posta de pé, nos planos federal e estadual, e as empresas têm respeitado as normas, porque as multas para irregularidades são altíssimas. A indústria, portanto, está muito mais madura, e só não deve crescer com a mesma velocidade em 2015 porque, como eu disse, os Estados Unidos têm um novo papel na regulação do preço do barril de petróleo e já estão se exercitando nessa área. Em vez de produzirem 1 milhão de barris adicionais por dia, os Estados Unidos vão produzir meio milhão em 2015, pois agora planejam a produção em função dos preços. Mas os investimentos em tecnologia vão continuar. Eles visam tornar a perfuração uma atividade menos onerosa. Em tempos de petróleo barato, ganhos de competitividade são fundamentais, e os produtores americanos sabem disso.

Ana Clara Costa/Abril Comunicações S/A

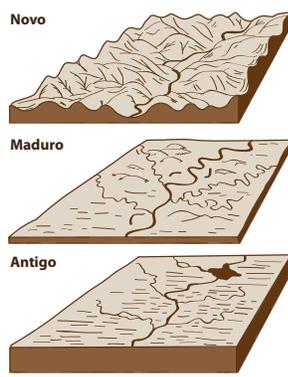
Seção Videoaula



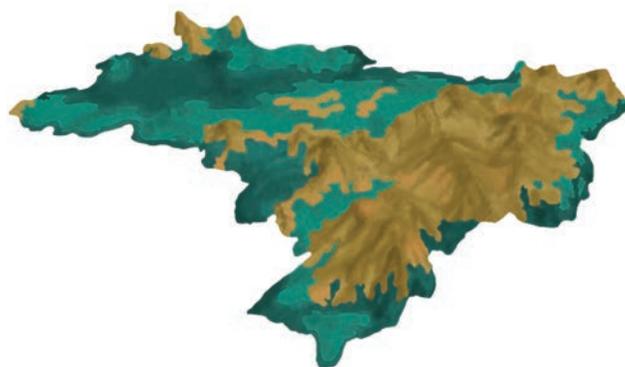
Geologia II – Rochas

Aula
10

Estrutura Geológica do Brasil



A idade antiga da estrutura geológica do Brasil colocou as rochas expostas à erosão por mais tempo. Essa erosão foi talhando a rocha e favoreceu uma geomorfologia com baixas cotas altimétricas.



Introdução

O Brasil tem uma estrutura geológica muito antiga, datada da era mais primitiva, a Era Pré-Cambriana, com terrenos do período Arqueozoico e Proterozoico. Isso significa que ela passou muito tempo exposta à erosão; essa condição temporal de nossa geologia fez com que nossa geomorfologia fosse bastante desgastada, fato esse que explica as altitudes modestas do relevo do Brasil.

A estrutura geológica das terras emersas do Brasil é constituída por bacias sedimentares (64%) e escudos cristalinos (36%), tectonicamente estáveis. Por se encontrar no meio de uma placa, a Sul-Americana, o Brasil não apresenta dobramentos modernos (formações montanhosas da Era Cenozoica, Período Terciário, resultado de movimento convergente). Vale lembrar que o maior conjunto de terras altas do Brasil, situado em boa parte do litoral do Brasil (planaltos e serras do Atlântico leste-sudeste), são considerados dobramentos antigos, isto é, são formações montanhosas da Era Pré-Cambriana e estão há muito tempo submetidas ao processo de intemperismo e erosão. Isso explica a baixa cota altimétrica desse dobramento em relação aos dobramentos modernos que, por serem mais novos, ficaram menos tempo expostos ao intemperismo e à erosão. Embora as rochas que constituem os escudos sejam muito antigas, suas formas principais são o resultado de fenômenos tectônicos mais recentes, ocorridos entre o Cretáceo e o Terciário, e pela ação da epirogênese, movimentação tectônica com lento soerguimento e rebaixamento de grandes áreas da crosta. Seu modelado de formas arredondadas resulta do intemperismo e da erosão que se sucederam por diferentes tipos de climas em períodos recentes da história geológica da Terra.

Esse movimento da crosta ocorreu associado aos movimentos orogenéticos da porção oeste de nosso continente, que soergueram as rochas formando a Cordilheira dos Andes e originaram várias falhas geológicas, com conseqüente surgimento de escarpas de falhas, das quais a mais evidente é a Serra do Mar.

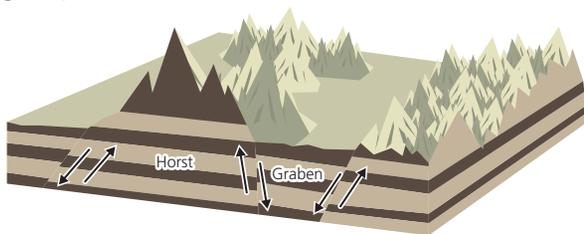
Se liga!

MOVIMENTO EPIROGENÉTICO (EPIROGÊNESE)

Nesse movimento, ao contrário do movimento orogenético, as forças atuam no sentido vertical, trabalhando com lentidão. Não tem ligação com fortes abalos tectônicos, age no sentido vertical (ascendente ou descendente) provocando o levantamento (Horst) em um lugar e o rebaixamento (Graben) em outro; esse movimento vai favorecer a eustasia, que é movimento do nível da água em relação ao nível da terra.

Movimento eustático positivo: favorece a transgressão marinha.
 Movimento eustático negativo: favorece a regressão marinha.

A única atividade tectônica responsável pela eustasia positiva e negativa é a epirogênese. Vale apontar que a eustasia também deriva das glaciações.



ESTRUTURAS GEOLÓGICAS



I
36% da estrutura geológica do Brasil
<ul style="list-style-type: none"> Resfriamento interno: granito; Resfriamento externo: basalto.

Presença de:
<ul style="list-style-type: none"> Manganês; Ferro; Bauxita; Cobre; Cassiteritas.

II
64% da estrutura geológica do Brasil
<ul style="list-style-type: none"> Detritos inorgânicos: arenito, argilito, e conglomerados; Detritos orgânicos: calcário e carvão mineral; Quimio gênicos: gesso e sal-gema.

Presença de:
<ul style="list-style-type: none"> Carvão mineral; (Era Paleozoica); Petróleo (Era Mesozoica); Xisto; Gás natural.



Os escudos cristalinos

As formações cristalinas correspondem a 36% da geologia reveladas nas bordas do Brasil: nas bordas do norte da Amazônia, ou planaltos residuais norte-amazônicos, temos os escudos cristalinos das guianas onde existia uma grande reserva de manganês na Serra do Navio, já exaurido; e na borda sul da Amazônia, ou planaltos residuais sul-amazônicos, temos o escudo cristalino central. Esse escudo vai ter afloramentos na borda sul da Amazônia, nos chamados planaltos sul residuais da Amazônia, onde há formações cristalinas das quais se extrai ferro na Serra de Carajás (a maior jazida ferrífera do mundo), e a bauxita na Serra de Oriximiná, ambas na região do Pará; no Mato Grosso do Sul está situado o Maciço do Urucum, onde ocorre a extração do ferro e manganês; no litoral existe outro afloramento do escudo central que é o planalto atlântico ou do leste e sudeste, que é o maior conjunto de terras altas do Brasil. Em Minas Gerais, a Serra do Espinhaço, divisor de água entre Bacia do Tocantins e Bacia do São Francisco está situado o Quadrilátero Ferrífero; outros afloramentos do escudo central são a Borborema e a depressão sertaneja.

Formações cristalinas arqueozoicas

A era geológica Arqueozoica é caracterizada pela formação da crosta terrestre, em que surgiram os escudos cristalinos e as rochas magmáticas, nos quais encontramos as mais antigas formações de relevo. Esse período teve início a, aproximadamente, 4 bilhões de anos atrás.

Essas formações correspondem à maior parte da estrutura cristalina, cerca de 32% dos 36%. Eles formam o complexo cristalino brasileiro. No Brasil, podemos observar esses afloramentos dos dobramentos antigos, cinturões orogênicos, são antigas cadeias montanhosas que foram bastante desgastadas. O cinturão orogênico do Atlântico estende-se desde a parte oriental da região Nordeste até o Sudeste do Estado do Rio Grande do Sul. É uma faixa de grande complexidade litológica e estrutural, prevalecendo rochas metamórficas de diferentes tipos e idades, como gnaisses, migmatitos, quartzitos, micaxistos, filitos, e, secundariamente, intrusivas, como granitos e sienitos. As serras do Mar e da Mantiqueira, que se constituem em escarpas altas e abruptas produzidas por grandes linhas de falhas.

Formações cristalinas proterozoicas

Estima-se que essa era geológica teve início há cerca de 2,5 bilhões de anos e findou-se há 550 milhões de anos. Durante esse período, ocorreu intensa atividade vulcânica, fato que promoveu o deslocamento do magma do interior da Terra para a superfície, originando os grandes depósitos de minerais metálicos, como ferro, manganês, ouro etc.

Essas formações correspondem a 4% da estrutura cristalina do Brasil e têm importante valor mineral, pois nela temos a presença de ferro e manganês em Minas Gerais, Amapá, Mato Grosso e Pará; e ouro em Minas Gerais.

As bacias sedimentares

Esse desgaste do relevo produziu um grande volume de detritos que foram preenchendo as depressões cristalinas (locais mais baixos) a partir da Era Paleozoica, passando pela Mesozoica e continuando até hoje na Era Cenozoica; ou seja, a sedimentação é um processo contínuo, esses sedimentos vão se acomodando, se acumulando e se compactando até formarem as bacias sedimentares.

As bacias sedimentares, resultado das erosões, correspondem a 64% da geologia do Brasil, distribuídos de acordo com a era de formação; então temos os mais antigos, datados da Era Mesozoica, são eles as bacias do Meio Norte, Tocantins, São Francisco (Sanfranciscana) e a Bacia do Paraná (Paranaica). A Bacia do Paraná vai sofrer fortes derrames de lava, formando aí o basalto e, posteriormente, o solo de terra roxa, um dos mais férteis do Brasil. Na era atual, a Cenozoica, temos as formações sedimentares mais novas: os Tabuleiros do Terciário e no Quaternário, a Amazônia, o Pantanal e as planícies costeiras, que é uma longa e estreita faixa litorânea que vai desde o Amapá até o Rio Grande do Sul, sendo que em alguns pontos dessa extensão, o planalto avança em direção ao mar e interrompe a faixa da planície, é o caso das bordas das serras aflorarem no mar em forma de falésias no Sul e Sudeste.

Os processos erosivos, que ocorreram tanto na fase de epirogênese, no Terciário, quanto no Quaternário, foram de diferentes características. Ao longo de mais de 70 milhões de anos, o desgaste erosivo processou-se em ambientes climáticos quentes e úmidos, alternados com climas áridos ou semiáridos. Esses diversos ciclos climáticos, denominados paleoclimas, associados às influências estruturais, litológicas e tectônicas, explicam a macrocompartimentação do relevo brasileiro.

A atividade mineradora e o petróleo

A importância econômica das rochas sedimentares deve ser destacada levando-se em conta a sua grande utilização, principalmente na área da construção civil. Isso sem mencionar que tais rochas são as fontes de petróleo e hidrocarbonetos, de importância capital para a economia atual. Ainda é necessário destacar a já mencionada importância de tais rochas nos estudos de Paleontologia, pois são fontes riquíssimas de fósseis de antigos animais e plantas.

A geologia do Brasil permite que o nosso país seja um dos maiores produtores mundiais de minérios. As principais reservas brasileiras localizam-se nos maciços antigos (escudos cristalinos) e por isso, é evidente a extração de metálicos. Nas bacias sedimentares são explorados outros tipos, bem como os hidrocarbonetos, o petróleo, o carvão mineral e o calcário, este último utilizado para a produção de cimento.

Diversas empresas brasileiras de mineração de metais têm destaque mundial e boa parte delas está sob o controle da Vale. As jazidas minerais estão distribuídas nas diferentes regiões do Brasil, tendo destaque os estados abaixo:

- Pará e Minas Gerais: ferro, manganês, cobre e alumínio.
- Rio Grande do Norte: sal.
- Rio de Janeiro, Espírito Santo, Rio Grande do Norte e Bahia: petróleo.
- Estados da Região Sul do Brasil: carvão mineral.
- Rondônia e Amazonas: estanho.
- Bahia: cobre.
- Vários estados da Amazônia brasileira: ouro.

Minas Gerais

O destaque da produção de minerais no estado de Minas Gerais é o Quadrilátero Ferrífero, formado por um conjunto de cidades com tradição histórica nesse tipo de produção. As reservas de minerais raros foram exauridas, mas as jazidas de ferro e de manganês alimentam hoje o parque metalúrgico do estado, o mais importante do Brasil.

Na região do Quadrilátero Ferrífero, estão partes das bacias hidrográficas do rio Doce e do rio Paraopeba. A produção de ferro e manganês do Vale do Paraopeba, transportada pela Estrada de Ferro Central do Brasil, abastece as mineradoras CSN (RJ), COSIPA (SP) e também o mercado externo.

Pará

Outro destaque na produção de mineral é o estado do Pará. A exploração da província mineral de Carajás, umas das maiores concentrações de minério de ferro do mundo, é o maior responsável pela boa produção da região.

O projeto Grande Carajás abriga outros minerais metálicos, como manganês, cobre e níquel. O complexo envolve a extração, o escoamento e a exportação do minério de ferro. Depois de extraído, segue pela Estrada de Ferro Carajás até Ponta da Madeira, no Maranhão, onde se localiza o Porto de Itaqui (pertencente a Vale), de onde é exportado.

Para dar condições à indústria de mineração, o estado do Pará conta com a usina hidrelétrica de Tucuruí, instalada no rio Tocantins, que fornece a energia necessária aos projetos de minerais e às atividades industriais a eles relacionadas.

Vale lembrar que temos também no estado do Pará, no município de Oriximiná, o Projeto Trombetas que também consiste em atividades ligadas à extração, como a exploração da bauxita, o minério do alumínio.

Rondônia

Muitas empresas de mineração também se instalaram no estado de Rondônia, atraída pela cassiterita, minério de estanho, cuja finalidade consiste na produção de folhas de flandres, usadas na fabricação de latas para embalagens, soldas, entre outros.

Rio Grande do Norte

A elevada salinidade das águas da costa do Rio Grande do Norte é fornecida pela condição climática da região, pois possui altos índices de evaporação e baixa precipitação, além do fator geomorfológico, já que há lagoas costeiras que servem como reservatórios naturais para a secagem do sal. O estado responde por cerca de 70% da produção salineira do Brasil.

Mato Grosso do Sul

Quem pensa que Mato Grosso do Sul é só a formação sedimentar do Pantanal está enganado, pois é possível encontrar alguns resíduos cristalinos, como é o caso do Maciço do Urucum, situado no município de Corumbá; é uma das maiores jazidas de manganês do país. Urucum abriga também uma grande reserva de minério de ferro.

Leitura complementar

ARSÊNIO CONTAMINA ÁGUA DE CIDADES HISTÓRICAS DE MINAS GERAIS

Pesquisa realizada pelo engenheiro geólogo Ricardo Perobelli Borba revelou sinais de contaminação por arsênio no solo e na água utilizada por moradores do Quadrilátero Ferrífero, que abrange as cidades de Ouro Preto, Santa Bárbara, Nova Lima e outras cidades históricas, em Minas Gerais. O arsênio está entre os metais mais nocivos à saúde humana, como o mercúrio, o chumbo e o cádmio. Em concentrações elevadas (acima de 10 microgramas por litro de água potável, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS)), pode causar vários tipos de cânceres, como o de pele, pâncreas e pulmão, além de abalos ao sistema nervoso, má-formação neurológica e abortos.

O arsênio pode ser liberado na natureza por meio de causas naturais, como o contato da água de rios e nascentes com rochas que apresentam elevada concentração do metal. No caso do Quadrilátero Ferrífero, porém, a contaminação, segundo o estudo, estaria relacionada à intensa mineração de ouro, explorada nos últimos 300 anos. “A região já apresenta naturalmente uma alta concentração de arsênio, mas a mineração secular contribuiu para que a poluição ambiental ficasse hoje muito grave”, diz o professor Bernardino Ribeiro de Figueiredo, que orientou a tese de doutorado do pesquisador, intitulada “Arsênio em ambiente superficial: processos geoquímicos naturais e antropogênicos em uma área de mineração aurífera”, defendida no Instituto de Geociências (IG) da Unicamp.

A pesquisa se concentrou na análise de sedimentos e águas fluviais, solos e rochas nas bacias dos rios das Velhas, da Conceição e do Carmo. Os resultados, segundo Figueiredo, reforçaram os dados obtidos por pesquisadores alemães e brasileiros, em 1998, quando se constatou contaminação por arsênio na urina de crianças entre sete e onze anos, matriculadas em duas escolas de Nova Lima. Na época, de acordo com Figueiredo, 20% das crianças tinham concentrações de arsênio na urina acima de 40 microgramas por litro. Até aquele momento, elas não apresentavam sintomas de doenças provocadas pela contaminação.

A tese defendida por Borba recomenda o monitoramento da saúde humana em todo o Quadrilátero Ferrífero, já que há outras áreas que ainda não foram estudadas.

Foram coletadas amostras de sedimentos de rios, águas de rio e subterrâneas, de solo e de rochas que continham o arsênio. A equipe da Unicamp contou com colaboração dos órgãos ambientais de Minas Gerais e de profissionais do Serviço Geológico Britânico. “Observamos que, próximo às áreas de mineração, as concentrações de arsênio nas águas e sedimentos dos rios e nos solos das bacias de inundação são mais elevadas. Na estiagem, por terem solos férteis, muitas dessas bacias são usadas para cultivo de alimentos”, explica Borba.

A tese é um dos trabalhos pioneiros sobre o arsênio no Brasil e, justamente com o monitoramento humano realizado em crianças, ela chamou a atenção das autoridades para o problema do arsênio em uma região habitada por mais de 3 milhões de pessoas, apenas somando a população de Belo Horizonte e seus arredores.

Em especial em Ouro Preto, várias minas abandonadas costumam drenar água de qualidade relativamente boa, mas nela também foi constatada a presença de arsênio. Apesar disso, a prefeitura ainda a utiliza para o abastecimento público, onde é encontrada concentração de arsênio em níveis que, segundo Borba, devem ser monitorados. Em sua tese, ele recomenda o mapeamento das áreas contaminadas.

Como a maioria dos rios está muito assoreada e também tem péssima qualidade, visto que recebem diretamente os esgotos não tratados, as prefeituras tendem, cada vez mais, a coletar águas subterrâneas para abastecimento de populações. Caso a captação ocorra ao redor de locais usados para mineração do ouro, pode haver uma contaminação natural da água presente em rochas ricas em arsênio. Este fato, para o geólogo, reforça a proposição de um monitoramento da qualidade das águas.

O arsênio é um elemento químico que ocorre na natureza em diferentes estados de oxidação, formando vários compostos. Na água, ele pode aparecer nas suas formas inorgânicas e orgânicas. A forma mais nociva ao homem é a inorgânica, com valência +3 e +5, sendo a mais tóxica a +3. O metal aparece em rochas e em minérios. Nas rochas do Quadrilátero, o arsênio ocorre principalmente em minerais como a arsenopirita e pirita, que estão associados ao minério de ouro.

Na atividade de mineração, o ouro foi aproveitado e o rejeito, em que há concentração do arsênio, foi desprezado nos rios até a década de 80, passando por muitas transformações químicas que resultaram na liberação parcial do arsênio para os solos e para as águas dos rios.

No passado, o arsênio chegou a ser usado na composição de remédios, em pequenas concentrações, em pesticidas e em outros materiais. “Na verdade, o arsênio torna-se nocivo dependendo do volume empregado, podendo produzir intoxicação e efeitos colaterais”, explica o professor Figueiredo do IG.

Ele acredita que as sociedades continuarão, por muito tempo, realizando a mineração do ouro, extraindo-o das rochas para diferentes usos. “A mineração moderna tem os recursos e as tecnologias para conciliar a produção do metal que a sociedade precisa e a proteção do meio ambiente”, diz. “O que temos no Quadrilátero é uma questão que não é produzida pela mineração atual, pois a nova indústria está sujeita a leis ambientais e está sob os olhos de uma opinião pública vigilante”, completa.

Segundo ele, a contaminação da região resulta de uma atividade de mineração de 300 anos em que reinava o passivo ambiental, uma situação adversa herdada pela geração das práticas do passado, nas quais não existiam leis, consciência, tecnologia e nem intenções. “A sociedade brasileira terá de saber o que fazer com essa herança deixada pelos mineradores e pela atividade iniciada pelos bandeirantes”, conclui.

O Quadrilátero Ferrífero é conhecido como a mais famosa província aurífera do país, abrigando minas de ouro em funcionamento desde o século XVII. Em decorrência de sua mineração, os resíduos, lançados nas drenagens em muitos locais do Quadrilátero até 1980, contaminaram os sedimentos dos rios. Além da mineração, no passado haviam fábricas de óxido de arsênio que, no julgamento do pesquisador, devem ter contribuído, por meio do lançamento de metais e de arsênio na

atmosfera, para a contaminação dos solos nas áreas vizinhas às fábricas, onde residem muitas comunidades.

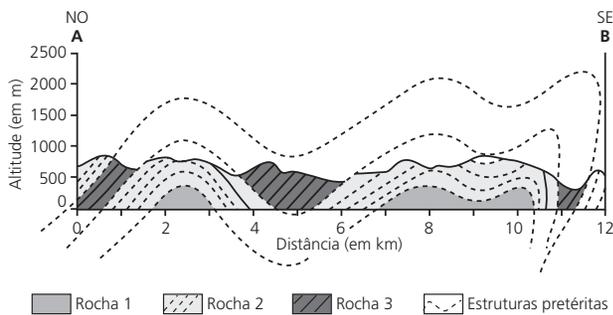
O pesquisador conta que os trabalhos sobre a exposição humana ao arsênio e os estudos ambientais nessa área têm sido intensos em vários países. Verdadeiras catástrofes tornaram-se conhecidas no mundo, como as de Bangladesh, Mongólia e Bengala Ocidental, a partir de exposição prolongada ao arsênio por consumo de água contaminada. Após algum tempo, nestes locais verificou-se que milhões de pessoas apresentavam doenças causadas pela contaminação.

Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/node/573610>. Adaptado.



Exercícios de Fixação

01. (Fuvest/2017) A figura mostra corte transversal A-B em área serrana embasada por rochas metamórficas entre os municípios de Apiaí e Iporanga, no Vale do Ribeira, sul do estado de São Paulo.



As rochas representadas são de idade Pré-Cambriana e formam estruturas em um sistema de

- A) soleiras e diques.
- B) dobras anticlinais e sinclinais.
- C) plataformas e bacias sedimentares.
- D) intrusões e extrusões.
- E) falhas verticais e horizontais.

02. (Fuvest) Em se tratando de *commodities*, o Brasil tem papel relevante no mercado mundial, graças à exportação de minérios. Destacam-se os minérios de ferro e de manganês, bases para a produção de aço, e a bauxita, da qual deriva o alumínio. A relação entre minério e sua localização no território brasileiro está corretamente expressa em:

	MINÉRIO	LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA
A)	Ferro	Quadrilátero Ferrífero (Planalto da Borborema)
B)	Ferro	Serra dos Carajás (Planalto das Guianas)
C)	Bauxita	Vale do Trombetas (Serra do Espinhaço)
D)	Manganês	Maciço do Urucum (Pantanal Mato-Grossense)
E)	Manganês	Vale do Aço (Chapada dos Parecis)

03. (Enem/2012) As plataformas ou crátons correspondem aos terrenos mais antigos e arrasados por muitas fases de erosão. Apresentam uma grande complexidade litológica, prevalecendo as rochas metamórficas muito antigas (Pré-Cambriano Médio e Inferior). Também ocorrem rochas intrusivas antigas e resíduos de rochas sedimentares. São três as áreas de plataforma de crátons no Brasil: a das Guianas, a Sul-Amazônica e a do São Francisco.

ROSS, J. L. S. *Geografia do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1998.

As regiões cratônicas das Guianas e a Sul-Amazônica têm como arcabouço geológico vastas extensões de escudos cristalinos, ricos em minérios, que atraíram a ação de empresas nacionais e estrangeiras do setor de mineração e destacam-se pela sua história geológica por

- A) apresentarem áreas de intrusões graníticas, ricas em jazidas minerais (ferro, manganês).
- B) corresponderem ao principal evento geológico do Cenozoico no território brasileiro.
- C) apresentarem áreas arrasadas pela erosão, que originaram a maior planície do país.
- D) possuírem em sua extensão terrenos cristalinos ricos em reservas de petróleo e gás natural.
- E) serem esculpidas pela ação do intemperismo físico, decorrente da variação de temperatura.

04. (PUCPR 2017) Leia o texto a seguir.

O volume das águas oceânicas é 15 vezes o volume das terras acima do nível do mar, de modo que se todas essas terras fossem lançadas ao mar, o nível dos oceanos se elevaria de 200 e poucos metros.

– E se as terras abaixo do mar se nivelassem com as terras acima do mar, que aconteceria?

– É uma coisa já calculada. As águas do oceano cobririam a terra inteira com profundidade de 2 quilômetros e meio.

– Para mim é o que vai acontecer – disse Narizinho. A erosão, com sua mania de desmontar as terras altas para ir aterrando o fundo dos mares, acabará nivelando tudo que é terra, – e então, adeus humanidade!...

– Bom – disse Dona Benta. Essas hipóteses poderão suceder daqui a tantos milhões de anos que não vale a pena pensar nelas.

Monteiro Lobato – *Serões de Dona Benta*

O conhecimento geológico permite afirmar que a hipótese levantada por Narizinho é

- A) coerente, pois, ao longo da Era Cenozoica, o planeta Terra esteve totalmente coberto pelos oceanos.
 - B) improvável, pois ao mesmo tempo em que ocorre a ação dos agentes exógenos que, de certa forma, destroem o relevo, há a contrapartida dos agentes endógenos, construtores do relevo.
 - C) coerente, pois os agentes do relevo, em especial os processos endógenos, tendem a desagregar os corpos rochosos, transportando-os em direção aos oceanos.
 - D) improvável, pois os agentes endógenos e exógenos atuam nos continentes até o nível base de erosão, estando este bem acima do nível atual dos mares.
 - E) provável, pois certamente ocorrerá daqui a milhões de anos pela ação dos agentes exógenos e endógenos, não havendo preocupação imediata da possível extinção da espécie humana.
05. (UFMT) Os derrames de lavas basálticas da Formação Serra Geral representam um dos mais volumosos vulcanismos continentais do planeta, com uma área superior a 1.200.000 km². Em certos locais, os derrames sucessivos de lavas possuem centenas de metros de espessura.

A paisagem descrita é encontrada

- A) nas ilhas de Angra dos Reis, no Rio de Janeiro.
- B) no litoral de Ilhéus, na Bahia.
- C) as áreas serranas da Mantiqueira, na zona da Mata Mineira.
- D) nas cachoeiras do rio Iguaçu, no Paraná.
- E) nas encostas litorâneas da Serra do Mar.



Exercícios Propostos

01. (Mackenzie/2016)



Disponível em: (<http://www.pousadacasadepedra.com.br/petarcomocheigar.html>)

O Parque Turístico do Alto da Ribeira (PETAR) é a região de maior concentração de cavernas do Estado de São Paulo. Possui 32 mil hectares e está localizado no sul do Estado de São Paulo. Além da grande biodiversidade da Mata Atlântica remanescente, o parque possui cachoeiras e é uma importante região espeleológica do Brasil, com cerca de 250 cavernas registradas.

A respeito de formações espeleológicas, julgue as afirmações a seguir.

- I. Os espeleotemas ocorrem comumente em terrenos constituídos por rochas sedimentares e relevo cárstico e são resultado da corrosão das rochas por ácidos dissolvidos na água, principalmente ácido carbônico, resultante da combinação da água com o da atmosfera ou do solo;
- II. Os tipos mais comuns de espeleotemas surgem a partir da metamorfose de rochas graníticas que datam de formações geológicas Cenozoicas, do período Terciário, predominantes no Brasil;
- III. São denominadas estalactites, quando estão fixas no teto de uma caverna e estalagmites quando estão em seu piso. Ambas são formações decorrentes do gotejamento de água das fendas das paredes das cavernas de rocha calcária.

Assinale a alternativa correta.

- A) Apenas I está correta.
- B) Apenas I e II estão corretas.
- C) Apenas I e III estão corretas.
- D) Apenas II e III estão corretas.
- E) I, II e III estão corretas.

02. (Mackenzie/2016) De acordo com o glossário geológico do Serviço Geológico do Brasil (CPRM), o intemperismo pode ser definido como um:

“Processo ou conjunto de processos combinados químicos, físicos e/ou biológicos de desintegração e/ou degradação e decomposição de rochas causados por agentes geológicos diversos junto à superfície da crosta terrestre.”



Sendo assim, considere:

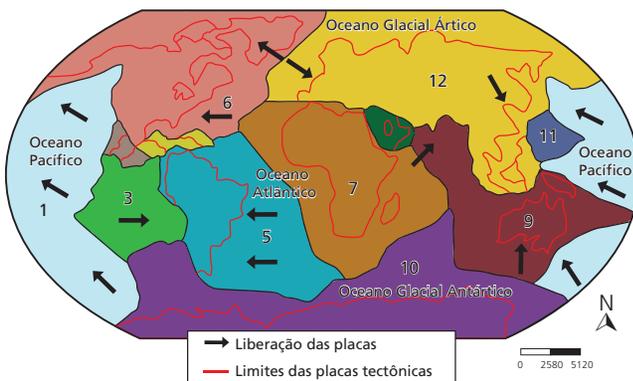
1. Intemperismo químico;
2. Intemperismo físico.

A seguir, assinale a alternativa que indique, corretamente, o tipo de intemperismo predominante de acordo com as condições ambientais de cada uma das letras no mapa.

	A	B	C	D
A)	1	1	1	2
B)	1	1	2	1
C)	2	1	2	1
D)	2	2	2	1
E)	1	2	1	2

03. (UENP) Observe a figura seguinte e assinale a alternativa correta.

PRINCIPAIS PLACAS TECTÔNICAS DO GLOBO.



- 1) Placa do Pacífico, 2) Placa de Cocos, 3) Placa de Nazca, 4) Placa das Caraíbas, 5) Placa Sul-americana, 6) Placa Norte-americana, 7) Placa Africana, 8) Placa Arábica, 9) Placa Indo-Australiana, 10) Placa Antártica, 11) Placa Filipinas, 12) Placa Eurasiana.

- A) Quanto aos movimentos das placas tectônicas, elas podem ser convergentes, divergentes, pendulares e transumantes.
- B) O Brasil está situado na Placa Sul-americana, a qual está divergindo da Placa Africana.

- C) Entre a placa africana e a Placa Sul-americana existe a cadeia montanhosa submarina chamada dorsal gondwânica.
- D) A placa arábica se localiza entre as Placas Africana, Indo-Australiana e de Nazca.
- E) As Placas de Cocos, Caraíbas e Filipinas são consideradas as mais ativas tectonicamente e sismicamente.

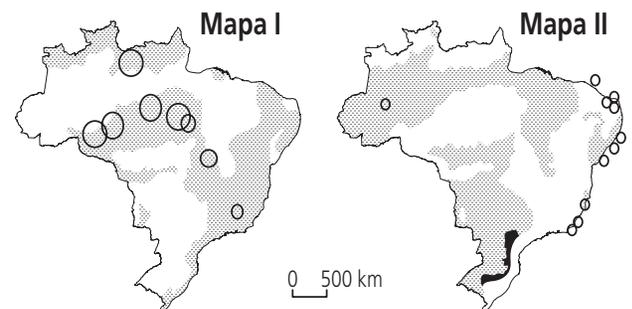
04. (PUC-MG) A ideia propagada, por muito tempo, de o território brasileiro ser absolutamente estável geologicamente e, portanto, livre de terremotos, é errônea. A sismicidade brasileira é modesta, se comparada à da região andina, mas é significativa, visto que aqui já ocorreram vários tremores com magnitude acima de 5 graus na escala Richter, como os eventos em Pacajus (CE, 1980) e em João Câmara (RN, 1986). Esses fatos indicam que o risco sísmico em nosso país não pode ser ignorado. Explique a baixa sismicidade brasileira em relação à região andina

- A) a distância em relação às bordas leste e oeste da Placa Tectônica Sul-Americana.
- B) a baixa altitude média do relevo brasileiro, formado predominantemente por planícies.
- C) a inexistência de atividade vulcânica, causadora dos abalos sísmicos de maior intensidade.
- D) a causa desses tremores poder ser justificada pela atividade mineradora no território brasileiro.
- E) a inexistência de fraturas internas da Terra, impossibilitando a ocorrência de acomodações de rochas no Brasil.

05. (FGV-RJ) Sobre a formação geológica do território brasileiro, assinale a alternativa correta.

- A) O Brasil não apresenta dobramentos modernos, mas apresenta vestígios de antigos dobramentos do Pré-Cambriano.
- B) As províncias Mantiqueira, Borborema e Tocantins resultam de processos orogenéticos ocorridos no Cenozoico.
- C) As camadas rochosas da bacia sedimentar do Paraná atestam a ocorrência de extensos derrames vulcânicos durante o Pré-Cambriano.
- D) As províncias Guiana Meridional, Xingu e São Francisco figuram entre as principais bacias sedimentares brasileiras.
- E) A Serra do Mar foi formada pelo ciclo orogenético ocorrido no Quaternário.

06. (PUC-Camp) Considere os mapas apresentados a seguir, para responder à questão.



Relacione a estrutura geológica brasileira e a exploração econômica dos principais recursos minerais nos mapas.

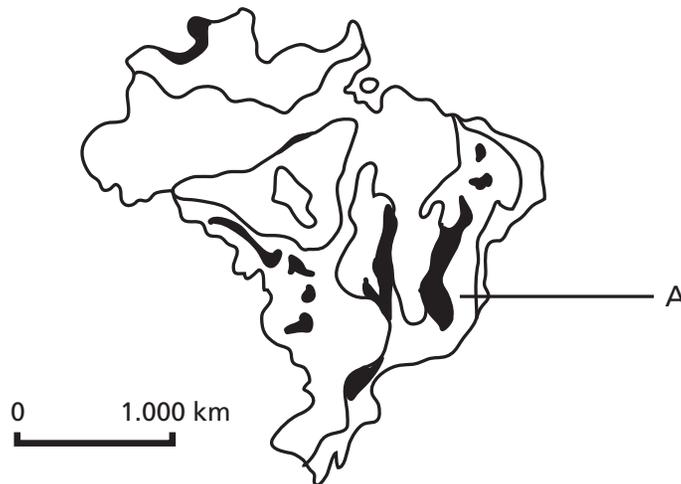
- A) Mapa I – Rochas cristalinas (ferro, manganês e cassiterita); Mapa II – Rochas sedimentares (petróleo e carvão).
- B) Mapa I – Rochas cristalinas (petróleo e carvão); Mapa II – Rochas sedimentares (ferro, manganês e cassiterita).
- C) Mapa I – Rochas sedimentares (bauxita, ferro e manganês); Mapa II – Rochas cristalinas (petróleo, carvão e ouro).
- D) Mapa I – Rochas cristalinas (ferro, manganês e cassiterita); Mapa II – Rochas sedimentares (bauxita, ouro e cassiterita).
- E) Mapa I – Rochas sedimentares (ferro, ouro e bauxita); Mapa II – Rochas cristalinas (petróleo, carvão e ouro).

07. (Mackenzie) Assinale a alternativa que completa a legenda do mapa temático, que mostra a distribuição espacial da indústria siderúrgica no Brasil.



- A) Gasoduto Bolívia-Brasil.
- B) Maciço do Urucum.
- C) Cinturão Carbonífero.
- D) Hidrovia Tietê-Paraná.
- E) Quadrilátero Ferrífero.

08. (Fuvest) Observe o mapa para responder à questão.



Nas formações proterozoicas, que ocupam cerca de 4% do território nacional, encontra-se a maior parte dos minerais metálicos do Brasil. No mapa, a área assinalada pela letra A exemplifica a importância econômica desses terrenos com a produção mineral de

- A) ferro, no Quadrilátero Central, sob o controle da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) associada a outras empresas.
- B) ouro, no Vale do Jequitinhonha, sob o comando da Indústria e Comércio de Minérios S.A. (ICOMI).
- C) manganês, na Serra do Navio, sob o controle do Grupo Antunes, com capitais nacionais e estrangeiros.
- D) ferro e manganês, no Maciço do Urucum, controlados pela Indústria e Comércio de Minérios (ICOMI).
- E) bauxita, no Distrito de Paragominas, comandada pela Mineração Rio do Norte, associação da CVRD com outras empresas.

09. (Unesp) O conceito de risco geológico pode ser expresso como uma situação de perigo, perda ou dano ao homem e suas propriedades, em razão da possibilidade de ocorrência de processos geológicos, induzidos ou não. Constituem áreas onde o risco geológico é maior os locais caracterizados por

- A) locais planos situados sobre terrenos da formação barreiras em área rural ocupado por vegetação nativa de tabuleiro.
- B) encostas ocupadas por edificações em áreas urbanas com declividade acentuada, onde ocorreram movimentos de massa anteriores associados a chuvas intensas.
- C) terrenos planos do embasamento cristalino em áreas urbanas submetidas ao clima sazonal semiárido.
- D) áreas urbanas situadas sobre relevos tabulares da formação barreiras.

10. (G1 – IFSP/2016) De acordo com o geógrafo Jurandyr Ross, “[...] consolidam-se na parte externa da superfície da Terra e por isso passam por um processo de esfriamento rápido. Entre os exemplos mais comuns estão o basalto, o riolito, o fonolito e as obsidianas”.

Fonte: ROSS, Jurandyr L. Sanches (org).
Geografia do Brasil. São Paulo: Edusp, 2008, p. 40.

Com base na descrição, o autor se refere a:

- A) rochas ígneas efusivas ou vulcânicas.
- B) rochas magmáticas.
- C) rochas sílex.
- D) rochas puri-sedimentares.
- E) rochas metamórficas.



Fique de Olho

BRASIL INVESTIRÁ US\$ 11 MILHÕES PARA EXPLORAÇÃO DE MINÉRIOS NO OCEANO ATLÂNTICO

Contrato prevê direito exclusivo para explorar reserva mineral durante 15 anos.

“Essa assinatura permite que o Brasil participe do seletivo grupo de países com autorização para estudos geológicos nas áreas marinhas internacionais. Principalmente por ser o único país do Atlântico Sul”, destacou o secretário de Geologia e Mineração, Carlos Nogueira Júnior, durante a assinatura do contrato exclusivo para exploração de minério entre o Serviço Geológico do Brasil (CPRM) e a Autoridade Internacional dos Fundos Marinhos (ISBA), órgão ligado à Organização das Nações Unidas (ONU), que regulamenta a exploração na área internacional dos oceanos. A cerimônia de assinatura aconteceu nesta segunda-feira (09/11), no Ministério de Minas e Energia (MME).

Com duração de 15 anos, o contrato firmado prevê a exploração exclusiva de uma área de 3 mil km² de crostas ricas em cobalto, níquel, platina, manganês, tálio e telúrio na chamada Elevação do Alto Rio Grande, a 1,5 mil quilômetros da costa do Rio de Janeiro, considerada parte do patrimônio comum da humanidade. Os primeiros cinco anos do contrato serão dedicados ao desenvolvimento de estudos que detalharão o estado ambiental e dará referência para o estabelecimento de uma linha de base para o monitoramento do meio ambiente na região. Já a segunda fase será para avaliação das características mineralógicas, estruturais e geomorfológicas e ambientais das áreas de interesse. A terceira etapa do plano de trabalho prevê a seleção de áreas para estudo da viabilidade econômica, ambiental e técnica dos depósitos minerais identificados.

Esse é o primeiro contrato firmado com um país do Hemisfério Sul e coloca o Brasil no seletivo grupo de países que estão na vanguarda das pesquisas minerais nos oceanos, entre eles, Rússia, Noruega, França, China, Alemanha, Japão e Coreia do Sul.

Plano de trabalho – O contrato prevê plano de trabalho que já foi apresentado pela CPRM e aprovado pela ISBA. Ele visa estudar e explorar economicamente recursos minerais em uma área de 3 mil km², dividida em 150 blocos de 20 km² cada, em uma região conhecida como Alto do Rio Grande, que é uma elevação submarina, localizada em águas internacionais no oeste do Atlântico Sul, a cerca de 1500 km do Rio de Janeiro. É considerada parte do patrimônio comum da humanidade.

Meio Ambiente – O plano de trabalho é fortemente sustentado em parâmetros técnicos, revelando a preocupação da instituição com o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável. Os primeiros cinco anos do contrato firmado serão dedicados ao desenvolvimento de estudos que vão detalhar o estado ambiental e servir de referência para o estabelecimento de uma linha de base para o monitoramento do meio ambiente na região. Serão duas expedições de levantamento ambiental para se conhecer o estado natural da biota, condições geológicas e oceanográficas do Alto do Rio Grande. As expedições irão coletar dados geofísicos oceanográficos, amostragem de água, da mineralogia, petrografia, além de realizar estudos geoquímicos. As informações serão inseridas em banco de dados geoespaciais e servirão para o monitoramento ambiental e definição das principais áreas de interesse para exploração mineral. Já a fase seguinte será avaliação das características mineralógicas, estruturais e geomorfológicas e ambientais das áreas de interesse. A terceira etapa do plano de trabalho prevê a seleção de áreas para estudo da viabilidade econômica, ambiental e técnica dos depósitos minerais identificados.

Desenvolvimento tecnológico – A iniciativa vai estimular o desenvolvimento científico e a criação de um parque tecnológico capaz de desenvolver novas tecnologias e equipamentos de ponta para dar suporte aos trabalhos de pesquisa. A proposta da CPRM envolve também universidades e a cooperação com outros países, fortalecendo, assim, as relações internacionais, técnicas e científicas.

Capacitação de recursos humanos – A qualificação de profissionais para atuar em águas profundas é outra aposta audaciosa. O contrato inclui o compromisso brasileiro em oferecer oportunidades de treinamento para técnicos de países em desenvolvimento. A ideia é fomentar a iniciação científica, a geração de conhecimento e a capacitação de especialistas para que o país possa estar apto a pesquisar e explorar minerais em águas profundas. Até o momento o projeto envolveu cerca de 80 pesquisadores de diversas instituições e universidades.

Investimento – Nos últimos cinco anos foram investidos cerca de R\$ 60 milhões em pesquisas no Atlântico Sul. Esses recursos vieram do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Para desenvolver o plano de trabalho previsto no contrato serão necessários mais de US\$ 11 milhões.

Aprovação da proposta brasileira – Aconteceu durante a 20ª Sessão Anual do Conselho da Autoridade Internacional dos Fundos Marinhos (ISBA), realizada em agosto de 2014, em Kingston, na Jamaica, do qual participam mais de 160 países. A proposta brasileira se destacou pela forte integração entre meio ambiente e geologia.

Histórico – Resultado de seis anos de estudos da CPRM, que contou com a participação de equipe multidisciplinar das áreas de Geologia, Biologia, Geofísica e Oceanografia. O projeto de geologia marinha desenvolvido pela CPRM vai aumentar o conhecimento estratégico sobre recursos existentes em águas internacionais próxima à plataforma continental jurídica brasileira.

Considerado estratégico pelo governo, o projeto de geologia marinha está inserido no Programa de Prospecção e Exploração de Recursos Minerais da Área Internacional do Atlântico Sul e Equatorial (PROAREA), que busca identificar áreas de valor econômico e de importância político-estratégica para o país na área internacional do Atlântico Sul e Equatorial.

Desde 2009 foram realizadas diversas expedições ao Alto do Rio Grande para coleta de dados que envolvem batimetria, gravimetria, magnetometria, filmagem do assoalho oceânico e sísmico. Nesse período foram coletadas ainda 18 toneladas de amostras geológicas em uma área de 132.000 km².

Participaram da cerimônia o Secretário de Geologia, Mineração e Transformação Mineral do Ministério de Minas e Energia, Carlos Nogueira Da Costa Júnior; o Secretário-Geral da Autoridade Internacional dos Fundos Marinhos (ISBA), Nii Allotey Odunton; o Diretor-Presidente do Serviço Geológico do Brasil (CPRM), Manoel Barretto da Rocha Neto; o Secretário da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar, Contra-Almirante da Marinha do Brasil, José Augusto Vieira da Cunha de Menezes; Subsecretário-Geral Interino de Meio Ambiente, Energia, Ciência e Tecnologia do Ministério das Relações Exteriores, ministro Reinaldo José de Almeida Salgado; o Secretário de Políticas e Programas de Pesquisa e Desenvolvimento do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, Jailson Bittencourt.

Assessoria de Comunicação Social do Ministério de Minas e Energia, com informações da CPRM. Disponível em: <http://www.mme.gov.br/web/guest/pagina-inicial/outras-noticias/-/asset_publisher/32hLrOzMKwWb/content/brasil-investira-us-11-milhoes-para-exploracao-de-minerios-no-oceano-atlantico;jsessionId=74FB0D8FC-A3BFBB6BEF13C968CA504A4.srv154>.

Seção Videoaula



Estrutura Geológica do Brasil

Bibliografia

- CHRISTOFOLETTI, Antônio. *Geomorfologia*. Edgard Blucher, 1974.
- DECICINIO, Ronaldo. "GPS: Sistema de Posicionamento Global tem diferentes utilidades". Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/gps-sistema-de-posicionamento-global-tem-diferentes-utilidades.htm>>.
- EICHER, Don. *Tempo Geológico*. Edgard Blucher, 1969.
- GUERRA, Antônio José Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista. *Novo dicionário geológico e geomorfológico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997.
- HELENA, Ignez Sales. *Conceitos de Geografia Física*. ed. Cone, 2002.
- LEINZ, Viktor; AMARAL, Sérgio Estanislau. *Geologia Geral*. 8. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1980.
- SANCHES, Jurandy L. Ross. *Geografia do Brasil*. Edusp editora, 2003.
- SHUMANN, Wálter. *Gemas do mundo*. Ao livro técnico, 1982.
- TEIXEIRA, W. et al (Org.). *Decifrando a Terra*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.



Anotações

GEOGRAFIA II

COMPLEXOS REGIONAIS / MOVIMENTOS DA TERRA / FUSOS HORÁRIOS / GEOMORFOLOGIA

Objetivo(s):

- Identificar os complexos regionais brasileiros, apresentando as suas particularidades socioeconômicas.
- Conceituar e reconhecer os diferentes movimentos realizados pelo planeta Terra, bem como as suas respectivas consequências.
- Compreender a importância dos fusos horários para os diferentes setores da sociedade.
- Explicar a importância dos agentes endógenos para a formação do relevo terrestre.
- Conhecer os agentes responsáveis pelo modelamento da paisagem.

Conteúdo:

AULA 06: COMPLEXOS REGIONAIS

Introdução	202
Complexo Amazônico	202
Complexo do Centro-Sul	203
Complexo Nordeste	205
Exercícios	208

AULA 07: MOVIMENTOS DA TERRA

Introdução	212
Estações do ano	213
Exercícios	215

AULA 08: FUSOS HORÁRIOS

Introdução	219
Exercícios	221

AULA 09: GEOMORFOLOGIA I (AGENTES INTERNOS DO RELEVO)

Introdução	224
Exercícios	232

AULA 10: GEOMORFOLOGIA II (AGENTES EXTERNOS DO RELEVO)

Agentes externos	236
Exercícios	240

Introdução

Na aula anterior, estudamos a divisão oficial do Brasil, que foi elaborada pelo IBGE, seguindo o critério das macrorregiões homogêneas. Contudo, ao longo da história, outras propostas de regionalização foram elaboradas, como a utilização do meio técnico-científico-informacional, pelo geógrafo Milton Santos, na criação da Região Concentrada. Porém, a regionalização que melhor expressa o caráter dinâmico da paisagem brasileira foi estabelecida em 1967, pelo geógrafo Pedro Pinchas Geiger, ao criar as regiões geoeconômicas ou complexos regionais, tomando como referência os aspectos históricos e a divisão territorial do trabalho (DTT). Dessa forma, surgiram os complexos regionais da Amazônia, Centro-Sul e Nordeste, onde a regionalização dessas porções busca refletir a realidade do país e compreender seus mais profundos contrastes, que não são nitidamente expressados pela divisão oficial.

Pela divisão territorial do trabalho, cada território, ou região, participa da produção e circulação de riquezas de modo diferente, contribuindo para o desenvolvimento da economia como um todo. A análise das diferentes regiões pode nos revelar as disparidades econômicas e sociais presentes no espaço nacional.

Como sabemos, os complexos econômicos refletem os resultados da integração econômica, com a eliminação dos antigos arquipélagos econômicos, ocasionada pela concentração industrial da região Sudeste e o surgimento de um mercado interno unificado. As regiões apresentam diferenças entre si e variedades internas de paisagens geográficas.



A divisão em complexos regionais possui maior flexibilidade de recorte regional, pois não respeita os limites entre as unidades da Federação. Sabemos que as características socioeconômicas e naturais muitas vezes ultrapassam as fronteiras estaduais. Desse modo, a porção norte de Minas Gerais, que possui características naturais e socioeconômicas em comum com o Sertão, faz parte do complexo regional do Nordeste; o norte de Mato Grosso compõe o complexo regional da Amazônia, pois possui semelhanças socioeconômicas com essa região; o sul de Tocantins apresenta semelhança com o Cerrado, onde está presente o complexo sojicultor, faz parte do Centro-Sul; e o oeste do Maranhão faz parte da Amazônia. Os complexos são dinâmicos. Com a expansão da fronteira agrícola se deslocando para o oeste da Bahia, muitos já consideram essa porção do Nordeste como pertencente ao complexo agroindustrial do Centro-Sul.

Complexo Amazônico

Corresponde a toda a Amazônia Legal, região que abrange os estados da região Norte do Brasil (com exceção do extremo sul do Tocantins), o norte do Mato Grosso e a porção oeste do Maranhão, compreendendo uma área de, aproximadamente, 5,1 milhões de quilômetros quadrados (cerca de 58% do território do país).

A integração econômica dessa região ao restante do país ocorreu a partir da década de 1970, como zona de fornecimento de recursos minerais e expansão do setor agropecuário; os grandes investimentos governamentais, como a construção de importantes rodovias (Belém-Brasília, Brasília-Acre, Cuiabá-Santarém); a construção de obras estruturantes, como as hidrelétricas de Tucuruí; a instalação de complexos minerais, como Carajás e a Zona franca de Manaus, foram de fundamental importância para essa integração. Muitos dos investimentos ocorridos na região foram resultados de incentivos fiscais concedidos pela SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia).



Floresta Amazônica



Zona Franca de Manaus



Rodovia BR-230 – Transamazônica



Serra dos Carajás

Nas últimas décadas passou a ser destino dos movimentos migratórios inter-regionais, mesmo assim, possui uma pequena população absoluta e baixa densidade demográfica. Sua economia está alicerçada no extrativismo mineral/vegetal e na expansão do setor agropecuário. Quanto ao quadro natural, apresenta uma densa floresta, com clima equatorial e uma riquíssima rede hidrográfica. Apresenta graves problemas ambientais, com o crescente desmatamento da floresta equatorial amazônica, e graves questões fundiárias, em particular na região denominada de Bico do Papagaio, que corresponde a uma região fronteira entre os estados do Tocantins, Pará e Maranhão.

SUDAM



Reprodução

Criada em 1966 com o objetivo de promover o desenvolvimento da Amazônia Legal (Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e partes do Maranhão), por meio de incentivos fiscais e financeiros com a finalidade de atrair investidores privados, nacionais e internacionais, nos mais diversos setores (agropecuária, indústria, extração mineral, geração de energia, entre outros). Após graves denúncias de corrupção, a SUDAM foi extinta em 2001, sendo substituída pela Agência de Desenvolvimento da Amazônia (ADA). Em 2003 ela voltou a operar, depois de ser recriada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

SUFRAMA (Superintendência da Zona Franca de Manaus)



Reprodução



É uma Autarquia vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, criada em 1967 no governo Castelo Branco, com o objetivo de construir um modelo de desenvolvimento regional, com base na isenção ou redução de impostos (Imposto sobre Produção Industrial – IPI, Imposto sobre Circulação de Mercadorias – ICMS, Imposto sobre Exportação e Importação), semelhantes aos implantados em Singapura e Hong Kong. O polo industrial de Manaus é formado por 600 empresas nos segmentos eletroeletrônico, de informática e de produção de veículos, gerando 113 mil empregos diretos e 500 mil indiretos, o que representa 50% do PIB do estado do Amazonas. Os benefícios fiscais deveriam ser extintos em 2023, contudo, foram prorrogados para 2073 pela presidenta Dilma Rousseff.

BENEFÍCIOS DA ZONA FRANCA DE MANAUS*

- Isenção total do imposto sobre produto industrializado (IPI).
- Redução de até 88% do imposto de importação sobre insumos da indústria.
- Redução de 75% do imposto de renda de pessoa jurídica.
- Isenção do PIS/Pasep e da Cofins nas operações internas da área.

* Esses benefícios expiram em 2073.

Complexo do Centro-Sul

Corresponde a um espaço aproximado de 2,2 milhões de km² (cerca de 24% do território brasileiro) onde estão localizados todos os estados das regiões Sul, Sudeste (exceto o norte de Minas Gerais) e Centro-Oeste (exceto o norte de Mato Grosso), a esse complexo integra-se, também, o sul do estado de Tocantins.

É o centro econômico e político do país, onde ocorrem, de forma mais intensa, os fluxos ligados ao processo de globalização (circulação de mercadorias, pessoas e informações). Essa geração e concentração de riquezas está ligada ao processo de industrialização, e fez da região um polo de atração populacional, onde estão concentradas as maiores metrópoles nacionais. Apresenta também a maior e melhor infraestrutura viária e os principais centros de pesquisa e desenvolvimento. A região concentra a maior parte da produção agrícola do país, respondendo por grande parte das *commodities* exportadas.

Todo esse dinamismo fez do Centro-Sul a porção do território que apresenta os melhores indicadores socioeconômicos da nação. Entretanto, é importante observar que a região possui paralelamente graves problemas internos, como a favelização, o subemprego, a violência urbana, a concentração de terra e renda, problemas ambientais (*smog* urbano, ilha de calor, inversão térmica, deslizamento de encostas, enchentes urbanas, assoreamento de rios etc.). É perceptível a presença de áreas marcadas por atraso econômico onde ocorrem bolsões de pobreza, principalmente no Pantanal Mato-Grossense, no Vale do Ribeira, em São Paulo, na parte oeste de Santa Catarina, no entorno de Brasília, nas periferias das grandes metrópoles, entre outros.

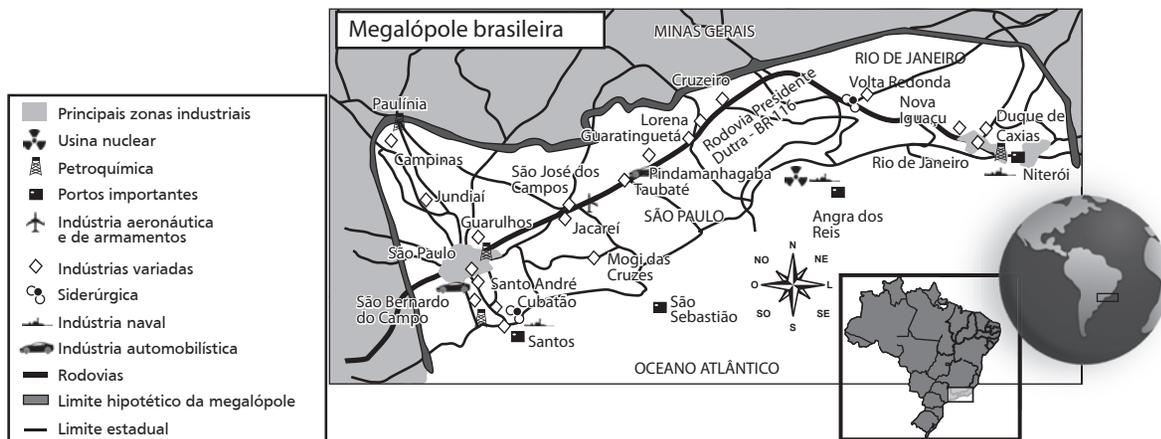
Com relação ao meio físico, este se mostra bastante diversificado, com a presença de um relevo acidentado, com o predomínio de planaltos e serras (Serra do Mar, Serra da Mantiqueira, Serra do Espinhaço, Serra da Canastra, Serra Geral, entre outras) e poucas planícies (pantanal e costeira). Quanto ao clima, podemos constatar as ocorrências dos tipos: tropical típico, tropical de altitude, tropical úmido e subtropical; a cobertura vegetal, composta principalmente pela floresta latifoliada de encosta, Mata dos Pinhais, complexo de Pantanal e Cerrado, encontra-se bastante alterada graças a interferências humanas; os principais cursos hídricos são marcados pela perenidade e elevado potencial hidroenergético.



A região não apresenta uma identidade regional tão marcante como as demais, mesmo assim, podemos perceber a existência de certos espaços individualizados como o Sul, a megalópole e a porção Norte do Centro-Sul.

- A primeira sub-região é formada pelos estados da região Sul (Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina) e pela porção meridional de São Paulo. Caracteriza esse espaço o clima subtropical; a presença marcante de imigrantes, principalmente italianos, alemães e eslavos; a industrialização, em particular na grande Porto Alegre e grande Curitiba; a próspera agroindústria, com destaque para a produção de *commodities* (soja, café, entre outras); a criação de rebanhos com genética elevada na Campanha Gaúcha e os modernos frigoríficos de Santa Catarina.

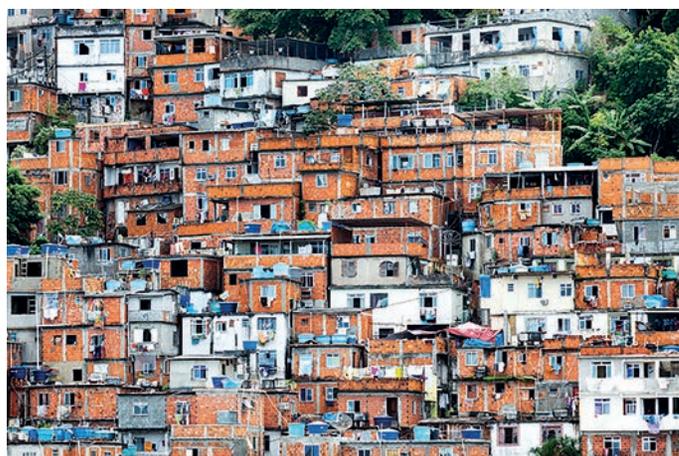
- A segunda sub-região é composta pela área de influência da megalópole brasileira, formada pela conjunção da grande São Paulo, grande Rio de Janeiro, incluindo as regiões metropolitanas de Campinas e a Baixada Santista. Esse espaço abrange apenas 0,5% do território brasileiro, mas responde por 60% da atividade industrial, 50% dos automóveis em circulação e 24% da população nacional.



- A terceira sub-região corresponde aos estados mais setentrionais da região, merecendo destaque a atividade extrativa mineral, no quadrilátero ferrífero; a agricultura de precisão e excedentes no Cerrado; a pecuária extensiva do Pantanal; a exploração petrolífera do litoral capixaba, entre outras. Podemos fragmentar ainda mais essa região em:
 - Nordeste (Minas Gerais, Espírito Santo e o norte fluminense);
 - Noroeste (Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal e parte de Mato Grosso e Tocantins).



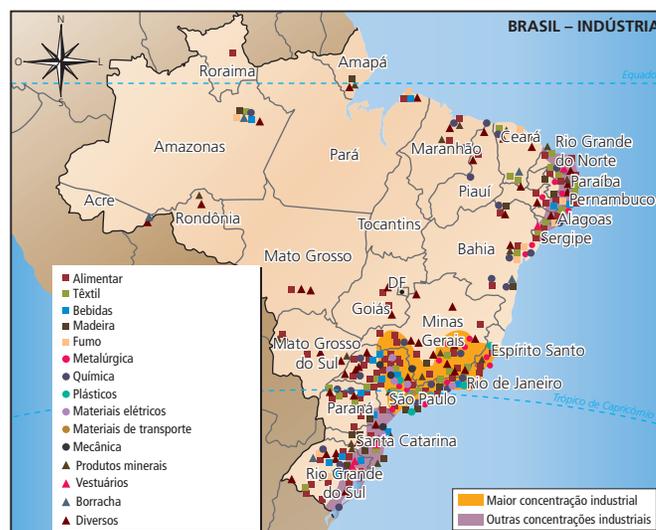
Agricultura intensiva



Favelização no Centro-Sul



São Paulo, metrópole global.



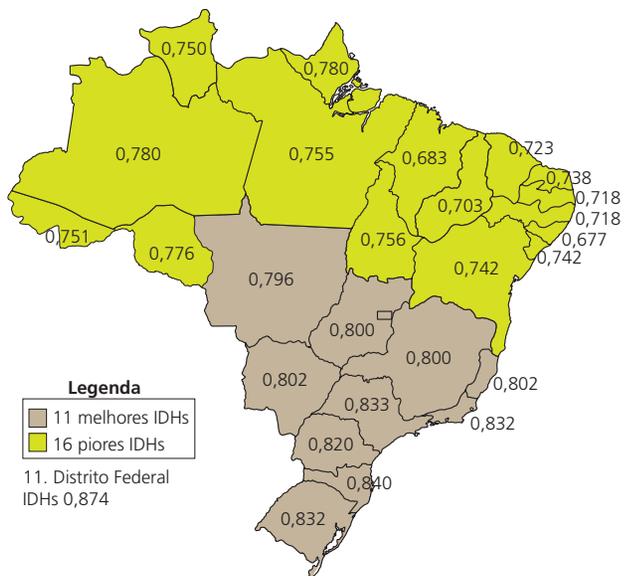
Complexo Nordeste

Tem uma área de, aproximadamente, 1,5 milhão de km², o que representa 18% do território brasileiro. Nesse espaço está inserida toda a região Nordeste (exceto o oeste do Maranhão) e o norte de Minas Gerais (Vale do Jequitinhonha), por ter características semelhantes a essa região. Foi a primeira região efetivamente colonizada por europeus, e atualmente apresenta a segunda maior população absoluta. É considerada a região-problema, na qual são registrados os mais baixos indicadores socioeconômicos entre todos os complexos (elevada taxa de mortalidade infantil, subnutrição, grande concentração de renda e fundiária), além do periódico fenômeno da seca, que agrava os problemas já existentes. As migrações de nordestinos para outras regiões atestam essa situação de fragilidade socioeconômica.

Essa percepção de região-problema remonta a segunda metade do século XX, com a inserção do Brasil na economia-mundo, através do processo de industrialização, que resultou na elevação da concentração industrial na região Sudeste do país, fato esse que acentuou ainda mais as disparidades regionais e resultou na criação de órgãos de desenvolvimento regional, como a SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste). Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, o Nordeste foi o principal polo político-econômico do Brasil Colônia, quando se tornou o maior produtor e exportador mundial de açúcar. Com o declínio da atividade canieira e os sucessivos ciclos econômicos (ouro e café), ocorreu o deslocamento desse centro para outras partes do território.

Existem várias porções nordestinas marcadas por grande dinamismo econômico, com destaque o complexo portuário/industrial de Suape, em Pernambuco; o polo petroquímico de Camaçari, na Bahia; o polo têxtil, na grande Fortaleza; a fruticultura irrigada no médio São Francisco, notadamente no entorno das cidades de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA); a expansão da fronteira agrícola que avança pelo cerrado da Bahia, Piauí e Maranhão, entre outros.

Apesar dos graves problemas históricos, a região vem apresentando nos últimos anos um crescimento econômico relativo, em comparação ao restante do país, o que levou alguns economistas a denominarem essa parte do Brasil de “China brasileira” devido ao seu grande potencial de desenvolvimento, alicerçado ao elevado mercado consumidor interno (54 milhões de habitantes) e à proximidade estratégica com centros econômicos importantes, como a Europa e Estados Unidos.



O Nordeste é a mais heterogênea região brasileira, apresentando uma nítida subdivisão em zonas geográficas, em função das diferentes características físicas e humanas que possui: Zona da Mata, Agreste, Sertão e Meio-Norte.



A Zona da Mata

É a estreita faixa costeira que se estende do Rio Grande do Norte ao Sul da Bahia, correspondendo a mais populosa, povoada, urbanizada e industrializada sub-região nordestina, onde estão presentes as principais metrópoles desse complexo regional (Salvador e Recife). Apesar desse relativo dinamismo, a Zona da Mata concentra os maiores problemas sociais da região, relacionados à brutal concentração fundiária e renda, déficit habitacional (palafitas e mocambos), subempregos, violência urbana, entre outros.

Apresenta clima tropical úmido, com chuvas concentradas no outono-inverno; solos férteis (massapê) no qual se desenvolveu o setor sucroalcooleiro, o que provocou a quase extinção da Floresta de Mata Atlântica.

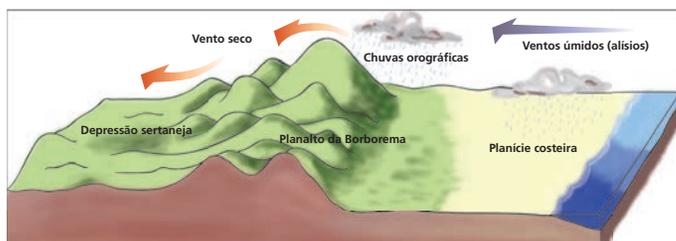
Pode ser dividida em três partes distintas:

- Zona da Mata Açucareira – se estende do Rio Grande do Norte até a porção setentrional da Bahia, onde predominam os grandes latifúndios voltados secularmente à monocultura da cana-de-açúcar, que atualmente experimenta um processo de decadência;
- Recôncavo Baiano – situado nos arredores da cidade de Salvador, com destaque para a exploração petrolífera e indústria petroquímica, onde está montado o complexo de Camaçari, considerado o maior aglomerado petroquímico do Hemisfério Sul;
- Sul da Bahia ou Zona do Cacau – polarizada pelas cidades de Ilhéus e Itabuna, se destaca pela atividade cacauera. Desde a década de 1990, com a baixa cotação dos preços no mercado internacional e a chegada da praga denominada de “vassoura de bruxa”, essa atividade vem entrando em declínio, sendo substituída por outros setores, como: turismo, plantações de café, eucalipto, entre outras.

O Agreste

É uma área de transição ecológica entre a Zona da Mata e o Sertão, que se estende do estado do Rio Grande do Norte até a Bahia. Nessa parte do espaço nordestino, destaca-se o Planalto da Borborema (500 a 800 metros), que influencia no regime de chuvas da região, agindo como um grande anteparo que dificulta a penetração de massas úmidas oriundas do oceano Atlântico. Na vertente Leste (barlavento), os ventos carregados de umidade, ocasionando as chuvas orográficas; enquanto na vertente Oeste (sotavento) as secas são frequentes, pois quando as massas de ar conseguem ultrapassar essa barreira já perderam quase toda a sua umidade.

Apresenta uma elevada densidade demográfica, em especial nas cidades denominadas de capitais regionais (Feira de Santana-BA, Caruaru-PE, Arapiraca-AL, Campina Grande-PB). A sua estrutura fundiária difere das demais sub-regiões, pois predominam as médias e pequenas propriedades agrícolas, nas quais se desenvolvem a pecuária leiteira e policultura, com vistas ao abastecimento da Zona da Mata.



O Sertão

Corresponde a mais da metade do complexo regional nordestino, estando sob a influência do clima semiárido, com reduzida pluviosidade e secas sazonais; dos rios intermitentes, em que o rio São Francisco é a grande exceção; da Caatinga, com espécies xerófitas e caducifoliadas, adaptadas ao rigor climático. As áreas mais elevadas do relevo (planaltos da Ibiapaba, Araripe, Apodi e os maciços residuais) são denominadas de brejos, onde o fator altitude atua na formação de ilhas de umidade, contrastando com a paisagem sertaneja. Esse quadro natural forma uma zona denominada de Polígono das Secas, que vem sendo ampliada, pois, até algumas décadas atrás, o estado do Maranhão e o sul do Piauí não conheciam esse fenômeno.

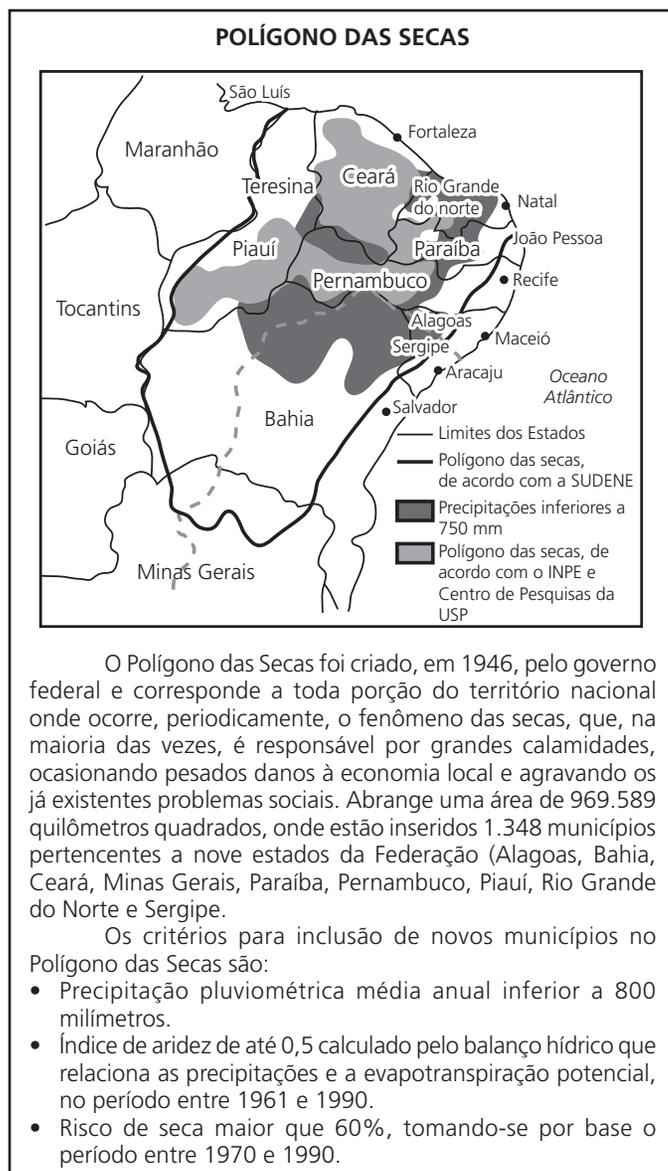


Fruticultura irrigada no vale do São Francisco.



Êxodo rural

No aspecto humano, apresenta uma baixa densidade demográfica, pois o flagelo das secas atua como agente repulsor da população. A economia está alicerçada na pecuária extensiva de baixa produtividade e na agricultura tradicional. Contudo, existem áreas de exceção, como o vale dos rios São Francisco (PE/BA), Jaguaribe (CE) e Açú (RN), onde se desenvolvem modernos projetos agroexportadores de fruticultura irrigada, voltada em parte para atender à necessidade do mercado internacional.



“INDÚSTRIA DAS SECAS”

Fernando Frazão/ABR

Esse curioso termo passou a ser empregado na década de 1960, pelo jornalista Antônio Callado, para denunciar a gravidade dos problemas vivenciados pelos habitantes da região semiárida do Brasil. Apesar da seca ser conhecida há séculos, sendo algo natural e periódico, que pode ser contornada através de técnicas e projetos de irrigação, como ocorreu em outras regiões do globo, esse fenômeno é utilizado por alguns membros da classe política e grupos econômicos como estratégia para a malversação de verbas públicas ou fisiologismo político.

Nos períodos secos aumentam os repasses financeiros para a região Nordeste, como forma de atenuar a calamidade climática, pois a comoção nacional diante da insegurança alimentar justifica tal elevação de repasse orçamentário. A assistência governamental ocorre através de incentivos fiscais, frente de trabalho emergenciais em obras públicas, doação de cestas básicas, concessões de crédito e perdão de dívidas. Todavia, tais benefícios não contemplam os mais necessitados, sendo muitas vezes desviados para outro fim menos nobre. As causas da miséria e da pobreza não são naturais, mas fundamentalmente político-sociais, pois a seca se transforma em um instrumento de enriquecimento das elites locais e reforça as disparidades regionais presentes no Brasil.

O Meio-Norte

Corresponde a outra faixa de transição, dessa vez entre o Sertão semiárido e a Amazônia, abrangendo os vales fluviais dos rios Grajaú, Itapecuru-Mirim e Parnaíba. Seu quadro natural é marcado pelo clima tropical – pela floresta Equatorial, na porção oeste; ao Sul, o Cerrado; a Leste, a Caatinga; e na porção Centro-Norte, a Mata dos Cocais – e pelos planaltos sedimentares, na forma de chapadas ou cuestas. Sua economia está centrada no extrativismo vegetal, na agricultura tradicional. Entretanto, é importante ressaltar certas áreas mais dinâmicas como o complexo minerometalúrgico, interligado ao projeto Grande Carajás, a expansão do setor sojicultor na região denominada de Mapitoba (Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia).

MATA DOS COCAIS

Rafael I. Drake/Wikimedia Foundation

A Mata dos Cocais é uma vegetação de transição entre a floresta Amazônica, o Cerrado e a Caatinga nordestina. Abrange o Meio-Norte (Maranhão e Piauí) e uma distribuição reduzida pelos estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Tocantins. As principais espécies são babaçu, carnaúba, oiticica e buriti.

- Carnaúba (*Copernicia cerifera*) – palmeira que atinge até 20 metros de altura, possui importância econômica regional, é considerada pela população local como “árvore da providência”, pois desta, tudo pode ser aproveitado (tronco, folhas, fruto, palmito, raízes e as sementes).
- Babaçu (*Orbyania martiana*) – palmeira de grande importância, utilizada no extrativismo vegetal, pois suas amêndoas apresentam um elevado teor de óleo. É muito utilizado em diversas indústrias (sabão, margarina, produtos químicos etc.), bem como na produção de energia, na forma de biomassa.

SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste)

Reprodução

Foi criada em 1959, no governo do presidente Juscelino Kubitschek, com base nas ideias do renomado economista Celso Furtado. O objetivo central era reduzir a distância econômica entre o Nordeste e as demais regiões, através da política de subsídios e financiamentos estatais, em que os recursos destinados à SUDENE não poderiam ser inferiores a 2% da receita tributária da União. As irregularidades nos projetos e desvios que chegaram a R\$ 2,2 bilhões motivaram a extinção desse órgão Federal, em 2001. Durante o governo Lula, a SUDENE foi reimplantada, porém com baixo poder orçamentário.



Exercícios de Fixação

01. Na década de 1960, Pedro Pinchas Geiger elaborou uma nova regionalização do espaço brasileiro, estabelecendo três grandes regiões – Centro-Sul, Nordeste e Amazônia – segundo critérios relacionados
- A) aos limites estaduais e às características morfoclimáticas.
 - B) à formação socioespacial e aos limites estaduais.
 - C) às características morfoclimáticas e aos aspectos socioeconômicos.
 - D) aos aspectos socioeconômicos e às heranças do passado.
 - E) às características naturais e à formação socioespacial.
02. Em 1967, o geógrafo Pedro Pinchas Geiger propôs uma nova divisão regional do espaço brasileiro, apresentando três grandes complexos regionais. Esta nova divisão não sucumbiu àquela oficialmente determinada pelo IBGE, mas orientou para uma nova forma de ler e interpretar o território brasileiro, sobretudo no que diz respeito aos aspectos geoeconômicos.



BECKER, Bertha. Crescimento econômico e estrutura espacial do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 34, n. 4.

- Com base no enunciado e no mapa anterior, pode-se afirmar que:
- A) O complexo regional representado pelo número 1 no mapa é o do Grão-Pará, dominado pelo clima equatorial e caracterizado pela baixa densidade demográfica.
 - B) O complexo regional representado pelo número 3 é o do Semi-Árido, cuja feição fitogeográfica mais marcante é a da Zona da mata e se caracteriza como área de atração populacional.
 - C) O complexo regional representado pelo número 3 é o Centro-Setentrional, dominado por climas de alta latitude e socio-economicamente caracterizado pela existência das duas metrópoles nacionais.
 - D) Os complexos regionais representados pelos números 1, 2 e 3 representam, respectivamente, a Amazônia, o Centro-Sul e o Nordeste e, entre eles, o segundo é o que apresenta maior concentração demográfica e industrial do país.
 - E) Os complexos regionais representados pelos números 1, 2 e 3 representam, respectivamente, o Grão-Pará, o Semi-árido e o Centro-Setentrional e, entre eles, o terceiro é o que apresenta menor concentração demográfica e industrial do país

03. (UEL/2001) “O geógrafo Pedro Pinchas Geiger propôs, em 1967, a divisão regional do Brasil em três regiões geoeconômicas ou complexos regionais (...). Essa divisão regional tem por base as características geoeconômicas e a formação histórico-econômica do Brasil. (...)”

ADAS, M. *Geografia: o Brasil e suas regiões geoeconômicas*. São Paulo: Moderna, 1996. p.52 e 67.

Aos complexos regionais da amazônia, do Nordeste e do Centro-Sul, propostos por Geiger, podem-se atribuir, respectivamente, as seguintes caracterizações:

- A) Povoado no período colonial – industrializado – de baixa densidade demográfica.
 - B) De agricultura tecnificada – de atração de mão de obra – de predomínio de população rural.
 - C) De pequenas propriedades rurais – de industrialização tradicional – de economia extrativa.
 - D) De expansão da fronteira agrícola – colonizado através da economia açucareira – o mais industrializado e urbanizado.
 - E) De integração dos povos da floresta – de economia agropecuária moderna – de expulsão de mão de obra.
04. (PUC) O mapa a seguir diferencia-se da conhecida divisão regional do IBGE para o território brasileiro. Esse novo mapa tem sido cada vez mais utilizado para representar os grandes contrastes entre as diferentes regiões do país.



- Leia as afirmativas que se relacionam com os diferentes complexos regionais do país e assinale a alternativa correta.
- I. A Amazônia, em função de sua grande superfície e devido a sua baixa ocupação demográfica, não apresenta áreas de conflitos fundiários;
 - II. Há muitas décadas o nordeste tem se caracterizado como região de grande dinâmica populacional, através de migrações inter-regionais, em especial do sertão para o litoral e como fornecedora de mão de obra para outras regiões, com destaque para o centro-sul;
 - III. O centro-sul, embora também seja palco de graves contrastes sociais, possui a maior concentração do PIB do país, uma vez que aí se encontram os principais polos industriais e centros financeiros do Brasil.
- A) Apenas I está correta.
 - B) Apenas II está correta.
 - C) Apenas III está correta.
 - D) I e II estão corretas.
 - E) II e III estão corretas.

05. (UERJ/2012) Em 1967, o geógrafo Pedro Pinchas Geiger propôs a divisão regional do Brasil, utilizando como critérios características históricas e econômicas.

BRASIL – REGIÕES GEOECONÔMICAS



Disponível em: <<http://santiago.pro.br>>.

Desta forma, o Brasil poderia ser dividido em três regiões geoeconômicas: centro-sul, nordeste e amazônia. Analisando essa divisão em comparação com a do IBGE, nota-se que todos os estados do

- A) nordeste, pela divisão do IBGE, encontram-se em apenas um Complexo Regional.
- B) sul (IBGE) encontram-se no Complexo Regional centro-sul.
- C) sudeste encontram-se no Complexo Regional do centro-sul.
- D) norte (IBGE) estão localizados no Complexo Regional da amazônia.



Exercícios Propostos

01. (Unesp/2005) A distribuição espacial dos fenômenos geográficos pode ser estudada dentro das cinco regiões administrativas do Brasil ou de suas três regiões geoeconômicas. Sobre as características destas, pode-se afirmar que

- A) as porções setentrionais de Mato Grosso e de Tocantins estão integradas com a região Centro-Sul por causa de suas relações de dependência econômica.
- B) o norte de Minas Gerais, embora com características econômicas e naturais tipicamente nordestinas, permanece ligado com a região Centro-Sul.
- C) a porção ocidental do Maranhão afina-se com a região Amazônica, devido suas atividades econômicas extrativistas.
- D) a região Nordeste sempre apresentou traços em comum e se constituiu numa grande região individualizada dentro do território nacional.
- E) a região Centro-Sul quase não apresenta disparidades regionais e pode ser considerada uma região de grande homogeneidade econômica.

02. (PUC-MG/2005) Numere, nos parênteses, as características apresentadas, de acordo com as regiões geoeconômicas brasileiras.

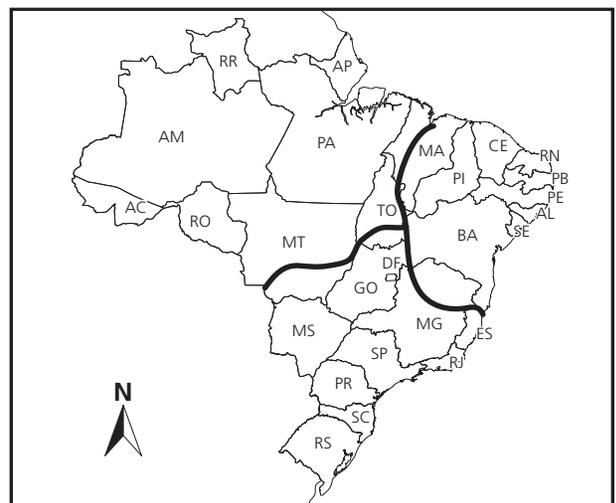
- I. Amazônia;
 - II. Nordeste;
 - III. Centro-Sul.
- () Constitui-se como uma “região problema”, em virtude dos graves problemas sociais e econômicos, apoiados na política da seca.
 - () Concentra as áreas de economias mais dinâmicas, as regiões mais industrializadas e de atividades agrícolas mais modernas.
 - () Apresenta graves problemas fundiários (questão da terra), ecológicos (desmatamento, queimadas) e sociais, apesar da pequena população absoluta e baixíssima densidade demográfica.
 - () Economia baseada na agropecuária e no extrativismo mineral e vegetal, expande suas atividades industriais mineradoras e possui polo eletroeletrônico.
 - () É marcada por acentuados contrastes naturais, dispondo de ambientes úmidos a semiáridos, que condicionam paisagens típicas.
 - () Dispõe da melhor logística de transporte e integração, que favorece a formação de redes, o adensamento populacional e a urbanização.
 - () Domínio do quadro natural, apresenta-se como fronteira de expansão agropecuária e de povoamento.

Assinale a opção correta encontrada.

- A) I – III – III – II – I – II – II
- B) II – III – I – I – II – III – I
- C) II – I – III – I – II – II – I
- D) I – III – I – II – I – III – II

03. Observe o mapa a seguir:

COMPLEXOS REGIONAIS BRASILEIROS



A respeito da regionalização brasileira proposta no mapa, considere as afirmativas.

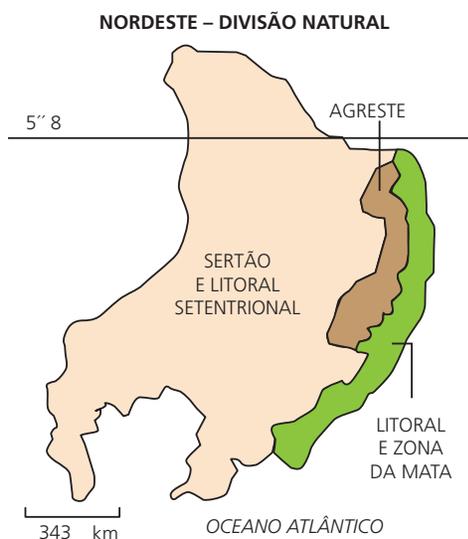
- I. Nessa proposta de regionalização do espaço brasileiro, o território nacional foi dividido em grandes regiões econômicas. São elas: amazônia, centro-sul e nordeste;
- II. Este modelo difere das regionalizações propostas pelo IBGE, uma vez que não respeita os limites político-administrativos dos estados;

- III. O geógrafo Pedro Pinchas Geiger focou os seus critérios de divisão na observação do processo histórico de desenvolvimento econômico e social, como também nos aspectos naturais regionais;
 IV. Devido aos grandes contrastes regionais intensos, o geógrafo propõe a divisão em sub-regiões no complexo do Nordeste. Nessa proposta, apresenta-se subdividido em Zona da Mata e Polígono das Secas.

Estão corretas

- A) I e II, apenas.
 B) II e III, apenas.
 C) III e IV, apenas.
 D) I, II e III, apenas.
 E) I, II, III e IV

04. (Fuvest) Passados quase cinquenta anos da publicação de *A terra e o homem no Nordeste* (Andrade, 1963), novas dinâmicas instalaram-se na região.



A respeito das dinâmicas espaciais do passado e do presente, nas sub-regiões representadas anteriormente, é correto afirmar que

- A) a Zona da Mata, onde se desenvolveram, no passado colonial, o extrativismo do pau-brasil e a cultura da cana, abriga, hoje, extensas áreas produtoras de grãos, destinadas ao mercado externo.
 B) o Agreste, ocupado durante os séculos XVIII e XIX por criadores de gado, manteve a mais rígida estrutura agrária do Nordeste, concentrando, hoje, extensos e improdutivos latifúndios.
 C) o Sertão, devido às suas características físico-naturais e apesar de sucessivas políticas públicas de combate às secas e incentivo ao desenvolvimento agrícola, mantém sua economia restrita a atividades tradicionais.
 D) a Zona da Mata, antes lugar de *plantation* colonial escravista, concentra, hoje, a produção industrial regional distribuída espacialmente na forma de manchas, no entorno de algumas capitais.
 E) o Agreste, caracterizado, no início da colonização, como região de pequena propriedade de agricultura de subsistência, concentra, hoje, os maiores e mais dinâmicos complexos agroindustriais da região.

05. (UFPR) Uma das formas de regionalização trabalhadas pelos geógrafos divide o Brasil em três Complexos Regionais ou Regiões Geoeconômicas: Centro-Sul, Nordeste e Amazônia. Essa divisão toma por base os processos históricos mais gerais de formação do território nacional, com destaque para os processos de povoamento e de ocupação econômica do espaço. Ao contrário da divisão oficial do país em grandes regiões, elaborada pelo IBGE, os limites regionais dessa divisão tripartite nem sempre coincidem com os limites estaduais. Com base nos conhecimentos de geografia regional, assinale a alternativa correta.

- A) O Centro-Sul é a região mais desenvolvida do país, porque foi a primeira a ser ocupada desde o início da colonização.
 B) O norte do estado de Minas Gerais integra o complexo regional nordestino porque apresenta características ambientais e socioeconômicas típicas do semiárido nordestino.
 C) Apesar das políticas de povoamento e de desenvolvimento regional implementadas pela SUDAM, desde os anos 50, a Amazônia continua se distinguindo por ser um vazio demográfico.
 D) A industrialização intensiva de áreas do Centro-Sul, como São Paulo e Rio de Janeiro, é devida à imigração europeia, sobretudo de origem italiana.
 E) O Nordeste é uma região distinta das demais por apresentar economia estagnada e população em declínio, devido às migrações motivadas pela seca.

06. (Unifenas) O mapa a seguir apresenta a proposta de regionalização do Brasil baseada em três grandes complexos regionais ou regiões geoeconômicas.



Brasil: Regiões Geoeconômicas ou Complexos Regionais

A regionalização proposta no mapa:

- I. Adota exclusivamente o critério político-administrativo, e suas fronteiras coincidem com as fronteiras dos estados;
 II. Utiliza critérios abrangentes como o processo de formação histórico e econômico do Brasil, associado à modernização brasileira, através de suas atividades produtivas;
 III. Desconsidera os limites entre os estados como estratégia de valorização da organização político-administrativa proposta pelo IBGE, em 1969, para a criação da chamada Região Concentrada;
 IV. Engloba uma porção do norte de Minas Gerais no complexo nordestino, tendo em vista suas características semiáridas e o seu baixo dinamismo econômico regional;
 V. Inclui o estado do Maranhão, em sua totalidade, no Complexo Amazônico.

Estão corretas apenas:

- A) I e II
- B) II e IV
- C) III, IV e V
- D) IV e V
- E) I, II, III e IV

07. (UFPE) O sistema de organização político-administrativa do Brasil, desde o descobrimento até a atualidade, apresenta variações, evidenciadas, por exemplo, nas capitânicas hereditárias, no governo geral, na monarquia, no império e na república. Um dos problemas verificados na divisão do território tem sido a multiplicação de estados, motivada pela necessidade de acomodar interesses políticos das oligarquias que continuam desequilibrando o sistema representativo, favorecendo os estados do Norte e do Nordeste, tradicionais redutos políticos das elites agrárias.



Brasil: Regiões Geoeconômicas ou Complexos Regionais

DIVISÃO REGIONAL IBGE



Com base nas informações anteriores e em seus conhecimentos sobre o assunto, é correto afirmar que

- A) os limites da região geoeconômica Amazônia praticamente coincidem com os da região Norte do IBGE. Trata-se de uma região de grande população absoluta – apesar da baixa densidade demográfica – que apresenta um crescimento na industrialização, sobretudo no setor de mineração.
- B) a região geoeconômica Nordeste é caracterizada por uma homogeneidade natural marcada pela seca. É uma região que concentra um grande contingente populacional e que se constitui em uma “região problema”, em face das graves dificuldades sociais e econômicas que apresenta.

- C) a região geoeconômica Centro-Sul abrange as duas porções mais industrializadas do país (Sudeste e Sul) e as áreas de economia mais dinâmica da região Centro-Oeste (de acordo com o IBGE): sul de Tocantins, norte de Goiás e parte de Mato Grosso (região Centro-Oeste).
- D) parte do norte do estado de Minas Gerais – porção semiárida, de economia pouco dinâmica – integra o complexo regional do Nordeste. O restante desse estado integra o complexo regional Centro-Sul, que também é composto por parte de Tocantins (região Norte) e parte de Mato Grosso (região Centro-Oeste).
- E) a área afetada por secas periódicas, no Meio-Norte da região geoeconômica Nordeste, constitui o “Polígono das Secas”. Nessa área, funciona a chamada indústria da seca, como ficou conhecida a prática de políticos e fazendeiros para obter lucros e vantagens pessoais com esse flagelo.

08. (Facasper) No final da década de 1990, foi proposta uma nova regionalização para o país, conforme se pode observar a seguir:

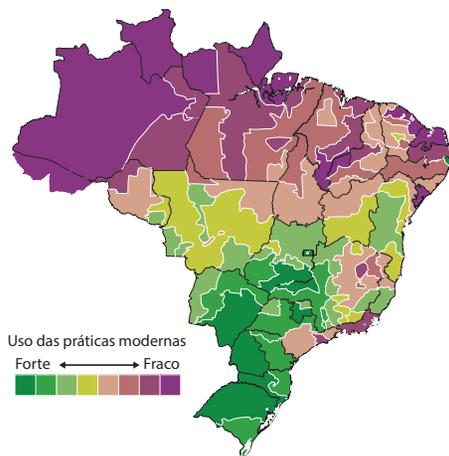


Essa divisão regional foi realizada a partir de critérios

- A) morfoestruturais e climáticos, sendo que 1 corresponde à região de grandes rios e terras baixas florestadas, que ainda permanecem com grandes espaços praticamente intocados.
- B) de planejamento estratégico, sendo que 2 corresponde à região com maior número de estudos e políticas de intervenção, a exemplo do recente projeto de transposição das águas do rio São Francisco.
- C) de concentração de meios técnico-científicos e de difusão de informações, sendo que 3 corresponde à região que concentra maior número de atividades associadas ao processo de globalização.
- D) relacionados à biodiversidade, sendo que 1 e 4 são regiões que se destacam pela grande variedade de animais e formações vegetais, a exemplo da Floresta Amazônica, do Cerrado e do Pantanal.
- E) político-administrativos, sendo que 2 e 3 são regiões que englobam mais da metade dos eleitores do país e, portanto, usufruem de maior representatividade popular no Congresso Nacional.

09. (UERJ/2014)

MODERNIZAÇÃO NA AGROPECUÁRIA BRASILEIRA



THÉRY, Hervé; MELLO, Neli. *Atlas do Brasil: disparidades e dinâmicas do território*. São Paulo: edusp/imprensa oficial, 2008. Adaptado.

No Brasil, o setor agropecuário se caracteriza tanto por áreas que ainda adotam práticas tradicionais como por aquelas em que há forte presença de modernização, como se observa no mapa. Aponte o complexo regional que concentra o uso mais intenso de práticas agropecuárias modernas e a que concentra o uso menos intenso. Em seguida, cite duas características presentes no processo de modernização agropecuária do país.

10. (FGV) O processo de industrialização do Nordeste iniciou-se na segunda metade do século XIX. No início do século XX, sofreu a implantação de indústrias diferentes das até então existentes. A Sudene reanimou o desenvolvimento industrial nordestino. Assinale a alternativa correta que se relaciona às afirmações anteriores.
- A) A Sudene, criando novas indústrias nas décadas de 1960 e 1970, aumentou sensivelmente o número de empregos nas capitais nordestinas e reduziu as migrações para essas capitais.
 - B) A Sudene conseguiu reanimar as indústrias tradicionais, na primeira metade do século XX, incentivando a implantação de fábricas de extração de óleo de sementes de algodão, de mamona e de oiticica que não sendo automatizadas resolveram, em boa parte, a questão do emprego.
 - C) a implantação de usinas de açúcar e de fábricas de tecidos ligadas à produção do algodão, do agave e caroá foram iniciadas apenas após a criação da Sudene, na década de 1950.
 - D) apesar de a Sudene provocar um certo desenvolvimento industrial, não houve uma diversificação nos tipos de indústrias do Nordeste, após a década de 1950, permanecendo a mesma estrutura industrial, baseada na manufatura de produtos agrícolas.
 - E) incentivos fiscais contribuíram para a implantação de novas indústrias e a modernização de algumas das antigas, no entanto, a Sudene, investindo mais em áreas que já apresentavam um certo dinamismo econômico, não minimizou a pobreza nordestina e as migrações para as grandes cidades.

Seção Videoaula



Complexos Regionais

Aula
07

Movimentos da Terra

C-2 H-6

Introdução

A Terra é o terceiro dos oito planetas do Sistema Solar e interage com outros corpos celestes, em particular com o Sol e a Lua. Essa interação provoca o aparecimento de diversos movimentos. Diferentemente do que muitas pessoas possam pensar, o planeta Terra não realiza apenas os movimentos de rotação e translação. Existem cerca de 14 movimentos diferentes, muitos desses são completamente desconhecidos pela maioria da população, porém, os movimentos que provocam mais consequências em nossas vidas são a rotação e a translação. No final dessa unidade, conheceremos alguns dos outros movimentos, como a precessão, a nutação, entre outros.

Rotação: é o movimento que a Terra desenvolve em torno do seu eixo imaginário, sempre de Oeste para Leste, tomando como referência o Norte do planeta. Esse movimento dura precisamente 23 horas, 56 minutos, 4 segundos e 9 centésimos, e ocorre na impressionante velocidade de 1675 km/h na linha do Equador. À medida que nos afastamos do Equador, essa velocidade vai diminuindo, sendo que nos polos ela é praticamente nula.

A principal consequência desse movimento é a sucessão dos dias e das noites; entretanto, vale lembrar que, ao longo do ano, a iluminação não é a mesma em todas as partes da Terra, devido à inclinação de 23°27' em relação ao plano da órbita. Esse movimento desempenha um papel primordial no equilíbrio térmico do planeta e na composição da atmosfera.

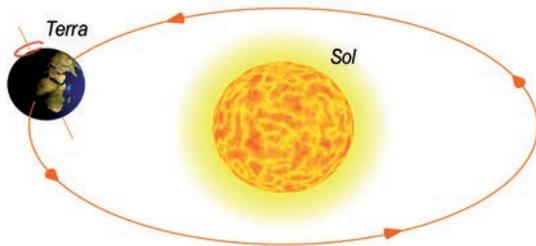


Outras consequências da rotação da Terra também podem ser sentidas:

- O movimento aparente do Sol;
- O movimento aparente das estrelas;
- A circulação dos ventos;
- A correntes oceânicas;
- Os fusos horários;
- A variação da obliquidade dos raios solares;
- O desnível entre os oceanos.

Translação: é o movimento elíptico que a Terra desenvolve em torno do Sol. Esse movimento, que pode ser também denominado de revolução da Terra, dura 365 dias, sendo responsável pelo ano civil. O ano sideral, ou o tempo real do movimento de translação, é de 365 dias, 5 horas e 48 minutos. O planeta descreve essa órbita de 930 milhões de quilômetros, com uma velocidade média de 107.000 km. Tomando como referência a porção norte da Terra, o movimento de translação ocorre de forma anti-horária. Se a referência fosse o Sul, este movimento seria horário.

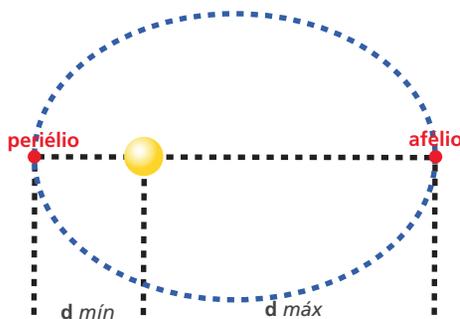
Como podemos perceber, sobram praticamente 06 horas de cada ano sideral, ao longo de 4 anos, temos exatamente 24 horas, ou seja, um dia a mais. Nesse caso, o calendário sofrerá um ajuste, sendo assim, o mês de fevereiro passará a ter 29 dias; temos, então, o ano bissexto (366 dias). Esse movimento, associado com a inclinação do eixo de rotação da Terra ($23^{\circ}27'$ em relação ao plano da órbita terrestre), é responsável pelas estações do ano.



Afélio e periélio

Como já foi dito, a órbita que a Terra executa em torno do Sol possui a forma de uma elipse. Desse modo, a distância entre os dois astros sofre uma acentuada variação ao longo do movimento de translação. Denominamos de **afélio** o período em que a distância entre a Terra e o Sol atinge o seu ponto máximo, aproximadamente, 152,1 milhões de quilômetros. Esse momento ocorre no dia 4 de julho de cada ano; devido a esse maior distanciamento, a velocidade de translação sofre uma redução.

Já o **periélio** é o ponto da órbita mais próximo do Sol, em que a distância entre os dois astros é de, aproximadamente, 147,1 milhões de quilômetros. Ocorre no dia 4 de janeiro, quando ocorre o aumento da velocidade de translação.



A distância entre a Terra e a Lua sofre também uma variação ao longo do ano, devido ao formato elíptico da órbita lunar. O momento em que ocorre a maior proximidade entre os dois astros é denominado de **perigeu** (365,410 km). No **apogeu** ocorre o maior distanciamento (406,680 km).



À esquerda, temos a imagem da Superlua, que ocorre no perigeu.

Estações do ano

A principal consequência do movimento de translação, associado à inclinação de $23^{\circ}27'$ do eixo de rotação da Terra, em relação do plano da eclíptica solar, é a formação das estações do ano. Os momentos que marcam o início das estações do ano recebem a denominação de **equinócio** e **solstício**. Esses períodos influenciam o desenvolvimento das atividades humanas, sobretudo, a agropecuária.



Equinócio (do latim, noites iguais) é o momento em que o Sol atinge perpendicularmente a linha do Equador (latitude de 0°), resultando na igual distribuição da luminosidade. Nesse momento, dia e noite têm igualmente 12 horas de duração nos Hemisférios Norte e Sul.

Os equinócios ocorrem nos meses de março e setembro, provocando o surgimento da primavera (primeiro verão, em latim) em outubro (início do ocaso). No dia 21 de março, temos o início da primavera no Hemisfério Norte, e em outubro no Hemisfério Sul. Em 23 de setembro ocorre o inverso, quando marca o início do outono no Hemisfério Norte e da primavera no Hemisfério Sul.

Solstício (parada do Sol) é o momento em que o Sol atinge a maior variação latitudinal em relação com a linha do Equador. Ocorre duas vezes ao ano, marcando, respectivamente, o início do verão e o inverno. Durante o período do verão, os dias possuem uma duração maior que as noites, o contrário ocorre no período do inverno, quando as noites serão mais longas que os dias.

No dia 21 de junho, os raios solares incidem perpendicularmente sobre o Trópico de Câncer, situado a 23° de latitude Norte, dando início ao solstício de verão no Hemisfério Norte, quando ocorre o dia mais longo e a noite mais curta do ano. No Hemisfério Sul, acontece o solstício de inverno, com a noite mais longa do ano e o dia mais curto. Marcando o início do período do inverno.

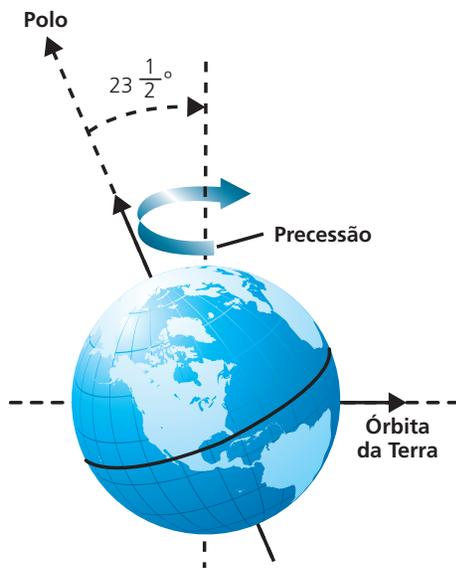
No dia 21 de dezembro, os raios solares atingem perpendicularmente o Trópico de Capricórnio, situado a 23° de latitude Sul, dando início ao solstício de verão no Hemisfério Sul. Propiciando o dia mais longo do ano e o início do verão. No Hemisfério Norte, acontece a noite mais longa do ano.

Quanto mais nos afastamos da linha do Equador, maior será a diferença de fotoperíodo e maior será a duração do dia no verão, chegando ao ponto de que, a partir dos círculos polares, o dia poderá ter 24 horas de duração, ocorrendo, então, o fenômeno do "Sol da meia-noite". De forma contrária, durante o inverno, o dia tende a diminuir sua duração e a noite torna-se mais longa, sendo que, a partir dos círculos polares, sua duração passa a ter 24 horas.

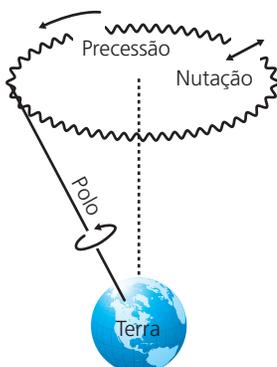
É importante observar que as datas citadas anteriormente (21/3, 21/6, 23/9 e 21/12) não são fixas, as estações do ano podem ter início em outras datas. Foram criadas para efeito prático; diversos fatores podem provocar alterações dessas datas, para mais ou para menos.

Outros movimentos realizados pela Terra

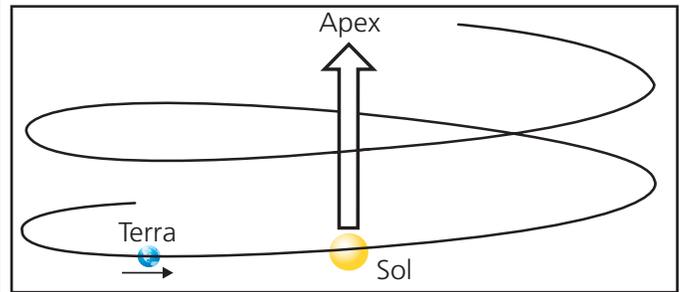
Precessão: é um movimento realizado pela Terra em torno de um eixo perpendicular, devido à ação gravitacional do Sol e da Lua. O planeta realiza um movimento semelhante a um pião. Ocorre a cada 25.800 anos, e daqui a 12 mil anos a Estrela Polar deixará de ser ocupada pela Ursa Menor, sendo então substituída pela Lirae.



Nutação: a ação conjunta das forças gravitacionais do Sol e da Lua provoca oscilações no plano da órbita durante a precessão. É causada por alterações gravitacionais da Lua e do Sol e possui duração de 18,6 anos.



Apex: é um movimento helicoidal que a Terra realiza em torno do Sol quando o mesmo é atraído para um ponto do cosmo, arrastando consigo todo o seu sistema. Esse ponto é chamado de Apex.



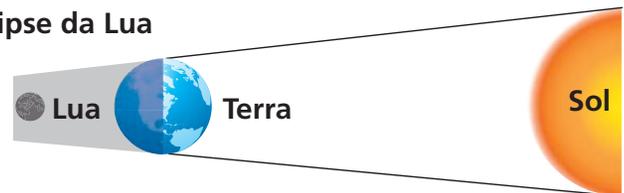
Movimentos da Lua

A Lua é o satélite natural do nosso planeta, sendo responsável pelos fenômenos das marés e estabilização do eixo de inclinação. Assim como a Terra, a Lua também realiza vários movimentos, os mais importantes são: rotação, translação e revolução.

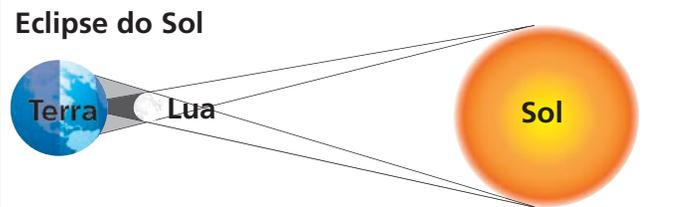
A **rotação** é o movimento em que a Lua realiza um giro completo em torno do seu eixo, dura aproximadamente 28 dias.

Durante a **translação**, a Lua, acompanhando a Terra, desenvolve um giro orbital em torno do Sol. Dura 365 dias e, como consequência, podemos perceber os eclipses solares. Esses ocorrem quando acontece um alinhamento da Lua e do Sol.

Eclipse da Lua



Eclipse do Sol



A **revolução** é o movimento que a Lua realiza em torno do planeta Terra, com duração aproximada de 28 dias. Como existe uma coincidência entre os movimentos de revolução e rotação, só conseguimos ver uma das faces da Lua. A consequência desse movimento são as fases lunares (Nova, Crescente, Cheia e Minguante). Cada fase da Lua dura de 7 a 8 dias, sendo que o ciclo completo demora de 29 a 30 dias.

- **Lua Nova:** a face iluminada é a oposta àquela observada da Terra.
- **Lua Crescente:** observamos da Terra apenas uma parte da face iluminada.
- **Lua Cheia:** o Sol ilumina totalmente a face voltada para a Terra.
- **Lua Minguante:** observamos da Terra somente uma face iluminada (o lado oposto da crescente).

Nome	Hemisfério	
	Norte	Sul
Lua Nova		
Lua Crescente		
Quarto Crescente		
Lua crescente convexa ou crescente gibosa		
Lua Cheia		
Lua minguante convexa ou minguante gibosa		
Quarto Minguante		
Lua minguante ou minguante côncava		

As marés

A Lua também exerce atração gravitacional sobre a Terra. Esse puxão gravitacional provoca alteração do nível das águas do mar, fazendo surgir as marés. Durante o dia temos duas marés altas (quando o oceano está de frente para a Lua e em oposição a ela) e duas baixas (nos intervalos entre as altas). Durante o período das Luas Cheia e Nova, o Sol passa a exercer seu poder de tracionar as águas do nosso planeta, produzindo as maiores marés altas e as menores marés baixas (marés vivas ou sizígia). Durante as fases de quarto crescente e quarto minguante, aparecem as marés de menor amplitude denominadas de mortas ou de quadratura.



Exercícios de Fixação

- Entre todos os movimentos realizados pela Terra, a rotação e a translação são considerados como os dos mais importantes, pois são os que exercem maior influência no cotidiano das sociedades. As principais consequências da rotação e da translação da Terra são, respectivamente, a
 - a intercalação das atividades solares e a variação cíclica dos climas.
 - ocorrência das estações do ano e a sucessão dos dias e noites
 - sucessão dos dias e noites e a ocorrência das estações do ano.
 - existência dos solstícios e equinócios e a duração do ano em 365 dias.
 - duração dos ciclos solares e a diferenciação entre climas frios e quentes.
- O deslocamento do periélio é registrado como um dos movimentos da Terra, mas não é tão lembrado por dois motivos: não exerce uma influência tão grande sobre a vida no planeta e também por apresentar um ciclo muito longo, que totaliza os 21 mil anos. Mas, afinal, o que é o periélio?
 - É a forma com que a Terra se desloca em torno do seu próprio eixo.
 - É o movimento aparente da Terra ao longo do universo.
 - É o eixo da translação terrestre.
 - É a distância mínima da órbita terrestre em relação ao sol.
 - É a distância máxima da órbita terrestre em relação ao sol.

03.

OS MORADORES DE UTQIAGVIK PASSARAM DOIS MESES QUASE TOTALMENTE NA ESCURIDÃO

Os habitantes desta pequena cidade no Alasca – o estado dos Estados Unidos mais ao norte – já estão acostumados a longas noites sem ver a luz do dia. Em 18 de novembro de 2018, seus pouco mais de 4 mil habitantes viram o último pôr do sol do ano. A oportunidade seguinte para ver a luz do dia ocorreu no dia 23 de janeiro de 2019, às 13h04min (horário local).

Disponível em: <<http://www.bbc.com>>.

Acesso em: 16 maio 2019. Adaptado.

O fenômeno descrito está relacionado ao fato de a cidade citada ter uma posição geográfica condicionada pela

- continentalidade.
- maritimidade.
- longitude.
- latitude.
- altitude.

04. Um avião se desloca da cidade de Goiânia (GO) para a cidade de Cuiabá (MT) às vésperas do Natal, às 14:00 horas.



Durante a viagem, a aeronave receberá mais intensamente os raios solares

- A) na frente e à direita.
 - B) na traseira.
 - C) na traseira e à direita.
 - D) na frente e à esquerda.
 - E) na traseira e à esquerda.
05. (UTFPR–Adaptada) A relação Sol-Terra faz com que em qualquer lugar do planeta existam diferenças no tempo atmosférico. Essas diferenças têm origem em dois fatores principais, que são os movimentos de rotação e de translação.

Analise as alternativas a seguir e identifique a incorreta no que se refere à influência desses movimentos no tempo atmosférico e climas da Terra.

- A) É o movimento de rotação que determina os ciclos da produção agrícola e, portanto, indica quando plantar, quando colher, quando guardar e quando descansar.
- B) Se a Terra não tivesse o movimento de rotação, a face iluminada seria tórrida e a face escura, gelada, sendo impossível a vida no planeta.
- C) O movimento de translação é que determina a duração do fotoperíodo diário, sendo que, para o hemisfério Sul, a maior duração do dia iluminado ocorre em 22 de dezembro, quando inicia o verão.
- D) O movimento de rotação é o responsável pela exposição do planeta à luz solar, fazendo com que haja certo equilíbrio em relação à temperatura, pois gera os dias e noites.



Exercícios Propostos

01. O movimento de translação terrestre representa o ciclo que a Terra realiza ao redor do Sol. Contudo, há uma pequena diferença entre o momento do ano em que o nosso planeta encontra-se mais próximo e o que ele se encontra mais distante da estrela regente do nosso sistema.
- A cada um desses "momentos" citados no texto dá-se o nome de:
- A) Nutação e precessão
 - B) Afélio e periélio
 - C) Solstício e equinócio
 - D) Proximidade e distanciamento
 - E) Gravitação e expansão

02. "Se olharmos para o céu numa noite clara sem lua, os objetos mais brilhantes que vemos são os planetas Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Também percebemos um número muito grande de estrelas que são exatamente iguais ao nosso Sol, embora muito distantes de nós. Algumas dessas estrelas parecem, de fato, mudar sutilmente suas posições com relação umas às outras, à medida que a Terra gira em torno do Sol."

HAWKING, S. W. *Uma breve história do tempo: do Big Bang aos Buracos Negros*. Trad. de Maria Helena Torres. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. p. 61.

A respeito do assunto, considere as seguintes afirmativas:

- I. O movimento da Terra ao qual o autor se refere determina uma órbita elíptica em que o planeta ora se afasta, ora se aproxima do Sol.
- II. O movimento da Terra em torno do Sol é responsável pela sucessão dos dias e das noites.
- III. As posições relativas de planetas e estrelas permitem, há muitos séculos, a orientação no espaço terrestre; a constelação do Cruzeiro do Sul, no hemisfério Sul, e a Estrela Polar, no hemisfério Norte, são pontos de referência para esse tipo de orientação.
- IV. A distribuição desigual das temperaturas, determinante da vida em distintos lugares da superfície terrestre, está relacionada, entre outros fatores, à forma esférica da Terra e ao ângulo de incidência dos raios solares.

Assinale a alternativa correta.

- A) Somente a afirmativa I é verdadeira.
 - B) Somente a afirmativa II é verdadeira.
 - C) Somente as afirmativas III e IV são verdadeiras.
 - D) Somente as afirmativas I, III e IV são verdadeiras.
 - E) Todas as afirmativas são verdadeiras.
03. O movimento de translação é a órbita que a Terra percorre ao redor do Sol. Essa trajetória é realizada em 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 48 segundos, a uma velocidade média de 29,9 km/s. Devido à inclinação do eixo da Terra em relação ao plano de sua órbita, o planeta é iluminado de maneira diferente pelo Sol, em determinadas e diferentes épocas do ano, o que ocasiona as quatro estações do ano.

Com relação ao movimento de translação da Terra, é correto afirmar que

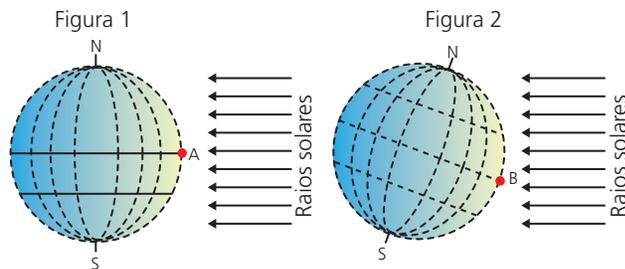
- A) as ocorrências dos solstícios se dão nos momentos em que o Sol, a partir da Terra, se encontra o mais distante possível do "Equador celeste", para norte ou para o sul.
- B) os momentos em que a Terra está no periélio coincidem com o início dos solstícios de inverno e de verão.
- C) os momentos em que a Terra está no afélio coincidem com o início dos equinócios de primavera e do de outono.
- D) a incidência da luz do Sol de maneira igual sobre os dois hemisférios, em determinada época do ano, caracteriza os solstícios.
- E) a maior incidência da luz do Sol em uma época do ano sobre o Hemisfério Norte, e em outra sobre o Hemisfério Sul, caracteriza os equinócios.

04. (Enem/2000) "Casa que não entra Sol, entra médico." Esse antigo ditado reforça a importância de, ao construirmos casas, darmos orientações adequadas nos dormitórios, de forma a garantir o máximo conforto térmico e salubridade.

Assim, confrontando casas construídas em Lisboa (ao norte do Trópico de Câncer) e em Curitiba (ao sul do Trópico de Capricórnio), para garantir a necessária luz do Sol, as janelas dos quartos não devem estar voltadas, respectivamente, para os pontos cardeais:

- A) Norte / Sul
- B) Sul / Norte
- C) Leste / Oeste
- D) Oeste / Leste
- E) Oeste / Oeste

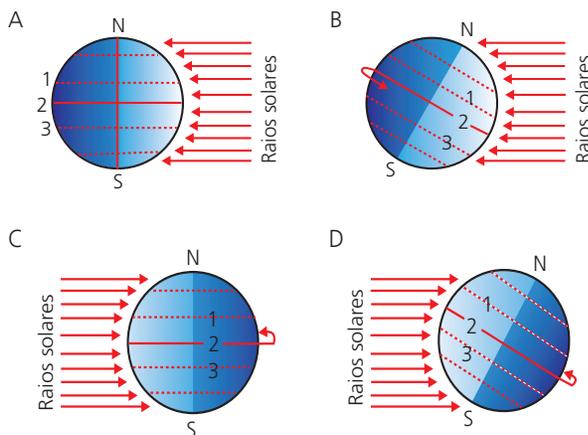
05. (UFG) Observe as figuras a seguir:



Os ângulos de incidência dos raios solares sobre a superfície da Terra, demonstrados nas figuras, apresentam duas situações distintas, que caracterizam os solstícios e os equinócios. Em ambas as figuras, o ponto A representa uma cidade sobre a linha do Equador, ao meio-dia. A Figura 2 mostra a incidência do Sol três meses após a situação ilustrada na Figura 1. A Figura 1 representa o

- A) equinócio de primavera no Hemisfério Sul, quando a incidência dos raios solares é oblíqua à superfície da Terra em A.
- B) equinócio de primavera no Hemisfério Sul, quando a incidência dos raios solares é perpendicular à superfície da Terra em A.
- C) equinócio de outono no Hemisfério Sul, quando a incidência dos raios solares é perpendicular à superfície da Terra em A.
- D) solstício de verão no Hemisfério Norte, quando a incidência dos raios solares é oblíqua à superfície da Terra em A.
- E) solstício de inverno no Hemisfério Sul, quando a incidência dos raios solares é oblíqua à superfície da Terra em A.

06. (Ufes) Observe.



- Legenda:**
- 1. Trópico de Câncer
 - 2. Equador
 - 3. Trópico de Capricórnio

A distribuição de energia solar, ou insolação, depende dos movimentos de rotação e translação da Terra. Esses movimentos são responsáveis pela recepção do calor e, conseqüentemente, pela distribuição da vida em torno do globo. Considerando a importância da insolação e observando a figura anterior, não se pode dizer que

- A) o item A da figura demonstra o equinócio de primavera no Hemisfério Norte ou equinócio de outono no Hemisfério Sul.
- B) o item B da figura demonstra o solstício de verão no Hemisfério Norte ou solstício de inverno no Hemisfério Sul, que ocorre por volta de 21 de junho.
- C) a inclinação do eixo de rotação da Terra, em relação a sua trajetória em torno do Sol, é um dos fatores que determinam a ocorrência das erosões.
- D) quanto mais nos afastamos do Equador, maior a inclinação com que os raios solares incidem na superfície terrestre, portanto, a área é aquecida pela mesma quantidade de energia, o que torna as temperaturas mais baixas.
- E) no solstício de verão, o dia é mais curto e a noite é mais longa; no solstício de outono, a noite mais curta e o dia mais longo.

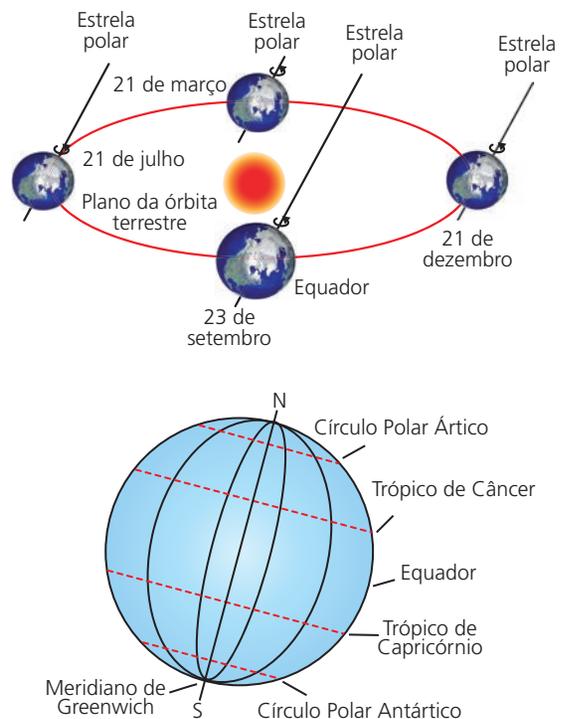
07. (Enem/2014) "Quando é meio-dia nos Estados Unidos, o Sol, todo mundo sabe, está se deitando na França. Bastaria ir à França num minuto para assistir ao pôr do sol."

SAINT-EXUPÉRY, A. *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Agir. 1996.

A diferença espacial citada é causada por qual característica física da Terra?

- A) Achatamento de suas regiões polares.
- B) Movimento em torno de seu próprio eixo.
- C) Arredondamento de sua forma geométrica.
- D) Variação periódica de sua distância do Sol.
- E) Inclinação em relação ao seu plano de órbita.

08. (UFSJ) Observe as gravuras.





Fique de Olho

A Terra é um geóide que realiza cerca de 14 movimentos diferentes, dentre os quais os mais importantes são o de rotação e o de translação. Apesar desses movimentos, a qualquer momento é possível localizar espacialmente qualquer ponto sobre a superfície da Terra, por meio de um sistema convencional de coordenadas geográficas.

Em relação a esses fatos, simplificada e ilustrados nas figuras anteriores, é possível afirmar corretamente que

- A) a linha que atravessa Greenwich, na Inglaterra, é o meridiano principal. A partir dele obtém-se, a Leste e a Oeste, 180 outros meridianos, equidistantes em 15°, os quais demarcam os fusos horários.
- B) ao realizar o movimento de rotação, a Terra, por ter o eixo inclinado em 13° 27', expõe alternativamente seus hemisférios a maiores concentrações de luz solar.
- C) no outono e na primavera, o Sol acha-se perpendicular ao Equador.
- D) o movimento de translação permite que todo o planeta seja exposto ao Sol. Se a Terra fosse fixa, a face iluminada seria demasiadamente quente e a face escura, demasiadamente fria.
- E) à medida que a latitude aumenta, aumenta também a concentração de luz solar na superfície da Terra.

09. (UFRGS/2016) A primeira coluna a seguir apresenta os movimentos de rotação e translação, responsáveis por diversos fenômenos; a segunda, alguns desses fenômenos.

Associe adequadamente as colunas.

- (1) Rotação
- (2) Translação
- () Afélio e Periélio
- () Desvios dos ventos
- () Movimento aparente do Sol
- () Estações do ano

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- A) 2 – 1 – 1 – 2
- B) 1 – 2 – 2 – 1
- C) 2 – 2 – 1 – 1
- D) 1 – 1 – 2 – 2
- E) 1 – 2 – 1 – 2

10. "O que aconteceria se a Terra parasse de girar?"

Resposta na lata: tudo sairia voando!

‘É impossível que o planeta pare de girar de modo abrupto, mas, se isso acontecesse, tudo aquilo que se encontra na superfície terrestre seria arrancado violentamente: as cidades, os oceanos e até o ar da atmosfera’, afirma Rubens Machado, do departamento de astronomia da USP. (...)”

TANJI, T. Revista *Galileu*, 09 jun. 2015. Acesso em: 10 ago. 2015 Adaptado.

A consequência da hipótese anteriormente apresentada deve-se pela combinação entre

- A) a inércia e a alta velocidade de rotação terrestre.
- B) a força da gravidade e o movimento de translação.
- C) o eixo rotacional e o campo magnético da Terra.
- D) a massa da Terra e o alinhamento da órbita lunar.
- E) a translação e a rotação planetária.

Data e Hora UTC dos solstícios e equinócios entre 2002 e 2017

Ano	Equinócio Março	Solstício Junho	Equinócio Setembro	Solstício Dezembro
	Dia	Hora	Dia	Hora
2002	20	19:16	21	13:24
2003	21	01:01	21	19:10
2004	20	06:49	21	00:57
2005	20	12:33	21	06:46
2006	20	18:26	21	12:26
2007	21	00:07	21	18:06
2008	20	05:48	20	23:59
2009	20	11:44	21	05:45
2010	20	17:32	21	11:28
2011	20	23:21	21	17:16
2012	20	05:14	20	23:09
2013	20	11:02	21	05:04
2014	20	16:57	21	10:51
2015	20	22:45	21	16:38
2016	20	04:30	20	22:34
2017	20	10:28	21	04:24
2018	20	16:15	21	10:07
2019	20	21:58	21	15:54
2020	20	03:50	20	21:44
2021	20	09:37	21	03:32
2022	20	15:53	21	09:17
2023	20	21:24	21	14:58
2024	20	03:06	20	20:51
2025	20	09:01	21	02:42

Wikipédia, a enciclopédia livre.



Seção Videoaula



Movimentos da Terra

Introdução

Como já estudamos, o movimento de rotação provoca diversas consequências no planeta Terra, entre elas o fenômeno dos dias e noites. Dessa forma, várias partes da superfície terrestre apresentam diferenças de horário. A compreensão dos fusos horários é de grande importância, sobretudo para as relações comerciais, para os sistemas de transporte e comunicação em um mundo cada vez mais globalizado.

Até a Primeira Revolução Industrial, não havia a preocupação em padronizar a hora do planeta, pois não havia como, em um intervalo de tempo curto, sair de uma capital de um país da Europa e, no mesmo dia, chegar em outra capital do velho mundo. Contudo, com a invenção da locomotiva e do navio a vapor, no mesmo dia agora é possível se deslocar por vários países. Foi exatamente por essa nova necessidade que, em 1884, foi realizada, na cidade de Washington D.C., Estados Unidos, a Primeira Conferência Internacional do Meridiano. Estiveram presentes nesse acontecimento cerca de 27 países, inclusive o Brasil.

A grande influência da Inglaterra, na época a potência econômica e militar do planeta, fez com que a cidade de Londres fosse escolhida como referência para estabelecer os fusos horários. A longitude 0° passaria pelo Observatório Real de Greenwich, criando o fuso zero formado pela área entre 7,5° a leste (ou meia hora adiantada) e 7,5° a oeste (meia hora atrasada). O horário de Greenwich tornou-se referência universal para estabelecer os fusos horários. Também pode ser denominado de GMT (*Greenwich Mean Time*) ou, em português, Tempo Médio de Greenwich) ou Tempo Universal Coordenado (UTC).



Para a elaboração dos fusos horários, partimos do princípio de que a Terra possui um formato geóide e gasta 24 horas (23 horas, 56 minutos e 4 segundos) para realizar um giro completo em seu próprio eixo, realizando um movimento de 360°. Ao dividirmos 360° da esfera terrestre pelo período de 24 horas, obtemos 15° de longitude ($360 \div 24 \text{ horas} = 15^\circ/\text{horas}$). Foram elaborados 24 fusos horários. 12 fusos foram estabelecidos positivamente para leste, e 12 outros negativamente para oeste, até o Meridiano de 180°.

LONGITUDE	TEMPO
15° corresponde a	1 hora ou 60 minutos
1° ou 60' corresponde a	4 minutos ou 240 segundos
1' ou 60"	4 segundos
1" corresponde a	1/15 de segundo

Os fusos estão estabelecidos em faixas de 15° de longitude (1667 km de largura no Equador). Em qualquer cidade dentro de uma mesma faixa de 15°, existe uma única hora legal, do Polo Norte ao Polo Sul. Contudo, os limites dessas faixas não são rígidos. Os países podem elaborar o seu limite prático, observando as suas divisões político-administrativas ou fronteiras políticas com outras nações, que podem abranger regiões maiores ou menores do que as faixas estabelecem. Países de grande extensão territorial no sentido leste-oeste apresentam mais de um fuso horário. A Rússia, por exemplo, possui 11 fusos horários, mas está dividida administrativamente em 9 zonas horárias. Porém, a China, que possui uma grande dimensão territorial, submete toda a sua população ao horário de Pequim.

Para saber o horário de uma certa localidade do globo, é necessário conhecer o meridiano que está e a posição em relação a Greenwich (leste ou oeste). O cálculo é feito através do seguinte procedimento:

- Determinar a diferença de longitude entre os dois lugares;
- Somar as duas longitudes se estiverem em hemisférios diferentes;
- Subtrair as longitudes que estiverem no mesmo hemisfério;
- O resultado deve ser dividido por 15°;
- O resultado da divisão será a diferença horária entre os dois lugares, essa deverá ser subtraída se o local desejado estiver a oeste, ou somado, se para leste.

Linha Internacional da Data

A linha internacional de mudança de data, ou antimeridiano de Greenwich, fica localizada no meridiano 180°, em uma região do Oceano Pacífico. Devido às convenções internacionais, esse meridiano determina a mudança da data civil em todo o planeta. Ao passar de leste para oeste, subtrai-se um dia no calendário. Contudo, a hora não sofre alteração nas duas zonas.

A linha cruza o estreito de Bering, fazendo com que o arquipélago das Aleutas fique no Hemisfério Ocidental do planeta e dando à ilha Attu (extremo oeste) o título de “ponto mais tarde do mundo”, pois é o último lugar onde o dia civil termina. Por outro lado, no arquipélago de Kiribati está situada a Ilha do Natal, o primeiro lugar onde o dia civil tem início. Embora a LID seja traçada de forma a evitar maiores problemas, casos curiosos existem entre a República de Kiribati (a oeste da linha) e Samoa (a leste da linha), onde podem existir três datas simultâneas. Casos como esses não inevitáveis, porém ocorrem em regiões de reduzida densidade populacional.



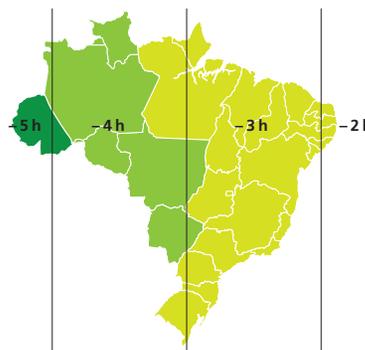
A primeira percepção acerca da LID ocorreu no período das Grandes Navegações, durante a primeira viagem de circun-navegação (1519-1522), capitaneada por Fernão de Magalhães. A expedição zarpou do porto Sanlúcar de Barrameda, na Espanha, em 20 de setembro de 1519, com cinco navios e 256 tripulantes, sempre navegando em direção ao oeste. Ao retornar, três anos depois, apenas 18 marinheiros sobreviveram e desembarcaram em

terras espanholas na quinta-feira, 10 de julho de 1522, no entanto, nas anotações do diário de bordo da embarcação, a data deveria ser 9 de julho. O espantoso fato motivou o envio de uma delegação ao vaticano comunicar ao Papa Adriano VI o acontecimento temporal.

Fusos horários do Brasil

Por apresentar uma grande extensão territorial no sentido leste-oeste (4319 quilômetros, sem incluir as ilhas oceânicas), o Brasil apresenta diferentes fusos horários. Até 1913, existia apenas um único fuso, quando foi sancionado pelo presidente Hermes da Fonseca a lei que dividiu o território nacional em quatro fusos horários, tendo por base o Meridiano de Greenwich. Ao longo da história, algumas alterações pontuais foram verificadas.

Em 2008, por força do Decreto nº 11.662, o quarto fuso (UTC – 5) foi suprimido, com alterações que afetaram os estados do Acre, Pará e Amazonas. Desse modo, o Acre e a porção oeste do Amazonas passaram a ter uma hora a menos em relação a Brasília; bem como o Pará passou a ser inserido no fuso oficial. Entretanto, essa mudança não foi bem recebida pela população acreana, que, em 2010, através de um referendo, apontou que 56,8% dos eleitores eram favoráveis ao retorno do antigo horário. A vontade popular foi sancionada pela presidenta Dilma Rousseff em 30 de outubro de 2013, determinando a volta do quarto fuso horário no estado do Acre e em mais treze municípios do Amazonas.



Fusos horários do Brasil

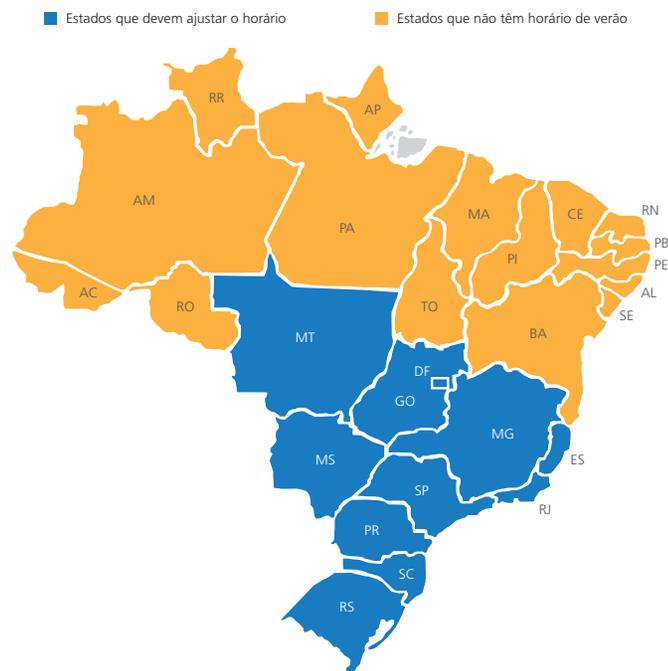
- UTC –2: Atol das Rocas, Fernando de Noronha, São Pedro e São Paulo, Trindade e Martim Vaz.
- UTC –3 (horário de Brasília): Distrito Federal, regiões Sul, Sudeste e Nordeste; estados de Goiás, Tocantins, Pará e Amapá.
- UTC –4: estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Roraima e dois terços do estado do Amazonas.
- UTC –5: estado do Acre e treze municípios no oeste do estado do Amazonas (Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Boca do Acre, Eirunepé, Envira, Guajará, Ipixuna, Itamarati, Jutai, Lábrea, Pauini, São Paulo de Olivença e Tabatinga).

Jet lag



O *jet lag* (descompensação horária) é comum após longas viagens aéreas através de vários meridianos ou três fusos horários diferentes. É causado pela desorientação do relógio biológico, com a mudança do horário de dormir e alimentar que estamos habituados, quebrando a sequência do dia e noite. Os sintomas são distúrbio do sono, cansaço, náusea, mal-estar e dor de cabeça. Geralmente, os efeitos são maiores quando viajamos em direção ao Oriente (oeste para leste).

Horário de verão



O horário de verão surgiu na Alemanha, em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, onde, no esforço de guerra, se buscava economizar carvão mineral, a principal fonte de energia da época, tendo por princípio básico o fato que no verão os dias são mais longos. Assim, se relógios fossem adiantados, o fotoperíodo seria melhor aproveitado, pois a população passaria a realizar suas atividades cotidianas em consonância com a luz solar.

No Brasil, único país equatorial que possuía horário de verão, essa alteração dos relógios foi implantada pela primeira vez em 1931. Contudo, desde 1985, era adotado anualmente a partir do terceiro domingo de outubro até o terceiro domingo de fevereiro, exceto quando este coincidia com o carnaval, com abrangência nas regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste. Os estados das regiões Norte e Nordeste não foram inseridos nesse horário, pois estão próximos da linha do Equador, sendo insignificantes à variação do fotoperíodo ao longo das estações do ano, onde o dia e a noite possuem praticamente a mesma duração.

Para o Operador Nacional do Sistema Elétrico, a adoção do horário de verão não ocorria somente para poupar energia. Ocorria, sobretudo, pela segurança do sistema, pois nos meses de verão é sentido um aumento expressivo no consumo de energia, sobretudo no horário de pico (entre 17 e 21 horas). A adoção desse horário gerava uma economia de cerca de 5% do consumo nacional, o que equivalia ao consumo de Brasília, Distrito Federal. Essa economia de energia era sentida com mais intensidade nos estados situados abaixo do Trópico de Capricórnio. Em muitos países que estão situados em latitudes médias e altas, foi criado o horário de inverno, quando os relógios são atrasados.

O Presidente Jair Bolsonaro, em decreto assinado em 25/04/2019, revogou o horário de verão no Brasil.



Exercícios de Fixação

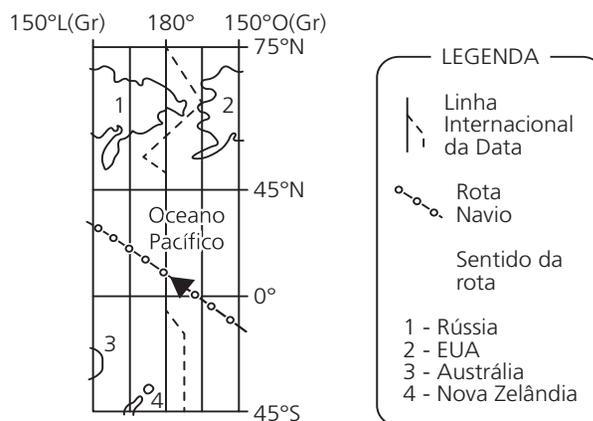
01. No encerramento da temporada regular 2015-2016 da liga americana de basquete, o ídolo do Los Angeles Lakers, Kobe Bryant, despediu-se das quadras numa partida diante do Utah Jazz. O jogo foi realizado na Califórnia, que fica no fuso horário 120° oeste, no dia 13/04/2016 às 19h30 (horário local).

Disponível: <http://sportv.globo.com>. Adaptado.

Ciente de que os EUA utilizavam o horário de verão, a última atuação do atleta foi transmitida ao vivo às

- A) 22h30 do dia 13/04/2016 para o estado do Acre.
- B) 21h30 do dia 13/04/2016 para a capital do Amazonas.
- C) 00h30 do dia 13/04/2016 para o Distrito Federal.
- D) 23h30 do dia 13/04/2016 para a cidade de São Paulo.
- E) 01h30 do dia 13/04/2016 para o arquipélago Fernando de Noronha.

02. No dia 10 de janeiro, às 8h, um navio cargueiro, em sua rota, cruza a Linha Internacional da Data no sentido Oeste (Gr). Observe a figura a seguir.



Após ter cruzado a referida linha, que dia e hora local são registrados no navio?

- A) 9 de janeiro, 7h.
- B) 9 de janeiro, 8h.
- C) 10 de janeiro, 9h.
- D) 10 de janeiro, 10h.
- E) 11 de janeiro, 8h

03. “Enquanto os paulistanos estão tomando café da manhã (9 horas), os franceses almoçam (1 da tarde), os indianos tomam o chá da tarde (5 horas), os tailandeses jantam (7 da noite) e os australianos de Sidney se preparam para dormir (10 da noite)”.

Marcelo Duarte

Marque a alternativa incorreta:

- A) Somente os lugares localizados sobre um mesmo meridiano têm a mesma hora solar.
- B) A Terra está dividida em 24 faixas longitudinais que equivalem a quinze graus (15°) cada. Essas faixas constituem os fusos horários.
- C) Como a Terra gira de leste para oeste, o Sol “nasce” primeiro nos lugares a oeste em relação aos lugares a leste.
- D) Fuso e meridiano não são a mesma coisa: meridiano é uma linha; fuso é uma faixa. Cada fuso contém 15 meridianos com 1° de afastamento um do outro.

04. A República do Sudão do Sul é o mais novo país do mundo. Tendo declarado sua independência que ocorreu em 9 de julho de 2011, passou a integrar a ONU e a União Africana, respectivamente, 5 (cinco) e 19 (dezenove) dias após sua emancipação. Sua capital, Juba, possui as seguintes coordenadas geográficas: 04°85'N e 31°57'L, distando, aproximadamente, 9.000 (nove mil) quilômetros da cidade de São Paulo, que possui as seguintes coordenadas geográficas: 23°32'S e 46°38'O.

Sabendo que o fuso horário do Sudão do Sul é determinado exclusiva e estritamente por sua localização geográfica e que o fuso horário adotado em São Paulo é UTC-3: é correto afirmar que um passageiro de um voo saindo de São Paulo, no dia 20 de setembro de 2016, às 11 h, em horário local, com duração de 10 (dez) horas,

- A) poderá, no momento da partida, adiantar seu relógio em 10 (dez) horas que, ao chegar, estará marcando exatamente o horário local do destino.
- B) poderá, no momento da partida, atrasar seu relógio em 6 (seis) horas que, ao chegar, estará marcando exatamente o horário local do destino.
- C) poderá, no momento da chegada, atrasar seu relógio em 6 (seis) horas para ajustá-lo ao horário local.
- D) poderá, no momento da chegada, atrasar seu relógio em 10 (dez) horas para ajustá-lo ao horário local.
- E) poderá, no momento da chegada, atrasar seu relógio em 3 (três), já que encontra-se situado na faixa UTC+3, para ajustá-lo ao horário local.

05. Dois amigos planejam assistir à abertura da Copa do Mundo em Moscou. Eles partiram no dia 10 de junho de 2018 do Aeroporto Presidente Juscelino Kubitschek (Brasília), situado a 45° de longitude Oeste, às 16 horas, com destino ao Aeroporto de Heathrow (Londres), situado a 0° de longitude. O voo teve duração de 10 horas. Os dois amigos esperaram por três horas para partirem em direção ao Aeroporto Internacional Domodedovo (Moscou), situado a 60° de longitude Leste, e o segundo voo durou quatro horas.

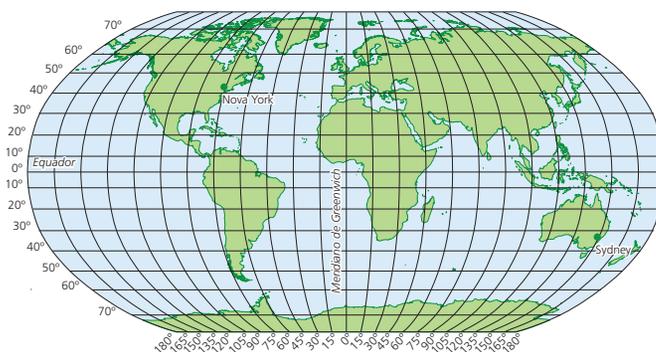
Com base nessas informações e considerando que o continente europeu adota, neste período do ano, o horário de verão, que adianta os relógios em uma hora, indique o dia e a hora em que os dois amigos chegaram ao Aeroporto Internacional Domodedovo, em Moscou.

- A) 11 de junho, às 13 horas.
- B) 11 de junho, às 16 horas.
- C) 11 de junho, às 17 horas.
- D) 10 de junho, às 16 horas.

02. Um time de futebol do estado de São Paulo (localizado no fuso 45° O) irá realizar uma partida em Boa Vista (60° O), capital de Roraima. A equipe irá embarcar às 14h e a viagem terá duração de 6 horas. Considerando o horário de Roraima, a que horas os jogadores de São Paulo desembarcarão em seu destino final:

- A) 19h
- B) 17h
- C) 21h
- D) 20h
- E) 18h

03. (UFSM-RS) Observe o mapa a seguir e responda à questão adiante.



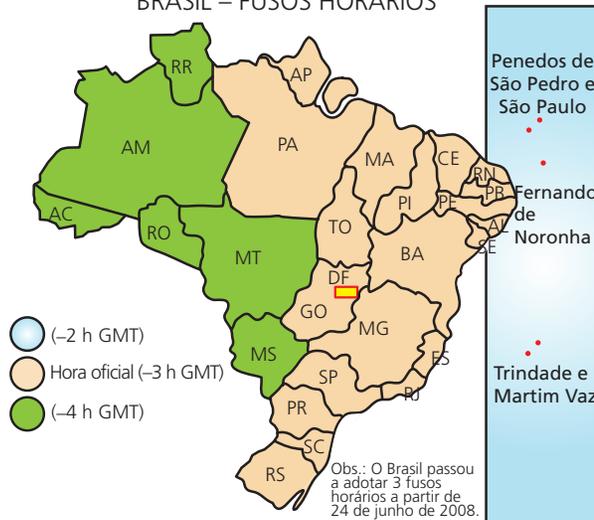
Desconsiderando horários de verão locais, as coordenadas geográficas do mapa permitem, também, deduzir que uma competição esportiva que ocorra em Sydney, às 16 horas, seja assistida pela TV, ao vivo, em Nova York à(s)

- A) 7 horas.
- B) 8 horas.
- C) 2 horas.
- D) 1 hora.
- E) meia-noite.

04. (UFV) Suponha que sejam 9 horas em Viçosa (MG) e que você, estando aqui, precisa planejar uma ligação interurbana para uma pessoa em Boa Vista (RR), que poderá ser encontrada, nessa cidade, às 11 horas, hora local desse estado.

Com base no mapa a seguir, o procedimento correto para efetuar essa ligação é

BRASIL – FUSOS HORÁRIOS



Obs.: O Brasil passou a adotar 3 fusos horários a partir de 24 de junho de 2008.



Exercícios Propostos

01. Um avião voando a 250 km/h sai de um ponto A a 60° W e dirige-se para um ponto B a 30° E. Quantos quilômetros e quantos graus percorreriam o avião, se as localidades estivessem nas imediações do equador?

- A) 6.660 km e 70°
- B) 7.577 km e 75°
- C) 8.880 km e 75°
- D) 8.325 km e 75°
- E) 9.990 km e 90°

- A) aguardar duas horas para fazer sua ligação, porque no Brasil, embora sejam reconhecidos os limites teóricos dos fusos horários de 15° de longitude, consideram-se apenas os limites práticos definidos pelas fronteiras estaduais.
- B) aguardar uma hora para fazer sua ligação, porque no Brasil, embora sejam reconhecidos os limites teóricos dos fusos horários de 15° de longitude, consideram-se apenas os limites práticos definidos pelas fronteiras estaduais.
- C) fazer sua ligação imediatamente, porque o horário do fuso em que se encontra o estado de Minas Gerais é o mesmo em que se encontra o estado de Roraima.
- D) aguardar três horas para fazer sua ligação, porque no Brasil, embora sejam reconhecidos os limites teóricos dos fusos horários de 15° de longitude, consideram-se apenas os limites práticos definidos pelas fronteiras estaduais.
- 05.** (PUCRS) Um viajante saiu da Austrália para o Brasil atravessando a LID (Linha Internacional da Data – 180°). No meridiano 175° Leste, o seu relógio estava marcando 13 horas do dia 21 de setembro. Quando chegar a um lugar a 178° Oeste, legalmente, que horas e dia serão para esse viajante?
- A) 13 horas do dia 20 de setembro
- B) 13 horas do dia 21 de setembro
- C) 11 horas do dia 20 de setembro
- D) 12 horas do dia 21 de setembro
- E) 12 horas do dia 20 de setembro
- 06.** (Enem) Entre outubro e fevereiro, a cada ano, em alguns estados das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, os relógios permanecem adiantados em uma hora, passando a vigorar o chamado horário de verão. Essa medida, que se repete todos os anos, visa
- A) promover a economia de energia, permitindo um melhor aproveitamento do período de iluminação natural do dia, que é maior nessa época do ano.
- B) diminuir o consumo de energia em todas as horas do dia, propiciando uma melhor distribuição da demanda entre o período da manhã e o da noite.
- C) adequar o sistema de abastecimento das barragens hidrelétricas ao regime de chuvas, abundantes nessa época do ano nas regiões que adotam esse horário.
- D) incentivar o turismo, permitindo um melhor aproveitamento do período da tarde, horário em que os bares e restaurantes são mais frequentados.
- E) responder a uma exigência das indústrias, possibilitando que elas realizem um melhor escalonamento das férias de seus funcionários.
- 07.** No ano de 2014, o Brasil sediou a Copa do Mundo da FIFA, cuja transmissão foi realizada por diferentes meios de comunicação para mais de 200 países. O jogo de abertura ocorreu no dia 12 de junho, às 17 horas da hora legal na cidade de São Paulo (três fusos a oeste de Greenwich). Nesse contexto, assinale a alternativa correta que apresenta, respectivamente, os horários em que moradores de Tóquio (nove fusos a leste de Greenwich), Los Angeles (oito fusos a oeste de Greenwich) e Joanesburgo (dois fusos a leste de Greenwich) deviam ligar seus aparelhos de televisão para assistir ao jogo.
- A) 2 horas da manhã do dia 13 de junho de 2014, 9 horas da manhã do dia 12 de junho de 2014 e 19 horas do dia 12 de junho de 2014.
- B) 5 horas da manhã do dia 12 de junho de 2014, 12 horas do dia 12 de junho de 2014 e 22 horas do dia 12 de junho de 2014.
- C) 5 horas da manhã do dia 12 de junho de 2014, 4 horas da manhã do dia 13 de junho de 2014 e 12 horas do dia 12 de junho de 2014.
- D) 5 horas da manhã do dia 13 de junho de 2014, 12 horas do dia 12 de junho de 2014 e 22 horas do dia 12 de junho de 2014.
- E) 17 horas do dia 13 de junho de 2014, 6 horas da manhã do dia 12 de junho de 2014 e 19 horas do dia 12 de junho de 2014.
- 08.** (UFSC) Nos meses de junho e julho de 1998, realizou-se na França a Copa do Mundo de Futebol. Considerando a posição geográfica do Brasil e a da França, assinale a opção verdadeira.
- A) A hora marcada para a realização dos jogos apresentava uma coincidência entre os horários brasileiro e francês, porque os dois países estão localizados no Hemisfério Meridional.
- B) Os horários franceses sempre coincidiram com os horários brasileiros, porque os dois países se situam no meridiano de 45° de longitude oeste.
- C) Durante os jogos, as horas no Brasil estavam atrasadas porque nosso território fica localizado na parte oriental do globo terrestre.
- D) O horário brasileiro está sempre atrasado em relação ao francês, porque o Brasil situa-se no Hemisfério Oeste, enquanto a França localiza-se no Hemisfério Leste.
- E) Os horários brasileiros foram uniformizados para todo o território nacional durante a realização da Copa do Mundo, para que todos pudessem acompanhar as transmissões a partir da França.
- 09.** Para determinar _____ no mar, basta sair do porto com um relógio que não se desacerte e, ao meio-dia local, determinar a hora no porto de partida. Com a ajuda das tábuas de navegar que têm as horas do meio-dia no porto de partida, para todos os dias do ano, os pilotos podem calcular a diferença horária entre o meio-dia solar do ponto em que estão e o do porto de partida. Por cada hora de diferença horária, estão mais ou menos 15 graus para leste ou oeste em relação ao porto de partida.
- Disponível em: <<http://www.cienciaviva.pt>>. Adaptado.
- Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto.
- A) Os paralelos
- B) A longitude
- C) Os meridianos
- D) A equidistância
- E) A latitude
- 10.** A Copa do Mundo de futebol 2018, organizada pela FIFA, será realizada na Rússia, país de dimensões continentais. Devido a sua grande extensão leste-oeste, a Rússia poderia ter 11 fusos horários, mas oficialmente possui apenas 9 zonas horárias. A final da Copa acontecerá no dia 15 de julho, às 18:00 h, hora local, no estádio de Moscou, que está no fuso horário +3 em relação ao Meridiano de Greenwich. Em qual horário a partida que decidirá o campeão se iniciará na cidade de São Paulo? Caso o jogo acontecesse no mês de janeiro de 2018, qual seria o horário para o início do jogo da Copa, em São Paulo?
- A) Em julho – 12:00 h; em janeiro – 13:00 h.
- B) Em julho – 12:00 h; em janeiro – 11:00 h.
- C) Em julho – 15:00 h; em janeiro – 14:00 h.
- D) Em julho – 13:00 h; em janeiro – 12:00 h.


Seção Videoaula

Fuso Horário

Introdução

Relevo é o conjunto das formas da crosta terrestre (cordilheiras, montanhas, vulcões, planalto, planície, depressões, serras, chapadas, vales, abismos etc), produto da ação conjunta de diferentes agentes. Ao estudarmos essas formas do relevo, devemos considerar dois grandes grupos de agentes: os formadores (endógenos ou internos) e os modeladores (exógenos ou externos).



Agentes internos

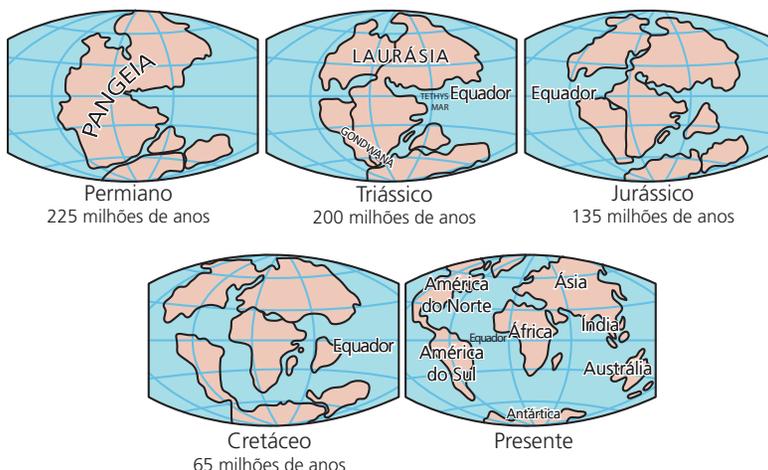
Os agentes endógenos, denominados também de formadores ou estruturais, são relacionados a todos os movimentos causados por alguma ação geológica – que têm sua gênese ligada às forças do interior do planeta, agindo de dentro para fora da Terra, liberando um grande volume de energia –, e, dessa forma, são geralmente catastróficos. Para o melhor entendimento desse tema, é necessário uma breve consideração sobre a Teoria da Deriva Continental e da Teoria da Tectônica de Placas.

Deriva continental ou translação dos continentes

Em 1915, o climatologista alemão Alfred Wegener publicou *The Origin of Continents and Oceans*, no qual reunia evidências fósseis, paleotopográficas e climatológicas sobre a existência de um continente único. Há cerca de 200 milhões de anos, todas as massas continentais estariam reunidas em um único supercontinente, denominado Pangeia, cercado por um único oceano, o Panthalassa. Este supercontinente foi fragmentado em dois blocos continentais: Laurásia (que deu origem à América do Norte e Eurásia) e Gondwana (que formou os demais continentes). Wegener acreditava que o movimento de separação dos continentes ocorria devido à ação conjunta da rotação da Terra e as marés. Todavia, suas ideias não foram aceitas pela comunidade científica da época.



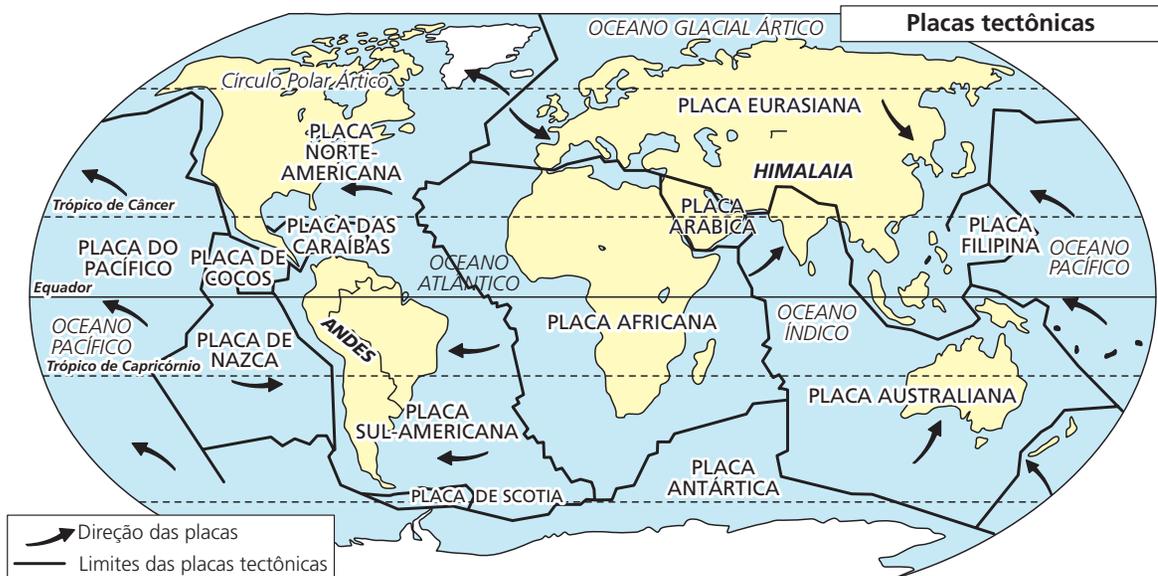
Alfred Lothar Wegener, geógrafo e meteorologista alemão



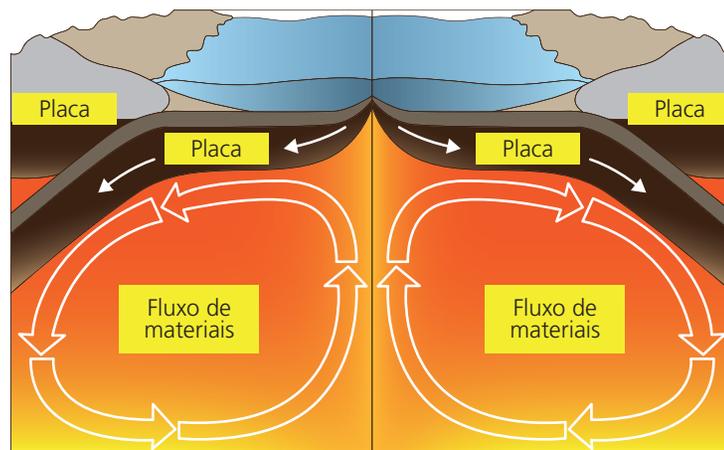
Deriva dos continentes

Teoria da Tectônica de Placas

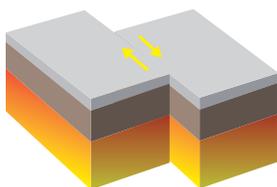
Com o amplo desenvolvimento da ciência no período posterior à Segunda Guerra Mundial, em particular no campo da geologia e da geofísica, foi elaborada a Teoria da Tectônica de Placas. Essa teoria postula a ideia que a crosta terrestre, no seu lento processo de resfriamento, ficou fraturada em 12 grandes porções denominadas de placas tectônicas, que se deslocam com movimentos horizontais. Esses movimentos ocorrem devido às correntes de convecção de magma, que existem no interior do manto, e ao se movimentarem arrastam consigo as placas litosféricas, desencadeando a formação das grandes cadeias de montanhas, do vulcanismo e abalos sísmicos.



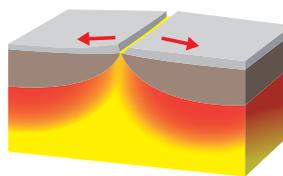
Estudos geofísicos comprovam que, durante a história geológica do planeta, já ocorreram diferentes pangeias e que, nos próximos 250 milhões de anos, um novo supercontinente irá ser formado com uma configuração bem diferente da última. A atual movimentação das placas tectônicas aponta para uma fusão entre os continentes Eurasiático e Africano, com a supressão do Mar Mediterrâneo e a formação de uma gigantesca cadeia montanhosa. Acredita-se que há 1 bilhão de anos formou-se um supercontinente denominado de Rodínia.



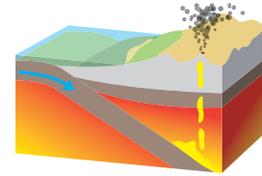
Limite transformante



Limite divergente



Limite convergente

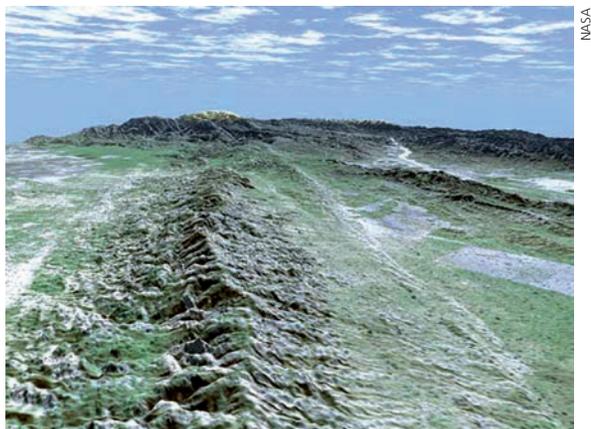


Em limites de falhas transformantes, as placas deslocam-se horizontalmente uma em relação à outra.

Em limites divergentes, as placas afastam-se e formam uma nova litosfera.

Em limites convergentes, as placas colidem e uma delas é puxada para o manto e reciclada.

Limites transformantes ou conservativos – ocorrem quando as placas deslizam de forma horizontal sem provocar grandes alterações no relevo. É responsável pela ocorrência de terremotos superficiais de elevada magnitude, com grande poder destrutivo. A Falha de Santo André, ou Falha de San Andreas, que se prolonga por cerca de 1290 km através da Califórnia, é famosa por produzir sismos catastróficos, como o terremoto de 1906, que destruiu a cidade de São Francisco. Os cientistas preveem para a região a ocorrência de um terremoto catastrófico já denominado de “Big One”.



Falha de San Andreas, Califórnia, EUA.

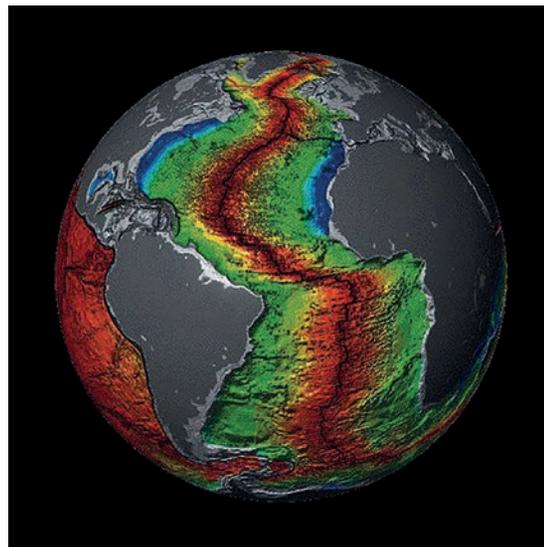
Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sanandreasfault_srtm.jpg>.

Limites divergentes ou construtivos – esse tipo de movimento promove a separação das placas tectônicas, com o posterior extravasamento e solidificação de materiais magmáticos oriundos do manto superior, resultando na formação de uma nova crosta. Esse movimento pode ocorrer na interface de duas placas oceânicas, expandindo o assoalho submarino e resultando na formação das dorsais (mesoatlântica e mesopacífica), vulcanismo e abalos sísmicos; ocorre também entre placas continentais/oceânicas ou continental/continental (arábica-africana), responsável pelo Rift Valley, que pode ser descrito como um conjunto de falhas geológicas que se estende da Síria a Moçambique, com uma largura variável entre 30 e 100 km, que corta a porção Oeste do continente africano de forma longitudinal.



Parque nacional de Thingvellir, onde é possível ver falhas tectônicas.

A Mediana Dorsal do Atlântico é formada por uma imensa quantidade de vulcões subaquáticos, com 60 mil quilômetros de comprimento, o que a torna a maior cordilheira geológica da Terra. A título de comparação, a Cordilheira dos Andes, situada na porção Oeste da América do Sul, possui 7.200 km de extensão. A dorsal meso-oceânica só foi descoberta na década de 1950 e permanece quase completamente inexplorada. Sabe-se, no entanto, que a maioria das atividades vulcânicas do planeta ocorre nessa região.



NOAA/Wikimedia Foundation

Limites convergentes ou destrutivos – ocorre quando duas placas se movem uma em direção à outra, comprimindo-as e promovendo a destruição da crosta terrestre. Nesse caso, podem aparecer dois processos diferentes: a subducção, que consiste no afundamento de uma placa litosférica sob outra, o que ocorre entre as placas de Nazca e Sul-Americana, resultando na Cordilheira dos Andes; e a obducção, quando uma porção da crosta oceânica ou de rochas do manto é arrastada para cima da crosta continental, que ocorre entre as placas Indiana e Eurasiana, resultando na formação da Cordilheira do Himalaia.

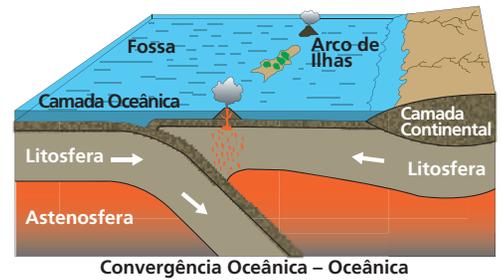
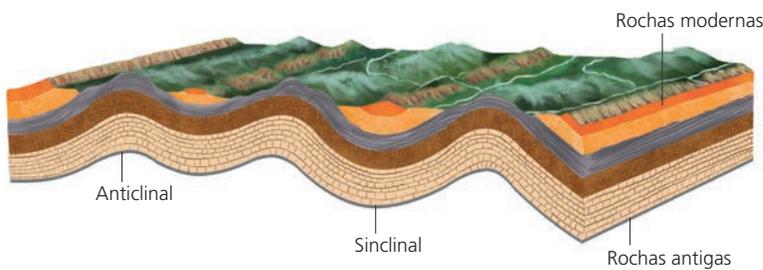


Tectonismo ou diastrofismo

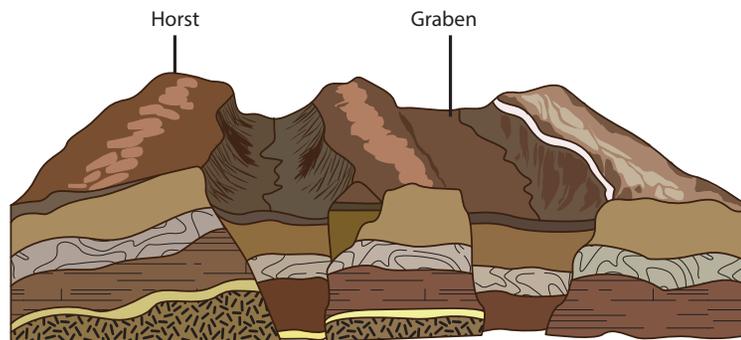
Os movimentos tectônicos são produtos da gigantesca pressão, oriunda do interior do planeta, e que agem na crosta terrestre, através de movimentos lentos e prolongados, provocando deformações nas estruturas rochosas. Esse movimento pode ocorrer na forma horizontal (orogênese) ou na vertical (epirogênese).

- **A orogênese** (do grego, “nascimento de montanha”) corresponde ao conjunto de processos horizontais de grande intensidade, que ocorre na interface das placas tectônicas, provocando o deslocamento da crosta terrestre e resultando na formação ou rejuvenescimento das montanhas. Quando tais movimentos ocorrem em rochas plásticas, dão origem aos dobramentos. Se os dobramentos datam de eras geológicas pretéritas (Pré-Cambriano), são classificados em escudos ou maciços antigos; se datam de uma era geológica recente (Era Cenozoica), são considerados modernos, como os Andes, os Alpes, as montanhas rochosas e o Himalaia, dentre outras.

PRINCIPAIS TIPOS DE FALHAS



• **A epirogênese** (do grego, “nascimento do continente”) consiste em um conjunto de movimentos verticais que provocam pressão sobre as camadas rochosas resistentes e de pouca plasticidade, causando arqueamentos, rebaixamentos ou soerguimento da crosta terrestre, originando as falhas, ou falhamentos. O surgimento da falha resulta em áreas mais altas denominadas de *horsts*, e o rebaixamento em áreas conhecidas como *graben*. São movimentos lentos e imperceptíveis ao longo de uma vida humana, pois requerem milhares de anos para que se processem. Esse movimento é responsável pelo fenômeno da eustasia (subida ou descida do nível do mar) e os respectivos movimentos de transgressão marinha (positivo – vertical para cima), quando o nível do mar se eleva sobre o litoral, invadindo os continentes, e regressão marinha (negativo – vertical para baixo), quando ocorre a redução do nível do mar.

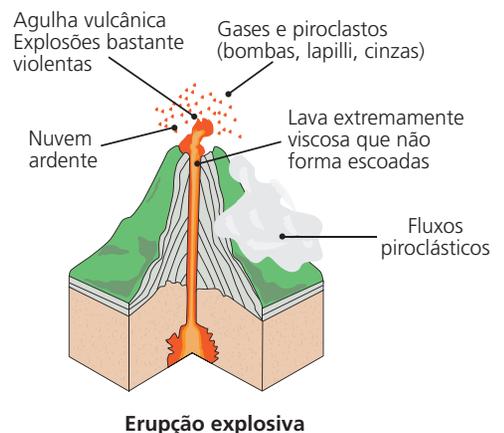
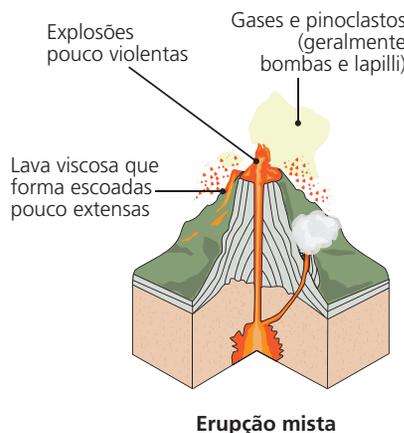
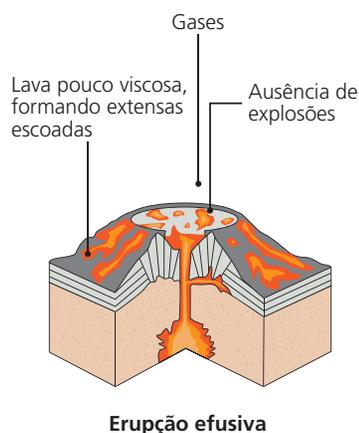


Vulcanismo

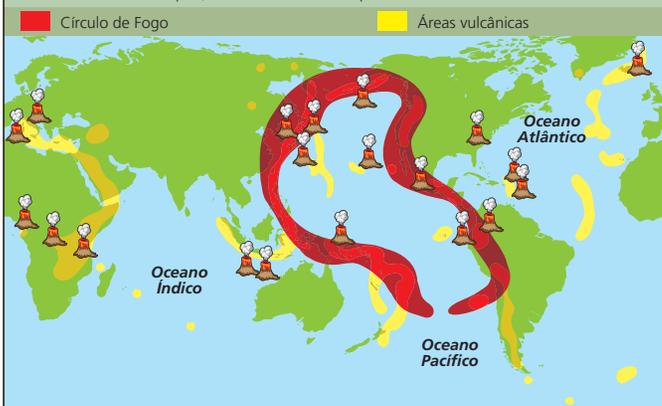
Vulcanismo é um conjunto de processos geodinâmicos que ocorrem no interior do planeta. É produzido pelas gigantescas pressões e temperaturas existentes no manto, forte o suficiente para provocar a ruptura das rochas da crosta terrestre, resultando no extravasamento de materiais sólidos, líquidos ou gasosos (lavas, cinza e material piroclástico) até a superfície por meio de vulcão. A quase totalidade dos vulcões ativos do planeta está situada na interface das placas tectônicas, exceto aqueles que estão localizados em pontos quentes (*hot spots*), que ocorrem no interior das placas, em locais onde a litosfera possui uma delgada espessura. São geradores da poluição natural, pois interferem na dinâmica climática do planeta ao lançarem enormes quantidades de poeiras, gases sulfurosos e aerossóis na atmosfera.

Os vulcões podem ser classificados em três categorias distintas (ativos, dormentes ou extintos): um vulcão pode ser considerado ativo quando está em erupção ou mostra sinais de instabilidade vulcânica, através de abalos, sismos ou emissões de gases; os vulcões dormentes são aqueles que não se encontram atualmente em atividade, mas que poderão entrar em erupção ao longo do tempo; já os vulcões extintos são aqueles que apresentam uma mínima possibilidade de entrar em erupção.

A maioria dos vulcões do planeta está concentrada em duas áreas específicas: o Círculo de Fogo do Pacífico (que se estende desde a Cordilheira dos Andes até as Filipinas, onde se concentram 80% dos vulcões da superfície da Terra) e o Círculo de Fogo do Atlântico.



Cerca de 82% dos 535 vulcões ativos existentes no planeta estão em uma área denominada Círculo de Fogo, que margeia o oceano Pacífico. Ela inclui a cordilheira dos Andes, as montanhas rochosas e as ilhas do Japão, da Indonésia e das Filipinas.



O relevo formado por um vulcão é caracterizado pela grande rapidez em que pode ser formado ou destruído, trazendo consequências benéficas, como a fertilidade dos solos para a agricultura ou a formação de paisagens que podem ser voltadas para o turismo. Contudo, o vulcanismo pode provocar desastres naturais com consequências planetárias, destruindo imóveis ou interrompendo o tráfego aéreo, como ocorreu em 2010, quando o vulcão Eyjafjallajökull provocou o maior caos aéreo da história, prejudicando mais de 20 milhões de pessoas e gerando um prejuízo gigante para as companhias aéreas.

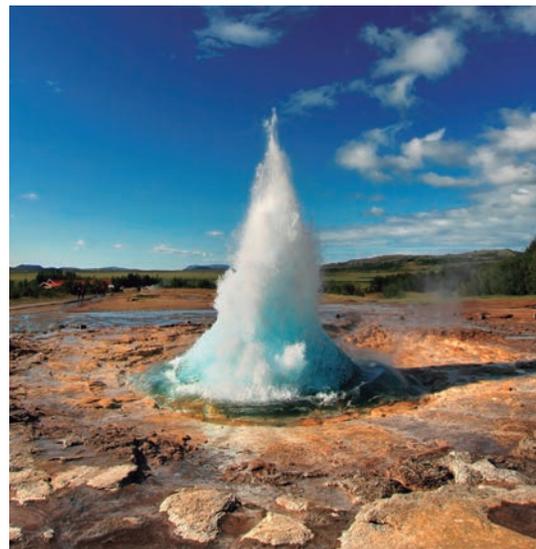
Gêiser é uma fonte termal que entra em erupção periodicamente, expelindo uma coluna de água quente e vapor, que pode atingir cerca de 80 metros de altura. Esse fenômeno ocorre em áreas de subducção, onde a água do lençol freático entra em contato com rochas com elevada temperatura, aumentando o seu ponto de ebulição. A água pressurizada sobe velozmente na forma de um jato com temperaturas em torno de 70 °C. Podem ser encontrados na Islândia, Estados Unidos, Nova Zelândia, Rússia e Chile.



Nascente termal

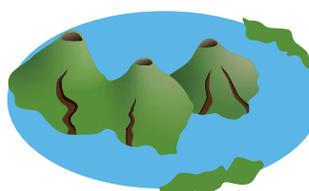


Fumarola

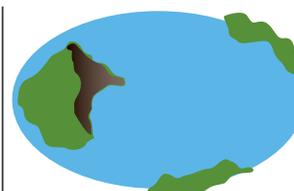


Gêiser

A erupção do vulcão Krakatoa

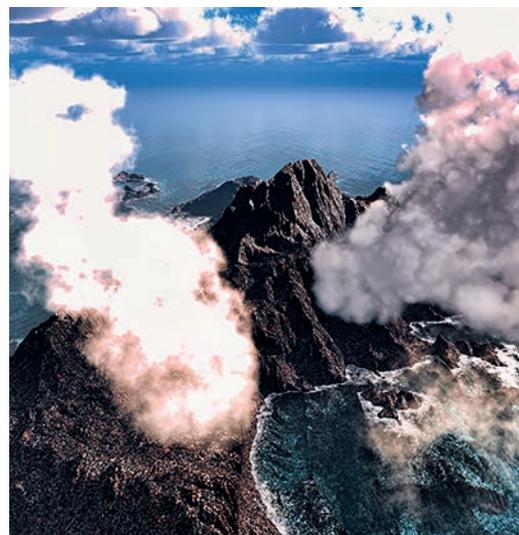


Antes de 1883



Após a erupção

Em 1883, ocorreu na Indonésia a maior erupção registrada pela história, quando o vulcão Krakatoa, supostamente extinto, entrou em atividade, arrasando quase por completo a ilha de mesmo nome, deixando um saldo negativo de 36 mil mortes, destruindo todas as formas de vida animal e vegetal e provocando *tsunamis* com mais de 40 metros. Pedras foram lançadas a 27 km de altitude e o barulho da explosão foi escutado a mais de 5.000 quilômetros de distância na Índia, Filipinas e Austrália. A poeira e cinzas resultantes da erupção cobriram o planeta por mais de um ano, provocando a redução da temperatura global. No mesmo local dessa gigantesca tragédia, surgiu, no início do século XX, o Anak Krakatau (filho de Krakatoa), que periodicamente entra em atividade, e já possui mais de 800 metros de altura.



Anak Krakatau em erupção.

O Monte Vesúvio



Vítimas de Pompeia – Erupção do Vesúvio em 79 d.C. vitimou, aproximadamente, 16 mil pessoas.



Vista área do vulcão Vesúvio com a cidade de Nápoles, na Itália, ao fundo.

O vulcão Vesúvio provocou uma das maiores tragédias do passado, quando, no ano 79 d.C., destruiu e soterrou as cidades romanas de Pompeia, Stabia e Herculano, situadas na geografia da atual cidade de Nápoles, na Itália. Essa violenta erupção desencadeou um forte terremoto, expelindo grandes quantidades de materiais pirolásticos (cinzas, lava vulcânica, poeira e fumaça tóxica) a 30 quilômetros de altitude e vitimando, aproximadamente, 16 mil pessoas. As cidades foram esquecidas por mais de mil anos, quando foram encontradas por um camponês que perfurava um poço em busca de água.

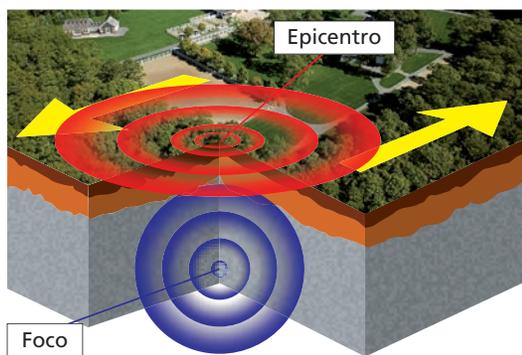
Paradoxalmente, a erupção que destruiu também preservou, pois a cinza e a lama vulcânica protegeram das intempéries climáticas as edificações, objetos do cotidiano e corpos petrificados das vítimas, que foram encontrados do modo exato como foram impactados pela tragédia. Atualmente, as ruínas do sítio arqueológico de Pompeia são consideradas patrimônio mundial pela UNESCO, recebendo anualmente mais de dois milhões de turistas. Desde 1944, o Vesúvio permanece inativo, porém, segundo a vulcanologia, quanto mais tempo ele permanecer adormecido, maior será a erupção.

Tipos de erupções	Havaiano	Estromboliano	Vulcaniano	Peleano
Natureza da erupção	Efusiva	Efusiva com pequenas explosões (mista)	Explosiva	Catastrófica
Viscosidade da lava	Muito fluida	Fluida	Pouco viscosa	Muito viscosa
Conteúdo em gases	Muito pobre	Pobre	Rico	Muito rico
Teor em água	Muito elevado	Elevado	Baixo	Muito baixo
Materiais sólidos e líquidos	Rios de lava, escoadas longas, sem piroclastos	Escoadas curtas, lapilli e bombas	Escoadas muito curtas, cinzas, lapilli e bombas	Doma ou agulha vulcânica, nuvem ardente
Aparelho vulcânico	Havaiano	Estromboliano	Vulcaniano	Peleano
	Esquemas de aparelhos vulcânicos característicos dos diversos tipos de erupções vulcânicas			
				
Imagens reais de aparelhos vulcânicos característicos dos diversos tipos de erupções vulcânicas				

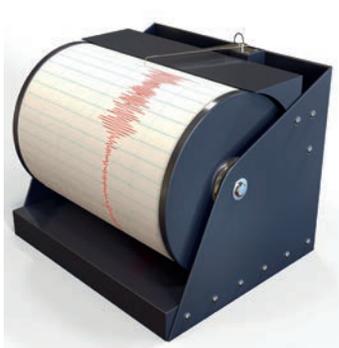
Escoadas – Extensões de lava ao longo dos terrenos envolvente do vulcão.

Nuvem ardente – grande quantidade de gases e poeiras, libertados por um vulcão, com elevadas temperaturas.

Abalos sísmicos ou terremotos



São movimentos bruscos da litosfera causados pela liberação abrupta de energia, propagando-se pelas rochas, através de ondas sísmicas. Os agentes causadores desse fenômeno são endodinâmicos, em particular o tectonismo, que ocorre na interface das placas tectônicas ou em falhas entre dois blocos rochosos, onde as placas, ao colidir, afastar-se ou deslizar-se uma pela outra, atingem o seu ponto de tensão, e ao se romper liberam a energia acumulada durante o processo. Podem também, ser causados por outros fatores, como vulcanismo, ou mesmo induzidos pela ação humana, como a construção de grandes barragens. O ponto exato do interior da Terra, onde o abalo tem origem, é denominado de hipocentro ou foco; já o local exato onde a onda sísmica chega à superfície é chamado de epicentro. Por convenção, o termo terremoto é utilizado para designar os grandes abalos sísmicos que ocorrem em zonas habitadas e têm efeitos catastróficos. Para sismos que ocorrem em zonas não habitadas, ou de pequena magnitude, são usados os termos abalo sísmico ou tremor de terra.



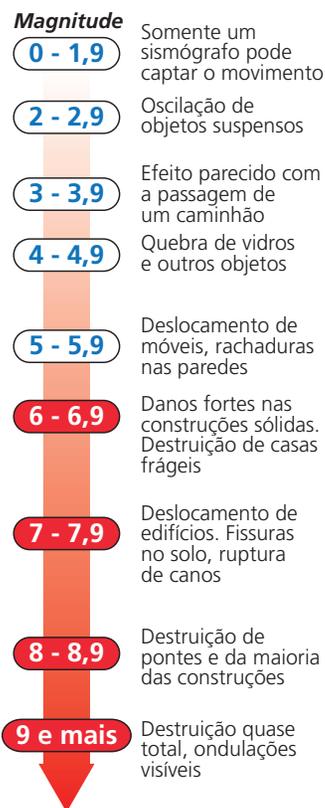
Tomislav Zivkovic/123RF/Gettyimages

Terremotos considerados de nível moderado a grande (5.0 a 8.9 graus na escala Richter) ocorrem cerca de 1.000 vezes por ano. Terremotos extremos (9.0 a 9.9 graus na escala Richter) são mais raros, porém mais preocupantes, devido ao seu alto poder de destruição e letalidade, ocorrem uma vez a cada 20 anos ou mais. Nunca houve na história um terremoto documentado que tenha ultrapassado os 10 graus na escala Richter.

Diariamente são registrados mais de 1.000 sismos no planeta, porém, somente uma pequena parcela chega a ser percebida pela população. O registro desse fenômeno é realizado pelos sismógrafos, que são os aparelhos que detectam e medem as ondas sísmicas. Para medir os abalos sísmicos são utilizadas as escalas Richter (com variação de 0 a 9 graus, e calcula a energia liberada pela onda sísmica) e a Mercalli (com variação de 1 a 12, e mede os danos causados pelos terremotos).

As consequências de um abalo sísmico podem variar de um breve desconforto até a destruição parcial ou total de uma região, provocando prejuízos financeiros e deixando milhares de pessoas desabrigadas ou mesmo mortas.

Escala Richter



As principais consequências de um abalo sísmico são:

1. Vibração do solo com intensidade variada;
2. Abertura de falhas;
3. Deslizamento de terra;
4. *Tsunamis*;
5. Mudanças na rotação da Terra;
6. Mudanças no eixo terrestre.

Data	Magnitude	Alt. Máx	Mortes	Local
02/09/92	7,2	10 m	170	Nicarágua
12/12/92	7,5	26 m	1.000	Ilhas de Flores, Indonésia
12/07/93	7,6	30 m	200	Hokaido, Japão
02/07/94	7,2	14 m	220	Java, Indonésia
04/10/94	8,1	11 m	11	Ilhas Curilas
14/11/94	7,1	7 m	70	Mindoro
21/02/96	7,5	5 m	15	Peru
17/07/98	7,0	15 m	2.000	Nova Guiné
23/06/2001	8,3	5 m	50	Peru
11/03/2011	9,0	pelo menos 10 m	8.540 e 12.931 desaparecidos	Japão
Terremoto do Índico de 2004 26/12/2004	9,0	50 m	22.000	Principal área afetada: Haiti



Imagens: Yoshiyori/23RF/EasyPix



Arindam Banerjee/23RF/EasyPix

Um forte terremoto de magnitude 7 devastou o Haiti no dia 12 de janeiro de 2010. O epicentro foi a poucos quilômetros da capital, Porto Príncipe. Este terremoto deixou um saldo de pelo menos 300 mil pessoas mortas, 300 mil pessoas feridas, 4 mil foram amputadas e um milhão de desabrigados.



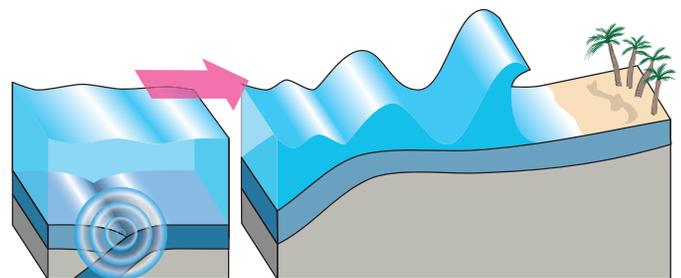
Em 2011, o Japão foi atingido por um terremoto de magnitude de 9 graus na escala Richter, desencadeando um *tsunami* com ondas de até 10 metros de altura, que atingiram a costa nordeste, sobretudo a cidade de Sendai. Este terremoto foi considerado o pior terremoto da história do Japão e o quarto pior já registrado no mundo.

Tsunami

Quando o abalo sísmico ocorre no mar (maremoto) traz como consequência um *tsunami* (japonês – onda de porto), que são ondas decorrentes do deslocamento de um grande volume de água causado, não somente por sismos, mas também por erupções vulcânicas, deslizamento de terras ou outras possibilidades, como explosões submarinas ou impactos de corpos siderais. Os *tsunamis* têm uma pequena amplitude em alto mar e um comprimento de onda muito longo, sendo por isso que, geralmente, passam despercebidos no mar, formando apenas uma ligeira ondulação acima da superfície do mar. Quando atingem o continente, essa onda ganha amplitude e invade as regiões continentais.

A Universidade da Califórnia defende a ideia que uma erupção do vulcão Cumbre Vieja, situado nas Ilhas Canárias, poderia lançar uma rocha do tamanho de uma ilha no Atlântico, provocando um mega *tsunami* com velocidade de até 700 quilômetros por hora e ondas de mais de 50 metros de altura. Esse evento de grande magnitude atingiria os Estados Unidos, África e até mesmo o Nordeste do Brasil. Contudo, muitos especialistas contestam tal previsão, pois uma nova erupção do vulcão Cumbre Vieja pode levar milhares de anos para ocorrer.

Do mar à praia: o poder intenso da onda



- Tremor no solo oceânico provoca ondas iniciais de 0,5 metro
- As ondas ganham velocidade e altura
- Tremor no solo oceânico provoca ondas iniciais de 0,5 metro

Alto-mar: uma onda pode ter 160 quilômetros de comprimento e atingir 800 km/h.

Costa: onda atinge velocidade de cerca de 48 km/h, e pode chegar a 30 metros de altura ou mais.



No dia 26 de dezembro de 2004, um terremoto de magnitude 9.3, no limite das placas tectônicas australiana e eurásiana, provocou um tsunami com ondas de 30 metros. O tsunami asiático deixou um saldo de mais de 230 mil mortos e 1 milhão de habitantes da costa sem moradia, destruindo suas comunidades. As ondas deste tsunami atravessaram o Pacífico e o Atlântico.



Exercícios de Fixação

01. (Enem/2017) O terremoto de 8,8 na escala Richter que atingiu a costa oeste do Chile, em fevereiro, provocou mudanças significativas no mapa da região. Segundo uma análise preliminar, toda a cidade de Concepción se deslocou pelo menos três metros para o oeste. Buenos Aires moveu-se cerca de 2,5 centímetros para oeste, enquanto Santiago, mais próxima do local do evento, deslocou-se quase 30 centímetros para o oeste-sudoeste. As cidades de Valparaíso, no Chile, e Mendoza, na Argentina, também tiveram suas posições alteradas significativamente (13,4 centímetros e 8,8 centímetros, respectivamente).

Revista InfoGNSS, Curitiba, ano 6, n. 31, 2010.

No texto, destaca-se um tipo de evento geológico frequente em determinadas partes da superfície terrestre. Esses eventos estão concentrados em

- A) áreas vulcânicas, onde o material magmático se eleva, formando cordilheiras.
- B) faixas costeiras, onde o assoalho oceânico recebe sedimentos, provocando tsunamis.
- C) estreitas faixas de intensidade sísmica, no contato das placas tectônicas, próximas a dobramentos modernos.
- D) escudos cristalinos, onde as rochas são submetidas aos processos de intemperismo, com alterações bruscas de temperatura.
- E) áreas de bacias sedimentares antigas, localizadas no centro das placas tectônicas, em regiões conhecidas como pontos quentes.

- Leia a letra da canção *Chão*, de Lenine e Lula Queiroga, para responder às questões **02** e **03**.

Chão chega perto do céu,
Quando você levanta a cabeça e tira o chapéu.

Chão cabe na minha mão,
O pequeno latifúndio do seu coração.

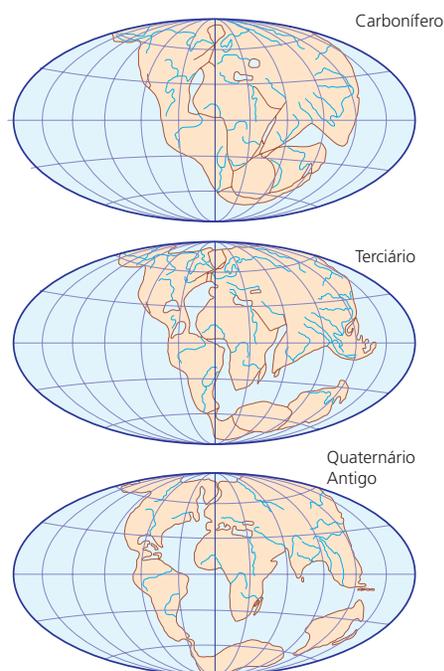
Chão quando quer descer,
Faz uma ladeira.

Chão quando quer crescer,
Vira cordilheira.

Chão segue debaixo do mar,
O assoalho do planeta e do terceiro andar.
Chão onde a vista alcançar,
Todo e qualquer caminho pra percorrer e chegar.
Chão quando quer sumir,
Se esconde num buraco.
Chão se quer sacudir,
Vira um terremoto.
O chão quando foge dos pés,
Tudo perde a gravidade,
Então ficaremos só nós,
A um palmo do chão da cidade.

Disponível em: <www.lenine.com.br>. Adaptado.

- 02.** A quarta estrofe da canção faz alusão ao processo tectônico denominado
- A) assoreamento.
 - B) orogênese.
 - C) diagênese.
 - D) ablação.
 - E) lixiviação
- 03.** O termo "terremoto", presente na oitava estrofe da canção, é definido como
- A) liberação de energia na crosta produzida pelo atrito entre placas tectônicas identificadas em margens continentais passivas.
 - B) efusão de material magmático na crosta ejetado de conduto cilíndrico identificado em faixas de estabilidade tectônica.
 - C) acumulação de tensões na crosta derivadas do desgastes mecânico de rochas sob a ação de forças exógenas.
 - D) propagação de ondas mecânicas na crosta derivadas da ruptura de rochas submetidas a esforços tectônicos.
 - E) geração de vibrações sísmicas na crosta produzidas pelo mergulho de placa continental sob a placa oceânica ao longo do plano de subducção.
- 04.** (Fuvest/2019) A Litosfera é fragmentada em placas que deslizam, convergem e se separam umas em relação às outras à medida que se movimentam sobre a Astenosfera. Essa dinâmica compõe a Tectônica de Placas, reconhecida inicialmente pelo alemão Alfred Wegener, que elaborou a teoria da Deriva Continental no início do século XX, tal como demonstrado a seguir.

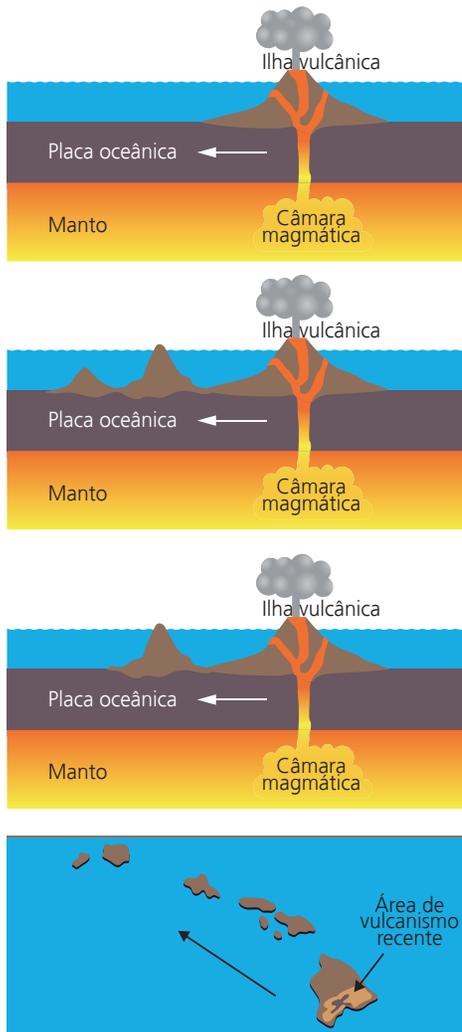


Wenger, A. *The Origin of Continents and Oceans*, 1924. Adaptado.

As bases da teoria de Wegener seguiram inúmeras evidências deixadas na superfície dos continentes ao longo do tempo geológico. Considerando as figuras e seus conhecimentos, indique o fator básico que influenciou o raciocínio de Wegener.

A) As repartições internas atuais dos continentes no Hemisfério Norte.
 B) A continuidade dos sistemas fluviais entre América e África.
 C) As ligações atuais entre os continentes no Hemisfério Sul.
 D) A semelhança entre os contornos da costa sul-americana e africana.
 E) A distribuição das águas constituindo um só oceano.

05. Observe a sequência de imagens para responder à questão.



TEIXEIRA, Wilson. et al. *Decifrando a Terra*. 2000.

Com base em conhecimentos acerca da tectônica global, assinale a alternativa que nomeia e explica o fenômeno responsável pela formação das ilhas vulcânicas, esquematizando na sequência.

- A) Subducção: parte mais fria e velha de uma placa mergulha por debaixo de outra placa menos densa.
- B) Obducção: deslocamento de partes da crosta oceânica sobre uma continental.
- C) Hot spots: atividades magmáticas ligadas a porções ascendentes de plumas do manto.
- D) Epirogenia: ascendência de parte da crosta continental devido a fraturas.
- E) Convecção: ascendência de material magmático do manto para a superfície da crosta.



Exercícios Propostos

01.

Texto I

“Processo decorrente de movimentos tectônicos horizontais na crosta terrestre que provocam a formação de montanhas por meio de dobramentos da crosta.”

Texto II

“Correspondem aos movimentos verticais da crosta terrestre, os quais produzem o soerguimento ou a subsidência de enormes áreas continentais ao longo do tempo.”

Geografia – Livro 1 – 1ª serie - Sistema Mackenzie de Ensino - 2015

Os textos I e II fazem referência aos dois tipos básicos de movimentos tectônicos. Escolha a alternativa que apresente correta e respectivamente os conceitos descritos.

- A) Tectonismo – Subducção.
- B) Orogênese – Epirogênese.
- C) Epirogênese – Tectonismo.
- D) Obducção – Subducção.
- E) Subducção – Tectonismo.

02.

TERREMOTO DO MÉXICO É UM DOS MAIS FORTE JÁ OCORRIDOS NA AMÉRICA LATINA

Os três estados mexicanos mais atingidos foram Oaxaca, Chiapas e Tabasco. A terra tremeu também em Guatemala e El Salvador.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/09/terremoto-do-mexico-e-um-dos-mais-fortes-ja-ocorridos-na-america-latina.html>>. Acesso em: 9 set. 2017.

Terremoto no México

Tremor atingiu 8,1 de magnitude e deixou vários mortos



Fonte: Google Maps
 Infográfico elaborado em: 08/09/2017

Considerando as informações jornalísticas citadas e seus conhecimentos a respeito da fragmentação da litosfera terrestre e suas dinâmicas, julgue as afirmações a seguir.

- I. A maior parte do território mexicano encontra-se sobre a placa tectônica Norte-Americana;
- II. Os limites existentes entre as placas de Nazca e Cocos são chamados de divergentes, uma vez que estão em contínuo afastamento uma da outra;

III. As cadeias montanhosas mexicanas Sierra Madre Ocidental e Oriental, datam da Era Geológica Pré-Cambriana.

Assinale se

- A) apenas a afirmação I está correta.
- B) apenas as afirmações I e II estão corretas.
- C) apenas as afirmações I e III estão corretas.
- D) apenas as afirmações II e III estão corretas.
- E) as afirmações I, II e III estão corretas.

03. (PUC-SP/2015) “O tempo vem desgastando lentamente a paisagem das terras planas do interior de Minas Gerais e São Paulo. O planalto que abriga a bacia do São Francisco, rio que nasce no sudoeste de Minas Gerais e corre em direção ao nordeste até Pernambuco, está paulatinamente encolhendo pelo recuo das escarpas que formam sua borda. No último 1,3 milhão de anos, esse planalto perdeu área para uma região vizinha situada a altitudes menores, onde se assenta a bacia do rio Doce.”

NOGUEIRA, Salvador. *A dança das bacias*. São Paulo: Pesquisa Fapesp, Janeiro de 2013. p. 51

A transformação notada pode ser explicada como resultante

- A) do movimento de oscilação da placa tectônica sul-americana, que na escala de tempo da natureza sofre eventuais soerguimentos.
- B) de um processo erosivo acelerado produzido pelo aumento do volume das águas da bacia do Rio São Francisco, em consequência de mudanças climáticas na região.
- C) de um processo de erosão ou denudação muito lento ou, melhor dizendo, dentro de uma temporalidade que é a da natureza, cuja escala torna o tempo humano irrisório.
- D) do desmatamento realizado pelo ser humano nos vales da bacia do Rio São Francisco, que facilitou a aceleração do processo de denudação.

04. (Fuvest) Do ponto de vista tectônico, núcleos rochosos mais antigos, em áreas continentais mais interiorizadas, tendem a ser os mais estáveis, ou seja, menos sujeitos a abalos sísmicos e deformações. Em termos geomorfológicos, a maior estabilidade tectônica dessas áreas faz com que elas apresentem uma forte tendência à ocorrência, ao longo do tempo geológico, de um processo de

- A) aplainamento das formas de relevo, decorrente do intemperismo e da erosão.
- B) formação de depressões absolutas, gerada por acomodação de blocos rochosos.
- C) formação de *canyons*, decorrente de intensa erosão eólica.
- D) produção de desníveis topográficos acentuados, resultante da contínua sedimentação dos rios.
- E) geração de relevo serrano, associada a fatores climáticos ligados à glaciação.

05. (PUC-SP) No século XX, muitas dúvidas sobre a estrutura de nosso planeta começaram a ser explicadas de forma convincente e sedutora. Uma das teorias mais importantes que vão nessa direção é a célebre Teoria da Deriva Continental. Verificando que os contornos da América do Sul e da África correspondiam, Alfred Wegener, geofísico alemão, admitiu a hipótese de um continente único (Pangeia), no passado, que teria se dividido em duas partes, devido ao movimento de deslocamento das massas sólidas sobre massas líquidas. Essa hipótese abre caminho para a Teoria das Placas Tectônicas. Assim, juntando-se a Teoria da Deriva Continental à Teoria das Placas Tectônicas, temos o apoio explicativo para um conjunto de fenômenos de nosso planeta.

Assinale a alternativa incorreta.

- A) A Teoria da Deriva Continental ajuda, em muitos casos, a explicar as semelhanças e as diferenças de espécies animais e vegetais distribuídos nos cinco continentes do planeta.
- B) A Teoria das Placas Tectônicas explica a gênese dos dobramentos modernos (Andes, montanhas rochosas, Himalaia etc.), que teriam ocorrido a partir do choque dessas placas.
- C) Apoiado na teoria das placas tectônicas, o entendimento da dinâmica dos terremotos se torna mais claro, assim como a identificação das áreas mais afeitas a essas ocorrências.
- D) A divisão do continente único até a configuração atual modificou a distribuição das superfícies sólidas e líquidas do planeta, resultando em mudanças climáticas ao longo do tempo.
- E) Os processos erosivos que esculpem os relevos, dando-lhes as formas conhecidas no interior dos continentes, são explicadas, fundamentalmente, com base na Teoria das Placas Tectônicas.

06. (Enem) No mapa, é apresentada a distribuição geográfica de aves de grande porte e que não voam.



Há evidências mostrando que essas aves, que podem ser originárias de um mesmo ancestral, sejam, portanto, parentes. Considerando que, de fato, tal parentesco ocorra, uma explicação possível para a separação geográfica dessas aves, como mostrada no mapa, poderia ser

- A) a grande atividade vulcânica, ocorrida há milhões de anos, que eliminou essas aves do Hemisfério Norte.
- B) na origem da vida, essas aves eram capazes de voar, o que permitiu que atravessassem as águas oceânicas, ocupando vários continentes.
- C) o ser humano, em seus deslocamentos, transportou essas aves, assim que elas surgiram na Terra, distribuindo-as pelos diferentes continentes.
- D) o afastamento das massas continentais, formadas pela ruptura de um continente único, dispersou essas aves que habitavam ambientes adjacentes.
- E) a existência de períodos glaciais muito rigorosos, no Hemisfério Norte, provocou um gradativo deslocamento dessas aves para o Sul, mais quente.

07. (Enem) “O continente africano há muito tempo desafia geólogos porque toda a sua metade meridional, a que fica ao Sul, ergue-se a mais de 1000 metros sobre o nível do mar. (...) Uma equipe de pesquisadores apresentou uma solução desse desafio sugerindo a existência de um esguicho de lava subterrânea empurrando o planalto africano de baixo para cima.”

Revista *Superinteressante*. São Paulo: Abril, novembro 1998, p.12. Adaptado.

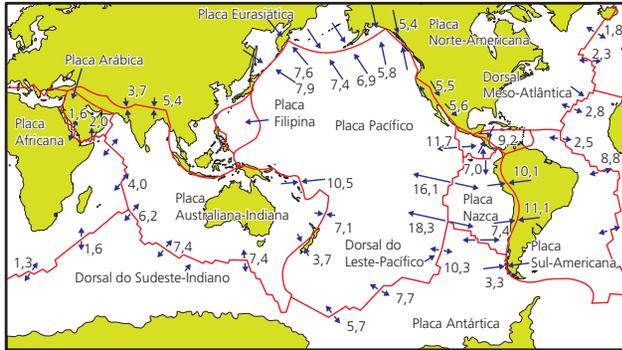
Considerando a formação do relevo terrestre, é correto afirmar, com base no texto, que a solução proposta é

- A) improvável, porque as formas do relevo terrestre não se modificam há milhões de anos.
- B) pouco fundamentada, pois as forças externas, como as chuvas e o vento, são as principais responsáveis pelas formas de relevo.

- C) plausível, pois as formas do relevo resultam da ação de forças internas e externas, sendo importante avaliar os movimentos mais profundos no interior da Terra.
- D) plausível, pois a mesma justificativa foi comprovada nas demais regiões da África.
- E) injustificável, porque os movimentos mais profundos no interior da Terra não interferem nos acidentes geográficos que aparecem na sua superfície.

08. (Unesp) Analise o mapa.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS PLACAS TECTÔNICAS DA TERRA



Os números representam as velocidades em cm/ano entre as placas, e as setas, os sentidos dos movimentos.

Os terremotos que abalaram o Haiti, em Janeiro, e o Chile, em fevereiro, atingiram, respectivamente, 7,0 e 8,8 graus na escala Richter. A explicação para esses terremotos é o fato de que ambos os países

- A) estão posicionados no centro das placas tectônicas.
- B) estão localizados em áreas que raramente sofrem abalos sísmicos, o que torna esses eventos catastróficos.
- C) estão situados nos limites convergentes entre placas tectônicas.
- D) têm todo o território situado em arquipélagos formados por cadeias de montanhas vulcânicas submarinas.
- E) estão em áreas de movimento de placas tectônicas divergentes.

09. “É a desintegração das rochas da crosta terrestre pela atuação de processos inteiramente mecânicos. É o processo predominante em regiões áridas, de precipitação anual muito baixa, tais como desertos e zonas glaciais. Nestas regiões de condições climáticas extremas a desagregação das rochas é controlada por variações bruscas de temperatura, insolação, alívio de pressão, crescimento de cristais, congelamento etc.”

Disponível em: <<http://www.ebah.com.br>>

A definição anterior corresponde ao(a)

- A) intemperismo físico, no Brasil, sua ação é predominantemente no Sertão Nordestino.
- B) intemperismo químico, muito comum na Amazônia.
- C) intemperismo físico, típico de ambientes, como os mares de morros florestados.

D) laterização, processo químico, típico da região centro-oeste do Brasil.

E) intemperismo químico, muito comum no norte do Canadá, norte da Rússia e centro da África.

10. (UERJ/2012) “As curvas de nível (ou isoipsas) são linhas que unem os pontos do relevo que têm a mesma altitude. Traçadas no mapa, permitem a visualização tridimensional do relevo.”

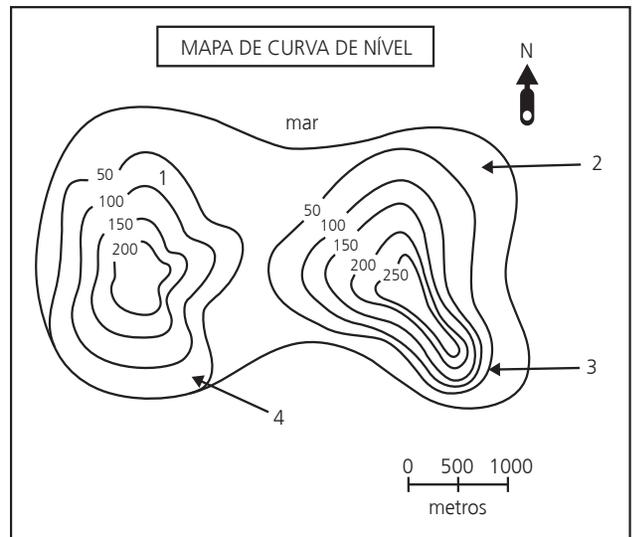
Moreira, J. C. & Sene E. *Geografia: ensino médio* – volume único. São Paulo: Scipione, 2005.

Figura 1



Disponível em: <<http://centrodeestudosambientais>>.

Figura 2



Disponível em: <<http://centrodeestudosambientais>>.

As curvas de nível são muito utilizadas em mapas topográficos para determinar a declividade e a variação de altura, sendo um importante instrumento para a implantação de loteamentos e estradas, para evitar problemas como o demonstrado na figura 1. Analisando o mapa topográfico (figura 2), em qual localidade o problema destacado na figura 1 será mais frequente?

- A) 1
- B) 2
- C) 3
- D) 4



Fique de Olho

Aula
10

Geomorfologia II
(Agentes Externos do Relevo)

C-6 H-29

Escala de Richter

12	Destruição total: "ondas" vistas na superfície do solo; cursos de rios alterados; visão distorcida
11	Trilhos ferroviários dobram-se; estradas abrem fendas; grandes fendas aparecem no solo; caem rochas
10	A maioria dos edifícios destruída; grandes desabamentos; água lançada para fora dos rios
9	Pânico geral; danos em fundações; areia e lama brotam do solo
8	Condução de automóvel afetada; chaminés caem; árvores partem-se; fendas no solo molhado
7	Difícil manter-se de pé; estuque, tijolos e mosaicos caem; sinos grandes tocam
6	Pessoas andam com instabilidade; janelas partem-se; quadros caem das paredes
5	Portas abrem-se; líquido entorna-se dos copos; pessoas adormecidas acordam
4	Pratos chacoalham; carros balançam; árvores tremem
3	As casas tremem; objetos pendurados balançam
2	Pessoas paradas nos andares altos sentem o tremor
1	Vibrações são registradas por instrumentos

Escala de Richter

Descrição dos 12 graus da escala de Mercalli:

1. Não sentido.
2. Sentido por pessoas em repouso ou em andares superiores de prédios altos.
3. Há vibração leve, e objetos pendurados balançam.
4. Há vibração moderada, como a causada por máquinas fazendo terraplanagem, as janelas e louças chacoalham e os carros balançam.
5. Sentido fora de casa, capaz de acordar pessoas. Pequenos objetos e quadros caem.
6. Sentido por todos, provoca deslocamento de mobílias e danos, como quebra de louças e vidraças e rachaduras em rebocos.
7. Percebido por pessoas que estão dirigindo; quem sente tem dificuldade em permanecer de pé. Chaminés, ornamentos arquitetônicos e mobílias se quebram. Sinos de igrejas tocam. Há grandes rachaduras em rebocos e alvenarias, algumas casas desabam.
8. Galhos e troncos se quebram. Solos úmidos sofrem rachaduras. Torres de água elevadas e monumentos, por exemplo, são destruídos. Estruturas de tijolo, casas de madeira frágeis, obras de irrigação e diques sofrem graves danos.
9. Há rachaduras em solos, causando crateras de areia. Construções de alvenaria não armada desabam e estruturas de concreto frágeis e tubulações subterrâneas sofrem danos.
10. Desabamentos e rachaduras aparecem muito espalhados no solo. Há destruição de pontes, túneis e algumas estruturas de concreto armado. Há danos na maioria das alvenarias, barragens e estradas de ferro.
11. Solos sofrem distúrbios permanentes.
12. Dano quase total

Seção Videoaula



Geomorfologia - Agentes Internos

Agentes externos

Os agentes externos, denominados também de exógenos, exodinâmicos ou esculturais, são aqueles que atuam de forma lenta e gradual ao longo das eras geológicas, agindo de fora para dentro da superfície terrestre e provocando o modelamento do relevo. Atuam incessantemente sobre o relevo terrestre e conseguem modificar sensivelmente a paisagem geomorfológica através dos processos de intemperismo e erosão.

Intemperismo

Intemperismo ou meteorização é um conjunto de processos que resultam em alterações físicas (desagregação) e químicas (dissolução) das rochas e de seus minerais, quando expostas às intempéries climáticas. É um agente de suma importância para a dinâmica do planeta, pois desencadeia a etapa inicial do processo erosivo, que pode resultar na formação das estruturas sedimentares, contendo hidrocarbonetos, e na formação do regolito, que, em estágio mais avançado, formará o solo agricultável.

Intemperismo físico

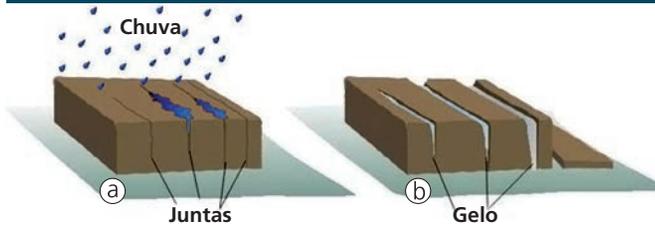
Denominado também de mecânico, ocorre nas regiões de pouca umidade do planeta, provocando desagregação ou desintegração das rochas sem que ocorra a alteração química dos minerais que o constituem. Nas regiões de acentuada amplitude térmica, como em ambiente desértico, ocorre o processo de termoclastia, no qual as rochas sofrem dilatações, quando aquecidas, e contrações, quando resfriadas. Esse processo leva ao fadigamento de sua estrutura, que, ao atingir o seu ponto de tensão, provoca o aparecimento de fissuras e fragmentação, devido aos diferentes coeficientes de dilatações dos minerais.



Processo de termoclastia

Já a crioclastia é comum em ambientes frios, onde, no período do verão, a água ao infiltrar nas fraturas e fissuras das rochas, contendo sais dissolvidos (principalmente cloretos, sulfatos e carbonatos), sofre um posterior congelamento no inverno. Ao congelar, a água aumenta o seu volume em 9%, exercendo grande pressão sobre as paredes da rocha e provocando a sua fragmentação.

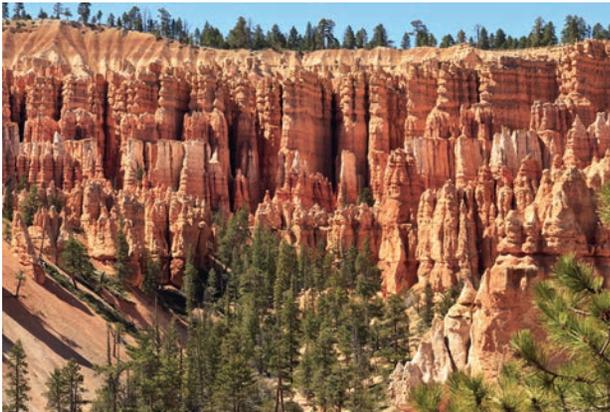
INTEMPERISMO FÍSICO



Fragmentação por ação do gelo. A água líquida ocupa as fendas da rocha (a) que, posteriormente congelada, expande e exerce pressão nas paredes (b).

Intemperismo químico

Ocorre em ambientes úmidos, devido à ação da água da chuva, que contém elementos atmosféricos, como o CO_2 , e apresenta características ácidas. Essa umidade atinge as rochas ou sedimentos expostos à superfície ou em suas fraturas, provocando a alteração química dos seus minerais constituintes, dando origem a outros tipos de minerais. O intemperismo químico ocorre principalmente nas regiões intertropicais, onde os índices pluviométricos são acentuados, atuando através das reações de hidratação, dissolução, hidrólise, carbonatação e oxidação.



Colin Young/123RF/Getty Images

Intemperismo biológico

É causado pela ação de seres vivos, e ocorre de forma direta ou indireta na intemperização das rochas. É considerado um processo de natureza físico/química, no qual os vegetais desempenham um papel fundamental, em que as suas raízes penetram nas fendas, provocando o alargamento ou fraturamento das paredes rochosas. As raízes também conduzem água e liberam ácidos, promovendo a dissolução química. Os animais escavadores também contribuem com esse processo, pois, ao escavar galerias, facilitam a penetração da água no solo.



Bicouze Stephanie/123RF/Getty Images

Erosão

Erosão é o conjunto de processos que promove alteração da superfície do planeta pela ação de agentes exógenos, através do desgaste, transporte e sedimentação de materiais intemperizados. O estudo dos processos erosivos é de suma importância, pois, segundo estimativas da ONU, anualmente, cerca de 75 bilhões de toneladas de solos férteis são perdidos, devido ao emprego de técnicas não conservacionistas de ocupação e manejo do solo. Agravando ainda mais os índices de fome, desnutrição e pobreza em várias regiões do globo e pressionando cada vez mais a agricultura a obter melhores resultados.

É importante salientar que, para cada tipo climático, haverá um tipo específico de erosão, variando conforme o agente que atua.

Erosão pluvial

É provocada pela água da chuva, sendo predominante na porção intertropical do planeta, onde os índices pluviométricos são acentuados. Sua ação é lenta e gradual, mas pode ser acelerada devido à retirada da cobertura vegetal. As plantas diminuem a velocidade de escoamento da água; a copa dos vegetais atua como um grande anteparo, evitando que as gotas de água da chuva incidam diretamente sobre a superfície; as raízes fixam o solo, evitando o seu carreamento e favorecendo a infiltração da água. Sem vegetação, o escoamento superficial supera a infiltração da água, provocando como consequência os fenômenos do ravinamento, voçorocas, assoreamento e enxurradas.

• Ravinas



Deleif Weber/123RF/Getty Images

São sulcos escavados no solo, à medida que o fluxo de água avança pela superfície, em áreas desprovidas de cobertura vegetal.

• Voçorocas



Jose Reynaldo da Fonseca/GNUWikimedia Foundation

O processo de ravinamento pode atingir o lençol freático, formando grandes buracos denominados de voçorocas ou voçorocas, que avançam de forma rápida, difícil de controlar, pois não dependem mais das águas pluviais para crescerem.

• Assoreamento dos rios



HVL CC BY 3.0/Wikimedia Foundation

É o entupimento do leito de um rio devido à retirada da mata ciliar, o que provoca o transbordamento de suas margens.

• Enxurradas



Tomasz Pajtasz/123RF/Esaypix

É um curso de água com um caudal rápido e irregular, resultado de chuvas abundantes e um relevo de forte inclinação.

Erosão fluvial

É provocada pela ação das águas correntes dos rios. Difere da erosão pluvial, pois ocorre em maior escala e de forma mais prolongada. Quanto maior for a vazão e a inclinação do leito do rio, maior será o poder erosivo, provocando alterações ao longo do curso, através de três processos distintos: erosão, que consiste no escavamento do leito; transporte dos materiais erodidos (aluviões); sedimentação dos materiais transportados resulta na formação de planícies flúvio-marinhas e deltas fluviais.



Alessandro Bolis/123RF/Esaypix

Erosão fluvial Grand Canyon, Colorado (EUA)

O curso do rio pode ser dividido em três partes distintas: alto curso (juventude), no qual a inclinação acentuada faz aumentar o poder de erosão, formando os *canyons*; médio curso (maturidade), no qual a inclinação é amenizada, ocorrendo a redução do poder erosivo; baixo curso (velhice), no qual a inclinação do terreno torna-se quase nula e prevalece a sedimentação de materiais.



Evolução (ou transformação) da área de uma bacia hidrográfica por processos naturais: Erosão fluvial



Erosão glacial

Ocorre nas regiões de elevadas latitudes, em particular nas zonas polares e subpolares, onde são encontrados os glaciares ou geleiras, formados devido ao acúmulo das camadas de neve, que, sob pressão, acaba se transformando em gelo. O deslocamento, pela ação da gravidade, dessa gigantesca massa gélida e com enorme capacidade de transporte provoca profundos desgastes das rochas, formando vales em forma de "U" ou de "V", estes últimos denominados de fiordes. Os materiais sedimentados transportados pelas geleiras são chamados morenas ou morainas. No período do verão pode ocorrer a penetração da água nas reentrâncias das rochas, que congela quando chega o inverno, sofrendo dilatação. Isso pressiona as paredes, rompendo a rocha e fragmentando-a em partes.



Andrey Kiselev/123RF/Esaypix

Geleira



Elena Zanubina/123RF/EasyPix

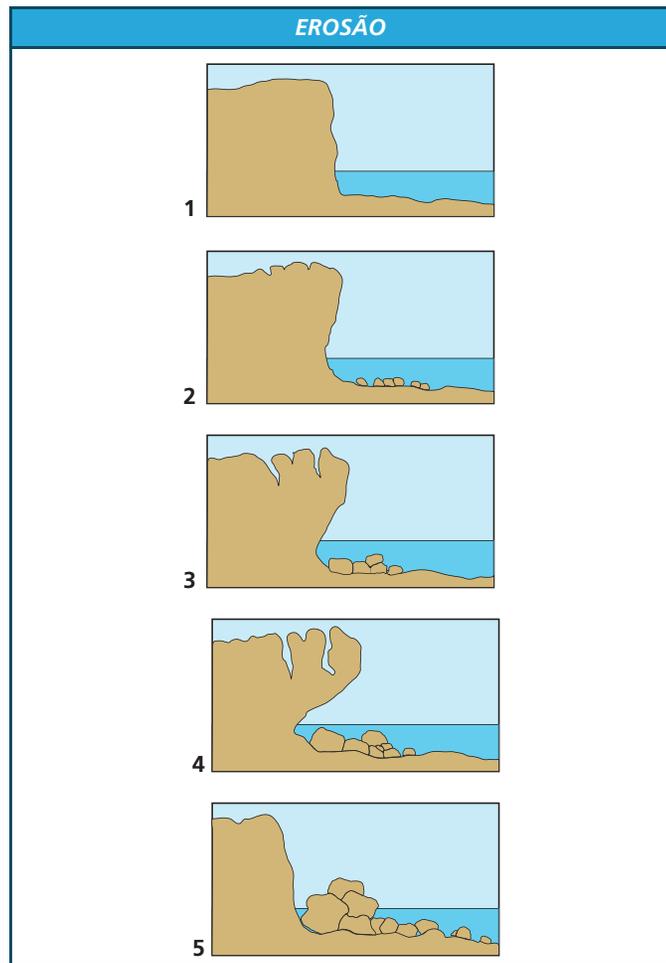
Fiorde

Erosão marinha ou abrasão

É o incessante trabalho de desgaste do relevo continental pela ação das ondas, das correntes marítimas ou das marés. Esse processo pode gerar a destruição ou construção do relevo.

Destruição

A ação prolongada das ondas atinge a base dos paredões rochosos do litoral, causando o solapamento de blocos de rochas, dando origem às falésias. No Rio Grande do Sul, no município de Torres, são encontradas falésias formadas por rochas cristalinas, e no litoral da região Nordeste encontramos as barreiras formadas por rochas sedimentares.



A construção marinha é responsável pela formação de acidentes geográficos, como as praias, restingas, tómbolos, lagoas e lagunas.

Construção

- **Praia**



Eider Salles/123RF/EasyPix

As praias são formadas nas áreas protegidas da costa, onde as correntes litorâneas exercem uma menor força, ocasionando a acumulação de areia ou cascalho.

- **Restingas**



Iamara Kulkova/123RF/EasyPix

As restingas são cordões de areia que se acumulam paralelamente à costa. Se a restinga fecha uma praia ou enseada, poderá formar uma lagoa ou uma laguna.

- **Tômbolo**



Pierre-Yves Babelon/123RF/EasyPix

Já os tómbolos são bancos de areia que se depositam entre a costa e uma ilha, formando uma península.

Erosão eólica

É provocada pela ação do vento. Entre os vários tipos existentes de erosão, esse é o agente com menor poder de transformação, pois só pode mover partículas pequenas e próximas do solo. Mesmo assim, os sedimentos podem ser levados a distâncias enormes, a milhares de quilômetros de seu lugar de origem, e já se constatou a presença de areias provenientes do deserto do Saara (África) na Amazônia brasileira. A ação erosiva do vento atinge o ponto máximo nas zonas áridas, litorais e de pouca vegetação, e pode tanto construir (acumulação eólica) como destruir uma forma de relevo. A erosão eólica tem dois mecanismos diferentes:

- **Deflação** – ocorre pela ação direta do vento, fazendo uma espécie de varredura do relevo, retirando partículas soltas e promovendo o rebaixamento do terreno. As dunas encontradas no litoral nordestino são o principal exemplo desse trabalho.



Lençóis maranhenses

- **Corrosão** – ocorre pelo impacto das partículas de areia transportadas pelos ventos contra as superfícies das rochas, polindo-as.

Erosão antrópica

É causada pela ação dos seres humanos, muitas vezes de forma inconsciente, na ocupação de zonas impróprias para a construção de habitações, como morros de alta declividade, provocando escorregamentos de solos; a impermeabilização excessivas de áreas urbanas, dificulta a infiltração das águas pluviais e favorece o escoamento superficial, promovendo as inundações; a retirada da cobertura vegetal para o plantio agrícola, resultando no aumento da erosão e provocando o ravinamento, voçorocas e assoreamento dos rios.

A urbanização ocorrida no Brasil aconteceu de forma acelerada, sem o devido planejamento e sem respeitar as características naturais do relevo. Em diversas partes do território, são comuns os deslizamentos de terra e as enchentes urbanas, provocando verdadeiras tragédias, em particular para as populações de baixa renda.

Os deslizamentos de terra ocorrem nas regiões de encosta com acentuada declividade e elevada incidência pluviométrica. A retirada da cobertura vegetal e a construção de moradias em áreas de risco tornam o solo desprotegido e sujeito ao escorregamento. Essa ocorrência é mais comum na região Sudeste do Brasil, no domínio morfoclimático dos Mares de Morros cristalinos, provocando tragédias de grandes proporções como a ocorrida em 2011, na Serra Fluminense, precisamente nas cidades de Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo, onde morreram 916 pessoas, na maior tragédia natural de toda a história do Brasil.

As matas ciliares que acompanham e protegem o curso do rio são capazes de absorver a água das chuvas e evitar o carregamento de grandes quantidades de sedimentos para o leito. A retirada dessa cobertura vegetal provoca o assoreamento do canal e o posterior transbordamento em direção das margens. A ocupação irregular da

região de ribeira, a impermeabilização excessiva do solo, o acúmulo de lixo em avenidas e bueiros potencializam as enchentes urbanas.



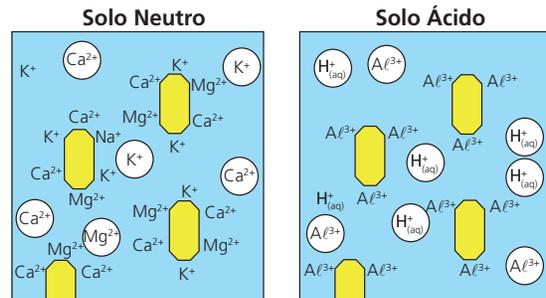
Valter Campanato/ABR

Teresópolis, 2011 – Áreas da cidade atingidas pelas fortes chuvas que causaram deslizamentos de terra na região serrana do Rio de Janeiro.



Exercícios de Fixação

01. (Unesp)



- Fase líquida (solução do solo)¹
- Coloides² minerais e orgânicos

- Ca²⁺ Mg²⁺ K⁺ Cátions básicos de cálcio, potássio e magnésio dissociados
- Ca²⁺, K⁺, Mg²⁺ Cátions básicos de cálcio, potássio e magnésio adsorvidos
- H⁺(aq) Al³⁺ Cátions ácidos de hidrogênio e alumínio dissociados
- Al³⁺ Cátions de alumínio adsorvidos

¹ solução do solo: água do solo associada a pequenas e variáveis quantidades de sais minerais, oxigênio e dióxido de carbono.
² colóide: partícula com tamanho médio entre 1 e 100 nanômetros.

Se nos coloides do solo predominarem as cátions básicos, a solução do solo terá um pH próximo ao neutro. Se, ao contrário, ali predominarem o hidrogênio e o alumínio, na solução do solo também predominarão esses cátions, tornando-a ácida.

LEPSCH, Igo F. *Formação e conservação dos solos*, 2002. Adaptado.

O processo de acidificação do solo é predominantemente em áreas de

- A) clima árido, em que ocorre maior intemperismo físico.
- B) clima intertropical, em que os cátions ácidos são absorvidos pelas plantas.
- C) clima polar, em que ocorre menor intemperismo químico.
- D) clima temperado, em que ocorre o processo de mineralização, formando húmus.
- E) clima temperado, em que ocorre a lixiviação dos cátions básicos.

02. (PUC-SP/2015) Nosso planeta é marcado por grande diversidade geográfica e as diferenças permanecem sendo produzidas. Considerando as forças dessa dinâmica, os processos naturais e a ação humana, podemos dizer que

- A) por ter uma intensidade e escala menores, a ação humana, embora deva ser cada vez mais cuidadosa em relação às condições ambientais do planeta, não tem condições de perturbar os sistemas naturais mais abrangentes, como o clima e o ciclo hidrológico.
- B) o sistema natural que mais gera diversidade no planeta encontra-se no âmbito da biosfera e é responsável pelas formações vegetais; essas, por sua vez, representam uma das condições naturais mais resistentes à perturbação provocada pela ação humana.
- C) o tempo dos processos naturais é muito mais longo que o das ações humanas. Por exemplo, enquanto a abertura dos oceanos durou cerca de 200 milhões de anos, as ações humanas foram (e são) muito mais curtas e recentes.
- D) o tempo de produção de uma grande metrópole não é um tempo longo apenas em referência às próprias temporalidades do humano; ele já pode ser considerado um tempo que começa a equivaler ao dos processos naturais abrangentes.
- E) o poder de transformação da superfície terrestre pelo ser humano tem a mesma escala que os processos naturais, além do que, os seres humanos atuam de forma mais intensa em escalas geográficas menores.

03. (Fuvest/2018) O conceito de erosão apresenta definições mais amplas ou mais restritas. A mais abrangente envolve os processos de denudação da superfície terrestre de forma geral, incluindo desde os processos de intemperismo de todos os tipos até os de transporte e deposição de material. Outro conceito, mais restrito, envolve apenas o deslocamento do material intemperizado, seja solo ou rocha, por agentes de transporte como a água corrente, o vento, o gelo ou a gravidade, produzindo formas erosivas características.

FAIRBRIDGE, R. *The Encyclopedia of Geomorphology*, 1968. Adaptado.

Exemplo de processo ao qual se aplica o conceito mais restrito de erosão é o(a)

- A) formação de rochas.
- B) oxidação de rochas.
- C) formação de sulcos no solo.
- D) formação de concreções no solo.
- E) vulcanismo da crosta.

04. (IFMT - Adaptada)

“A erosão acelerada não é uma coisa nova, ela acompanha a agricultura desde o seu início, há 4.000 ou 5.000 anos a.C., nos vales do Eufrates, Tigre e Nilo, onde, presume-se, tenha sido o berço da agricultura.”

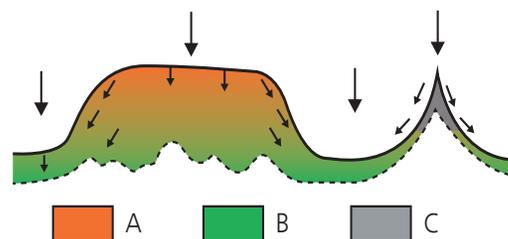
CONCIANI, Wilson. *Processos erosivos: conceitos e ações de controle*. Cuiabá: Editora Cefet-MT, 2008. p. 11.

Mesmo que a erosão seja um acontecimento antigo, como citado anteriormente, o tema é sempre atual, trazendo muitos transtornos para as zonas rural e urbana.

Sobre a erosão, suas causas e consequências, é correto afirmar que

- A) é caracterizada pela destruição e transformação de rochas pela ação de agentes que modelam a superfície terrestre, através dos fatores endógenos (clima, rios, correntes marítimas, enxurradas) e de fatores exógenos (animais, homens e vulcanismos).
- B) nas encostas, as águas superficiais escorrem e formam as ravinas ou voçorocas com sulcos laterais inclinados, entretanto só provocam efeitos na superfície dos solos e são facilmente controladas pela ação antrópica.
- C) é parte do processo de degradação do solo, provocando o acúmulo de metais pesados, lixiviação e diminuição de nutrientes; só ocorre com a intervenção do homem, tornando-se um dos mais sérios problemas ecológicos do planeta.
- D) a ação da água como agente de erosão depende da quantidade que cai sobre o solo e da maior ou menor capacidade de infiltração que este solo oferece. A erosão provocada pelo escoamento superficial recebe o nome de erosão laminar ou em lençol.

05. Observe a imagem.



TEIXEIRA, W. *Decifrando a Terra*. 2000.

A figura mostra diferentes situações de relevo que influem diretamente na infiltração das águas e na drenagem interna dos perfis.

Com base em conhecimentos de geomorfologia, assinale a alternativa correta.

- A) Em A, há boa infiltração e boa drenagem, que favorecem o intemperismo físico.
- B) Em B, há boa infiltração e boa drenagem, que desfavorecem o intemperismo químico.
- C) Em C, há boa infiltração e má drenagem, que favorecem o intemperismo químico.
- D) Em B, há má infiltração e má drenagem, que desfavorecem o intemperismo físico.
- E) Em C, há má infiltração e má drenagem, que desfavorecem o intemperismo químico.



Exercícios Propostos

01. [...] causado pela água das chuvas, tem abrangência em quase toda a superfície terrestre, em especial nas áreas com clima tropical, cujos totais pluviométricos são bem mais elevados do que em outras regiões do planeta. O processo tende a se acelerar à medida que mais terras são desmatadas [...] uma vez que os solos ficam desprotegidos da cobertura vegetal e, conseqüentemente, as chuvas incidem direto sobre a superfície dos terrenos.

GUERRA, A. J. T. *Geomorfologia urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

O texto descreve um processo que pode ser acelerado com:

- A) A manutenção da vegetação.
- B) A construção de curvas de nível.
- C) O planejamento urbano e ambiental.
- D) O aumento da matéria orgânica do solo.
- E) A construção nas encostas de morros.

02. (Unicamp) Para compreender as características geomorfológicas de um terreno, é necessário entender a influência dos agentes internos ou endógenos, que definem a estrutura e geram as formas do relevo, e dos agentes externos ou exógenos, que modelam as feições do relevo. O modelamento das feições do relevo é realizado pelos processos de intemperismo físico e químico.

- A) Aponte a ação de quatro fenômenos naturais responsáveis pela alteração do relevo de determinada área: dois que correspondem aos agentes internos e dois que correspondem aos agentes externos.
- B) Explique o que são os processos de intemperismo físico e químico.

03. As variações de temperatura ao longo dos dias e noites nas diferentes estações do ano causam expansão e contração térmica nos materiais rochosos, levados à fragmentação dos grãos minerais. Além disso, os minerais, com diferentes coeficientes de dilatação térmica, comportam-se de forma diferenciada às variações de temperatura, o que provoca deslocamento relativo entre os cristais, rompendo a coesão inicial entre os grãos.

Todos os processos que causam desagregação das rochas, com separação dos grãos minerais antes coesos e com sua fragmentação, transformando a rocha inalterada em material descontínuo e friável, constituem o processo de

- A) intemperismo físico.
- B) laterização.
- C) lixiviação.
- D) formação das voçorocas.

04. (Uece) Às áreas planas oriundas da combinação de processos de deposição fluvial e marinha, geralmente sujeitas a inundações periódicas, sendo revestidas por mangues, dá-se o nome de

- A) planície fluvial.
- B) planície flúvio-lacustre.
- C) planície flúvio-marinha.
- D) planície de erosão.

05. (Enem)



Bidouze Stephanie/123RF/EasyPix

Na imagem, visualiza-se um método de cultivo e as transformações provocadas no espaço geográfico. O objetivo imediato da técnica agrícola utilizada é

- A) controlar a erosão laminar.
- B) preservar as nascentes fluviais.
- C) diminuir a contaminação química.
- D) incentivar a produção transgênica.
- E) implantar a mecanização intensiva.

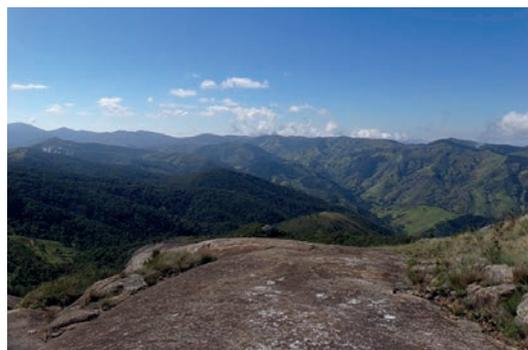
06. (FMTM) Considere os itens a seguir para responder à questão.

- I. Consiste no derramamento do magma na superfície do planeta, o que pode ocorrer através de fendas ou orifícios na crosta. Na superfície, o magma esfria e torna-se sólido, formando uma nova camada rochosa;
- II. Ocorre em função do contato das rochas com as águas e a umidade, ocasionando reações de destruição da rocha original. Sua ação é mais intensa nas regiões tropicais úmidas e equatoriais;
- III. Trata-se da retirada de material rochoso das áreas mais altas do relevo terrestre pela água, que é transportado como materiais em suspensão para as áreas mais baixas e nelas se depositam, formando camadas de sedimentos.

Sobre os agentes modificadores do relevo terrestre, descritos em I, II e III, pode-se afirmar que

- A) todos são agentes externos, ou seja, atuam modificando somente a parte superficial do relevo terrestre.
- B) I é um agente interno, formador do relevo, enquanto II e III são agentes externos esculpidores do relevo.
- C) I e II são agentes internos, por se tratarem de processos de transformações químicas das rochas, enquanto III é um agente erosivo externo.
- D) apenas o agente III é atual, enquanto I e II atuaram no passado, criando as grandes formas do relevo.
- E) são todos agentes erosivos, ou seja, suas ações sobre a superfície destroem o relevo original.

07. (UEL/2006) Analise a imagem e leia o texto a seguir:



Lúdia Costa CC-BY-SA-3.0/Wikimedia Foundation

Vale do Paraíba

“O dinamismo da superfície da Terra é fruto da atuação antagonista de duas forças ou de duas fontes energéticas – as forças endógenas ou internas e as forças exógenas ou externas. Do jogo dessas duas forças opostas resulta toda dinâmica da crosta terrestre ou litosfera. [...] Esse processo de criação de formas estruturais pelas forças endógenas e de esculpturação pelas forças exógenas é permanente ao longo do tempo e do espaço.”

ROSS, Jurandy L.S. (Org.). *Geografia do Brasil*. Edusp: São Paulo, 1995. p. 17.

Com base na imagem, no texto e nos conhecimentos sobre o tema, é correto afirmar que

- A) a orogênese, processo causado pela ação das forças exógenas, é responsável pelo padrão de esculpturação das formas de relevo mostradas na imagem.

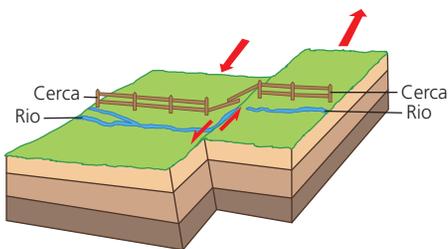
- B) os morros com topos convexos apresentados na imagem são causados pelas forças endógenas próprias de climas áridos, atuantes no sudeste brasileiro.
- C) as formas de relevo apresentadas na imagem decorrem da ação de forças exógenas, relacionadas a climas úmidos, sobre áreas de dobramentos antigos nas quais estão presentes rochas cristalinas.
- D) as formas de relevo presentes na imagem decorrem da predominância do intemperismo físico, força endógena que, por meio da desagregação mecânica, atua sobre as rochas sedimentares da região.
- E) a orogênese, processo decorrente da ação das forças exógenas, é responsável pelo tipo de intemperismo que definiu o modelado do tipo “mares de morro” que a imagem mostra.
08. (Uespi/2011) Um pesquisador, investigando os principais aspectos do meio natural de uma área semiárida do nordeste brasileiro, defrontou-se com a paisagem fotografada e exposta a seguir.



Bidouze Stephane/123RF/Esaypix

Qual deverá ser a denominação que o pesquisador utilizará para definir esses elementos paisagísticos?

- A) *Inselbergs* sedimentares.
- B) Matacões.
- C) Afloramentos sedimentares.
- D) Falhas.
- E) Dobras.
- 09.



* As setas da figura indicam somente a direção da movimentação das placas tectônicas.

PETERSEN, J. F. ; SACK, D e GLABER, R. E. *Fundamentos de Geografia Física*. São Paulo: Cengage, 2015, p. 277.

Eventos sísmicos de grande magnitude causam imensos danos. As ondas sísmicas que se originam nesses eventos e que se propagam no interior da Terra são de dois tipos: longitudinais e transversais. A figura anterior representa um tipo de contato entre placas que dá origem a ondas sísmicas. Esse tipo de contato ocorre

- A) na Califórnia (EUA), e as ondas longitudinais são aquelas em que a oscilação se dá na direção de propagação.
- B) nos Andes (Chile), e as ondas transversais são aquelas em que a oscilação se dá perpendicularmente à direção de propagação.

- C) na Califórnia (EUA), e as ondas longitudinais são aquelas em que a oscilação se dá perpendicularmente à direção de propagação.
- D) nos Andes (Chile), e as ondas transversais são aquelas em que a oscilação se dá na direção de propagação.

10. A Teoria da Tectônica de Placas afirma que a crosta terrestre, mais precisamente a litosfera, está fracionada em um determinado número de placas tectônicas rígidas, que se deslocam com movimentos horizontais.

Em faixas de contato onde ocorrem choques entre as placas tectônicas, uma placa submerge sob outra placa. Esse fenômeno, conhecido como subducção, ocorre em bordas

- A) destrutivas, quando a pressão entre as placas tectônicas faz com que uma delas mergulhe debaixo da outra.
- B) divergentes, em decorrência de erupções vulcânicas que colaboram com a deformação e ruptura das placas tectônicas.
- C) construtivas, devido à ação de forças, verticais ou inclinadas, sobre as placas tectônicas que as fraturam, gerando as falhas.
- D) conservativas, pois uma placa tectônica, ao deslizar ao longo de outra, provoca o desmoronamento ao assoalho oceânico.
- E) transformantes, em função do movimento lateral da litosfera, que provoca o rebaixamento e o soergimento das placas tectônicas.

Seção Videoaula



Geomorfologia - Agentes Externos

Bibliografia

- ADAS, Melhem. *Panorama Geográfico do Brasil*. Moderna.
- COELHO, Marcos de Amorim. *Geografia Geral*. Moderna.
- _____. *Geografia do Brasil*. Moderna.
- GARCIA, Helio Carlos. *Geografia: de olho no mundo do trabalho*. São Paulo: Scipione, 2005.
- Lúcia, Marina e Tércio. *Fronteira da Globalização*. Ática.
- MORAIS. *Geografia Geral e do Brasil*. Harbra.
- SILVA, Vagner Augusto da. *Geografia do Brasil e Geral*. São Paulo: Escala Educacional, 2005.
- VESENTINI, William. *Sociedade e Espaço – Geografia Geral*. Ática.
- VESENTINI, José William. *Geografia Série Brasil*. Ática.



Anotações

GABARITOS

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Língua Portuguesa I

Aula 06: O Percurso da Arte I: da Pré-História ao Gótico									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
C	D	A	C	A	B	E	C	*	B

* 09: 19

Aula 07: O Percurso da Arte II: do Renascimento ao Neoclássico									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
D	C	C	C	D	B	A	C	D	B

Aula 08: Trabalhando a Competência Artística em Exercícios Diversos									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
A	C	D	D	C	D	E	*	C	A

* 08: V – V – V – F

Aula 09: A Linguagem e a Estrutura da Narrativa Curta									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	E	D	A	B	B	D	C	E	A

Aula 10: Compreensão Textual II – Vestibular em Análise									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	A	D	B	A	C	B	A	C	D

Língua Portuguesa II

Aula 06: Arcadismo I									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	A	B	A	C	E	A	E	C	E

Aula 07: Arcadismo II									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
C	B	C	A	D	B	D	D	A	E

Aula 08: Romantismo I									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
E	C	E	E	B	B	C	E	A	A

Aula 09: Romantismo II									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	B	E	A	D	D	B	C	B	E

Aula 10: Romantismo III									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	C	E	C	B	D	B	E	E	D

Língua Portuguesa III

Aula 06: A Carta, a Carta Aberta e o Manifesto									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
E	A	*	*	*	C	A	–	–	–

* 03: V – V – F – F

04: V – F – F – V

05: F – F – V – V

– Resolução e resposta no *site*.

Aula 07: Anatomia de uma Redação Nota 1000									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
C	C	E	*	E	–	–	–	–	–

* 04: F – V – V – F

– Resolução e resposta no *site*.

Aula 08: Como Selecionar e Relacionar Ideias e Argumentos									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
A	A	D	–	–	–	C	D	A	–

– Resolução e resposta no *site*.

Aula 09: Como Fazer Uma Citação Eficaz									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
–	–	–	–	–	–	–	–	–	–

– Resolução e resposta no *site*.

Aula 10: Como Interpretar o Tema e os Textos Motivadores									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
–	–	*	D	*	–	–	–	–	–

* 03: V – F – V – V

05: V – V – F – F

– Resolução e resposta no *site*.

Língua Portuguesa IV

Aula 06: Pronome II									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
A	B	B	E	A	B	B	E	D	D

Aula 07: Pronome III – Emprego do Pronome Relativo									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	A	E	A	C	C	B	D	C	C

GABARITOS

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

Aula 08: Pronome IV – Emprego do Pronome Demonstrativo									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
C	E	C	B	E	E	C	D	B	D

Aula 09: Função Coesiva dos Pronomes									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	D	A	A	A	C	D	E	A	A

Aula 10: Tempos e Modos Verbais – Correlação dos Verbos									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	E	D	A	A	B	B	C	B	A

Aula 08: Interpretação de Textos Estilo Enem									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
C	D	B	B	E	E	C	D	E	C

Aula 09: Interpretação de Textos Estilo Enem									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
E	A	D	B	A	C	B	D	E	A

Aula 10: Revisão de Gramática – Pronomes Relativos									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
D	A	C	C	B	E	E	B	B	C

Língua Portuguesa V

Aula 06: O Patrimônio Linguístico									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
D	B	A	D	E	A	B	B	A	C

Aula 07: As Modalidades Artísticas Ancestrais									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
C	A	B	A	A	D	C	E	D	B

Aula 08: A Intertextualidade e a Metalinguagem									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
D	B	E	B	C	D	A	B	A	E

Aulas 09 e 10: O Impressionismo, o Pós-Impressionismo e Arte Brasileira no Século XIX									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	C	D	D	C	D	D	25	07	C
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
D	A	B	A	*	B	C	E	C	A

*15: F – V – F – F – V

Língua Inglesa

Aula 06: A Resolução de Questões Estilo Enem									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
C	E	A	E	D	B	B	E	A	C

Aula 07: Interpretação de Textos Estilo Enem									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
E	C	A	C	E	C	B	D	C	D

Espanhol

Aula 06: Acentuação Gráfica									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
D	C	C	B	D	B	A	C	D	C

Aula 07: Compreensão de Texto									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
C	B	D	D	A	E	D	D	B	E

Aula 08: Apócope									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
C	D	D	A	C	A	B	D	A	D

Aula 09: Compreensão de Texto									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
D	C	B	C	A	D	D	A	B	E

Aula 10: Divergências Léxicas									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	B	D	E	D	B	A	D	E	A

Ciências Humanas e suas Tecnologias

História I

Aula 06: Sociedade Colonial I – Índios									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
C	C	E	A	C	C	C	E	E	E

Aula 07: Sociedade Colonial II – Negros e Brancos									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
C	D	C	B	C	A	E	A	E	E

GABARITOS

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

Aula 08: Invasões Estrangeiras									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
A	B	C	D	C	B	C	C	A	E

Aula 09: Expansão Territorial									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
A	A	A	B	C	D	C	C	B	A

Aula 10: Crise do Sistema Colonial									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
E	E	A	D	E	A	E	C	A	A

História II

Aula 06: Civilização Persa									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	C	*	*	A	C	C	B	D	A

***03.** A religião persa apresenta diversos elementos de aproximação com as grandes religiões monoteístas da atualidade, que podem ser identificadas através de elementos como a crença no Juízo Final, uma espécie de paraíso, na ressurreição e da anunciação da vinda de um Messias, profetizadas por Zoroastro ou Zaratrusta.

- 04.** A) Inicialmente devemos destacar que a região do Planalto do Irã é pobre em recursos naturais. Diante do aumento populacional, se tornou eminente a necessidade de busca de fontes de recursos em outras regiões. Além disto, tinham sido um povo nômade guerreiro, que se estabeleceu numa região onde as guerras de conquista eram inúmeras.
- B) Devido às dimensões do império, era muito difícil administrá-lo, apesar de medidas de orientação administrativa que tornaram mais eficiente a arrecadação de impostos e a dominação, como a divisão em províncias. Além disso, os povos subjugados se revoltavam com frequência, apesar da autonomia cultural e religiosa que lhes era conferida. As pressões externas também eram constantes, minando a dominação imperial.

Aula 07: Fenícia e Creta									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	B	B	*	A	E	A	D	D	E

- *04.** A) Além de grandes comerciantes, os fenícios eram famosos também pela produção de joias que utilizavam pedras preciosas como as pérolas. Segundo alguns povos do oriente, além de adorno, a pérola teria grande poder místico, além de ser considerada afrodisíaca, tinha propriedades fecundantes e era um precioso talismã.
- B) Como a sua principal atividade econômica era o comércio, o controle das mercadorias era um elemento essencial para o bom desenvolvimento da atividade, ao favorecer as comunicações com os povos de regiões e idiomas diferentes.

Aulas 08 e 09: Civilização Grega									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
A	D	C	A	B	B	E	B	–	C
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
C	E	C	A	C	C	B	C	E	A

– Resolução e resposta no *site*.

Aula 10: Cultura Grega e Helenismo									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
E	*	D	A	A	D	A	–	–	A

***02.** Sócrates foi o criador da ideia da autarquia moral do homem, postura que foi perpetuada por seu discípulo Platão e por grandes pensadores na história da filosofia, como Kant. A moral, para esses inatistas, seria uma estrutura constituinte da consciência humana, sendo necessário apenas despertá-la na criatura. Para Aristóteles, a moral é uma aquisição humana possível pela vivência e pelo exercício. É evidente que para os racionalistas (sinônimo de inatistas, nesse caso) a educação é fundamental para despertar a latente consciência moral do homem, mas para Aristóteles, a educação será a única via e possibilidade de formar a moralidade no indivíduo, pelo exercício da transmissão, via instituições como a família e a escola.

– Resolução e resposta no *site*.

História III

Aula 06: Movimentos Europeus do Século XIX									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	B	B	D	A	B	A	C	D	D

Aula 07: Unificações Tardias									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
E	A	D	B	D	C	A	D	D	C

Aula 08: Estados Unidos no Século XIX									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
E	D	C	D	E	A	A	E	C	E

Aula 09: Emancipação da América Latina									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	B	C	C	E	E	E	A	E	D

Aula 10: Imperialismo e Neocolonialismo									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	A	C	D	E	B	E	A	E	A

GABARITOS

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

Temas e Atualidades

Aula 06: A Formação dos Estados Nacionais									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
A	A	C	C	D	C	D	C	B	D

Aula 07: Regimes Políticos e Formas de Governo									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
A	E	D	A	B	D	E	E	A	B

Aulas 08 e 09: Os Meios de Comunicação									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
A	A	B	A	C	B	A	D	C	D
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
A	C	B	C	D	C	D	D	B	D

Aula 10: O Mundo Virtual									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
A	C	A	A	E	A	B	E	A	D

Geografia I

Aula 06: Cartografia II: Estudo das Escalas Cartográficas									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
A	D	C	E	B	C	A	A	D	E

Aula 07: Cartografia II: Projeções Cartográficas									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
C	B	D	A	D	D	C	B	A	C

Aula 08: Geologia I: Estrutura da Terra									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	D	C	D	A	C	A	A	A	A

Aula 09: Geologia II: Rochas									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
E	A	C	C	D	C	C	A	B	C

Aula 10: Estrutura Geológica do Brasil									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
C	B	B	A	A	A	C	A	B	A

Geografia II

Aula 06: Complexos Regionais									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
C	B	D	D	B	B	D	C	-	E

- Resposta e resolução no *site*.

Aula 07: Movimentos da Terra									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	D	A	A	C	E	B	C	A	A

Aula 08: Fusos Horários									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
E	A	D	D	A	A	D	D	B	A

Aula 09: Geomorfologia I (Agentes Internos do Relevo)									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
B	B	C	A	E	D	C	C	A	C

Aula 10: Geomorfologia II (Agentes Externos do Relevo)									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
E	-	A	C	A	B	C	B	A	A

- Resposta e resolução no *site*.



Anotações

Anotações



Anotações

